Grandes civilizações do passado

MESOPOTÂMIA

Michael Roaf



Título original:
Cultural Atlas of Mesopotamia

Ilustração da capa:
Zigural de Al-Untash-Napirisha (Choga Zanbil), no Irã, meados do s. XIII a.C.
© Roger Wood / CORBIS / Cover

Ilustração da quarta-capa:
Lado "pacífico" do estandarte de Ur (British Museum).
© Michael Holford, Loughton, Essex

Ilustração da página 1:
Cena de caça de uma das paredes do palácio do N. de Assurbanipal, em Nínive (668-c. 627 a.C.), onde é representado o rei caçando a cavalo (British Museum).
© Michael Holford, Loughton, Essex

© Andromeda Oxford Limited
© 2004, The Brown Reference Group plc
The Brown Reference Group plc (incorporating Andromeda Oxford Limited)
8 Chapel Place
Rivington Street
Londres EC2A 3DQ
© 2006, Ediciones Folio, S.A.
Rambla de Catalunya, 135
08008 Barcelona

ISBN: 84-413-2267-8

D.L.: B. 45927-2006

All rights reserved. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida por nenhum meio sem autorização do editor.

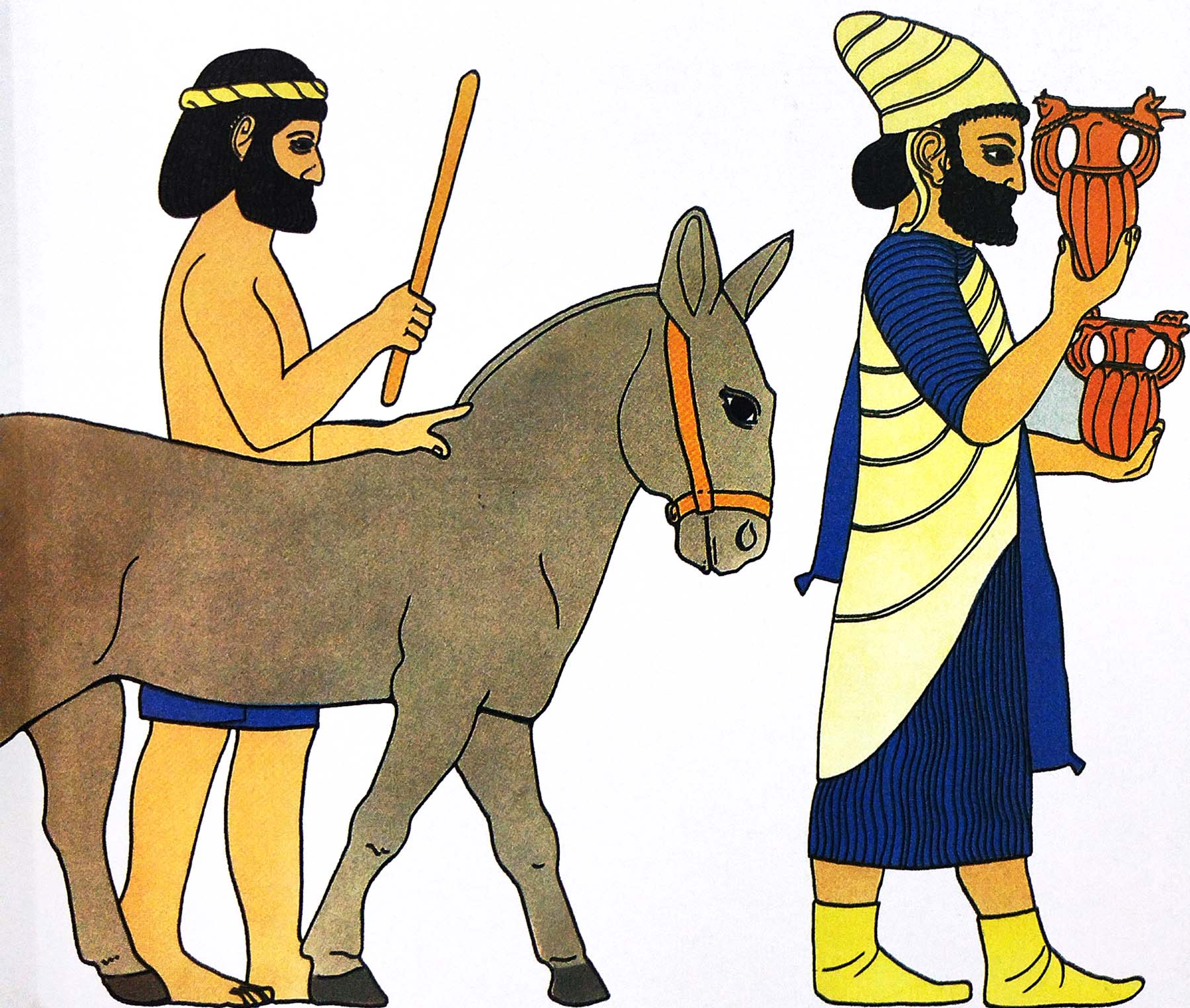
Printed in Spain



AUTOR:
Michael Roaf
foi diretor da Escola Britânica de Arqueologia no Iraque (1981-1985) e catedrático adjunto do Departamento de Estudos do Oriente Próximo da Universidade da Califórnia, em Berkeley.

MICHAEL ROAF

MESOPOTÂMIA



SUMÁRIO

6 Mapa cronológico
8 Prefácio

Primeira parte: Povos

16 Os primeiros agricultores (12000 a.C.-7000 a.C.)
40 A caminho da civilização (7000 a.C.-4000 a.C.)

Segunda parte: Cidades

56 A explosão urbana (4000 a.C.-3000 a.C.)
76 Estados em conflito (3000 a.C.-2350 a.C.)
94 Reis carismáticos (2350 a.C.-2000 a.C.)
106 O comércio e a guerra (2000 a.C.-1600 a.C.)

Terceira parte: Impérios

132 Aliados e inimigos (1600 a.C.-1000 a.C.)
158 Assíria e os seus rivais (1000 a.C.-750 a.C.)
176 O triunfo da Assíria (750 a.C.-626 a.C.)
198 Os últimos impérios (626 a.C.-330 a.C.)
225 Bibliografia
231 Glossário
239 Lista de ilustrações
249 Índice geográfico
255 Índice analítico

Seções especiais

12 Arqueologia do Oriente Médio
26 Povoado neolítico
34 Animais
36 Cerâmica
68 Origens da escrita
70 Selos cilíndricos
72 Religião e ritual
74 Deuses e demônios
88 Estátuas sumérias
90 O Cemitério Real de Ur
102 Zigurates
120 Meios de transporte
122 A ciência
124 Tecnologia
126 Vida cotidiana
150 A escrita
152 O achamento da Mesopotâmia
154 A real arte da caça
156 Talhas de marfim
166 As Portas de Balawat
170 Trabalhos de metal de Urartu
194 A arte da guerra na Mesopotâmia
220 O tesouro de Oxus
222 Babilônia na arte ocidental



Características dos sítios

30 Jericó
42 Chatal Huyuk
52 Tell Madhhur
58 Uruk
79 Nippur
84 Ebla
99 Ur
117 Mari
143 Al-Untas-Napirisa
144 Hatusa
146 Ugarit
148 Assur
162 Kalhu
183 Tepe Nus-i Jan
184 Dur-Sarrukin
186 Nínive
192 Babilônia
204 Passárgada
210 Susa
218 Persépolis

Listas de reis

94 Reis de Agade
98 A Terceira Dinastia de Ur
108 Reis da Mesopotâmia e Elam, cerca de 2000 a.C.-1600 a.C.
132 Reis da 18ª dinastia egípcia
134 Reis de Mittani
138 Reis de Hatti
140 Reis cassitas
142 Reis de Elam
148 Reis assírios do período médio
159 Reis assírios do período 1 final
172 Reis de Urartu
178 Reis assírios do período 2 final
199 Reis neobabilônicos 1
201 Reis neobabilônicos 2
204 Reis aquemênidas 1
206 Reis aquemênidas 2

Mapas

10 Mapa físico do Oriente Médio
16 Introdução à agricultura
18 Avanço dos mares a partir da última Era Glacial
20 Vegetação
20 O clima
22 Povoados primitivos no Oriente Médio
23 A difusão da agricultura e da pecuária
32 Vínculos comerciais
33 Os recursos do Oriente Médio
41 Culturas antigas que conhecem a cerâmica
47 Halaf e outras culturas
51 A difusão da cultura de Ubaid
56 Padrões de primitivos povoados urbanos na Mesopotâmia do Sul
62 Influência das primeiras culturas urbanas
71 Utilização dos selos cilíndricos
77 O comércio de vasos em clorito de estilo intercultural
78 Distribuição dos estilos de cerâmica no 3° milênio
81 As cidades na Lista dos Reis Sumérios
95 As conquistas do rei de Agade
96 Comércio com o Golfo Pérsico e o Vale do Indo
100 O Império da Terceira Dinastia de Ur
103 Zigurates da Mesopotâmia
107 As cidades-Estados da época de Isin-Larsa
111 A Anatólia e o comércio com a antiga Assíria
114 O mundo das cartas de Mari
118 O reino de Hamurábi
134 O império de Mittani
135 O Oriente Médio no tempo das cartas de Amarna
138 Elam no 2º milênio
139 O Império Hitita
140 O Império Assírio médio
142 O reino cassita
159 Israel e Judéia
160 Os reinos arameus e neo-hititas
164 O ressurgimento da Assíria
173 O reino de Urartu
176 O mundo fenício
179 O Império Assírio no final do século VIII a.C.
185 Capitais assírias e sistemas de irrigação
191 O Império Assírio no século VII a.C.
199 Babilônia
203 As conquistas de Ciro
208 O império de Dario e os povos dominados
212 A construção do palácio de Susa
214 A Pérsia e os gregos
214 As conquistas de Alexandre

QUADRO CRONOLÓGICO

Todas as datas são aproximadas

	A. C. 12000	7000	4000	3000
PERÍODO ARQUEOLÓGICO	EPIPALEOLÍTICO	NEOLÍTICO		IDADE DO BRONZE INICIAL
MESOPOTÂMIA SETENTRIONAL	Neolítico Acerâmico	Sauna Ubaid Samarra Halaf	Gawra Uruk	Nínive 5
MESOPOTÂMIA MERIDIONAL		Ubaid	Uruk	Dinástico inicial Necrópole real de Ur
	PRIMEIROS AGRICULTORES PROTONEOLÍTICO	*Cabeça de pássaro de pedra, c. 7500 a.C.*	*Bacia de Susa A, c.4000 a.C.*	*Estátua de pedra de Khafajeh, c. 2500 a.C.*
LEVANTE/PALESTINA	NATUF Neolítico Pré-cerâmico B	Halaf Ubaid	Tesouro de N. M. Colônias de Uruk	Influências do Egito
IRÃ/GOLFO PÉRSICO	No nível do mar Regiões altas	Influências da Mesopotâmia Cerâmica de Ubaid	Susa A Influências de Uruk	Proto-elamita
ANATÓLIA		Chatal Huyuk		Transcaucásico inicial
DESENVOLVIMENTO CULTURAL E TÉCNICO	Caça e colheita Cão doméstico Agricultura Adobes Tecelagem Cobre primitivo Pequenos grupos Povoações	Arado Rega Barcos Tijolos cozidos Templos Cerâmica Louça Cobre fundido Selos	Asno Trenós Roda Arquitetura monumental Cidades amuralhadas Técnica da cera perdida, vasilhas de metal, ouro, prata, chumbo, cobre arsenical Selos cilíndricos Escrita Cidades	Camelos (no Irã) Dilúvio universal Palácios Machados e adagas de metal Bronze estanhado Escritura cuneiforme evoluída Cidades-Estados

2500	2000	1500	1000	750	600	300
	IDADE DO BRONZE INTERMEDIÁRIA	IDADE DO BRONZE TARDIA	IDADE DO FERRO			
Acádio Terceira Dinastia de Ur	Assírio Antigo Samshi-Abad Cartas de Mari	Mittani Assírio intermediário		Assírio tardio	Domínio persa	
Acádio Terceira Dinastia de Ur	Isin-Larsa Babilônico antigo	Casinha Babilônico intermediário	Babilônico tardio	Dominação assíria	Neobabilônico Domínio persa	
Veado de bronze e prata Alaca Huyuk, c. 2300 a.C.	*Máscara de louça de Tell al-Rimah, c. 1350 a.C.*	*Cabeça de cavalo de um relevo de Dur-Sharrukin, 710 a.C.*		*Estela de Nierab, perto de Alepo. c. 600 a.C.*	*Cabeça de barro azul de Persépolis, c. 450 a.C.*	
Ebla Invasões amorréias	Invasões do Egito Hicsos	Domínio egípcio Povos do mar Cartas de Marna Israelitas Mittani Conquista hitita	Israel Judéia Estados fenícios, arameus e neo-hititas	Conquistas assírias	Domínio da Babilônia e da Pérsia Exílio e retorno dos judeus	INVASÃO DE ALEXANDRE
Elamita antigo Godin III Dilmun	Elamita antigo Godin III Dilmun	Elamita intermediário Aparecimento das tribos iranianas	Medos Invasões de Urartu e da Assíria	Medos Invasões assírias	Medos Aquemêridas Persas	
Tumbas de Alaca Huyuk	Comércio da antiga Assíria Hitita antigo	Hitita Aparecimento dos frígios	Urartu Frígios	Lídios	Conquistas medas e persas	
Cavalos Zigurates Impérios	Freio da rédea Carros Rodas com raios Geladeiras Alfabeto primitivo	Camelos Galinhas Vidro Cerâmica vidrada Ferro fundido	Cavalaria	Algodão Moedas Latão Arameu		

PREFÁCIO

Desde o final da última Era Glacial e até surgirem as civilizações da Grécia e de Roma, as sociedades mais avançadas viveram no Oriente Médio. Foi ali que se produziu a transição fundamental da caça e da colheita para a agricultura, onde se ergueram os primeiros templos e as primeiras cidades, onde pela primeira vez se trabalhou o metal, se escreveu e apareceram os reinos e os impérios. O coração do antigo Oriente Médio era a Mesopotâmia, com suas férteis planícies irrigadas pelo Eufrates e pelo Tigre. O poder dos diversos reinos mesopotâmicos estendeu-se muito além das planícies baixas em diferentes períodos, estabelecendo contatos com regiões vizinhas, que também contribuíram significativamente para a civilização dessa região. Este livro procura descrever os aspectos principais das conquistas do homem na Mesopotâmia e no antigo Oriente Médio, tendo a geografia da área como pano de fundo.

Este período abrange mais de dez mil anos e termina com a conquista da região por Alexandre. Durante esse tempo, a população local experimentou enormes mudanças sociais. No início, pequenos grupos viviam dedicados à caça, à pesca, à coleta de lascas e à colheita de frutos silvestres. Ao terminar o período, havia impérios que quase dominavam a totalidade do mundo civilizado. Para destacar estes acontecimentos históricos cruciais, enquadrou-se o texto cronologicamente. Quase todo o conhecimento atual do antigo Oriente Médio (à exceção dos relatos, algo parciais, da Bíblia e dos gregos, referentes às últimas épocas) foi ressuscitado pelos arqueólogos nos últimos 150 anos. Os primeiros capítulos do livro tratam de períodos anteriores à invenção da escrita, uma época da qual os materiais deixados pelos primeiros habitantes da região oferecem provas fundamentais. Em épocas posteriores foram recuperadas fontes textuais mais abundantes. O âmbito da investigação engloba acontecimentos e personalidades históricas.

É deslumbrante o muito que os arqueólogos e historiadores conseguiram reconstruir, dada a distância no tempo e o caráter fragmentário das provas nas quais se baseia o nosso conhecimento do passado. Há, evidentemente, lacunas e muitas perguntas continuam sem resposta, mas as linhas gerais são claras e a dívida da civilização moderna para com o Oriente Médio é indiscutível. Muito do que consideramos natural no mundo moderno tem suas origens naquela civilização: os alimentos, os tijolos para a construção, os veículos de rodas e a utilização da linguagem escrita provêm de acontecimentos que descrevemos nestas páginas. Ao longo deste livro são eventualmente discutidos temas especiais, começando pelos métodos modernos de escavação arqueológica. Outros aspectos abordados são tão diversos quanto as origens da escrita e a arte da caça. Os textos são acompanhados de ilustrações dos principais sítios arqueológicos do Oriente Médio.

Procurou-se, o tempo todo, fazer com que este trabalho fosse acessível ao leitor não especializado e evitou-se, sempre que possível, a linguagem técnica. Além disso, não são citadas autoridades nem sequer quando se trata das afirmações mais controversas. A função da breve bibliografia no final é servir de guia para novas leituras e não ser fonte de determinadas afirmações. O glossário de termos inclui informação adicional referente a problemas de terminologia e cronologia.


O estudo está ainda no início. Decorreram somente 150 anos desde que foram achadas as esculturas dos palácios assírios e, pela primeira vez, decifrados os escritos cuneiformes babilônicos. Todos os anos se são novos achados que aumentam os nossos conhecimentos e corrigem os nossos preconceitos. Ainda há muito trabalho de pesquisa a fazer e as pesquisas atualmente em curso modificarão, sem dúvida, opiniões aceitas.

A localização de muitos lugares antigos é incerta e os limites dos reinos são, freqüentemente, somente conjecturas. Como não puderam ser indicadas nos mapas todas as opções possíveis, geralmente escolheu-se a localização mais provável. Em alguns casos foi possível indicar o grau de probabilidade de uma identificação, mas em outros não. Além disso, os elementos básicos da antiga geografia, como os leitos dos rios e as linhas da costa do Golfo Pérsico, continuam a ser tema de debate. Convém, pois, que o leitor compreenda que as opiniões expressas neste livro oferecem uma interpretação dos conhecimentos atuais.

E justo exprimir o nosso agradecimento a Nicholas Porsgate como assessor editorial, pelas muitas sugestões, e a St. John Simpson, pela leitura e o aperfeiçoamento do texto, assim como pela sua ajuda na redação das legendas e notas da bibliografia. Também tenho uma dívida de gratidão para com Dominique Collon e Georgina Herrmann por sua colaboração nas seções especiais dedicadas a Selos Cilíndricos e Marfins Antigos, temas nos quais são indiscutivelmente especialistas, e a John Curtis, David Hawkings, Jane e Robert Killick, Roger Moorey e outros arqueólogos que prestaram a sua assistência em aspectos específicos. A equipe de redação da Equinox (Oxford) Ltd. colaborou para a qualidade da publicação e estou muito grato a eles pela habilidade no seu trabalho. Por fim, tenho uma importante dívida de gratidão com a minha família, Susan, Christopher e Richard, por seu inquebrantável carinho e ajuda.

Michael Roaf

À direita: As cunhas da escrita cuneiforme talhadas no baixo-relevo de um palácio do século IX a.C. em Kalhu.





MAR NEGRO
CÁUCASO
Istambul
Mar de Mármara
Tbilisi
EGEU
Trabzon
MONTES
DO PONTO
Ancara
TURQUIA
Lago Sevan
Erzurum
Yerevan
Monte Ararat
Esmirna
ANATÓLIA
Murat
Lago de Van
Diyarbakir
Lago de Urmia
MONTES
TAUROS
Adana
Rodes
Iskenderun
Montes Amanos
Alepo
Mosul
Grande Zab
Pequeno Zab
Nicósia
CHIPRE
Deir ez Zor
SÍRIA
Kirkuk
Homs
Tigre
MAR MEDITERRÂNEO
LÍBANO
Eufrates
Beirute
Damasco
Bagdá
MESOPOTÂMIA
Deserto Sírio
IRAQUE
ISRAEL
Tel Aviv
Alexandria
Jerusalém
Amã
Karbala
Port Said
MAR MORTO
JORDÂNIA
Canal de Suez
Cairo
Suez
Península de Sinai
Aqaba
Al Jawf
Nilo
Golfo de Suez
Golfo de Aqaba
An Nafud
EGITO
ARÁBIA SAUDITA
Hejaz
Assuão
Medina
Nejd
MAR VERMELHO
Lago Nasser
SUDÃO
escala 1:9 000 000
Jeda
Meca


MAR CÁSPIO
Golfo de Kara-Bogaz Gol
ANTIGA UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS
Tashkent
Sir-Daria
Samarkanda
Dushanbe
Baku
Krasnovodsk
Kara Kum
Amu-Daria
Ashkhabad
Atrak
KOPET DAG
Abadan
Monte Damavand 5.671
MONTES ELBURZ
Teerão
Mashhad
Cabul
Hari Rud
Herat
Hamadan
Qom
Monte Alvand 3.572
AFEGANISTÃO
Birjand
MONTES ZAGROS
Isfahan
IRÃ
Zard Kuh 4.548
Yezd
Dasht-e Lut
Kandahar
Ahvaz
Quetta
Helmand
Kerman
Zahedan
Shiraz
PAQUISTÃO
Kuh-e Taftan 4.042
Bushire
Mand
Bandar Abbas
Golfo Pérsico
Estreito de Ormuz
Damman
Manama
OMÃ
BAHREIN
Gwadar
Al Hufuf
QATAR
Doha
Dubai
Golfo de Omã
Abu Dhabi
Mascate
EMIRADOS ÁRABES UNIDOS
OMÃ
MAR ARÁBICO
capital
cidades importantes
fronteira entre países
cumes montanhosos (altitude em metros)
metros
5.000
4.000
3.000
2.000
1.000
500
200
nível do mar
200

Arqueologia do Oriente Médio

A maior parte dos nossos conhecimentos sobre a antiguidade do Oriente Médio foi obtida nos últimos 150 anos através do trabalho de campo dos arqueólogos. No século XIX a preocupação principal dos arqueólogos era achar obras de arte para apresentá-las nos museus da Europa. Depois, a arqueologia transformou-se em uma disciplina científica que exige anos de preparação acadêmica e profissional. Técnicas cuidadosamente elaboradas de escavação e registro garantem a recuperação da máxima quantidade de informação. Mas a imaginação e a sorte também desempenham o seu papel.

As escavações de sítios arqueológicos são uma operação complexa que exige a colaboração de numerosos especialistas. Além do diretor, que controla o conjunto do projeto, haverá arqueólogos que dirigem e registram a escavação propriamente dita; topógrafos que fazem plantas dos edifícios achados; fotógrafos, desenhistas, especialistas que classificam os objetos encontrados e conservadores responsáveis pela consolidação ou reparação de objetos frágeis ou partidos. Em uma escavação típica há, literalmente, centenas de milhares de pedaços de peças de cerâmica partidas, fragmentos de sílex, ossos de animais e outros objetos que devem ser examinados ou registrados. Geotécnicos, metalúrgicos, químicos, geólogos, programadores de computador e estatísticos prestam a sua ajuda aos arqueólogos.

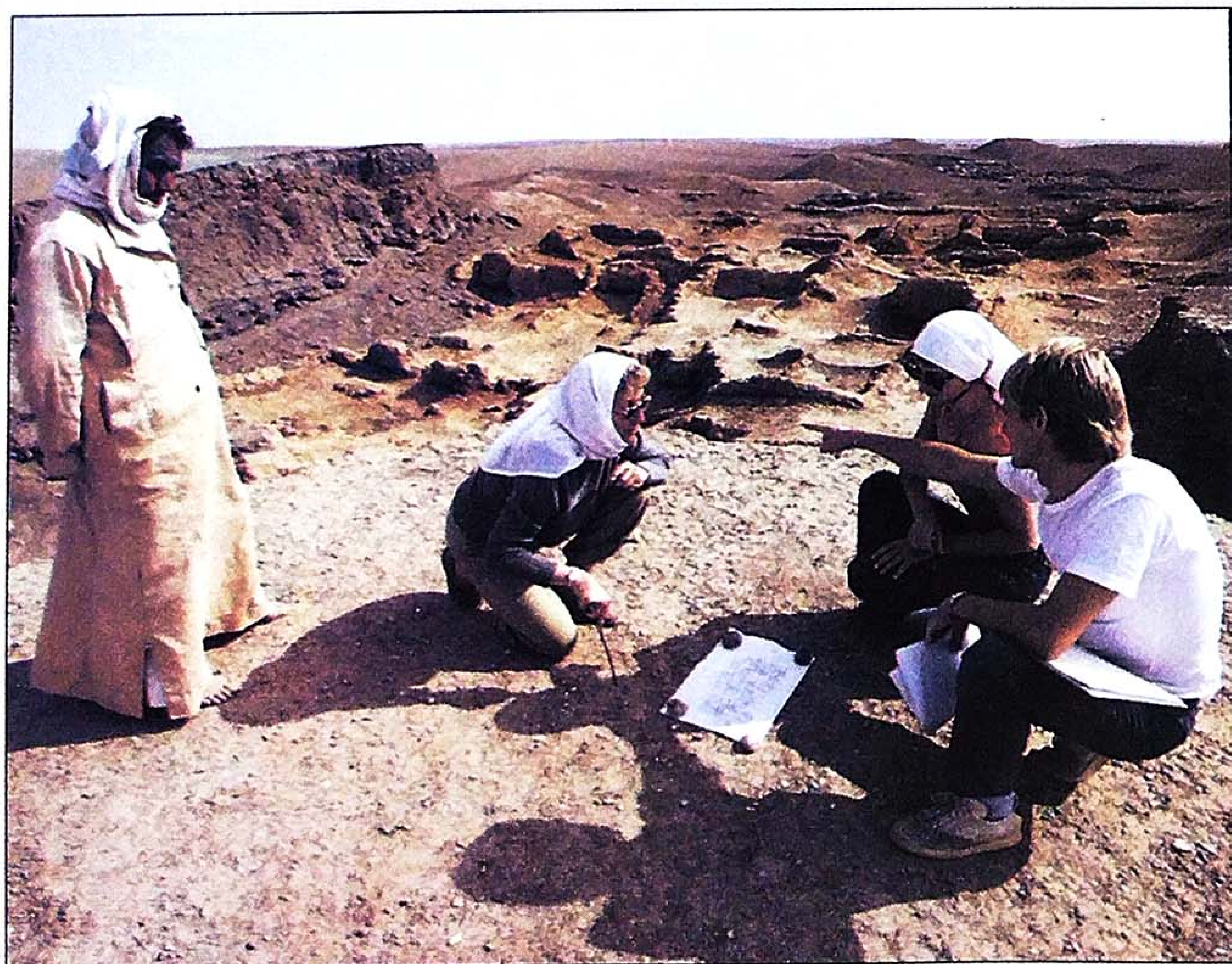
Além de escavar sítios, os arqueólogos também tentam reconstruir a paisagem do antigo meio ambiente. O estudo da superfície, em que se registram as marcas visíveis de uma civilização antiga, é uma forma valiosa de descobrir a colonização de uma região e até de selecionar um sítio a ser posteriormente escavado.

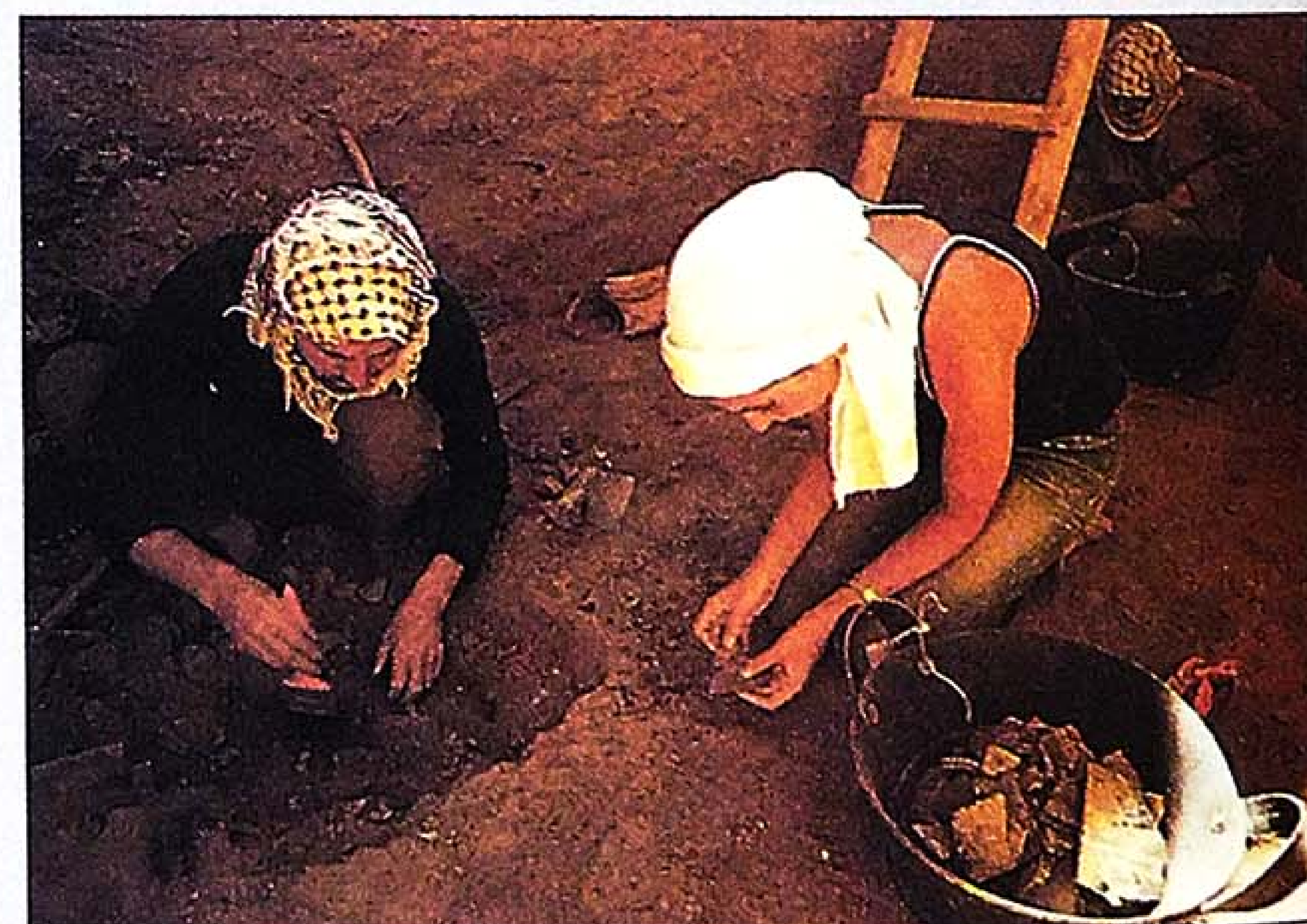
Uma das tarefas mais urgentes do arqueólogo é datar o que encontrou. Através de um minucioso exame dos diferentes sedimentos é possível descobrir a ordem em que se depositaram. A forma dos artefatos arqueológicos usados em determinada região evoluiu com o tempo e, se forem dispostos em ordem cronológica, podem servir para datar o contexto no qual se acharam. No Oriente Médio, os recipientes de cerâmica decorada proporcionam o quadro cronológico para o estudo de culturas do passado. Em alguns casos, as datas podem proceder de fontes históricas, determinadas em relação a fenômenos astronômicos como os eclipses. Por outro lado, as técnicas científicas, como a datação pelo estudo dos anéis das árvores ou utilizando o carbono-14, podem oferecer um cálculo da antiguidade de um objeto.

Um dos traços mais característicos da arqueologia da Mesopotâmia é a abundância de textos escritos, na sua maior parte em tabuinhas de argila crua. Foi recuperado meio milhão de tabuinhas cuneiformes de sítios arqueológicos do Oriente Médio, muitas das quais ainda não foram publicadas. Ainda há muitas tabuinhas debaixo da terra.

As investigações arqueológicas são dispendiosas e existem poucos projetos que tenham fundos suficientes para obter grande rendimento. Os programas de rápido desenvolvimento agrícola e industrial, atualmente em marcha no Oriente Médio, representam um problema adicional, pois anualmente se destroem centenas de sítios da Antiguidade. Embora alguns governos destes países estejam conscientes do problema e tenham financiado projetos de recuperação em grande escala antes de construir grandes represas nos rios, todos os anos são destruídos mais sítios, que se perdem para sempre.

À direita: Escavações em curso em Tell Mardikh. No centro da fotografia há uma parede de blocos de adobe sobre alicerces de pedra. A extremidade direita desta parede foi eliminada por um grande poço, indicado por linhas pretas grossas na borda da escavação. O processo ideal é uma escavação que se inicie primeiro nas últimas camadas, antes de começar nos níveis anteriores. No entanto, esta é uma forma de trabalho lenta, difícil e cara. Pode ser mais eficaz, em relação aos custos, escavar rapidamente e determinar o que foi feito através da seção da escavação.



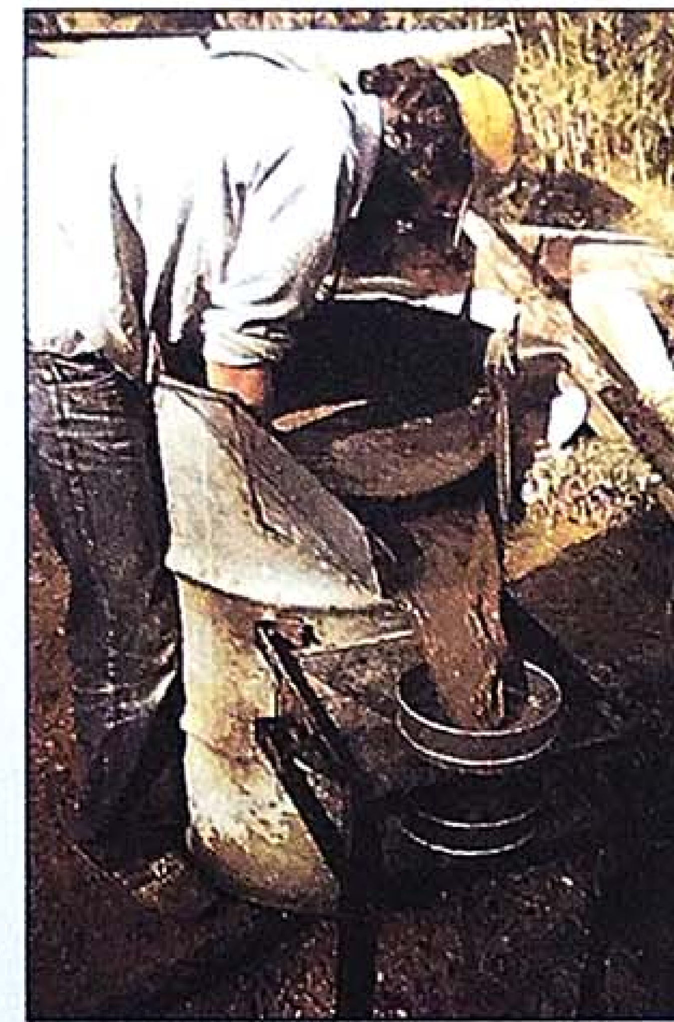


À esquerda: Tell Khuera, no Norte da Síria. As escavações devem ser projetadas minuciosamente para permitir uma melhor utilização dos recursos. Os arqueólogos atuais fixam objetivos muito precisos e tentam resolver problemas específicos. Longas discussões entre os membros da equipe determinam o lugar onde se vai trabalhar, mas como não podem ver o que há debaixo da terra, os resultados são muitas vezes imprevisíveis.

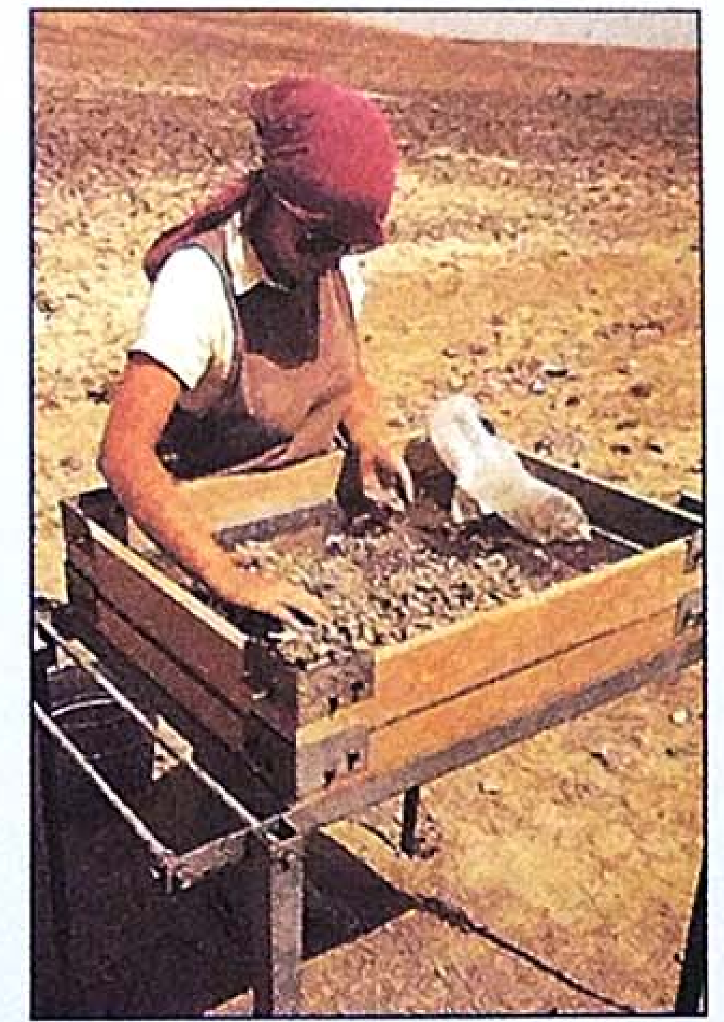
Acima: Escavando com uma pequena picareta e um pincel, um trabalhador sírio em Tell Mardikh (antiga Ebla) recolhe peças de cerâmica, que são colocadas em uma cesta de borracha preta. Depois a cerâmica é lavada, estudada e registrada. Anotando onde foi encontrado cada tipo de cerâmica, é possível estabelecer uma imagem pormenorizada dos diferentes estilos de cerâmica.



Abaixo: O modo mais fácil de recuperar os restos de uma planta carbonizada é colocar a terra escavada em um grande recipiente de água e agitá-la de forma que as sementes carbonizadas subam à superfície. Estas podem ser retiradas utilizando-se uma série de crivos graduados.



Abaixo: O crivo para obter uma amostra representativa dos objetos é essencial nos estudos quantitativos. Se a terra é arenosa, é viável crivar em seco, mas, se a terra está comprimida, o melhor será crivar por via úmida, dissolvendo primeiro a terra em água. Só se crivam as amostras selecionadas.

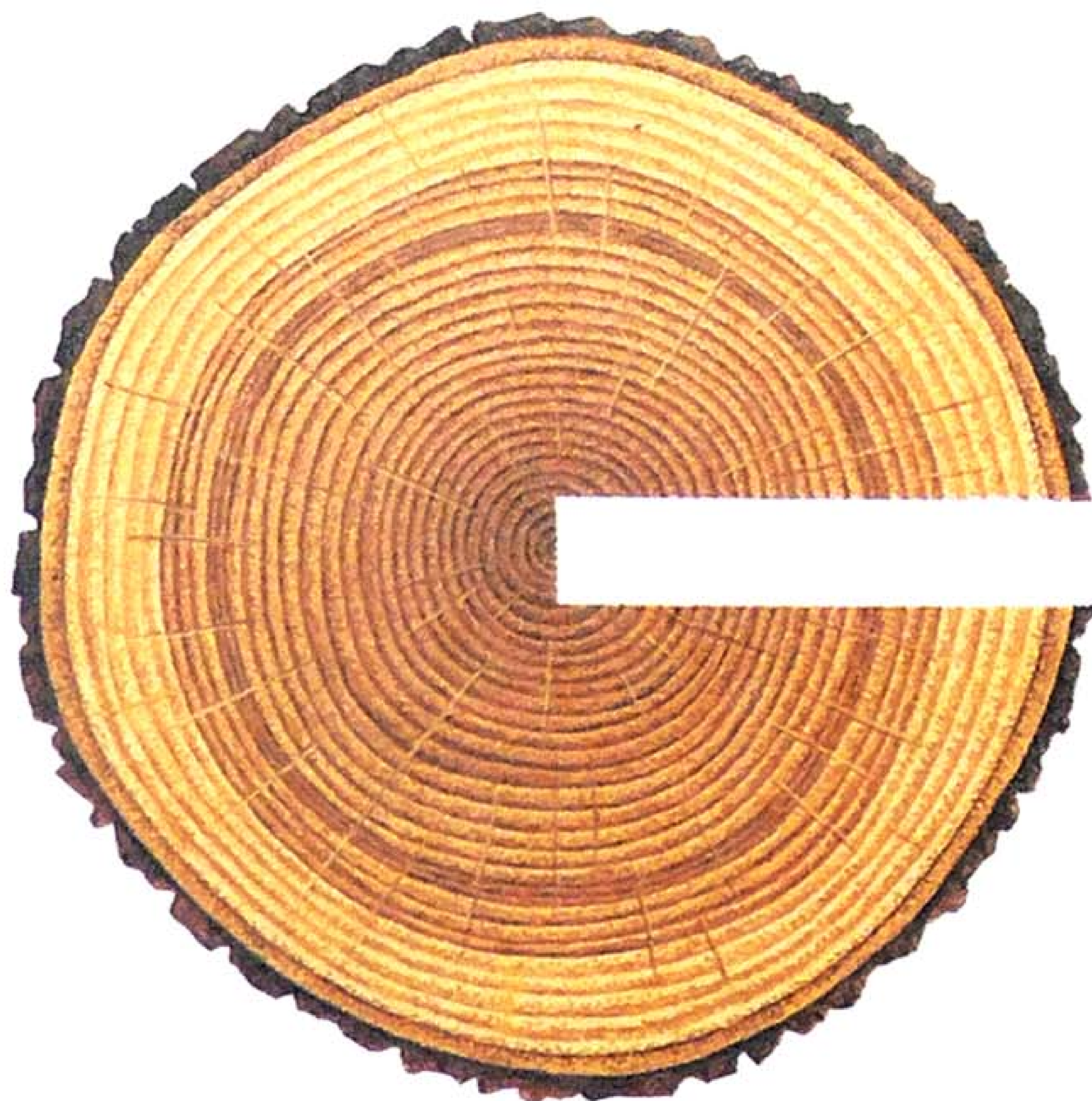




Acima: Arqueólogos recolhendo objetos e fazendo o mapa das suas posições em um sítio arqueológico do deserto da Jordânia. No campo, muitos dos sítios são difíceis de reconhecer. Entre eles figuram os acampamentos temporários de pastores nômades, sítios utilizados para picar pedernal e outros completamente erodidos pelo vento, que deixa para trás os objetos de pedra ali enterrados.

Abaixo: Limpeza e consolidação de um grupo de estatuetas de Am Ghaza, na Jordânia, pertencentes ao Período Neolítico Acerâmico (c. 7000 a.C.). Eram feitas de barro, com armação de junco, e muito frágeis. As estatuetas foram recolhidas como uma só peça e levadas para o laboratório, onde foram limpas minuciosamente e impregnadas de um consolidante químico para serem preservadas.

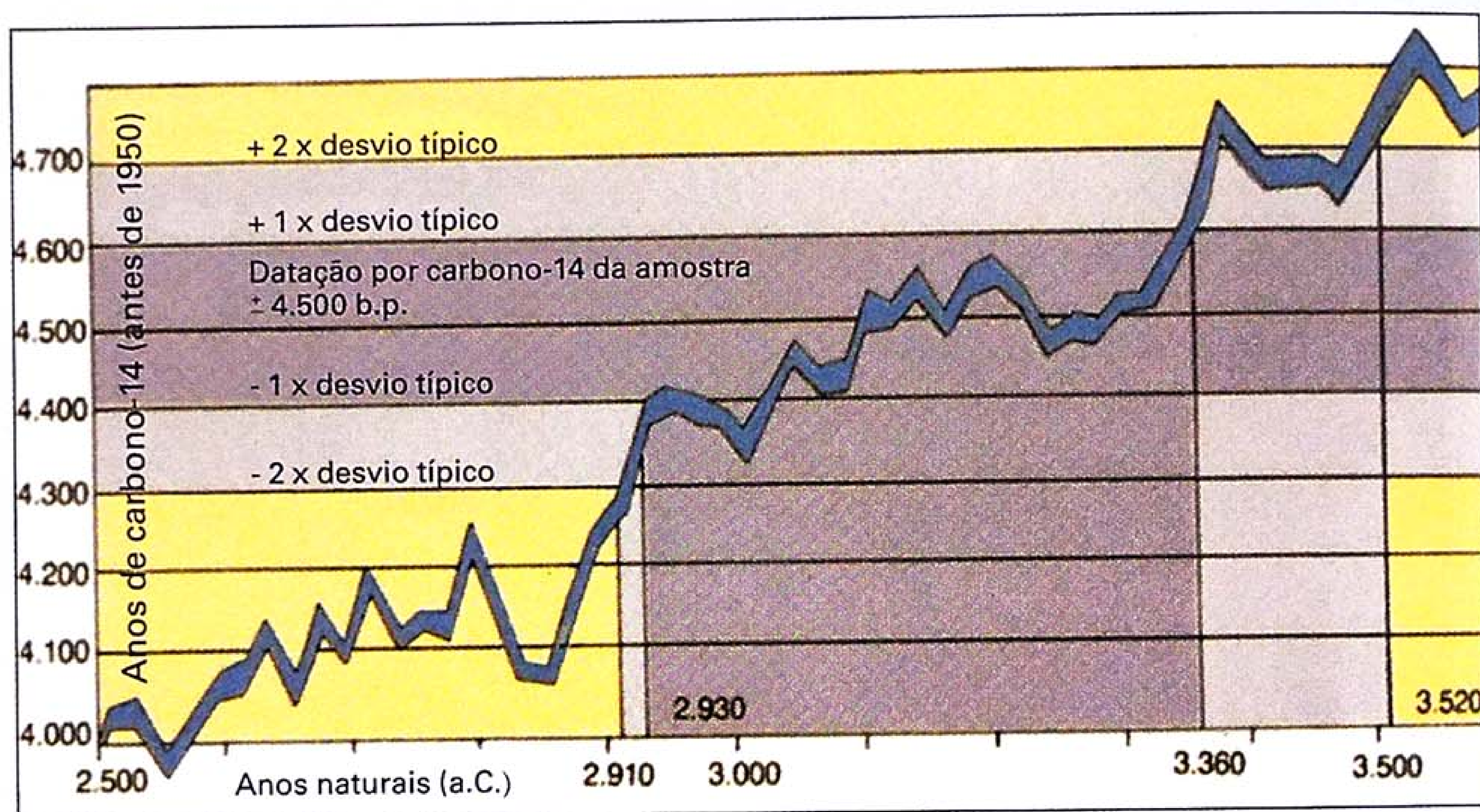




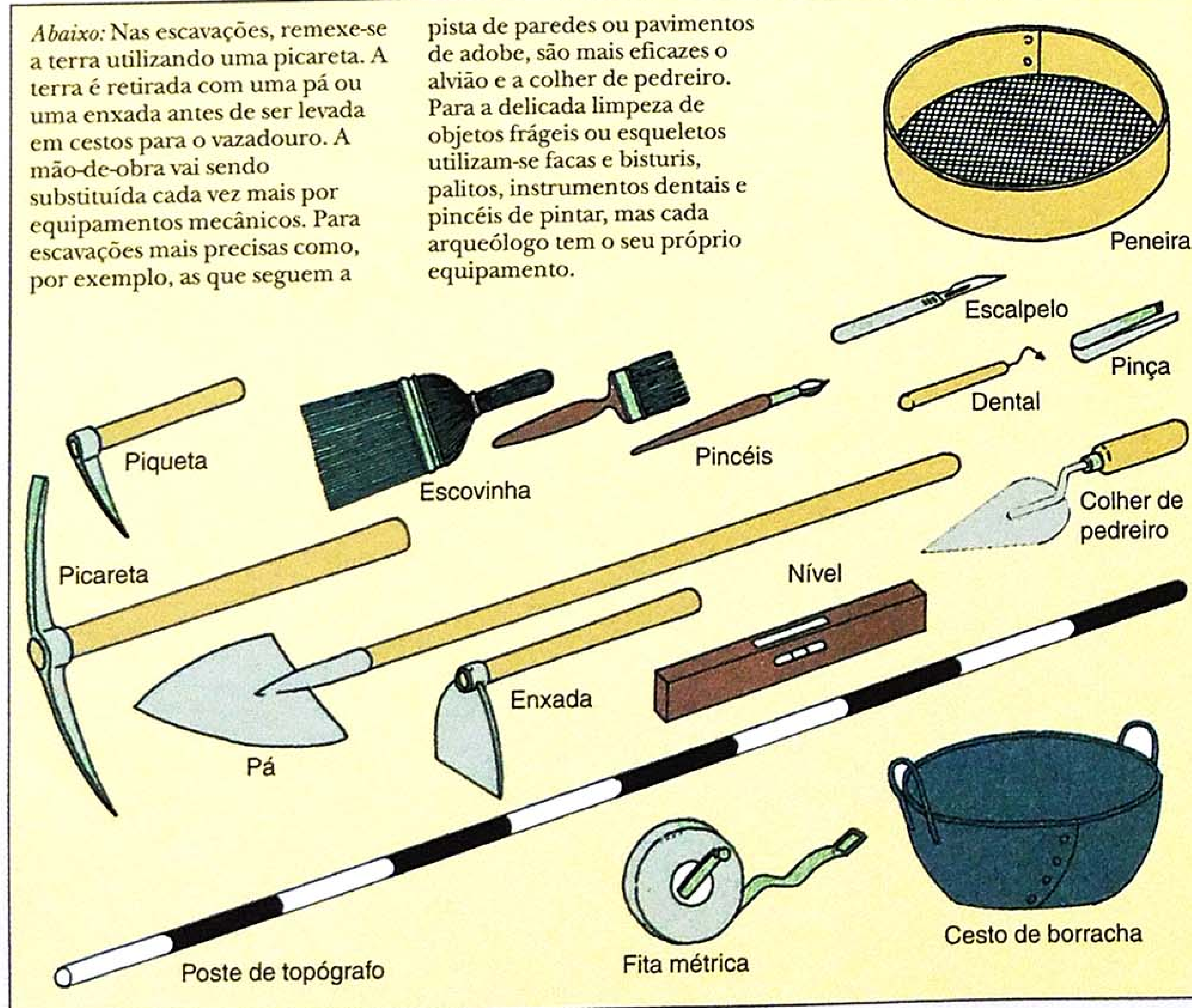
Abaixo: Datação por anéis de árvores ou dendrocronologia. A grossura dos anéis das árvores de crescimento anual depende do tempo. Uma série de anos tem um modelo distinto de anéis grossos e finos. Começando com árvores vivas, foram calculadas séries que retrocedem mais de 9.000 anos. Os modelos de anéis de um pedaço antigo de madeira podem ser comparados com a série para garantir a data da madeira. No entanto, o modelo varia segundo a região. Quando se tiver descoberto o modelo correspondente ao Oriente Médio, este será um método de datação extremamente valioso. A datação por anéis de árvores foi utilizada para calibrar as determinações do carbono-14.

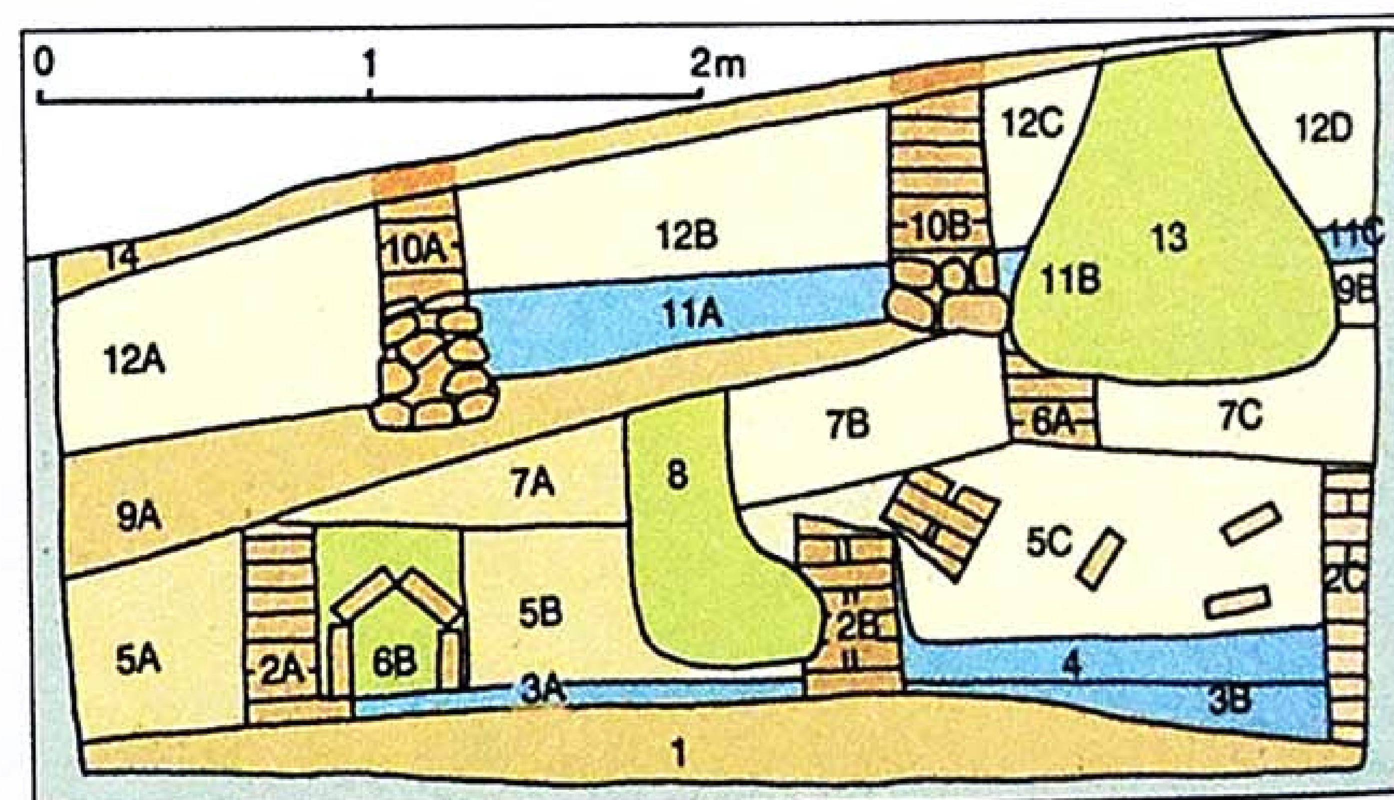


À direita: Parte da curva de calibragem para converter determinações de carbono-14 em anos naturais. A datação por carbono-14 proporciona uma escala de tempos objetiva para medir a antiguidade dos objetos. As plantas e os animais vivos absorvem dióxido da atmosfera, que contém o isótopo radioativo carbono 14. Este se decompõe a uma velocidade constante com uma vida média de 5.750 anos. Isto significa que em cada 5.750 anos um objeto morto perde metade dos seus átomos de carbono 14. A quantidade de carbono 14 que permanece no objeto pode ser medida para dar uma determinação por carbono-14 da sua antiguidade. Esta determinação se dá na forma de 4500 ± 100 b.p., o que significa que o valor médio é de 4.500 anos de carbono-14 antes de 1950 com um erro típico de cem anos devido à variação estatística nas medidas. Como a quantidade de carbono 14 na atmosfera não permaneceu constante com o tempo, há que se calibrar a determinação de carbono-14 para dar a antiguidade em anos naturais. Elaborou-se a curva de calibragem, analisando a madeira datada por anéis, o que demonstra que as determinações de carbono-14 são demasiado recentes, em até mil anos. Por exemplo, uma determinação de carbono-14 de 4500 ± 100 b.p. corresponde a uma data natural entre 3360 e 2930 a.C. com uma probabilidade de 2 em 3, ou entre 3520 e 2910 a.C. com uma probabilidade de 19 em 20. Por motivos de simplificação, todas as datas deste livro foram convertidas em anos naturais e são dadas como valor médio do intervalo.



Abaixo: Nas escavações, remexe-se a terra utilizando uma picareta. A terra é retirada com uma pá ou uma enxada antes de ser levada em cestos para o vazadouro. A mão-de-obra vai sendo substituída cada vez mais por equipamentos mecânicos. Para escavações mais precisas como, por exemplo, as que seguem a pista de paredes ou pavimentos de adobe, são mais eficazes o alvião e a colher de pedreiro. Para a delicada limpeza de objetos frágeis ou esqueletos utilizam-se facas e bisturis, palitos, instrumentos dentais e pincéis de pintar, mas cada arqueólogo tem o seu próprio equipamento.





Acima: A escavação de um *tell* pode transformar-se em um processo complexo que exige grande habilidade do escavador, que deverá distinguir entre os diferentes tipos de depósitos. Os sítios mais antigos encontram-se por baixo dos mais recentes ou cortados por estes. Através de cuidadosa observação da estratigrafia pode determinar-se a ordem correta dos depósitos. Quando uma fossa posterior passa despercebida ou as camadas naturais são identificadas erradamente, confundem-se os objetos dos diferentes períodos e pode chegar-se a conclusões incorretas.

Camadas numeradas por ordem de deposição partindo da mais antiga
1 Terra natural 2A.B.C. Paredes de adobe 3A.8. Solos correspondentes a 2A.B.C. e 213 e 2C SA.B.C. Enchimento das salas pela derrubada das paredes, incluídas seções da parede e bloco de adobe 6A. Parede de blocos de adobe 613. Túmulo de adobe em sepultura escavada sob o solo 7A.B.C. Enchimento de salas 8. Sepultura escavada de um nível que desceu por erosão 9A.B. Camada de lodo arrastada pelas águas da parte superior do sítio 10AR Paredes de adobe sobre alicerce de pedra 11A.B.C. Só correspondentes às paredes 10 A e 1013 12A.B.C.D. Enchimentos de salas 13. Fosso de celeiro escavado de um nível já desaparecido pela erosão 14 Lodo que escorreu da parte superior Nível II 2-5 Nível II 6-7 Nível III 8 Nível IV 10-12 Nível V 13 Camadas depositadas quando o sítio não estava ocupado 1.9.14.

PRIMEIRA PARTE

POVOS



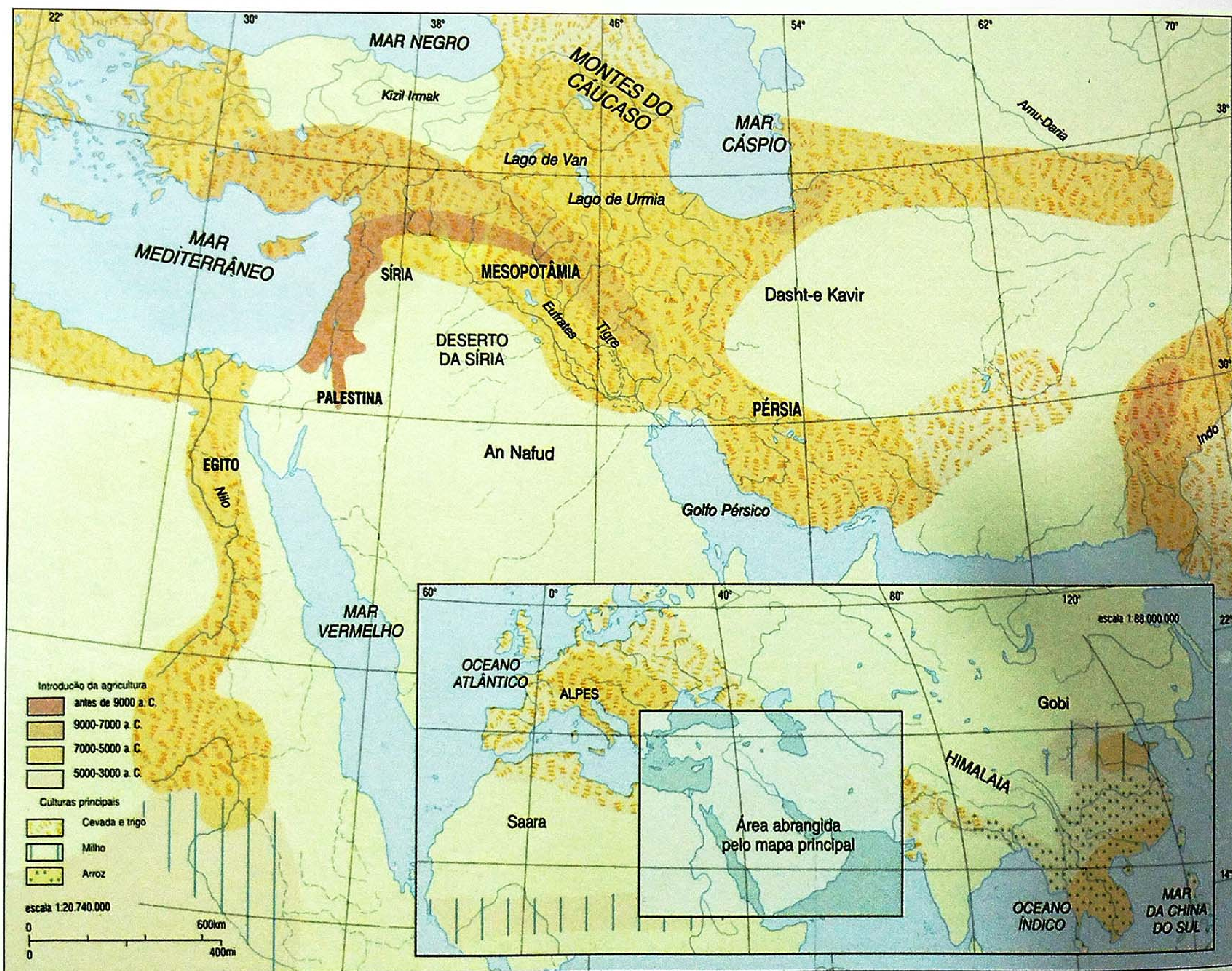
OS PRIMEIROS AGRICULTORES (12000-7000 a.C.)

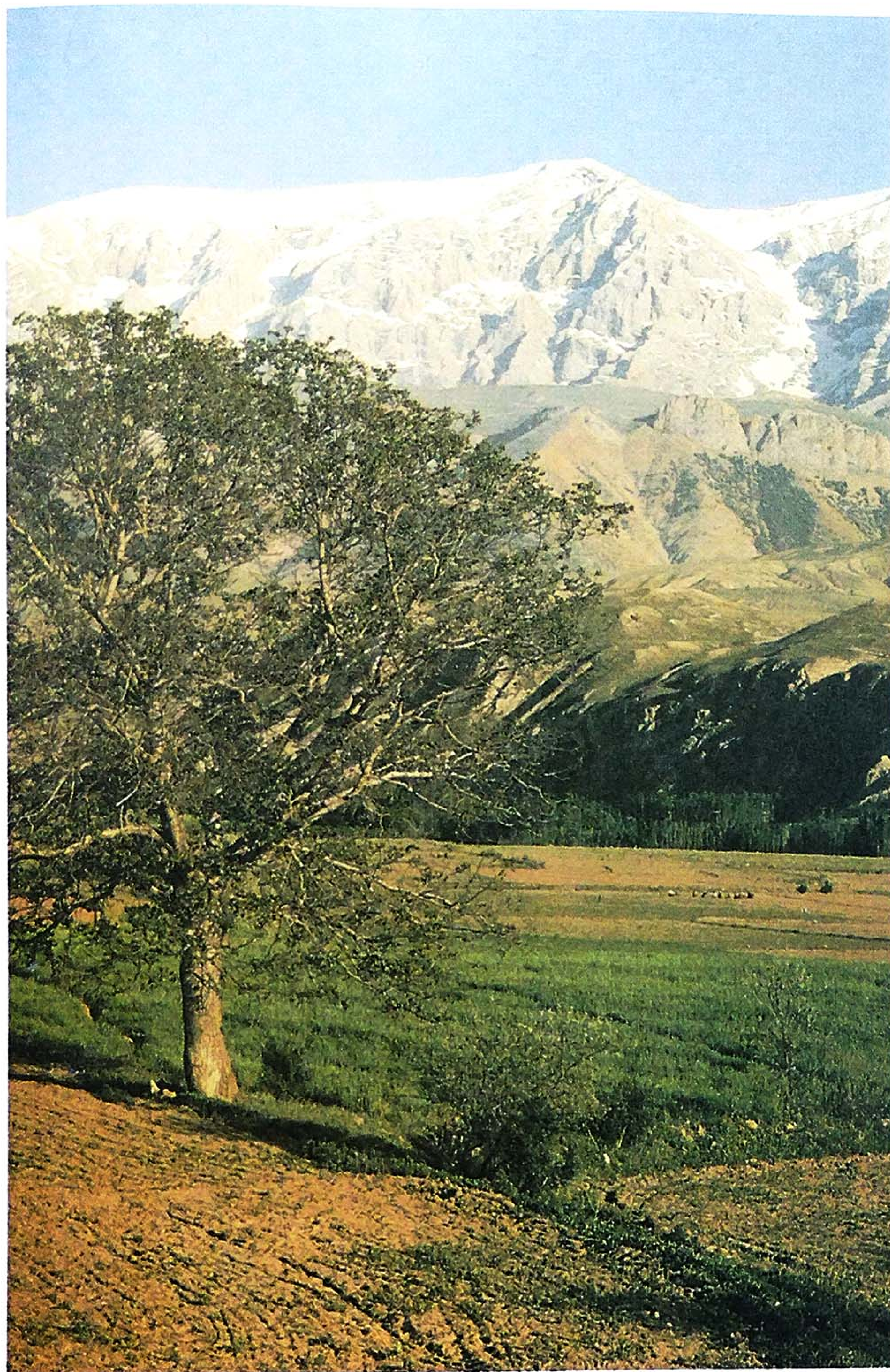
O passado longínquo

As provas do passado são fragmentadas. Os registros arqueológicos conservam apenas algumas características da atividade humana. Grandes áreas continuam a ser desconhecidas e incognoscíveis. No entanto, os indícios que sobreviveram indicam que, em alguns aspectos, o homem pouco mudou em milhares de anos. Nós, por exemplo, atribuímos aos homens pré-históricos as mesmas emoções e motivações que sentimos. Estas características, que nos distinguem dos nossos primos, os animais, desenvolveram-se em algum ponto da escala da evolução. É verdade que numerosas características humanas encontram paralelismo no reino animal. Por exemplo, as lagartas e os afidídeos vivem em comunidades e, tal como os seres humanos, suas funções sociais mudam de acordo com as circunstâncias. No entanto, nenhuma outra espécie conta com a variedade de técnicas que o homem desenvolveu. Embora os animais possuam sistemas de comunicação, que podem transmitir uma quantidade limitada de informação essencial, a linguagem humana pode comunicar uma vastíssima série de conhecimentos, alguns aparentemente triviais e outros indispensáveis. Alguns animais podem fabricar e utilizar ferramentas simples, mas nós dependemos das ferramentas de tal forma que não poderíamos sobreviver sem elas. A língua e a fabricação de ferramentas são transmitidas através da cultura. Isto é, aprende-se com as gerações anteriores.

O êxito da cultura como meio de sobrevivência destaca-se na ampla distribuição de colônias humanas existentes no início do Paleolítico Superior, há mais de 35.000 anos. A popular imagem do homem da Idade da Pedra vestido com peles, vivendo em cavernas e empunhando clavas é bastante parcial. Efetivamente, os nossos antepassados viviam em pequenos grupos e sobreviviam com a coleta de raízes, vagens, folhas e lagartas, completando a sua dieta com caça. Esta forma de vida, identificada em todo o mundo, demonstrou a sua eficá-

Como se expandiu a agricultura no Velho Mundo
A cevada e o trigo foram aclimatadas pela primeira vez pouco antes do ano 9000 a.C., e durante algum tempo a agricultura limitou-se às colinas que rodeavam a Mesopotâmia. Nos dois milênios seguintes estendeu-se para sudeste do Mar Cáspio e para oeste do Vale do Indo, e por volta de 5000 a.C. tinha sido introduzida na Europa, no Egito e em toda a região do Indo, com a utilização muito provável de arados puxados por animais e a prática da irrigação. No Norte da China e no Sudeste da Ásia, introduziam-se novos cultivos de milho e de arroz. Após outros dois mil anos a agricultura se tornara o modo de vida normal do Velho Mundo, embora os pastores de rebanhos continuassem a explorar os habitats da Rússia e da África.





Acima: Em toda a região em que primeiro se cultivaram o trigo e a cevada encontra-se o contraste entre as montanhas escarpadas e as planícies férteis, cheias de sedimentos arrastados pelas correntes primaveris. Aqui as montanhas de Tauros, ainda cobertas de neve no final da primavera, dominam o planalto da Cilícia, no Sul da Turquia. As encostas das montanhas proporcionam pastagens às ovelhas e às cabras, enquanto nas planícies crescem os cereais e os produtos da horta. Esta região estende-se por uma zona onde há precipitação suficiente para cultivos de sequeiro, embora a irrigação desenvolva as colheitas e amplie a estação de cultivo de forma a obter-se mais de uma safra por ano.

cia durante centenas de milhares de anos e existe ainda em algumas regiões. Não obstante, há cerca de 12.000 anos, quando o nível do mar começou a elevar-se no final da última Era Glacial, os povos do Oriente Médio descobriram uma nova forma de obter alimentos: consistia no cultivo e posterior aclimatação de plantas e na domesticação de animais; atualmente, está tão difundida, que é difícil imaginar outra forma de existência humana. O desenvolvimento da agricultura no Oriente Médio foi seguido de uma rápida expansão na Europa, na África e na Ásia. Em alguns milhares de anos, os grupos de caçadores-coletores, cuja forma de vida se tinha desenvolvido ao longo de muitos milhões de anos, foram substituídos pelos povoados.

O aparecimento da agricultura deu origem a importantes alterações. As habitações transformaram-se em uma característica permanente da vida dos povos, enquanto os colonizadores descobriam novos materiais e tecnologias, tais como o trabalho de metal, a olaria ou o talhe da pedra. Gradualmente surgiram novas formas de organização social que levaram, há mais de cinco mil anos, à criação de cidades, surgindo as classes dirigentes, as religiões e a escrita – os ingredientes da civilização moderna. Do Oriente Médio, a agricultura e as formas de vida civilizadas foram transmitidas à Europa, onde, graças aos gregos e aos romanos, fizeram parte da civilização moderna. Em outras regiões do Velho Mundo em que se desenvolveu a agricultura, a ligação com o Oriente Médio é menos clara, embora seja muito provável que o conceito de agricultura procedesse dali. Alguns milhares de anos depois, a agricultura e as formas complexas de organização social surgiram também de forma independente nas Américas, mas o desenvolvimento do Oriente Médio, sendo o mais precoce e ancestral da civilização moderna, tem um significado particular.

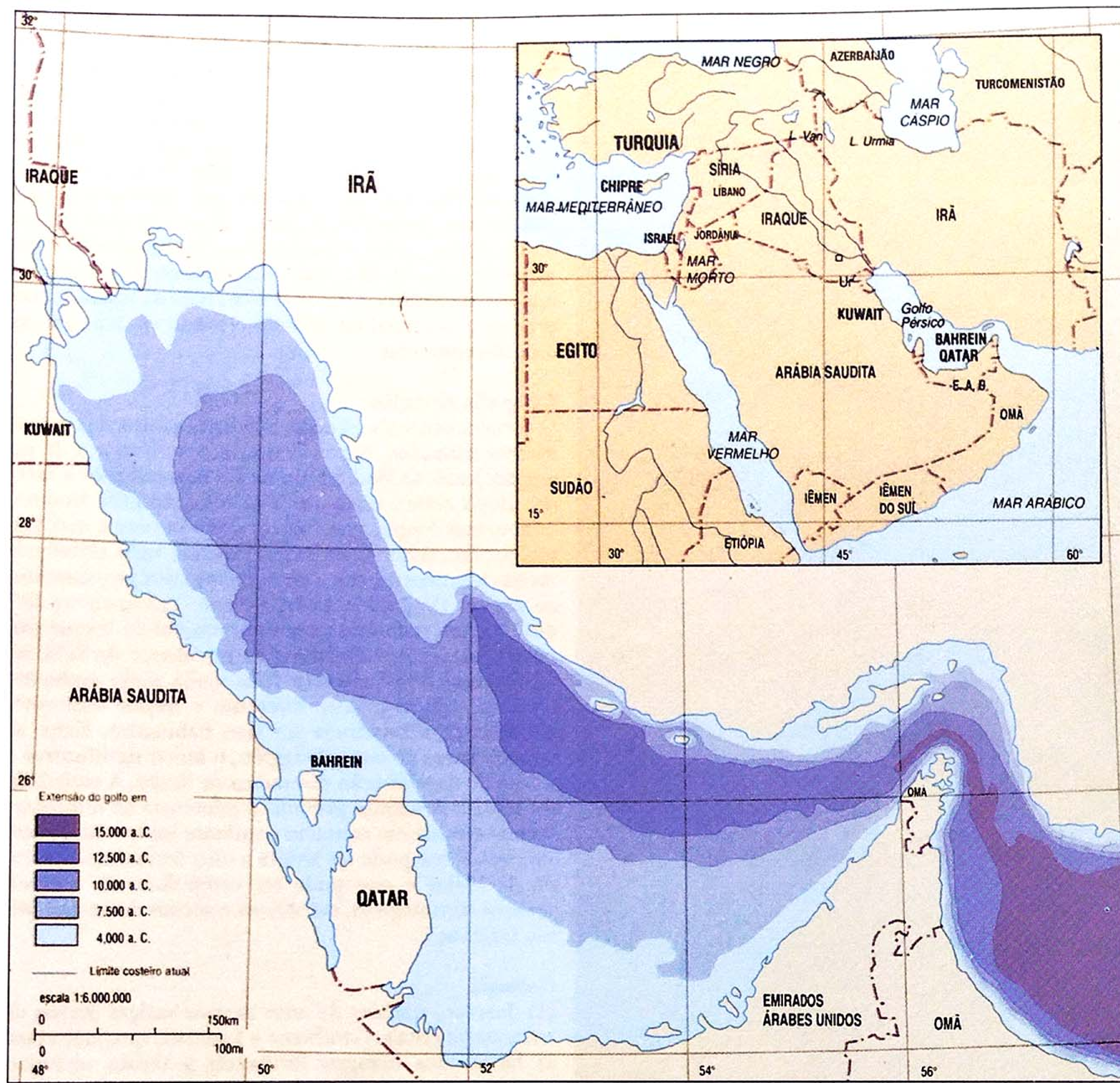
Geografia da região

O fornecimento de comida, requisito básico dos povoados humanos, depende do meio ambiente e da geografia local. O Oriente Médio foi chamado de terra dos cinco mares, pois é cercado pelos mares Mediterrâneo, Negro, Cáspio e Vermelho e pelo Golfo Pérsico. No entanto, os mares tiveram uma influência menos importante que a terra sobre os povoados da região. Há grande diversidade de paisagens no Oriente Médio, das regiões pantanosas do Sul do Iraque, passando pelo deserto basáltico da Jordânia e da Síria, às montanhas nevadas do Irã. Cada meio ambiente propicia uma vegetação diferente e impõe diferentes métodos de subsistência aos seus habitantes. Entre os poucos traços comuns da região, o único significativo é a falta de chuva nos meses de verão. A variedade de habitats próximos permitia a existência de diferentes formas de vida em contato constante umas com as outras, fator que pode ter levado a uma fecundação cruzada de idéias e estimulado os notáveis avanços tecnológicos, científicos e sociais do antigo Oriente Médio.

Geologia

Há 200 milhões de anos as duas antigas massas de terra continentais, Gondwana e Eurásia, que junto com as bacias dos oceanos formavam a crosta terrestre, começaram a quebrar-se e a mover-se uma na direção da outra. Entre elas estendia-se o Mar de Tétis, com grossas camadas de sedimentos marinhos. Quando os continentes colidiram, dividiram-se em várias "plataformas" costeiras menores, cujos movimentos inter-relacionados criaram os traços geográficos principais do moderno Oriente Médio. Quando a plataforma árabe se deslocou para baixo da iraniana, viu-se obrigada a descer, para formar o Golfo Pérsico e as terras baixas da Mesopotâmia, através das quais correm os rios Tigre e Eufrates. Foi esse mesmo movimento que elevou as escarpadas cordilheiras paralelas das montanhas de Zagros, a nordeste da Mesopotâmia. As montanhas Tauros do Sul da Turquia foram formadas de maneira semelhante, quando a plataforma africana se deslocou por baixo da turca. O Mar Vermelho foi criado quando as plataformas árabe e africana dividiram o maciço arábico-núbio, parte do antigo continente Gondwana. O mesmo movimento da plataforma árabe para norte formou também o vale de deslocamento do Golfo de Aqaba, ao norte e ao longo do Wadi Arabah, bem como o Mar Morto e o vale do Jordão.

Os limites precisos da plataforma continuam incertos, mas a sua complexa interação criou numerosos pontos de debilidade estrutural nos quais os terremotos e os vulcões são comuns, havendo grandes áreas cobertas de rochas de origem vulcânica, como o basalto e



Avanço dos mares a partir da última Era Glacial
Em 15000 a.C. o nível dos mares, no mundo inteiro, era cerca de 100 m mais baixo que hoje. Em 4000 a.C. tinha alcançado os níveis atuais. Na maior parte do Oriente Médio isso fez submergir uma estreita faixa costeira, mas no Golfo Pérsico tudo foi inundado. O Tigre, o Eufrates e os outros rios que desciam das montanhas do Irã seguiram os seus cursos na área do Golfo Pérsico, enquanto as margens dos rios ofereciam um habitat adequado aos caçadores e coletores. Infelizmente, as marcas dessa ocupação foram submersas pelas águas do golfo, enterradas sob as camadas de sedimentos que os rios arrastaram das montanhas. Os lagos e os mares interiores (o Lago Urmia, o Lago Van, o Mar Cáspio, o Mar Morto e outros) tinham níveis mais elevados que os de hoje e as bacias interiores da Turquia, do Irã e da Arábia podem ter contado com amplas zonas pantanosas e lagos. A partir de 4000 a.C., o nível do mar variou somente de 1 m a 2 m, mas estas pequenas alterações, combinadas com afundamentos e lamaçais, trazidos pelos rios, poderiam ter dado origem a importantes diferenças na linha da costa. Muitos cientistas consideram que as cabeceiras do Golfo Pérsico chegavam talvez até a cidade de Ur, por volta do ano 2000 a.C.

a obsidiana (cristal vulcânico). A maior parte das rochas da superfície do Oriente Médio é sedimentar ou formada por baixo do mar como peças calcárias ou então constituída de rocha erodida que voltou a se depositar, como o arenito e os sedimentos argilosos. Este processo manteve-se até agora, estando grande parte da península arábica coberta de dunas de areia. Muitos dos vales e bacias são cheios de lodo aluvial depositado pelos rios e procedente da erosão das montanhas. Na margem ocidental da península arábica e no Sinai, em exposições ocasionais nas montanhas do Irã e da Turquia somente, encontram-se rochas ígneas (que contêm valiosos minerais) de fácil acesso.

A paisagem

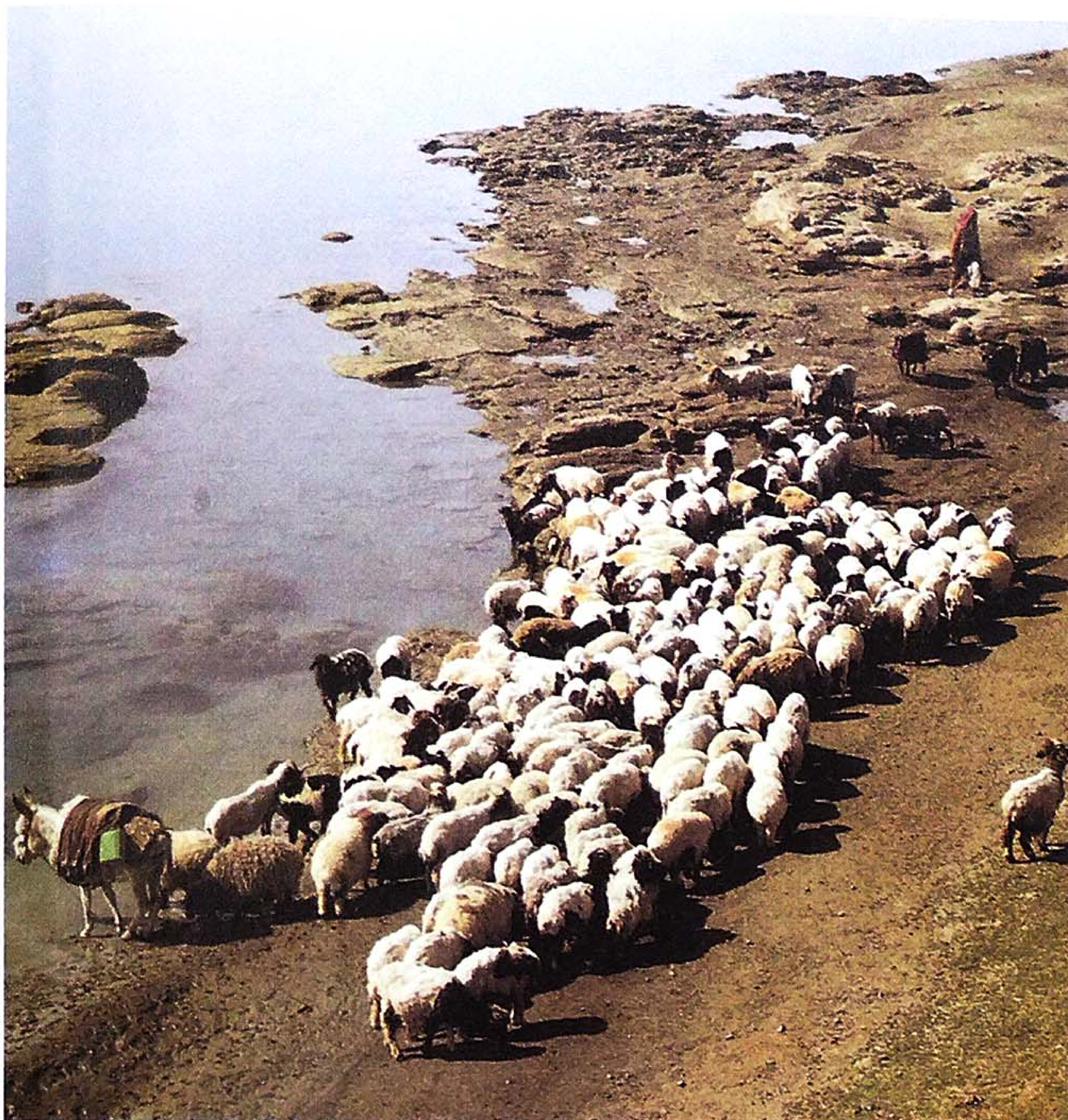
Como resultado do processo geológico e dos efeitos mais recentes da ação da água, do vento e do gelo, a paisagem do Oriente Médio é muito variada. Ao norte, na Turquia e no Irã, os planaltos cercados por cadeias montanhosas elevam-se cerca de 2.000 metros acima do nível do mar. Na Turquia, as duas cordilheiras principais, Ponto, próxima do Mar Negro, e Tauros, próxima do Mediterrâneo, estendem-se de leste para oeste. Entre estes dois sistemas, o planalto turco, mais de 500 metros acima do nível do mar, eleva-se na direção leste-oeste. Na Turquia oriental as montanhas fundem-se e unem-se às duas cordilheiras principais do Irã: Elburz ao norte, que se estende ao longo da margem sul do Mar Cáspio, e Zagros, que vai de nordeste para sudeste e separa as terras baixas da Mesopotâmia do planalto iraniano. Estas montanhas alcançam alturas da ordem dos 4.000 metros e os picos mais altos, que na realidade são vulcões extintos, elevam-se ainda mais. Incluem o Monte Ararat (5.125 metros), onde hoje se unem a Turquia, o Irã e a antiga União Soviética; o Monte Savalan (4.810 metros); Kuh-i Taftan, na fronteira paquistanesa (4.040 metros), e (o mais alto de todos) o Monte Demavand, na cordilheira de Elburz ao norte do Irã (5.605 metros). No centro do planalto iraniano há dois desertos inóspitos, o Dasht-i Kavir e o Dasht-i Lut.

Ao sul das regiões montanhosas da Turquia e do Irã a paisagem é menos abrupta, pois as cordilheiras escarpadas dão lugar às planícies da Mesopotâmia. Do golfo para sudeste a terra eleva-se suavemente para o norte e entra pelas montanhas de Tauros subindo somente 400 metros ao longo de 1.200 quilômetros. A parte baixa da planície da Mesopotâmia é quase totalmente plana e formada por lodo arrastado das montanhas do norte e do leste pelo Eufrates, pelo Tigre e por outros rios. Na parte alta da Mesopotâmia a paisagem é de savanas sucessivas.

Na costa mediterrânica da Síria, do Líbano e da Palestina há mais cordilheiras. Os picos mais altos ficam no Líbano, em pontos que alcançam mais de 3.000 metros de altura acima do nível do mar. Aqui a topografia é muito variada. O planalto é dividido pela falha Norte-

Acima, à direita: A bacia do Eufrates na Síria. O Eufrates e o Tigre deixam as montanhas da Anatólia Oriental para percorrer vales estreitos através do Norte da Mesopotâmia. Ao sul da área de sequeiro os vales são cultivados e os cordeiros e as cabras pastam em zonas extensas de estepe. Na primavera, o degelo da neve dos montes da Turquia e do Irã, eleva em vários metros o nível das águas do Tigre e do Eufrates, que se transformam em impetuosas correntes barrentas de enorme violência. Em outros períodos, estes rios correm mais suavemente e suas águas são transparentes.

À direita: Ovelhas e cabras pastam no Vale de Lar, nas montanhas de Elburz, no Norte do Irã. A primavera chega com mais atraso aos vales entre as montanhas nevadas do Irã e da Turquia que às terras baixas. No verão, tribos de pastores nômades levam os seus rebanhos para as montanhas onde as pastagens continuam verdes quando a vegetação está queimada nas regiões mais secas e quentes. Esta forma de vida pode retroceder a tempos pré-históricos, mas deixou poucas marcas nos registros arqueológicos.



Sul que atualmente forma o vale do Jordão e o vale Wadi Arabah, que conduz ao Mar Vermelho.

Na Península Arábica há mais cadeias de montanhas que se estendem paralelas ao Mar Vermelho. A cordilheira de Hejaz, na extremidade do Mar Vermelho, tem mais de 2.000 metros de altitude, enquanto os montes Assur, no Iêmen, na extremidade sul do Mar Vermelho, elevam-se 3.500 metros. Dali o terreno desce gradualmente até alcançar as savanas da Mesopotâmia e a costa do Golfo Pérsico. Não obstante, a entrada do golfo é marcada pelos elevados montes de Omã, que ultrapassam os 3.000 metros.

Modificações do nível do mar

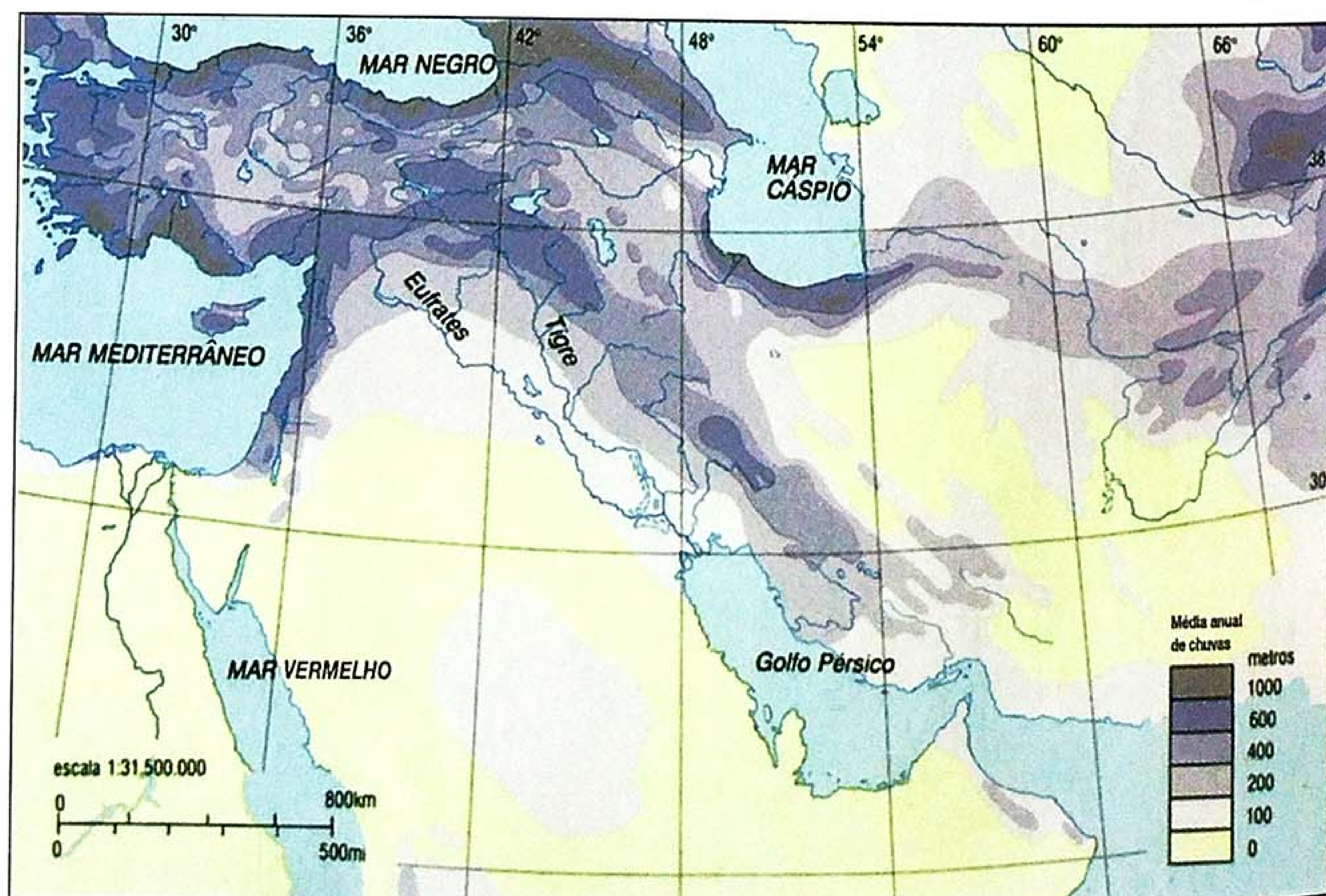
O relevo formou-se durante centenas de milhares de anos, mas é no final da última Era Glacial que se produz uma modificação importante. Durante a Era Glacial as regiões polares eram cobertas por enormes campos de gelo que imobilizavam parte das águas dos oceanos e reduziam o nível do mar em mais de cem metros. Depois, há cerca de 16.000 anos, o nível do mar começou a subir. A maioria dos mares que banha o Oriente Médio desceu, e as alterações resultantes na linha da costa não foram muito importantes. Não obstante, o Golfo Pérsico é menos profundo, e aí os rios alimentados com as águas que desciam das montanhas de Tauros e de Zagros começaram a alcançar o mar muito antes que no passado. As planícies aluviais do Sul da Mesopotâmia e o delta egípcio surgiram depois de o mar alcançar aproximadamente o seu nível atual. O nível do mar elevou-se rapidamente, por vezes mais de um metro por século, e chegou ao seu nível atual em torno do ano 4000 a.C. Desde então se manteve no





A vegetação
Neste mapa apresenta-se a vegetação natural do Oriente Médio, isto é, como seria a vegetação se o homem não interviesse. A vegetação depende em grande medida do regime de chuvas. Há grandes zonas no Oriente Médio com tão pouca precipitação que as suas terras são desérticas e impróprias para povoações humanas. Nos limites dos desertos que se estendem até as fraldas das montanhas, a vegetação natural é de estepe, crescem ervas e arbustos pequenos, mas nas encostas das montanhas há bosques em abundância. As zonas povoadas do passado são as mesmas hoje habitadas. Por esta razão, os cientistas consideram que nos últimos dez mil anos não houve grandes alterações no clima e na vegetação, além daquelas provocadas pelo homem através do desmatamento.

O clima
Os ventos do oeste levam chuva; a chuva cai onde o vento bate nas colinas e nas montanhas. São muitas as zonas interiores situadas à "sombra da chuva", como a região que se encontra a leste do Mar Cáspio e do deserto da Arábia. A chuva cai nos meses de inverno e, salvo nas costas da Turquia e do Mar Cáspio, a seca é geral de junho a setembro. No Oriente Médio as temperaturas aumentam para o sul e caem com a altitude. A diferença entre o verão e o inverno é considerável. Próximo das costas é de cerca de 15°C, mas eleva-se a mais de 25°C nas montanhas. Grande parte das regiões altas do Irã e da Turquia cobre-se de neve no inverno.





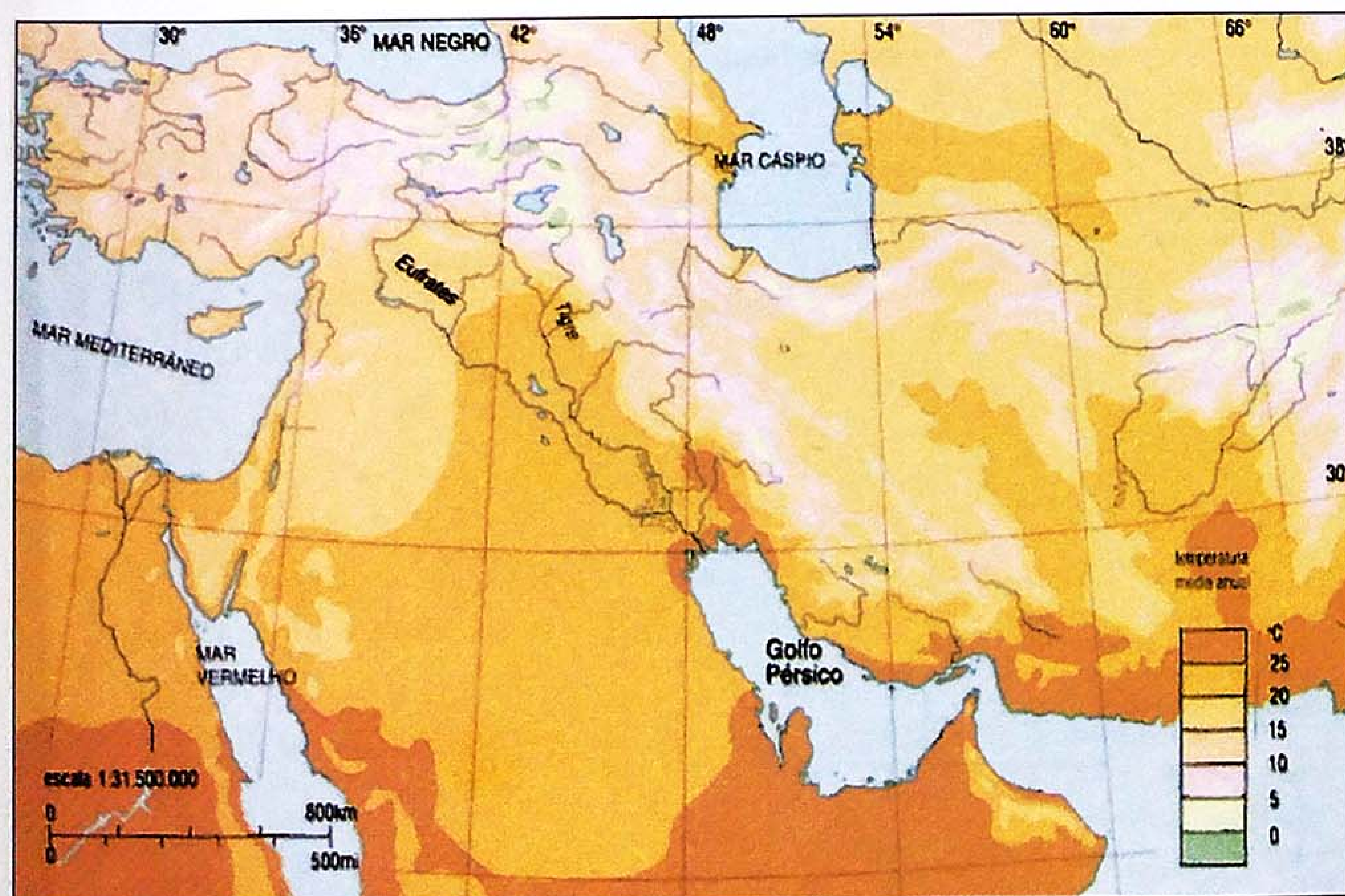
mesmo nível, com diferenças de um a dois metros. Um efeito da acentuada elevação é que os indícios dos primeiros povoados na região do Golfo Pérsico e no Sul da Mesopotâmia estão enterrados sob espessos sedimentos. Assim, para os primeiros tempos é necessário procurar nas áreas onde as modificações não foram tão importantes e onde é mais fácil o acesso aos povoados.

Clima e meio ambiente

Os dados relativos ao clima da Antiguidade são muitos e variados. Por exemplo, as proporções relativas aos isótopos de oxigênio O^{16} a O^{18} no mar indicam as quantidades de água retidas nas camadas de gelo polares e, portanto, as temperaturas mundiais. De maneira semelhante, os grossos depósitos sedimentares revelam aumentos do caudal fluvial que podem ser resultado de maiores precipitações. Uma das técnicas mais úteis é a identificação dos grãos de pólen das plantas conservados nos sedimentos de antigos lagos. Estes podem dar a idéia das mutações da vegetação. Embora não haja um consenso relativo à forma de interpretar estes resultados, que parecem mudar de região para região, há, no entanto, uma imagem geral.

À medida que as placas de gelo derretiam e o nível do mar se elevava, a temperatura aumentava quase 10ºC entre 12000 e 8000 a.C. antes de chegar a 1ºC ou 2ºC como máximo acima dos níveis atuais. Durante a Era Glacial, a região montanhosa do norte tinha em grande parte uma vegetação tipo estepe e um clima frio e árido. Depois, à medida que o clima se tornou temperado e a umidade aumentou, os bosques cresceram e há cerca de seis mil anos os carvalhos e outras árvores cobriam as encostas de Zagros e do Tauro, assim como atualmente. Mais para sul, também o frio seco da Era Glacial deu lugar a um clima mais úmido e temperado que permitiu o crescimento de mais árvores. Mas por volta de 11000 a.C. as precipitações diminuíram e grandes áreas voltaram a ser estepes ou desertos.

Nos últimos dez mil anos o clima e a vegetação do Oriente Médio foram bastante parecidos com os atuais. Formaram-se quatro zonas que atravessavam a região. A zona montanhosa, onde cresciam coníferas e árvores de folha caduca misturando-se com carvalhos, pinheiros, cedros e zimbros, registrava invernos úmidos e frios e verões secos. Ao longo da costa mediterrânea e no sopé de Tauros e de Zagros, os invernos eram suaves e úmidos e os verões, secos e quentes. A vegetação era de bosque mediterrâneo pouco espesso (carvalhos, pinheiros e terebinto) e ervas, entre as quais se encontravam as variedades silvestres de plantas rapidamente cultivadas, entre elas a cevada e o trigo. Uma zona de estepe, que seguia a margem leste e a sul do sopé das montanhas e dos planaltos do Irã e da Turquia, registrava invernos suaves e secos e verões com altas temperaturas, que alimentavam prados pouco densos e quase nenhuma árvore. Por fim, a zona desértica do interior da Arábia e do Irã registrava invernos suaves e secos e verões quentes igualmente secos, mas praticamente não havia vegetação. Os limites que separavam estas regiões mudaram, causando pequenas alterações no clima. Mas em termos gerais são poucas as alterações, apesar de algumas variações no curso das águas, a seca de lagos e de nascentes de água e o movimento das dunas de areia provavelmente terem causado alterações locais. Nos últimos dez mil anos, também a intervenção a humana, a abusiva exploração dos pastos, o desmatamento e a modificação dos cursos naturais de água modificaram crescentemente o meio.



A disponibilidade permanente de água criou habitats especialmente favoráveis que, embora não ocupassem grandes superfícies, foram muito importantes para os seres humanos dos primeiros tempos. Estas zonas incluíam as margens do mar e dos lagos, com a sua riqueza de vida marinha e aquática (fauna e flora), os vales regados por rios e os oásis com nascentes de água, onde cresciam tamarineiras e outras árvores e arbustos; por fim, as zonas pantanosas próximas das cabeceiras do Golfo Pérsico, onde é provável que tenham crescido os antepassados silvestres da tamareira.

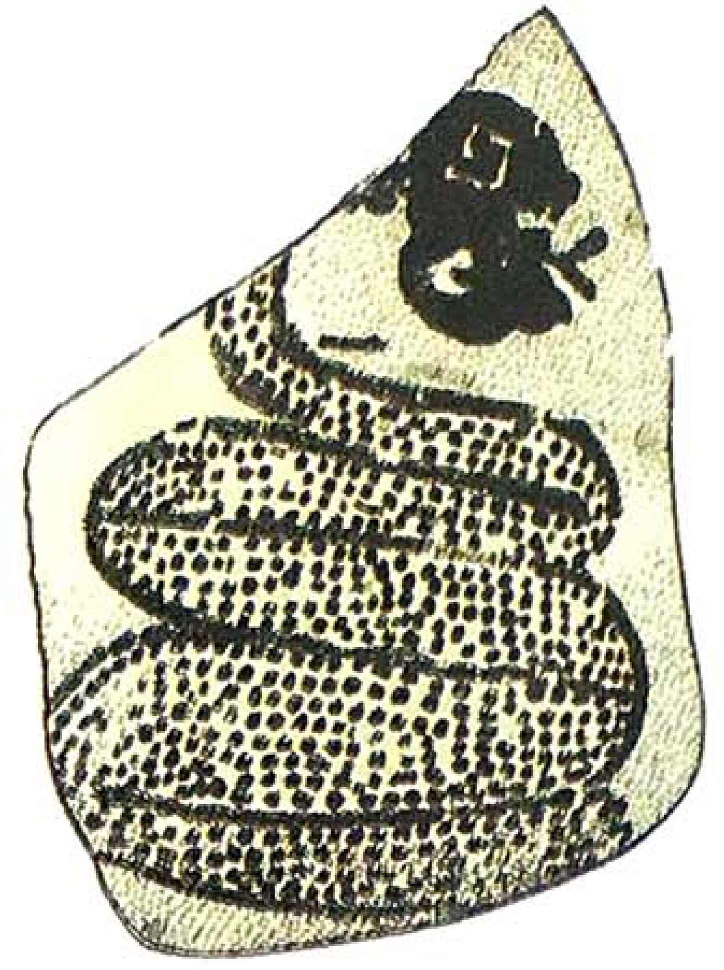
O Oriente Médio era também rico em animais terrestres. Manadas de gazelas, gamos, asnos e gado selvagem vagavam pelas estepes, onde eram comuns diferentes espécies de veados, ovelhas e cabras selvagens. Nas zonas úmidas abundavam os javalis. Estes animais eram presas de chacais, lobos, ursos, hienas, onças, leopardos, tigres e leões. Entre os pequenos mamíferos encontravam-se a raposa, a lebre, o gato-montês, o porco-espinho e diferentes espécies de roedores. Duas ausências surpreendentes são o camelo e o cavalo que, tendo desaparecido durante a Era Glacial, não reapareceram até o 3º milênio a.C. Os anfíbios e os répteis eram comuns, incluindo as tartarugas, as cobras, os lagartos e as rãs, enquanto nos rios, lagos e mares havia uma grande variedade de peixes e de mariscos. A riqueza no mundo das aves era grande, incluindo várias espécies migratórias, visto que a costa mediterrânea e as cabeceiras do Golfo Pérsico se encontram nas principais rotas migratórias que vão da Rússia para África. As aves de maior porte, avestruzes, abetardas, perdizes, patos e gansos, eram uma útil fonte de alimentos.

As origens da agricultura

Durante os milhões de anos em que a humanidade subsistiu da caça e da coleta, colhendo o que encontrava, fez grandes progressos tecnológicos. Com o aparecimento do ser humano de constituição anatômica moderna (*Homo sapiens sapiens*) o ritmo do processo de desenvolvimento se acelerou, o que levou à colonização de todos os continentes antes do ano 20000 a.C. A crescente habilidade do homem para dominar o seu meio ambiente, patente nas suas técnicas cada vez mais elaboradas de trabalhar o sílex, na ocupação cada vez mais estável dos territórios e nos comportamentos sociais de complexidade crescente, como, por exemplo, as cerimônias rituais do enterro e as pinturas nas paredes das cavernas, que datam de 30000 a.C., aproximadamente. Todas estas habilidades eram condições prévias necessárias para a adoção da agricultura como meio de vida.

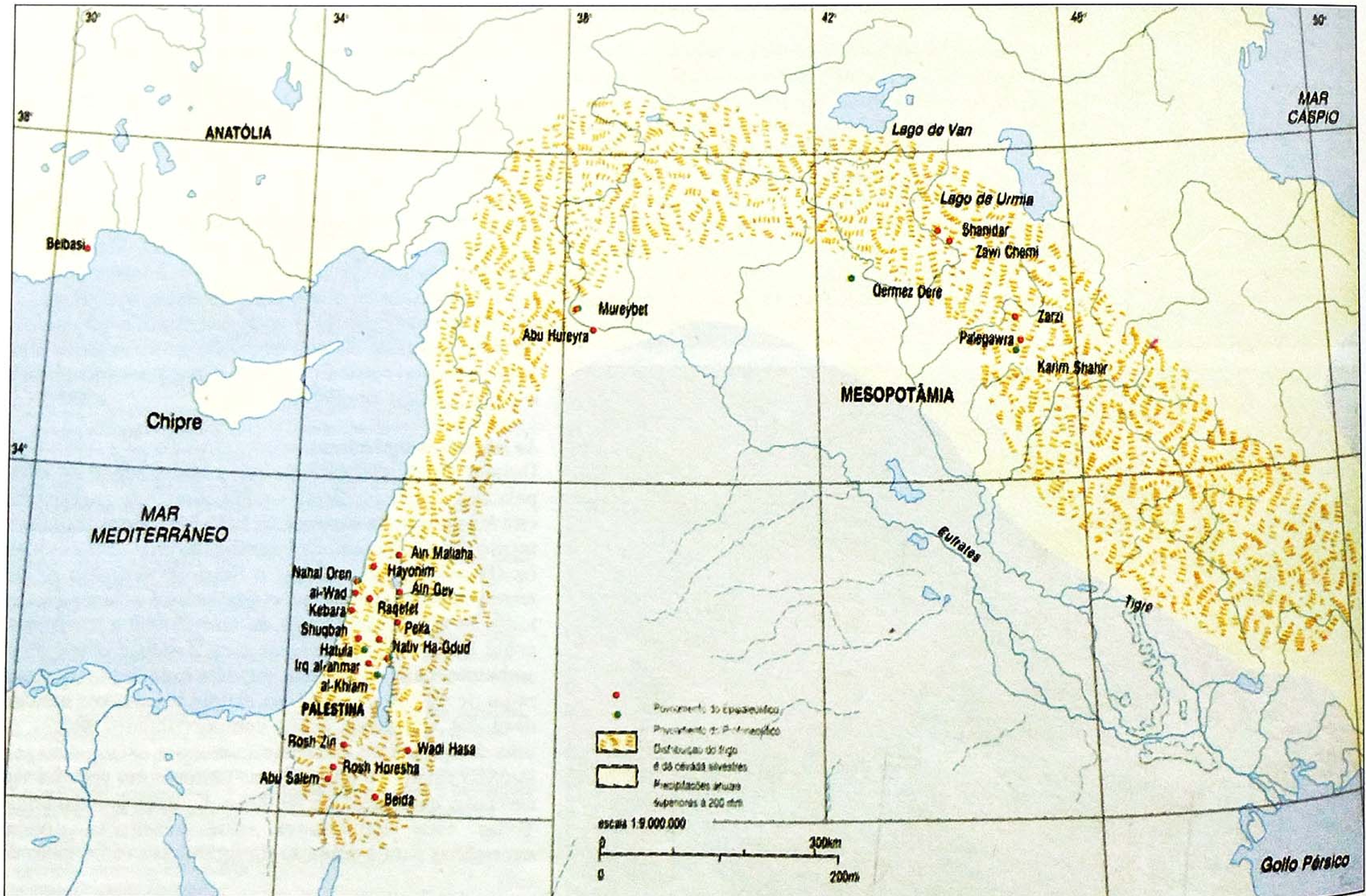


À esquerda: Um oásis na Síria ocidental. A presença da água é capaz de transformar os ermos estéreis do Oriente Médio em terras férteis onde abundam orquídeas e jardins. A água provém dos rios e das nascentes. Se a fonte de água secasse, a zona voltaria a se tornar um deserto.



Povoados primitivos no Oriente Médio
Depois da última Era Glacial, o homem procurou lugares favoráveis para explorar diferentes variedades silvestres de trigo, de cevada e de outras plantas, que cresceram espontaneamente, e caçar animais selvagens. A maioria destas povoações fica em zonas onde áreas hoje crescem o trigo e a cevada em estado silvestre, na zona meridional onde há precipitações. O grande número de povoações encontradas na Palestina é um reflexo da intensidade das investigações arqueológicas na área e da importância desta região no período Epipaleolítico (18000 a.C.-9300 a.C., aproximadamente). É muito provável que o trigo e a cevada já fossem cultivados.

Acima, à direita: A cerâmica pré-histórica era freqüentemente decorada com pinturas de animais e de pássaros. Os motivos costumavam ser animais selvagens e eram escolhidos, sobretudo, pelos seus efeitos decorativos. O carneiro selvagem e a cabra montês aparecem com freqüência. As representações são tão estilizadas que não é possível identificar as espécies concretas. A serpente (acima), que data do 6.º milênio a.C., evidencia o típico método primitivo de representação, com o corpo de perfil e a cabeça vista de cima. O leopardo com o lombo arqueado (acima, à direita) é proveniente do Luristão, no Oeste do Irã, e data do 4.º milênio a.C.



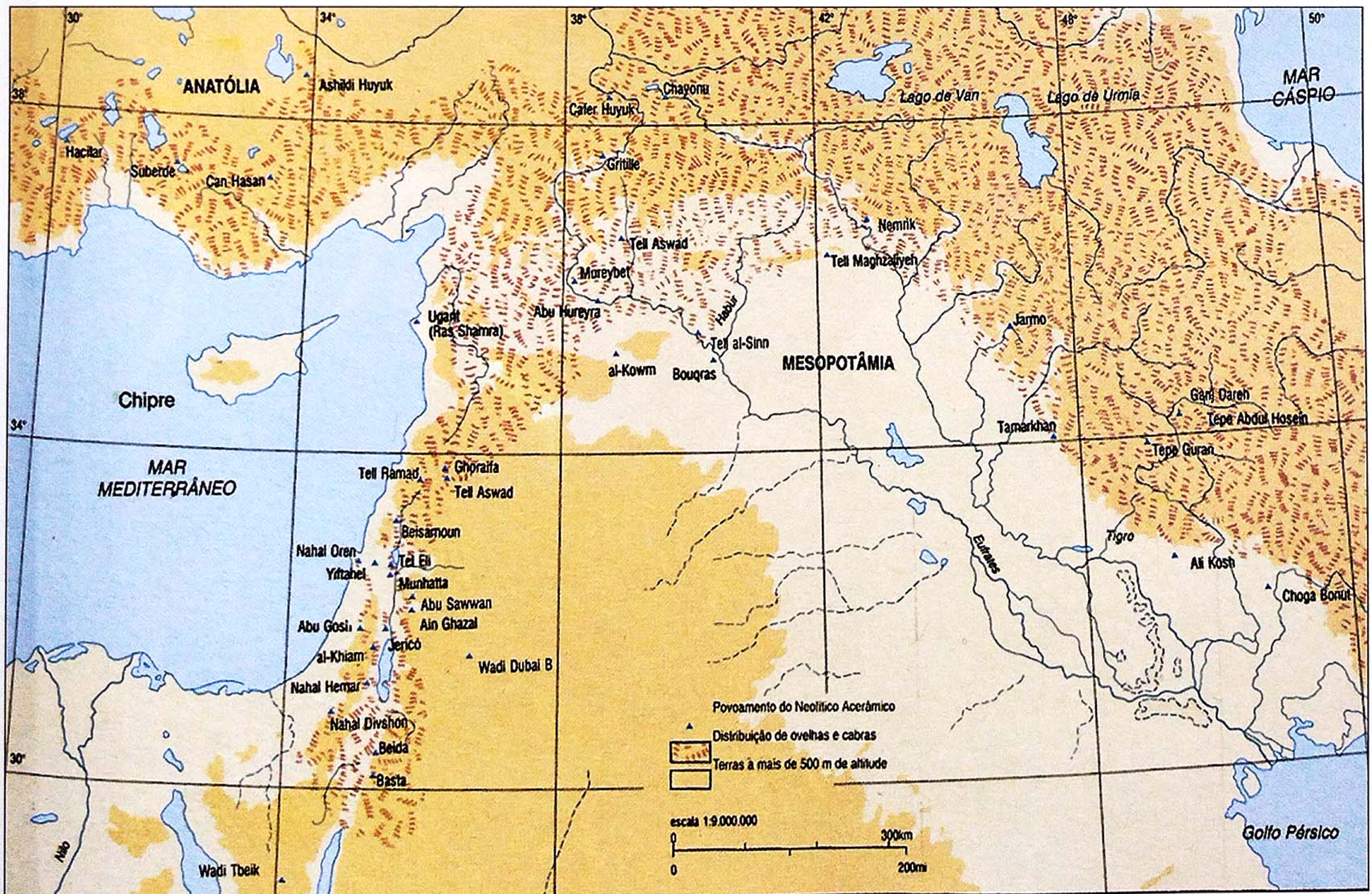


Os povos caçadores e coletores tinham explorado plantas e animais, mas não tinham tentado o seu cultivo e a sua criação. É óbvio que qualquer predador que permita o desaparecimento da sua fonte básica de subsistência se encontrará em perigo de extinção. De fato, desde muito cedo o homem tentou pôr em prática formas limitadas de cultivo, protegendo os animais jovens, os peixes de pequeno tamanho e determinadas espécies. No entanto, a domesticação no sentido estrito implica que as plantas e os animais dependam do homem para sobreviver. Nos estágios mais primitivos da agricultura, o homem cultivou e criou plantas e animais que nasciam em estado selvagem. Mas em gerações sucessivas, por intermédio da colheita e do semear seletivo de plantas e da criação seletiva de animais, tiveram lugar muitas alterações e surgiram novas variedades e raças. Algumas destas alterações, reconhecíveis nos restos de plantas e nos ossos dos animais encontrados nas escavações arqueológicas, servem para distinguir as variedades e as raças domésticas das selvagens. Não obstante, a identificação e interpretação dos restos animais e vegetais é uma tarefa de especialistas, os quais nem sempre estão de acordo quanto aos seus achados.

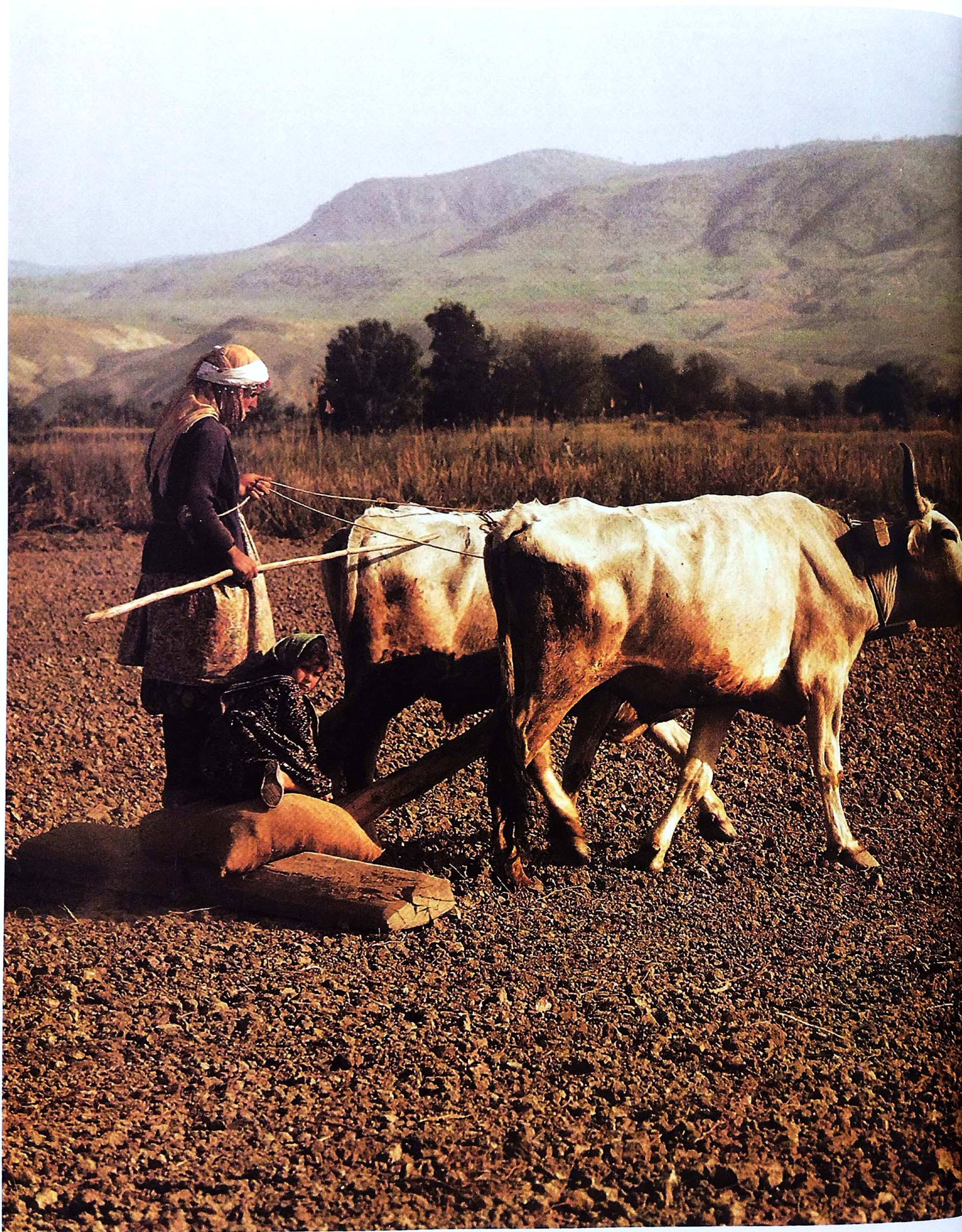
A coleta de sementes e de ossos transformou-se em uma atividade habitual nas escavações arqueológicas somente nos últimos 40 anos. Anteriormente os arqueólogos apoiavam-se em alterações manifestas, como, por exemplo, nos métodos de fabricar utensílios de pedra, para diferenciar os períodos. Na Idade da Pedra Inicial, os utensílios eram fabricados com a técnica de lascas obtidas por percussão, mas no Período Neolítico (Idade da Pedra Final) utilizavam-se técnicas de afiar e de polir. Mais ou menos na mesma época foram identificadas outras alterações, que incluem povoados com habitações, a utilização de objetos de cerâmica e o enterro dos mortos em necrópoles. (Apesar de processos de desenvolvimento semelhantes na Índia, na China, na África e na América, os mais antigos são atestados no Oriente Médio.)

Pode ser interessante questionar as causas de desenvolvimento da agricultura nessa época. A possibilidade desta evolução poderia ter surgido nos períodos frios e quentes, que alternam com as glaciações mais antigas. No entanto, até depois da última glaciação os grupos humanos não tinham conseguido criar infra-estruturas sociais e técnicas suficientemente desenvolvidas para aproveitar as oportunidades que o clima e a geografia proporcionavam. O uso da linguagem, que se desenvolveu entre 100000 a.C. e 20000 a.C., desempenhou um papel crucial, pois permitiu a comunicação da informação e a sua transmissão de geração em geração.

No entanto, as razões fundamentais que levaram as populações da Idade da Pedra ao cultivo de plantas e à criação de gado foram talvez diferentes das que perpetuaram este modo de vida. Segundo estudos recentes, o trabalho dos camponeses era muito mais duro que o dos caçadores e dos coletores quando se tratava de obter a quantidade suficiente de alimentos para sobreviver; a agricultura não proporcionava provisões suficientes nem eram elas fáceis de obter. De outro ponto de vista, um modo de vida mais sedentário, com a possibilidade de agrupamentos sociais mais amplos, permitiu reduzir a mortalidade infantil, dado que as mães não eram obrigadas a se deslocarem com a tribo e, por meio da agricultura, garantiam um controle mais direto do fornecimento de alimentos. Havia também opor-



A difusão da agricultura e da criação de gado
No Neolítico Acerâmico (8500 a.C.-7000 a.C.), fizeram-se grandes progressos. Animais foram domesticados e iniciou-se o cultivo de plantas, surgiram grandes povoados que abrigavam centenas de pessoas e cresceu uma indústria em grande escala de trabalhos de metal e de manufatura de argamassa de cal.
Os povoados continuam situados na zona de agricultura marcada pelas chuvas, mas hoje estendidos pelas montanhas arborizadas e pelos planaltos turcos e iranianos. Enquanto uma maioria dependia do cultivo de cereais, outros subsistiram como caçadores e coletores. Durante este período, diminui a preeminência da Palestina, destacada em épocas anteriores.



tunidades impensáveis no modo de vida agrícola, que levaram finalmente à sua adoção em todas as regiões do planeta, com exceção das mais remotas e inóspitas. Por exemplo: a ovelha, que inicialmente foi criada por causa da sua carne, da sua pele e dos seus ossos, transformou-se também em uma fonte útil de leite e de lã com a criação seletiva.

Povoados primitivos no Oriente Médio

A transição que se produziu no Oriente Médio das culturas de caçadores e coletores para as de agricultores é mais visível no Levante e na Palestina. Proporcionalmente, durante os últimos 40 anos, os arqueólogos escavaram, no decurso de intensos trabalhos de campo, mais povoados primitivos em Israel que nos outros países da região. Apesar do desequilíbrio que evidenciam estas investigações, a região parece ter se revestido de uma importância crucial no desenvolvimento da agricultura.

Os primeiros lugares utilizados como habitação no Oriente Médio foram cavernas e acampamentos ou zonas de trabalho temporárias a céu aberto. Depois da última glaciação, tornaram-se habituais os povoados de caráter permanente, como demonstram os restos do período Kebaran na Palestina (18000 a.C.-11000 a.C., aproximadamente). Em Ain Gev I, um povoado na margem oriental do Mar da Galiléia, que data aproximadamente de 15000 a.C., os alicerces do que com toda a probabilidade foi uma habitação de forma circular contêm lajes de pedra para moer grãos; também foram encontradas lâminas de foice com o brilho característico produzido ao ceifar cereais ou juncos. Os habitantes de Kebaran caçavam também animais selvagens e em muitas ocasiões perseguiam espécies muito concretas. Por exemplo, quase 75% dos ossos encontrados em Nahal Oren, no monte Carmelo, pertencem a gazelas, enquanto no Wadi Madamagh, próximo de Petra, mais de 80% são de cabra selvagem.

A presença de pedras de moer demonstra, no entanto, que as plantas e os cereais constituíam uma parte essencial da dieta. Os grãos de cereal possuem muitas propriedades nutritivas, mas são cobertos por uma casca que não é digerida. Para torná-los comestíveis, separava-se a casca torrando os grãos antes de cozinhá-los com água em fogo lento para fazer uma espécie de papa; ou então os grãos eram moídos para fazer farinha, que era misturada a água e cozinhada a temperatura elevada. É provável que as foices, feitas de várias lâminas de sílex encaixadas em um cabo de madeira ou de osso, fossem utilizadas para ceifar cereais silvestres; considerando-se embora que ao cortar os caules os grãos podiam ser espalhados, seria mais eficaz a colheita à mão dos grãos maduros. Em culturas contemporâneas da Turquia e das montanhas de Zagros foram encontrados tipos semelhantes de trabalhos de sílex, mas não há vestígios comparáveis da preparação de alimentos vegetais.

O período de Natúfia

A cultura de Natúfia, que abrangeu de 11000 a.C. até 9300 a.C., estava mais irradiada que a de Kebaran. Expandiu-se através da Palestina e do Levante, tendo sido encontrados povoados que estão relacionados a ela nas margens do Eufrates, na Síria e em regiões ainda mais orientais. No período de Natúfia são muito mais claros os indícios da adoção dos cereais como componente fundamental da dieta. Nas povoações de Natúfia foram encontradas pedras de moer, lareira, armazenamento de caroços de frutos junto com sementes torradas de cevada silvestre de duas carreiras e da variedade silvestre de trigo-escândea-menor e de outras plantas comestíveis silvestres, bolotas, ervilhas, lentilhas e grão-de-bico.



À esquerda: Ganhou força a hipótese de touros selvagens terem sido inicialmente domesticados por razões religiosas ou para aproveitar a carne, a pele, os ossos e os chifres. Parece que já no Neolítico se criava gado vacum pelo seu leite e para utilizá-lo nos trabalhos de tração. Ainda se continuam a utilizar os bois (touros castrados) nos trabalhos de arado e de limpeza de terreno e para puxar carros.

Acima: O cultivo de cereais implica novos processos tecnológicos, como a ceifa e a moagem, utilizando foices de lâminas de sílex e pedras para moer, algumas das quais foram preservadas nos sítios arqueológicos. Outras atividades, como a limpeza pelo vento, nas quais eram usados instrumentos de madeira e que eram realizadas fora dos povoados, deixaram poucos vestígios nos restos arqueológicos.

Além de terem uma casca dura firmemente agarrada ao grão, que só pode ser separar torrando ou triturando, os cereais silvestres possuem também um ráquis quebradiço (eixo central) que se parte facilmente, provocando a disseminação dos grãos e dificultando a sua colheita. Quando os habitantes aprendem a semear e a colher os cereais, preferem variedades com caules mais duros. Este é um dos critérios utilizados para distinguir entre as variedades cultivadas e silvestres de cereais.

Confirma-se no Oriente Médio a existência de duas espécies de trigo silvestre: a escândea-menor e a escândea, que pode ter surgido da hibridação natural da escândea com outras espécies de gramíneas silvestres. Através de semeadura e colheita seletivas, ambos os tipos de trigo desenvolveram variedades cultivadas. As variedades atuais procedem provavelmente de híbridos de trigo cultivado da variedade escândea e de outras gramíneas.

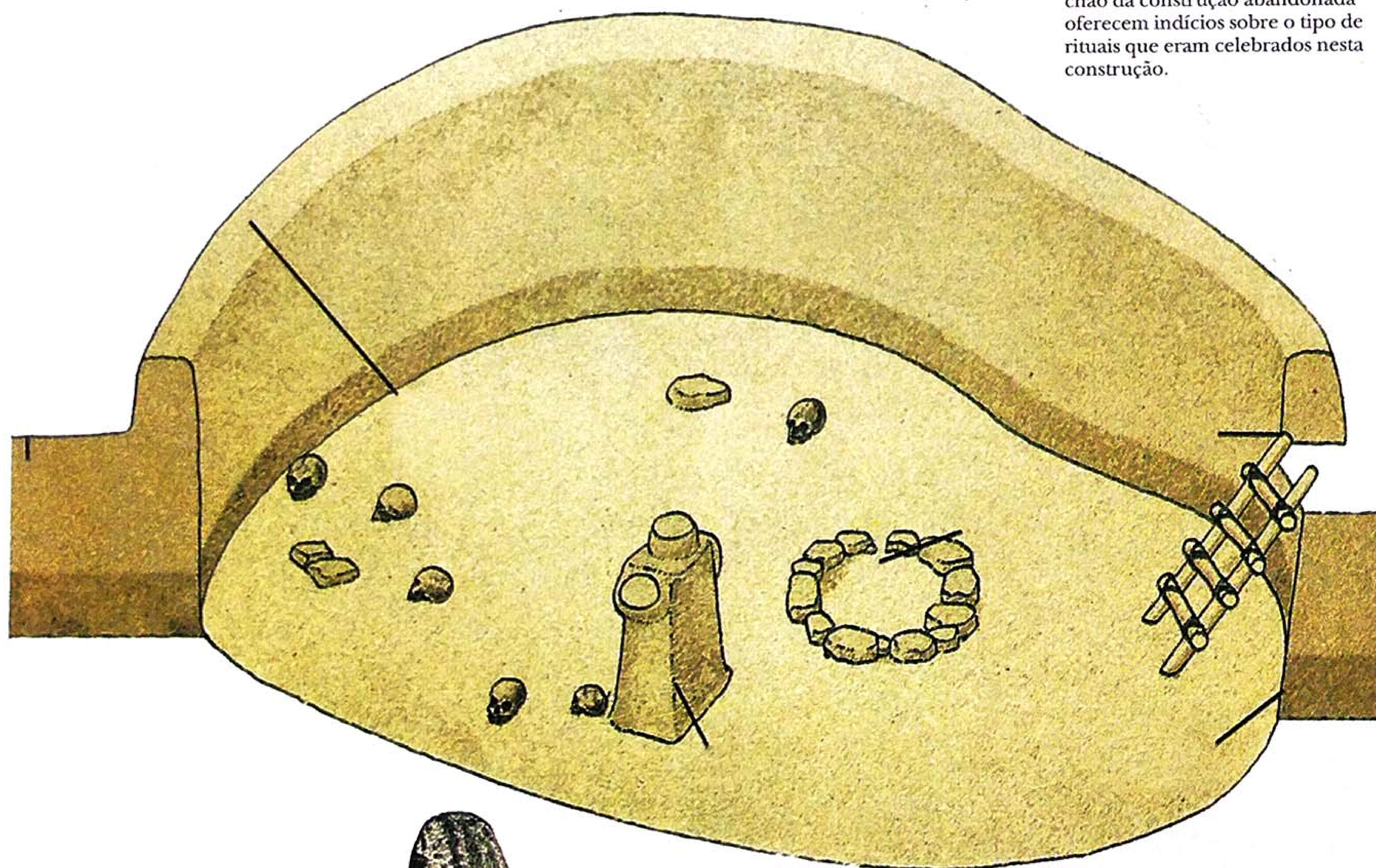
As variedades podem ser também classificadas segundo aquelas em que a casca ou gluma está agarrada ao grão (trigo com invólucro ou com gluma) e aquelas cuja casca pode ser separada com facilidade (trigo descascado ou trilhado). A cevada tem também variedades com gluma e sem, com duas ou seis carreiras de grãos em cada espiga. Não surpreende que as variedades de trigo descascado ou trilhado sejam preferidas às de trigo com casca.

O povoado neolítico

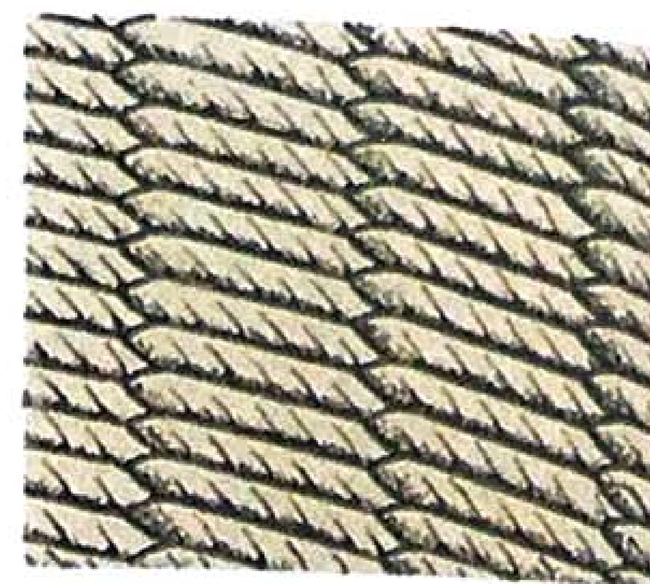
A vida nos povoados do Oriente Médio não parece ter sofrido alterações substanciais no período decorrido entre o Neolítico e os últimos anos do século XIX, embora o nosso conhecimento da época mais remota se baseie fundamentalmente nos restos de utensílios de pedra e de osso e nas ruínas de construções, visto que os materiais orgânicos raramente foram preservados. As condições ambientais extremamente secas da caverna de Nahal Hemar, nas proximidades do Mar Morto, contribuíram para preservar uma gama mais ampla de materiais, entre os quais se encontram fragmentos de tecidos e de fabricação de cestos, assim como utensílios e contas de madeira. Os tecidos, por exemplo, revelam um nível surpreendentemente alto de habilidade técnica. Alguns achados permitem supor a existência de uma atividade religiosa intensa na época. Contudo, ainda estamos longe de compreender a rica herança de danças e de mitos.

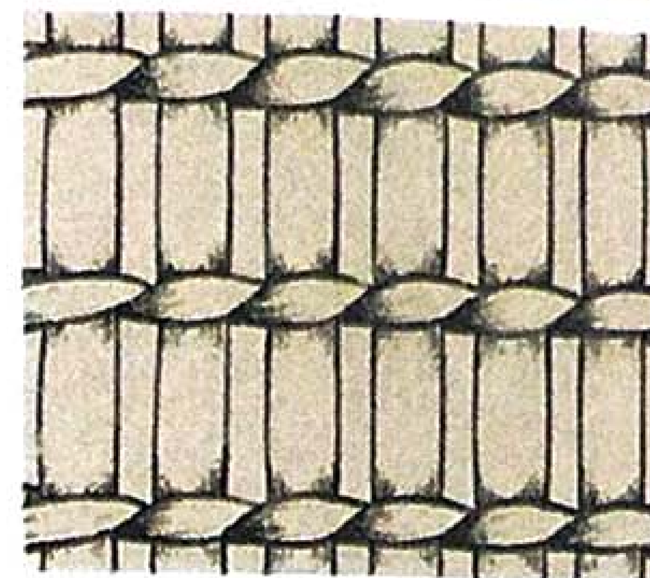


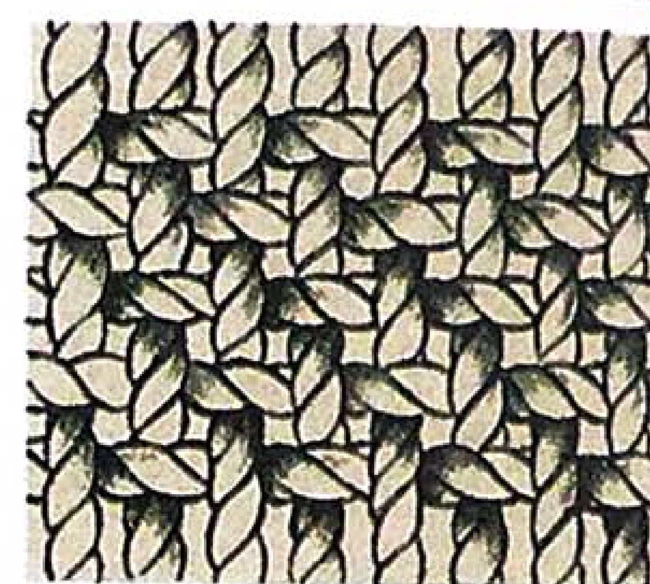
À esquerda: Esta máscara de pedra pintada, procedente de Nahal Hemar, pode ter sido utilizada em algum tipo de cerimônia ritual. Alguns especialistas pensam que os achados de Nahal Hemar pertenciam a um templo ou a alguma outra instituição religiosa.



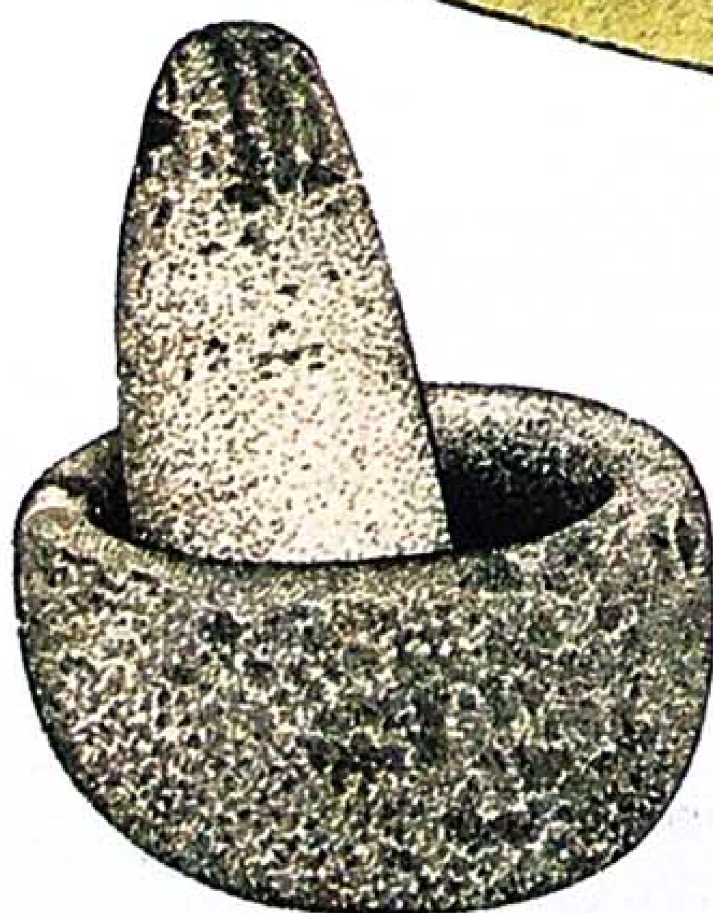
Abaixo: As casas mais antigas eram habitações circulares escavadas no solo, como a encontrada em Quermez Dere, no Norte do Iraque, que data do Período Protoneolítico. Eram mais que meros lugares de abrigo e desempenhavam um papel central na vida espiritual da comunidade. O pilar de pedra e de gesso e a disposição dos crânios humanos no chão da construção abandonada oferecem indícios sobre o tipo de rituais que eram celebrados nesta construção.



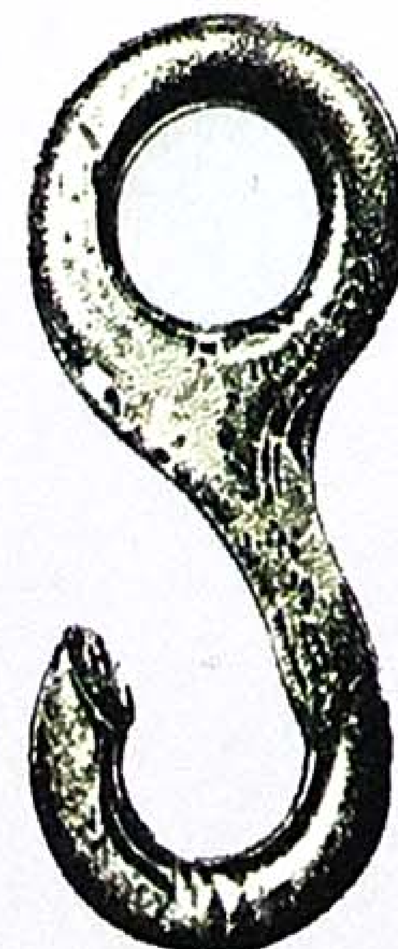




A amostra mais antiga de manufaturas têxteis procede do período acerâmico do Neolítico. Na caverna de Nahal Hermar, os materiais eram feitos trançando em volta da urdidura uma trama composta por fios de linho. Quando os fios são trançados separadamente, o tecido é conhecido pelo nome de tecido claro (*acima, no centro*); caso contrário, recebe o nome de tecido espesso (*na parte superior*). As impressões em argila procedentes de Jarmo mostram que neste período se conhecia também o tipo normal de tecido (tecido simples) (*acima*).



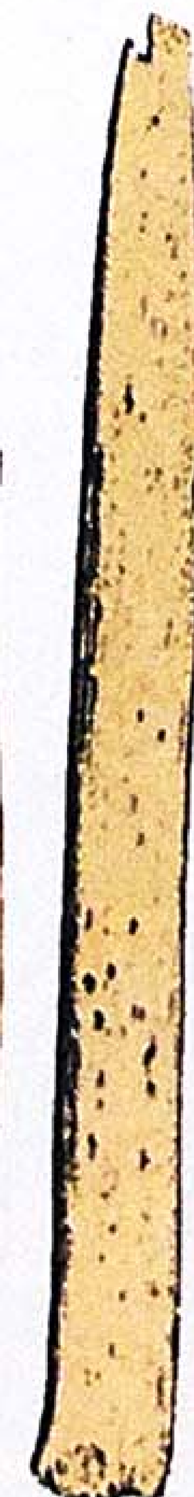
À direita: Almofariz e mão-de-pedra procedentes de Jericó. Eram utilizados em uma grande variedade de atividades, que iam da preparação da comida até a moagem de pigmentos. Recipientes de pedra similares foram usados desde a cultura de Natúfia até a época islâmica.















À direita: Gancho ou fivela de osso e utensílios de madeira, como alfinetes, agulhas, furadores, pontas de flechas e pontas para lanças ou arpões.

Abaixo: Uma foice procedente de Nahal Hemar com folhas de sílex fixadas a um cabo de madeira, utilizando betume como cola. Pode ter sido utilizada para cortar juncos.

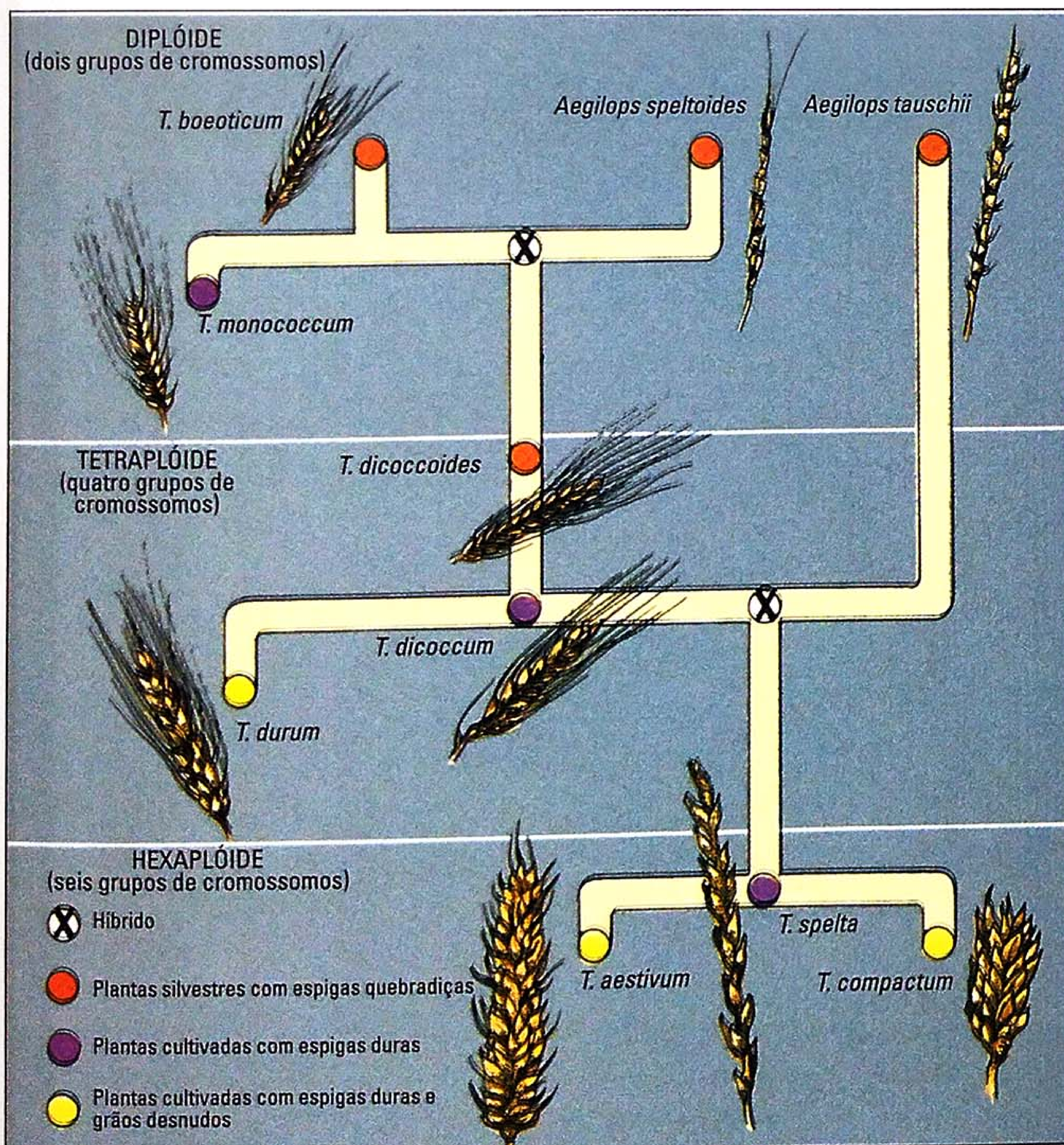


Abaixo: No Oriente Médio encontram-se duas variedades de trigo silvestre, a escândea-menor e a escândea (trigo-durázio). Esta última pôde surgir por hibridação natural da escândea-menor com espécies silvestres de egilope (certo tipo de aveia). Através de um processo de colheita e de sementeira seletivas, o trigo escândea-menor e o trigo-escândea deram origem a variedades cultivadas, e é provável que as atuais variedades hexaplóides derivem de um híbrido de trigo-escândea cultivado com outros egilopes. As variedades também podem ser classificadas entre aquelas em que a casca e a gluma são grudadas ao grão (trigo com invólucro ou com pluma) e aqueles cuja casca é facilmente separável (trigo descascado ou trilhado). Somente o trigo-duro, o trigo candial e o trigo-compacto pertencem a este último tipo. As espécies silvestres tinham espigas quebradiças que se partiam antes da colheita ou durante a mesma, enquanto nas variedades cultivadas as espigas se mantinham unidas à planta, o que era uma vantagem na altura da colheita. Nas fases mais primitivas da agricultura, as sementes ainda não tinham sofrido modificações e, portanto, não se podiam distinguir das variedades silvestres.

A forma permite freqüentemente afirmar se os grãos de trigo ou de cevada pertencem a variedades silvestres ou cultivadas, mas no caso de outras plantas comestíveis esta diferença é mais difícil de estabelecer. As variedades silvestres de legumes (lentilha, ervilhaca e ervilha), as de frutos (figo, maçã e pêra) e as de frutos secos (bolotas, pistache e amêndoas) são quase idênticas às variedades cultivadas, embora o tamanho destas últimas tenha aumentado com os anos. Nas ruínas arqueológicas só por vezes são encontrados vestígios de plantas comestíveis. As plantas foliáceas, como couve, alface, espinafre, cebola e o alho, e as plantas carnosas, como melão, pepino e cogumelos, raramente são encontradas nas escavações e, portanto, só é possível fazer conjecturas acerca do seu cultivo. Por esse motivo os arqueólogos centraram a sua atenção nos cereais. Com os vestígios disponíveis, pode afirmar-se que os cereais estiveram entre as primeiras plantas cultivadas, mas é provável que na mesma época já se fizesse a colheita e o cultivo de legumes.

Os cereais também se distinguem de muitas outras plantas comestíveis porque podem ser armazenadas por longos períodos, desde que se mantenham secos e protegidos de insetos e roedores. Os grãos podem ser torrados ou secos para evitar que germinem. Estas propriedades dos cereais tornaram possível que a energia investida na sua colheita pudesse dar rendimentos posteriores, de modo que o grão pudesse ser utilizado como dinheiro, pois era reconhecido um valor estabelecido como meio de troca. O armazenamento e, depois, o cultivo dos cereais permitiram a acumulação de riquezas, contribuindo assim para o desenvolvimento de uma sociedade em que o *status* se baseava na posse de riqueza.

Os membros da cultura Natúfia faziam a coleta de cereais silvestres e outras plantas, mas talvez também os "cultivassem" para proteger dos predadores, podendo até ter plantado algumas variedades silvestres. O desgaste da parte inferior dos dentes dos esqueletos dos habitantes de Natúfia foi atribuído à presença de areia na sua alimentação, devido ao uso habitual de pedras de moer na preparação dos alimentos vegetais. A proporção entre estrôncio e cálcio nos seus ossos é semelhante à que se encontra nos ossos dos animais herbívoros, e não nos carnívoros, o que faz suspeitar que as plantas seriam a base da sua dieta.



Os habitantes de muitos dos povoados da cultura Natúfia praticaram também a caça de determinadas espécies de animais selvagens. Cerca de 80% de ossos de animais encontrados em al-Wad e em Nahal Oren pertencem a gazelas e, em Abu Hureyra, às margens do Eufrates, possivelmente o ponto final da rota que as gazelas seguiam nas suas migrações naturais, cerca de 65% dos ossos são também deste animal. Em Beidha, nas imediações de Petra, no Sul da Jordânia, a cabra era o principal animal de caça, enquanto os restos encontrados em Ain Mallaha, no vale do Jordão, incluem ossos de gazela (44%), veado, gamo e javali e, em menor proporção, de touros selvagens, cabras, raposas, hienas e lebres. Também foram encontrados restos de pássaros, peixes, caracóis, mexilhões, serpentes, tartarugas e roedores em Ain Mallaha, embora pareça bastante improvável que todas estas espécies fossem utilizadas na alimentação.

Como no caso das plantas, o processo de domesticação afetou os animais, permitindo aos arqueólogos-zoólogos distinguir as variedades domésticas das selvagens pelas diferenças que aparecem nos ossos entre umas gerações e outras. Outros indícios da domesticação encontram-se na presença de animais fora do seu habitat natural, nas diferenças de tamanho, nas alterações de composição das manadas e na proporção entre as diferentes espécies. Não obstante, algumas destas diferenças não se devem unicamente ao processo de domesticação, podendo ter origem também nas alterações do clima. Depois da última glaciação diminuiu o tamanho de muitos animais, talvez para fazer frente ao aumento da temperatura; mas a domesticação favoreceu, evidentemente, os animais menores.

Os ossos dos animais encontrados nos povoados da cultura de Natúfia pertencem sobretudo a espécies selvagens. No entanto, em Ain Mallaha e no planalto de Hayonim, no sudoeste, os arqueólogos mediram um grupo de ossos de menor tamanho que os do lobo atual e que, com toda a probabilidade, pertenciam ao "melhor amigo do homem" – e ao mais antigo, como recentemente se comprovou – isto é, ao cão doméstico. Em Ain Mallaha foi encontrado o corpo de uma idosa enterrado com um cachorro de 3 a 5 meses que data do mesmo período, aproximadamente 10000 a.C. Embora seja impossível afirmar se o esqueleto é de um lobo ou de um cão, é evidente que o animal gozava de uma relação privilegiada com a mulher. Muitos dos ossos procedentes dos povoados da cultura Natúfia, ao contrário daqueles de épocas anteriores, mostram sinais de terem sido roídos, outro sinal da presença de cães. Não obstante, e dada a escassez de ossos de cão, é provável que fossem criados para ajudar na caça e não para servir de alimento. Encontrou-se também uma mandíbula de cão na caverna de Palegawra, no Nordeste do Iraque.

Este achado foi atribuído à cultura de Zarzia, um pouco anterior, aproximadamente de 11000 a.C., mas é muito provável que pertença a uma época posterior. Os especialistas não chegam a um acordo sobre se os membros da cultura Natúfia se dedicavam ao pastoreio de rebanhos e se cultivavam plantas, mas há poucos vestígios para demonstrar que era assim.

Características das povoações de Natúfia

Os cereais silvestres crescem ainda hoje no Oriente Médio, e nas poucas semanas em que o grão está maduro uma família pode colher uma quantidade suficiente para pelo menos um ano. No entanto, a dificuldade de transportar as provisões de grão e a necessidade de equipamento pesado, como as pedras de moer, favoreceram as povoações permanentes na época de Natúfia. Estas sedes eram ocupadas durante todo o ano, ou apenas em certos períodos. Os povoados ou os acampamentos localizavam-se em áreas onde cresciam cereais silvestres e eram estabelecidos outros acampamentos de caráter provisório em local onde houvesse caça. Os povoados encontravam-se por vezes a céu aberto e, em outras, em terraços ao lado de cavernas e de refúgios rochosos. As construções ao ar livre eram muito simples, cabanas circulares com tetos apoiados em postes de madeira. Muitas vezes eram escavadas a mais de um metro de profundidade para facilitar a construção e melhorar o seu isolamento. As cabanas geralmente tinham uma lareira e o chão era pavimentado com pedras. As encontradas em Ain Mallaha tinham de 3,5 m a 5 m de diâmetro. Sofriam freqüentemente reconstruções e é provável que fossem habitadas durante todo o ano. Conservam-se restos de nove cabanas, mas aparentemente originalmente existiram cerca de 50 habitações que teriam abrigado uma comunidade de 200 ou 300 pessoas, muito mais que aquelas que hoje compõem os grupos de caçadores e coletores, que contam com cerca de 30 membros. Sob o chão das cabanas foram encontrados esqueletos humanos, mas os enterros eram feitos em lugares afastados das construções. Foram encontrados vários túmulos individuais e outros que continham vários esqueletos. Não eram freqüentes as oferendas funerárias, mas é habitual encontrar objetos pessoais de adorno, entre eles contas de concha e de osso usadas em toucados para a cabeça, colares, pulseiras e argolas.



À esquerda: Apesar dos achados ocasionais de enterros da época mais antiga, a exposição dos cadáveres fora das casas ou em cavernas tornou-se algo habitual no período de Natúfia. Junto do corpo não se deixavam oferendas nem acessórios funerários, que permitam afirmar que os homens daquele tempo acreditavam em uma obrigação de satisfazer as necessidades dos defuntos na outra vida. No entanto, alguns esqueletos ainda conservavam os seus ornamentos pessoais, por exemplo, colares como neste túmulo de al-Wad (Mugharet al-Wad) no Monte Carmelo. O corpo estava enterrado em posição encolhida e tinha, à volta da sua cabeça, um toucado feito de tiras de conchas do Mediterrâneo enfiadas.

Os contemporâneos da cultura de Natuf

As culturas das montanhas de Zagros e do seu sopé são menos conhecidas que a de Natúfia e só foram feitas pesquisas em alguns sítios. Os utensílios de sílex encontrados em Zagros são semelhantes aos achados no Levante e pertenciam a comunidades de caçadores e coletores que exploravam uma ampla gama de animais e de plantas. No entanto, a utilização de utensílios feitos com pedra do solo e o deslocamento para povoados fundados aconteceram muito provavelmente um pouco depois que no oeste. Os restos procedentes de Zawi Chemi, um povoado a céu aberto no Nordeste do Iraque, que data de 10000 a.C., aproximadamente, sugerem que os seus habitantes usavam as pedras de moer e viviam em cabanas circulares. Os túmulos contêm, assim como os de Natúfia, adornos pessoais. Um cemitério desta época, que foi localizado na caverna de Shanidar, famosa pelo achamento de esqueletos muito mais antigos, da época do Neanderthal, continha 26 túmulos, entre eles o de uma criança com 1.500 contas ao redor da cabeça e a de uma mulher que tinha uma faca com cabo de couro e uma lâmina de foice com betume. Os esqueletos dos adultos encontrados na caverna de Shanidar estavam muitas vezes acompanhados por outras crianças pequenas, e alguns pensam que se trataria de alguma forma de sacrifício humano. Um achado intrigante procedente de Zawi Chemi é uma pilha de ossos formada pelos crânios de 15 cabras e os ossos de cerca de 16 aves de rapina, a maioria de águias do mar de cauda branca. A maior parte dos ossos de ave procede das asas, algumas das quais conservavam ainda intactas a sua forma. As marcas que aparecem nos ossos indicam que as asas foram cortadas, o que faz pensar em algum tipo de ritual mágico que incluía disfarces de penas de ave e crânios de cabra. Cenas parecidas aparecem nas pinturas murais encontradas no sítio muito mais recente de Chatal Huyuk.

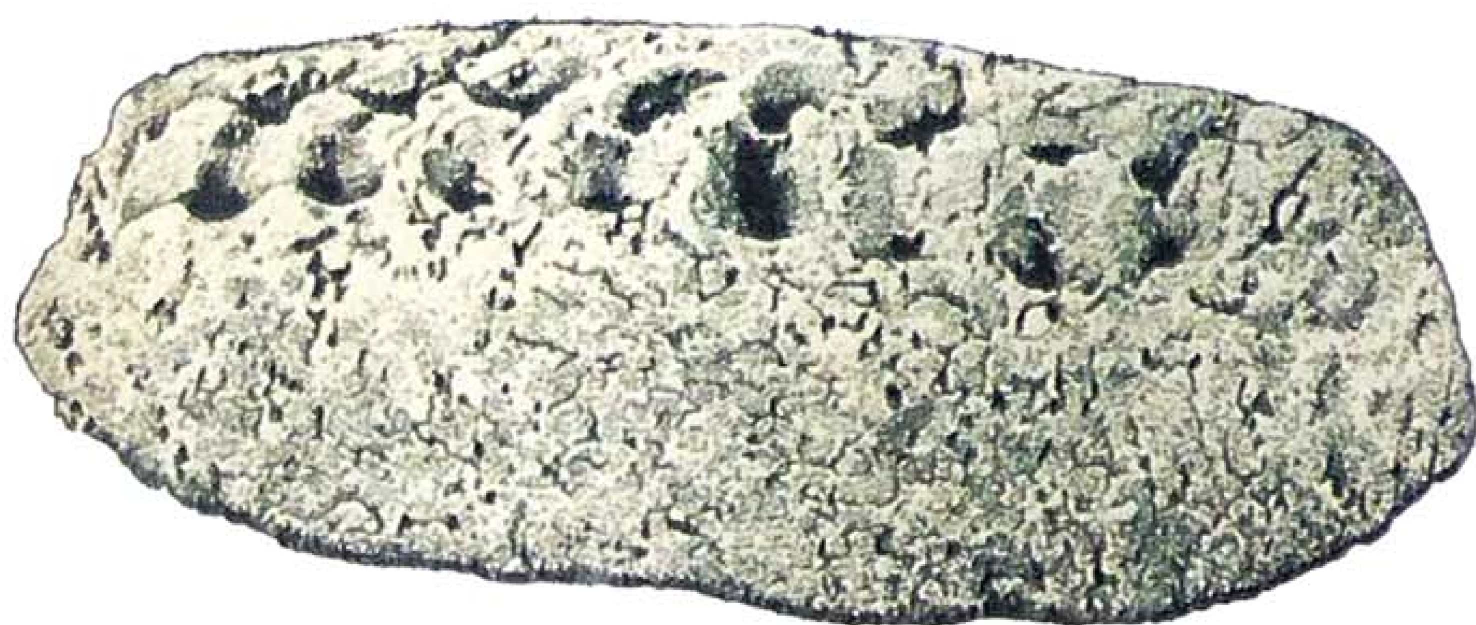
O Período Protoneolítico

No Levante, o período seguinte ao da cultura de Natúfia é conhecido como Protoneolítico ou Neolítico Pré-Cerâmico A. As povoações protoneolíticas são menos freqüentes que as da cultura de Natúfia ou que as do período posterior, ou Neolítico Acerâmico (Neolítico Pré-Cerâmico B). Talvez a excessiva exploração da terra, unida à escassa quantidade de chuva, tenham reduzido as reservas de alimentos, causando uma diminuição da população e, depois, uma maior dependência das plantas cultivadas e dos animais de pastoreio.

Os vestígios mais significativos deste período foram encontrados em Jericó, no vale do Jordão. Por volta do ano 9000 a.C. floresceu uma povoação nas proximidades das abundantes nascentes de água, onde os habitantes viviam em cabanas redondas de aproximadamente 5 m de diâmetro. Estas, assim como as da cultura de Natúfia, eram parcialmente subterrâneas, e a entrada era uma estreita passagem com degraus descendentes. As paredes eram construídas com tijolos feitos à mão, de barro seco ao sol, e arredondados na sua parte superior. Este é o exemplo mais antigo que se conhece da utilização de tijolos de barro, material que continua a ser usado habitualmente no Oriente Médio. O tijolo de barro tem muitas vantagens. Ele pode ser usado imediatamente, a sua fabricação é barata e a utilização fácil. Dá solidez às estruturas e é um bom isolante. No entanto, sofre facilmente a erosão provocada pela água e necessita de uma manutenção anual cuidadosa.

Por esta razão, os tijolos de barro não voltavam a serem usados quando uma construção desmoronava; o terreno era preenchido e se construía um novo edifício

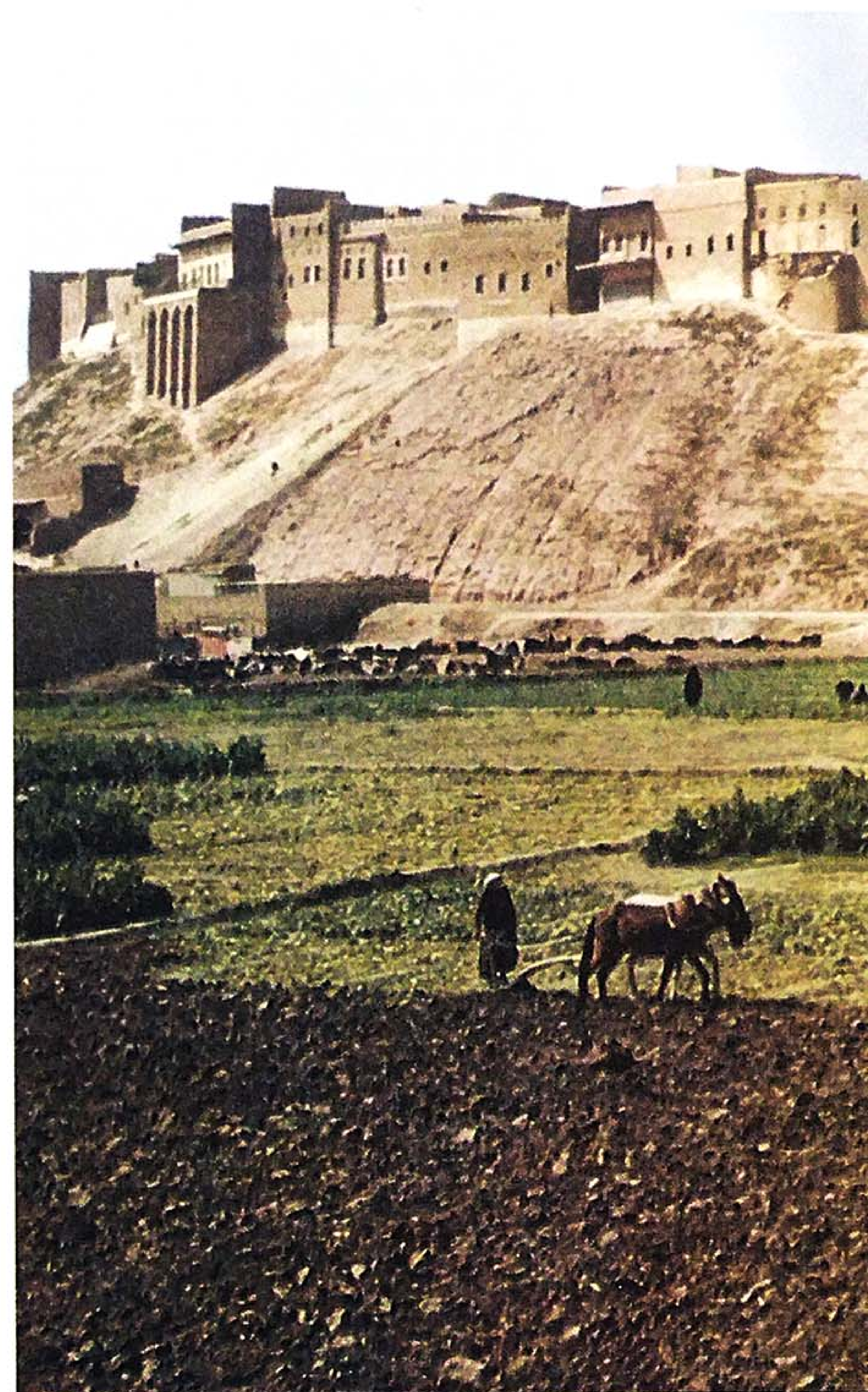
Abaixo: Tijolo de barro. O barro é o material de construção com maior variedade de usos. As paredes podem ser feitas de fiadas de barro ou, então, pode modelar-se o barro em tijolos, que se deixam secar ao sol antes de usar. Os tijolos mais antigos, do Protoneolítico, eram feitos à mão e tinham uma base plana e a parte superior arredondada. No Neolítico Acerâmico, os construtores de tijolos em Jericó produziram peças mais compridas, pressionando os polegares sobre a parte de cima das mesmas para gravar um motivo de espinha de arenque, que servia de trava à argamassa de barro. Em outros lugares, nessa mesma época, os tijolos eram fabricados com um molde.

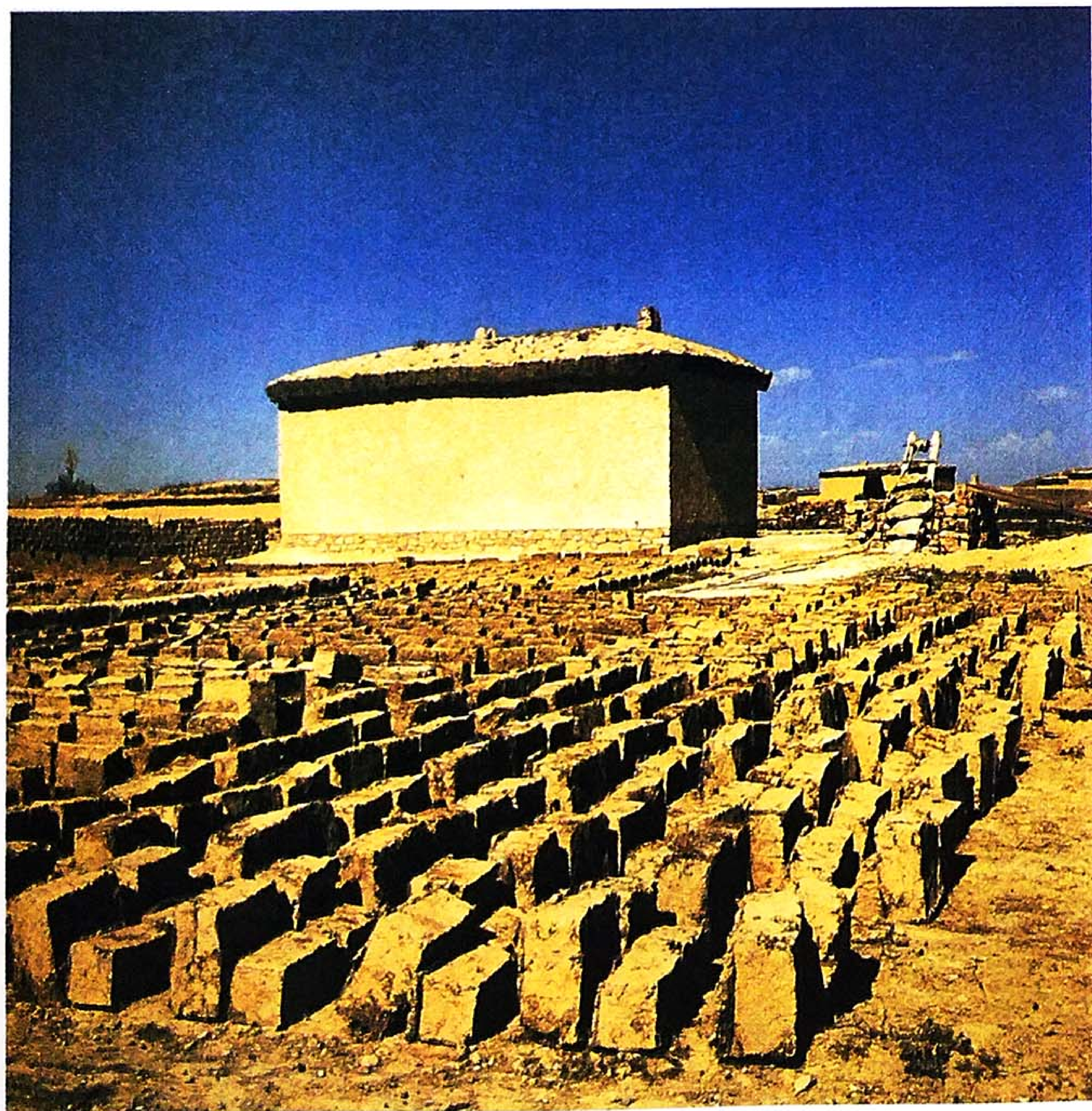


Abaixo, à esquerda: Para fazer o adobe, mistura-se barro, palha cortada e água, deixando-se repousar a mistura por vários dias. A palha evita que o tijolo abra fendas durante a secagem. Por vezes, em vez da palha utiliza-se cascalho ou qualquer outro material. O construtor de tijolos pega uma porção de barro e pressiona-o em um molde quadrado ou retangular. Deixam-se secar os tijolos ao sol durante várias semanas. Por este motivo os adobes são fabricados, sobretudo, no verão, depois da colheita, quando não há risco de chuvas e existe abundância de palha disponível. A forma e o tamanho dos adobes varia segundo as diferentes épocas, e muitas vezes o tipo de tijolo utilizado na construção ajuda a estabelecer a datação.

À direita: População do Noroeste do Irã. Como em épocas passadas em muitas das regiões do Oriente Médio, as casas são feitas de adobe e têm telhado plano. As paredes e os telhados são cobertos por uma argamassa de barro e palha. Quando um edifício desmorona ou é abandonado, retiram-se as traves do telhado, mas deixa-se o resto da estrutura, formando um pequeno montículo plano de barro. As edificações sucessivas ao longo dos séculos no mesmo lugar deram como resultado a formação de montículos elevados. Muitos dos sítios arqueológicos do Oriente Médio são feitos de escombros provenientes de vários estratos de edifícios.







sobre o anterior. Assim se sobrepunham uns edifícios aos outros, dando origem aos montículos que formam os típicos sítios arqueológicos do Oriente Médio. Em árabe recebem o nome de *tell*; em persa, de *tepe*, e em turco, de *hüyük*. Em Jericó foram identificados cerca de 25 estratos de construções, do Período Protoneolítico, que formavam um montículo de 10 m de altura.

Durante este período, sobre os restos de algumas das cabanas foram construídas uma muralha espessa e uma torre apoiada na parte interior do muro. A torre erguia-se na parte ocidental do povoado e foram encontrados restos da muralha nas áreas norte e sul. Se se considerar que a muralha cercava toda a povoação, mas não a nascente situada a leste, Jericó ocuparia uma superfície de três a quatro hectares. Calcula-se que a sua população oscilava entre 400 e três mil habitantes, mas o mais provável é que tivesse cerca de 1.500 pessoas. A construção do muro, na qual foram utilizadas mais de dez mil toneladas de pedra, requereu não somente mão-de-obra numerosa, mas também considerável organização e vontade políticas. Não é claro o seu objetivo nem o da torre. Inicialmente pensou-se que eram defesas contra invasões eventuais, mas é igualmente aceitável que a muralha e a torre servissem de proteção contra inundações.

Também foram encontradas provas da existência de plantas cultivadas na Jericó do Protoneolítico. Entre elas, seis grãos de cevada de duas carreiras com casca e dois grãos de trigo-escândea, assim como legumes e sementes de figo. Contudo, até estes vestígios serem submetidos à prova do carbono-14 para a sua datação, ou até que sejam encontrados em maior quantidade, mantém-se em aberto a possibilidade de que os restos sejam de época posterior ou que tenham sido para ali transportados por ratos ou formigas (embora admissível, é bastante improvável).



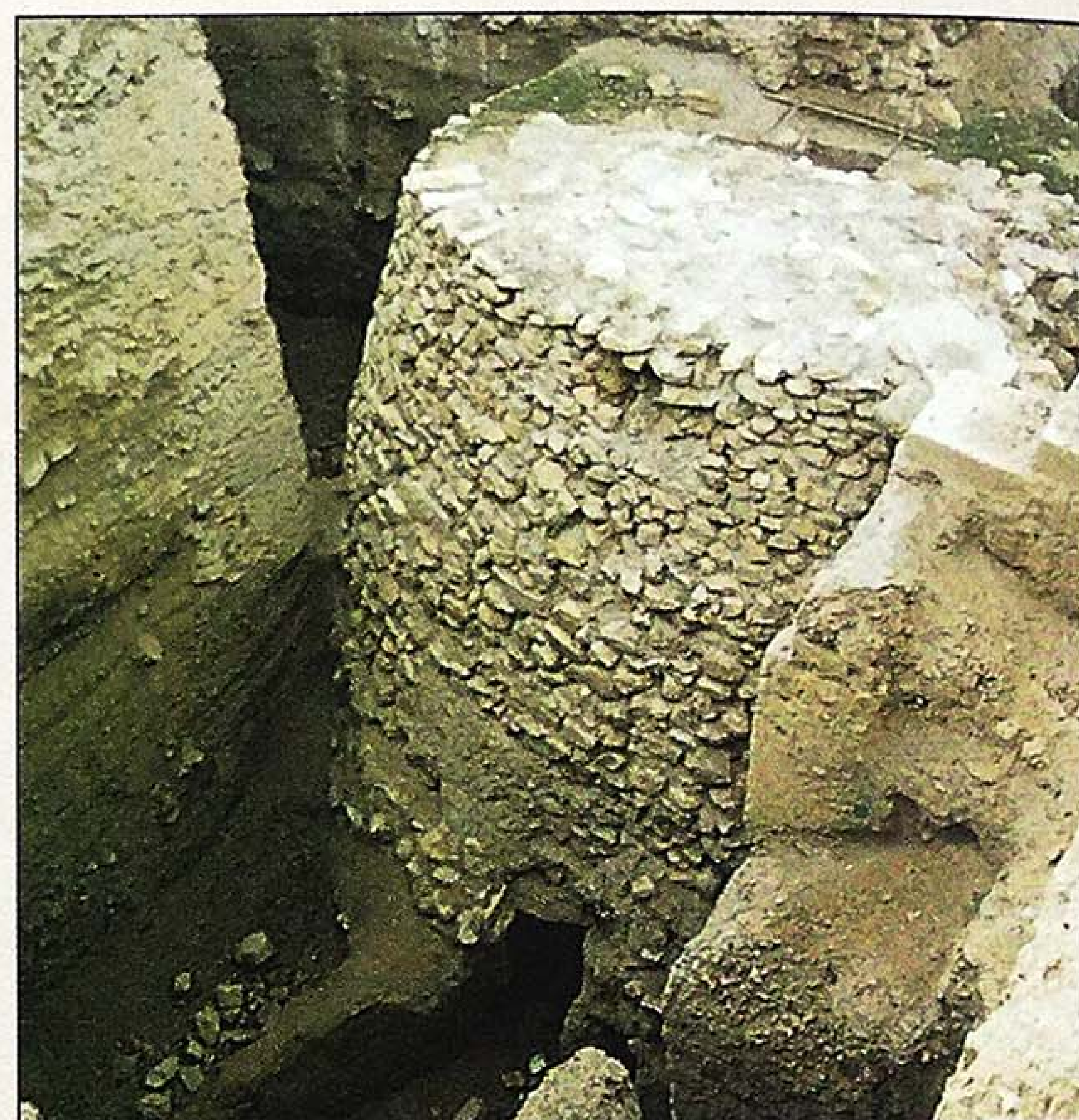
Jericó

A sede da antiga Jericó (Tell ai-Sultan) ficava no vale do Jordão, cerca de 200 m abaixo do nível do mar. Atualmente, Jericó é lembrada como a cidade na qual Josué fez soar a sua trombeta e as muralhas desmoronaram. Mas muito antes e depois da invasão israelita, em finais do 2º milênio a.C., esse povoado era uma cidade importante. A prosperidade de Jericó devia-se à abundante nascente de água no leste da cidade. O estrato de ocupação mais antigo está profundamente enterrado sob os restos mais recentes, e só foram estudadas algumas das suas áreas. Estas demonstram que, depois do povoamento da época de Natúfia, Jericó se tornou um centro importante no Protoneolítico (Neolítico Pré-Cerâmico A), o Neolítico Acerâmico (Neolítico Pré-Cerâmico B) e a Idade do Bronze.

Abaixo: No Protoneolítico, Jericó era rodeada por uma muralha em pedra e um fosso escavado na rocha. A povoação de cabanas circulares cobria provavelmente uma superfície de três hectares e abrigava cerca de 1.500 pessoas. Jericó desenvolveu-se muito cedo e nenhuma outra cidade da época se aproximou das suas dimensões. Somente no período posterior, no Neolítico Acerâmico, surgiram outras cidades tão povoadas e com uma organização tão complexa.



À esquerda: Em Jericó, durante o Neolítico Acerâmico, os mortos eram geralmente enterrados sem os crânios debaixo do chão das casas. Com toda a probabilidade, os crânios eram retirados do corpo, uma vez que tivesse ocorrido a putrefação da carne e dos tendões; a mandíbula inferior normalmente ficava unida ao resto do esqueleto. Alguns dos crânios encontrados debaixo do chão tinham os ossos faciais moldados com gesso e as covas dos olhos preenchidas com conchas de bivalves e, em um caso, com conchas de cauri.



À direita e abaixo: Um dos monumentos mais destacados da Jericó do Protoneolítico é a torre de pedra apoiada na parte interna da muralha. A torre mede 10 m de diâmetro e ainda existe um fragmento com uma altura superior a 8 m. Um corredor de 1,7 m de altura, no seu lado oriental, conduz a uma escada de 22 degraus, cada um formado por um bloco de pedra. A muralha da cidade foi restaurada e reconstruída várias vezes e escavou-se um fosso de 8 m de largura por 2 m de profundidade na rocha que rodeava o muro. Ainda se discute a finalidade concreta desta torre.

0 50m
0 50 100 150 pés
curvas de nível a intervalos de 2 m.
possível fosso
trincheira
traçado provável da muralha de época
torre
trincheira
possível localização original do manancial
tanque atual
traçado possível da muralha e do fosso no Protoneolítico
trincheira
possível fosso

Muralha posterior da cidade
Muralha posterior da cidade
Torre original
Escadas
Corredor e passagem

Os ossos de animal encontrados em Jericó pertencem, sobretudo, a espécies selvagens. Além disso, a proporção entre o grande número de gazelas e a pequena quantidade de cabras e de ovelhas é a mesma que no período anterior, quando se praticava a caça. No entanto, no Neolítico há vestígios de que as cabras e as ovelhas eram criadas em rebanhos. Não se conhece com certeza absoluta qual era a fonte de riqueza de Jericó. Podia provir do cultivo de cereais, utilizando a água das abundantes nascentes, ou do comércio com sal e com betume do Mar Morto, ou talvez da sua posição como centro de distribuição na área circundante.

O montículo do Tell Mureybet, nas margens do Eufrates, na Síria, é um povoado que existiu nos períodos da cultura Natúfia do Neolítico Acerâmico. Inclui os restos de cabanas redondas e ovais procedentes do Protoneolítico Inicial, assim como edificações do Protoneolítico Final, algumas das quais não possuem só uma habitação, tratando-se, antes, de estruturas retangulares de várias habitações. Este dado é considerado um indício da crescente complexidade da organização social.

Os restos de ossos de animais procedentes do Período Protoneolítico mostram que os seus habitantes caçavam asnos selvagens, gazelas e touros selvagens. Entre as plantas consumidas encontravam-se o trigo da classe escândea-menor silvestre, a cevada silvestre, a lentilha e a alfarroba amarga. É interessante observar que a escândea-menor silvestre já não cresce nessa região, donde poder-se deduzir que era cultivada em Tell Mureybet, mas também existe a possibilidade de que a distribuição deste tipo de trigo silvestre não fosse a mesma naquela época.

Período Neolítico Acerâmico

No Período Neolítico Acerâmico (também conhecido por Neolítico Pré-Cerâmico B e C no Levante), que começa por volta de 8500 a.C., aumentaram o número e as dimensões dos povoados, que se espalharam por todo o território. No final deste período, por volta de 7000 a.C., povoados como Tell Abu Hureyra, Ain Ghazal, Jericó, Beisamoun e Basta ocupam uma superfície de dez hectares cada, aproximadamente. Eles têm populações superiores a mil habitantes, o que exigia formas mais elaboradas de organização social. No entanto, nem todos os povoados do Neolítico Acerâmico eram tão grandes. Alguns ocupavam menos de um hectare de território. Nos planaltos da Anatólia e do Irã, e por todo o Oriente Médio, existiam núcleos rurais agrícolas com população sedentária que vivia do cultivo de cereais de colheita e da criação de animais domésticos. Os seus habitantes cultivavam variedades de cevada, de trigo-escândea e de escândea-menor, e no final desse período semeavam linho e trigo dos tipos candial, compacto e espelta. Eles criavam cabras, ovelhas e porcos e, depois, provavelmente gado vacum. A caça e a coleta continuavam a ocupar, no entanto, um lugar destacado na economia. Alguns povoados, como os encontrados no Sinai ou no deserto da Jordânia, não fornecem indícios de que praticassem a agricultura.

Nos estratos mais antigos das escavações e nos acampamentos provisórios de caçadores, ainda eram bastante comuns as cabanas circulares. No entanto, observa-se uma tendência a construir estruturas retangulares mais complexas na pequena povoação de Beidha, perto de Petra. Enquanto os estratos mais antigos têm cabanas circulares semi-enterradas, os posteriores apresentam edifícios retangulares ou poligonais. Algumas das cabanas possuem salas retangulares de 5 a 7 m por 6 a 9 m, com piso de gesso pintado de castanho ou de vermelho. Outras parecem ter sido alicerces ou bases de pisos altos. Uma sala continha contas de osso, de pedra e de concha; em outra havia hastes para serem trabalhadas e uma parece ter pertencido a um instrumento de corte.

Enquanto na maioria dos povoados agrários os edifícios possuem várias habitações retangulares, o material de construção varia. As paredes eram de pedra, de barro ou de tijolos de barro, alguns deles feitos à mão com impressões de polegares na parte de cima para facilitar a adesão da argamassa de barro, e por vezes eram tijolos retangulares feitos em um molde. Os pisos eram de barro ou de uma argamassa de cal espessa, polida e decorada com tinta castanha ou vermelha. Algumas apresentam infra-estruturas cujo objetivo era, com toda a probabilidade, impermeabilizar e isolar da umidade.

Em Basra, no Sul da Jordânia, foram encontrados ocultos debaixo do piso túneis cobertos com lajes de pedra. Estas estruturas similares, chamadas alicerces do travejamento, também foram encontrados em Chayonu, no Sul da Turquia, e em Jarmo, no Leste do Iraque, cobertas por pisos apoiados em pedra ou em junco. Em Chayonu encontrou-se até uma espécie de piso de mosaico feito de pequenos calhaus. Alguns dos prédios mais modernos de Chayonu possuem infra-estruturas feitas de paredes que se entrecruzam (chamados alicerces em favos) e salas amplas que poderiam servir para realizar celebrações rituais da comunidade.

Situada às margens do Eufrates, próximo da confluência com o Rio Habur, Bouqras é a sede de uma população que data de finais do Neolítico Acerâmico. Alguns dos edifícios foram escavados e outros que estavam mais à superfície foram revelados após um inverno excepcionalmente úmido. As casas eram retangulares e mediam 5 a 7 m em média. Cada casa possuía cerca de nove salas, de planta quadrada ou retangular. Os edifícios alinhavam-se uns junto aos outros com passagens entre eles.

Tell Maghzalieh, que também data do Neolítico Acerâmico, é a sede de uma pequena povoação que ocupava, com toda a probabilidade, menos de um hectare. Era cercada por uma muralha de pedra de dois metros de altura, aproximadamente, ainda hoje de pé. Encarrapitada em uma colina sobre a corrente de água, o lugar não necessitava de proteção contra as inundações (ao contrário de Jericó) e a muralha servia provavelmente como defesa contra invasores, embora quase não haja indícios de atividade bélica neste período.

Enterros e rituais

Os métodos de enterro dos mortos no Neolítico Acerâmico mostram diferenças por toda a região. Muitas vezes os corpos eram enterrados sem cabeça – às vezes com a mandíbula inferior ainda unida ao esqueleto – debaixo do piso das casas, e os crânios eram depositados, agrupados, em outros lugares. O enterro separado de crânios era também praticado no Período Protoneolítico. No Neolítico Acerâmico era bastante utilizado em muitos lugares da Palestina e no Levante, e até em povoações rurais tão afastadas quanto Hacilar, no planalto da Anatólia, e Chayonu, perto das nascentes do Tigre. Por vezes os crânios eram decorados. Alguns foram raspados com uma lâmina afiada, outros pintados em ocre vermelho ou betume e alguns tinham conchas colocadas nas órbitas dos olhos, com os ossos faciais modelados em gesso. Foram encontrados crânios tratados desta forma elaborada em Jericó, Tell Ramad, Beisamoun e Ain Ghazal. Este modo de culto é interpretado como uma forma de veneração na qual os antepassados mortos exerciam, de acordo com as suas crenças, uma influência poderosa sobre os seus descen-

dentes e deviam ser apaziguados por intermédio de preces e sacrifícios.

Em Chayonu foram identificados três edifícios que se relacionavam com este ritual. Um pode ter sido usado para sacrifícios e outro contém numerosos crânios humanos, assim como várias cabeças de touro. Também foram encontrados crânios de animais em Ganj Dareh, nas montanhas de Zagros, e em Nemrik, no Norte do Iraque, onde estavam colados nas paredes dos edifícios. Práticas similares foram adotadas em Mureybet, no Período Protoneolítico, e nos santuários posteriores de Chatal Huyuk, e ainda hoje se mantêm nas montanhas do Irã.

Em vários poços, escavados em Ain Ghazal, foram encontradas grandes estátuas de homens e de mulheres, modeladas em argila sobre uma armação de junco. Estátuas semelhantes, que podem ter sido utilizadas em celebrações rituais religiosas, foram encontradas em Jericó e em Nahal Hemar, uma caverna no deserto da Judéia, a sudoeste do Mar Morto. A caverna continha ainda uma máscara de pedra com traços humanos, cabeças feitas de osso trabalhado e vários crânios de homem adulto ornados com betume com um motivo que representava cabelos trançados. Estes objetos se relacionavam, sem dúvida alguma, com a religião local.

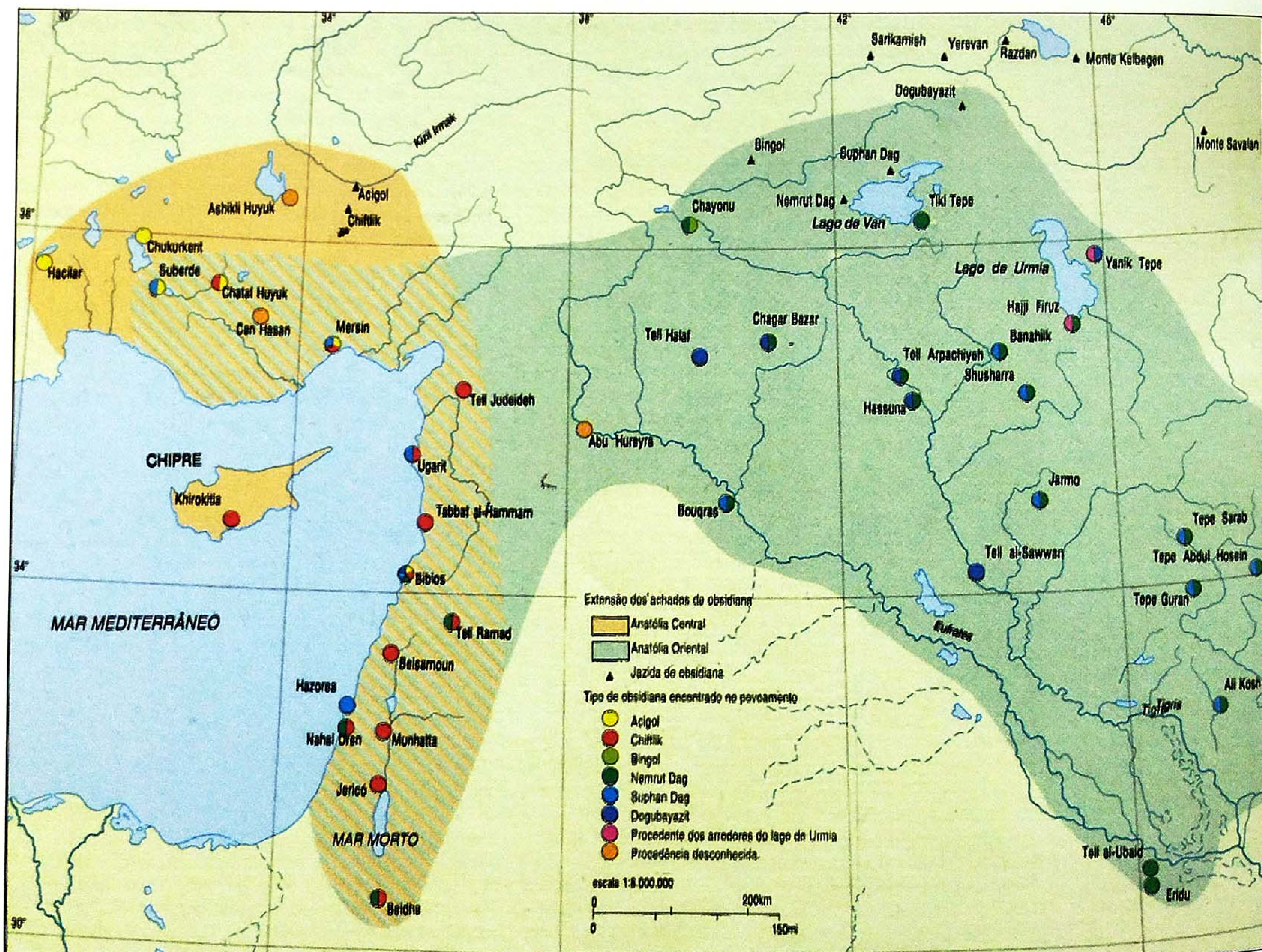
Foram encontrados exemplares de arte figurativa no período da cultura de Natúfia, mas são muito mais comuns no Neolítico Acerâmico. O povoado de Nemrik continha 15 esculturas de pedra estilizadas, que representavam pássaros, animais e homens. Também não é raro encontrar figurinhas de argila representando, sobretudo, mulheres. Em Bouqras foi preservada uma pintura mural que mostra um bando de pássaros.

Vínculos comerciais

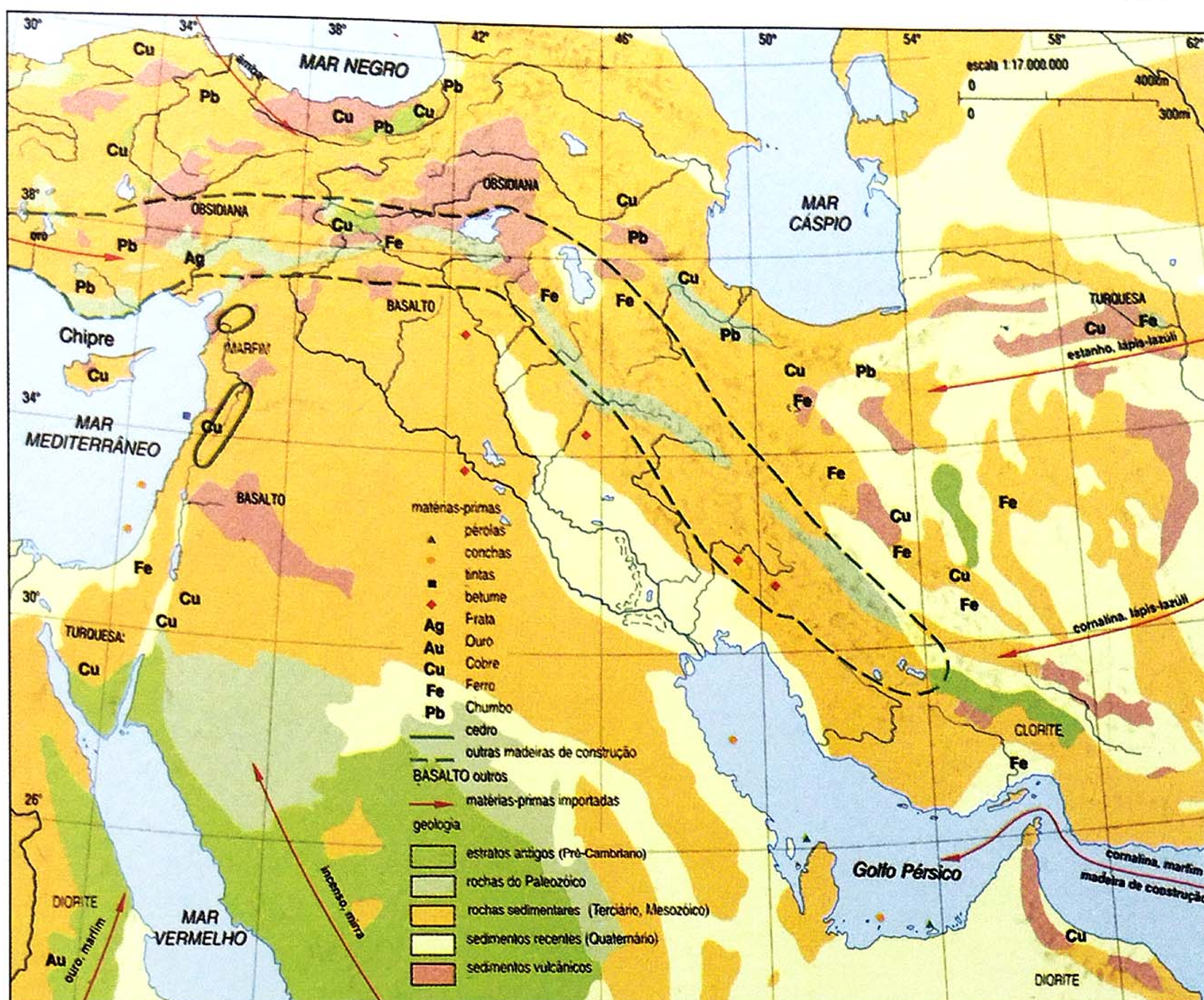
Muito antes do Neolítico já se praticava o comércio, pelo menos a importação de bens. Uma povoação de Wadi Hasa, que data de 15000 a.C. aproximadamente, continha conchas que foram transportadas mais de 100 km, do Mar Morto e do Mediterrâneo. As provas da existência de um comércio de longa distância durante o Neolítico Acerâmico são a utilização da obsidiana, um tipo de cristal de origem vulcânica usada para fabricar objetos cortantes. A obsidiana substituiu o sílex e o pedernal tradicionais, de uso comum na fabricação de utensílios. As análises científicas seguiram os vestígios da obsidiana até os seus lugares de procedência e descobriram extensas redes comerciais. A maior parte da que era utilizada na época mais primitiva do Oriente Médio provinha do planalto da Anatólia, na Turquia Central e Ocidental, mas no Neolítico Acerâmico a obsidiana era usada em lugares a mais de 800 quilômetros da sua procedência. Não é possível determinar com exatidão se a obsidiana era transportada por comerciantes profissionais, levada de uma povoação para outra ou se eram enviadas expedições comerciais até os centros principais. Também foram encontradas em regiões distantes dos seus lugares de



Acima: Estas admiráveis estatuetas de argila, que datam do Neolítico Acerâmico, foram encontradas em Am Gbazal, um sítio arqueológico dos subúrbios de Amã, na Jordânia. Embora o culto dos crânios, cujas provas foram encontradas em Am Gbazal e em outros lugares deste período, estivesse vinculado à veneração dos antepassados, a finalidade destas pequenas estatuetas ainda não foi esclarecida, embora fosse, sem dúvida alguma, religiosa.



Os recursos do Oriente Médio
As planícies das terras baixas da Mesopotâmia eram formadas por terras férteis e água. A agricultura representava uma grande fonte de riqueza, mas na planície faltavam muitos materiais que tinham de ser importados das montanhas do leste e do norte ou de zonas mais afastadas. Da periferia dos vales fluviais vinham vigas de madeira de boa qualidade e as pedras para construir, metais de muitos tipos, gemas e até pedras de moer para fazer farinha. Mas é difícil de identificar as fontes de todas estas matérias-primas. Alguns locais, hoje de pouca importância, podem ter tido um maior significado no passado.



Abaixo: No Neolítico Acerâmico, antes de se difundir o uso da cerâmica, os recipientes eram fabricados de um tipo de argamassa de cal denominado louça branca, como neste exemplar de Abu Hureira. Nos solos e nos edifícios eram utilizadas grandes quantidades de argamassa de cal. Em Chayonu um prédio tinha mais de 1,6 tonelada, enquanto outro, em Yiftahel, utilizou seis toneladas.



procedência conchas, pedras semipreciosas, cobre e betume. Existia, com toda a probabilidade, comércio de outros bens, como sal, tecidos, peles e outros produtos vegetais ou animais, mas não foram encontrados vestígios.

Avanços tecnológicos
Antes do achado da caverna de Nahal Hemar em 1983, as únicas provas da fabricação de cestos, da atividade têxtil e da existência de objetos de madeira neste período eram algumas impressões de trançado de juncos e de tecidos deixados em betume ou em argila, ou marcas na terra que desapareceram durante as escavações.

Em Nahal Hemar, os objetos conservados incluem foices com cabos de madeira, assim como fragmentos de esteiras grossas feitas de juncos e de ervas atadas com cordéis, cestos fabricados com rolos de corda trançada, revestidos com betume e centenas de fragmentos de corda, de barbantes a cordas de 10 cm de espessura. Em outros lugares foram também encontrados cestos e recipientes revestidos com betume, e eram muito comuns os recipientes talhados em pedra, dos quais foram encontrados, só em Jarmo, mais de dois mil fragmentos. Nas povoações do Neolítico Acerâmico, foram encontradas também muitas pulseiras talhadas em pedra. Outros recipientes eram feitos de um material branco, uma mistura de argamassa de cal e de cinzas, muito utilizada em algumas regiões do Levante. Na Mesopotâmia, os recipientes eram feitos habitualmente de argamassa de gesso. A argila era mais utilizada na confecção de estatuetas do que na de recipientes. Em Ganj Dareh foram encontradas peças intactas de cerâmica de argila em um estrato que foi destruído pelo fogo. Os recipientes eram, presumivelmente, feitos em argila para cozinhar que se queimou quando a povoação foi destruída.

A fabricação da argamassa de cal, utilizada nos recipientes de louça branca e nos pisos finos das casas do Neolítico Acerâmico, era um processo que requeria uma habilidade técnica considerável. Era necessária uma grande quantidade de trabalho e de combustível, assim como um forno capaz de alcançar temperaturas elevadas. A argamassa de cal era feita com pedra de cal triturada ($CaCO_3$), aquecida a uma temperatura de 850ºC durante vários dias, no fim dos quais se deixava arrefecer lentamente e produzia cal viva (CaO). Misturava-se então com água para obter a cal apagada [$Ca(OH)_2$], que era dissolvida em dióxido de carbono. Era fabricada em grande escala; um edifício de Chayonu necessitava de cerca de 1,6 tonelada de argamassa.

Em Chayonu, que fica apenas a 20 quilômetros das ricas minas de cobre de Ergam Maden, os arqueólogos acharam mais de cem contas, alfinetes e utensílios de cobre procedentes dos estratos mais antigos do sítio. Nas povoações do Neolítico Acerâmico, foram encontrados alguns objetos de cobre, entre os quais uma sovela procedente de Tell Maghzaliyeh (feita de cobre proveniente, acredita-se, do Irã Central, a mais de 1.000 km de distância) e contas provenientes de Tell Ramad, no Levante, e de Ali Kosh, no Sudoeste do Irã. Considera-se que estes objetos foram feitos a partir do cobre em estado natural e não de mineral fundido de cobre.

A utilização precoce do metal, as obras públicas, a especialização artesanal, o comércio de longa distância e a importância crescente da religião são provas de que as comunidades do Neolítico Acerâmico tinham dado grandes passos no caminho da civilização.

Comércio de obsidiana no Neolítico
A obsidiana é um cristal vulcânico que se apresenta em estado natural e se utilizava para fabricar utensílios cortantes muito afiados. Como as peças de obsidiana procedentes de sítios diversos têm composições químicas diferentes, por vezes é possível identificar as fontes de procedência dos utensílios de obsidiana. Durante o Neolítico Acerâmico, a obsidiana utilizada no Oriente Médio procedia da Ásia Central e da Anatólia Oriental. No entanto, não se acharam todos os sítios, e discute-se ainda a identificação de alguns tipos de obsidiana. A ampla difusão da obsidiana indica a existência de vínculos comerciais. Embora o volume de comércio não fosse muito grande, demonstra que os povoados primitivos não ficavam isolados nem eram auto-suficientes, mas mantinham contatos. No 4.º milênio, os utensílios cortantes de obsidiana foram ultrapassados pelas ligas de cobre.

Animais

A domesticação só pode ser empreendida com esperança de êxito com determinadas espécies de animais. Entre elas encontram-se os lobos, as cabras, os muflões asiáticos, o javali, os auroques, os gatos selvagens e os onagros, espécies todas elas autóctones do Oriente Médio, e que se supunha que fossem os antepassados do cão, da cabra, da ovelha, dos porcos, das vacas, dos gatos e dos asnos.

A informação que possuímos sobre os animais na Mesopotâmia procede basicamente de três fontes: os ossos desenterrados nas escavações, as referências em textos e as representações pictóricas. O estudo dos ossos dos animais não somente indica a espécie, mas também o sexo e a idade dos animais, e, por vezes, as doenças de que sofreu. Os textos antigos incluem repertórios de nomes de animais, assim como registros de contabilidade dos rebanhos do templo, observações dos animais na interpretação dos augúrios, e as listas de animais que eram capturados nas caçadas ou mantidos em cativeiro nos parques reais. Muitos animais – domésticos, selvagens ou fantásticos – eram representados nos monumentos e nos selos reais do Oriente Médio. Entre eles, elefantes, abutres, caranguejos, assim como serpentes, tartarugas e peixes, embora os animais que mais vezes são representados sejam aqueles que tinham maior importância na cultura da Mesopotâmia, como os leões e os touros.



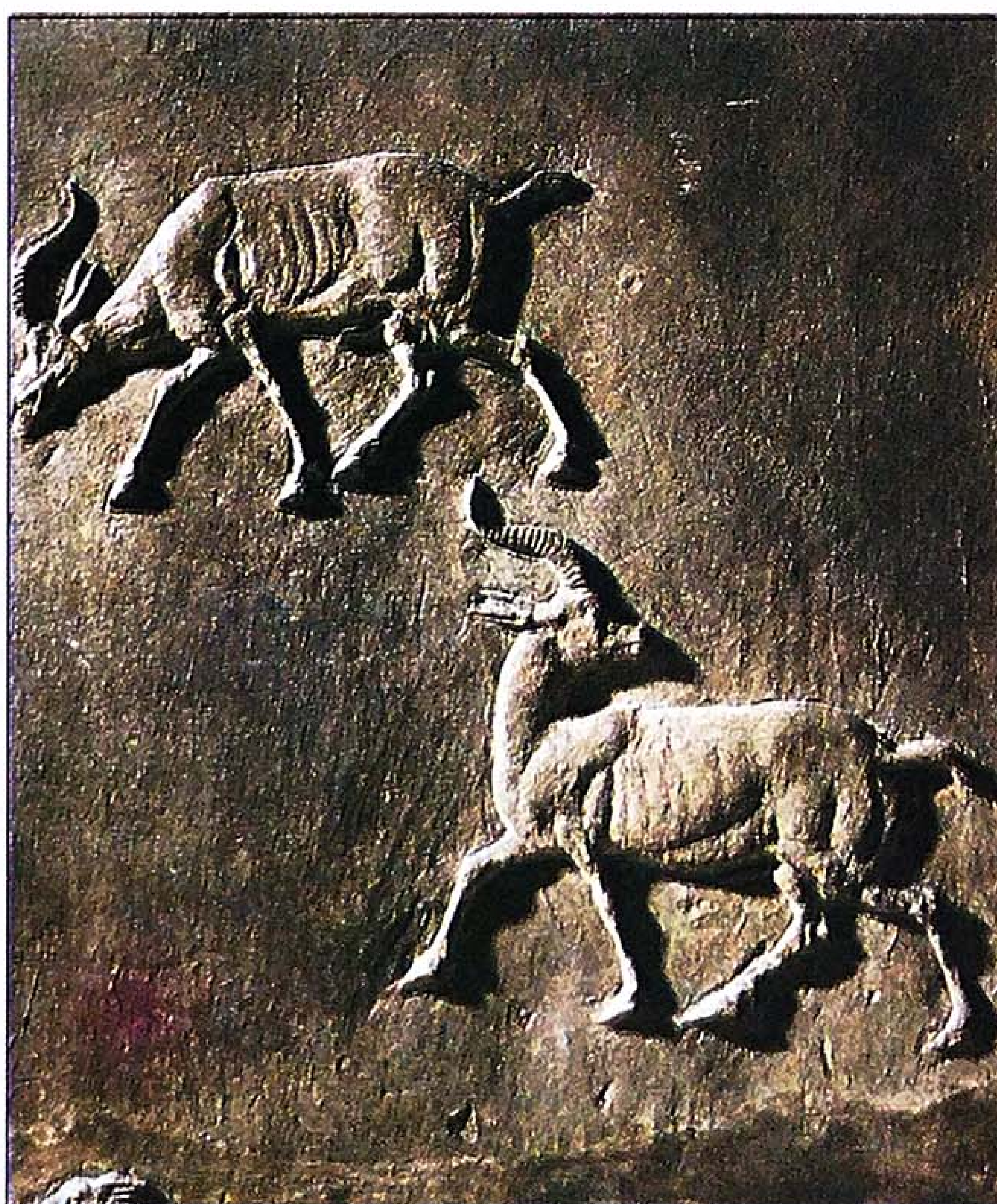
Acima: Um relevo do Palácio Norte de Assurbanipal (668 a.C.-627 a.C.), em Nínive, apresenta um exemplar de uma raça de mastins criada como cães de caça pelos assírios. Os esqueletos de cão encontrados nos túmulos de Ubaid em Eridu (c. 5000 a.C.) foram identificados como esqueletos de galgo.



Acima: Em um baixo-relevo do Palácio Noroeste de Assurbanipal (883 a.C.-859 a.C.), em Kalhu, aparecem cavalos sendo escovados e alimentados. Os cavalos chegaram à Mesopotâmia no final do 3.º milênio a.C., procedentes do Sul da Rússia, onde tinham sido domesticados pelo menos dois mil anos antes, e utilizados na guerra para puxar os carros. No 1.º milênio a.C. a cavalaria adquiriu maior importância, sobretudo nas campanhas em terrenos montanhosos. A aquisição de cavalos era uma das prioridades do exército assírio. As raças prediletas eram as que procediam das montanhas do Noroeste do Irã e da Núbia. As mulas eram apreciadas como animais de carga.

Animais selvagens domesticados

animal	*antepassado*	*região*	*data*
Cão	Lobo	Oriente Próximo	c. 11000 a.C.
Cabra	Cabra selvagem beozar	Oriente Próximo	c. 8500 a.C.
Ovelha	Muflão asiático	Oriente Próximo	c. 8000 a.C.
Porco	Javal	Oriente Próximo	c. 7500 a.C.
Gado vacum	Uro	Oriente Próximo	c. 7000 a.C.
Gato	Gato-montês	Oriente Próximo	c. 7000 a.C.
Galinha	Galinha-silvestre	China	c. 6000 a.C.
Lhama	Guanaco	Andes	c. 5000 a.C.
Burro	Onagro	Oriente Próximo	c. 4000 a.C.
Cavalo	Cavalo selvagem	Rússia meridional	c. 4000 a.C.
Camelo	Camelo selvagem	Arábia meridional?/ Sul da Ásia Central?	c. 3000 a.C.
Porquinho-da-índia	Cávia	Peru	c. 2000 a.C.
Coelho	Coelho selvagem	Espanha	c. 1000 a.C.
Peru	Peru selvagem	México	c. 300 a.C.



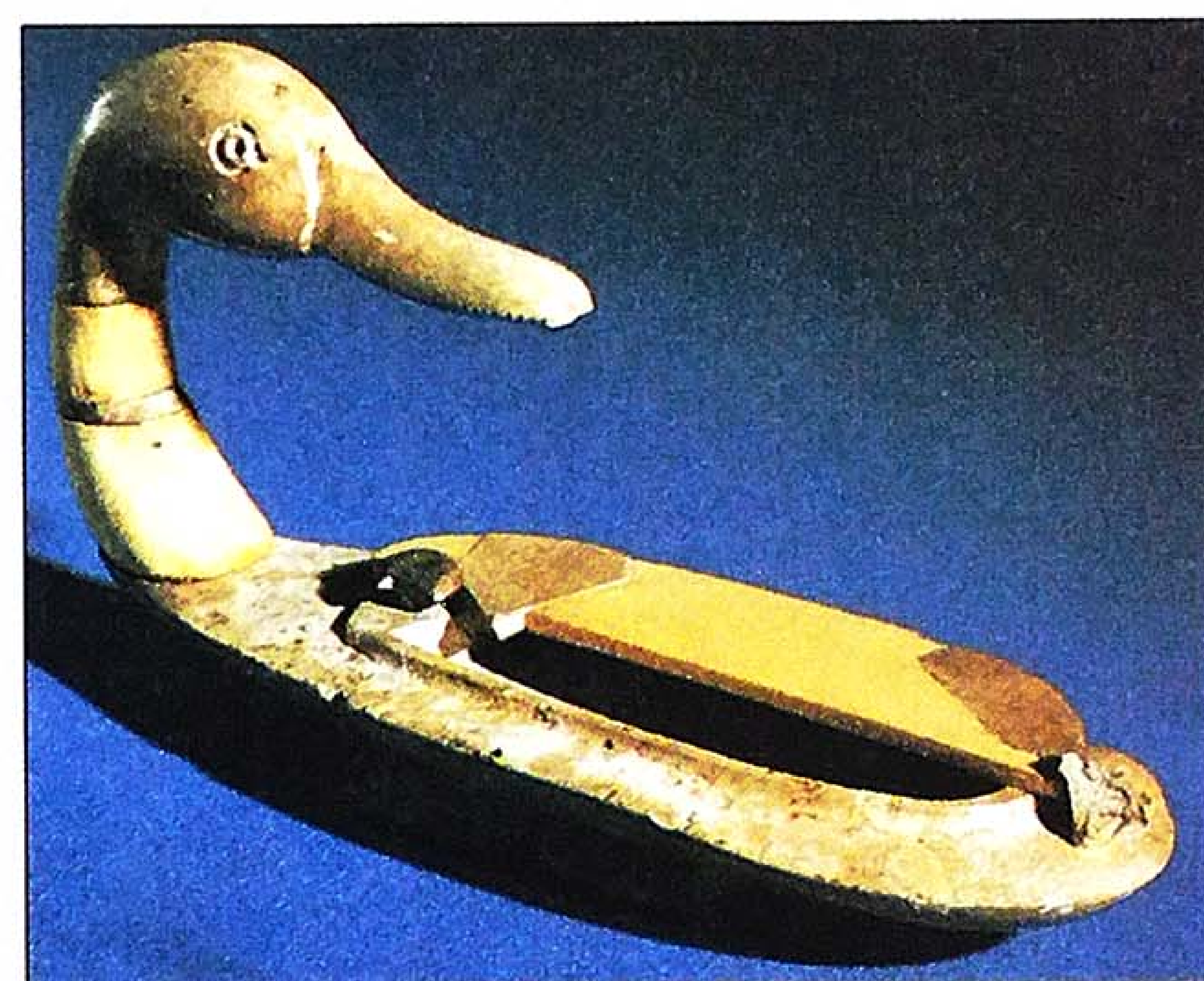
Abaixo: Os rebanhos de gazelas percorriam as estepes do antigo Oriente Médio. O rebanho representado neste relevo (detalhe) no Palácio Norte de Nínive foi espantado por um batedor e foge na direção do rei assírio, que está escondido, preparado para disparar.



Abaixo: Cabeça de ovelha de argila cozida, semelhante à cabeça de pedra arenosa encontrada em Uruk, que data de 3000 a.C. aproximadamente. A ovelha foi sempre o principal animal doméstico na Mesopotâmia. Os tecidos de lã foram uma das principais exportações. Comprimento: 13,6 cm.

Abaixo ao centro: Estojo de marfim procedente do Palácio de Niqmepa em Alalah (século XIV a.C.). As partes perdidas do pescoço e da tampa foram restauradas com madeira. Os patos e os gansos eram criados na Mesopotâmia desde 2500 a.C. e provavelmente desde muito antes. Comprimento: 13,5 cm.









À esquerda: Neste relevo procedente do Palácio de Assurbanipal em Nínive, vêem-se os árabes fugindo em cima dos seus camelos do invasor assírio. Os camelos foram introduzidos na Mesopotâmia na segunda metade do 2.º milênio a.C. O camelo, ou camelo da Bactriana, que procedia da Ásia Central e se fixou nas montanhas do Irã, e o dromedário, que provinha certamente da península arábica e se encontrava nos desertos do sul, eram utilizados para o transporte, mas participavam nos combates.

Acima: Estes animais estranhos gravados no obelisco preto de Salmaneser III (858 a.C.-825 a.C.), em Kalhu, faziam parte da tribo de Musri (provavelmente do Egito). O primeiro da esquerda era chamado "boi do rio" (talvez um búfalo); o segundo pode tratar-se de um rinoceronte, enquanto o terceiro parece algum tipo de cabra. Outros animais trazidos de Musri eram camelos, elefantes e macacos.

Cerâmica

A cerâmica mais antiga conhecida até hoje procede do Japão e data do IV milênio a.C. No Oriente Médio, a cerâmica apareceu três mil anos depois e pode afirmar-se que se tratou de uma invenção independente. Em todo o mundo, a cerâmica associa-se à vida urbana sedentária, dado que o seu volume e a sua fragilidade não a tornam adequada ao estilo de vida nômade dos povos caçadores e coletores.

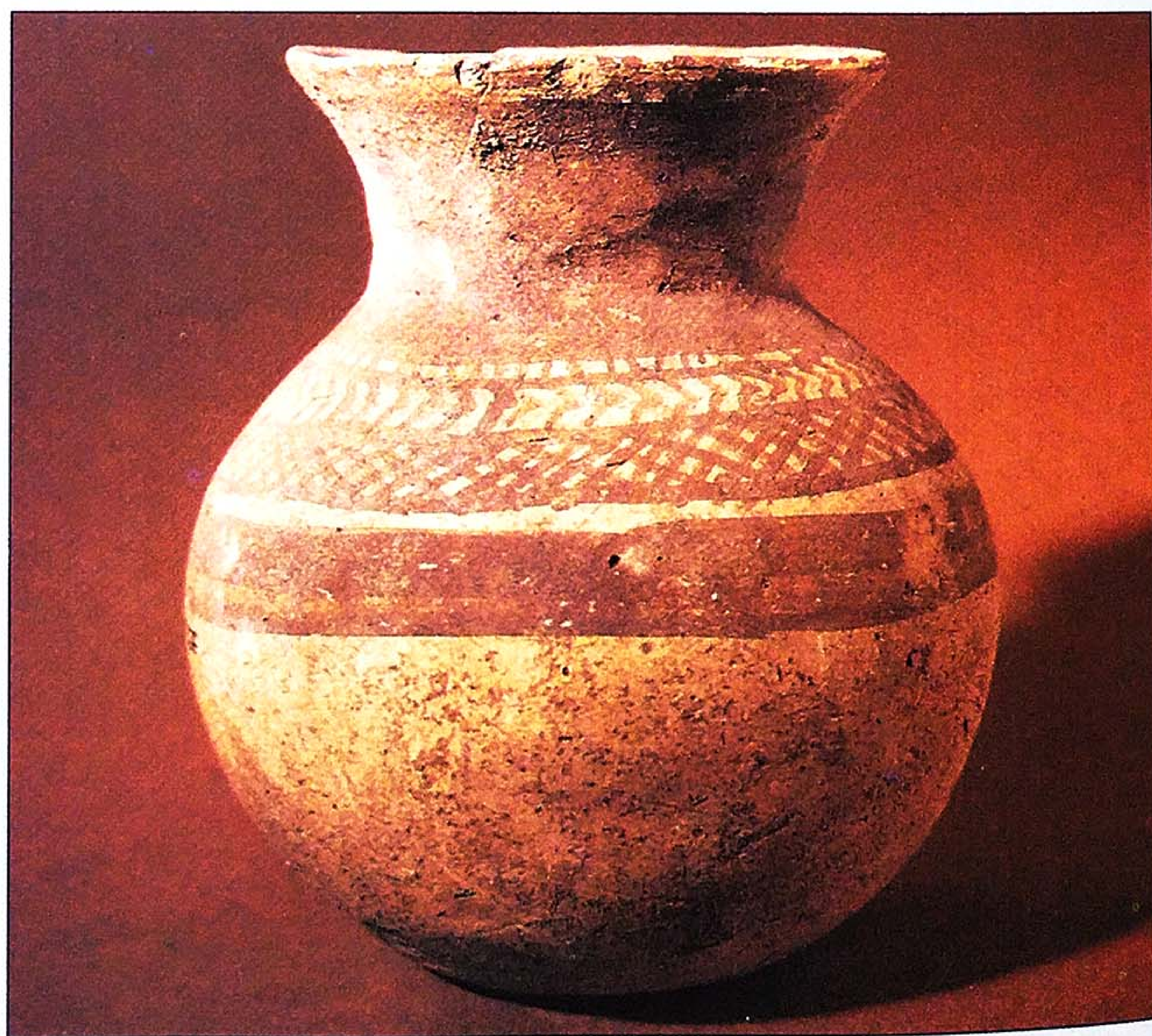
A cerâmica é um dos instrumentos mais úteis com que contam os arqueólogos do Oriente Médio, dado que em toda a região se encontra uma grande quantidade de fragmentos. Os recipientes de cerâmica são de difícil confecção e muito frágeis. As peças quebradas não podiam ser utilizadas novamente e eram jogadas fora. Felizmente, a argila cozida é quase indestrutível, conserva-se sob quase todas as condições. Muitas povoações estão cobertas por uma camada de cacos, depois de o vento e a chuva terem erodido a superfície do terreno.

O estudo da cerâmica proporciona muita informação. A procedência da argila pode ser determinada por análises científicas, dado que a composição química das argilas utilizadas pelos recipientes varia. Até sem a ajuda da análise é fácil distinguir entre diversos tipos de cerâmica. A mistura que se acrescenta à argila pode ser de vários tipos: areia, resíduos, cabelos etc. Cada uma deixa a sua marca na fabricação do recipiente. A cocção deste varia segundo as condições nas quais é feito. Especialmente a presença ou a ausência de oxigênio nas câmaras de cozimento modifica a cor da argila, que varia de vermelho (com oxidação) a cinzento ou preto (reduzida). Existe uma grande disparidade em formas e tamanhos, de pratinhos planos a enormes talhas. Algumas eram modeladas à mão e completadas com a junção de peças de argila em forma de bolinhas, de lâminas ou de anéis. Outras eram prensadas em móveis, ou ainda aquelas a que se dava forma em um torno lento (a partir de 4500 a.C.) ou em um torno rápido (a partir de 2000 a.C.). O tratamento dado à superfície também variava: alisava-se, esmaltando-a com uma fina camada de argila líquida, ou pintava-se com pigmentos de argila; podia-se polir, gravar, cinzelar, estampar ou fazer incrustações e, depois de 1500 a.C. vitrificar.

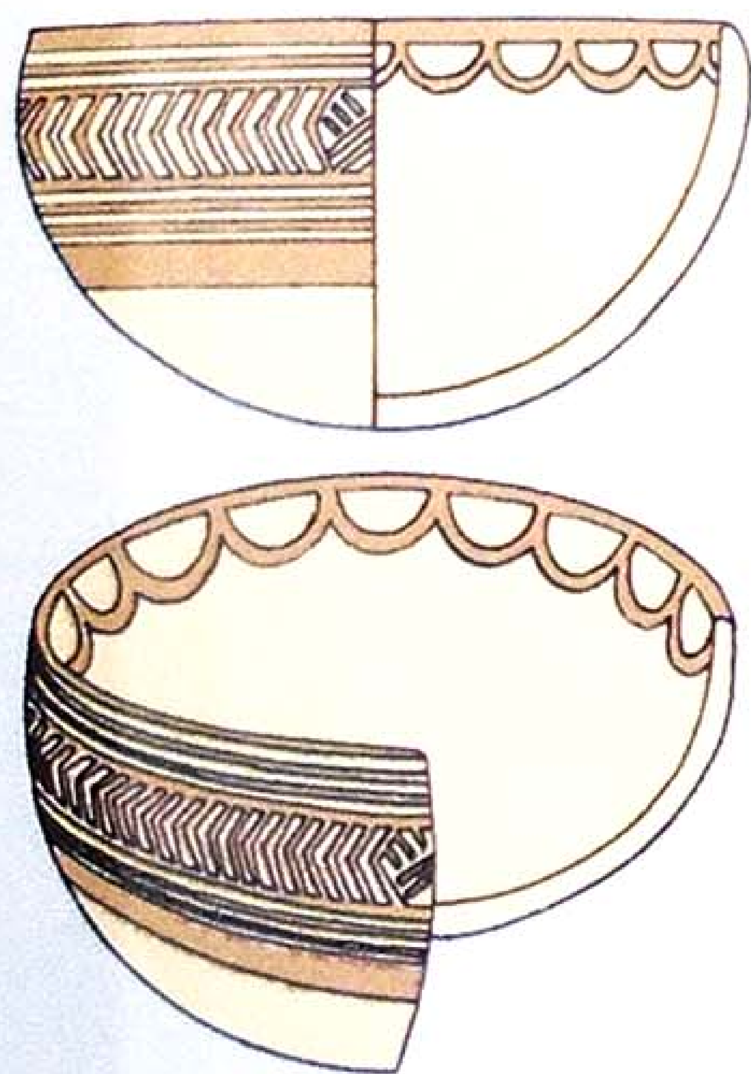
As técnicas de fabricação e de decoração diferem segundo as regiões e as épocas, de modo que a cerâmica presta um grande serviço no momento de datar um período. É muito útil para os tempos pré-históricos ou para outras épocas nas quais as fontes escritas não são abundantes. Além disso, os fragmentos recolhidos na superfície de um povoado podem ser utilizados para datar o momento de ocupação do lugar e para determinar as alterações nas características de uma região através do tempo. A cerâmica é também um indicador da atividade comercial e das influências culturais.

Apesar de os grandes traços do desenvolvimento dos estilos cerâmicos nas diferentes regiões do Oriente Médio serem bem conhecidos, é necessário prosseguir os estudos para aperfeiçoar a cronologia e compreender melhor os pormenores da fabricação e da distribuição da cerâmica na Antiguidade.





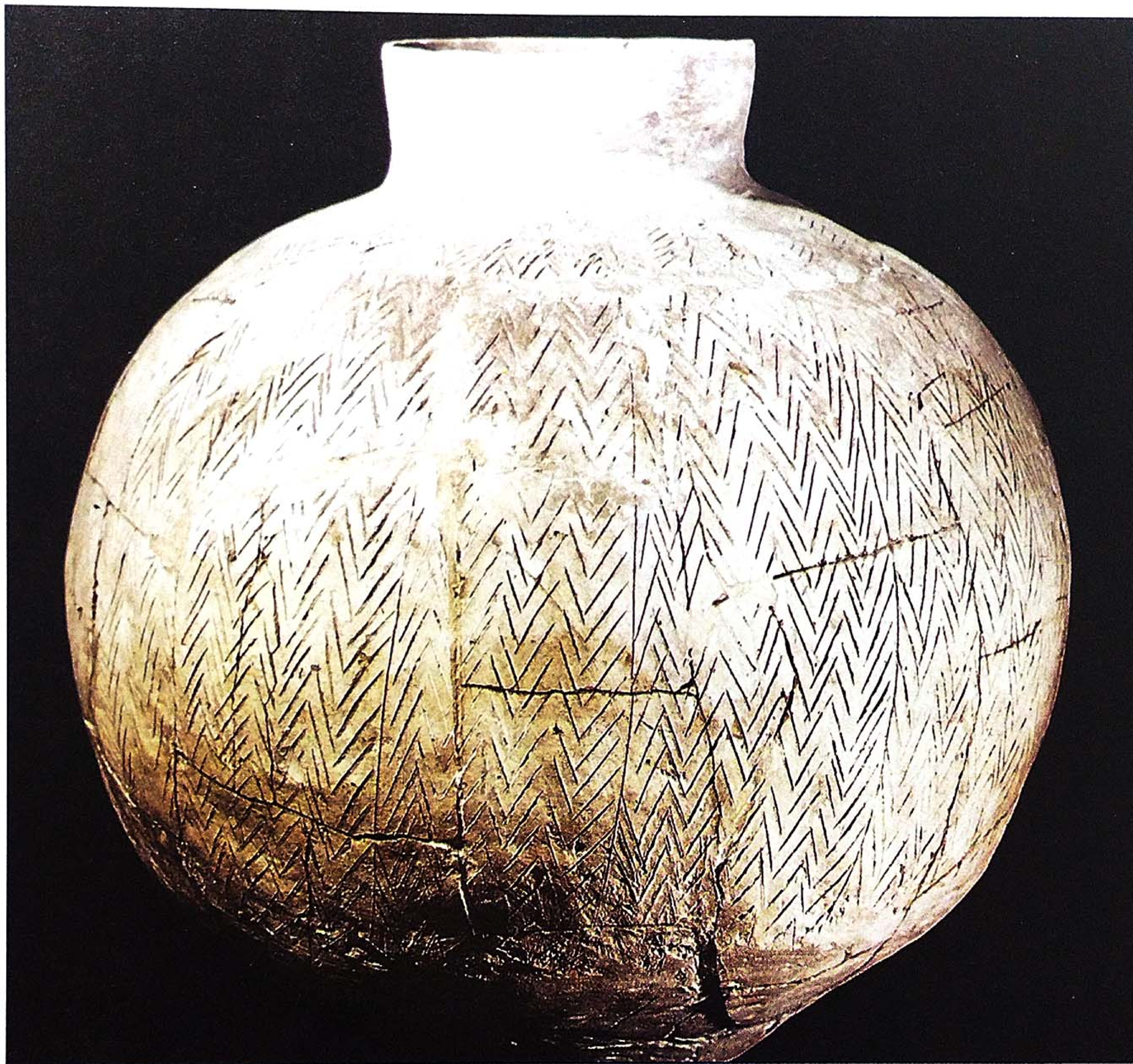
Abaixo: A cerâmica mais antiga era muito pouco cozida e ainda bastante porosa. A construção de fornos mais eficazes permitiu alcançar temperaturas mais elevadas de cocção e deste modo os oleiros de Hassuna puderam fazer recipientes para armazenar líquidos. Esta talha encontrada em Tell Hassuna data da época mais antiga de Hassuna, por volta do 7.º milênio a.C. É decorada com motivos de espinha de arenque, com linhas gravadas com um instrumento afiado. A cerâmica posterior apresenta por vezes os mesmos motivos, mas distingue-se pela qualidade da argila.



Acima: Os desenhos em escala dos recipientes de cerâmica encontrados nas escavações permitem aos arqueólogos estabelecer comparações entre eles. O método habitual é representar o recipiente visto lateralmente, tirando-lhe um quarto. Assim, um só desenho mostra a face interna e a externa, e o corte transversal da parede do recipiente.

À esquerda: No período de Ubaid (5900-4300 a.C., aproximadamente), a cerâmica cara era decorada com tinta de tons escuros. Os motivos mudaram com o tempo. Este é um exemplar do estilo mais tardio procedente de um túmulo de Ur. Diâmetro: 23 cm.

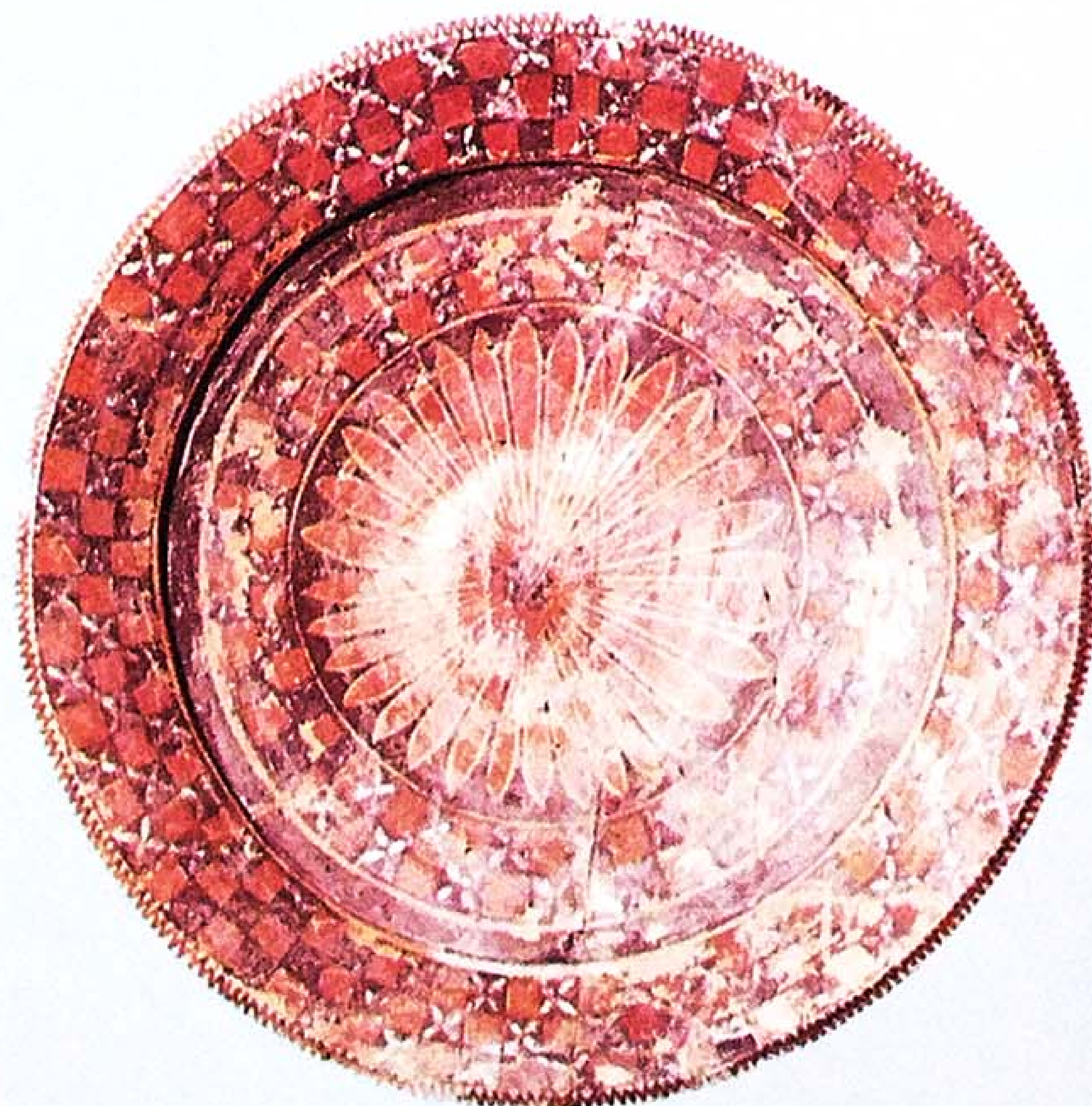
À esquerda: Só no Sul da Mesopotâmia se encontraram restos de cerâmica da época inicial de Ubaid. Do planalto do Irã ao Mediterrâneo, encontrou-se cerâmica do estilo do período final de Ubaid: esta talha procede de um túmulo de Tell Arpachiveh, perto de Nínive.



À direita: Um prato de barro do estilo de Samarra, procedente de Tell Hassuna. A cerâmica de Samarra é encontrada no Iraque Central, mas também em zonas do norte, onde a cerâmica de Hassuna era a mercadoria local. A cerâmica de Samarra apresenta por vezes motivos de arabescos como o que aqui é mostrado. O vaso de barro se quebrou e foi restaurado em época antiga, como se deduz dos buracos em ambos os lados da fenda. Diâmetro: 25 cm.



Mais à direita: Um dos exemplos mais finos da cerâmica do Oriente Médio é a de Halaf (6000 a.C.-5400 a.C., aproximadamente). Encontrou-se um grande conjunto de pratos de barro policromados no estrato mais recente de Halaf, em Tell Arpachiveh. O desenho geométrico era pintado de vermelho, preto e branco. Diâmetro: 33 cm.







A CAMINHO DA CIVILIZAÇÃO (7000 a.C.-4000 a.C.)

Povoados agrícolas iniciais

Depois da descoberta e da ampla difusão da agricultura e da criação de animais domésticos, surgiram diferentes tipos de povoados no Oriente Médio. Em alguns casos eram pequenas comunidades agrícolas, que se distinguiam das predecessoras pela utilização crescente da cerâmica, apesar de as formas cotidianas de vida permanecerem praticamente imutáveis. Outros se mostraram mais sofisticados nos objetos que fabricavam e usavam, assim como na sua organização social.

Este desenvolvimento culminou com a notável transformação urbana que teve lugar no Sul da Mesopotâmia no 4º milênio a.C., evolução que criou as bases das sociedades modernas.

Os povoados agrícolas iniciais do Oriente Médio foram estabelecidos nas regiões com colinas e nos oásis, de preferência em áreas nas margens dos rios ou nas regiões ribeirinhas de lagos e de mares. As planícies baixas, que não recebiam chuva suficiente para permitir o cultivo de cereais, eram ocupadas por tribos nômades. O cereal armazenado depois de uma boa colheita teria permitido a uma comunidade sobreviver depois de um mau ano, mas não valia a pena correr o risco de se estabelecerem em áreas com um regime irregular de chuvas, quando se dispunha de tanta superfície desocupada. A distribuição dos povoados de agricultores era muito semelhante à das regiões de cultivos de sequeiro atuais. Estas zonas correspondem a áreas que recebem mais de 250 mm de precipitação por ano, o que confirma a idéia de que o clima se modificou muito pouco nos últimos oito mil anos.

Ao contrário do Nilo, que transbordava na estação da germinação e permitia que os cereais crescessem sem que fosse necessária a água da chuva, as inundações dos outros rios do Oriente Médio aconteciam na primavera, a pior época do ano para o cereal, cujo cultivo ficava assim à mercê das chuvas.

O desenvolvimento da irrigação utilizando juncos modificou o modelo dos povoados. A colonização das planícies aluviais, férteis, mas afetadas pela seca, produziu crescentes colheitas, o que favoreceu o florescimento de povoados maiores, que finalmente deram lugar às primeiras cidades.

As alterações que se produziram depois do Neolítico Acerâmico e que conduziram ao início da urbanização espalham-se durante o Neolítico Cerâmico ou Final e o Calcolítico Inicial e Médio. Convencionalmente o que separa os períodos Neolítico e Calcolítico é o fato de os povos deste último utilizarem utensílios de cobre e de bronze juntamente com os utensílios de pedra talhada e polida do Neolítico. Não obstante, já no Neolítico Acerâmico eram usados alguns objetos de cobre, e, de fato, foram encontrados pequenos vestígios de metal em locais que datam de antes do Calcolítico Final.

Através das diversas épocas, as pequenas comunidades agrícolas diferenciam-se menos nas suas formas básicas de vida cotidiana do que acontece com os povoados mais antigos dos seus antepassados caçadores e coletores. A maioria das características da sociedade moderna encontrava-se ausente das sociedades de caçadores e de coletores e tiveram de ser inventadas ou descobertas em alguma fase. Alguns dos seus traços verificavam-se já no início do período formativo do Neolítico Cerâmico e no Calcolítico. Estas características contribuíram com uma base fundamental para que pudesse emergir a vida urbana.

O Neolítico Cerâmico

Até nas povoações do Neolítico Acerâmico foram encontradas peças de cerâmica crua ou cozida acidentalmente. No período que se seguiu, o Neolítico Cerâmico, os achados tornaram-se tão freqüentes, que os arqueólogos costumam definir as culturas locais segundo o tipo de cerâmica em vez de o fazerem pelos tipos de utensílios de pedra utilizados, que servem para determinar períodos anteriores. A cerâmica decorada é muito mais sensível às alterações da moda que a pedra talhada e é, portanto, um indicador mais preciso para definir a origem cultural e a data a que pertencem.

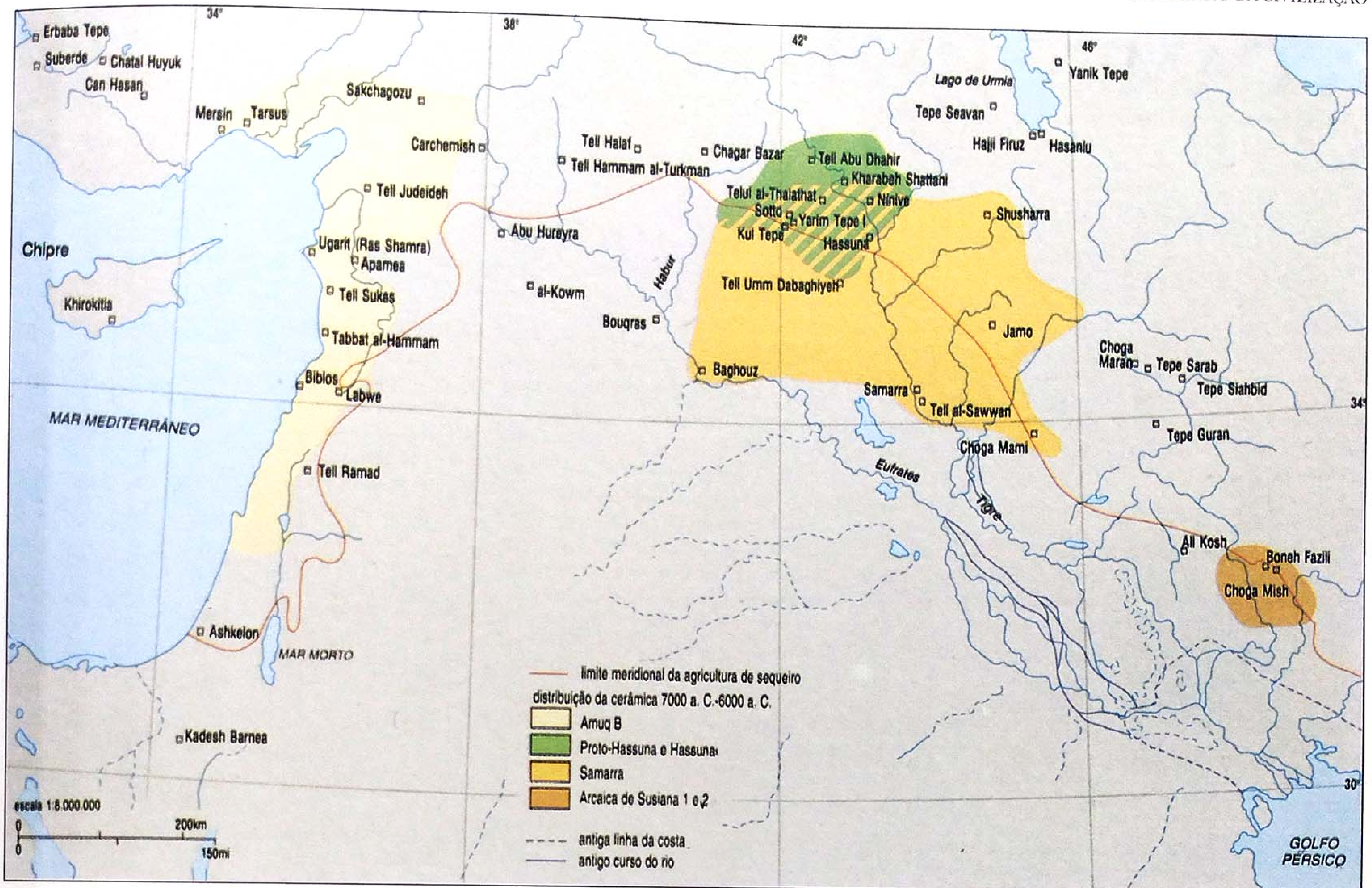
A transformação, através do calor, da argila branca moldável em cerâmica sólida impermeável e quase indestrutível é um processo quase mágico. Era conhecido pelos habitantes de Chayonu e Ganj Dareh, que já no 8º milênio a.C. faziam vasilhas e pequenas figurinhas de cerâmica. No Neolítico Acerâmico os recipientes eram normalmente de pedra, de madeira ou de cestaria, cobertos por vezes com betume ou gesso, ou com argamassa, como é o caso da louça branca do Neolítico Pré-cerâmico B. Não obstante, em torno de 7000 a.C., a cerâmica tinha se difundido por todo o Oriente Médio.

Em cada período os habitantes fabricavam alguns tipos e estilos determinados de vasilhas, permitindo assim a identificação de peças bastante pequenas de cerâmica. Os arqueólogos obtiveram muitas informações comparando as alterações na cerâmica de uma região, em um período de tempo, com outros tipos de modificações na cerâmica de outras áreas. Assim, foram usados fragmentos de vasilhas partidas para datar os povoados em que foram encontrados. Estes resultados, unidos aos dados sobre as alterações de estilo que tiveram lugar em um período relativamente breve, podem ajudar a estabelecer cronologias relativas, que muitas vezes são mais ilustrativas que as determinações pelo método do carbono-14.

As semelhanças em conjuntos de cerâmica podem ser um indicativo de ligações próximas entre grupos diferentes. A cerâmica que certamente foi importada de outra área mostra a existência de comércio ou de troca de vasilhas ou dos seus conteúdos. O estudo da cerâmica proporciona um dos melhores meios de investigar as sociedades anteriores à invenção da escrita, e até quanto aos períodos históricos é uma valiosa ajuda para o arqueólogo.

Assim como os povoados distribuídos durante o Neolítico Acerâmico pelos vales das regiões férteis do Oriente Médio, alguns povos começaram a explorar os recursos dos planaltos turcos e iranianos, estabelecendo-se nos vales fluviais da Mesopotâmia. A partir dali,

Páginas anteriores: Uma cena nos pântanos do Sul do Iraque. As modificações do curso dos rios deixaram submersas sob a água extensas áreas das planícies de aluvião do sul. A localização dos lagos mudou com os anos, e, embora os pântanos aparecessem nos relevos assírios do VII a.C, a sua localização exata no passado não pôde ser determinada. As águas tranqüilas dos lagos, repletas de peixes, permitiram um modo de vida alternativo ao das comunidades agrícolas que se encontram por todo o Oriente Médio.



Culturas antigas que conhecem a cerâmica
No 7.º milênio a.C. difundiu-se o uso da cerâmica decorada, o que permite aos arqueólogos distinguir entre diferentes grupos culturais, baseando-se nos diversos estilos de cerâmica. Em Hassuna e nas culturas arcaicas contemporâneas de Susiana e Amuq B já se utilizava o arado, o que permitia o cultivo de zonas mais amplas das terras menos férteis afastadas dos solos úmidos apreciados pelos agricultores anteriores. No período de Samarra, que, em parte, se sobrepõe ao de Hassan, os canais que transportavam a água pela força da gravidade permitiram irrigar os cultivos e melhorar as colheitas. As povoações agrícolas puderam deste modo estabelecer-se em áreas fora dos limites da agricultura de sequeiro.

as planícies da Mesopotâmia adquiriram maior importância, enquanto se produzia um declínio no Levante e na Palestina, cenários de notáveis alterações em épocas anteriores.

A povoação de Chatal Huyuk

Um número de povoados do planalto da Anatólia, Hacilar, Suberde e Cã Hassan III são semelhantes pelo seu grau de civilização e a sua cronologia para o Neolítico Acerâmico do Levante, mas nenhum deles é comparável ao de Chatal Huyuk, muito maior e mais bem conservado. A sua sede ocupa 12 hectares e os estratos do Neolítico medem cada um 15 m de altura. Até hoje não foi investigada a camada de construção mais antiga, mas segundo as provas fornecidas pelas análises do carbono-14, os 14 estratos restantes cobrem o período que vai de 6850 a.C. a 6300 a.C., próximo do Neolítico Pré-cerâmico B do Levante. Infelizmente, assim como aconteceu em outros sítios arqueológicos, os estratos mais recentes de Chatal Huyuk estão muito erodidos.

Pinturas murais

Algumas das habitações do povoado possuem extraordinárias pinturas murais, figuras em relevo nas paredes, nos bancos e nos pilares com chifres e cabeças de touro modeladas. Tratava-se provavelmente de lugares sagrados, pois tal decoração em uma casa comum teria sido estranha e inconveniente. No entanto, é surpreendente o número desses "santuários" (cerca de um terço das casas escavadas nos estratos sexto e sétimo). Tanto poderiam ter uma função puramente religiosa, e nesse caso a área correspondia a um distrito religioso, como poderiam pertencer a um tipo especial de alojamentos. As paredes e o piso das casas eram cobertos com camadas de uma fina argamassa de barro branco e em um edifício foram encontrados 120 destas camadas. A caiação era feita provavelmente uma vez por ano (as casas que se encontravam no mesmo nível têm aproximadamente o mesmo número de camadas), o que permite ter uma idéia da antiguidade dos edifícios. Nas habitações pintadas, as camadas com pinturas eram separadas por várias camadas de gesso simples, de modo que as pinturas fossem visíveis só em um breve período de tempo antes de serem cobertas. Não se sabe exatamente porque as paredes eram pintadas, mas o fato de as pinturas murais terem sido preservadas parece dever-se ao fato de as paredes serem caiadas. A pintura, que era feita com uma brocha de pêlo fino, quase sempre utilizava minerais comuns na Anatólia: ocre, azurita, malaquita, cinábrio, manganês e galena. Além do fundo branco ou creme-pálido, a cor mais usada era o vermelho e o vermelho-escuro, embora também fossem utilizados o amarelo, o cinzento, o malva e o azul.

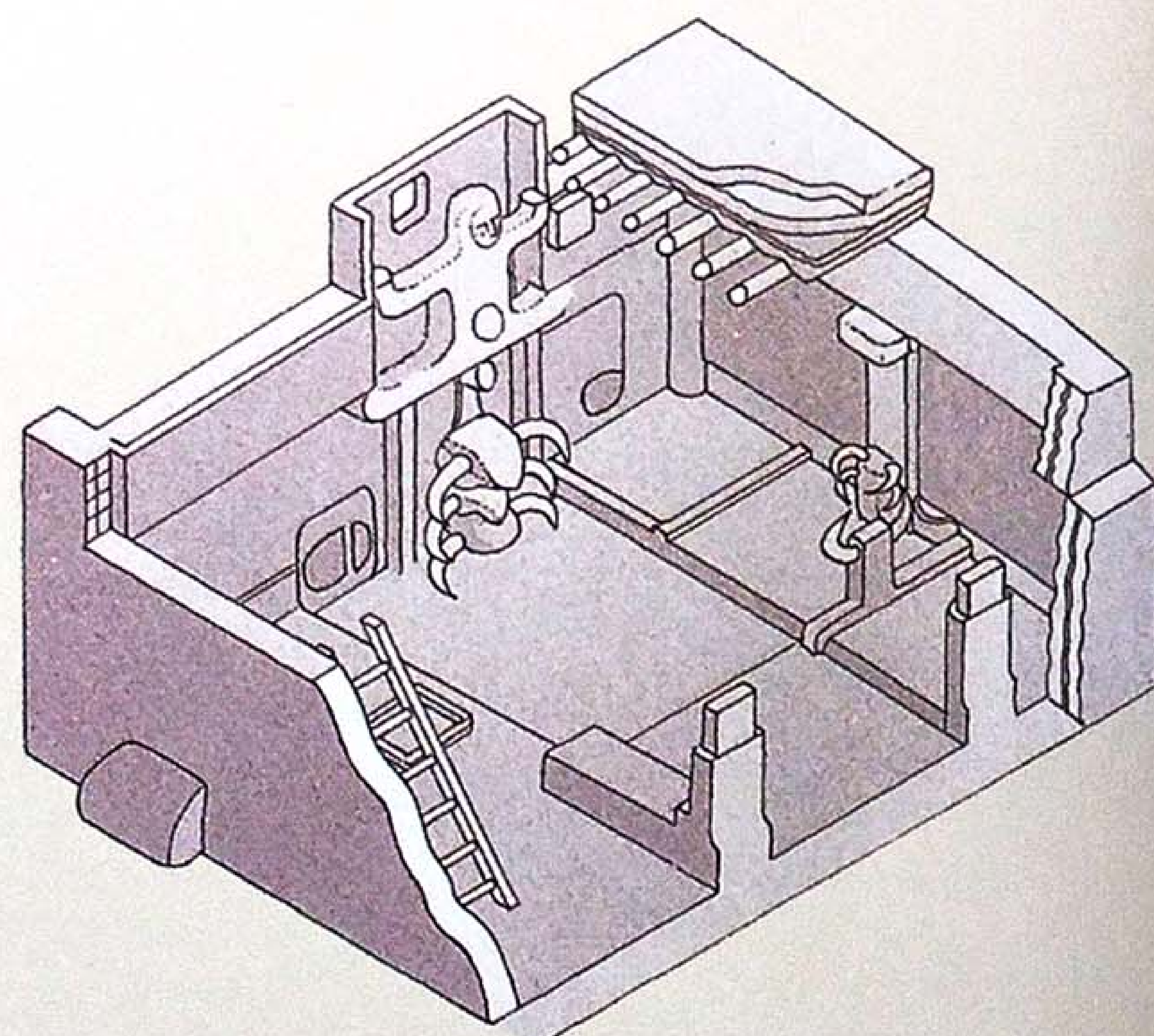
A maioria das cenas pintadas enquadrava-se entre duas pilastras da parede e ocupava um só painel; no entanto, algumas das mais impressionantes eram muito maiores.

Alguns painéis eram pintados de vermelho-liso, outros tinham motivos geométricos e algumas cenas com homens e animais. Certos especialistas compararam estes motivos com os dos tapetes tecidos, feitos tradicionalmente na Turquia, mas nesta data não há nenhuma outra prova de tecelagem com fio de diferentes cores.



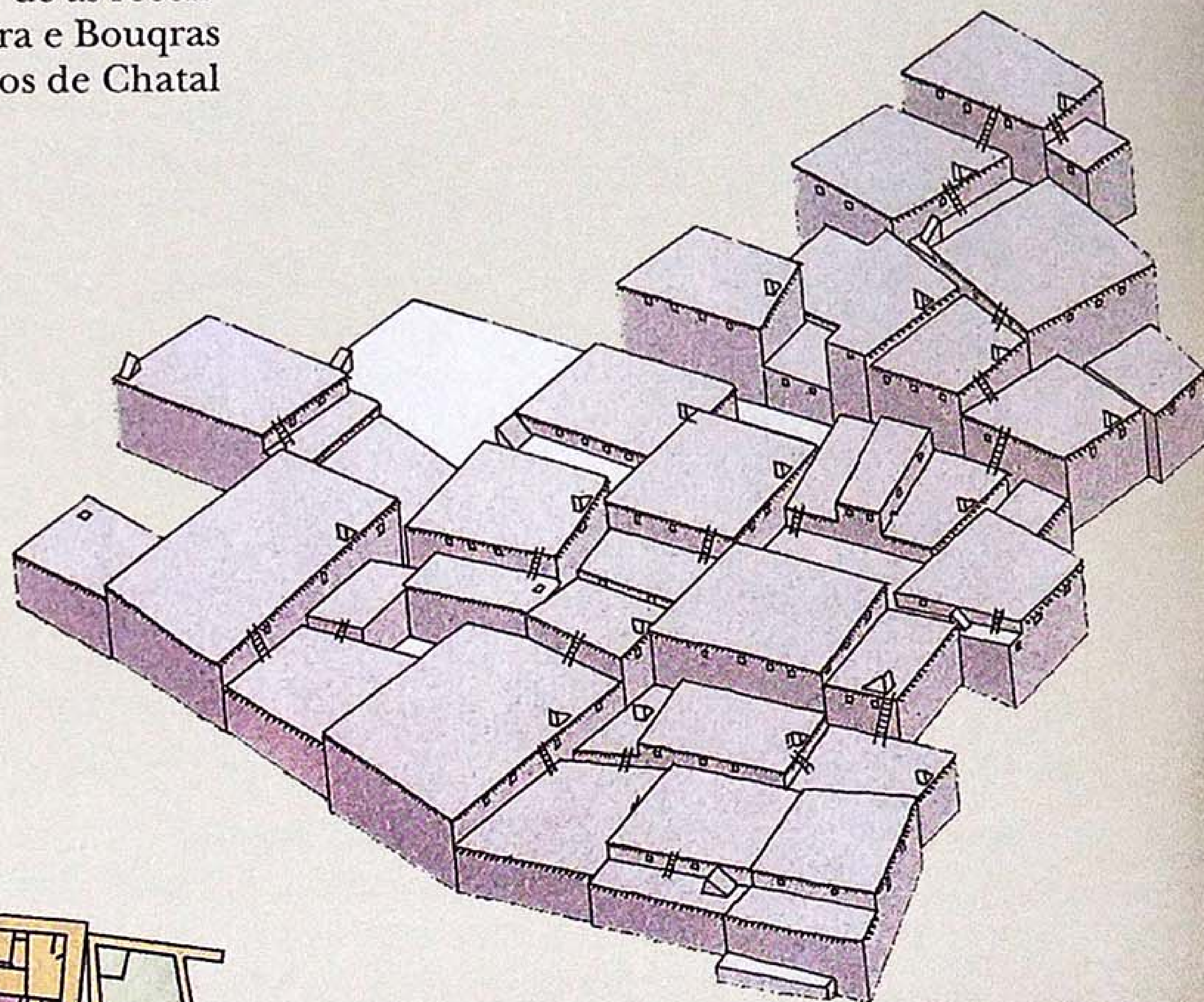
Chatal Huyuk

O sítio de Chatal Huyuk (Çatal Hüyük) foi escavado por James Mellaart entre 1961 e 1963 e produziu resultados inesperados e espetaculares. Revelou uma grande superfície urbana do 7º milênio a.C., onde as casas estavam em bom estado. Algumas, que o escavador denominou "santuários", tinham pinturas murais elaboradas e relevos modelados, com crânios de animais colados nas paredes. A decoração fantástica dos santuários tem dado lugar a muitas especulações sobre a natureza da religião dos seus habitantes. Pretendeu-se ver representadas deusas-mães e deusas do nascimento nas figurinhas, nos leopardos e nos seios modelados e colocados nas paredes, ao passo que se acredita que os numerosos crânios e chifres de touro simbolizam divindades masculinas. A religião, de qualquer modo, era uma força motriz dessa sociedade. As diferenças entre Chatal Huyuk e as simples comunidades agrícolas, que com anterioridade tinham sido consideradas características do período, são manifestas. Continua a ser uma povoação pré-histórica sem similar, apesar de as recentes escavações em Ain Gahzal, Abu Hureyra e Bouqras mostrarem os antecedentes dos progressos de Chatal Huyuk.



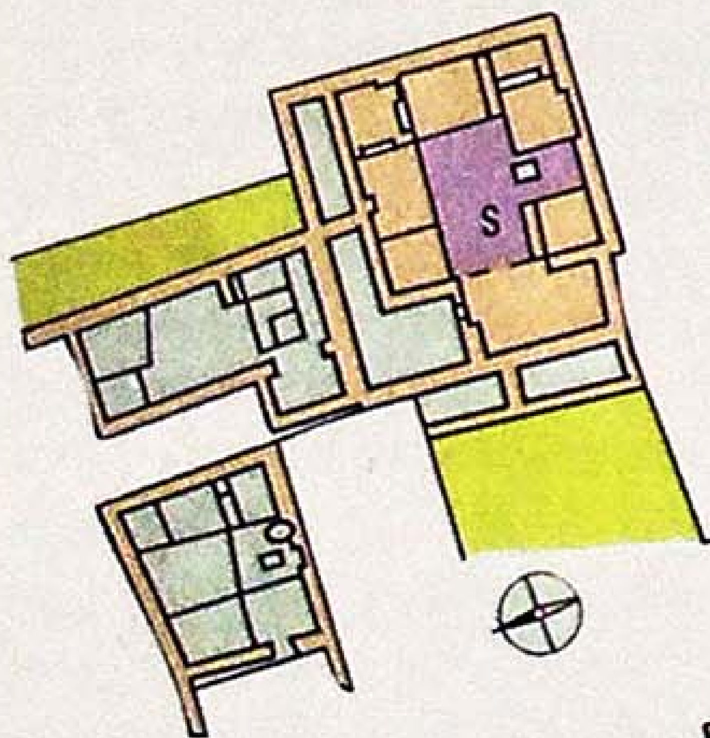


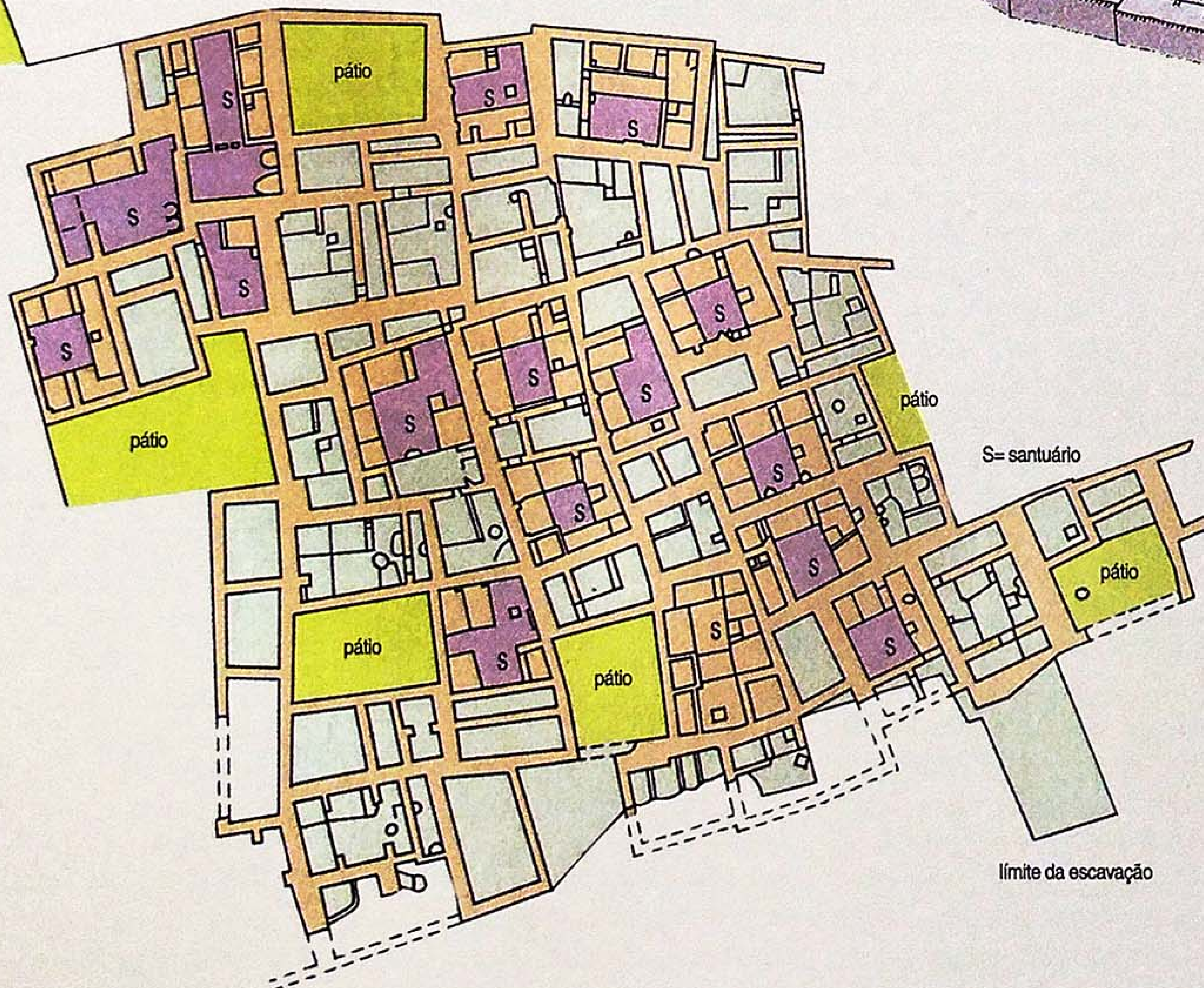
Acima: Figura de argila cozida que representa unta mulher gorda e grávida no momento de dar à luz. Tem sido identificada como uma deusa dos nascimentos, que se apóia em dois animais parecidos com gatos. A figura foi encontrada em um dos santuários mais recentes de Chatal Huyuk. A cabeça foi restaurada.



À direita: Reconstrução de uma parte do povoado do nível VIB. O acesso a estes edifícios de somente um pavimento era pelo telhado. Os telhados vão subindo em forma de terraço para o centro da cidade.

Acima, à direita: Reconstrução de um santuário do nível VIA. As paredes são de adobe, construídas sobre uma armação de vigas de madeira. Os homens eram enterrados debaixo da plataforma nordeste, e as mulheres e a crianças debaixo das outras.



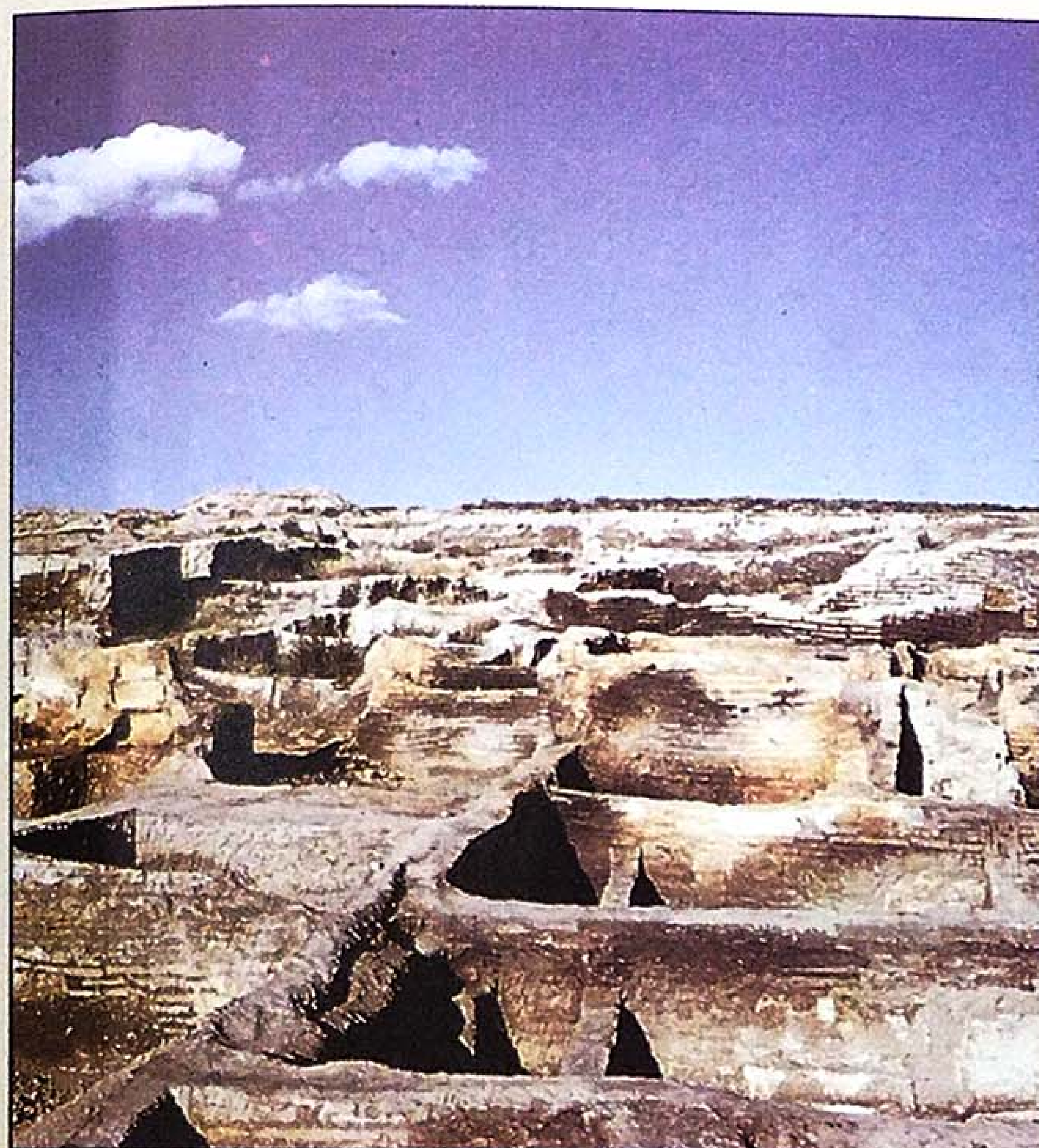


À direita: No nível VIB, as casas umas junto às outras dividem as paredes com as dos vizinhos. Aproximadamente metade dos edifícios foi catalogada como santuários. Entre as casas havia espaços abertos, formados pelos escombros das casas desmoronadas, utilizados para depositar o lixo. Geralmente, a planta da casa consistia em uma tosca habitação quadrada pela qual se tinha acesso a um compartimento de armazém comprido e estreito, por uma porta baixa ou por um buraco na parede.

Acima, à direita: Reconstrução das paredes norte e leste de um santuário do nível VII. As patas dos abutres têm uma aparência estranhamente humana e supõe-se que a cena mostra sacerdotes disfarçados de pássaros com um cadáver sem cabeça entre eles.

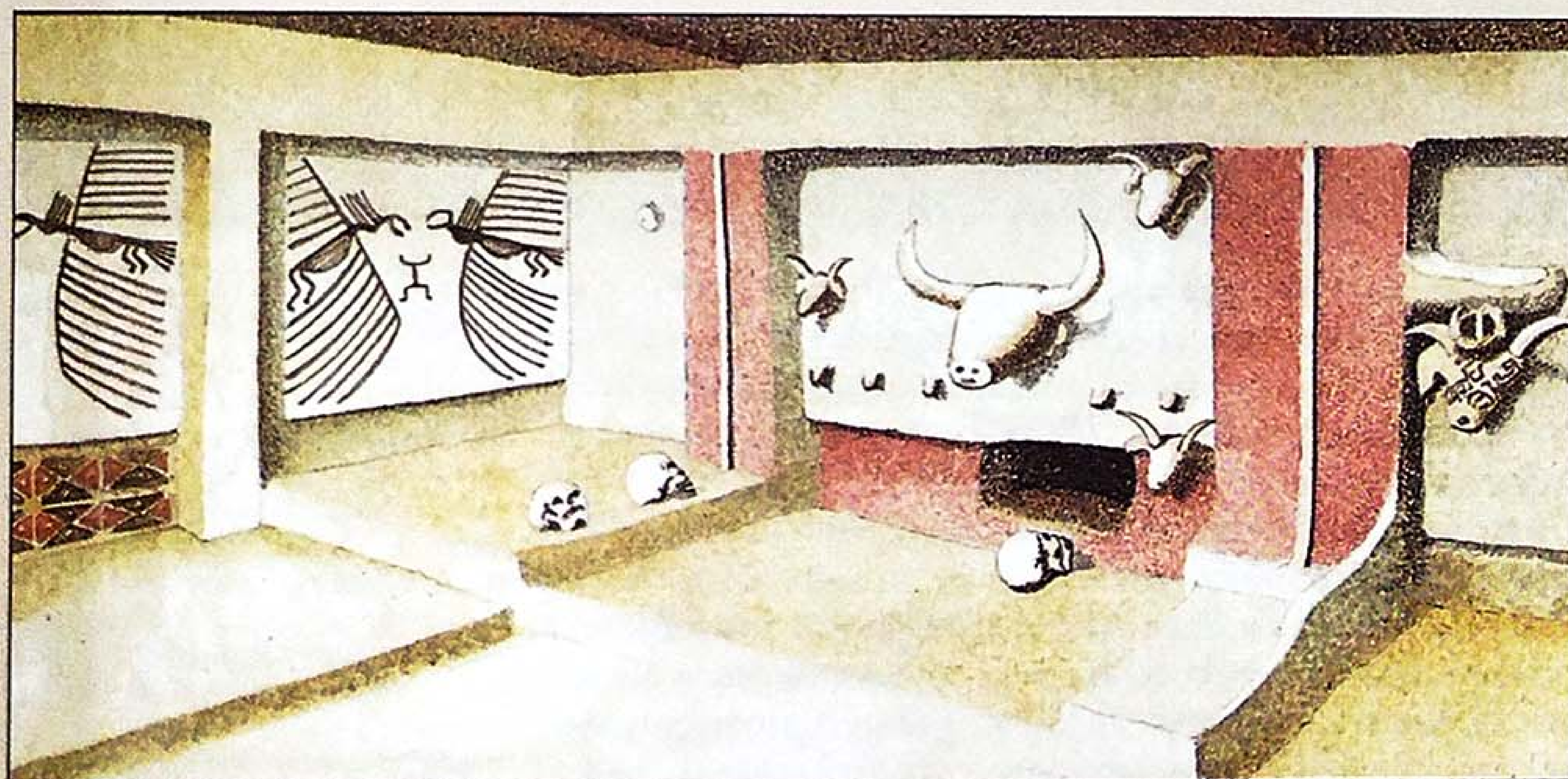
À direita: Um dos dois leopardos pintados em um santuário do nível VII. Os animais foram muitas vezes cobertos com uma fina camada de gesso e pintados de novo pelo menos em sete ocasiões.

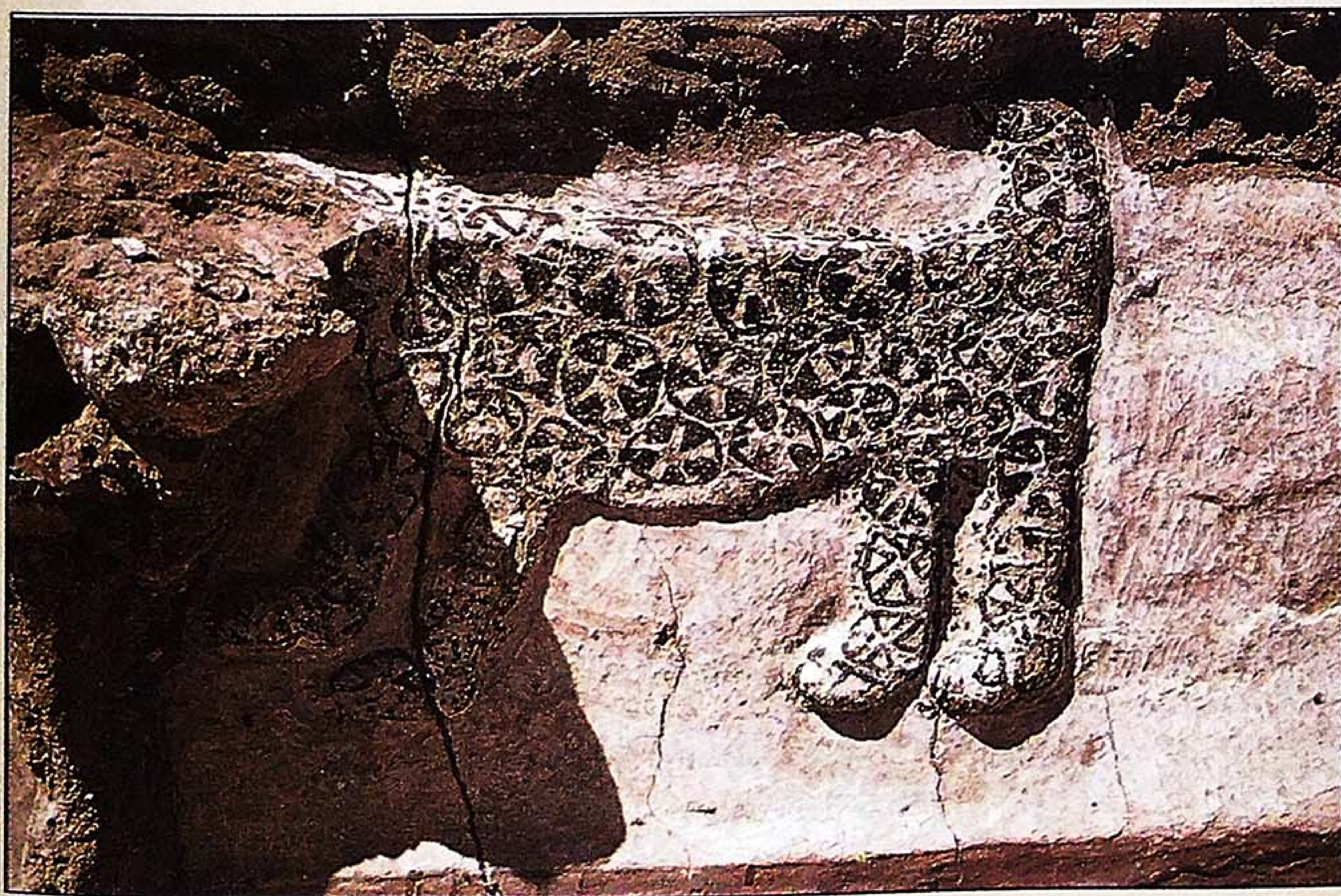
Abaixo: Visão das casas escavadas Chatal Huyuk. As casas ocupam, como média, uma superfície de 25 m², o que faz supor que era a casa de uma família. Calcula-se que todo o povoado tinha cerca de mil habitações, que abrigavam uma população de cinco mil pessoas. Os limites da povoação não foram escavados e, portanto, não se sabe se havia uma muralha que o rodeasse. As próprias paredes das casas poderiam servir de obstáculo a qualquer tentativa de invasão.





Acima: Algumas das sepulturas de homens adultos dos estratos mais recentes continham selos de argila cozida, que apresentam uma grande variedade de formas e continham incisões profundas, espirais e triângulos. Por não se terem encontrado impressões destes selos sobre argila, tudo leva a crer que se aplicavam sobre materiais pouco duradouros, tecidos ou peles ou até para decorar corpos humanos.





As pinturas mais interessantes são as figurativas. Umas são naturalistas, outras mais estilizadas. As fileiras de mãos humanas, por vezes pintadas ao contrário, eram reminiscências da arte do Paleolítico superior, embora o mesmo motivo possa ser encontrado atualmente nas casas dos povoados.

Dois dos santuários em diversos níveis são decorados com soberbas cenas de caça. Em ambas, a parede norte era ocupada por um gigantesco touro vermelho de quase dois metros de comprimento, rodeado de diminutas figuras de dançarinos vestidos de tanga de pele de leopardo. A maioria das figuras é de homens com a pele pintada de vermelho. As pinturas do nível V, o mais antigo dos dois, espalham-se pelas quatro paredes da casa, e nelas aparecem outros animais, como veados, javalis, onagros, ursos, lobos e leões. As cenas não mostram exatamente uma caçada, mas provavelmente tinham algum valor simbólico e representavam a celebração de algum festejo, que incluía a dança e o chicoteamento de animais, como o salto do touro minóico ou a tourada. No entanto, um fragmento de uma cena do santuário do nível III mostrava um caçador com o seu cão no momento de disparar uma seta sobre um veado.

Outra cena muito estranha, que aparece em três ocasiões, mostra pássaros enormes e seres humanos diminutos e sem cabeça. Embora estejam pintados em um modo muito estilizado, os pássaros foram identificados como abutres grifos, devorando a carne dos cadáveres expostos. No nível inferior (nível VI) encontrou-se também uma pintura relacionada com o tratamento dispensado aos mortos. Supõe-se que representa um ossuário construído com junco, coberto com esteiras tecidas, sob as quais se conservam crânios com as cavidades oculares vazias.

Figuras humanas e animais

Algumas das paredes também são decoradas com relevos modelados com argamassa de barro sobre um suporte de juncos, como as estátuas do Neolítico Pré-cerâmico B, procedentes de Ghazal, Jericó e Nahal Hemar. Os relevos eram pintados por vezes com figuras de animais e de homens, cabeças de animais e seios femininos. Cada uma das sete figuras humanas em relevo mede aproximadamente um metro de altura. Estão colocadas de frente com os braços e as pernas separados na horizontal em ambos os lados. Um dos exemplares mais delicados é pintado com um emaranhado de linhas cor de laranja, vermelho e branco. Os rostos, mãos e pés de todas as figuras estavam danificados, talvez por terem sido feitos com algum material valioso reutilizável ou porque a mutilação do relevo fazia parte do ritual celebrado no santuário. As figuras eram por vezes colocadas junto a cabeças de touro esculpidas. Alguns pensam que as figuras pretendiam representar uma deusa no momento de dar à luz e que as cabeças de touro simbolizavam divindades masculinas.

Em outro lugar há um relevo que representa um veado e em três estratos sucessivos encontram-se figuras com dois pares de leopardos. Cada uma destas é disposta como um grupo heráldico, com as cabeças muito juntas e os corpos olhando em direções opostas. Algumas foram restauradas e repintadas muitas vezes com diferentes motivos corporais em cada ocasião.

Nas povoações primitivas de Ganj Dareh e Nemrik, também foram encontradas cabeças de animais, bem modeladas inteiramente em argamassa ou usando crânios ou interiores de chifre de animais verdadeiros. As cabeças costumavam ficar presas em grupos às pare-

des. É interessante destacar que a maioria era feita de mandíbulas de javali ou de crânios de raposas, de abutres ou de doninhas.

Hábitos funerários

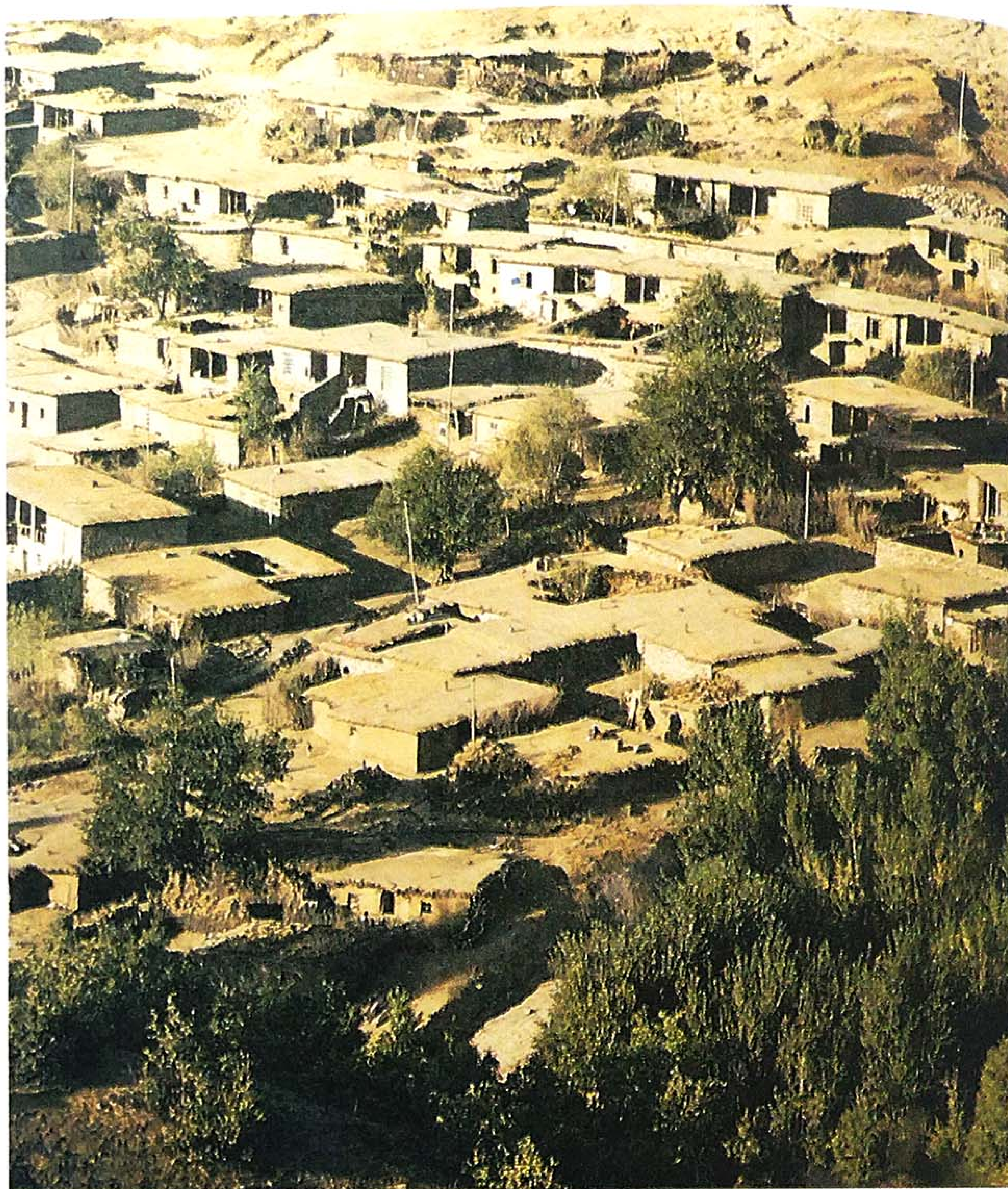
Os mortos eram enterrados sob o piso da habitação que servia de morada, mas não sob os quartos de armazenamento ou em espaços abertos. Muitas vezes jazem a 60 cm de profundidade, encolhidos e deitados sobre o lado esquerdo, com as cabeças viradas para o centro da casa. Os enterros aconteciam em duas etapas: depois da morte os corpos eram afastados do lugar e só depois enterrados sob as casas, como se deduz dos rastos de ocre e vermelho em alguns crânios e ossos e da incorreta disposição dos ossos de alguns dos esqueletos. Uma amostra do tratamento dispensado aos cadáveres podem ser as pinturas que representam abutres que devoram corpos sem cabeça. Em uma habitação foram encontrados quatro crânios separados do tronco, colocados em uma plataforma, e em outro lugar, um crânio feminino cujos olhos são feitos de conchas de cauri, assim como em um crânio de gesso mais antigo encontrado em Jericó.

Geralmente, os mortos não eram enterrados com seus bens, mas nos túmulos foram encontrados achados extraordinários, tecidos e outros objetos mais espetaculares. Nos enterros masculinos encontram-se, por vezes, armas, cabeças de maça de pedra, adagas com cabos de osso ou de madeira, selos de argila cozida, anéis de cobre e fivelas de cinturão de osso em forma de S (como as encontradas em Nahal Hemar e na Grécia). Os túmulos de mulheres contêm jóias, instrumentos de pedra para pulverizar cosméticos e por vezes espelhos de obsidiana polida. As vasilhas de madeira, os cestos e oferendas de alimentos são encontrados em túmulos de ambos os sexos sem distinção, mas não há neles vasilhas e figurinhas de cerâmica. A julgar pelos ossos, as pessoas desfrutavam de um bom estado de saúde, embora alguns apresentem sintomas de anemia, possivelmente causada pela malária, e outros padeciam de artrite ou apresentavam marcas de fraturas de membros. A média de vida dos homens era de 34 anos e a das mulheres, de 30. Os homens mediam cerca de 1,70 m, e as mulheres, 1,58 m.

Utensílios de Chatal Huyuk

A cerâmica de Chatal Huyuk era bastante volumosa e consistia em vasilhas em forma de bulbo ou de bolsa. Os recipientes de madeira encontrados aqui (tigelas, copos e estojos) eram feitos em madeira macia, sobretudo abeto. A maioria dos objetos talhados em pedra era de obsidiana, procedente provavelmente da jazida de Acigol, 150 km a nordeste. A obsidiana era polida também para fazer espelhos e contas. Alguns dos mais finos instrumentos e armas, particularmente adagas e lâminas de faca, eram feitos com madeira de abeto importada da Síria. O cobre e o chumbo eram utilizados para fazer contas, colares e anéis, e estes objetos aparecem a partir do nono estrato escavado. O chumbo em estado natural é muito mais raro que o cobre e obtinha-se, provavelmente, fundindo outros minerais. O achado de um monte de escória de cobre sugere a possibilidade de que o cobre também fosse fundido, embora a maior parte dos objetos de cobre de Chatal Huyuk fosse feita de cobre natural batido.

Entre as figurinhas de pedra e de argila, as de mulheres obesas revestem-se de interesse especial. Uma representa uma mulher dando à luz, apoiada em dois gatos ou sentada em uma cadeira com os braços em forma de gatos. A maioria das figuras de animais era de caça: leopardos, touros selvagens, javalis, cabras e ovelhas selvagens. Algumas têm marcas de punhaladas, o que sugere que eram utilizados em rituais de caça. Duas figuras de touros selvagens de Ain Ghazal mostram as mesmas características.

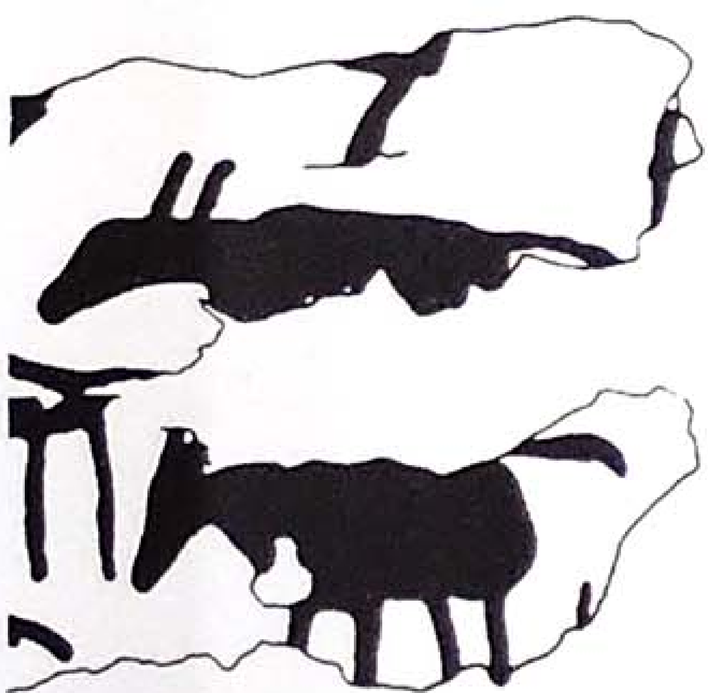


Acima: Uma povoação moderna no Curdistão iraniano apresenta muitas características das antigas aldeias do Oriente Médio. As casas são feitas de adobe e revestidas com argamassa de barro. Os telhados planos consistem em vigas de madeira onde se apóiam camadas de ramos e de esteiras, com uma camada de terra que serve para isolar. O telhado é coberto de gesso para oferecer proteção contra os elementos. No inverno a neve tem que ser retirada dos telhados e, depois da chuva, é preciso secá-los com rolos de pedra guardados no telhado com esse objetivo. O telhado constitui mais um espaço habitável onde se podia dormir ou armazenar objetos.

Plantas e animais

Nove décimos da carne consumida pelos habitantes de Chatal Huyuk, como se deduz dos ossos dos animais encontrados, procediam de gado vacum domesticado. Também os cães já tinham sido domesticados nesta época. Apreciava-se a carne e também a pele de animais como ovelhas selvagens, cervos, javalis, onagros (asnos selvagens), ursos e grandes felinos, possivelmente leões ou leopardos. As plantas cultivadas incluíam trigo do tipo escândea-menor e escândea, cevada descascada de seis carreiras e talvez trigo candial. Os habitantes faziam a coleta de outras plantas nativas da região. Algumas das variedades encontradas cresciam sem nenhum tipo de irrigação, mas os especialistas não estão de acordo quanto à extensão das práticas de irrigação artificial. Geralmente, as demonstrações científicas sobre a forma de vida das populações diferem do que mostram as pinturas murais e destacam a divergência entre ideologia e realidade nas suas vidas.

Depois do abandono de Chatal Huyuk no final do 7º milênio, as culturas posteriores da Anatólia, como as de Hacilar e de Cã Hassan II, distinguiam-se pela cerâmica finamente pintada. Mas em cerca de 5700 a.C. ambos os povoados foram também abandonados. Em Cã Hassan, em um nível destruído pelo fogo, sob os



Acima: Uma pintura na parede de uma casa de Umm Dabaghiyeh, nas estepes desertas a oeste do Rio Tigre, mostra o que pode ser uma caçada aos onagros. O tratamento das peles de onagro era possivelmente a principal atividade econômica da povoação. Não se sabe como se capturavam os animais, mas sugeriu-se que eram conduzidos até cercados com redes e que as linhas de pintura sobre os onagros representam os postes onde se seguravam as redes. Os animais medem aproximadamente 15 cm de comprimento e são pintados em vermelho sobre fundo branco. Estas pinturas simples são contemporâneas das de Chatal Huyuk e datam da primeira metade do 7.º milênio a.C.



Acima: Um recipiente de cerâmica pintado por volta de 6000 a.C. O estilo é semelhante ao da cerâmica do estrato mais recente de Hacilar, no Sudoeste da Turquia. Os oleiros de Hacilar eram muito versáteis e de uma grande criatividade, e fabricaram alguns recipientes em forma de animais ou de seres humanos, com os olhos incrustados com peças de obsidiana. Muitos deles se encontram em museus americanos e europeus. Alguns dos exemplares mais finos foram retirados das necrópoles por ladrões e exportados ilegalmente. Outros são falsificações hábeis.

vestígios de uma casa em ruínas, encontrou-se o corpo de um homem de 45 anos com uma pulseira de cobre e uma cabeça de uma maça de cobre. Esta, que apresenta um buraco para um cabo de madeira, foi feita com a técnica do vazado em molde. Este é o exemplar mais antigo que se conhece do uso desta técnica.

Por volta de 6000 a.C., os povoados se espalhavam por todo o Oriente Médio. Conheciam-se as variedades principais de plantas cultivadas e de animais domésticos, que são a principal fonte de alimentos da região até os nossos dias. O desenvolvimento que se seguiu não implicou que fossem encontrados novos meios de subsistência, como aconteceu na transição dos povos de caçadores e de coletores para os primeiros agricultores. Fundamentou-se, sobretudo, na alteração das estruturas sociais e em uma crescente competição tecnológica. Estas alterações foram graduais e locais e centraram-se inicialmente na Mesopotâmia.

Povoados primitivos na Mesopotâmia

No Neolítico Acerâmico as comunidades sedentárias instalavam-se em torno dos limites das planícies da Mesopotâmia. Em algumas áreas, os povoadores deviam considerar-se felizes por poderem explorar os recursos de fora da região, onde era possível uma agricultura de regime pluvial. O mais antigo de todos eles, no Iraque atual, data da primeira metade do 7º milênio a.C. e é contemporâneo de Chatal Huyuk. Embora muitas vezes estes ocupem menos de um hectare, à primeira vista não mostram a sofisticação de Chatal Huyuk, dando mostras talvez de uma situação mais complexa com atividades muito mais diversificadas.

Estas sedes antigas do Neolítico Cerâmico são muitas vezes denominadas proto-Hassuna, dado que a sua civilização se desenvolveu dentro da posterior cultura de Hassuna. A cerâmica era geralmente mais tosca, misturada com palha, e de formas simples, tigelas planas ou fundas, talhas em forma de globo com gargalos cilíndricos e pratos fundos, ovais ou redondos. Alguns destes mostram faces internas toscas ou rugosas, e acredita-se que eram utilizados na preparação de cereais. Muitas vezes, o exterior das tigelas era decorado com aplicações de argila. Os motivos eram às vezes animais ou geométricos. Cerca de um sexto da cerâmica de melhor confecção era pintado com desenhos simples vermelhos. É possível que outras peças de cerâmica polida cinzento-escura, mais cozida, encontradas nestes lugares, fossem importadas de regiões mais desenvolvidas do Oeste.

As pessoas dessa época viviam em edifícios retangulares, feitos de barro prensado (chamado em árabe *tauf* e, por vezes, *pisé*). As casas constam normalmente de duas ou três salas, que serviam de alojamento a núcleos familiares. Alguns dos outros prédios apresentam alicerces feitos com fileiras de paredes paralelas, e foram denominados de “estufas”. Outros eram redes de pequenas salas com menos de dois metros de área, que talvez fossem utilizadas como armazéns. Em Yarim Tepe utilizavam, por vezes, estruturas especiais, circulares ou retangulares, para depositar os corpos dos mortos, com sinais evidentes de terem sido desmembrados. Um jovem enterrado em Tell Sotto sofreu o mesmo tratamento. A cabeça, os braços com a omoplata e as pernas, cada uma com metade da pélvis, estão cortados e separados do tronco e foram colocados sobre o resto do corpo quando enterrado. Não se sabe se era o método habitual de enterrar os adultos ou um tratamento reservado a determinados indivíduos. As crianças geralmente eram enterradas sob as paredes ou os pisos das casas, por vezes dentro de vasilhas de cerâmica.

A maioria dos povoados desse período fica na área da agricultura pluvial. Os vestígios de plantas e de animais mostram uma economia tipicamente agrícola. Os povos da época cultivavam trigo dos tipos escândea-menor e escândea, candial, compacto, espelta, cevada de seis carreiras, lentilhas e ervilhas. Criavam vacas, ovelhas, cabras, porcos e cães, enquanto os ossos dos animais selvagens representam menos de um quinto dos ossos encontrados. A criação de gado vacum, de grandes dimensões e bravio em comparação com ovelhas e cabras, deve ter apresentado dificuldades. Era utilizado para produzir leite, para o transporte, e ainda pela sua carne e sua pele, ou até para puxar o arado, que provavelmente já era utilizado no cultivo de extensas planícies do Norte da Mesopotâmia.

Umm Dabaghyeh

O pequeno povoado de Umm Dabaghyeh fica além do que é hoje em dia a região da agricultura de sequeiro. Os seus quatro estratos principais de ocupação pertencem ao período Neolítico Cerâmico Inicial, e os dois níveis inferiores estavam bem conservados e seguiam um plano semelhante. A parte central do povoado é constituída por três blocos de pequenas salas com cerca de 1,5 m por 1,75 m, dispostas em três dos lados de um espaço aberto. A maioria dos quartos não tem porta e provavelmente era usada como armazém. As habitações com duas ou três salas distribuíam-se de forma arbitrária. Tudo indica que o acesso às casas era feito pelo telhado; havia degraus em um dos cantos e sobre eles faziam-se buracos nas paredes do tamanho do dedo do pé para que servissem como escadas. Havia também lugares onde acender o fogo com chaminés adequadas.

O mais surpreendente é que os utensílios encontrados neste povoado eram mais próprios de uma comunidade de coletores do que de uma de agricultores. Comiam plantas cultivadas, mas talvez estas fossem trazidas de regiões mais afastadas ao norte. A maioria da carne consumida era de caça. Dois terços dos ossos encontrados na povoação são de onagro, uma variedade de asno selvagem, e cerca de 15%, de gazela. Apenas 10% dos ossos pertenciam a espécies domesticadas, sobretudo ovelhas. As evidências da prática da caça e o uso de armazéns fazem supor que se tratava de uma comunidade especializada na caça de onagros e gazelas, pelo valor das suas peles.

Provavelmente, havia outros povoados especializados em outros produtos, como o sal, o betume ou a obsidiana. Não se sabe ao certo o modo como essas comunidades encontravam um mercado para seus produtos, mas não há dúvida de que seus excedentes alimentares eram armazenados e trocados por outros bens. Esta riqueza acumulada foi a base da futura sociedade urbana da Mesopotâmia.

As culturas de Hassuna e de Samarra

Novos estilos de cerâmica desenvolveram-se em meados do 7º milênio a.C., e os modelos simples foram substituídos pela cerâmica pintada e gravada de modo mais elaborado. A cultura de Hassuna, baseada na anterior proto-Hassuna, partilhava muitos dos seus traços. Os achados dos estratos de proto-Hassuna e de Hassuna incluem projéteis de argila para fundas, enxadas de pedra talhada, espiras de fusos de argila bicônicos, para fiar fios de linho ou de lã, e vários colares e contas de pedra gravadas, identificados como selos de estampar. No entanto, tal como em Chatal Huyuk, não

há provas de que os selos de estampar fossem utilizados para fazer impressões na argila. Minério e metal de cobre eram usados para ferramentas e jóias. O chumbo encontrado em uma pulseira do nível mais profundo de Yarim Tepe I foi fundido, e é provável que os povos da cultura de Hassuna mais recente usassem tanto cobre em estado natural como fundido.

No entanto, é provável que os enormes fornos abobadados, de dois metros de diâmetro, fossem usados mais para cerâmica que para metais. No Norte do Iraque foram encontradas turquesas, cristal de rocha, obsidiana e conchas marinhas, prova evidente da existência de um comércio no Oriente Médio.

No final do 7º milênio a.C., nos estratos mais recentes de Hassuna, aparece um novo tipo de cerâmica. Bem cozida e pintada de castanho-achocolatado, com motivos muitas vezes surpreendentes, pertence à cultura de Samarra, no sul. As povoações de Samarra ocupavam uma faixa ao longo do centro do Iraque. A importante povoação de Tell-al-Sawwan, com vista para o Rio Tigre, apresenta níveis mais profundos, que datam aproximadamente de 6300 a.C., segundo os resultados obtidos pelo método do carbono-14. Debaixo das casas mais antigas, foram achados mais de cem túmulos em covas ovais pouco profundas. Há algumas de adultos e de pessoas jovens, mas a maioria era de crianças. Enterrados junto aos corpos havia copos de alabastro com belas gravuras da mesma tradição que a dos encontrados nos povoados de Hassuna e, em outros mais antigos, estatuetas femininas e contas de alabastro gravado.

Vários dos amplos e cuidadosamente planejados edifícios do mesmo período eram feitos em adobe de molde retangular, o que permitia conseguir uma superfície mais regular que quando se usava somente barro. Os tijolos mediam aproximadamente 60 cm de comprimento, mais que a largura das paredes, e nos cantos e nas juntas das paredes eram acrescentados reforços externos como suporte adicional. Estes reforços, característicos da arquitetura de Samarra, transformaram-se posteriormente na marca da arquitetura religiosa da Mesopotâmia. Os prédios dos níveis mais antigos ocupam cada um cerca de 150 m² e contêm mais de 15 salas. A disposição das salas faz supor que os lados da construção eram utilizados por grupos diferentes de pessoas, talvez homens e mulheres. As salas não mediam mais de três metros de largura, o máximo que podia ser coberto com segurança com as vigas de que se dispunha.

Foi escavada também grande parte do povoado do estrato seguinte da construção, que data de 6100 a.C., aproximadamente. As casas aqui eram menores, com uma área de cerca de 70 m², com duas salas, cada uma de 3 m², rodeadas de salas menores. Dez desses edifícios eram distribuídos arbitrariamente em uma área de 45 m² a 50 m², circundada por uma parede grossa e uma vala.

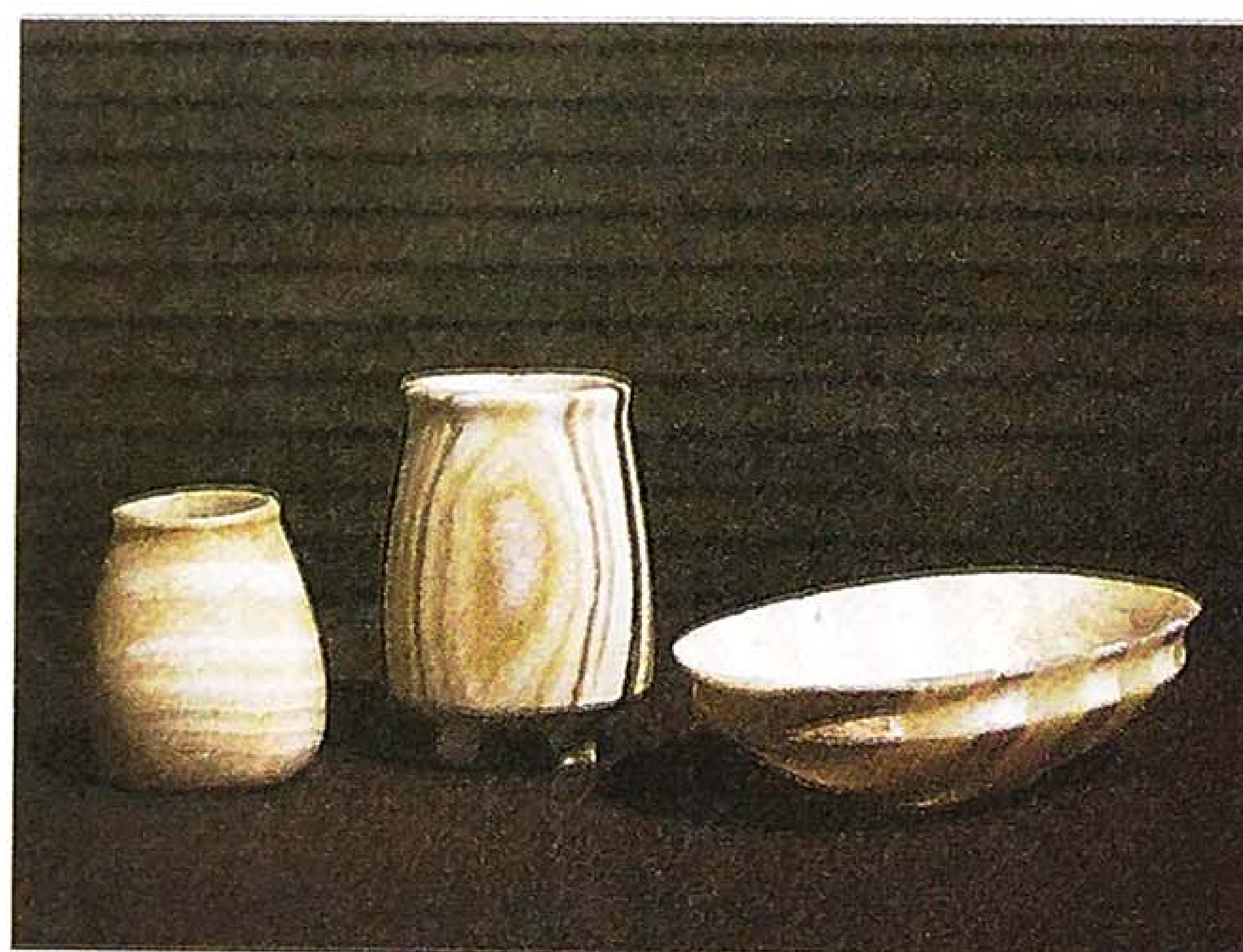
Os níveis mais recentes de Tell al-Sawwan sofreram os efeitos da erosão. No entanto, no povoado de Choga Mami, mais a leste do limite da planície da Mesopotâmia, as escavações revelaram povoados da cultura clássica de Samarra e da sua última fase, chamada período de transição de Choga Mami. Os prédios adotam a forma de tramas retangulares de salas do mesmo tipo das encontradas também em Songor A, no Projeto Hamrin Dam Salvage.

Os vestígios de plantas dos povoados de Samarra incluem a já familiar série de trigo escândea-menor, trigo escândea e candial, a cevada com casca de duas e seis carreiras e a cevada descascada de seis carreiras. A presença de linho (ou linhaça) e o tamanho das sementes faz supor que era utilizado um sistema de irrigação. Realmente, os canais encontrados em Choga Mami datam deste período. É possível que os habitantes de Jericó e de Chatal Huyuk praticassem a irrigação em pequena escala, mas durante o período de Samarra os povoadores tinham os conhecimentos técnicos necessários para construir e manter um sistema de canais de grande extensão. A irrigação incrementou continuamente as colheitas nas áreas de cultivo de sequeiro, que puderam assim manter uma população mais numerosa. A irrigação possibilitou pela primeira vez a agricultura em áreas que não tinham precipitação suficiente. Talvez como um reflexo da sua superioridade técnica, o estilo do período de transição de Choga Mami influenciou as tradições locais de cerâmica do sudeste, na planície de Deh Luran e na Susiana.





Acima: Uma cabeça de uma figurinha feminina em argila cozida e pintada procedente de Choga Mami, que data do período de Samarra. O penteado consistia, provavelmente, em uma trança comprida enrolada sobre a parte superior da cabeça, semelhante ao das estátuas sumérias, três mil anos mais modernas. Os olhos em forma de grão de café são típicos deste período. Altura: 4,8 cm.

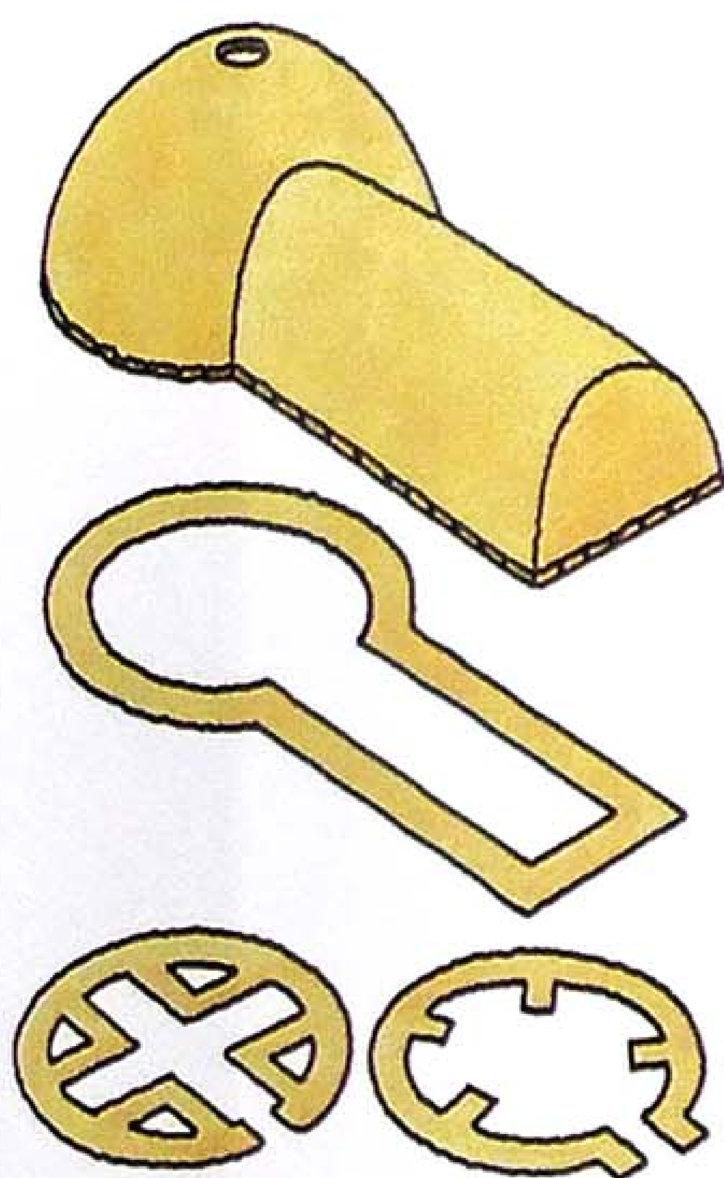


À esquerda: Debaixo das construções mais antigas de Tell al-Sawwan, no Iraque Central atual, escavaram-se mais de uma centena de túmulos do período de Samarra. A maioria era de crianças e continha objetos como contas de pedra, estatuetas e recipientes de alabastro. As estatuetas são de figuras femininas e julga-se que representam seres humanos e não divindades. Algumas figuras têm olhos incrustados e os traços do rosto destacados com betume (acima, à esquerda). Os recipientes de alabastro jaspeado (abaixo, à esquerda) são talhados de diversas formas: talhas, tigelas e potes são os mais habituais. Nos túmulos de Tell al-Sawwan não havia recipientes de cerâmica enterrados.

Halaf e outras culturas

No 6.º milênio a.C. a cultura de Halaf difundiu-se por toda uma faixa que atravessava o Norte e o Leste da Mesopotâmia. Na zona do Mediterrâneo (na cultura de Amuq C) e no norte e no leste das montanhas de Zagros foram encontradas peças de cerâmica influenciadas pelo estilo de Halaf. A distribuição da cerâmica de Halaf coincide quase perfeitamente com a região na qual hoje se pratica a agricultura de sequeiro, e é inegável que este era o regime agrícola durante o período de Halaf. No Sul da Mesopotâmia, onde as precipitações eram escassas e não permitiam uma agricultura de sequeiro, estabeleceu-se uma cultura baseada nos cultivos irrigados, a cultura inicial de Ubaid. A região em volta de Susa, no leste, mostra um desenvolvimento semelhante na cultura média de Susiana, que apresenta paralelos com os estilos cerâmicos da época inicial de Ubaid.

Abaixo: A casa típica de Halaf era uma cabana circular. Por vezes havia uma antecâmara de entrada ou um armazém retangular. É possível que para os tetos das cabanas tenham sido utilizadas abóbadas ou vigas de madeira, e muitas vezes existiam paredes interiores que dividiam a habitação circular em aposentos menores.



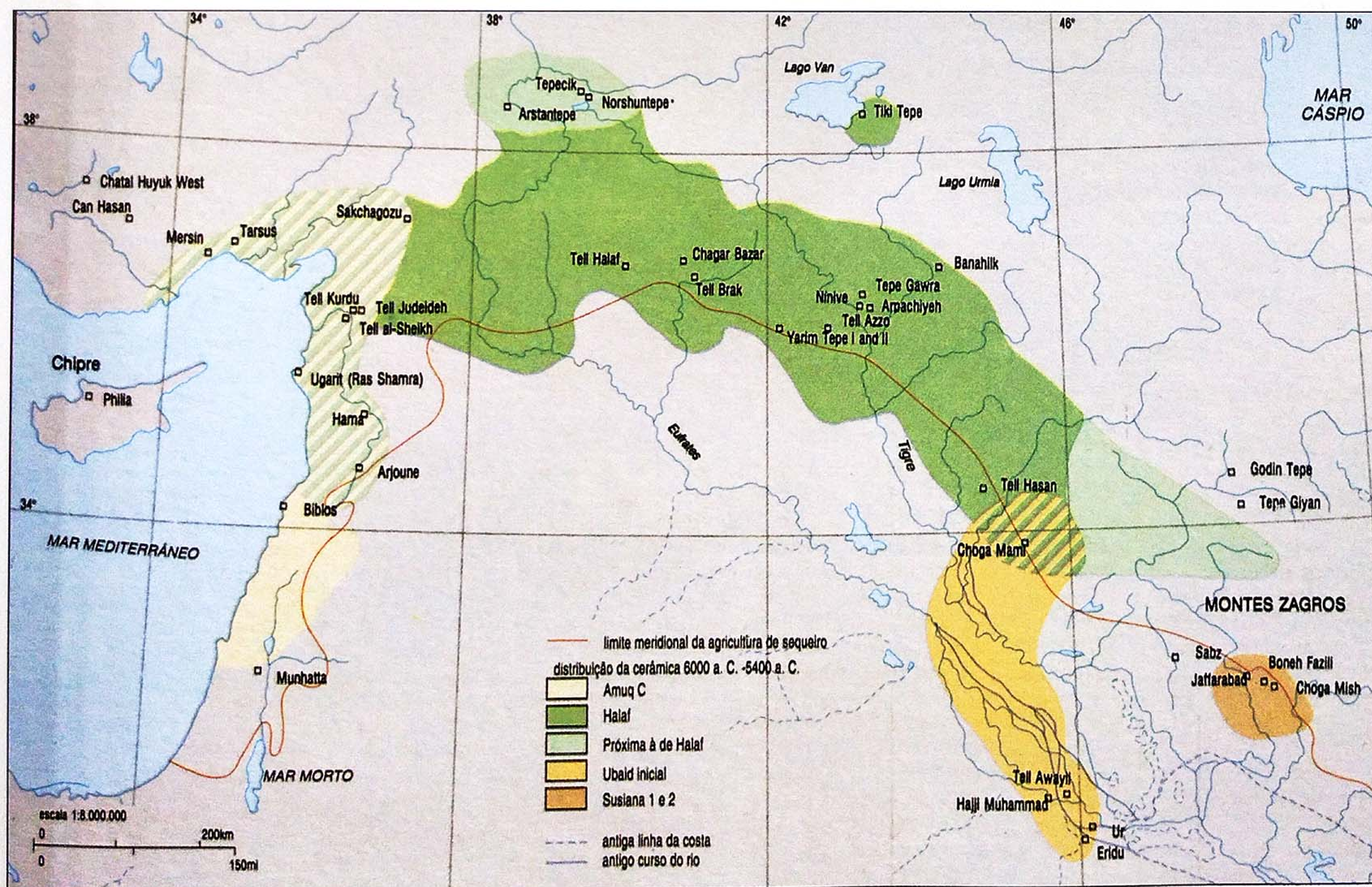
A cultura de Halaf

Por volta de 6000 a.C., a cultura de Halaf substituiu a de Hassuna no Norte da Mesopotâmia. De origens incertas, teria se desenvolvido, no entanto, nas mesmas áreas que a cultura de Hassuna. A cultura de Halaf sobreviveu por cerca de 600 anos e difundiu-se até cobrir todo o território atual do Iraque e da Síria, exercendo uma influência que chegou até as costas mediterrâneas e às terras altas de Zagros central. Mas, em certos aspectos, ficou fora da corrente principal de desenvolvimento.

As plantas cultivadas eram as mesmas que nos períodos de Hassuna e de Samarra: trigo escândea-menor, escândea e hexaplóide, cevada descascada e com casca de duas e de seis carreiras, lentilhas, ervilhacas, grãos-de-bico e linho. As povoações de Halaf distribuem-se pela área da agricultura de sequeiro, onde a maior parte dos cultivos não dispunha de um sistema de irrigação em grande escala. Entre os animais domésticos encontravam-se as cinco espécies típicas (ovelhas, cabras, gado vacum, porcos e cães), mas também se caçava animais selvagens.

Durante o período de Halaf, os povoadores abandonaram as casas retangulares com várias salas e regressaram às cabanas circulares, chamadas *tholoi*. O tamanho variava entre os 3 m e os 7 m de diâmetro, e parecem ser casas que abrigavam famílias compostas por pais e filhos. A entrada era através de uma abertura na parede exterior, mas o desenho do interior variava. Muitas vezes um anexo era acrescentado à estrutura circular. Em Arpachiyeh, as construções circulares com longos anexos formam estruturas em forma de fechadura, que medem quase 20 m de comprimento com paredes de pedra de uma espessura de 1,5 m. No início pensou-se que estes edifícios de Arpachiyeh eram destinados à celebração de algum tipo de ritual religioso. No entanto, as escavações de Yarim Tepe II fazem supor que a maioria dos *tholoi* era utilizada como habitação, pois o acesso às salas retangulares se fazia através da sala circular, não havendo corredores de entrada como no iglu. Os *tholoi* eram construídos em barro, adobe ou pedra e é possível que tivessem um teto abobadado. No entanto, os de Yarim Tepe II tinham paredes de apenas 25 cm de espessura. É possível que vigas de madeira fossem utilizadas no seu telhado.

Foram encontrados *tholoi* em todo o território da cultura de Halaf, do curso alto do Eufrates, próximo de Carchemish, até o vale de Hamrin, na fronteira entre o Iraque e o Irã. Os estratos mais antigos e mais recentes de Halaf em Arpachiyeh incluem, além das habitações circulares, amostras da arquitetura retangular. No nível mais recente, um dos prédios pegou fogo, deixando *in situ* tudo o que continha. No piso havia numerosas vasilhas de cerâmica, muitas delas com uma bela decoração. Havia também recipientes de pedra, jóias, figurinhas e amuletos, assim como milhares de utensílios de sílex e de obsidiana. Uma grande parte da cerâmica e das jóias encontrava-se próxima das paredes, sobre fragmentos de madeira queimada, provavelmente restos de estantes. A princípio pensou-se que o prédio podia ser a oficina de um oleiro, mas isso também não explica a presença de materiais tão preciosos. É possível que fosse um armazém das riquezas da comunidade ou o tesouro de algum chefe local. Em qualquer caso, nesse prédio havia uma notável quantidade de riquezas concentradas. Em Yarim Tepe foram encontrados também construções retangulares, algumas dos quais eram armazéns ou casas, enquanto outras, sem uma distri-





Abaixo e à esquerda: nos lagos e pântanos do Sul do Iraque vivem os árabes *madan*, ou árabes dos pântanos. O seu modo de vida não se baseia no cultivo de cereais, mas na pesca, nas manadas de búfalos-aquáticos e na coleta de junco para fabricar esteiras. Embora a localização dos lagos tenha variado ao longo dos anos, e na época islâmica inicial (século VII d.C.) estendiam-se para norte até Nippur, é provável que sempre tenha havido habitantes nestes pântanos, que sobreviviam da pesca. (O búfalo-aquático foi introduzido, provavelmente, a partir do leste no 3.º milênio a.C.). As canoas utilizadas atualmente são praticamente idênticas aos modelos encontrados na Necrópole Real de Ur, e ainda são usados nos pântanos barcos de junco como os que aparecem nos relevos assírios (700 a.C.). Para os telhados das casas tradicionais de adobe eram utilizadas esteiras de junco. Grossos pilares de molhos de junco formavam os suportes das casas feitas inteiramente de junco, muito parecidas com as representadas nos selos cilíndricos e nos relevos de pedra do período de Uruk, há mais de cinco mil anos.



buição determinada nem resíduos domésticos, são possivelmente prédios públicos. Há poucos dados sobre os hábitos de enterro durante o período de Halaf. Nos túmulos de Yarim Tepe I, a câmara funerária encontrava-se de um lado da abertura vertical de entrada. Os métodos de tratar os cadáveres incluíam a inumação e a cremação.

Há alguns exemplos, em Arpachiyeh e em Yarim Tepe, em que os crânios são dispostos separadamente, outra reminiscência, junto com as casas circulares, de épocas anteriores.

A característica que mais chama a atenção da cultura Halaf é a requintada cerâmica pintada e cozida em fornos de duas câmaras. A argila utilizada é de grande qualidade, muitas vezes cor-de-rosa-salmão. As vasilhas mais antigas mostram desenhos simples vermelhos ou pretos na parte exterior. Os desenhos posteriores representam motivos geométricos vermelhos e pretos, cobertos com uma camada de branco, que cobre o interior de amplas tigelas de pouca profundidade. Algumas das vasilhas pintadas têm formas humanas ou animais. A análise da argila de parte da cerâmica encontrada nas povoações de Halaf demonstra que existia um ativo comércio de vasilhas de cerâmica. Em Tell Brak e em Tell Halaf, em Habur, apareceram peças provavelmente fabricadas em Arpachiyeh, enquanto a oeste do Eufrates foram encontrados outras procedentes da região de Habur.

Apesar das alterações no tempo que as cerâmicas de Halaf sofrem e das suas variações locais, pode falar-se de uniformização geral durante todo o período. Não obstante, não é claro que os membros da cultura Halaf formassem um grupo étnico separado, que se instalou nas planícies de culturas de sequeiro, nem até onde se estendiam os limites da região de Halaf. A distribuição dos povoados de Halaf é aproximadamente a mesma que a das jazidas de obsidiana do Leste da Anatólia e a das minas do Sudeste da Turquia.

No entanto, é escassa a quantidade de metal encontrada nos povoados de Halaf e parece pouco provável que o cobre tivesse um papel essencial na sua economia. Portanto, a teoria de que o comércio era a fonte principal do poder e a influência de Halaf é possivelmente errada.

Em meados do 6º milênio a.C., a cultura de Halaf espalhou-se para o sudeste, onde entrou em contato com a cultura de Ubaid. Depois de uma fase de transição em que se combinaram elementos de ambas, fica claro o domínio dessa última cultura.

O período Ubaid

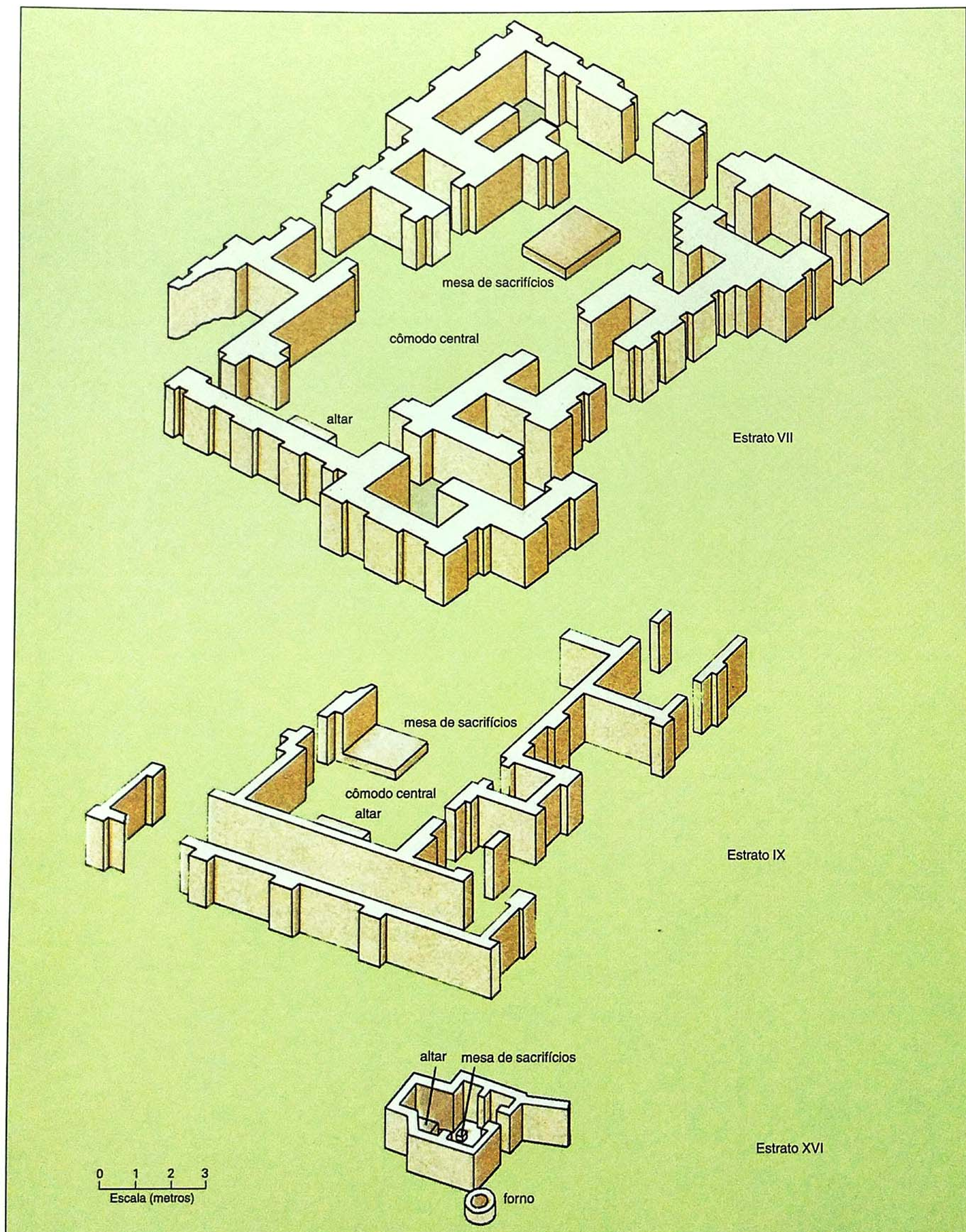
Nas férteis planícies formadas pelo lodo dos rios Tigre e Eufrates, os povoados mais antigos da cultura de Ubaid que se conhecem remontam a 5900 a.C. No entanto, até agora só alguns puderam ser localizados com exatidão. A povoação de Hajji Muhammad estava

enterrada sob mais de 3 m de material de aluvião e só foi achada porque, ao ser cortada por um braço do Eufrates, era visível no período das águas baixas, no outono. Sob os restos dos estratos mais recentes, foram encontrados outras povoações.

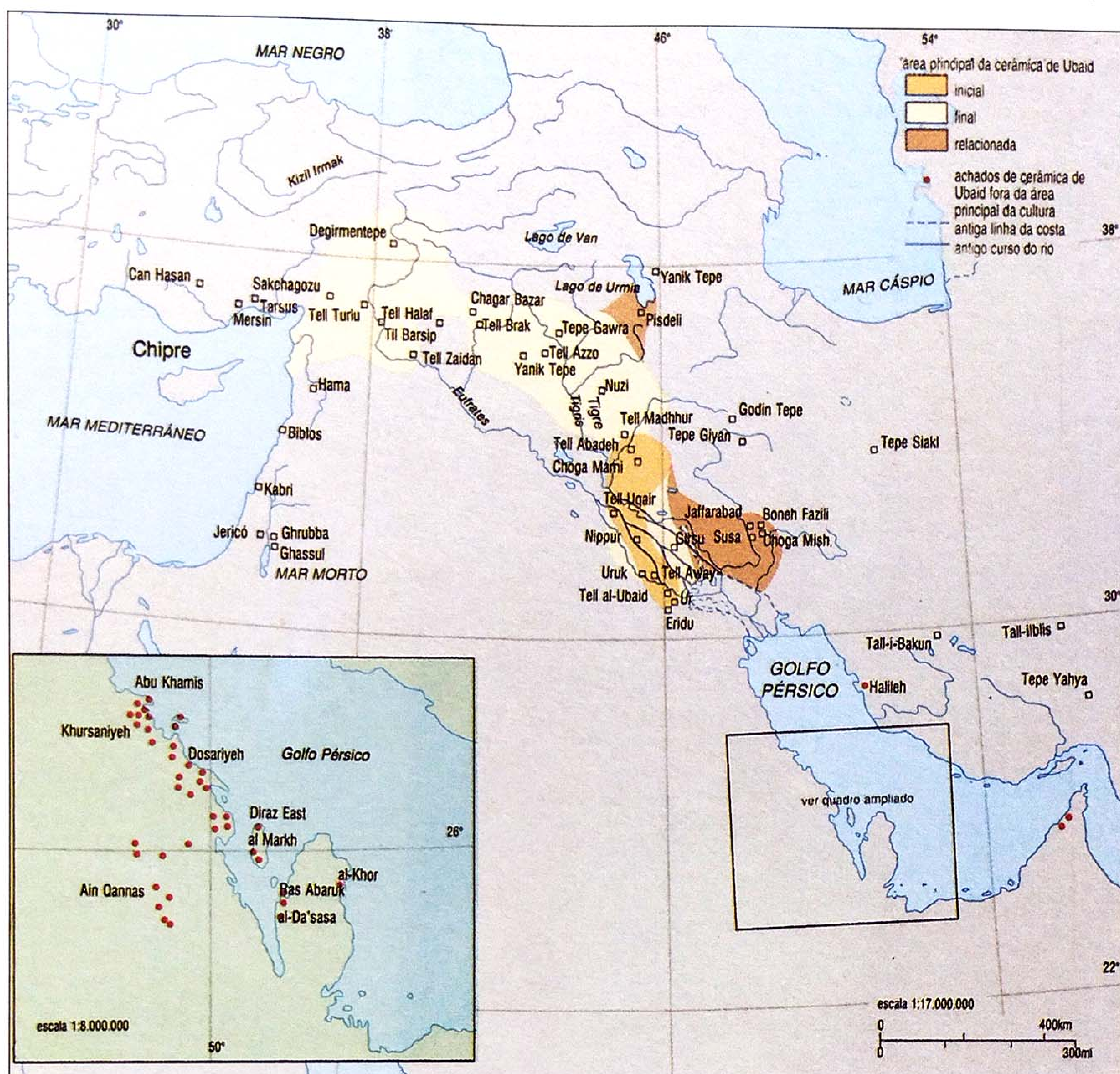
Tell Awayli (escrito Tell el-Oueili pelos arquitetos franceses) é um povoado que pertence à época das primeiras ocupações do Sul da Mesopotâmia e apresenta afinidades com a cultura de Samarra do centro da Mesopotâmia. Um amplo edifício de mais de 200 m² tem aposentos semelhantes em tamanho e forma aos dos estratos mais antigos de Tell al-Sawwan.

Também foram construídos com longos tijolos que possuem marcas de dedos como as dos povoados de Samarra. Outras construções em Awayli eram feitas sobre alicerces constituídos por paredes em ângulo reto, formando quadrados pequenos de 60 cm, sobre os quais se colocavam as esteiras de junco. Acredita-se que essa estrutura era um armazém onde o grão era guardado isolado do chão úmido.

Awayli é o primeiro povoado escavado na Baixa-Mesopotâmia, mas é indubitável que ainda existem outros anteriores enterrados sob o lodo aluvial. Os vales dos rios, bem abastecidos de água, abrigavam uma rica vida selvagem e uma frondosa vegetação, apesar dos prejuízos provocados pelas imprevisíveis subidas dos rios. Atualmente, na foz dos rios, as marés regam



À esquerda: As escavações feitas junto do zigurate de Ur-Nammu, em Eridu, revelaram toda uma série de edifícios sobrepostos que datam do período de Ubaid. A construção mais antiga, da fase de Ubaid I, era uma estrutura com uma única sala, que foi construída no nível XVI, acrescentando-lhe um nicho e duas plataformas. Os estratos mais recentes (XI-VI), das fases 3 e 4 do período de Ubaid, continham edifícios que são, sem dúvida alguma, templos com nichos e reforços muito sofisticados. Tinham um plano tripartido. A sala central, muito comprida, tinha salas ladeadas por compartimentos de cada um dos seus lados. No seu interior havia mesas de sacrifício e altares para a estátua ou o símbolo da divindade, partes integrantes também dos templos mesopotâmicos posteriores.



A difusão da cultura de Ubaid
Por volta de 5400 a.C., a cultura de Halaf, que tinha dominado no Norte da Mesopotâmia, foi submersa pela cultura final de Ubaid, desenvolvimento da sua cultura inicial, no Sul da Mesopotâmia. O período recente da cultura de Ubaid abrangeu mais de mil anos. Como no caso de Halaf, as áreas periféricas não apresentam todas as características da cultura, mas antes vestígios da sua influência. No entanto, é difícil de traçar uma linha divisória nítida que distinga a cultura de Ubaid das que sofreram a sua influência. Foram encontradas cerâmicas de Ubaid em lugares distantes como no sul do golfo, na Arábia Saudita, no Bahrein e no Qatar atuais, e a leste, em território dos Emirados Árabes Unidos. As análises demonstraram que a cerâmica era importada da região de Ur, nas cabeceiras do golfo, e nesta região não há vestígios da presença da cultura de Ubaid.

os pequenos bosques de palmeiras, onde antigamente cresciam os seus antepassados silvestres. Nos locais onde os rios transbordam, formando pântanos e lagos, os peixes deviam ser muito abundantes. Assim como os árabes dos pântanos da atualidade, os antigos povoadores destes lugares provavelmente exportavam peixe seco e esteiras tecidas com juncos dos pântanos. É possível que a região do Sul do Iraque sempre tenha servido de sustento às comunidades de caçadores e de coletores, assim como às tribos de pastores que na primavera levavam seus rebanhos para pastar nos prados de estepes e se transladavam com eles para locais mais próximos dos rios na estação quente.

No entanto, a introdução do sistema de canais e da agricultura de irrigação transformou por completo o modelo dos povoados. A cerâmica dos estratos mais antigos de Tell Awayli se relaciona também com a cerâmica do último período de Ubaid. De fato, os arqueólogos franceses denominaram os estratos mais antigos de Awayli de Ubaid O. A cerâmica clara pintada com tons escuros, característica do período de Ubaid, é encontrada em todas as regiões da Mesopotâmia. Originária do Sul, da região que depois se transformaria no país da Suméria, difundiu-se posteriormente para o norte e para o oeste. Todas as fases do período de Ubaid foram escavadas em Eridu.

Eridu

Atualmente se localiza no deserto ao Sul do Eufrates, mas na Antiguidade um dos braços deste rio passava pela cidade. Transformou-se em um importante centro religioso dedicado ao culto do deus da água, Enki, e, segundo a épica babilônica, foi a primeira cidade a ser criada.

"Não havia crescido um junco
não havia sido criada uma árvore
não havia sido feita uma casa
não havia sido feita uma cidade
e as terras eram mar
quando Eridu foi criada."

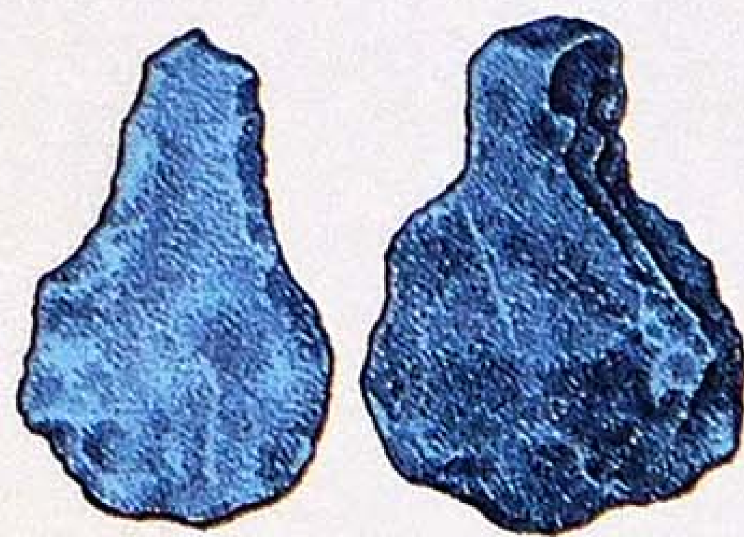
As crenças babilônicas sobre a antiguidade de Eridu não tinham fundamento. As escavações feitas em um fosso fundo, próximo do zigurate, ou torre do templo, no povoado de Eridu, revelaram 14 m de estratos de ocupação do período Ubaid. A camada de construção mais recente de Ubaid (nível VI) foi identificada como um templo porque a sua planta era semelhante à dos templos posteriores da Mesopotâmia. Os vestígios de construções encontrados abaixo foram divididos em quatro fases, de Ubaid 1 a Ubaid 4, que se distinguem entre si pelo diferente tipo de cerâmica.

O prédio mais antigo achado em Eridu, pertencente à fase 1 de Ubaid, era um pequeno habitáculo de 2,8 m^2.



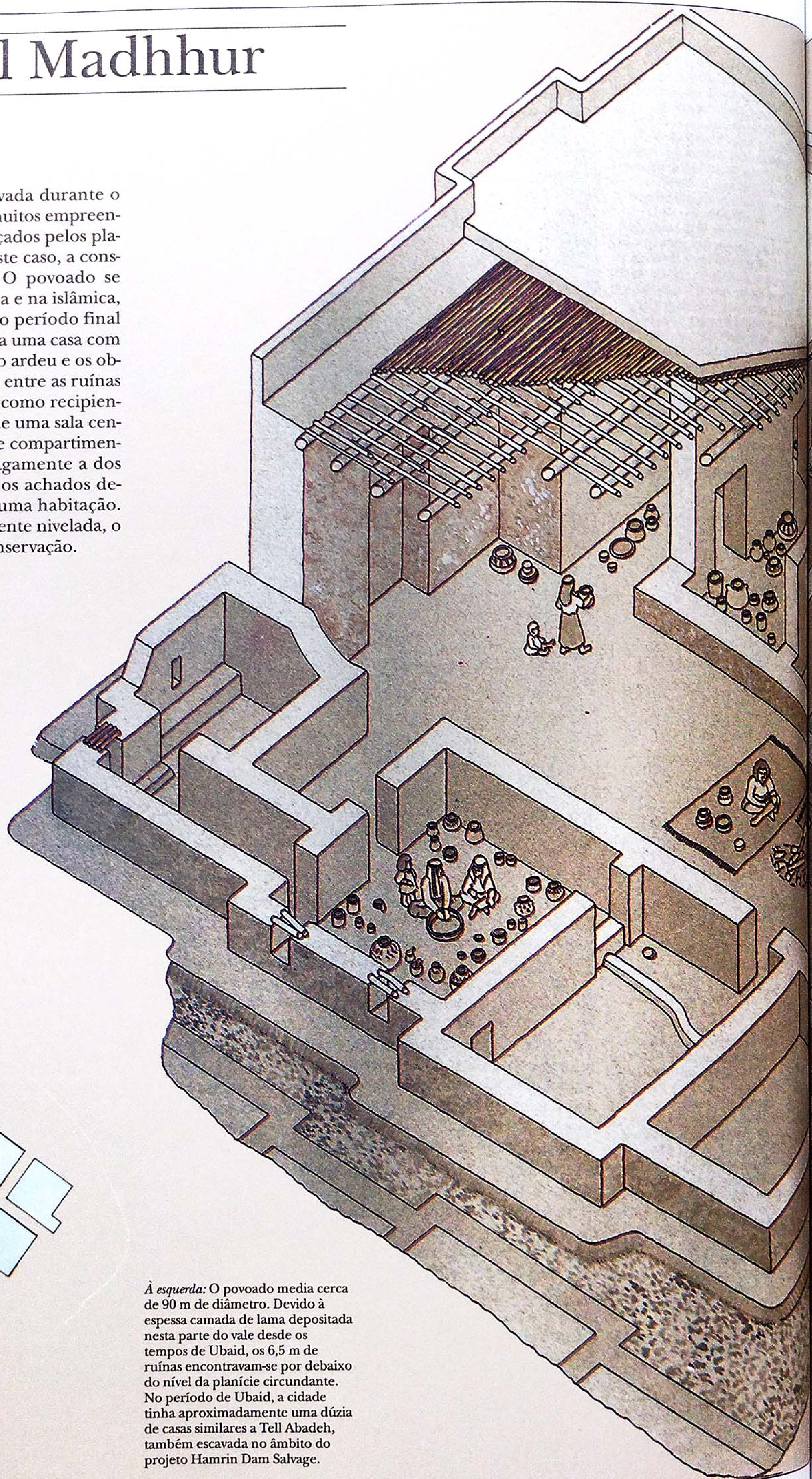
Tell Madhhur

A povoação de Tell Madhhur foi escavada durante o projeto Hamrin Dam Salvage, um dos muitos empreendimentos para investigar lugares ameaçados pelos planos modernos de desenvolvimento, neste caso, a construção de um dique no Rio Diyala. O povoado se estabeleceu no início da época dinástica e na islâmica, mas a maioria dos vestígios pertence ao período final de Ubaid. No centro do montículo havia uma casa com 2 m de parede ainda em pé. A habitação ardeu e os objetos mais valiosos foram retirados, mas entre as ruínas ficaram os utensílios de uso cotidiano, como recipientes de barro. O edifício era composto de uma sala central comprida, ladeada por uma série de compartimentos menores e a sua planta recorda vagamente a dos templos de Eridu e Tepe Gawra. Mas os achados demonstram claramente que se trata de uma habitação. Após o incêndio a casa foi deliberadamente nivelada, o que explica o seu perfeito estado de conservação.



Acima: Entre os objetos encontrados na casa, estão utensílios talhados de sílex, conhecidos entre os arqueólogos como enxadas de pedra. Unidas a um cabo com betume e corda, estes utensílios eram utilizados provavelmente para cavar a terra antes da sementeira.



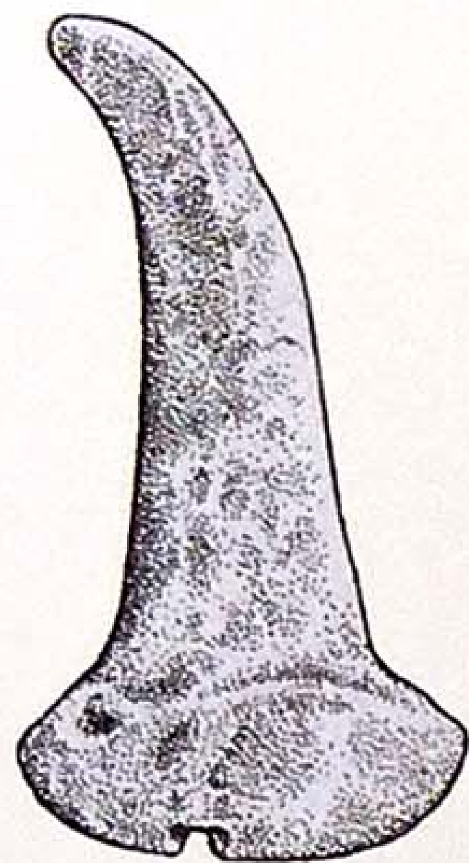


À esquerda: O povoado media cerca de 90 m de diâmetro. Devido à espessa camada de lama depositada nesta parte do vale desde os tempos de Ubaid, os 6,5 m de ruínas encontravam-se por debaixo do nível da planície circundante. No período de Ubaid, a cidade tinha aproximadamente uma dúzia de casas similares a Tell Abadeh, também escavada no âmbito do projeto Hamrin Dam Salvage.

À direita: Pequena xícara ou tigela pintada, de 10 cm de diâmetro. Na casa encontraram-se, no total, 78 recipientes, desde copos até enormes talhas para armazenar provisões com uma capacidade de cem litros.

Abaixo, à direita: Mão-de-pilão de argila cozida. As moletas do tipo "cravo dobrado" são típicas do período final de Ubaid, quando muitos utensílios eram fabricados com argila em vez de pedra.





No estrato seguinte havia uma construção que abrigava um pedestal em um vão profundo, e outro, com vestígios de queimaduras, no centro da sala. Este edifício foi considerado um templo, dado que os altares e as mesas de sacrifício são características distintivas dos templos mesopotâmicos posteriores. A cerâmica pintada em tons escuros ali encontrada, denominada "louça de Eridu", só foi encontrada em dez povoações, todas na região próxima de Eridu, Ur e Uruk. No entanto, isso não significa necessariamente que estivesse confinada a esta área, dada a quantidade de lodo no Sul do Iraque.

A segunda fase de Ubaid caracteriza-se pela introdução da cerâmica de Haf i Muhammad, na qual a maior parte da superfície da vasilha era coberta com tinta, deixando o desenho na face interna. Havia povoados no norte, até na região de Nippur, e possivelmente mais afastados, no vale de Hamrin.

O estilo cerâmico de Haf i Muhammad mantém-se também na fase 3 de Ubaid, de modo que a sua presença não é uma garantia de que estamos no povoado de Ubaid 2. Alguns povoados contemporâneos nas terras baixas do Irã, no leste, tinham uma cerâmica semelhante em estilo à de Haf i Muhammad, o que talvez se deva à influência que, desde o final do período de Samarra, as culturas mais avançadas do oeste exerciam sobre os povos do Leste.

As fases 3 e 4 de Ubaid introduziram uma cerâmica decorada com um estilo novo e simples de pintura, que substituiu no Norte da Mesopotâmia a cerâmica de Halaf. Nas montanhas do leste o estilo era semelhante ao de Ubaid, e a cerâmica do período médio de Susiana, no Cuzistão, pertence também a esta tradição. Mais ao sul, encontra-se a cerâmica de Ubaid (da fase 3 e posterior) em 40 povoados na Arábia Saudita ocidental, em dois de Bahrein, em cinco do Qatar e até em dois dos longínquos Emirados Árabes Unidos. Trata-se de pequenas comunidades de pescadores e coletores. A análise da argila demonstra que a cerâmica era parecida com a da região de Ur e de Eridu, de onde provavelmente eram importadas as vasilhas.

Templos de Ubaid

Os templos da época de Ubaid encontrados em Eridu foram construídos sobre plataformas de um metro de altura. Com os séculos, as plataformas deram lugar aos zigurates, cujo exemplar mais famoso é a Torre de Babel.

Na extremidade sudoeste do compartimento central do templo havia um altar, enquanto na extremidade nordeste se encontrava um pedestal independente sobre o qual, pelo menos em dois dos templos, foram encontrados cinzas e espinhas de peixes. Podem ser restos de oferendas, dado que Eridu era a sede do deus da água Enki. Não se conhece com exatidão o desenvolvimento de tais cerimônias. Provavelmente, praticava-se algum tipo de prece com acompanhamento de música e de cânticos. Existe uma teoria sem muita base real segundo a qual nos templos de Eridu os anciãos da comunidade celebravam cerimônias. Mas Eridu não é a única cidade com tantos edifícios religiosos. Em Uruk, no período final de Ubaid, existe um templo similar, e em Tepe Gawra, no Norte do Iraque, os seus habitantes ergueram um complexo de três templos.

Tepe Gawra foi ocupada desde os tempos de Halaf. Foram encontrados seis estratos da época de Ubaid, nos quais foram encontrados prédios considerados no início templos, mas que depois se revelaram moradias comuns. No entanto, no estrato XIIIa a função da cidade foi modificada, e construído um templo cuidadosamente projetado. Tratava-se de um conjunto de três

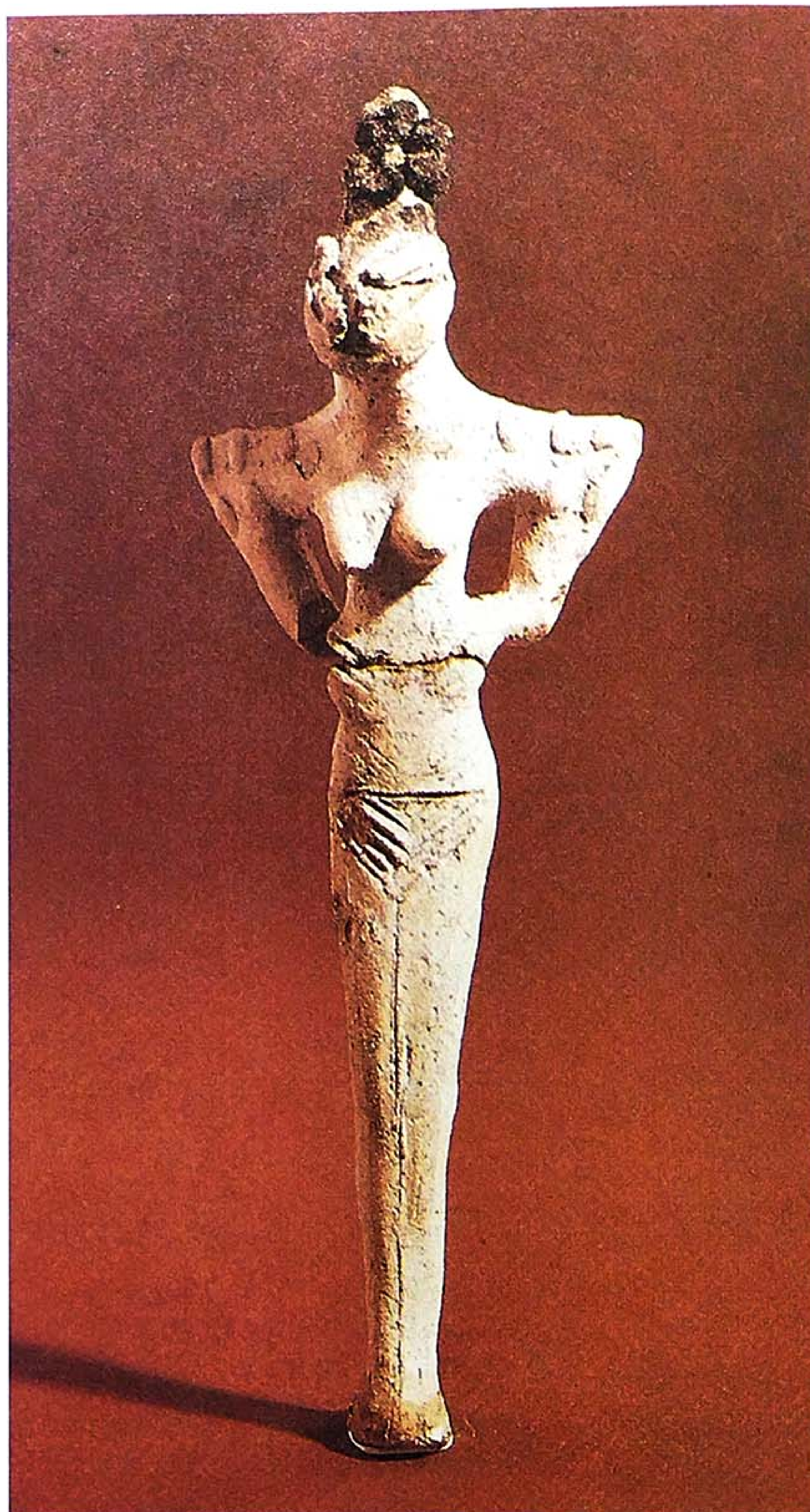


Acima: A altura das paredes da casa de Tell Madhur foi calculada a partir do volume dos escombros que enchiam as habitações. Parece que não tinha andar de cima. Na reconstrução desenharam-se os objetos onde se encontraram.

O compartimento atrás da rampa que conduzia ao telhado era provavelmente um armazém, e o que se encontra no lado oposto à sala central em forma de cruz, uma cozinha. O tamanho indica que, provavelmente, abrigava uma grande família.

Acima: Encontrou-se um pote com bico, de 16 m de altura, na cozinha de Tell Madhur. Metade dos recipientes encontrados era decorada com desenhos pintados ou gravados e outros eram lisos. Os recipientes parecem ter sido modelados à mão, embora um ou outro apresente sinais de ter sido acabado em um torno.

templos unidos que eram utilizados simultaneamente, o que faz pensar que os habitantes veneravam um panteão de deuses. Um dos muros do templo norte tinha uma grande quantidade de impressões de selos sobre *bullae* de argila, sinais que talvez indicassem posse ou transações comerciais e que geralmente são um indício do desenvolvimento da burocracia. No estrato seguinte, Tepe Gawra novamente mostra casas familiares, o que permite supor que o templo era o símbolo do domínio temporal de alguma potência estrangeira sobre as crenças nativas, embora esta interpretação talvez seja demasiado arriscada.



À esquerda: Pequena estatueta feminina de argila cozida, procedente de Ur, que data do final do período de Ubaid. As cabeças estilizadas das figuras de Ubaid, semelhantes a algumas de Chega Mami, recordam as dos répteis. Por este motivo foram denominadas cabeças de lagarto, mas, provavelmente, tentavam representar seres humanos, e não seres mistos com cabeça de animal e corpo de homem, como os deuses egípcios tardios. Os enfeites nos ombros da estatueta, de 15 cm de altura, são bolinhas de argila que podem representar cicatrizes ornamentais. Outras pequenas figuras têm uma decoração com pintura que talvez representem tatuagens.

As casas de Ubaid

As plantas dos templos de Eridu, Uruk e Gawra são parecidas. Consistem em uma nave central comprida, com salas laterais e com fachadas com reforços e nichos. Chamase planta tripartida à que apresenta uma nave central ladeada por duas séries de salas, e era típica dos templos de épocas posteriores. As casas de um grande número de povoados no Norte da Mesopotâmia, nas fases de Ubaid 3 e 4, apresentam esta mesma planta. Sobre a disposição das casas das fases anteriores nada se conhece.

Em Tell Madhhur, no Leste do Iraque, encontrou-se um edifício de planta tripartida muito bem conservado, durante as escavações do projeto Hamrin Dam Salvage. Sofreu um incêndio e os quartos se encheram de escombros, permitindo que as paredes ficassem de pé, até 2 m de altura, em alguns lados. Algumas portas e janelas ficaram intactas. Nas salas havia pedras de moer, moletas de triturar feitas de argila cozida, enxadas de pedra, ossos de fiar e numerosos recipientes para cozinhar, comer e beber, isto é, todos os utensílios da vida cotidiana.

Em Tell Abadeh e em Kheit Qasim foram escavados exemplares mais elaborados de casas de planta tripartida, da fase de Ubaid 3. Como na casa de Madhhur, a sala central era cruciforme e não retangular, mas havia, além disso, dois pequenos compartimentos cruciformes de ambos os lados. Em Abadeh há oito ou nove dessas casas disseminadas sem plano determinado. Parece que uma delas, mais ampla, era a residência de um chefe da comunidade. Era formada por três unidades de planta tripartida e uma fachada com reforços, protegida em parte por um muro circundante. Outro edifício, que servia de armazém comunitário, apresenta uma disposição especial. Também foram encontradas casas de planta tripartida em Tepe Gawra e em Telul al Thalathat, no Norte do Iraque. Recentemente foram encontrados também em Degirmentepe, em um povoado no Sul da Turquia, recipientes do tipo dos de Ubaid.

As casas de Ubaid eram bastante amplas, com cerca de 200 m^2, e alojavam famílias de 20 membros. O plano tripartido (ou o triplo plano tripartido de Abadeh e Kheit Qasim) deve refletir, de certo modo, a estrutura da época. Supôs-se que uma ala da casa seria para os homens e outra, para as mulheres.

Túmulos e figurinhas

Em Eridu encontrou-se um cemitério da época dos templos mais recentes com quase 200 túmulos. Escavados na terra, estavam alinhados com tijolos de barro. Os corpos estão deitados de costas com as cabeças para nordeste. Em alguns casos, um túmulo continha dois esqueletos, provavelmente de esposos. Em dois dos túmulos foram encontrados também esqueletos de cães. A existência de algum tipo de crença no além é demonstrada pelo fato de terem sido encontradas jóias, uma jarra, copos e pratos colocados aos pés do túmulo.

Próximo ao ombro de um esqueleto feminino havia uma pequena estatueta masculina de terracota, com uma cabeça que lembra a de um lagarto. Em Eridu e Ur foram encontradas figuras semelhantes, mas femininas, que são uma evolução do tipo de Samarra encontradas em Choga Mami e Songor A. A qualidade e a quantidade dos objetos achados quase não variam de um túmulo para outro, o que talvez indique que não havia grandes diferenças sociais ou de riqueza entre os defuntos. No entanto, é possível que a elite dirigente fosse enterrada em outro lugar, como acontecia com as crianças que, pelo que se deduz de outros achados, eram enterradas sob o piso das casas.

O final de Ubaid

A cerâmica pintada de Ubaid desapareceu paulatinamente, substituída pela cerâmica polida cinzenta e vermelha. Isso indica, em termos gerais, o fim do período de Ubaid e o início do de Uruk, mas desconhece-se a data exata de transição. Por intermédio da análise por carbono-14 supõe-se que ocorreu por volta de 4300 a.C. A cultura de Ubaid durou cerca de 1.500 anos e influenciou a área entre o Mediterrâneo e o Golfo Pérsico e até o planalto iraniano. Evidentemente, uma cultura tão duradoura e difundida não podia ser uniforme e apresentou diferentes variações segundo as regiões e a época. Apesar das dificuldades de identificar um estilo de cerâmica com um povo, outras manifestações da cultura material, a utilização de utensílios de argila cozida e a arquitetura de planta tripartida do período de Ubaid demonstram que se tratava de uma tradição cultural partilhada.

SEGUNDA PARTE

CIDADES



A EXPLOSÃO URBANA
(4000 a.C.-3000 a.C.)

A origem das cidades

Por volta do 4º milênio a.C. no Sul da Mesopotâmia foram verificadas importantes alterações, que ultrapassaram todas as expectativas criadas pelos êxitos alcançados durante o período Ubaid. As inovações surgidas durante o período de Uruk e Jemdet Nasr constituíram o que se conhece como revolução urbana. Tal como o aparecimento da agricultura, a urbanização foi uma etapa crucial no desenvolvimento da humanidade. Como o seu nome indica, implicou o desenvolvimento das cidades e a transição para uma sociedade em que grande número de indivíduos vivia em áreas pequenas, muitos deles sem participar nos trabalhos agrícolas de subsistência.

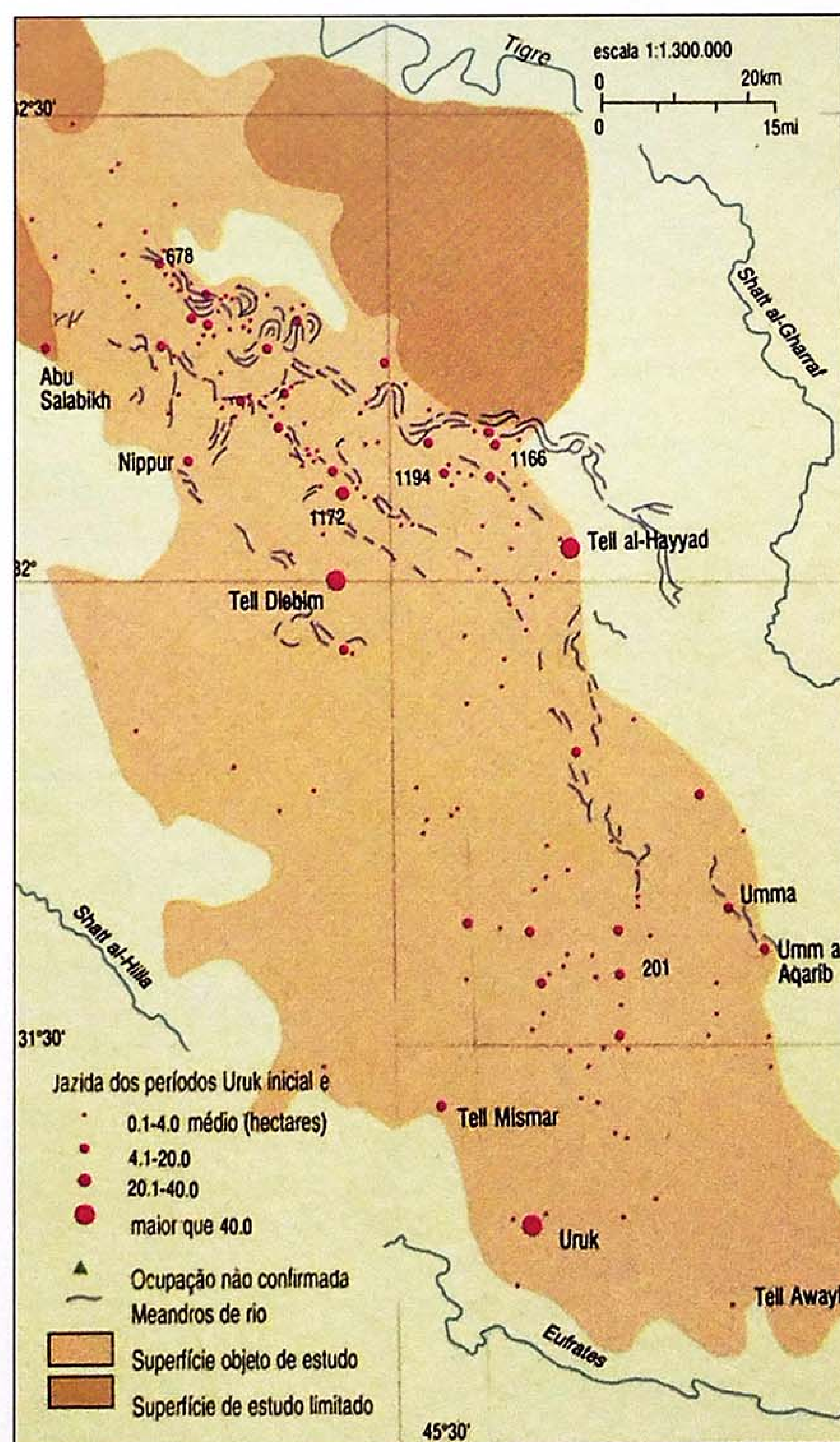
Não obstante, segundo o arqueólogo Gordon Childe (1892-1957), esta não é mais que uma das características da revolução urbana. Também implicou a substituição de uma sociedade cuja organização política se baseava nos laços territoriais por outra baseada nos laços de sangue. Mais ainda, esta sociedade dividia-se em classes e era dirigida por uma elite política, militar e religiosa que tinha enriquecido graças à imposição de tributos e que erigia edifícios públicos monumentais. Outra característica do desenvolvimento urbano foi o aparecimento de artesãos que viviam do seu ofício e que, por seu lado, contribuíram para o desenvolvimento de amplos circuitos comerciais. A invenção da escrita, o nascimento das ciências exatas e teóricas e o aparecimento da arte figurativa eram também parte integrante da revolução urbana. De fato, nos últimos séculos do 4° milênio, todas as cidades do Sul da Mesopotâmia apresentavam estas características em diversos graus.

É evidente que algumas das transformações foram conseqüência de outras. Por exemplo, a construção de prédios públicos afirmava a existência de uma sociedade na qual havia uma autoridade central com recursos suficientes para levar a cabo as obras. Pode afirmar-se que a base da revolução urbana não foi tanto a formação de cidades, mas uma alteração na natureza da sociedade que fomentou maiores aglomerações políticas e econômicas da população. Por esta razão, alguns arqueólogos preferem referir-se à "formação de Estados" em vez de ao "desenvolvimento das cidades". Esta perspectiva insiste na interdependência das cidades e dos povoados que constituíam a base econômica da sobrevivência da cidade.

Povoados do Sul da Mesopotâmia

De um modo geral a importância do Sul da Mesopotâmia no desenvolvimento da vida urbana é reconhecida, embora alguns povoados anteriores fora da Mesopotâmia, como os de Jericó e Chatal Huyuk, tivessem também algumas características de cidades. A transição decisiva do povoado para cidade produziu-se no início e em meados do período Uruk, que, segundo a datação por carbono-14, tiveram uma duração provável de entre 700 e mil anos (de 4300 a.C. a 3450 a.C., aproximadamente). Infelizmente, os elementos obtidos nas escavações arqueológicas relacionadas com este período são muito escassos. Pôde obter-se alguma informação de estudos arqueológicos que identificaram sítios habitados em um período determinado por fragmentos de cerâmica encontrados na superfície, sendo possível reconstruir o tipo de povoado. Não obstante, surgiram problemas quanto à interpretação de achados. Por exemplo, alguns sítios de Hajji Muhammad estão enterrados sob o lodo aluvial e, freqüentemente, em povoados habitados durante longo tempo, os períodos iniciais estão pouco representados pelos restos de cerâmica encontrados na superfície.

Em outros sítios faltam os níveis finais. Em Choga Mami, por exemplo, a única prova de povoamento durante o período Halaf é um poço que continha olaria desse período. Mais ainda, a datação de muitos restos de olaria encontrados na superfície de um sítio é incerta porque o conhecimento do desenvolvimento da olaria é disperso. Alguns períodos são mais facilmente identificados pela sua olaria que outros. Os sítios mais tardios de Uruk, com as suas numerosas tigelas de bordas biseladas, foram fáceis de reconhecer, enquanto outros pertencentes ao período Jemdet Nasr são mais difíceis de reconhecer. Os sítios que correspondem a um só período costumam figurar nos mapas como se tivessem sido habitados nas mesmas épocas, mas na realidade não é necessariamente assim. Isto causou problemas na identificação de sítios menores que poderiam ter sido suplantados mais freqüentemente que povoados e cidades maiores. Ape-



Tipos de povoações primitivas urbanas na Mesopotâmia do sul. A região ao norte e a leste de Nippur, onde ainda há marcas dos cursos dos antigos afluentes dos rios, que correm pela planície aluvial, era densamente povoada nos períodos inicial e médio de Uruk, o início do 4.º milênio a.C. No período Uruk final, muitos destes povoados do norte foram abandonados e estabelecidos outros mais a sul, nos arredores de Uruk. A superfície da cidade de Uruk duplicou. Este deslocamento da população de norte para sul continuou durante o período Jemdet Nasr no final do 4.º milênio a.C. Estes mapas baseiam-se nos resultados de um estudo arqueológico de superfície efetuado pelo norte-americano Robert Adams, que recolheu fragmentos de olaria, o que permitiu reconhecer os períodos de ocupação. A distribuição dos restos de vasilhas indicava a superfície ocupada por um povoado em um determinado período. Desta forma, Adams pôde estabelecer as dimensões e distribuição dos sítios desde o período Ubaid até os nossos dias, mostrando como tinha mudado o tipo de povoado ao longo dos milênios.

sar destas dificuldades foi possível estabelecer um quadro geral das alterações registradas no tipo de povoado ao longo do tempo. Durante a última época do período Ubaid, os sítios estudados eram pequenos (muito poucos chegaram a ocupar área de 10 hectares) e eram distribuídos uniformemente. Em grandes áreas de aluvião parece que não haviam povoados permanentes, embora possam ter sido utilizadas por pastores ou caçadores nômades. É provável que alguns dos maiores sítios Ubaid fossem focos de confluência de áreas vizinhas e que serviam de mercados, lugares de peregrinação etc.

O período Uruk

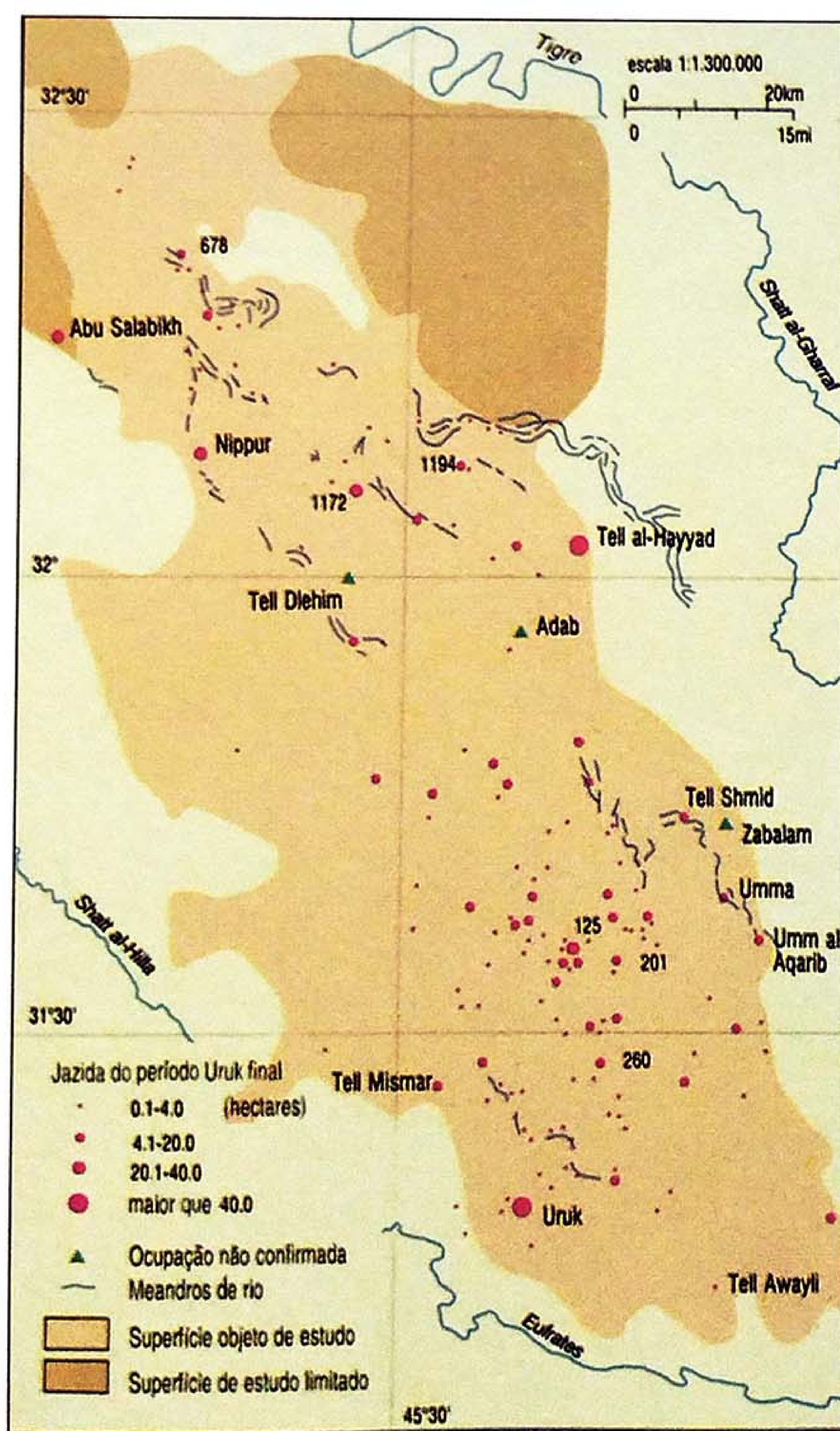
No início e em meados do período de Uruk, o número e as dimensões dos sítios aumentam. A parte norte da região próxima de Nippur, onde ainda é possível ver as marcas do antigo curso do rio, era muito povoada. Este antigo curso tinha aproximadamente o mesmo caudal que o moderno Eufrates. Tudo indica que no início e meados da época Uruk, o Tigre e o Eufrates se uniam rio acima, dividindo-se depois em uma série de canais através da planície aluvial. O sítio de Uruk cobria uma área de 70 hectares, enquanto ao norte havia dois sítios que ocupavam cerca de 50 hectares e outros dois de 30 hectares cada um. Não se sabe ao certo se este tipo de distribuição representava migrações de outros povos ou o desenvolvimento natural da população local.

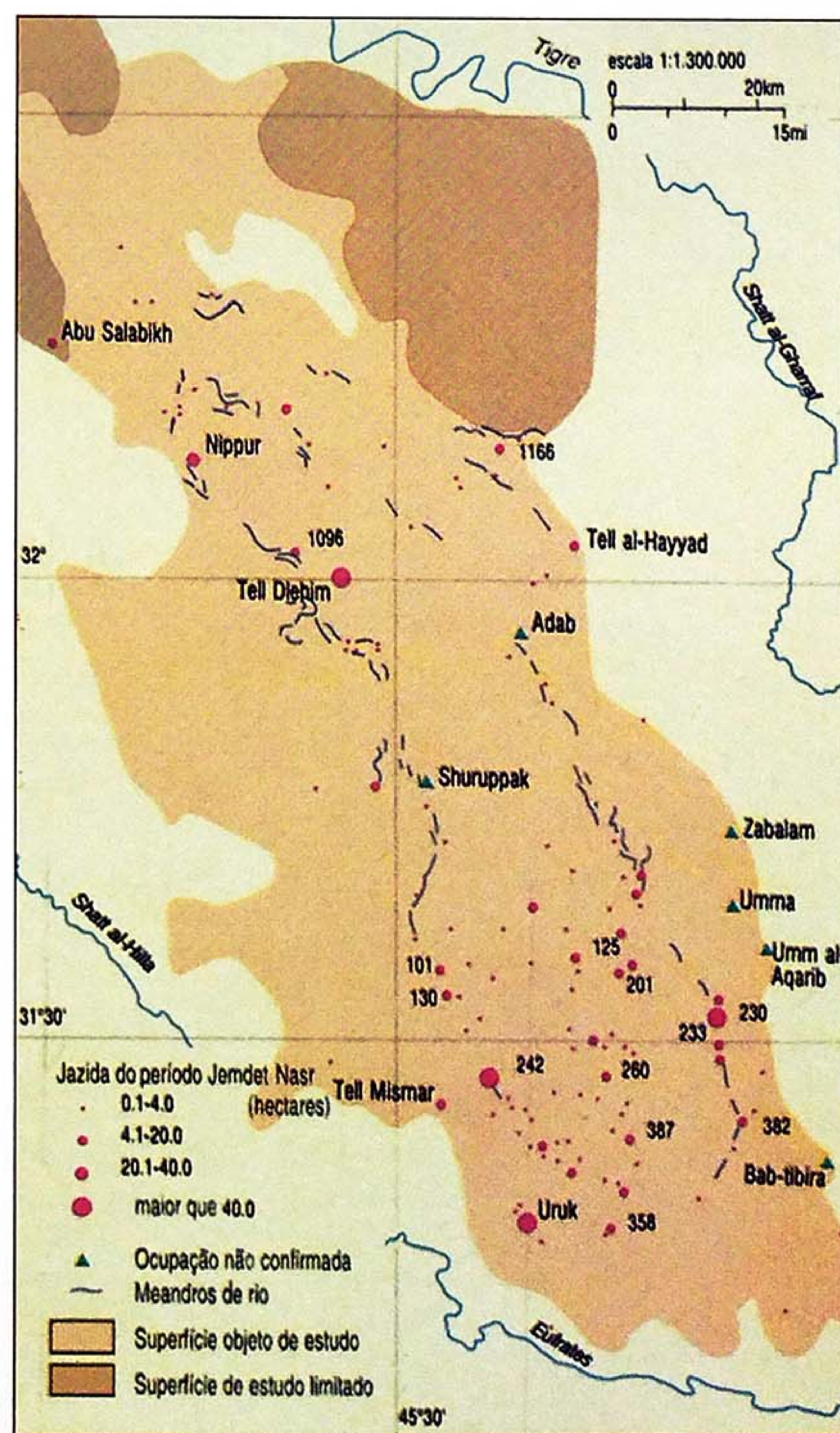
No final do período de Uruk os modelos mudaram. Se no norte a população diminuiu, no sul aumentou o número de povoados. Este desenvolvimento poderia ser devido a uma alteração no curso dos rios entre meados e final do período de Uruk, o que teria obrigado os habitantes a emigrar das regiões do norte. A área total ocupada no final do período de Uruk era um pouco mais extensa que a do período anterior. Não obstante, no período inicial cerca de 60% da área habitada se encontrava na região de Nippur, enquanto no período final cerca de 60% se concentrava ao redor de Uruk, que, com os seus 100 hectares, chegou ser duas vezes maior do que qualquer outro povoado.

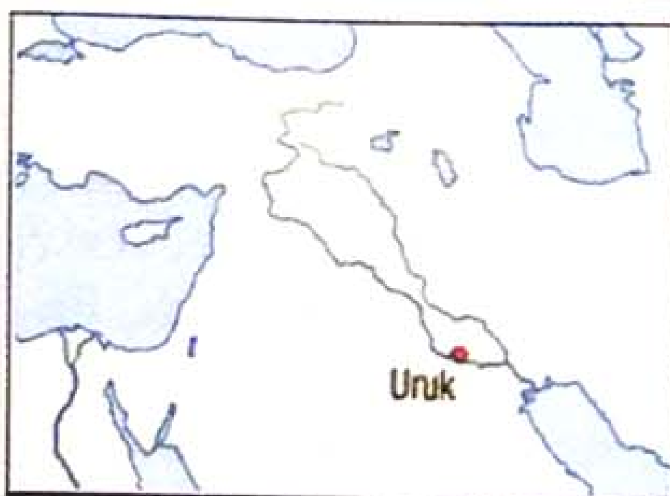
Nos períodos seguintes – Jemdet Nasr e primeiro Período Dinástico – persistem as mesmas tendências. No início do Período Dinástico I, a região de Uruk ocupava 850 hectares (mais do dobro da área total de Uruk final), dos quais a própria Uruk representava quase metade. Ao mesmo tempo, desenvolveram-se outros grandes centros e o número de pequenos povoados diminuiu acentuadamente. No início do Período Dinástico, os povoados organizavam-se em linhas, como as contas de um colar, substituindo a mais espontânea e desordenada disposição anterior. Este modelo poderia dever-se, em parte, à maior utilização de longas canalizações.

Calculou-se que, em função da população e do rendimento dos cultivos, no período de Uruk a área de terras agrícolas necessária para alimentar seus habitantes tinha cerca de 6 km de raio. Os agricultores talvez vivessem em Uruk e levassem cerca de uma hora para chegar aos campos, como acontece atualmente com os camponeses do Oriente Médio. No período Jemdet Nasr, a área necessária tinha cerca de 16 km de raio. Então, e certamente como antes, grande parte dos produtos consumidos em Uruk provinha de fora, talvez entregues como tributo ou em troca de mercadorias produzidas na cidade.

O nome moderno de Uruk é Warka. Aparece na Bíblia como a cidade de Erech. No período sumério chamava-se Unu, mas aqui vamos chamar de Uruk. O cará-



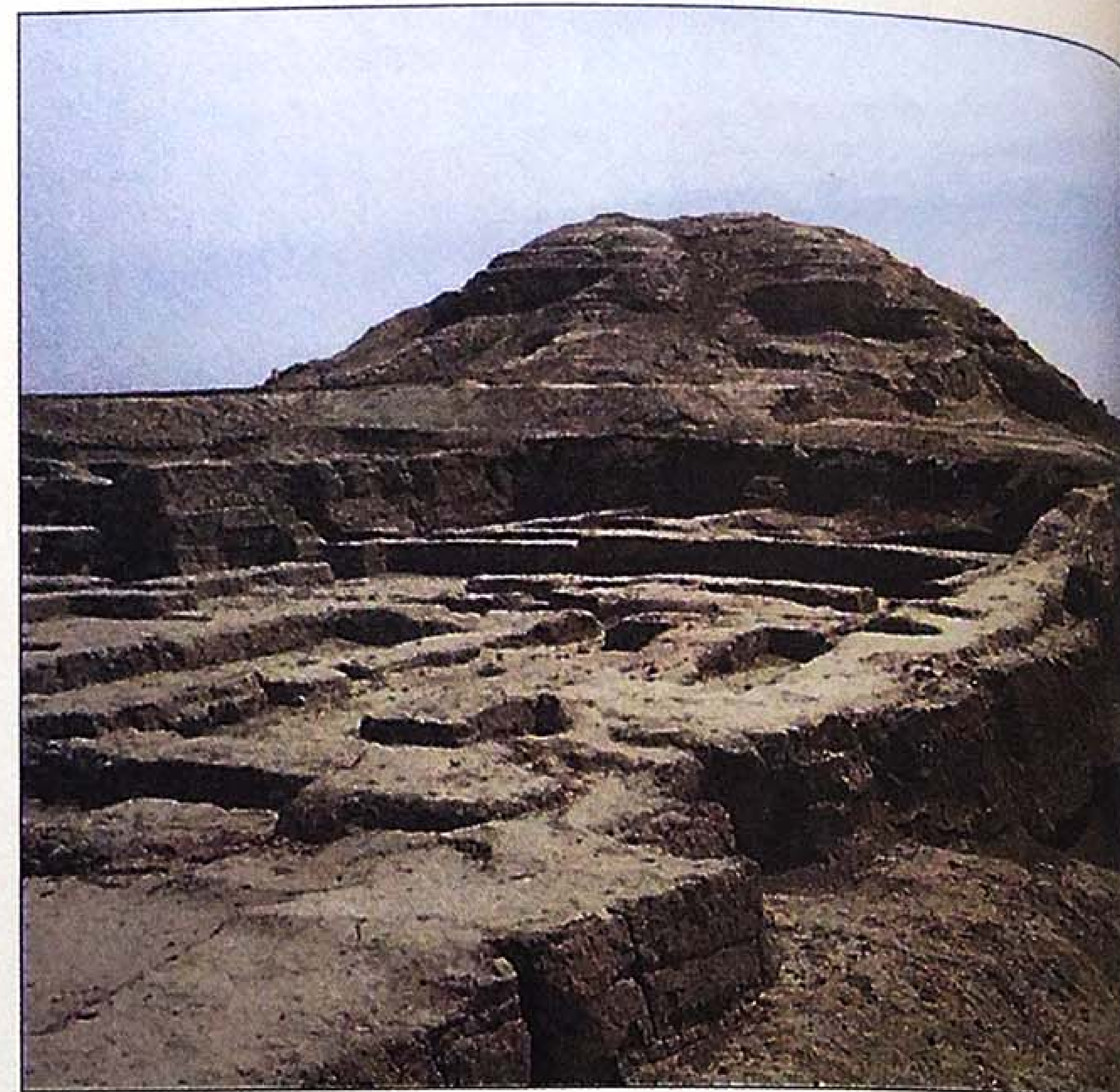




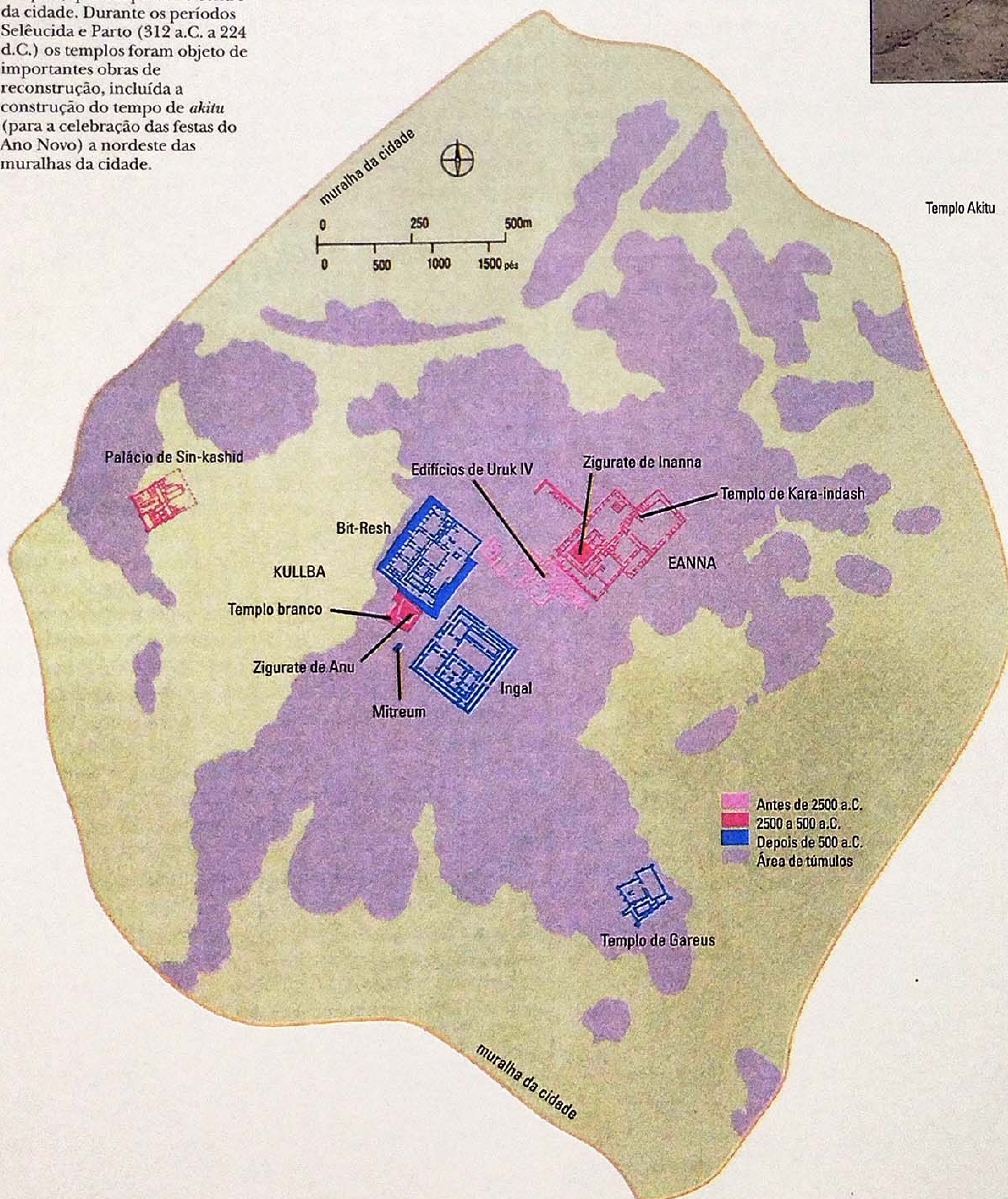
Uruk

Abaixo: O zigurate do templo de Inanna foi construído por Ur-Nammu (2112 a.C. a 2095 a.C.). Originalmente contava com uma escadaria tripla e tinha cerca de 55 m de largura. Os restos compõem-se de tijolos de adobe, e ainda se podem ver camadas de junco e de esteira entre as fileiras de tijolos.

O antigo povoado de Uruk (atualmente Warka) foi habitado durante cinco mil anos, desde o início do período de Ubaid até o século III da era cristã. No 4° milênio a.C., Uruk foi a cidade mais importante da Mesopotâmia; compreendia dois centros importantes: Kullaba, onde se encontrava o templo de An, o deus do céu, e Eanna, onde se adorava a deusa Inanna (que depois passaria a chamar-se Istar). Os primeiros vestígios de escrita foram achados em Eanna. Durante o início do Período Dinástico I, a cidade de Uruk ocupava uma área de 400 hectares e relatos de épocas posteriores dizem que a muralha que a rodeava tinha sido construída por Gilgamesh, o rei lendário de Uruk. A cidade continuou a ser um importante centro religioso e seus santuários foram embelezados por muitos dos sucessivos soberanos da Mesopotâmia.



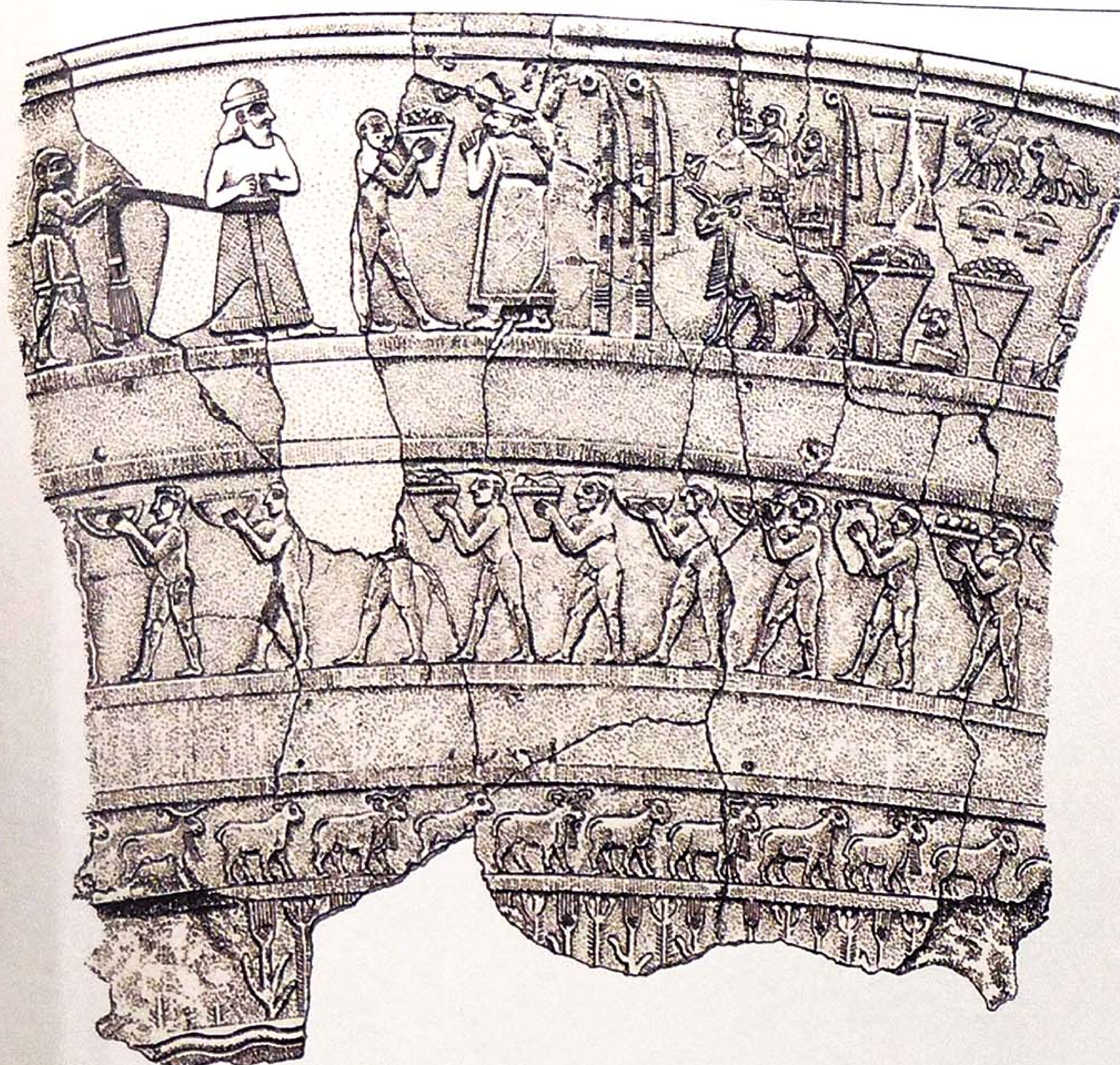
As muralhas da cidade têm 9,5 km de comprimento, aproximadamente. Segundo *A epopéia de Gilgamesh*, um terço da cidade de Uruk era constituída por templos, e outro terço, por jardins. As escavações concentraram-se na zona dos templos, que ocupavam o centro da cidade. Durante os períodos Selêucida e Parto (312 a.C. a 224 d.C.) os templos foram objeto de importantes obras de reconstrução, incluída a construção do tempo de *akitu* (para a celebração das festas do Ano Novo) a nordeste das muralhas da cidade.





Acima: Máscara de tamanho natural feita de pedra caliça, achada em um poço que data do ano 3000 a.C. aproximadamente. Representa uma mulher. Originalmente tinha uma peruca, e os olhos e as sobrancelhas tinham incrustações. Ainda hoje, no Oriente Médio, as sobrancelhas que se juntam ao centro continuam a ser sinal de beleza. É provável que a máscara fizesse parte da estátua de uma deusa, talvez Inânia.

Ao centro, à direita: Nesta estatueta de um governante de Uruk, do 4.° milênio, nota-se uma considerável habilidade técnica. Embora idealizada, parece representar uma pessoa em particular. Em estátuas posteriores de fiéis, destinadas aos templos, as mãos estavam unidas. Os punhos fechados poderiam representar uma forma inicial desta posição.



Acima, à direita: A jarra de Warka é um dos dois encontrados no tesouro de um templo do nível III de Uruk (3000 a.C.), mas é provável que tenha sido gravado em uma época anterior. A jarra representa uma cena de oferendas à deusa Inanna. O soberano e a deusa aparecem na parte superior.





ter excepcional do sítio de Uruk que o levantamento topográfico revelou foi confirmado pelas escavações. Investigaram-se duas áreas diferentes pertencentes aos primeiros períodos: uma próxima dos templos Eanna de Inanna, versão suméria da deusa Istar, deusa do amor e da guerra, outra cerca de 400 m a oeste, na região do templo de An (ou Anun), o deus do céu.

Uruk: o complexo do templo de Eanna

No recinto de Eanna foram escavados muitos vestígios de construções que datam do último período Uruk, mas resta somente parte dos alicerces dos prédios originais, visto que foram demolidos e nivelados. O edifício principal da fase mais antiga (nível V) era o templo de terra calcária que, como se descobriu, tinha outros dois níveis. Os alicerces de pedra descansam sobre um fundo de lodo e originalmente mediam 76 m de comprimento por 30 m de largura. Não se sabe ao certo se era realmente um templo, mas a intrincada estrutura de fórnices e de contrafortes, a planta uniformemente tripartida e a sua localização em uma área sagrada indicam que de fato era.

Na fase seguinte (nível IVb) aparecem dois complexos rodeados de muralhas, o maior para sudeste e o menor para noroeste. Aos prédios do sudeste se chegava por uma pequena escada dupla de cerca de 1,70 m de altura, com duas fileiras de colunas na parte alta (de 2,60 m de largura cada uma). As muralhas e as colunas eram construídas com tijolos pequenos de seção quadrada (chamados tijolos *riemchen* pelos arqueólogos alemães que escavaram o sítio) característicos da arquitetura do último período Uruk. Eram cobertos com uma grossa camada de adobe na qual se colocavam milhares de pequenos cones de argila cozida com base vermelha, branca ou preta, formando diferentes desenhos (em ziguezague, losangos, triângulos e riscas diagonais) como os das esteiras tecidas. Este edifício é conhecido como o Pátio dos Mosaicos ou Templo das Colunas, embora possivelmente não seja um templo, mas uma entrada monumental para o recinto sagrado. A seguir havia vários prédios retangulares tripartidos, alguns com uma sala central em forma de cruz e outros com complexos fórnices e contrafortes. Estes edifícios foram identificados como templos. Os três a nordeste pareciam-se muito com casas do mesmo período encontradas na Síria e é possível que fossem residências, não de deuses, mas de sacerdotes.

A sudoeste ficava o Edifício Quadrado, com um pátio emoldurado por uma grande sala retangular de cada lado. Nas paredes do pátio e na fachada externa havia fórnices de construção muito complexa. No ângulo norte havia uma sala quadrada com uma grande cavidade. Este não era um templo mesopotâmico característico e não se sabe qual seria a sua função, mas é evidente que se tratava de um prédio público que desempenhava um papel importante no cerimonial.

Na extremidade oeste do complexo Eanna havia uma área diferente onde ficava o Templo dos Mosaicos cônicos de pedra. Rodeado de uma muralha com contrafortes de ambos os lados, o templo tinha sido decorado com mosaicos cônicos de pedra branca, preta e vermelha, montados em estuque. Sobreviveram apenas os alicerces do templo de pedra calcária, que pareciam ter a mesma planta de outros templos, mas os arqueólogos encontraram vestígios de outros cinco edifícios que, segundo crêem, teriam sido versões anteriores deste templo.

Na fase seguinte do complexo Eanna (nível IVa) o mapa da área foi modificado. Novos prédios sobrepuseram-se aos alicerces mais antigos ou então foram ca-

vados neles. Estas alterações desenvolveram-se ao longo de um período prolongado, de modo que alguns edifícios atribuídos a uma fase anterior estavam de pé junto com alguns dos posteriores. Em ambos os níveis os vestígios eram muito fragmentados, mas um plano reconstruído mostra que, uma vez mais, a área era dividida em duas. O prédio maior, o Templo D, foi construído sobre um terraço, obtido a partir do enchimento do pátio e da entrada de colunas da fase anterior. O templo media cerca de 80 m por 50 m, e, se a sala central em forma de cruz fosse coberta (como é provável, dado que tinha a mesma planta que os outros templos), as vigas teriam medido mais de 10 m. Elas teriam sido trazidas por terra das montanhas Amanos até o Eufrates e enviadas pelo rio abaixo. Nas lendas sumérias posteriores há relatos sobre Gilgamesh e outros que partem em expedição no Bosque de Cedros. Estas expedições poderiam ter começado já no período Uruk.

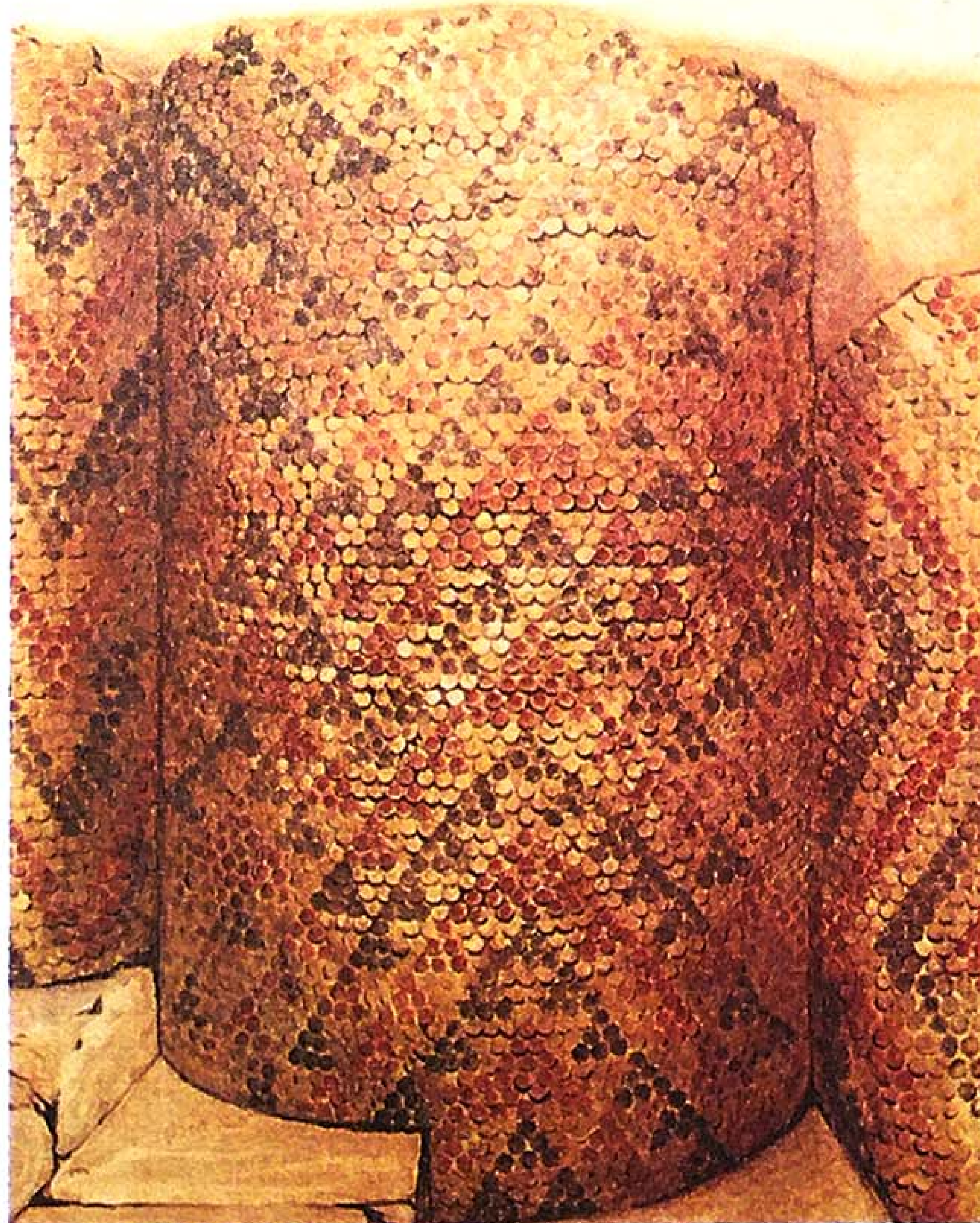
A noroeste deste templo, encontrava-se o Templo C, mais bem conservado. (De fato, a sua planta claramente tripartida e a sua sala cruciforme serviram de base para a reconstrução das plantas de outros templos). Media 54 m por 22 m. Uma segunda unidade tripartida mais reduzida, no extremo nordeste, tinha o mesmo tamanho que o maior dos templos Ubaid em Eridu e de muitos templos do Uruk final. A Sala de Colunas, também decorada com mosaicos feitos com cones de pedra e uma área quadrangular e o Grande Pátio, que pode ser uma praça de quase 50 m^2, afundada e com bancos ao redor, eram contemporâneos destes dois templos.

No outro complexo do noroeste, os *Riemchengebäude* (edifícios construídos com tijolos *riemchen*) substituíram o Templo de Mosaicos de Cones de Pedra, mais antigo. O *Riemchengebäude* constava de uma sala interior rodeada de um corredor, com uma segunda sala ao longo do lado sudeste. O corredor que rodeava a sala central estava cheio de vasilhas de cerâmica amontoadas e o corredor nordeste continha fragmentos de uma estátua, uma divindade do tamanho de um homem. Na sala central havia grandes quantidades de ossos de animais. Toda a área estava queimada, como se os animais tivessem sido atirados às chamas. Os restos sugerem algum tipo de ritual. Poderia tratar-se, por exemplo, do lugar onde se enterravam os soberanos ou sumos sacerdotes, mas não está comprovado.

Na região superior da última fase do complexo Eanna havia sinais de combustão contínua, que poderia ser resultado da incineração de oferendas. Os vestígios do nível III, pertencentes ao período Jemdet Nasr, eram fragmentados. A característica principal era um terraço de cerca de dois metros, que se continuou a utilizar no Período Dinástico Inicial. Em uma sala encontrou-se um tesouro importante, do qual se descreve mais adiante alguns valiosos objetos.

Urak: o templo de Anu

Cerca de 500 m a oeste de Eanna ficava a área do templo de Anu. Escavou-se aqui uma série de templos construídos sobre terraços, bastante semelhantes aos de Eridu. O mais antigo deles data do período Ubaid e o último provavelmente do período Jemdet Nasr. O mais bem conservado é o Templo Branco, assim chamado porque as suas paredes eram cobertas por uma fina camada de estuque. Media 17,5 m por 22,3 m (quase as mesmas dimensões que a parte final do Templo C em Eanna) e a sua planta era também tripartida. Nas paredes havia nichos e, no meio dos contrafortes, fendas onde originariamente assentavam escoras.





À esquerda e acima: Pintura de uma coluna reconstruída, pertencente à entrada do nível IVb do recinto de Eanna, em Uruk. A decoração de mosaico geométrico é composta por centenas de bases de cones de argila cozida e pintada, com cerca de 10 cm de comprimento. Este tipo de decoração, com cones de argila ou de pedras coloridas encaixadas em estuque, é característico do período de Uruk final.

No ângulo leste, na parte mais baixa da parede, havia uma cova que guardava os corpos de um leopardo e do que possivelmente foi um filhote de leão. Este poderia ser um dos primeiros exemplos de depósito nos alicerces, que em períodos posteriores costumava incluir inscrições com o nome do templo e do seu construtor.

No Templo Branco havia uma mesa para sacrifícios e um altar, característicos dos templos mesopotâmicos, embora neste caso o altar fosse acrescentado posteriormente, visto que bloqueava uma entrada na parede do fundo. O tempo foi erigido em uma plataforma com rampa. De altura de cerca de 13 m, a plataforma era significativamente mais alta que as dos templos Ubaid em Eridu. O Templo Branco foi um dos primeiros antecessores do zigurate, que nos três milênios seguintes dominou o horizonte das cidades mesopotâmicas.

Outros sítios do Sul de Uruk

Em outras regiões da Mesopotâmia havia muitos vestígios do Uruk final, mas na sua maioria estavam enterrados profundamente sob os restos de períodos posteriores. Nos poucos sítios em que se encontraram edifícios, a arquitetura, como em Uruk, era de caráter religioso na sua maior parte. Em Eridu, a plataforma que continha uma longa série de templos do período Ubaid tinha sido ampliada e decorada com colunas. Em Tell Uqair, muito mais a norte, um templo do período Uruk final elevava-se sobre uma plataforma a que se tinha acesso através de uma escada. A borda da plataforma era decorada com cones de mosaico. O nível superior era coberto de betume e as paredes do templo tinham sido construídas diretamente por cima. A metade do templo conservada mostra que tinha uma planta tripartida com um altar e uma mesa para sacrifícios, tal como o Templo Branco de Uruk. As paredes eram cobertas com pinturas que, excepcionalmente, se conservaram, porque o edifício foi preenchido com tijolos de adobe como plataforma para uma construção posterior. As pinturas consistiam em motivos geométricos e pictóricos. O altar era deco-

Acima, à direita: As paredes interiores do templo do período Uruk final de Tell Uqair eram decoradas com pinturas, algumas geométricas, com motivos semelhantes aos utilizados nos mosaicos de cones, e outras de animais. Nesta vê-se um animal com manchas, identificado como um leopardo do tipo que ainda pode ser encontrado nas montanhas do Irã. Altura: cerca de 90 cm.

À direita: Plano dos níveis primeiro (IVb) e o seguinte (IVa) do recinto de Eanna em Uruk, do período Uruk final. A grandeza, a variedade e a complexidade da arquitetura demonstram que os edifícios respondem a um projeto esmerado e a sua finalidade era não somente servir para cerimônias religiosas, mas também impressionar o povo simples pela riqueza e pelo poder das suas construções.



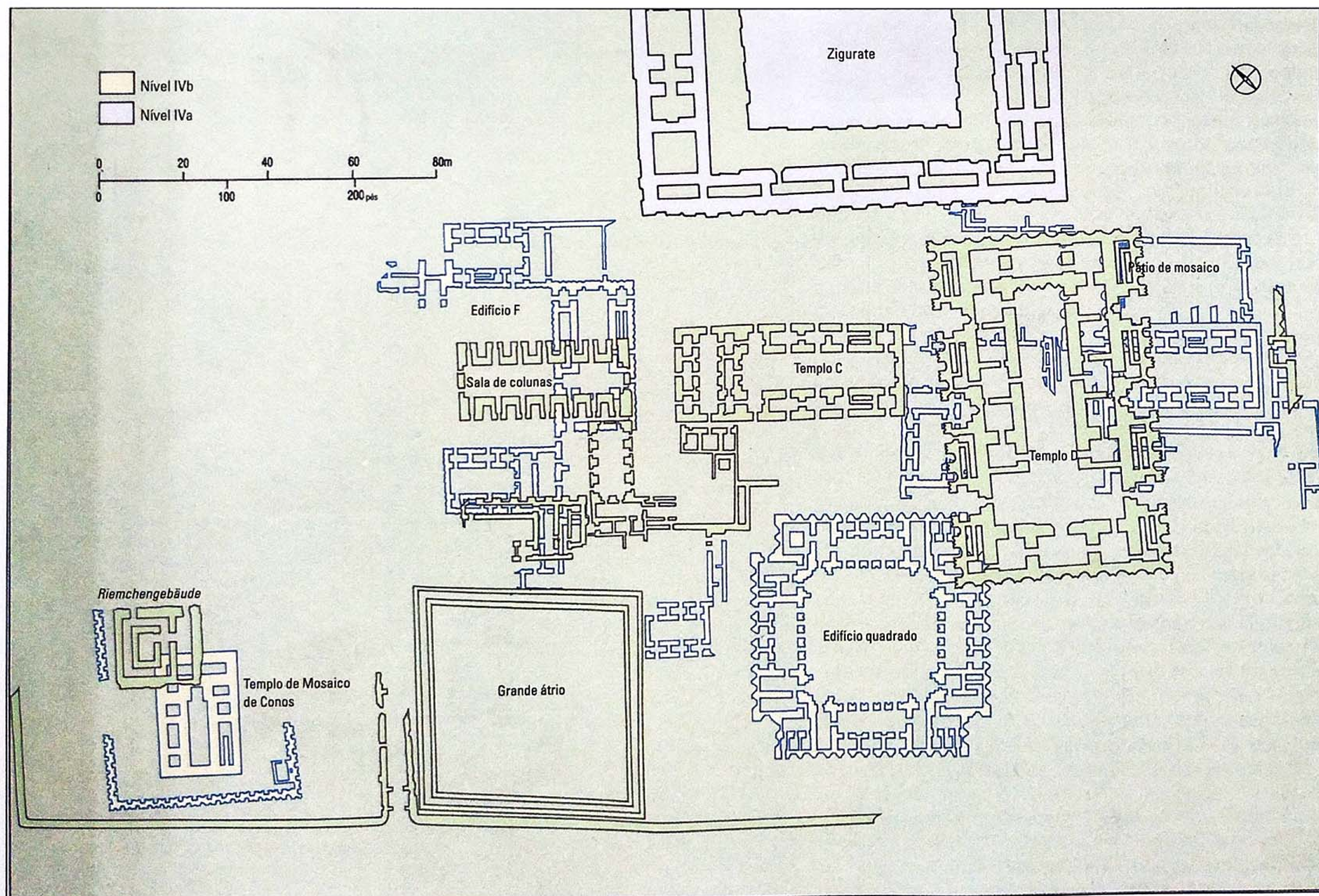
rado com as figuras de um leopardo, de um touro e, possivelmente, de um leão, que recordavam o enterro de um leopardo e de um leão no nível mais baixo do Templo Branco.

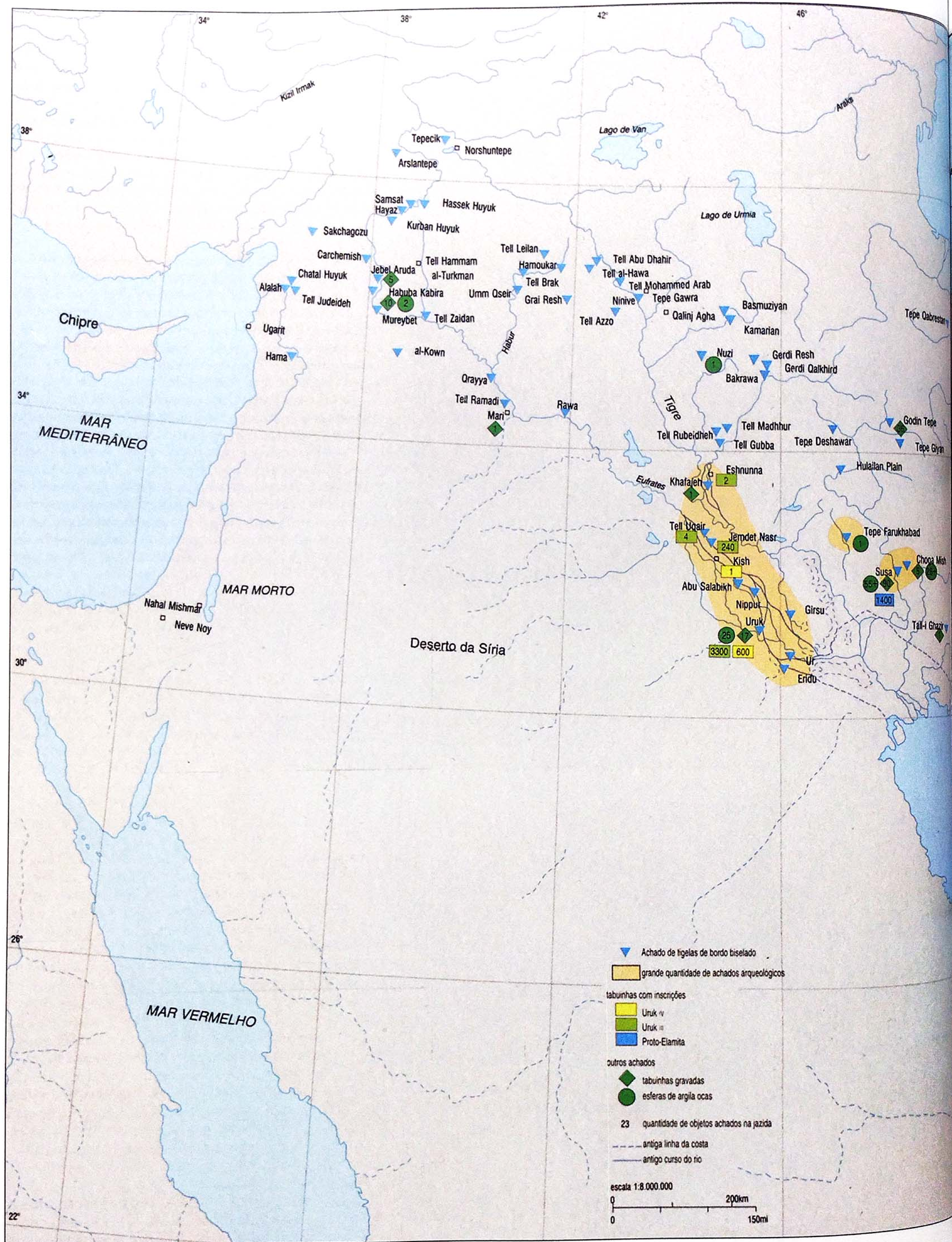
Colônias e comércio

Durante o período Uruk final, a influência do Sul da Mesopotâmia chegou até o planalto mediterrânico e iraniano. Encontraram-se objetos de olaria e outros do estilo do Sul da Mesopotâmia em regiões muito afastadas do seu lugar de origem, o que deu lugar a especulações sobre a forma como chegaram até ali. Algumas povoações do Sudoeste do Irã e do Norte da Mesopotâmia, ao longo dos rios Tigre e Eufrates, tinham tantos traços em comum, que é provável que tivesse havido contatos diretos com a Baixa Mesopotâmia e até com colônias. Em outros casos, os vínculos poderiam ser derivados do comércio ou do fato de que a população imitava o estilo dos seus próprios vizinhos. Não se sabe em que medida os soberanos de Uruk podem ter exercido um controle político, mas seus motivos para estabelecer tão remotos avanços da cultura de Uruk podem estar relacionados com o controle de recursos tais como madeira, metais e pedras preciosas.

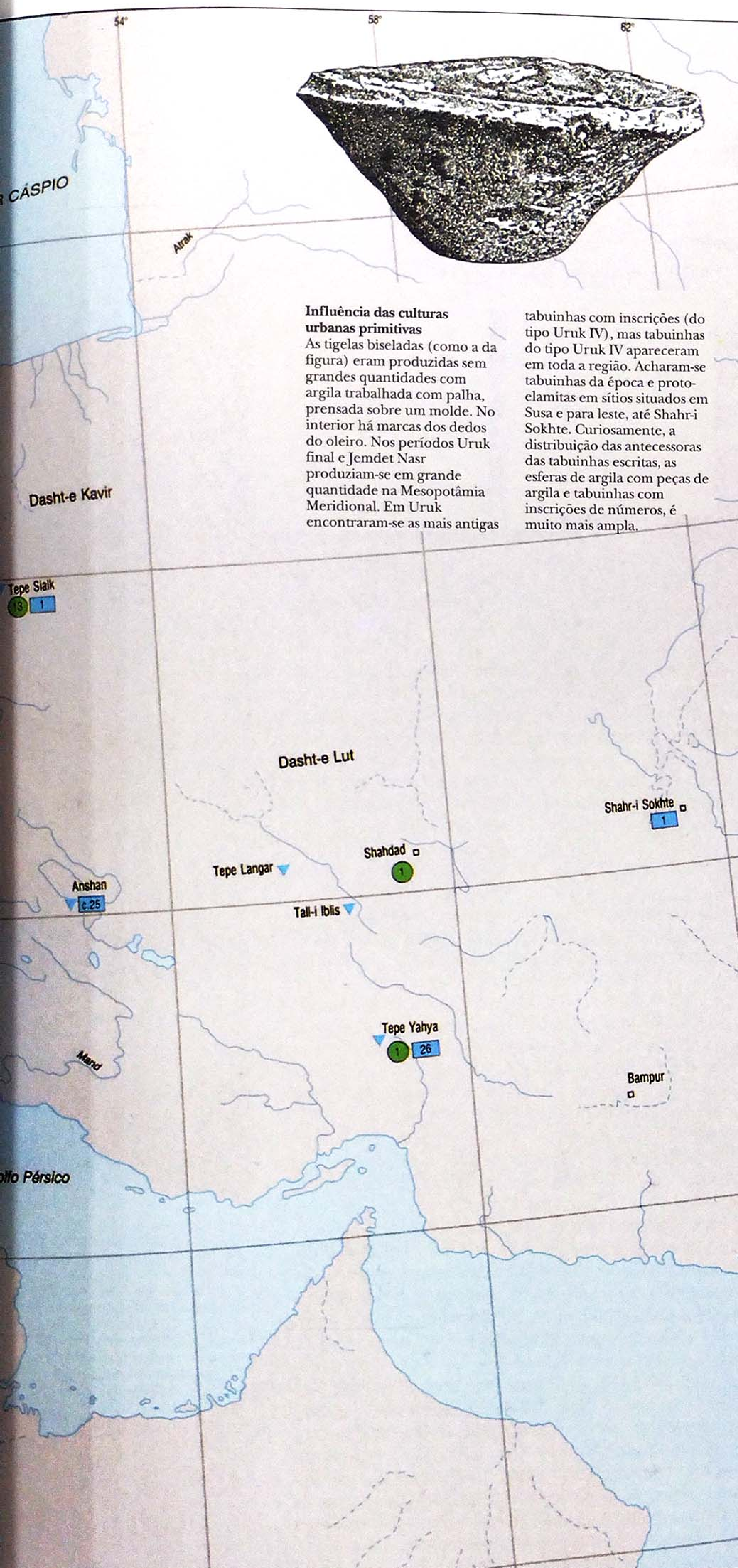
Susa e Irã

As planícies aluviais do Sudoeste do Irã eram conhecidas como Susiana, pela cidade de Susa, fundada no final do período de Ubaid e transformada em capital de sucessivos reinos. Foi a capital administrativa dos persas no século IV a.C. no tempo de Alexandre Magno. A





34°
38°
42°
46°
38°
34°
30°
26°
22°
Kizil Irmak
Araks
Lago de Van
Lago de Urmia
Tepecik
Norshuntepe
Arslantepe
Samsat
Hayaz
Hassek Huyuk
Kurban Huyuk
Sakchagozu
Carchemish
Tell Hammam
al-Turkman
Jebel Aruda
5
Chatal Huyuk
Alalah
Tell Judeideh
Habuba Kabira
10
2
Mureybet
Tell Zaidan
Tell Leilan
Hamoukar
Tell Brak
Umm Qseir
Grai Resh
Tell Abu Dhahir
Tell al-Hawa
Tell Mohammed Arab
Tepe Gawra
Ninive
Tell Azzo
Qalinj Agha
Basmuziyan
Kamarian
Tepe Qabrestan
Chipre
Ugarit
Hama
al-Kown
Habur
Qrayya
Tell Ramadi
Mari
1
Rawa
Nuzi
1
Gerdi Resh
Gerdi Qalkhird
Bakrawa
Tigre
Tell Madhhur
Tell Rubeidheh
Tell Gubba
Tepe Deshawar
Godin Tepe
Tepe Giyan
Hulailan Plain
MAR
MEDITERRÂNEO
Eshnunna
2
Eufrates
Khafajeh
1
Tell Uqair
4
Jemdet Nasr
240
Kish
1
Tepe Farukhabad
1
Choga Mish
Susa
1400
Abu Salabikh
Nippur
Girsu
Uruk
25
17
3300
600
Tall-i Ghazir
Ur
Eridu
MAR MORTO
Nahal Mishmar
Neve Noy
Deserto da Síria
MAR VERMELHO
Achado de tigelas de bordo biselado
grande quantidade de achados arqueológicos
tabuinhas com inscrições
Uruk IV
Uruk III
Proto-Elamita
outros achados
tabuinhas gravadas
esferas de argila ocas
23 quantidade de objetos achados na jazida
antiga linha da costa
antigo curso do rio
escala 1:8.000.000
0
200km
0
150mi



Influência das culturas urbanas primitivas
As tigelas biseladas (como a da figura) eram produzidas sem grandes quantidades com argila trabalhada com palha, prensada sobre um molde. No interior há marcas dos dedos do oleiro. Nos períodos Uruk final e Jemdet Nasr produziam-se em grande quantidade na Mesopotâmia Meridional. Em Uruk encontraram-se as mais antigas tabuinhas com inscrições (do tipo Uruk IV), mas tabuinhas do tipo Uruk IV apareceram em toda a região. Acharam-se tabuinhas da época e proto-elamitas em sítios situados em Susa e para leste, até Shahr-i Sokhte. Curiosamente, a distribuição das antecessoras das tabuinhas escritas, as esferas de argila com peças de argila e tabuinhas com inscrições de números, é muito mais ampla.

história de Susiana desenvolve-se paralelamente à da Mesopotâmia e em muitos casos foi uma extensão das terras baixas mesopotâmicas. No Ubaid final, Choga Mish tinha-se transformado em um centro regional e ocupava cerca de 15 hectares. Depois, no período Susa I (ou Susa A), que corresponde à primeira parte do período Uruk, a área de Susa chegou a ter as mesmas dimensões.

As escavações de Susa revelaram os vestígios de uma grande plataforma de adobe que media no mínimo 80 m por 65 m e mais de 10 m de altura, encontrando-se ornamentada com cilindros de cerâmica colados à fachada. A parte superior da plataforma estava muito destruída pela erosão, mas conservavam-se algumas salas de armazenamento que continham vasilhas e grão carbonizado, assim como vestígios de construções que poderiam ter pertencido a um complexo de templos. Na base da plataforma havia um grande cemitério que continha mais de mil de túmulos de adultos. Alguns tinham sido enterrados inteiros, mas outros tinham sido expostos e os seus ossos, colocados em vasilhas de cerâmica pintada. A maioria dos túmulos continha peças de cerâmica pintada, entre elas, algumas das mais delicadas jamais produzidas. Outras continham objetos de cobre, tochas planas, cinzéis grandes e pequenos, alfinetes e discos perfurados, que, provavelmente, serviam de espelhos.

Muito provavelmente Susa foi fundada como centro religioso. A grande plataforma poderia ter sustentado um imponente templo, assim como armazéns para dízimos, que se poderia ver de longe, levantando-se sobre a planície. Tal como em outros lugares de peregrinação, o povo da época queria ser enterrado ali. Os objetos de cobre dos túmulos poderiam ter pertencido aos sacerdotes que regiam o santuário. Em toda a região de terras baixas, outros centros religiosos semelhantes serviam de focos para as regiões circundantes e concentravam riqueza e poder através dos presentes que se faziam aos templos ou mediante tributos. Este aspecto da urbanização, evidente no 5º milênio a.C. em Choga Mish, Eridu, Uruk, Nippur e Tel Uqair, foi cada vez mais importante no 4º milênio.

No período seguinte, em Susa (Susa II), a influência da cultura suméria de Uruk final é evidente. A olaria incluía peças características do Uruk final, como vasilhas com bicos curvos, com quatro asas e tigelas de borda biselada. As pequenas e toscas tigelas de bordo biselado, de forma cônica, eram muito comuns e encontraram-se aos milhares nos sítios do Sul da Mesopotâmia. No entanto, não se sabe exatamente para que se usavam, se eram tigelas que continham uma ração para os trabalhadores, tigelas votivas para fazer oferendas ao templo, se eram utilizadas nas festas oficiais, se eram recipientes para cozinhar pão ou se serviam algum alimento como o iogurte. Em qualquer caso, em Susa não representavam a evolução de estilos locais mais antigos, que porém tinham sido vindo do Ocidente. Também se encontraram esferas de argila ocas e seladas e tabuinhas gravadas (o mais antigo método de contabilidade) nos últimos níveis do período Susa II.

Em Godin Tepe, sítio que se encontra na rota principal da Mesopotâmia para o Irã, havia um pequeno enclave que poderia ter sido uma colônia comercial susiana ou suméria. Havia edifícios públicos, e era rodeado por uma muralha curva. A sua cultura era das terras baixas da Mesopotâmia, com a sua olaria, estampagem com selos e tabuinhas gravadas características de Susa e de Uruk. Também se encontrou a influência de Uruk, representada por tigelas de bor-

da biselada, no planalto iraniano, em Tepe Qabrestan, Tepe Yahya e Tepe Sialk, à beira do deserto de Dasht-i Kavir.

Tepe Gawra e a Mesopotâmia do norte

No Norte da Mesopotâmia desenvolveu-se uma cultura própria (chamada Gawra) no final do período Ubaid. Tepe Gawra, no norte do que é hoje o Iraque, voltou a ser o local onde se instalou um povoado, nos níveis superiores aos excepcionais templos Ubaid do nível XIII. Depois do nível seguinte, o XII, destruído por um grande incêndio, o povoado reconstruído foi dominado pela grande Casa Redonda, que, segundo se crê, foi a residência fortificada do chefe. Continha armazéns de grão e maças com as extremidades em forma de pêra, provavelmente uma das mais antigas armas utilizadas na guerra.

Nos níveis superiores havia um novo tipo de templo, com uma planta tripartida e um pórtico saliente. Em volta e por baixo dos templos, havia numerosos túmulos, entre eles 80 de adobe que datavam do período Gawra. Alguns dos túmulos continham contas, os adornos mais comuns na cabeça, no pescoço, nas mãos, nos pulsos, na cintura, nos joelhos e nos tornozelos. Em vários túmulos havia milhares de contas e um em particular tinha mais de 25.000.

Eram de diversas pedras, entre outras, turquesa, jade, cornalina e lápis-lazúli, diorito, louça branca, eletro, concha e marfim. As contas de lápis-lazúli constituem os mais antigos exemplares desta pedra semipreciosa azul-escura encontrados na Mesopotâmia. Dado que as jazidas mais próximas de lápis-lazúli ficam na província de Badajshan, no Norte do Afeganistão, a uma distância de mais de 2.000 km, a presença de 500 contas de lápis-lazúli neste túmulo indica que as relações mercantis eram muito amplas. Também se encontraram rosetas de ouro e pentes de marfim fabricados com dentes caninos de javali. O objeto mais interessante poderia ser uma pequena cabeça de lobo, feita de eletro, uma liga natural de ouro e prata. É feita em uma só peça de metal, salvo as orelhas, fixas com ganchos de cobre; o maxilar inferior, fixado com um gancho de eletro, e os dentes, feitos com arame de eletro. As cavidades dos olhos continham betume e é provável que tivessem pedras de cor incrustadas.



Depois do período Gawra, a influência da cultura Uruk final do sul, na Mesopotâmia do norte, tal como em Susiana, foi cada vez maior. Nínive, por exemplo, que produzia uma olaria típica do Uruk final do sul, poderia ter sido a instalação de uma colônia meridional, dado que ficava perto de uma importante passagem do Tigre.

Em Tell Brak, nas planícies de Habur, são também claros os vínculos estreitos com o sul. O Templo do Olho era um templo meridional em um âmbito setentrional. A sua planta incluía uma sala central cruciforme e as paredes eram decoradas com rosetas de pedra e mosaicos de cones de terracota. O altar tinha barras de ouro entre outras de pedra coloridas, fixadas com pregos de prata e cabeça de ouro. O templo recebeu o seu nome depois de ter sido encontrado entre ruínas milhares de pequenas imagens de pedra que, por vezes, se conhecem como símbolos da cabana e outras como ídolos do olho. As dimensões do sítio correspondente ao Uruk final eram de cerca de 110 hectares, tão grande como a própria Uruk.

O Alto Eufrates

As escavações da área da represa de Tabqa do Eufrates, na Síria, revelaram sítios do Uruk final, que pareciam ser colônias da Mesopotâmia do sul.

O sítio de Habuba Kabira, com a sua acrópole religiosa Tell Qannas, espalhava-se por mais de um quilômetro ao longo da região ribeirinha ocidental do Eufrates e era protegida por uma muralha fortificada. Tanto os tijolos de adobe dos muros como os utilizados para os edifícios eram os mesmos *riemchen* característicos dos períodos Uruk e Jemdet Nasr do sul.

Em Tell Qannas, as plantas dos templos e das casas eram semelhantes às de Uruk e de Tell Uqair. Encontravam-se também entre a olaria tigelas de borda biselada feitas com molde, como em Uruk, e outros tipos de olaria característicos do Sul da Mesopotâmia.

Outros achados incluem tabuinhas, com símbolos gravados e seladas com selos cilíndricos, assim como bolas de argila ocas que continham contas. É muito provável que estes povoados correspondessem a colônias estabelecidas por mercadores ou pelo governo da Suméria.

A influência do Uruk final espalhou-se pelo Eufrates até a Turquia. Acharam-se mosaicos de cones em Samsat, enquanto Hassek Huyuk, um pequeno povoado fortificado de menos de um hectare, compreendia vários prédios característicos do Uruk final, com mosaicos de cones de argila. Em Arslantepe, mais ao norte, foram encontradas muitas marcas de selos do Uruk final, que provavelmente cumpriam uma função na administração local. Acharam-se também tigelas com



À esquerda: Jarra de cerâmica pintada que data de 4000 a.C., aproximadamente, encontrada no cemitério de Susa. Na parte superior vê-se uma fileira de pássaros de pescoço comprido sobre uma fileira de cães de corpos alongados, provavelmente galgos. Não se conhece o significado do símbolo que está entre os chifres. Altura: cerca de 30 cm.



Acima: No templo de Tell Brak, do quarto milênio a.C., encontraram-se mais de 200 "ídolos do olho" (e milhares de fragmentos) de pedra e de argila cozida. Calcula-se que cerca de 20.000 destes ex-votos, que mediam entre 2 cm e 11 cm de altura, estavam depositados no templo. Em outros sítios da época encontraram-se objetos semelhantes, embora em menor quantidade.

borda biselada em Tepecik, nas montanhas, perto das fontes do Tigre.

Egito

A influência de Uruk chegou ao Egito pelo oeste no período Naqada II (ou Gerzeano), contemporâneo do Uruk final e do Jemdet Nasr. Alguns tipos de olaria encontrados ali, como os cântaros com asas salientes, provinham do período Calcolítico da Palestina, mas outros elementos, como as vasilhas com asas e bicos, eram característicos da olaria do Uruk final. Os selos cilíndricos apareceram também pela primeira vez no Egito nesse momento. Alguns vinham do leste, mas outros eram da região e os seus motivos eram mesopotâmicos ou iranianos. Como na Mesopotâmia, foi encontrado nos túmulos lápis-lazúli procedente do longínquo Afeganistão.

Também a arte do Pré-Dinástico final (antes de 2920 a.C., aproximadamente) do Egito manifestava alguma influência mesopotâmica. Em especial, os cabos das facas de marfim lavrado e as paletas de ardósia eram adornados com motivos da Mesopotâmia, até quando os objetos eram tipicamente egípcios. Por exemplo, o "dono dos animais" no cabo da faca de Gebel el Arak parece-se muito com a cena da estela da Caça do Leão, de Uruk. Do mesmo modo, a arquitetura em adobe com elaborados fórnices da primeira época egípcia e o aparecimento da escrita foram atribuídos à influência oriental. Em Habuba Kabira encontrou-se olaria de Naqada II e, há pouco tempo, foram encontrados em Tell al-Fara, no delta egípcio, cones de argila cozida do tipo utilizado na decoração das paredes de mosaico dos sítios do Uruk final.

Palestina

Durante o período Uruk, a Palestina e a Anatólia permaneceram fundamentalmente alheias aos acontecimentos da Mesopotâmia. As culturas das aldeias de agricultores prosperavam onde as condições o permitiam e os pastores e caçadores-coletores nômades exploravam os arredores, onde a agricultura não era possível. Embora não urbanizadas estas culturas estavam, em alguns aspectos, surpreendentemente avançadas. O achado de uma coleção de mais de 400 objetos de cobre na gruta de Nahal Mishmar, nas colinas da Judéia, modificou os nossos conhecimentos sobre o primitivo trabalho em metal. Encontraram-se também 240 maças, 138 estandartes e dez "coroas" junto com oito vasilhas de cobre e de outras ferramentas. Objetos semelhantes da primeira metade do 4° milênio a.C. foram achados em um sítio do Calcolítico final e no povoado industrial de Neve Noy. Foi sugerido que a coleção de Nahal Mishmar pertencia ao tesouro de um templo e que talvez fosse proveniente de um pequeno santuário calcolítico de En-gedi, próximo do Mar Morto.

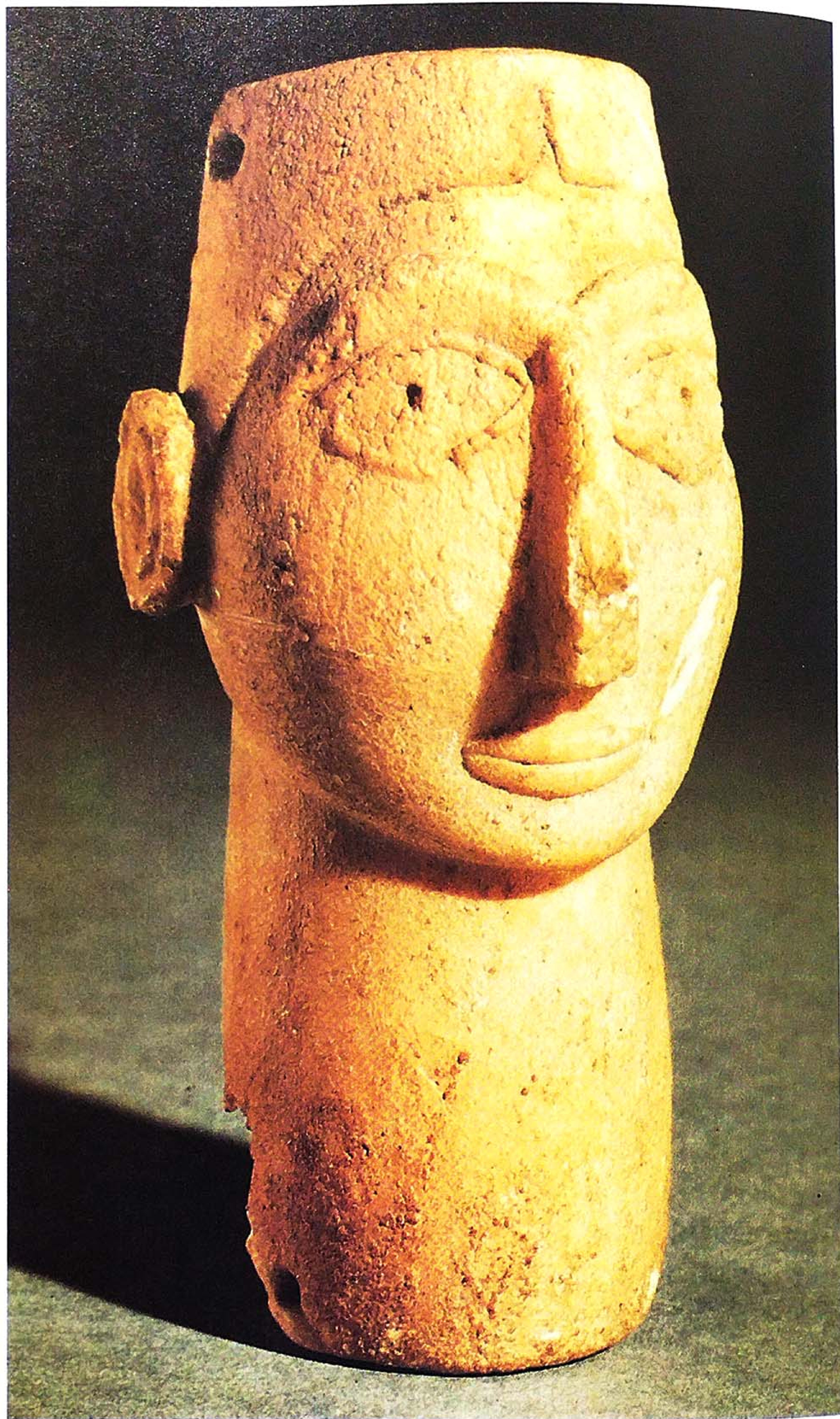
O período Jemdet Nasr

No Sul da Mesopotâmia, ao Uruk final seguiu-se o período Jemdet Nasr (entre 3100 a.C. e 2900 a.C., aproximadamente). Uruk continuou a ser importante, mas da sua arquitetura conservou-se muito pouco. No povoado de Jemdet Nasr, na Babilônia, em um grande edifício que, segundo se crê, era um edifício administrativo, encontraram-se tabuinhas com inscrições do tipo Uruk, assim como requintada cerâmica pintada. O prédio é construído com tijolos *riemchen* e compreendia uma parede de casamata de cerca de 90 m de comprimento, com torres defensivas a intervalos estratégicos. Uma tabuinha com a marca de um selo, achada no lugar, tinha os símbolos dos deuses de várias cidades, entre outras Ur, Larsa, Uruk, Zabalam e Umma ou Akshak, o que indicaria que as cidades-Estados teriam se coligado. Os selos arcaicos de Ur, que pertenciam à primeira época do Dinástico inicial, um pouco posterior, apresentavam grupos semelhantes de nomes de cidades, mas não se sabe se eram alianças políticas ou comerciais.

A cerâmica pintada de Jemdet Nasr encontra-se fundamentalmente no Norte da Babilônia, embora também tenha sido encontrada muito mais para o sul. Não obstante, encontraram-se peças de cerâmica, quase iguais, nos túmulos da cultura contemporânea de Hafit, em Omã, no outro extremo do Golfo Pérsico, e uma análise da argila demonstrou que poderia ter origem na Mesopotâmia. Alguns especialistas sugerem que os recipientes foram trazidos por aventureiros sumérios que exploravam as ricas minas de cobre de Omani.

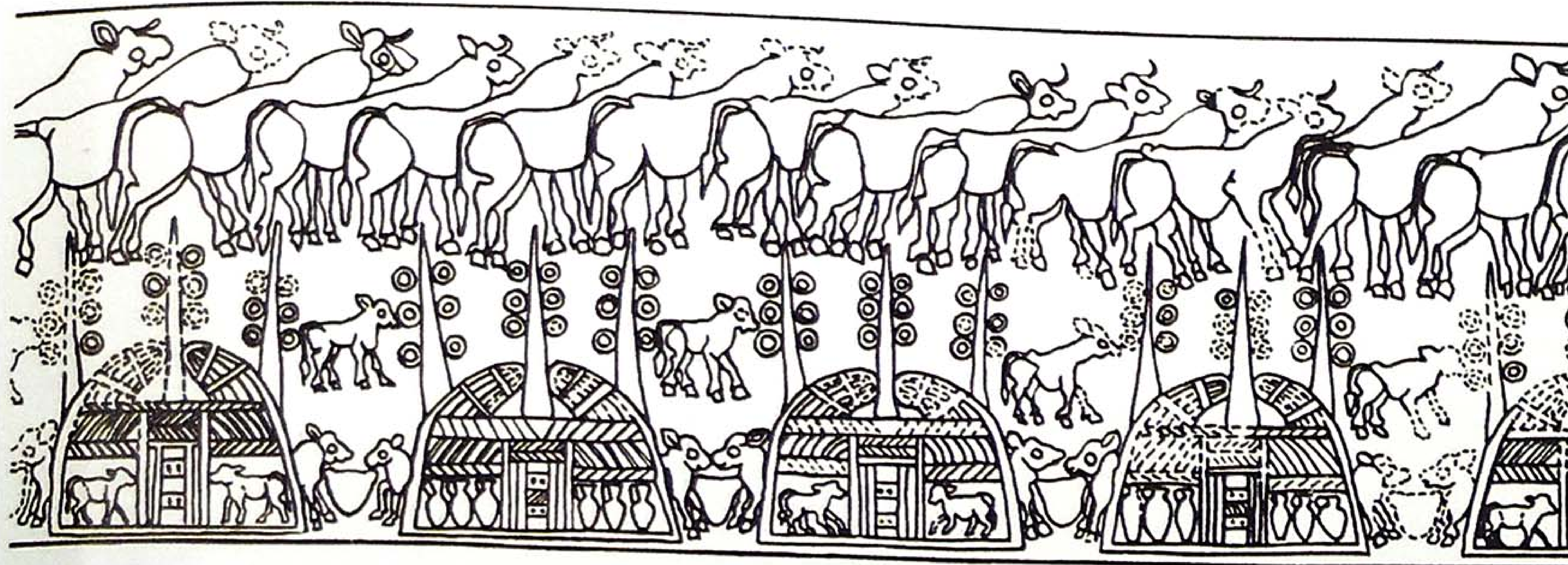
Durante o período de Jemdet Nasr, os fortes vínculos de outras regiões com a Suméria foram rompidos. Em Susiana, a cultura do Uruk final de Susa foi substituída pela proto-elamita que tinha vínculos mais estreitos com o planalto iraniano. Ao mesmo tempo, a cidade de Anshan (Tell Malyan, atualmente), próximo de Persépolis, em Fars, espalhou-se notavelmente até ocupar 45 hectares. A união de Anshan e Susa foi a base do que viria a ser o Estado elamita. O surgimento da cultura proto-elamita modificou a geografia da região. A sua influência, particularmente visível nos selos, espalhou-se das fronteiras orientais do Irã a Zagros, no Norte do Iraque, e prolongou-se durante o Dinástico Inicial.

No Norte da Mesopotâmia alguns dos povoados com influência do sul foram abandonados e outros desenvolveram as suas próprias culturas, que tinham traços derivados da cultura do Uruk final. Parece que nesta região se abandonou a vida urbana, e as cidades não voltaram a recuperar importância até meados do 3º milênio; provavelmente, mais uma vez, como resultado da influência do Sul da Mesopotâmia.



Início da linguagem escrita

No Uruk final, Uruk era uma cidade que ocupava uma grande área, na qual se concentrava a riqueza e havia edifícios públicos monumentais. Uruk ficava no local em que se encontraram os mais antigos escritos conhecidos. Não se sabe qual a língua destes textos, "que não se podem ler". Como a escrita é fundamentalmente pictográfica (baseada em figuras reconhecíveis de objetos reais e não em símbolos), pode entender-se, pelo menos em parte.





Acima, à direita e à esquerda: Selo cilíndrico e desenho da sua reprodução. A cena apresenta uma manada de vacas com os seus bezerros, acima, e, abaixo, vasilhas em cabanas de junco. As cabanas parecem-se admiravelmente com as ainda hoje construídas pelos habitantes dos pântanos do Sul do Iraque. O selo é de magnesita branca e na parte superior há uma pequena figura de um carneiro fundida em prata pelo método de cera perdida. Não se conhece a procedência do selo, mas é provável que remonte ao Uruk final. Altura do selo: 5,3 cm.

À esquerda: Esta cabeça austera foi encontrada debaixo do Templo do Olho em Tel Brak e a sua data provável é 3100 a.C. Os buracos da parte superior do toucado e da nuca indicam que originalmente estava pendurada em um suporte de madeira. É provável que fizesse parte da estátua composta, mas não se sabe se é um homem, uma mulher ou uma divindade. É possível que pertencesse a uma imagem de culto de um deus adorado no templo. Altura: 17 cm.

Os inícios da escrita dividem-se em três etapas. Na primeira, chamada Uruk IV, escreviam-se sinais com um punção em tabuinhas de argila (ocasionalmente sobre uma superfície de gesso) que mediam cerca de 5 cm de comprimento e tinham uma espessura de 2,5 cm. A escrita é basicamente ideográfica ou logográfica, isto é, que cada sinal representava uma idéia ou uma palavra, não uma letra nem uma sílaba. Os numerais reconhecem-se sem dificuldade e alguns dos sinais foram decifrados, quer porque se parecem com o objeto que representam, quer porque foram identificados depois com outros sinais cujo significado se conhece. Os grupos de sinais escreviam-se juntos em um quadro, mas pareciam não ter uma ordem fixa. Em Uruk foram encontradas 600 tabuinhas pertencentes a esta etapa e uma mais em Kish, que fica cerca de 150 km a noroeste.

Na segunda etapa (Uruk III) os sinais são mais evoluídos e mais abstratos, com predominância das linhas retas sobre as curvas. Também a disposição dos sinais nas tabuinhas é mais complexa e elas são maiores. A maioria das inscrições são anotações contábeis: listas de rações, onde se registrava a adjudicação de bens a diferentes pessoas, relações de propriedade de gado e de distribuição de animais que se sacrificavam aos deuses nos templos ou durante as festividades. Outras tabuinhas continham listas de nomes de lugares, de ofícios e de animais. Estas eram as primeiras versões das listas que constituíam a base da formação dos escribas até que se deixou de usar a escrita cuneiforme.

A partir das variações textuais destas listas, os estudiosos opinam que a língua dos textos de Uruk III era provavelmente o sumério, a língua que se falava em Uruk no 3º milênio a.C. Em Uruk, encontraram-se mais de três mil tabuinhas: 240 de Jemdet Nasr, quatro de Tell Uqair e duas de Eshnunna. Crê-se que datam do período Jemdet Nasr e que eram contemporâneas das primeiras tabuinhas proto-elamitas do Irã. A escrita destas era diferente, mas mantinha o mesmo sistema de sinais numéricos e revelava um nível de desenvolvimento semelhante.

No período Dinástico Inicial (2900 a.C. a 2334 a.C.) a escrita tornou-se mais linear. As linhas obtinham-se pressionando um instrumento afiado na argila para produzir as marcas em forma de cunha da escritura cuneiforme. Encontram-se poucos textos pertencentes à primeira época do Dinástico Inicial, mas em meados do 3º milênio a.C. o sistema cuneiforme de escrita tinha-se espalhado amplamente e usava-se para todo o tipo de textos: documentos de tipo econômico e administrativo, cartas, relatos, orações, inscrições em edifícios etc.

Não se sabe se o requintado sistema de escrita dos primeiros textos de Uruk, com o seu grande número de sinais, foi resultado de uma longa evolução ou de um rápido avanço, talvez inspiração de só indivíduo. Já nos períodos anteriores se pressentia a idéia da escrita. De fato, a escrita Uruk teve vários possíveis predecessores.

Por exemplo, havia tabuinhas com sinais estampados e não gravados com punção. Os sinais correspondiam às medidas de quantidade que apareciam nas tabuinhas de Uruk.

Os selos cilíndricos e de estampagem que indicavam a propriedade de um objeto e as contas para contar a mercadoria foram outros possíveis antecessores. Estes podem ter dado lugar às esferas ocas de argila que continham as contas e eram cobertas de marcas de selos. A etapa seguinte, o registro do conteúdo no exterior, pode ter determinado a idéia de que uma tabuinha que tivesse gravadas as contas e impressa a marca de um selo oferecia as mesmas garantias que as esferas de argila. A adição posterior de sinais que representavam outras coisas, além dos números, pode ter assim dado origem à escrita Uruk. Esta idéia parece convincente, mas ainda pairam dúvidas relativas à extensão do uso das contas para contagem das mercadorias. Encontraram-se tabuinhas gravadas e esferas de argila ocas em uma região mais extensa e relacionadas com um período mais prolongado que o correspondente a uma simples etapa de transição. De fato, tanto as tabuinhas gravadas como as esferas de argila parecem ter funcionado como formas de registro e também para textos mais avançados. Duas tabuinhas que se encontraram em Tell Brak, a nordeste da Síria, que continham o que parece ser pictogramas primitivos, representam o animal inteiro e não apenas a cabeça, como nas tabuinhas de Uruk, o que indicaria que a invenção da escrita foi um processo complexo. A utilização de sinais para representar objetos foi uma etapa importante; a utilização posterior de sinais para representar sons foi provavelmente da mesma importância.

Arte e propaganda

Antes de Uruk, houve alguns poucos exemplos de arte naturalista ou representativa, como a arte das cavernas do Neolítico Final do Sudoeste de França, os murais de Chata Huyuk ou, na sua forma modesta, as pinturas de onagros em Umm Dabaghiyeh. Estas eram excepcionais e, durante os milhares de anos que precederam a cultura do Oriente Médio, a arte esteve confinada a figurinhas mais estilizadas de seres humanos e animais. No norte, durante o período Ubaid, as gravuras de cenas de humanos e de animais apareceram em selos de estampagem. Agora, no entanto, o selo cilíndrico (uma invenção tipicamente mesopotâmica) permitia composições muito mais ambiciosas.

Orígens da escrita

As tabuinhas de argila de Uruk contêm os mais antigos exemplos de escrita; datam de 3300 a.C. Era já um sistema completo com mais de 700 sinais distintos. Supõe-se que tenha havido etapas prévias de desenvolvimento que continuam ainda desconhecidas. As primeiras tabuinhas consignam o empréstimo de produtos tais como grãos, cerveja e gado, ou então eram listas que os escribas utilizavam para aprender a escrever.

Com a escrita coexistia outro tipo de registro, com contas de argila de diferentes formas e tamanhos: cones, discos, esferas, cilindros etc. É provável que representassem quantidades ou produtos diferentes, como grãos ou ovelhas. Estas contas eram colocadas em esferas ocas marcadas, passando sobre elas selos cilíndricos; constituíam registros aos quais só se poderia ter acesso quebrando a esfera. Por vezes as contas eram estampadas na superfície da esfera ou em tabuinhas de argila. Como a forma dos sinais utilizados na escrita para contar era semelhante à das contas, é provável que a escrita se baseasse no sistema de contas ao qual se acrescentavam sinais pictográficos.

Estes sinais são muitas vezes simples figuras de significado evidente: a cabeça de um touro representa o gado e uma espiga de cevada, a cevada. Por vezes, o significado do sinal corresponde a uma associação de idéias: uma tigela significa comida ou pão; uma perna significa estar de pé ou andar. As combinações dos sinais podiam exprimir noções mais complexas, de modo que uma cabeça e uma tigela significavam a ação de comer. Com o tempo, adaptou-se a forma dos sinais para escrevê-los com um punção retangular de junco. Como resultado, todas as incisões tinham a forma de cunha, razão pela qual a escrita se conhece como cuneiforme. No Período Dinástico a escrita mudou do sentido vertical para o horizontal.

Na escrita cuneiforme avançada, os sinais das palavras podiam representar o seu valor fonético (como se em português uma cara e uma vela representassem a palavra "caravela"). Ao incorporar sinais silábicos nos sinais de palavras, as palavras descobriram uma forma eficaz de transcrever a linguagem humana.





Acima: Selo de estampagem, em forma de telhado de duas águas, e a sua reprodução, de 4,6cm x 3,9cm e 0,9cm de espessura. Este tipo de selo foi encontrado no Norte da Mesopotâmia e no Sul da Turquia no 4.º milênio a.C. Os selos de estampagem foram usados desde o 4.º milênio a.C. para marcar superfícies de argila. É provável que os motivos indicassem o proprietário.



Acima: Esfera oca de argila com contas de Susa. No Elam e na Suméria foram encontradas mais de cem esferas destas. Na Síria e no planalto iraniano também foram achadas algumas. Uma tinha contas de argila agarradas à superfície e outras 16 tinham marcas estampadas ou sinais incisivos que indicavam as contas contidas.

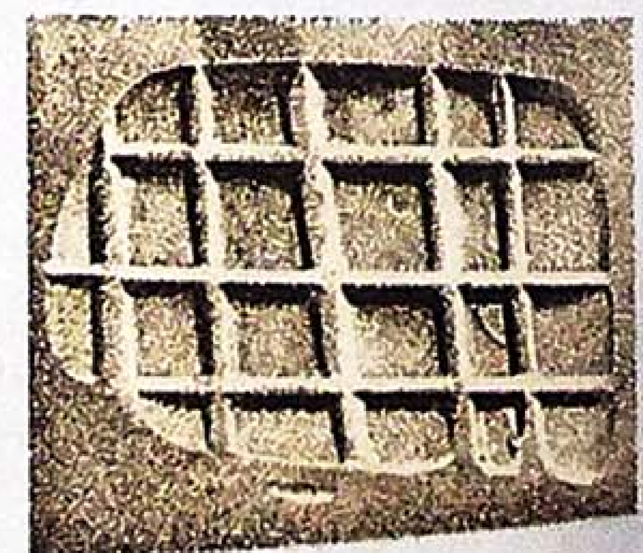


À esquerda: A forma de escrita desta tabuinha é uma das mais antigas, talvez anterior às tabuinhas de Uruk, pois as formas dos sinais são mais naturalistas que os daquelas.
Foi encontrada em uma escavação arqueológica, a sua data não é segura. Os sinais da linha inferior podem ser lidos como "em", "min" e "gal", que significam: sacerdote, príncipe e grande, respectivamente.



À esquerda: Reprodução de um selo cilíndrico do período de Uruk final. Foram encontrados selos cilíndricos anteriores às tabuinhas escritas, mas ambos os sistemas foram inventados pela burocracia do Uruk final.
O tamanho dos selos (este tem 4 cm de altura) permitia imprimir facilmente grandes superfícies.
É possível que os diferentes ramos da administração usassem selos com diferentes motivos.





Acima: Selo piramidal de estampagem e a sua reprodução: 2,9 cm x 2,1 cm, altura 3 cm. Os selos de estampagem aparecem já no Período Neolítico Cerâmico na Anatólia. Na Mesopotâmia os desenhos de riscos cruzados eram comuns. Não se sabe qual era a função destes selos primitivos.

SINAL PICTOGRÁFICO de cerca de 3100 a.C.									
INTERPRETAÇÃO	estrela	o sol no horizonte?	arroio?	espiga de cevada	cabeça de touro	bacia	cabeça + bacia	parte baixa de uma perna	corpo amortalhado?
SINAL CUNEIFORME de cerca de 2400 a.C.									
SINAL CUNEIFORME de cerca de 700 a.C. (giro de 90º)									
VALOR FONÉTICO*	dingir, an	u_4, ud	a	se	gu,	nig, ninda	ku_2	du, gin, gub	lu_2
SIGNIFICADO	deus, céu	dia, sol	água, semente, filho	cevada	boi	comida, pão	comer	andar, estar de pé	homem

* Alguns sinais têm mais de um valor fonético, e alguns sons são representados por mais de um sinal. U_4 significa o quarto sinal com o valor fonético de *u*.

À esquerda: Neste quadro resume-se o desenvolvimento da escrita cuneiforme. Os últimos sinais são abstratos, combinações quase arbitrárias de cunhas verticais, horizontais e diagonais. O exame de inscrições mais antigas demonstra que a maioria dos sinais deriva de figuras identificáveis de objetos reais.

Em Uruk, nos níveis IV e III, as estampagens com selo eram freqüentes, tanto nas tampas de vasilhas de argila como nas tabuinhas. Em algumas das cenas representadas, um homem com barba e toucado com uma fita, vestindo um saiote, aparecia alimentando o rebanho, andando de barco, ameaçando prisioneiros nus com uma lança ou fazendo oferendas. Junto dele havia um emblema que consistia em um molho de juncos, que depois simbolizaria a deusa Inanna, a divindade principal da cidade de Uruk. Claramente, o homem representa o soberano de Uruk, que era o sumo sacerdote. Encontraram-se figuras semelhantes em selos de Susa, que poderiam representar o soberano de Susa ou talvez o de Uruk no caso de Susa estar sob o domínio de Uruk nessa época.

Entre as primeiras peças das monumentais esculturas de pedra encontradas em Uruk, algumas são de interesse pela sua antiguidade e também pela resposta emocional que desperta no observador atual. Uma delas é o rosto de uma mulher, que parece uma máscara, encontrada em um vazadouro, no recinto noroeste de Eanna, que provavelmente teve olhos incrustados e uma peruca. Era aproximadamente do tamanho natural; o nariz, que originariamente teria sido bastante proeminente, estava partido. Outra peça impressionante é a estela da Caça do Leão. As bordas estão partidas, e a parte posterior é tosca, embora pareça ter sido uma estela isolada, uma forma de arte que se prolongou até o 1º milênio a.C. A estela, que agora tem 78 cm de altura, mostrava duas cenas: a da parte superior representava um homem com barba que vestia uma saia até os joelhos e atirava uma lança contra um leão levantado sobre as patas traseiras; a inferior mostrava um homem, provavelmente o mesmo, apontando o seu arco e flecha para o leão.

O achado mais fascinante desse período, em Uruk, foi a jarra de Warka. Com mais de um metro de altura, uma enorme vasilha tinha quatro barras de ornamentação em relevo de 92 cm de altura. No bordo, a jarra tinha 36 cm de diâmetro. Estava estragado e tinha sido restaurado na Antiguidade. As duas barras inferiores representavam plantas e animais. A terceira mostrava serventes nus, talvez sacerdotes que levavam recipientes carregados, presumivelmente, como tributo ou oferenda.

Na barra superior, a mais interessante, havia uma talha do homem que aparecia na estela da Caça ao Leão, fazendo oferendas à deusa Inanna. Outro homem, de saia curta, segura-lhe as borlas da saia e, diante deste, um homem nu faz uma oferenda a uma figura feminina de pé diante de molhos de junco, símbolo da deusa. A primeira vez que a jarra foi restaurado, o toucado da deusa estava estragado, sendo impossível assegurar como era a sua ornamentação. As deusas e os deuses mesopotâmicos um pouco posteriores costumavam representar-se com toucados com chifres de vaca ou de touro, de modo que a figura podia corresponder à da própria deusa ou à de uma sacerdotisa. Atrás dos molhos de juncos, sobre plataformas, apoiadas no lombo de duas ovelhas, erguiam-se figuras ou estátuas. A figura da esquerda levava o sinal *en*, a palavra suméria que significa sumo sacerdote. Por trás das ovelhas, nos tributos empilhados havia dois jarrões de forma semelhante ao de Warka e dois recipientes em forma de animais.

Outros achados notáveis, contemporâneos da jarra de Warka, foram um recipiente talhado com figuras de leões e de touros (com os leões de cada lado do bico) e uma vasilha com uma complicada incrustação de concha e de pedra. Por baixo de uma parede do Selêucida final encontrou-se, em um recipiente que datava do Uruk final ou Jemdet Nasr, uma pequena estatueta de pedra de um homem com barba. Tinha-se partido antes de ser enterrada e faltava a parte inferior. A estatueta de alabastro cinzento e com uma altura de 18 cm representava o mesmo homem da jarra de Warka. Os olhos eram de nácar incrustados em betume e possivelmente as pupilas seriam de pedra semipreciosa lápis-lazúli.

Em Uruk utilizou-se a arte pela primeira vez para ilustrar a função do soberano e para reforçar a sua posição. Arte e arquitetura combinaram-se para criar uma imagem de poder e de riqueza com o objetivo de impressionar o povo e realçar a estabilidade do grupo governante. A propaganda política e religiosa expressa sob a forma de obras de arte transformou-se em uma eficaz fonte de informação sobre a Antiguidade no Oriente Médio, revelando muito do caráter dos seus governantes.

Abaixo: Parte do magnífico tesouro composto por objetos de metal, da gruta de Nahal Mishmar, a leste do Mar Morto. A coleção, que data do 4.º milênio a.C., continha mais de 400 objetos de uma liga de cobre com arsênico. No fundo, vê-se uma das dez "coroas" com figuras de animais fundidos a cera perdida. Os investigadores julgam que poderiam ter sido utilizadas como tambores. Também aparecem estandartes ou cetros e maças, que estariam fixadas em cabos de madeira, e um objeto em forma de chifre oco.



Tecnologia e transportes

Durante o 4º milênio produziram-se grandes avanços na metalurgia. Alguns dos objetos do tesouro de Nahal Mishmar eram de cobre fundido. O metal procedia, provavelmente, das minas do vale Tirana, cerca de 150 km ao sul. Muitos eram de uma liga de cobre e de arsênico, que era fácil de modelar e mais dura que o cobre puro; utilizava-se freqüentemente antes de o bronze estanhado (liga de cobre e de estanho) começar a ser usado regularmente no 2º milênio a.C. Alguns destes objetos pesavam mais de 1 kg e eram produzidos através de um método conhecido como modelado a cera perdida. Primeiro a forma era modelada em cera, e depois era coberta de argila e aquecida para endurecer o molde e fundir a cera. Em seguida, o metal fundido era vertido no molde que se quebrava ao secar o objeto de metal fundido. Alguns pequenos objetos modelados a cera perdida apareceram no tesouro do templo, de época bastante posterior, encontrado em Uruk; algumas estatuetas notáveis da Síria Ocidental datam do mesmo período.

Naquela época também se utilizavam outros metais além do cobre e das suas ligas. Foram achados ornamentos de ouro e de prata e, para recipientes, utilizava-se prata e chumbo. Em Jebel Aruda e em Uruk encontraram-se fragmentos de ferro do Uruk final e nas tabuinhas de Uruk III enumeram-se objetos de ferro.

(No entanto, este ferro poderia vir de meteoritos ou ser um subproduto acidental da fundição do cobre.) Os avanços da metalurgia podem ter sido proporcionados pela paixão que os grupos dominantes tinham pelos metais raros como símbolos do seu estrato social.

Também o arado foi utilizado, pela primeira vez, no Oriente Médio no período Uruk. Foram encontradas marcas de arado no solo do período Susa I e os selos do Uruk final representavam arados que também se encontram nas tabuinhas de Uruk IV.

Estas tabuinhas continham ainda sinais de trenós e dos primeiros veículos com rodas (representados por trenós sobre círculos) que apareceram no Oriente Médio, provavelmente pesadas carroças de madeira puxadas por bois.

Na região sul da Mesopotâmia, úmida e pantanosa no inverno e atravessada por numerosos canais, as embarcações ofereciam o meio de transporte mais prático. No cemitério de Eridu foi encontrado um modelo de embarcação em argila cozida que data do período Ubaid, e entre os sinais das tabuinhas e selos cilíndricos dos períodos Uruk e Jemdet Nasr havia embarcações. O transporte terrestre fazia-se através de caravanas de animais, que continuou a ser a forma habitual em grande parte do Oriente Médio até este século. Os burros eram na Antiguidade as bestas de carga mais úteis da região e ainda hoje continuam a serem utilizados. Encontraram-se ossos de burros domesticados nos níveis Uruk de Tell Rubeidheh.

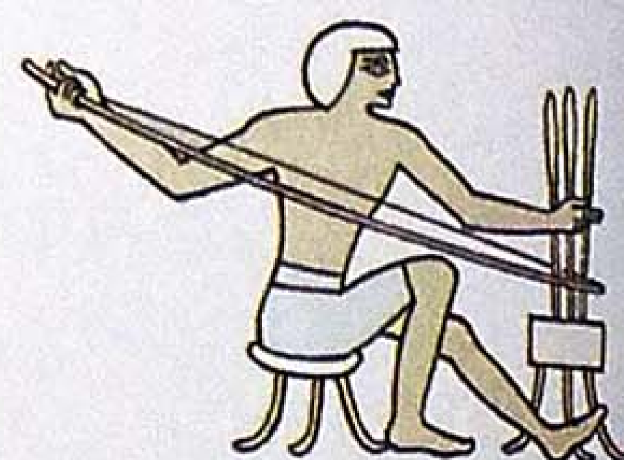
É quase certo que arados, rodas, embarcações e burros foram utilizados antes do período Uruk. Determinou-se que as marcas de arado encontradas no Norte da Europa datam de 3500 a.C., aproximadamente, e os modelos de carros com rodas, achados na Polônia, e as próprias carroças enterradas em túmulos do Sul da ex-União Soviética pertenciam mais ou menos ao mesmo período. No entanto, a origem do arado (que alguns especialistas consideram que foi inventado no Norte da Mesopotâmia antes de 6000 a.C.) e da roda não se conhece com certeza.

Selos cilíndricos

Como o seu nome indica, os selos cilíndricos são cilindros, geralmente de pedra, mas também de cerâmica, de vidro, de argila cozida, de ossos, de concha, de marfim ou de metal, nos quais se talhava um motivo de modo que ao rodá-los sobre a argila produzia-se uma impressão contínua em relevo. Tinham em média 2,5 cm de altura e 1,5 cm de diâmetro e costumavam ter uma perfuração longitudinal no centro, para poder serem enfiados em um alfinete ou em uma corrente, ou montados em um pivô. Os selos cilíndricos foram inventados na segunda metade do 4º milênio a.C. na Mesopotâmia Meridional (Uruk) e no Sudoeste do Irã (Susa) como método de cobrir facilmente amplas superfícies de argila, utilizadas para selar ferrolhos de armazéns, mercadorias transportadas em vasilhas, sacos, caixas ou cestas e, sobretudo, para as tabuinhas de argila que durante três mil anos foram utilizadas como principal suporte de escrita cuneiforme.

Quando se adotou a escrita cuneiforme para transcrever as línguas dos povos vizinhos da Mesopotâmia, o selo cilíndrico foi utilizado como modelo de selo em vez do selo de estampagem. Durante o 1º milênio a.C., o alfabeto substituiu a escrita cuneiforme e o selo plano de estampagem voltou a substituir o selo cilíndrico. Os motivos do selo cilíndrico constituem uma fonte valiosa de informação: são testemunhos do desenvolvimento da iconografia das divindades, da mitologia e da vida cotidiana, ao mesmo tempo que registram acontecimentos tais como os primeiros edifícios abobadados, o primeiro alaúde ou a introdução do búfalo. Costumavam conter inscrições e proporcionam informação genealógica relativa aos seus proprietários.





Os selos cilíndricos costumavam ser feitos de pedras duras, mas aplicando um bom abrasivo podiam ser talhadas com ferramentas de sílex ou de cobre. *Figura superior:* os túmulos egípcios de Saqqara (por volta de 2450 a.C.) e Tebas (por volta de 1420 a.C.) mostram perfuração manual e com arco. Este último sistema permitia alcançar maior velocidade e, montado horizontalmente, maior controle.

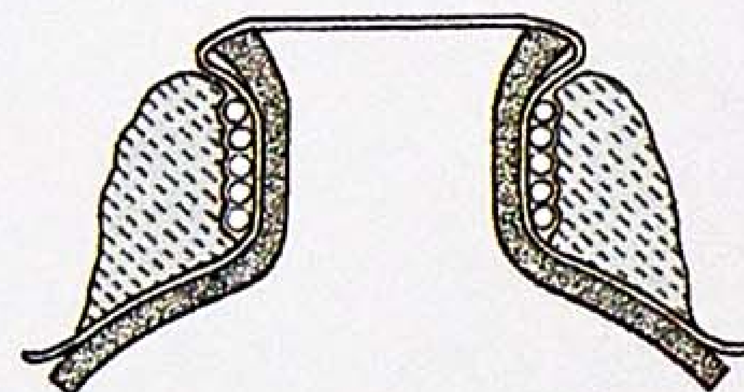






Os materiais utilizados para os selos cilíndricos variavam segundo a moda e os recursos disponíveis. *Figura superior:* selo cilíndrico de Tell Selimeh no vale de Hamrin, feito de lápis-lazúli azul, do Afeganistão. Foi talhado primeiro em 2250 a.C., aproximadamente, mas foram os dois proprietários posteriores que efetuaram as inscrições. *Acima:* selos calcedônios assírios do século VIII a.C.

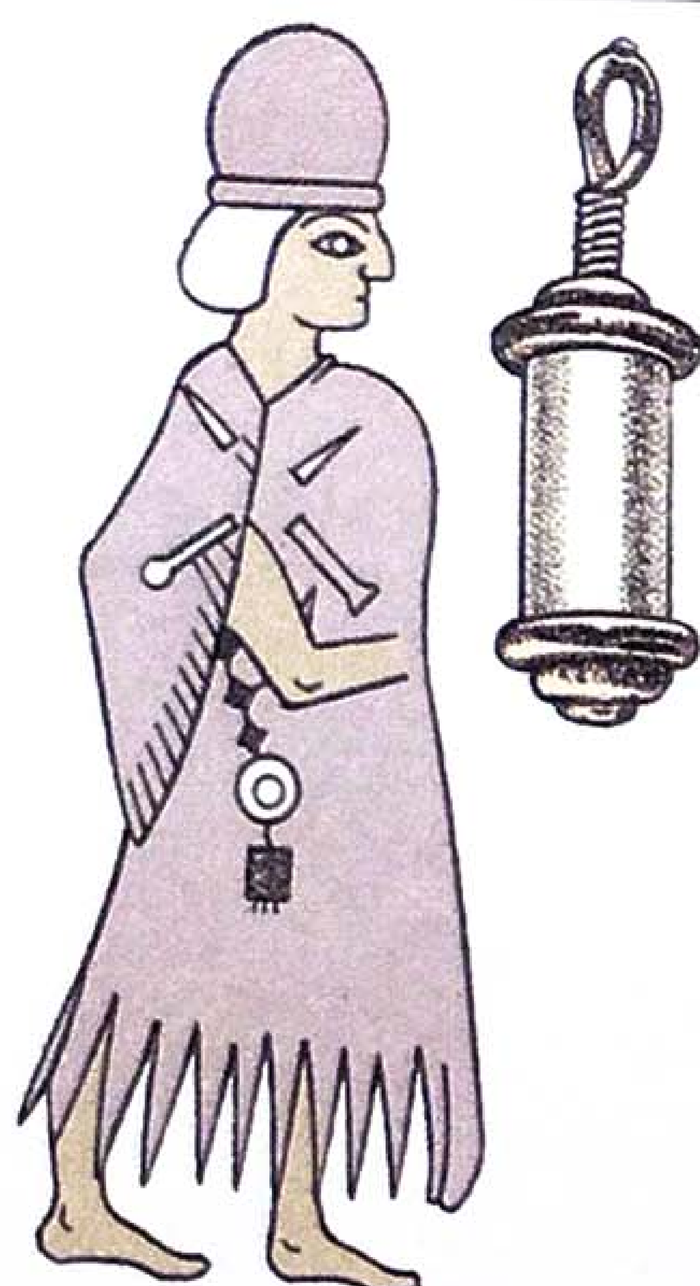




Ao se difundir a utilização dos selos planos de estampagem no 1.º milênio a.C., foi adaptado o selo cilíndrico do rei Esarhaddon (680 a.C. a 669 a.C.). *Superior:* a marca do selo mostra que tinha extremidades de ouro, uma delas com um desenho; tanto o cilindro quanto a marca mostram o rei lutando com um leão. *Abaixo:* um bocado de couro ou de tecido esticado no gargalo de uma vasilha, preso com tiras cobertas de argila, seladas com um selo cilíndrico, permitia fechamento hermético.

Abaixo: Os selos cilíndricos eram utilizados para selar documentos legais como contratos, vendas, listas de víveres, tratados, empréstimos etc. Em alguns períodos a própria tabuinha era envolvida por uma cobertura de argila fechada. O selo deste "envelope" apresenta o deus das águas sentado; a água corre dos seus ombros; em frente dele há um homem nu com barba e um homem-touro lutando com um leão de cabeça para baixo. Foi encontrado em Kanesh, na Turquia Central, onde os mercadores assírios tinham estabelecido uma colônia mercantil.

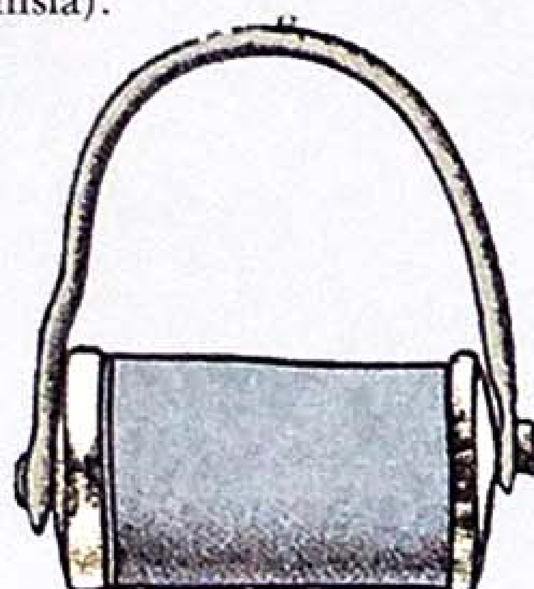




Abaixo: Os selos cilíndricos protegiam a propriedade e serviam de garantia para as transações legais, por isso acabaram por se relacionar com a proteção do seu proprietário. Foram utilizados em rituais contra doença, aborto, magia negra ou difamação. Também as pedras com que eram fabricados tinham propriedades especiais: o lápis-lazúli, por exemplo, significava o poder e o favor divino. Neste selo casita do século XIV a.C., há uma longa oração dirigida ao deus protetor do proprietário: *"Oh Marduk, senhor sublime, príncipe em cuja mão está o poder de decisão, tanto no Céu quanto na Terra; possa o teu olhar tornar feliz o servidor que te venera."* Representa um deus, provavelmente Marduk, rodeado de símbolos. (Calcedônia, 3,6 cm de altura.)



Acima, da esquerda para a direita: muitos selos eram peças de joalheria. Uma incrustação em concha, encontrada em Mari e de 2500 a.C., representa um selo suspenso de um alfinete; um selo de hematita síria (por volta de 1720 a.C.), com remates de ouro e um laço de arame. *Abaixo:* selo de jaspe verde, da Síria (por volta de 1800 a.C.), com arremates de ouro, suspenso de um arco (encontrado em um túmulo do século VII a.C. ou VU a.C., em Cartago, na Tunísia).











Selos cilíndricos e exemplos de impressão. O *primeiro de cima:* período Uruk (por volta de 3300 a.C.), encontrado perto de Uruk. Mármore com asa de bronze em forma de ovelha encolhida; 5,4 cm x 4,5 cm. *No meio:* Dinástico Inicial III (por volta de 2600 a.C.). Calcita verde; 5 cm x 2,6 cm. *Acima:* Acadiano (por volta de 2250 a.C.). Cristal de rocha; 3,2 cm x 2,2 cm.



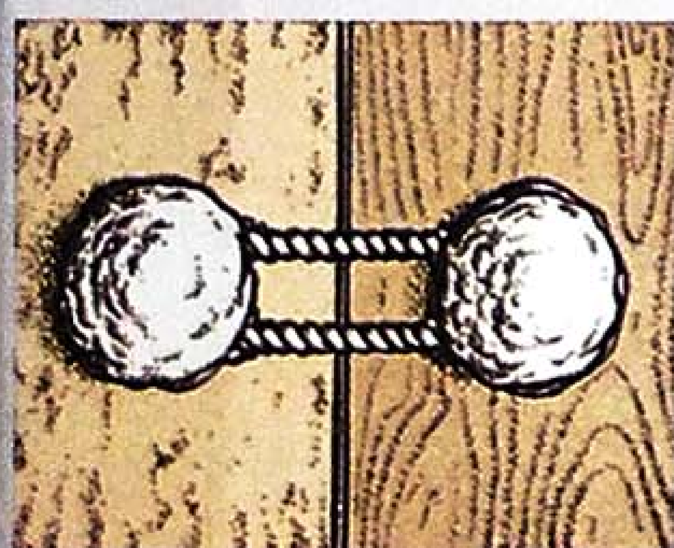






Acima, à direita: da antiga Babilônia (por volta de 1750 a.C.). Hematitas; 2,5 cm x 1,3 cm. *Abaixo da imagem superior:* Assírio médio (por volta de 1300 a.C.). Calcedônia; 2,8 cm x 1,2 cm. *Acima, à direita:* Neo-assírio (por volta de 700 a.C.). Cornalina; 3,65 cm x 1,7 cm. *À direita:* Aquemênidas (por volta de 450 a.C.) encontrado em Borsipa, no Iraque; detalhe, Calcedônia; 4,75 cm x 2,2 cm.

Utilização dos selos cilíndricos
Os selos cilíndricos encontram-se principalmente nas regiões em que se utilizava a escrita cuneiforme em tabuinhas de argila.



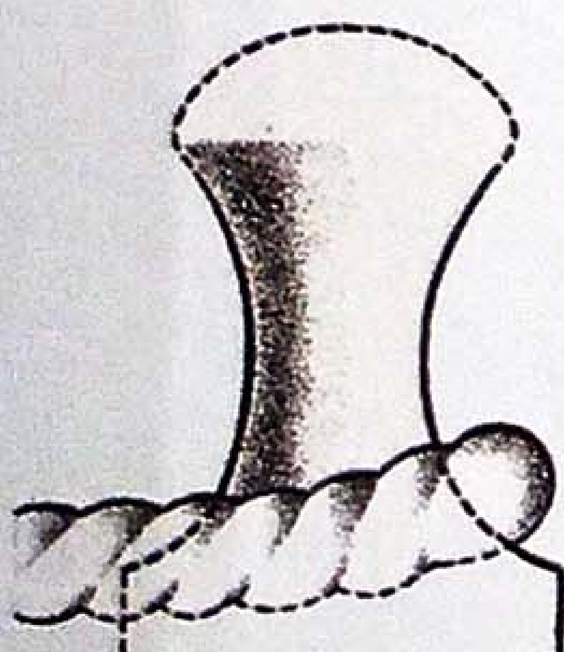
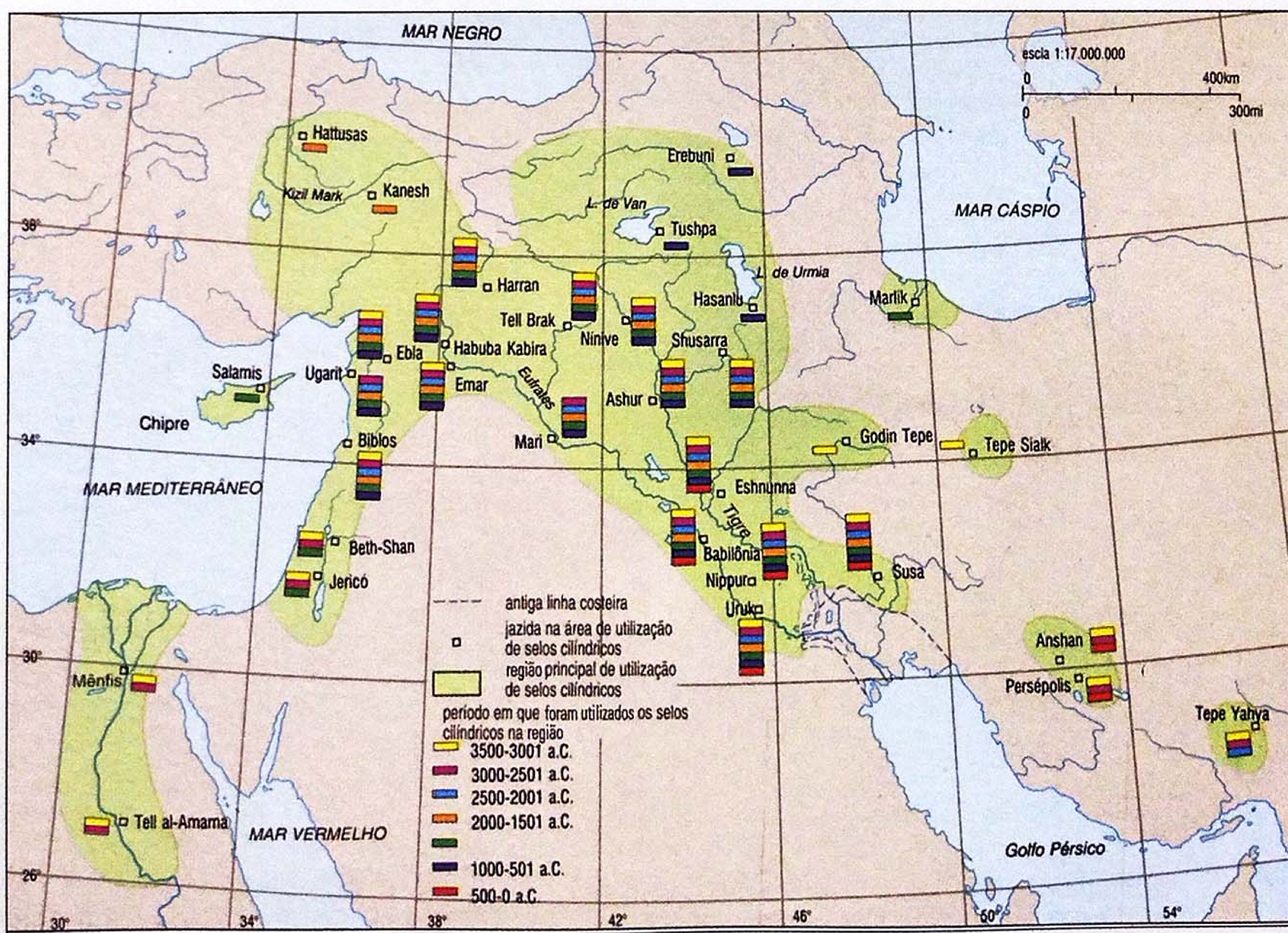


Imagem superior: A parte inferior dos selos de argila tem a impressão dos objetos selados, por exemplo, cântaros ou cestas. Alguns selos eram utilizados para atar portas de madeira amarradas por maçanetas e corda. *Acima:* Em algumas das impressões reconhece-se a superfície plana e o veio da madeira e a forma da maçaneta e da corda. Enquanto se podiam importar as vasilhas seladas, as portas eram seladas no local.



Religião e ritual

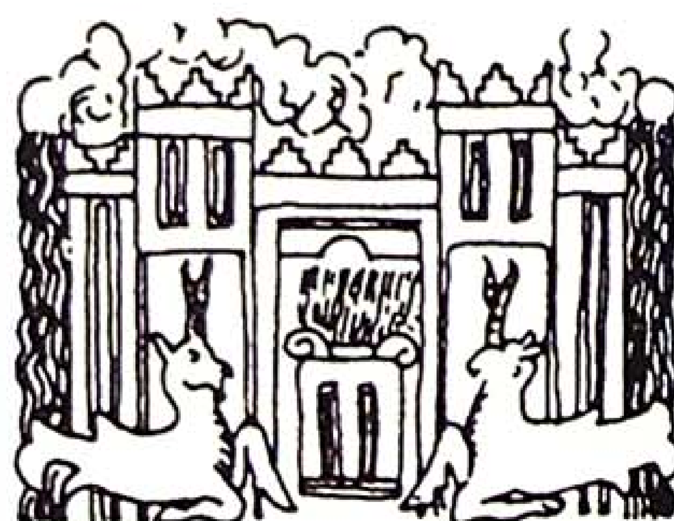
Abaixo: Este pódio, encontrado no templo da deusa Istar em Ashur, tem uma dedicatória do rei assírio Tukulti-Ninurta I ao deus Nusku. O rei aparece duas vezes, adorando a tabuinha e o punção do deus Nabo sobre um pódio similar. Altura: 57,5 cm.

A religião e o ritual, segundo os artigos religiosos das casas neolíticas de Qermez Dere e Chatal Huyuk, desempenharam desde o começo dos tempos, e durante toda a Antiguidade, papel fundamental na vida dos habitantes do Oriente Médio. Alguns estudiosos indicam que a religião foi a força que impulsionou a transformação dos povoados em cidades.

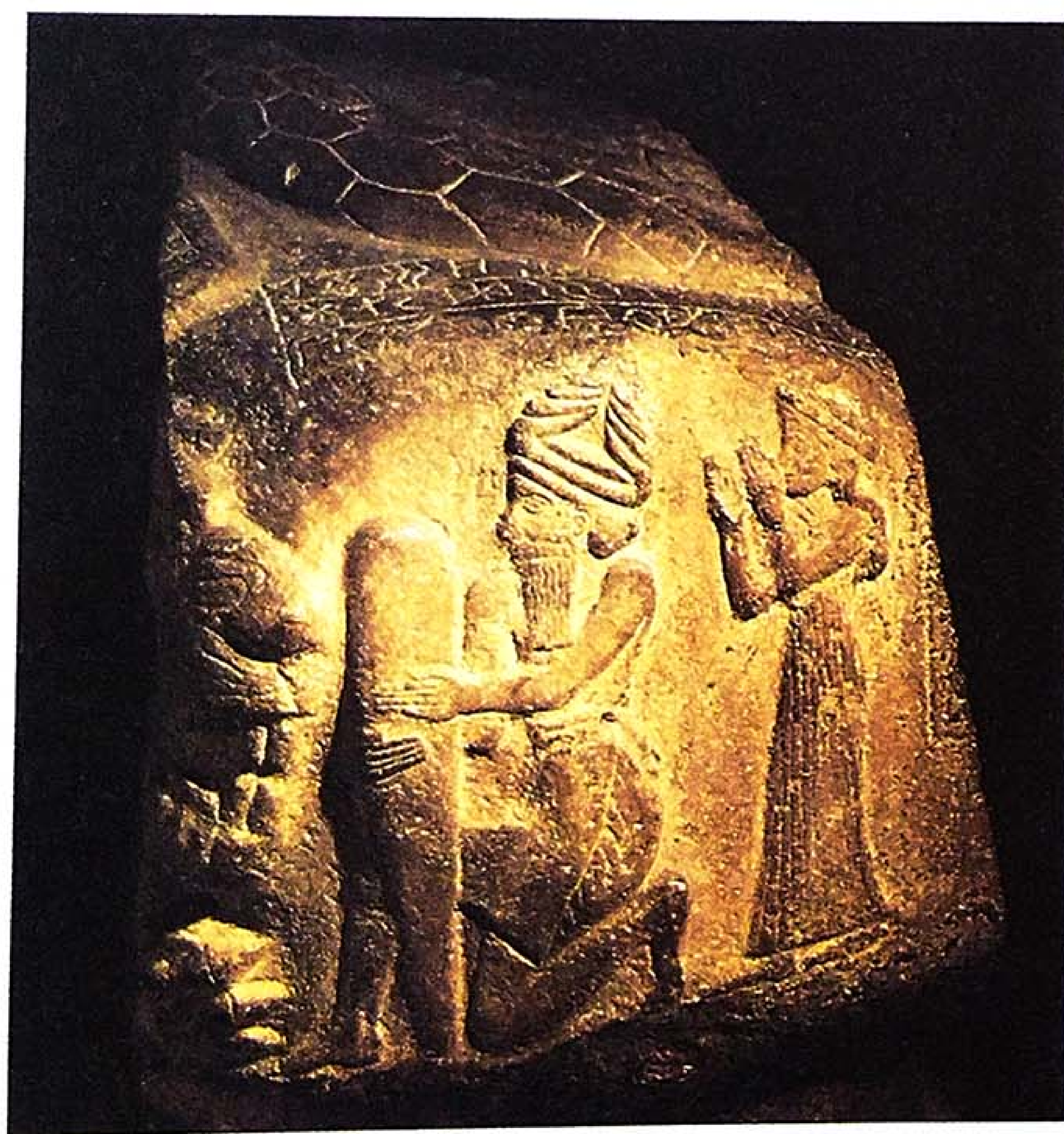
Os soberanos da região consideravam-se todos representantes dos deuses e uma parte importante dos seus deveres consistia em realizar cerimônias destinadas a prevenir o mal e a ganhar a boa vontade das divindades. Os principais centros da atividade religiosa eram os templos, embora as cerimônias de algumas culturas pudessem ser celebradas em bosques sagrados ou no alto de uma colina. Os deuses estavam presentes nos templos em forma de estátuas divinas e os sacerdotes eram responsáveis por tratar delas. Existiam diferentes tipos de sacerdotes que exerciam funções diferentes, como a administração, os conjuros, os exorcismos, os augúrios, a adivinhação etc. A maior parte da informação disponível procede de textos relativos ao palácio ou ao templo; é pouco o que se conhece sobre a religião do cidadão comum.

Abaixo: Desenhos correspondentes à impressão de dois selos em uma tabuinha do reino de Tukulti-Ninurta I (1243-1207 a.C.) encontrados em Ashur. O salmonete é associado ao deus Ea e o cão, à deusa Gula.











Acima: Relevo em pedra de cal de Susa com inscrição na escrita linear elamita de Puzur-Inshushinak (por volta de 2200 a.C.). Um deus segura uma estaca para garantir as fundações de um templo: uma deusa intercessora está de pé, atrás. Naram-Sin, rei de Agade e de Gudéia e soberano de Lagash, utilizou figuras similares para comemorar a constituição de templos um pouco posteriores. E provável que espetar uma estaca no chão fizesse parte de uma cerimônia complicada relacionada com a purificação do lugar antes de construir um templo. Altura: 52 cm.

Acima, à direita: Escultura de bronze feita para o rei Shilhak-Inshushinak do Elamita médio (por volta de 1150 a.C.). Foi encontrada em Susa coberta de gesso e é a única cena tridimensional da Antiguidade do Oriente Médio preservada. Apresenta dois sacerdotes nus, oficiando uma cerimônia, talvez ao amanhecer, dado que a escultura se denomina *Amanhecer*, segundo as inscrições. A decoração compreende árvores, um grande recipiente e uma série de plataformas e altares. Comprimento: 60 cm. Largura: 40 cm.





À esquerda: Estátuas sumérias encontradas em Eshnunna, algumas das quais faziam parte de um tesouro enterrado no Templo Quadrado de Eshnunna. Representam devotos e eram colocadas nos templos para orar perpetuamente pela vida do doador. As mãos enlaçadas correspondiam provavelmente a um gesto de reverência e de oração.

Abaixo: Detalhe da estela do rei Ur-Nammu (2122 a.C.-2095 a.C.) encontrada em fragmentos em Ur. A cena mostra o rei fazendo uma libação diante de Nanna ("sim" em acádico), deus da Lua e principal deus da cidade. O deus segura o bastão de comando e uma argola, que na sua origem talvez tenham sido uma vara e uma corda de medir; o outro objeto pode ser um colar. As libações eram feitas com água, cerveja, vinho, azeite ou sangue de um animal sacrificado.

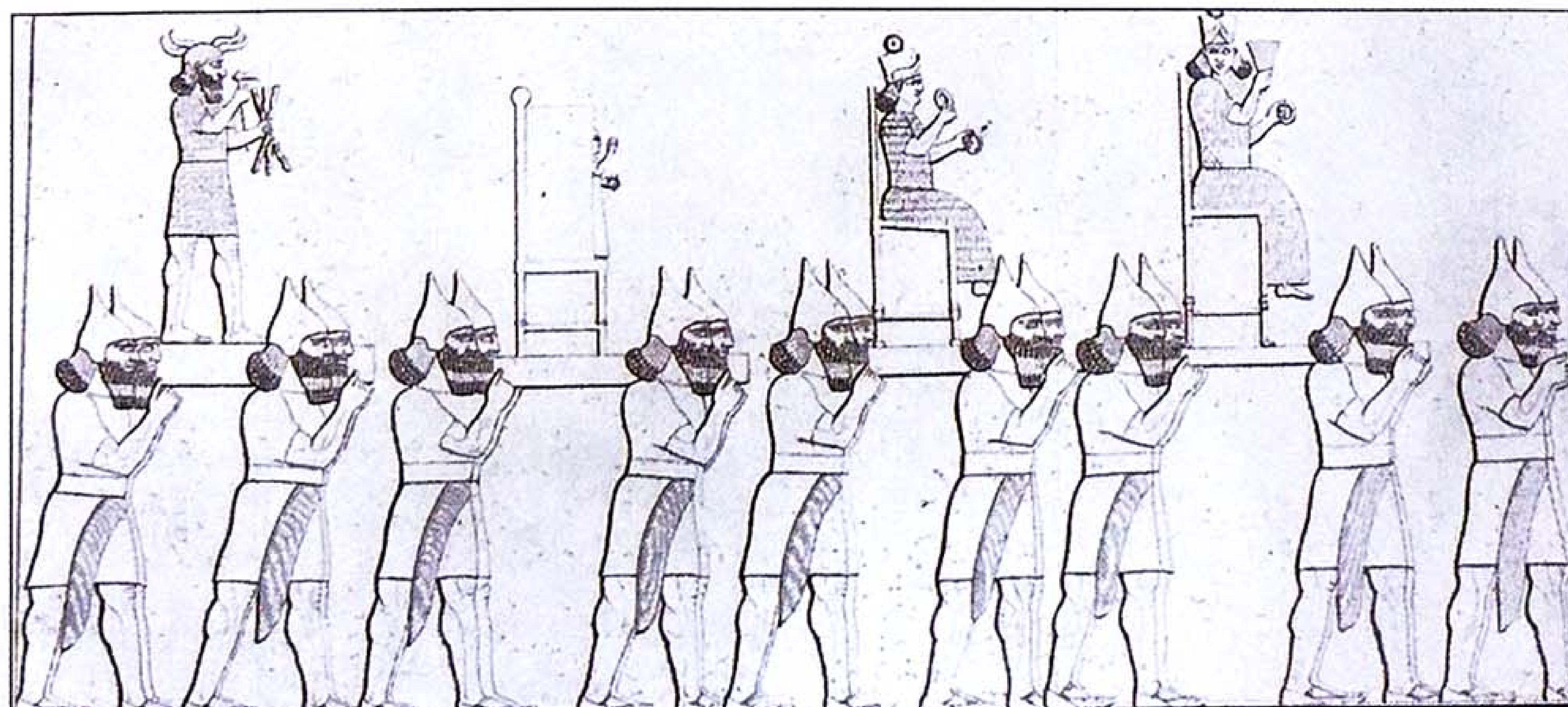




À esquerda: Impressão de um selo cilíndrico de lápis-lazúli encontrado em Uruk no tesouro do templo do final do 4.º milênio a.C. O soberano em uma embarcação de proa alta transporta um touro, que no lombo suporta uma plataforma em escada com os emblemas da deusa Inanna (como na jarra de Warka encontrado no mesmo tesouro). Em épocas posteriores, nos dias de festa, as estátuas dos deuses eram levadas nas processões de templo em templo, e na festividade do Ano Novo babilônico, as estátuas dos deuses eram levadas das outras cidades até a Babilônia. (Altura: 4,3 cm.)

Acima: Incrustação em mosaico do templo de primeiro período dinástico de Shamash, em Mari; representava possivelmente o sacrifício de um carneiro. Os sacrifícios eram parte comum das cerimônias do templo, e em dias determinados eram feitos sacrifícios especiais.

À direita: Estátuas de deuses transportadas por soldados assírios (por volta de 730 a.C.). A estátua da esquerda representa Adad, o deus das tempestades, que leva um raio. Na Mesopotâmia praticava-se a expulsão dos deuses das cidades capturadas.



Deuses e demônios

Na Antiguidade, no Oriente Médio adoravam-se centenas de deuses: cada grupo étnico, como cada cidade, tinha os seus próprios deuses. Em geral havia uma grande tolerância religiosa e os deuses de uma região assimilavam os da outra. Os panteões sumério e acadiano fundiram-se em épocas antigas e já não é possível distinguir as suas divindades. Muitas vezes, o prestígio dos deuses dependia da maior ou menor fortuna da cidade de origem. Marduk e Ashur, por exemplo, chegaram a ser muito importantes devido à prosperidade crescente da Babilônia e da Assíria.

Os deuses assumem freqüentemente forma humana, e acreditava-se que se comportavam como humanos, com as mesmas emoções e as mesmas necessidades, embora possuíssem poderes sobrenaturais. Ao lado dos deuses havia numerosos seres sobrenaturais, bons e maus: demônios, espíritos, espectros etc., que tomam formas distintas e costumam combinar características humanas e animais. Julgava-se que alguns demônios eram responsáveis pelas doenças e outras desgraças, o que dava lugar a complicações rituais destinadas a afastar o mal.



À esquerda: Neste ornamento com enfeites de marfim de tipo fenício, encontrado em Kalhu, uma mulher nua sustenta leões e flores de lótus. As deusas nuas costumam ser identificadas com a deusa do amor e da guerra, que os sumérios chamavam Inanna; os acadianos, Istar, e no Levante, Astarte. Altura: 16,1 cm.



À direita: Um *kudurru* (marco fronteiriço) de Nabucodonosor I (1124-1103 a.C.) gravado com os símbolos dos deuses. Na fileira superior está a estrela de Istar, a meia-lua de Siri e o disco solar de Shamash. As três coroas com chifres sobre pedestais, abaixo, podem representar Anu, Enlil e Ea. Altura: cerca de 60 cm.



À esquerda: Uma das formas mais divulgadas de adivinhação era o exame das entranhas dos animais sacrificados. Esta placa babilônica de argila cozida, de Sippar, que data de 700 a.C., aproximadamente, representa este exame. No outro lado está talhada a interpretação do augúrio. A face foi identificada como pertencente ao deus Humbaba, que foi assassinado pelo herói épico Gilgamesh. Altura: 8 cm.

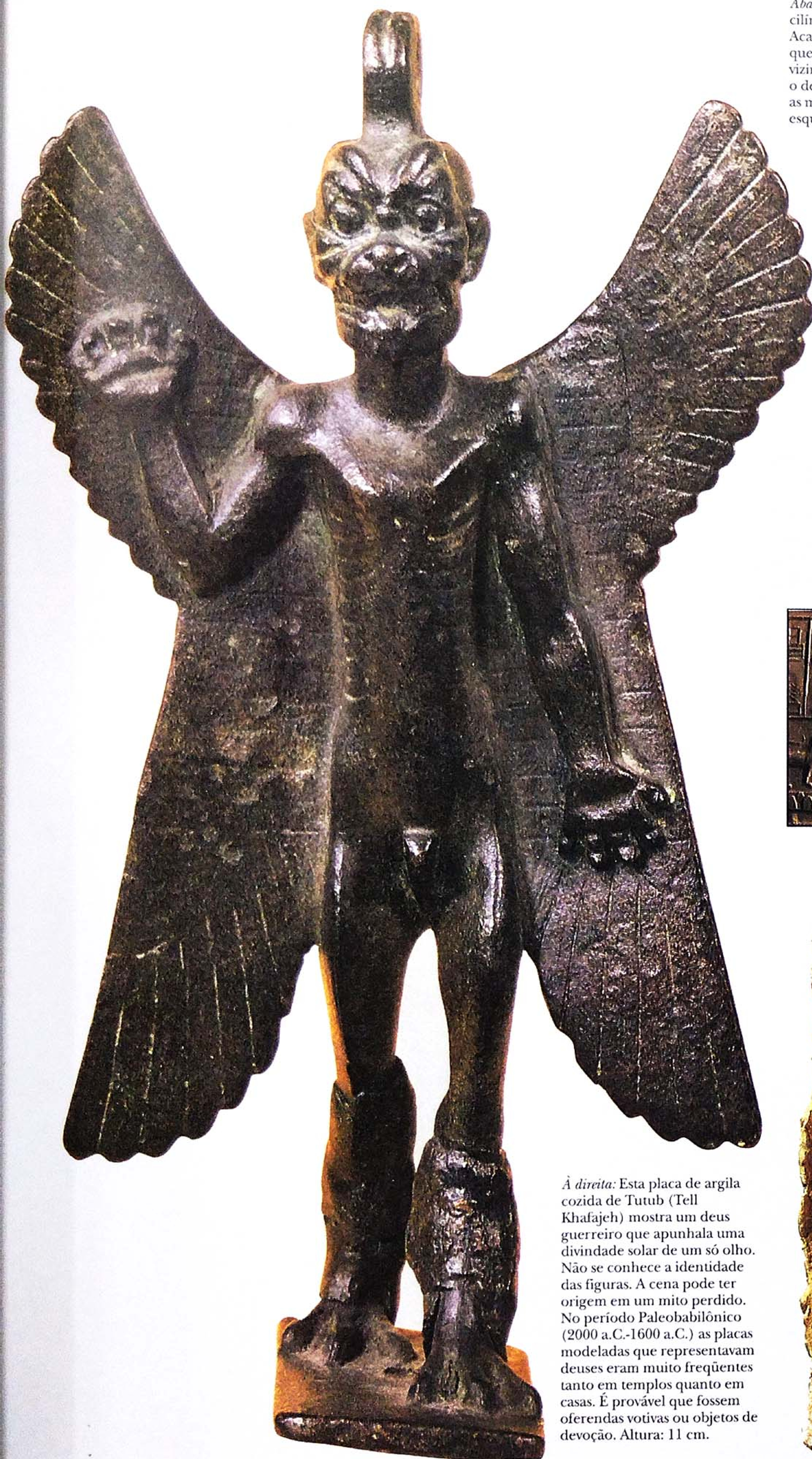




À direita: A parte posterior desta placa de bronze em relevo (por volta de 700 a.C.) representa o demônio Pazuzu cuja cabeça e mãos se vêem na parte superior. É provável que servisse de proteção contra Lamashtu, que atacava as mulheres grávidas e os recém-nascidos. Na placa figuram os símbolos dos deuses, uma fileira de demônios, um doente atendido por sacerdotes com um manto de escamas de peixe, além dos demônios Pazirzir e Lamashtu, o da cabeça de leão, abaixo. Altura: 13,3 cm. Largura: 8,4 cm.

À esquerda: Figura alada do Palácio do Noroeste de Assurbanipal II (883-859 a.C.) em Kalhu, com uma coroa com chifres que simbolizavam a dividade na Antiga Mesopotâmia a partir do primeiro período dinástico. Nas paredes do palácio existiam muitas figuras similares talhadas, algumas com quatro asas, ou com cabeça de águia, e outras com mantos de escamas de peixe, que tinham também objetos diversos — plantas, animais, cubos e cones. Estes seres sobrenaturais relacionavam-se com os *apkallu* ou sete sábios, cujas figuras eram enterradas no piso dos palácios para protegê-los do mal, assim como seus ocupantes.

Abaixo: Estatueta de bronze que representa o demônio do vento Pazuzu, que costumava aparecer com uma cara grotesca, quatro asas, patas de ave, patas dianteiras de animal e cauda de escorpião. Tem a seguinte inscrição: "Sou Pazuzu, filho de Hanbi, rei dos demônios e do vento do mal". Embora rei dos demônios do mal, Pazuzu era considerado benévolo. Os amuletos de bronze com a cabeça de Pazuzu, usados pelas mulheres no parto para se protegerem contra os ataques do demônio feminino Lamashtu, tiveram grande êxito durante os períodos Assírio Final e Neobabilônico.



À direita: Estatueta de deus com quatro caras. Não foi encontrada em uma escavação, mas poderia proceder de Neribtum (Tell Ischchali) e data de princípios do 2.º milênio a.C. Não se conhece a identidade do deus. Altura: 17 cm.



Abaixo: Impressão de um selo cilíndrico de nefrite do período Acadiano (por volta de 2200 a.C.), que mostra o deus Ea com o seu vizir de duas caras. Em frente a ele, o deus do sol Shamash surge entre as montanhas, com Istar à sua esquerda. Altura: 3,9 cm.



À direita: Esta placa de argila cozida de Tutub (Tell Khafajeh) mostra um deus guerreiro que apunhala uma divindade solar de um só olho. Não se conhece a identidade das figuras. A cena pode ter origem em um mito perdido. No período Paleobabilônico (2000 a.C.-1600 a.C.) as placas modeladas que representavam deuses eram muito freqüentes tanto em templos quanto em casas. É provável que fossem oferendas votivas ou objetos de devoção. Altura: 11 cm.



ESTADOS EM CONFLITO
(3000 a.C.-2350 a.C.)

Fontes documentais dos princípios da história
A invenção da escrita no período Uruk final situou o povo da Mesopotâmia no limiar da história. Não obstante, tiveram de passar cerca de mil anos até aparecerem os textos que permitiriam desvendar a história da região. As inscrições contemporâneas dos soberanos das cidades-Estados da época dinástica inicial não contêm muitos dados, pois se limitam a consignar o nome do soberano e o deus a que se dedicam, enquanto nos textos posteriores, escritos em retrospectiva, a informação costuma ser desvirtuada. A cronologia também não é fiel. A primeira data relativamente digna de confiança é a subida ao trono de Sargão de Agade em 2334 a.C., que marca o final do Dinástico inicial na Mesopotâmia. No entanto, para calcular esta data foi necessário somar a duração dos reinados que houve entre Sargão e Ammisaduqa da Babilônia, 700 anos depois, e, por conseguinte, poderá existir uma diferença de até 200 anos.

O declínio do império comercial de Uruk final deixou um vazio cultural que foi preenchido pelas culturas locais: no Leste, a proto-elamita; na Mesopotâmia do Sul, a de Jemdet Nasr e a do Dinástico I inicial, e em Diyala e Hamrin, o protoliterário final e Dinástico I inicial. No Norte da Mesopotâmia as sucessivas culturas foram primeiramente um derivado da cultura Uruk final e depois do Ninivita 5, e em outras regiões foram as culturas da Idade do Bronze Inicial. O centro da civilização continuou a ser no Sul da Mesopotâmia, onde muitas cidades lutavam pelo seu domínio. Só a pouco conhecida cultura proto-elamita, que compreendia, pelo menos, uma cidade importante, se aproximava da Mesopotâmia em termos de extensão de influência. Nenhuma das outras grandes cidades criadas sob a influência do Uruk final sobreviveu. No final do Dinástico inicial, a influência suméria começou a sentir-se novamente na Mesopotâmia, afetando todo o Oriente Médio.

A cultura proto-elamita
Entre Susa II (semelhante à cultura do Uruk final da Suméria) e Susa III, em que as relações com as regiões altas do Leste do Irã eram mais estreitas, produziu-se uma alteração na cultura material de Susa. Nesta época, grande parte de Susiana foi abandonada e também a própria Susa. E possível que os seus habitantes se deslocassem para a Mesopotâmia do Sul ou para o planalto iraniano, regiões que, em ambos os casos, experimentarão um aumento da população.

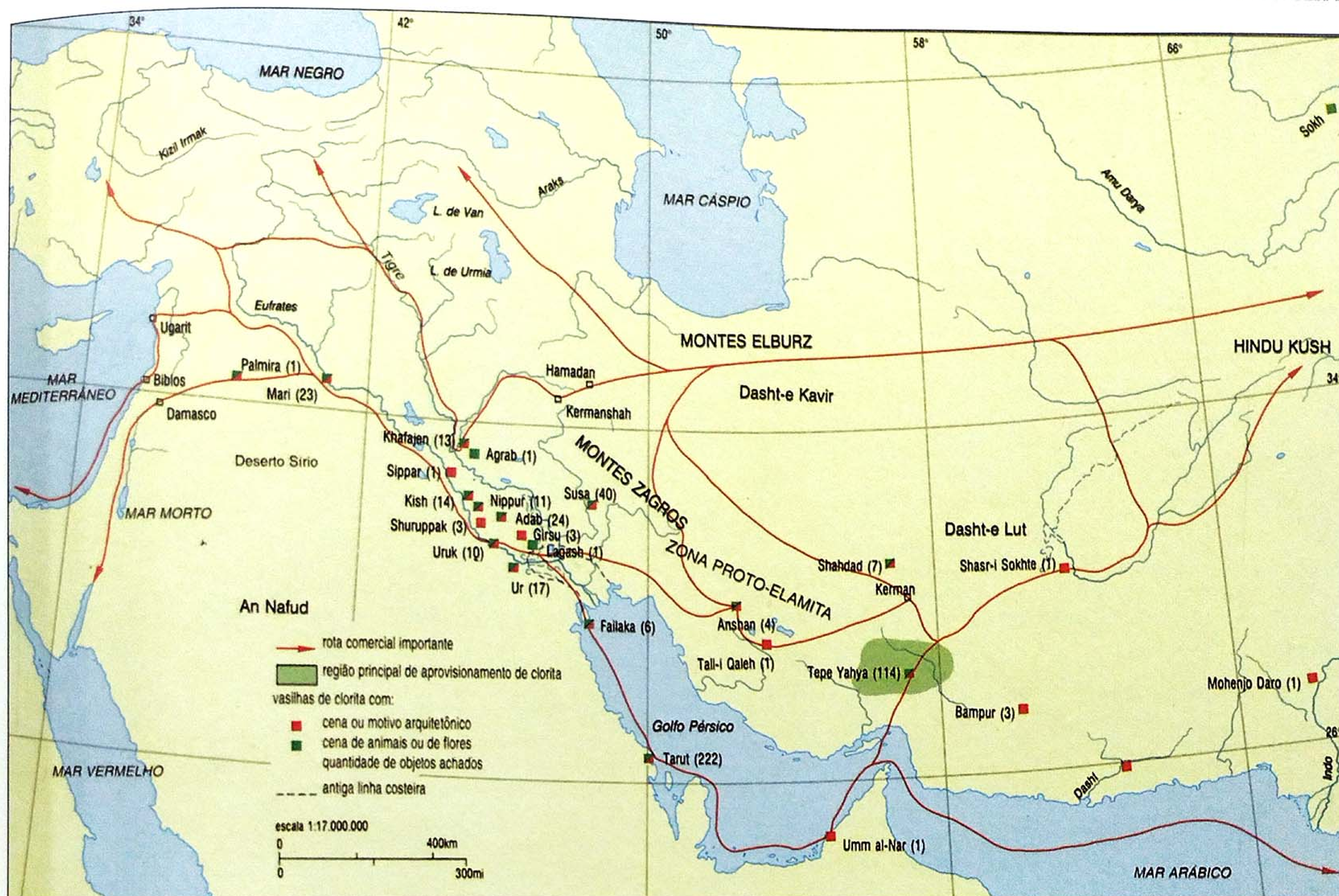
Os artefatos mais característicos do Susa III são as tabuinhas com escrita proto-elamita A, que geralmente se parece com a mesopotâmica. Também os sistemas de pesos e de medidas eram iguais. Não obstante, os sinais não numéricos diferem e é de supor que se utilizaram para escrever idiomas diferentes. Nos textos de Uruk III, e provavelmente de Uruk IV, o idioma era o sumério Nos proto-elamitas tudo parece indicar uma forma arcaica do elamita, a língua que se falou em Susiana e nas montanhas do leste do 3º ao 1º milênio a.C., mas é impossível verificá-lo porque, até esta data, não se puderam decifrar os textos.

Em Susa encontraram-se 1.400 tabuinhas proto-elamitas e quantidades menores em Tepe Sialk, Tepe Yahya e Tall-i Malyan Em Shahr-i-Sokhte, muito a Leste do Irã, próximo da fronteira com o Afeganistão, encontrou-se só um exemplar. Junto destas tabuinhas havia selos e reproduções de selos que estavam relacionados com os modelos de Jemdet Nasr e do Dinástico I inicial da Mesopotâmia. Um destes selos em forma de cilindro fino e longo era talhado em clorita (ou esteatita) e submetido ao calor depois da talha para endurecer a superfície. Estes selos costumavam ter desenhos de rosetas, figuras geométricas sombreadas como triângulos e círculos, assim como arcos, arcadas e outros motivos, todos semelhantes aos sinais das tabuinhas proto-elamitas. Encontraram-se estes selos de "esteatita vidrada" em toda a região proto-elamita e ao longo da encosta ocidental de Zagros, até a cultura Ninivita 5 do Norte da Mesopotâmia. Não obstante, no sul eram muito pouco freqüentes, o que indica que as relações comerciais e políticas corriam paralelas às montanhas e não se difundiam das terras baixas (como aconteceu com o primeiro Uruk final).

O sítio proto-elamita mais conhecido é o de Tall-i Malyan, 450 km a leste-sudeste de Susa, na região de Fars. Em períodos posteriores a Anshan passou a chamar-se Malyan e tanto Susa como aquela estavam compreendidas nos limites do reino do Elam. No período Banesh, entre 3400 a.C. e 2600 a.C., Malyan ocupava uma área de 200 hectares; destes, cerca de um quarto eram povoados permanentes.

Há uma área onde as escavações revelaram um grande edifício bem construído, com 17 salas ou mais e pinturas murais em vermelho, branco, amarelo, cinza e preto. Em outros prédios, alguns dos quais continham tabuinhas proto-elamitas e selos de argila, foram encontrados armazéns e oficinas, onde havia materiais da região, como pedernal, cobre e betume, e outros importados, como obsidiana, madrepérola e conchas do Golfo Pérsico, cornalina e lápis-lazúli procedentes de Badakhshan, no Norte do Afeganistão. O lápis-lazúli pode ter chegado ao Oriente Médio por duas rotas principais: uma pelo sul, que atravessava Shahr-i-Sokhte e depois ia para o sul de Dasht-i Kavir e Dasht-i Lut até Kerman e Fars através do Cuzistão, e outra no norte, que depois seria a Rota da Seda, através de Khorasan, entre Alborz e Dast-i Kavir, e depois a sudoeste através de Hamadã e Kerman-shash até a Mesopotâmia central. Os achados dos sítios que há ao longo destas duas rotas indicam que se importavam e trabalhavam pedras semipreciosas, entre elas o lápis-lazúli. Nas proximidades de Tepe Yahya, há importantes jazidas de clorita usadas para os selos e as tigelas no Dinástico inicial. Ali foram encontradas 26 tabuinhas proto-elamitas gravadas, junto com outras 84 por gravar. As tabuinhas com inscrições registravam pequenas quantidades de mercadorias, como grão, cerveja e animais, o que indica que se utilizavam principalmente na administração local, e não para comércio de maior raio de ação.

O comércio de vasilhas de clorita de estilo intercultural
Em muitos dos povoados do 3.º milênio a.C. do Oriente Médio encontraram-se vasilhas de pedra talhada feitas com clorita. A região próxima de Tepe Yahya, importante centro de produção, era uma das principais jazidas de clorita. Na Mesopotâmia estas vasilhas de luxo foram encontradas em templos, palácios e túmulos. As da ilha de Tarnt, no Golfo Pérsico, procediam provavelmente dos túmulos, mas não foram recuperadas em escavações científicas. Os motivos mais freqüentes do estilo intercultural são um modelo de edifício que ainda não foi atribuído a nenhum estilo arquitetônico conhecido da região, e animais que, na maioria das vezes, representam uma serpente em combate. No templo de Inanna em Nippur encontrou-se uma destas, com a seguinte legenda em cuneiforme: "Inanna e a serpente", mas é possível que esta inscrição tenha sido acrescentada posteriormente, quando a vasilha chegou à Mesopotâmia.



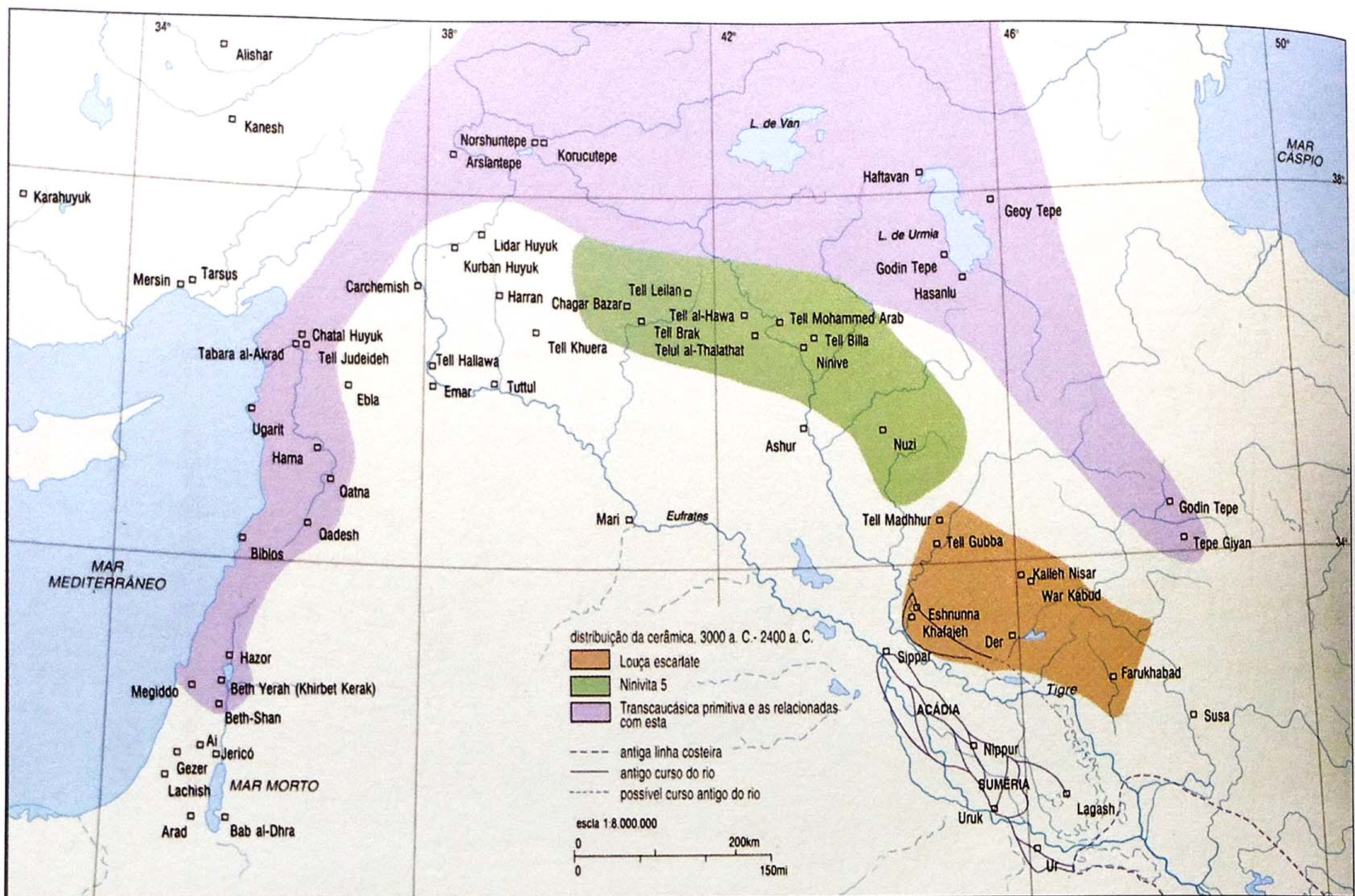
Dinástico I inicial

A Mesopotâmia do Sul no Dinástico inicial se divida em pequenas cidades-Estados. A maioria delas compunha-se de um só povoado extenso e do campo circundante. Os achados de Eridu permitem concluir que houve continuidade desde o período Ubaid até Uruk. Do mesmo modo, não houve grandes interrupções desde Uruk até aos períodos de Jemdet Nasr e Dinástico inicial. Concretamente, a localização dos templos continuava a ser a mesma e as escavações dos sucessivos níveis revelam a evolução arquitetônica registrada ao longo de centenas e até de milhares de anos. Durante este tempo, a evolução da olaria foi gradual e, embora fossem aparecendo novos estilos, a impressão geral é de continuidade. As escavações da região de Divala, a leste de Bagdá, estabeleceram o marco arqueológico básico. O período Dinástico inicial divide-se em uma primeira fase, essencialmente pré-histórica, e uma fase posterior, em que se podem identificar figuras e acontecimentos históricos. Estas fases correspondem respectivamente ao Dinástico I inicial e Dinástico III inicial da região de Divala, onde o Dinástico II inicial representa um período de transição entre ambos. A região de Divala, que se caracteriza pela cerâmica pintada, conhecida como louça escarlate (que também se encontra em Hamrin) é a que permitiu um melhor conhecimento do Dinástico I inicial.

Uma vez mais são os templos que proporcionam informação importante. Em um templo característico havia um santuário constituído por uma sala estreita e longa, à qual, partindo-se da extremidade de um dos lados compridos, se tinha acesso por um pátio; na extremidade oposta havia um altar. Esta forma de templo, com "eixo acotovelado", poderia ter surgido da incorporação de um pátio exterior aos templos tripartidos de Ubaid e Uruk no período Jemdet Nasr. Do mesmo modo, a casa tripartida de Ubaid transformou-se em casa com pátio, com uma sala de recepção de um lado deste (planta arquitetônica ainda vigente no Iraque moderno). Outra característica dos templos do Dinástico I inicial que se tornou muito freqüente com o passar do tempo foram as estátuas de pedra destinadas a representar os fiéis. Ao lado do altar de um dos três santuários do Templo Quadrado de Eshnunna (atualmente Tell Asmar), achou-se uma coleção de 12 estátuas.



À direita: Vasilha de cerâmica pintada de Tell Khafajeh (antiga Tutub) na região Divala. Este estilo de pintura em preto e vermelho chama-se louça escarlate e é característico do Dinástico I inicial. Os motivos eram geométricos e naturalistas. As cenas como a desta vasilha, onde figuram seres humanos, eram excepcionais. Altura: cerca de 30 cm.



Distribuição dos estilos de cerâmica no terceiro milênio
Embora a invenção da escrita date do 4.º milênio a.C., os documentos escritos não permitem reconstituir a história do 3.º milênio de grande parte do Oriente Médio. Assim como no estudo dos períodos pré-históricos, os arqueólogos baseiam-se na distribuição dos tipos de cerâmica decorada para definir as diferentes culturas da região. Distinguem-se três grupos principais. A nordeste da Suméria e na Acádia, encontra-se a louça escarlate. A noroeste estava a cerâmica do Ninivita 5, que na sua época mais arcaica era pintada, mas depois foi substituída por uma delicada cerâmica cinzenta, com motivos talhados na superfície da vasilha. Em um grande arco à volta da Mesopotâmia havia grupos que utilizavam cerâmica preta ou vermelha polida, por vezes decorada com motivos brancos com enchimento ou alto-relevo. Este estilo deriva da cerâmica do Transcaucasiano inicial, que se expandiu para o sul, a partir da região do Cáucaso, durante o 3.º milênio a.C.

Embora no início se pensasse que eram estátuas de deuses, é possível que representassem seres humanos.

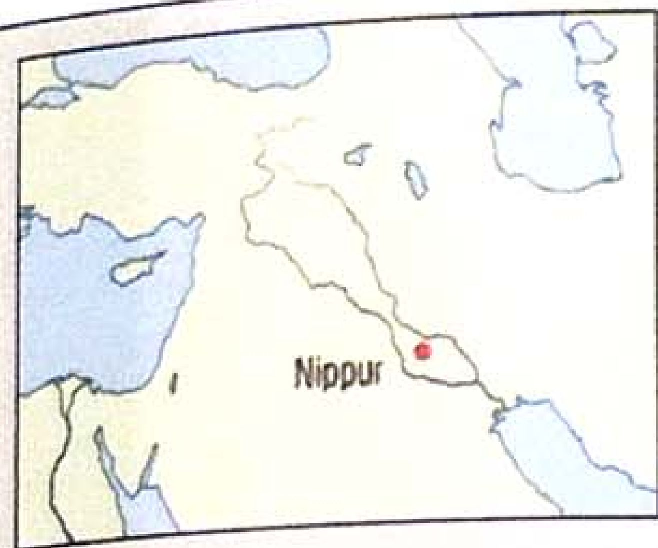
Os sítios do Dinástico I inicial da região de Hamrin contêm menos provas da existência de grandes cidades. Tell Gubba, o sítio mais antigo e impressionante, que data de finais do período Jemdet Nasr ou do princípio do Dinástico I inicial, foi em um tempo um edifício que tinha uma série de oito paredes concêntricas com um diâmetro exterior de cerca de 70 m. As paredes salientes tinham entre si corredores abobadados, cobertos com telhados em bico, e nas paredes havia escadas. Não se conhece a função desta estrutura, que não tem comparação fora do vale de Hamrin. Em um poço interior, acharam-se 16 esqueletos, atirados um atrás do outro. Nos corredores, encontraram-se grandes recipientes com cereais, o que indica que o prédio foi utilizado para armazenar provisões e tesouros.

Outra construção um pouco posterior, o Edifício Redondo de Tell Razuk, tinha também paredes concêntricas e um amplo espaço aberto de 10 m de diâmetro no centro. As cinco salas curvas que o rodeavam tinham arcos como os de Gubba, mas neste caso com vãos de mais de 4 m de largura. O prédio podia ter sido um posto militar, estabelecido por uma das cidades-Estados do Sudoeste. Crê-se que um cemitério encontrado em Kheit Qasim se relaciona com uma povoação amuralhada próxima. Os túmulos de azulejo são rodeados por plataformas retangulares, também de tijolo. Os túmulos maiores tinham paredes estreitas e longas para sul e eram separadas por um estreito canal. Nos túmulos encontraram-se, fundamentalmente, peças de cerâmica, embora em alguns houvesse punhais, machados e cinzéis feitos de cobre procedente das minas do planalto iraniano.

No Norte da Mesopotâmia desenvolveu-se uma cultura derivada do Uruk final, que chegou a ser Ninivita 5, nome recebido pelo nível 5 do poço pré-histórico de Nínive. Ali se encontrou cerâmica pintada, assim como uma delicada louça cinzenta decorada com elaborados motivos talhados. Nenhum dos sítios investigados deste período apresenta características urbanas. Todas as construções eram pequenas, como corresponde a um povoado, e os túmulos, embora mostrando algumas variações de tamanho e de opulência, eram muito pobres comparados com as riquezas enterradas nos túmulos encontrados mais ao sul. As peças de metal mais elaboradas do período Ninivita 5 conhecidas até agora são simples alfinetes de cobre com cabeças fundidas. Diz-se que um fragmento da folha de uma faca encontrada em um túmulo em Chagar Bazar é feito de ferro fundido, obtido talvez acidentalmente ao utilizar um fundente de minério de ferro para fundir o cobre.

Cultura transcaucasiana primitiva

A cultura transcaucasiana primitiva desenvolveu-se muito mais ao norte, na parte ocidental da Turquia. É provável que tivesse origem na Armênia, em torno do vale de Aras, mas no final do 4° milênio tinha-se dispersado. Pensa-se que esta expansão foi paralela a uma deslocação para oeste e para sul de povos que iam estabelecer-se na região ocidental da Turquia, no vale do curso superior do Eufrates e no Norte do Irã. No nível IV (que data de 2700 a.C., aproximadamente), em Godin, no outro lado da rota principal que vai da Mesopotâmia para o Irã, foram encontradas as características cerâmicas preta, castanha ou vermelha polida, decorada em relevo, por vezes com desenhos talhados cheios de pigmento branco. Ao sul da Síria ocidental, quase no Mar



Nippur

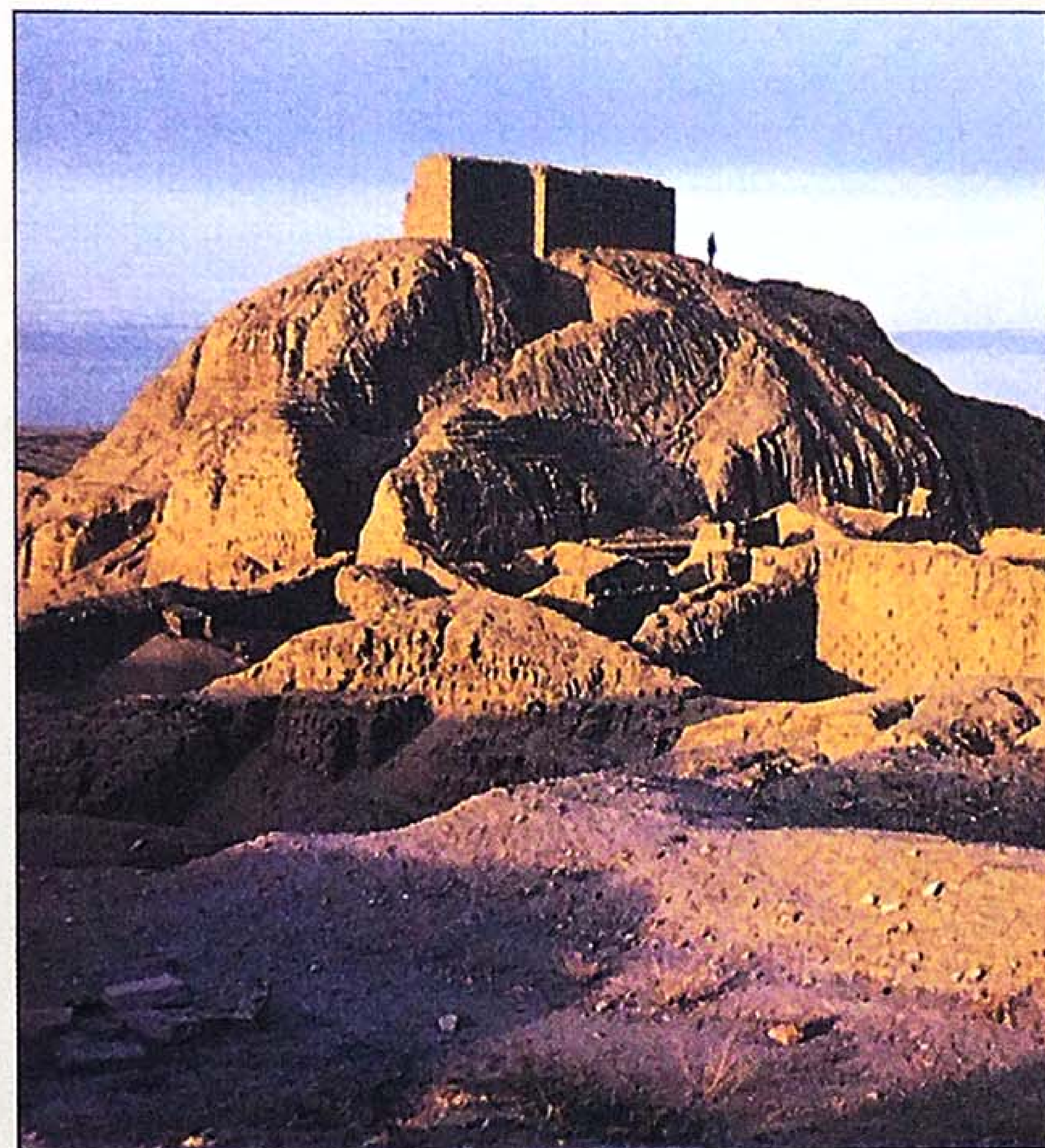
Abaixo: O zigurate, construído por volta de 2100 a.C. por Ur-Nammu, constituía no século II o centro de uma poderosa fortaleza. Na cúspide vê-se a casa que os escavadores norte-americanos construíram por volta de 1900 como refúgio contra as tribos locais.

Abaixo: Este fragmento de vasilha de clorita pintada com incrustações, do Sul do Irã, foi encontrado nas ruínas do Templo de Inanna (Dinástico inicial) em Nippur. Representa um grande gato em luta com uma serpente. Uma legenda em escrita cuneiforme diz: "Inanna e a serpente".



Nippur era o centro religioso mais importante dos sumérios e a sede do templo principal do deus Enlil, que no 3° milênio a.C. substituiu An, deus do céu, na cabeça do panteão. Embora no período histórico a cidade não fosse sede de dinastia importante, os soberanos de outras cidades consideravam que o domínio de Nippur conferia o direito de dominar toda a Suméria e a Acádia.

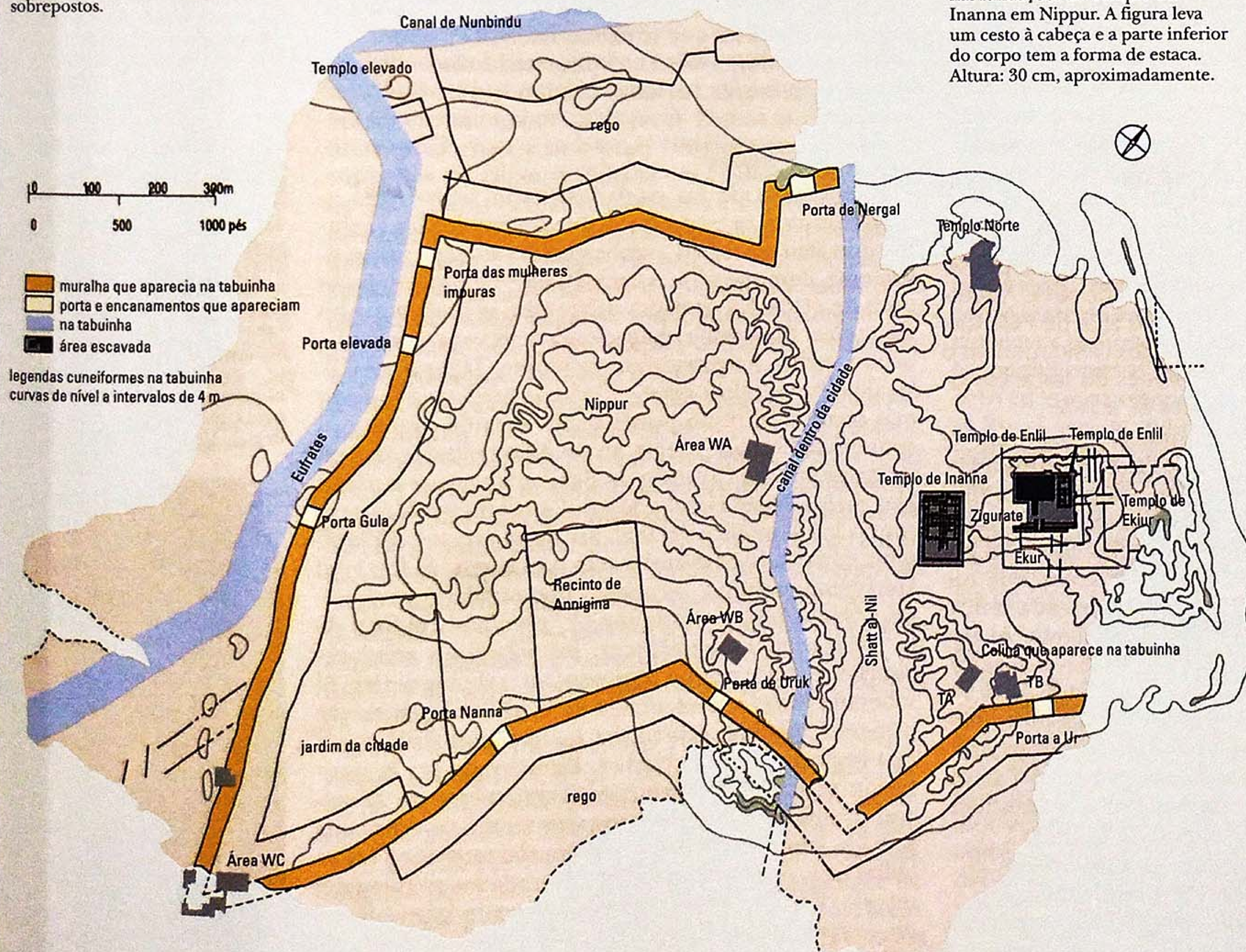
Nippur foi habitada desde o período Ubaid até o ano 800 da nossa era, aproximadamente, e os vestígios acumulados de cinco mil anos de povoações criaram um vasto campo de terraços volumosos que cobrem uma área de mais de 2 km por 1,5 km e se elevam a 20 m sobre a planície circundante. Foram recuperados milhares de tabuinhas porque houve ali uma escola de escribas. Uma tabuinha que data de 1300 a.C., aproximadamente, contém um mapa em escala da cidade, no qual se vê o Templo de Enlil, as muralhas, as portas da cidade e os principais cursos de água. O ângulo agudo das muralhas que aparece na tabuinha apareceu nas recentes escavações da extremidade sul do sítio.



À direita: Mapa do contorno do sítio de Nippur, onde se vêem as principais áreas escavadas desde 1948. Os principais elementos do mapa de Nippur de 1300 a.C. que se encontraram no sítio figuram sobrepostos.

À direita: Estatueta de cobre, que talvez represente o rei Ur-Nammu (2112 a.C.-209 a.C.) ou Shulgi (2094 a.C.-2047 a.C.), encontrada nas fundações do Templo de Inanna em Nippur. A figura leva um cesto à cabeça e a parte inferior do corpo tem a forma de estaca. Altura: 30 cm, aproximadamente.





da Galiléia, encontrou-se cerâmica semelhante, ali denominada louça de Khirbet Kerak.

Os habitantes destes povoados partilhavam o gosto pelas casas redondas e a lareira em forma de ferradura, decorada com relevos modelados. É provável que fossem os antepassados dos hurritas que dominaram as regiões dos limites ao norte da Mesopotâmia nos 3º e 2º milênios. Não se sabe até que ponto esta cerâmica refletia relações políticas e comerciais, mas o círculo que rodeava a Mesopotâmia pode ter dificultado o acesso das terras baixas às montanhas de ricos recursos, o que teria incentivado o comércio marítimo através do Golfo Pérsico nas primeiras dinastias iniciais.

O Levante

No Levante a cerâmica de Khirbet Kerak era só um dos vários estilos locais que prevaleciam na Idade do Bronze Inicial. Estas variações não se deviam necessariamente a invasões, podendo ter sido conseqüência do desenvolvimento local e de uma pacífica influência estrangeira durante período.

A Idade do Bronze Inicial no Eufrates divide-se em quatro fases, que correspondem aproximadamente ao Uruk final, Jemdet Nasr e início do Dinástico I, III e finais do 3º milênio, respectivamente. As povoações da Idade do Bronze I eram geralmente pequenas, salvo algumas que ocupavam uma área de 10 hectares ou mais. Entre estas, uma das mais notáveis é a de Jawa, no deserto de rocha basáltica no Nordeste da Jordânia. A cidade fortificada ocupava cerca de 12 hectares e foi construída no final do 4º milênio em uma região onde a precipitação anual é inferior aos 150 mm. Não obstante, ao reter e armazenar as chuvas de inverno em represas, os moradores conseguiram reunir água suficiente para suportar os secos e quentes meses de verão.

A segunda fase, Idade do Bronze II Inicial, foi marcada por uma melhor relação com o reino do Egito. Nos túmulos da Primeira Dinastia egípcia, em Abydos, encontrou-se cerâmica palestina, provavelmente utilizada para exportar azeite. Alguns sítios encontrados no Sul da Palestina e no Norte do Sinai foram identificados como colônias ou feitorias egípcias, pela impressão de selos cilíndricos e pelos edifícios de tijolos de adobe.

Também se encontraram provas de que os povoados urbanos deste período eram fortificados, e contavam com portas e torres. Também se encontraram prédios religiosos, mas não se sabe se os sacerdotes desempenham um papel preeminente no governo. A maioria dos especialistas pensa que esta foi uma época de cidades-Estados, onde cada centro fortificado dominava o território circundante. Ao terminar esta fase, muitos povoados foram abandonados e as fortificações dos que perduraram tornaram-se mais sólidas. Na Síria floresceram cidades como Mari, Ebla, Hama, Ugarit e Biblos, e o poderoso Antigo Reino do Egito influiu notavelmente na Palestina e nas cidades da costa do Levante durante a Idade do Bronze III Inicial.

Suméria e Acádia

A Mesopotâmia meridional se dividia em duas regiões: Suméria ao sul, que se estendia de Eridu a Nippur, e Acádia ao norte, de Abu Salabikh ao limite norte das planícies aluviais. Os nomes de Suméria e de Acádia aparecem pela primeira vez no final do Dinástico inicial. Ao que parece, na Suméria, a maior parte da população falava o sumério, língua sem qualquer parentesco com outras línguas conhecidas. No norte, a maioria dos habitantes falava o acádico, antecessor do babilônio e do assírio, e aparentado com o hebreu e o árabe.

Suméria e Acádia não eram países no sentido moderno do termo, mas eram formados por várias cidades-Estados. Cada uma das quais constituía uma unidade política em si mesma e tinha o seu próprio soberano. Algumas cidades-Estados abrangiam várias cidades menores. Por exemplo, o Estado de Lagash incluía Girsu (morada do deus oficial Ningirsu), Lagash, que dava nome à cidade, e Nina, cidade menor a sudeste. Tanto a Suméria como a Acádia dividiam-se em cerca de 12 cidades-Estados, que na sua maioria se encontravam à beira dos afluentes do Eufrates e eram rodeadas de terras por cultivar (em sumério, *edin*) que serviam de pastagens e para evitar choques entre os povoados urbanos. As cidades ficavam muito próximas entre si: por exemplo, Umma ficava a apenas 30 km de Girsu, no estado de Lagash. Nas inscrições dos seus soberanos se descreviam contínuas lutas pela terra que as separava. Já na relação com o Neolítico Acerâmico, encontraram-se povoados fortificados em Jericó, Maghzaliyeh e Palestina, e eram freqüentes na Idade do Bronze I. É provável que a maioria das cidades da Palestina estivesse fortificada no início do Dinástico inicial. Mas os primeiros indícios de cidades fortificadas na Mesopotâmia do Sul são de meados do Dinástico inicial, em Abu Salabikh. As alianças que se alteram e as conquistas militares dificultam a formação de um mapa político da Suméria. Em algumas épocas o rei de Kish foi chefe supremo dos soberanos de Estados que se estendem até Lagash, e em outras épocas duas ou mais cidades-Estados eram governadas por uma mesma pessoa.

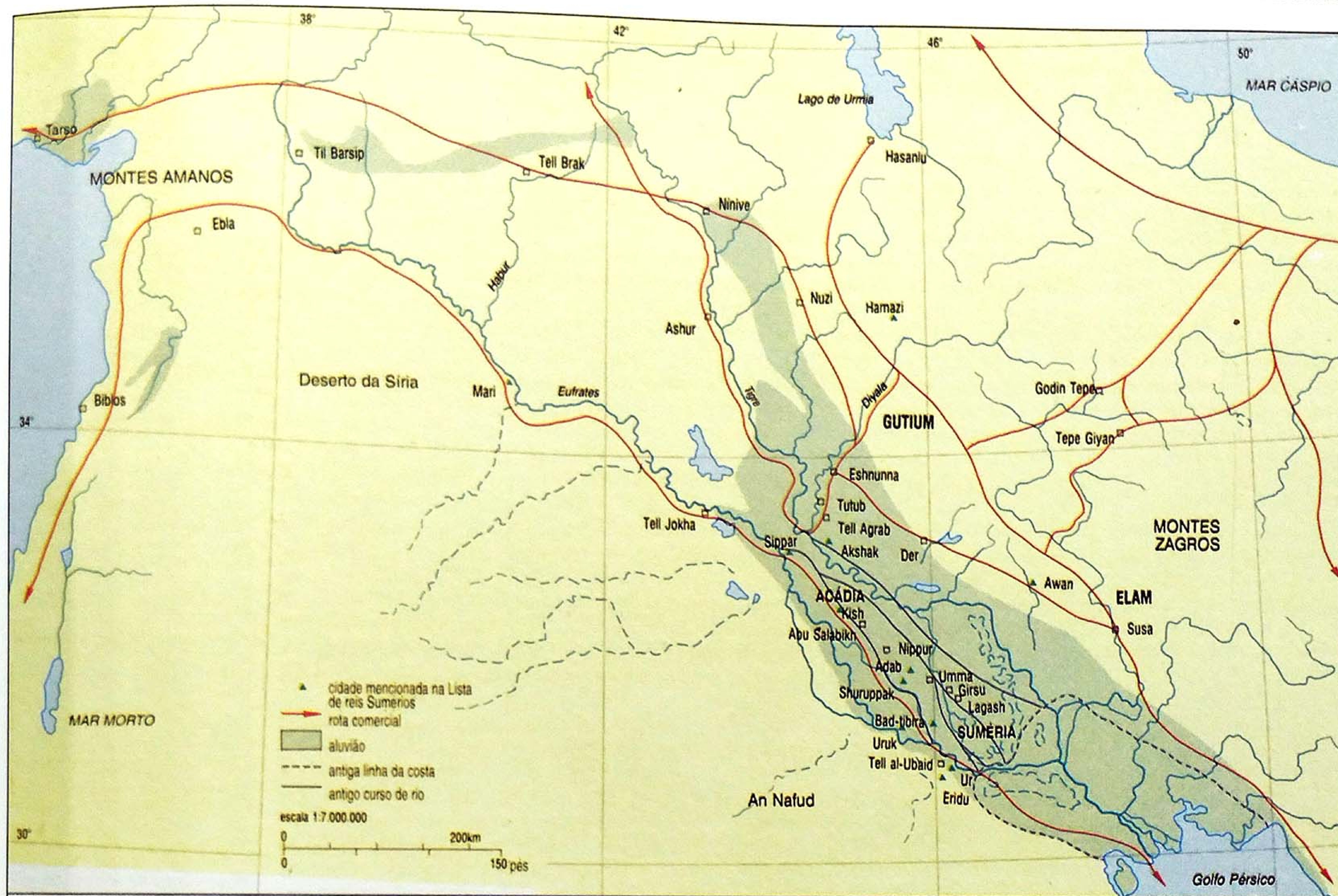
Soberanos e deuses

Os soberanos das cidades-Estados tinham três títulos diferentes: *en*, *ensi* e *lugal*, que traduzidos livremente equivalem a "senhor", "governador" e "rei" respectivamente, embora não se saiba bem em que se distinguiam uns dos outros. Em cidades diferentes, usavam-se diferentes títulos. O *en* tinha obrigações religiosas e originariamente poderia ter sido um sacerdote. O *lugal*, que literalmente significa "grande homem", tinha uma função mais secular. O título pode ter surgido em um conselho de anciãos da Criação da Babilônia, no qual a assembléia dos deuses elegeu Marduk para dirigir a guerra contra os demônios do mal. Em alguns casos, um *lugal* tinha como subordinados um ou mais *ensi*. No final do Dinástico inicial, as autoridades seculares e religiosas eram diferentes em cada cidade, mas até o final da civilização mesopotâmica os soberanos seculares exerciam o poder como representantes dos deuses. O soberano era o representante da divindade e, em maior ou menor medida, controlava os recursos do templo mais importante da cidade. Este templo era a instituição mais rica e o principal latifundiário da cidade. Havia também um próspero setor de economia privada, mas este não se refletia tão claramente nas tabuinhas que, na sua maioria, procedem dos arquivos do templo. Nas cidades-Estados, era comum a propriedade de escravos, alguns dos quais eram prisioneiros de guerra.

Cada cidade tinha o seu próprio deus de guarda a quem era dedicado o templo principal. Alguns dos deuses só tinham importância local. O deus Sud residia em Shuruppak, Bau e o seu esposo Ningirsu eram os deuses supremos de Girsu, e Zababa era o deus da cidade de Kish. Outras divindades exerciam um domínio mais amplo que muitas vezes era conseqüência do poder adquirido pelas suas cidades de origem. Por

Abaixo: O exemplar mais bem conservado da Lista dos Reis Sumérios está escrito em cuneiforme no prisma de Weld-Blundell. Esta lista contém os nomes dos soberanos da Suméria desde antes do Dilúvio até Sinmagir, rei Isin (1827 a.C. 1817 a.C.). Conhecem-se mais de uma dúzia de exemplares encontrados na Babilônia, em Susa e na biblioteca assíria de Nínive do século VIII a.C. Procedem todos de um original, que provavelmente foi escrito em 2100 a.C. durante a primeira parte da Terceira Dinastia de Ur ou um pouco antes. O objetivo desta Lista Real era mostrar que, desde a primeira vez "que a monarquia desceu do céu", foi escolhida determinada cidade para dominar todas as outras. Altura: 20 m.





As cidades da Lista de Reis Sumérios
No Dinástico III inicial, a Suméria e a Acádia eram divididas em cidades-Estados rivais. Segundo a Lista de Reis Sumérios, qualquer cidade podia ter uma posição predominante. Na realidade, seria uma perspectiva de períodos posteriores, a fim de legitimar o domínio das últimas dinastias. Assim como na Bíblia, aos primeiros soberanos eram atribuídos milhares de anos. Na Lista de Reis Sumérios figuravam as cidades dominantes e a duração das dinastias atribuídas aos reis.

exemplo, em épocas posteriores, Marduk da Babilônia e Ashur da cidade de Ashur chegaram a dominar o panteão. As cidades tinham também templos dedicados a outros deuses, em particular a Inanna ou Enlil.

Os deuses sumérios, como os gregos, tomavam forma humana e comportavam-se como seres humanos. Experimentavam as mesmas emoções e ciúmes; de mitos e de lendas obtém-se a impressão de que intervinham nos assuntos humanos de forma arbitrária. Havia divindades do céu e da lua, ou que encarnavam os poderes de outros fenômenos naturais, assim como deuses de instituições humanas e de objetos. Havia uma deusa da escrita, um deus do arado e até os tijolos tinham o seu próprio deus. Os escribas sumérios registraram cuidadosamente centenas de deuses.

An, o deus do firmamento e dos céus, tinha o seu templo principal em Uruk. Não obstante, a divindade tutelar não era An, mas a deusa Inanna. E provável que durante o período Uruk, An fosse a principal divindade, mas em meados do 3º milênio o seu lugar tinha sido ocupado por Enlil, o senhor do ar, cuja esposa se chamava Ninlil. Enlil era o deus principal de Nippur, a cidade mais setentrional da Suméria, com uma função especial. Qualquer soberano que aspirasse a dominar a Suméria tinha o dever de restaurar os templos de Nippur.

O terceiro dos deuses era Enki (Ea, em acádico), cujo nome em sumério significa senhor da terra, embora na realidade fosse o deus da água potável. Era também o deus principal da cidade de Eridu e o deus da sabedoria e da magia. A deusa mais importante era Inanna (ou Istar), com a qual se identificaram muitas deusas posteriores. Era a deusa do amor e da guerra (o equivalente das deusas gregas Afrodite e Atena combinadas) e a deusa das cidades de Uruk e de Agade. É possível que no princípio estivesse casada com An, mas em mitos posteriores era a esposa de Dumuzi, que foi para o outro mundo em troca de Inanna. Em épocas posteriores chamou-se Rammuz ou Adônis, que era um deus que morria e voltava a nascer todos os anos. Outros deuses importantes eram o deus-sol, Utu (Shamash), que era também deus da justiça e das cidades de Sippar e Larsa, e Nanna (Sin), deus-lua e divindade suprema de Ur.

História e lenda

O período Dinástico inicial proporciona a primeira ocasião de comparar os achados arqueológicos com as provas históricas dos textos cuneiformes.

O texto mais importante é a Lista de Reis Sumérios, que documenta as dinastias que reinaram na Suméria desde as épocas mais remotas. O exemplar mais antigo que se conserva deste texto data de princípios do 2º milênio a.C., embora no tempo de Berossus, escriba babilônico do século IV a.C., se continuasse a utilizar. Após as palavras "Depois de descer do reino do céu, Eridu transformou-se (na sede dele) em reino", o texto enumerava as quatro dinastias seguintes das cidades de Bad-tibira, Larak, Sippar e Shuruppak, cujo soberano era Ubar-tutu. Todos estes dados se resumiam do seguinte modo: "Cinco cidades, oito reis, reinaram durante 241.200 anos. Depois, o Dilúvio cobriu (a Terra)."

Uma tradição posterior fazia de Ubar-tutu o pai de Ziusudra (ou Ut-napishtim), o Noé babilônico. Utnapishtim, segundo a *Epopéia de Gilgamesh*, construiu uma arca seguindo os conselhos do deus Enki e assim sobreviveu ao dilúvio desencadeado pelos deuses para destruir a humanidade. Alguns dos primeiros arqueólogos pensavam que este grande dilúvio poderia ser a causa das camadas de lodo arrastadas pela água, encontradas na parte mais profunda de sítios como ao de Ur, Kish e Shuruppak, mas é possível que estas camadas fossem devidas a inundações locais ocorridas em diferentes períodos. É costume identificar-se parte antediluviana da Lista de Reis Sumérios com o Dinástico I inicial, mas é impossível verificar dado que a lista é até agora a única fonte de informação. No período que se segue ao grande dilúvio figuram nomes que alguns indícios arqueológicos corroboram: "quando o dilúvio cobriu (a Terra) e o reino desceu do céu, Kish transformou-se em (a sede do) reino". Na lista figuram os nomes de 23 reis de Kish. O que leva o número 22 chamava-se Enmebaragesi, "que levou como espólio as armas da terra do Elam, transformou-se em rei e reinou durante 900 anos". O escriba provavelmente incluiu o título *en* como parte do nome, pois foram achadas duas inscrições de Mebaragesi: uma em uma jarra que se encontra agora no Museu do Iraque e outra no Templo Oval de Khafajeh, a leste de Bagdá, em um nível que pertence ao início do Dinástico III inicial.

Diz a crônica que Mebaragesi sucedeu ao seu filho Aka, e o reino passou de Kish para Uruk. Entre os reis de Uruk que aparecem na lista, há vários que também se mencionam nos mitos e lendas sumérios: Enmerkar, Lugalbanda, Dumuzi e Gilgamesh. Em uma epopéia suméria posterior, narra-se um conflito entre Gilgamesh de Uruk e Aka de Kish, o filho de Mebaragesi, o que indicaria que as dinastias de Uruk e de Kish poderiam ter sido contemporâneas e não sucessivas, como diz a Lista de Reis.

Os escribas sumérios e babilônicos de épocas posteriores citaram as façanhas dos reis semilendários da Primeira Dinastia de Uruk. Segundo uma destas lendas, Enmerkar estava em luta com a cidade-Estado de Aratta, separada da Suméria por sete colinas. Isto é, estava em alguma parte do planalto iraniano. Enmerkar necessitava de ouro, de prata, de lápis-lazúli e de cornalina para ornamentar os templos da Suméria. Por fim, através do comércio de grãos, de negociações por meio de enviados e de tabuinhas escritas (a invenção da escrita, segundo este relato, seria obra de Enmerkar) e das armas, conseguiu ficar com os preciosos materiais do *en* de Aratta.

As lendas sobre Gilgamesh, tal como a de Enmerkar, foram retocadas em épocas posteriores, mas provavelmente partiam de fatos reais. A versão mais completa da *Epopéia de Gilgamesh* apareceu no 2º milênio a.C. Combinava as primeiras lendas para criar um mito cujo tema básico se referia às tentativas do ser humano para evitar a morte. A história relatava como Gilgamesh, soberano de Uruk, partiu em expedição para trazer os cedros de que necessitava para construir templos, da "terra dos vivos", talvez em referência aos montes Amanos. Ali matou o monstro Humbaba e, ao voltar a Uruk, desprezou as atenções da deusa Inanna, o que custou a vida ao seu amigo Enkidu. Assustado com a imagem da morte, Gilgamesh procurou Ut-napishtim, que tinha sobrevivido ao dilúvio e a quem tinha sido concedida vida eterna, residindo em Dilmun (identificada como a ilha de Barein, no Golfo Pérsico). Ut-napishtim revelou-lhe que o segredo da vida eterna consistia em conseguir a "planta da vida". Referia-se, talvez, a uma pérola tal como se encontram no fundo do mar e, para procurá-la, Gilgamesh mergulhou com pedras nos pés, segundo o método tradicional dos pescadores de pérolas do Golfo Pérsico. De volta a Uruk, porém, uma serpente (animal do qual se poderia dizer que renasce ao mudar de pele) roubou a "planta da vida" e Gilgamesh teve de se contentar com a glória eterna. Estas lendas, embora não sejam históricas, refletem as preocupações do Dinástico inicial, entre outras, as rivalidades entre cidades, o apaziguamento e a glorificação dos deuses e as suas representações através da construção de templos e de ricas oferendas, e a aquisição de materiais preciosos e exóticos por intermédio de comércio ou conquista.

A primeira dinastia de Ur

A dinastia seguinte da Lista dos Reis Sumérios foi a de Ur, sob o reinado de Mes-Anepada, que se conhece pelas inscrições de Ur e de Tell Ubaid e por uma miçanga de lápis-lazúli encontrada em Mari, em cuja inscrição se menciona o pai de Mes-Anepada com o nome de Meskalamdug, rei de Kish. Encontraram-se inscrições de Meskalamdug em dois túmulos do Cemitério Real de Ur, achado pelo famoso arqueólogo sir Leonard Woolley (1880-1960).

O Cemitério Real é um dos achados arqueológicos mais espetaculares feitos até esta data. Na maioria dos túmulos, o corpo repousa de costas, envolvido em uma esteira ou fechado em um ataúde, no fundo de um túnel vertical. Ao lado dos corpos, encontravam-se os haveres pessoais: jóias, um punhal e talvez um selo cilíndrico. O túmulo continha também peças de olaria, vasilhas de pedra ou de metal, que provavelmente contiveram alimentos ou bebidas, assim como armas, e caracóis com pinturas para maquiagem junto com os acessórios para aplicá-las. Em Abu Salabikh, Kish e Khafaijeh encontraram-se túmulos semelhantes. Mas 17 túmulos distinguiam-se dos outros, tanto pela sua construção como pela riqueza dos objetos que continham. Alguns eram de pedra ou de tijolos de adobe, outros tinham várias câmaras, e outros, também abóbadas. A maioria destes túmulos foi saqueada na Antiguidade, mas, mesmo assim, o que restou era extraordinário, sobretudo nos que ficaram intactos. Em alguns Túmulos Reais, dezenas de servos sacrificados durante os rituais funerários acompanharam o ocupante principal.

Um túmulo real estava colocado quase exatamente em cima do outro. Tinha-se acesso ao inferior, que Wolley chamou de o Túmulo do Rei, através de uma rampa. Junto deste encontravam-se os esqueletos de seis soldados com capacetes e lanças de cobre. Um pouco mais afastados estavam os vestígios de dois carros de quatro rodas, puxados por três bois. As rédeas eram de miçangas de lápis-lazúli, e passavam através de aros de prata ornamentados com estátuas de bois. Um pouco mais adiante dos carros encontravam-se mais de 50 esqueletos de homens e de mulheres. Junto dos restos de um grupo de mulheres havia duas liras. Uma ornamentada com uma cabeça de touro em lápis-lazúli e ouro, e incrustações de concha que representavam animais tocando instrumentos musicais, como uma ilustração primitiva das fábulas de Esopo.

A abóbada da câmara do túmulo (de pedra) era de tijolo. Ali foram encontrados os vestígios de vários corpos e também modelos em cobre e prata de embarcações do mesmo tipo que os utilizados hoje pelos árabes dos pântanos do Sul do Iraque. Grande parte do conteúdo da câmara, no entanto, foi roubado por ladrões de túmulos que tinham entrado por um buraco no



Acima: Impressão de um delicado selo cilíndrico de lápis-lazúli no qual se lê "Puabi, rainha". Foi encontrado no seu túmulo no Cemitério Real de Ur. No período Dinástico inicial na Mesopotâmia do sul, os selos cilíndricos dos homens mostravam homens e animais em combate, enquanto os das mulheres representavam cenas de banquetes como esta. As festividades tinham grande importância na sociedade mesopotâmica, na qual os banquetes rituais fortaleciam a posição da elite. Acredita-se, embora não se tenha certeza, que se nos selos de mulheres apareciam estas cenas isso se devia ao fato de os banquetes fazerem parte de uma cerimônia nupcial sagrada. Altura: 4,9 cm.







Acima: Concha gravada com um guerreiro, encontrada no Templo de Istar em Mari, pertencente ao final do período Dinástico inicial. Fazia parte de uma cena mais ampla, que representava guerreiros e prisioneiros nus e manietados. O homem armado com um machado usa um gorro plano como os que utilizavam os reis do Dinástico inicial. (Altura: 11 cm.)

À direita: Esta águia com cabeça de leão foi encontrada em Mari, no chamado "Tesouro de Ur", que incluía um vidrilho no qual está inscrito o nome de Mes-Anepada, rei de Ur. Não se sabe se é um presente real ou do fruto de alguma incursão militar. O medalhão é feito de lápis-lazúli, trazido do Afeganistão, com cabeça e cauda de ouro, presos com betume e ganchos de cobre. Altura: 12,8 cm.

teto de um segundo túmulo real situado imediatamente acima deste. A disposição deste segundo túmulo era semelhante ao do Túmulo do Rei, mas a câmara e o fosso exterior não tinham sido saqueados. Na rampa havia cinco corpos, em frente de uma plataforma de madeira ornamentada com cabeças de leão e de touro em ouro e prata, mosaicos de lápis-lazúli e concha. Presos ao carro por uma canga havia dois bois cujas rédeas passavam por um aro de prata ornamentado com um asno finamente modelado em eletro. Próximos da plataforma havia um tabuleiro de jogo e vasilhas cheias de ouro, prata, cobre, obsidiana, lápis-lazúli, alabastro e mármore. Entre estes objetos havia uma caixa de madeira grande, ornamentada com mosaico, colocada por cima do buraco do teto da câmara do Túmulo do Rei. É provável que os construtores do túmulo posterior encontrassem a câmara do precedente e a saqueassem.

Na câmara do túmulo mais recente encontrava-se o corpo de uma mulher em um ataúde de madeira, e suas servas. Junto do ombro direito havia um selo cilíndrico de lápis-lazúli que representava uma cena de banquete com a inscrição "Puabi rainha". Puabi foi enterrada com seus melhores trajes de gala e um toucado de ouro. Um segundo toucado, encontrado próximo do corpo, era feito de uma tira na qual havia um bordado com milhares de pequeníssimas contas de lápis-lazúli coroadas por umas figurinhas em ouro de veados, gazelas, touros e cabras, separadas com motivos de plantas.

Outra câmara do túmulo tinha sido saqueada, mas a área exterior chamada por Woolley de Grande Fosso da Morte estava preservada, e em um espaço de menos de 9 m x 8 m encontraram-se vestígios do sacrifício de 74 vítimas voluntárias. Perto da rampa havia seis solda-

dos. Quatro mulheres foram encontradas junto das suas liras, uma das quais tinha uma cabeça de touro com barba de ouro, outra tinha uma cabeça de vaca de prata e uma terceira, uma cabeça de veado de prata. Outras 64 mulheres jaziam em filas ordenadas. Usavam gargantilhas de lápis-lazúli e ouro; outras, jóias e brincos de ouro em forma de meia-lua e uma versão simplificada do toucado de Puabi; 28 mulheres tinham no cabelo fitas de ouro, e as outras tinham fitas de prata. Uma mulher ainda segurava a fita enrolada. Evidentemente, a infeliz não tivera tempo de colocá-la por ter chegado tarde ao seu próprio funeral.

Nos túmulos do Cemitério Real de Ur havia inscrições com o nome de Meskalamdug. Em uma delas, que continha os restos de uma mulher, um selo cilíndrico de concha levava a inscrição "Meskalamdug, o rei", que poderia ser uma oferenda feita no seu nome durante o funeral. Outro túmulo que não foi classificado como real, pois não tinha câmara de sepulcro nem vestígios de sacrifícios humanos, continha duas tigelas de ouro e um candeeiro em forma de caracol, tudo com o nome de Meskalamdug, assim como uma tigela de cobre com a inscrição "Ninbanda, a rainha". Em um selo cilíndrico encontrado em Ur figurava o mesmo nome e título para a esposa de Mes-Anepada que, segundo a miçanga de Mari, era filho de Meskalamdug. No entanto, o objeto mais notável encontrado na sepultura foi um capacete de ouro em forma de peruca, no qual cada madeixa de cabelo era cuidadosamente gravada. Encontraram-se centenas de miçangas, muitas vasilhas de ouro, um cinturão de prata, um punhal de ouro e machados de eletro.

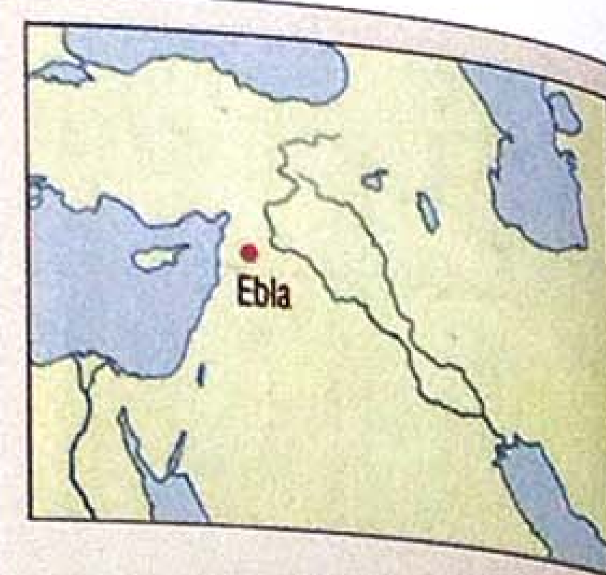
Nem todos os especialistas estão de acordo com Woolley quanto ao fato de estes túmulos, chamados Reais, serem as sepulturas dos soberanos de Ur e dos seus parentes próximos. Alguns pensam que as vítimas poderiam ter sido sacrificadas durante alguma cerimônia religiosa. O costume de enterrar os membros da realeza com vítimas de sacrifícios é constatado em várias regiões do mundo, por exemplo, no Egito do Dinástico inicial e, depois, no Sudão, na China Shang e na Melanésia no século XIII da nossa era, mas na Mesopotâmia há poucas provas de que assim fosse, com exceção do Cemitério Real.

Palácios e templos

O Cemitério Real pertence à primeira parte do período Dinástico III inicial, tal como os palácios mais antigos encontrados na Mesopotâmia. Dois deles ficam em Kish e um em Eridu, e embora não tenham inscrições que os identifiquem como palácios, várias das suas características permitem pensar que o eram. Trata-se de construções monumentais, cuja planta é semelhante à dos templos do Dinástico inicial, mas, ao contrário destes, depois de abandonadas não se voltaram a serem utilizadas como base para outras construções.

O edifício plano-convexo de Kish é feito de tijolos retangulares com bordas arredondadas, características do Dinástico inicial, e rodeado de sólidas paredes com contrafortes. As suas mais de 50 salas, algumas das quais eram destinadas a armazéns, enquanto em outras tinha havido fornos e tonéis cobertos de betume, ficavam em unidades separadas por corredores estreitos. Outro palácio de Kish, ao sul da área principal dos templos, era composto de três unidades. A mais antiga media 70 m x 40 m, aproximadamente, e constava de um pátio central quadrado rodeado de salas; em torno havia uma parede grossa, a qual se acrescentou uma porta monumental com uma escada de acesso. Ao sul deste edifício tinha havido outro, com um pórtico de colunas e um grande vestíbulo, também com colunas, de cerca de 25 m de comprimento. Frisos com incrustações de xisto, pedra calcária e madrepérola representavam cenas como as do estandarte de Ur; em Mari e Ebla encontraram-se incrustações semelhantes. O palácio de Eridti compreendia dois edifícios quase iguais, lado a lado, com salas em torno do pátio, como nos palácios mesopotâmicos posteriores, e ambos eram rodeados de corredores estreitos.

Muito mais freqüentes que os palácios eram os templos do Dinástico inicial. Devido ao caráter sagrado dos lugares e a natureza conservadora dos habitantes, durante milhares de anos construíram-se templos, uns sobre os outros; muitas destas camadas foram escavadas. Em muitos casos, a planta primitiva e tripartida dos templos de Ubaid e de Uruk foi substituída por um pátio e uma pequena capela de eixo curvado. Outra planta característica era a do templo montado sobre uma plataforma, como o de Ubaid, 4 km a oeste de Ur, ornamentado com colunas de mo-





Acima: Colar de ouro do Túmulo do Senhor dos Machos Caprinos, debaixo do Palácio do Ocidente; data de 1750 a.C. A faixa, em três partes, é formada por enrolamento. Os dois medalhões têm estrelas de seis pontas decoradas com granulação, técnica desenvolvida na época do Dinástico inicial.

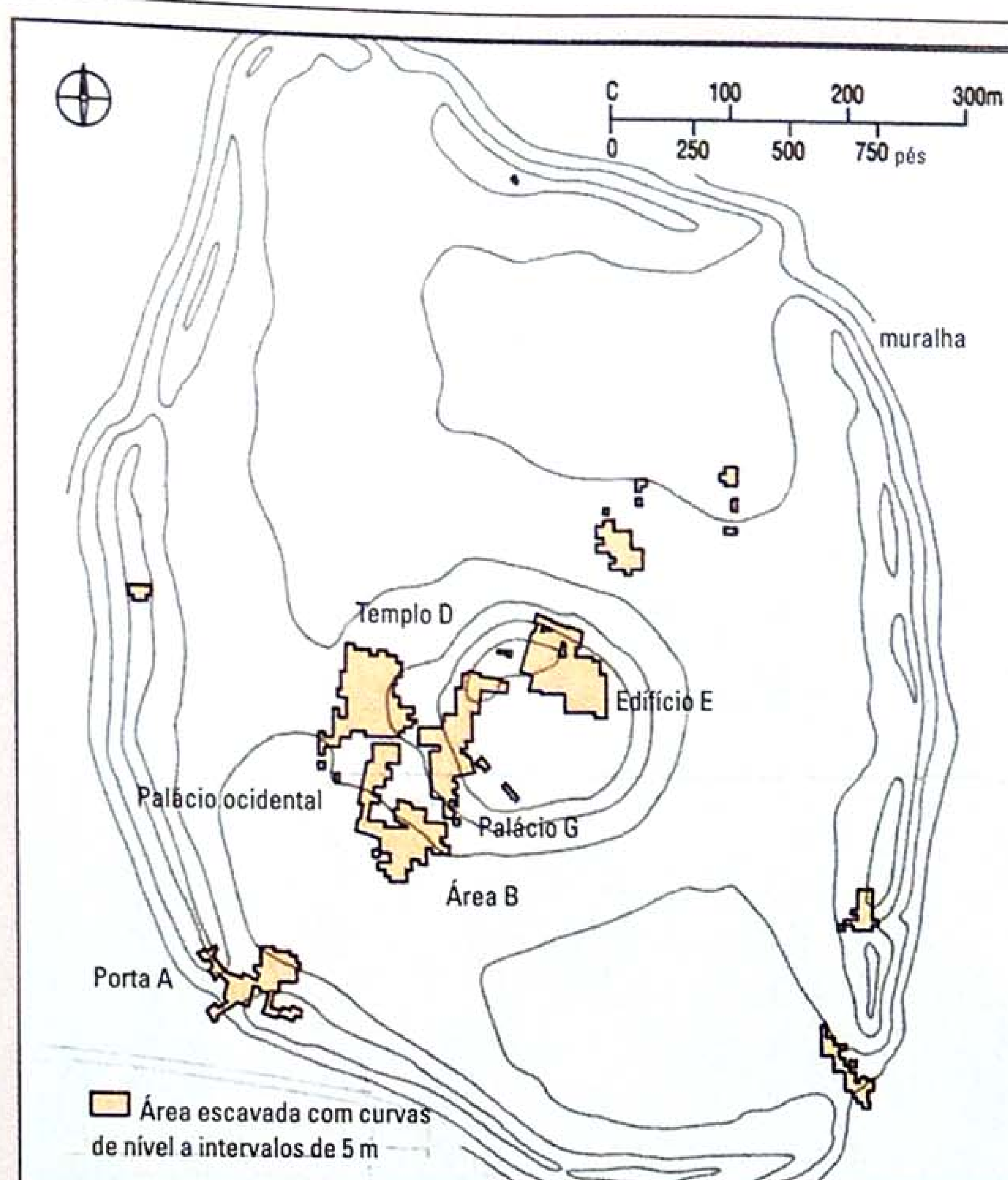
À direita: Algumas das milhares de tabuinhas inscritas encontradas no arquivo do Palácio G. Os textos são escritos em sumério ou no idioma local, com a mesma escrita cuneiforme.



À esquerda: Relevo restaurado do Templo de Ninhursag, a deusa dos partos, em Tell Ubaid, perto de Ur. O templo foi construído por A-Anepada, um rei da Primeira Dinastia de Ur, por volta de 2500 a.C. Os elementos arquitetônicos de decoração foram desmontados e empilhados perto da escadaria da plataforma sobre a qual ficava o santuário. E provável que este friso de cobre batido, montado em uma armação de madeira, estivesse sobre uma porta e se apoiasse em duas colunas com mosaico de cores. Não se sabe por que razão o templo era decorado com uma águia com a cabeça de leão e dois veados. Altura: 1,07 m. Largura: 2,38 m.

Ebla

Em 1968, uma expedição italiana que trabalhava em Tell Mardikh, na Síria, demonstrou que o sítio escavado correspondia à antiga Ebla. Este lugar foi habitado do 4º milênio a.C. ao século III da nossa era, mas o período mais importante vai de meados do 3º milênio a meados do 2º milênio a.C. No Palácio G da Idade do Bronze Inicial, cuja destruição foi atribuída ao reis de Acádia, achou-se um arquivo de textos em cuneiforme, além de muitos objetos bonitos. Os achados da Idade do Bronze Médio (2000 a.C.-1600 a.C.) não são menos extraordinários. Ebla foi saqueada por volta de 1600 a.C., talvez pelo rei hitita Mursili I, que depois se apoderou da Babilônia.

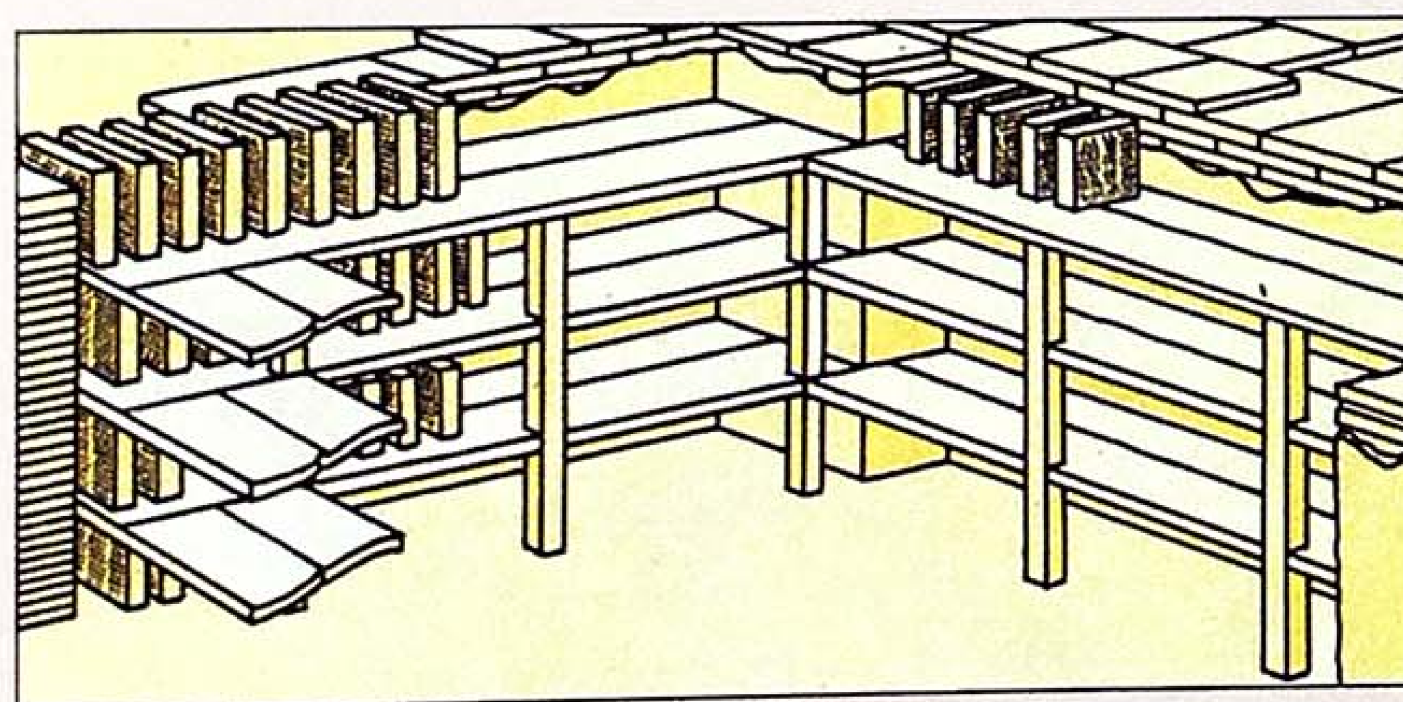


À esquerda: Plano e contorno do sítio que ocupa uma superfície de 55 hectares, tem uma muralha circundante e uma terraplanagem de mais de 1,5 m de altura. Grande parte da cidade não foi escavada. Além do Palácio G, a maior parte dos restos pertence à Idade do Bronze Médio ou a épocas posteriores.









Acima, à direita: Sala dos arquivos do Palácio G. As tabuinhas permanecem no lugar onde caíram das estantes quando o palácio foi saqueado. Antes deste achado, ignorava-se que no final do Dinástico inicial tivesse existido nesta região uma civilização que utilizava a escrita.

À esquerda: Reconstrução das estantes do arquivo do Palácio G, baseada nos vestígios que deixaram quando queimaram. As tabuinhas estavam colocadas nas estantes assim como se colocam os livros.

Acima: Figura de touro com rosto humano feita em ouro (5 cm de comprimento), encontrada no Palácio G. A barba é esculpida em pedra (provavelmente clorita). Tem aspecto tipicamente sumério: poderia ter sido importada da Suméria ou feita na Síria em estilo sumério. A figura representa provavelmente um ser divino relacionado com Shamash, deus do sol, possível antepassado dos enormes touros com cabeça humana utilizados muito depois como figuras protetoras nos palácios assírios. Comprimento: 5 cm.

saico e de frisos com incrustações, que representavam cenas de ordenha de vacas, além de um elaborado alto-relevo, feito a lâmina de cobre batida a martelo, que representa uma águia com cabeça de leão e dois veados. O templo circundado por um muro oval, foi erigido por A-Anepada, filho de Mes-Anepada, para a deusa Ninhursag.

Em Khafajeh, achou-se um templo sobre uma plataforma, com dupla muralha circundante. Antes de começar a ser edificada, a área que o templo ocuparia tinha sido escavada até uma profundidade de 4,6 m e a cavidade enchida com mais de 60.000 m³ de areia limpa. Em Lagash recuperou-se um terceiro templo oval. Conhecido como Ibgal de Inanna, foi construído por Enanatum I, senhor de Lagash (por volta de 2410 a.C.), embora seja provável que tinha sido fundado anteriormente.

Última parte do Dinástico III inicial

As inscrições da última época do Dinástico inicial demonstraram que a Lista de Reis Sumérios está incompleta. Foram omitidos os soberanos de várias cidades-Estados, entre eles os reis de Lagash, dos quais se conhecem mais de cinco gerações. Deste modo, inscrições de Adab e Girsu relatavam que Mesalim, o rei de Kish, era o soberano dos senhores de Adaba e Lagash e, no entanto, Mesalim não figura na lista.

Mesalim tinha traçado a fronteira entre Umma e Lagash, mas durante o reinado de Ur-Nanshe, soberano de Lagash, surgiram disputas fronteiriças e, segundo as inscrições, Ur-Nanshe venceu Ur e Umma. Nesta época construiu as muralhas da cidade e os templos de Lagash. O neto de Ur-Nanshe, Eanatum, continuou a lutar contra Umma até alcançar a vitória. Para celebrá-



À esquerda: Placa de parede em pedra, de Girsu, que mostra Ur-Nanshe, soberano de Lagash (por volta de 2480 a.C.), acompanhado pela sua família. Na parte superior, é representado como pedreiro, transportando uma cesta com tijolos. A figura à sua frente poderia ser a sua mulher e atrás estão os filhos. Na parte inferior vê-se Ur-Nanshe no trono. Altura: 40 cm.'

Abaixo: Parte da estela de Eanatum, soberano de Lagash (por volta de 2440 a.C.), em comemoração da sua vitória sobre a cidade-Estado de Umma. A estela foi encontrada em pedaços em Girsu. Neste fragmento, o deus Ningirsu, patrono da cidade, despedaça com uma maça a cabeça de um dos inimigos que capturou em uma rede. No verso vêem-se os exércitos na batalha. Os corpos dos mortos são alimento para as aves, sendo por isso conhecida como Estela dos Abutres. A longa inscrição documenta os pormenores do conflito fronteiriço que opunha as duas cidades-Estados de Lagash e Umma. Largura do fragmento: cerca de 80 cm.



la, erigiu um monumento que se conhece por Estela dos Abutres, pois representa as aves que atacam os corpos dos caídos. Na inscrição lê-se: "Ningir-su, o senhor, coroa de Umma é a vida do canal Pirigedena". Eanatum pretendia conquistar Uruk, Ur, Akshak, Mari, Susa, Elam, várias regiões que provavelmente se encontravam nos Zagros iranianos, e até Subartu, que se julga estaria no Norte da Mesopotâmia. Também dizia que Inanna o tinha feito rei de Kish. No entanto, estas afirmações parecem exageradas, pois não há provas de que Eanatum fizesse grandes conquistas. A verdade, provavelmente, é que, assim como os soberanos da antiga Babilônia, enviara contingentes para lutar em países longínquos ao lado de aliados do lugar em litígios locais. Mas a perspectiva da Suméria ia-se ampliando e os contatos longínquos, tão importantes no período Uruk final, reativaram-se.

Influência suméria no exterior

Segundo a Lista de Reis Sumérios, na Suméria reinaram dinastias que provinham de outras cidades (Awan e Hamazi a leste, e Mari a oeste), embora noutros documentos haja poucos indícios que o confirmem. No entanto, havia contatos entre a Suméria e o planalto iraniano. Em Shahr-i Sokhte, a área habitada chegou a ter mais de 45 hectares no Dinástico inicial e no final do milênio duplicou. Em Shahdad, a leste de Kerman, em um valioso cemitério do período foram encontradas vasilhas de metal, esculturas, ferramentas de cobre e de bronze e armas, assim como selos cilíndricos e de estampagem. Também foram achados fornos metalúrgicos e áreas de trabalho onde se faziam objetos de cornalina, ágata, calcedônia, calcita, lápis-lazúli e clorita. Em Tepe Yahya, muito mais para sul, os arqueólogos encontraram numerosos utensílios de clorita, alguns por acabar. Encontraram-se vasilhas de clorita decoradas em estilo intercultural, como as de Yahya, no Golfo Pérsico e em Susa, Suméria e Mari, em níveis que pertencem ao Dinástico III inicial. Há poucos indícios de povoados em Fars nessa época, e Anshan parece ter sido abandonada.

Na região dos Montes Zagros, um novo estilo de cerâmica pintada sucedeu à olaria do Transcaucasiano inicial, no nível IV, em Godin Tepe. Conhecido como Godin III, o estilo perdurou por mais de mil anos. Em Susa, a cultura proto-elamita de Susa III foi substituída por uma cultura onde a cerâmica se inspirava no Godin In, embora a influência da Mesopotâmia Meridional fosse crescente.

Na Mesopotâmia Setentrional, a cerâmica talhada do Ninivita 5 foi substituída por uma louça metálica dura, que se desenvolveu paralelamente ao crescimento das grandes cidades amuralhadas da região. Em Assur e Tell Khuera encontraram-se estátuas de estilo sumério, e em Tell Brak e Tell Leilan, nas planícies de Habur, reconhece-se a influência meridional no estilo das reproduções dos selos. Durante muito tempo Mari foi estreitamente relacionada com cidades-Estados do sul. Além da miçanga com a inscrição de Mes-Anepada de Ur, que se encontrou em Mari, há inscrições de Ur que poderiam ter sido dedicadas por um rei de Mari. Os deuses e os templos de Mari respondiam à tradição

mesopotâmica e muitas esculturas achadas nos templos não destoariam mais ao sul.

É interessante observar que no Oeste da Síria houve uma civilização que conhecia a escrita. A meio do caminho entre a Suméria e o Egito, em Ebla (a atual Tell Mardikh), ao sul de Alepo, encontraram-se em um palácio real oito mil tabuinhas de argila. Eram empilhadas nas estantes de uma sala de arquivo. A escrita era cuneiforme sumério, mas o idioma da maioria era o local. No início pensou-se que o eblaíta seria um dialeto antigo do hebraico, mas demonstrou-se que é mais próximo do acádico. Mais de três quartos dos textos referiam-se à administração, e o restante pertencia ao campo tradicional de aprendizagem dos escribas e incluía léxicos, assim como cerca de vinte textos literários escritos em sumério e eblaíta.

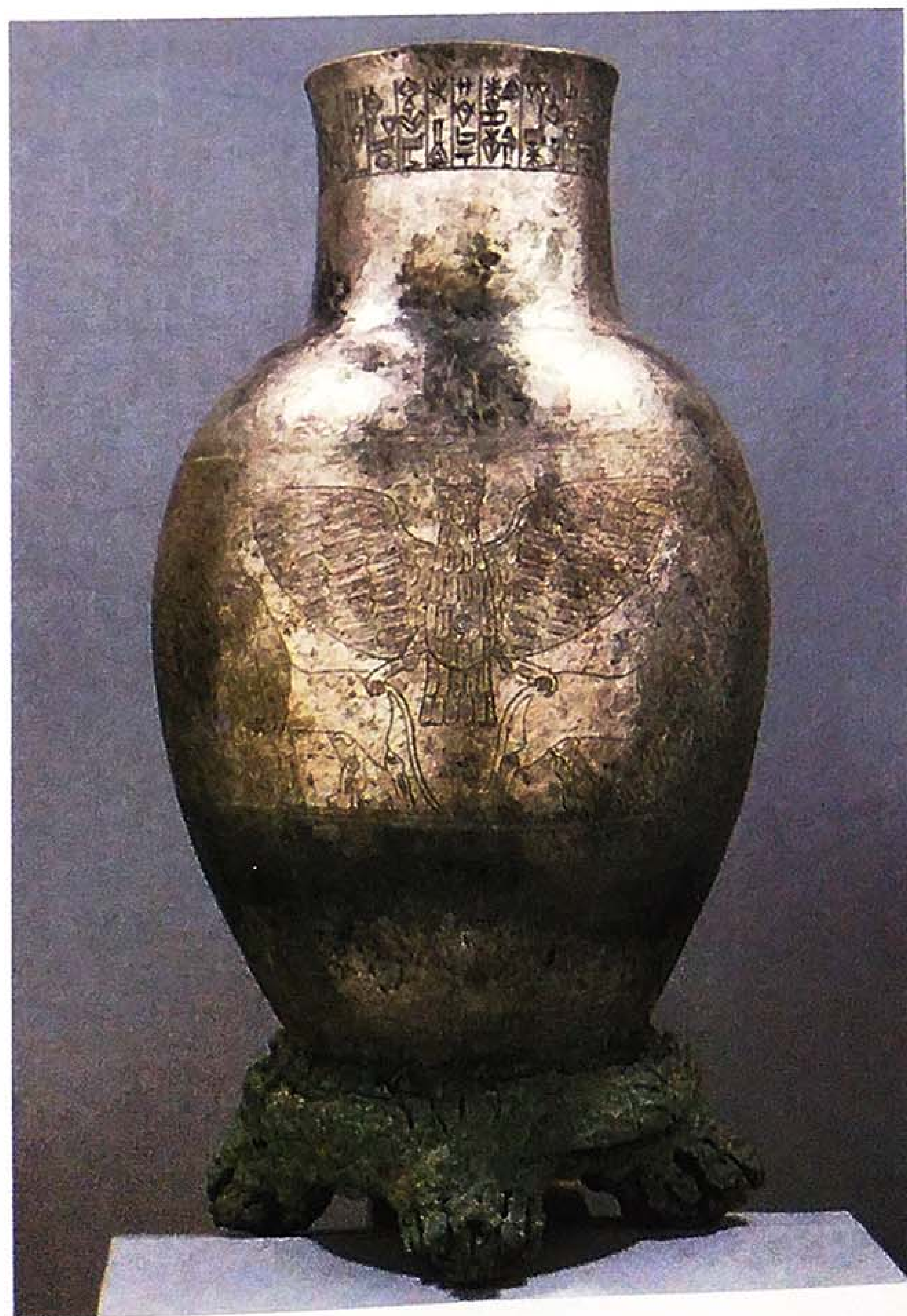
Os textos datavam dos reinados de três soberanos de Ebla, que tomaram o título de *malikum* e tiveram *lugales* ao seu serviço. Os reis eram: Ar-Ennum, Ibrium e Ibbizikir, que provavelmente pertencia ao final do Dinástico inicial. É possível que o reinado de Ibbizikir tenha sido interrompido por Sargão de Agade, que pretendia ter dominado Ebla, ou pelo seu neto Naram-Sin, que dizia ter destruído Ebla. Não se sabe bem até onde chegava o reino eblaíta: pode ter chegado até Damasco pelo sul e tinha certamente relações estreitas com Mari, pelo leste. Entre os deuses citados nos textos figuravam alguns sumério-acadianos, mas muitos deles, como Baal, Lim, Rasap e El, foram conhecidos no Ocidente em épocas posteriores.

A maioria dos textos de Ebla tratava de tecidos especialmente de lã (o rei possuía 80 mil ovelhas) e linho. Citavam cultivos de cevada, azeitonas e uva. Outro texto referia-se a quanto rica tinha sido Ebla, afirmando que Ibbi-zikir recebia todos os anos o equivalente a 5 kg de ouro e 500 kg de prata. Na datação da civilização de Ebla tem muita importância a tampa de uma vasilha de alabastro encontrada no palácio. Continha um rolo do faraó egípcio Pepi I, cujo reinado durou, segundo estimativas, de 2289 a.C. a 2255 a.C., coincidindo aproximadamente com os reis de Sargão (2334 a.C.- 2279 a.C.) e Naram-Sin (2254 a.C. 2218 a.C.) da Mesopotâmia. Outro achado importante do palácio foi um fragmento de pedra de calcário, com incrustações, como as de Kish, com fileiras de águias com cabeça de leão entre touros com cabeça humana, que alternavam com fileiras de soldados que transportavam armas, conduziam prisioneiros, matavam-nos e levavam às costas as cabeças dos mortos. Estas cenas eram características do mundo sumério e prolongaram-se no Assírio final. Recuperaram-se mais de 20 kg de lápis-lazúli do palácio, o que demonstra mais uma vez o alcance do comércio nessa época.

Fim do Dinástico inicial

Nos últimos anos do Dinástico inicial, a Suméria estava em ebulição. Uruk e Ur uniram-se sob o domínio de Lagalkiginedudu, que tomou o título de *Rei de Kish* e estabeleceu um pacto com o soberano de Lagash. Lagash e Umma continuavam a lutar pela posse do território que os separava, conflito que datava da época de Mesalim. Em Umma o poder mudou várias vezes de mãos, talvez devido aos triunfos de Lagash. Lugalzagesi sucedeu ao pai como rei de Umma e saqueou Lagash. Reinou em Uruk antes de ser destronado por Sargão de Agade em 2334 a.C. O reinado de Lugalzagesi ficou documentado pelos fragmentos de mais de 50 vasilhas de pedra encontradas em Nippur, cidade do deus Enlil.

"Enlil disse a Lugalzagesi, o rei da nação,... pôs todas as terras a seus pés e entregou-lhes de leste a oeste; depois, do mar Inferior [o Golfo Pérsico], [ao longo do] Tigre e [do] Eufrates até ao mar Superior [o Mediterrâneo], [Enlil] preparou-lhe os seus caminhos. Do leste ao oeste não permitiu que rivalizassem com ele; durante o seu reinado, as terras descansaram satisfeitas."



À direita: Jarra de prata com base de bronze dedicada ao deus Ningirsu por Entemena, soberano de Lagash (por volta de 2400 a.C.). Ningirsu, o deus da cidade, foi depois identificado como Ninurta, deus dos guerreiros, filho de Enlil. É provável que originariamente fosse um deus das tempestades. A águia com cabeça de leão, delicadamente gravada na jarra, era um motivo comum no 3.º milênio e muitas vezes se identificava com o pássaro Anzu (Imdugu, em sumério). Este pássaro do trono (que tinha quartos traseiros de leão) poderia ter representado Ningirsu. Depois, quando a representação dos deuses era puramente humana, a associação entre Ninurta ou Ningirsu e a águia de cabeça de leão explicava-se em um mito onde Ninurta vencia o pássaro Anzu.

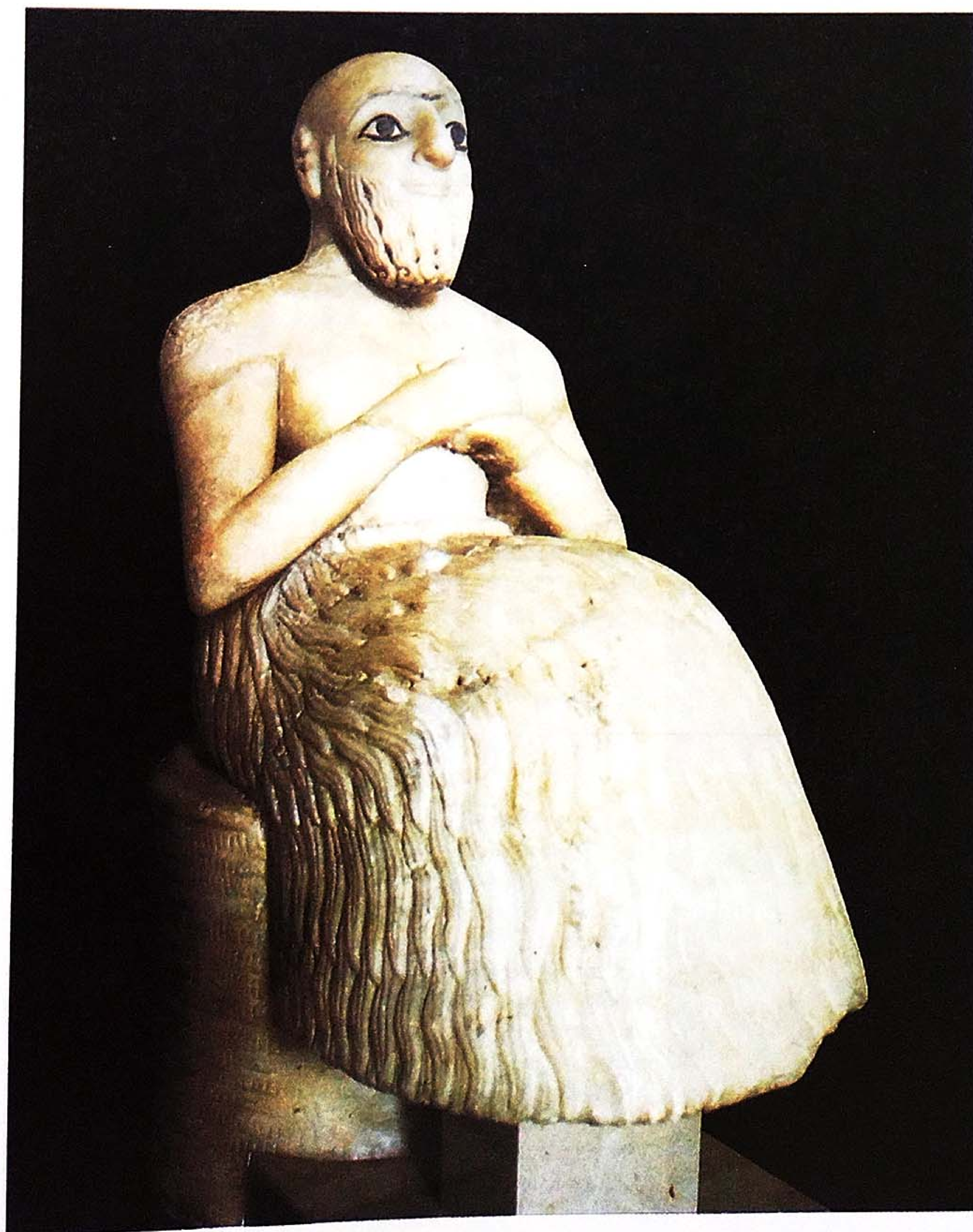
Estatuetas sumérias



Na Mesopotâmia do Dinástico inicial (por volta de 2900 a.C.-2334 a.C.) era costume que os soberanos e outros cidadãos erguessem estátuas de si mesmos nos templos. As estátuas os representavam diante dos deuses em estado de oração contínua. Foram encontradas estátuas como estas em Tell Khuera, Mari, Assur, Susa e em muitos povoados na Suméria e na Acádia. O mesmo estilo de cultura era aceito tanto entre os sumérios como entre os acadianos.

Os historiadores da arte assinalaram a evolução da escultura estilizada dos sumérios do Dinástico inicial para o naturalista do Dinástico de Agade (2334 a.C.- 2154 a.C.). No entanto, dentro da arte suméria, a variedade é muito ampla: em alguns casos é muito estilista e em outros é muito naturalista. A tradição escultórica mantém-se do Dinástico inicial ao Babilônico antigo.

A forma arredondada e volumosa de muitas estátuas de pedra pode dever-se ao tipo de material disponível – os seixos rolados dos rios.





À esquerda: Estátua dedicada por Ebih-il, sacerdote do Templo de Istar, em Mari (por volta de 2400 a.C.), onde foi encontrada. É de pedra branca (provavelmente alabastro) e os olhos têm incrustações de betume, concha e lápis-lazúli. Figura sentada em um tamborete de juncos trançados, com as mãos cruzadas, em uma atitude reverente. Embora Mari ficasse a 450 km da Suméria subindo as águas do Eufrates, partilhava muitas das características da civilização suméria. Altura: 52,5 cm.

Acima: Estatueta de estuque. Representa um casal. Estava enterrada no santuário do Templo de Inanna, em Kippur. Os olhos são incrustações de concha e de lápis-lazúli em betume. No Templo de Istar, em Mari, foi encontrado um conjunto semelhante.

À esquerda: Estátua de pedra de touro de cabeça humana, com o toucado de chifres que as divindades costumavam usar. Foram feitas esculturas semelhantes no reino de Gudéia, soberano de Lagash (por volta de 2100 a.C.) Altura: 12 cm.

À direita: Esta figura de um homem, que tem uma caixa na cabeça, é feita em cobre branco, a liga mais utilizada no 3.º milênio a.C. Embora a origem da estátua seja desconhecida, é semelhante a uma peça fundida em cera perdida que representa um sacerdote nu, achada no Templo Oval do Dinástico inicial em Tell Rhafajeh (antiga Tutub). Estes objetos poderiam ter servido de pedestais nas cerimônias dos templos. Altura: 38 cm.

Abaixo: Estátua de mulher, de pedra de calcário, encontrada em Girsu. Altura: 30 cm.

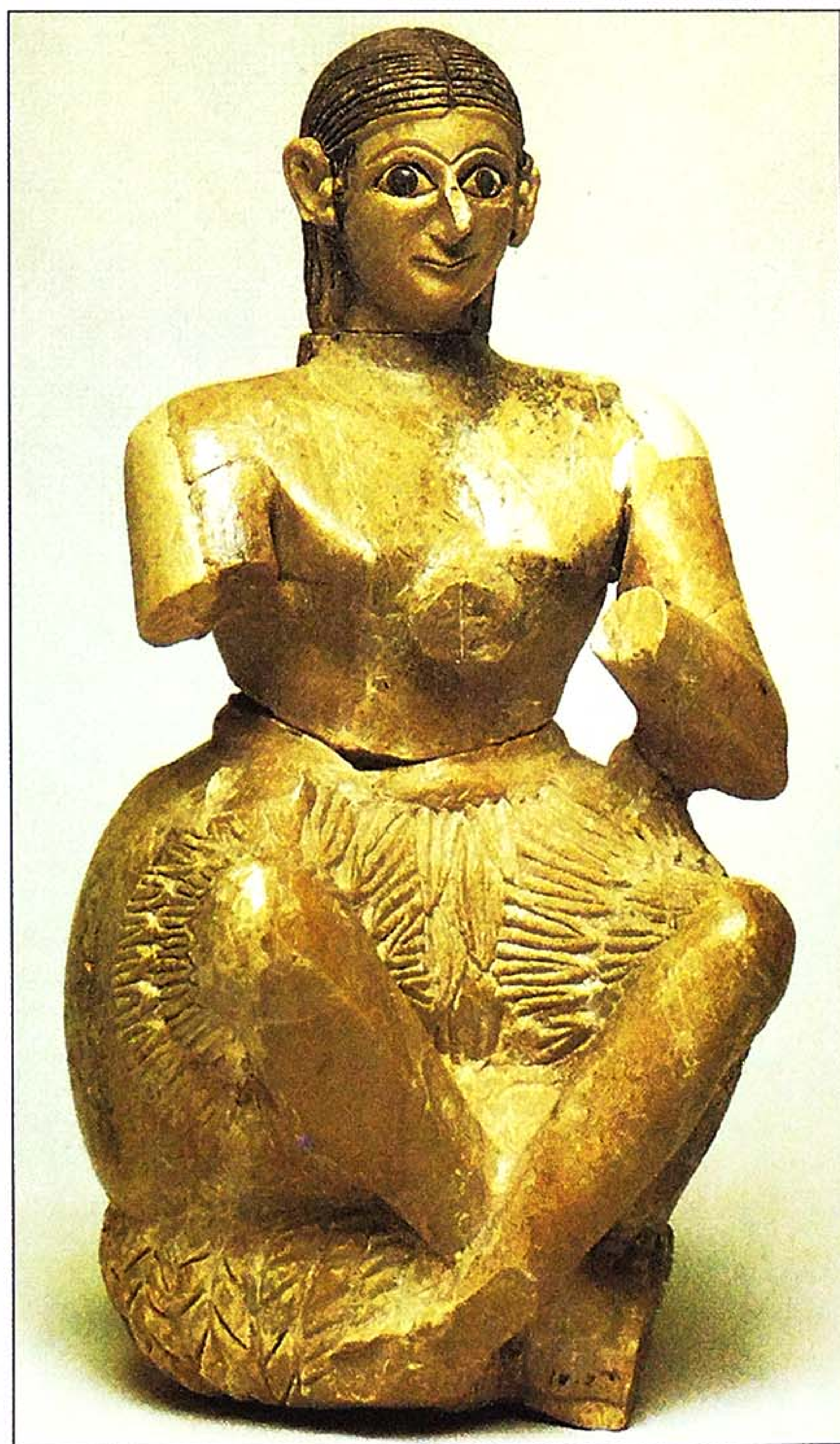




Abaixo, à direita: Esta estatueta sentada do Templo de Istar, em Mari, contém a inscrição: "Ur-Nansbe, cantora". Embora seja nome de homem, os traços são femininos. É possível que Ur-Nanshe fosse um eunuco a serviço do templo.

Abaixo: Cabeça de mulher em gesso, encontrada ao lado do Templo de Istar, em Mari, O toucado é típico do estilo usado pelas mulheres dessa cidade. Há várias estátuas sumérias de mulheres, o que deixa pensar que a sociedade suméria primitiva gozava de mais igualdade que nas épocas posteriores. Altura: 15 cm.





O Cemitério Real de Ur

Sir Leonard Wolley escavou mais de mil túmulos do Cemitério Real de Ur, que na sua maioria datavam do final do Dinástico inicial (2600 a.C.-2400 a.C.). Dezessete túmulos eram excepcionalmente suntuosos e são conhecidos como Túmulos Reais. Três deles foram identificados como os da rainha Puabi, Akamaladug e Meskalamdug. Outros túmulos receberam o nome de Túmulo do Rei ou Grande Fosso da Morte, ou então lhes atribuíram um número. Em alguns Túmulos Reais há provas de sacrifícios humanos, durante os quais se chegou a drogar e a matar 74 serventes no Grande Fosso da Morte. Este costume é quase único na Mesopotâmia, embora tenha sido encontrado em outros lugares do mundo.

O fausto das sepulturas do Cemitério Real e a qualidade do trabalho artesanal dos objetos encontrados são extraordinários. Os trabalhos em metal, em particular, demonstram um domínio absoluto das principais técnicas de ourivesaria. Os artesãos fabricavam objetos no qual se combinavam diversos materiais sobre madeira. Abundavam as incrustações de concha e de pedras de diferentes cores, em motivos geométricos e em cenas com gente e animais.



Abaixo: Cabeça de vaca, de ouro e lápis-lazúli, unida à caixa de ressonância de uma lira, encontrada no túmulo da rainha Puabi. A lira é feita de madeira com bordos embutidos. Woolley utilizou gesso e parafina fundida para proteger e extrair estes delicados objetos.

Acima, à direita: O lado "pacífico" do Estandarte de Ur, que provavelmente era a caixa de ressonância de um instrumento musical. A incrustação de conchas em um fundo de lápis-lazúli embutido em betume representa um banquete com animais e homens que transportam mercadorias às costas — talvez a celebração do triunfo após a campanha vitoriosa que figura do lado "guerreiro" do estandarte. Comprimento: 47 cm. Altura: 20 cm.







Acima: Tabuleiro de mosaico de concha, osso, lápis-lazúli, betume e calcário vermelho. O jogo constava de duas séries de sete fichas, mas as regras não são bem conhecidas. Nos Túmulos Reais foram encontrados outros exemplos de tabuleiros, mas este vem de um túmulo particular. Comprimento: 27 cm. Largura: 12 cm.

À esquerda: Taça de ouro para alimentação com bico, do túmulo da rainha Puabi. No Cemitério Real foram encontradas numerosas vasilhas de ouro, caneladas e lisas. Altura: 12,4 cm.

À direita: Punhal com lâmina de ouro e cabo de lápis-lazúli ornado com tachas de ouro. A parte exterior da bainha apresenta um trabalho requintado em filigrana de ouro com granulação também de ouro. Comprimento do punhal: 37 cm.

Abaixo: A rainha Puabi foi enterrada com um magnífico toucado de ouro ornamentado com lápis-lazúli e cornalina e com três fileiras de folhas douradas. Como arremate tinha uma travessa de ouro terminada em sete rosetas.







À esquerda: Em um canto do Grande Fosso da Morte havia duas estatuetas de tamanhos diferentes, que Woolley batizou como "Carneiros surpreendidos no mato", que tão bem representam claramente machos caprinos erguidos sobre as patas traseiras diante de uma planta de ouro. A cara e as patas são de ouro; os chifres, os olhos e a lã que cai sobre os ombros são de lápis-lazúli; a barriga é de prata e o resto do pêlo é de concha branca. Altura: 47 cm.

Abaixo: Este capacete do túmulo de Meskalamdug é feito de eletro (liga de ouro e prata, de 15 quilates) trabalhado a martelo a partir do interior. Os detalhes foram incorporados posteriormente. Tinha um forro de tecido costurado nos buracos da parte inferior. Altura: 23 cm.

Página seguinte: Detalhe do lado "guerreiro" do Estandarte de Ur. Apresenta as tropas vitoriosas do soberano de Ur, cuja figura é maior que as outras da faixa superior. Os soldados iam a pé ou em carros de guerra puxados por quatro onagros.













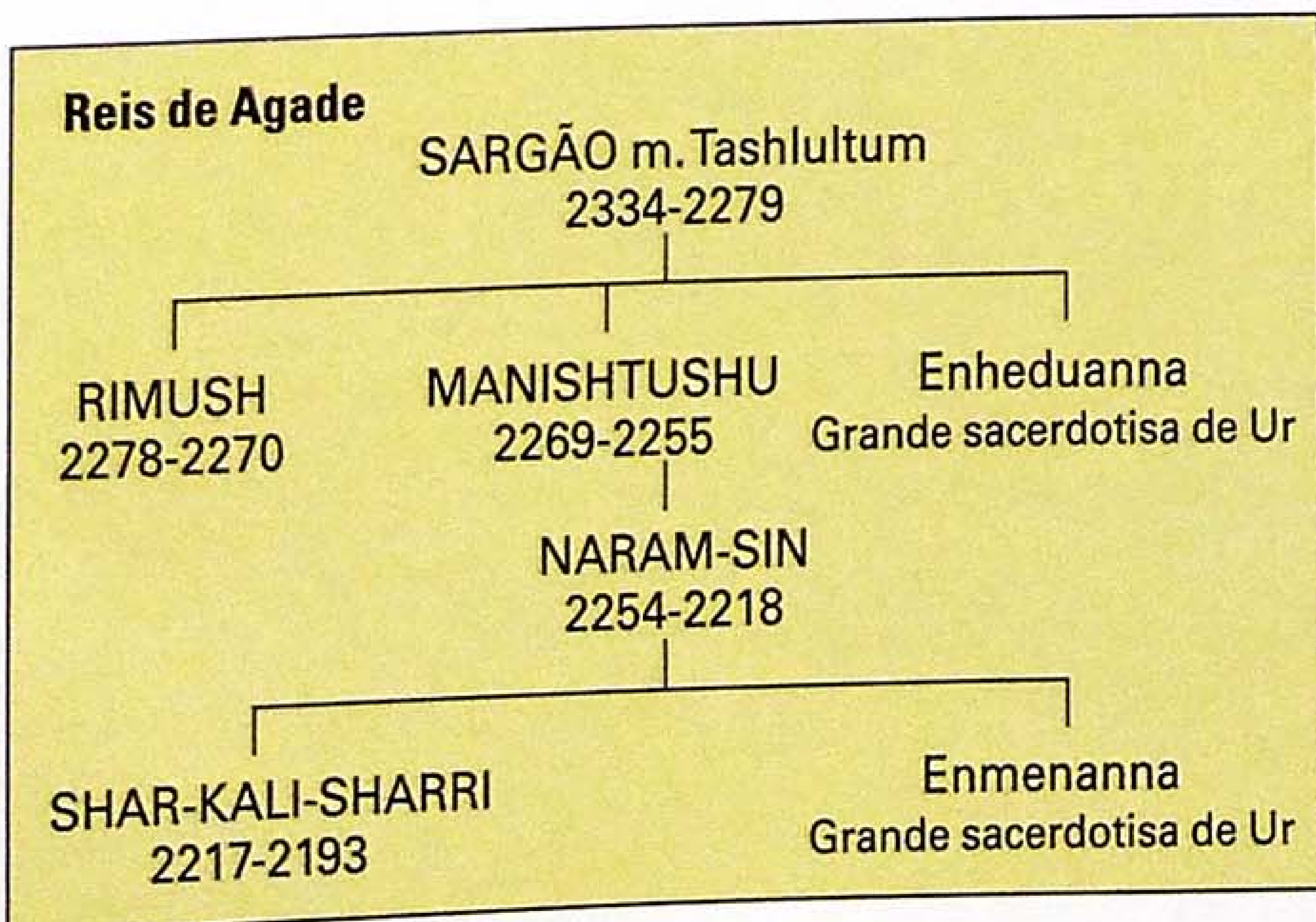




REIS CARISMÁTICOS
(2350 a.C.-2000 a.C.)

Problemas de cronologia
Os antigos habitantes da Mesopotâmia empregavam três tipos de cronologia. O mais simples consistia em contar os anos de reinado de um rei. Este sistema foi adotado em Lagash, no Dinástico prematuro e converteu-se em norma na Babilônia de meados do segundo milênio a.C. ao período Selêucida (por volta de 300-150 a.C.). Outra forma consistia em dar ao ano o nome do mandatário que desempenhava uma função determinada nesse momento. Este método foi utilizado no Dinástico prematuro Shuruppak e converteu-se em norma na Assíria, onde o titular se chamava *limmu* e eram conservadas listas de nomes de *limmu* para manter a cronologia. Uma terceira forma consistia em nomear o ano em memória de um acontecimento do ano anterior – uma vitória militar, a construção de um templo ou a nomeação de um sacerdote. Os exemplos mais antigos datam dos reinos de Enshakushana e Lugalzagesi, e o sistema estendeu-se sob o domínio dos reis de Agade.

Estes nomes de ano contêm por vezes informação valiosa. Infelizmente, não foram encontradas listas completas com os nomes dos primeiros períodos e foi preciso calcular as datas dos soberanos do terceiro milênio baseando-se nas listas de reis. Para isso, conta-se para trás desde o período Babilônico antigo, tomando como ponto de partida o fato de que Hamurábi, o mais importante dos reis do período, reinou de 1792 a 1750 a.C. Se somarmos os anos de reinado documentados nas listas de reis, a Terceira Dinastia de Ur durou da ascensão de Ur-Nammu em 2112 a.C. à conquista de Ur pelos elamitas em 2004 a.C. Segundo a Lisa dos Reis Sumérios, entre Ur-Nammi e o último rei de Agade "o reinado estendeu-se até a horda de Gudéia". A derrota de um dos reis de Guti figura no nome de ano de Sharkalisharri, o quinto rei de Agade, embora não se saiba a qual dos 25 anos corresponde o seu reinado. Se se somarem os anos dos reinados, Sargão, o primeiro rei de Agade, subiu ao trono entre 2340 e 2310 a.C. Por conseguinte, as datas que se atribuem normalmente ao seu reinado, 2334-2279 a.C., poderiam ter até um quarto de século de erro. Caso se demonstrasse que as datas aceitas para Hamurábi são demasiado próximas, como consideram hoje muitos especialistas, o reinado de Sargão também teria começado antes.



Sumérios e acadianos
Na tradição mesopotâmica posterior, as conquistas dos reis acadianos marcam uma ruptura total com o período Dinástico prematuro sumério anterior. Pela primeira vez na História, a totalidade da Mesopotâmia se uniu sob um único soberano e o império acadiano foi o modelo que os reis seguintes se esforçaram por emular. Por fim, o poder passou dos porta-vozes sumérios para os semitas. Até épocas muito recentes, esta mudança era vista sob uma perspectiva racial, e as mudanças de natureza do reinado, organização política e até nas artes eram atribuídas à origem étnica dos soberanos. Atualmente, contudo, considera-se que a continuidade entre os soberanos acadianos e os seus antecessores sumérios foi maior do que se pensara no princípio.

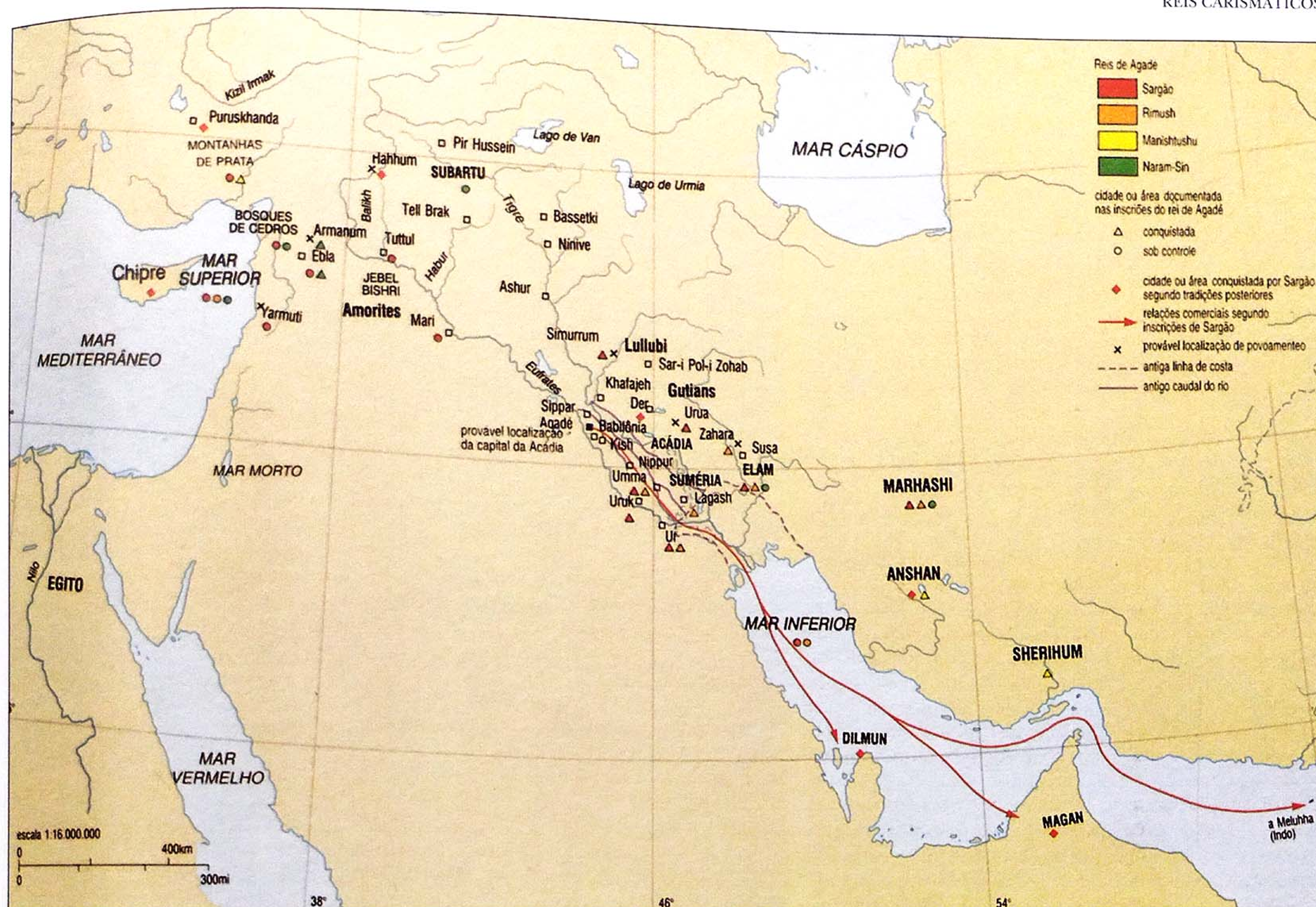
No período Dinástico prematuro é difícil distinguir entre sumérios e acadianos. Durante séculos estiveram em estreito contato e em antigos textos sumérios reconheceram-se contribuições do acadiano. Os acadianos do norte adotaram a escrita suméria, mas como os logogramas (sinais que representam palavras) podem estar tanto em sumério como em acadiano, nas inscrições breves nem sempre é possível distinguir a língua em que estão escritos. Uns quantos sufixos acadianos nas inscrições de Mari indicam que estão nesta língua.

Em geral, os nomes sumérios são mais numerosos no sul, e os acadianos, no norte. No entanto, o nome da Rainha Puabi, enterrada no Cemitério Real de Ur, parece ser acadiano e não sumério, enquanto os reis originários de Kish tinham nomes tanto sumérios como acadianos; por exemplo, Mebaragesi é sumério, mas Enti-Ishtar é acadiano. Tal como acontece hoje em dia com a população mista do Oriente Médio, é provável que fossem bilíngües, como o demonstram os escribas do Dinástico prematuro de Abu Slabikh, que tinham nomes acadianos, mas escreviam em sumério. Apesar de, em geral, ser correto identificar a filiação étnica pelos nomes, há casos em que não se justifica. Contudo, é quase a única forma de calcular a composição dos diferentes grupos e assim foi feito para estabelecer a infiltração de amoritas, hurritas, cassitas e arameus nas regiões do Oriente Médio que conheciam a escrita, nos séculos seguintes.

Sargão de Agade
O primeiro soberano da dinastia de Agade chamava-se Sharrum-kin, que em épocas posteriores se pronunciava Sharken e é conservado na Bíblia com a forma de Sargão. Em acadiano, Sharrum-kin significa rei verdadeiro ou legítimo, o que é forte indício de que se tratasse de um usurpador. Contam-se muitas lendas sobre a sua origem. Segundo o relato de épocas posteriores, desceu pelo Eufrates em uma cesta com betume, como Moisés. Foi recolhido por um jardineiro que o criou e lhe ensinou o seu ofício. Ao ganhar o favor de Ishtar converteu-se em rei.

A Lista dos Reis Sumérios diziam simplesmente: "Sharrum-kin, o seu (pai) era um plantador de tâmaras, copeiro de Ur-Zababa, rei de Agade, o que fundou Agade, converteu-se em rei e governou durante 56 anos".

Uma cópia babilônica antiga de uma inscrição encontrada em um monumento do Templo de Enlil, em



As conquistas do rei de Agade
Os reis de Agade não só reinaram sobre as cidades da Suméria e Acádia, mas fizeram incursões guerreiras para o leste e o oeste. Segundo os seus próprios textos, Sargão, Rimush, Manishtushu e Naram-Sin conquistaram cidades desde a costa mediterrânea até o outro lado do Golfo Pérsico. De Sargão, cujas inscrições e monumentos se baseavam nos estilos sumérios anteriores, diz-se que era um rei do período Dinástico precoce. Contudo, a extensão das suas conquistas e a sua concepção da monarquia contrastam amplamente com as preocupações locais da maior parte dos soberanos desse período. Tradições e lendas posteriores atribuíam a Sargão o domínio do mundo inteiro, "do levante ao poente", mas alguns destes relatos glorificavam talvez Sargão II da Assíria (721705 a.C.), que adotou o nome do seu ilustre antecessor.

Nippur, não mencionava os antepassados de Sargão e referia-se a ele como Rei de Agade, Rei de Kish e Rei da Terra, e relatava como, com a ajuda dos deuses, tinha triunfado na batalha contra Uruk e tinha capturado o seu rei, Lugalzagesi. Sargão tinha conquistado os territórios de Ur, Umma e Lagash, até o mar. Em Susa foi encontrado um fragmento deste monumento, ou de um semelhante, que os elamitas levaram para ali quando conquistaram a Babilônia no século XII a.C. Sargão aparecia à cabeça das suas tropas, sob um dossel. Em outro fragmento, que talvez pertencesse ao mesmo monumento, figurava um deus com uma rede em que tinha colhido os inimigos derrotados, como na Estela dos Abutres encontrada em Girsu.

Em outra inscrição, que também nos chegou através de uma cópia babilônica antiga, falava-se das relações de Sargão com regiões distantes. As embarcações de Meluhha, Makkan e Dilmun, que foram identificados como Indo, Omã e Bahrein respectivamente, atracavam no porto de Agade. Em Tuttl (talvez Tell Bi'a, na confluência dos rios Balikh e Eufrates), Sargão venerava o deus Dagan, que lhe tinha dado o controle sobre as terras altas (Síria ocidental), Mari, Ebla e Yarmuti (provavelmente na costa mediterrânea), até o Bosque de Cedros e as Montanhas de Prata.

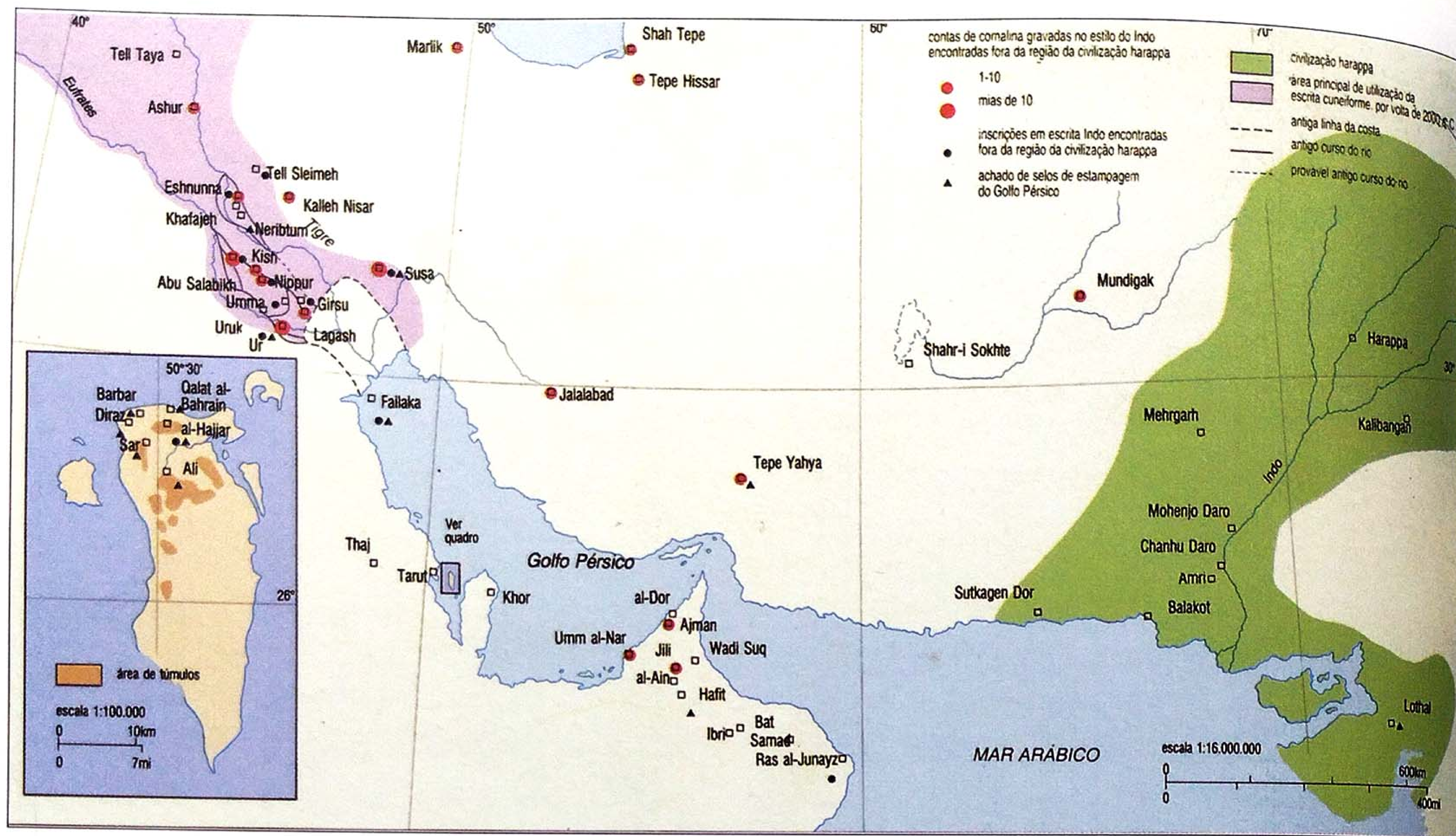
Foi difícil desemaranhar os relatos posteriores relacionados com o nome de Sargão, em especial os que em Assírio tardio foram transfigurados para glorificar Sargão II da Assíria. Diz-se que conquistou Puruskhana no planalto da Anatólia e que atacou e conquistou Elam e Marhashi, nas montanhas do Irã, assim como Dilmun. Segundo tradições posteriores, Sargão fundou uma nova capital chamada Agade, onde construiu um palácio e templos dedicados a Ishtar e Zababa, o deus guerreiro de Kish. Ainda não se conhece a situação exata de Agade, mas é provável que estivesse na região da Babilônia, Kish e Sippar. Agade, que por vezes se transcrevia Akkade, deu o nome à dinastia e ao idioma.

Sargão proclamou a sua filha Enheduanna grande sacerdotisa de Nanna, deus lunar de Ur, cidade onde se encontrou uma placa circular de pedra cal que representa Enheduanna fazendo uma oferenda em um altar. Os soberanos posteriores seguiram o costume de encomendar para as suas filhas o posto de grande sacerdotisa de Ur, até a época de Nabônido, no século VI a.C. Também se atribui a Enheduanna a composição dos hinos em honra de Inanna, o que a converte na primeira dos poucos autores de literatura mesopotâmica cujo nome se conservou.

Os filhos de Sargão

A Sargão sucedeu-lhe o filho Rimush, que continuou as aventuras militares do pai. Segundo as inscrições, pôs fim às sublevações da Suméria e da Acádia, e conquistou Elam e Marhashi (também chamada Barahshi). Parte do despojo proveniente desta campanha foi encontrado em Nippur, Khafajeh e até em Tell Brak (embora possivelmente neste caso posteriormente). Rimush afirmava dominar o Mar Superior, o Inferior e todas as montanhas. Um texto posterior relata como foi assassinado por seus servidores em uma intriga de palácio.

A Rimush sucede o irmão Manishtushu, nome que significa "o que está com ele", que indicaria que se tra-



tava de um irmão gêmeo. No entanto, segundo a Lista dos Reis Sumérios, Manishtushu era o irmão mais velho. Em uma das inscrições afirmava ter chefiado uma expedição ao outro lado do Golfo Pérsico, até as minas de prata (que ainda não foram identificadas) e ter trazido pedras para a construção de estátuas (poderia tratar-se de diorito, que se encontra em Omã, pois os reis de Agade o utilizavam nas suas esculturas). Também se jactava da sua conquista de Ansan e Serihum, e jurava que "não é mentira. É a pura verdade!". Outra estátua de Manishtushu, encontrada em Susa, foi-lhe dedicada por Eshpum, o governador da cidade, e mostrava que o domínio acadiano se estendia até Susa. No norte, Manishtushu controlava Assur e em Nínive renovou o templo de Ishtar, segundo o testemunho posterior do rei assírio Shamsi-Adad I, que durante os trabalhos de restauração dos templos encontrou estátuas de Manistushu.

Naram-Sin e o rei-deus

Os 37 anos do reinado do filho de Manistushu, Naram-Sin, marcam o ponto culminante do império acadiano. Tal como os seus predecessores, Naram-Sin lutou para conservar e estender o seu domínio. Também parece ter modificado a natureza da monarquia ao erigir-se ele próprio em deus, em vez de reinar como representante dos deuses. Em um dado momento do seu reinado, Naram-Sin decidiu chamar-se "rei das quatro regiões, rei do universo", e ao seu nome acrescentou o prefixo que se empregava para designar os deuses. Os seus subordinados dirigiam-se a ele como "deus de Agade". Alguns reis antigos de Uruk, como Lugalbanda e Gilgamesli, figuravam nos textos do Dinástico prematuro de Surruppak como nomes divinos, mas Naram-Sin foi provavelmente o primeiro monarca mesopotâmico que reclamou para si a condição divina em vida.

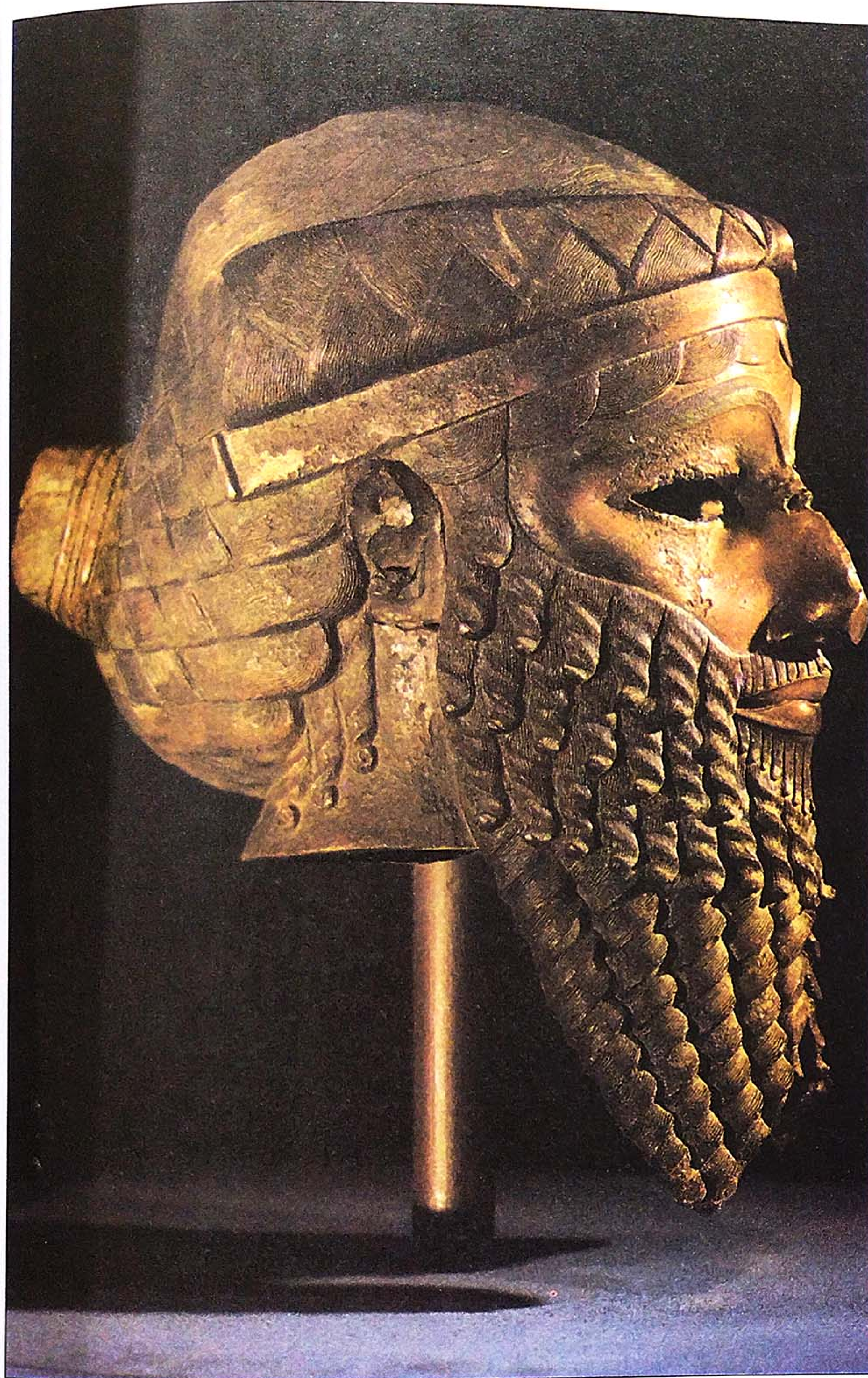
Reinou sobre um vasto império e nas inscrições afirmava ter destruído a cidade de Ebla, e os tijolos com legendas encontrados em Susa são a prova do seu domínio sobre esta. Em Tell Brak, um grande edifício com uma área de 90 m por mais de 85 m, com muros exteriores de mais de 10 m de espessura, era construído com tijolos que tinham o seu nome. É possível que fosse um armazém, um posto militar ou um centro administrativo de controle das importantes rotas comerciais que atravessavam Habur. Até em Pir Hussein, ao norte de Diyarbekir, no Sudeste da Turquia, se encontrou um relevo de pedra de Naram-Sin.

Na região de Bassetki, cerca de 50 km ao norte de Nínive, achou-se a base da parte inferior de uma estátua de cobre que tinha uma inscrição de Naram-Sin na qual afirma ter ganho nove batalhas em um só ano e menciona os trabalhos de construção na cidade de Agade. A estátua representa uma figura masculina com um cinturão que sustenta uma estaca de fundação, como as que foram encontradas nos depósitos de alicerces sumérios. Esta peça, que pesa 160 kg, é de cobre quase puro, oca e fundida em cera perdida.

Em Nínive, no nível de destruição do assírio tardio, foi encontrado outro notável objeto de cobre fundido do período acadiano: uma cabeça de tamanho natural, que tinha sido mutilada ritualmente, pressupõe-se que por invasores medos. O detalhe do cabelo recorda o capacete de ouro de Meskalamdug, de Ur, mas o estilo naturalista e o delicado trabalho de artesanato indicam que pertencia ao período acadiano. Não se determinou com certeza a identidade da figura, mas os especialistas consideram que se parece com Naram-Sin.

O monumento mais famoso de Naram-Sin é a sua Estela da Vitória, encontrada em Susa. Como a Estela de Sargão e o Código de Hamurábi, foi levada para Susa pelos elamitas como despojo. Documenta a vitória de Naram-Sin sobre Satuni, rei da tribo Lullubi que habitava a parte central do Oeste do Irã. A estela representa uma nova forma de representar os acontecimentos históricos ao abandonar o velho esquema dos frisos do período Proto-sinástico e das estelas de Eanatum e Sar-

Comércio com o Golfo Pérsico e o Vale do Indo
O comércio marítimo no Golfo Pérsico ocupa um lugar destacado desde a época do Dinástico precoce até o Babilônico tardio. Em um extremo, ficavam as cidades da Mesopotâmia meridional, de onde partiam as mercadorias para o oeste e o norte, e no outro extremo ficava Meluhha, que pode ser identificada com a civilização harappa. Os textos mencionam outras duas regiões importantes: Dilmun (que provavelmente incluía as atuais ilhas do Bahrein e de Failaka) e Makkan (talvez Omã). As inscrições reais e os apontamentos de contabilidade dos mercadores que navegavam de Ur oferecem valiosas informações sobre o comércio. As escavações feitas no Golfo Pérsico fornecem mais dados sobre esse comércio. Em Bahrein e em Failaka havia uma civilização florescente que enterrava seus mortos em túmulos. Foi calculado que em Bahrein há cerca de 150.000 túmulos. Na Mesopotâmia e na Índia foram encontrados selos de estampagem no estilo do Golfo Pérsico, do tipo que provavelmente se fabricava em Dilmun. Em Bahrein utilizavam-se pesos do tipo harappa, e em Omã, Failaka e na Mesopotâmia foram encontradas inscrições do Indo, selos, contas (também contas talhadas de cornalina) e cerâmica. O fim do comércio do Golfo Pérsico coincidiu com a perda do controle paleobabilônico sobre a Mesopotâmia meridional e a extinção da própria civilização harappa.



Acima: Cabeça de cobre fundido, encontrada na zona do Templo de Ishtar em Nínive. A figura, oca e fundida com o método de cera perdida, representa um soberano que em um primeiro momento foi identificado com Sargão, o fundador da dinastia de Agade, mas o estilo indica que se trataria do seu neto Naram-Sin. Altura: 36,6 cm.

gão, em favor de uma composição única e coerente. A pedra está quebrada na base e na parte superior, onde originalmente devia haver sete estrelas que, presumivelmente, representavam os deuses. A figura central do relevo, contudo, é Naram-Sin, com um arco e um machado e toucado com chifres, como as dos deuses da Mesopotâmia. A cena recorta-se sobre uma região montanhosa e com bosques, sendo o exemplar mais antigo da arte mesopotâmica com paisagem de fundo. Os vitoriosos porta-estandartes acadianos, e os derrotados e moribundos guerreiros Lufubi, com trança, são gravados de tal modo, que a vista do observador se eleva para o triunfo. Como na estátua de Bassetki e na cabeça de nínive, destaca-se o naturalismo na representação das formas humanas, ausente nas obras mais antigas. Este relevo parece ter exercido grande fascínio nos soberanos posteriores, pois foram encontradas outras versões em relevos talhados em pedra nos Zagros ocidentais, em Derbend-i Gawr, em Saikham e em Sar-i Poli Zohab, embora nenhum deles atinja a qualidade do original.

Naram-Sin, como Sargão, converteu-se em tema de relatos posteriores. Era descrito como uma figura trágica, vítima da sua própria soberba, que desencadeou rebeliões, a invasão de tribos do Leste e a destruição de Agade. No entanto, não há provas que avalizem semelhantes histórias. Os nomes de ano do filho e sucessor de Naram-Sin, Sar-kali-sarri, indicam que o seu reino estava submetido à pressão dos amoritas, pelo Oeste, e dos gútis das montanhas do Leste. Na Lista dos Reis Sumérios, depois do nome de Sar-kali-sarri vem uma descrição do que parece ser a anarquia: "Quem era rei? Quem não era? Era Igigi o rei? Era Nanum o rei? Era Imi o rei? Era Elulu o rei? Os quatro foram reis e governaram durante três anos". Os últimos reis de Agade foram Dudu e Sudurul, e na sua época, o reino reduziu-se à região que rodeia Agade e às planícies de Diyala ao norte, enquanto as outras cidades-Estados, Lagash entre elas, obtiveram a independência.

O renascimento neo-sumério

Depois da derrubada do império acadiano, Gudéia foi o mais famoso membro da dinastia que reinou em Lagash. Reconstruiu 15 templos em Girsu, que transformou em centro administrativo do Estado de Lagash. O mais importante era o templo do deus tutelar, Ningirsu. Em dois longos textos, gravados em grandes cilindros de argila, Gudéia descrevia a sua construção. Primeiro, apareceu-lhe em um sonho o deus Ningirsu e revelou-lhe que devia reconstruir o templo, ao mesmo tempo que lhe mostrava o plano da construção. Gudéia purificou o lugar, incendiou fogueiras à sua volta e depois, segundo as inscrições, mandou trazer artesãos e materiais de terras longínquas par construir o templo.

"De Elam vieram os elamitas; de Susa, os susianos. Makkan e Meluhha cortaram madeira dos montes... Gudéia reuniu-os na sua cidade de Girsu... Gudéia, o grande sacerdote *en* de Ningirsu, abriu um caminho até o Bosque dos Cedros, onde ninguém tinha penetrado; cortou os cedros com grandes machados... Como serpentes gigantes, os troncos deslizaram do Bosque dos Cedros rio abaixo, e balsas de pinheiro deslizaram do Monte dos Pinheiros... Nas pedreiras, fechadas ao homem até então, Gudéia, o grande sacerdote *en* de Ningirsu, abriu caminhos para transportar grandes blocos de pedra... Muitos outros metais preciosos foram fornecidos ao governador, construtor do Templo de Ninnu... ouro em pó vinha dos seus montes... Para Gudéia, extraíram prata dos montes e enviaram de Meluhha grandes quantidades de pedras vermelhas."

Os vestígios dos templos das escavações de Girsu não foram identificados, mas conservam-se estátuas em diorito de Gudéia e de outros soberanos de Lagash como testemunho da riqueza do Estado e dos dotes artísticos dos seus artesãos.

Não se sabe até onde se estendia o reino de Gudéia. A única façanha militar de que se gabou foi a vitória sobre Anshan e Elam, e é possível que exercesse certa influência em Ur. Também não são certas as datas do seu reinado, mas é provável que fosse contemporâneo de Utuhegal e de Ur Nammu. Utuhegal (2019-2013 a.C.) foi o rei de Uruk que pôs fim ao domínio dos guti e nomeou Ur Nammu, seu filho, segundo alguns especialistas, governador militar (*shagin*) de Ur. Ur-Nammu sucedeu a Utuhegal e fundou a Terceira Dinastia de Ur, ostentado os títulos de Poderoso, Senhor de Uruk, Senhor de Ur, Rei da Suméria e da Acádia, mas depois abandonou o título de Senhor de Uruk.



À esquerda: Segundo a inscrição, esta estátua foi talhada por Gudéia, soberano de Lagash (por volta de 2100 a.C.), para o templo da deusa Geshtinanna. Gudéia restaurou os templos de Girsu; em escavações do jazigo foram encontradas 11 estátuas que o representam. Outras nove, entre as quais se inclui esta, foram vendidas no mercado de arte. Foi dito que se trataria de uma falsificação. É feita de clorita, ao contrário do duro diorito das estátuas das escavações, e o rei aparece com uma jarra do qual escorre água, que no restante da Mesopotâmia era levado somente pelos deuses. Também se distingue das outras pelo estilo. Mas em contrapartida, a inscrição suméria parece autêntica e seria muito difícil de falsificar. As estátuas de Gudéia representam-no de pé ou sentado. Em uma delas, sustenta nos joelhos um plano do templo que está construindo. Em algumas estátuas, Gudéia aparece com a cabeça raspada, enquanto em outras, como nesta, usa um chapéu recoberto de espirais, provavelmente indicando que era de couro. Altura: 61 cm.

O monumento mais impressionante do seu reinado foi o zigurate de Ur. Desde a época Ubaid, os templos da Baixa Mesopotâmia eram construídos sobre plataformas que, ao longo dos séculos, foram aumentando de altura, reduzindo o templo. Os zigurates construídos por Ur-Nammu em Ur, Eridu, Uruk e Nippur foram os primeiros exemplares definidos deste tipo de estrutura. Existem dúvidas sobre a sua existência no Dinástico prematura e sob a dinastia de Agade.

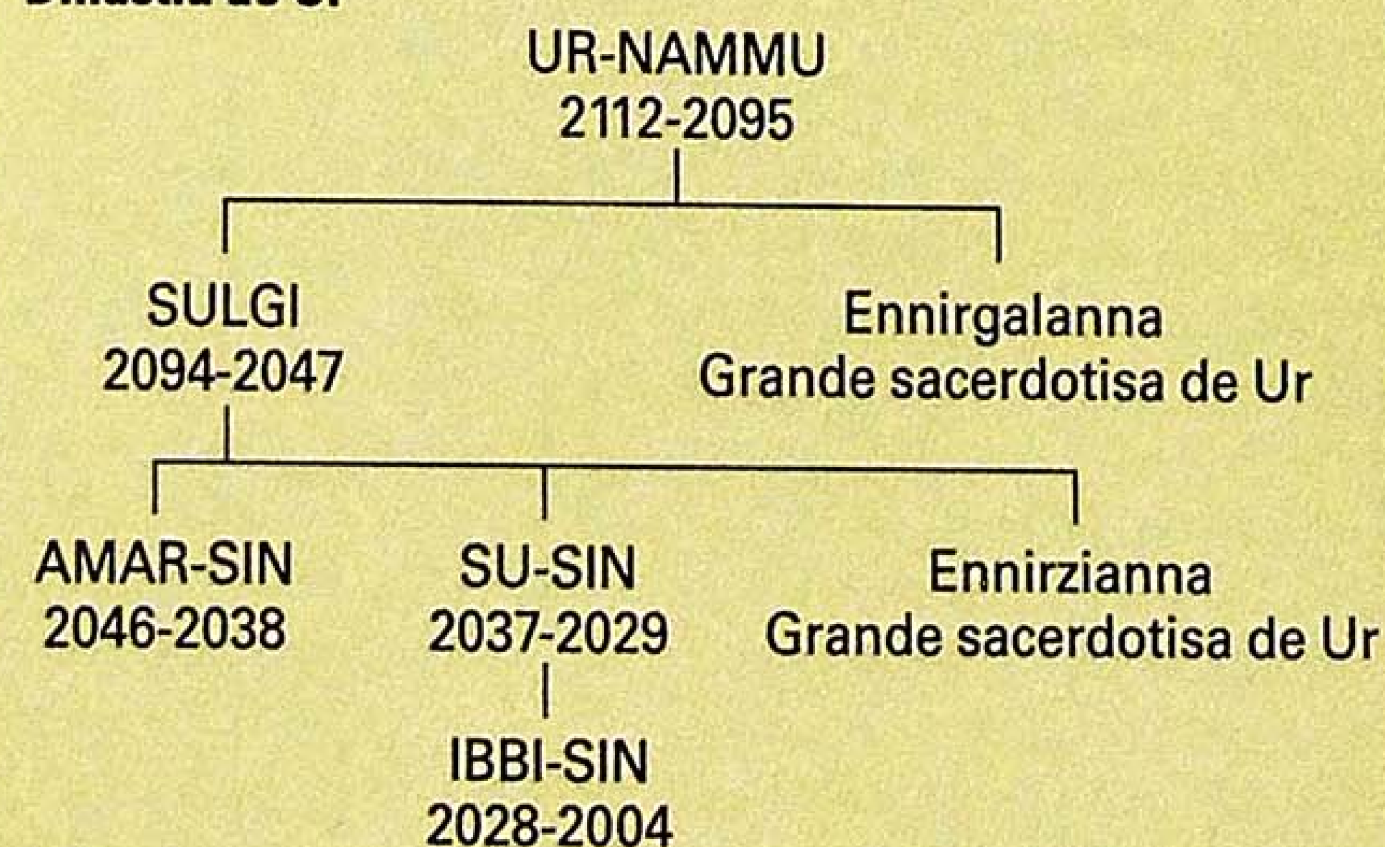
Ur-Nammu também erigiu outros templos em Ur, como residência da sacerdotisa *entu* e como palácio. Reconstruiu as muralhas da cidade e escavou canais. Foram encontrados fragmentos de uma grande estela de ponta arredondada, de cerca de 3 m de altura, na qual são citados alguns projetos de edifícios de Ur-Nammu. Na parte superior de ambos os lados da estela aparece o rei; do lado direito, em frente do deus da Lua, Nanna, deus tutelar de Ur, e do lado esquerdo, em frente a uma deusa, talvez Ningal, esposa de Nanna. Na segunda figura, em um lado, o rei, acompanhado de uma segunda deusa, faz uma libação. Esta cena parece-se com o motivo mais comum dos selos cilíndricos do período. O estado de conservação das duas figuras da estela é ruim, mas os fragmentos representam o rei com as ferramentas necessárias para reconstruir o templo, e debaixo há traços de uma muralha alta com escadas e peões carregando cestas. O outro lado da estela representa cenas do que poderiam ter sido cerimônias religiosas. Na composição geral, equilibrada e estática, falta-lhe o dinamismo da estela da vitória de Naram-Sin, o que releva o contraste entre as duas dinastias: a neo-suméria formal e pretensiosa, e a acadiana, vibrante e ousada.

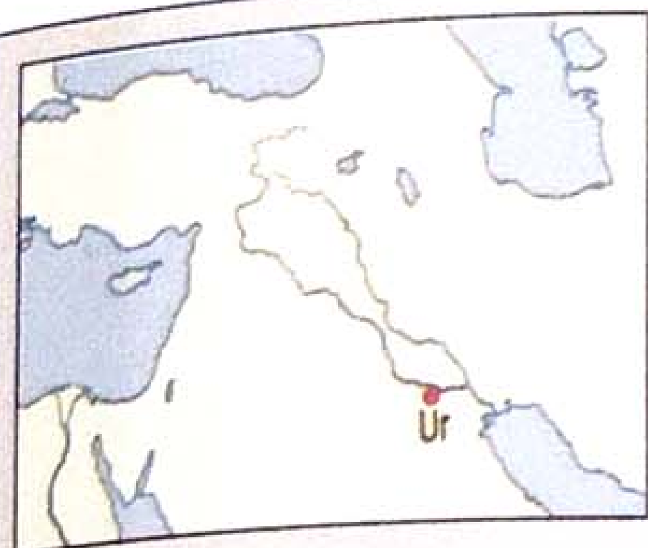
Shulgi, o reformador

Shulgi sucedeu no trono ao pai, Ur-Nammu. A maior parte dos nomes de ano da primeira metade do seu reinado, que durou 47, referem-se a atos piedosos, tal como os do seu pai. Por volta do ano 20 do seu reinado, contudo, empreendeu uma importante reorganização do Estado de Ur III e iniciou a expansão do seu império. Proclamou a sua condição divina, como Naram-Sin, e foram muitos os hinos compostos em sua honra. Valeu-se da força e da diplomacia para estender o seu reino até o Norte e o Leste da Suméria, até abarcar a região compreendida entre Assur e Susa. Criou uma administração unificada da Suméria e Acádia, o centro do império, com *ensis* (governadores) que costumavam pertencer à família real do lugar, e *shagins* (comandos militares), que dependiam diretamente do rei. A periferia era administrada por pessoal militar. Governou diretamente as terras do templo e introduziu novos sistemas tributários: o *bala,* imposto que era pago pelas

A Terceira Dinastia de Ur

Ur-Nammu dominou em Ur, Eridu e Uruk, e construiu edifícios em Nippur, Larsa, Kesh, Adab e Uma. Segundo uma inscrição encontrada em Nippur, arbitrou litígios fronteiriços entre as cidades-Estados de Girtab, Abiak, Marad e Akshak, ao norte da Acádia. Em Ur nomeou a filha Enirgalanna sacerdotisa *entu* de Nanna e um dos seus filhos converteu-se em sacerdote *en* de Inanna em Uruk. Outro filho (provavelmente Shulgi, seu sucessor) era casado com uma filha do rei de Mari. Os indícios de que Ur-Nammu lutou contra os seus vizinhos são escassos, mas parece que gradualmente os tivesse integrado na sua esfera de influência recorrendo a alianças diplomáticas e à influência religiosa.

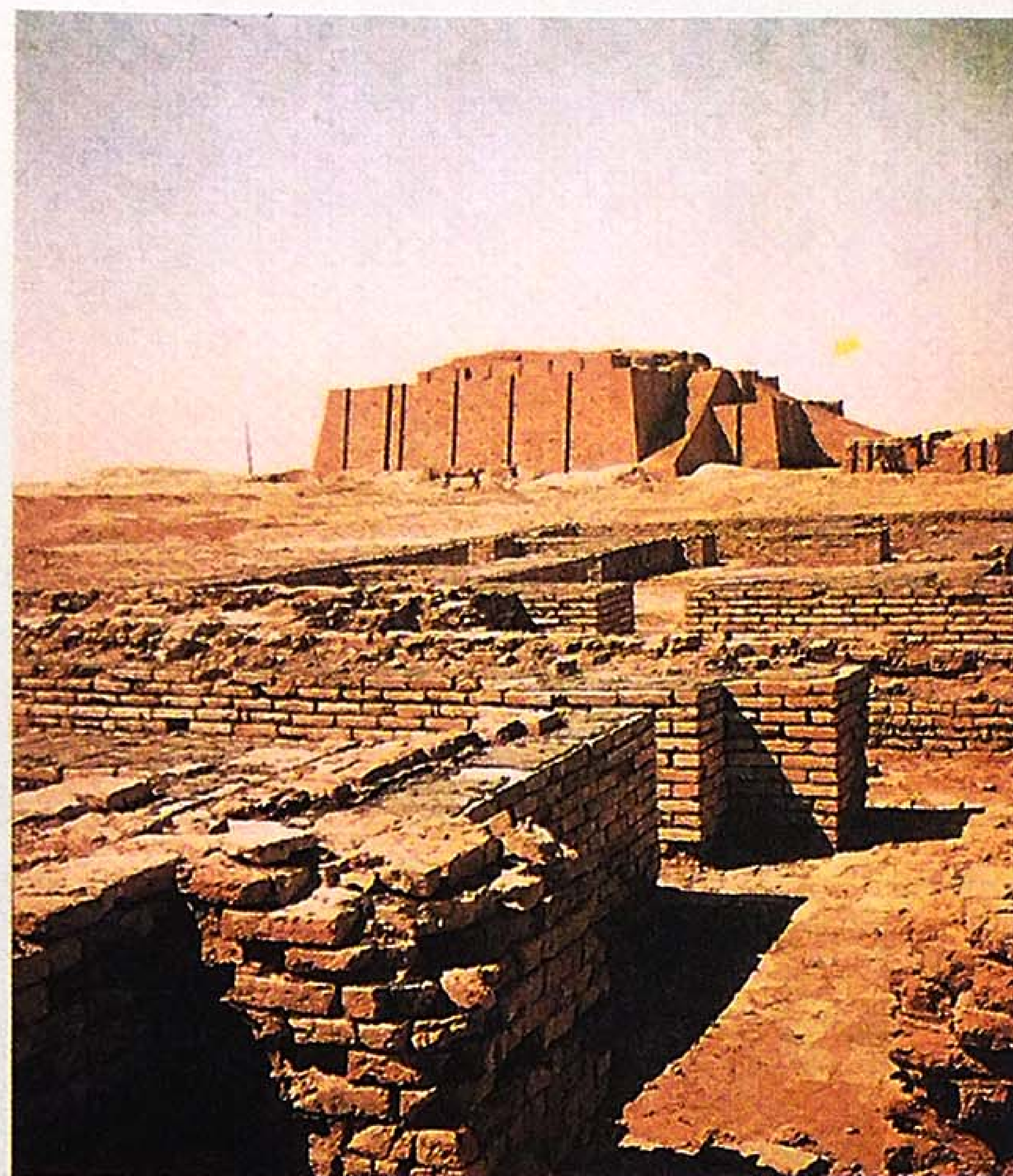


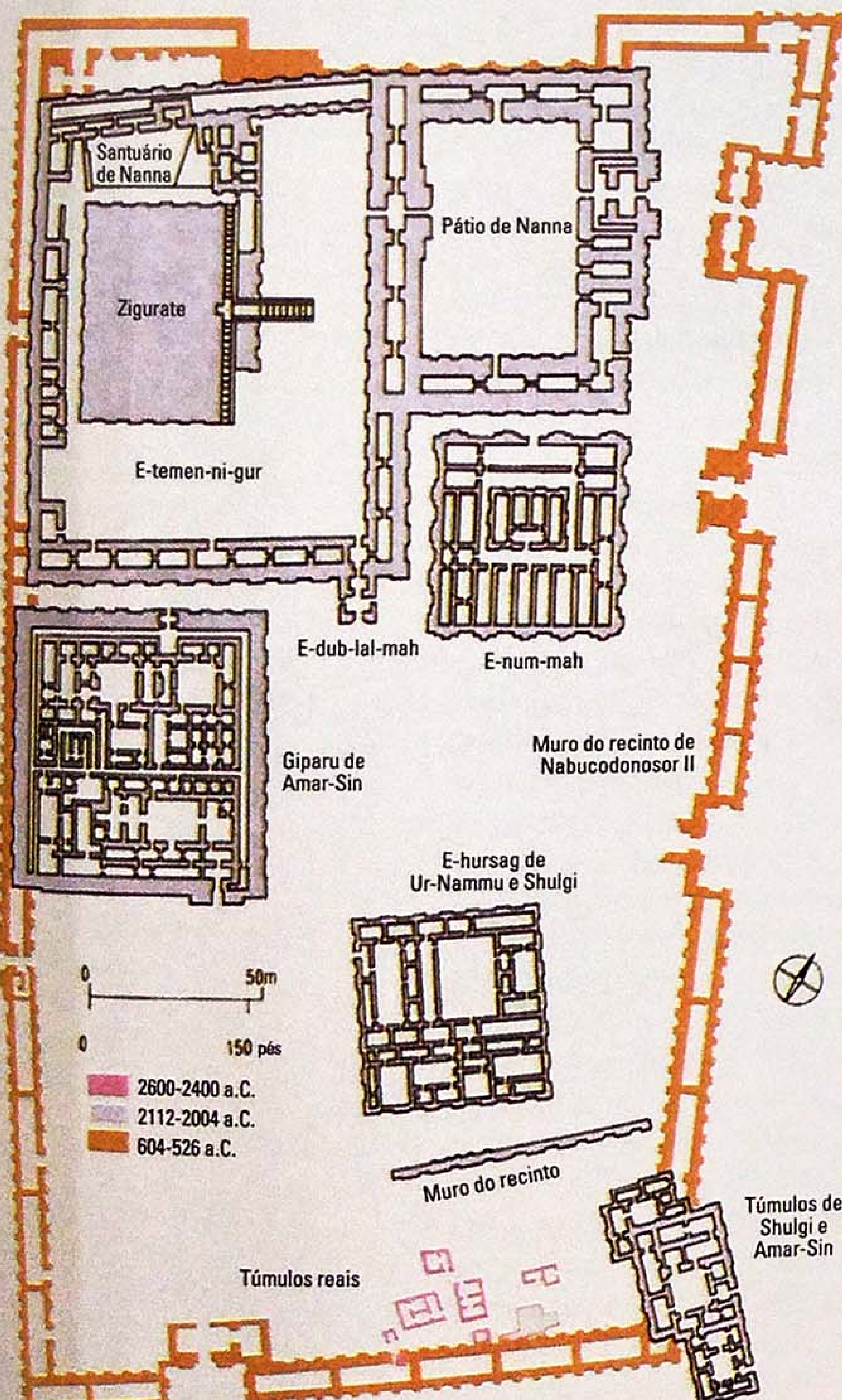


Ur

A antiga cidade de Ur (a atual Tell al-Mugayyar) foi fundada no princípio do período Ubaid. Os níveis pré-históricos estão enterrados a grande profundidade sob camadas posteriores, mas foram escavados por meio de uma série valas. Um destes níveis foi batizado como o Fosso do Dilúvio, porque os escavadores julgavam ter encontrado vestígios do Dilúvio bíblico (embora agora se acredite que seria de uma inundação local). O Cemitério Real, onde estão enterrados os soberanos de Ur, revela a extraordinária riqueza da cidade durante o período Dinástico inicial.

A cidade, como capital da Terceira Dinastia de Ur (212-2004 a.C.), foi completamente reconstruída pelos seus soberanos, Ur-Nammu, Shulgi e Amar-Sin. Ur foi a cidade de entrada do comércio mesopotâmico com os países do Golfo Pérsico e outros até o século XVIII a.C., quando caiu sob o poder da Dinastia do País do Mar. Nos primeiro e segundo milênios, Ur continuou a ser um importante centro religioso, onde se venerava Nanna (Sin), deus da Lua, e muito reis babilônicos empreenderam obras de restauração dos templos de Ur. E provável que fosse abandonada no século IV a.C., talvez devido a uma mudança do caudal dos rios.





À esquerda: A cidade de Ur era dominada por um recinto sagrado onde ficavam o zigurate e o templo de Nanna. Os edifícios foram construídos pelos reis da Terceira Dinastia de Ur e restaurados por soberanos posteriores. O *giparu* compreendia a residência da sacerdotisa *entu* e um templo de Ningal, a esposa de Vanna. O E-nun-mali poderia ter sido um templo com o seu tesouro, e o E-ursaq, um palácio. No séc. VI a.C. foi construído um novo metro ao redor do recinto sagrado.

Acima: As ruínas restauradas do zigurate dominam o horizonte de Ur. Começado por Ur-Nammu e terminado pelo seu filho Shulgi no local de um templo anterior, é provável que tivesse três níveis, em cima dos quais ficava o santuário. Foi restaurado 1.500 anos depois por Nabônido, que tinha especial veneração pelo deus da Lua. E provável que o zigurate de Nabônido tivesse até sete níveis.

Abaixo: Esta tigela de pedra talhada foi encontrada nas ruínas de uma casa aquemênida (séc. V a.C.) de Ur, mas é do final do quarto milênio a.C. Os motivos do touro e da espiga de cevada encontram-se em outros objetos do período e simbolizariam a riqueza da terra. Altura: 5,5 cm.





O núcleo do Império da Terceira Dinastia de Ur
É formado por 33 cidades-Estados de Sumer e Acad. Governadores civis e militares, nomeados pelo rei, governam estes estados que, mensalmente pagavam tributos *bala*. Os 90 ou mais povoados da região ao norte e a leste estavam sob controle de militares, que tinham de pagar um tributo anual *(gun mada)*. Muitos destes povoados ainda não foram identificados. Mas além desta região que estava sob domínio do rei de Ur, os estados locais se aliavam a Ur mediante casamentos reais ou tratados.

províncias do centro do Estado de Ur III, e o *gun mada*, que era pago em espécie aos chefes militares da periferia.

Estabeleceu centros de redistribuição que se encarregavam de arrecadar, administrar e distribuir as receitas do Estado. Por exemplo, Puzrish-Dagan (Drehem, 10 km ao sul de Nippur) era especializada em gado. Em um único ano passaram por Puzrish-Dagan, antes de serem redistribuídos pelos principais templos do território, assim como aos funcionários e à casa real, 28.000 cabeças de gado e 350.000 ovelhas, como tributo das províncias. Outro centro, Dusabara, era especializado em produtos agrícolas.

Para administrar estes impostos era necessário formar mais escribas, o que levou ao aperfeiçoamento dos métodos de escrita e à introdução de novas formas de documentação. Acredita-se que Shulgi é um dos poucos soberanos que dominava a escrita cuneiforme. Também reorganizou os sistemas de pesos e medidas e introduziu um novo calendário que foi aplicado em todo o Estado de Ur III. Além disso, acredita-se que Shulgi foi autor do mais antigo código de Direito que se conhece, atribuído até agora a Ur-Nammu.

A aplicação da justiça era um dos deveres primordiais dos reis mesopotâmicos. Há alguns indícios disso nas reformas empreendidas pelo último rei de Lagash, no Dinástico prematuro, Uruinimgina, que tratou de corrigir os abusos do sistema de administração de justiça tradicional. Conservaram-se atas das audiências da época da Dinastia Agade, mas no reinado de Shulgi foram mais freqüentes. Embora o código de Shulgi seja muito incompleto, a sua forma é a mesma dos códigos posteriores e mais bem preservados conservados de Lipit-Ishtar e Hamurábi, e pela primeira vez prescreve penas fixas para delitos específicos.

Shulgi seguiu e completou as construções começadas pelo pai. Junto ao recinto religioso de Ur havia um edifício feito de tijolos que tinha o seu nome e, junto a ele, duas estruturas menores de tijolos com o nome do filho, Amar-Sin. Acredita-se que este edifício foi o lugar de enterro dos reis de Ur, cujos corpos eram depositados nas abóbadas inferiores, onde foram encontrados restos de ossos humanos. O conteúdo e o mobiliário dos edifícios foi saqueado já na Antiguidade, mas os fragmentos conservados indicam que as portas eram recobertas de folha de ouro, as paredes adornadas com folha de ouro com incrustações de ágata e lápis-lazúli, e os tetos com pequenas estrelas e raios de sol, de ouro e lápis-lazúli. Em um local havia desníveis e condutos cobertos de betume e folha de ouro, que poderiam ter servido para as libações, o que indica que as salas superiores serviam de templos mortuários para o culto do rei morto.

Shulgi teve doze filhos e oito filhas, uma das quais se converteu na sacerdotisa de Ur. Três das outras filhas casaram com soberanos dos principados Marhashi, Ansham e Bashime do Irã. A Shulgi sucederam dois dos seus filhos: primeiro Amar-Sin e depois Shu-Sinorte Nos primeiros anos do reinado de Shu-Sin viu-se que nem tudo andava bem no seu império. No quarto ano

do seu reinado foi construída uma muralha entre o Tigre e o Eufrates para manter afastados os amoritas, uma tribo ou grupo de tribos semitas que tinham se infiltrado na Mesopotâmia pelo sudoeste. Durante o reinado de Ibbi-Sin, filho de Superfície-Sin, o império caiu. No segundo ano, Eshnunna rebelou-se e, no terceiro, perdeu o controle de Susa. Os nomes de ano que são utilizados para datar documentos em diversas cidades revelam o afundamento do império. Os nomes de ano de Ibbi-Sin não se encontram depois do terceiro ano em Puzrish-Dagan, o quinto em Umma, o sexto em Girsu e o oitavo em Nippur. O décimo ano, Ishbi-Erra, um dos chefes militares, tomou Nippur e a Babilônia do norte e fundou uma nova dinastia com a capital em Isin. Só Ur permaneceu sob o domínio de Ibbi-Sin durante os 24 anos do seu reinado, até que em 2004 a.C. os elamitas invadiram Ur, a saquearam, capturaram Ibbi-Sin e o levaram para Anshan.

Auge dos elamitas

Enquanto Susa dependeu do reis de Agade, o reino de Awan conservou a sua independência. Não se conhece o lugar exato onde ficava Awan, mas é provável que ficasse ao norte de Susa. Até 2200 a.C., Puzur-Inshushinak, rei de Awan, deteve o poder em Susa e, segundo as inscrições encontradas na cidade, afirmava ter feito grandes conquistas. Algumas destas inscrições eram em escrita linear elamita, uma escrita silábica simplificada para escrever nesta língua. Encontraram-se muito poucas vezes inscrições nesta escrita. Dezessete vêm de Susa, uma do cemitério de Shahdad e diz-se que em Fars se encontrou outra.

Shulgi de Ur tinha anexado Susa e as terras baixas, mas as regiões altas, embora unidas por alianças reais, conservaram a independência. No reinado de Ibbi-Sin, o rei de Simaski, que dominava am Ansan, apoderou-se de Susa. Em 2004 a.C., Kindattu, rei de Simashki, Susa e Ansan, invadiu e destruiu Ur. Os elamitas foram expulsos de Ur até 1995 a.C., mas a dinastia Simaski continuou a reinar em Susa durante outros cem anos.

A Anatólia e Ocidente

A prata das minas da Anatólia era um dos materiais cobiçados pelos reis de Agade. É possível que dois fragmentos de um relevo de alabastro, encontrado em Nasiriyeh, ilustrassem uma destas incursões. Em um dos fragmentos aparecem prisioneiros nus, desfilando; no outro, os soldados transportando o despojo, que compreende, entre outras coisas, o que tinha sido identificado como uma vasilha de metal do tipo daquelas da Anatólia da Idade do Bronze II.

Em Alca Huyuk, na Anatólia Central, foram escavados 13 valiosos túmulos. Apesar de serem conhecidos como túmulos reais, como no caso do Cemitério Real de Ur, isso não ficou provado. Os túmulos eram grandes fossos retangulares, com até 8 m de comprimento por 3,5 m de largura e continham corpos de homens e mulheres. Os corpos estavam no ângulo noroeste, e acredita-se que tenham sido enterrados juntamente com mobiliário de madeira. Os objetos mais delicados encontrados ali eram de metal, ouro, âmbar, prata e cobre. Havia vasilhas, alfinetes e armas. Dois punhais de fero com cabos folheados a ouro mostravam a evolução dos artesãos da Anatólia. Os objetos mais impressionantes eram os chamados estandartes, rematados com toros de fundição ou formas geométricas. Eram de cobre e recobertos de âmbar ou com incrustação nesse metal, mas não se sabe qual era a sua função; tinham cavilhas que se apoiavam em algum bastidor de madeira, talvez um dossel sobre cada túmulo. É provável que em geral, os túmulos fossem contemporâneos dos reis de Agade, mas a cronologia não está confirmada. Mas a leste o nível de destruição dos jazigos da Idade do Bronze II, na Anatólia, foi atribuído à chegada dos luwianos e hititas, que dominavam a Anatólia no segundo milênio a.C., mas até agora não há provas que o confirmem.

No Norte da Mesopotâmica é provável que Mari estivesse sob o poder dos primeiros reis de Agade. No entanto, além do achado dos bronzes dedicados pela filha de Naram-Sin, há poucos indícios que permitam pensar que os reis de Agade interferissem nos assuntos da cidade. Em tempos da Terceira Dinastia de Ur, os soberanos de Mari tomaram o título de *shaknu*, o equivalente acadiano de *shagin*, mas Mari, aparentemente, não participou na estrutura econômica do Império de Ur III. A construção do famoso palácio dos soberanos de Mari durou vários séculos e a semelhança com a estela de Ur-Nammu permitiu atribuir algumas formosas pinturas murais ao período da Terceira Dinastia de Ur.

A destruição de Ebla coincidiu com o declínio da povoação do Levante. Mais ao sul, a Idade do Bronze III deu passagem à IV (por volta de 2350.2000), e a maior parte dos centros urbanos do período anterior foi abandonada. A forma de vida agrícola e urbana deu lugar a uma existência pastoril que poderia relacionar-se com os movimentos de grupos nômades, como os amoritas, em um deslocamento para o leste. No fim do Antigo Reino do Egito, os egípcios organizaram expedições contra os asiáticos e talvez penetrassem até o Monte Carmelo. O seu principal interesse, contudo, residia muito mais ao norte, no Líbano, onde Biblos tinha a função de porto principal do comércio de resina, madeira e outras mercadorias. Ao terminar o Antigo Reino, por volta de 2150 a.C., os contatos entre o Levante e o Egito cessaram e durante os 150 anos só houve decadência.

À direita, acima: Peso de pedra negra, com forma de pato, encontrado em Ur. A inscrição diz que Shulgi "estabeleceu (o seu peso em) 5 minas, para Nanna", o deus da Lua. O outro lado representa a meia-lua de Nanna. Comprimento: 14 cm.

À direita, abaixo: Estatueta de touro fundida em prata com incrustações a ouro. Nos ricos túmulos de Alaca Huyuk, na Anatólia Central, foram encontradas figuras semelhantes. Estes túmulos pertenciam provavelmente ao final do segundo milênio a.C., embora alguns investigadores tenham proposto datas anteriores. A metalurgia de Alaca demonstra grande destreza, embora nestes túmulos não tenham sido encontradas amostras das técnicas de granulação e de filigrana utilizadas com tanta habilidade no Cemitério Real de Ur. Altura: 24 cm.

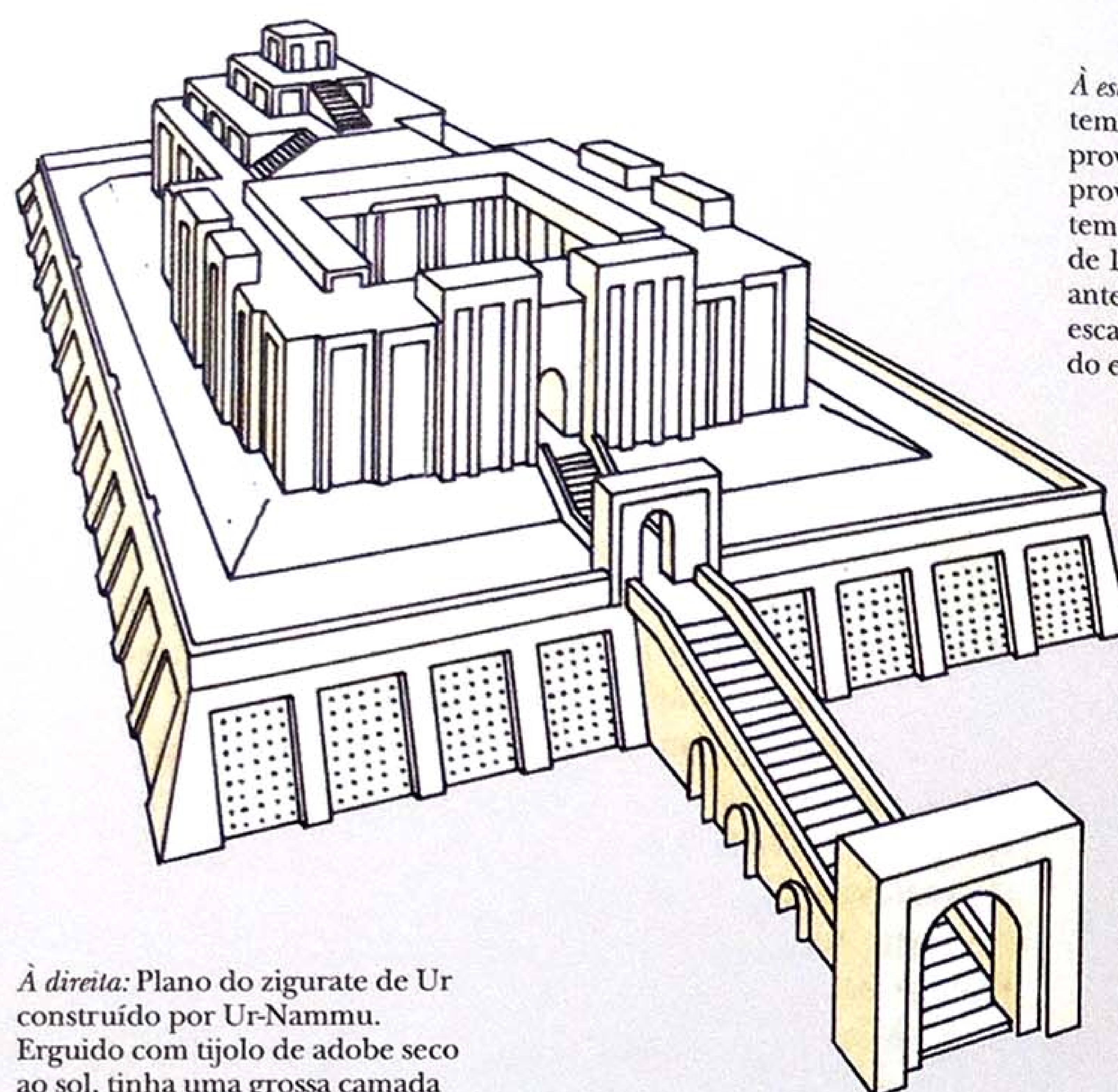




Zigurates

Os zigurates eram um dos elementos mais característicos da antiga Mesopotâmia. Em muitas cidades o templo do deus tutelar compreendia um zigurate que constava de uma série de plataformas sobrepostas, em cima das quais havia um templo. Os templos erigidos sobre plataformas já são encontrados no período Ubaid em Eridu, por volta do quinto milênio a.C. Os primeiros zigurates verdadeiros foram construídos por Ur-Nammu (2112-2095 a.C.), primeiro rei da Terceira Dinastia de Ur, em Ur, Eridu, Uruk e Nippur. A planta era semelhante em todos eles, com uma base retangular e três escadarias que se cruzavam em ângulo reto e conduziam ao templo alto. Esta é a planta do zigurate mais famoso de todos, o do deus Marduk, na Babilônia, que deu origem à história da Torre de Babel. Tinha o nome de Etemenanki, que significa "o templo da fundação do Céu e da Terra", e foi começado no século XVIII a.C.

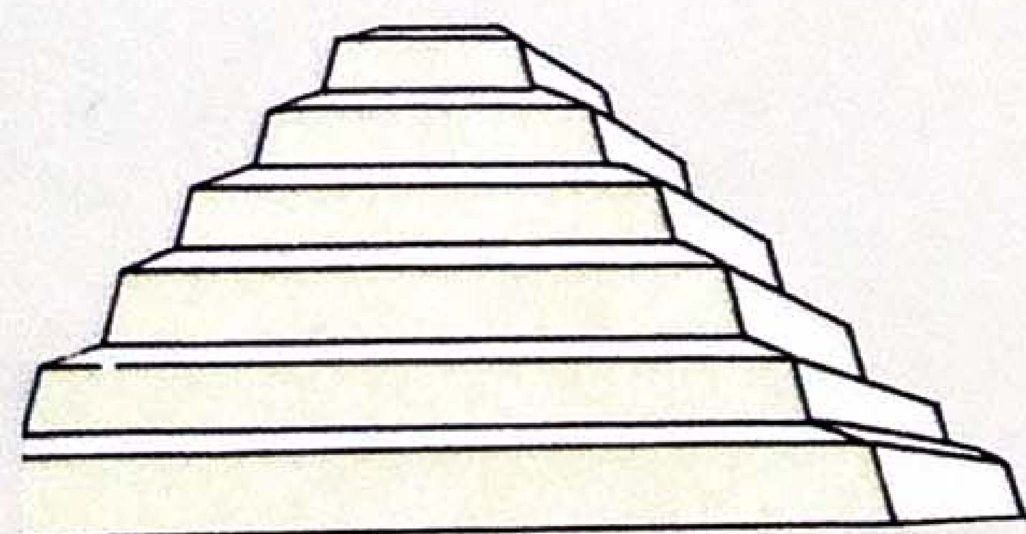
Não se conhece a natureza exata das cerimônias que se desenvolviam no alto santuário. O historiador grego Heródoto, que descreveu em pormenores o zigurate da Babilônia, dizia que ali eram celebradas as núpcias sagradas de uma sacerdotisa com o deus (que talvez estivesse representado na pessoa do rei) em um ritual destinado a assegurar a prosperidade futura do país.

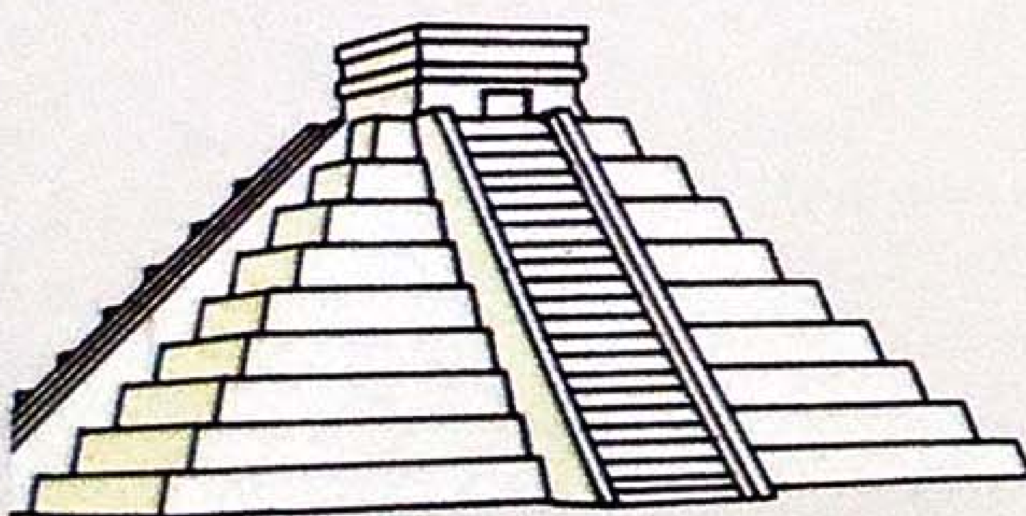


À direita: Plano do zigurate de Ur construído por Ur-Nammu. Erguido com tijolo de adobe seco ao sol, tinha uma grossa camada externa de tijolo cozido. Foram preservadas partes dos níveis inferiores. O aspecto geral foi reconstruído a partir das figuras encontradas em relevos e em selos.

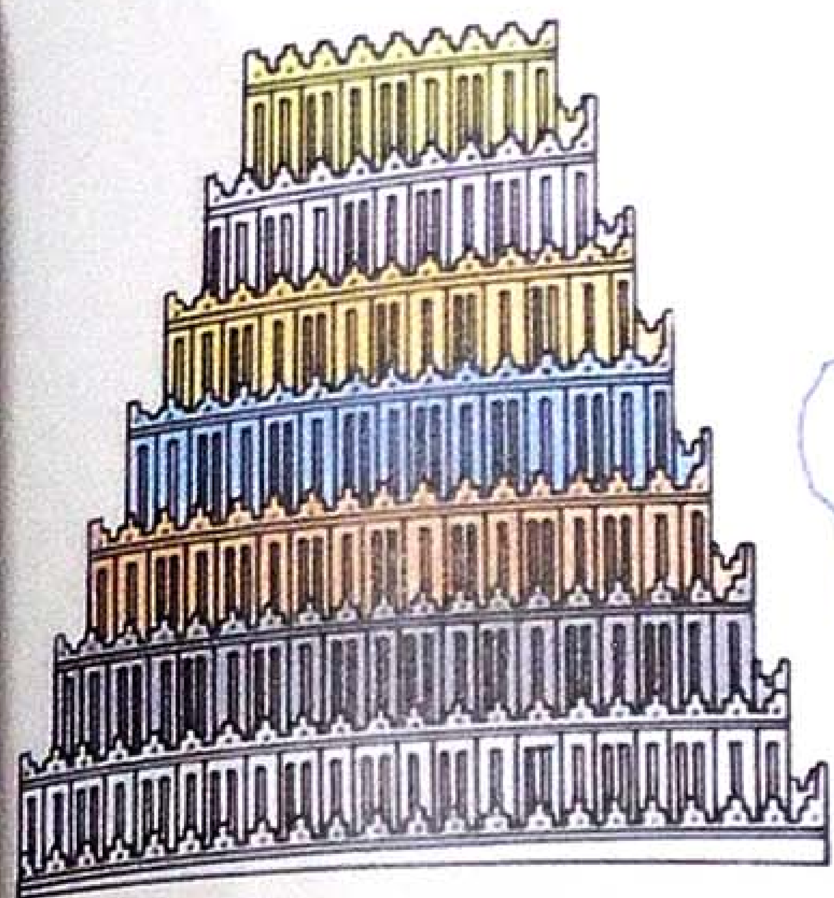
À esquerda: Plano reconstruído do templo e zigurate de Tell al-Rimah, provavelmente a antiga Qatara. É provável que fosse construído em tempos de Samsi-Adad I (por volta de 1800 a.C.). Ao contrário do tipo anterior do sul, que tinha três escadarias, o zigurate fazia parte do edifício do templo e do santuário mais alto e chegaria até o teto do templo do pátio.

A forma dos zigurates era parecida com as pirâmides do Egito, como a pirâmide escalonada de Saqqara (*abaixo, figura superior*), mas a sua função era diferente. As pirâmides eram túmulos, onde a câmara mortuária ficava oculta no centro do monumento, sem estrutura por cima. Os zigurates eram sólidas construções de tijolo coroadas por um templo; parecem-se mais com os templos da América Central, como o de Chichen Itzá (*figura inferior*). É possível, contudo, que a idéia de uma grande estrutura piramidal tivesse vindo do Egito.





Na página seguinte:
Visão dos restos reconstruídos do zigurate de Ur.



Acima: O zigurate da capital assíria de Dur-Sarrukin foi um dos achados anteriormente. Julga-se que um caminho em espiral conduzia até a cúspide e que os três níveis inferiores eram pintados de branco, negro e vermelho. Os níveis superiores não foram conservados, mas, segundo a combinação normal de cores, teriam sido azul, laranja, prateado e dourado.

Lago de Van
Lago de Urmia
Shubat-Enlil
túmulo em forma de zigurate não escavado
Tell al-Hawa
Apku
Dur-Sharrukin (Khorsabad)
Nínive (sem mais provas nos textos)
Qatara (Tell al-Rimah)
Arbil
Kalhu
Ashur
Kar-Tukulti-Ninurta
Eufrates
Tigre
Mari
Dur-Kurigalzu
Sippar
Babilônia
Kish
Borsippa
Nippur
Adab
Uruk
Hammam
Larsa
Eridu
Ur
Susa (sem mais provas que os textos)
Deh-i N
Al-Untash-Napirisha (Choga Zanbil)
Golfo Pérsico

tipo de zigurate
escadaria tripla
não ha rastros de escadas
escada interna
possível zigurate
período de construção inicial do zigurate
Ur III (2100-2000 a. C.)
Babilônico antigo (1900-1700 a. C.)
elamita, cassita, assírio médio (1400-1100 a. C.)
assírio tardio (900-600 a. C.)
antiga linha da costa
antigo caudal do rio
escala 1:6.250.000
0 200km
0 150mi

Zigurates da Mesopotâmia
Os restos de zigurates foram encontrados em 16 jazigos; outros são conhecidos pelos textos (como o de Agade, que não se sabe exatamente onde ficava) ou pela forma das ruínas. Havia dois tipos principais de zigurate: um tipo do sul, mais antigo, que tinha uma plataforma retangular e escadarias, e um tipo do norte, posterior, sem escadarias, em que o templo costumava ser parte de um grande complexo. A construção do zigurate no sítio elamita de Al-Untas-Napirisa (meados do séc. XIII a.C.) é excepcional. Encheu-se um pátio quadrado (com salas à volta) para construir um zigurate alto. As escadas dos quatro lados ficavam dentro da estrutura.





O COMÉRCIO E A GUERRA
(2000 a.C.-1600 a.C.)

Rivalidade entre cidades-Estado

A unificação de Suméria e Acádia, primeiramente sob os reis de Agade e depois sob a terceira dinastia de Ur, revestiu-se de um caráter excepcional. Apesar de não existirem obstáculos geográficos de destaque, raramente um único governante conseguiu dominar as planícies aluviais da Mesopotâmia e, em menos ocasiões ainda, um monarca pode se vangloriar de que o seu reino se estendia "do Mar Superior ao Inferior" (do Mediterrâneo ao Golfo Pérsico). Muitos governantes posteriores da Mesopotâmia continuaram a se esforçar em emular os êxitos dos reis de Agade. No final do terceiro milênio, quando o poderio de Ur declinou, o seu império foi dividido em vários reinos, e Assur, Eshnunna, Der e Susa alcançaram a independência.

Ishbi-Erra, antigo oficial do exército de Ibbi-Sin, fundou uma nova dinastia em Isin em 2017 a.C. e subjugou a maior parte do que fora o núcleo do império de Ur. Nos séculos seguintes a dinastia de Isin tentou proteger o seu território contra invasores provenientes do norte e do sul. O principal rival de Isin era a cidade de Larsa, e este período é conhecido com o nome de época de Isin-Larsa. No entanto, existiam outras cidades igualmente poderosas no Oriente Médio, entre elas Yamhad (cuja capital ficava em Alepo), Eshnunna, Suasa e Babilônia.

A documentação textual sobre este período é extraordinariamente abundante. Os arquivos de Mari, com mais de duas mil tabuinhas, abrangem todos os aspectos da vida palaciana. Em Kanesh, na Anatólia central, foram desenterrados registros de mercadores que comerciavam com a Assíria. Já foram publicadas mais de quatro mil destas tabuinhas, e mais do dobro desta quantidade, provenientes de escavações recentes, ainda precisa ser estudado. Em Qatna, Alalah, Terqa, Haridum, Chagar Baza, Kahat, Shubat-Emlil, Qatara, Nínive, Assur, Susara, Susa e Anshan, assim como nas cidades do reino de Eshnunna e em vários povoados da Suméria e Acádia, foram encontradas coleções mais reduzidas de tabuinhas. Estes textos tratam sobre política, administração, economia, práticas religiosas, teologia, comércio, leis e ciência. O mundo de que nos falam estendia-se da Anatólia ao Golfo Pérsico, e os vínculos eram estabelecidos por mercadores nas suas caravanas de asnos que organizavam expedições para trocar mercadorias de países longínquos. No Sul e no Oeste as povoações sedentárias encontravam-se ameaçadas por grupos de pastores nômades, enquanto no norte e no leste as ferozes tribos das montanhas devastavam as cidades das planícies.

Amorreus e hurritas

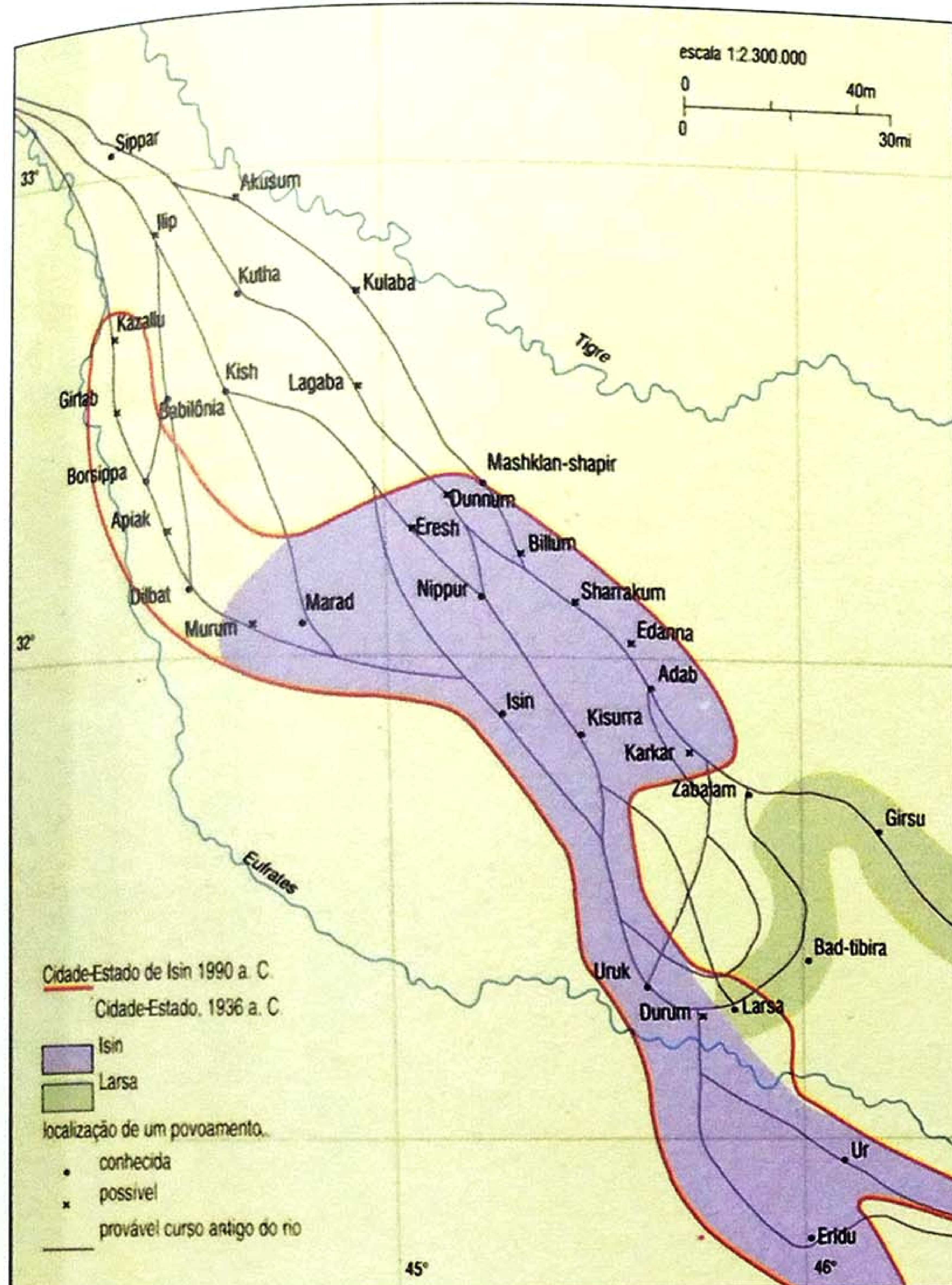
Os últimos séculos do terceiro milênio configuram a época em que novos povos entraram em contato com as regiões ocupadas no Oriente Médio. Entre eles, estavam os amorreus (amurru em acadiano), que falavam um dialeto semita ocidental, e os hurritas, cuja língua não apresentava qualquer contato com nenhuma das línguas conhecidas por então no Oriente Médio. Os amorreus, como depois os árabes e os arameus, apareceram pela primeira vez nas margens do deserto da Arábia. Foram derrotados por Sarkah-sarri (2217-2193 a.C.) em Basar (situado segundo se acredita em Jebel Bishri, a oeste de Mari), mas isso não os afastou para sempre. Nos últimos anos da terceira dinastia de Ur, o quarto ano de reinado de Superfície-Sin chamou-se "o ano em que se construiu o muro de Amurru". Outro texto traz mais informações sobre esta obra de fortificação, construída escavando um dique do Eufrates ao Tigre, na parte norte da planície. Existiam, em primeiro lugar, alguns antagonismos entre os amorreus e os habitantes das cidades. Os amorreus eram acusados de não conhecer o grão, de não enterrarem os mortos e de serem, em geral, um povo não civilizado. No entanto, não puderam ser contidos, e em poucos anos, tinham se estabelecido em muitas das cidades mesopotâmicas. Chegaram até a se apoderar do governo, e muitos dos governantes dos primeiros anos do segundo milênio tinham nomes amorreus. Os hurritas foram associados às culturas primitivas transcaucasianas. As referências a Subartu em textos da época da Acádia aludem a um Estado hurrita no Norte da Mesopotâmia. Além disso, foi identificado um nome hurrita em uma tabuinha deste período proveniente de Nippur. Na época da terceira dinastia de Ur aparecem no Norte da Mesopotâmia e na região a Este do Tigre governantes com nomes hurritas: Atal-Sin, rei de Urkish e Nawar, e Tish-atal, rei de Karahar. Outro ou o mesmo Tish-atal, rei de Urkish, deixou em uma tabuinha de pedra uma inscrição em língua hurrita comemorando a construção de um templo em Nergal. Na primeira época do segundo milênio, hurritas, ou pelo menos reis com nomes hurritas, governavam nos Estados próximos do limite norte da Mesopotâmia, de Simurru, Tukrish e Susarra, nas montanhas de Zagros, a Hassum e Urshum, a noroeste do Eufrates. Encontram-se nomes hurritas entre os habitantes de Nuzi, Ekallatum (próximo de Assur), Qatara (Tell Rimah), Chagar Bazar, onde pelo menos um quinto da população tinha nomes hurritas, e Alalah, nas margens do Orontes, na Síria ocidental, onde pelo menos metade dos nomes próprios dos textos são hurritas. Na Anatólia, os hurritas comerciavam em termos de igualdade com os mercadores assírios, e os seus deuses foram adotados por outros povos. O rei de Yamhad invocava a deusa Hepa, e a cabeça do panteão hurrita, o deus do templo Teshup, foi adotado com o nome de Tishpak como deus principal de Eshnunna.

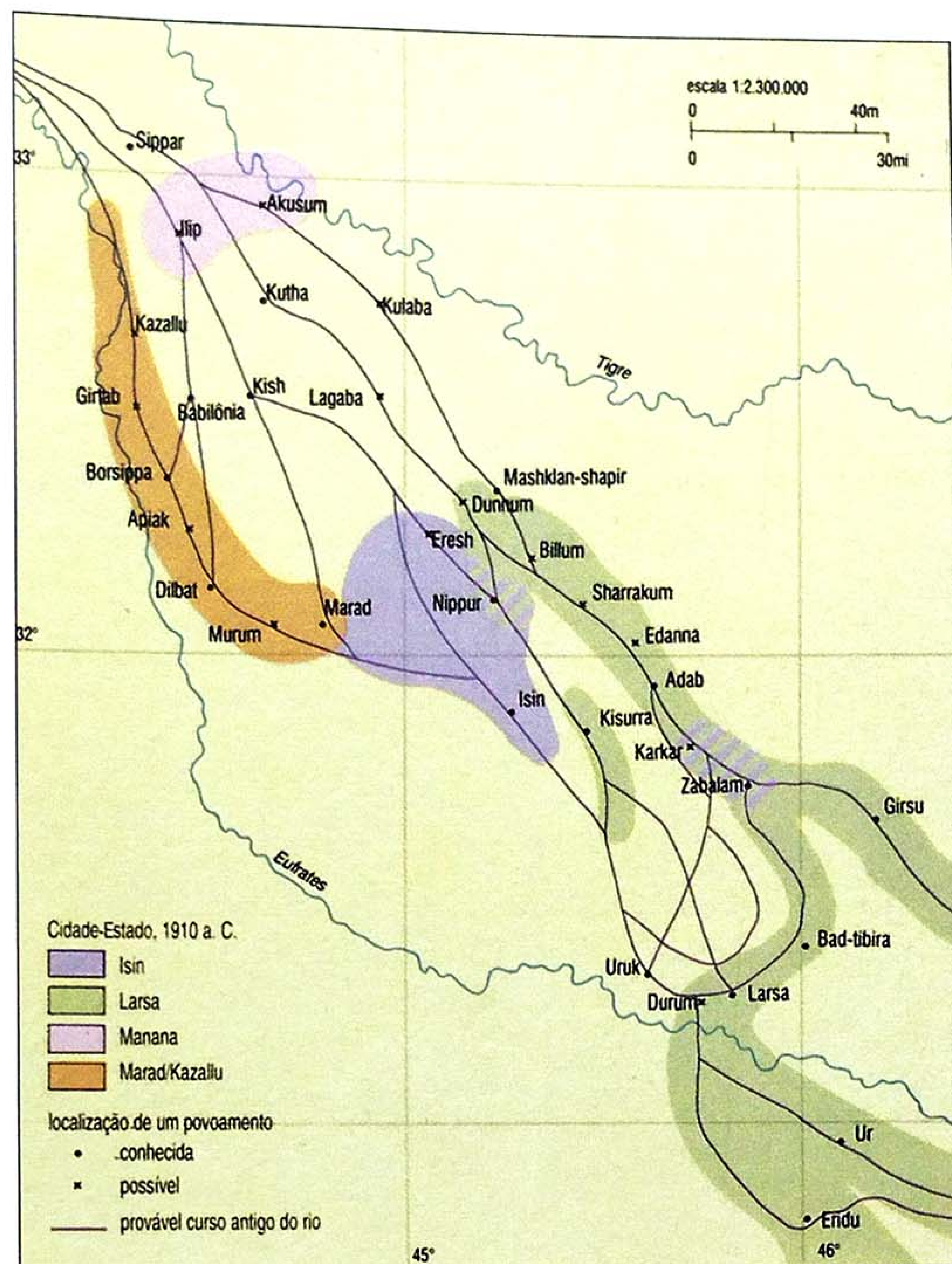
A luta pelo poder na Mesopotâmia

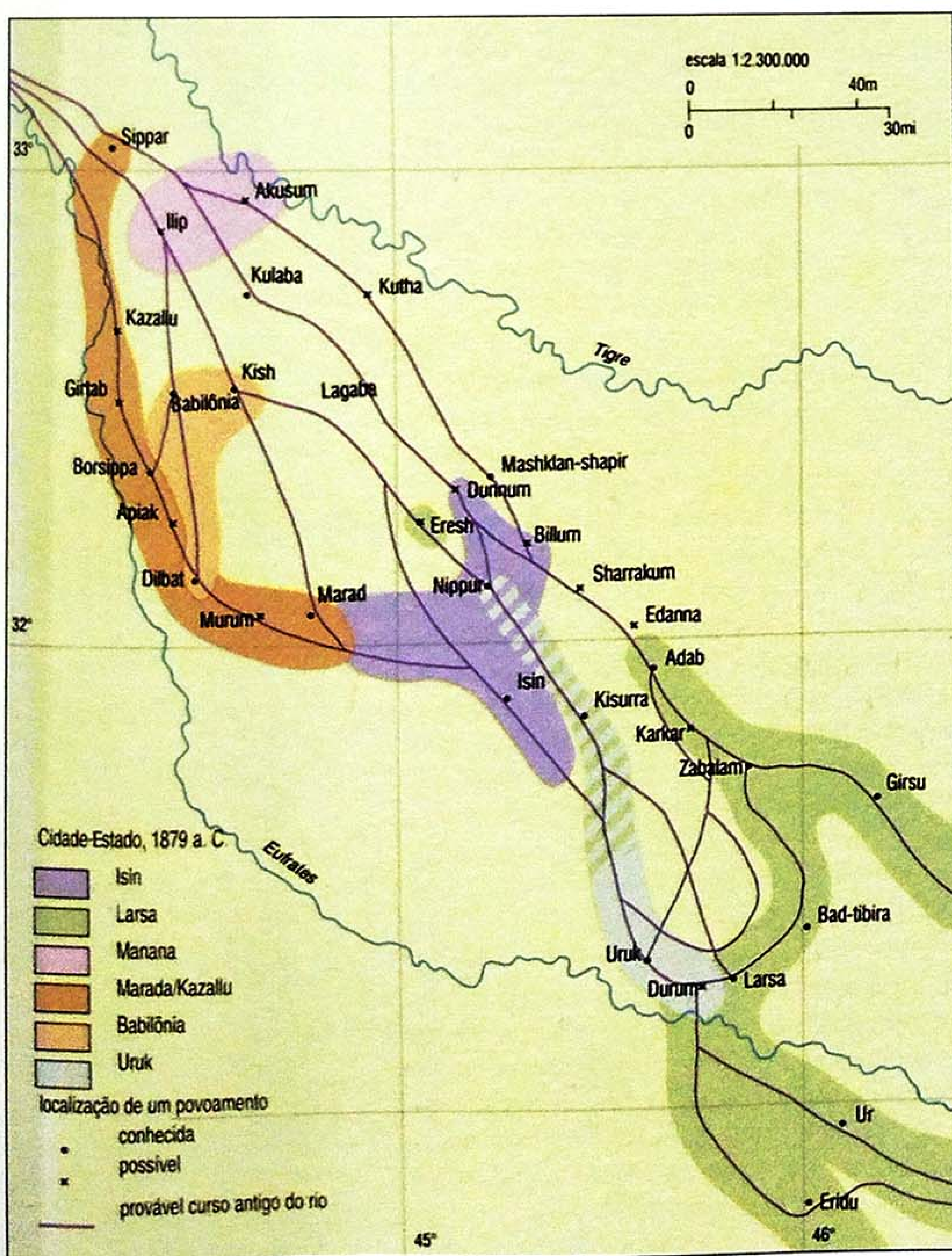
A população das terras centrais da Mesopotâmia continuou a ser na sua maioria suméria e acadiana, embora a maior parte dos reis tivessem nomes amorreus. Foi uma época em que a fortuna política era incerta. Um líder carismático era capaz de exercer controle sobre muitos outros Estados, mas, se um governante menos hábil o sucedesse, esses Estados vassalos escolhiam outro líder. Esta caótica situação fica resumida em uma carta de 1770 a.C., aproximadamente, em que se dá conta de um discurso destinado a persuadir as tribos nômades a reconhecerem a autoridade de Zimri-Lim de Mari.

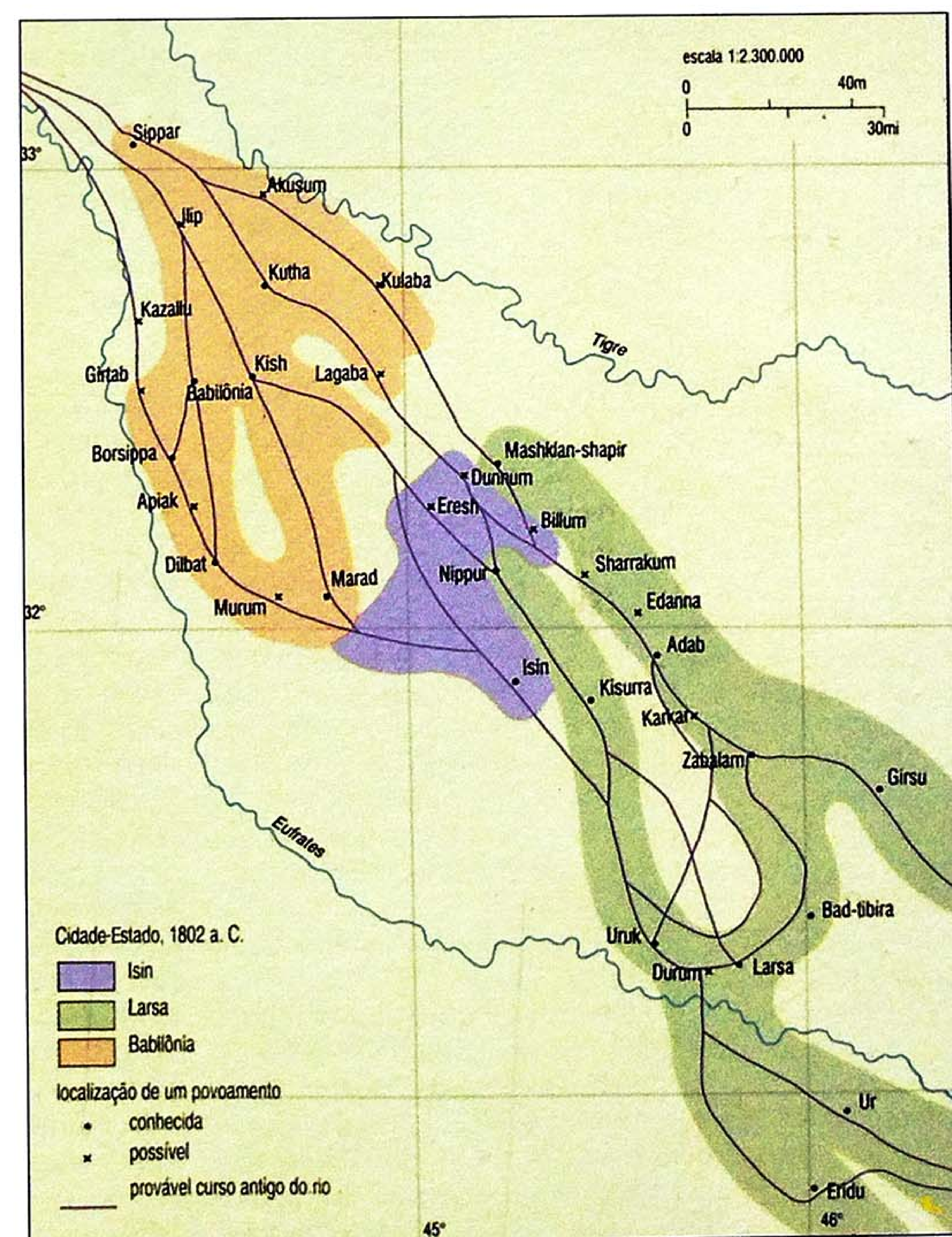
As cidades-Estados da época Isin-Larsa

Depois da queda da terceira dinastia de Ur, as cidades meridionais da Mesopotâmia entraram em competição aberta. O êxito correspondeu em primeiro lugar a Isin, depois a Larsa e finalmente a Babilônia. Estes mapas se baseiam nos trabalhos de Douglas Frayne, que deduziu as áreas que cada cidade-Estado controlava a partir dos nomes dos anos usados em diferentes cidades. As cidades sobre as faltam provas não foram incluídas nas zonas sombreadas dos mapas, e estes são, em certa medida, incompletos. Mas apesar disso refletem vivamente as contínuas lutas das cidades-estados da época.


escala 1:2.300.000
0 40m
0 30mi
Sippar
Akusum
Ilip
Kutha
Kulaba
Kazallu
Kish
Lagaba
Girtab
Babilônia
Tigre
Borsippa
Mashklan-shapir
Dunnum
Apiak
Eresh
Billum
Dilbat
Marad
Nippur
Sharrakum
Murum
Edanna
Adab
Isin
Kisurra
Karkar
Zabalam
Girsu
Eufrates
Bad-tibira
Uruk
Durum
Larsa
Ur
Eridu
33°
32°
45°
46°
Cidade-Estado de Isin 1990 a. C.
Cidade-Estado, 1936 a. C.
Isin
Larsa
localização de um povoamento
conhecida
possível
provável curso antigo do rio


escala 1:2.300.000
0 40m
0 30mi
Sippar
Akusum
Ilip
Kutha
Kulaba
Kazallu
Kish
Lagaba
Girtab
Babilônia
Tigre
Borsippa
Mashklan-shapir
Dunnum
Apiak
Eresh
Billum
Dilbat
Marad
Nippur
Sharrakum
Murum
Edanna
Adab
Isin
Kisurra
Karkar
Zabalam
Girsu
Eufrates
Bad-tibira
Uruk
Durum
Larsa
Ur
Eridu
33°
32°
45°
46°
Cidade-Estado, 1910 a. C.
Isin
Larsa
Manana
Marad/Kazallu
localização de um povoamento
conhecida
possível
provável curso antigo do rio


escala 1:2.300.000
0 40m
0 30mi
Sippar
Akusum
Ilip
Kulaba
Kutha
Kazallu
Kish
Lagaba
Girtab
Babilônia
Tigre
Borsippa
Mashklan-shapir
Dunnum
Apiak
Eresh
Billum
Dilbat
Marad
Nippur
Sharrakum
Murum
Edanna
Adab
Isin
Kisurra
Karkar
Zabalam
Girsu
Eufrates
Bad-tibira
Uruk
Durum
Larsa
Ur
Eridu
33°
32°
45°
46°
Cidade-Estado, 1879 a. C.
Isin
Larsa
Manana
Marada/Kazallu
Babilônia
Uruk
localização de um povoamento
conhecida
possível
provável curso antigo do rio


escala 1:2.300.000
0 40m
0 30mi
Sippar
Akusum
Ilip
Kutha
Kulaba
Kazallu
Kish
Lagaba
Girtab
Babilônia
Tigre
Borsippa
Mashklan-shapir
Dunnum
Apiak
Eresh
Billum
Dilbat
Marad
Nippur
Sharrakum
Murum
Edanna
Adab
Isin
Kisurra
Karkar
Zabalam
Girsu
Eufrates
Bad-tibira
Uruk
Durum
Larsa
Ur
Eridu
33°
32°
45°
46°
Cidade-Estado, 1802 a. C.
Isin
Larsa
Babilônia
localização de um povoamento
conhecida
possível
provável curso antigo do rio

"Não há rei que possa ser poderoso por si, dez ou 15 reis seguiram Hamurábi, o babilônio; outros tantos seguiram Rim-Sin, o de Larsa, Ibal-pi-El, o de Eshnunna, Amur-pi-El, o de Qatna, e 20 reis seguiram Yarim-Lim, o de Yamhad."

A luta pelo controle do Sul da Mesopotâmia reflete-se nos nomes dos anos deste período. Se o nome do ano dado pelo governante de uma cidade era utilizado em outra, era um indício da sua subordinação à primeira. Da mesma forma, um rei que restaurava um templo ou designava um ou vários sacerdotes em outra cidade, manifestava o seu domínio sobre esta. No entanto, embora seja este o padrão geral, as provas não são em certas ocasiões confiáveis e a localização das cidades é incerta. Por exemplo, alguns especialistas identificaram a cidade de Eresh com a povoação de Abu Salabikh, enquanto outros situavam Eresh 90 quilômetros mais ao sul. Por acréscimo, existe a possibilidade de que batalhas registradas como vitórias fossem, na realidade, pouco decisivas, ou de que a captura de uma cidade não fosse seguida por um período de governo, ou de que as manifestações de soberania de algumas inscrições reais fossem exageradas.

A prosperidade das cidades do Sul dependia não apenas da aptidão diplomática ou militar dos seus governantes, mas do seu potencial econômico. O comércio e a indústria eram importantes, mas menos vitais para a cidade que a abundante e segura provisão de água. Na sua maior parte provinha do Eufrates, cujas águas fluíam por canais ligados entre si, como atualmente. O curso do Eufrates mudou muito durante os séculos, mas os antigos canais podem ser traçados em parte com a ajuda da localização das povoações primitivas.

Reis da Mesopotâmia e Elam 2000-1600 a.C. aprox.

	ISIN	LARSA	URUK
	Ishbi-Erra 2017-1985	Naplanum 2025-2005	
2000		Emisum 2004-1977	
	Shu-ilishu 1984-1975		
	Iddin-Dagan 1974-1954	Samium 1967-1942	
	Ishme-Dagan 1953-1935	Zabaya 1941-1933	
	Lipit-Ishtar 1934-1924	Gungunum 1932-1906	
	Ur-Ninurta 1923-1896		
1900	Bur-Sin 1895-1874	Abisare 1905-1895	
	Lipit-Enlil 1873-1869	Sumuel 1894-1866	
	Erra-imitti 1868-1861	Nur-Adad 1865-1850	Sin-kashid
	Enlil-bani 1860-1837	Sin-iddinam 1849-1843	Sin-eribam
	Zambiya 1836-1834	Sin-eribam 1842-1841	Sin-gamil
	Iter-pisha 1833-1831	Sin-igisham 1840-1836	Anam
	Urdukuga1830-1828	Silli-Adad 1835	Irdanene
	Sin-magir 1827-1817 1800	Warad-Sin 1834-1823	Rim-Anum
1800	Damiq-ilishu 1816-1794	Rim-Sin I 1822-1763	Nabi-ilishu
	1794	1763	1802
		Rim-Sin II 1740-1736	
1700			
1600			

A ascensão de Isin

Durante os primeiros 70 anos do século XX a.C., Isin dominou o sul. Isbi-Erra (2017-1985 a.C.) fundou a dinastia com o remanescente do reino de Ur. Depois, durante o seu reinado, expulsou os elamitas de Ur, enquanto o seu filho e sucessor Shu-Ilishu (1984-1975 a.C.) recuperou a estátua de Nanna, deus principal de Ur, que tinha sido roubada pelos elamitas e levada para Anshan. Shu-Ilishu adotou o título de rei de Ur e reclamou para si um estatuto divino. Como importante centro religioso situado entre vários reinos, Nippur foi sempre objeto de disputa. Em meados do século XIX, Isin perdeu Nippur depois da sua queda nas mãos de um invasor desconhecido. No sudeste, Zabaya (1941-1933 a.C.), que se descrevia como chefe amorreu, reconstruiu o templo de Shamash em Larsa. Na Lista Real, a dinastia de Larsa remonta à terceira dinastia de Ur, mas Zabaya (ou talvez o seu pai) foi o primeiro da dinastia em deixar evidências do seu governo. Zabaya foi sucedido por seu irmão Gungunum (1932-1906 a.C.), que estendeu o reino de Larsa em sucessivas campanhas contra Susa, onde foi encontrada uma tabuinha com um epônimo seu, e possivelmente controlava Nippur.

Comércio no Golfo Pérsico

No oitavo ano do seu reinado, Gungunum apoderou-se de Ur e adquiriu o controle sobre o poderoso comércio com o Golfo Pérsico iniciado no período dinástico prematuro. Os Estados de Dilmun, Magan e Meluhha ficavam nas rotas comerciais marítimas que passavam pelo Golfo Pérsico. Dilmun incluía provavelmente as ilhas de Failaka (na cabeceira do Golfo Pérsico) e Bahrein (a dois dias de distância rumo ao sul), juntamente com a costa oriental da Arábia Saudita. Magan, com as provas encontradas nas povoações de manufaturadores de cobre do terceiro milênio, foi identificada com Omã, enquanto Meluhha fazia parte da civilização de Harappa ou do vale do Indo. No período dinástico prematuro, Dilmun fornecia madeira de construção a Ur-Nanshe de Lagash, e certos textos posteriores de Lagah mencionam a importação de mineral de cobre e a exportação de lã, tecido, prata, sebo e resina. Sargão (2334-2279 a.C.) orgulhava-se de que as embarcações de Dilmun, Maan e Meluhha atracassem nos molhes de Agade, e o filho Manishtushu (2269-2255 a.C.) e o neto Naram-Sin (2254-2218 a.C.) reivindicam a conquista de Magan e de terem trazido dali pedras preciosas. As estátuas de diorito de Manishtushu e de Gudéia, o governante de Lagash, demonstram a existência de contatos entre a Mesopotâmia e Omã. As inscrições de Gudéia também falam de cobre, diorito e madeira provenientes de Magan, assim como de madeira de construção, ouro, estanho, lápis-lazúli e pedra vermelha, provavelmente cornalina, de Meluhha. Certas inscrições de Ur mostram que o comércio estava a cargo de mercadores financiados pelo templo de Nanna de Ur, e que era praticado sobretudo com Magan, que também servia de centro intermediário para as mercadorias de Meluhha.

Depois do colapso da terceira dinastia de Ur, as tabuinhas de Ur da época do reinado de Gungunum e dos seus sucessores dão conta de que o comércio já não era controlado por uma administração central burocratizada, estando nas mãos de cidadãos ricos que recebiam um lucro fixo em troca do capital que forneciam.

O templo da cidade e o palácio também exigiam um dízimo. Os mercadores eram conhecidos pelo nome de *alik Dilmun*, por causa do nome do principal porto comercial, aonde também chegavam as mercadorias pro-

Abaixo: Uma jarra de cerâmica, proveniente de Larsa, que data do segundo milênio a.C. É decorado com figuras gravadas e com diminutos relevos de uma deusa nua Inanna/Ishtar. As figuras são provavelmente símbolos dos deuses. É possível que a tartaruga e os peixes fossem associados ao deus da água Enki/Ea, o touro com barba ao deus do tempo Adad, e os pássaros ao deus mensageiro Papsukkal. Altura: 26,3 cm.



Não estão incluídos todos os soberanos. A ordem de sucessão e as datas são incertas. As datas ao final de cada coluna de nomes indicam quando termina a dinastia.

BABILÔNIA

Sumu-abum 1894-1881
Sumu-la-El 1880-1845
Sabium 1844-1831
Apil-Sin 1830-1813
Sin-muballit 1812-1793
Hammurabi 1792-1750
Samsu-iluna 1749-1712
Abi-eshuh 1711-1684
Ammiditana 1683-1647
Ammisaduga 1646-1626
Samsuditana 1625-1595
1595

ESHNUNNA

Ituriya
Ilshu-iliya
Nur-ahum
Kirikiri
Bilalama
Azuzum
Ipiq-Adad I
Shiqlanum
Abdi-Erah
Belakum
Warassa
Ibal-pi-El I
Ipiq-Adad II
Naram-Sin
Dadusha
Ibal-pi-El II
1762

ELAM

Kindattu
Idaddu
Tan-Ruhuratir
Ebarti
Idattu
Ebarat
Shilhaha
Addahushu
Shiruktuh
Shimut-wartash
Siwepalarhuhpak
Kuduzulush
Kuk-nashur

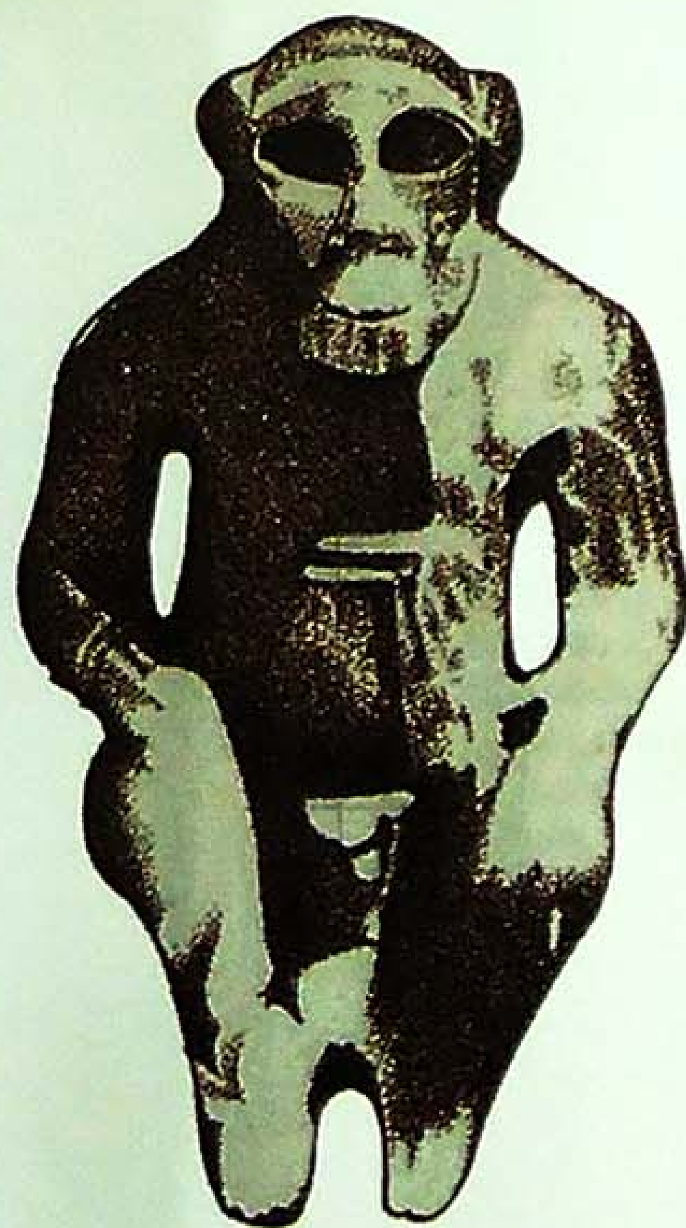
ASSUR

Puzur-Ashur I
Shalimahu
Ilu-shumma
Erishum I
Ikunum
Sargão I
Puzur-Ashur II
Erishum II
Shamshi-Adad I c. 1813-1781
Ishme-Dagan

MARI

Yaggid-Lim
Yahdun-Lim
Yasmah-Adad 1796-1780
Zimri-Lim 1779-1757
1757

2000
1900
1800
1700
1600



Acima: Esta estatueta de alabastro representando um macaco foi encontrada no templo de Ishtar Kititum, da época de Isin-Larsa, em Neribtum (Tell Ishchali), a leste do Rio Dilava. Os macacos não eram originários do Oriente Médio, mas eram muito comuns na Índia e no Egito. A figura combina traços de homem e de macaco, talvez porque o artista não tinha conhecimentos de primeira mão sobre o animal. Altura: 8 cm.

Acima, à direita: Colar da época tardia da dinastia primitiva, encontrado em um túmulo da necrópole de Kish. O lápis-lazúli provinha do Norte do Afeganistão. As contas alargadas de cornalina gravadas, decoradas com bandas brancas, eram típicas da civilização de Harappan.

venientes do Extremo Oriente. A atividade básica dos mercadores mesopotâmicos era a importação de cobre. Um texto informa de que em uma ocasião recebeu-se em Dilmun o equivalente a mais de 18 toneladas de cobre. Também se importavam artigos de luxo, ouro, lápis-lazúli, contas, marfim e "olhos de peixe", que foram identificados com as renomadas pérolas do Golfo Pérsico. Em compensação, exportava-se prata, azeite, tecidos e cevada.

Nas escavações no Bahrein e em Failaka foram encontradas provas da existência de uma civilização florescente nos primeiros séculos do segundo milênio. Esta cultura caracterizava-se pela cerâmica vermelha de Barbar, pelos numerosos túmulos funerários e por alguns sinetes muito particulares. Também se encontrou cerâmica de Barbar no Este da Arábia Saudita e no Qatar, testemunho talvez da extensão de Dilmun. Havia aproximadamente 200.000 túmulos na ilha de Bahrein e encontraram-se outros em terra firme. Alguns dos escavados mais recentemente continham cerâmica local de Barbar e cerâmica do tipo do da cultura de Harappan, no vale do Indo. Também em Omã e nos Emirados Árabes Unidos foram encontradas importações de Harappan. O reverso dos selos encontradoos tem forma arredondada ou cônica, com gravações em estilo muito particular. Conhecidos como "selos do Golfo Pérsico", eram típicos da cultura de Barbar, mas também foram encontrados em Susa, no planalto iraniano e no Sul da Mesopotâmia. Até se encontrou um no povoado de Harappan de Lothal, na Índia. O estilo destas gravações aparece também nas impressões de um selo proveniente de Acemhuyuk, na Turquia, no outro extremo da rota da prata. No Bahrein usavam-se pesos do estilo de Harappan e foram encontrados selos do estilo



do vale do Indo no Bahrein, Failaka, Ur e Eshnunna. No Sul da Mesopotâmia foram achadas contas típicas de Harappan que datam do período de Agade.

A relação entre a cronologia da Mesopotâmia e a da Índia é difícil de estabelecer. Foi datada o fim da cultura de Harappan entre 2000 e 1700 a.C., mas ainda não foi determinado como as modificações nos esquemas de comércio no Golfo Pérsico, do ponto de vista mesopotâmico, puderam influenciar os acontecimentos de uma região situada a mais de 2.500 km, no vale do Indo.

Decadência de Isin

Enquanto, do sul, Gungunum usurpava o trono, outros soberanos amorreus apoderaram-se da Babilônia, Kish, Kazallu, Marad e Malgium, no Sul da Mesopotâmia. Até Uruk, a 20 km de Larsa, passou a ser sede de uma dinastia amorréia que controlou Nippur por algum tempo, até 1880 a.C.

Cercado ao norte e ao sul, o reino de Isin ficou limitado à área central da planície aluvial, apesar de ter conseguido formas de sobreviver durante um século. A linhagem de Ishbi-Erra foi expulsa por um usurpador e, 60 anos depois, outro rei de Isin foi substituído em circunstâncias que são descritas em uma crônica babilônica tardia.

"Erra-imitti, o rei, entronizou Enlil-bani, o jardineiro, como seu sucessor no trono. Colocou a tiara real sobre a sua cabeça. Erra-imitti (morreu) no seu palácio quando bebeu um gole de caldo quente. Enlilbani, que ocupou o trono, não cedeu e assim se converteu no rei".

Como se sabe, desde época assíria tardia, se um augúrio predizia infortúnio a um rei, designava-se um rei suplente a quem era dada morte imediata. A predição era, assim, cumprida e o verdadeiro rei podia continuar no trono. Neste caso parece que o estratagema não saiu como planejado por Erra-imitti, já que, em vez de ser assassinado, Enlilbani (1860-1837 a.C.) reinou durante 24 anos e até se divinizou.

Larsa, a grande rival de Isin

Em Larsa, o plebeu Nur-Adad apoderou-se do trono em 1865 a.C., em meio a crescente descontentamento, fomentado talvez pelos problemas no fornecimento de água na cidade Sin-Kashid, o rei de Uruk, casado com a filha de Sumu-la-El, rei da Babilônia, manteve a sua independência de Larsa e bloqueou a comunicação direta pelo Eufrates entre Larsa e Nippur. O domínio sobre esta cidade passava continuamente das mãos de Larsa para as de Isin, como o indicam as mudanças nos nomes dos anos. Os documentos de Nippur levam o nome de anos de Larsa em 1838, 1835, 1832 e 1828, e de anos de Isin em 1836, 1833, 1830 e durante alguns anos entre 1813 e 1802.

Durante este período, Kudur-Mabuk, o soberano de Emutbal (a região ao este do Tigre entre Eshnunna e Elam), nomeou o filho Warad-Sin (1834-1823 a.C.) rei de Larsa e a filha sacerdotisa *entu* de Nana em Ur (habitualmente prerrogativa dos reis de Acádia e Suméria). Kudur-Mabuk e Warad-Sin embarcaram em um ambicioso projeto de restauração dos templos de Ur, Larsa, Zabalam, Mahkan-shapir, Nippur e outros. Kudur-Mabuk chamava-se a si mesmo pai de Emutbal e pai de Amurru, designações ambas de grupos tribais amorreus (embora o seu nome e o do seu pai sejam elamitas). Os seus dois filhos, Warad-Sin e Rim-Sin, tinham nomes acadianos, mas o da filha era sumério. Esta mistura reflete a composição da população da Mesopotâmia assim como as dificuldades para determinar a origem étnica a partir dos nomes próprios.

Rim-Sin (1822-1763 a.C.), sucessor de seu irmão Warad-Sin, desfrutou de um dos reinados mais longos da história da Mesopotâmia. Em 1804 a.C., Rim-Sin derrotou um exército de coligação de Uruk, Isin, Babilônia e Rapiqum, e dos nômades de Sutu e pôs fim à independência de Uruk. Em 1794 a.C., o vigésimo nono ano do seu reinado, conquistou Isin e acabou com a primeira dinastia de Isin. Tão impressionado ficou com a sua vitória, que chamou aos outros anos do seu longo reinado de "ano I da conquista de Isin" a "ano 30 da conquista de Isin", data em que foi derrotada por Hamurábi, um rei da Babilônia cuja fama eclipsou a de Rim-Sin.

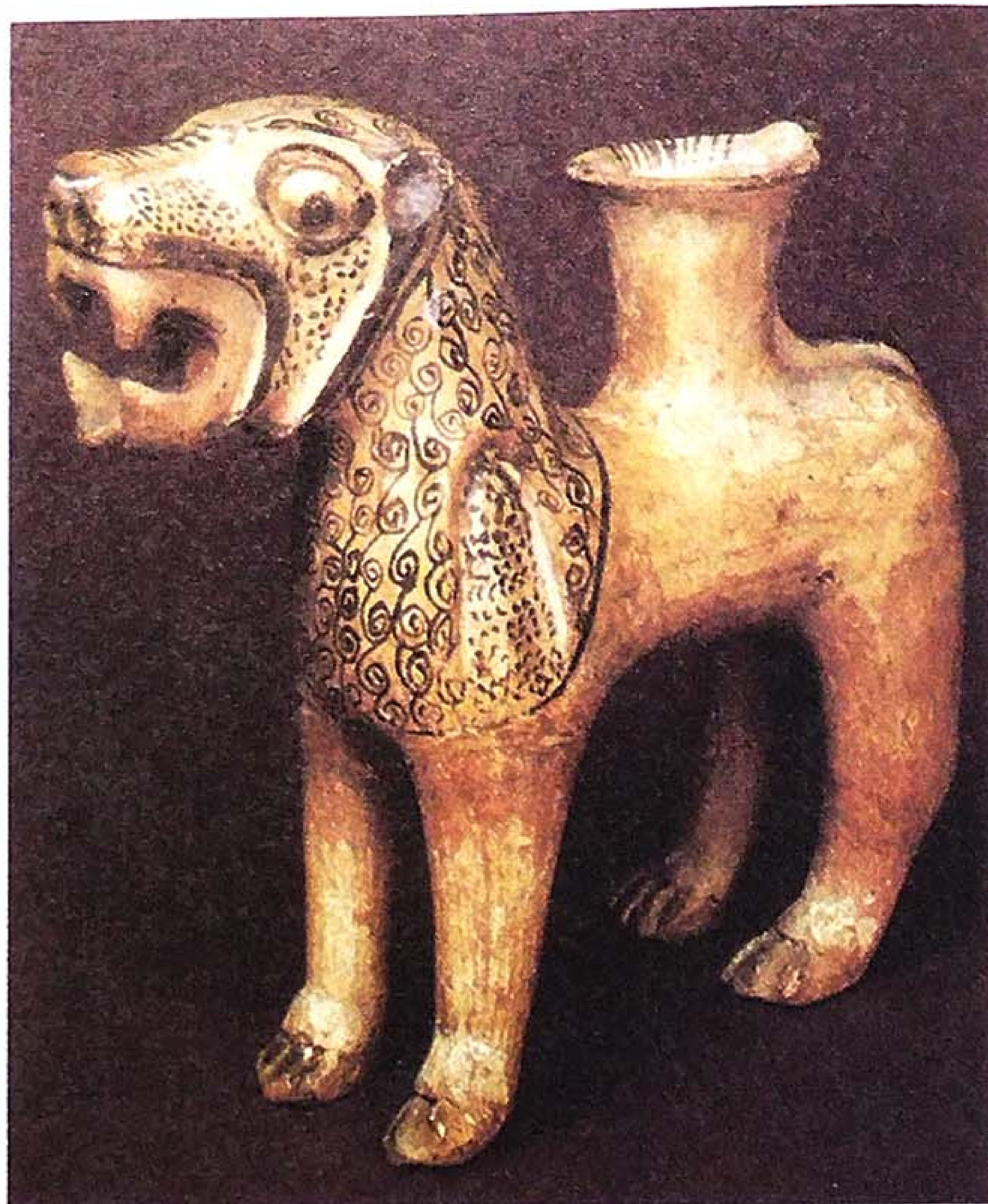
Os azarados avatares de Assur

Mais ao norte, a povoação de Assur está encravada num promontório rochoso que domina uma importante passagem do Tigre, no limite da área da agricultura de sequeiro. A sua posição fez dela sempre vulnerável às incursões dos pastores nômades das estepes. Além disso, encontrava-se nas importantes rotas comerciais do Tigre e ao longo das colinas de Jebel Hamrin e de Jebel Sinjar. Mas, devido à escassez de terras cultiváveis e de recursos humanos, as possibilidade de se tornar capital de um império eram mínimas. Quando os soberanos de Assur dominaram mais territórios, a sede do poder foi transferida para regiões mais ricas, quer nas planícies de Habur (sob Shamsi-Adad I), quer na área que rodeava Nínive (na época assíria tardia, IX-VII a.C.).

Nas primeiras épocas Assur tinha sido um posto avançado das influências meridionais, como provam as estátuas da dinastia antiga e as inscrições dos reis de Agade ali encontradas. Um dos níveis mais antigos do templo de Ishtar continha uma inscrição de Zariqum, governador de Assur sob o reinado de Shulgi e Amar-Sin e outra de um soberano nativo chamado Ilushumma, que também aparece na Lista dos Reis Assírios redigida no primeiro milênio a.C. Depois de 29 reis, de quem se diz que viveram em tendas e dos antepassados amorreus de Shamsi-adad, aparecem os seguintes reis com nomes acadianos: Puzur-Ashur I, Shalimahu, Ilushumma, Erishum I, Ikunum, Sharrum-ken (Sargão I) e Puzur-Ashur II. As datas são, contudo, incertas. Uma crônica posterior apresentava Ilu-Shumma como contemporâneo de Sumu-abum (1894-1881 a.C. aproximadamente), primeiro rei da Babilônia, e segundo a Lista dos Reis Assírios, Puzur-Ashur 11 foi rei de Assur antes de Naram-Sin de Eshnunna. Há poucas provas arqueológicas da cidade de Assur neste período e estão enterradas a grande profundidade sob as ruínas dos edifícios posteriores. A 800 km de distância, na Anatólia central, foram encontradas, entre milhares de tabuinhas pertencentes a uma colônia de mercadores assírios estabelecida em Kanesh, uma cópia de uma inscrição monumental de Erishum I e uma breve decisão com a implantação de um selo de Sargão I.

Comércio assírio com a Anatólia

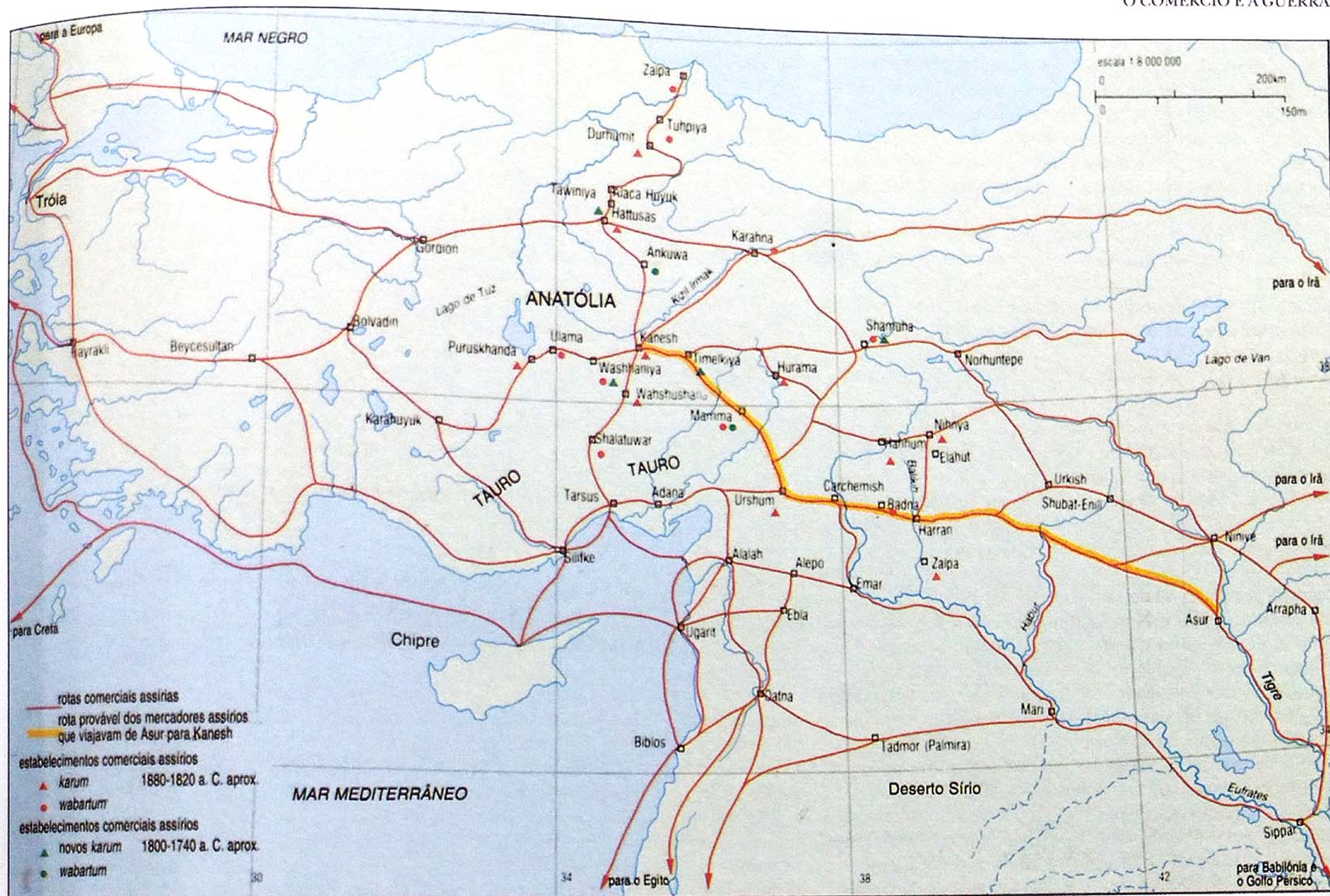
As escavações no karum, o subúrbio de mercadores fora da muralha da cidade de Kanesh, comprovaram a existência de comércio com Assur durante três gerações (sessenta anos), de Erishum a Puzur-Ashur II (1880-1820 a.C. aproximadamente) e depois com Shamsi-Adad e Samsu-iluna (1800-1740 a.C., aproxima-



À esquerda: Jarra de cerâmica pintada com forma de leão, proveniente da colônia comercial de Kanesh, na Turquia. Provavelmente usavam-se jarras deste tipo para as libações dedicadas aos deuses. Enchia-se pela abertura do dorso e o líquido saía através de um orifício feito no nariz do leão. Os mercadores residentes em Kanesh provinham de Assur e outras cidades, mas as suas casas, a cerâmica e outros utensílios eram os mesmos dos habitantes nativos.

Abaixo: Estatueta de bronze de Warad-Sin, rei de Larsa, encontrada em Girsu, transportando uma cesta sobre a sua cabeça. Embora os seus antepassados não fossem nativos do Sul da Mesopotâmia, ele, tal como outros soberanos do período, adotaram as tradições da Suméria e Acádia e restauraram os antigos templos. A figura é praticamente igual às enterradas nos depósitos dos alicerces pelos reis da terceira dinastia de Ur quase 300 anos antes.





A Anatólia e o comércio com a antiga Assíria
As tabuinhas encontradas em Kanesh (a moderna Kultepe), na Anatólia, descrevem uma extensa rede comercial que começava em Asur e conduzia através do Tauro até Kanesh, onde estava estabelecida uma colônia comercial ou *karum*. Existiam mais *karum* e outros estabelecimentos menores chamados *wabartum* no altiplano da Anatólia e no Norte da Mesopotâmia. A maior parte das tabuinhas foi escrita entre 1880 e 1820 a.C., e o restante, entre 1800 e 1740 a.C. No período final, classificam-se como *karum* vários povoados novos, mas não são mencionados muitos *wabartum*. Kanesh e Hattusas são os únicos postos comerciais que podem ser assinalados com exatidão, mas não é segura a situação de outros *karum* e *wabartum* indicados no mapa.

damente), que reinaram contemporaneamente. Foram achadas mais de 10.000 de época remota, mas menos de 200 do período final.

Tecidos de lã e um metal chamado *annakum* eram transportados no lombo de burros pelas extensas planícies do Norte da Mesopotâmia, através das montanhas do Tauro, até Kanesh, de onde eram distribuídos para outros postos comerciais. O *annakum* decerto era estanho, um componente básico do bronze que tinha substituído o cobre arsenical usado antes. De acordo com textos ligeiramente posteriores de Mari e Sippar, o *annakum* era trazido de Elam para Mari e comercializado no Oeste. É de pressupor que os elamitas importavam o estanho de regiões mais orientais, já que não foram encontrados restos de minas nem jazidas de estanho em Elam. O registro das mercadorias comercializadas no Golfo Pérsico entre Dilmun e Ur inclui o *annakum*. No entanto, alguns textos encontrados em Shusharra, nas montanhas do Este da Assíria, fazem pensar que o *annakum* era trazido do planalto iraniano, ou talvez do Afeganistão, onde se acredita que minas de estanho eram exploradas desde o terceiro milênio a.C.

Cada asno levava uma carga de cerca de 90 kg, composta de 30 peças de tecido ou de dez peças de tecido e 130 *minas* (65 kg) de estanho, assim como dez *minas* de estanho solto para os gastos e tarifas ocasionais da jornada. Ao deixar Assur era preciso pagar 1/120 do valor das mercadorias ao funcionário *limmu* (que na Assíria dava o nome ao ano). A tarifa de entrada em Kanesh era de 2/65, pagos ao soberano local. Uma partida especialmente grande de mercadorias incluía 350 peças de tecido, transportadas por 14 burros, mas em geral as quantidades consignadas eram muito menores. Estes grandes envios podiam ser resultado de longas caravanas compostas de vários mercadores.

Embora o contrabando fosse uma atividade reconhecida, não parece que os roubos causassem problemas nas travessias longas. De acordo com os textos publicados, aproximadamente um terço dos conhecidos, de Assur a Kanesh foram enviadas cerca de 13,5 toneladas de estanho, 17.500 peças de tecido e 800 carregamentos de asno, o que não representava mais que um décimo do total real. Por sua vez, levava-se a Assur ouro e prata, mas da falta de menção do uso de asnos como animais de carga na viagem de regresso pode-se deduzir que eram em sua maioria vendidos ao chegar à Anatólia. O comércio assírio estava nas mãos de empresas familiares. O cabeça de família vivia em Assur enquanto um dos membros mais jovens exercia o papel de agente comercial residente no *karum* de Kanesh. Normalmente a família financiava a empresa comercial, mas por vezes eram formadas associações para reunir o capital necessário.

Kanesh era o centro do comércio, mas existiam outros nove *karum* em outras cidades, incluindo Hattusas (Boghazkoy), Alishar (Ankuwa possivelmente) e Acemhuyuk (Purukshanda?) e outros dez ou mais estabelecimentos comerciais menores na Anatólia. Eram postos autônomos, governados por um príncipe local a quem eram pagas as tarifas.

Governo e comércio na Anatólia

Entre as populações autóctones da Anatólia, não eram os assírios os únicos habitantes dos *karum*. Viviam na região central e norte da área escavada, separados dos anatólios nativos da região sul por áreas industriais. Os

mercadores assírios participavam do comércio local, além dos negócios de importação e exportação. O cobre era um produto importante; em um dos textos de Kanesh mencionam-se quantidades da ordem das 30.000 *minas* (15 toneladas). Entre os povos com quem os assírios comerciavam encontravam-se os hattianos (povoadores autóctones da Anatólia), hurritas e indo-europeus, com inclusão dos hititas, que falavam um dialeto conhecido depois pelo nome de *neshili* (derivado talvez do nome de Kanesh) e dos luvitas, cuja língua, chamada *luili* nos textos hititas, era de escrita hieroglífica.

As cidades anatólias eram regidas por príncipes cujos nomes eram em geral indo-europeus e que, como na Mesopotâmia, combatiam entre si. Um incêndio destruiu a cidade e o *karum* mais antigo de Karesh (nível II) em 1820 a.C. Um texto hitita incomum escrito 500 anos depois descrevia como Pitkhana, rei de Kussara, conquistou, com o seu filho Anitta, a cidade de Nesa, que talvez fosse Kanesh, e fez dela a sua capital. Derrotou também Zalpa, Puruskhanda, Shalatuwar e Hatti (talvez Hattusas, a capital hitita posterior). Pitkhana e Anitta foram possivelmente responsáveis pela destruição do *karum* do nível II, já que ambos são mencionados nas tabuinhas do período seguinte (nível Ib), e em uma adaga com a inscrição "palácio de Anitta, o príncipe" encontrada em Kanesh.

Entre a época de Anitta e os reis hititas sabe-se pouco da situação na Anatólia. Os soberanos hititas remontavam as suas origens a Labarnas I, rei de Kussara (1650 a.C., aproximadamente). O seu filho, com o nome de Labarnas, transferiu a capital de Kussara para Hattusas, e adotou o nome de Hattusilis. O seu neto e sucessor, Mursilis, conduziu o exército hitita através do Tauro, pelas rotas usadas pelas caravanas de asnos 300 anos antes para destruir os restos do que fora outrora o grande reino de Hamurábi na Babilônia.

O palácio de Eshnunna

Eshnunna, sob o governador Ituriya, foi a primeira província a abalar a terceira dinastia de Ur. O filho de Ituriya, Ilshu-iliya, que tinha sido um escriba de Ibbi-Sin, incorporou o templo construído para o culto a Shu-Sin (o rei divino de Ur) ao novo palácio dos governantes de Eshnunna. O palácio era um exemplo clássico da arquitetura da antiga Babilônia. Incluía um templo com um pátio que conduzia a uma ampla antecâmara e à *cela* (o local onde se colocava a imagem do deus) e a sua planta era de um típico palácio mesopotâmico. A um dos lados do pátio exterior havia uma ampla sala de recepção, e mais adiante um pátio interior com as habitações privadas do soberano. É o mesmo desenho que foi encontrado nos palácios dos últimos reis assírios, mil anos depois.

No final do século XIX a.C., depois de quinze soberanos pouco conhecidos, Naram-Sin, o filho de Ipiq-Adad II, conquistou Assur e estendeu o seu poder até o oeste, nas planícies de Habur. Naram-Sin figura na Lista dos Reis Assírios como se fosse de um soberano nativo da Assíria.

Shamsi-Adad, o conquistador

Segundo a Lista dos Reis Assírios:

"Shamsi-Adad, filho de Ila-kabkabi, chegou à Babilônia em tempos de Naram-Sin. No *limmu* de Ibni-Adad, Shamsi-Adad surgiu da Babilônia e apoderou-se de Ekallatum, e residiu três anos em Ekallatum. Depôs Erishum, filho de Naram-Sin, do trono, apoderou-se do trono e governou 33 anos".

São incertas as origens de Shamsi-Adad, mas possivelmente tratava-se de um amorreu do curso médio do Eufrates, já que, segundo os textos de Mari, um chefe amorreu chamado Ila-kabkabuhu atuou na região de Terqa, a oeste de Mari, nos tempos de Yaggid, T Lim e Yahdun-Lim. Não se sabe como Shamsi-Adad levou a cabo a conquista de Assur, mas é possível que tivesse aproveitado a confusão resultante da invasão de Naram-Sin. Shamsi-Adad também tomou o poder em Mari, arrebatando-o talvez a um usurpador que tinha deposto Yahdun-lim. O filho deste, Zimri-Lim, procurou proteção junto ao sogro, Yarim-Lim, rei de Yanhad, e recuperou o governo de Mari com a morte de Shamsi-Adad. Este último não fez de Assur a sua capital, mas residiu em uma cidade que chamou de Shubat-Enlil, recentemente identificada com a povoação de Tell Leilan. Instalou o seu primogênito, Ishme-Dagan, em Ekallatum e o seu filho mais novo em Mari.

Segundo as suas inscrições, em suas conquistas Shamsi-Adad chegou até o Mediterrâneo:

"Uma estela escrita com o meu grande nome fiz colocar no país de Laban (Líbano) nas margens do Grande Mar."


Não parece que tivesse exercido um controle direto sobre a região ocidental, embora tivesse casado o seu filho Yasmah-Addu com a filha do rei de Qatna. Um texto cuneiforme inclui a lista dos presentes de casamento, entre os quais havia quatro ou cinco talentos de prata (cerca de 200 kg).

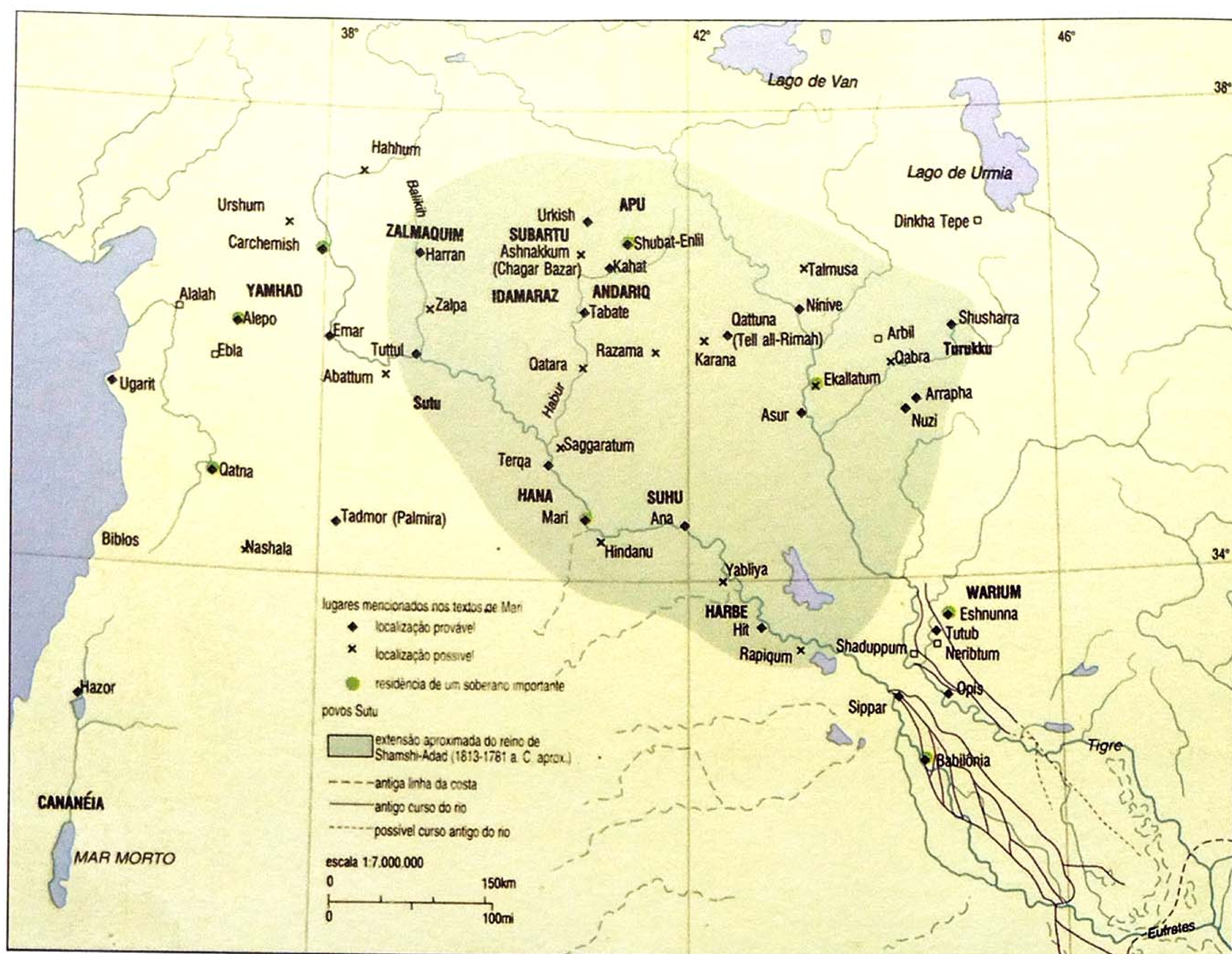
Os domínios de Shamsi-Adad, que se estendiam do Eufrates aos Montes Zagros e, em uma trama de alianças, ainda mais longe, eram de fato controlados pelos seus dois filhos, instalados em Ekallatum e Mari. O mais velho, Ishme-Dagan, herdou o talento do pai, mas parece que seu irmão mais novo, Yasmah-Addu, foi um soberano fraco e incompetente. Em Mari foram encontradas cartas trocadas entre os três, incluindo esta dirigida por Yamah-Addu ao pai:

"Li a carta que (tu) me enviaste, papai, em que me dizias: *Por quanto tempo ainda temos que te sustentar? És uma criança, não és um homem crescido, não tens barba nas tuas faces. Quanto tempo falta ainda para levar os teus assuntos como se deve? Não vês que teu próprio irmão dirige exércitos imensos? A única coisa que deves fazer é guiar os teus assuntos como deve ser!* Foi isto que (tu), papai, me escreveste. Como posso ser uma criança incapaz de dirigir os meus assuntos se (tu), papai, me promoveste? Como pode ter acontecido que, apesar de ter crescido contigo, papai, desde que era pequeno, agora um servidor qualquer ou outras pessoas tenham conseguido afastar-me do afeto do meu pai? Assim dirijo-me ao teu encontro imediatamente, para tratar contigo, papai, da minha infelicidade."

No flanco oriental de Shamsi-Adad, os soberanos de Eshnunna e de Elam não deixavam de trabalhar. Uma carta dirigida a Shamsi-Adad por um vassalo de Susarra informava-o da presença de um exército de 12.000 homens do soberano elamita Shiruktuh. Dadusha, que sucedeu o irmão Naram-Sin no trono de Eshnunna, reclamou para si a vitória sobre Ishme-Dagan e a conquista de Arbil e de outras cidades na região. Depois da morte do pai, Shamsi-Adad, Ishme-Dagan foi derrotado apesar das certezas que dera ao irmão de que mantinha "em respeito" aos elamitas e o seu aliado Ibal-pil-El, rei de Eshnunna. Shubat-Enlil caiu diante dos elamitas e os exércitos de Elam e Eshnunna combateram no país de Idamaraz, ao norte da Síria. Nessa época Zimri-Lim reconquistou o trono de Mari, à frente do qual se manteve até pouco antes de Mari ter sido definitivamente arrasada por Hamurábi em 1757 a.C.

À direita: A colônia de mercadores, ou *karum*, de Kanesh ficava fora das muralhas da cidade. Aqui residiam os mercadores assírios em casas de arquitetura local e usavam a cerâmica autóctone. Se não fossem os milhares de tabuinhas de argila que recolhem informação sobre as relações comerciais dos assírios, não se teria suspeitado da presença deles tão longe da sua cidade. No *karum* viviam também mercadores de outras cidades da Mesopotâmia e da Anatólia. Ainda se podem ver as pedras dos alicerces das casas do *karum* e os atalhos entre eles, embora tenham sido escavados já há alguns anos.





O mundo das cartas de Mari
As tabuinhas de argila encontradas em Mari oferecem uma detalhada visão da vida no palácio e no restante da cidade nos séculos XIX e XVIII a.C. Nos textos publicados mencionam-se mais de 400 nomes de lugares, mas somente uma parte deles pode ser identificada com segurança. Esse foi o período em que Shamshi-Adad I (1813-1781 a.C., aproximadamente) criou do nada um reino que incluía quase todo o Norte da Mesopotâmia. Da sua capital em Shubat-Enlil, instalou um dos seus filhos em Ekallatum para governar o leste e o outro, em Mari, para se encarregar da zona sudoeste. Depois da morte de Shamshi-Adad o seu reino caiu. Mari foi destruída por Hamurabi em 1757 a.C. e existe muito pouca informação sobre o Norte da Mesopotâmia nos 300 anos seguintes.

Mari durante o reinado de Zimri-Lim

A destruição de Mari pelas mãos de Hamurábi paradoxalmente a preservou para os arqueólogos. A cidade foi abandonada e as ruínas do palácio de Zimri-Lim, cobertas pelo desmoronamento do piso superior, foram salvas dos construtores posteriores. A entrada do palácio de Mari era voltada para o norte. Um amplo portão conduzia, através de um pequeno pátio, para outro pátio muito maior com um compartimento que podia ser a sala do trono ou um santuário, rodeado por uma ala de degraus de escadas.

As pinturas murais mostram pelo seu estilo que esta parte do palácio foi construída antes de 2000 a.C. e habitada durante mais de 250 anos. Sob o palácio de Zimri-Lim havia outros mais antigos pertencentes aos soberanos da dinastia primitiva de Mari. Na área ocidental havia outro grande pátio, decorado também com pinturas murais. O painel da peça central representa o rei a receber os símbolos de realeza das mãos da deusa Ishtar, e do outro lado aparecem árvores altas, figuras divinas e animais mágicos. No lado sul do pátio havia duas habitações amplas de aproximadamente 25 m de comprimento cada uma. O local exterior continha uma grande estátua de uma deusa agarrando uma jarra, à qual a água chegava através de um orifício na base da estátua. No extremo ocidental da segunda habitação há uma plataforma em que provavelmente se apoiava o trono real, e no extremo oposto, uns degraus conduziam a uma pequena cela. Aos pés das escadas encontrou-se uma estátua derrubada de um soberano anterior de Mari. Ao redor destes alojamentos oficiais havia armazéns, oficinas, cozinhas e salões.

Em Mari foram encontradas mais de 20 mil tabuinhas, das quais foi publicada uma quarta parte que



oferece um retrato detalhado da vida da época. As povoações viviam sob a ameaça constante dos belicosos membros das tribos nômades, alguns dos quais se encontravam integrados no exército, enquanto a outros se oferecia um suborno ou eram encurralados pela força. Os iammitas (chamados por vezes benjaminitas, que significa literalmente "filhos do sul") e os sutus eram os que mais problemas causavam. Também se destacavam os hapirus, um grupo de bandidos. Quando os textos forma decifrados pela primeira vez, sugeriu-se, parece que erradamente, que esses hapiru eram os antepassados dos hebreus.

Os exércitos rivais lutavam entre si com freqüência. Os cercos eram comuns e mencionam-se exércitos com dez ou vinte mil homens. Os carros a cavalo, que dominaram as campanhas dos milênios seguintes apareceram pela primeira vez no início do segundo milênio a.C. O cavalo tinha sido domesticado havia mais de dois mil anos na Rússia, e nos estratos do Calcolítico e da Idade do Bronze foram encontrados restos de ossos em Israel e Turquia. Há referências ocasionais a cavalos nos textos escritos antes de 2000 a.C., mas os cavalos não se tornaram animais comuns até alguns séculos depois, quando são encontrados no Oriente Médio, no Egito e na Europa. A princípio os cavalos eram montados como os asnos, e controlados com anéis nasais como se fossem bois. Contudo, o desenvolvimento do freio (um pouco antes de 1700 a.C.) e a introdução das rodas radiais, rápidas e sólidas fizeram dos carros de cavalos uma formidável arma de guerra.

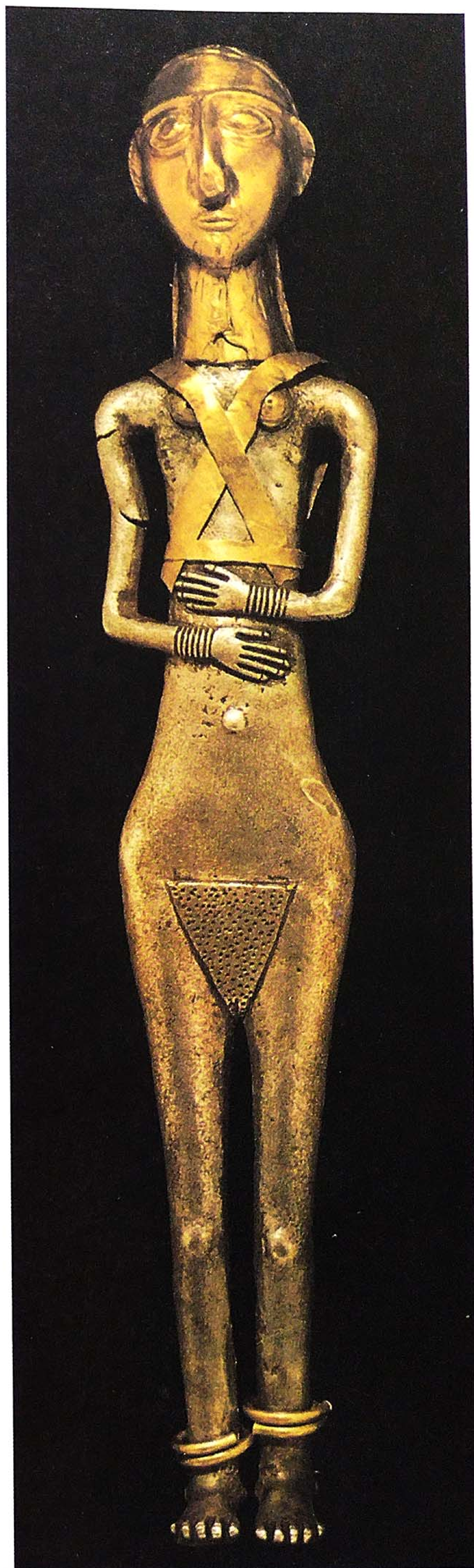
As informações sobre a vida no palácio de Zimri-Lim são muito pormenorizadas, já que o rei mantinha correspondência com os seus funcionários sobre os assuntos mais variados: um leão foi capturado no telhado de uma casa e enviado em uma jaula de madeira a Zimri-Lim; era preciso consertar as margens de um canal; uma praga de gafanhotos chegou a Terqa e o governador os capturou e enviou ao rei. Em outra carta, Zimri-Lim escreve à sua esposa, prevenindo-a contra uma epidemia na família:

"Disseram-me que Narina sofria de uma doença e que, como está muitas vezes no palácio, contagiaria todas as mulheres que estão com ela. Dê, portanto, ordens estritas. Que ninguém beba da taça que ela usar; que ninguém se sente no assento que ela emprega; que ninguém se deite no leito que ela usa para que não se contagiem todas as mulheres que estão com ela. É uma doença muito contagiosa".

O rei possuía uma geleira onde armazenava o gelo trazido das montanhas para resfriar as bebidas nos meses de verão. As tabuinhas também nos informam da comida e bebida servidas na mesa real e das tarefas dos serventes palacianos, que incluíam trabalhos de tecidos, tapetes e metal. Fiar, tecer, cozinhar, cantar e tocar instrumentos musicais eram atividades desempenhadas pelas mulheres, mas havia também mulheres escribas e até uma mulher médica.

Não é de estranhar que a religião desempenhasse um papel importante. Regularmente celebravam-se rituais religiosos, oferendas aos deuses, recitações e salmos durante os festejos, e cerimônias para aplicar os espíritos dos mortos. Antes de tomar qualquer decisão com conseqüências consultavam-se os auspícios, o mais comum dos quais era o exame do fígado de uma ovelha previamente sacrificada. Esta ciência era muito desenvolvida, e mil características do fígado davam origem a diferentes prognósticos. Em Mari foram encontrados modelos de fígados feitos com argila, gravados com predições deste tipo, que provavelmente foram

À esquerda: Miniatura de argila de um carro que pode ser originário do Norte da Síria. É semelhante aos carros que aparecem nas impressões dos selos cilíndricos de Kanesh, e data provavelmente do século XX a.C. A introdução dos carros ligeiros com um tiro de dois cavalos transformou a arte da guerra no Oriente Médio. As marcas nas rodas do carro podem representar os raios. Os carros mais antigos, puxados por asnos, tinham rodas compactas de madeira. Altura: 19,6 cm.



À direita: Esta estatueta feminina de prata tem a cabeça, o pescoço e o peito cruzados com bandas de ouro. Parece que procede de um túmulo em Hasanoglan, não muito longe de Ancara, na Turquia, e que data de 2000 a.C. aproximadamente. Altura: 20,4 cm.

usados como referências. Um templo bem conservado e o zigurate de Tell dão uma idéia da proeminência da religião na época. Ambos dominam a cidade enquanto o palácio se esconde à sua sombra.

O Levante e Palestina

As tabuinhas de Mari e, em menor medida, as encontradas nas margens do Orontes em Qatna e Alalah clarificaram os acontecimentos na parte ocidental. Os dois reinos principais foram Yamhad, com a sua capital, Alepo e Qatna, mas mencionam-se também cidades como Ugarit e Hazor. No final do terceiro milênio produziu-se uma decadência nos povoados urbanos do Levante e da Palestina. Mas em 2000 a.C., que é considerado o começo da Idade do Bronze, mudou a tendência. Segundo as fontes egípcias da época, no reinado de Amenemhet I (1991-1962 a.C.) o viajante egípcio Sinuhe visitou o território asiático, habitado principalmente por tribos nômades. Contudo, os "textos de execração" da XII dinastia relatam algo de muito diferente. Essas figuras e vasilhas de argila levavam inscrições com os nomes dos rebeldes e dos inimigos do Egito, e eram ritualmente destruídas. Um grupo mais antigo destas incluía os nomes de Jerusalém, Ashkelon, Beth-Shan e Biblos. Outras, cem anos mais recentes, demonstram o florescimento da maior parte das cidades cananéias. Surpreendentemente, não se menciona a cidade de Megido, talvez porque esta mantinha fidelidade ao Egito. Os nomes dos soberanos de quase todas estas cidades eram semitas ocidentais. As listas mais antigas registram mais de um soberano por cidade, mas não as mais recentes, o que pode ser prova da passagem de uma organização tribal para uma urbana.

A arqueologia ajudou a completar este quadro. Aproximadamente depois de 1800 a.C., quase todas as povoações da Idade do Bronze no Levante – incluindo não apenas as grandes cidades, mas também povoações de menos de um hectare de superfície – eram fortificadas. Típica do estilo das fortificações era a alvenaria "ciclópica", que empregava pedras de mais de dois ou três metros de comprimento, e com um peso superior a uma tonelada. Fora da muralha existia um declive empinado, chamado *glacis*, feito de terra e pedras e coberta com uma camada de gesso fino endurecido. Servia provavelmente para evitar que as muralhas fossem cavadas, e como proteção contra aríetes e escadas. Em certo momento as muralhas de Qatna cercaram uma praça de um quilômetro de largura, com plataformas fixa de altura variando entre 12 e 20 m. Os muros da casamata e as portas com câmaras triplas acrescentavam uma proteção adicional.

As escavações em Ebla, Shechem e Hazor revelaram templos com torres-fortaleza (templos de Migdad) que foram o protótipo dos templos da Idade do Bronze tardia que, por sua vez, serviram de modelo do Templo de Salomão.

O Levante era uma área de encontro de influências egípcias e mesopotâmicas, embora faltem provas concretas que relacionem os reinados dos soberanos egípcios com os mesopotâmicos. Em algumas estátuas de Megiddo, Qatna e Ugarit foram encontradas inscrições dos soberanos egípcios do Reino Médio. Os habitantes de Biblos gozavam também de boas relações com os egípcios, escreviam os nomes semíticos dos seus reis com escrita hieroglífica e adotaram o título egípcio de "governador". Quando se deu o colapso do Reino Médio, no início do século XVIII a.C., aumentou a importância das influências provenientes do Norte e do Leste. Um século depois, o Norte do Egito estava em poder dos hiksos, descritos como "os senhores de um país de colinas estrangeiro", estreitamente relacionados com os habitantes da Palestina do período médio III da Idade do Bronze. Talvez a realização mais surpreendente da Palestina deste período médio tenha sido a invenção do alfabeto, cujo uso se estendeu na Idade do Bronze tardia.



À esquerda: Os soberanos semitas de Biblos mantinham estreitas relações com os faraós da XII dinastia de Egito, recebiam presentes suntuosos e adotaram os refinamentos da cultura egípcia. Os túmulos dos soberanos escavados em pedra eram cavados nas escarpas da costa em Biblos. Foram encontrados três intactos com grande número de objetos preciosos. Outros foram saqueados. Este peitoral de ouro provém de um dos túmulos intactos. É decorado com as imagens do deus-falcão egípcio Hórus, mas uma série de detalhes mostra que é de fabricação local. Amplitude: 20,5 cm.

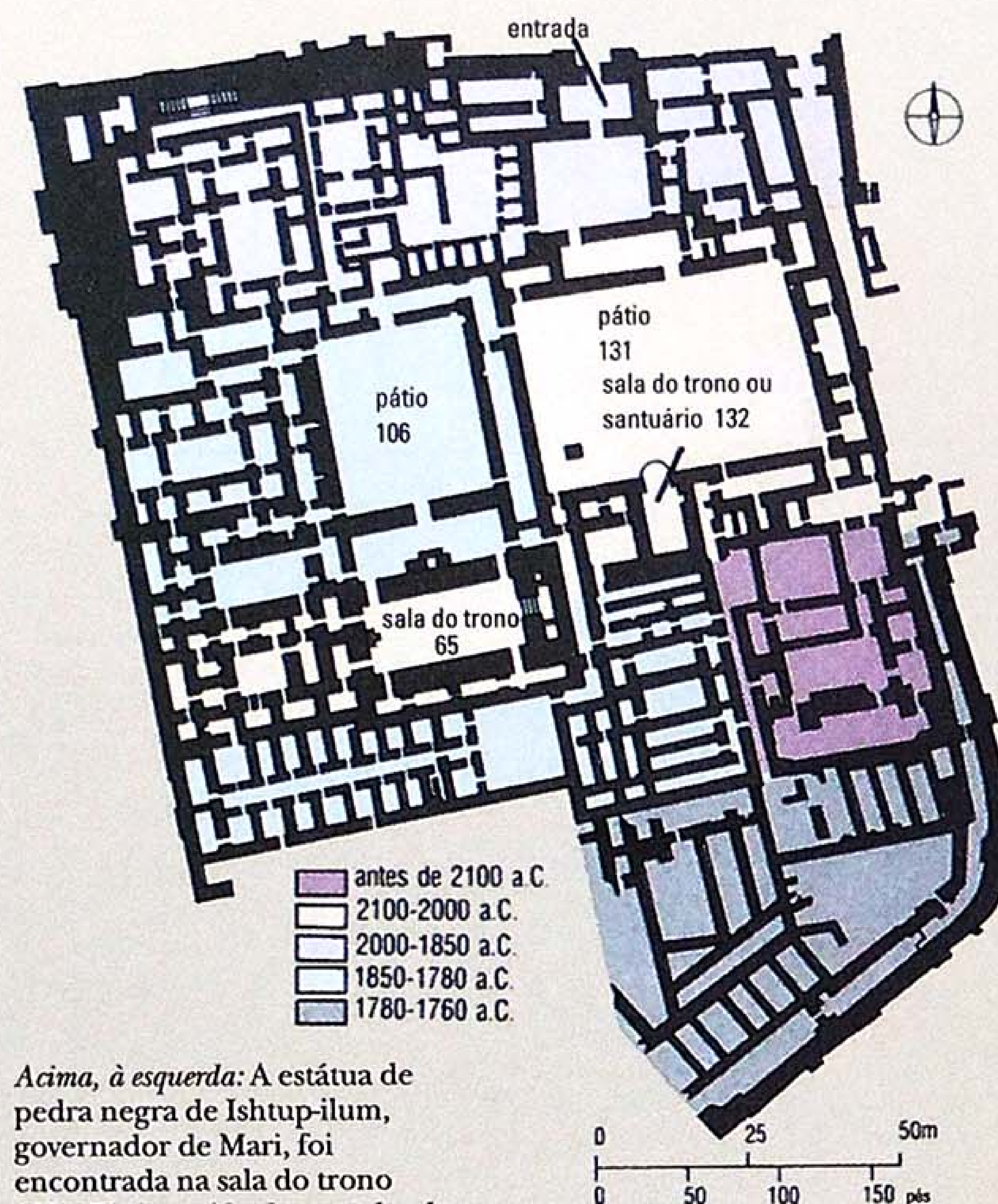


Mari

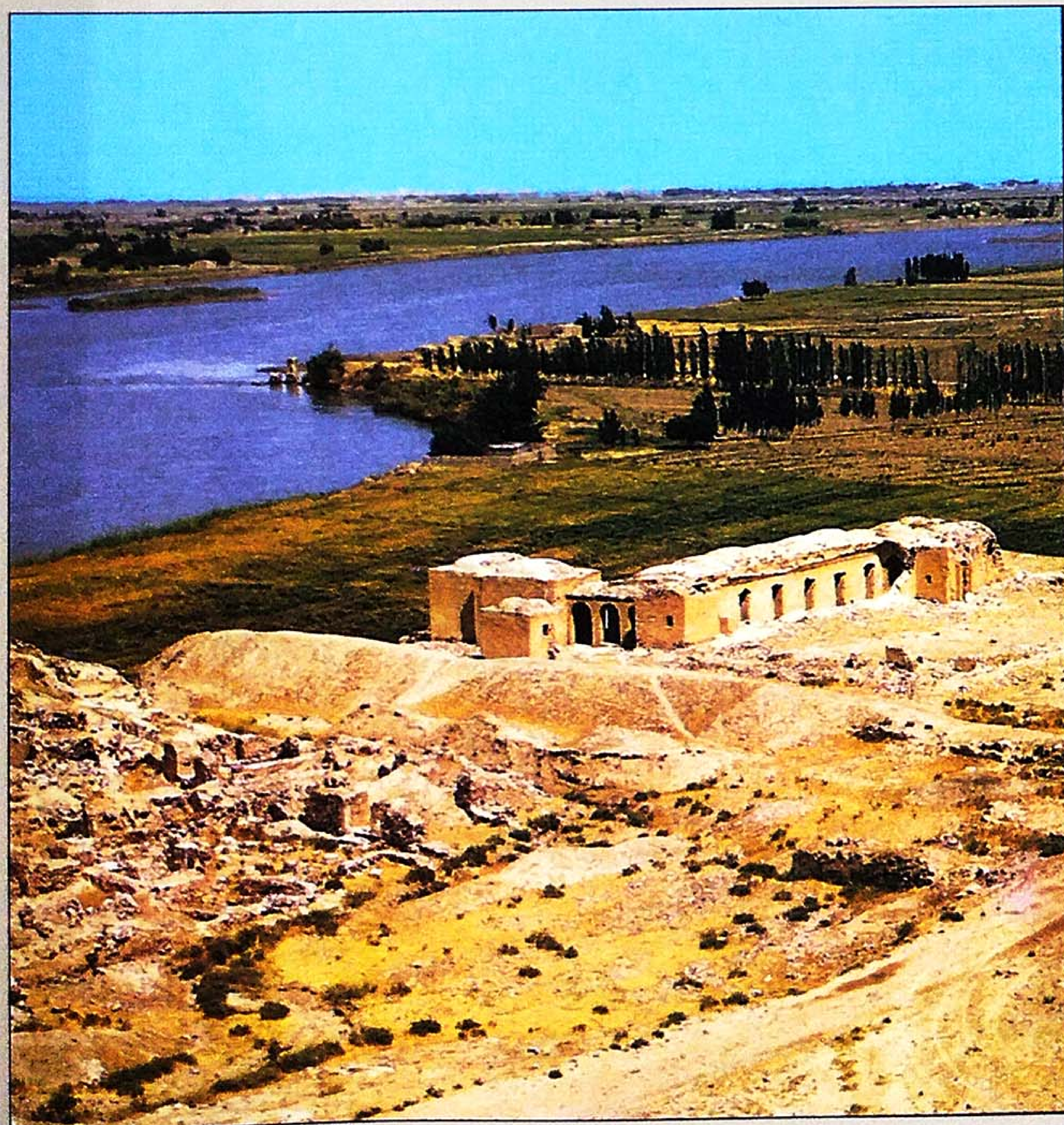
As ruínas de Mari (atualmente Tell Hariri) ficam na margem ocidental do rio Eufrates. A cidade foi fundada no princípio do terceiro milênio a.C. Na época dinástica primitiva, Mari foi uma importante cidade-Estado e estava registrada como uma das dinastias reinantes na Lista dos Reis Sumérios. No templo de Ishtar foram encontradas delicadas estátuas do período sumério. O palácio dos soberanos semitas do terceiro milênio a.C. encontra-se sob o palácio do princípio do segundo milênio a.C., que foi reconstruído segundo os planos antigos e habitado durante vários séculos. Os soberanos de Mari enriqueceram com os lucros do tráfego comercial ao longo do Eufrates. No século XIX a.C. os soberanos amorreus da cidade foram expulsos por Shamshi-Adad da Assíria, que instalou o filho Yasmah-Adad como rei. Depois da morte de Shamshi-Adad em 1780 a.C., Zimri-Lim, filho do anterior rei amorreu da cidade, recuperou o poder. As escavações do palácio de Zimri-Lim acharam entre as ruínas enormes arquivos reais com muita informação. Uns vinte anos depois, Zimri-Lim foi derrotado pelo que fora outrora seu aliado, Hamurábi, o rei da Babilônia, que destruiu o palácio e a cidade em 1757 a.C. Esta permaneceu abandonada, embora tivesse sido usada como necrópole no período assírio médio.



A construção do palácio de Zimri-Lim prolongou-se por cerca de 300 anos. As divisões principais encontravam-se no lado sul do grande pátio ocidental (106). Tratava-se provavelmente de uma antecâmara (64) e da sala do trono (65). Havia mais de 260 divisões no piso baixo, e muitas mais no piso superior.



Acima, à esquerda: A estátua de pedra negra de Ishtup-ilum, governador de Mari, foi encontrada na sala do trono (65). Tinha caído das escadas do extremo oriental do compartimento. Ishtup-ilum governou em Mari até 2100 a.C. Altura: 1,52 m.



À esquerda: O vale fluvial perto de Mari.



À direita: O corpo desta deusa agarrando uma jarra foi encontrado na antecâmara (64) da sala do trono e a sua cabeça, no pátio. Um conduto vai da jarra até a base da estátua e permite a passagem da água que corre da jarra. Altura: 1,4 m.



Abaixo: Caídos perto do muro do pátio (106), foram encontrados fragmentos de argamassa com pinturas que mostravam o soberano destacado sobre o restante das figuras, conduzindo talvez touros para o sacrifício. As pinturas são provavelmente da época de Shamshi-Adad ou de Zimri-Lira. Largura: 1,35 m.

Hamurábi, rei da Babilônia

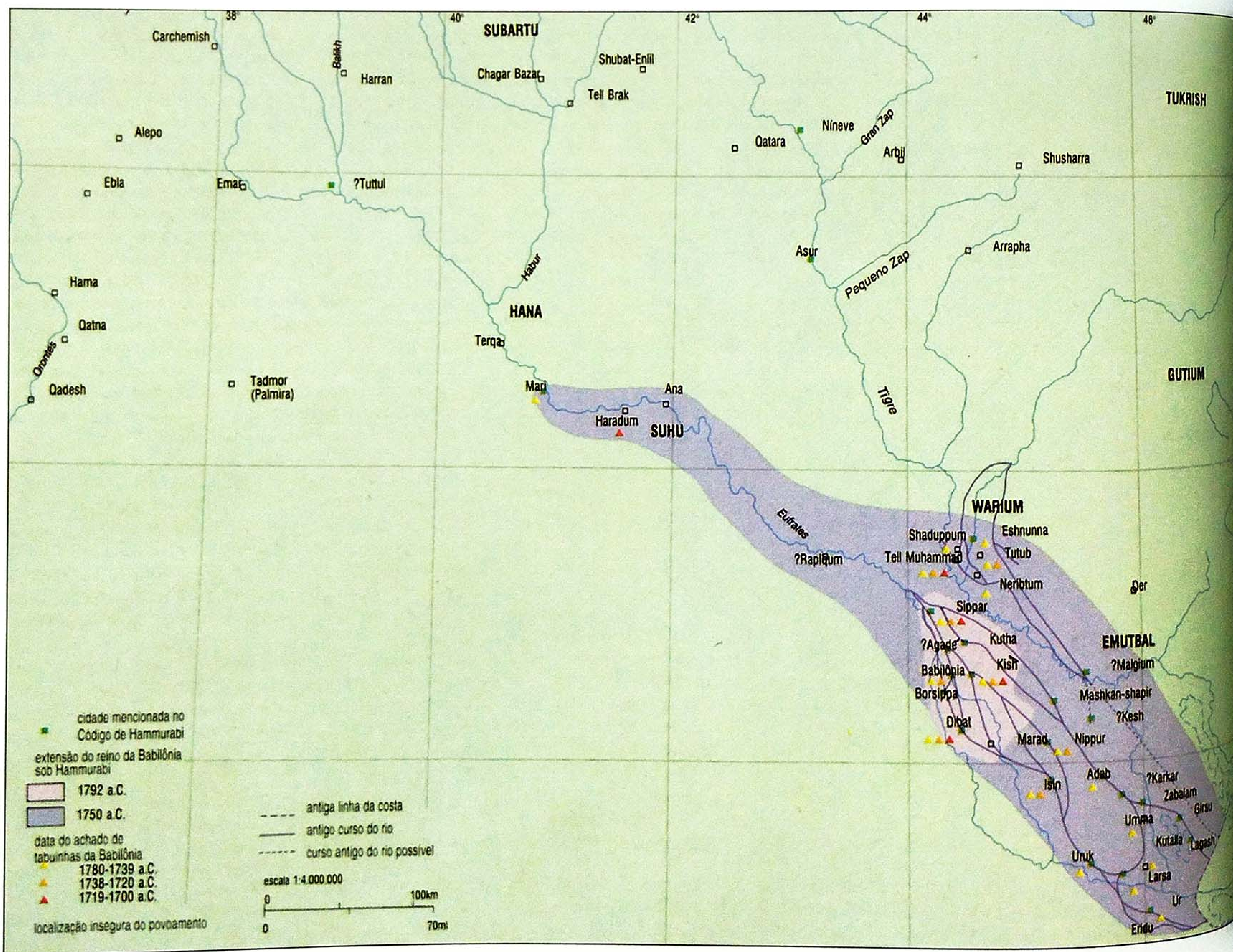
A figura mais destacada de princípios do segundo milênio a.C. foi Hamurábi, o rei da Babilônia que reinou entre 1792 e 1750 a.C. Paciente, mas ambicioso; cauteloso, mas resoluto, criou um império que, apesar da sua curta vida, transformou a perspectiva histórica da Macedônia. A Babilônia converteu-se em centro político, cultural e religioso. Segundo os nomes dos anos de Hamurábi, capturou Uruk e Isin em 1787 a.C. e lutou contra Rapiqum e Malgium em 1784 a.C. Um contrato datado de 1783 faz pensar que naquele tempo Hamurábi era vassalo de Shamsi-Adad.

De acordo com a sua cronologia, durante os vinte anos seguintes Hamurábi dedicou-se a construir templos e canais, mas no vigésimo nono ano do seu reinado afirma ter vencido uma coligação de Elam, Subartu, Gutium, Eshnunna e Malgium. No ano seguinte, em 1763 a.C., conquistou Larsa com a ajuda de Mari e Eshnunna, pondo fim ao longo reinado de Rim-Sin I. Dois anos depois derrotou Mari e destruiu-a em 1757. Em 1755 capturou Eshnunna desviando as águas da cidade, apoderando-se assim da sua última rival na Mesopotâmia. No prólogo do seu código, Hamurábi enumera os deuses e as cidades que o apoiaram, de Mari e Tuttul, no oeste, a Assur e Nínive, nas margens do Tigre, e Ur, Eridu e Girsu, no sul.

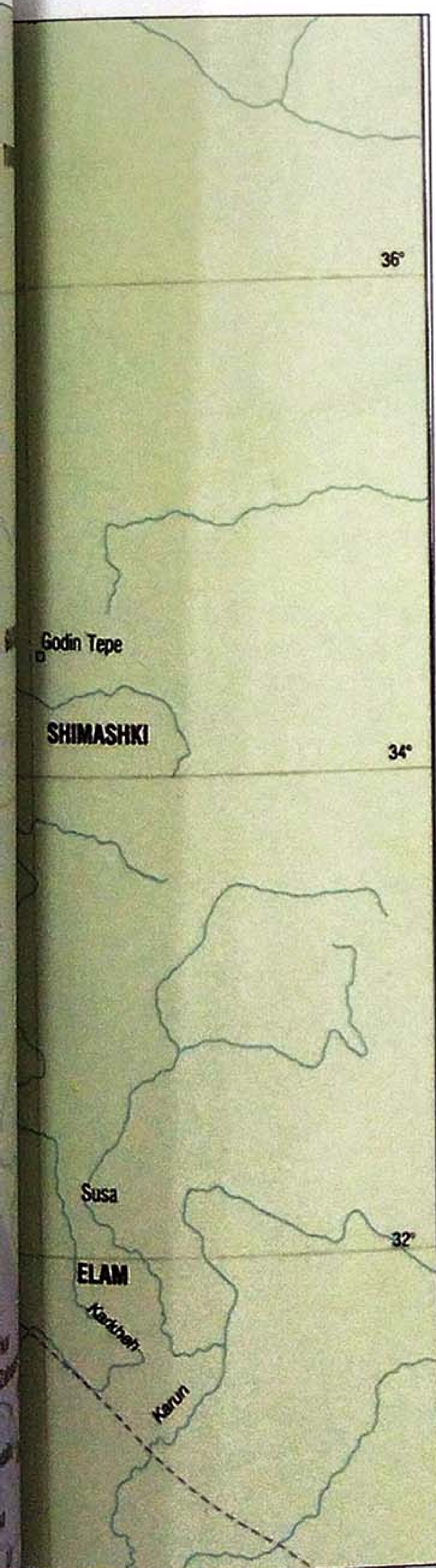


À esquerda: Cabeça de diorito encontrada em Susa, aonde provavelmente chegou no século XII a.C. Este tipo de toucado era usado pelos soberanos das cidades da Mesopotâmia entre 2100 e 1700 a.C. Hamurabi, o rei da Babilônia, é representado com este mesmo penteado nas gravações da estela com o seu código de leis e, portanto, esta cabeça foi identificada com a de qualquer outro grande monarca babilônico. Mas é igualmente provável que represente outro soberano deste período, talvez de Eshnunna, já que várias estátuas refinadas de reis foram levadas de Eshnunna a Susa. Altura: 15 cm.

À direita: A inscrição desta figura de ouro e bronze informa que Lu-Nanna, pelo seu deus Martu e pela vida de Hamurabi, rei da Babilônia, fez uma estátua suplicante de cobre com o rosto recoberto de ouro e a dedicou ao serviço da divindade. Acredita-se que foi encontrada em Larsa e é possível que date do final da época de Hamurabi (1750 a.C.). Altura: 19,5 cm.



O reino de Hamurabi
Na segunda metade do seu reinado, Hamurabi (1792-1750 a.C.) chegou a dominar a maior parte da Mesopotâmia e acabou com a independência de muitas cidades. No prólogo do seu código de leis vangloriava-se de ter restaurado os templos de muitas cidades mesopotâmicas, entre elas Mari e Eshnunna, destruídas tal como Tuttul, Nínive e Asur pelo seu exército. O filho de Hamurabi, Samsuiluna, abortou a rebelião de Rim-Sin, Oeste de Larsa, e depois parece que a região sul da Babilônia foi abandonada. Não há provas suficientes de ocupação de Ur, Larsa, Kutalla, Uruk, Umma, Adab ou Lagash (as cidades mais meridionais da Babilônia) depois de 1739. Em 1721 foram escritas tabuinhas em Nippur que datam do reinado de Duma-ilu, rei de Sealand, mas nenhum outro texto foi encontrado sobre os 200 anos seguintes em Nippur ou Isin. Esta falta de provas no sul pode ser resultado de uma catastrófica modificação do curso dos rios ou das conquistas dos soberanos de Sealand.



As quase 150 cartas preservadas que tratam da administração de Hamurábi em Larsa mostram o seu interesse pela marcha dos assuntos quotidianos das cidades conquistadas e deixam ver que delegava poucas responsabilidades. É recordado, sobretudo, pelo seu código de leis. Outros códigos de leis antigos que seguem de perto seu modelo foram promulgados por Shulgi de Ur, Lipi-Ishtar de Isin e Dadusha de Eshnunna. Hamurábi descreveu assim os objetivos do seu código: "Fazer que a justiça prevaleça no país, destruir o perverso e o mau, que o forte não oprima o fraco". A seguir aconselha os que fazem justiça a examinar o código e a buscar a sentença apropriada ao caso. Na verdade, há poucas provas de que o código tivesse sido usado para desfazer a injustiça, se excetuarmos uma menção ocasional em um documento legal de uma estela que parece do próprio Hamurábi. Os 282 artigos do código tratam muitos aspectos: direito mercantil e privado, da propriedade, da legislação sobre escravos, das tarifas, preços e salários, mas como código não se pode dizer que seja nem completo nem exaustivo.

As leis de Hamurábi pressupõem uma visão idealizada da sociedade da antiga Babilônia. No alto estava o rei, que podia e de fato intervinha em todos os assuntos do reino. Por baixo dele havia três grupos sociais: os *awilum* (homens em acadiano) ou homens livres; os *muskhenum*, cujo estatuto concreto é desconhecido, mas que dependiam de certo modo do Estado, e os *wardum* ou escravos. Os escravos podiam, contudo, ter propriedades privadas e com freqüência parece que tinham uma vida mais fácil que a de alguns membros da *awilum*, que se viam obrigados a vender a si mesmos e aos filhos como escravos para saldar suas dívidas. O juro médio dos empréstimos era de 33 por cento se fosse cavada, e de 20 por cento no caso da prata. O *awilum* também tinha responsabilidades perante o Estado e por vezes devia pagar impostos e cumprir o serviço militar no exército real. À morte de um *awilum*, a sua propriedade era dividida entre os filhos, e deste modo as propriedades diminuíam ainda mais. O equilíbrio econômico exato entre o templo, o palácio e os cidadãos privados é difícil de estabelecer com as fontes que possuímos. Em geral, os palácios adquiriram maiores atribuições nas cidades da antiga Babilônia e o poder dos reis sobre os templos não derivava tanto da sua condição de sumos sacerdotes como do aumento do seu poder secular. Esta evolução reflete-se também na adoção cada vez mais difundida de títulos laicos, embora os soberanos continuassem a reivindicar para si uma designação e um apoio divinos.

Na medida em que aumentou o poder do palácio, expandiu-se o setor privado na agricultura, indústria e comércio, como demonstra o crescente número de contratos, de empréstimos e de vendas de propriedades entre particulares nos períodos de Isin-Larsa e da antiga Babilônia.

Os sucessores de Hamurábi

O trono de Hamurábi passou sem nenhum incidente para o seu filho Samsu-iluna. Contudo, em 1742, no nono ano do seu reinado, Rim-Sim II de Larsa, um rival do Sul, ocupou Nippur. No ano seguinte Samsuiluna recuperara o controle sobre a cidade. Dois anos depois, em 1739, a desgraça aconteceu no Sul da Mesopotâmia. As tabuinhas de Nipur mostram que se produziu uma crise econômica e aumentaram as vendas de terrenos e de dignidades sacerdotais. Pode ser que um dos motivos fora o fato de que Samsu-iluna desviara as águas do Eufrates ao sul da Babilônia para



obrigar Rim-Sin a se render. O nome do décimo primeiro ano de Samsu-iluna faz referência à destruição das muralhas de Ur e de Larsa, e as escavações em Ur provam que a cidade foi efetivamente arrasada nessa época. A derrota final de Rim-Sin deu-se em 1737.

Nippur sobreviveu à crise, mas 20 anos depois também foi abandonada e, como as cidades mais meridionais, esteve desabitada durante vários séculos.

Segundo uma tradição tardia, a primeira dinastia de Sealand exerceu o seu domínio no Sul, mas até agora não se encontrou nenhuma prova textual ou arqueológica da sua presença nesta região naquela época. A dinastia amorréia da Babilônia, contudo, sobreviveu e dominou as cidades nas margens do Eufrates quase até Mari. Rio acima, o reino independente de Hana floresceu depois da destruição de Mari. A sua capital era Terqa, cidade que tinha sido antes governada por Mari. O achado de cravo em um recipiente de cerâmica encontrado em Terqa durante a escavação de uma modesta casa prova a existência de vínculos comerciais entre a Mesopotâmia e o Extremo Oriente, já que o lugar originário de cultivo do cravo nessa época eram as Índias Orientais, e só muito depois foi introduzida na África oriental.

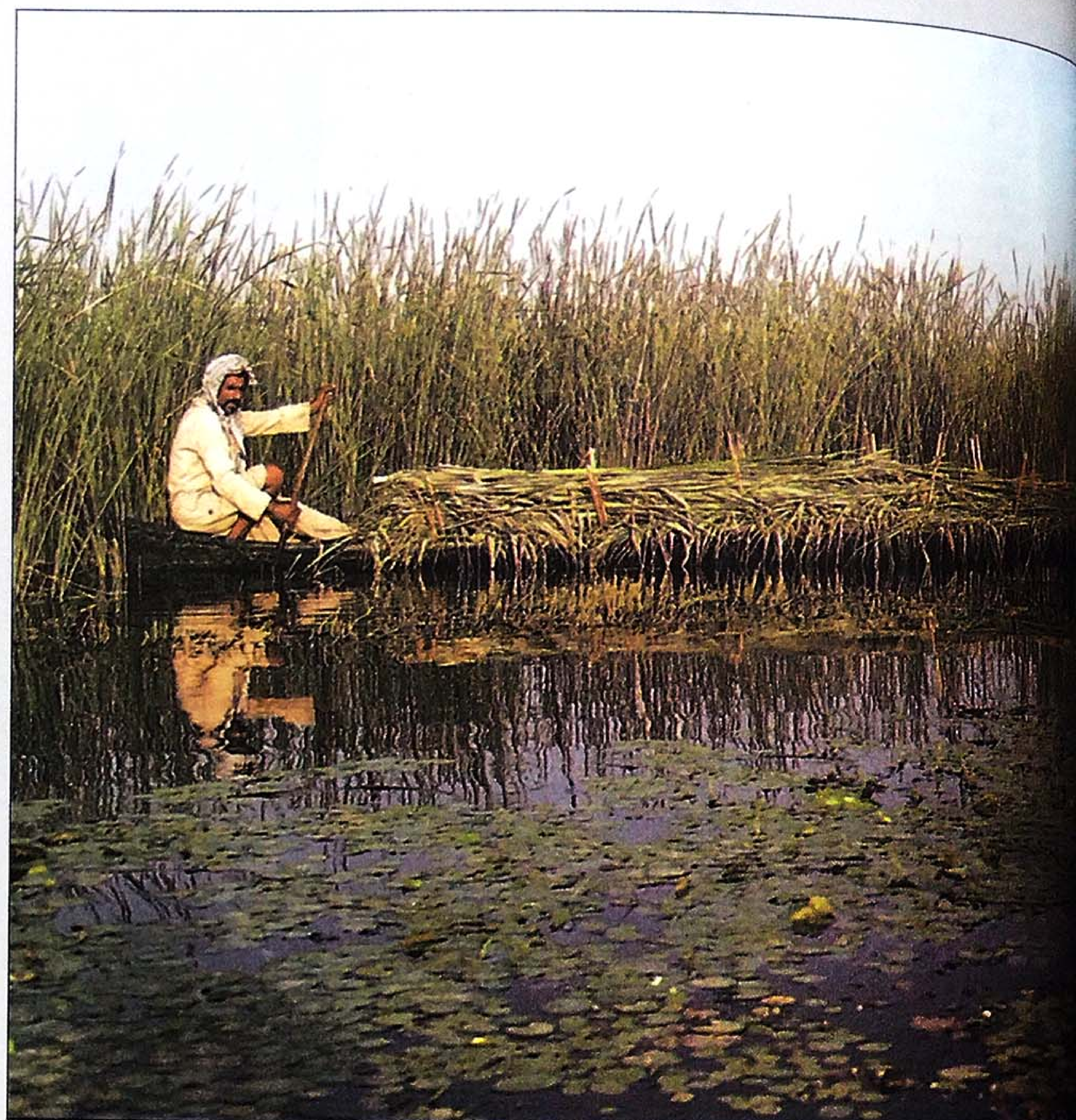
No último século do domínio da antiga Babilônia não aparecem menções de campanhas militares nos nomes dos anos. No entanto, a este último período, em particular ao reinado de Ammisaduqa (1646-1626 a.C.) foram atribuídos dois importantes documentos, o édito de Ammisaduqa e as tabuinhas de Vênus. O primeiro era um decreto real do primeiro ano de reinado de Ammisaduqa, pelo qual se cancelavam as dívidas pessoais dos *awilum*, o grupo social que se tinha formado no reinado anterior. Soberanos precedentes, incluindo o próprio Hamurábi, tinham publicado decretos semelhantes de apoio às atividades econômicas do Estado.

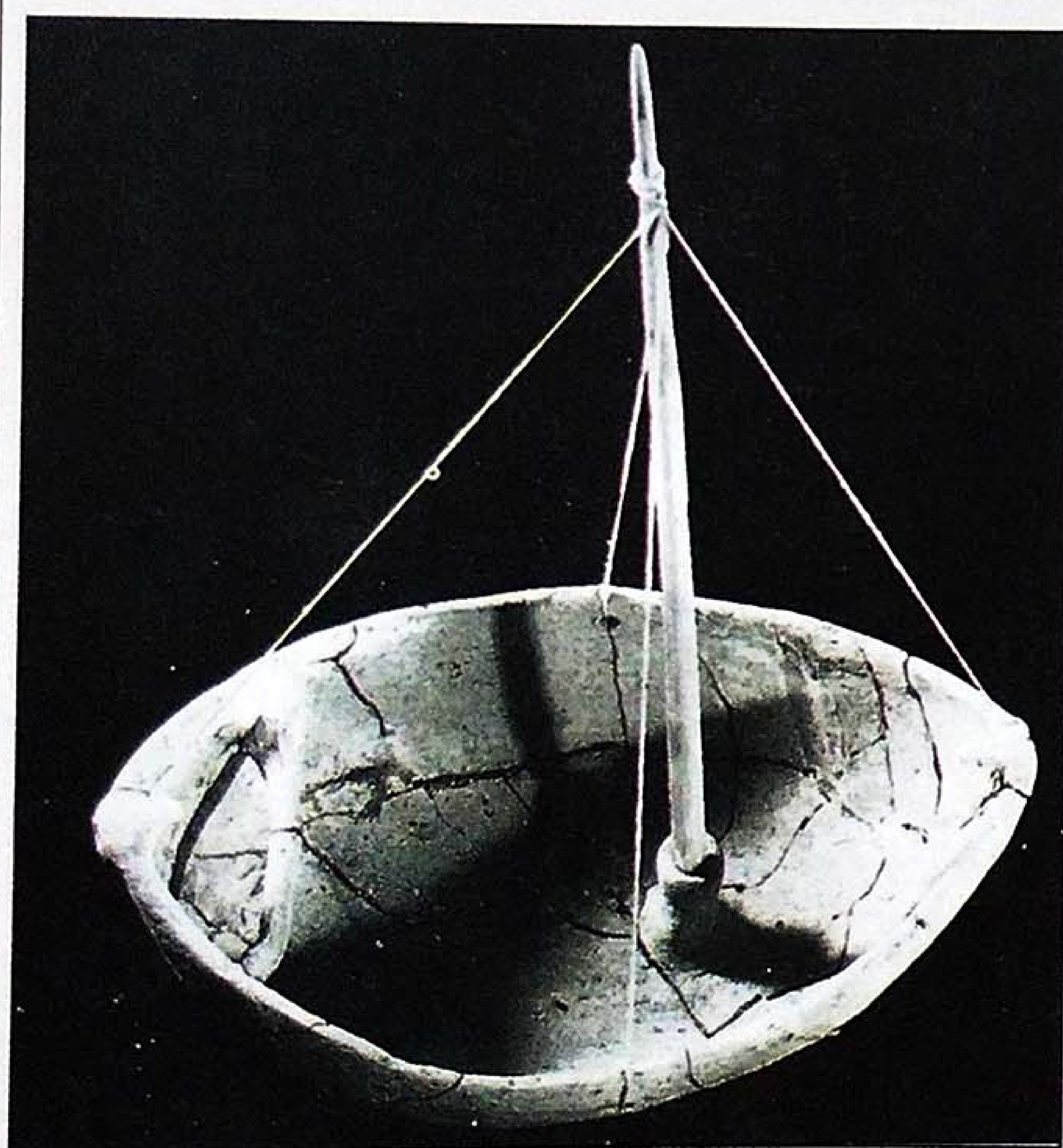
As tabuinhas de Vênus, que datam ao que parece do reinado de Ammisaduga, já que nelas aparece a referência a um dos nomes de ano deste rei, são uma coleção de observações sobre o nascimento e o ocaso do

Meios de transporte

Abaixo: Os árabes dos pântanos do Sul do Iraque continuam a empregar barcas do mesmo tipo que as encontradas na Necrópole Real de Ur. Embora em geral sejam barcos de pesca, servem também para o transporte de mercadorias, como na fotografia.

O meio mais eficiente para transportar mercadorias era através dos cursos de água, visto que se podia chegar à maior parte dos lugares da Mesopotâmia através de uma rede de rios e canais. As embarcações sulcavam as águas do Golfo Pérsico e do Mediterrâneo, e é possível que os fenícios tivessem chegado a circunavegar a África. Onde não era possível a viagem por água, os asnos e as mulas serviam em geral de animais de carga, e por vezes eram usados carregadores. Depois de 2000 a.C. a introdução do cavalo permitiu aos mensageiros viajar com maior rapidez. Os camelos adquiriram mais importância com a ascensão das tribos do deserto no primeiro milênio a.C. Desde 3500 a.C. se conheciam os veículos de rodas no Oriente Médio. No entanto, os terrenos barrentos das planícies aluviais faziam com que os trenós fossem muitas vezes mais práticos e nas montanhas, os carros com rodas eram inúteis se não fossem construídas estradas (a mais antiga delas pode ter sido construída em Urartu, por volta de 800 a.C.). As viagens locais eram feitas em carros com rodas compactas de madeira, como os que continuam a ser usados em algumas regiões do Oriente Médio. Os sumérios tinham carros de batalha de quatro rodas puxados por asnos.



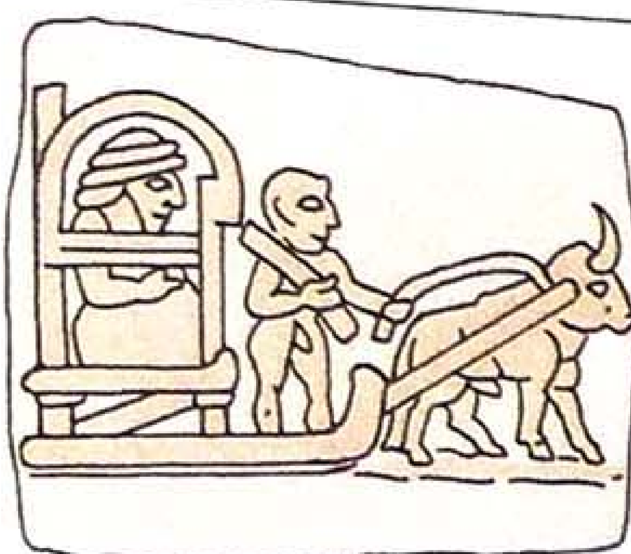


À esquerda: A prova mais antiga de transporte aquático na Mesopotâmia é este modelo de embarcação de argila cozida encontrado em um túmulo do período de Ubaid, em Eridu, ao sul do Iraque, que data de antes de 4000 a.C. A embarcação foi construída para ser movida por vela e tem um buraco para o mastro e orifícios para atar as enxárcias. Os achados de cerâmica de Ubaid em lugares tão distantes como os Emirados Árabes demonstram que nesta época havia navegantes muito capazes. Comprimento: 26 cm.

Abaixo: Embarcação de prata procedente do Túmulo dos Reis da Necrópole Real de Ur (26002500 a.C.). Nos selos cilíndricos representam-se os deuses (ou as suas estátuas) a bordo de barcos semelhantes, movidos por remos ou empurrados com uma vara.











planeta Vênus. A ordem de sucessão descrita nas observações só pode ter lugar em certos sítios e repete-se aproximadamente em intervalos de 60 anos. Podem assim datar-se com diferenças de 60 a 120 anos os reinados de Ammisaduqa e dos outros reis da dinastia. A cronologia média (que é a usada neste livro) situa o reinado de Hamurábi entre 1792-1750 a.C.; a cronologia alta, cada vez mais considerada, situa-o em 1848-1806 a.C.; e a cronologia baixa, adotada outrora por muitos especialistas que trabalhavam na Anatólia e no Levante, mas com poucos seguidores hoje em dia, coloca o reinado de Hamurábi entre 1728-1686 a.C. Há que não perder a esperança de que no futuro se encontre, entre as tabuinhas do período, alguma referência a um fenômeno astronômico de datação mais certa, como um eclipse. Talvez as investigações no Levante permitam proximamente estabelecer uma correlação entre a ordem de sucessão mesopotâmica e a mais confiável cronologia egípcia.

As migrações de povos no Oriente Médio, que tinham causado conflitos entre os amorreus e hurritas e as populações da Mesopotâmia, continuaram com o aparecimento de novos povos, tal como se recolhe nos textos babilônicos. No nono ano do reinado de Samsuiluna, são mencionados pela primeira vez os cassitas, enquanto no princípio do século XVI a.C. os hititas deixaram a sua marca na Mesopotâmia. Em 1595 a.C. o rei hitita Mursilis desceu pelo Eufrates e saqueou Babilônia, pondo fim à primeira dinastia da Babilônia, depois do qual se entra em uma idade obscura de 150 anos, de que pouca informação se dispõe.

Acima: O sinal pictográfico de um carro nas tabuinhas do período de Uruk era o mesmo que o de um trenó com a adição de dois círculos para representar as rodas. Esta placa de pedra, que mostra um condutor sobre um trenó puxado por um touro, data provavelmente de 3000 a.C.

Abaixo, na parte superior: Miniatura de argila cozida de um carro com toldo proveniente do Norte da Síria, que data do terceiro milênio a.C. Os citas nômades que invadiram o Oriente Médio em meados do primeiro milênio a.C. usavam também carros cobertos.

Acima: Um relevo mostra um carro de combate trazido pelos lídios ao rei da Pérsia em Persépolis, por volta de 485 a.C. Estes carros eram usados nas batalhas, nas procissões e para os mensageiros.

À esquerda: A reconstrução de um trenó proveniente do túmulo da rainha Puabi na Necrópole Real de Ur. Era puxado por duas vacas. Os trenós eram utilizados para transportar cargas pesadas como os enormes touros alados de pedra dos palácios assírios.

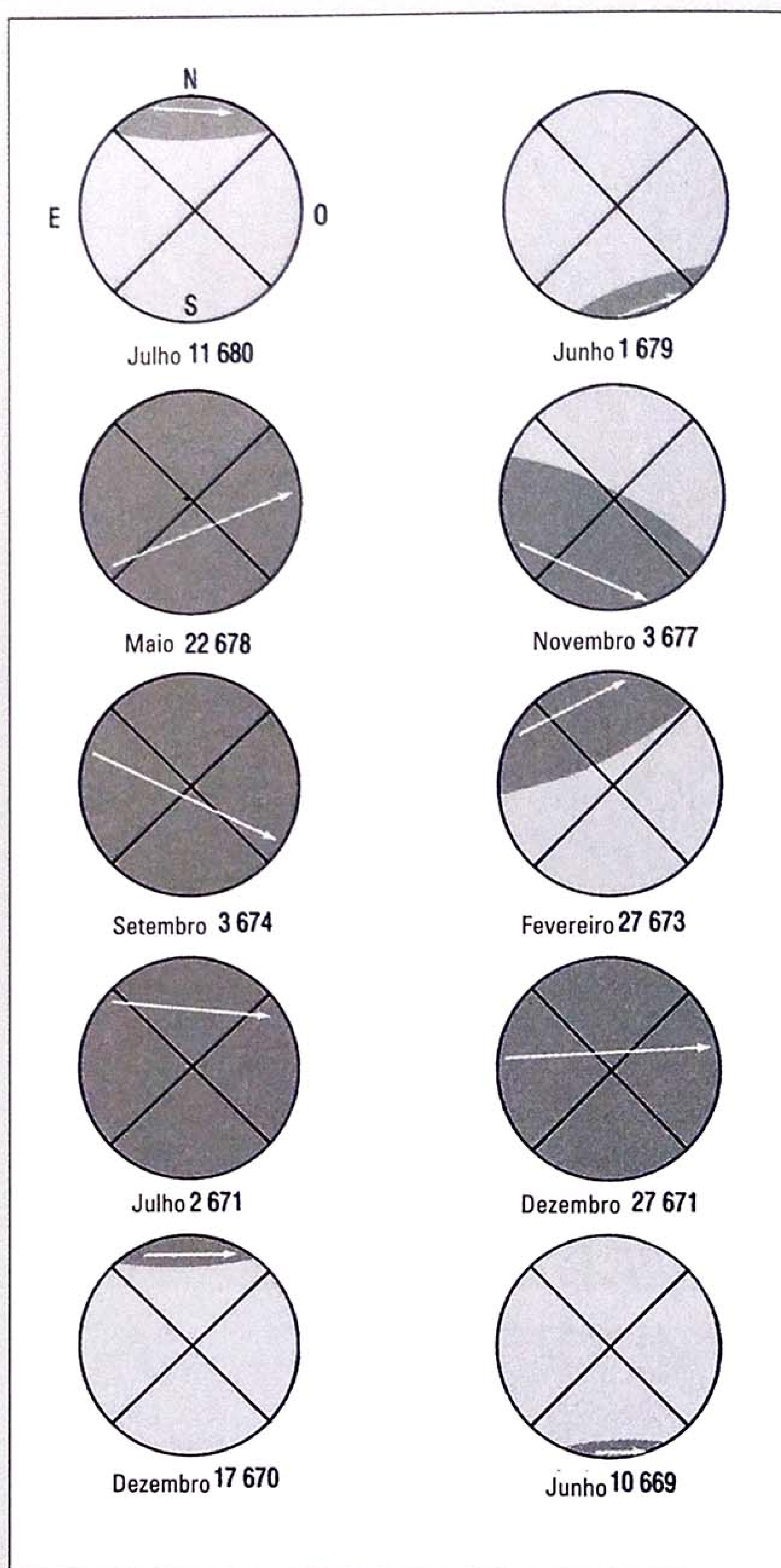
A ciência

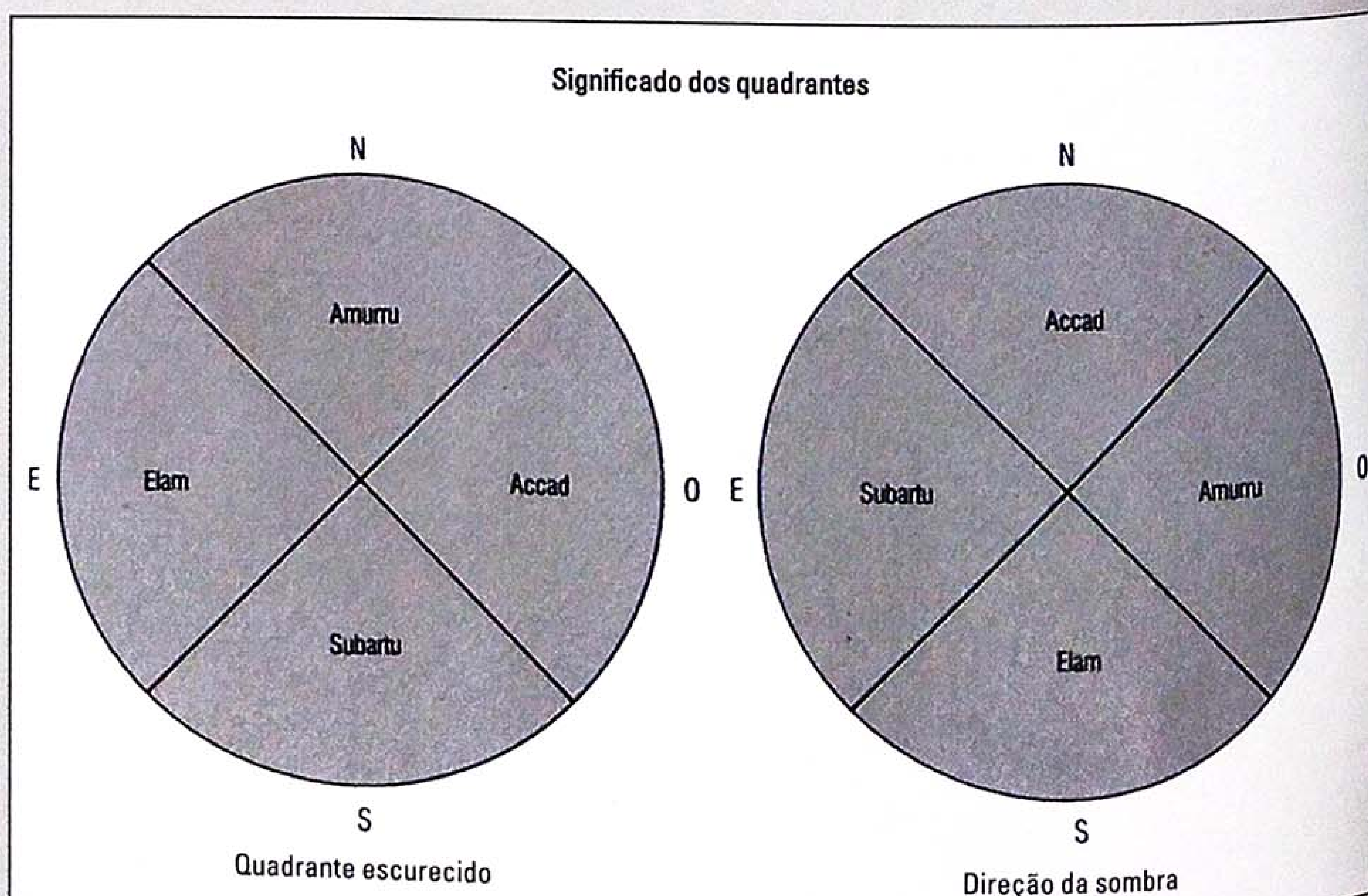
A invenção da escrita no quarto milênio a.C. permitiu aos habitantes do antigo Oriente Médio expor os seus conhecimentos sobre o mundo que os rodeava para a posteridade. Entre os textos mais antigos havia listas de palavras pertencentes a determinadas categorias, nomes de pássaros, de cidades ou de profissões. Eram usadas basicamente para ensinar os aprendizes de escribas a escrever, mas a formulação sistemática do conhecimento nelas contido prova uma atividade científica remota.

Os sistemas de cálculo utilizados nos textos mais antigos contêm elementos do sistema sexagesimal, que conta de sessenta em sessenta. Como para 60 há muitos divisores, o sistema simplificava muito os cálculos principais e de fato ainda é usado hoje em dia para medir o tempo e os ângulos. Sobrevivem dois tipos de textos matemáticos do segundo milênio a.C.: textos com tabelas e textos com problemas. Os primeiros incluem tabelas de multiplicação e de recíprocos, potências ao quadrado e ao cubo, raízes quadradas e até alguns logaritmos de base 2 e 16. Os textos com problemas tratam diversos temas, incluindo as soluções de equações lineares e de segundo grau e o cálculo das áreas e volumes de diversas figuras geométricas. Os matemáticos ela Babilônia atingiram um grande nível. Embora em geral calculassem o valor do número pi como 3, conheciam o seu valor mais exato de 3 1/8 (3,125, próximo do seu verdadeiro valor mais exato de 3,142). Precisaram o valor da raiz de 2 com uma margem de erro de 0,000007. Em uma tabuinha excepcional apareceu, por exemplo, uma lista dos triplos pitagóricos dos números, em que o quadrado do número maior iguala a soma dos quadrados dos outros dois. Iam de 45, 60 e 75 a 12.709, 13.500 e 18.541. Uma das características mais surpreendentes da matemática babilônica era que apesar de se expressar em termos práticos, era essencialmente teórica.

No segundo milênio eram registrados os presságios baseados nos fenômenos celestes e em certas ocasiões eles eram observados. No primeiro milênio a astrologia adquiriu grande importância. Por volta de 700 a.C. tinham sido identificados os sinais do zodíaco e alguns deles mantêm o mesmo nome. Faziam-se anotações sistemáticas e por volta de 500 a.C. os babilônios podiam predizer os movimentos da Lua e os eclipses com grande precisão. O horóscopo mais antigo preservado, onde se prediz o futuro de alguém segundo a posição dos astros no momento do seu nascimento, procede da Babilônia e é datado de 29 de abril de 410 a.C. Durante o meio século seguinte compilaram-se almanaques que prediziam a posição do Sol, da Lua, dos planetas e das estrelas, um dos quais, do ano 75, foi encontrado em uma das últimas tabuinhas cuneiformes conservadas.

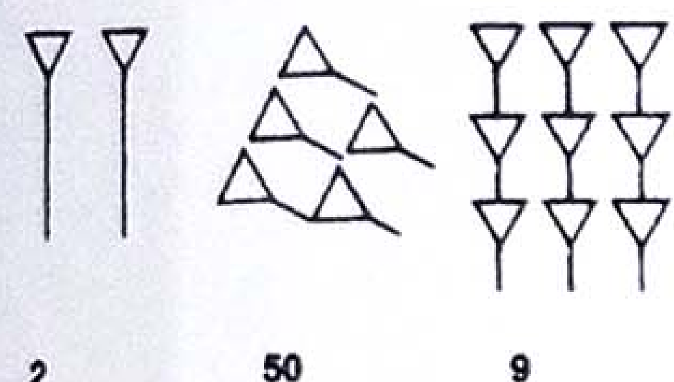
Outro ramo da ciência da Mesopotâmia de que há muitas provas é a medicina. Dois tipos de especialistas tratavam das doenças: o ashipu, um mago experimentado, e o asu, que era um médico que prescrevia remédios práticos. Foram diagnosticadas centenas de doenças.





À esquerda e abaixo: Sob os últimos reis assírios desenvolveu-se a ciência de interpretação dos fenômenos celestes, em especial dos eclipses lunares e solares. Uma previsão baseada em um eclipse lunar dependia do momento do eclipse, do dia do mês, do mês, da parte da Lua coberta pelas sombras e da direção da sombra ao mover-se. A visibilidade dos planetas, em especial de Júpiter, intervinha também na interpretação do fenômeno. Para escapar do infortúnio previsto pelo eclipse, os soberanos às vezes escolhiam um substituto que era assassinado aos cem dias, quando o verdadeiro rei recuperava o trono. Se o presságio afetava a Assíria e a Babilônia, o substituto era coroado em Nínive, e 50 dias depois, na Babilônia. Durante o eclipse total da Lua na noite de 22 de maio de 678 a.C., o astrólogo real anunciou que o mês e o dia se referiam a Elam e que a direção do eclipse previa má sorte para Elam e Amurru e boa para Subartu (Assíria) e Acádia (Babilônia). O eclipse de 27 de fevereiro de 673 não afetou a Assíria, enquanto o de 10 de junho de 669 era um mau presságio para os assírios. É evidente que os astrólogos tinham que exercitar o seu critério na hora de interpretar os eclipses, mas a prática de anotar em primeiro lugar as observações para depois aplicar as teorias aceitas e prever os resultados é a base do moderno método científico.





Acima: Na escrita cuneiforme, os números eram escritos com cunhas verticais para as unidades do 1 ao 9 e diagonais para as unidades do 10 ao 50; o 60 escrevia-se com uma cunha vertical que podia representar também o 1. Esta é a notação posicional ou de lugar, inventada antes de 200 a.C. e utilizada ainda atualmente. Na atual terminologia, no número 111, 1, o algarismo 1 representa o 100, o 10, o 1 e o 1/10. Na escrita cuneiforme empregava-se o mesmo método, mas com múltiplos de 60 em vez de múltiplos de 10 (sistema sexagesimal). Até 300 a.C. aproximadamente, o ponto sexagesimal não era escrito, tampouco os zeros. O número escrito aqui em cima pode ser lido como se segue: 2.60 + 5.10 + 9.1 = 179 ou 2.1 + 5) 9.1/60 = 10.740, ou $2.60^2 + 0 + 59 = 7.259$. Em um caso particular, poderia deduzir-se pelo contexto o algarismo a que se referiam.

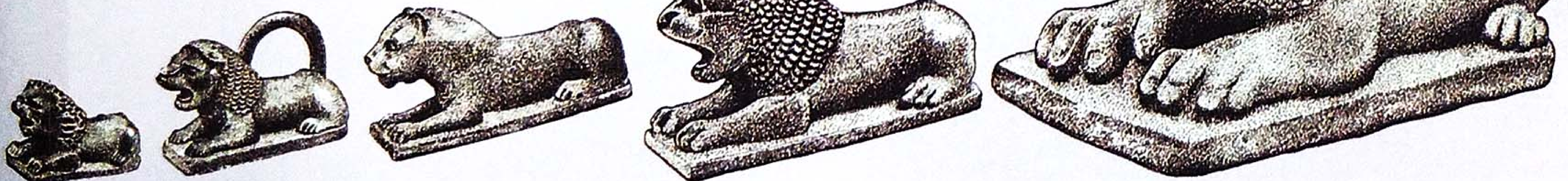


À esquerda: Esta tabuinha de argila é conhecida pelo nome de mapa babilônico do mundo. Mostra um círculo que representa o oceano, fora do qual se encontram regiões maravilhosas descritas no texto. No centro está o mundo conhecido como Ocidente, na parte de cima. No meio da parte superior aparecem inscrições com o nome de Babilônia e, à direita, Urartu, Assíria e Der. Susa está na parte inferior. As linhas verticais que atravessam a Babilônia devem representar o Rio Eufrates. O mapa foi produzido provavelmente em 700 a.C., embora esta cópia seja posterior.

Abaixo: Quatro de um conjunto de 17 peças de bronze com forma de leão encontradas em Kalhu. A maior pesa cerca de 20 kg. E mede 30 cm de comprimento. Alguns dos leões têm inscrições em acadiano e aramaico com o nome do rei assírio Sennacherib (704 a.C.-681 a.C.) e com os seus pesos.

Acima: Um detalhe do obelisco de Rassam encontrado em Kahlu mostra como eram pesados os tributos diante de Assurbanipal II (883-859 a.C.). A ciência moderna baseia-se em observações cuidadosas e em medições precisas. Os pesos da Mesopotâmia baseiam-se no sistema sexagesimal. Uma mina valia 60 shekels e um talento, 60 minas. A mina pesava 0,5kg. É possível que em cada cidade houvesse diferentes padrões. Um texto de 1900 a.C. refere-se à mina de Dilmun que pesava o mesmo que a unidade legal de peso usada na civilização de Harappan do Vale do Indo.

As mais antigas identificadas decerto pertencem ao período dinástico antigo, em meados do terceiro milênio a.C. Os pesos eram normalmente em forma de pato ou de leão, esféricos ou em forma de barril.



Tecnologia

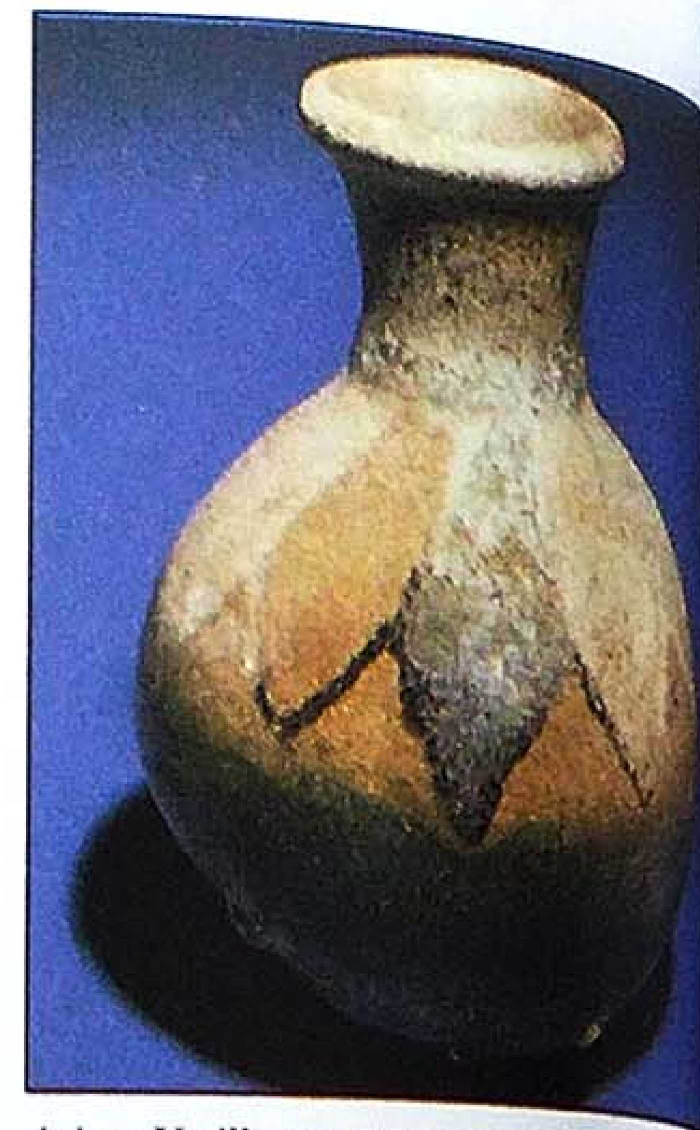
Abaixo: Esta jarra de ouro proveniente da necrópole de Marlik, a sudoeste do Mar Cáspio, data de 1200 a.C. aproximadamente e é um belo exemplo da habilidade dos ourives. As cabeças dos touros alados eram feitas em uma única peça, com o resto da jarra, e as orelhas e os chifres eram acrescentados separadamente. Altura: 18 cm.

Há poucos exemplos das capacidades tecnológicas antes da revolução neolítica. A técnica do sílex e da obsidiana era muito eficaz, mas outros conhecimentos mais avançados dependiam de um modo de vida sedentário. No decurso dos seis mil anos seguintes, os habitantes do Oriente Médio desenvolveram praticamente todas as técnicas que estão na base da vida civilizada anterior à revolução industrial: arquitetura, transporte, trabalho com metais e com cristal, manufaturas têxteis, carpintaria, olaria, trabalhos de couro, bem como todo o tipo de processos associados com a agricultura e a preparação de alimentos.

O controle das marés e as obras de irrigação tinham importância fundamental e permitiram o desenvolvimento do Sul da Mesopotâmia, dando origem ao nascimento de grande número de tecnologias subsidiárias de tratamento de águas, como a construção de canais, o armazenamento de água, a drenagem etc.

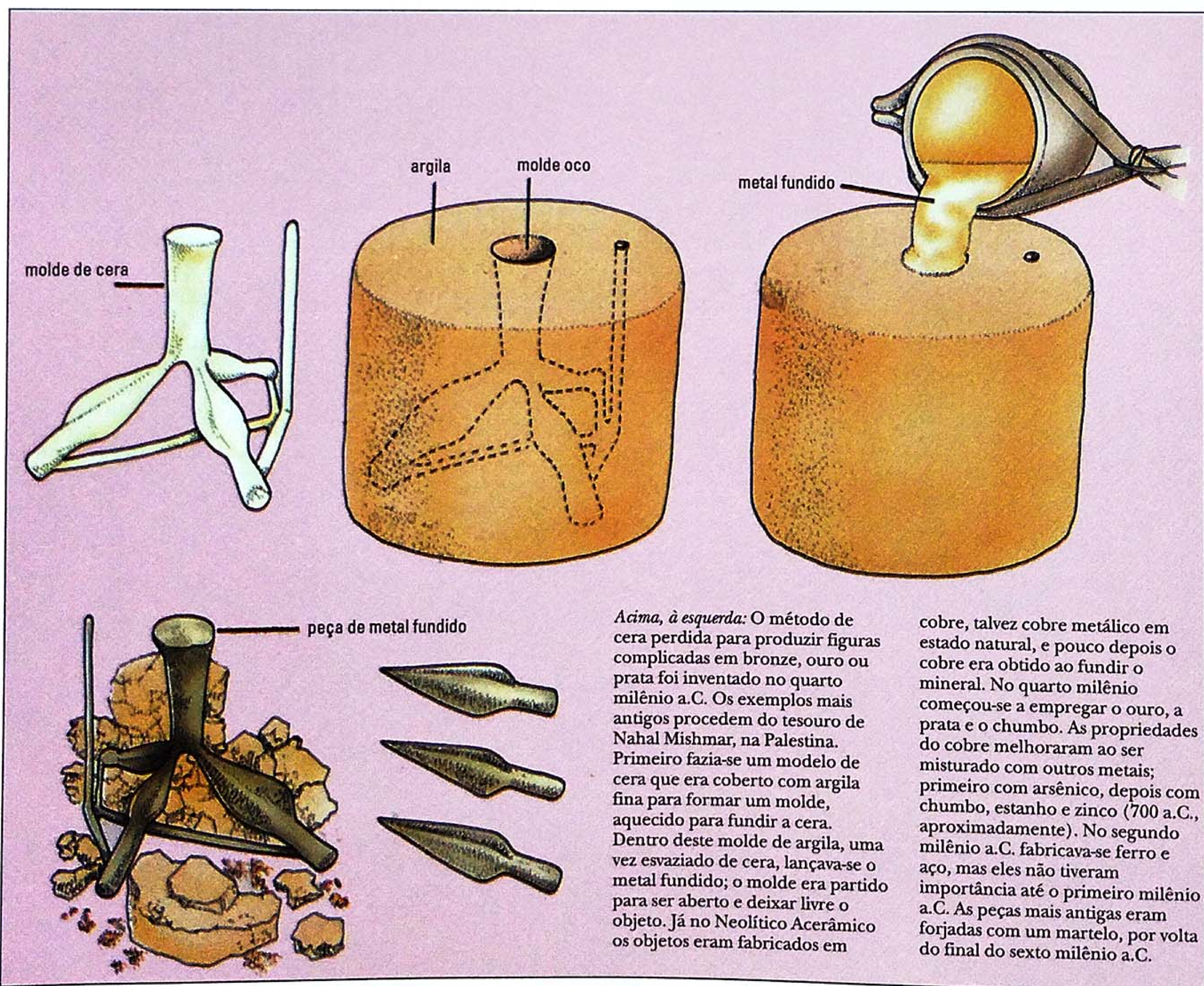
No caso de algumas artes, como a cerâmica ou a metalurgia, é possível determinar os processos de fabricação a partir dos utensílios preservados. Alguns textos trazem informações pormenorizadas dos métodos utilizados na manufatura do vidro, na fabricação de perfumes, na elaboração da cerveja e na curtição de couros, e outros contêm precisões sobre diversos aspectos econômicos das indústrias.





Acima: Vasilhas envidraçadas semelhantes às encontradas na Babilônia e na Assíria, do primeiro milênio a.C. Por volta de 4000 a.C. louça fina (um material envidraçado artificial) era fabricada na Mesopotâmia, mas o cristal não foi utilizado na cerâmica até o segundo milênio a.C. O problema era adaptar o cristal ao corpo da vasilha para que não se quebrasse. Altura: 8 cm.

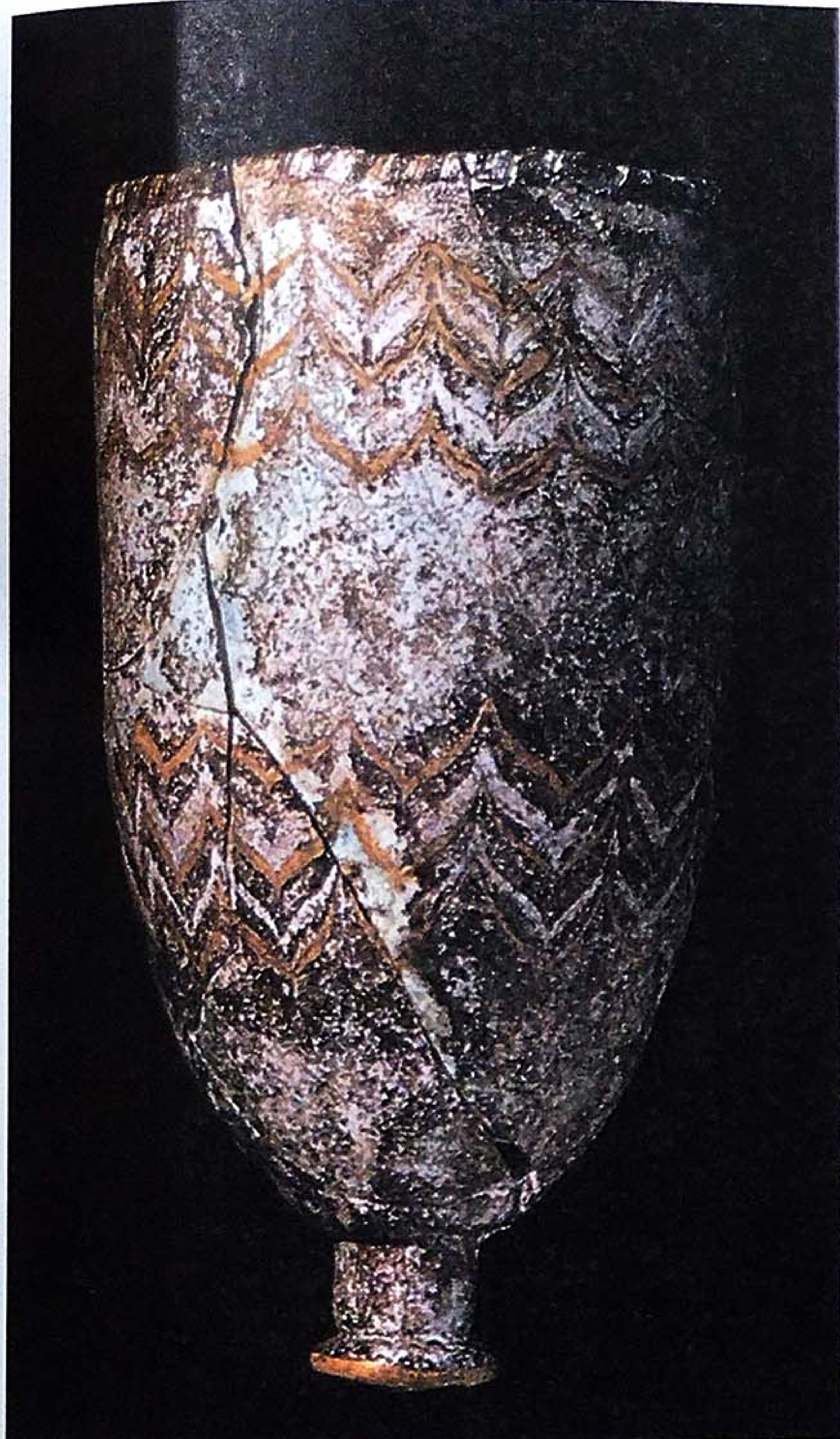
Abaixo: Ilustração das paredes do palácio de Sennacherib (704-681 a.C.), em Nínive, em que se mostra o processo de transporte das esculturas de pedra maciça colocadas nos corredores dos palácios assírios. As estátuas eram esboçadas nas pedreiras e postas sobre uma plataforma que se deslocava sobre rolos de madeira. A plataforma era arrastada até o rio pelos prisioneiros e levada corrente abaixo até a cidade.



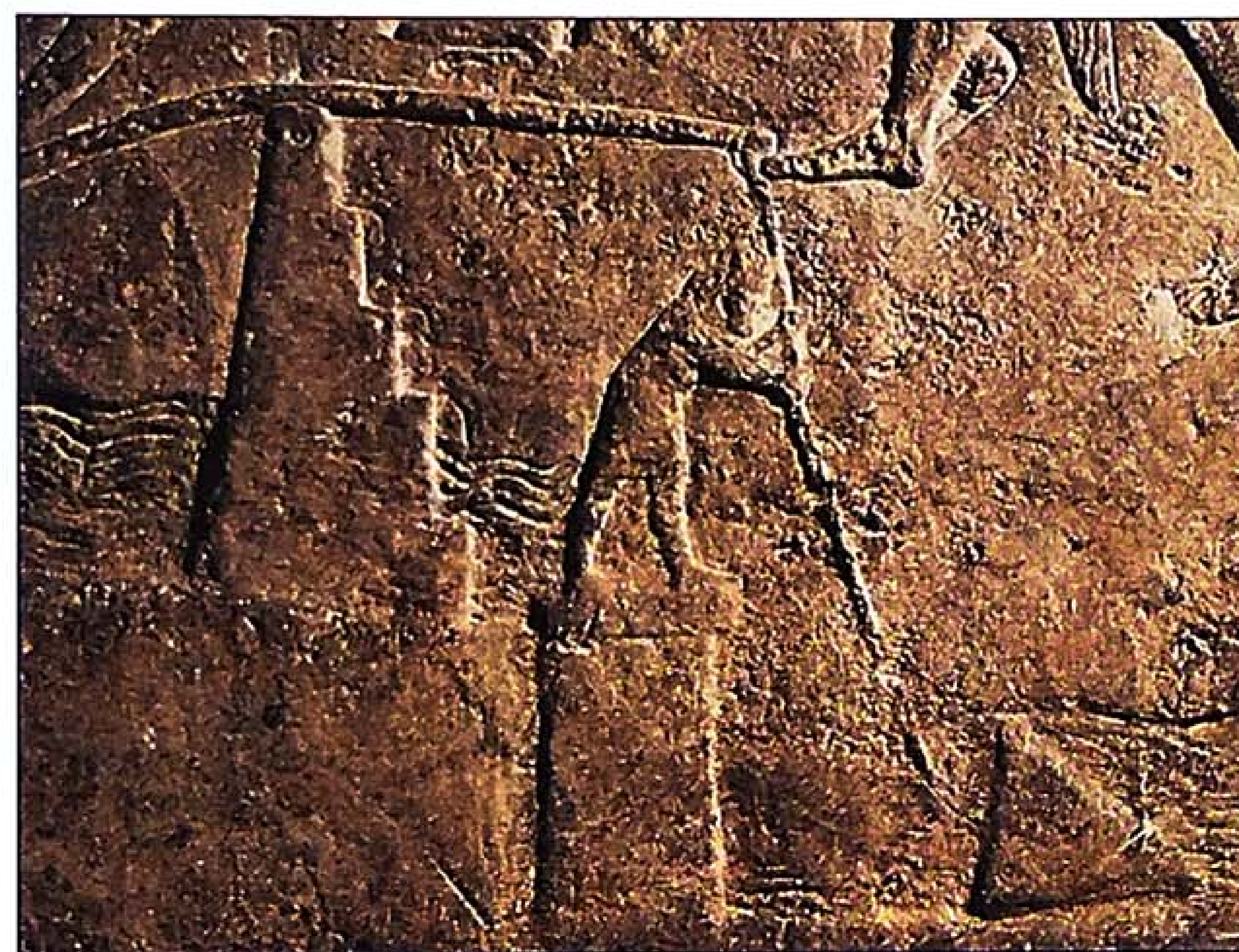
Acima, à esquerda: O método de cera perdida para produzir figuras complicadas em bronze, ouro ou prata foi inventado no quarto milênio a.C. Os exemplos mais antigos procedem do tesouro de Nahal Mishmar, na Palestina. Primeiro fazia-se um modelo de cera que era coberto com argila fina para formar um molde, aquecido para fundir a cera. Dentro deste molde de argila, uma vez esvaziado de cera, lançava-se o metal fundido; o molde era partido para ser aberto e deixar livre o objeto. Já no Neolítico Acerâmico os objetos eram fabricados em cobre, talvez cobre metálico em estado natural, e pouco depois o cobre era obtido ao fundir o mineral. No quarto milênio começou-se a empregar o ouro, a prata e o chumbo. As propriedades do cobre melhoraram ao ser misturado com outros metais; primeiro com arsênico, depois com chumbo, estanho e zinco (700 a.C., aproximadamente). No segundo milênio a.C. fabricava-se ferro e aço, mas eles não tiveram importância até o primeiro milênio a.C. As peças mais antigas eram forjadas com um martelo, por volta do final do sexto milênio a.C.



Abaixo: A invenção do vidro por volta de 1600 a.C. foi uma das grandes realizações dos artesãos mesopotâmicos. Há exemplos isolados de contas de vidro de épocas anteriores, mas tratava-se provavelmente de contas de louça envidraçada. A vasilha da fotografia foi encontrada em Tell al-Rimah e data do século XV a.C. A forma imita a das taças de cerâmica do mesmo período. Era moldada sobre um coração de madeira. Sobre a superfície ainda mole da vasilha colocavam-se barras de vidro colorido, pressionadas para cima e para baixo para produzir os motivos em ziguezague. Altura: 13,4 cm.







Acima: As planícies do Sul da Mesopotâmia são marcadas pelas linhas dos canais e seus bancos de sedimentos. Alguns continuam a serem usados hoje e fertilizam os campos com as suas águas; outros foram abandonados. Os canais tinham que ser cuidadosamente projetados para que não assoreassem rápido demais.

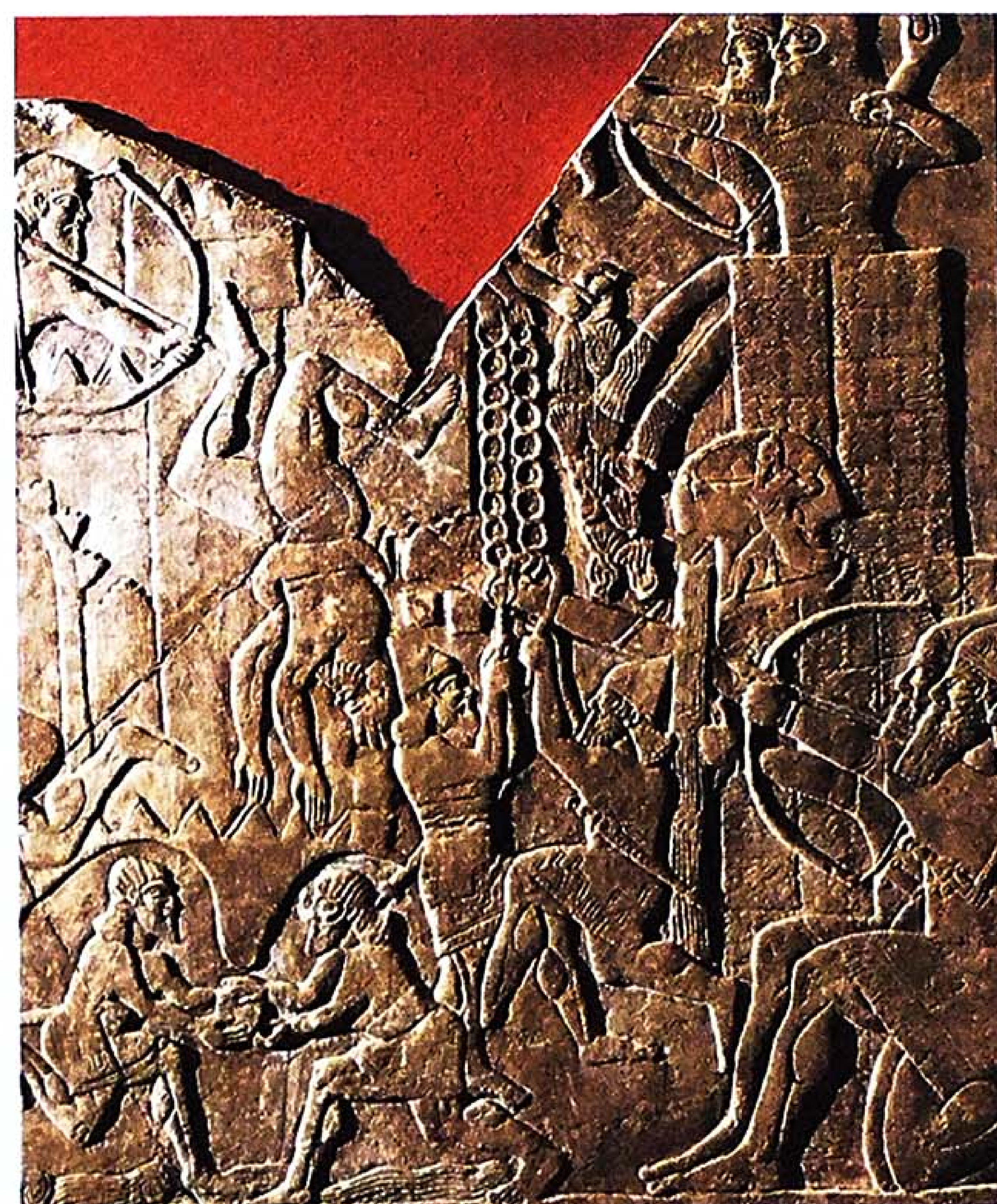
À esquerda: Detalhe do palácio de Sennacherib, em Nínive, que mostra um operário utilizando um *shaduf*, um sistema de elevação de águas mediante contrapesos para carregar a água até um canal. Este simples dispositivo era usado desde o terceiro milênio a.C.





Acima: Relevo moldado em argila cozida, de 1900 a.C. aproximadamente, onde se vê um carpinteiro trabalhando com um enxó, como os utilizados na região hoje em dia. A produção dos carpinteiros não foi preservada, a não ser em condições extremamente secas. Altura: 8 cm. Largura: 7,6 cm.

À direita: Relevo de Kalhu do século IX a.C. O aríete lançado de uma máquina utilizado pelos assírios durante um cerco foi capturado pelos defensores da cidade.



A vida cotidiana

Nas escavações arqueológicas, a maior parte dos achados consiste em objetos despejados pelos habitantes de um lugar, peças quebradas de cerâmica, ossos de animais etc. A maior parte destes refugos provinha das atividades domésticas, mas desconhecem-se ainda muitos aspectos da vida diária. Os restos do passado podem ser interpretados em certas ocasiões por comparação com as práticas atuais, com a salvaguarda de que as rotinas diárias dos habitantes do Oriente Médio mudaram lenta mas perceptivelmente no ao longo dos milênios e de que o que é certo hoje em dia nem sempre foi assim.

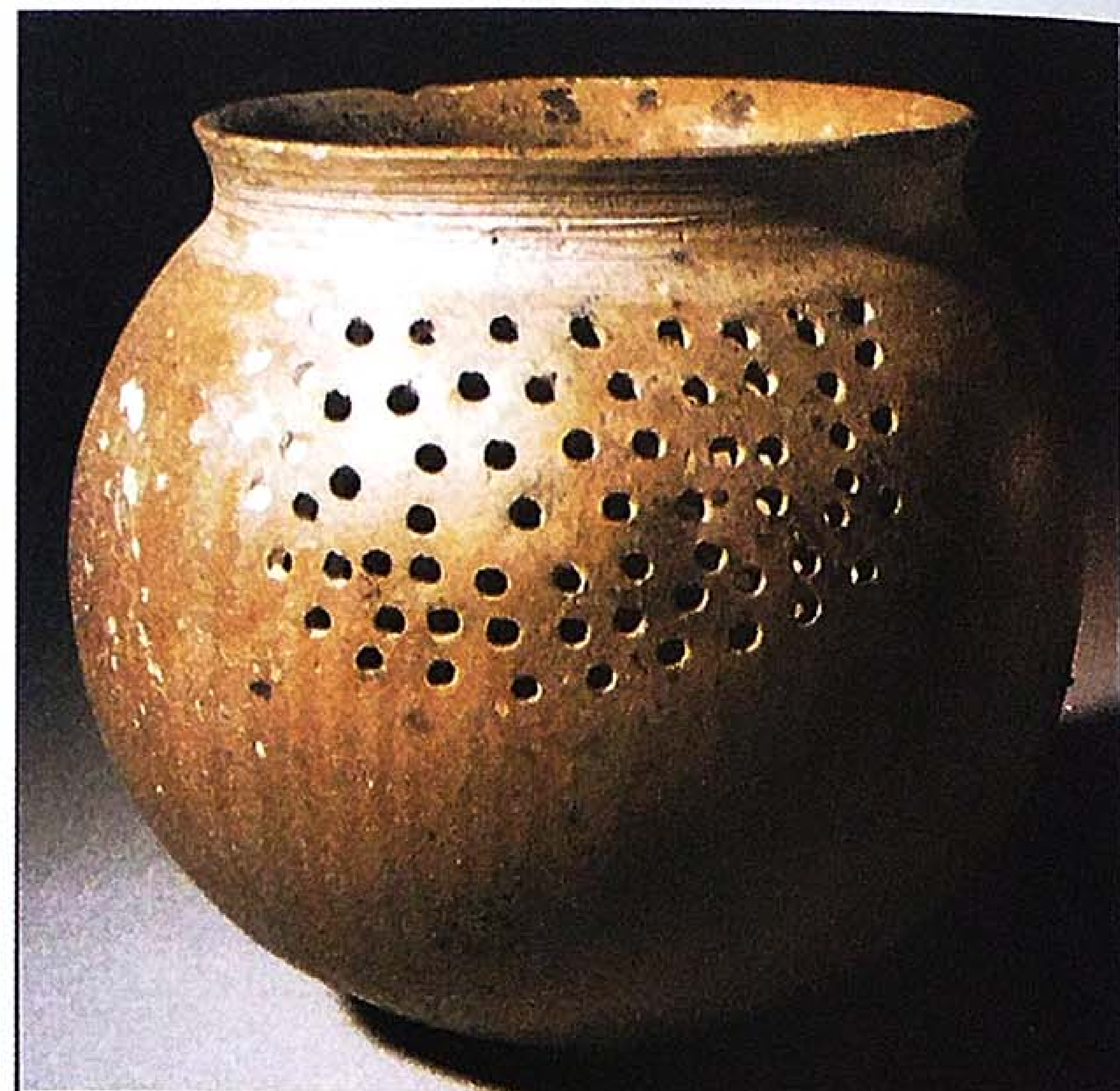
Insistiu-se muito no estudo das elites do Mundo Antigo – reis e nobres, sacerdotes e generais –, protagonistas dos textos preservados, enquanto foram ignoradas as vidas das pessoas comuns. Possui-se muito mais informação sobre os palácios e templos que sobre as moradas dos habitantes das povoações. A maior parte das sociedades do Oriente Médio era dominada pelos homens e poucas figuras femininas se destacam como indivíduos. Por vezes nos vestígios arqueológicos soa encontradas informações sobre a vida de mulheres e crianças.



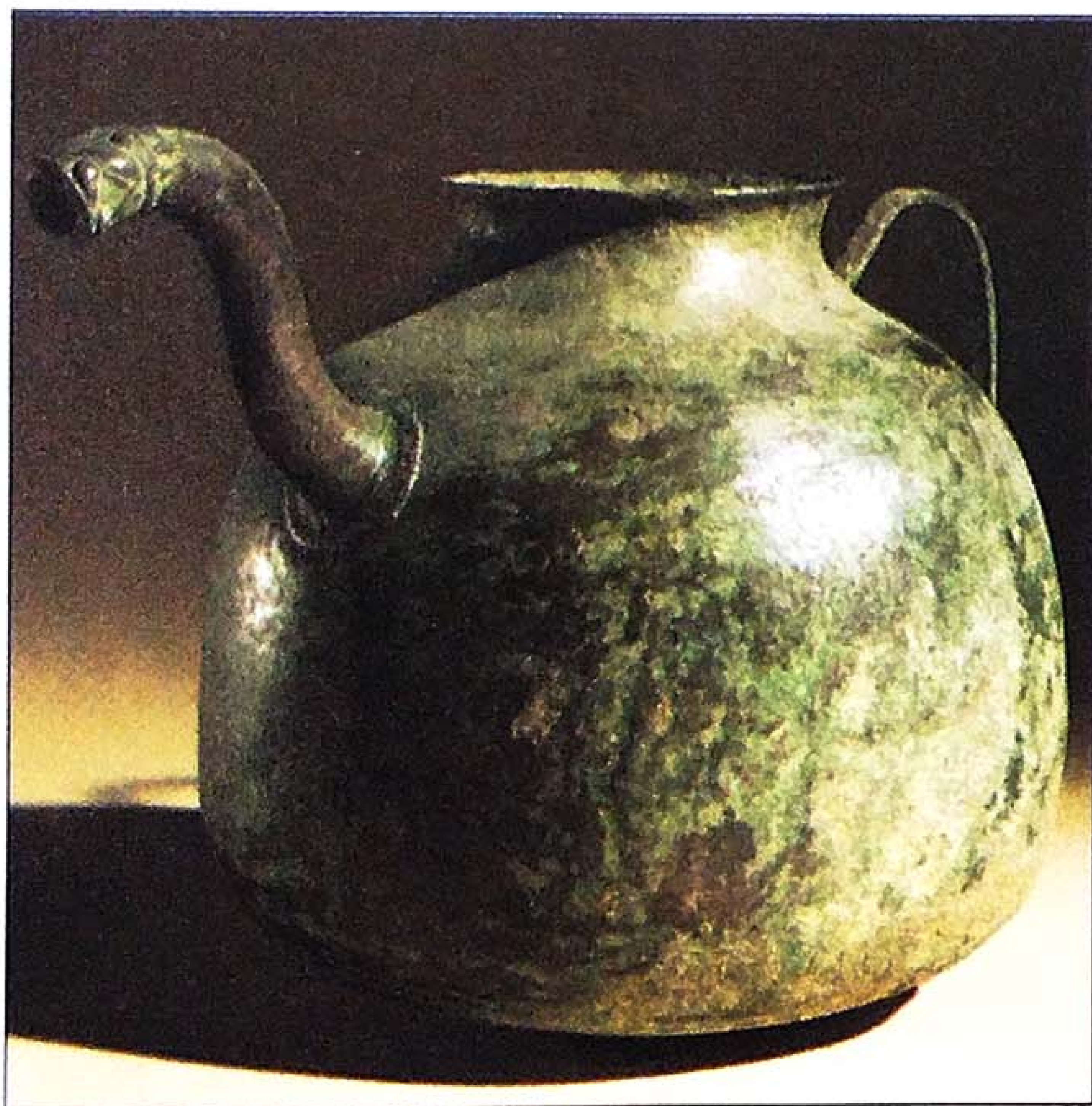
À direita: Impressão de um selo cilíndrico de concha do período acadiano (220 a.C. aproximadamente) que representa um boi puxando um arado de semeadura. As sementes eram lançadas através de um funil e caíam diretamente nos sulcos. Altura: 3,2 cm.



Abaixo: Em uma área de cozinhas do palácio de Mari (século XVIII a.C.) encontraram-se vários destes moldes de cerâmica. Alguns eram de forma circular com motivos animais, outros tinham formas de peixe. Os arqueólogos supõem que foram usados para preparar pratos destinados às mesas reais, talvez compostos de queijos, pão ou algum petisco.



À direita: Vasilha para depurar proveniente da região do sudoeste do Mar Cáspio, que data do segundo milênio a.C. As vasilhas de cerâmica eram feitas de muitas formas e para diferentes propósitos, e são os vestígios mais habituais da vida diária. Altura: 11 cm.



Acima: As vasilhas de metal eram feitas forjando a martelo lâminas de metal. Como a elaboração e o material eram caros, eram consideradas artigos de luxo e os pobres tinham de se contentar com recipientes de cerâmica ou de couro. Esta vasilha de bronze, com um bico em bronze que acaba em uma cabeça de leão, assemelha-se muito a um bule, mas provavelmente não era usado para aquecer água. É possível que fosse feito no Oeste do Irã em princípios do primeiro milênio a.C. Altura: 20 cm.



À direita: A atenção aos mortos era um importante dever dos vivos. Este painel de marfim ou de osso foi encontrado no Túmulo do Senhor das Cabras, na necrópole situada sob o palácio ocidental de Ebla, e data de 1750 a.C. A cena representa um banquete que era provavelmente uma parte dos ritos funerários. As figuras talhadas em osso ou marfim fixavam-se com cavilhas de bronze na tira de reforço. Altura: 4 cm.

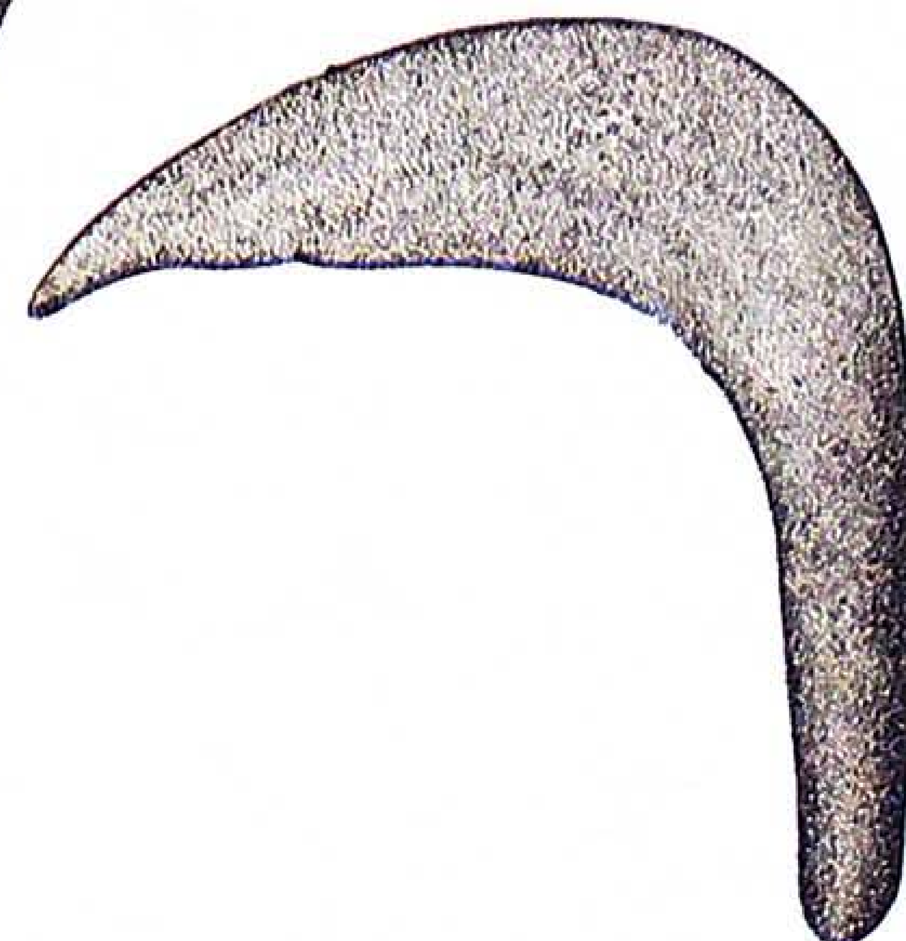


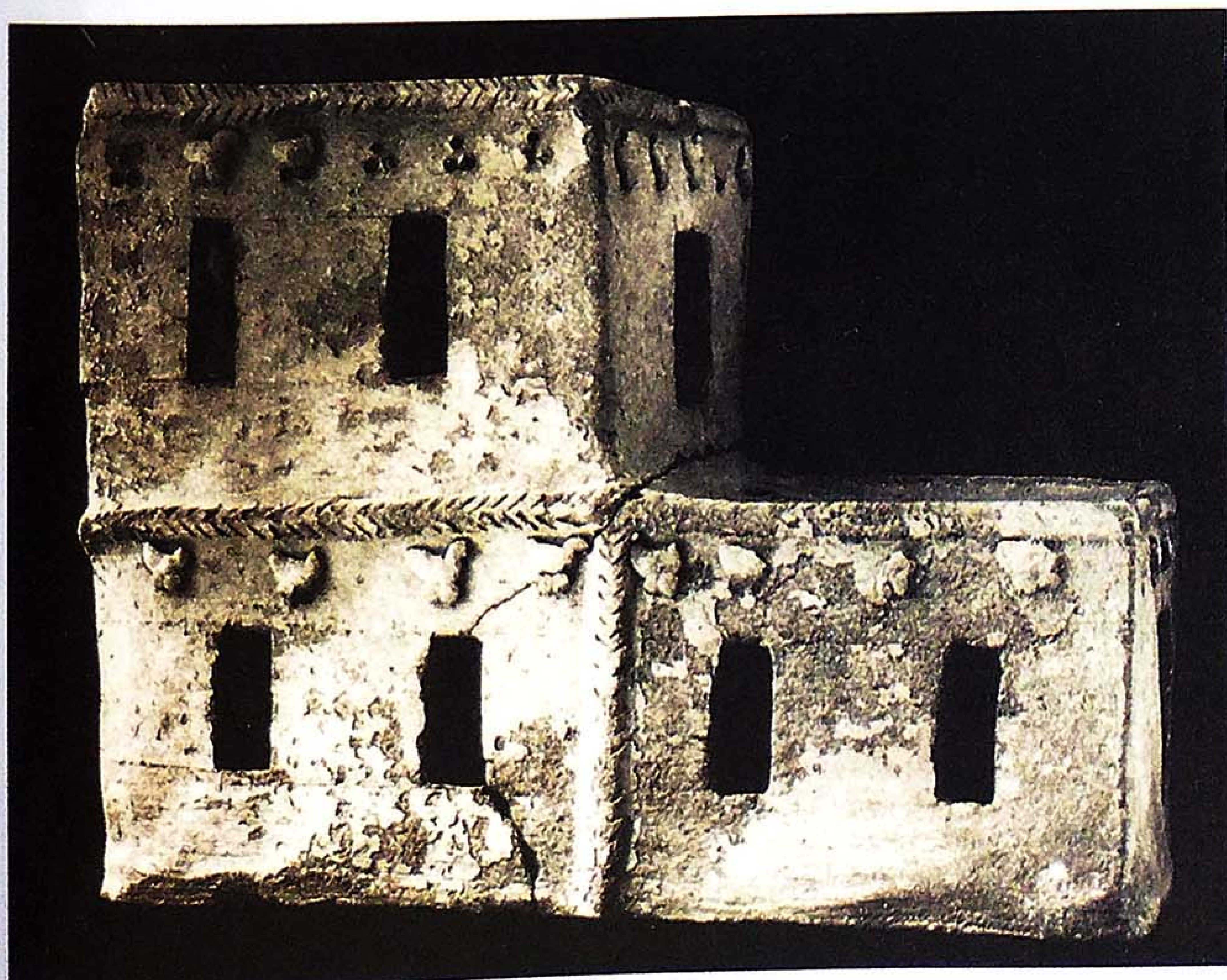
À esquerda: Relevo do palácio de Assurnasirpal (883-859 a.C.) em Kahlu, que mostra os serventes preparando a comida do rei em um campo circular.

Abaixo, à esquerda: Julga-se que esta maquete de uma casa feita de argila cozida foi encontrada próximo de Hama, no Oeste da Síria, e que data do terceiro milênio a.C. Há fileiras de pássaros pousados sobre as paredes da casa. Tratava-se provavelmente de uma oferenda votiva e, portanto, não se cuidavam dos detalhes. Altura: 42 cm.

Abaixo: No período de Ubaid, no Sul da Mesopotâmia, as foices eram feitas de argila cozida, e não de sílex ou de obsidiana como no restante do Oriente Médio. Quando o preço dos metais caiu começaram a usar primeiramente o bronze e depois o ferro para fabricar ferramentas e armas.

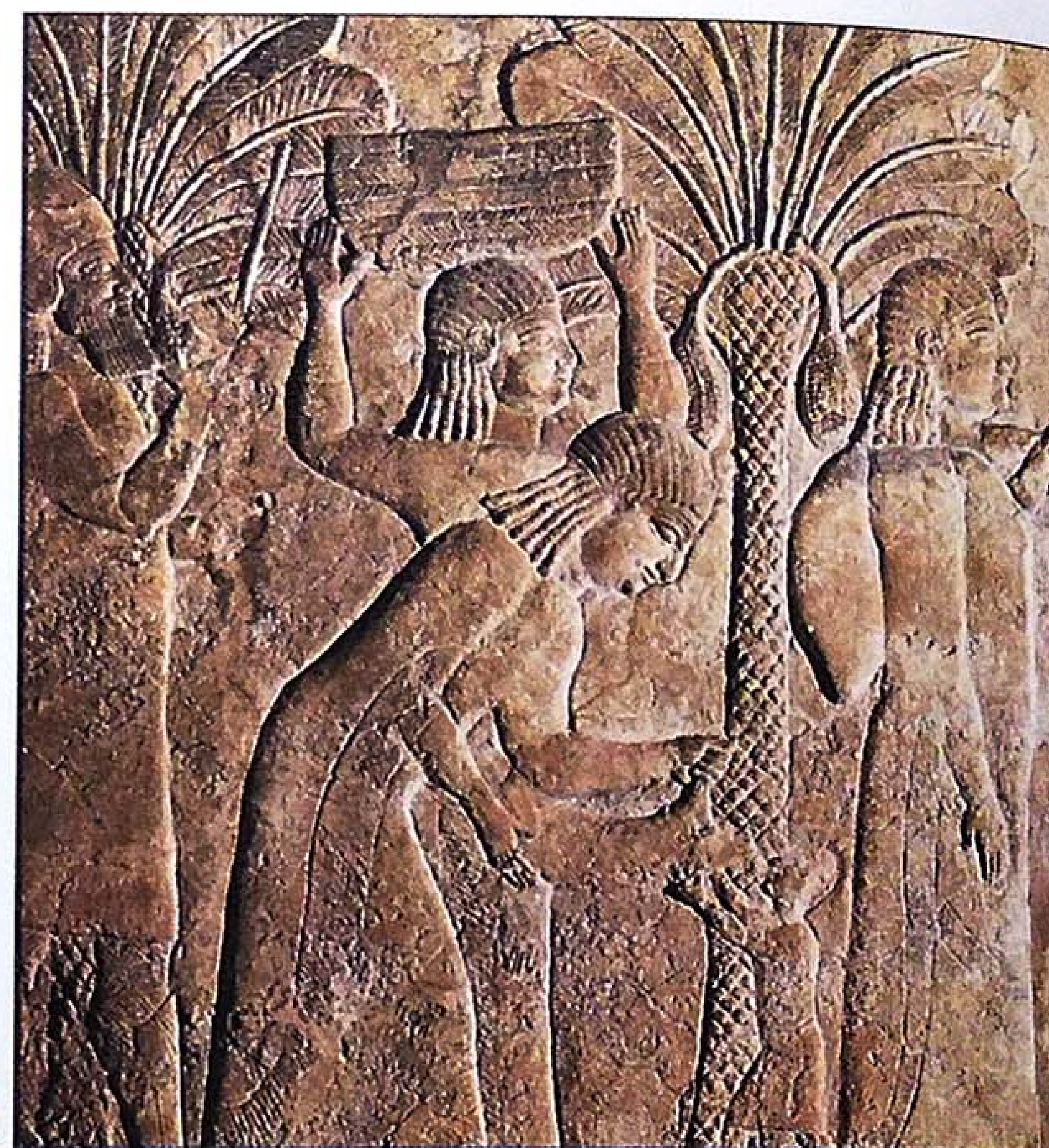
Abaixo, à direita: Impressões de um selo em Susa que representam um homem subindo por uma escada levando qualquer coisa às costas. Acredita-se que é um operário enchendo um armazém de grãos. No terceiro e quarto milênios a.C. eram construídos locais especiais que se apoiavam em paredes de travessas paralelas, destinados a armazenar grãos. Depois se tornou comum a utilização de grandes covas cavadas no chão. Altura: 3,4 cm.







Abaixo: As mulheres que aparecem neste relevo (630-612 a.C.), proveniente do palácio sudoeste de Nínive, estão sendo deportadas depois de uma campanha na Babilônia. Uma mulher dá de beber a uma criança de um odre de couro.

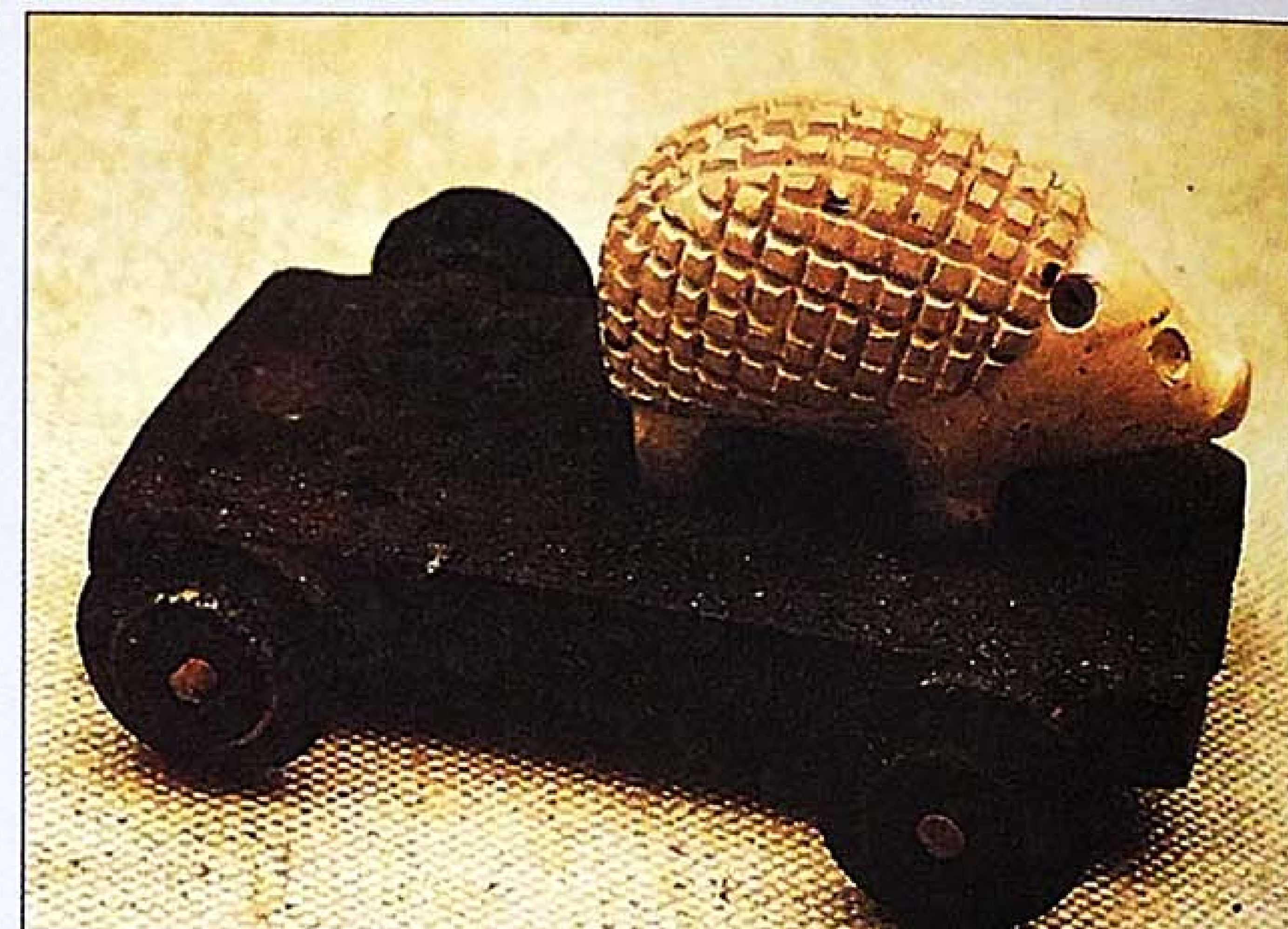




Acima: No antigo Oriente Médio eram as mulheres que habitualmente se ocupavam da tecelagem e fiação e continua a ser assim em muitas regiões. A fabricação de tecidos nas casas era uma importante fonte de renda para a família. Neste caso, uma mulher elamita acompanhada por um criado com um leque está fiando com um fuso. Este relevo, do século VIII ou VII a.C., foi encontrado na acrópole de Susa. Altura: 9,3 cm. Largura: 13 cm.

Abaixo: Relevo moldado em argila cozida que representa uma mulher nua sobre um leito. Este tipo de figura foi associado a cerimônias de matrimônios sagrados. Esta procede com toda a probabilidade de Elam e data de 1750 a.C. Comprimento: 12 cm.





Acima: Os objetos deste tipo costumam ser classificados como brinquedos ou oferendas votivas. O ouriço é feito de pedra, e o carro, de pedra betuminosa. Originalmente havia um segundo animal atrás do ouriço. Comprimento do carro: 67,7 cm.



À esquerda: No antigo Oriente Médio, tanto homens quanto mulheres usavam cosméticos. Esta pequena jarra de louça pode conter *kohl* (pintura negra para os cílios). Foram encontrados recipientes semelhantes em Hasanhu, a noroeste do Irã, que datam do primeiro milênio a.C. Altura: 7cm.



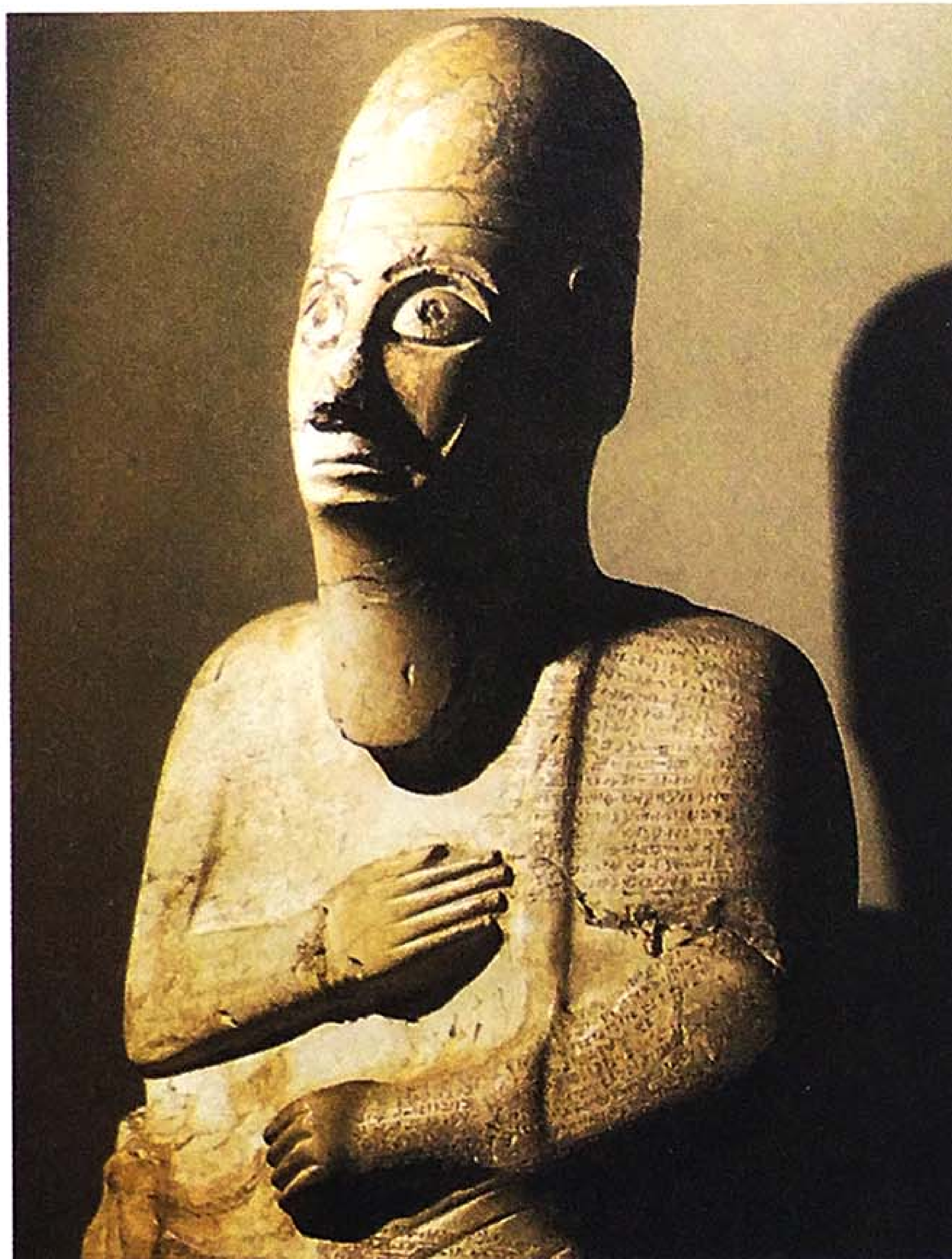
A civilização mesopotâmica foi exemplarmente rica em manifestações artísticas. Mosaicos, construções fabulosas e uma perfeita estética do baixo-relevo são amostras desta cultura, que foi início das culturas.

TERCEIRA PARTE

IMPÉRIOS



ALIADOS E INIMIGOS
(1600 a.C.-1000 a.C.)



À esquerda: Estátua do rei Idrimi, o soberano de Alalah, encontrada enterrada no templo. É feita em pedra branca com olhos e sobrancelhas incrustados em pedra preta. O rei está sentado em um trono elevado assentado em uma base de basalto. Uma longa inscrição cobre o corpo do soberano com os pormenores da sua vida. A família procedia de Alepo, de onde fugiu, e após vários anos vagando tornou-se o rei de Alalah e vassalo da dinastia de Mitani. Altura: 1,04 m.

A ascensão do Egito

No início do século XVI a.C., o rei hitita Mursilis destruiu Alepo e pôs fim à dinastia de Hamurábi na Babilônia. No seu regresso à Anatólia foi assassinado pelo seu cunhado, que se apoderou do trono. Pouco tempo depois as divergências internas e as incursões dos hurritas tinham reduzido o reino hitita aos territórios que rodeavam a sua capital. O Oriente Médio caiu em decadência ou, pelo menos, no obscurantismo. Só existem informações sobre o Oriente Médio do século que se seguiu, e o que se conhece procede de relatos posteriores. A região dividiu-se entre cinco ou seis potências principais: o Egito, o gigante adormecido, situado no sudoeste, o reino hurrita de Mittani que controlava o Levante e o Norte da Mesopotâmia incluindo a Assíria e as terras a leste do Tigre. A Anatólia era governada pelos hititas no centro e pelos arzawa no oeste. Os cassitas tinham sob o seu poder o Sul da Mesopotâmia, e o sudoeste do Irã era governado pelos elamitas.

A primeira potência que ressurgiu foi o Egito. Enquanto a dinastia asiática dos hicsos dominava o delta do Nilo, o controle do Alto Egito estava nas mãos da 17ª dinastia autóctone. Por volta de 1555 a.C., Kamósis, o último rei desta dinastia, atacou os hicsos. Seu irmão Amósis (1550 a.C.-1525 a.C.) prosseguiu a luta e em vinte anos conseguiu expulsar os hicsos. Amósis, que é considerado o primeiro soberano da 18.ª dinastia, restaurou as fronteiras egípcias ao sul e ao norte e criou o Reino Novo.

Sob Tutmósis I (1504 a.C.-1492 a.C.) o Egito ultrapassou as suas fronteiras tradicionais. Os seus exércitos fizeram campanhas mais de 800 km ao sul de Tebas, na Núbia, e mais 1.200 km ao norte das margens do Eufrates. Os egípcios, acostumados a que o Nilo corresse de norte para sul, ficaram surpresos com o Eufrates, o qual descreveram como a "água cuja corrente vai à contracorrente". Na sua viagem de regresso, Tutmósis participou em uma caçada de elefantes na região pantanosa de Niya, talvez nas margens do Orontes. Pode parecer estranha a presença de elefantes na Síria nessa época, mas foram encontrados em Alalah, na zona ribeirinha de Orontes, e em Kumidu, no Líbano, ossos de elefante que são anteriores à invasão de Tutmósis. A espécie que Tutmósis caçou foi denominada elefante sírio, diferente do africano e do indiano, mas pelas pinturas no túmulo de Rekhmire e por um dente encontrado no estrato mais recente da povoação de Arslantepe (Malatya), tudo indica tratar-se de elefantes indianos. Não há a certeza de terem sido introduzidos nalguma época ou se são sobreviventes de tempos mais remotos. Nos textos de Mari nunca são mencionados. Tutmósis não identificou os seus inimigos, mas batizou a região até onde chegou com o nome de Nahrin, que significa "o país do rio". Uma inscrição fragmentada datada do seu reinado incluía o nome de Maittani, o país que depois se chamou Mittani e que rivalizou com o Egito pelo controle do Levante até meados do século XIV a.C.

Reis do Egito 18º Dinastia

Amósis	1550-1525
Amenófis I	1525-1504
Tutmósis I	1504-1492
Tutmósis II	1492-1479
Tutmósis III	1479-1425
Hatshepsut	1473-1458
Amenófis II	1427-1401
Tutmósis IV	1401-1391
Amenófis III	1391-1353
Amenófis IV (Akhenaton)	1353-1335
Smenkhare	1335-1333
Tutancâmon	1333-1323
Ay	1323-1319
Haremhab	1319-1307

Mittani e a dinastia hurrita

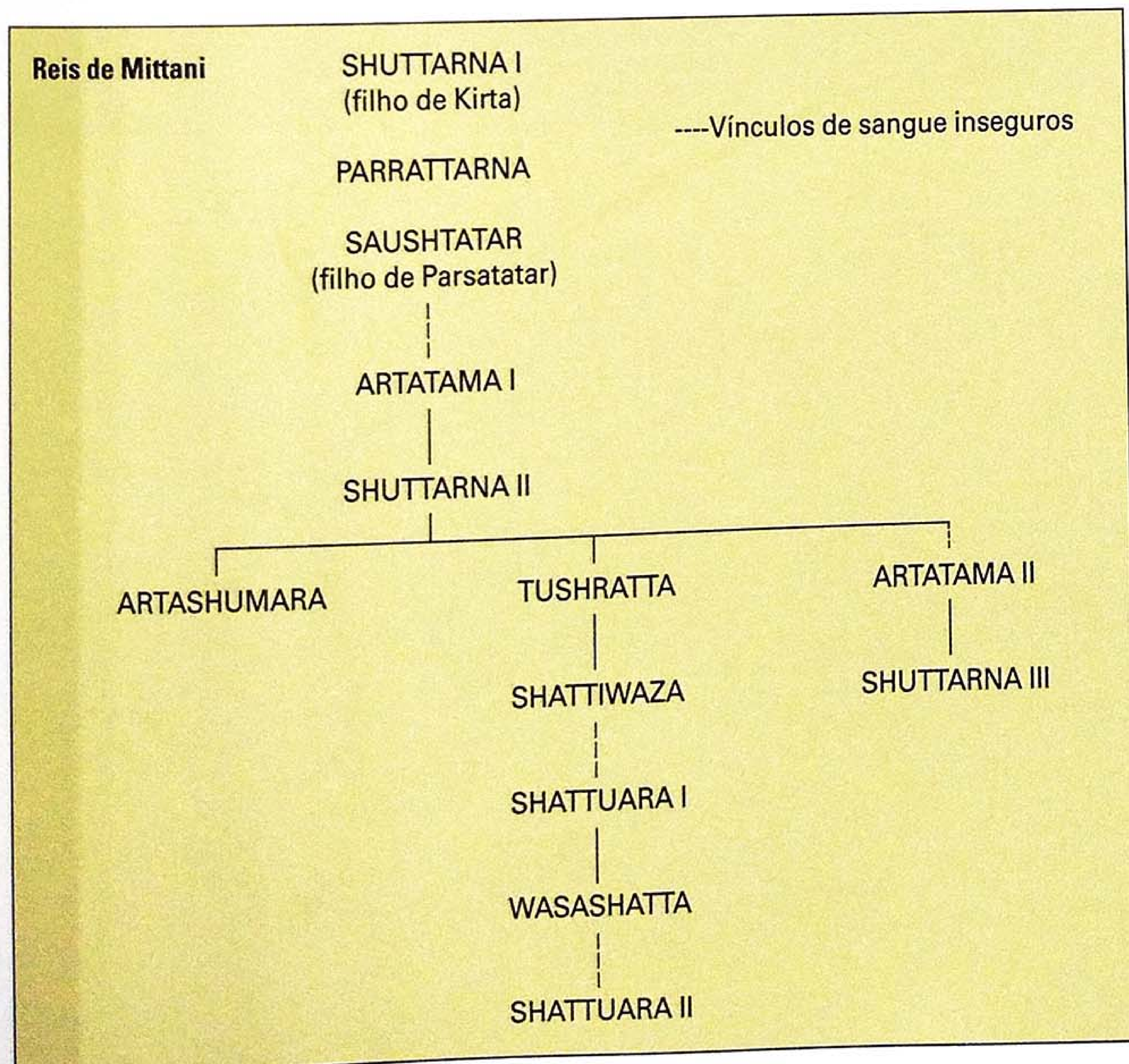
Mittani era para os assírios *Hanigalbat,* enquanto para os hititas era o "país dos hurritas". Os hurritas tinham aparecido 700 anos antes e nos primeiros anos do 2.º milênio tinham formado numerosos principados menores no Norte e no Leste da Mesopotâmia. Cerca de 1480 a.C., Parrattarna, o chefe supremo do rei Idrimi, unificou-os. Uma inscrição de caráter autobiográfico na estátua de Idrimi que se encontrou em Alalah, conta como ele e seus irmãos mais velhos fugiram de Alepo (Halab), a casa dos seus antepassados, para se refugiar com os pais da sua mãe em Emar.

Pensando que quem não se arrisca não passa o mar, pegou no "seu cavalo, no seu carro e no seu palafrenei-

À direita: O vale de Jezrael, que aparece na Bíblia com Esdrelon, é a rota mais simples para ir da costa até o vale Jordão. Fica também na rota principal que une o norte ao sul, de modo que o controle do vale era um objetivo principal dos invasores egípcios. A cidade de Meguido ficava na cabeceira da passagem mais importante da cadeia montanhosa do Carmelo, que conduzia do vale de Jezrael até a planície costeira de Sharon.



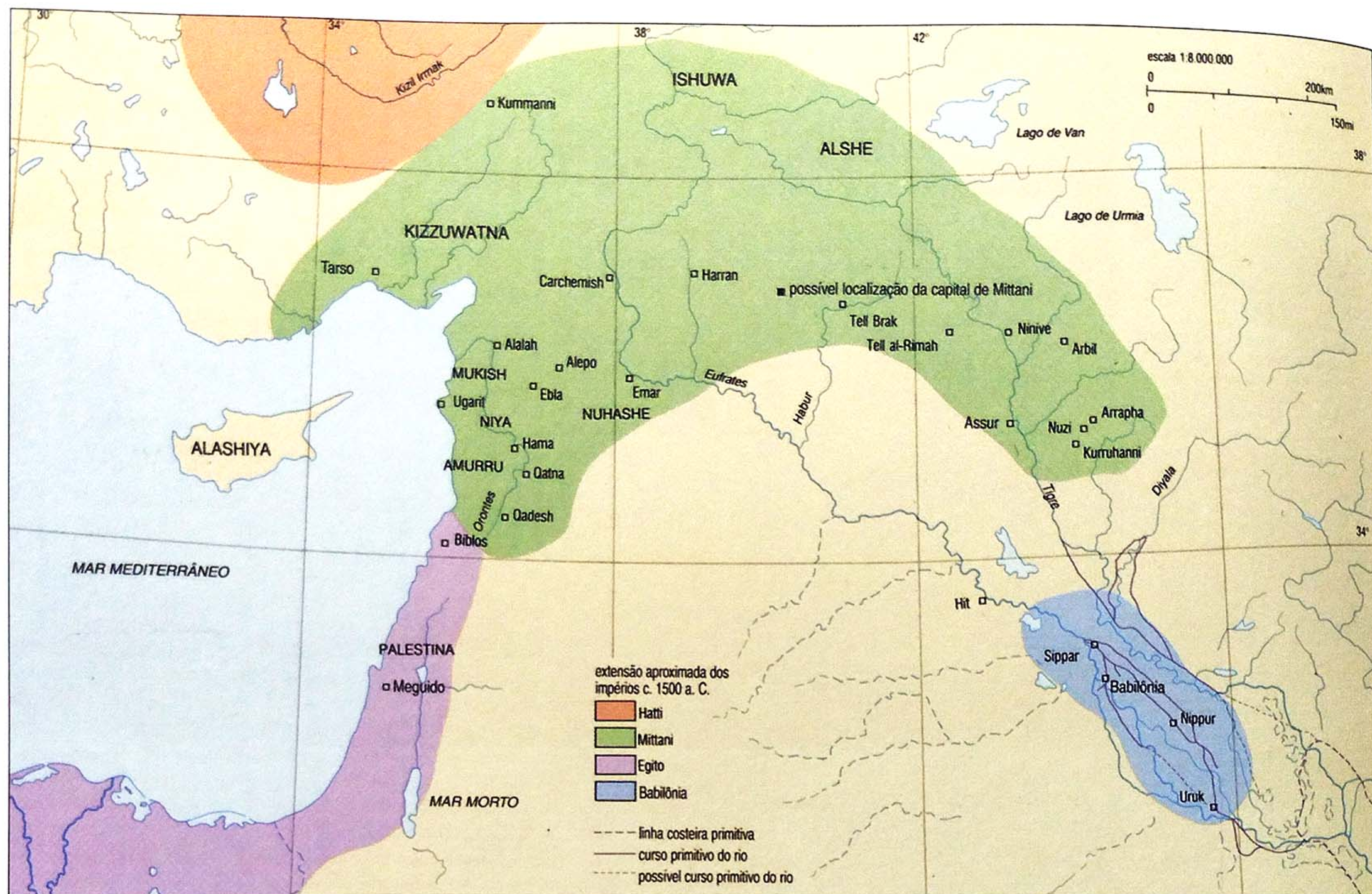
ro" e partiu à procura de fortuna para Canaã. Passou sete anos entre os hapiru antes de se dirigir para o país de Mukish, onde se instalou. Dali, depois de mais sete anos, Idrimi enviou a Parrattarna, o rei hurrita, um embaixador com tributos, e depois de ter feito um juramento que o vinculava como vassalo, converteu-se em rei de Alalah, onde governou por trinta anos. Em um texto de Nuzi, a leste da Mesopotâmia, mencionava-se também a morte de um rei chamado Parrattarna, mas poderia tratar-se de um soberano posterior.



Não foram esclarecidos os motivos que levaram Idrimi a fugir de Alepo, mas é possível que fosse devido a uma incursão dos hurritas, seguida da invasão de Tutmósis I. O filho do rei egípcio, Tutmósis II (1492 a.C.-1470 a.C.) lutou em Núbia e na Palestina, mas morreu quando o seu filho era ainda uma criança; a sua viúva Hatshepsut governou o Egito e proclamou-se faraó. Pouco depois da sua morte, o seu enteado Tutmósis III (1479 a.C.-1425 a.C.) iniciou uma série de campanhas no Levante, das quais há informações pormenorizadas nas paredes do Grande Templo de Amon, em Tebas.

No 22.º ano do seu reinado, Tutmósis invadiu a Palestina. A melhor rota do Egito ao Levante seguia a *via Maris* dos romanos ao longo da costa, atravessando o monte Carmelo até o vale Jezrael (Esdralon); voltando de novo pela costa, atravessava Tiro e Sidon, no norte, ou seguia pela linha escarpada do Jordão, o vale de Beqaa e o rio Orontes. Do rio Jordão, uma segunda rota conduzia até o nordeste, até Damasco, onde se juntava à Rota dos Reis, traçada de norte a sul pelos limites do deserto do golfo de Aqaba. Tutmósis seguia a *via Maris,* mas ao receber notícias de que o soberano de Qadesh e os seus aliados tinham entrado em Megiddo, no vale de Jezrael, o faraó, segundo a sua inscrição, contra a opinião dos seus generais, escolheu a rota mais difícil das três através das montanhas e colocou-se atrás das linhas inimigas. Os egípcios venceram a batalha e poderiam ter capturado a cidade de Megido logo de seguida, se não tivessem perdido tempo saqueando os despojos dos vencidos no campo de batalha. Depois de um cerco de sete meses, a cidade, por fim, caiu.

Tutmósis prosseguiu a campanha na Palestina e no Levante durante os vinte anos seguintes do seu reinado, desfazendo-se dos rebeldes e nomeando governadores locais leais ao Egito. O seu grande êxito verificou-se no 33.º ano do seu reinado, quando atravessou o Eufrates no decurso da sua campanha. No seu regresso,

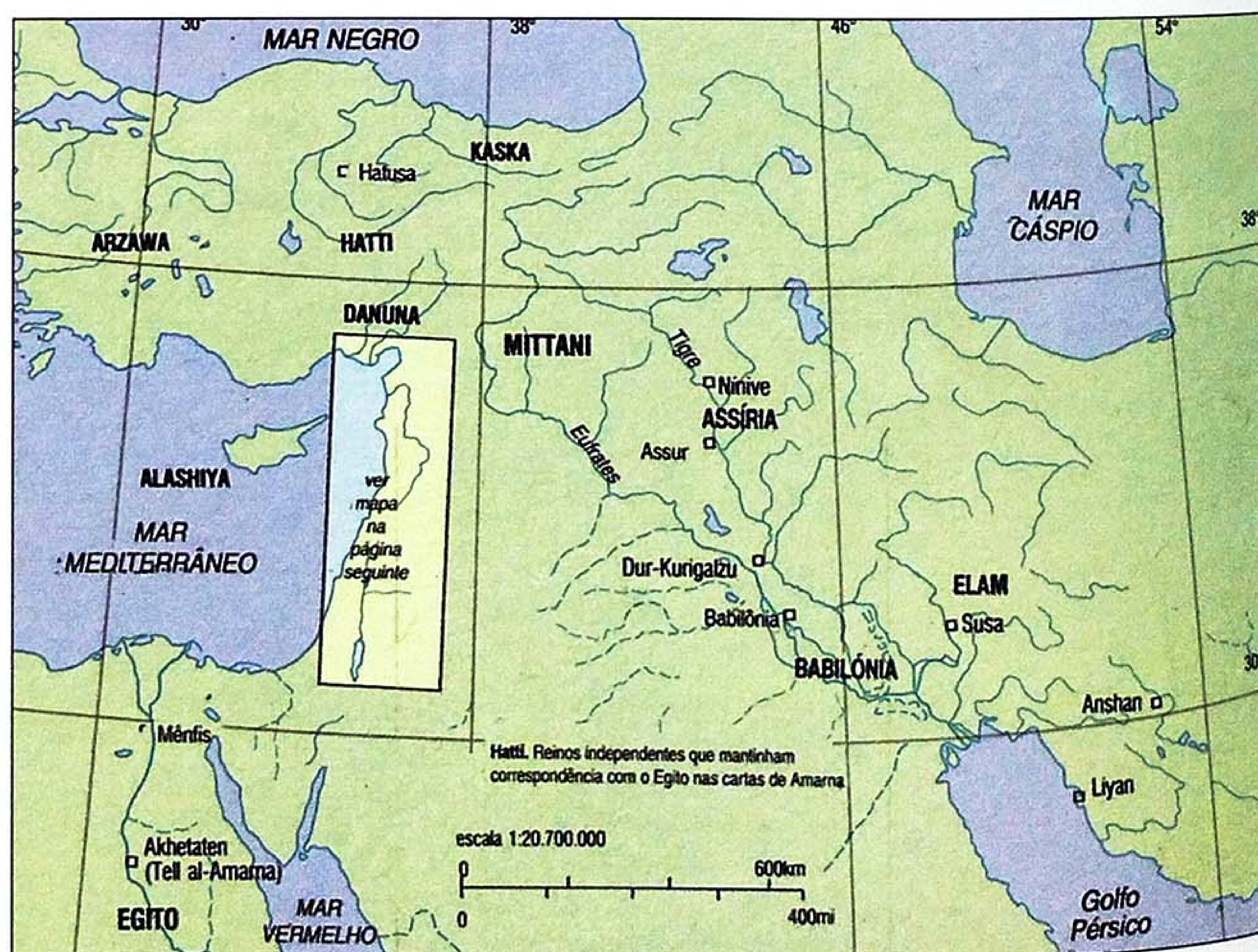


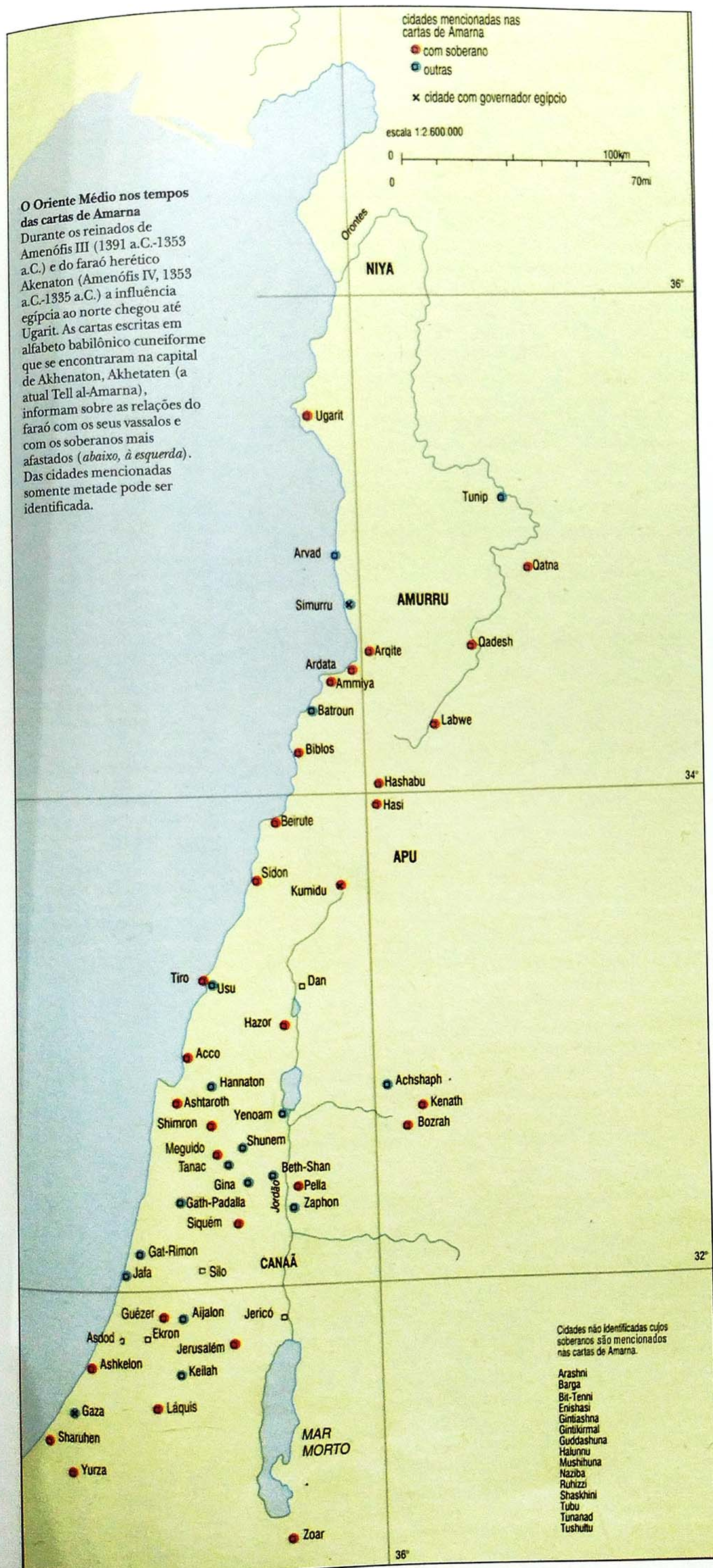
tal como acontecera com o seu pai, participou em uma caçada de elefantes em Niya. Durante estas campanhas, Tutmósis recebeu presentes (entre outros, dos soberanos assírios e hititas) e tributos, conseguindo grandes espólios, registrados com precisão. Tutmósis fez também com que se soubesse do seu interesse em adquirir plantas e animais exóticos raros, incluindo uma ave estrangeira que punha ovos todos os dias (talvez uma galinha doméstica). A galinha selvagem foi domesticada no Extremo Oriente cerca de 6000 a.C., mas os primeiros achados confiáveis de ossos de frango no Oriente Médio datam dos últimos séculos do 2.º milênio a.C. (tal como uma das primeiras representações, desenho gravado em um pente de marfim procedente de um túmulo de Assur).

Tutmósis anotou em uma lista mais de 300 príncipes que participaram na batalha de Megido e mais de 100 lugares conquistados pelas suas tropas. A maioria ficava na Palestina, mas somente foi identificada metade deles. Quase todas as povoações do período médio da Idade do Bronze III mostram sinais de destruição nessa época, atribuíveis às invasões egípcias, com estratos posteriores que pertencem à Idade do Bronze Final. Assim, no final do reinado de Tutmósis, a Palestina foi dividida em pequenas cidades-Estados que deviam fidelidade ao Egito. Mais para norte, no Levante, a influência dos egípcios foi igualada pela dos soberanos de Mittani.

Os conflitos continuaram no reinado de Amenófis II (1427 a.C.-1401 a.C.), o filho de Tutmósis. Em 1421 atravessou o Orontes, capturou Niya e Qadesh, e no seu regresso, na planície litoral ao sul do monte Carmelo, "encontrou um mensageiro do príncipe de Nadhrin

O império de Mittani (*acima*): Não se conhece bem a história de Mittani. Os textos encontrados procedem na sua maioria dos extremos do império, de Alalah, a oeste, e de Nuzi, a leste. O núcleo do império encontrava-se provavelmente na bacia alta do Rio Habur. A capital era Washukanni, mas a sua localização é incerta. Foi sugerido em várias ocasiões que se tratava de Tell al-Fakhariyeh, a leste de Tell Brak, mas é muito discutível. Mittani era o principal rival do Egito no controle do Levante até a ascensão dos hititas no século XIV a.C. Nessa época os hititas ocuparam a metade ocidental do primitivo império de Mittani, enquanto a metade oriental estava sob controle dos governantes de Assur, recentemente independente. Depois de um século sem informações relativas à Babilônia, esta reaparece no século XV a.C. sob a dinastia dos reis cassitas.





O Oriente Médio nos tempos das cartas de Amarna
Durante os reinados de Amenófis III (1391 a.C.-1353 a.C.) e do faraó herético Akenaton (Amenófis IV, 1353 a.C.-1335 a.C.) a influência egípcia ao norte chegou até Ugarit. As cartas escritas em alfabeto babilônico cuneiforme que se encontraram na capital de Akhenaton, Akhetaten (a atual Tell al-Amarna), informam sobre as relações do faraó com os seus vassalos e com os soberanos mais afastados (*abaixo, à esquerda*). Das cidades mencionadas somente metade pode ser identificada.

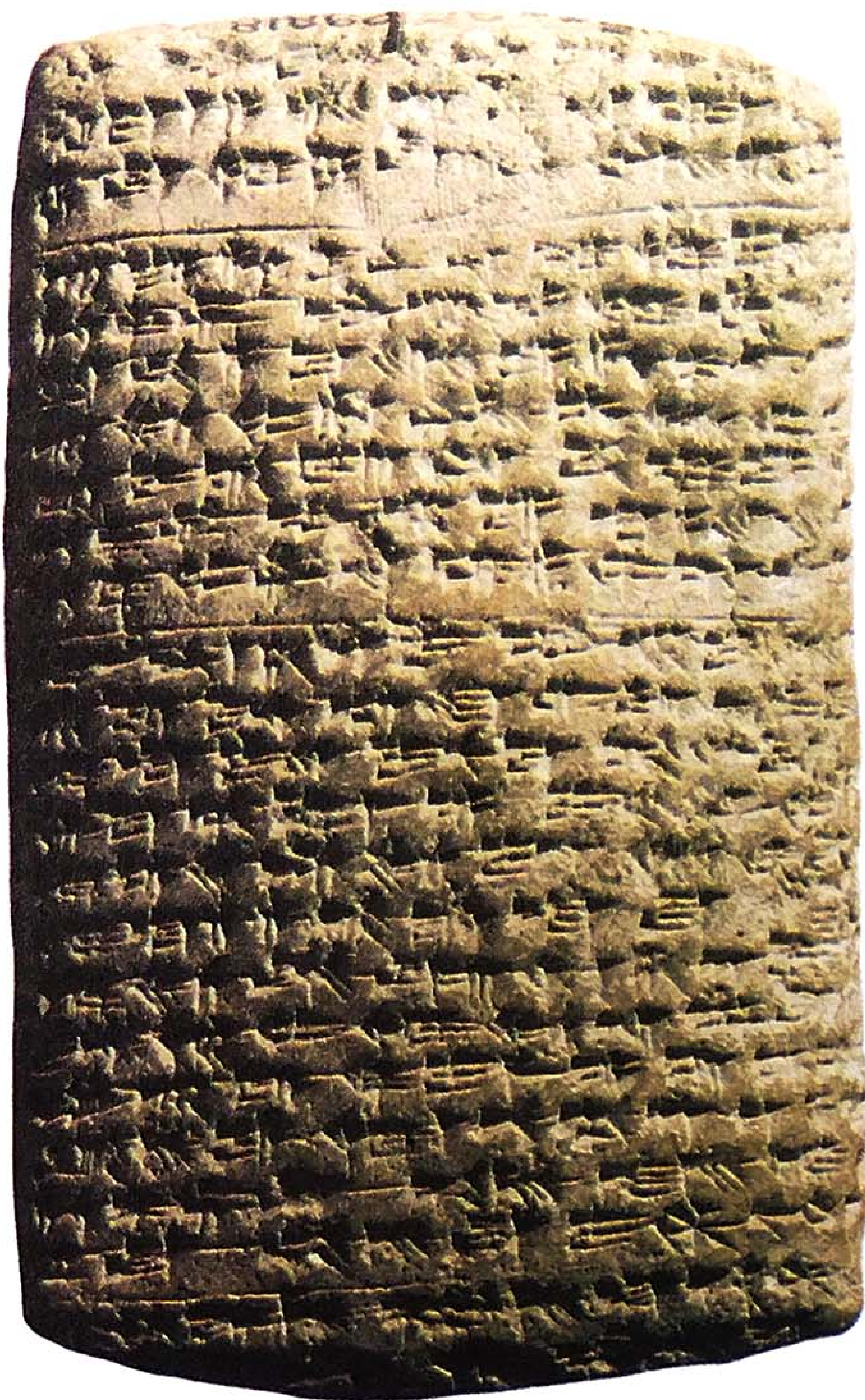
com uma tabuinha de argila pendurada no seu pescoço e fê-lo prisioneiro". Amenófis registrou assim o espólio das suas campanhas: "maryannu (nobres) 550, as esposas destes 240, cananeus 640, filhos de príncipes 232, filhas de príncipes 323, músicos femininos de príncipes dos países estrangeiros 270, junto... de prata e de ouro... cavalos 820, carros 730 com todas as suas armas de guerra". Segundo o relato de Amenófis, quando as notícias da grande vitória chegaram aos ouvidos dos príncipes de Nahrin, de Hatti e de Sangar, estes lhe enviaram os seus tributos. Nahrin identificou-se com Mittani, Hatti com os hititas e Sangar (duvidoso) com Babilônia.

É possível que o governador de Mittani nesta época fosse Saushtatar. Duas tabuinhas encontradas em Alalah incluem os juramentos feitos por este e têm a impressão de um selo com as palavras, "Shuttarna, filho de Kirta, rei de Maittani". Relativamente ao resto, este Shuttarna é inteiramente desconhecido, mas usar o selo de um soberano anterior para legitimar o seu próprio governo era uma prática habitual entre os últimos reis de Mittani, assim como entre o filho de Idrimi, o governador de Alalah, e entre os reis assírios. Saushtatar arbitrava entre os seus vassalos Niqmepa de Alalah e Shunashura de Kizzuwatna (Cilícia), mas não conservou o domínio sobre esta última cidade, pois se sabe que um rei de Kizzuwatna assinou um tratado com os hititas que anulava o anterior com Mittani. Nas tabuinhas de Nuzi e as de Tell Brak encontraram-se selos de Saushtatar impressos em documentos dos últimos dois reis de Mittani, Artashumara e Tashratta, os netos do sucessor de Saushtatar. O tratado entre Shattiwaza e o rei hitita Suppiluliumas registra como Saushtatar saqueou Assur e levou consigo uma porta de ouro e de prata para a sua capital Washukanni.

Não se conhecem pormenores sobre Washukanni. Nos textos do período médio da Assíria a cidade chama-se Ushukanni e por causa da semelhança dos nomes tentaram identificá-la com Sikanu, uma cidade do século IX a.C. Pelo achado de uma estátua do seu soberano, sabe-se que Sikanu se situava no que hoje é conhecido como Tell Fakhariyeh, próximo de Ras al-Ain, no Nordeste da Síria. Mas até agora as escavações não trouxeram à luz do dia nenhuma povoação importante da época de Mittani. Além disso, a argila utilizada nas tabuinhas de Tushratta, feitas provavelmente em Washukanni, é diferente da utilizada nas tabuinhas do período médio da Assíria procedentes de Tell Fakhariyeh. A informação sobre Mittani provém de arquivos estrangeiros (egípcios, hititas ou assírios) ou das áreas periféricas de Mittani, Alalah e Nuzi. As recentes escavações em Tell Brak acharam um pequeno templo e parte de um palácio com textos que conheciam declarações legais feitas na presença do soberano de Mittani, mas a ausência de um arquivo local de importância limitou o conhecimento do reino de Mittani.

As cartas de Amarna

Durante o reinado de Tutmósis IV (1401 a.C.-1391 a.C.) as conflituosas relações entre o Egito e Mittani transformaram-se em uma aliança pacífica cimentada por uma série de casamentos diplomáticos. Segundo uma carta escrita duas gerações depois, o faraó pediu sete vezes a Artatama, rei de Mittani, a mão da sua filha antes que este respondesse. Esta aliança, estabelecida talvez com o intuito de travar a ascensão de assírios e de hititas, trouxe um período de paz entre os reinos que durou pelo menos quarenta anos, durante os quais outras duas princesas de Mittani foram enviadas para o harém do faraó. Esta época é documentada na corres-



pondência diplomática de Amenófis III (1391 a.C.-1353 a.C.) e de Amenófis IV (1353 a.C.-1335 a.C.) do Egito.

Em Tell al-Amarna encontraram-se 350 tabuinhas de argila escritas em alfabeto cuneiforme. Tell al-Amarna, ou Akhetaten, transformou-se na capital do reino de Amenófis IV, quando este mudou o nome para Akenaton e empreendeu uma reforma religiosa que o tornou célebre nos anais egípcios posteriores. Mais de 300 cartas tratavam da administração da Palestina e do Levante. A região dividiu-se em três províncias, cada uma com um governador egípcio: Canaã no sul, com o seu governador em Gaza, Amurru ou a costa do Levante, com o seu centro em Simurru e Apu, e no interior, administrada a partir de Kumidu. E possível que também em Jaffa e Beth-Shan existissem guarnições egípcias.

Os oficiais egípcios restantes eram responsáveis perante os governadores, tal como os soberanos locais de Ashkelon, Laquis, Jerusalém, Guézer, Siquém, Pella, Megido, Achshaph, Shimron, Acco, Hazor, Tiro, Sidon, Beirute, Damasco, Biblos, Qadesh, Qatna, Ugarit e outras cidades submetidas à autoridade faraônica. A maioria dos soberanos tem nomes semitas, mas até em Canaã alguns, como o de Jerusalém, têm nomes hurritas, indício da extensão da influência hurrita. De fato, as fontes egípcias mencionam uma tribo chamada Hurri, que vivia na Palestina.

As cartas destes governadores e príncipes locais contêm manifestações de lealdade, petições de assistência e de acusações contra outros administradores vizinhos. As tribos de nômades constituíam uma ameaça constante para as populações sedentárias. Os dois grupos principais, os sutu e os hapiru, apareciam já nas cartas de Mari. É duvidosa a existência de uma conexão entre os hapiru e as tribos hebraicas de Israel, mas é provável que também os Israelitas fossem tribos de gente errante, sem casa nem haveres.

As cartas de Amarna incluem também os intercâmbios diplomáticos com os soberanos dos países independentes como Mittani, Hatti, Arzawa, a oeste da Ásia Menor, Alashiya (Chipre), Assíria e Babilônia. Estes príncipes tratavam com o faraó em termos de igualdade, dirigindo-se a ele como a "seu irmão" (enquanto os vassalos lhe chamavam "o rei, meu senhor, meu deus do sol, ajoelho-me aos pés do meu senhor, meu deus do sol, sete vezes"). Algumas das cartas eram petições de ajuda aos egípcios contra as incursões dos Estados vizinhos; outras falavam dos casamentos dos faraós com as princesas da Babilônia e de Mittani. A boda de Amenófis III com Kilu-Hepa, filha de Shuttarna II, o filho de Aratatama I, celebrou-se quando aquele contava dez anos (1381 a.C.). Amenófis também tomou como esposa Tatu-Hepa, a filha de Tushratta (filho de Shuttarna), que depois passou para o harém de Amenófis IV (Akhenaton). As precisas descrições dos dotes são muitas vezes acompanhadas de petições de ofertas do Egito. Em uma ocasião, Tushratta, depois de entregar a sua filha, sugere ao faraó que lhe envie uma estátua de ouro desta para assim não sentir tanto a sua falta.

Nas duas ocasiões em que o faraó Amenófis III adoeceu, os reis de Mittani enviaram para o Egito a estátua da deusa Istar de Nínive. A primeira vez, no reinado de Shuttarna, parece que a deusa constituiu um remédio eficaz, mas na segunda ocasião, no reinado de Tushratta, não foi tão eficiente, dado que Amenófis III, morreu por volta de 1353 a.C. Alguns especialistas dataram este acontecimento em 1379 a.C. e outros depois, em 1340 a.C. O desacordo nas datas é causa das diferentes datações das observações astronômicas nos reinados de Tutmósis III e de Ramsés II, assim como das diferentes estimativas dos períodos de co-regência dos faraós. As datas referentes a reis não egípcios são igualmente incertas. No que respeita aos reis assírios, um eclipse do Sol em 763 a.C. tornou-se um ponto de referência para averiguar as datas dos reinados mais antigos em relação com a duração dos reinados registrados na Lista dos Reis assírios. No entanto, existem duas cópias desta lista que atribuem diferentes durações ao reinado de um dos reis do início do século XII a.C. e as datas aqui contidas puderam ser adiantadas em dez anos. A datação dos reis hititas, mitânios, babilônicos e elamitas baseia-se nas cronologias egípcias e assírias e, por conseguinte, é ainda menos confiável.

A ligação indo-ariana

Embora a maioria dos nomes dos habitantes de Alalah e de Nuzi fossem hurritas, alguns dos nomes dos seus soberanos não eram hurritas, mas possivelmente derivações indo-arianas (sânscrito védico). Entre estes, encontram-se: Tushratta, que significa "cujo carro se levanta violentamente para a frente"; Artatama, "cuja residência é a justiça", e Shattiwaza, aquele que obtém o espólio. No tratado entre Shattiwaza e o rei hitita Suppiluliumas, o nome de alguns dos deuses invocados (Mitrasil, Arunasil, Indar, Nasattyana) são parecidos com os dos deuses indo-arianos Mitra (Mithras), Varuna, Indra e Nasatyas. Um texto que tratava de cavalos de treino, escrito por Kikkuli de Mittani, utiliza nomes relacionados com o sânscrito. O termo *maryanu*, aplicado aos nobres proprietários de carros em Mittani, é semelhante ao sânscrito *marya*, que significa homem jovem ou guerreiro.



Acima: Esta cabeça masculina de cerâmica pintada foi encontrada no palácio de Dur-Kurigazlu, a capital dos cassitas da Babilônia. O seu estilo não se assemelha ao das obras de arte mesopotâmica do período, mas é similar ao das figuras egípcias da 18.ª dinastia. Altura: 4 cm.

À esquerda: Uma das cartas encontradas em Amarna (antiga Akhetaten), no Egito central. Estas cartas, escritas em cuneiforme sobre tabuinhas de argila, fazem parte da correspondência diplomática do faraó. A maioria refere-se à situação na Palestina. Nesta, o soberano de Amurru tenta explicar porque não tinha recebido pessoalmente o enviado do faraó, mas sim o rei hitita. Enviava-lhe vários presentes, uma embarcação, óleo e madeira para construção.

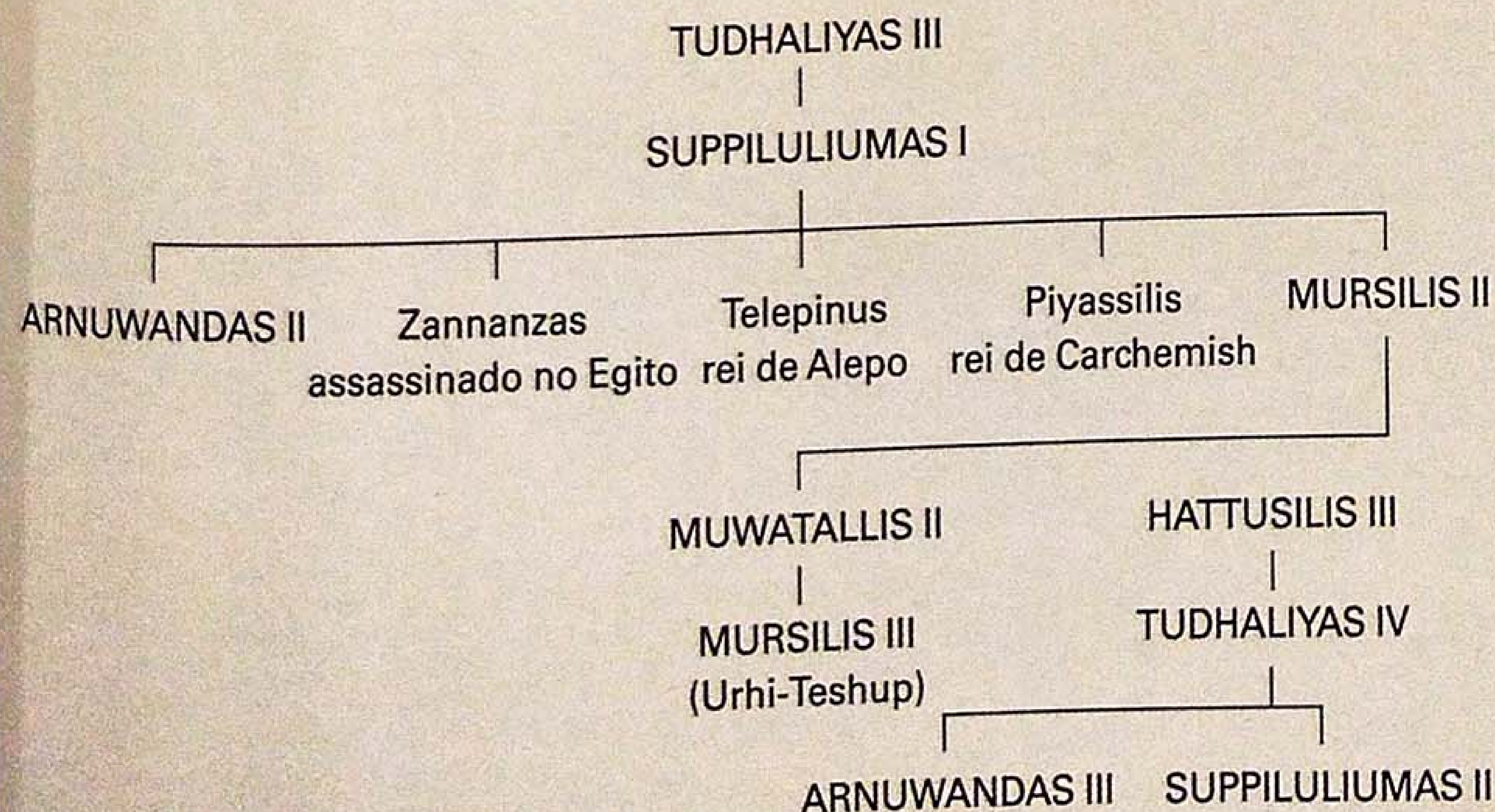
À direita: A impressão do selo do rei hitita Muwatallis II, que combateu Ramsés II na batalha de Qadesh em 1285 a.C. Este selo de argila foi encontrado na cidadela de Hatusa, a capital hitita. Representa os deuses do tempo de Hatti, divindade principal do panteão hitita, abraçando a rainha hitita. A inscrição hieroglífica relaciona os nomes e os títulos do monarca, e encontram-se as mesmas informações na inscrição hitita cuneiforme à volta do selo. Diâmetro: 5,6 cm.



Pensa-se que os indo-arianos invadiram a Índia pelo norte durante a metade do 2.º milênio a.C. Como os saka (citas) e os mongóis posteriores, é possível que chegassem às estepes da Ásia Central, de onde provavelmente vêm os antepassados indo-iranianos dos persas e dos medos, através do Afeganistão e do Irã oriental. Alguns dos membros da dinastia reinante de Mittani tinham nomes tipicamente hurritas, entre eles o rei Shattiwaza, que antes de ser rei se chamava Kili Teshup. A ligação com os árias deve ter-se estabelecido antes de Mittani dominar o Norte da Mesopotâmia.

O poder dos hititas

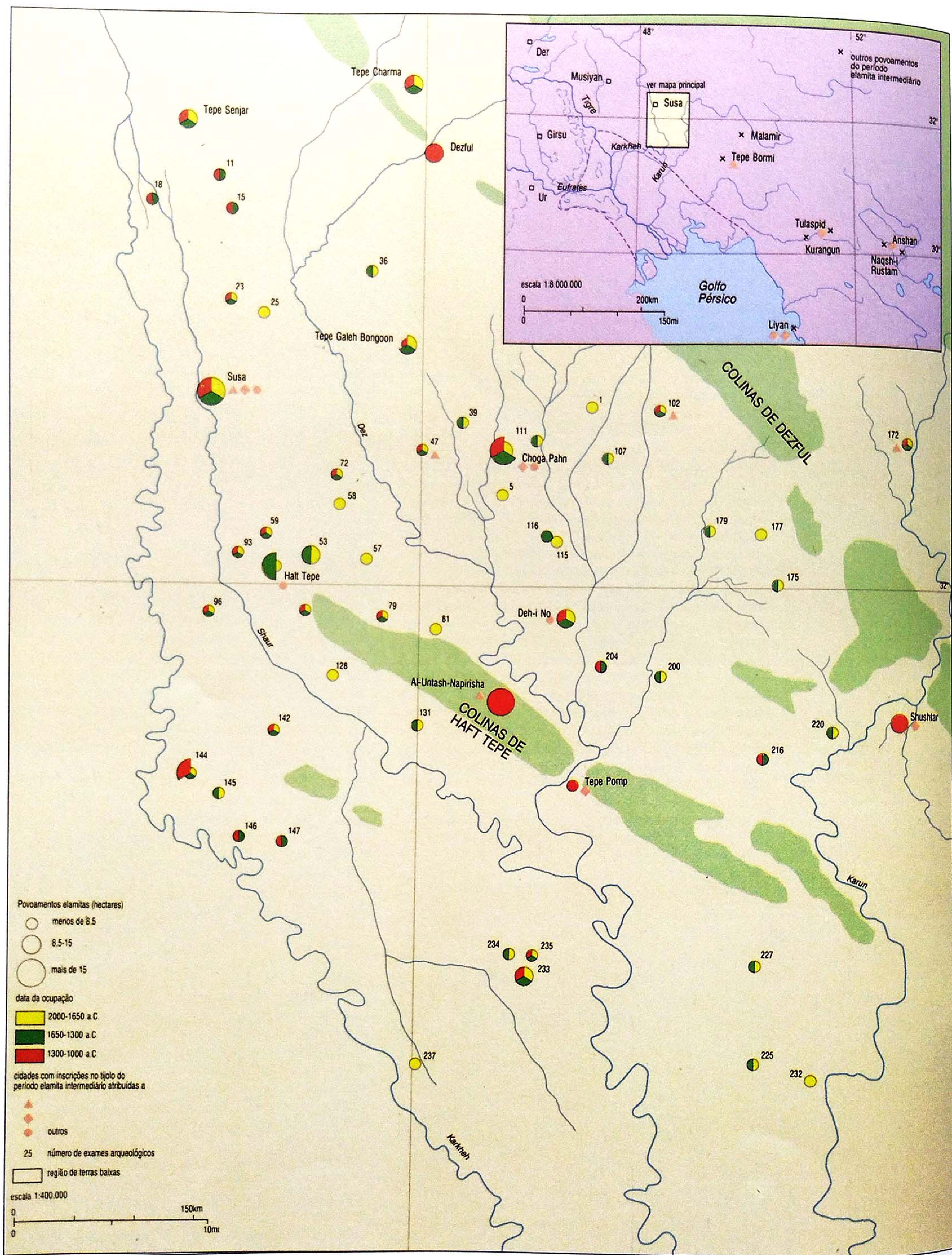
Uma das cartas de Amarna foi enviada pelo rei hitita Suppiluliumas para manter relações amistosas do seu povo com os egípcios estabelecidas "no reinado do faraó pai". A identidade do faraó não está determinada com exatidão, mas poderia tratar-se de Amenófis IV. Desde o saque da Babilônia em 1595 a.C. até meados do século XIV a.C., existe pouca informação sobre os hititas. São mencionados nos relatórios egípcios e rivalizavam com Mittani no controle de Kizzuwatna (Cilícia) e de Ishuwa, a região do Eufrates superior. A sua história posterior ficou preservada em 10.000 tabuinhas encontradas nos arquivos do palácio do templo da sua capital, Hatusa. Continham grande quantidade de textos, a maioria escrita em hitita e acádico, alguns dos quais pertencentes à tradição dos escribas mesopotâmicos e incluíam listas de palavras, vocabulários e textos médicos, assim como listas de presságios e de modelos de argila de fígados usados na interpretação dos auspícios. Havia também traduções para o hitita (por vezes também para o hurrita) de alguns dos poemas épicos babilônicos, como a *Epopéia de Gilgamesh* e os contos de Sargão de Agade e de Naram-Sin. Outros textos incluíam cerimônias religiosas, pragas, hinos e práticas funerárias. Conservaram-se também cópias de decretos e tratados reais entre os hititas e os seus vizinhos, e os anais reais do reinado de Mursilis II (o filho de Suppiluliumas). Neles dão-se pormenores do reinado de Suppiluliumas que documentam a ascensão do poderio hitita.



Suppiluliumas I sucedeu a seu pai, Tudhaliyas III, no trono e no primeiro ano do seu mandato estabeleceu o seu poder na Anatólia. Entre os inimigos principais dos hititas, estavam o Estado independente de Arzawa, a oeste, as aguerridas tribos das montanhas de Kaskas, no norte e no nordeste, e os Estados de Kizzuwatna, no sul, e Ishuwa, no leste. As vitórias de Suppiluliumas na Anatólia foram contínuas, com campanhas no Levante e no Norte da Mesopotâmia, que tiveram como conseqüência a virtual extinção do reino de Mittani.

Durante o reinado de Amenófis III, o rei de Mittani Artashumara (um filho de Shuttarna II) foi assassinado. Sucedeu-lhe seu irmão Tushratta. As pretensões deste último ao trono foram rejeitadas por Artatama II, que poderia tratar-se de outro irmão. Artatama II aliou-se, ao que parece, com os hititas e os assírios sob o reinado de Ashuruballit I (1363 a.C.-1328 a.C.). Quando o rei hitita Suppiluliumas I casou a sua filha com o rei da Babilônia, e o Egito se começou a preocupar com os assuntos internos, devido às reformas de Amenófis IV (Akhenaton) e da sucessão do ainda criança rei Tutancâmon (1333 a.C.-1323 a.C.), Tushratta ficou sem aliados. O seu reino desintegrou-se rapidamente e ele foi assassinado deixando Artatama II à frente de um reino de Mittani já diminuído. O filho de Tushratta, Shattwaza, fugiu primeiro para a Babilônia e depois para a corte dos hititas, onde assinou um tratado de vassalagem com Suppiluliumas, no qual se estipulava que herdaria o trono de Mittani à morte de Artatama II. No entanto, as suas pretensões foram abortadas pelo próprio filho de Artatama, Shuttarna III, que, ao que parece, contava com o apoio dos assírios. De fato, o reino de Mittani tinha sido dividido entre os assírios e os hititas, que agora controlavam o Levante até Qadesh, no sul, nas margens do rio Orontes.

Segundo informações hititas, quando Suppiluliumas estava cercando Carchemish, recebeu um emissário da viúva do faraó egípcio com a seguinte mensagem: "O meu esposo morreu e não tenho filhos. Dizem que tens muitos filhos. Poderias dar-me um dos teus filhos para que se tornasse meu esposo." Não foram estabelecidas as identidades desta rainha e deste faraó. Foi apontada a possibilidade de se tratar da mulher de Akhenaton, Nefertiti ou de alguma das suas filhas, Merytaten, esposa de Smenkhare ou (o mais provável) Ankhesenanum, a mulher de Tutancâmon. A confirmar-se esta última possibilidade,



Tepe Charma
Tepe Senjar
Dezful
Tepe Galeh Bongoon
Susa
Choga Pahn
Halt Tepe
Deh-i No
Al-Untash-Napirisha
COLINAS DE HAFT TEPE
COLINAS DE DEZFUL
Tepe Pomp
Shushtar
Dez
Shaur
Karun
Karkheh
Der
Musiyan
Girsu
Ur
Tigre
Eufrates
Karkheh
Karun
ver mapa principal
Susa
Malamir
Tepe Bormi
Tulaspid
Kurangun
Anshan
Naqsh-i Rustam
Liyan
Golfo Pérsico
outros povoamentos do período elamita intermediário
escala 1:8.000.000
200km
150mi
48°
52°
32°
30°
Povoamentos elamitas (hectares)
menos de 8,5
8,5-15
mais de 15
data da ocupação
2000-1650 a.C
1650-1300 a.C
1300-1000 a.C
cidades com inscrições no tijolo do período elamita intermediário atribuídas a
outros
25 número de exames arqueológicos
região de terras baixas
escala 1:400.000
150km
10mi



O Império Hitita *(acima)*: Os hititas, sob a égide de Suppiluliumas e seus sucessores, dominaram os planaltos da Anatólia e o Norte do Levante. Ainda se conhece pouco da geografia histórica da Anatólia. Não há virtualmente nenhum ponto determinado, com exceção da capital hitita de Hatusa. A localização de Arzawa e Ahhiyawa é ainda incerta. No entanto, no Levante pode situar-se a maioria das cidades com bastante certeza e, por exemplo, sobre Carchemish e Alepo existem muito mais informações.

Elam no segundo milênio *(à esquerda)*: Susa e Anshan eram as principais cidades do país de Elam. Este reino duplo sobreviveu cerca de dois mil anos apesar dos 400 km que separavam ambos os centros. A extensão do reino elamita é conhecida pelos tijolos inscritos com o nome dos soberanos elamitas. Como resultado das árduas pesquisas arqueológicas nas décadas de 60 e de 70, a planície de Susiana é uma das regiões mais bem conhecidas do Oriente Médio e é possível reconstruir as alterações nos modelos dos povoados ao longo de milhares de anos.

dever-se-ia datar a captura de Carchemish em 1323 a.C. O rei hitita despachou um emissário para a rainha do Egito e, depois de uma carta posterior da mesma, enviou-lhe o seu filho. Este foi assassinado no caminho e o trono do Egito foi ocupado pelo velho Ay, cuja esposa tinha sido a ama de Nefertiti. Suppiluliumas colocou dois dos seus filhos como reis de Carchemish e de Alepo e os seus descendentes continuaram a administrar o Levante depois da destruição do reino hitita da Anatólia, por volta de 1200 a.C.

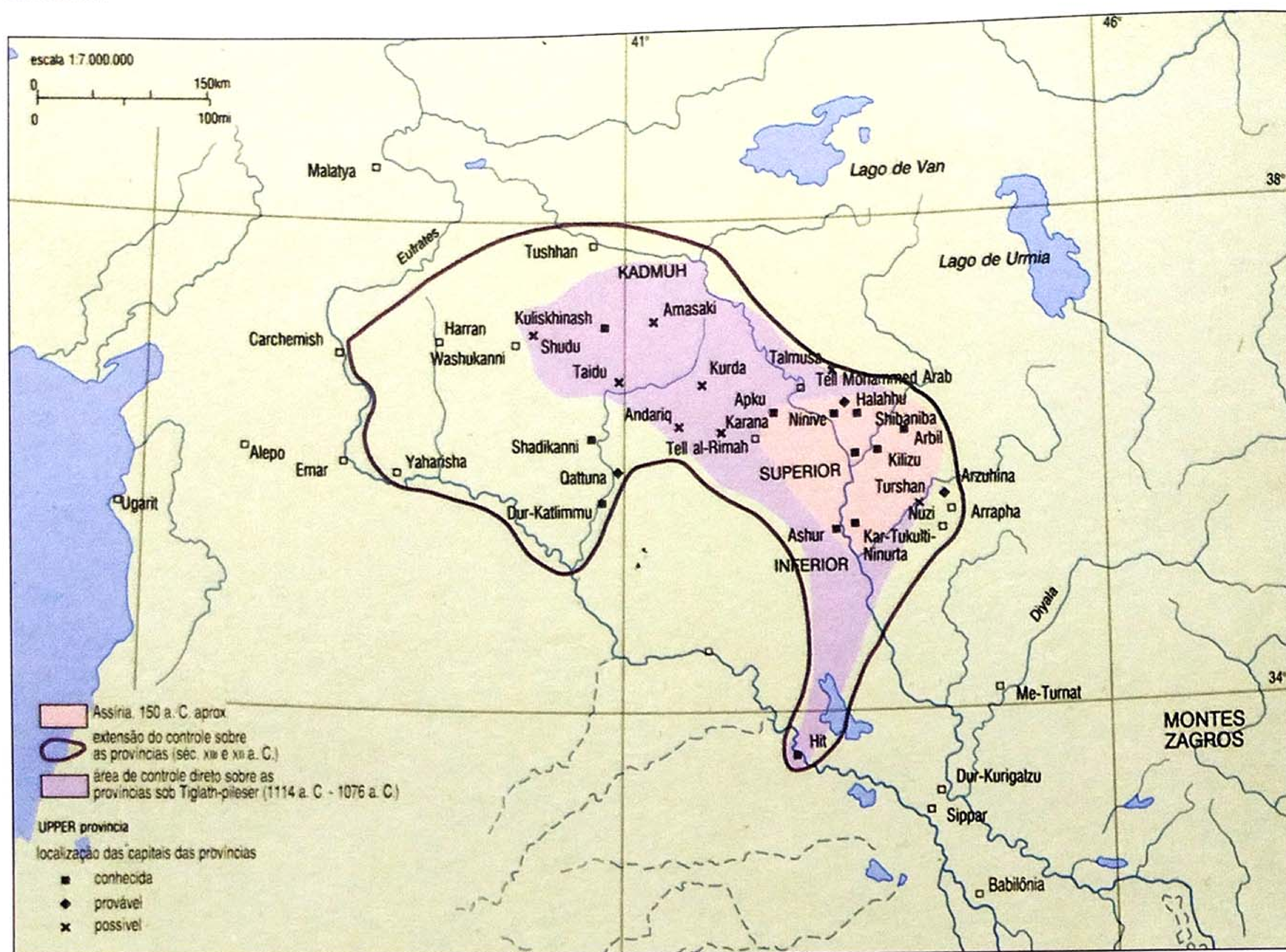
O mesmo Suppiluliumas morreu em conseqüência de uma praga trazida pelo exército da Síria e o seu primogênito e sucessor Arnuwandas II morreu pouco depois. A morte de Suppiluliumas, os Estados vizinhos de Arzawa, Kizzuwatna, Mittani e os Kaskas tentaram libertar-se do jugo hitita. Mursilis II, sucessor de seu irmão Arnuwandas, arrasou Arzawa e instalou reis fantoches leais. Também a Síria foi subjugada, mas sufocar a rebelião de Kaskas foi mais difícil. Nos seus anais, que abrangem quase um quarto de século, Mursilis informa-nos de dez campanhas contra Kaskas.

Assírios e cassitas

Os hititas foram os principais beneficiados pelo colapso do reino de Mittani, dado que passaram a controlar a região ocidental deste império. Os assírios obtiveram a sua parte de benefícios, porque, libertados do domínio de Mittani, estabeleceram-se em termos de igualdade com o Egito, o Hatti e a Babilônia. Sob o reinado de Ashur-uballit I, a Assíria estendeu o seu controle até as férteis terras de cultivo do Norte e do Leste de Assur. Este território, conhecido como o "núcleo do país assírio" que se estendia de Nínive a Arbil, permaneceu em mãos assírias até a queda do Império Assírio em 612 a.C.

Duas cartas escritas por Ashur-uballit encontradas entre as de Tell al-Amarna informam do envio de um carro puxado por cavalos brancos e de um selo de lápis-lazúli ao faraó. Em troca pedia ouro, que nas suas palavras era "como pó no país do Egito", para a decoração do seu novo palácio. Segundo as crônicas posteriores, Ashur-uballit casou sua filha com o rei cassita da Babilônia, e, quando os babilônios fizeram um levantamento contra o seu genro e o assassinaram, o rei assírio interveio e depôs o usurpador, colocando Kurigalzu II (1328 a.C.-1308 a.C.) no trono cassita.

De acordo com a Lista dos Reis babilônicos, 36 reis cassitas governaram a Babilônia durante 576 anos e 9 meses. Comparando-a com a dos reis assírios, chega-se à conclusão de que a dinastia acabou por volta de 1155 a.C. Mas neste caso, os primeiros reis cassitas devem ter sido contemporâneos de Samsu-iluna (1749 a.C.-1711 a.C.), em cujo reino as tabuinhas fechadas se detêm no Sul da Babilônia, enquanto são registrados os nomes dos reis da dinastia de Sealand. Talvez os reis cassitas antigos da Lista dos Reis da Babilônia fossem antepassados que não eram de fato reis, ou talvez reinassem noutro lugar. E a origem dos cassitas é também desconheci-



O Império Assírio médio
O texto de Assur continha uma lista de oferendas para o templo de Assur das províncias do Império Assírio no reinado de Tiglath-pileser I (1114 a. C -1076 a.C.). A lista comprova a extensão do território sob controle direto da Assíria nessa época. Vários séculos antes as fronteiras assírias abrangiam pouco mais de Assur a sul, até Nínive ao norte e Arbil a leste. Mas em meados do século XVIII a.C. com Shalmaneser I (1273 a.C.-1244 a.C.) e Tukulti-Ninurta I (1243 a.C.-1207 a.C.) o domínio assírio sobre as províncias atingiu as terras a oeste do Eufrates, e as conquistas assírias do século IX a.C. basearam-se nos limites mais extensos alcançados no império médio.

da. Aparecem mencionados pela primeira vez no reinado de Samsu-iluna e chegou a pensar-se que se tratava de bárbaros ferozes por civilizar que penetraram a partir das montanhas do Irã. As investigações mais recentes falam, no entanto, de uma migração mais pacífica procedente de uma região não identificada até esta data. Ocultos no mistério ficam os acontecimentos que ocorreram depois da queda da Babilônia perante os hititas em 1595 a.C., mas é certo que desde finais do século XV a.C. até o século XII a.C. os soberanos da Babilônia foram cassitas.

Pouco se conhece da sua língua, à exceção de uma lista de vocabulário cassito-babilônio com 48 palavras, uma lista de 19 nomes cassitas com os seus equivalentes babilônios, alguns nomes próprios e palavras cassitas ocasionais nos textos acadianos (em particular termos técnicos relacionados com cavalos).

A civilização cassita

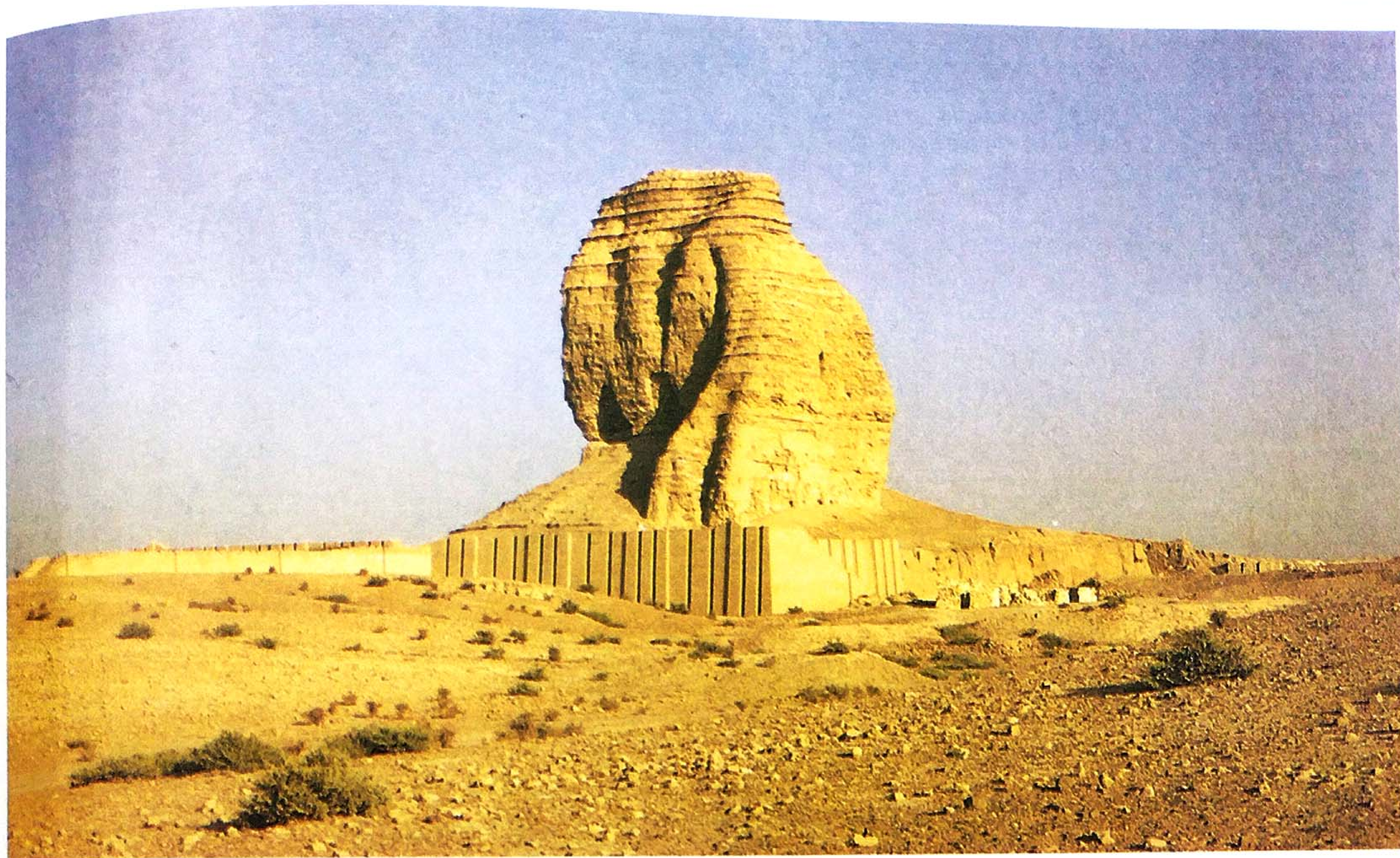
Ao que parece, os reis cassitas adotaram o modo de vida dos babilônios e construíram e restauraram os templos dos antigos deuses mesopotâmicos. Tinham também deuses próprios. Shuqamuna e a sua consorte Shimaliya eram os protetores da família real e os reis cassitas eram coroados no seu santuário da Babilônia. Estes deuses também figuram na literatura de Ugarit. Outros textos incluem Harbe, o deus principal do panteão (que existe também entre os hurritas), Mirizir (equivalente da deusa babilônica Beltu); Sah, o deus do sol; Shipak ou Shihu, deus da lua; Shuriash (outra divindade solar), Maruttash, o deus da guerra e Buriash (um deus do tempo). Estes três últimos foram identificados com as divindades indo-arianas Surya e Marutas, e com o deus solar grego Boreas (deus do vento norte), mas como no caso dos deuses de Mittani isso não indica necessariamente uma relação íntima com os indo-arianos.

Os textos encontrados em Sippar e Tell Muhammad do período antigo da Babilônia identificam os cassitas com trabalhadores basicamente agrícolas.

Durante a dinastia cassita, a terceira dinastia da Babilônia, os membros da família reinante tinham nomes cassitas, mas não parece que os cassitas fizessem parte da elite administrativa, nem sequer que representassem uma ampla camada da população. Os principais centros cassitas eram a Babilônia e a região do rio Diya-

Reis cassitas

Kara-indash	c. 1415
Kadashman-Harbe I	
Kurigalzu I	
Kadashman-Enlil I	1374-1360
Burna-Buriash II	1359-1333
Kara-hardash	1333
Nazi-bugash	1333
Kurigalzu II	1332-1308
Nazi-maruttash	1307-1282
Kadashman-Turgu	1281-1264
Kadashman-Enlil II	1263-1255
Kudur-Enlil	1254-1246
Shagarakti-shuriash	1245-1233
Kashtiliash IV	1232-1225
Tulkulti-Ninurta	1224-1216
Enlil-nadin-shumi	1224
Kadashman-Harbe II	1223-1222
Adad-shuma-iddina	1221-1216
Adad-shuma-usur	1215-1186
Melishipak	1185-1171
Marduk-apla-iddina I	1170-1158
Zababa-shuma-iddina	1157
Enlil-nadin-ahi	1156-1154



Acima: Os restos erodidos e retorcidos do zigurate de DurKurigalzu dominam ainda a paisagem plana dos subúrbios da moderna Bagdá. Os viajantes antigos pensaram que se tratava das ruínas da Torre de Babel. De fato, o zigurate foi construído pelo rei cassita Kurigalzu no século XIV a.C. Seguia o típico plano meridional, com uma escada tripla que conduzia à parte superior do templo. As camadas de junco inseridas em cada sete fileiras de tijolos são visíveis nas linhas horizontais na parte de cima do templo. A parte de baixo está em restauração.

la a oeste do Irã. Mais ao norte, a população era provavelmente hurrita na sua maioria (cerca de 2 % dos habitantes de Nuzi eram cassitas, mas os nomes dos seus parentes eram hurritas). Os cassitas organizavam-se em tribos agrupadas por "casas" que por vezes usavam o nome de um antepassado epônimo, por exemplo, a casa de Karziabku. As casas baseavam-se em relações de parentesco de sangue por linha masculina e eram dirigidas pelo "senhor da casa" (*bel biti*). Neste aspecto, não estavam muito integradas na sociedade babilônica, e as relações entre estas casas e a família reinante cassita são desconhecidas.

O período cassita representou uma continuação da antiga civilização da Babilônia. Notam-se diferenças com as épocas mais antigas, mas não é provável que possam ser atribuídas a modificações na composição étnica da população. A maioria das inscrições dos reis cassitas era feita em sumério, e as suas cartas e contratos, em babilônio. Alguns dos reis cassitas do período final tinham nomes babilônicos.

Os reis cassitas

O primeiro rei cassita conhecido por inscrições contemporâneas foi Kara-indash (1415 a.C., aproximadamente), que construiu um pequeno templo dedicado a Inanna no recinto sagrado de Uruk. O muro exterior do templo era decorado com tijolos moldados cozidos, derivados dos que se utilizavam nos antigos templos assírios e babilônicos, mas com representações alternantes das divindades da água e da terra. Os protótipos dessas figuras pertenciam também a períodos anteriores. Encontraram-se exemplares fragmentados nas povoações cassitas (Ur, Nippur e Dur-Kurigalzu), e os elamitas, os assírios, os babilônios e os persas adotaram e desenvolveram esta técnica.

Kara-indash mantinha correspondência com o faraó egípcio, assim como o seu sucessor Kadashman-Enlil I (1374 a.C.-1360 a.C.) e Burna-Buriash II (1359 a.C.-1333 a.C.). As suas preocupações principais parecem ter sido contratar casamentos e trocar valiosos presentes. Burna-Buriash queixa-se de que os egípcios só tinham enviado cinco carros para acompanhar a sua filha da Babilônia ao Egito, onde se iria casar; mas o casamento realizou-se e foram registradas longas listas de preciosas ofertas trocadas entre os cassitas e os egípcios. Noutra ocasião Burna-Buriash afirma ter domínio sobre os assírios e protesta contra o fato de negociarem diretamente com Amenófis IV.

Depois da morte de Burna-Buriash, o seu filho e sucessor foi assassinado em uma rebelião, mas o rei assírio Ashur-uballit I interveio para colocar Kurigalzu II (1332 a.C.-1308 a.C.) no trono da Babilônia, tal como se descreve nas crônicas antes mencionadas. Supostamente este Kurigalzu fez numerosas reconstruções e restaurações de templos em Ur, Uruk e Isin, embora não se saiba se foram obra de Kurigalzu I ou II. A mesma dúvida afeta o templo e o palácio de DurKurigalzu, 90 km ao norte da Babilônia, onde um zigurate muito bem conservado de 57 m de altura mantém ainda a esteira de canas colocada entre cada sete fileiras de tijolos, assim como as cordas entrançadas que formam a estrutura do edifício. O palácio, situado a 700 m do zigurate, ocupava uma extensão de 300 m^2 (cerca de 9 ha) que consistia em vários blocos de pátios.

O bloco central media aproximadamente 140 m^2 com um pátio de 65 m^2 rodeado por três fileiras paralelas de casas. Foi reconstruído várias vezes e continuou a ser utilizado até depois do período cassita.

Kurigalzu foi também um líder militar de êxito. Segundo as crônicas mais recentes derrotou o Elam, a Assíria e talvez Sealand (a dinastia que governava no Sul

da Babilônia em meados do período Babilônico antigo). Informou nas suas inscrições sobre a sua conquista de Susa, do Elam e de Marhashi, tendo-se encontrado inscrições com o seu nome em Susa.

Êxitos culturais dos cassitas

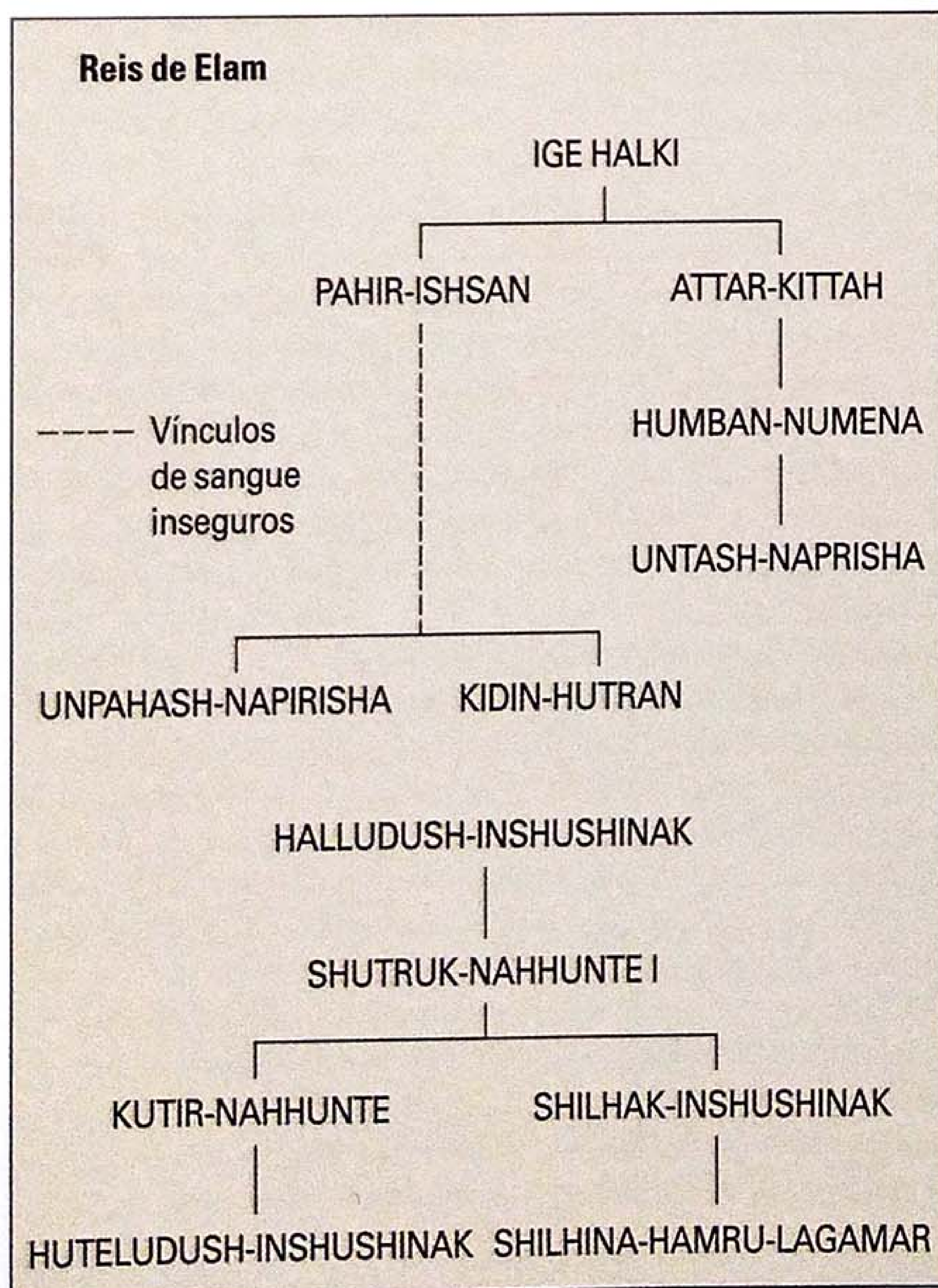
O ponto culminante do poderio cassita foi alcançado no século que decorreu desde o reinado de Kurigalzu II até o Kashtiliash IV (1232 a.C.-1225 a.C.) Nas escavações em Nippur, o antigo centro religioso da Suméria, acharam-se 12.000 tabuinhas que pertencem na sua maioria a este período. Os textos, documentos econômicos na sua maior parte, eram datados segundo o ano do reinado do rei e não com o nome do ano, como na época anterior.

Os cassitas foram os responsáveis pela normalização dos textos acadianos e sumérios. As versões da literatura tradicional encontradas nas bibliotecas do 1.º milênio compuseram-se, ou pelo menos se copiaram, no período cassita, e os mais recentes escribas babilônicos remontavam os seus antepassados aos escribas deste período.

Os cassitas introduziram um novo tipo de documento, o *kudurru*, para comemorar a cessão real de terras. Normalmente era de um monumento de pedra lavrada, de 1 m de comprimento, ilustrado com os símbolos dos deuses, testemunhas da transação. Os primeiros exemplares datam do século XIV a.C., mas tornam-se mais freqüentes nos séculos XIII e XII a.C.

A civilização elamita

Depois do colapso da 3.a dinastia de Ur, no fim do 2.º milênio, os governantes do Elam chamaram a si próprios *sukkalmahs*, ou grandes vizires, pelo título do funcionário destacado em Lagash e responsável pela área oriental. Estes governantes *sukkalmahs* intervieram na Mesopotâmia depois do colapso do império de Shamahi-Adad (1813 a.C.-1781 a.C.) Mas nos 400 anos seguintes pouco se sabe acerca deles, para além dos nomes dos reis e de algumas inscrições comemorativas que não fornecem qualquer tipo de informação.



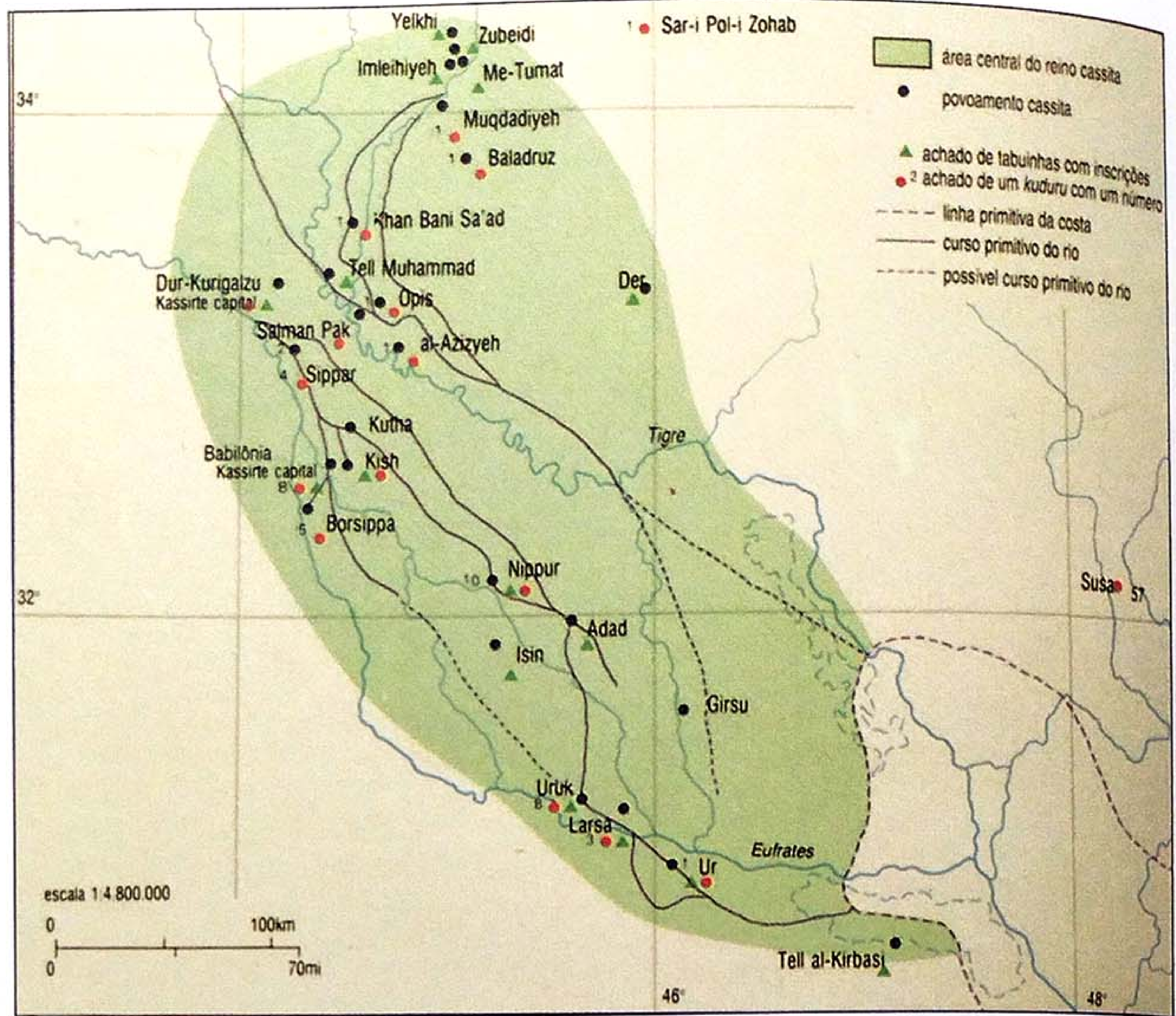
As escavações em Haft Tepe, 15 km ao sul de Susa, revelaram uma cidade construída por Tepti-Ahar, rei de Susa e de Anshan, em meados do século XIV a.C., que foi identificada com a antiga Kaknak. Os principais monumentos da povoação, com cerca de 30 hectares de extensão, eram dois terraços e um templo com duas criptas funerárias de tijolo. Cada uma continha 23 esqueletos, alguns dispostos separadamente e outros amontoados em pilhas. Uma estela achada no templo registrava a lista de deveres dos sacerdotes e dos desembolsos de alimentos para sacrifícios e ofertas funerárias. Um terraço de 60 m^2 e de 14 m de altura continha oficinas onde se faziam delicados objetos para o culto.

Algumas das 600 tabuinhas encontradas na povoação tratavam da administração do templo. Os nomes de anos que aparecem nessas tabuinhas fazem referência à construção do templo e às missões diplomáticas entre o Elam e a Babilônia. Uma inscrição faz talvez referência ao rei cassita Kadashman-Enlil I e encontrava-se em uma tabuinha com o selo de Tepti-Ahar.

Depois da invasão do rei cassita Kurigalzu in, uma nova dinastia tomou o poder no Elam. O seu primeiro soberano foi Ige-halki, cuja inscrição se encontrou em Deh-i No (talvez as antigas Hupshen ou Adamdun). O seu neto Humban-numena construiu um templo em Liyan, no litoral iraniano no golfo Pérsico, 400 km a sudeste de Susa.

Os deuses elamitas eram muito diferentes dos mesopotâmicos. No 3.º milênio parece que a divindade principal era a deusa Pinikir.

No 2.º milênio o seu lugar foi ocupado pelo deus Humban, também chamado Napirisha, "grande deus", cuja contrapartida feminina era Kiririsha, "grande deusa", a deusa de Liyan. Depois foi introduzido o culto do deus da cidade de Susa, Inshushikak, "o senhor de Susa", que no final do 2.º milênio tinha adquirido a preeminência, e o deus do sol Nahhunte, que, tal como Shamash, o deus babilônico do sol, era também o deus da justiça. Havia muitos outros deuses elamitas, como Hutran e Shimut, cujos nomes se repetem nos dos reis



O reino cassita
As tradições mais recentes ligam os cassitas às montanhas do Irã, mas discute-se a extensão do seu limite para leste. Muitas das cidades antigas da Babilônia foram revitalizadas com os cassitas. Os *kudurus*, por vezes chamados marcos babilônicos, eram característicos dos cassitas, mas continuaram a ser feitos no 1.º milênio. Foram encontrados muitos em Susa, para onde tinham sido transportados pelos elamitas que invadiram a Babilônia.



Abaixo: Kuduru de pedra calcária de Melishipak II (1186 a.C.-1182 a.C.) encontrado em Susa. Por vezes são gravados com símbolos e atributos dos deuses. Altura: 68 cm.

Al-Untash-Napirisha

Quarenta quilômetros a sudeste de Susa, encontram-se as ruínas conhecidas pelo nome de Choga Zanbil. Este nome significa "montículo do cesto" e faz alusão aos restos erodidos do zigurate no centro da povoação, o qual antes da escavação se assemelhava a um cesto de cana virado para baixo. Aqui se encontrava a sede de Al-Untash-Napirisha (às vezes denominada Dur-Untash-Napirisha ou Dur-Untash-Gal), que era a capital do rei elamita Untash-Napirisha (1260 a.C.-1235 a.C., aproximadamente). Assim como os outros soberanos da Idade do Bronze Final, o faraó egípcio Akhenaton, o rei cassita Kurigalzu e o monarca assírio Tukulti-Ninurta I, Untash-Napirisha abandonou a antiga capital religiosa do seu reino para fundar uma cidade nova que a substituísse. No entanto, nenhuma destas tentativas foi coroada de êxito.

O lugar escolhido por Untash-Naprisha está encravado nos contrafortes de uma cadeia de colinas de baixa altitude, a 1,5 km do rio Dez. Para fornecer a água à cidade, o rei mandou escavar um canal de 50 km de comprimento, que começava no rio Karkheh, ao norte de Susa. A construção da cidade paralisou depois da sua morte e os reis seguintes elamitas reinaram de Susa. Al-Untash-Napirisha não ficou desabitada, tendo continuado a ser um lugar régio até a sua destruição por volta de 640 a.C. pelo rei assírio Assurbanipal.

Abaixo: Aplique mural de cerâmica vitrificada com uma inscrição em elamita cuneiforme, "Eu sou Untash-Napirisha". Estava armazenado com outras centenas deles em uma sala do zigurate, e provavelmente eram destinados à decoração da fachada do templo. Foram encontrados apliques semelhantes na Assíria, e a sua história pode ser traçada até o período de Uruk.

Acima: A construção do zigurate de Al-Untash-Napirisha desenvolveu-se de um modo pouco habitual. A primeira fase foi a construção de um amplo edifício quadrado com cerca de 100 m de lado com um pátio central. Em uma fase posterior, o pátio central foi preenchido e ergueu-se ali o zigurate.

Acima: Nos quatro lados da estrutura do zigurate foram construídas escadas com corredores de arcos.

À esquerda: A grande cidade de Al-Untash-Napirisha abrangia uma extensão de mais de 100 hectares e era dominada pelo zigurate no centro da área religiosa. Na base do templo havia uma muralha circular que o rodeava, e entre o zigurate e a segunda muralha retangular erguiam-se numerosos templos para o culto das divindades elamitas. Havia uma terceira muralha que cercava toda a cidade. No extremo oriental encontrava-se uma grande porta de entrada que conduzia ao palácio do rei e da sua corte. Havia cinco câmaras subterrâneas abobadadas no Palácio Funerário, onde se encontravam vários corpos incinerados e um esqueleto. Levantou-se na hipótese de se tratar de sepulturas da família real elamita. Grande parte da cidade compreendida dentro da muralha não chegou a ser concluída.

do Elam. Os elamitas veneravam também deuses babilônicos como Adad e a sua consorte Shala, Sin e Nusku, embora seja possível que fossem identificados com divindades locais.

O filho de Humban-numena, Untash-Napirisha, restaurou muitos dos templos do Elam, 20 deles em Susa, mas a sua realização principal foi a fundação de uma cidade inteiramente nova, Al-Untash-Napirisha, 40 km a sudeste de Susa, conhecida agora como Choga Zanbil. A cidade era muito extensa, com uma muralha exterior que rodeava uma superfície de 1200 m por 800 m. Perto da entrada oriental ficam restos de uma grande casa com pórtico e de três palácios, um dos quais tinha escadas com degraus que conduziam a câmaras com abóbadas de canudo que continham cinzas de cadáveres incinerados. É possível que se tratasse dos túmulos do rei elamita e da sua família.

No centro da cidade encontrava-se um enorme recinto retangular que albergava diversos templos e um zigurate. Originariamente, construiu-se um pátio quadrado rodeado de salas que depois foi ocupado, tendo-se erguido sucessivas partes do templo. O zigurate media 67 m^2 na base e restavam ainda 28 m^2 de altura, embora seja provável que tenha sido duas vezes maior, com cinco ou seis andares. Os tijolos cozidos com inscrições pertencentes ao primeiro edifício mencionam só o deus Inshushinak; mas na parte superior da última etapa do templo, a que se tinha acesso por escadas interiores, havia dedicatórias para Inshushinak e para o deus Napirisha. Aos pés do zigurate havia numerosos templos de outros deuses. Todo o conjunto poderia fazer parte de um grande templo funerário, como o construído um século antes em Haft Tepe, e recordava o palácio e o zigurate de Dur-Kurigalzu, que podia ter a mesma função para os reis cassitas.

Um fragmento de uma estela de pedra encontrada em Susa mostra o rei Untash-Napirisha junto da sua esposa Napirasu. As roupas da rainha repetem-se na extraordinária estátua de tamanho real de Napirasu encontrada também em Susa. Embora falte a cabeça, a figura pesa 1,750 kg e é provável que fosse modelada em duas fases. Primeiro ter-se-ia fabricado o molde de 9 cm de espessura e depois enchida com bronze. É notável a habilidade técnica dos escultores.

Hatusa



Hatusa, conhecida agora como Boghazkoy ou Boghazkale, era a capital do Império Hitita. A cidade foi ocupada no final do terceiro milênio a.C., e no século XIX a.C. albergava uma colônia de mercadores assírios. Por volta de 1650 a.C. o rei hitita Labarnas escolheu-a para capital e mudou o seu nome para o de Hattusilis.

A cidade fica em um promontório formado pela conjunção dos braços do rio Budakozu. O caudal oriental corre através de uma garganta (*boghaz* em turco) entre duas colinas escarpadas chamadas Buyukkaya e Buyukkale. Dois quilômetros a nordeste fica a gruta de Yazilikaya, que continha imagens talhadas dos deuses hititas. A cidade foi destruída e abandonada pouco depois de 1200 a.C., mas voltou a ser ocupada na época dos frígios (século VII a.C.) com o nome de Pteria.

Abaixo: Vista do templo III, um dos numerosos templos da Cidade Alta. Atrás do templo M encontra-se a cidadela de Hatusa, e para além fica a colina de Buyukkaya. Na época hitita o sistema de fortificação incluía Buyukkaya e a muralha prolongava-se através de uma ponte sobre a garganta.



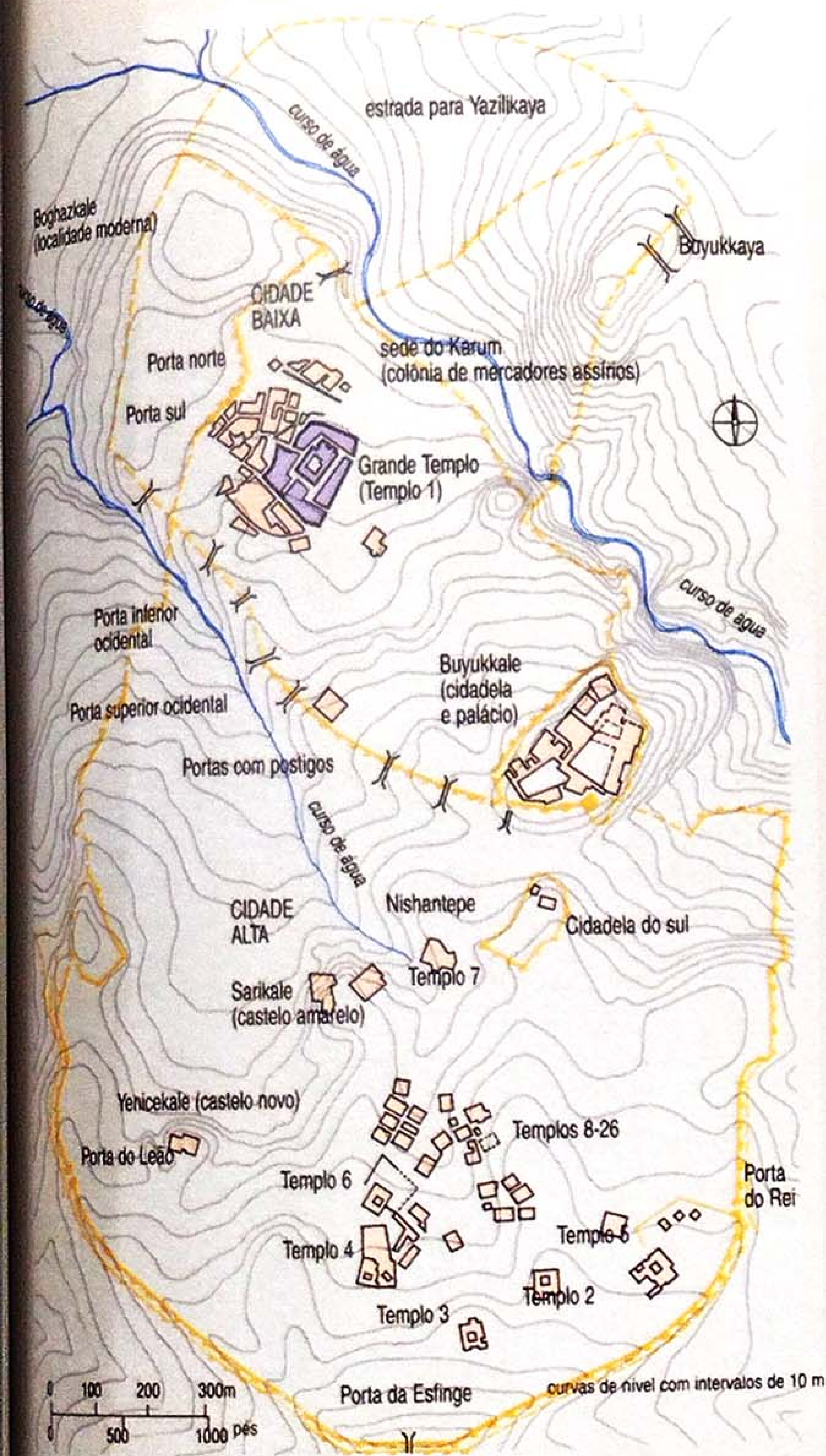
A batalha de Qadesh

Quando o Elam e a Babilônia se confrontaram, estavam representando os últimos atos da longa luta do Egito pelo controle do Levante. Suppiluliumas I estendeu a sua influência hitita nesta região e, depois da sua morte, o Levante continuou sob controle hitita. No final do século XIV, uma nova dinastia substituiu a debilitada 18ª dinastia egípcia. O segundo faraó da 19ª dinastia, Sethos I (1306 a.C.-1290 a.C.), restabeleceu o domínio egípcio sobre Canaã e afirmou ter destruído as cidades de Qadesh e Amurru. As estelas de Sethos I encontradas em Beth-Shan, Tiro e Qadesh parecem confirmar estas façanhas. No entanto, não durou muito o controle sobre Qadesh. O seu filho e sucessor Ramsés II (1290 a.C.-1224 a.C.), o megalômano de grande longevidade, que construiu Abu Simbel, empreendeu a restauração da fortuna egípcia no 4.º ano do seu reinado, chegando pelo norte até Nahr-kalb, próximo de Beirute, onde, como muitos outros conquistadores, fez gravar uma inscrição.

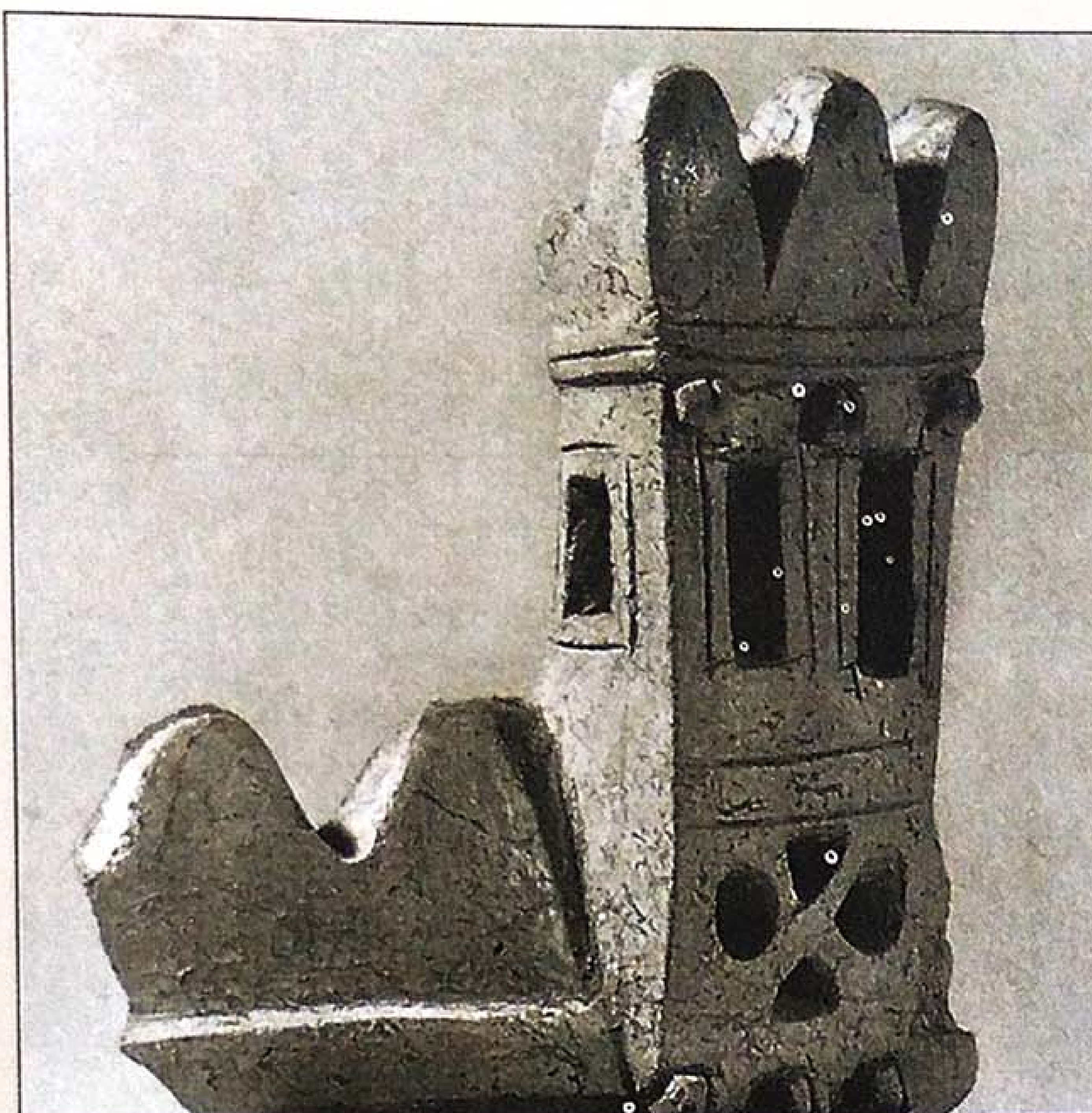
No ano seguinte avançou até Qadesh, na zona ribeirinha do Orontes, em uma campanha descrita e ilustrada em numerosos monumentos erigidos pelo faraó. Segundo o seu relato, no caminho dois chefes tribais informaram-no de que os hititas se encontravam longe, em Alepo, mas ele averiguou que se tratava de um estratagema dos próprios hititas. Fora de Qadesh foram capturados dois exploradores hititas que confessaram que o exército hitita, às ordens de Muwatallis II, se encontrava emboscado a leste de Qadesh. Nesse momento já era tarde para retirar com segurança.

Mas Ramsés II gaba-se de que, apesar de se encontrar "só, sem assistência nem sequer de um capitão, de um cocheiro, de um soldado do exército ou de um escudeiro", derrotou as hordas dos hititas e dos seus aliados, os Arzawa e os Lukka do Oeste da Anatólia, as tribos Kaska do nordeste e as tropas de Kizzuwatna, de Alepo, de Ugarit e de Qadesh. Supõe-se que tenham chegado reforços egípcios do oeste e que tenham forçado os hititas a terminar o seu ataque e a retirar-se para o outro lado do rio. No dia seguinte, Ramsés II atacou de novo e obrigou o rei hitita a pedir a paz.

No entanto, o relato egípcio da batalha não é muito confiável, e os egípcios foram certamente derrotados, como se vê na versão hitita dos acontecimentos. Os egípcios retiraram-se, e Amurru, Qadesh e Apu, na área em volta de Damasco, ficaram sob influência hitita.



O grande templo do deus do tempo Hatti (conhecido também como deus do céu) ficava na Cidade Baixa. É possível que a cidade fosse fortificada durante o reinado de Suppiluliuntas I. Foram construídas duas dúzias de templos nos terrenos meridionais, colina acima, na região mais afastada dos rios.



À esquerda: Fragmentos do canto de uma talha de cerâmica encontrada em Hatusa, que lembra as linhas de um edifício hitita fortificado. Mostra as extremidades de vigas duplas de madeira que sobressaem do parapeito.



Abaixo, à esquerda: O Grande Templo de Hatusa não era somente um lugar de culto, tendo também um importante papel econômico, como prova a existência de enormes armazéns no seu interior.



Abaixo: Esta figura em relevo de um guerreiro com capacete foi identificada inicialmente com um rei hitita, o que levou a chamar de Porta do Rei a porta da cidade onde foi encontrada. Atualmente, considera-se que representa um deus.

Êxitos e fracassos diplomáticos

Durante o período dos conflitos egípcios, os herdeiros de Ugarit sobreviveram; inclusivamente, aumentaram fazendo alianças com Mittani, Egito e Hatti, separadamente. Os casamentos diplomáticos e os tratados asseguraram a estabilidade apesar das turbulências à sua volta. Nas cartas de Amarna informa-se de que Ugarit foi destruída pelo fogo, mas não se menciona se as causas foram naturais ou um ataque inimigo. A prosperidade de Ugarit baseava-se no comércio, sobretudo no comércio do cobre com Chipre, mas exportavam-se também perfumes, grão, sal e vinho. A agricultura e as indústrias locais metalúrgicas, têxteis e de manufatura da púrpura extraída da concha do múrice eram outra fonte das riquezas de Ugarit.

Os reis de Mittani não conseguiram rivalizar com os êxitos diplomáticos dos soberanos de Ugarit nas suas tentativas de utilizar os hititas contra o poder crescente dos assírios. Adad-ninari I (1305 a.C.-1274 a.C.) tinha ampliado as fronteiras assírias até Lubdu pelo sudeste e até o Eufrates pelo sudoeste. Ocupou a capital de Mittani, Washukanni, fazendo de Shattuara I um vassalo da Assíria. Quando o filho deste, Wasashatta, se revoltou e os hititas lhe negaram ajuda, Mittani foi de novo saqueada e o seu rei levado prisioneiro para a Assíria. A expansão dos assírios continuou no reinado do filho de Adad-nirari, Shalmaneser I (1273 a.C.-1244 a.C.). Sufocou uma rebelião de Shattuara II, rei de Mittani, e derrotou um exército conjunto de Mittani e dos hititas, capturando 14.400 prisioneiros e anexando Hanigalbat (nome que os assírios davam a Mittani).

O tratado de paz entre o Egito e os hititas

Talvez devido às vitórias assírias, o soberano hitita Hattusilis aliou-se com Kadash-man-Turgu, o rei cassita, e em 1296 a.C. assinou um tratado com o Egito. Ramsés II continuava no trono faraônico, que ocupou durante, pelo menos, mais meio século; já lutara contra Hattusilis em Qadesh dezesseis anos antes. O texto da versão egípcia do tratado foi gravado nas paredes do templo de Karnak e no templo de Ramsés, e a cópia hitita foi conservada nos arquivos de Hatusa. O original enviado a Ramsés era uma tabuinha de prata com impressões dos selos de Hattusilis e da sua esposa. Este pacto de não agressão resolveu a disputa territorial no Levante e as boas relações cimentaram-se cerca de tre-

ze anos depois com o casamento da filha de Hattusilis com Ramsés II.

Tudhaliyas IV, filho de Hattusilis, continuou a sua política de manutenção de boas relações no Levante, mas invadiu Chipre, talvez para se compensar das perdas no sudeste. Em um tratado feito com o rei de Amur-ru, Tudhaliyas mandou registrar a lista de reis que considerava seus pares: os reis do Egito, da Assíria e de Ahhiyawa, embora depois tenha apagado este último. Ahhiyawa era um país a oeste de Hatti, mais além de Arzawa, e já aparecia nos documentos desde Supiluliumas I. Durante algum tempo foi identificado com o país dos Aqueus, na Grécia micênica, mas é provável que estivesse situado na parte asiática do mar Egeu. Ao longo das povoações da costa do Egeu na Turquia e no litoral mediterrânico da Palestina e do Levante, encontraram-se muitos fragmentos de cerâmica micênica, prova da importância do comércio pelo mar na época.

Os vestígios materiais dos hititas foram achados sobretudo nas escavações da sua capital, Hatusa. Ali, por detrás das sólidas muralhas fortificadas com um perímetro de 6 km, levantava-se a cidadela-palácio e os templos da família real hitita. A 1,5 km fora das muralhas encontrava-se uma gruta, conhecida agora como Yazilkaya, onde se tinham gravado as imagens dos deuses e das deusas hititas no reinado de Tudhaliyas IV. O deus principal era a deusa do sol Arinna e o seu consorte o deus do céu, identificados com os respectivos deuses hurritas Hepa e Teshup. Os reis hititas eram muito rigorosos com as suas tarefas religiosas, e vários deles foram sacerdotes antes de serem coroados. Interrompiam até uma campanha militar no caso de se celebrar uma festividade religiosa em que a sua presença fosse necessária.

A Tudhaliyas sucederam os seus dois filhos, Arnuwandas II e Suppiluliumas II, cujos reinados foram o palco do desastre que provocou, por volta de 1200 a.C., o incêndio e o abandono das cidades hititas da Anatólia. O final do reino hitita engloba-se dentro de um fenômeno de alcance mais geral, a chegada de novos povos, denominados "povos do mar".

Os movimentos dos novos povos

Nas primeiras décadas do século XII a.C. produziram-se amplos movimentos de povos na região mediterrânica. Os egípcios foram ameaçados por terra e por mar por uma coligação de tribos, a que chamaram "povos do mar". Merneptah (1244 a.C.-1214 a.C.) e depois Ramsés III (1194 a.C.-1163 a.C.) expulsaram-nos. Algumas destas tribos, como os meshweshs, os shardans e os denyens, já estavam presentes no Oriente Médio, enquanto no caso de outras se tratava de recém-chegados. Ramsés III descreveu assim o ataque que se produziu no 8.º ano do seu reinado.

> "Os países estrangeiros tramaram uma conspiração nas suas ilhas. Subitamente todos os países foram sacudidos e disseminados na contenda. Nenhum país pôde resistir às suas armas, de Hatti, Kode (provavelmente o vale de Orontes), Carchemish, Arzawa e Alashiya (Chipre) foram também destruídas. Um acampamento instalou-se em um lugar de Amurru. Exterminaram o povo e o seu país era como se nunca tivesse existido. Aproximaram-se do Egito com a chama preparada diante deles. Era a liga de Peleset (Palestina), Tjeker, Shekelesh, Denyen e Meshwesh, países aliados."

O Egito resistiu, mas Hatti e Ugarit caíram, tal como muitas das cidades do Levante e da Grécia. O reino hitita foi provavelmente destruído pelos mushkis ou frígios, que invadiram e ocuparam o planalto da Anatólia. No Levante, as cidades hititas de Carchemish e de Malatya sobreviveram como principados independentes. O controle egípcio na Palestina declinou e os povos conhecidos pelos egípcios como Peleset estabeleceram-se ao longo do litoral mediterrânico dando o seu nome ao país, Filistéia ou Palestina. No final do século XII a.C. terminou o domínio egípcio.

Os povos da Filistéia, ou filisteus, não foram os únicos a se deslocar para regiões novas. Quase na mesma época aparecem registrados os Israelitas, mencionados pela primeira vez na estela de Merneptah.

> "Canaã foi saqueada e mergulhou em todo o tipo de aflições;
> Ashkelon foi vencida;
> Guézer foi capturada;
> Yenoam foi aniquilada;
> Israel foi devastado."

Nesta descrição hieroglífica, Israel é precedido do sinal para significar povo e não cidade ou país. Poucos pormenores se conhecem da ocupação israelita de Canaã. A história bíblica das conquistas de Josué, depois do êxodo do Egito, não encontrou nenhum apoio fora das escrituras e é possível que as tribos israelitas se tenham estabelecido pacificamente até ter força suficiente para expulsar os governantes cananeus.

Tal como os Israelitas, outros povos semitas foram chegando das estepes desérticas. Nas cartas de Amarna, os sutus e os ahlamus são considerados tribos bárbaras dos limites do mundo civilizado. O rei assírio Shalmaneser I lutou contra os ahlamus, que, em 1100 a.C., os seus contemporâneos associavam com os arameus, um grupo de semitas do noroeste.

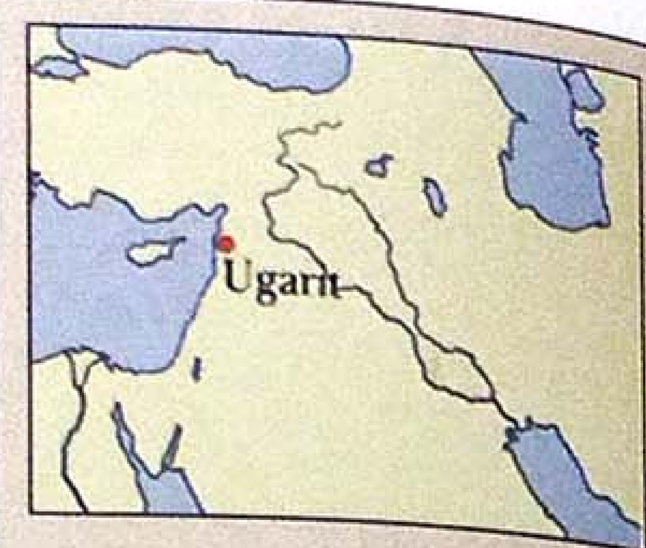
Tal como os Amorreus, um milhar de anos antes, os arameus ocuparam nos séculos seguintes grande parte do Levante e da Mesopotâmia, e em diversas ocasiões, a sua língua, de escrita alfabética, substituiu a escrita cuneiforme babilônica e assíria.

No norte, Shalmaneser I derrotou o reino de Uruadri, que aparece pela primeira vez nas inscrições. Conhecido depois por Urartu, que sobreviveu em uma forma corrupta no domínio do monte Ararat, este reino revelou-se como uma ameaça constante ao lado da Assíria. Mais para leste, no planalto do Irã, o fim da cultura de Godin III e a introdução da cerâmica de barro cinzento da Idade do Ferro I assinalam a chegada das tribos iranianas do norte ou do leste. Eram os antepassados dos persas e dos medos, que conseguiram destruir os impérios assírios e babilônicos e estabelecer o seu domínio em todo o Oriente Médio a partir do século VI a.C.

A potência militar da Assíria

Os assírios revelaram-se uma força militar irresistível nos sucessivos reinados de Adad-nirari I, Shalmaneser I e Tukulti-Ninurta I (1243 a.C.-1207 a.C.). Este último relata como atacou pessoalmente o rei dos cassitas, Kashtiliash IV.

> "Eu consegui a derrota dos seus exércitos, e seus guerreiros derrubei. No meio daquela batalha a minha mão apoderou-se de Kashtiliash, o rei cassita. Calquei o seu pescoço real com os



À direita: Durante os 60 anos que duraram as escavações de Ugarit, investigou-se grande parte da cidade. As duas áreas principais eram a acrópole, na qual se encontravam os templos maiores, e a área do palácio real, a oeste. Os principais deuses venerados eram Baal e seu pai, Dagan. Pode-se deduzir pelos mitos que eram divindades introduzidas no panteão local a partir do leste.

Mais afastado, à direita: O palácio real passou de um pequeno edifício, no século XVI a.C., para uma estrutura magnífica e impressionante com 90 aposentos distribuídos em volta dos seis pátios amplos. Em alguns deles havia tanques ornamentais.

Ugarit

As ruínas de Ugarit compreendem o tell conhecido como Ras Shamra e o porto chamado Minet al-Beidha. A cidade esteve ocupada a partir do Neolítico Acerâmico. Nos primeiros períodos do segundo milênio encontrava-se sob a influência egípcia, como o demonstram os objetos com nomes de faraós do Egito Médio. O período mais notável de Ugarit compreende a segunda metade desse milênio, quando era a capital do principal reino comercial com vínculos mercantis em todo o Mediterrâneo oriental. A riqueza da cidade baseava-se principalmente no comércio do cobre de Chipre e da madeira de construção vinda do interior. Havia também o comércio de cereais, vinho e sal. Ugarit tinha indústrias próprias: manufaturas de tinturaria de púrpura extraída da concha do múrice, a chamada púrpura imperial ou de Tiro, utilizada para tingir o linho ou a lã. Ao lado do porto havia depósitos nos quais se armazenavam todo o tipo de mercadorias; em um deles foram encontrados 1000 frascos pequenos para óleo perfumado de Chipre.

O achado mais importante da povoação talvez tenham sido os ricos arquivos das tabuinhas cuneiformes. Alguns desses textos em várias línguas, incluindo alguns em escrita alfabética, são de grande interesse pela informação que fornecem sobre a religião e os mitos de Ugarit. Por seu lado, esta permitiu esclarecer algumas práticas contemporâneas descritas na Bíblia.

Ugarit estava nominalmente submetida ao Egito, mas reconhecia também a autoridade dos hititas. Os soberanos de Ugarit eram equilibristas exímios na diplomacia. Por volta de 1200 a.C. Ugarit foi saqueada, provavelmente pelos "povos do mar".



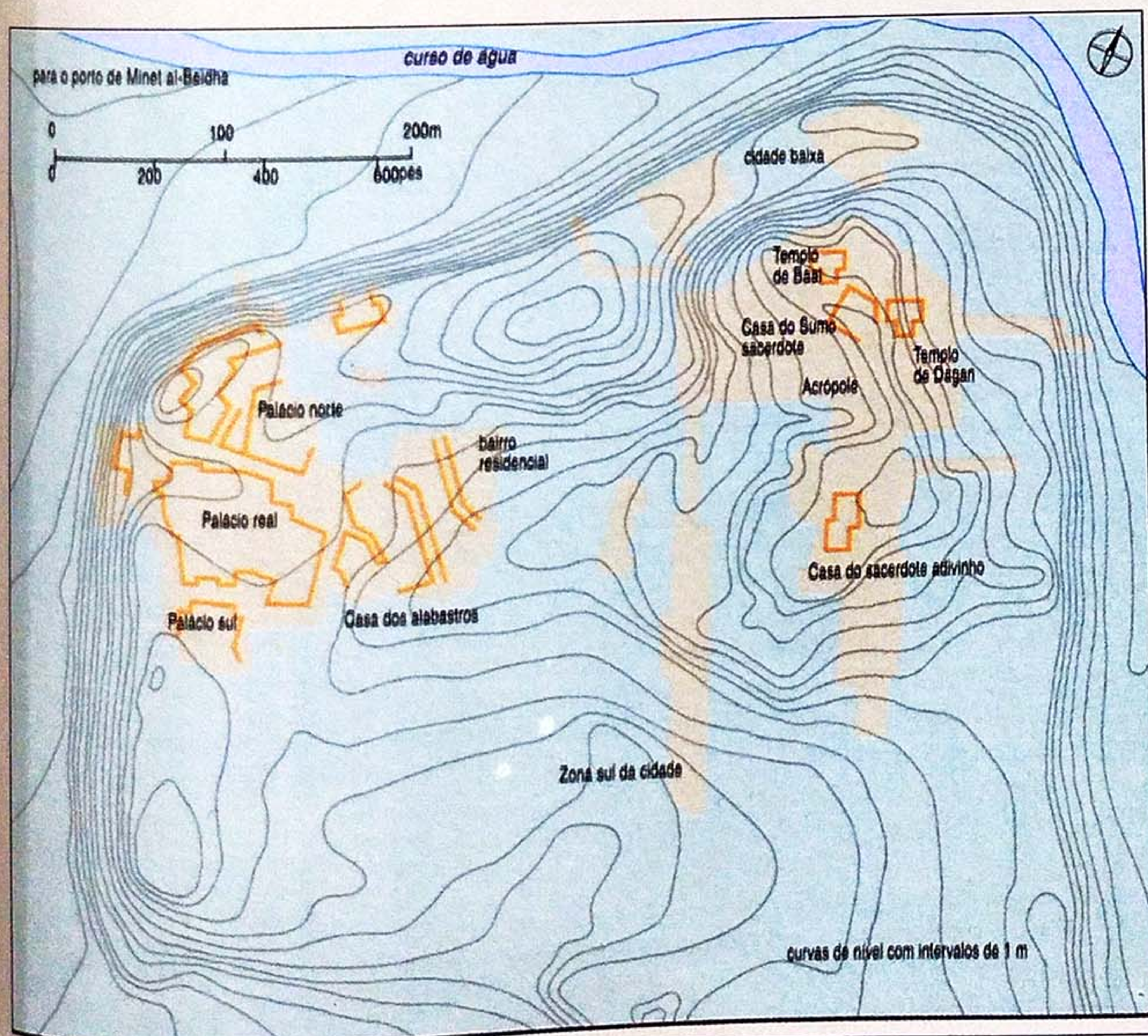
Acima: Esta cabeça de bronze foi encontrada com dois pratos de balança e um jogo de pesos no nordeste da zona dos templos de Ugarit. O sistema local de pesagem utilizava o shekel de 9,5g e a mina, que valia 50 shekels. Esta cabeça pesava 190g e é possível que fosse utilizada como um peso de 20 shekels. Altura: 3,8 cm.

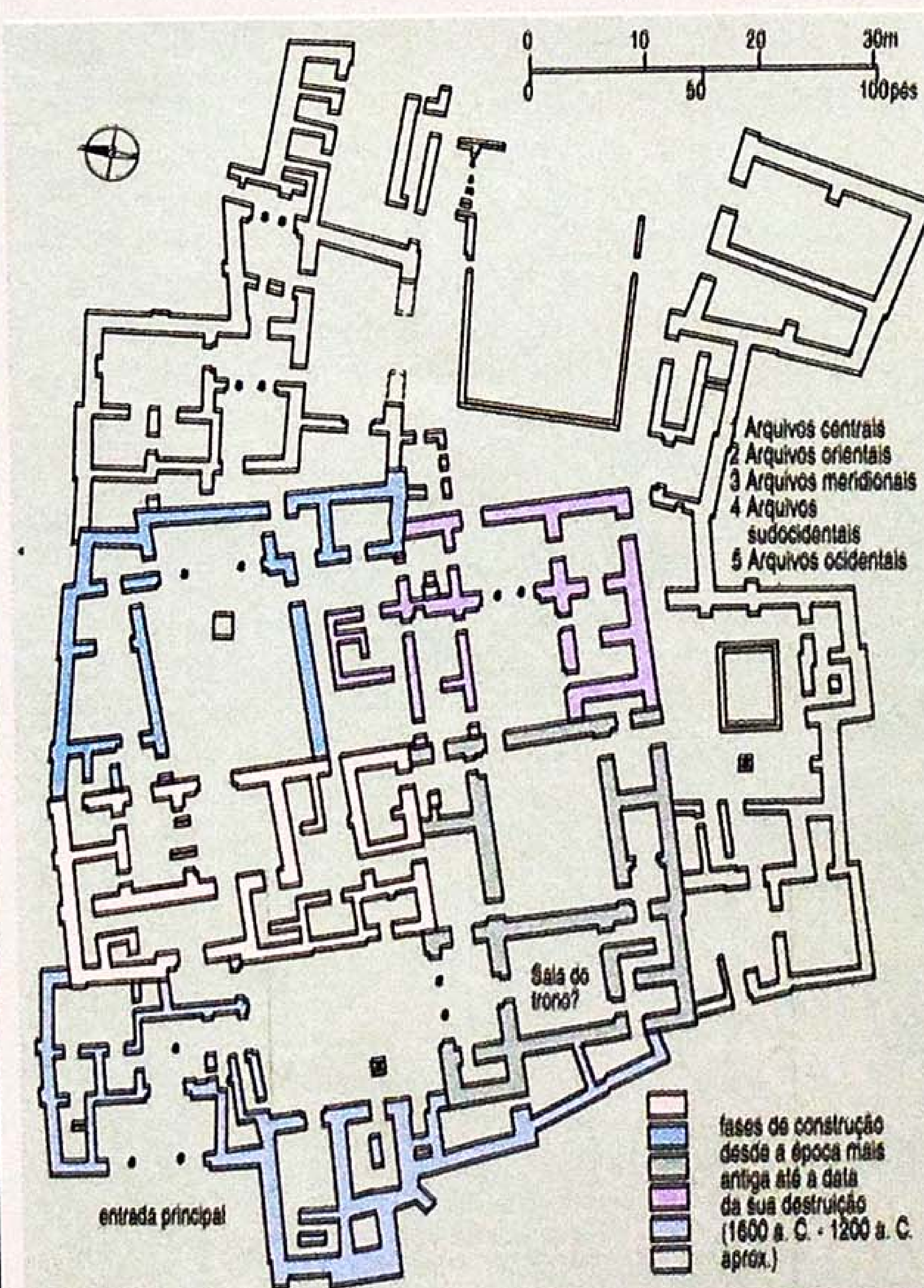


À direita: Jarra de louça em forma de cabeça feminina dos séculos XIV a.C.-XII a.C. Encontrada em Minet al-Beidha, em um túmulo comum onde estavam enterradas pelo menos 28 pessoas. Foram encontradas jarras semelhantes em Chipre. Altura: 16 cm.



À esquerda: O rosto e o toucado desta estatueta de bronze do século XIII a.C. são revestidos de pó de ouro. A prata, que reveste o peito, os braços e as pernas, talvez represente uma armadura. Quando foi encontrada, acreditou-se que era o deus Reseph, mas agora se considera que seja Baal. Altura: 17,9 cm de altura.





meus pés como se fosse um escabelo. Levei-o nu e atado diante de Assur, meu senhor. Coloquei sob o meu poder a Suméria e a Acádia até os seus limites longínquos. No mar inferior do sol nascente estabeleci a fronteira do meu país."

Tukulti-Ninurta designou Enlil-nadin-shumi como rei de Nippur. No entanto, segundo uma crônica babilônica posterior, em um ano, o rei elamita Kidin-Hutran atacou a Babilônia pela segunda vez no reinado de Adad-shuma-iddina e destruiu Isin e Marad. Adam-shuma-iddina, que era outro testa-de-ferro assírio, foi deposto pelos nobres em 1216 a.C.

Além das suas campanhas na Babilônia, Tukulti-Ninurta fez a guerra no leste, no norte e no oeste, tendo-se vangloriado de ter atravessado o Eufrates e ter feito prisioneiros 28.800 hititas. Empreendeu um amplo programa de construção na capital, Assur; mandou escavar um fosso à volta da cidade, reconstruiu o templo de Istar e começou a erguer um novo palácio no noroeste da cidade. No entanto, abandonou este último projeto depois de lançado os alicerces de pedra e, no seu lugar, fundou uma nova cidade, a que chamou Kar-Tukulti-Ninurta, 3 km a norte de Assur, na outra margem do Tigre. Fortificou ali uma área de 700 m^2 e ergueu um templo com um zigurate dedicado ao deus Assur. Mandou também construir um palácio, decorado com finas pinturas murais. Talvez a construção de uma nova cidade se devesse à impopularidade do rei em Assur na seqüência das perdas territoriais sofridas no final do seu reinado. Em 1207 a.C. o seu filho revoltou-se, com o apoio da nobreza assíria, apoderou-se de Tukulti-Ninurta no seu palácio e assassinou-o.

O eclipse de Elam

Cerca de quarenta anos depois (1165 a.C., aproximadamente), Shutruk-Nahhunte tornou-se rei do Elam e em uma época de reinos debilitados inaugurou um período de grandeza para Elam. Segundo a inscrição de uma estela, atravessou o rio Ulai, invadiu a Mesopotâmia e capturou 700 cidades, forçando DurKurigalzu, Eshnunna, Sippar, Ópis, Dur-Sharrukin e, talvez, Agade, a pagar-lhe um tributo elevado. Os achados de Susa são testemunhos do espólio conseguido na suas campanhas. Incluía estátuas de Eshnunna, a estela da vitória de Naram-Sin, trazida de Sippar, um monumento ao rei cassita Melishipak de Kara-indash (talvez a moderna Karind, nos montes Zagros) e estátuas de Agade.

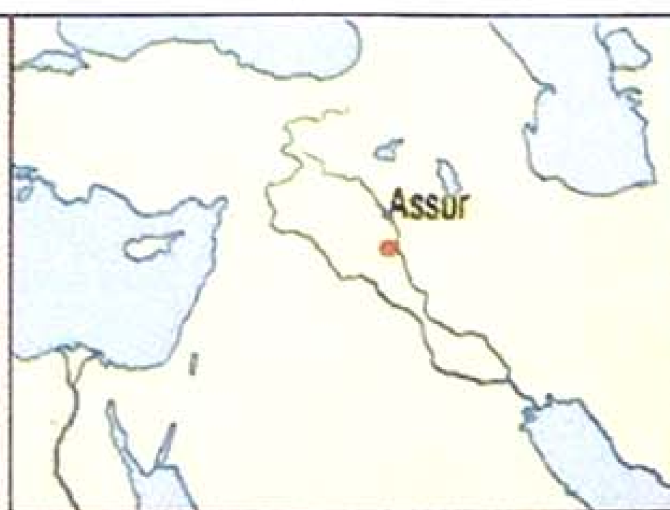
Nos seus domínios extensos, Shutruk-Nahhunte restaurou o templo de Liyan, na costa do golfo Pérsico perto de Bushire, e estabeleceu o controle sobre Anshan em Fars.

Quando seu filho, Kutir-Nahhunte, se tornou rei, invadiu a Babilônia e pôs fim à dinastia cassita, levando para Elam a estátua do deus Marduk da Babilônia e a deusa Innana de Uruk. Seu irmão e sucessor, Shilhak-Inshushinak, lutou nos contrafortes dos montes Zagros, chegando até Arrapha e Nuzi no noroeste, incluindo Halman, Me-Turnat, Epih (as colinas de Hamrin), o que significava uma incursão em um território que tinha pertencido antes à Assíria. Shilhak-Inshushinak casou-se com a viúva do irmão e terminou os trabalhos de restauração iniciados no templo de Inshushinak em Susa. Também edificou em Liyan e Tulaspid e em mais vinte cidades. Entre os achados pertencentes ao reinado de Shilhak-Inshushinak, há um bronze com uma cena religiosa chamada "Amanhecer" (*Sit Shamshi*).

Sucedeu-lhe o sobrinho Huteludush-Inshushinak, seguindo o modelo tradicional elamita de sucessão por linha fraterna. Este restaurou os templos de Susa e edificou em Ansham, onde em um edifício público se encontraram 250 textos administrativos escritos em elamita, que pertencem provavelmente ao seu reino. Huteludush-Inshushinak entrou em conflito com Nabucodonosor I (1125 a.C.-1104 a.C.), um membro da segunda dinastia de Isin, que conquistou o poder quando o último rei cassita, Enlil-nadinahi (1156 a.C.-1154

Reis assírios do período médio

Ashur-uballit I	1363-1328
Enlil-nirari	1327-1318
Arik-den-ili	1317-1306
Adad-nirari I	1305-1274
Shalmaneser I	1273-1244
Tukulti-Ninurta I	1243-1207
Ashur-nadin-apli	1206-1203
Ashur-nirari III	1202-1197
Enlil-kudurri-usur	1196-1192
Ninurta-apil-Ekur	1191-1179
Ashur-dan I	1178-1133
Ashur-resh-ishi	1132-1115
Ninurta-tukulti-Ashur	1115
Mutakkil-Nusku	1115
Tilgath-pileser I	1114-1076



Assur

A cidade de Assur ficava em um promontório rochoso que dominava o rio Tigre. A cidade conhecida agora por Qalat Shergat, foi habitada pelo menos desde 2400 a.C. e no templo de Istar foram encontradas estátuas do estilo da dinastia inicial. No início do 2.º milênio, os mercadores de Assur estabeleceram colônias na Anatólia. Assur fazia parte do império de Shamshi-Adad I (1813 a. C.-1871 a.C., aproximadamente) e depois esteve sob o domínio dos soberanos de Mittani.

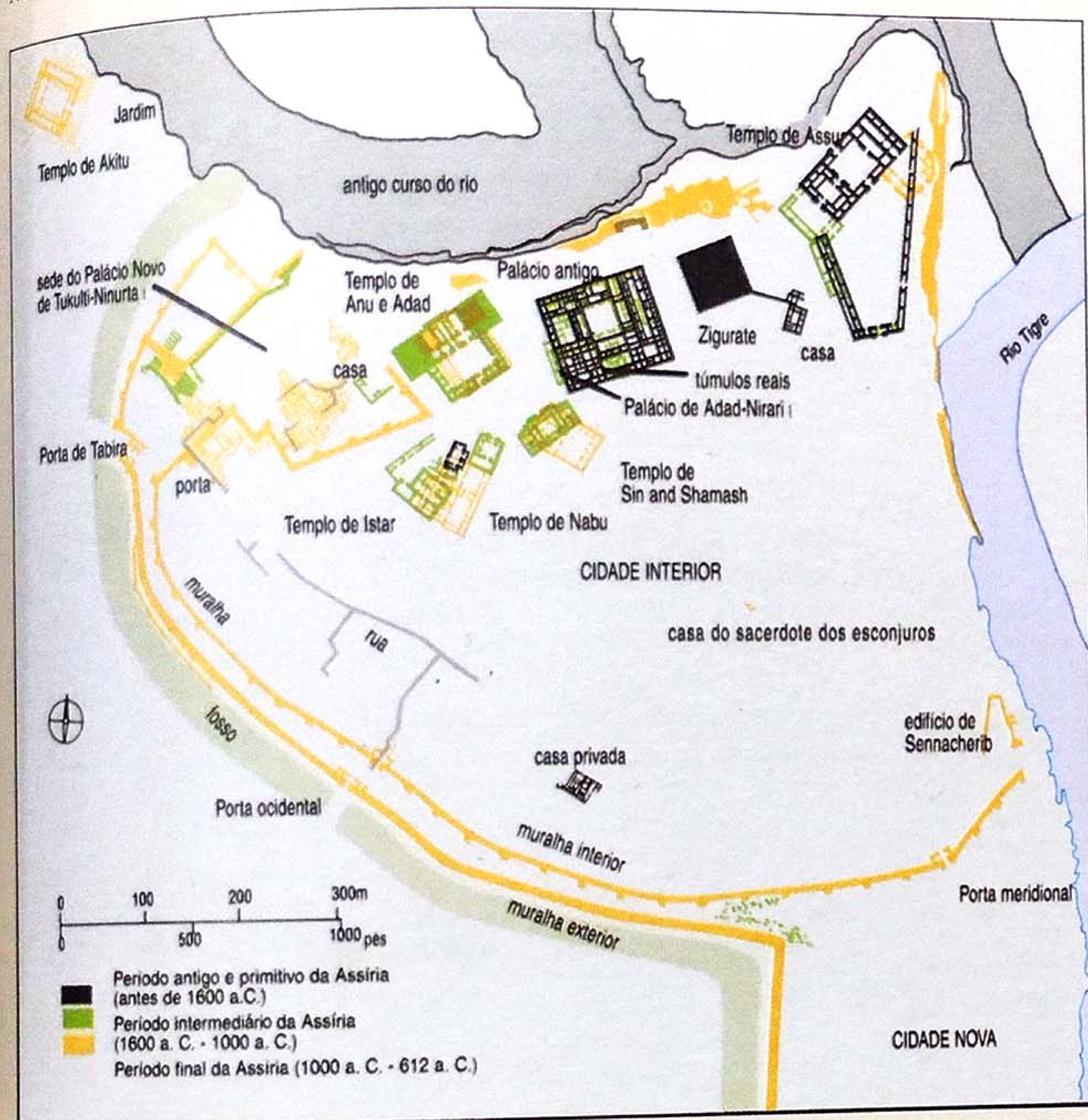
No tempo de Assur-uballit (1363 a.C.-1328 a.C.), a Assíria conheceu uma expansão depois do colapso do império de Mittani, e Assur tornou-se a capital de um reino que se estendia do Eufrates às montanhas do Irã. Assurbanipal II (883 a.C.-859 A. C.) escolheu Kalhu como capital, mas tanto ele como os soberanos assírios posteriores continuaram a restauração dos templos e de outros edifícios de Assur, que continuou a ser o centro religioso do império. Os reis assírios eram enterrados no palácio de Assur.

O rei da cidade chamava-se também Assur, e a sua sorte melhorou com o crescimento do próprio Estado assírio, pois ocupou os lugares de Enlil e Marduk no panteão assírio. O templo de Assur encontrava-se na cidade, na ponta do promontório. O rei assírio era investido de autoridade pelo fato de ser sacerdote do deus Assur. Em 614 a.C. e 612 a.C. a Assíria foi invadida por medos e babilônios, que se apoderaram da cidade e saquearam-na, tendo-a abandonado depois. A povoação voltou a ser habitada nos séculos I e II a.C., com o nome de Labbana.

Abaixo: Relevo de pedra calcária encontrado na cisterna do templo de Assur. Representa um deus levando plantas, que foram mordiscadas pelas cabras. O motivo das roupas do deus pode indicar que se tratava de uma divindade da montanha, talvez o próprio Assur. Na parte inferior há duas deusas com duas jarras de onde jorra água.



À direita: O povoado de Assur foi escavado por uma missão alemã antes da Primeira Guerra Mundial. Após cavar longas trincheiras ao longo da povoação, constataram que o edifício principal se situava na parte norte da cidade. Este incluía os templos de Assur, Istar e Nabu, os templos duplos de Sin e de Shamash e de Anu e Adad, e os zigurates, assim como os palácios dos reinos assírios. A norte e a leste a cidade era protegida por altos penhascos escarpados. No início do 2.º milênio a.C. a cidade foi fortificada e estendeu-se para sul durante o período assírio médio.



Abaixo: Visão do Noroeste de Assur. À direita pode-se ver as ruínas do zigurate, que ainda domina o horizonte. No centro uma guarnição de polícia do século XIX marca o lugar onde se erguia o templo de Assur. Em segundo plano é visível o Rio Tigre.





a.C.) foi capturado. As primeiras tentativas de Nabucodonosor para invadir Elam não tiveram êxito, mas durante o verão, comandando o seu exército, chegou inesperadamente aos arredores de Susa e derrotou o exército elamita. Os babilônios saquearam Susa e recuperaram a estátua do deus Marduk. Durante os três séculos seguintes, a história de Elam ficou na sombra, dado que não voltou a ser mencionado em qualquer fonte.

Os êxitos de Nabucodonosor no leste não se repetiram no norte, onde se bateram com os assírios, primeiro sob Assur-resh-ishi (1132 a.C.-1115 a.C.) e depois com Tiglath-pileser I (1114 a.C.-1076 a.C.). Este último era um chefe militar poderoso. No vale superior do rio Tigre derrotou um exército de 20.000 guerreiros mushkis (os mesmos que puseram fim, ao que parece, ao Império Hitita). Atacou Nairi, na região que passaria a chamar-se Urartu, gravou um relevo comemorativo na rocha a noroeste do lago de Van. No oeste lutou contra os arameus ahlamus, atravessando o Eufrates em 28 ocasiões pelo menos. Em uma dessas campanhas chegou até o Mediterrâneo, a Arvard, onde, segundo um relato assírio, tomou um barco e partiu à caça de um animal chamado "cavalo marinho", mas tratar-se-ia mais certamente de um narval ou de um golfinho.

As conquistas de Tiglath-pileser não sobreviveram à sua morte e nos séculos seguintes o poder assírio ficou confinado a pouco mais do triângulo assírio que unia Assur a Nínive e a Arbil. No entanto, as campanhas de Tiglath-pileser permitiram à Assíria sobreviver às furiosas incursões dos mushkis e dos arameus, de tal modo que dois séculos depois os assírios conseguiram dominar o Oriente Médio.

Ciência e tecnologia

Apesar dos intermináveis conflitos da segunda metade do 2.º milênio, esta foi uma época de grande prosperidade e progresso. O comércio e a indústria floresceram; não cessaram de fornecer artigos de luxo às cortes reais, tentando cada uma delas eclipsar o esplendor das outras.

As pedras de cor tinham sido sempre apreciadas na joalharia, e desde muito cedo se tentou fabricar pedras artificiais. Um dos materiais utilizados eram os produtos de cerâmica, feitos de uma mistura de pedras de quartzo moídas com cinzas e mineral de cobre; a mistura era depois aquecida para produzir objetos com uma superfície vitrificada azul-brilhante. Os exemplos desta técnica remontam ao período de Ubaid, mas é em finais do 3.º milênio que é usada habitualmente para fabricar contas, amuletos, selos e incrustações. Também nessa época se fizeram vasilhas de louça e as contas de cerâmica tornaram-se mais comuns no 2.º milênio. Em Susa, no período elamita médio, usaram-se tijolos de cerâmica vitrificada para decorar o templo de Inshushinak.

A manufatura do vidro na metade do 2.º milênio representou uma revolução tecnológica. Pode acontecer que se tenham produzido acidentalmente alguns exemplares precoces de vidro durante o fabrico da louça, mas não existem provas de fabrico de vidro em grande escala, e menos ainda de vasilhas de vidro. Os primeiros exemplares, encontrados nas povoações do Norte da Mesopotâmia, datam do século XV a.C. Foram fabricados com a forma criada ao redor de um núcleo, ou através de pequenas seções de barras de vidro, para conseguir um mosaico. O vidro também era utilizado nos selos cilíndricos, colares e medalhões. Também se encontraram vasilhas de cerâmica vitrificada (cobertas por uma fina camada de vidro) deste período e tijolos vitrificados, que adornavam os palácios dos reis assírios do período médio.

Encontraram-se objetos de ferro que remontam ao 4.º milênio a.C., mas eram muito raros. Nos primeiros anos do 2.º milênio menciona-se o ferro em textos referentes ao comércio da antiga Assíria com a Anatólia, e encontraram-se artigos de ferro de vários séculos depois, incluindo uma adaga no túmulo de Tutancâmon. Em alguns textos hititas são mencionadas armas de ferro, tabuinhas de escrita de ferro e estátuas de ferro. Uma carta do rei hitita Hattusilis registra uma oferta de uma adaga de ferro enviada ao rei da Assíria. Nesta época o ferro tinha mais valor que o ouro. O seu valor, no entanto, residia na escassez, e, quando se descobriu que o ferro podia transformar-se em aço, acrescentando-lhe carvão, ele rivalizou com o cobre. Considera-se que os graves cataclismos do século XII a.C. marcam o final da Idade do Bronze e o início da Idade do Ferro. No entanto, embora já se fundisse o ferro nessa época, ainda não se dominavam estes processos técnicos. Até o século IX a.C., o aço não se difundiu o suficiente para ser utilizado na manufatura de ferramentas e de armas.

A escrita

A escrita cuneiforme foi inventada no 4.º milênio a.C. no Sul da Mesopotâmia. Como existiam certos sinais diferentes para as palavras e as sílabas, os escribas passavam vários anos da sua vida a aprender a arte da escrita. O alfabeto fonético, com menos de trinta letras, foi inventado pelos Cananeus antes de 1600 a.C. e substituiu a escrita cuneiforme no milênio seguinte. As formas das letras nos alfabetos mais antigos baseavam-se nos hieróglifos egípcios, mas os seus sons eram os da consoante inicial da correspondente palavra cananéia. Assim a figura de uma casa representava o som "b", a primeira letra de *bet*, a palavra cananéia que significava "casa". O alfabeto mais antigo utilizava 27 ou 28 letras, mas no século XIII a.C. o seu número reduziu-se para 22.

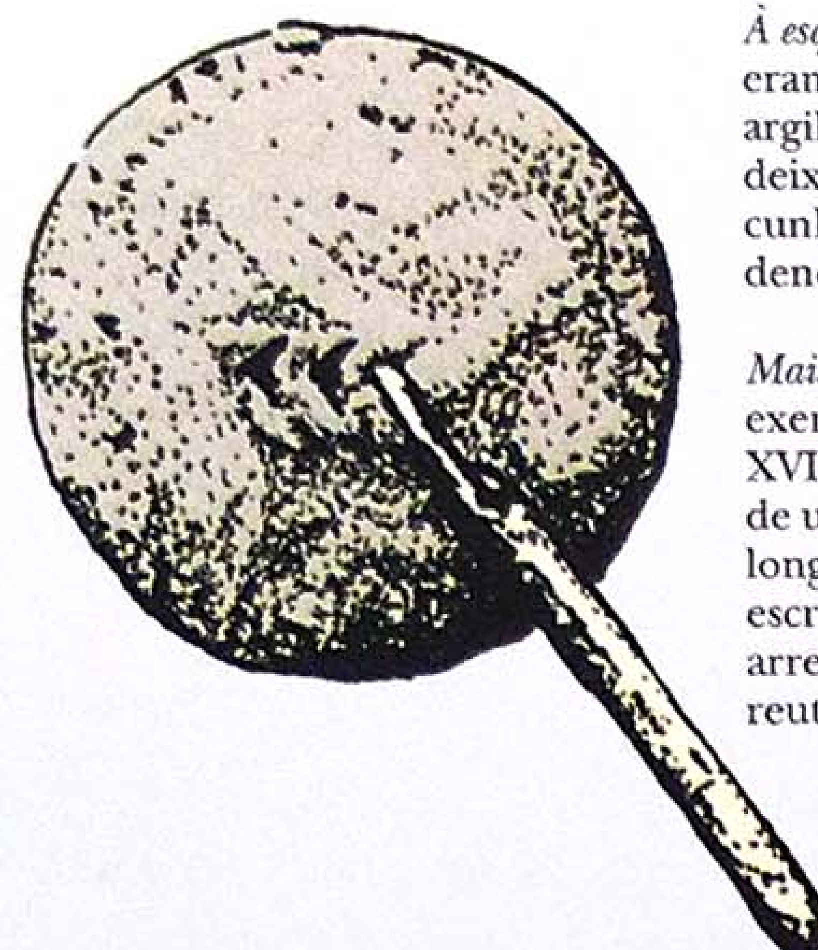
Abaixo: O alfabeto protocananeu encontrado em povoados como o de Serabit al-Khadim, no Sinai, foi adotado para formar a base do alfabeto com o qual seriam escritas outras línguas semíticas, incluindo o fenício e o aramaico, e depois o árabe e o hebraico. Foi também adotado pelos gregos e utilizado nas línguas européias. De fato, todos os alfabetos hoje utilizados no mundo derivam daquele inventado no Oriente Médio.

PROTOCANANEU	NOMES E SIGNIFICADOS DAS ANTIGAS LETRAS	FENÍCIO	GREGO ANTIGO	LATIM MONUMENTAL ANTIGO	MODERNAS MAIÚSCULAS
	alp cabeça de boi				A
	bêt casa				B
	gaml pau arrojadiço				C
	dig peixe				D
	hô(?) homem chamado				E
	wô (waw) maça				F
	Zê(n) ?				
	hê(t) cercado?				H
	tê(t) fuso?				
	yad braço				I
	kapp palmeira				K
	lamb aguilhada de boi				L
	mêm água				M
	nahs serpente				N
	cên olho				O
	pi't esquina?				P
	sa(d) planta				
	qu(p) ?				Q
	ra's cabeça de homem				R
	tann(t) arco composto				S
	tô (taw) marca de propriedade				T

Quando os gregos adotaram o alfabeto, no início do 1.º milênio a.C., usaram algumas das letras para representar o som das vogais em vez das consoantes.

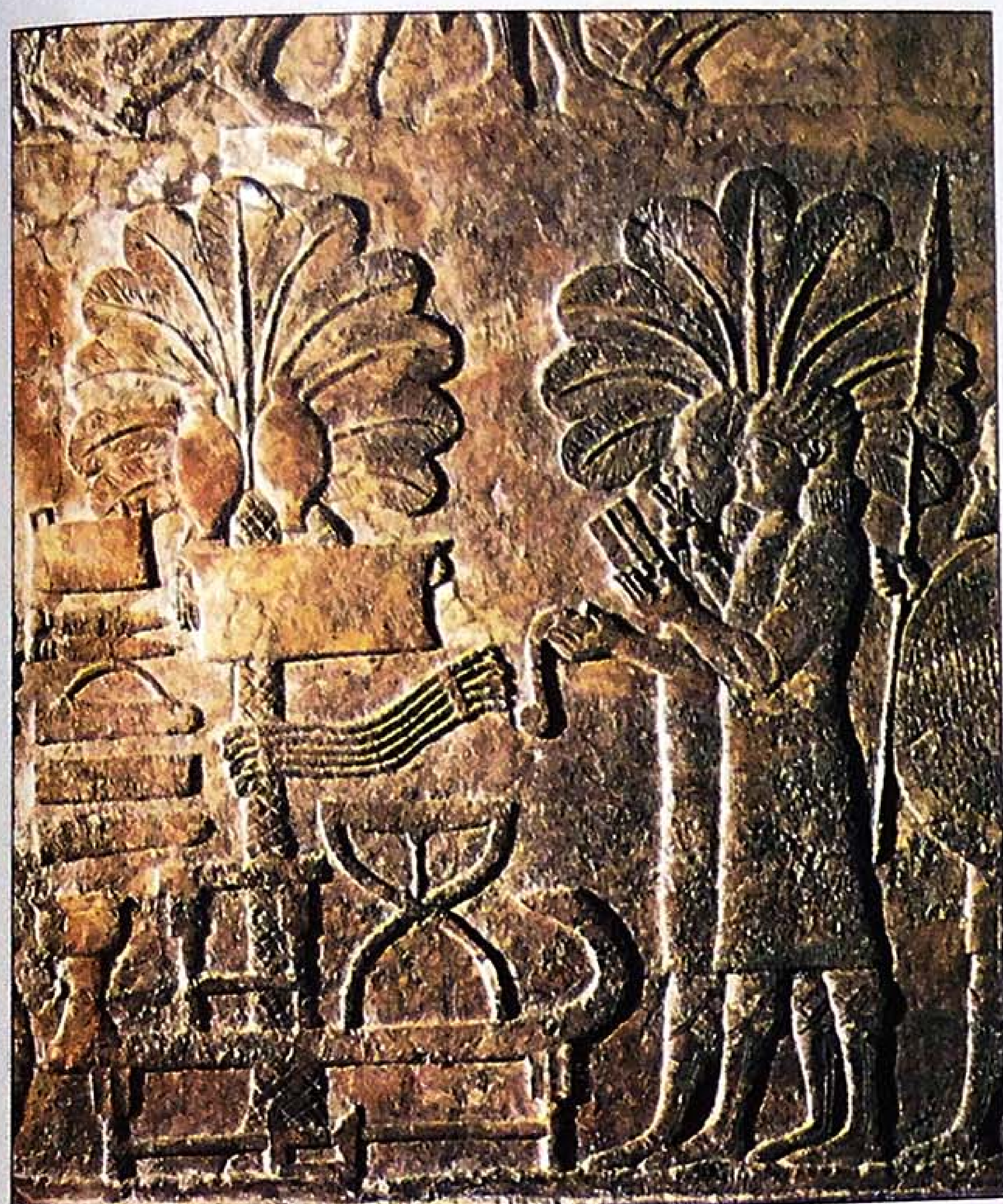
A escrita cuneiforme adaptou-se para escrever muitas línguas, mas no Antigo Oriente Médio também se utilizaram outros alfabetos, como o hieroglífico hitita e o linear elamita. Em Ugarit e outras povoações do Levante, o alfabeto cananeu se transformou em sinais cuneiformes, e com esta escrita escreveram-se textos na língua semita local, chamada ugarítica. A escrita persa antiga, inventada para gravar as inscrições reais dos reis aquemênidas, era essencialmente um alfabeto escrito com letras cuneiformes.





À esquerda: Os sinais cuneiformes eram feitos através de gravações na argila com punção de junco, que deixava uma marca em forma de cunha, de onde vem a denominação de cuneiforme.

Mais à esquerda: Tabuinha de exercícios de uma escola do século XVIII a.C. em Sippar. A formação de um escriba era um processo longo. Os escribas aprendiam a escrever em tabuinhas arredondadas que podiam se reutilizadas.



Acima: Escribas assírios registrando o saque depois de uma campanha vitoriosa na Babilônia, no relevo do palácio do sudoeste em Nínive (630 a.C.-620 a.C.) Um escriba está escrevendo em acádico cuneiforme sobre uma tabuinha com dobradiças e outro escreve em aramaico sobre um papiro ou um pergaminho de couro. Por volta o século VII a.C., a escrita e a língua aramaica estavam amplamente difundidas no Império Assírio, mas foram poucos os documentos que sobreviveram, porque o papiro e o pergaminho, ao contrário das tabuinhas de argila, se degradam.



Acima: Lista de sinônimos da Biblioteca de Assurbanipal, em Nínive. As listas são a base da tradição dos escribas mesopotâmicos. Eram muitas vezes bilíngües, geralmente em sumério e em acádico.



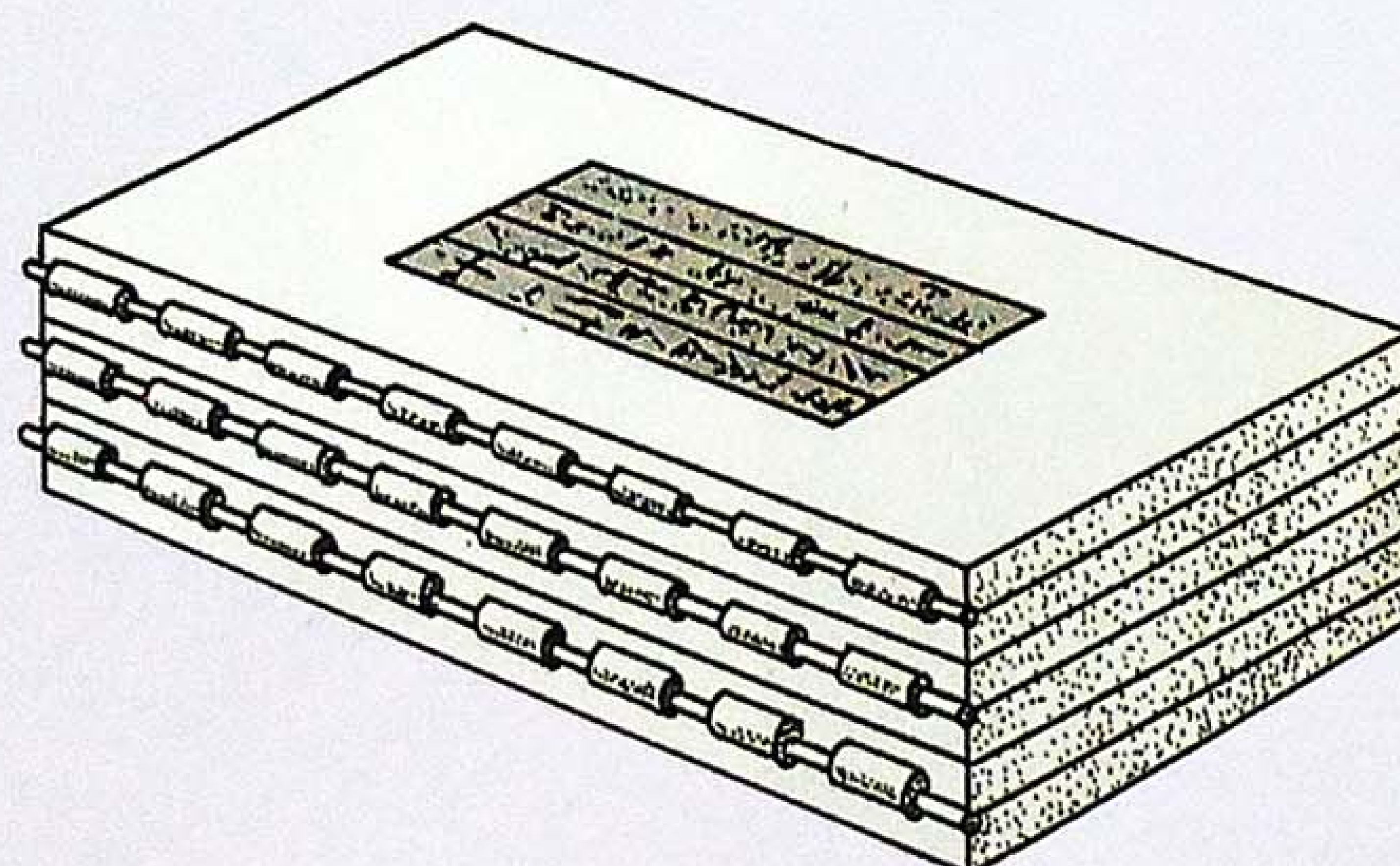




A escrita cuneiforme, a mais bem preservada do antigo Oriente Médio, era impressa sobre argila ou sobre metal, raspando, ou então (acima, à esquerda) gravada em pedra. No 1.º milênio a.C. difundiram-se as escritas alfabéticas. Escrevia-se com uma escova molhada em tinta sobre papiro ou pergaminho, ou, por vezes, sobre fragmentos de cerâmica (acima, à direita). Os hititas e os seus sucessores no Levante e na Anatólia usavam uma escrita hieroglífica pictórica nas suas inscrições reais monumentais.

À esquerda: Para garantir que ninguém falsificasse os textos, as tabuinhas de argila eram introduzidas em camadas de argila em cujo exterior era reproduzido o mesmo texto da tabuinha. Este exemplar procede de Alalah, no século XVIII a.C.

Abaixo: Desenho de uma prancheta dobrada, procedente de uma cisterna no palácio do Noroeste de Kalhu. As pranchetas eram revestidas com cera de cor, sobre a qual era escrito o texto. Foi encontrado um exemplar do século XI a.C. nos restos de uma embarcação naufragada na região do Sul da Turquia.

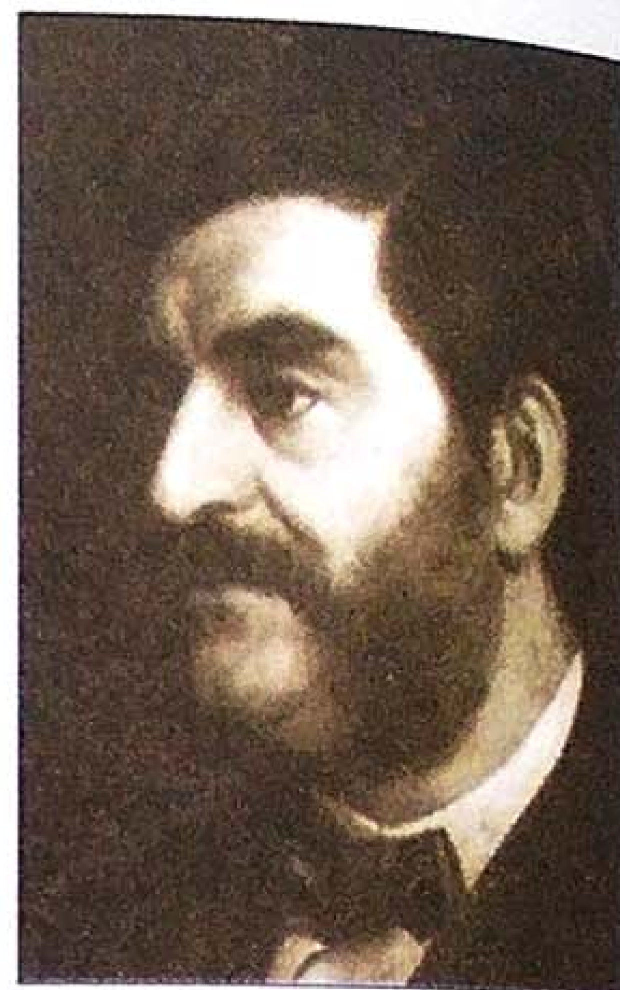


O achamento da Mesopotâmia

Os autores gregos fazem alusão na Bíblia aos impérios finais da Assíria, da Babilônia e da Pérsia, mas nada se conservou em relação à história antiga da Mesopotâmia. Nos séculos XVII e XVIII, viajantes europeus descreveram as ruínas de Persépolis, a cidade erguida pelo rei Dario I (521 a.C.-486 a.C.), e copiaram as inscrições cuneiformes que ali encontraram. Um erudito alemão, Georg Grotefrend (1175-1852) conseguiu em 1802 decifrar parte da escrita persa antiga. Entre 1835 e 1837, Henry Rawlinson copiou a longa inscrição de Dario I na rocha de Bisutun, em persa antigo, e acabou por completar a sua decifração. Dez anos depois, com a ajuda de uma criança curda, Rawlinson copiou a versão babilônica e em 1850 foi publicado o texto decifrado da escrita cuneiforme.

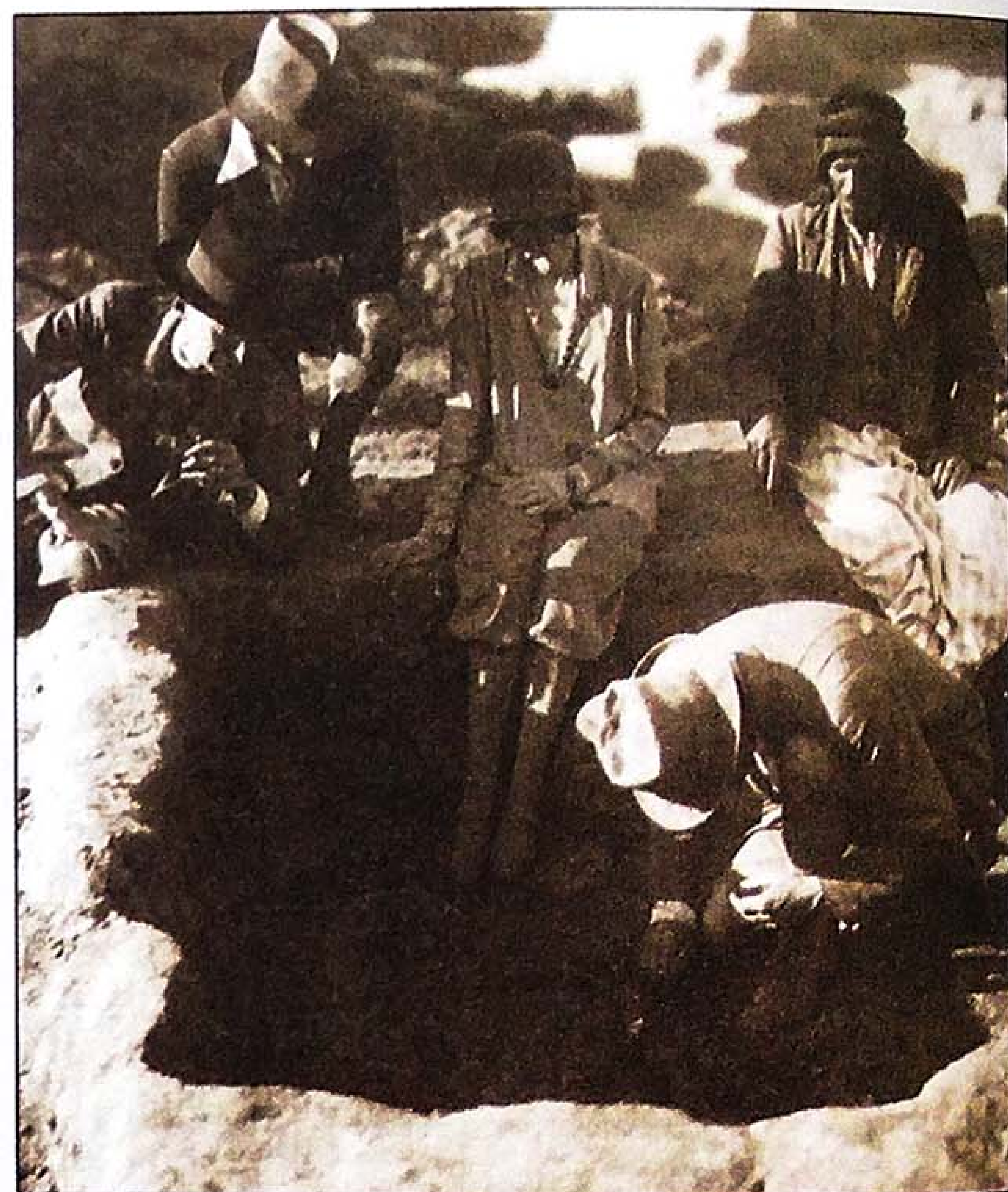
Entretanto, as cidades da Mesopotâmia continuavam a ocultar os seus segredos aos arqueólogos. Claudius James Rich (1787-1820), representante da Companhia Britânica das Índias Orientais em Bagdá, foi o primeiro a fazer um estudo pormenorizado da povoação da Babilônia, que se publicou em 1840. Nessa mesma época, encontraram-se os principais palácios dos reis assírios e durante as décadas seguintes escavaram-se numerosas povoações em todo o Oriente Médio à procura de objetos para expor ou estudar nos museus. Esta procura desordenada de antiguidades no século XIX terminou com as escavações sistemáticas de Robert Koldewey (1855-1925) na Babilônia entre 1895 e 1917.



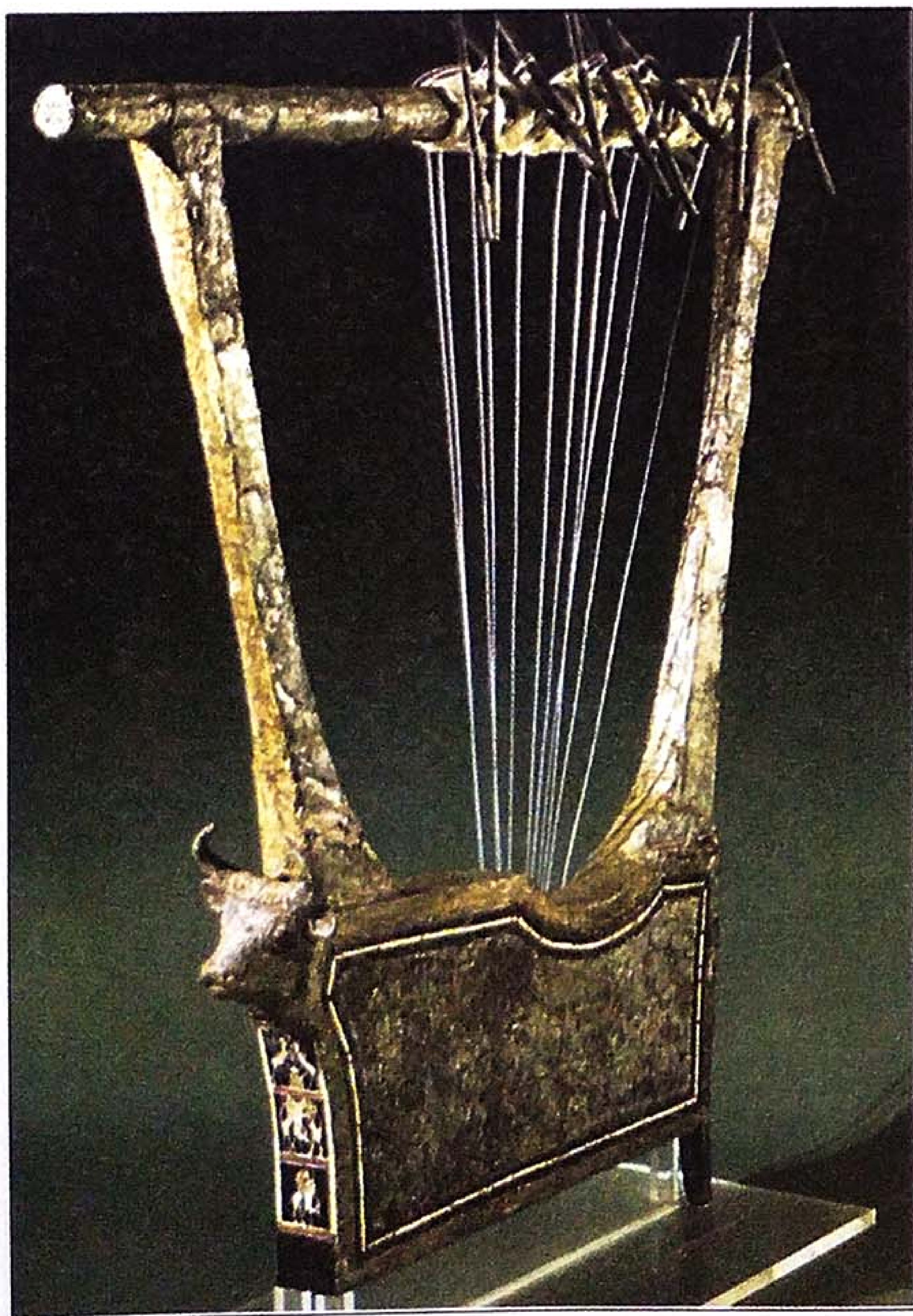


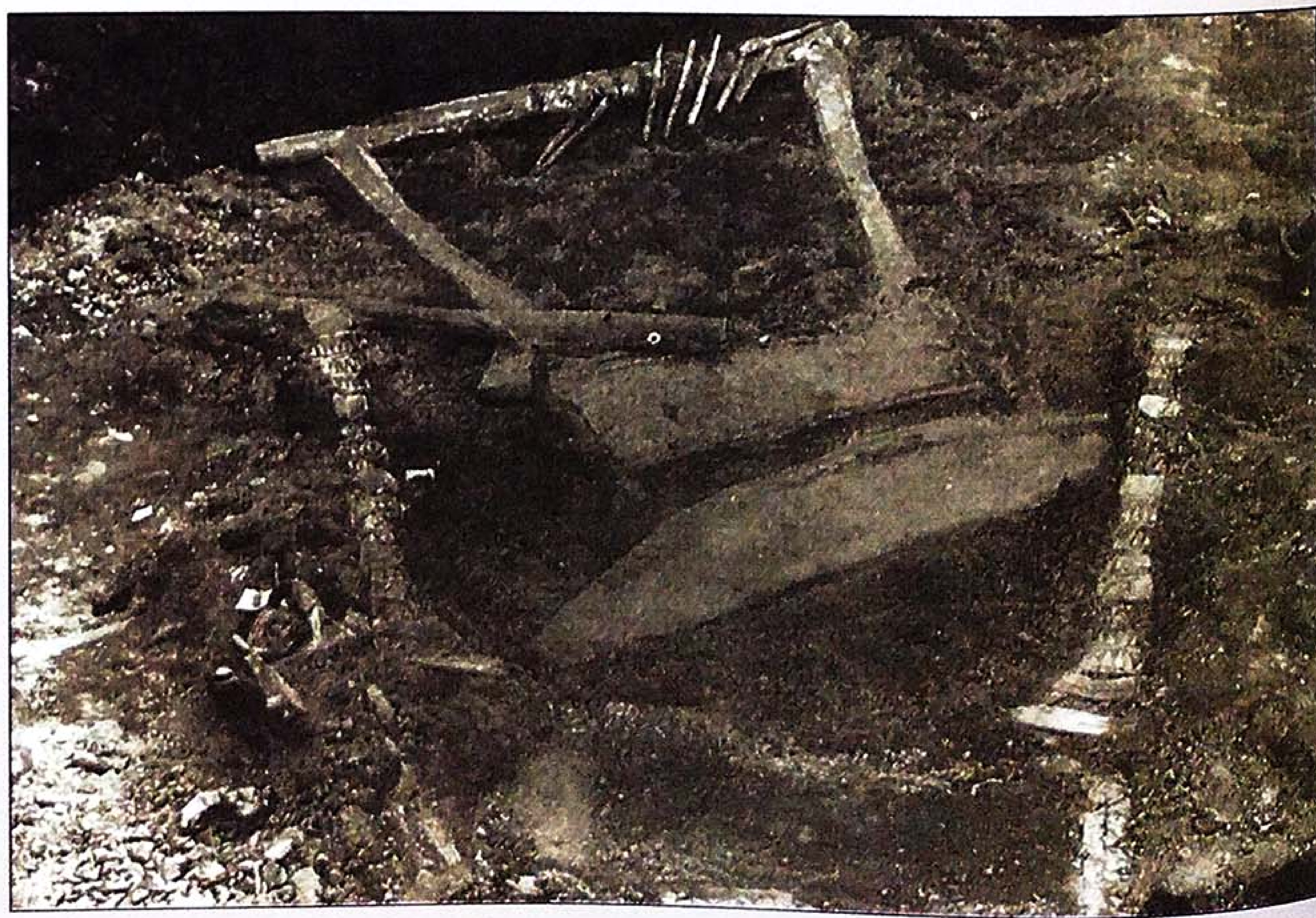
À direita: Retrato de cera do general-de-divisão, sir Henry Cresswicke Rawlinson, que conseguiu copiar a inscrição trilíngüe de Dario em Bisutun e decifrou a escrita do persa antigo e do babilônio cuneiforme.

Mais à direita: Hormuzd Rassam (1826-1910), um cristão de Mossul, era o assistente principal de Layard em Nimrud e Nínive (ver texto) e continuou a escavar depois do regresso de Layard à Inglaterra. Em 1877 Rassam conseguiu autorização para fazer escavações em todos os povoados do Golfo Pérsico até o planalto da Anatólia. Entre os seus principais achados, estão o palácio norte de Assurbanipal, em Nínive, e as Portas de Balawat.



À direita: Sir Leonard Woolley (1880-1960) partilhava algumas das virtudes dos melhores escavadores do século XIX. Ele registrou todos os seus achados detalhadamente e era dotado para a publicidade e a divulgação. As suas escavações em Ur, entre 1922 e 1934, revelaram a história da cidade desde o período Ubaid até a época persa e foram publicadas com todo o luxo de pormenores. A escavação da necrópole real pôs em evidência as suas habilidades técnicas, dado que, utilizando gesso branco e cera de parafina fundida, ele foi capaz de extrair e salvar muitos objetos de valor incalculável.

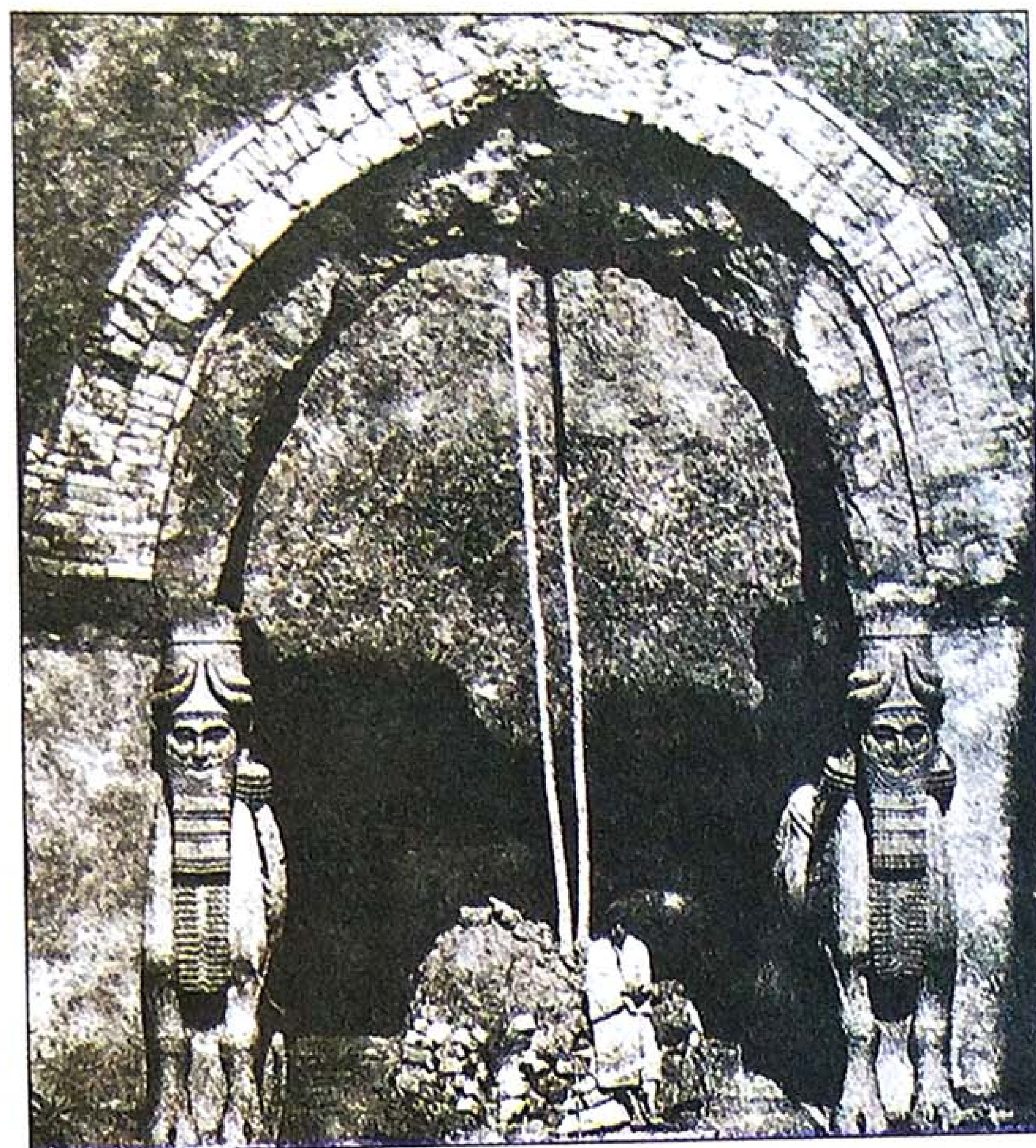




Abaixo e à esquerda: Duas das liras encontradas por Woolley no túmulo da rainha Puabi. Todos os elementos de madeira tinham apodrecido e as incrustações de mosaico estavam espalhadas pelo chão. Woolley conseguiu recuperar os objetos, que foram restaurados com as suas características originais em laboratório.

Abaixo: O relato colorido das viagens e dos achados do sir Austen Henry Layard (1817-1894) conquistou a imaginação da Inglaterra vitoriana e continua a ser uma leitura cativante. Após cinco anos de viagens pelo Oriente Médio, Layard, aos 28 anos, fez escavações no povoado de Tell Nimrud (antiga Kalhu) em novembro de 1845, onde achou o palácio de Assurbanipal II. Em 1846 Layard interessou-se por Nínive, onde encontrou o palácio de Senaqueribe. Segundo os seus cálculos, somente neste edifício desenterrou mais de 3 km de relevos esculpidos em pedra. Em 1851 abandonou Nimrud definitivamente. Depois de escrever um relatório detalhado sobre suas escavações, trocou a arqueologia pela política e finalmente foi nomeado embaixador na Turquia. Este desenho representa Layard investigando uma câmara escavada na rocha onde se encontra um relevo de Senaqueribe em Bavian, perto das cabeceiras da rede de canais construída para abastecer Nínive.









Acima: Paul Emile Botta (1802-1870) era um arqueólogo que explorou a Arábia e o Iêmen. Em 1840 foi nomeado cônsul francês em Mossul. Em dezembro de 1842 iniciou as escavações em Tell Kuyunjik, o monte da cidadela da antiga Nínive, mas com pouco êxito. No mês de março seguinte passou a escavar em Khorsabad e achou os magníficos vestígios de Dur-Sharrukin, a capital de Sargão II da Assíria.

Acima: Layard com traje persa. Durante seus primeiros anos no Oriente Médio Layard foi um viajante ativo. Nas suas viagens chegou ao Luristão, lugar muito perigoso na época. Resolveu muitas situações difíceis graças à sua capacidade de compreensão e à simpatia que suscitava entre a população local.

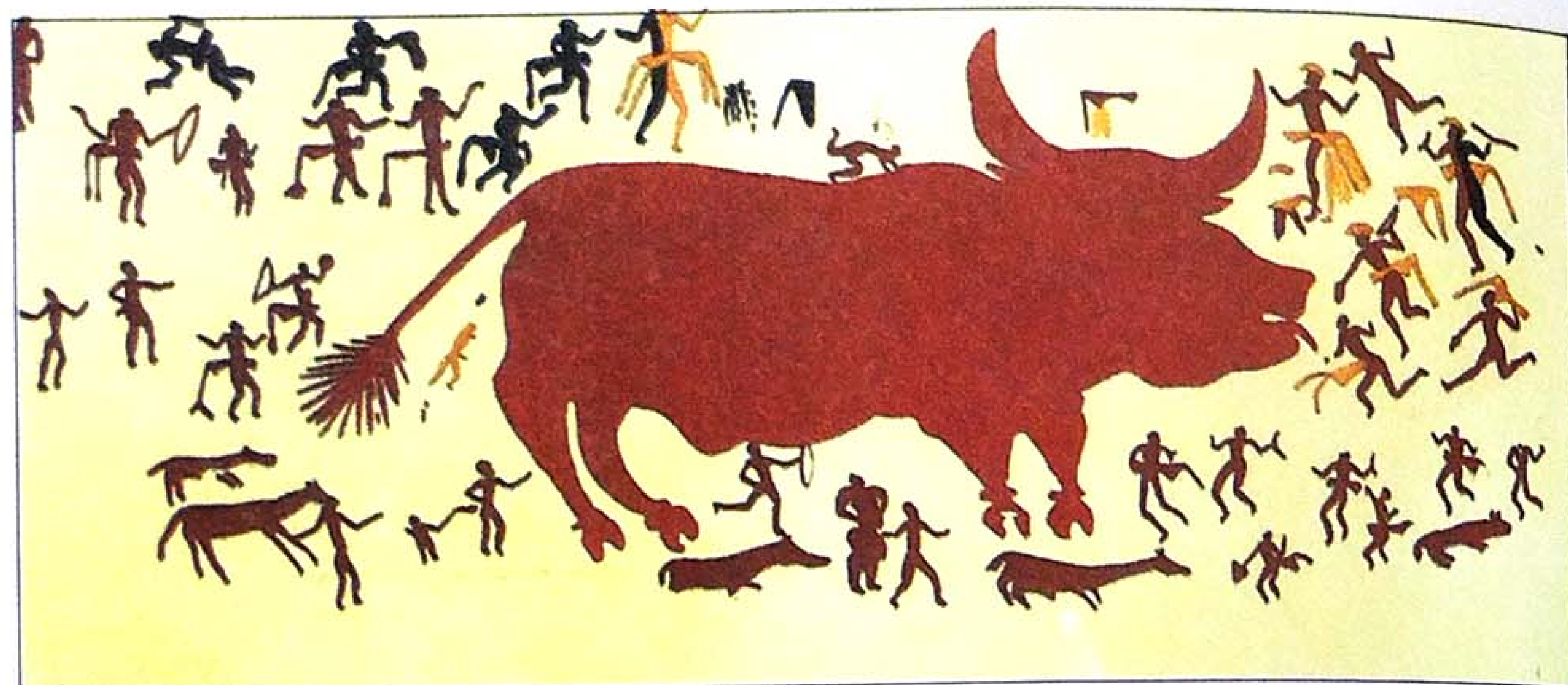
Parte superior: Esta fotografia antiga, de 1852-1853, mostra uma das partes da cidade de Dur-Sharrukin, escavada por Victor Place (1818-1875) depois do regresso de Botta a França.

A real arte da caça

Abaixo: Um santuário do povoado neolítico de Chatal Huyuk (por volta de 6500 a.C.), na Anatólia, decorado com pinturas murais que representam uma caçada. Nesta reconstrução a cores aparece um touro de dois metros de largura, que domina um grupo de pequenos caçadores vestidos com peles de leopardo e armados com arcos.

Depois da revolução neolítica, a caça deixou de ser necessária para o aprovisionamento de alimentos, mas os animais selvagens conservaram o seu potencial simbólico, desempenhando uma parte importante na iconografia religiosa dos tempos pré-históricos. Com o desenvolvimento da monarquia, o significado cultural destes animais foi utilizado pelos soberanos para dar legitimidade ao seu poder: a imagem do caçador vitorioso associava o rei ao favor da divindade e ao êxito no mundo.

A preocupação real para caçar feras selvagens, muitas vezes em grande escala, ficou descrita nos textos. Por exemplo, o rei do período médio assírio, Tiglath-pileser I vangloriava-se de ter matado, em uma ocasião, quatro touros selvagens, 10 elefantes e 920 leões, 800 a partir do seu carro e 120 a pé. As caçadas preparavam-se cuidadosamente. As cartas de Mari (c. 1800 a.C.) falam de capturas de leões selvagens que depois se soltavam para que o rei os caçasse, e nos relevos da Assíria mostram-se cenas similares. Esta tradição continuou com os persas. A palavra "paraíso" deriva da palavra persa que designava o parque de caça do rei.





Acima: Reprodução de um selo cilíndrico com uma inscrição com o nome do rei persa Dario I (521 a.C.-486 a.C.). O rei está caçando um leão a partir do seu carro. Esta cena é a mesma que aparece em obras de arte das dinastias anteriores. Altura: 3,7 cm.



À direita: Detalhe da cópia de uma pintura mural no palácio provincial do período inicial da Assíria, em Til Barsip, na qual se mostra a caça a um leão.

Abaixo: Assurnasirpal II (883 a.C.-859 a.C.) decorou as paredes do salão do trono do seu palácio em Kalhu com cenas de rituais religiosos, de guerra e de caça. Aqui está apontando seu arco para um leão a partir do seu carro e, segundo a convenção artística habitual, um segundo leão jaz morto aos pés do cavalo.



Abaixo: Uma das primeiras representações de um soberano antigo encontra-se na estela de basalto de Uruk, no Sul do Iraque (finais do 4.° milênio a.C.). Aparece duas vezes uma figura com um diadema vestindo uma saia curta: em cima, matando o leão com uma lança e, em baixo, disparando uma seta contra outro leão. No campo há outros dois leões, possivelmente já abatidos. As figuras identificaram-se com o En, o rei sacerdote da cidade. Altura: 78 cm.





À esquerda: Um prato de ouro do século XIV a.C. encontrado em Ugarit, no litoral mediterrâneo, mostra um auriga, talvez o senhor da cidade, acompanhado por um cão perseguindo uma cabra e de manada de touros selvagens. Diâmetro: 18,5 cm.

À direita e abaixo: As cenas mais vivas de caça de todo o antigo Oriente Médio estão gravadas nas paredes do palácio do norte de Assurbanipal (668 a.C.-627 a.C. aproximadamente), em Nínive. A cena do rei apunhalando um leão erguido sobre as patas traseiras foi adotada como selo real dos soberanos assírios e está gravada também nos corredores dos palácios persas em Persépolis. Embora matar leões fosse, em certa medida, um dos deveres religiosos e reais, o seu aparecimento freqüente em textos e relevos mostra que os reis também o consideravam um prazer.





Talhas de marfim

O marfim era o material de luxo predileto, desde o Paleolítico. Pela sua combinação de resistência e de flexibilidade, é belo e prático. O marfim pode ser talhado como se de madeira se tratasse e unindo pequenas peças podem fabricar-se grandes objetos. Na Antiguidade, o marfim era geralmente colorido, quer por um revestimento de pão-de-ouro, quer por tinturas ou incrustações de pedra semipreciosas ou de vidro. No 1.º e 2.º milênios havia elefantes na Síria, mas quase todo o marfim era importado da Índia ou do Egito.

Apesar das freqüentes referências ao marfim nas cartas de Amarna, do século XIV a.C., encontraram-se relativamente poucos objetos de marfim procedentes do 2.º milênio. No entanto, no período assírio final há descrições pormenorizadas de marfins adquiridos pelos monarcas assírios e de numerosos achados arqueológicos de peças deste material. Em concreto, em Kalhu (moderna Nimrud) acharam-se milhares de marfins.

Muitas das cidades do Levante possuíam as suas próprias escolas de talhar marfim, cujos produtos podem ser admirados entre as peças procedentes de Nimrud. Abrangem desde o estilo mais estreitamente relacionado com a arte egípcia, o dos chamados marfins fenícios, até as poderosas imagens gravadas nos monumentos de pedra dos reinos aramaicos e neo-hititas, denominados marfins sírios, bem como o estilo assírio característico.

Abaixo: Talha representando duas mulheres nuas, penteadas com coroas altas e unidas pelas costas. Usam colares e canudos compridos. Era o cabo de um leque ou de um espanta-moscas, objeto regularmente representado nos relevos assírios. Esta peça foi feita em estilo sírio e foi encontrada na cidade de Kalhu. Altura: 13,2 cm.









Parte superior: Encontrado na última década, em um poço do palácio nordeste, foi talhado de uma só peça de marfim maciço. A sua superfície é totalmente decorada. No centro da parte superior há uma pequena cavidade, presumivelmente para cosméticos, com ranhuras, para as escovas.

Acima: Esta esfinge apresenta muitas das características da elaborada paleta de cosméticos e foi encontrada no fundo do mesmo poço no palácio do noroeste. É o único exemplar de esfinge conhecido no qual esta se mostra completamente de frente. O seu rosto é inexpressivo e as suas garras apertam o corpo de uma cabra enquanto é devorada por abutres.



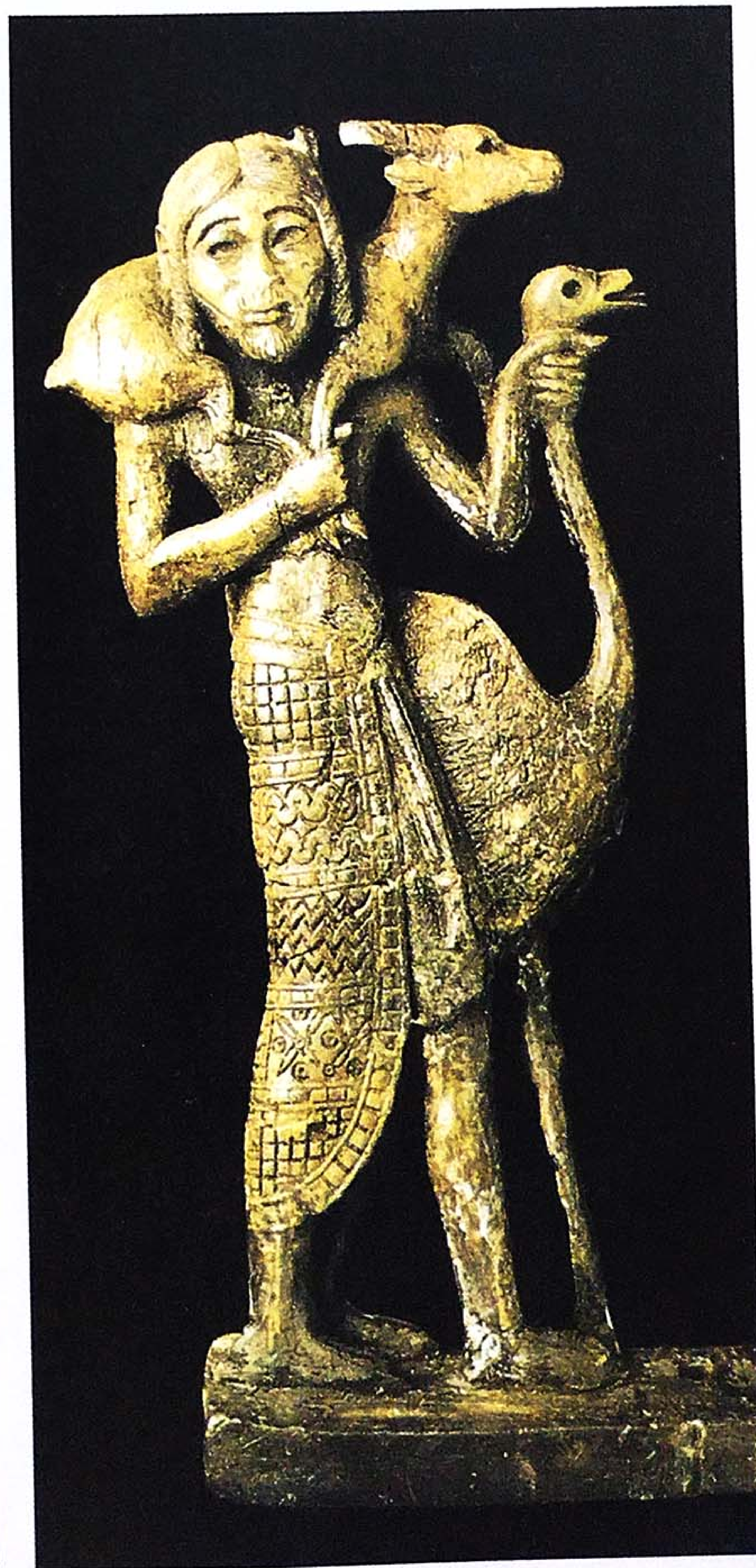
À esquerda: Este painel solto talhado em ambos os lados fazia parte de um conjunto de quatro que, provavelmente, decorava uma cadeira ou uma cama. Pertence a um grande grupo de esculturas, unidas pelo estilo e pela técnica, que inclui desde pequenas peças até painéis para mobiliário. É possível que fossem esculpidas em Guzana (Tell Halaf), às margens do Rio Habur. Altura: 14 cm.

Abaixo, à esquerda: Uma leoa matando um núbio sobre um fundo de lírios e de flores de papiro; trata-se de um dos apliques idênticos de estilo clássico fenício encontrados no palácio noroeste em Kalhu. Este tema, de origem egípcia, representa o faraó triunfante sobre os seus inimigos. Tem incrustações de lápis-lazúli e ouro, e os cabelos e a pequena saia do núbio são iluminados com ouro. Altura: 10,3 cm. Largura: 9,8 cm.

Abaixo: Peça de um conjunto de seis esculturas de vulto redondo encontradas em Fort Shalmaneser, em Kalhu. Representa una procissão de carregadores de tributos, cada um levando um animal. Não se conhece o lugar de origem, mas talvez viessem do Egito ou da Fenícia. Altura: 14,4 cm. Largura: 7,7 cm.

No centro, na parte inferior: Figura estilizada de uma mulher, ajustada à forma da presa de elefante, procedente do palácio do noroeste. A base era fechada por um disco. Altura: 30 cm.









À esquerda: Um dos encostos de marfim encontrados amontoados em um armazém em Fort Shahnaneser. Os painéis ornamentais mostram homens e mulheres e, às vezes, mulheres segurando com a sua mão os caules de uma planta sinuosa. É provável que fossem fabricados no Norte da Síria. Altura: 67 cm. Largura: 76 cm.

Acima: A "dama na janela" era um motivo predileto dos antigos artesãos do marfim e existem talhas de estilos muito diferentes. Este exemplar faz parte de um conjunto de painéis similares encontrados por Austen Henry Layard no palácio do noroeste. Altura: 10,8 cm.

A ASSÍRIA E OS SEUS RIVAIS (1000 a.C.-750 a.C.)

O final da idade obscura

O Oriente Médio, o Egito e a Grécia viram-se mergulhados em um período negro entre 1200 a.C. e 900 a.C. A região não ficou despovoada mas produziram-se movimentos da população: muitos camponeses sedentários transformaram-se em pastores nômades nas regiões periféricas. As cidades principais, no entanto, continuaram a ser habitadas. Os relatos posteriores mostram que cidades como Carchemish, Malatya, Assur, Babilônia e Susa mantiveram as suas instituições primordiais apesar da escassez de achados documentais da época. Não obstante, não há dúvida de que o Oriente Médio estava em declínio e já não tinha a fonte de riqueza, que as boas colheitas representavam, para suportar o luxuoso ritmo de vida das cortes reais, as fontes de informação do passado em outras épocas. Talvez a decadência se devesse a uma alteração climática que reduziu os rendimentos agrícolas; a instabilidade política provocou o aumento do pastoreio nômade.

Nas primeiras épocas do 1.º milênio, a principal fonte contemporânea de informações foram as numerosas inscrições deixadas pelos reis assírios, que registravam sobretudo os seus êxitos militares sobre os reinos vizinhos. A queda do reino hitita, a desorganização que se seguiu ao assassinato de Tukulti-Ninurta I em 1207 a.C. na Assíria, e o colapso da 20.á dinastia do Egito suprimiram todos os poderes externos que poderiam ter dominado a Palestina e o Levante. À exceção dos textos relativos às campanhas de Tiglathpileser I por volta de 1100 a.C., as fontes assírias não proporcionam informação sobre o Ocidente até o reinado de Assurnasirpal II (883 a.C.-859 a.C.), em cuja época a região era dividida em pequenas cidades-Estados. Israel e a Judéia dominavam a Palestina, com os pequenos Estados de Edom e Moab no leste, enquanto mais para norte, no litoral, as cidades eram fenícias. Os Estados do interior eram governados pelos arameus, de Damasco a Amid (Diyarbakir), e nas montanhas do Tauro floresciam os reinos neo-hititas.

Os soberanos neo-hititas, herdeiros dos reis hititas, usavam, em vez da escrita cuneiforme, a escrita hieroglífica utilizada também pelos hititas nas suas inscrições monumentais. Encontraram-se mais de cem inscrições hititas hieroglíficas que datam de entre 1000 a.C. e 700 a.C. Os arameus e os fenícios usavam o alfabeto aramaico. Em Karatepe, Cilícia (antiga Azatiwandas), o achado de uma longa inscrição bilíngüe em fenício e em escrita hieroglífica hitita permitiu decifrar a escrita hieroglífica. A maioria das inscrições hieroglíficas e aramaicas era breve e dava poucas informações além dos nomes e os títulos das pessoas que erigiram o monumento. Unicamente na época das conquistas assírias posteriores apareceram mais pormenores sobre a época.

Israel e Judéia

Segundo a Bíblia, de 1000 a.C. a 930 a.C., a monarquia unificada de Israel e da Judéia sob os reis Davi e Salomão foi o poder dominante na Palestina. É provável que este relato se baseie em fatos históricos embora as escavações e o exame de milhares de textos procedentes do Egito e do Oriente Médio não tenham permitido confirmar. Em um período em que os Estados vizinhos se encontravam em plena decadência, é possível que um líder enérgico como Davi fundasse um pequeno império.

De novo segundo informações da Bíblia, depois das conquistas de Josué, os judeus foram divididos em doze tribos, que estavam em conflito com os filisteus pelo controle do Sudoeste da Palestina. Para fazer frente ao ataque dos filisteus, estas tribos uniram-se sob a direção de Saul. Saul lutou contra o seu genro Davi, que fugiu e, depois de viver uma época fora da lei, aliou-se aos filisteus. Quando Saul morreu, Davi converteu-se em rei dos judeus, consolidou o seu reino e estabeleceu a capital em Jerusalém. Venceu os arameus em Damasco, os moabitas e os edomitas.

Desconhece-se a verdadeira extensão do reino de Davi. Afirma-se que o seu filho Salomão dominou todos os reis a oeste do Eufrates e construiu uma frota que fazia comércio do mar Vermelho ao país da rainha de Sabá. Estas afirmações eram sem dúvida exageradas. Tudo indica que Salomão governava um reino cuja prosperidade se baseava no comércio. Empreendeu ambiciosos projetos de construção em Hazor, Megido, Guézer e Jerusalém, onde mandou erigir as muralhas da cidade, o seu palácio e o templo de Jeová. Nestes lugares encontraram-se importantes restos deste período, identificados com as obras de Salomão, em concreto, as portas triplas da cidade encontradas em Hazor, Megido e Guézer. No entanto, portas semelhantes existem também em Asdod e Láquis, datadas da época anterior à de Salomão.

Depois da morte de Salomão, o seu reino dividiu-se entre o reino setentrional de Israel e o meridional da Judéia. Cinco anos depois, o faraó egípcio Shoshenq I (945 a.C.-924 a.C.), primeiro soberano da 22.ª dinastia, invadiu a Palestina. Na sua inscrição de Karnak aparece uma lista de 150 lugares conquistados e em Megido encontraram-se fragmentos de uma estela. Segundo a Bíblia trata-se do mesmo faraó egípcio, chamado Shishak, que atacou Jerusalém e saqueou os tesouros do palácio e do templo.

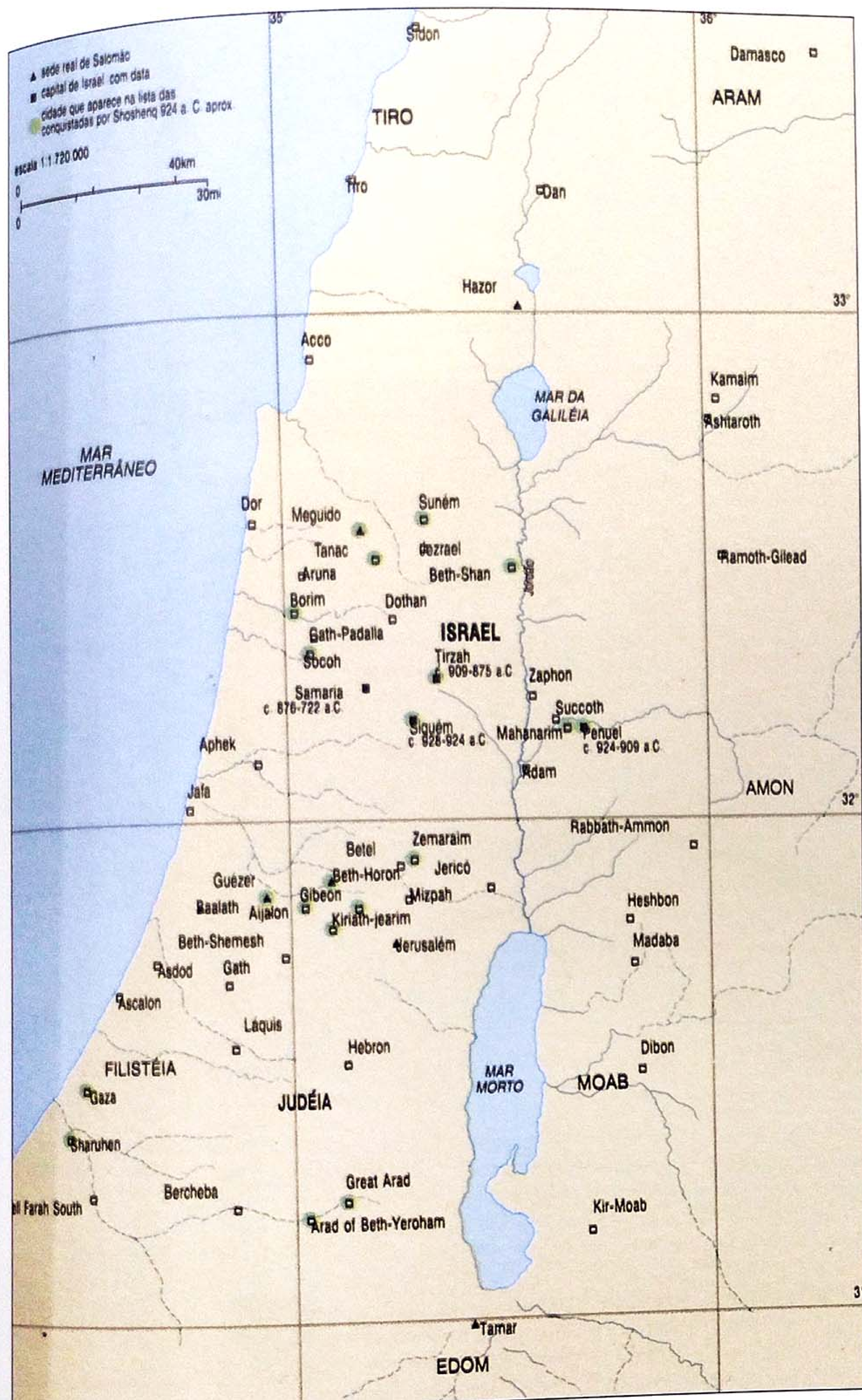
No século IX a.C., depois de uma guerra civil, Omri (c. 882 a.C.-871 a.C.) subiu ao trono de Israel e transferiu a sua capital para Samaria. O seu filho Ahab esposou Jezebel, a filha do rei de Tiro, e fez uma aliança sob a chefia de Hadad-ezer (chamado Ben-Hadad na Bíblia), o rei de Damasco. Juntos derrotaram os exércitos assírios na batalha de Qarqar nas margens do Orontes em 853 a.C. A partir de então, as histórias de Israel, da Judéia e da Assíria estiveram intimamente ligadas.

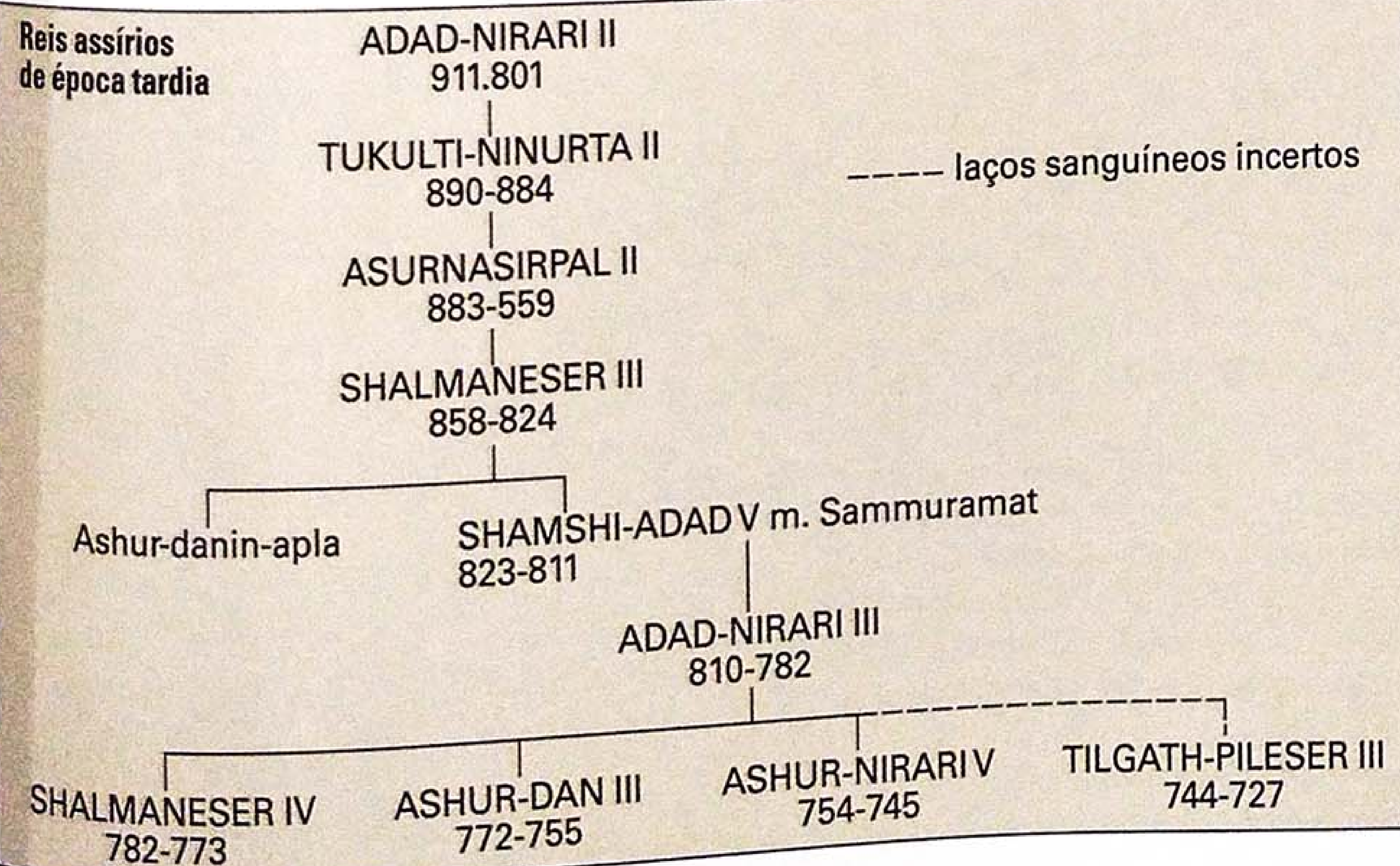
O ressurgimento da Assíria

A Assíria, embora debilitada, sobreviveu aos turbulentos acontecimentos do final do 2.º milênio e a linha de sucessão dos reis assírios não foi interrompida. O modelo estabelecido no período assírio médio de reis

Israel e Judéia

A Palestina é uma das regiões mais bem conhecidas do Oriente Médio, como resultado dos séculos de investigação na arqueologia bíblica. A maioria das cidades mencionadas na Bíblia pode ser identificada com certa segurança. Alguns eruditos não estão dispostos a aceitar todos os acontecimentos da Bíblia a não ser que possam ser documentados com testemunhos independentes. O reino dos judeus foi fundado por Saul e David, que escolheram Jerusalém como capital, tendo atingido o seu máximo esplendor na época de Salomão, que mandou construir o templo. Após a sua morte em 928 a.C., o reino dividiu-se em duas partes: Israel no norte e a Judéia no sul. Jerusalém continuou a ser a capital da Judéia, mas a capital do reino de Israel mudou várias vezes até se estabelecer definitivamente na Samaria. Em 924 a.C., o faraó egípcio Shoshenq invadiu Israel e a Judéia, mas apesar das suas declarações de ter conquistado muitas cidades, ambos os reinos sobreviveram até serem finalmente absorvidos pelos assírios nos séculos VIII a.C. e VII a.C.





guerreiros e fortes seguidos por monarcas débeis repetiu-se no período assírio final. Os reis assírios compilaram pormenorizados anais das suas campanhas. Estes se somavam a informações sobre os títulos dos reis e listas das suas obras em inscrições comemorativas em estelas ou relevos em rocha; por vezes, também em inscrições nas fundações. Não é de estranhar que estes relatos sejam freqüentemente unilaterais e pouco confiáveis. Só se registravam as vitórias enquanto as derrotas se ignoravam ou eram apresentadas como vitórias. Outras fontes, como a Bíblia e as crônicas babilônicas, que contribuíram com versões alternativas dos mesmos acontecimentos, e as cartas dirigidas aos reis assírios, escritas com um ponto de vista menos deformado e mais prático, ajudaram a fixar relatos mais equilibrados.

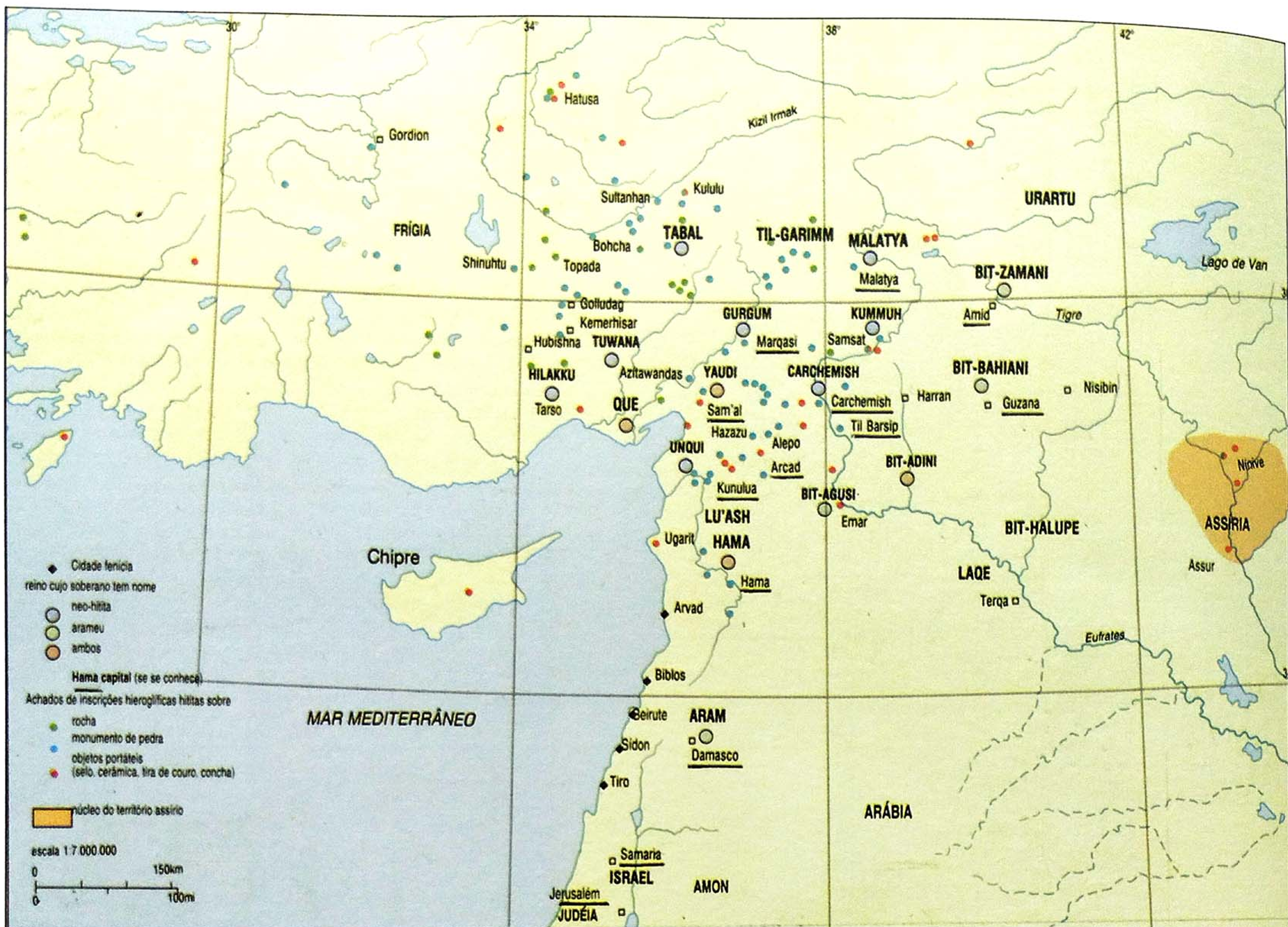
Apesar das repetidas incursões aramaicas, o núcleo do reino assírio sobreviveu mais ou menos intacto. A sorte assíria começou a recuperar no final do século X a.C., quando Adad-nirari II (911 a.C.-891 a.C.) restabeleceu um sólido poder no seu território. Derrotou primeiro a Babilônia no sul e, depois de algumas campanhas, apoderou-se Kadmuh, Nibisin e Hanigalbat, passando a controlar a região de Habur. Estas vitórias trouxeram-lhe enormes espólios e tributos (ouro, prata, pedras preciosas, carros e cavalos, prisioneiros masculinos e femininos, gado vacum, ovelhas e grão). Adad-nirari vangloriava-se das suas façanhas de caça e afirmava ter matado seis elefantes e capturado mais quatro, que, segundo o costume dos reis assírios do período médio, ele mandou encerrar em um zoológico onde já havia leões, touros selvagens, cervos, íbis, onagros e avestruzes. Vangloriava-se também de ter sido o rei que mais terras tinha posto sob cultivo e melhores colheitas tinha feito. A prosperidade da agricultura do território assírio sustentou os seus êxitos militares e demonstrou que um rei prudente deve cuidar tanto dos seus campos como dos seus exércitos.

O seu filho, Tukulti-Ninurta II (890 a.C.-884 a.C.), consolidou os êxitos do seu pai e empreendeu campanhas no leste e no nordeste. Em 885 a.C. efetuou uma longa marcha na direção do sul, por território babilônico (provavelmente com o consentimento do rei da Babilônia, dado que as cidades babilônicas não pagavam tributo à Assíria) e depois subiu pelos rios Eufrates e Habur de regresso à Assíria. Mandou redigir um pormenorizado relato da sua viagem com o nome dos lugares onde pernoitou e a lista dos tributos recebidos dos soberanos locais.

O reinado de Assurnasirpal II

Assurnasirpal II (883 a.C.-859 a.C.) seguiu as pegadas de seu pai, Tukulti-Ninurta II, e do seu avô. Nos primeiros anos do seu reinado empreendeu campanhas no norte, no leste e no sul, mas sobretudo na região ocidental, na Síria e no Levante, onde as pequenas cidades governadas por soberanos locais não puderam resistir à ofensiva assíria. Em 887 a.C., Assurnasirpal alcançou o monte Líbano e o Mediterrâneo, a que chamou o Grande Mar do país de Amurru: Escreveu:

> "Lavei as minhas armas no Grande Mar e ofereci
> sacrifícios aos deuses. Recebi tributos dos
> reis do litoral, dos países dos homens de
> Tiro, Sidon, Biblos, Mahllata, Maiza, Kaiza,
> Amurru e Arvard, que fica no mar: ouro, prata,
> estanho, bronze, um caldeiro de bronze, roupas
> de linho com ornamentos de muitas cores,
> uma grande macaca branca



Os reinos aramaicos e neo-hititas
Durante os três séculos que se seguiram ao colapso do Império Hitita, as cidades do Levante formaram cidades-Estado independentes. Algumas eram governadas por descendentes dos hititas, outras por tribos aramaicas que invadiram a região. Algumas dinastias reinantes tinham nomes hititas e aramaicos. Os monarcas neo-hititas deixaram inscrições em escrita hieroglífica hitita, usada no Império Hitita nas inscrições solenes e nas legendas dos selos, porém mais escritas em luvita que em hitita. No reinado de Tiglath-pileser III (744 a.C.-727 a.C.) os assírios não mostraram ambições territoriais além do Eufrates, embora empreendessem campanhas pelas terras a oeste.

e uma pequena macaca branca,
ébano, madeira de buxo, marfim e criaturas
do mar."

O documento indica sobretudo, para além de uma verdadeira conquista, a extensão da influência de Assíria. As conquistas assírias dos territórios vizinhos no decurso dos séculos seguintes correspondiam sempre a um modelo fixo. Em primeiro lugar, os assírios recebiam presentes dos soberanos independentes, que assumiam assim uma relação de clientela, como vassalos do monarca assírio. Depois, o fato de o tributo ser considerado pouco adequado era interpretado pelos assírios como uma rebelião, o que provocava a mobilização do poder militar e quase certamente uma derrota. Depois da vitória designava-se um soberano local como vassalo da Assíria ou o país era anexado e nomeado um governador escolhido pelo rei.

Quando Assurnasirpal tentou submeter Suhu, a região ribeirinha do Eufrates cuja capital era Ana, manifestou ter vencido, apesar de ter sofrido uma derrota. Suhu manteve a sua independência até meados do século VIII a.C., mas os seus reis consideraram prudente continuar a entregar presentes aos reis assírios.

Kalhu, a nova capital de Assurnasirpal

No início do seu reinado, Assurnasirpal II decidiu transferir a capital de Assur para a cidade de Kalhu (atual Tell Nimrud), junto à confluência do Tigre e do Grande Zab. Em 878 a. C. iniciaram-se as obras das muralhas da cidade, de um canal e do palácio, mas tiveram de passar cinqüenta anos antes da grande cerimônia oficial de abertura.

No reinado de Assurnasirpal a capital de um pequeno centro administrativo transformou-se na capital de um império. Durante 150 anos continuou a desempenhar esta função até que Sargão II decidiu construir uma residência inteiramente nova em Nínive. As muralhas da cidade tinham um comprimento de 8 km, e continham aproximadamente 70 milhões de tijolos, cada um de 40 cm^2. As muralhas cercavam uma superfície de 360 ha incluindo a sudoeste os restos da antiga cidade, que Assurnasirpal transformou em uma acrópole com templos e palácios.

O edifício principal de Assurnasirpal, o palácio do nordeste, corresponde à norma dos palácios assírios. Um pátio exterior para os assuntos públicos era separado por uma ampla sala do trono do conjunto interno com salas agrupadas à volta de pátios. A entrada no pátio principal fazia-se provavelmente através de um portão no lado leste, embora todas as marcas tenham desaparecido. A parede sul tinha uma fachada de pedra lavrada, atravessada por três corredores franqueados por uma enorme rocha com leões de cabeça humana, que conduziam à sala principal do trono. Em uma alcova, à esquerda do salão do trono, havia um bloco retangular de pedra calcária, de 1,3 m de altura.

Continha uma imagem talhada do rei e uma longa inscrição onde se comemora o final das obras do palá-



À direita: Detalhe de um relevo que mostra um vassalo da zona ocidental com um par de macacos; fazia parte de uma composição esculpida no pátio central sobre a fachada exterior da sala do trono do palácio de Assurnasirpal em Kalhu. A cena completa mostrava o rei acompanhado pelos seus cortesãos, recebendo os tributos do império, um símbolo da autoridade do rei assírio. Os tributos apresentados pelas cidades mediterrâneas a Assurnasirpal II quando invadiu a Fenícia incluíam duas macacas, uma grande e outra pequena, embora o animal que aqui apareça representado seja evidentemente macho.

cio do nordeste, a reconstrução de Kalhu e a grande festa organizada por Assurnasirpal para celebrar o acontecimento.

A inscrição começava com os títulos e os antepassados de Assurnasirpal e continuava com a descrição das suas conquistas e edificações. Construiu um terraço com uma altura de 120 fileiras de tijolos, sobre a qual mandou erigir um palácio de oito alas, cada qual acabada com um tipo diferente de madeira. As portas tinham barras e ferrolhos de bronze, e as paredes eram decoradas com pinturas e tijolos vitrificados azuis. Assurnasirpal construiu os templos de Kalhu, a sua nova capital, e segundo as inscrições, restaurou cidades e palácios destruídos por toda a Assíria. Mandou cavar um canal para fornecer água à nova capital e foram transportados para Kalhu plantas e animais apanhados nas campanhas militares. Aqui se instalaram também prisioneiros de todas as partes conquistadas.

O rei fez também registrar as suas proezas cinegéticas, vangloriando-se de ter morto 450 leões e 390 toucas selvagens do seu carro e de ter aprisionado elefantes, leões, touros e avestruzes. Finalmente, o texto descreve um festejo que durou dez dias em que participaram "vindos de todos os distritos do país" 69.574 hóspedes de ambos os sexos, incluindo 16.000 cidadãos de Kalhu para celebrar a inauguração do palácio; durante o banquete consumiram-se 14.000 ovelhas e 10.000 odres de vinho.

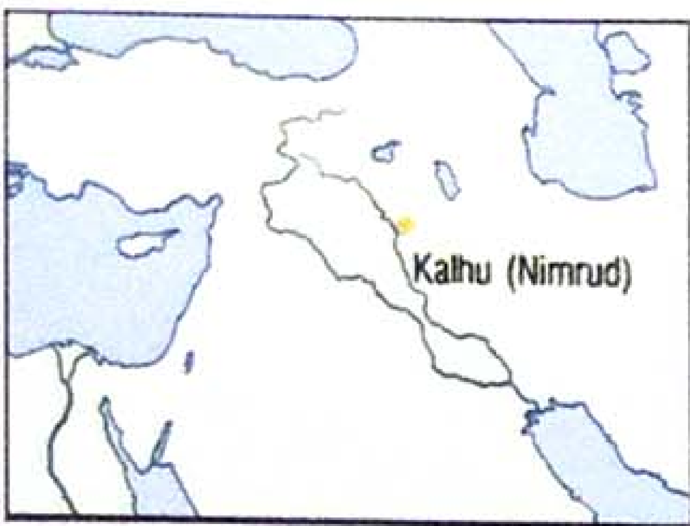
Esculturas de Assurnasirpal

As paredes do pátio do palácio e a ampla sala do trono que ficava atrás dele, e que media 47 m por 10 m, eram decoradas com painéis de pedra lavrados. Este tipo de decoração é provavelmente originário da região ocidental, no reino hitita, e aparece nas portas de Hatusa. Esta tradição manteve-se nos Estados neo-hititas: os edifícios em Carchemish, Guzana e Ain Dara decoraram-se com painéis de pedra lavrados.

Utilizando esta técnica na rocha de gesso macia local, Assurnasirpal cobriu as paredes de todas as salas com figuras lavradas. Os temas das ilustrações eram religiosos ou mostravam o rei representando os papéis tradicionais dos monarcas mesopotâmicos, sumo sacerdote, guerreiro e caçador.

Na estatuária assíria eram raras as esculturas de vulto redondo. A maioria das obras eram pinturas em rocha (desenhos de duas dimensões transportadas para baixo-relevo). As figuras soltas tendiam a ser quadradas em vez de arredondadas. Os relevos eram originariamente pintados em preto, branco, vermelho e azul, com murais pintados com cores luminosas, colocados sobre os painéis de pedra. Os tijolos vitrificados davam cor às edificações. A sombria aparência atual dos monumentos assírios dá uma falsa impressão do seu aspecto nessa época.

No palácio de Assurnasirpal, o corredor central era o que dava entrada para o salão do trono e a entrada principal.



Kalhu (Nimrud)

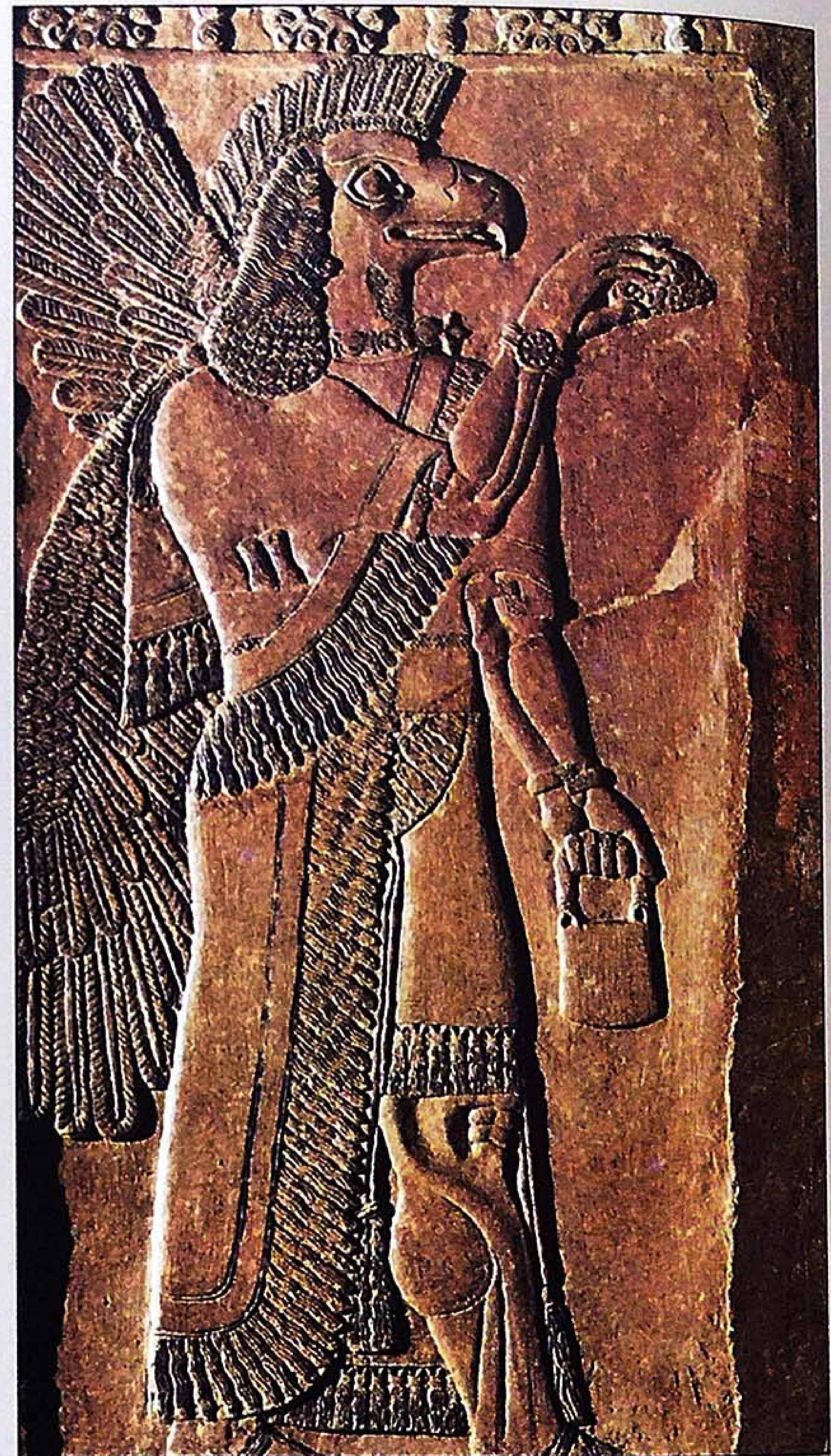
À direita: Uma figura alada com cabeça de águia procedente do templo de Ninurta segura um objeto cônico e um cubo, provavelmente utilizados em purificações rituais.

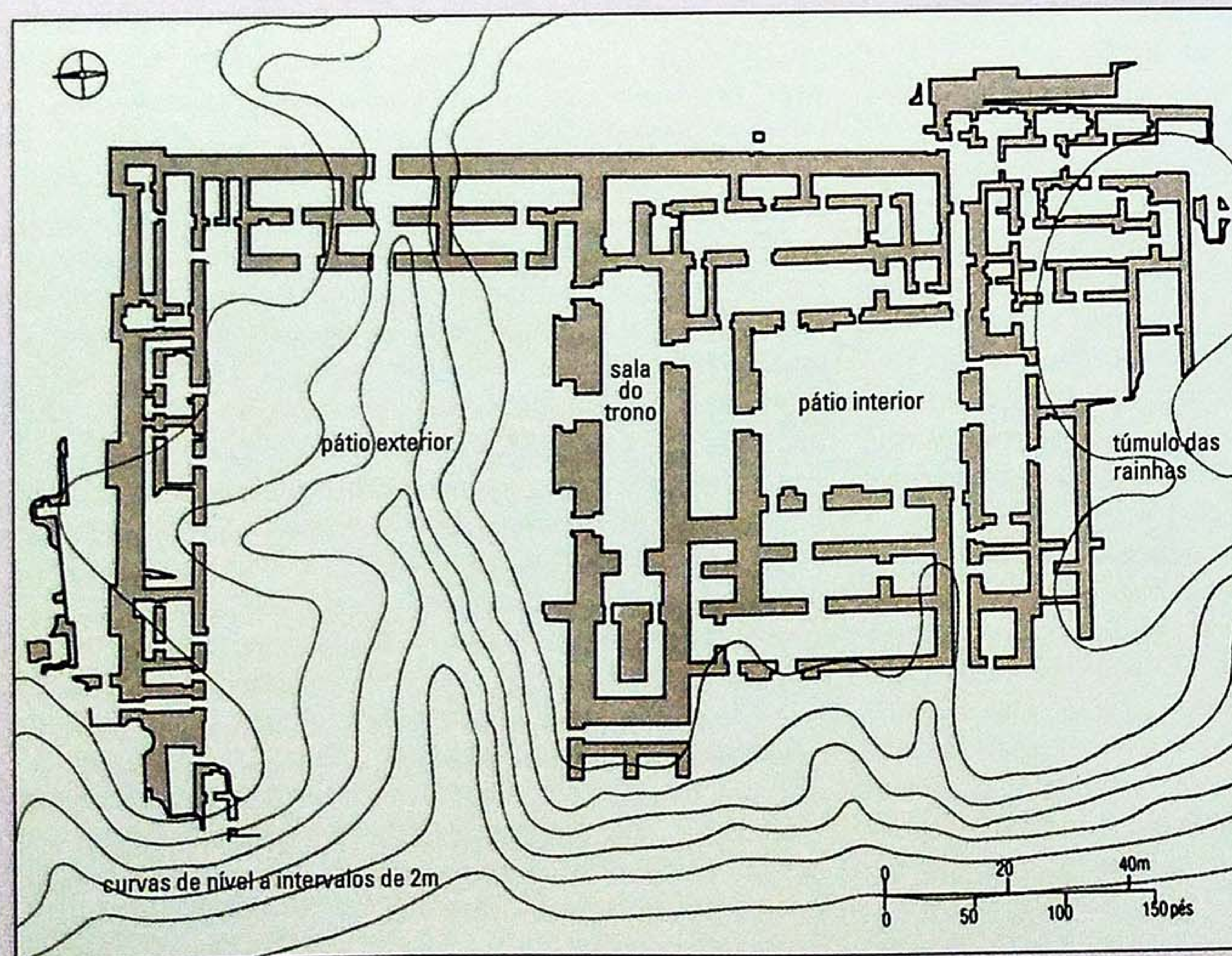
Abaixo: O edifício mais bem conservado e mais importante de todos os que Assurnasirpal mandou construir na cidadela de Kalhu era o palácio do noroeste. A sua entrada original, provavelmente situada a nordeste, conduzia a um amplo pátio exterior ladeado de escritórios da administração. A sala principal do trono, decorado com relevos de pedra, ficava no lado sul do pátio, atrás do qual havia outras salas. É provável que estas fossem usadas para tratar de assuntos oficiais, dado que os seus relevos eram na sua maioria de tema religioso. No setor meridional do palácio encontravam-se outras salas menores onde se situavam as cozinhas e as áreas dos servidores. Este setor destinava-se ao enterro das rainhas da Assíria. Recentemente foram encontrados dois túmulos quase intactos, contendo uma fabulosa coleção de jóias e outros objetos preciosos.

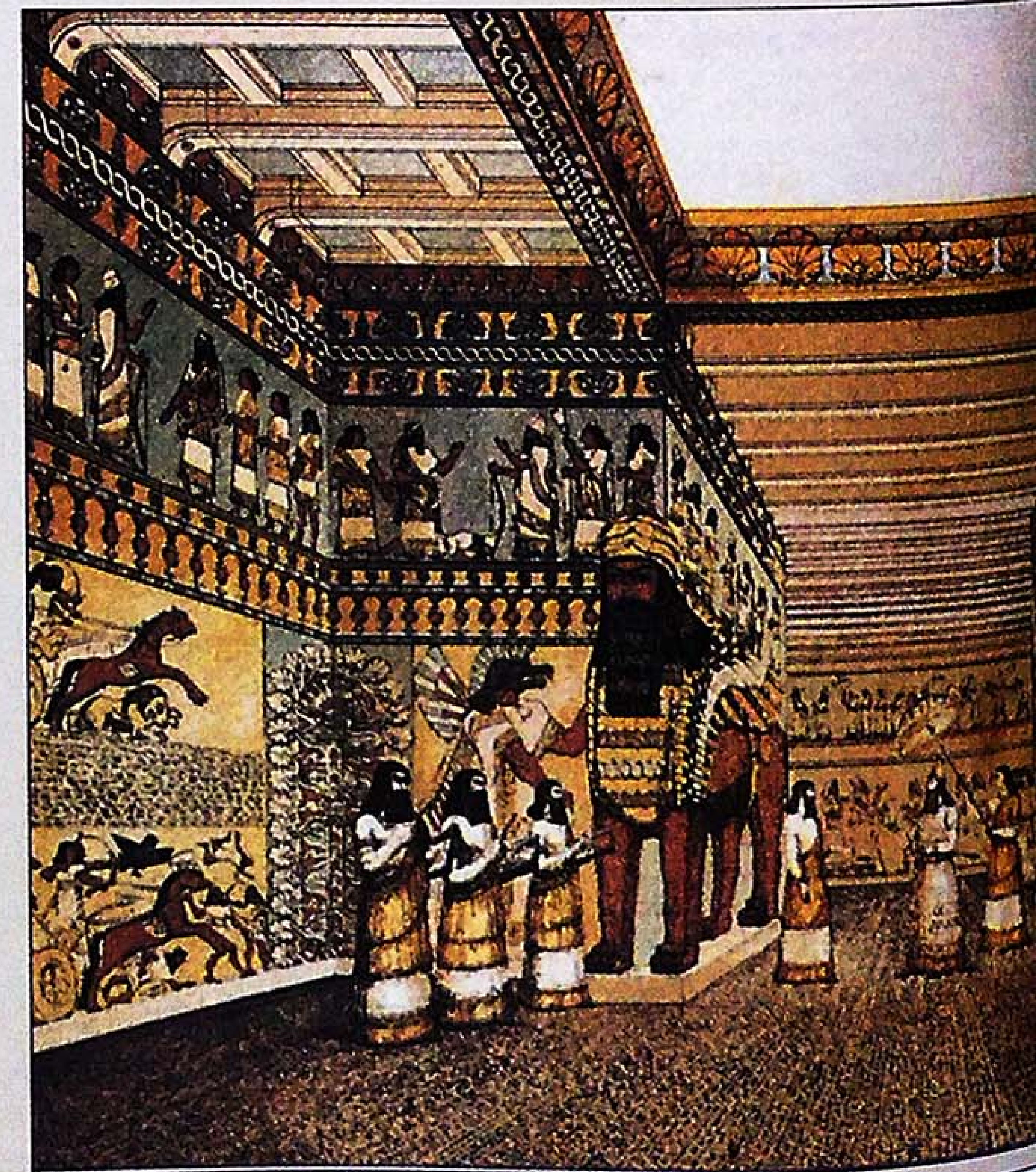
Em novembro de 1845, Austen Henry Layard começou a escavar a povoação de Tell Nimrud. Embora julgasse ter encontrado os restos de Nínive, a decifração dos escritos babilônicos mostrou que se tratava da cidade de Kalhu (chamada Calah na Bíblia). Kalhu tinha sido uma capital de província no período assírio médio, mas foi escolhida pelo rei Assurnasirpal II (883 a.C.-859 a.C.) como capital, função que continuou a desempenhar durante 150 anos.

Assurnasirpal mandou escavar um canal que começava no alto Zab para irrigar a região e fornecer água aos habitantes da cidade e construiu uma muralha maciça de 8 km. No extremo sudoeste encontrava-se a cidadela com os templos e os palácios do rei situados sobre o antigo montículo da cidade.

O zigurate e os templos de Ninurta, Istar e Kidmuru encontravam-se a noroeste. Ao sul do zigurate encontrava-se o magnífico palácio do noroeste. Os seus corredores eram protegidos por leões gigantescos e touros de pedra, e as suas paredes eram revestidas de blocos de pedra trabalhada com cenas dos êxitos militares e cinegéticos do rei e com representações de seres divinos. Mais para sul, encontravam-se os palácios construídos por Shalmaneser III (858 a.C.-824 a.C.), Tiglath-pileser (744 a.C.-727 a.C.) e Esarhaddon (680 a.C.-699 a.C.). No sudeste da cidadela, erguia-se o templo de Nabu e alguns palácios menos usados pelos funcionários da corte. No extremo sudeste da cidade, encontrava-se o grande arsenal edificado por Shalmaneser III. Chamado Fort Shalmaneser pelos escavadores ingleses, albergava os espólios obtidos pelos assírios, incluindo talhas de marfim procedentes das províncias ocidentais do Império Assírio. Kalhu foi destruída quando a Assíria sofreu uma invasão em 612 a.C., embora tenha sobrevivido uma população na cidadela até meados do 2.º milênio a.C.









À esquerda: A cena principal da sala do trono do palácio do noroeste repete-se duas vezes: uma em frente à entrada central a partir do pátio exterior e outra atrás do trono na parede oriental da sala. Assurnasirpal II aparece representado duas vezes, em ambos os lados de uma árvore sagrada. O deus que aparece em um disco alado sobre a árvore é possivelmente Shamash ou Assur. Altura: 1,78 m.

À direita: Estátua de pedra calcária de Assurnasirpal, procedente do templo de Ninurta. Apesar da quantidade de relevos encontrados na Assíria, são raras as estátuas isoladas. O manto que o rei veste indica que está atuando como sumo sacerdote. Altura: 1,06 m.

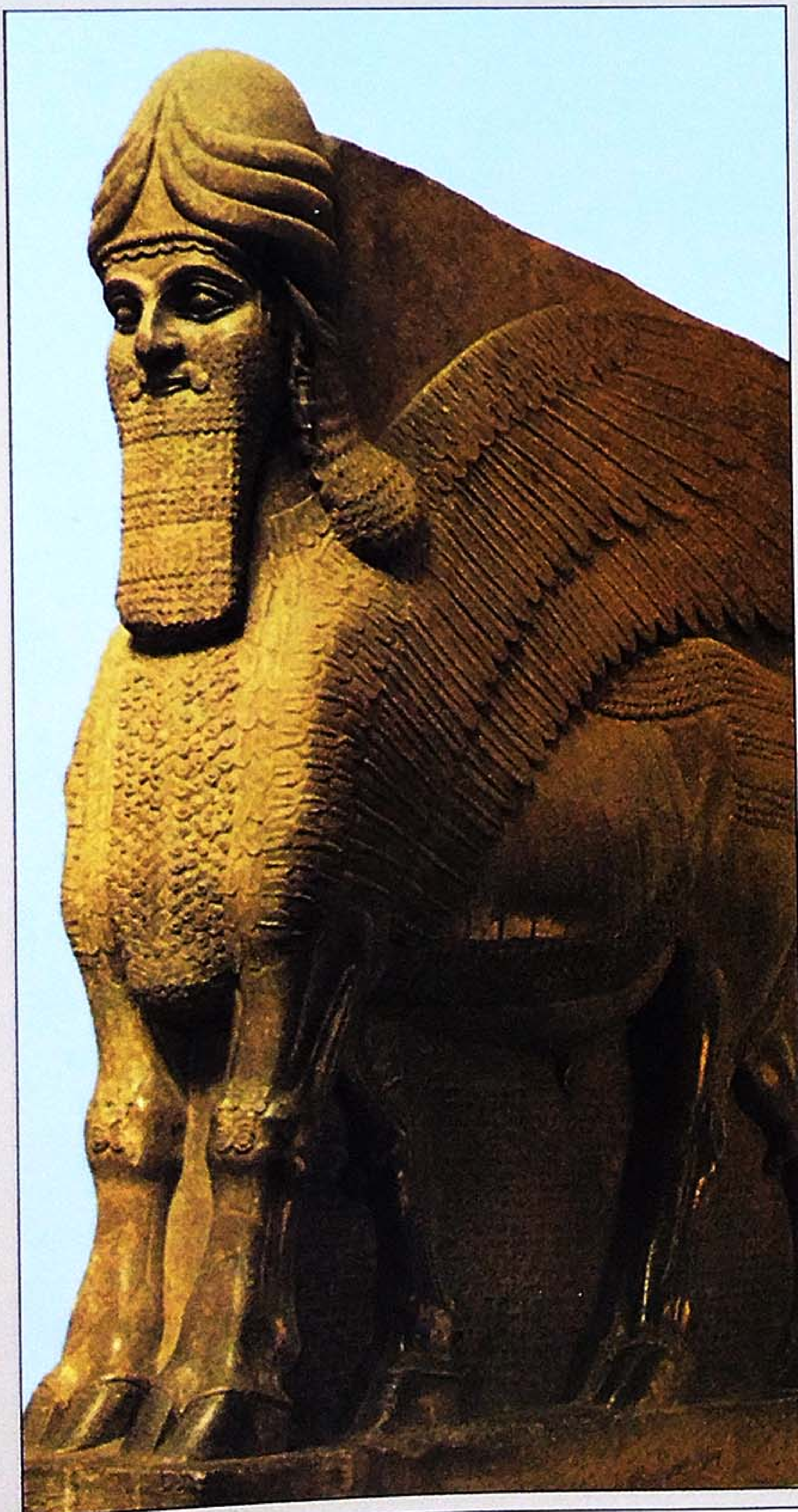


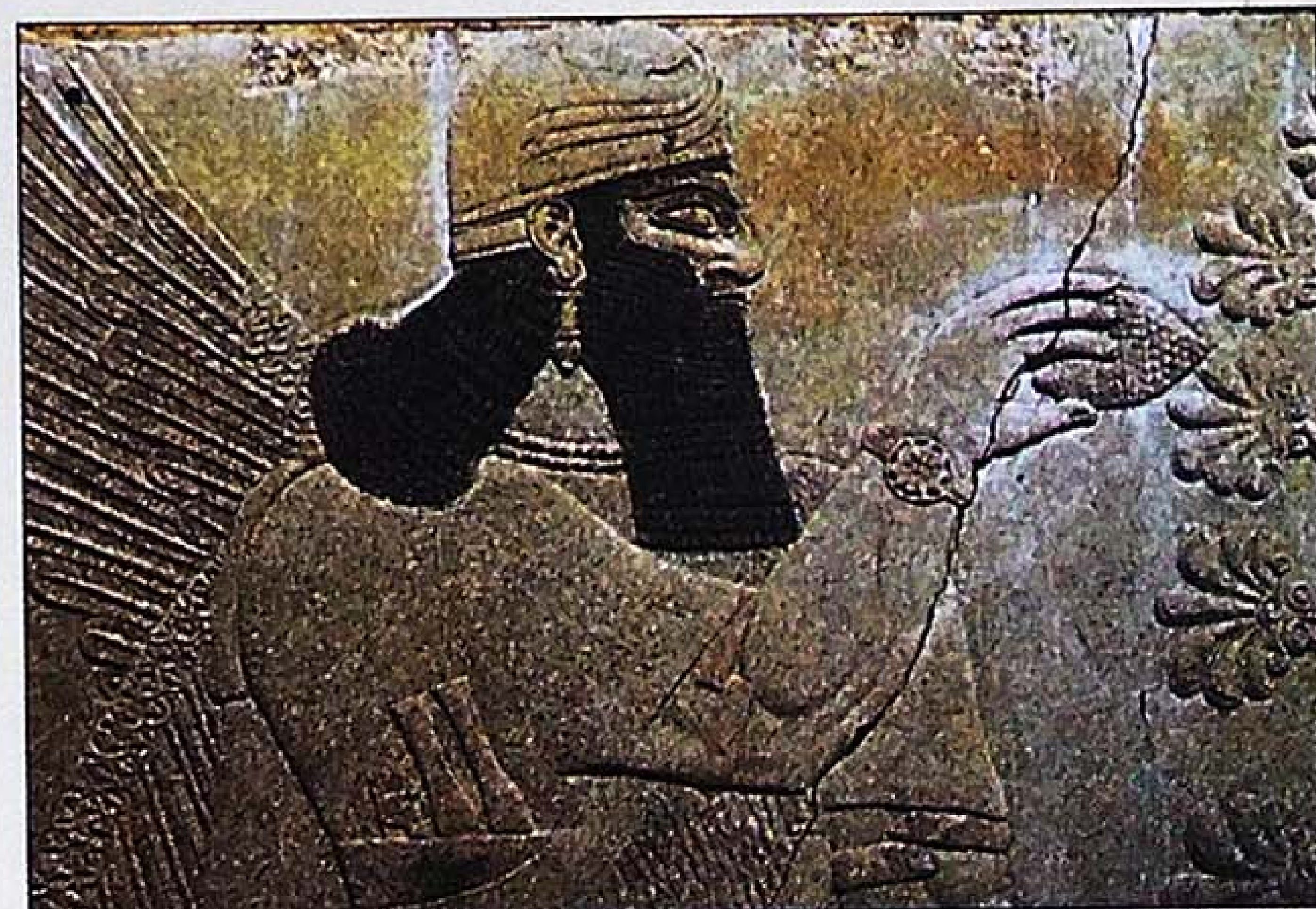
Abaixo: Pormenor da decoração mural de uma sala interior do palácio noroeste. As cenas que representam divindades ou o rei e os seus servidores estão muito longe do luxo que seria de se esperar no harém de um déspota oriental. Neste relevo conservou-se o preto da barba e do cabelo.

Na parte inferior: Assurnasirpal, sentado no trono, segura uma tigela. Ele é ladeado por servidores eunucos.

À direita: Colossal touro alado com cabeça humana, do lado sul do pátio interior do palácio do noroeste. Há cinco patas esculpidas, de modo que poderia ser visto de frente ou lateralmente. Altura: 3,28 cm.

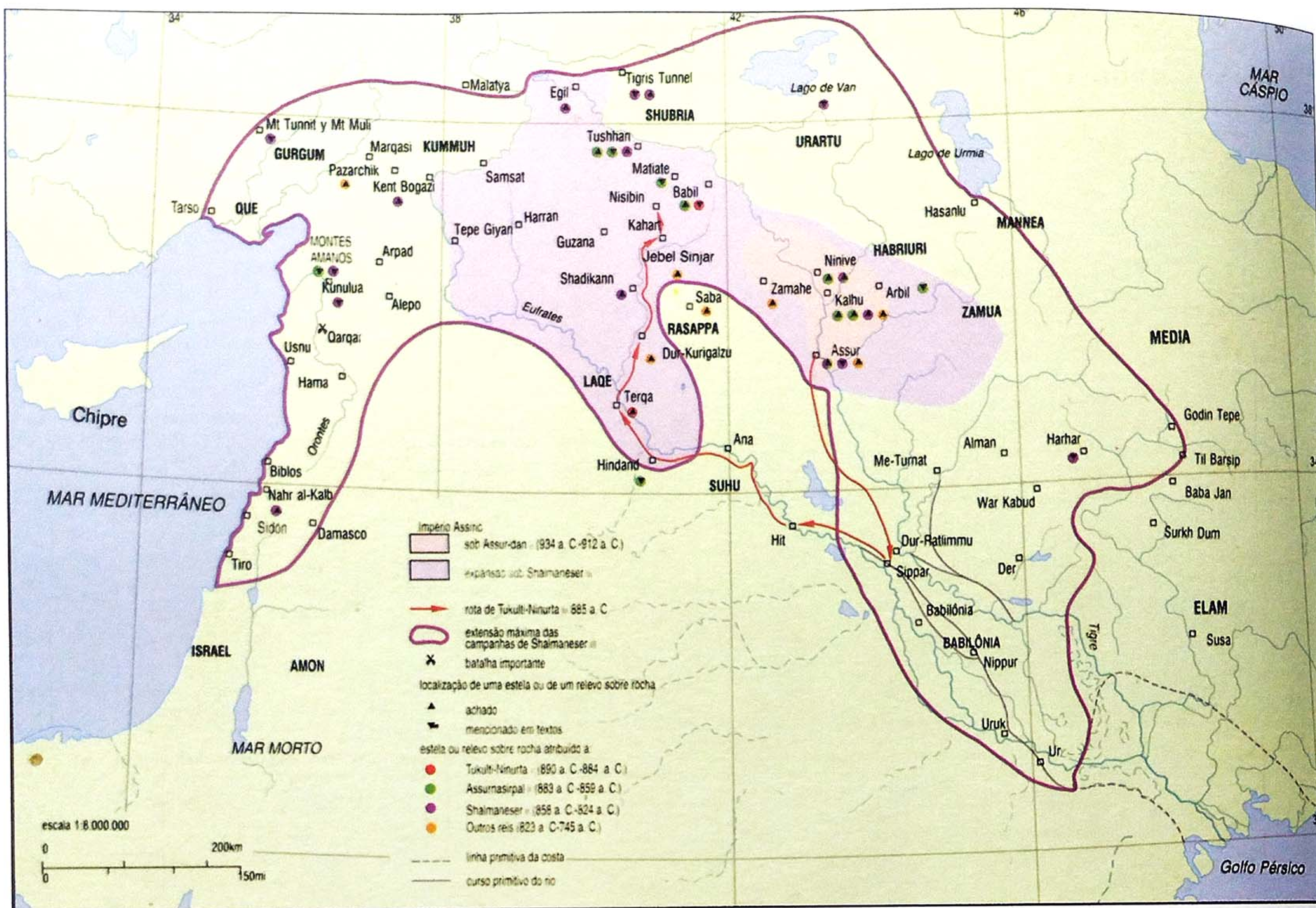
Abaixo: Pintura da sala do trono do palácio do noroeste, feita por A.H. Layard. Embora alguns elementos sejam incorretos, transmite uma atmosfera acertada.











O ressurgimento da Assíria
Após as invasões aramaicas do século X a.C., o Império Assírio tinha ficado reduzido a pouco mais que o território que ocupava 400 anos antes. Sob Adad-nirari II (911 a.C.-891 a.C.) e seus sucessores, a Assíria expandiu-se para oeste e chegou ao Eufrates no reinado de Shalmaneser III. A guerra civil no final do reinado de Shalmaneser enfraqueceu a Assíria, que continuava a manter o controle nominal sobre a maior parte do território conquistado pelos soberanos anteriores. Os anais dos reis assírios são valiosos para compreender a geografia histórica. Às vezes registram com todos os detalhes itinerários de viagem, como no caso de Tukulti-Ninurta II em 885 a.C., em cujos anais foram registrados os nomes de todos os lugares onde pernoitaram durante as campanhas. As estelas e os relevos de pedra encomendados pelo rei indicavam assim o alcance do poder militar egípcio e assinalavam os limites mais longínquos das conquistas assírias.

O visitante que passeasse entre os gigantescos leões de pedra poderia ver, em frente destes, um relevo que mostrava o rei em ambos os lados de uma estilizada árvore e protegido por um par de gênios guardiões. A sua esquerda encontrava-se o trono real, e atrás dele havia uma cena semelhante, franqueada por um par de figuras aladas que usavam o toucado com cornos dos deuses. As longas paredes laterais eram decoradas com cenas em duas barras. A superior mostra o rei na batalha ou na caça. Debaixo das cenas de batalha, o rei aparece a receber os prisioneiros e os despojos de guerra. Na barra inferior com cenas de caça, o rei foi pintado no ato de verter uma libação sobre os animais mortos. Os relevos põem em evidência o papel do rei apresentado nas inscrições: representante dos deuses, grande guerreiro e grande caçador.

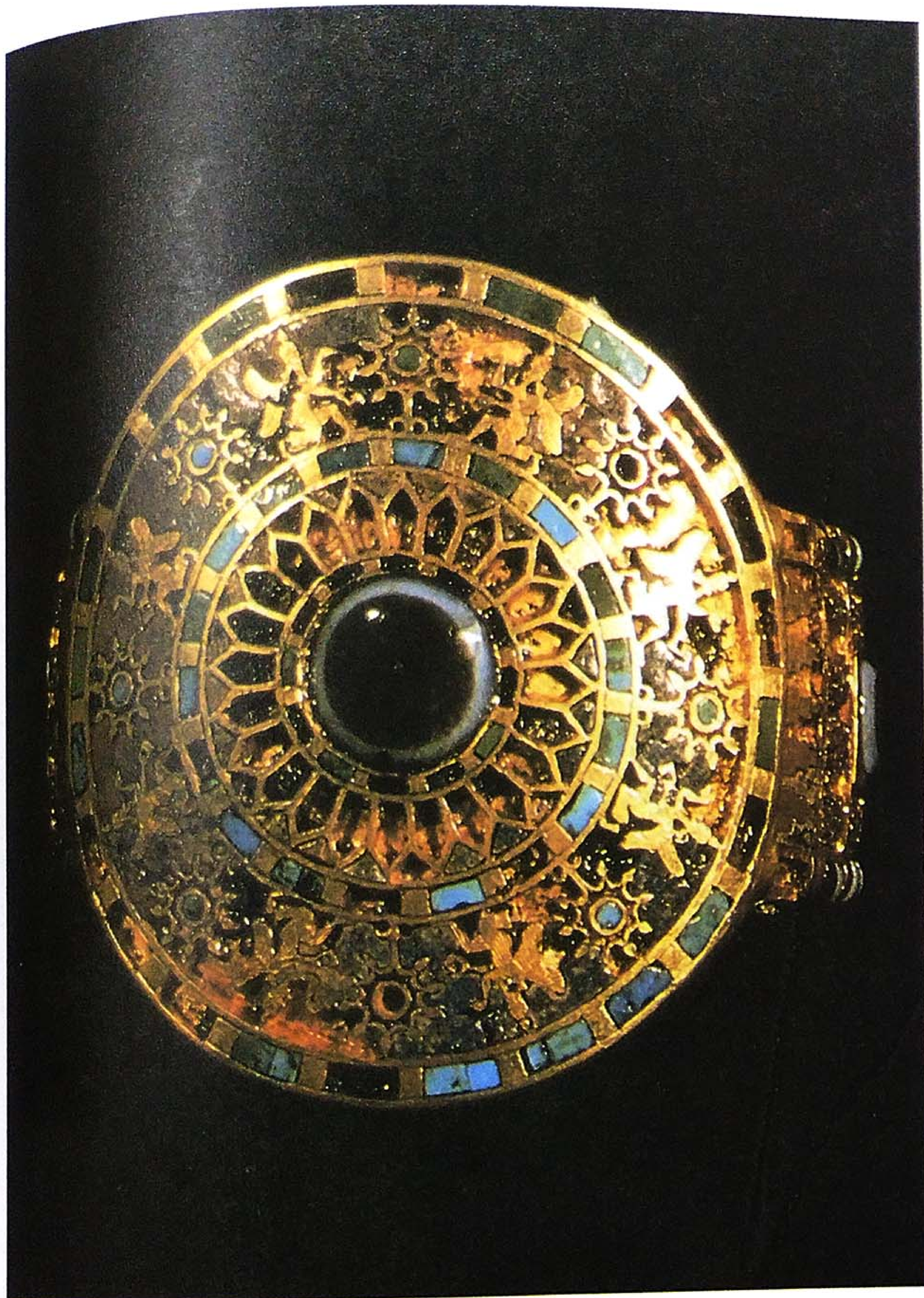
Os relevos que decoram a parede fora da sala do trono eram visíveis para as pessoas que se deslocavam a uma audiência real. Mostravam-no vitorioso, segurando o seu arco e as suas setas e recebendo uma fila de estrangeiros; estes levantam os seus punhos em um gesto de saudação e transportam tributos que incluem jóias, vasilhas de metal e tecidos. Uma figura conduz um par de macacos, talvez os mesmos macacos mencionados na inscrição de Assurnasirpal em que se registravam os tributos dos fenícios. Dois funcionários assírios apresentavam o rei aos vassalos. Vestiam as suas roupas características, cobertas em parte com um manto de lã agarrado ao ombro esquerdo e à volta da cintura. O funcionário principal usava barba e pertencia ao grupo dos *sha ziqni*, funcionários reais também chamados "os da barba". O segundo homem não tinha barba e pertencia ao grupo dos *sha reshe*, os "da cabeça". Estes últimos não tinham filhos e tratava-se provavelmente de eunucos, dado que "sha reshe" é a origem da palavra que significa "eunuco" em aramaico e hebraico.

No interior do palácio, a maioria dos relevos mostrava combinações nas quais apareciam o rei, a sua corte, divindades aladas e árvores estilizadas. Portanto, parece que estas salas não se destinavam a aposentos do foro privado, onde o rei procurava prazer no seu harém, mas sim uma sala destinada a tratar de assuntos oficiais.

Assurnasirpal e outros reis assírios foram enterrados no palácio de Assur, mas os seus túmulos foram saqueados. Na parte meridional do palácio do Nordeste de Kalhu, encontraram-se, há pouco tempo, três túmulos intactos, um de um homem e os outros dois provavelmente de duas rainhas. São notáveis a quantidade e a magnificência das jóias encontradas aqui, que incluíam 57 kg de ouro, o que não é surpreendente, pois os textos e os relevos da época informavam das enormes quantidades de metais preciosos e de jóias trazidas para a Assíria. Os relevos são também uma fonte da informação sobre as alterações no estilo das roupas, das jóias, das armas e dos utensílios utilizados na Assíria e nas províncias do século IX a.C. ao século VII a.C.

As campanhas ocidentais de Shalmaneser

Ao norte e a leste da Assíria, as estepes e as cadeias montanhosas escassamente povoadas formavam uma eficaz barreira para a conquista assíria dos vales das ter-

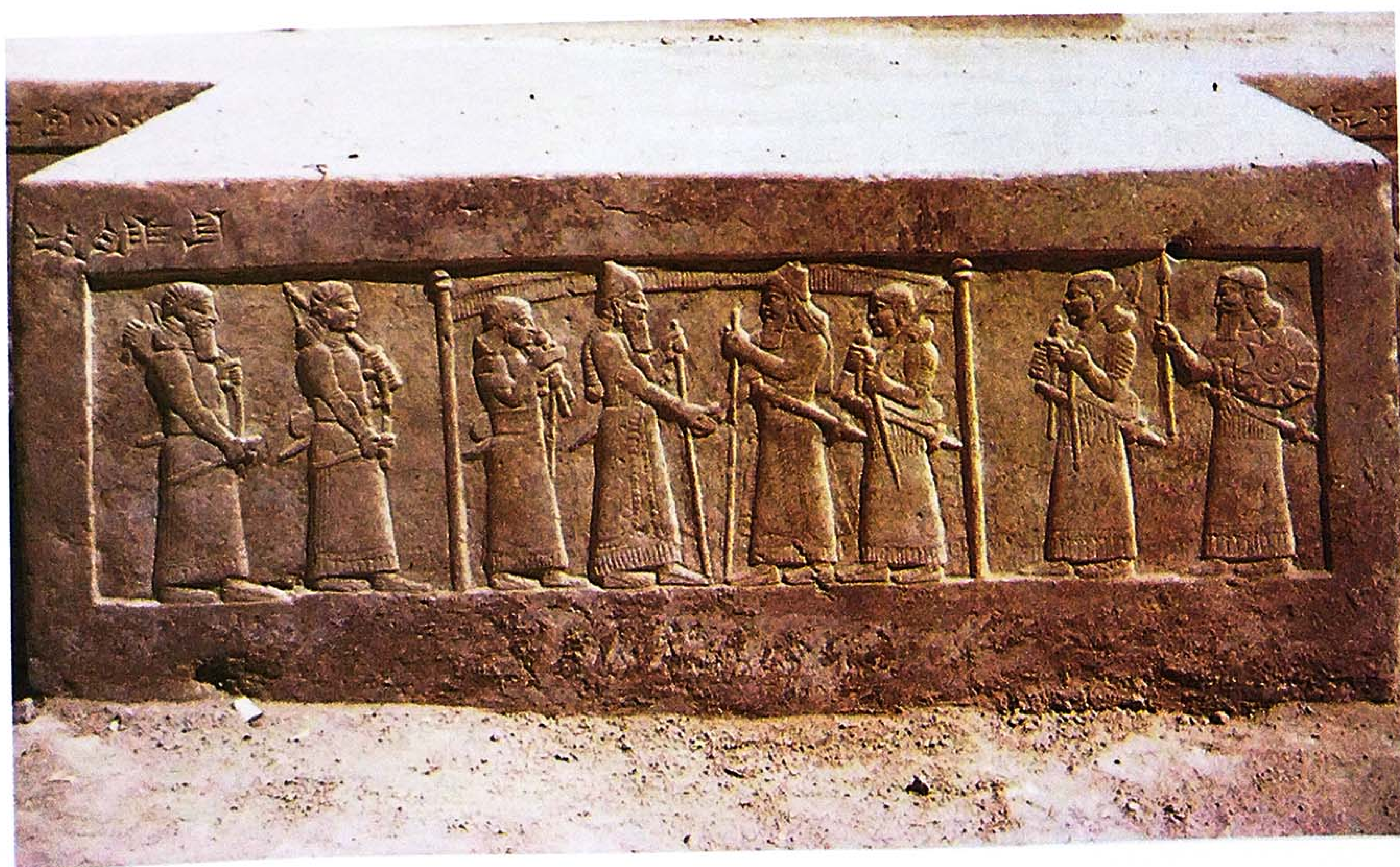


ras altas do Irã e da Anatólia oriental. Os exércitos assírios seguiram as poucas e difíceis rotas através das montanhas no decurso de expedições de castigo e de pilhagem dos territórios do inimigo, mas uma vez que os habitantes das montanhas tinham aprendido a lição e instalado no poder chefes pró-assírios, os exércitos da Assíria regressavam a casa. As principais ambições territoriais assírias eram as férteis planícies no leste e no sul.

A prática de Assurnasirpal de empreender campanhas anuais, que tão características são nas suas inscrições, repetiu-se no reinado do seu filho Shalmaneser III (858 a.C.-824 a.C.). Como de costume, o rei vangloriava-se das suas vitórias, mas a sucessão de campanhas contra a mesma região sugere que a realidade era diferente. As intervenções de Shalmaneser no oeste são destacadas em termos de êxitos militares. As campanhas dos primeiros quatro anos do seu reinado eram dirigidas contra Ahuni, o soberano do Estado aramaico de Bit Adini. No terceiro ano do reinado de Shalmaneser, Ahuni abandonou a capital, Til Barsip, na margem oriental do Eufrates. Depois de ocupá-la rapidamente, foi novamente denominada Kar-Shalmaneser. No ano seguinte, Ahuni foi capturado e levado, junto com os seus deuses, carros, cavalos, filhos, filhas e exército, prisioneiro para Assur.

No entanto, esta vitória não representou para Shalmaneser mais do que um breve suspiro, dado que em 853 a.C. conduziu os seus exércitos contra uma coligação de reis, liderada por Hadad-ezer, o rei de Damasco, de que faziam parte, entre outros, Irhuleni, rei de Hamath, e Ahbab, rei de Israel, assim como cilícios, egípcios e árabes, e ainda outros príncipes do Levante. As tropas encontraram-se em Qarqar, nas margens do Orontes. Shalmaneser afirmou que tinha obtido uma vitória completa, vangloriando-se de ter morto 14.000 inimigos (ou 20.500, em relatos posteriores), cujas tropas contavam supostamente com 60.000 efetivo. Mas seis anos depois, Hadad-ezer continuava a ser o líder de uma aliança contra Shalmaneser, quem, em 838 a.C., prosseguia a sua luta contra os soberanos de Damasco. No entanto, nessa época, a maioria dos Estados da região tinha decidido que era preferível pagar tributos aos assírios que sofrer os ataques.

Acima: Uma pulseira de ouro com incrustações de pedra que fazia parte dos numerosos objetos preciosos enterrados nos túmulos das rainhas encontrados recentemente em Kalhu. Nos relevos apareceram talhas com pulseiras similares, que serviam de adorno aos cortesãos e às divindades.



À direita: Frontal da base do trono da sala principal do trono em Fort Shalmaneser, em Kalhu. No centro aparecem Shalmaneser III, à direita, e Marduk-zakir-shumi, o rei da Babilônia, à esquerda. Parece que ambos apertaram as mãos, embora possa não ser esta a interpretação correta do gesto. Esta representação de um monarca estrangeiro como um semelhante do rei assírio é exemplar único e sugere uma relação especial entre a Assíria e a Babilônia nessa época. Altura: 21 cm.

As portas de Balawat

Em 1876 alguns fragmentos de relevos de bronze foram postos à venda em Paris e Londres. Pertenciam aos painéis das portas gigantescas, que tinham sido decoradas por ordem de Shalmaneser III (858 a.C.-824 a.C.) No ano seguinte, Hormuzd Rassam, que tinha sido assistente de A. H. Layard e estava então encarregado das escavações do British Museum no Oriente Médio, descobriu que provinham da povoação de Balawat (Imgur-Enlil), 16 km a nordeste de Kalhu. As escavações de Rassam na povoação foram obstadas pela presença de um cemitério islâmico, mas ele achou os restos das barras de bronze das portas de Shalmaneser e um segundo conjunto de barras de bronze pertencentes a uma porta erigida pelo pai de Shalmaneser, Assurnasirpal II (883 a.C.-859 a.C.). Achou também os vestígios de um templo com tabuinhas e de fundação de pedra, de Assurnasirpal.

Posteriormente, surgiram dúvidas sobre o relatório dos achados feito por Rassam, mas este pôde dar-se por satisfeito quando um terceiro grupo de barras de bronze, pertencentes a uma porta (uma vez mais do reinado de Assurnasirpal II), foi encontrado em Balawat em 1956.

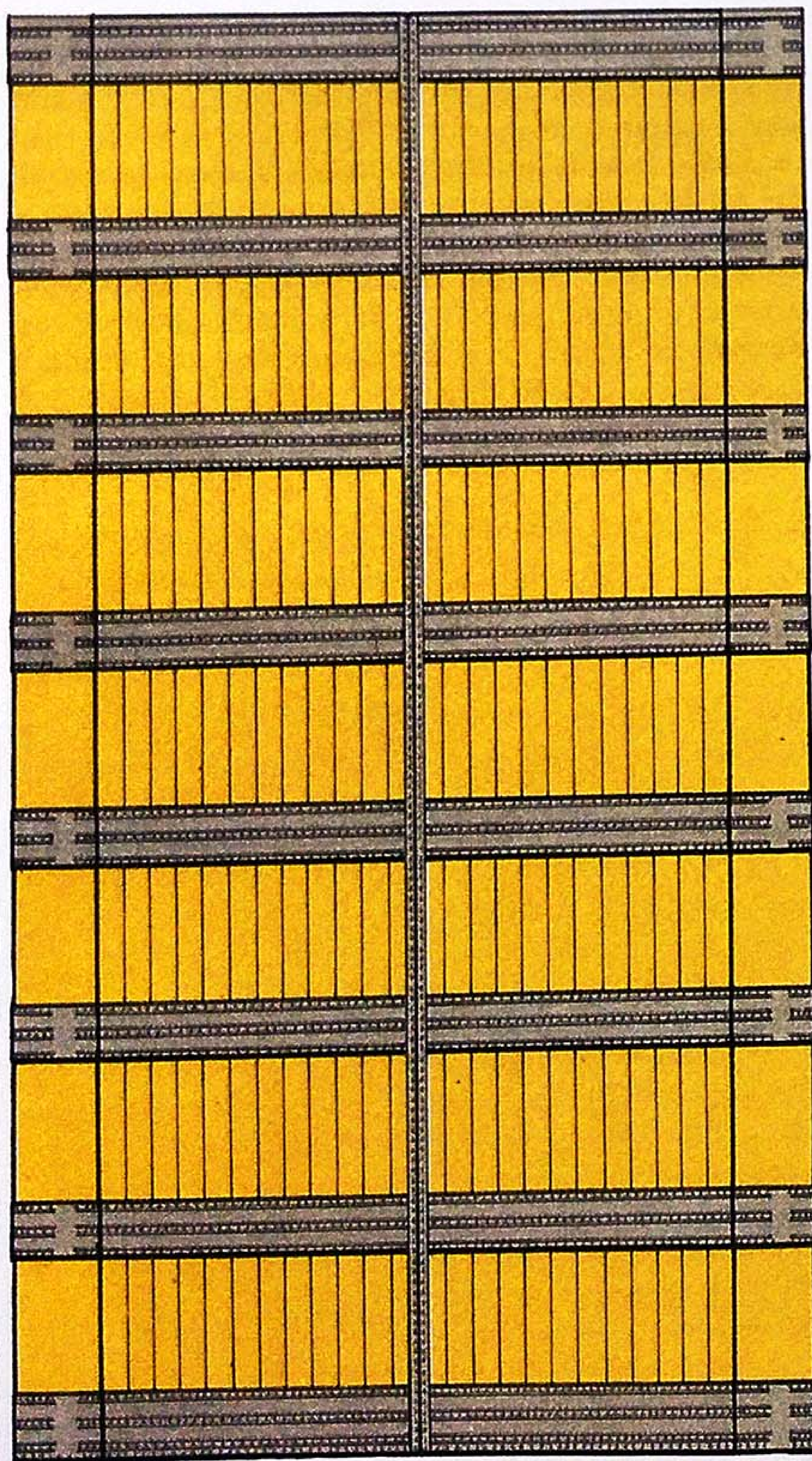
À direita: Detalhe das barras de bronze das portas de Balawat; uma máquina de cerco atacando uma cidade do Norte da Síria. A tática do cerco era um dos ramos mais importantes da estratégia militar assíria. Nos relevos podem ser observadas as modificações no desenho desta máquina de guerra.

Abaixo, à esquerda: Cada porta tinha oito barras de bronze cravadas nas folhas. As barras eram decoradas com relevos, martelados a partir do interior com os detalhes acrescentados pela parte de fora. O conjunto mais bem conservado era o de Shalmaneser III. Cada barra tinha cerca de 27 cm de altura e duas partes onde se apresentavam episódios das suas campanhas. As folhas da porta não tinham dobradiças, mas eram fixadas em sólidos postes verticais que giravam sobre pivôs de pedra enterrados no chão. A colocação das barras de bronze pode ser reconstituída a partir da curvatura das extremidades dos postes, que se estreitavam para cima.



Abaixo: Carros de campanha da Babilônia, como se deduz das palmeiras. O carro tinha normalmente três homens: o auriga, um soldado e um escudeiro. No século IX a.C. as rodas tinham seis raios; nos séculos VIII a.C. e VII a.C. os carros eram maiores e tinham rodas de oito raios.

À direita: Os soberanos locais da margem superior do Tigre são levados à presença de Shalmaneser por um funcionário imberbe (talvez um eunuco). Eles se prostravam diante do rei. O rei é representado como um guerreiro segurando um arco e acompanhado por um servidor e um escudeiro.

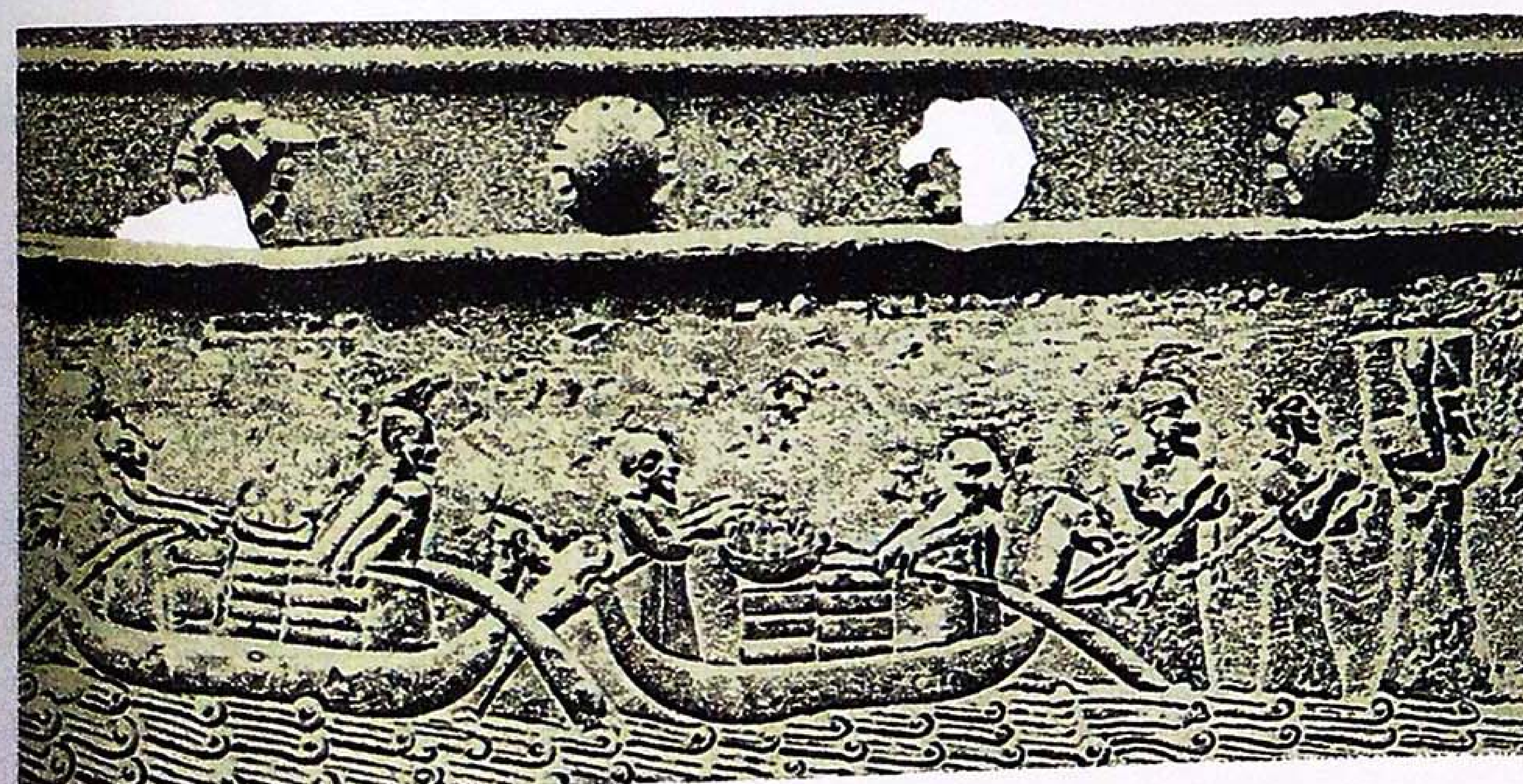


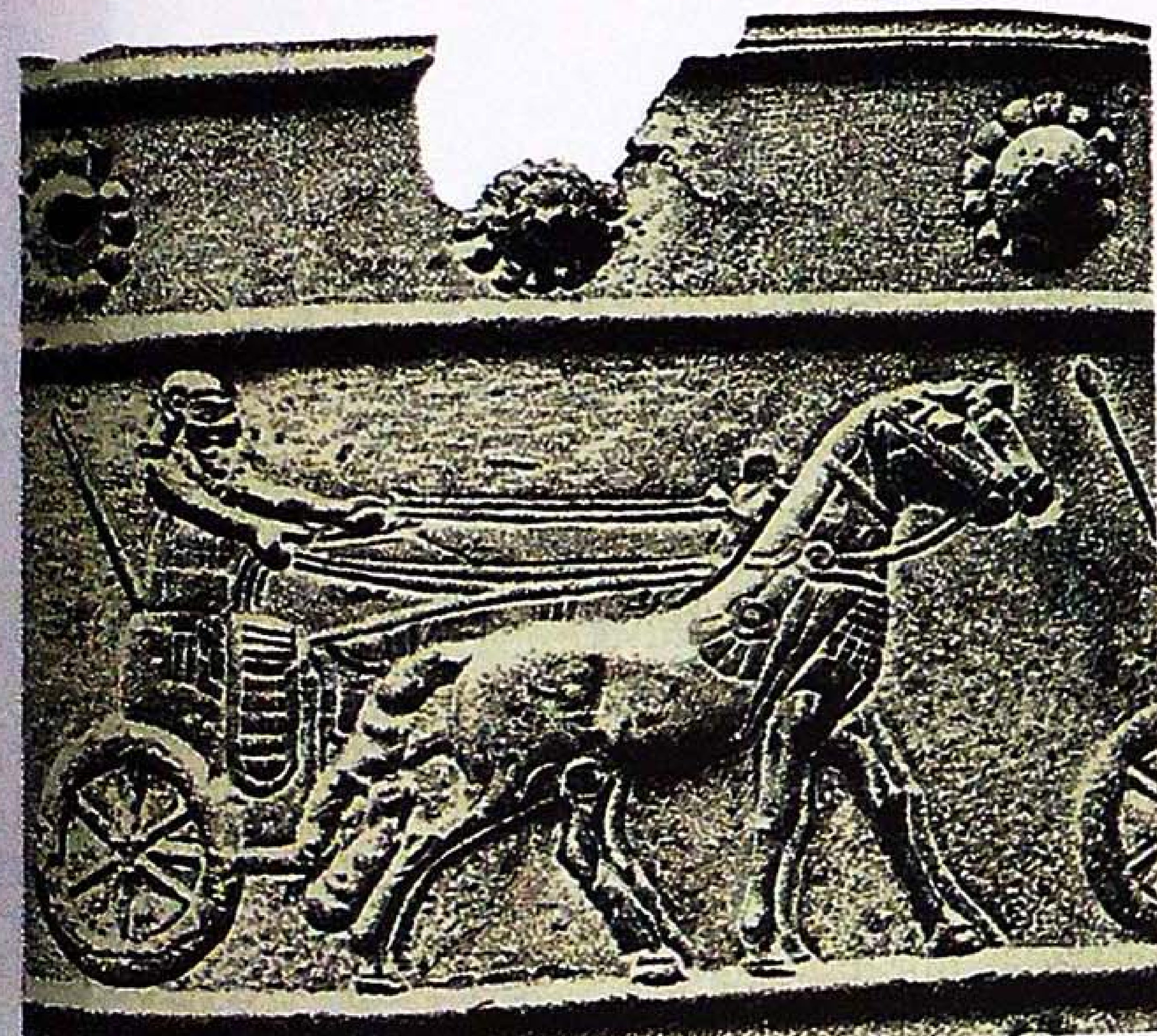


Abaixo: Sacrifício nas montanhas do Noroeste da Assíria. Os reis assírios eram considerados os representantes do deus Assur. Nas decisões de extrema importância era imprescindível a presença dos sacerdotes adivinhos, que acompanhavam o exército e estudavam as entranhas dos animais sacrificados para prever o futuro.









Acima: No primeiro ano completo do seu reinado, 858 a.C., Shalmaneser lutou no oeste e recebeu os tributos dos habitantes de Tiro e de Sídon. Como Tiro era uma ilha, o tributo era transportado em embarcações para o continente. A frota fenícia era utilizada pelos soberanos assírios e depois pelos persas.

À esquerda: Os aurigas eram soldados de elite do exército assírio na época de Shalmaneser. Os carros também eram utilizados nas caçadas e em cerimônias processionais. No final do século VIII a.C., a cavalaria adquiriu maior importância, particularmente para a luta nas montanhas.

Depois de vinte anos no trono, Shalmaneser dirigiu a sua atenção para o país de Que (a Cilícia clássica) e os Estados vizinhos no Tauro, contra os quais lutou na década seguinte.

Os motivos de Shalmaneser para se aventurar nestas campanhas não estão suficientemente claros. Parece que não tentou impor um domínio assírio para além do Eufrates; e até cidades a leste do Eufrates, como Guzana, mantiveram a sua independência. É provável que a cobrança de tributos e o controle das rotas comerciais e dos recursos desempenhassem um papel importante. Shalmaneser informa-nos de que em várias ocasiões tinha cortado cedros nas montanhas de Amanos. Menciona também uma expedição que dirigiu ao monte Tunni, a montanha de prata, e ao monte Muli, a montanha de mármore, ambos na cadeia montanhosa de Tauro. O recrutamento de trabalhadores para o campo ou para a construção de palácios pôde ter sido outro dos motivos. Segundo os anais assírios, entre 881 a.C. e 815 a.C., 193.000 pessoas foram deportadas para a Assíria, das quais 139.000 eram aramaicas.

Relações da Assíria com a Babilônia

Os reis da Assíria e da Babilônia tinham sido aliados desde que Adad-nirari II (911 a.C.-891 a.C.) tinha trocado as filhas em casamento com Nabu-shuma-ukin I, depois de uma batalha que Adad-nirari afirmou ter ganho. Por essa época não existiam desacordos entre a Assíria e a Babilônia sobre a linha fronteiriça entre ambos os Estados, e depois Shalmaneser assinou um tratado com Nabu-aplaiddina, o filho de Nabushuma-ukin. Quando o neto deste, Marduk-zakirshumi, se tornou rei da Babilônia em 851 a.C., seu irmão mais novo, Marduk-bel-usate, revoltou-se, e o rei viu-se obrigado a ajudar Shalmaneser. O assírio capturou Me-Turnat nas margens do rio Diyala, mas não conseguiu fazer prisioneiro o rebelde babilônico. Marduk-bel-usate refugiou-se em Alman (atual Sar-i Pol-i Zohab), nas montanhas orientais, mas um exército conjunto de Shalmaneser e de Marduk-zakir-shumi arrasou a cidade e mataram-no.

Posteriormente, Shalmaneser visitou os centros religiosos mais importantes da Babilônia: o templo de Nergal em Kutha, o de Marduk na Babilônia e o de Nabu em Borsippa. Neles ofereceu sacrifícios e oferendas. Organizou também um banquete para os cidadãos da Babilônia e de Borsippa. No relato destes acontecimentos Shalmaneser não menciona o rei babilônico, razão por que não fica claro se Shalmaneser agia como superior do soberano babilônico ou se tudo tinha sido disposto por Marduk-zakir-shumi. É interessante assinalar que em um relevo da base do trono de Kalhu, que data de alguns anos depois, os dois monarcas estejam representados como pares no momento de apertar a mão, um raro exemplar da arte assíria, na qual o rei assírio aparecia sempre acima de tudo.

No Sudeste, Shalmaneser encontrou três poderosas tribos caldeias. Derrotou uma delas, a de Bit-Dakkuri, e recebeu tributos das outras duas, a de Bit-Amukani e a de Bit-Yakin. Os caldeus, tal como os arameus, que tinham ocupado as regiões ao sul da Mesopotâmia no século XI a.C. eram povos semitas ocidentais, cuja presença é assinalada pela primeira vez no século IX a.C., trinta anos antes da campanha de Shalmaneser. Não se conhece com exatidão a relação entre caldeus e arameus.

É possível que os caldeus fossem um ramo dos povos aramaicos; no entanto, as fontes antigas estabelecem uma distinção clara entre eles.












Trabalhos de metal de Urartu

Abaixo: Estatueta de bronze maciço de touro-centauro alado. Originariamente tinha as asas e os chifres divinos incrustados e era banhada a ouro, cuja marca é ainda hoje visível. Deve ter feito parte de um magnífico trono dourado, que, segundo algumas informações, foi encontrado em Rusahinili (Toprakkale), próximo de lago de Van, em 1870. Também foram achados ali outros adornos de mobiliário nas escavações feitas 20 anos depois. A.H. Layard, na época embaixador inglês em Istambul, mandou transportar a peça para o British Museum. Altura: 20,3 cm. Largura: 16,4 cm.

Nos séculos IX a.C. e VII a.C., o antigo reino de Urartu expandiu-se pelos limites do que hoje é a Turquia, o Irã o Iraque e a ex-União Soviética. As investigações nas cidadelas e nos túmulos de Urartu nesta região montanhosa demonstraram que os habitantes de Urartu eram artesãos prolíficos do metal, em especial, do bronze decorado, Quando o rei assírio, Sargão II (721 a.C.-705 a.C.) conquistou a cidade urartiana de Musasir em 714 a.C. levou consigo grandes quantidades de pedras preciosas, marfim, madeira, ouro, prata e bronze. No templo de Haldi apoderou-se de 3600 talentos (cerca de 108 toneladas) de bronze bruto, de 25.212 escudos de bronze, de 1514 lanças de bronze, de 305.412 adagas de bronze e de 607 recipientes de bronze assim como de estátuas de bronze dos reis de Urartu e outros objetos de materiais preciosos. Além disso, nas escavações em Urartu se acharam jóias, peças de mobiliário, couraças e aparelhos de cavalos e de carros.

Embora os trabalhos decorativos em bronze de Urartu devam muito à arte assíria, tem um estilo próprio, como se mostra nos pormenores dos motivos e da iconografia. Algumas peças têm inscrições com os nomes dos reis de Urartu e outras foram atribuídas a Urartu por questões de estilo. Muitas das povoações deste reino foram saqueadas, e as suas peças de bronze vendidas em mercados de antiquários, embora possa ser que nem todas sejam genuínas.







Na parte superior: Lâmina circular de bronze decorada com a figura de um deus de Urartu (possivelmente Teisheba) de pé sobre o lombo de um touro. Nas duas faixas concêntricas figuram vários animais mitológicos. Embora alguns deles sejam conhecidos da Mesopotâmia, outros são nitidamente próprios de Urartu. A utilidade do objeto e o lugar onde foi encontrado não são conhecidos, mas as perfurações em torno do rebordo sugerem que era usado costurado a uma peça de roupa ou a uma peça de couro. Diâmetro: 25,5 cm.

Acima: Maquete de um edifício fortificado feita em bronze, supostamente procedente de Rusahinili (Toprakkale). As fachadas reforçadas eram típicas da arquitetura militar de Urartu e eram representadas construções similares nos relevos assírios.

À direita: Esta estatueta de bronze com o rosto de pedra branca fazia parte de um grupo escultórico maior, como mostram os buracos de um lado da figura. Os olhos e as sobrancelhas eram incrustados, bem como o colar e a ponta da faixa que passa pelo ombro, segura com a mão esquerda. Há marcas de uma camada de ouro. A figura foi feita utilizando a técnica da cera perdida, e parece tratar-se de um sacerdote, embora pudesse ser um servente. Foi vendida por um comerciante no século XIX que afirmou que o rosto e a estatueta foram encontradas juntas em Rusahilini. Altura: 36 cm.





Acima: Alguns arqueólogos soviéticos encontraram 20 capacetes pontiagudos de bronze como o da fotografia em Teishebaini (Kamir Blur); eram usados pelos assírios e os soldados de Urartu. Alguns tinham inscrições com os nomes dos monarcas de Urartu Argisthi I e Sarduri I, e eram decorados com cenas em relevo e barras curvas que terminam em cabeças de animais. Não se conhece a origem deste capacete, decorado com uma cena de caça em um carro.



Acima: Encontrou-se um tríptico similar com patas de touro e asas e cauda de pássaro em um túmulo de Urartu, em Altintepe, perto de Erzincan, na Turquia. Este tríptico e este caldeiro (só com três cabeças) foram restaurados. Parece que foram encontrados na Turquia oriental, mas o local do achado e até a sua autenticidade são questionados. Altura: 94 cm.

O palácio de Shalmaneser

No início do seu reinado, Shalmaneser III começou a construir um palácio na extremidade sudeste de Kalhu, na parte da cidade que ficava fora das muralhas, e em 846 a.C., treze anos depois, o edifício estava terminado. As suas escavações denominaram-no Fort Shalmaneser, dado que serviu como residência real, câmara do tesouro e fortaleza. No século VII a.C. era descrito como *ekal masharti*, um palácio de intendência destinado ao "ordenamento do acampamento, à manutenção dos estábulos, dos carros, das armas e dos equipamentos de guerra e à conservação dos despojos de todo o tipo de inimigos". De fato, encontraram-se ali enormes quantidades de espólios arrancados ao inimigo.

Fort Shalmaneser foi construído em um recinto amuralhado com cerca de 7,5 ha. Media 350 m por 250 m e era dividido em duas áreas: quatro amplos pátios no norte, e o palácio da zona residencial no sul. Nos pátios exteriores havia oficinas de reparação e de manutenção dos equipamentos de guerra, residências de oficiais e alpendres para armazenar, entre outras coisas, os espólios de guerra. O lado sul do pátio do sudeste era ocupado pelas sólidas salas da residência real, a maior das quais era o grande salão do trono. O enorme estrado do trono foi encontrado na sua posição original, encaixado em um nicho da parede oriental. O estrado compunha-se de duas lajes de pedra calcária amarelada. Três grupos de fendas circulares dispostas simetricamente mostram a posição de três tronos diferentes, cada um com o seu escabelo. Quando se mudavam os tronos, os buracos enchiam-se com betume.

A maior parte da superfície do estrado foi decorada com um motivo floral geométrico, sobressaído originariamente a branco. Os bordos e dois painéis da parte de trás tinham uma longa inscrição de Shalmaneser III, com o relato dos acontecimentos mais importantes do seu reinado até o ano 13 dele, data em que mandou construí-lo. Uma nota neste indica que foi construído pelo governador de Kalhu, Shamash-bel-usur, para o seu senhor. Os lados do estrado eram decorados com frisos esculpidos, encaixados em painéis de uma altura variável entre 21 cm e 29 cm. Os relevos dos lados sul e norte do estrado representam a recepção de tributos enviados pelos soberanos caldeus e sírios mencionados anteriormente. Shalmaneser registrava a sua vitória sobre a coligação liderada pelo rei de Damasco e descreve com satisfação a volta do seu aliado Marduk-zakir-shumi no trono da Babilônia. No painel frontal representa-se a saudação de Shalmaneser e de Marduk-zakir-shumi.

As portas de Balawat

Ao contrário do seu pai, Shalmaneser não decorou o seu palácio com relevos de pedra. No entanto, mandou fazer portas maciças revestidas de bronze, que instalou em Imgur-Enlil, atual Balawat, 16 km ao norte de Kalhu. Cada folha tinha uma largura aproximada de 2 m e uma altura de 4 m e estava agarrada a um tronco de árvore vertical, que girava sobre um pivô de pedra enterrada no chão. Dezesseis barras de bronze martelado, pregadas nas folhas da porta, representavam cenas das campanhas e das expedições do soberano, que puderam identificar-se pelas pequenas inscrições em cuneiforme.

A maioria destas eram relatos das conquistas de Shalmaneser e do tributo recebido depois das suas campanhas no Ocidente, mas também se menciona a sua vitória sobre os caldeus e as suas diversas campanhas no

norte. Nesta região, visitou as fontes do Tigre, onde deixou uma gravura e uma inscrição na rocha e lutou contra os soldados de Urartu. Chegou até o mar de Nairi (lago de Van), onde lavou as suas armas na água e ofereceu sacrifícios aos deuses. Em conjunto, Shalmaneser empreendeu cinco campanhas contra Urartu.

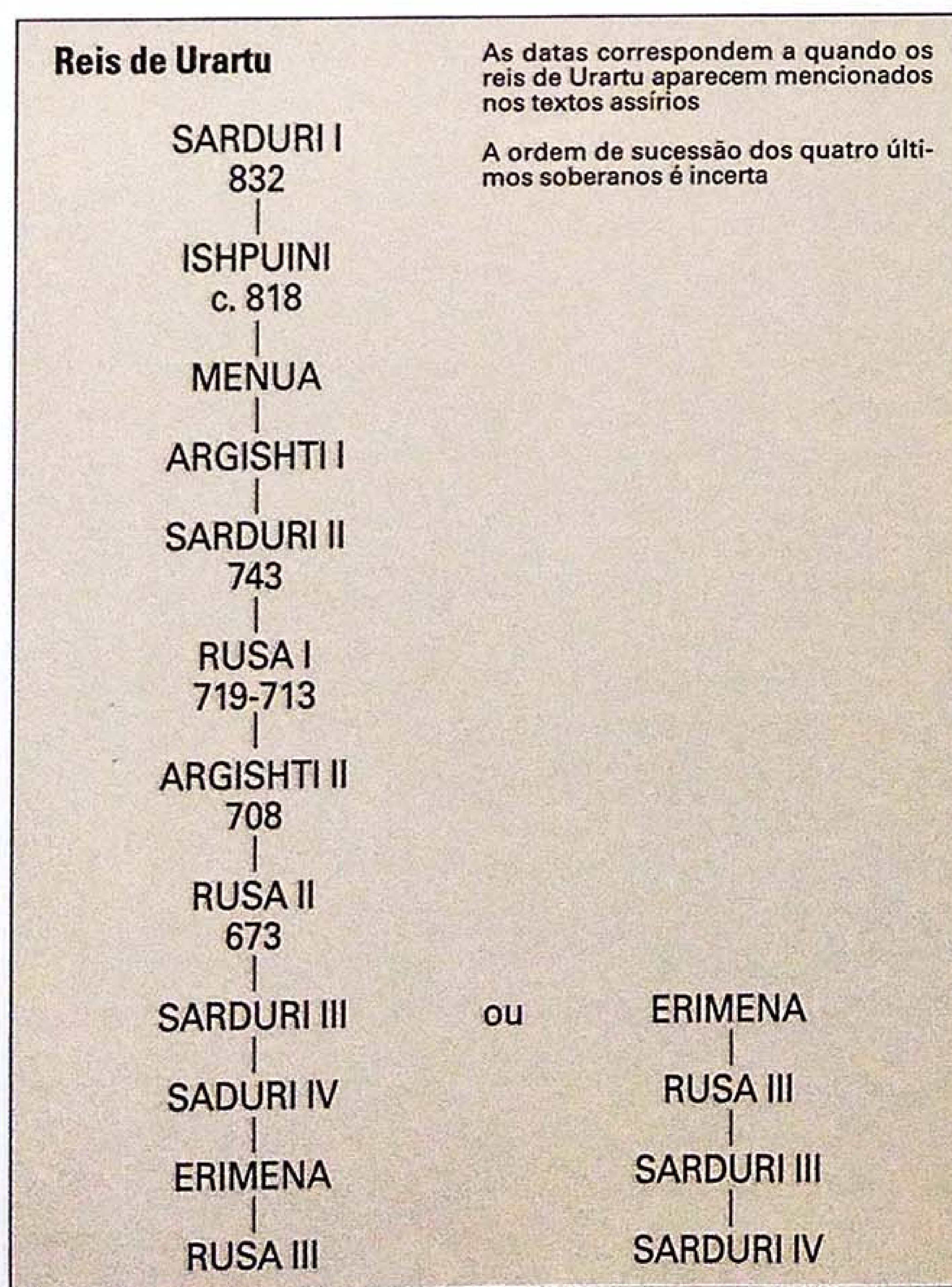
O reino de Urartu

Desde o século XIII a.C., os reis do período médio assírio lutaram com Nairi, nome pelo qual era conhecida a região de Urartu. Nessa época, esta região se encontrava dividida entre numerosos soberanos, mas no século IX foi unificado sob o poder único. A unificação pode ter sido resultado da ameaça crescente que o Império Assírio representava. O núcleo do território ficava nas margens do lago de Van e grande parte do país ficava nas altas estepes montanhosas, onde a neve as cobria durante o Inverno. As montanhas entre o lago de Van e a Assíria revelaram-se um obstáculo para os conquistadores assírios, podendo assim o reino de Urartu sobreviver e prosperar. Inclusivamente, quando o exército assírio conseguiu chegar às cidades de Urartu nas terras altas, eram incapazes ou nem sequer tinham interesse em ocupar as terras.

Grande parte da história de Urartu vem de fontes assírias, mas a partir do século IX encontraram-se inscrições dos reis de Urartu. As mais antigas estão escritas em língua assíria, e até os títulos dos reis foram emprestados pelos assírios, concretamente de Assurnasirpal II. Os reis posteriores usaram a escrita assíria, mas escreviam na sua própria língua, que tinha vínculos com a hitita. No seu próprio idioma, o país de Urartu era denominado Biainili, donde provavelmente procede o nome do lago de Van. Os nomes e a ordem de sucessão dos primeiros oito reis, cada um dos quais sucedeu ao seu pai, pôde reconstruir-se a partir das inscrições de Urartu e dos textos assírios, mas a ordem sucessória dos quatro últimos membros da dinastia não está clara.

A distribuição das inscrições pode ajudar a termos uma idéia da extensão do território de Urartu. Shalmaneser III vangloriou-se de ter destruído as cidades reais de Sugunia e de Arzashkun, que pertenciam ao rei Aramu, mas a localização destas cidades e o vínculo deste soberano com os reis posteriores de Urartu não estão esclarecidos. Sarduri I, rei de Urartu em 832 a.C., foi, segundo a inscrição de Shalmaneser III, o primeiro monarca de Urartu que mandou fazer inscrições. Encontraram-se todas na sua capital, Tushpa (Van Kale, próximo da atual cidade de Van), que pode ter-se transformado na capital depois de outros centros terem sido destruídos pela Assíria.

Ishpuini, filho de Sarduri, deixou algumas inscrições ao norte e a nordeste do lago de Van, e outras, associado ao seu filho Mênua, 200 km ao norte de Tushpa e a 250 km a sudeste, em Kelishin, assim como em Qalatgah, a sudoeste do lago de Urmia, no Irã. Encontraram-se também inscrições de Mênua 300 km a oeste de Tushpa, na região ribeirinha do curso superior do Eufrates, no norte, na margem do Araks, e ao sul do lago de Urmia. Em meados do século VIII a.C., Argishti I estendeu os domínios de Urartu ao lago Sevan, no norte. Este período de expansão coincidiu com uma época de debilidade do império assírio. Embora os territórios conquistados por Urartu nunca tivessem feito parte do Império Assírio, a ausência de ameaças de invasão procedentes do sul contribuiu para o êxito de Urartu.



Cultura de Urartu

Urartu deve muito aos assírios, mas a sua cultura era claramente diferente. As povoações mais habituais de Urartu localizavam-se no alto de cumes rochosos e escarpados, e eram bem fortificadas com muralhas de pedra com reforços e torres. O deus principal era Haldi, provavelmente um deus guerreiro, cujo templo mais importante se encontrava em Musasir (Ardini, na língua de Urartu), entre a Assíria e o lago de Urmia. O deus Teisheba relacionava-se com Teshup, o deus hurrita do tempo, e seu templo ficava em Qumenu, lugar sem localização precisa. O deus da cidade de Tushpa era o deus do sol Shiwine. Os textos de Urartu mencionam algumas construções religiosas dedicadas na sua maioria ao deus Haldi. Eram denominados *susi* (templos ou portas) e muitas vezes usavam a inscrição "portas de Haldi". A forma típica dos templos escavados em Urartu era a de uma planta quadrada com paredes muito grossas. A sala interior media 5 m por 5 m, e a área total tinha quase 15 m². A planta era semelhante à dos edifícios em forma de torre alta erigidos pelos reis persas no século VI a.C. É possível que originariamente os templos de Urartu tivessem esta estrutura.

O reino de Urartu foi fundado por Mênua, tendo-se encontrado mais de 70 inscrições referidas em quase todos os principais projetos de construção, incluindo palácios, cidades, canais de irrigação, armazéns e templos. A riqueza de Urartu baseava-se na agricultura, no cultivo de cereais, nas hortas e nos vinhedos e na criação de gado e de cavalos. Eram também especialistas em trabalhos em ferro e bronze.

A destruição de Hasanlu

Durante a época de expansão do rei Mênua para sudeste, os exércitos de Urartu chegaram provavelmente à povoação de Hasanlu, que foi destruída por um gigantesco incêndio no final do século IX a.C. Entre 1500 a.C. e 1000 a.C. Hasanlu foi habitada por um povo que usava uma cerâmica cinzenta ou preta envernizada de forma peculiar. No 1.º milênio, os seus edifícios constavam de um amplo pórtico, com um

Páginas 168-169: detalhe de um relevo de bronze das Portas de Shalmaneser III, encontradas em Imgur-Enlil (Balawat). Na faixa superior, os carros assírios dirigem-se para uma cidade na região de Hama, nas margens do Orontes. Na inferior, Shalmaneser no seu trono recebe o espólio depois da batalha de Qarqar.

dintel apoiado em colunas, que através de uma antecâmara conduzia a um vestíbulo retangular com duas fileiras de colunas de madeira. Uma escada de caracol ou uma rampa conduzia ao exterior da antecâmara. Na parte sudoeste da cidade, escavaram-se quatro destes edifícios, que provavelmente eram palácios construídos pelos sucessivos soberanos. Na época de destruição de Hasanlu alguns já não eram utilizados como palácios mas como armazéns e, em um caso concreto, como estábulo. Hasanlu foi capturada depois de uma batalha, os cadáveres foram abandonados onde tinham caído e a cidade foi incendiada antes de se iniciar o saque.

O achado mais destacado foi uma tigela de ouro lavrado que se encontrava ao lado dos esqueletos de três homens. É provável que se encontrassem no andar de cima de um edifício quando o chão deste desmoronou, provocando a sua morte e enterrando a tigela. Não se pode saber se os homens estavam guardando a vasilha ou se eram invasores durante o saque das casas ricas da cidade. Provavelmente, o vaso datava de um período anterior em várias centenas de anos à data da destruição de Hasanlu, dado que já mostrava cenas de deuses, deusas, animais e carros associados com os mitos hurritas. A grande variedade de objetos achados em Hasanlu ilustra muitos aspectos da vida urbana e palaciana da época. Entre as ruínas encontraram-se armas, arreios de cavalos, jóias, vasilhas de bronze e de prata junto dos corpos dos assassinados durante o saque.

Embora a destruição fosse provavelmente obra do exército de Urartu, liderado por Mênua, a ausência de inscrições nada permite assegurar. Alguns especialistas atribuem-na aos assírios e situam-na um século depois. Depois de uma época de abandono, foi construída uma fortificação do estilo das de Urartu, fato que sustenta a idéia de uma conquista das tropas de Urartu.

As civilizações antigas do Irã ocidental

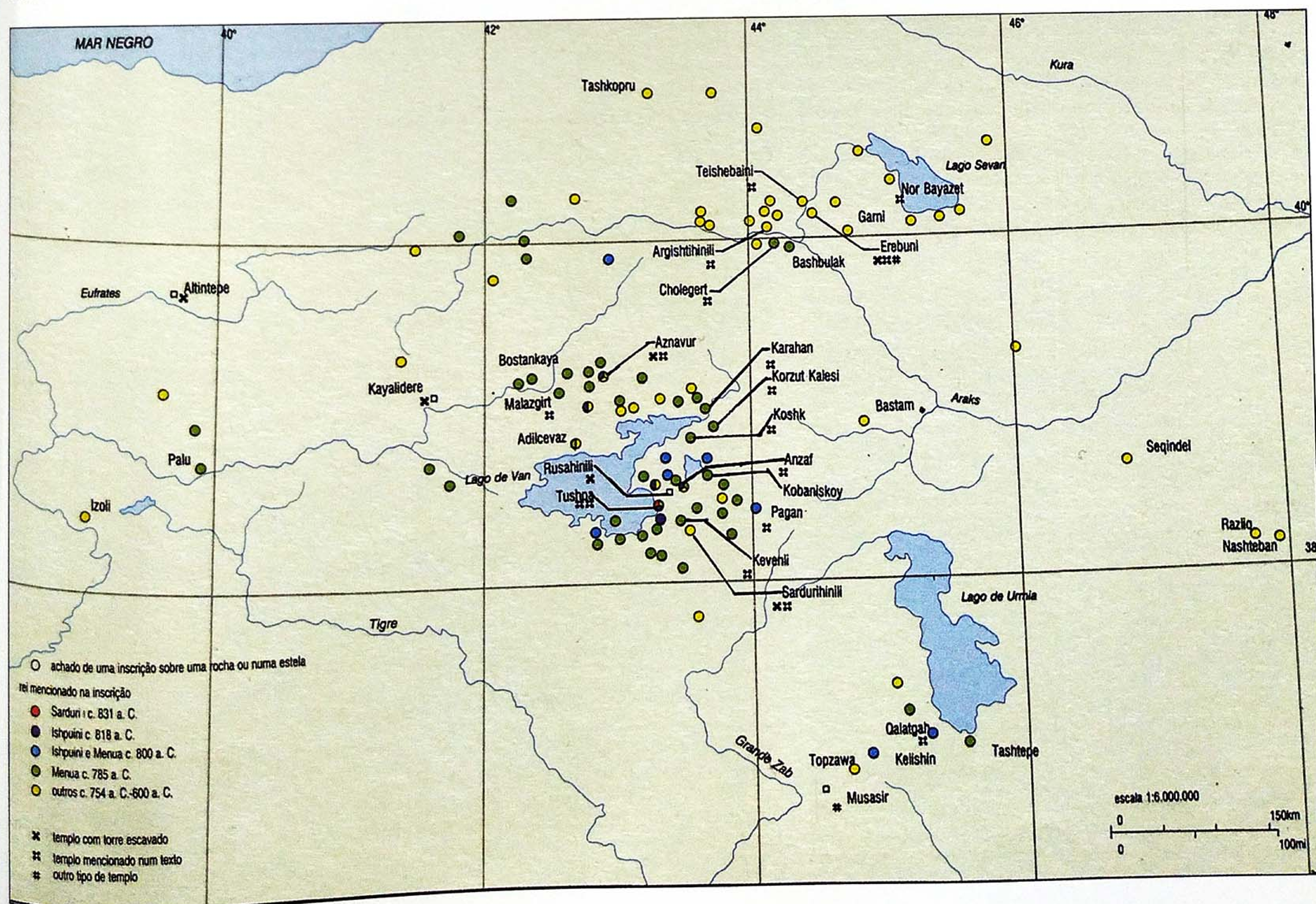
Hasanlu encontrava-se em uma região que, segundo as fontes assírias, era ocupada pelos maneus, um dos muitos povos encontrados por Shalmaneser III no decurso das suas campanhas no leste. Outros dois povos da região foram identificados com os medos e os persas, posteriores senhores do Oriente Médio. Em 843 a.C., Shalmaneser andou através do país de Pársua, e em 835 a.C. recebeu os presentes dos 27 reinos de Pársua antes de prosseguir o seu caminho para o país dos medos.

No entanto, embora os nomes de Pársua e da Pérsia (denominada Parsa no século VI a.C.) sejam parecidos, é pouco provável que o país de Pársua que Shalmaneser menciona fosse a pátria posterior dos persas, situada no Sudeste de Susa. Uma teoria antiga postula que os persas emigraram para o sul entre os séculos IX e VI a.C., mas o mais provável é que se tratasse de duas regiões com o mesmo nome.

"Pársua" significa "país fronteiriço" em persa e, por conseguinte, poderia aplicar-se a diferentes regiões. A denominação volta a aparecer três séculos depois designando o país de Pártia, no Nordeste do Irã.

Não se conhece a extensão da Média e da Pártia, embora se suponha que estivessem situadas próximo da rota principal através das montanhas que unia a Babilônia ao planalto do Irã, passando por Hamadã, que seria

O reino de Urartu
Os habitantes de Urartu viviam nas montanhas áridas situadas no que hoje é a intersecção de Turquia, Iraque, Irã e da ex-União Soviética. Os trabalhos intensos de escavação revelaram muitos povoados fortificados de Urartu nos contrafortes rochosos das montanhas. Urartu era o principal rival da Assíria e a sua fronteira meridional situava-se próxima do núcleo do território assírio. Em Urartu usava-se a escrita cuneiforme, primeiramente em assírio e depois em língua vernácula, mas foram encontrados poucos documentos. A maior parte da informação procede dos achados arqueológicos, das inscrições monumentais dos reis gravadas na rocha e das fontes assírias. No século IX a.C., os domínios de Urartu se limitavam à região do Lago de Van e à capital, Tushpa, mas em meados do século seguinte estenderam-se até o Lago Sevan, o lago de Urmia e o Rio Eufrates, no oeste. A civilização de Urartu deve à Assíria, mas possuía uma cultura peculiar, como se deduz de fortificações, templos, palácios, túmulos, cerâmica e obras de arte.



depois a capital dos medos. Como as povoações de 1000 a.C. a 800 a.C. não foram pesquisadas, a única informação disponível é a dos textos cuneiformes. Pelo seu testemunho, parece que naquela época não existiam os dois reinos propriamente ditos, mas estariam divididos em pequenos grupos independentes.

Mais para sul, os assírios encontraram o reino de Ellipi, provavelmente encravado no Luristão. Nos primeiros três séculos do 1.º milênio a.C., o Luristão era o centro de uma indústria florescente do bronze. Algumas peças eram simétricas, lavradas com esmero, que representavam animais fantásticos, que se identificaram com moldes. Outras eram jaezes ou ornamentos de arreios para cavalos, decorados com figuras de animais e de demônios. A maioria dos bronzes do Luristão que sobreviveram foram saqueados pelos ladrões de túmulos e vendidos nos mercados de antiguidades, mas no decurso das escavações arqueológicas encontraram-se algumas peças deste período.

Os sucessores de Shalmaneser

Durante os reinados de Assurnasirpal II e Shalmaneser III, a Assíria apoderou-se gradualmente das terras baixas do Oriente Médio. Os seus exércitos marcharam com relativa liberdade pelas terras altas do norte e do leste, mas depois começaram a encontrar maior resistência. De acordo com os anais registrados no Obelisco Preto de Kalhu, em 832 a.C. as tropas assírias eram lideradas por Dayyan Assur, vizir principal de Shalmaneser e durante os quatro anos seguintes o rei permaneceu em Kalhu. Talvez depois de 30 anos no trono, Shalmaneser estivesse exausto das suas campanhas anuais, tendo delegado no seu vizir, que permaneceria no cargo mais de vinte anos. Provavelmente o seu filho mais velho, Assur-danin-apla, ter-se-ia sentido ofendido por não ter sido o alvo desta honra.

Segundo a lista dos *limmu*, a lista dos funcionários assírios que davam nome ao ano, em 828 a.C. rebentou uma revolta liderada por Assur-danin-apla, que se prolongou até muito depois da morte de Shalmaneser, em 824 a.C. À exceção de Kalhu, as principais cidades da Assíria, Imgur-Enlil, Nínive, Assur e Arbil, uniram-se aos rebeldes. No entanto, não foi Assur-danin-apla quem sucedeu a seu pai no trono, mas outro filho de Shalmaneser, que adotou o nome de Shamshi-Adad V (823 a.C.-811 a.C.).

Não se conhecem as circunstâncias da sua vitória, mas é possível que recebesse a ajuda de Marduk-zakir-shumi, a quem Shalmaneser tinha ajudado para conseguir impor as suas pretensões ao trono da Babilônia. De fato, Shamshi-Adad tinha feito um tratado com Marduk-zakir-shumi segundo o qual os assírios se viram obrigados a aceitar um papel subordinado, talvez porque, nessa época, estivesse ocupado na luta contra o irmão.

Alguns anos depois, Shamshi-Adad vingou-se da humilhação infligida pelas condições do tratado. Capturou Marduk-balassu-iqbi, filho rei babilônico e levou-o prisioneiro para a Assíria. Nas campanhas seguintes expulsou o sucessor de Marduk-balassu-iqbi e, tal como Shalmaneser e os reis da Babilônia, visitou com devoção os santuários da Babilônia, Borsippa e Kutha. Depois da morte de Shamshi-Adad, a sua rainha Sammuramat tornou-se a regente da Assíria durante os cinco anos da menor idade do seu filho Adad-nirari. Pouco sabemos dos seus feitos, mas a sua reputação sobreviveu e entrou na lenda grega como a bela mas cruel rainha Semíramis.



À esquerda: Estela de Shamshi-Adad V (823 a.C.-811 a.C.) encontrada em Kalhu e provavelmente erigida no templo de Nabu. O rei veste traje da corte com o toucado e o diadema típico da monarquia assíria. Segura um cetro e aponta para adiante com o dedo indicador em sinal de reverência. Diante do seu rosto há símbolos dos deuses principais: o toucado com chifres de Assur, o deus-sol de Shamash, a meia-lua e o círculo de Siri, o raio bifurcado de Adad e a estrela de Istar. A inscrição foi gravada após a sua quarta campanha e contém pormenores da insurreição que se estendeu pela Assíria no final do reinado do seu pai Shalmaneser III. Altura: 1,98 m. Largura: 94 cm.



À direita: Detalhe do Obelisco Preto de Shalmaneser III (858 a.C.-824 a.C.). Na faixa superior lê-se "tributo de Iaua, filho de Humri", o qual se apresenta prostrado diante de Shalmaneser. Iaua foi identificado como rei israelita Jehu, que usurpou o trono e assassinou os descendentes de Omri. A faixa inferior mostra o tributo de Musri (possivelmente Egito) que curiosamente inclui camelos de uma variedade geralmente encontrada no Irã.

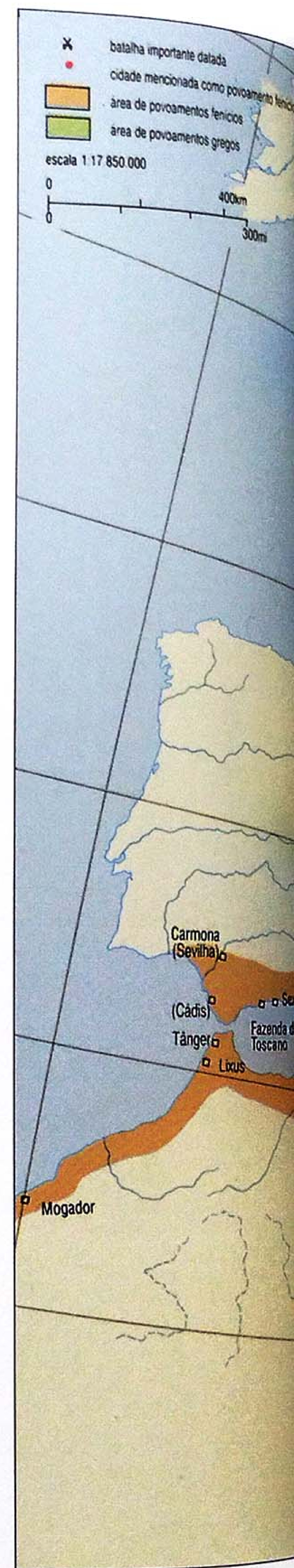
A decadência da Assíria

Durante os 60 anos seguintes, a Assíria atravessou uma fase de relativa decadência. A importância dos monarcas viu-se reduzida, dado que os governadores provinciais usurparam muitas das atribuições destes. Palil-irish, cujo nome se lê por vezes Nergal-eresh, governador de Rasappa, erigiu estelas e fundou cidades em seu próprio nome, tal como o governador Bel-Harran-bel-usur, que manda gravar a sua imagem e não a do rei nos monumentos. O mais poderoso entre estes governadores foi, no entanto, o grande vizir Shamshi-ilu. Administrava a parte ocidental do reino assírio desde Kar-Shalmaneser (antiga Til Barsip), nas margens do Eufrates, tendo registrado as suas campanhas no seu próprio nome sem nenhuma menção do rei.

Em meados do século IX a.C., Shamash-resh-usur, que governava Suhu, situada nas margens do Eufrates, próximo de Ana, e que tinha resistido com êxito aos ataques de Assurnasirpal, mandou compilar os seus feitos em uma estela gravada, encontrada na Babilônia, para onde foi levada por algum rei posterior. Um dos seus maiores orgulhos foi a introdução das abelhas para a produção de mel e de cera nos campos de Suhu.

Durante este período de decadência da Assíria, nos registros dos *limmu* Bursagale, governador de Guzana, aparece consignada uma rebelião que aconteceu na cidade de Assur e um eclipse do Sol no mês de Simanu. Foi identificado como o eclipse do Sol, quase total, observado em Nínive entre 9h33 e 12h19 na manhã de 15 de junho do ano de 763 a.C. Esta identificação foi o ponto de partida que permitiu estabelecer a cronologia dos reis assírios e babilônicos até meados do 2.º milênio a.C.

O TRIUNFO DA ASSÍRIA (750 a.C.-626 a.C.)



O ressurgimento da Assíria

A rápida expansão assíria no século IX a.C. foi seguida de uma fase de estagnação na primeira metade do século VIII a.C. As fronteiras da Assíria continuaram a ser quase as mesmas, mas os governadores das províncias agiam como soberanos independentes. Os vizinhos da Assíria, como Urartu e Fenícia, continuavam políticas que não tinham em conta os interesses dos reis assírios. Este período de debilidade acabou com a ascensão de Tiglath-pileser III (744 a.C.-727 a.C.). A relação dos *limmu* registra uma revolta na cidade de Kalhu em 746 a.C., pouco antes de Tiglath-pileser se tornar rei. Se houve uma conexão entre os dois acontecimentos não se sabe, mas é possível que o novo rei fosse um usurpador. Tradicionalmente os reis assírios justificavam as suas pretensões ao trono com os argumentos da emanação divina ou do seu caráter hereditário. No entanto, Tiglathpileser nunca menciona os seus antepassados nas inscrições, talvez por causa da sua ascensão irregular ao trono. Na inscrição de um tijolo do templo de Assur chama-se a si próprio filho de Adad-nirari, que morrera cerca de quarenta anos antes de Tiglath-pileser reinar.



Tiglath-pileser não perdeu tempo e conseguiu uma vez mais a hegemonia para a Assíria no Oriente Médio. No início do seu reinado dirigiu o seu exército para o sul e derrotou as tribos aramaicas instaladas no Norte e no Nordeste da Babilônia. Chegou até Dur-Kurigalzu e Sippar e recebeu o remanescente das oferendas dos templos da Babilônia, Borsippa e Kutha, que geralmente só se entregava aos reis da Babilônia. Vangloriou-se de ter conquistado os territórios que chegavam até o rio Uknu (talvez o Karkheh) nas margens do mar Inferior (o golfo Pérsico). Modificando a política dos reis assírios anteriores, Tiglath-pileser anexou Estados situados nas margens mais afastadas do Eufrates, fora dos limites tradicionais da Assíria. Designou um *sha reshe* (eunuco) como governador das cidades da Babilônia e reclamou o título do rei de Suméria e de Acádia, mas permitiu a Nabu-nasir, rei da Babilônia (747 a.C.-734 a.C.), conservar o trono. Em 734 a.C., Tiglath-pileser confrontou-se com uma coligação dos soberanos de Urartu, Arpad, Malatya, Kummuh e Gurgum, liderada por Sarduri II, rei de Urartu. Tiglath-pileser derrotou os seus inimigos na batalha de Kummuh (Commagen, no Sul da Turquia). Sarduri fugiu para as montanhas, mas o assírio perseguiu-o e chegou até Tushpa, a capital de Urartu (nas margens do lago de Van), onde mandou erigir uma estela apesar de não conquistar a cidade.

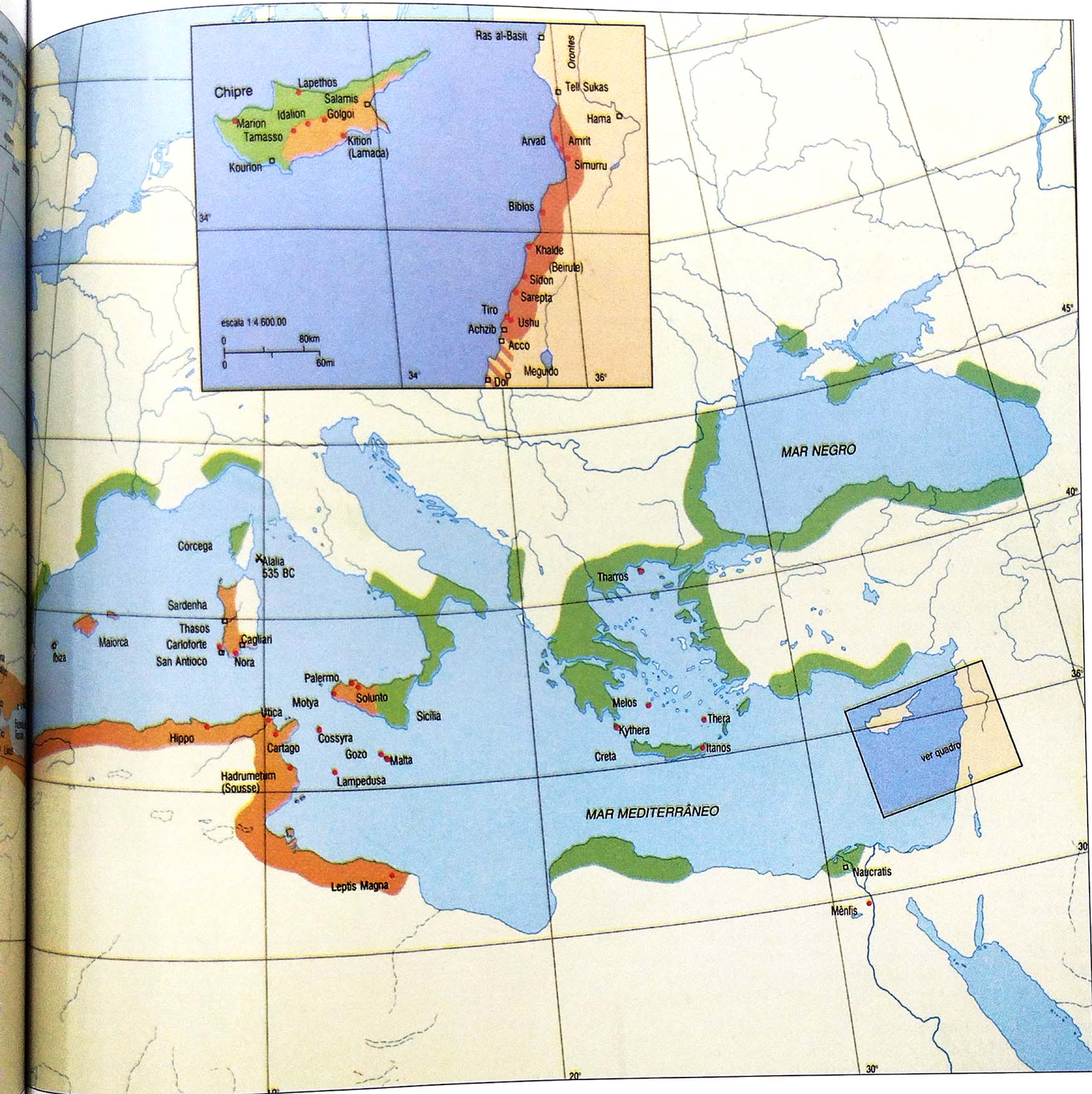
Nos doze anos seguintes, Tiglath-pileser fez campanhas no oeste, primeiramente contra Arpad, que caiu em 740 a.C., depois contra Unqi (a planície de Amuq) e Aram (Damasco). Alguns dos Estados conquistados eram anexados às províncias existentes ou constituíam novas províncias; outros ficavam nas mãos de soberanos pró-assírios, que pagavam um tributo anual ao rei assírio. No final do reinado de Tiglathpileser, a lista das regiões tributárias incluía os Estados neo-hititas e aramaicos da Síria e do Tauro, as cidades fenícias do litoral, Israel, Judéia e Gaza, os Estados do interior Amon, Moab e Edom, assim como as tribos árabes do interior, entre elas as de Tima e de Sab'a (Sheba). Aliados destas conquistas, os pequenos Estados vizinhos, aliados dos assírios, reclamavam muitas vezes a intervenção da Assíria para solucionar os seus assuntos internos. Em uma inscrição de Kilawuma de Sam'al, menciona-se que este rei "alugou os serviços" do rei da Assíria (talvez Shamshi-Adad V, 823 a.C.-811 a.C.) para lutar contra o reino vizinho de Adana (Danuna). Ahaz da Judéia reclamou a ajuda de Tiglath-pileser, e Bar-rakib, um rei posterior de Sam'al, fez consignar que o seu pai tinha "tocado na ponta do fato de Tiglath-pileser" e que ele próprio ao lado do seu pai "correram ao lado da roda do carro do rei da Assíria" e que o seu reino prosperou à custa desta aliança.

Os fenícios

Os fenícios que habitavam as cidades do litoral mediterrânico no 1.º milênio a.C. eram provavelmente os descendentes dos povoadores cananeus do Levante na Idade do Bronze. A palavra "fenício" era grega e aplicava-se também à tintura de púrpura que se obtinha da concha do múrice, que tanta fama deu aos fenícios. Estes geralmente se referiam a si próprios com o nome da sua cidade de origem. Eram grandes marinheiros e a sua prosperidade vinha do comércio e, especialmente, da madeira dos valiosos bosques de cedros das montanhas situadas nos arredores das cidades costeiras.



Nos últimos séculos do 2.º milênio, algumas regiões de Chipre ficaram sob influência fenícia e posteriormente os fenícios estabeleceram colônias na ilha. O comércio de cobre cipriota, que na Idade do Bronze passava por Ugarit, desviou-se pelas cidades fenícias de Tiro, Sidon, Biblos e Arvard. Conforme os autores clássicos, os fenícios estabeleceram colônias por todo o Mediterrâneo e fundaram Cádis (Gades) em 1110 a.C., Utica em 1101 a.C., Lixus um pouco antes, Sicília no sé-



Acima, à esquerda: Relevo de tamanho natural que representa o rei assírio Tiglath-pileser III, encontrado no palácio central de Kalhu. Altura: 1,08 m. Largura: 1,07 m.

À esquerda: Moeda de Biblos de um tipo que cunhado pela primeira vez no início do século IV a.C., com o motivo de uma galera fenícia sobre uma criatura marinha fabulosa. O poder fenício baseou-se no controle do mar durante o 1.° milênio a.C.

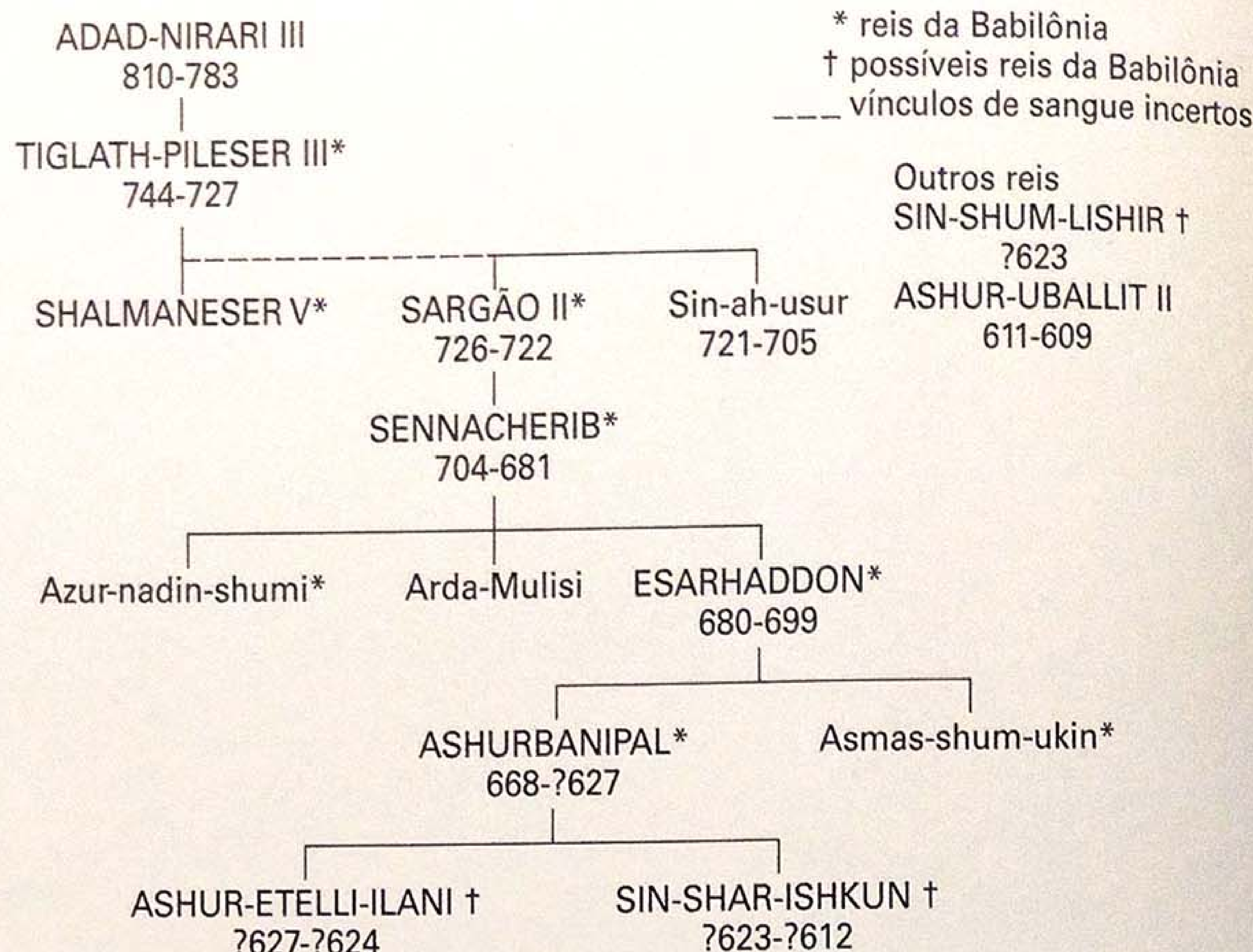
O mundo fenício
A pátria dos fenícios era situada na costa oriental do Mar Mediterrâneo e as suas cidades principais eram Tiro, Sídon, Biblos e Arvad. No início do 1.° milênio a.C. os fenícios e os gregos estabeleceram colônias por todo o Mediterrâneo. Geralmente, os fenícios ocupavam a zona meridional, e os gregos, a setentrional. A principal colônia fenícia era Cartago, que conseguiu dominar todo o Mediterrâneo ocidental até que suas ambições enfrentaram a oposição de Roma. Os fenícios eram uma potência marítima importante, sua frota era usada pelos assírios e pelos persas e seus navios sulcavam as águas além do Mediterrâneo. Segundo Heródoto, uma embarcação fenícia fretada pelo faraó egípcio Necho II contornou a África em 600 a.C. A travessia do Mar Vermelho ao Estreito de Gibraltar demorou três anos. Os cartagineses também eram grandes exploradores e alcançaram as costas da Bretanha no século V a.C.

culo VIII a.C. antes da colonização grega, e Cartago em 814 a.C. No entanto, estes dados não estão confirmados com provas arqueológicas. As inscrições fenícias mais antigas em Chipre foram datadas por volta de 850 a.C. e qualquer vestígio dos fenícios parece ser posterior ao ano 800 a.C. Uma das razões do estabelecimento de colônias pode ser a crescente pressão da Assíria, que impôs tributos às cidades fenícias. No século VII a.C. os assírios conquistaram Sidon e Tiro e as colônias ocidentais passaram para mãos de Cartago.

Relações entre a Assíria e a Babilônia

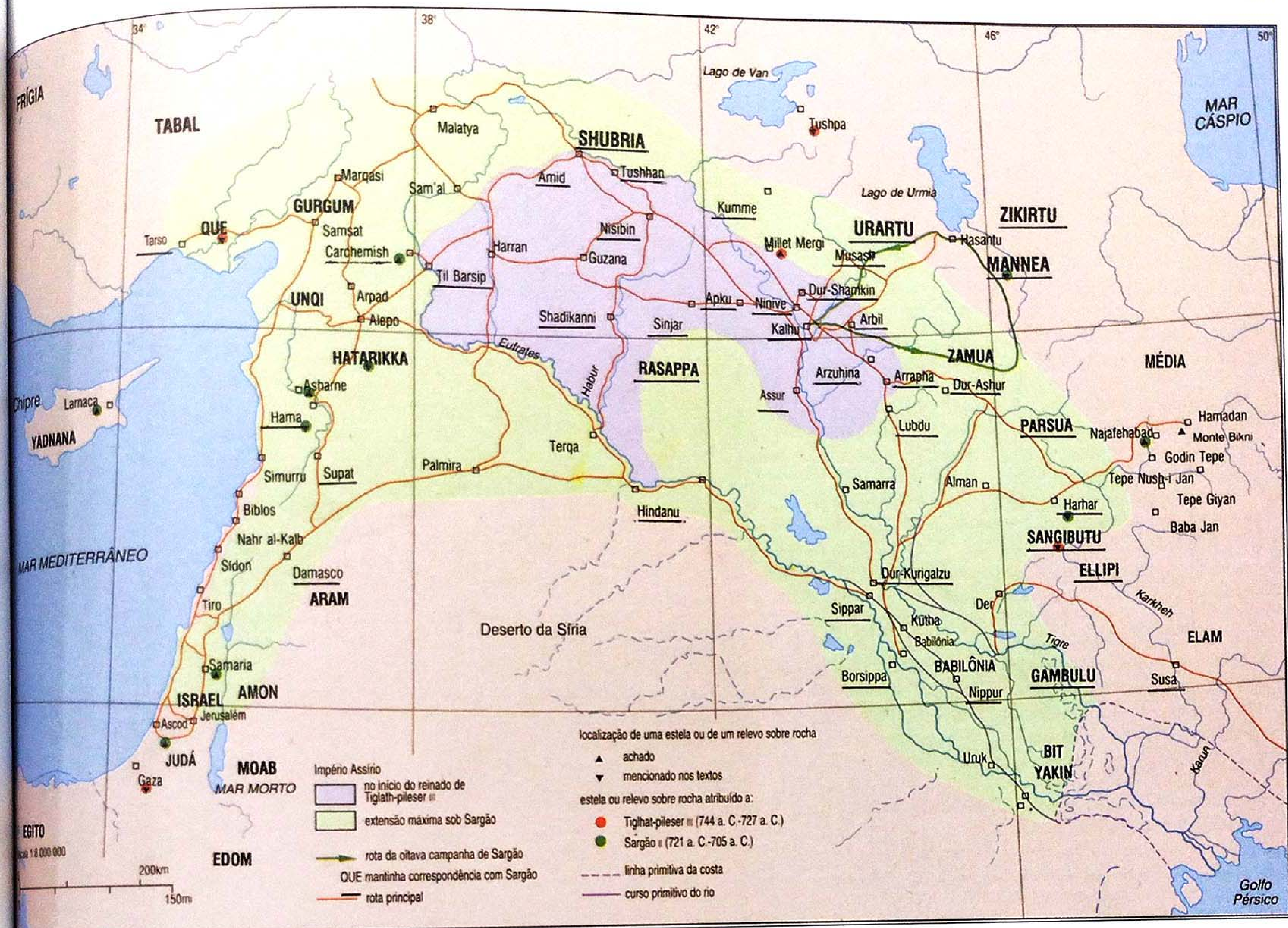
Nabu-nasir, rei da Babilônia, morreu em 734 a.C. Dois anos depois o seu filho foi expulso do trono e, um

pouco depois, o senhor de Bit-Amukani, uma tribo caldéia da região a sul de Nippur, tomou o poder na Babilônia. Como resposta, Tiglath-pileser marchou contra os caldeus e, depois de uma campanha vitoriosa, recebeu a submissão dos caudilhos caldeus e aramaicos. Entre eles encontrava-se Marduk-apla-iddina, o chefe da tribo Bit-Yakin, que depois se confrontaria com os sucessores de Tiglath-pileser. Em 729 a.C. este decidiu assumir o governo da Babilônia em vez de designar um rei vassalo ou reduzir a santa e venerável cidade à condição de província. Nos festejos do ano-novo de 728 a.C. e 727 a.C., fez as vezes de rei da Babilônia. As relações entre a Assíria e a Babilônia tinham um grande significado. A Babilônia era um importante centro religioso e cultural que, apesar da sua debilidade militar, influía na política assíria. Os assírios usavam o dialeto babilônico nas obras literárias e até nas inscrições reais, enquanto as cartas e os contratos se escreviam em assírio. Os soberanos assírios tendiam a manifestar-se pró ou contra os babilônios e no decurso do século seguinte a sua política sobre a Babilônia oscilou com violência, porque queriam obter um acordo estável para o governo da região sul.





À esquerda: Estela encontrada em Sam'al que representa Bar-rakib, o soberano pró-assírio da cidade (Zinjirli), sentado em um trono semelhante ao dos monarcas assírios. Na sua presença está de pé um escriba com uma caixa de penas de escrever e uma ardósia, certamente usada para escrever em aramaico, língua da inscrição da estela. Alguns soberanos de Sam'al tinham nomes aramaicos, outros eram hititas ou luvitas. Bar-rakib subiu ao trono por volta de 732 a.C., após a morte do seu pai em batalha, lutando como aliado do rei assírio, Tiglath-pileser III. Apesar da atitude favorável para com os assírios por parte dos seus reis, Sam'al foi reduzida ao status de província do Império Assírio antes de 681 a.C. Altura: 1,14 m.



O Império Assírio no final do século VII a.C.
Durante os reinados de Tiglathpileser III e Sargão II, a política externa da Assíria experimentou certas mudanças. Como conseqüência, grandes regiões do Oriente Médio fora dos antigos limites da Assíria passaram à administração provincial do império. As comunicações nesta vasta área eram facilitadas por um sistema de correios, com paradas distribuídas regularmente ao largo das principais rotas. O império criado por Sargão e Tiglath-pileser se manteve pelo menos durante mais um século. A sua expansão progrediu com as contínuas campanhas que se registravam nos anais reais. Uma das mais famosas é a oitava campanha de Sargão em 714 a.C. quando Urartu foi derrotada. No entanto, a rota seguida nesta campanha foi muito discutida e alguns especialistas no tema julgam que os assírios contornaram totalmente o Lago de Urmia.

Reformas de Tiglath-pileser

Os êxitos políticos e militares de Tiglath-pileser baseavam-se em uma reorganização fundamental do aparelho estatal assírio. Reformou o exército, estabelecendo uma força profissional de mercenários, sobretudo arameus, como soldados de infantaria. As tropas montadas, a cavalaria e os soldados em carro eram na sua maioria assírios, mas também incluíam alguns reforços estrangeiros. Os carros eram controlados pelo *rab sha reshe*, o eunuco principal. O rei valia-se dos eunucos para travar as aspirações de poder dos nobres assírios; os governadores provinciais eram na sua maioria eunucos, dado que, por não terem descendência, se mantinham fiéis ao rei. Como medida de governo, Tiglath-pileser levou a cabo deportações em grande escala e relocações de povos inteiros; avança-se o número de 150.000 caldeus e de 65.000 medos deportados. Muitos eram transladados para a Assíria, onde trabalhavam ao serviço do rei ou como camponeses. Por vezes, transladavam-se os habitantes de umas regiões para outras como método para reprimir as tendências nacionalistas e locais.

Shalmaneser V sucedeu a seu pai Tiglath-pileser. Durante o seu breve reinado (726 a.C.-722 a.C.) continuou a política daquele e foi coroado rei da Babilônia e da Assíria. Na Lista dos Reis da Babilônia, Shalmaneser e o seu pai aparecem registrados como Ululayu e Pulu respectivamente, e os mesmos nomes encontram-se nas fontes gregas e bíblicas. Tratava-se provavelmente dos seus nomes originais, que trocaram por outros mais adequados por causa da sua ascensão ao trono. Os anais de Shalmaneser não sobreviveram, mas, segundo a Bíblia, Samaria, a capital de Israel, foi atacada e destruída por Shalmaneser, e os israelitas deportados para a Assíria.

A ascensão de Sargão II

Permanecem obscuras as circunstâncias que levaram Sargão a substituir Shalmaneser V como rei da Assíria em 722 a.C. Uma das inscrições de Sargão sugere que este contou com a ajuda dos cidadãos de Assur, que se negavam a pagar os impostos que Shalmeneser tinha estabelecido. Nas suas inscrições Sargão não menciona os seus antepassados e evita qualquer referência ao seu predecessor, a quem chama "o príncipe que esteve antes de mim". O nome Sargão significa "rei legítimo", e faz suspeitar que não foi o sucessor designado por Shalmaneser.

Não há nenhum texto sobre as campanhas de Sargão nos primeiros dois anos do seu reinado, talvez porque estivesse ocupado em reafirmar a sua posição na Assíria. No entanto, os anais posteriores ao seu reinado retiram a conquista de Samaria, obra de Shalmaneser, e atribuem-na a Sargão, situando-a nos primeiros tempos do seu reinado. Na primavera de 720 a.C., Sargão marchou para o sul, possivelmente com a intenção de reconquistar a Babilônia, que, durante as desordens que rodearam a ascensão de Sargão caiu nas mãos de um senhor caldeu, Marduk-apla-iddina II, chamado Merodach-baladan na Bíblia, da tribo Bit-Yakin. Quando

chegaram às proximidades de Der, os assírios confrontaram-se com os elamitas, dirigidos pelo seu rei Humban-nikash I (743 a.C.-717 a.C.), mas os babilônios só chegaram depois de terminada a batalha.

Sargão vangloriou-se de ter obtido uma vitória total enquanto em uma crônica da Babilônia aparece claro que os elamitas tinham vencido. De fato, é possível que tudo tenha ficado em nada, e que os assírios tenham mantido o controle da cidade de Der, mas evitaram qualquer confronto adicional com o Elam ou a Babilônia durante os próximos dez anos.

Sargão dirigiu a sua atenção para o oeste, onde os soberanos de Hama, Simurru, Damasco e Samaria tinham abandonado a sua aliança com a Assíria de modo oportunista. Foram vencidos por Sargão em Qarqar, onde em 853 a.C. uma coligação semelhante se confrontara com Shalmaneser. Quando Gaza, ajudada ativamente pelos egípcios, se revoltou, Sargão estendeu o controle assírio até as próprias fronteiras egípcias.

Os assírios fizeram também tentativas de dominar os territórios ao norte e a oeste do Eufrates, mas enfrentaram a competição de duas das principais potências do planalto da Anatólia, os mushkis no noroeste, e Urartu no nordeste. Quase 400 anos antes Tiglath-pileser I (1114 a.C.-1076 a.C.) tinha feito frente aos mushkis. Não há provas arqueológicas da ocupação das povoações na Anatólia central entre os séculos XII a.C. e VIII a.C., mas é certo que os mushkis viviam na região que os gregos denominavam Frígia. Segundo as lendas gregas, os frígios chegaram à Anatólia na época da guerra de Tróia, no final da Idade do Bronze Final. Alguns especialistas pensam que foram os responsáveis pela destruição de Hatusa no final do Império Hitita, por volta de 1200. a.C., mas não há provas que corroborem a sua presença na região em épocas tão precoces. É falível também que mushkis e frígios fossem nomes alternativos para designar o mesmo povo. Em qualquer caso, no século VIII a.C. estavam unidos sob a égide de um único soberano.



Acima: Neste relevo da nova capital que Sargão II fundou em Dur-Sharrukin (Khorsabad), o rei está diante de um alto funcionário da sua corte, provavelmente o príncipe herdeiro, seu filho e sucessor, Senaqueribe. O rei usa a tiara real assíria e um traje decorado com fitas possivelmente bordadas a ouro, costuradas no tecido. Foram ancontrados dois esqueletos cobertos com um tipo parecido de tecido em um sarcófago de pedra de um túmulo de Kalhu, onde é possível que tenha sido enterrada Yabam, a rainha de Tiglath-pileser III; Baniti, a esposa de Shalmaneser V; e Atalia, a mulher de Sargão II. Altura: 2,90 m. Largura: 2,30 m.

O rei Midas da Frígia

O rival de Sargão nesta região, o soberano a quem ele denomina Mita de Mushki, era sem dúvida o mesmo rei Midas da Frígia, o qual, segundo as lendas gregas, convertia em ouro tudo o que tocava e a quem cresceram orelhas de burro. A capital de Midas era Gordion, denominada assim por Gordias, pai de Midas, que possivelmente voltou a fundar a cidade. Pelas escavações sabe-se que os edifícios de Gordion seguiam um modelo regular, consistindo de uma antecâmara e de um vestíbulo retangular (a chamada planta de megaron), com galerias de cada lado do vestíbulo que se apoiavam em colunas de madeira. Outro megaron tinha o piso de mosaico decorado com motivos geométricos feito com pedras ornamentais.

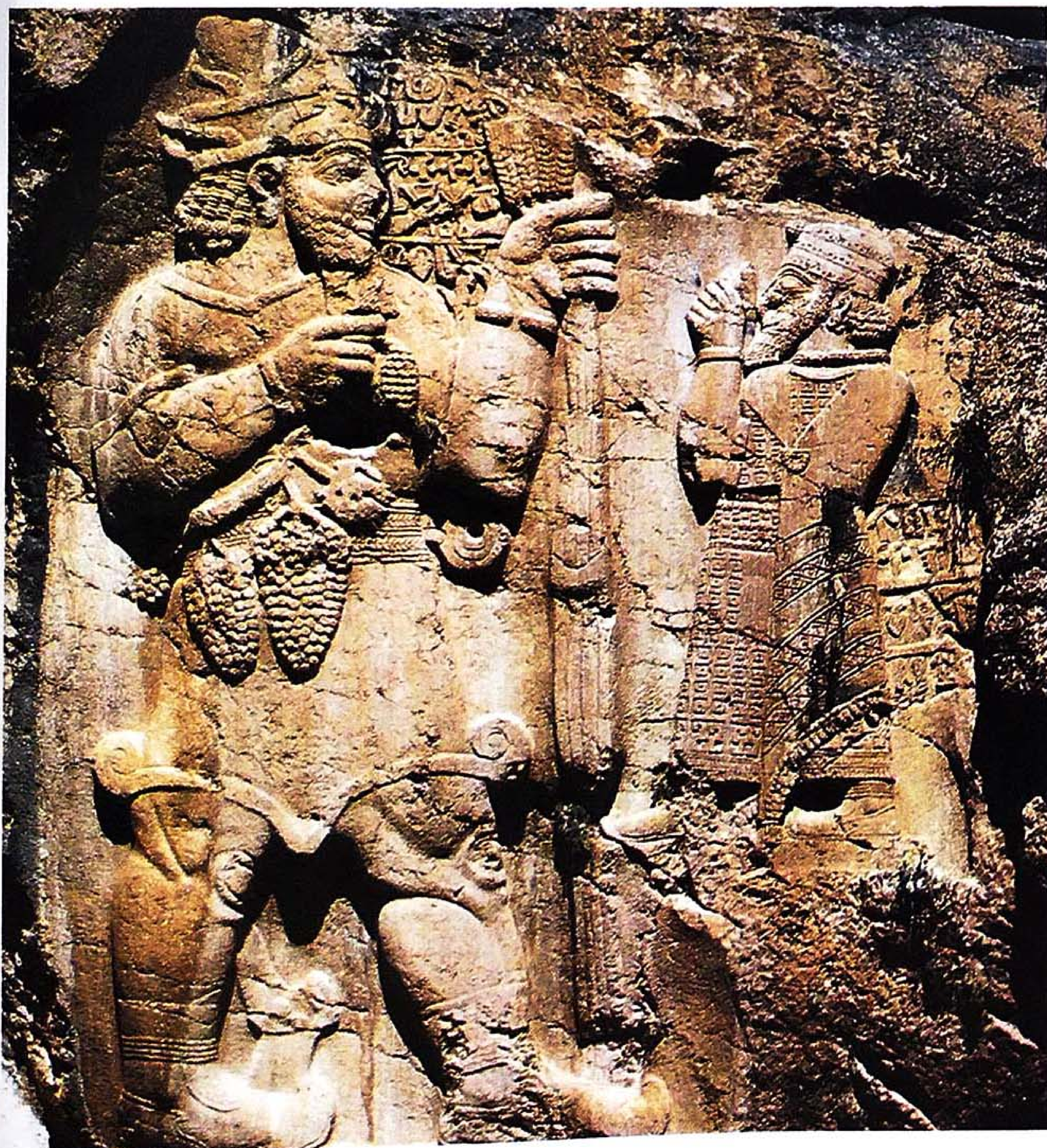
Encontraram-se cerca de 75 túmulos funerários à volta da cidadela de Gordion, o maior dos quais tinha mais de 50 m de altura e segundo a tradição local era o túmulo de Midas. Devido ao seu tamanho, o túmulo não foi alvo da depredação dos ladrões de túmulos. Só se pôde fazer o reconhecimento perfurando por cima para localizar a câmara funerária e depois cavando um túnel lateral. A câmara era construída com largas vigas de madeira e albergava o corpo de um homem de cerca de sessenta anos de idade e de 1,59 m de altura. No interior havia mesas e pedestais de madeira finamente lavrada, três grandes caldeiros de bronze, mais de cem fíbulas de bronze, e mais de cento e cinqüenta vasilhas e caços de outros metais. Um dos recipientes de cobre terminava em uma cabeça de carneiro e outro em uma de leão, semelhantes às representadas nos relevos do palácio de Sargão II. Curiosamente, o túmulo não contém armas nem objetos de materiais preciosos, ouro ou prata, nem marfins ou cristais, nem pedras preciosas, nem sequer, para além das fíbulas, jóias. Algumas das fíbulas e das vasilhas de metal eram de latão (uma liga de cobre e de zinco). Este é um dos exemplares mais antigos da sua utilização. O seu aspecto, brilhante e amarelo, levou a pensar que foi a descoberta do modo de fabricar objetos com esta liga, em vez de bronze (liga de estanho e cobre) a causa da história do rei Midas. Não foi ainda esclarecido se o ocupante do túmulo era Midas ou o seu pai. Segundo uma tradição posterior, o rei Midas suicidou-se quando o seu reino foi invadido pelos cimérios por volta de 695 a.C., povo cuja origem possível era a Ásia central.

Na primeira fase do reinado de Sargão, Midas foi um dos seus inimigos. O receio de uma conspiração que implicasse os reis de Mushki ou de Urartu foi suficiente para provocar a cólera dos assírios, o que conduziu à anexação de Carchemish em 717 a.C. Quando Ambaris de Tabal enviou mensageiros a Rusa de Urartu e a Midas da Frígia, os assírios destronaram-no e anexaram o seu território em 713. No entanto, em 709, em conseqüência dos ataques do governador de Que (Cilícia), Midas converteu-se em um aliado da Assíria.

À direita: Reconstrução da cabeça do homem enterrado no Túmulo de Midas, em Gordion. A técnica é a mesma utilizada para reconstituir os traços faciais das vítimas de um incêndio ou assassinato. Camadas de músculos e pele foram reconstituídas sobre o molde do crânio para obter um retrato do rei.



Abaixo: Um relevo em rocha próximo de uma nascente de água em Ivriz mostra Warpalawas, o soberano de Tuwana (a Tyana clássica), diante de um deus. Warpalawas ou Urbala, como é chamado nos textos assírios, pagava tributo ao rei assírio Tiglath-pileser III e é possível que fosse aliado do rei Midas da Frígia. Quando Midas assinou a paz com Sargão II da Assíria, Warpalawas regressou à influência da Síria. A fíbula semicircular do rei Warpalawas é semelhante às frígias, das quais foram encontradas mais de uma centena no Túmulo de Midas, e em Gordion. A figura do deus mede 4,20 m de altura.



Uma cópia da carta de Sargão a Assur-sharra-u-sur, o governador eunuco assírio de Que, dá notícias desta aproximação entre Midas e Sargão e descreve as conseqüências para a futura política assíria. Diz-se que pressionados pela Assíria e pela Frígia, os soberanos desta região não tinham outro remédio a não ser submeterem-se e "limpar as sandálias do governador assírio com a sua barba".

O correio real assírio

Não seria estranho que a versão da história, que se dá nos anais assírios, fosse parcial, mas em algumas ocasiões as inscrições dos inimigos e dos vizinhos da Assíria forneciam dados que serviram para retificá-la. A correspondência real da corte assíria contribui também com um ponto de vista mais objetivo. Conservaram-se cerca de 1.300 cartas trocadas entre Sargão e funcionários de todo o império e os agentes no estrangeiro. Muitas delas estão fragmentadas, datadas sem nenhuma precisão e de difícil interpretação, dado que ao tratar-se de informações familiares aos correspondentes, omitem-se muitas vezes os antecedentes. De todas as formas, são um expoente das preocupações da Assíria em política nacional e internacional, que em nenhum momento se evidenciam na propaganda oficial. As inscrições reais causam uma inevitável impressão de êxito, dando por certo que ninguém oferecia resistência à vontade do rei, a quem, com os deuses do seu lado, tudo tinha de se submeter. Pelo contrário, as cartas suscitam dúvidas sobre os efeitos de alguma medida política, e descrevem como se consultavam os oráculos e os auspícios antes de empreender qualquer ação, registrando também tanto derrotas como vitórias.

Um problema com que os assírios se confrontaram foi o governo de um império tão extenso. A administração local estava sob controle do governador provincial, que cumpria ordens do rei, a quem mandava relatórios regulares. O amplo atraso nas comunicações levava a correr o risco de os governadores adquirirem demasiada independência e a adiar decisões vitais. Para solucionar este problema os reis assírios criaram um eficiente serviço de estradas e de mensageiros. Ao longo das rotas principais, com intervalos regulares de aproximadamente um dia de marcha (30 km), existiam locais onde os mensageiros reais podiam descansar e obter mulas folgadas para puxar os seus carros. Deste modo, as ordens do rei demoravam poucos dias a alcançar os destinos mais afastados do império. Este sistema foi a base da admirável rede de comunicações do Império Persa posterior.

Guerra com Urartu

A maquinaria bélica assíria necessitava de constantes reforços de homens, animais e equipamentos. Estes eram conseguidos por intermédio dos impostos, dos tributos e dos espólios e as campanhas anuais dirigidas pelos reis ou pelos seus oficiais principais garantiam que os povos submetidos ou aliados da Assíria não se esquecessem das suas obrigações. No norte, o poderoso reino de Urartu opunha-se aos desígnios assírios. Quando o poder da Assíria se fortaleceu e tentou exercer a sua influência sobre as regiões próximas a Urartu, as probabilidades de conflito entre ambos aumentaram. No mapa, a Assíria e Urartu partilham uma fronteira, mas na realidade eram separadas por cadeias montanhosas quase intransponíveis, que tornavam impossível qualquer ataque militar direto.

E, se os assírios tivessem conseguido atravessar as montanhas ou chegar até Urartu pelos caminhos do leste ou do oeste, que se podiam percorrer mais facil-

mente, os habitantes de Urartu poderiam refugiar-se nas suas fortalezas da montanha, deixando que o inverno terrível se encarregasse de forçar a retirada dos assírios. A anexação de Urartu não estava nos planos assírios, e Sargão evitou qualquer confronto direto com Urartu, com o Egito e com Mushki. No entanto, o conflito surgiu por causa dos Estados aliados ou vassalos.

Em 716 a.C., Rusa I, o rei de Urartu, depôs o soberano de Manéia, no Irã ocidental, no sul do lago Urmia, e colocou Bagdatti no seu lugar. Aos olhos de Sargão, que considerava Manéia sob a influência assíria, dado que este reino representava uma fonte vital de cavalos para o exército assírio, a interferência de Rusa I era uma provocação. Portanto, invadiu Manrica, mandou degolar Bagdatti e entronizou o irmão deste, Ullusunu. Em resposta, Urartu ocupou 22 fortalezas de Manéia, mas no ano seguinte Sargão foi em ajuda de Ullusunu e reconquistou-as. Em 714 a.C., Sargão dirigiu-se à Média e recebeu os tributos dos soberanos de Zagros central, antes de seguir na direção do norte para o interior de Manéia, onde Ullusunu o persuadiu a marchar contra Rusa i. Quando os exércitos da Assíria e de Urartu se encontraram em um lugar próximo à extremidade sudoeste do lago de Urmia, Sargão obteve a vitória. Depois de vencer Rusa, marchou para o interior do território de Urartu, regressando à Assíria pela rota de Musair, a cidade de Haldi, onde os reis de Urartu eram coroados. Sargão saqueou a cidade e levou consigo um enorme espólio. Faz um pormenorizado relato da sua campanha em uma carta dirigida ao deus Assur, que provavelmente foi lida em voz alta nalguma cerimônia triunfal em Assur. Sargão consignou cada passagem da sua campanha, registrando em uma lista os tributos e o espólio recebido e, por fim, a menção do número de baixas, tão pouco credível, como as que por vezes se dão hoje em dia nos relatórios militares de imprensa: curiosamente, só caíram um auriga, um ginete e três infantes do exército assírio.

A vitória de Sargão sobre Urartu, no entanto, não foi tão completa ou decisiva como sugere na sua inscrição. Rusa recuperou a sua influência sobre Musair e é provável que não se suicidasse, como se afirma nos anais de Sargão, "apunhalando-se com a sua própria adaga de ferro como um porco". Foi assim inaugurado um período de difíceis tréguas entre Urartu e a Assíria. Os espias assírios informavam das condições em Urartu e em uma ocasião afirmaram que tinha sido invadido pelos cimérios. Nestas circunstâncias, era conveniente para Urartu e para a Assíria manter a paz. Assim, durante os cem anos seguintes não há notícias de qualquer guerra.

O fim do reinado de Sargão

No Sul de Urartu, à volta da próxima rota comercial da Mesopotâmia, existia um povo que era conhecido como os medos, dividido em numerosos grupos tribais. Nas inscrições de Sargão são chamados "os poderosos medos" ou "os distantes medos do extremo do monte Bikni", que foi identificado com o monte Alvand, situado exatamente ao sul daquela que seria a capital meda Hamadã. Segundo Heródoto, historiador grego do século V a.C., os medos unificaram-se sob Deioces, que construiu a sua capital em Hamadã. Os relatos assírios levam a pensar que esta unificação não se produziu até a segunda metade do século VII a.C. Só se escavaram algumas povoações dos medos, as quais parecem datar do século VIII a.C. Uma delas, Tepe Nush-i Jan, contém os restos de um impressionante santuário religioso. Outra ficava em Godin Tepe, onde se encontravam os restos de um palácio fortificado com um vestíbulo de colunas que pode ser a residência oficial de algum líder local medo. É provável que uma estela erigida por Sargão encontrada em Najafehabad procedesse de Godin Tepe e indicasse assim o alcance definitivo da penetração assíria nos montes Zagros.

Depois de resolver os problemas no norte, no leste e no oeste em 710 a.C., Sargão dirigiu o seu olhar para o sul, onde Marduk-apla-iddina II governava na Babilônia. Sargão desalojou-o dali no decurso de duas campanhas, forçando-o a refugiar-se nos pântanos do sul, e em 709 a.C. Sargão proclamou-se rei da Babilônia nos festejos do ano-novo. Em 707, Sargão apoderou-se de Dur-Yakin, a cidade principal da tribo de Bit-Yakin, cujo chefe era Marduk-apla-iddina, que não conseguiram capturar. Sargão anexou a Babilônia para o Império Assírio, designando um governador na Babilônia e outro em Gambulu, na fronteira do Elam. Mais de 108.000 arameus e caldeus foram deportados da Babilônia em uma tentativa de pacificar o país.

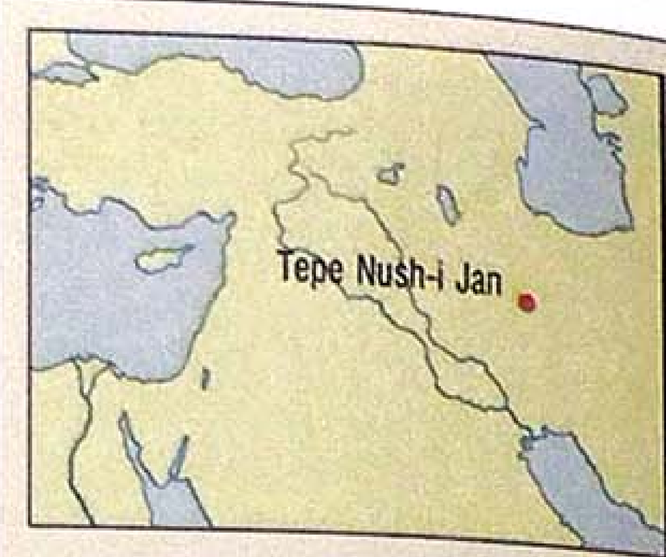
Como era de esperar de um soberano que renegava os seus antepassados, Sargão decidiu construir uma nova capital. Escolheu uma localização completamente nova e chamou-lhe Dur-Sharrukin ou Fortaleza de Sargão. A primeira pedra foi colocada em 717 a.C. e, em 707 a.C., os deuses de Dur-Sharrukin entraram nos seus templos, um ano antes da inauguração da cidade. Em 705 a.C., Sargão dirigiu os exércitos contra o país de Tabal, nas montanhas do Tauro, onde encontrou a morte ao lutar contra um guerreiro chamado Gurdi (Gordias), nome comum entre os senhores dos reinos anatólios. Sargão alcançou o ponto alto do poder e pareceu sempre invencível. Governou o coração do Oriente Médio, do golfo Pérsico ao Tauro, das montanhas do Zagros ao Sinai. Derrotou Urartu e obrigou a uma série de reis a pagar-lhe tributo – Midas de Frígia, o faraó egípcio, Uperi de Dilmunn e sete monarcas de Yadnana (Chipre). A sua morte em combate e o fato de o seu corpo não ter sido encontrado para ser enterrado no palácio foram um duro golpe no orgulho assírio.

Nínive, capital natural da Assíria

Quando o filho e sucessor de Sargão, Senaqueribe, foi coroado rei em 704 a.C., consultou os oráculos para averiguar qual teria sido o pecado do seu pai. Para afastar de si o destino aziago de Sargão, omitiu o nome do seu pai em todas as inscrições e transferiu a capital para a nova cidade, para a antiga cidade de Nínive, que constituía o centro natural da Ásia. Situado no meio dos campos férteis de cereais, controlava uma importante passagem do Tigre e albergava o templo principal para o culto da deusa Istar na Assíria. Senaqueribe reconstruiu Nínive, levantando uma fortaleza com palácios e templos sobre o montículo de localização da antiga cidade (Tell Kuyunjik). O palácio principal era decorado com relevos gravados na rocha, muitos dos quais representavam as suas vitórias militares. Tal como em Kalhu e Dur-Sharrukin, construiu-se um palácio com um arsenal nos arredores da cidadela, em Tell Nebi Yunnus, onde segundo a tradição muçulmana está o túmulo do profeta Jonas.

Uma sólida muralha de mais de 12 km de comprimento rodeava a cidade, que tinha uma extensão de mais de 7 km^2.

Senaqueribe empreendeu importantes obras de irrigação para fornecer água à sua cidade, que tinha crescido enormemente, aos campos de orquídeas, aos



Abaixo: Os edifícios de adobe de Tepe Nush-i jan estão encravados em um afloramento rochoso natural no meio de uma planície rodeada de montanhas. Nesta fotografia, tirada em uma fase inicial da escavação, mal se vislumbram as muralhas do forte no alto do povoado.

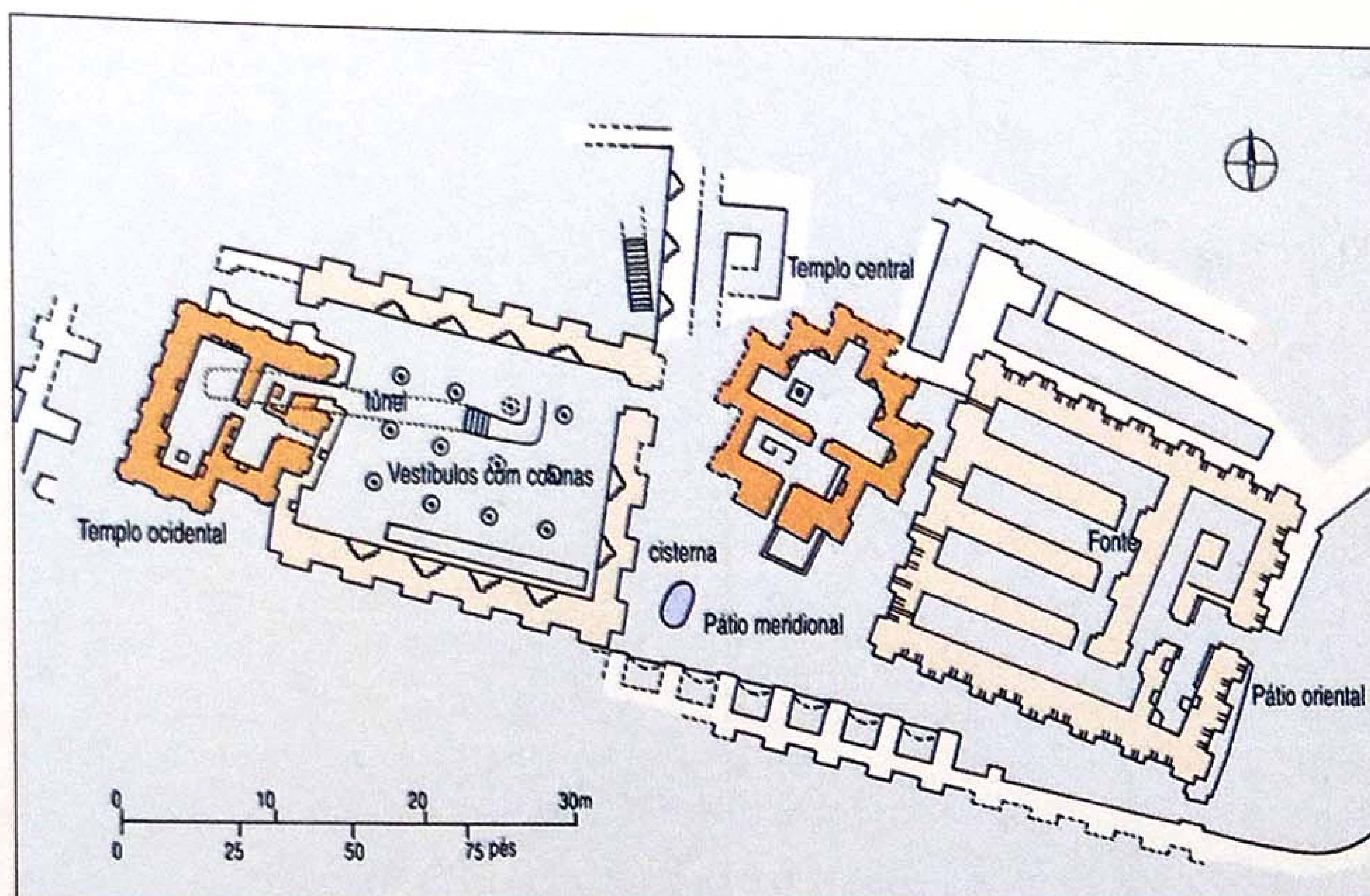


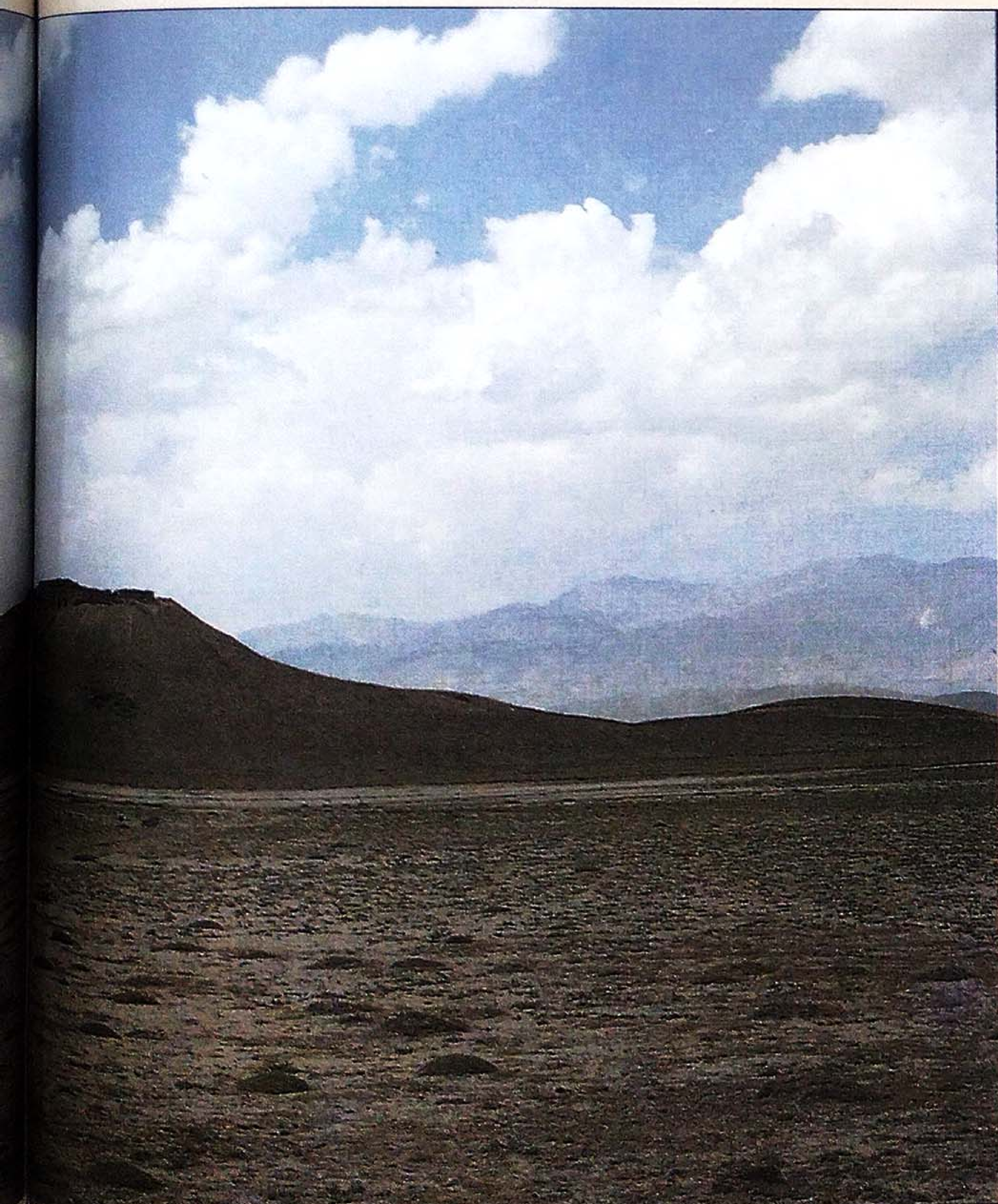
Tepe Nush-i Jan

Abaixo: Os templos central e ocidental eram as edificações principais de Tepe Nush-i jan. Depois foram construídos o forte, um armazém fortificado de planta quadrada e um vestíbulo com colunas. Este tipo de vestíbulo foi adotado pelos persas aquemênidas nos seus palácios.

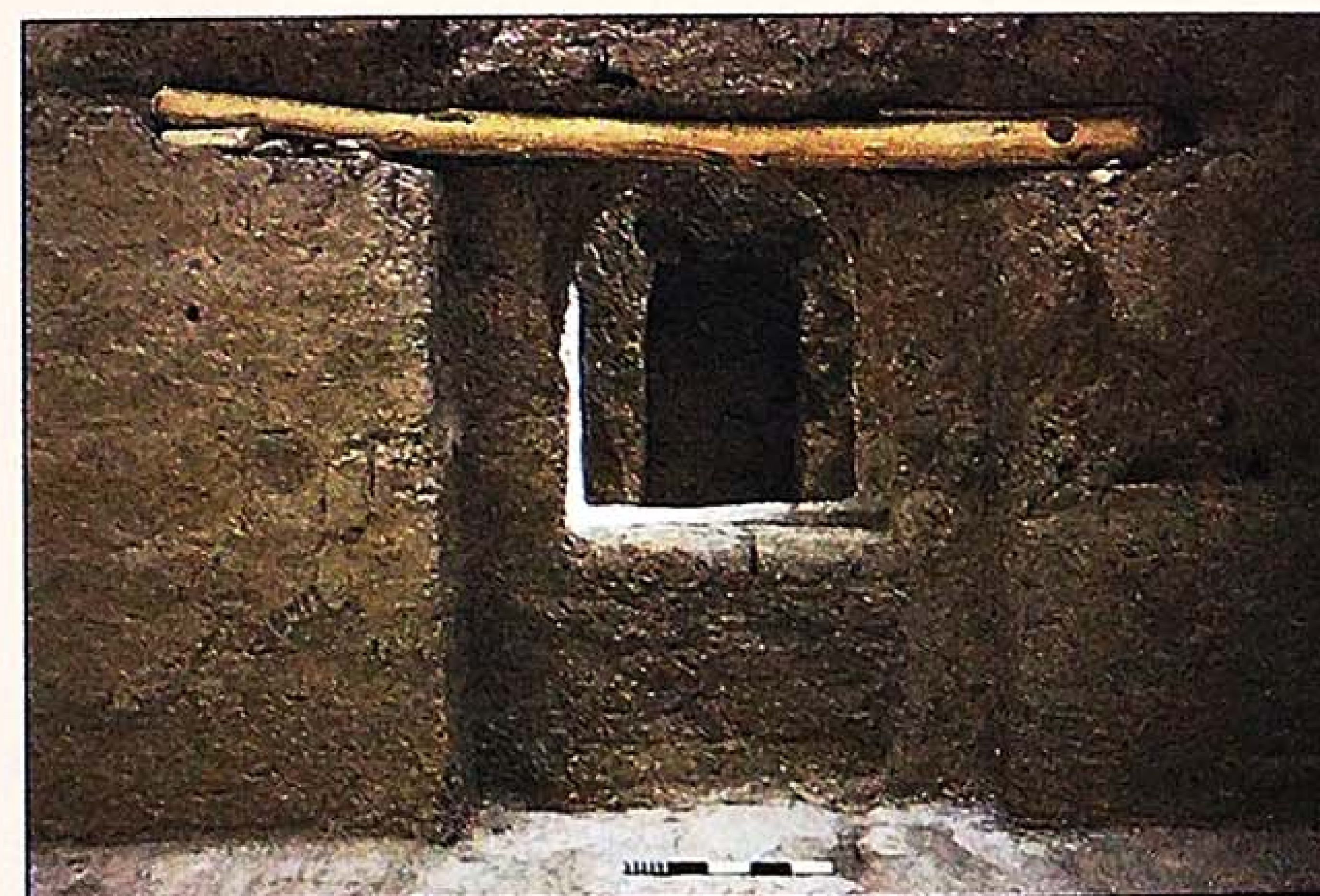
Embora os medos governassem um extenso império que ia da Anatólia central ao Afeganistão, pouco se conhece da arqueologia da Média. Na década de 60 e 70, escavaram-se Godin Tepe e Tepe Nush-i Jan, duas cidades não demasiado afastadas da capital da Média, Hamadã. Constatou-se que se tratava respectivamente de uma residência fortificada ocupada do século VII a.C. ao século VI a.C. e de um centro religioso.

É possível que os medos fossem adoradores do fogo, como foram depois seguidores de Zoroastro. O templo central de Tepe Nush-i Jan, construído provavelmente no século Nui a.C., tinha um desenho escalonado pouco habitual e albergava um altar onde estava aceso o fogo. Por volta de 600 a.C., todo o edifício foi cuidadosamente enchido com pedras, o que possibilitou a conservação de 8 m de altura de parede. É provável que se tratasse de um projeto de renovação da cidade. No entanto, este nunca se completou e as ruínas dos edifícios monumentais foram depois ocupadas ilegalmente pelos habitantes da área.



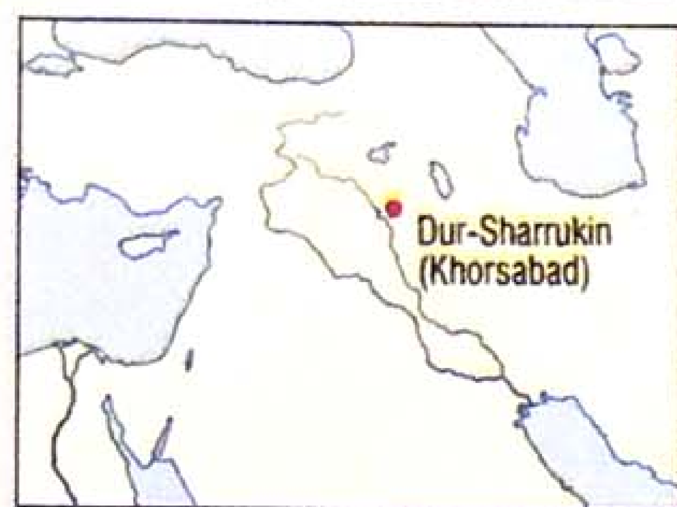






Acima: Os edifícios em Tepe Nush-i jan estavam extraordinariamente bem conservados e ainda eram visíveis as suas portas e abóbadas. Este vão de uma porta do templo ocidental ficou parcialmente bloqueado quando o edifício foi abandonado. O antigo dintel de madeira foi substituído por uma viga de madeira recente.

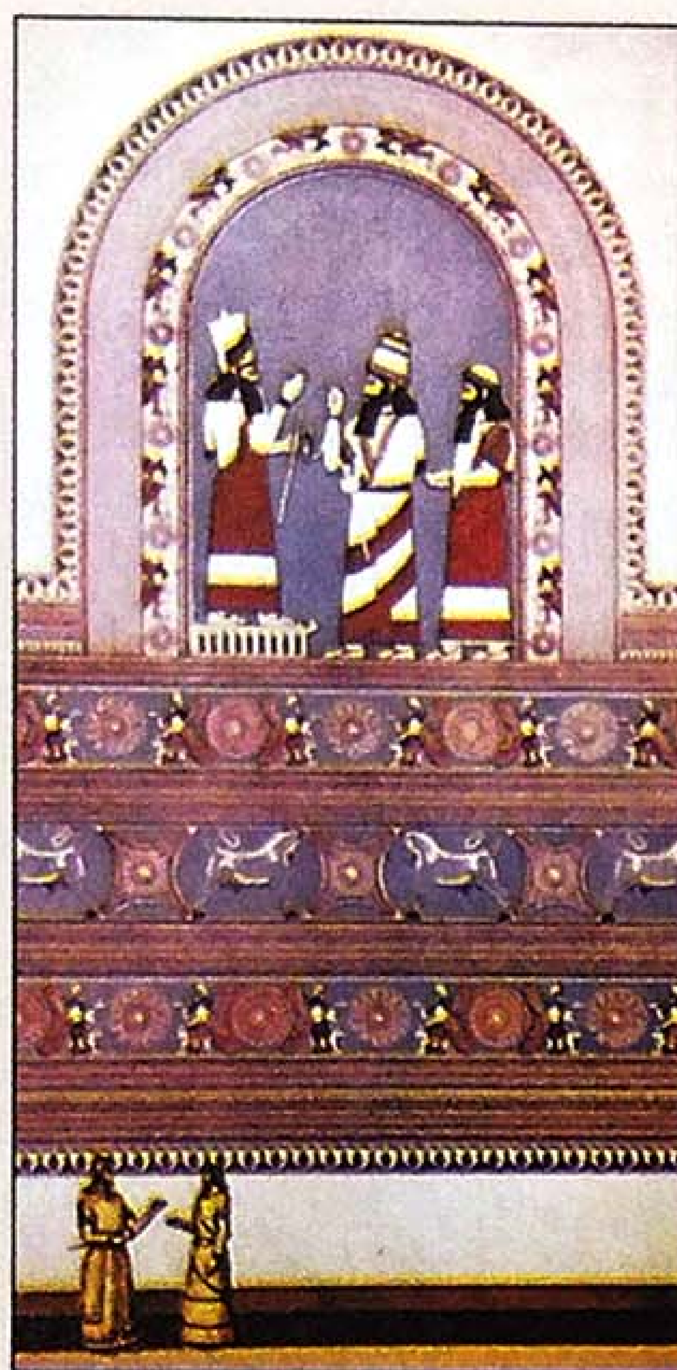
Acima, no centro: Trezentos e vinte e um objetos de prata foram enterrados em um vaso de bronze por volta de 600 a.C. Incluíam contas e enfeites em espiral, que datam de 2000 a.C., anéis, jóias e lingotes de prata, que podem ter sido um modelo antigo de moeda. O comprimento do lingote na fileira superior é de 5,35 cm.



Dur-Sharrukin

Em 717 a.C., Sargão, o usurpador, que se proclamou rei da Assíria e rei do mundo, fundou uma nova capital. A localização escolhida, situada ao norte da antiga capital Nínive, foi batizada com o nome de Dur-Sharrukin, que significa *Forte de Sargão.* Os deuses de Dur-Sharrukin foram levados para os seus templos na nova capital em 707 a.C., quando Sargão "acompanhado pelos príncipes de todos os países, os governadores das províncias, os supervisores e funcionários, os nobres, os eunucos e os anciãos da Assíria, tomou posse da sua residência no palácio e celebrou um festejo". No entanto, dois anos depois, Sargão morreu no decorrer de uma batalha e a corte foi mudada para Nínive.

A cidade tinha um traçado mais ou menos retangular e as suas muralhas encerravam uma superfície que media aproximadamente 1600 m por 1750 m. Tinha-se acesso à cidade através de sete portas. O grande palácio de Sargão e a área dos templos foram construídos em uma plataforma montada sobre a muralha ao norte da cidade, enquanto o arsenal ficava no extremo meridional. A povoação, agora denominado Khorsaba, foi escavada por Paul Botta e Victor Place no século XIX a.C. Encontraram uma grande quantidade de relevos lavrados em pedra que revestiam as paredes do palácio, mas muitos deles perderam-se quando o navio que os transportava afundou.



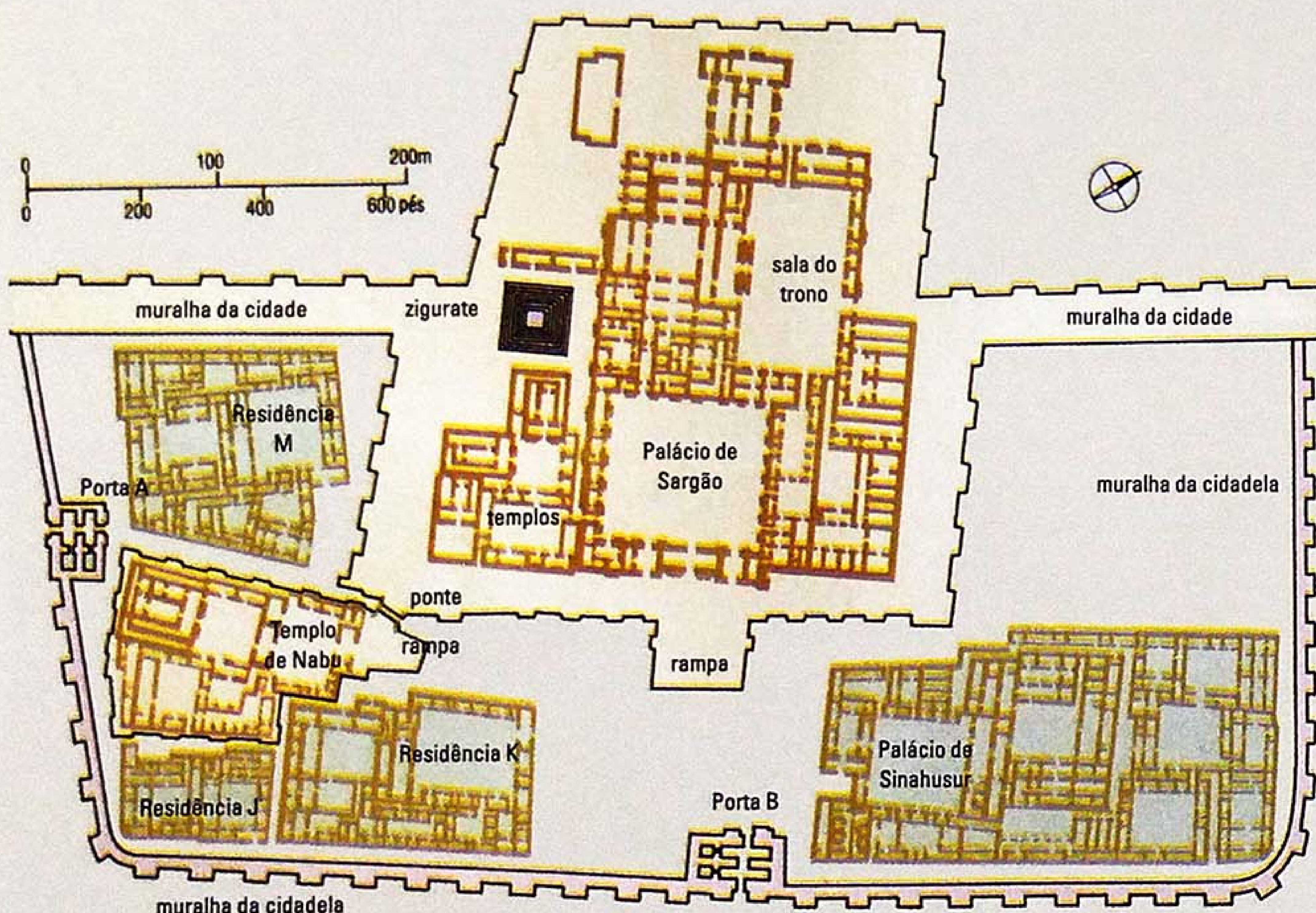
À esquerda: Decoração mural da residência K do palácio. Veja a planta do povoado. Neste vestíbulo não havia relevos em rocha, mas ele era decorado com pinturas magníficas. Este desenho restaurado representa o rei, seguido talvez pelo príncipe herdeiro, na presença de um deus que segura um cetro e o anel, símbolos da autoridade divina. O painel é todo emoldurado por figuras divinas, taças e pinhas, e embaixo há fileiras de touros e de deuses alados ajoelhados. Altura: 13 m.



À direita: Estatueta de argila pintada e seca ao sol, encontrada em Dur-Sharrukin. Foi muitas vezes identificada com o herói Gilgamesh, mas de fato trata-se do deus Lahmu (o da melena). Pequenas figuras deste tipo eram enterradas nas fundações dos edifícios como proteção contra o mal.



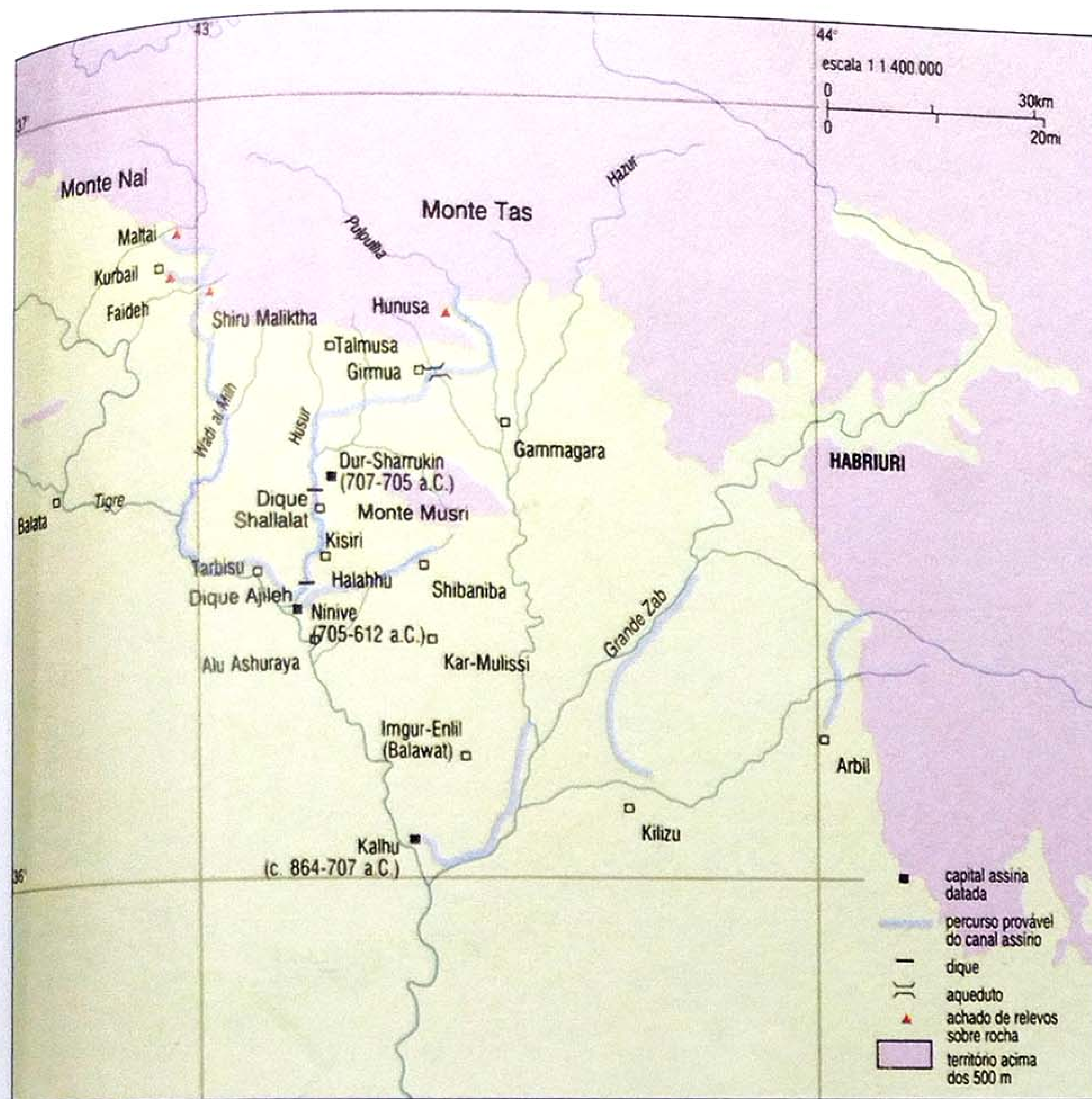
Abaixo: Deus com quatro asas, com um balde e uma pinha, lavrado em uma das portas de Dur-Sharruki. Altura: 3,65 m.



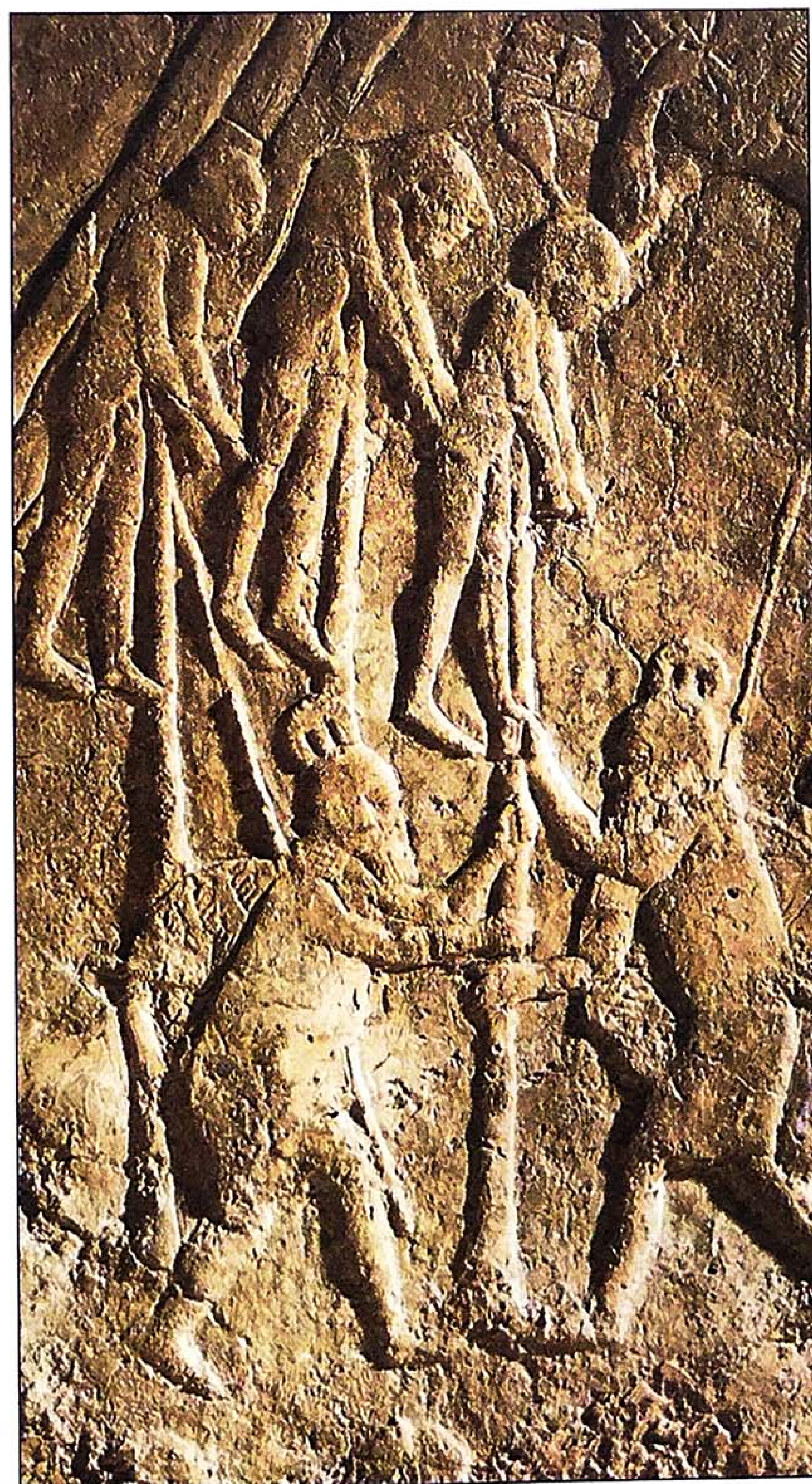
Acima: A parte mais elevada da cidadela era ocupada pelo palácio do rei e um recinto religioso que incluía um zigurate. Na parte baixa ficava o templo de Nabu, ao qual se tinha acesso através de uma ponte, e as residências dos funcionários superiores.



À direita: Este cilindro de argila cozida em forma de tonel de nove faces é proveniente de Dur-Sharrukin e tinha uma inscrição com as palavras de Sargão: "Noite e dia planejei a edificação desta cidade".



Capitais assírias e sistemas de irrigação
Assurnasirpal II transferiu a capital de Assur para Kalhu por volta de 864 a.C. A capital de Sargão, Dur-Sharrukin, mal tinha ficado pronta quando ocorreu a morte do rei em uma batalha em 705 a.C. e o seu supersticioso filho, Senaqueribe, transferiu a capital para Nínive. Os reis assírios utilizavam os cursos de água existentes e construíam canais para fornecer água às suas cidades. Os planos de Senaqueribe eram mais ambiciosos. O canal que ia para Arbil era em parte subterrâneo; o de Hanusa (Bavian) atravessava o vale Girmua Uerwam sobre um aqueduto, e um canal que levava água do noroeste para Nínive era revestido de painéis lavrados com figuras de deuses.



À direita: Reféns de Judá enquanto são empalados em estacas fora das muralhas de Láquis. Embora os anais de Senaqueribe não mencionem a localização de Láquis, esta ficou registrada nos relevos do seu palácio em Nínive. As escavações feitas em Láquis (Tell al-Duweir), em Israel, confirmaram a exatidão da representação assíria. A cidade foi capturada construindo-se uma rampa de assalto, que foi achada no decorrer das escavações junto a uma rampa de defesa feita pelos habitantes da cidade.

campos à volta de Nínive e ao parque real, onde cultivava plantas das montanhas de Amanu e da Caldéia. Uma das espécies mais exóticas era "a árvore da lã", que foi identificada com o algodão, cultivado na Índia desde o 3.º milênio a.C.

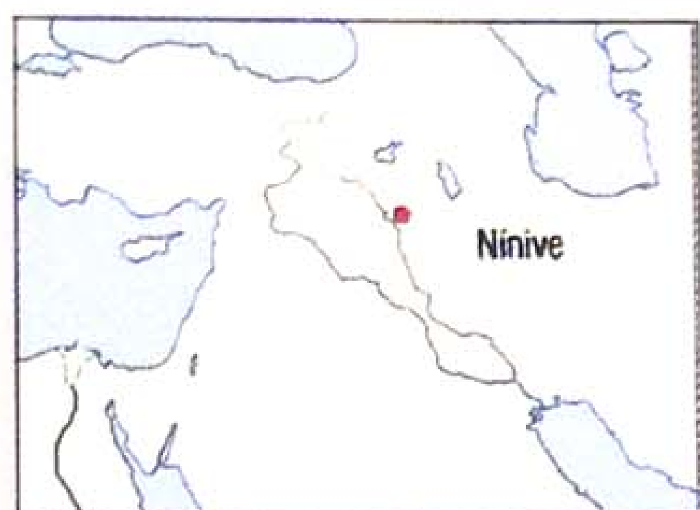
Nas suas inscrições e relevos, Senaqueribe dava a impressão de ser um monarca invencível e triunfante. Na realidade, o seu reinado foi marcado por uma série de levantamentos e de derrotas. Em 701 a.C., Senaqueribe marchou para o Levante e a Palestina para esmagar uma rebelião, tendo iniciado o combate com o exército egípcio, que foi ajudar os rebeldes próximo de Eltekeh, na planície litoral da Filistéia. Os anais de Senaqueribe transmitem a vitória assíria. No entanto, não continuou a avançar para o sul, para a fronteira egípcia, mas regressou ao interior para se confrontar com Lachish, em uma campanha vivamente representada nos relevos do palácio de Senaqueribe. Atacaram depois Jerusalém, a sede do rei da Judéia, mas não conseguiu capturar a cidade. A Bíblia e o historiador grego Heródoto assinalam que os assírios foram derrotados pelos egípcios, embora alguns historiadores pensem que a derrota se produziu em uma campanha posterior não documentada nos anais.

Ao contrário do seu pai, Senaqueribe no ano 24 do seu reinado não avançou com conquistas territoriais, tendo-se contentado em manter as fronteiras de Sargão. A anexação da Babilônia por parte de Sargão revelou-se como um problema irresolúvel e as relações com o sul dominaram a política exterior durante a maior parte do reinado de Senaqueribe. Em 703 a.C., Marduk-apla-iddina II revoltou-se e apoderou-se do trono da Babilônia uma vez mais. Senaqueribe teve de se confrontar com uma aliança de babilônios, caldeus, arameus, elamitas e árabes perto de Kutha. Reconquistou a Babilônia e seqüestrou membros da família e da corte de Marduk-apla-iddina, embora o líder caldeu voltasse a fugir para os pântanos. Senaqueribe designou um babilônio, Bel-ibni, como rei da Babilônia e prosseguiu a campanha na Caldéia, regressando com 208.000 presos. Os caldeus continuaram a causar problemas e em 700 a.C., Senaqueribe regressou à Babilônia para depor Bel-ibni e nomear o seu filho primogênito, Assur-nadinshumi, rei da Babilônia.

A destruição da Babilônia

Em 694 a.C., Senaqueribe organizou outra expedição contra os caldeus e os seus aliados elamitas. Lançou o seu ataque com navios construídos pelos fenícios, depois de descer pelo Tigre e pelo Eufrates, através dos pântanos do território elamita. Os assírios vangloriaram-se de ter obtido uma grande vitória, mas pouco depois os elamitas contra-atacaram no Norte da Babilônia, capturando Sippar e expulsando Assur-nadin-shumi.

Os acontecimentos dos próximos três anos são muito confusos. Os assírios capturaram a pessoa designada pelos elamitas para o trono da Babilônia, mas um caldeu tomou o poder nesta cidade. O próprio rei do Elam foi deposto em uma revolta, tal como o seu sucessor no ano seguinte. Apesar destas desordens, os assírios não conseguiram recuperar o controle sobre a Babilônia e em 691 a.C. uma coligação meridional subiu pelo Tigre para atacar a Assíria. Os dois exércitos encontraram-se em Halule (talvez próximo de Samarra), e os assírios atribuíram a si próprios a vitória, ape-



Nínive

A povoação da cidadela de Nínive, conhecida como Tell Kuyunjik, foi habitada desde o período de Hassuna (7.º milênio a.C.); três quartos do montículo são formados por restos pré-históricos. Durante o período de Uruk (c. 4000 a.C.-3000 a.C.), a sorte de Nínive esteve intimamente ligada aos acontecimentos no Sul da Mesopotâmia. No 2.º milênio, Nínive, embora não fosse ainda a capital da Assíria, foi uma cidade importante com um prestigioso templo da deusa Istar. Senaqueribe (704 a.C.-681 a.C.) escolheu-a como capital no final do século VIII a.C. e construiu aqui o palácio do sudoeste, que qualificou de palácio sem rival, decorado com relevos de pedra. Assim como em Kalhu e Dur-Sharrukin mandou também construir um arsenal, situado em Tell Nebi Yunus, que uma lenda posterior identifica com o túmulo do profeta Jonas.

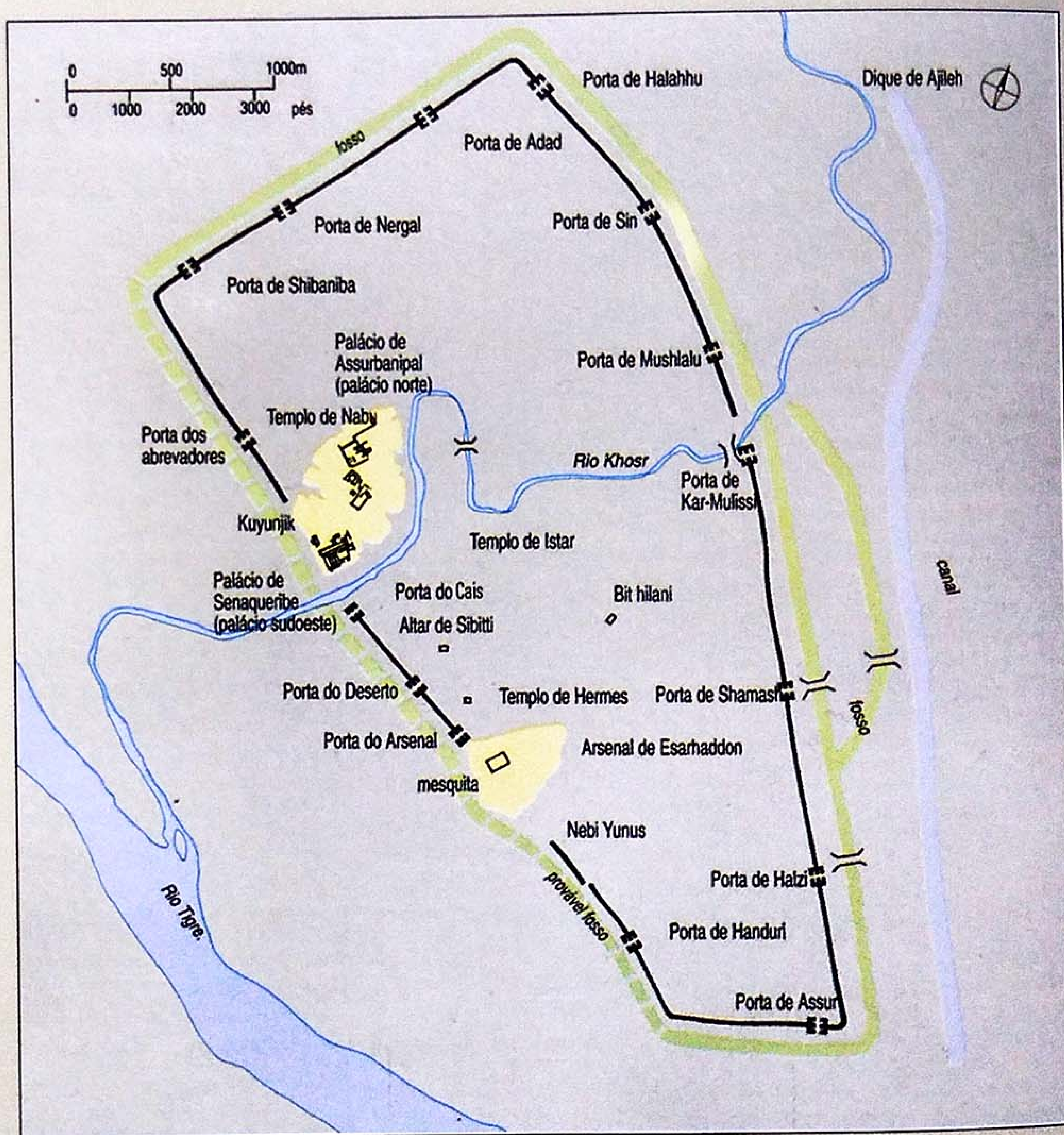
O neto de Senaqueribe, Assurbanipal (c. 669 a.C.672 a.C.) mandou construir um segundo palácio em Tell Kuyunjik, o palácio dos leões. No verão de 612 a.C., Nínive caiu perante os medos e os babilônios, que saquearam e destruíram os palácios e os templos assírios. No entanto, a cidade de Nínive sobreviveu um milênio antes de ser eclipsada por Mossul, na margem oposta do Tigre.



Abaixo: Parte de um relevo do palácio do sudoeste em Nínive, que representa um rei assírio no seu carro sob um guarda-sol. Vai acompanhado pelo auriga e um servidor eunuco que maneja o espanta-moscas. O relevo refere-se a uma campanha na Babilônia e talvez se trate do rei Siri-sharishukun, um dos últimos reis da Assíria.

Abaixo, à direita: Este relevo do palácio do Norte de Nínive foi feito provavelmente por volta de 645 a.C. e talvez represente a fachada do palácio do sul, construído 50 anos antes. Nas suas inscrições, Senaqueribe vangloriava-se de ter erguido um pórtico com colunas de bronze, que descansavam sobre uma base formada por figuras de leões e de touros de bronze maciço, pesando cada um deles cerca de 43 toneladas.

Senaqueribe construiu as muralhas de Nínive e deu nome às 15 portas da cidade. O seu interior era quase que inteiramente ocupado por edifícios, embora os mais importantes da cidade estivessem em Tell Kuyunjik e Tell Nebi Yunus. A leste, encontram-se restos de um canal, e não de outra fortificação ou povoado construído pelos medos e babilônios, como se supôs durante algum tempo.









Acima: Relevo gravado na parede de um canal de Senaqueribe. Um elevado sistema de canais levava a água à cidade de Nínive e à reserva natural e parque de caça do monarca. A água circulava por canais ou por cursos naturais de água. A rede começava nas colinas do norte, e em Jerwam foi construído um aqueduto que atravessava o vale. No lago de Jebel Faideh, a 45 km ao norte de Nínive, distingue-se claramente o traçado do canal nas encostas da colina. Tinha 3 m de largura e os painéis eram decorados com figuras de deuses distribuídas espaçadamente. Estão muito danificadas pela erosão e enterradas em parte no chão, mas ainda são reconhecíveis.

Acima: Olhando para oeste a partir da parte norte da muralha exterior de Nínive, contempla-se a Porta de Nergal ao longe. A muralha exterior era de pedra, defendida por um parapeito com ameias e torres intercaladas. Por trás desta havia outra muralha muito mais alta construída de adobe. O perímetro das muralhas de Nínive mede cerca de 12 km. Senaqueribe a chamava de muralha que "aterroriza o inimigo" e mandou que fosse erguida ao lado de um fosso profundo, hoje tapado.

À direita: Visão panorâmica de um dique no Rio Khosr, em Shallalat, a cerca de 13 km de Nínive rio acima. É provável que fizesse parte de um sistema de canais de Senaqueribe. Foi restaurado pela população local em 1970 e continua a funcionar como represa.



sar de uma crônica babilônica mais confiável informar que os assírios tiveram de se retirar. No ano seguinte, no entanto, voltaram a tentar e sitiaram a Babilônia, que resistiu durante 15 meses até a sua rendição em novembro de 689 a.C.

A vingança de Senaqueribe foi cruel, apesar de não ser inesperada. Levou as riquezas da cidade, derrubou as estátuas dos deuses, destruiu as casas, palácios e templos da cidade e mandou cavar canais para inundar a cidade. Parte da terra das ruínas foi atirada para o Eufrates, que a arrastou até Dilmun, outra parte foi levada até regiões mais remotas do Império Assírio e outra parte ainda utilizou-se na reconstrução dos templos de Assur, levado a cabo por Senaqueribe em uma tentativa de substituir Babilônia como centro religioso.

Embora aparentemente durante o resto do reinado de Senaqueribe a Assíria tenha vivido em paz, ele morreu de forma violenta. Foi assassinado pelo seu filho Arda-Mulissi em fevereiro de 680 a.C. Segundo os judeus foi uma justa compensação pelo seu ataque a Jerusalém; para os babilônios representou um castigo pelo seu sacrilégio contra a Babilônia. De fato, é possível que houvesse certa conveniência babilônica na conjuração, mas provavelmente foi resultado de um confronto dinástico.

As lutas de sucessão

Como o primogênito de Senaqueribe, Assur-nadinshumi, desapareceu depois de ter sido seqüestrado pelos elamitas, quando invadiram a Babilônia em 694 a.C., Arda-Mussili, provavelmente o seu segundo filho, concebeu fundadas esperanças de ser designado herdeiro. No entanto, Zaqutu (Nagia em aramaico), a esposa de Senaqueribe, apoiou o seu filho Esarhaddon, que foi coroado príncipe herdeiro no lugar do irmão.

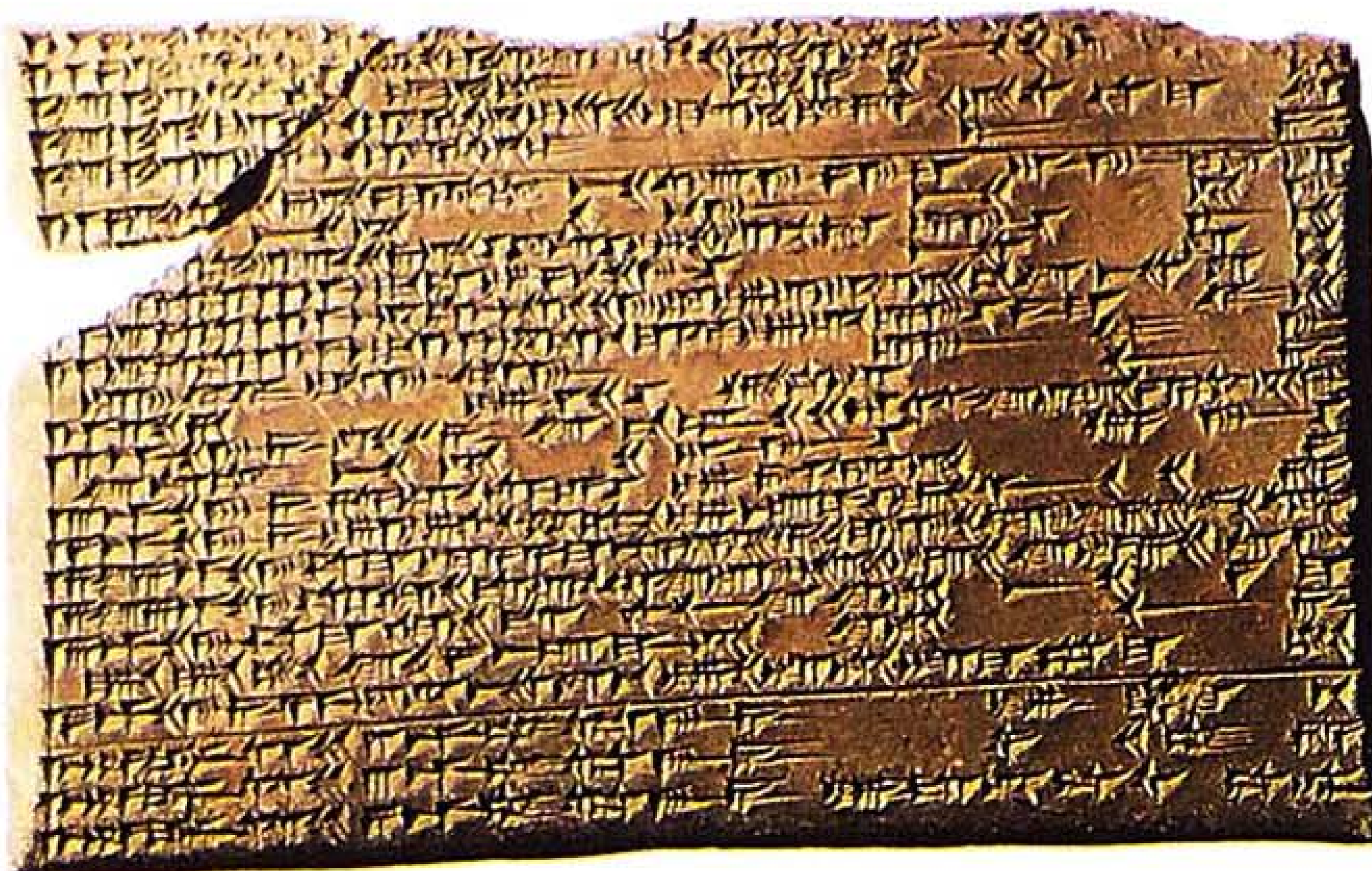
Desde a época de Sargão II, era hábito o rei escolher um dos seus filhos, e não necessariamente o primogênito, como sucessor. Consultavam então os oráculos dos deuses Shamash e Adad, e se a resposta fosse favorável, o príncipe coroado entrava na *bit reduti*, a casa de sucessão ou do governo, onde se preparava para reinar. Nesta fase, o herdeiro podia optar por uma mudança de nome, e Esarhaddon escolheu o de Assur-etelli-ilani-mukin-apla, embora, segundo se sabe, só o tenha utilizado algumas vezes. Com este processo de designação pretendia-se que fosse escolhido o mais competente dos filhos do rei, que este fosse instruído nas habilidades necessárias e que não houvesse disputas de sucessão. Não obstante, no caso de Esarhaddon as coisas não seguiram este caminho. As calúnias e as intrigas de seus irmãos tinham-no privado do afeto paterno, tendo de fugir ou exilar-se da corte na primavera de 681 a.C. Depois do assassinato do seu pai, regressou a Nínive e derrotou o exército de seus irmãos, muitos dos quais se puseram do seu lado. Arda-Mussili e os seus cúmplices fugiram.

A superstição de Esarhaddon

Esarhaddon (680 a.C.-669 a.C.) não gozava de boa saúde e consultava muitas vezes os seus conselheiros sobre as suas doenças periódicas. Os seus sintomas, tal como ele os descrevia, incluíam febre, debilidade, falta de apetite, rigidez das articulações, infecções oculares, otites, arrepios e doenças da pele. Nenhum tratamento, ungüentos, repouso, alterações da dieta, assim como rituais religiosos, conseguiu curá-lo, o que sem dúvida motivava as







Acima: Esta tabuinha de pedra preta tinha uma inscrição com o relato da reconstrução da Babilônia, obra de Esarhaddon. É possível que os símbolos, incluindo uma fina representação de um arado com uma semeadora, sejam uma maneira de escrever o nome de Esarhaddon, pois um deles se relaciona a um dos sinais cuneiformes que compõem o nome.

À esquerda: Estela erigida por Esarhaddon depois de 671 a.C. encontrada à entrada da porta de uma torre exterior em Sam'al (Zinjirli). O rei assírio, com traje religioso, guarda uma postura de reverência. Diante da cabeça real há símbolos dos deuses. Segura correias que caem dos lábios dos inimigos derrotados, um deles com traços da raça negra. Foram identificados como Taharqa, o faraó de Egito e Núbia; ou possivelmente seu filho Ushanahuru, capturado e transferido para a Assíria; Abdimilqut, rei de Sídon, ou B'alu, rei de Tiro. De ambos os lados da estela havia pequenas figuras que representavam os herdeiros de Esarhaddon: Assurbanipal, com a indumentária de príncipe herdeiro da Assíria, e Shamash-shum-ukin, caracterizado como rei da Babilônia. Altura: 3,18 m. Largura: 1,35 m.

À direita: Os astrólogos prestigiados da corte assíria consultavam tabuinhas como esta da Biblioteca de Nínive, que continha observações e previsões astronômicas.

suas depressões. Pensava-se que as suas doenças eram resultado da ação dos deuses, e Esarhaddon estava ansioso por descobrir o que os deuses queriam da sua pessoa. Antes de chegar a rei, os astrólogos da corte tinham enviado informações sobre os presságios das estrelas. A conjunção de Mercúrio (o planeta do príncipe herdeiro) e Saturno (o rei) a 18 de maio de 681 a.C. foi interpretado como um anúncio do assassinato do soberano e da restauração dos templos dos grandes deuses levada a cabo pelo seu sucessor. Em conseqüência destas profecias e de outros acontecimentos astrológicos no início do seu reinado, Esarhaddon modificou a política do seu pai relativamente à Babilônia e ordenou a reconstrução dos templos desta cidade.

Nessa época, os eclipses do Sol e da Lua eram considerados extremamente perigosos para um rei, e prediziam muitas vezes a sua morte. A astrologia estava muito avançada, e as previsões dos seus especialistas baseavam-se em precisas observações astronômicas. Se Júpiter era visível, o rei estava salvo; se um eclipse escurecia a parte superior da Lua, o soberano de Amuru ou do oeste morreria; se escurecia um dos quadrantes inferiores, era o destino do rei assírio que estava em perigo. No entanto, o monarca podia arranjar subterfúgios, colocando no trono um substituto, para transladar os maus augúrios para a pessoa deste, que era assassinado ao fim de cem dias do eclipse e enterrado com honras reais. O primeiro exemplo de um rei substituto é constituído pela entronização de Enlilbani como soberano de Isin em 1861 a.C., embora só esteja documentado em uma crônica copiada no período neobabilônico. Os hititas tinham um ritual semelhante, proveniente certamente da Mesopotâmia. Antes do reinado de Esarhaddon deu-se somente um caso bem documentado: um rei substituto, mencionado nos textos de Kalhu, de 728 a.C., foi nomeado com caráter periódico. No reinado de Esarhaddon foram registrados seis casos semelhantes e, pelo menos, dois durante o mandato do seu filho Assurbanipal.

Pouco depois da morte da sua esposa, Esarhaddon escolheu os seus filhos Assurbanipal e Shamashumukin como sucessores no trono da Assíria e da Babilônia, respectivamente. Em 672 a.C., angustiado com os problemas da sua própria ascensão ao trono e da sua delicada saúde, reuniu os funcionários e vassalos da Assíria em Kalhu, e obrigou-os a prestar juramento de fidelidade aos seus herdeiros.

As campanhas no Egito

Durante o reinado de Esarhaddon, invasores citas e cimérios esmagaram o poder dos vizinhos orientais e setentrionais dos assírios. A ameaça pairava sobre a própria Assíria e Esarhaddon viu-se obrigado a obedecer ao oráculo de Shamash e a dar a sua filha em casamento ao caudilho cita Bartatua (chamado Protothyes por Heródoto) para manter a paz. Não se sabe se o gesto obteve os resultados pretendidos, Esarhaddon vangloriou-se da sua vitória sobre os cimérios e os citas no Norte e no Leste da Assíria, mas o seu maior êxito foi conseguido no oeste.

Em 679 a.C. capturou Arza na fronteira com o Egito, mas sofreu um revés quando, segundo a crônica da Babilônia, o exército assírio foi derrotado no Egito em 676 a.C. Em 672 a.C., Esarhaddon adoeceu, mas ser recuperou para dirigir no ano seguinte a invasão do Egito. Desta vez derrotou o faraó Taharqa (690 a.C.-664 a.C.). Este pertencia à 25.ª dinastia, originária de Napata (Núbia), chamada Kush pelos egípcios e Meluhha pelos assírios. A 2 de julho de 671 a.C., um eclipse da Lua predisse a morte do rei da Assíria, mas foi evitado com a entronização de um substituto. Significava também a derrota do faraó egípcio. Depois de três batalhas, os assírios capturaram a capital, Mênfis, a 11 de julho, mas Taharqa fugiu para o sul, abandonando o seu filho, o harém e os tesouros. Com o espólio egípcio financiou a reconstrução da Babilônia. Os assírios nomearam novos soberanos, governadores e funcionários e impuseram taxas aos egípcios.

Nessa altura, a saúde de Esarhaddon ressentiu-se e este teve de se confrontar com problemas internos e externos. Em 670 a.C., ele descobriu uma conspiração para destroná-lo e executou os conjurados. No mês seguinte voltou a adoecer, mas recuperou. No ano seguinte, partiu para sufocar uma rebelião no Egito, de novo sob o controle de Taharqa, mas faleceu em 1º de novembro de 669 a.C., e a expedição foi abandonada.





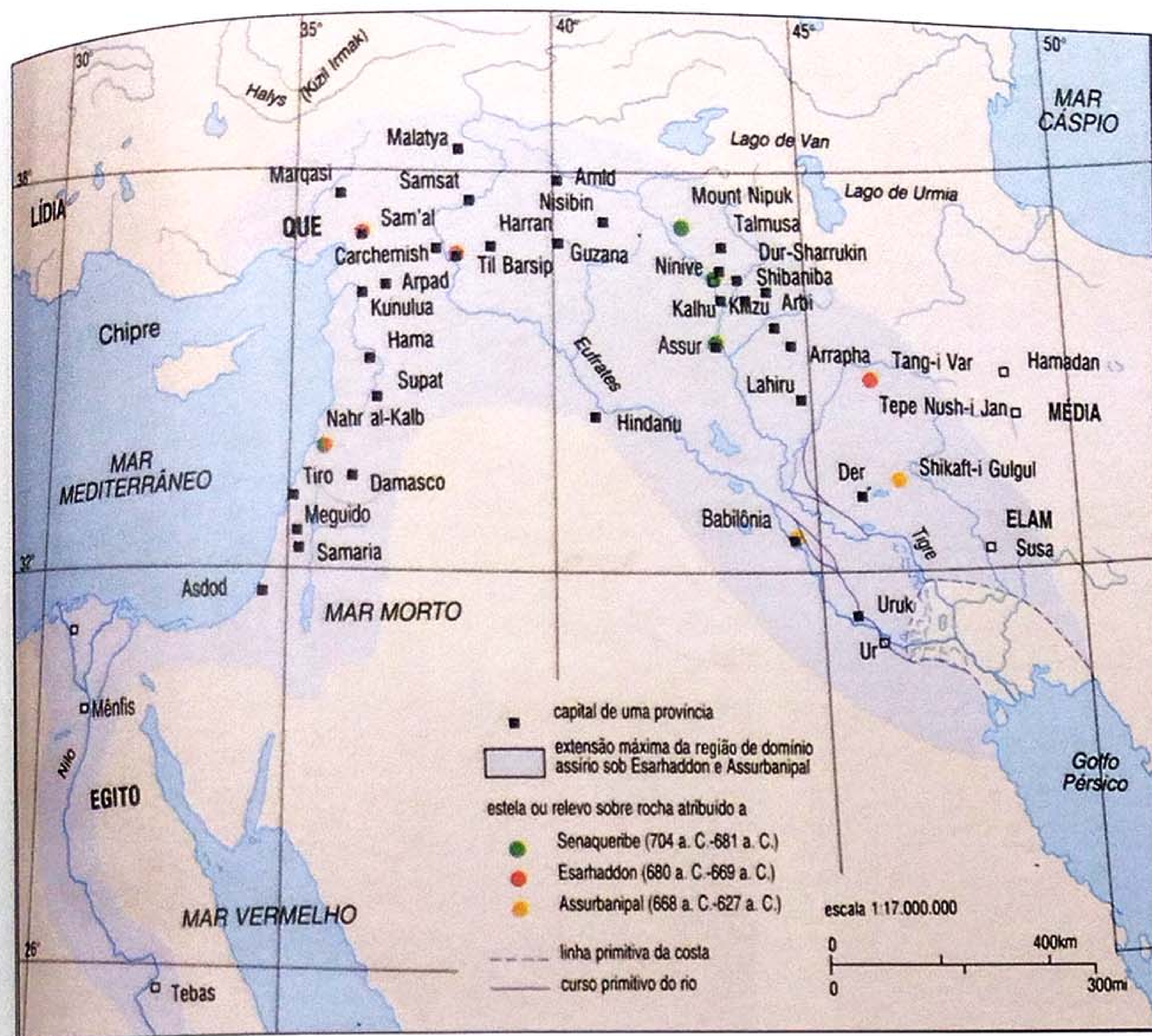
A conquista do Egito

Depois da morte de Esarhaddon, a sua mãe, Zakutu, obrigou os seus netos a jurar fidelidade a Assurbanipal, o herdeiro designado por Esarhaddon. A sua ascensão não apresentou dificuldades e assumiu o trono da Assíria antes do final de 669 a.C. A entronização de seu irmão como rei da Babilônia foi adiada para depois do ano-novo babilônico, na primavera de 668 a.C., razão por que os anos do reinado de Shamash-shum-ukin estão sempre um ano atrás do de seu irmão na Assíria.

Em 667 a.C. Assurbanipal empreendeu a reconquista do Egito iniciada pelo seu pai. Derrotou o faraó Taharqa nos arredores de Tebas, no sul. Assurbanipal tinha permanecido em Nínive, mas através do seu eficiente serviço de mensageiros deu ordem para marchar contra Taharqa. No entanto, antes de se cumprirem as suas ordens, os reis vassalos do Egito designados por Esarhaddon revoltaram-se e o exército assírio teve de sufocar a revolta antes da sublevação. Os chefes da conspiração foram feitos prisioneiros e enviados para Nínive, mas um deles, Necho I, o soberano de Sais, conseguiu convencer Assurbanipal da sua lealdade, tendo recuperado o seu trono e regressado ao Egito.

Depois da morte de Taharqa em 664 a.C., o seu sobrinho Tantamani (664 a.C.-657 a.C.) tornou-se rei e invadiu o Egito. Escolheu Tebas como capital e dirigiu-se contra a guarnição assíria em Mênfis.

Aqui derrotou os exércitos do príncipe egípcio no Delta em uma batalha em que é possível que Necho I tenha perdido a vida. Ao ouvir as notícias, Assurbanipal enviou outro exército para o Egito, talvez sob as suas próprias ordens e obrigou Tantamani a retirar-se. Assurbanipal reconquistou Mênfis e saqueou Tebas, regressando triunfante a Nínive com um copioso espólio. As fontes assírias nada dizem das posteriores relações com o Egito, mas parece que Assurbanipal decidiu retirar-se enquanto os soberanos do Egito estavam ainda vinculados à Assíria por juramentos de fidelidade e amizade.



O Império Assírio no século VII a.C.
O império criado por Tiglath-pileser III e por Sargão II continuou a ser o núcleo do território assírio durante o reinado dos seus sucessores. A conquista adicional mais importante foi a breve invasão do Egito por Esarhaddon e Assurbanipal e a destruição do Elam, obra deste último. Dois problemas estimularam os governantes no período final da Assíria: a sucessão no trono e as relações com a Babilônia. Em 652 manifestaram-se juntos, por ocasião da guerra civil entre Assurbanipal e o seu irmão Shamash-shum-ukin, rei da Babilônia. Assurbanipal venceu após uma luta sem tréguas da qual a Assíria nunca conseguiu se recuperar. Foi destruída pelos babilônios e os medos em 612 a.C.

Acima, à esquerda: Relevo do Palácio do Norte em Nínive, que representa Assurbanipal e a sua esposa Assur-Sharrat celebrando uma festa em um jardim. No pinheiro da esquerda está pendurada a cabeça de Teummam, o rei do Elam, que tinha sido enviada à Assíria depois da batalha de Til-Tuba.

À esquerda: Assurbanipal derrotou os elamitas na batalha de Til-Tuba nas margens do Rio Ulai em 653 a.C. Na parte superior da esquerda, um soldado assírio corta a cabeça do rei elamita Teumman. (Relevo do palácio do sudoeste de Nínive.)

Na Anatólia ocidental, os lídios tinham-se transformado na principal potência depois do colapso do reino da Frígia no início do século VII a.C. Segundo Heródoto, Gyges (cerca de 680 a.C. a 650 a.C.) subiu ao trono lídio depois de assassinar o seu predecessor e de se casar com a esposa deste. Uma inscrição de Assurbanipal descreve como o deus Assur inspirou um sonho de Gyges em que prometia a conquista dos seus inimigos desde que submetesse Assurbanipal. Em conseqüência, Gyges enviou um embaixador junto do soberano assírio do seu longínquo país, desconhecido para os antepassados de Assurbanipal (pelo menos, este assim o garante) e conseguiu vencer os cimérios. Mas quando Gyges apoiou uma rebelião contra a Assíria, provavelmente antes de 665 a.C., o seu reino foi invadido pelos cimérios, que às ordens de Lygdamis (Dugdamme em fontes assírias), foram derrotados depois na Cilícia pelos assírios por volta do ano 640 a.C.

A biblioteca de Assurbanipal

Para além de um chefe militar, Assurbanipal foi um erudito. Nas suas inscrições afirma ter aprendido a arte dos escribas, a resolver problemas matemáticos e a ler os difíceis textos em acádico e sumério. Até se vangloriava de ser capaz de entender textos anteriores ao Dilúvio.

Durante o seu reinado compilou uma biblioteca de textos cuneiformes de todo o tipo e enviou agentes à procura de tabuinhas nos arquivos e escolas dos templos da Babilônia, que trouxeram cópias para Nínive. A biblioteca de Assurbanipal incluía as obras de referência e as listas de exemplos usadas pelos eruditos e escribas mesopotâmicos, vocabulários bilíngües, listas de palavras, de sinais e de sinônimos, listas de diagnósticos médicos, compêndios de augúrios, rituais e encantamentos, e obras literárias como *A Epopéia de Gilgamesh* e o *Poema da Criação*. De fato, os textos da biblioteca de Assurbanipal são a base do conhecimento atual da tradição dos escribas mesopotâmicos.

Guerra civil e destruição de Susa

A solução de Esarhaddon para o relacionamento com a Babilônia funcionou bem durante dezesseis anos. Shamash-shum-ukin aceitou o papel de monarca subordinado apesar das contínuas ingerências de Assurbanipal nos assuntos internos da Babilônia. Sem se esperar, no ano de 652 a.C., rebentou uma guerra civil entre os dois irmãos, embora não estejam esclarecidos os motivos da divergência. O confronto durou quatro anos, durante os quais elamitas, árabes e povos tribais do sul apoiaram os babilônios. Os assírios conservaram as cidades meridionais, e no verão de 650 a.C., a mesma Babilônia estava sitiada. Shamash-shum-ukin foi assassinado quando no final de 648 a.C. a cidade foi incendiada e Assurbanipal recuperou o seu controle. Mandou executar o resto dos rebeldes no mesmo templo em que Senaquerибe tinha sido assassinado e os seus corpos cortados aos bocados serviram de alimento a cães, porcos, pássaros e peixes.

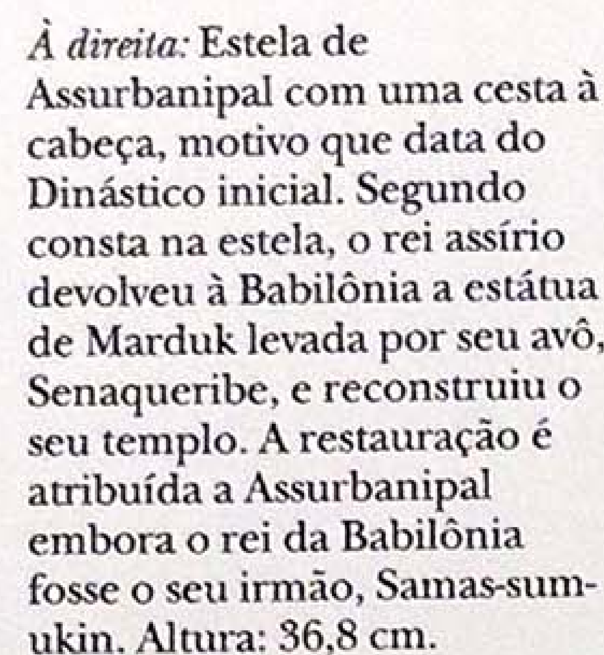
Kandalanu sucedeu a Samash-shum-ukin no governo da Babilônia. Não há acordo sobre se este nome corresponde a um adotado por Assurbanipal para assumir o trono ou se era alguém designado pelo monarca. Nada se sabe dos feitos de Kandalanu, mas aparentemente a paz reinou na Babilônia nos vinte e um anos do seu reinado.

Antes da guerra civil, Elam tinha sido o objetivo das campanhas assírias em 667 a.C. e 653 a.C. No decurso da segunda, o rei elamita Teum-man (Tepti-Humban-Inshushinak em elamita) foi assassinado durante uma batalha nas margens do rio Ulai. A sua cabeça foi levada, para Nínive, à presença de Assurbanipal, que a exibiu em Arbil e na própria capital. No final da guerra civil, Assurbanipal desviou a sua atenção para o Elam, que tinha apoiado a rebelião fraterna. Em 648 a.C. e 647 a.C. confrontou-se com Ummanaldash ou Humban-Hal-tash in, que se tinha apoderado do trono elamita e o derrotou. Os assírios saquearam Susa, destruindo os seus templos; levaram os deuses, profanaram os túmulos e mutilaram as estátuas dos reis do Elam. Chegaram a espalhar sal pelos campos para que nada crescesse. Entre as peças do espólio havia uma estátua da deusa Inanna, a qual, segundo as afirmações de Assurbanipal, tinha sido roubada de Uruk 1.635 anos antes.

A última fase do reinado de Assurbanipal não é bem documentada, e até se desconhece a data da sua morte, embora tenha sido fixada em 627 a.C. E uma coincidência que Kandalanu, que poderia ser identificado efetivamente com Assurbanipal, morresse também nesse ano. Na Babilônia iniciou-se um período insurrecional que finalmente conduziria à destruição da Assíria.

Babilônia





À direita: Estela de Assurbanipal com uma cesta à cabeça, motivo que data do Dinástico inicial. Segundo consta na estela, o rei assírio devolveu à Babilônia a estátua de Marduk levada por seu avô, Senaqueribe, e reconstruiu o seu templo. A restauração é atribuída a Assurbanipal embora o rei da Babilônia fosse o seu irmão, Samas-sum-ukin. Altura: 36,8 cm.

Babilônia, cujo nome significa a porta dos deuses, era o centro do culto ao deus Marduk. Capital de província durante a 3.a Dinastia de Ur no século XVIII a.C. tornou-se a capital espiritual e material da Mesopotâmia do sul, sob o domínio do soberano amorrita Hamurábi (1792 a.C.-1750 a.C.) A 1.º dinastia da Babilônia terminou quando a cidade foi saqueada pelos hititas no ano 1595 a.C. Os seus sucessores, os cassitas, foram coroados na Babilônia.

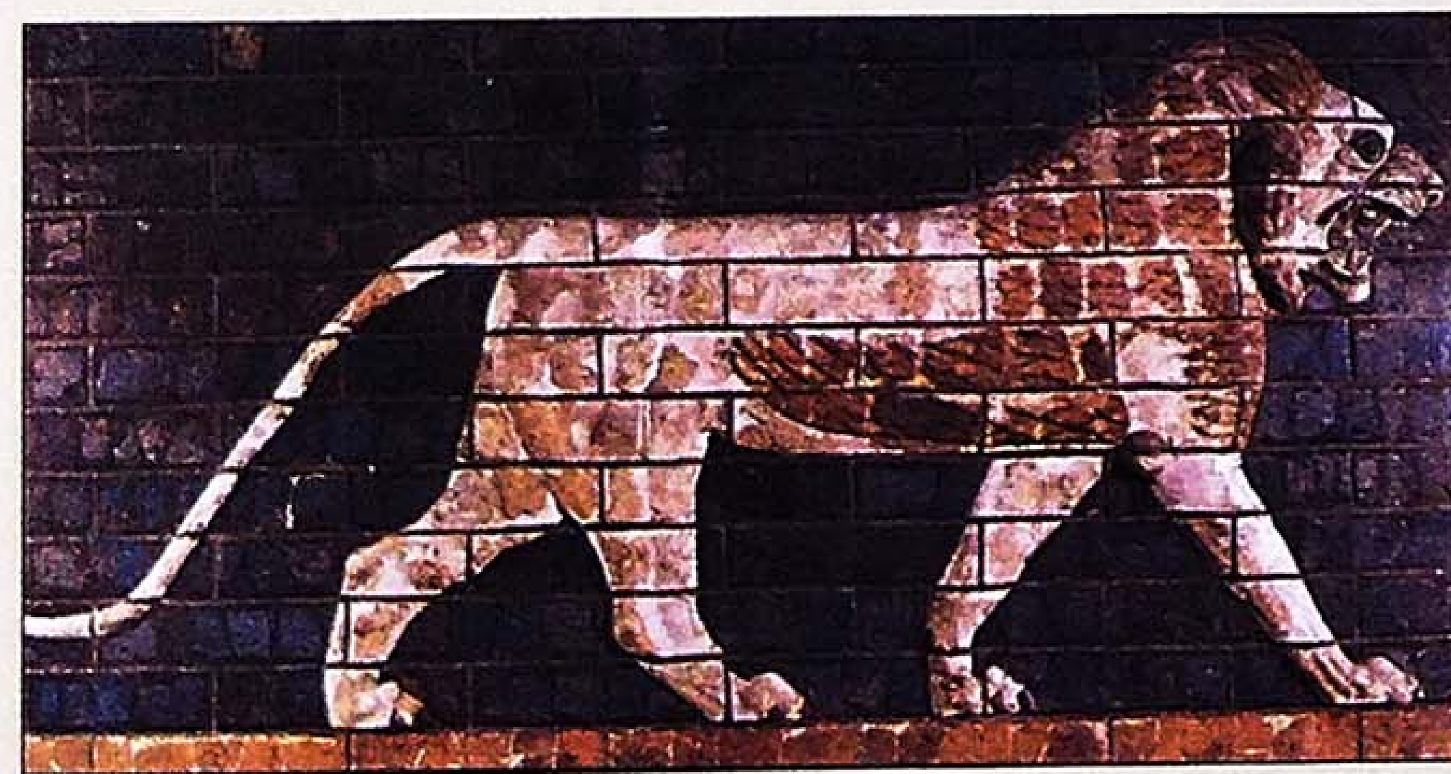
No 1.º milênio a.C., os reis assírios aspiravam a governar a antiga cidade santa, enquanto na Babilônia as tribos aramaicas e caldéias instaladas na região lutavam pela sua independência. Senaqueribe destruiu a cidade em 689 a.C., mas o seu sucessor, Esarhaddon, reconstruiu-a. Finalmente, Nabopolasar (625 a.C.-506 a.C.) derrotou os assírios e ele e o seu filho, Nabucodonosor II (604-562) devolveram à Babilônia o seu esplendor original.

Babilônia foi incorporada ao Império Persa no século VI a.C., depois caiu em poder de Alexandre Magno e dos seus sucessores e, por fim, perdeu a sua posição preeminente em favor da cidade grega da Selêucia, nas margens do Tigre.

Duas das Sete Maravilhas do Mundo Antigo, os Jardins Suspensos e as Muralhas encontram-se na Babilônia. Embora não seja conhecida com certeza a localização dos Jardins Suspensos, as Muralhas, essas sim, foram encontradas. A muralha exterior estendia-se ao longo de 8 km e, de acordo com Heródoto, tinha espaço suficiente na parte superior para que um carro puxado por oito cavalos pudesse dar a volta.







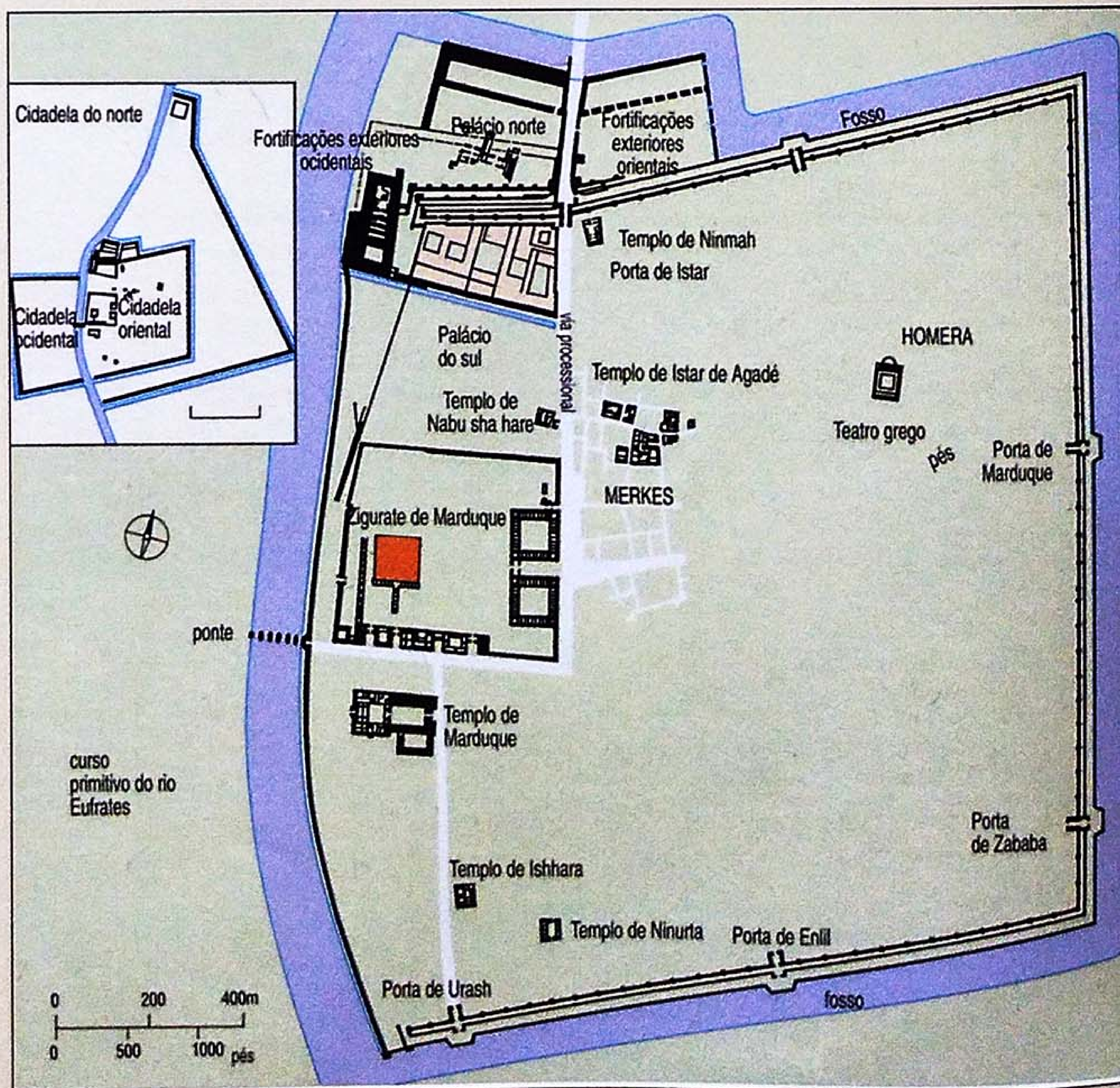
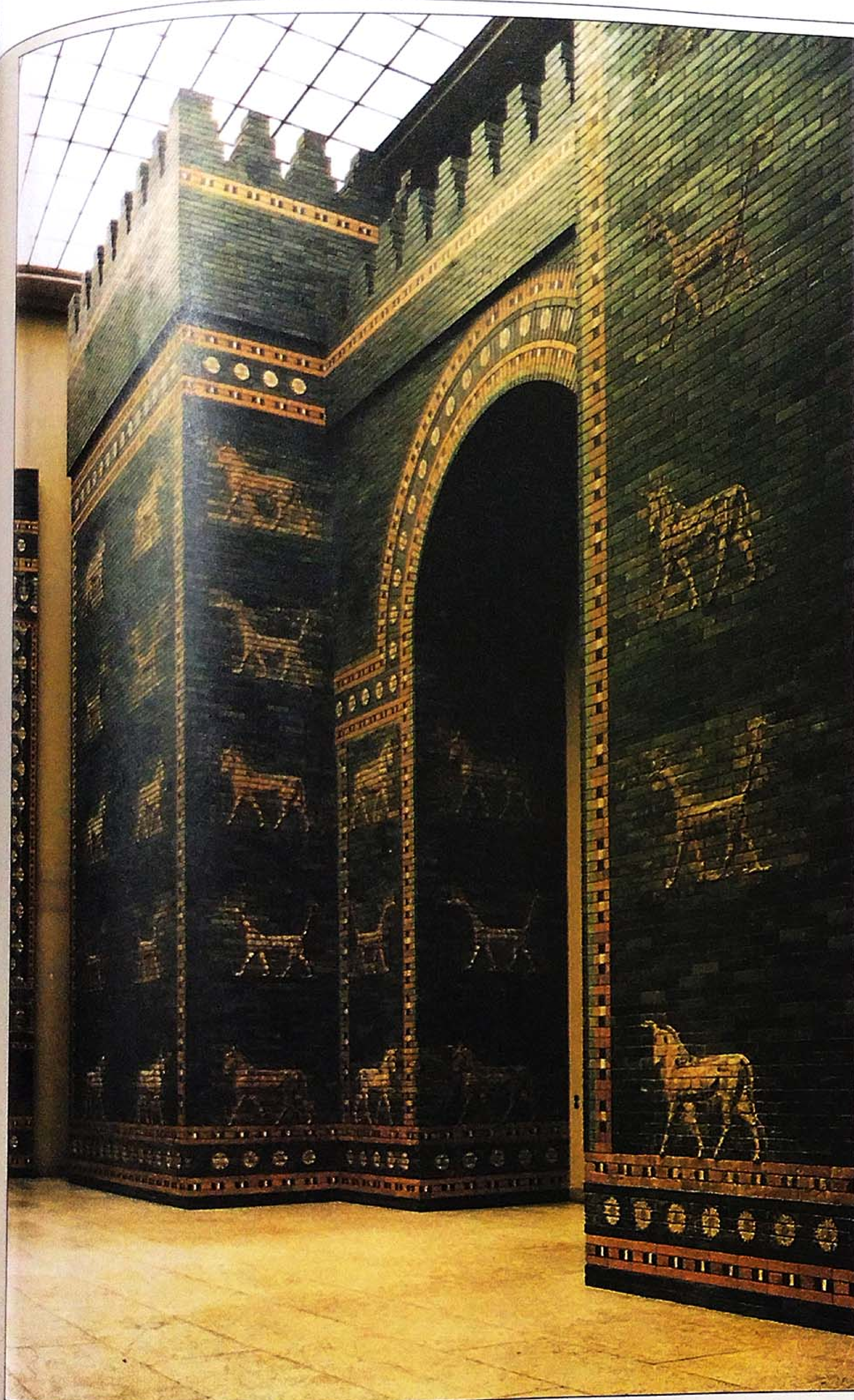


Figura superior: Estátua de diorito de um deus ou, possivelmente, de um rei deificado (por volta de 2040 a.C.) A inscrição é uma dedicatória de Puz-Istar, soberano de Mari, e do seu irmão Milaga. Esta estátua, encontrada na cidadela setentrional, junto a outra quase idêntica, mas sem inscrição, provavelmente pertenceu ao chamado museu. Ele continha uma grande variedade de objetos exóticos, incluindo um gigantesco leão neo-hitita de pedra e a estela de Samas-res-usar de Suhu. Altura: 1,70 m.

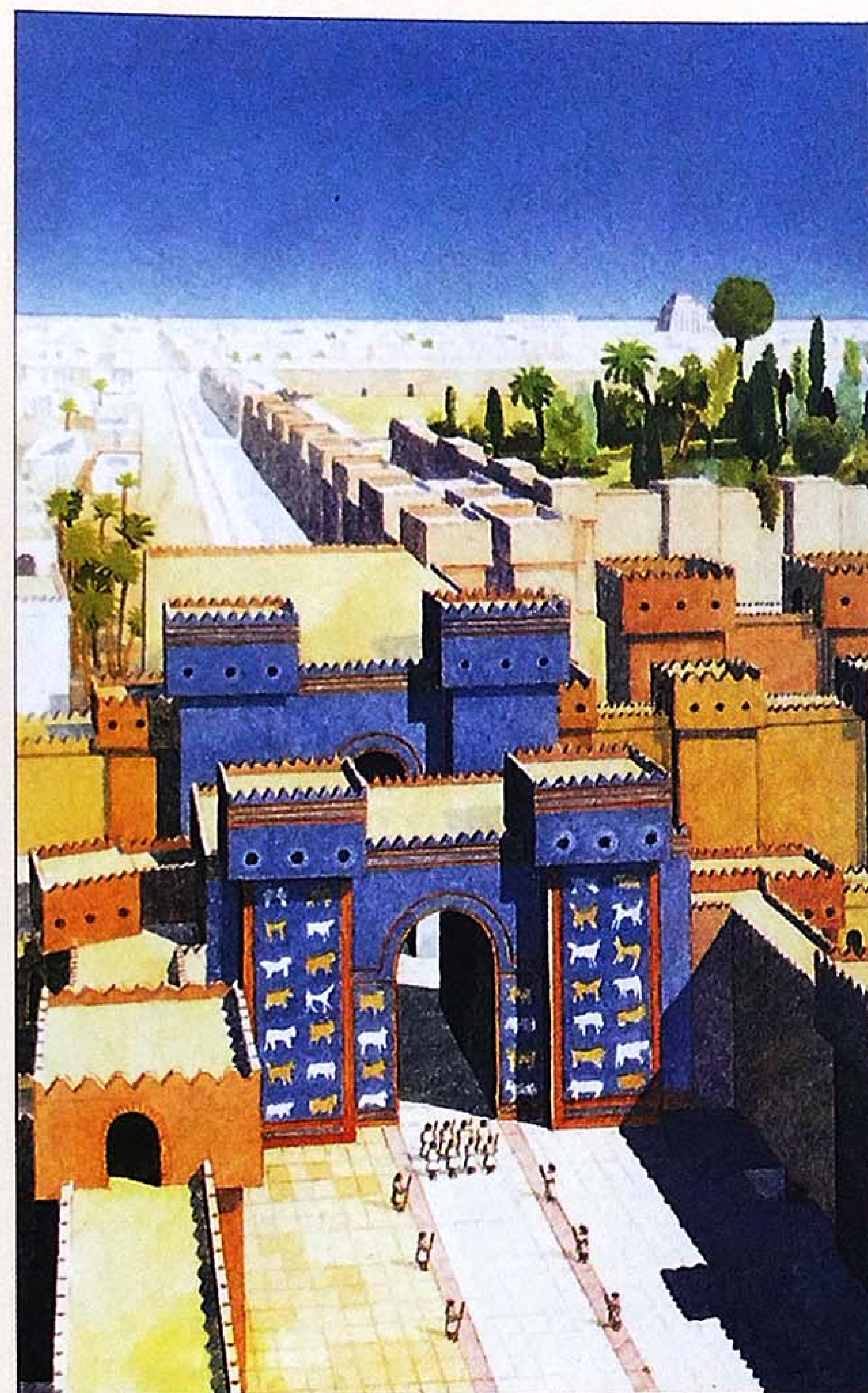
Acima: Durante o governo de Nabucodonosor II, os muros da Via Processional, que se estendia do Templo de Marduk ao Templo Akitu, foram decorados com figuras em relevo de leões em marcha.

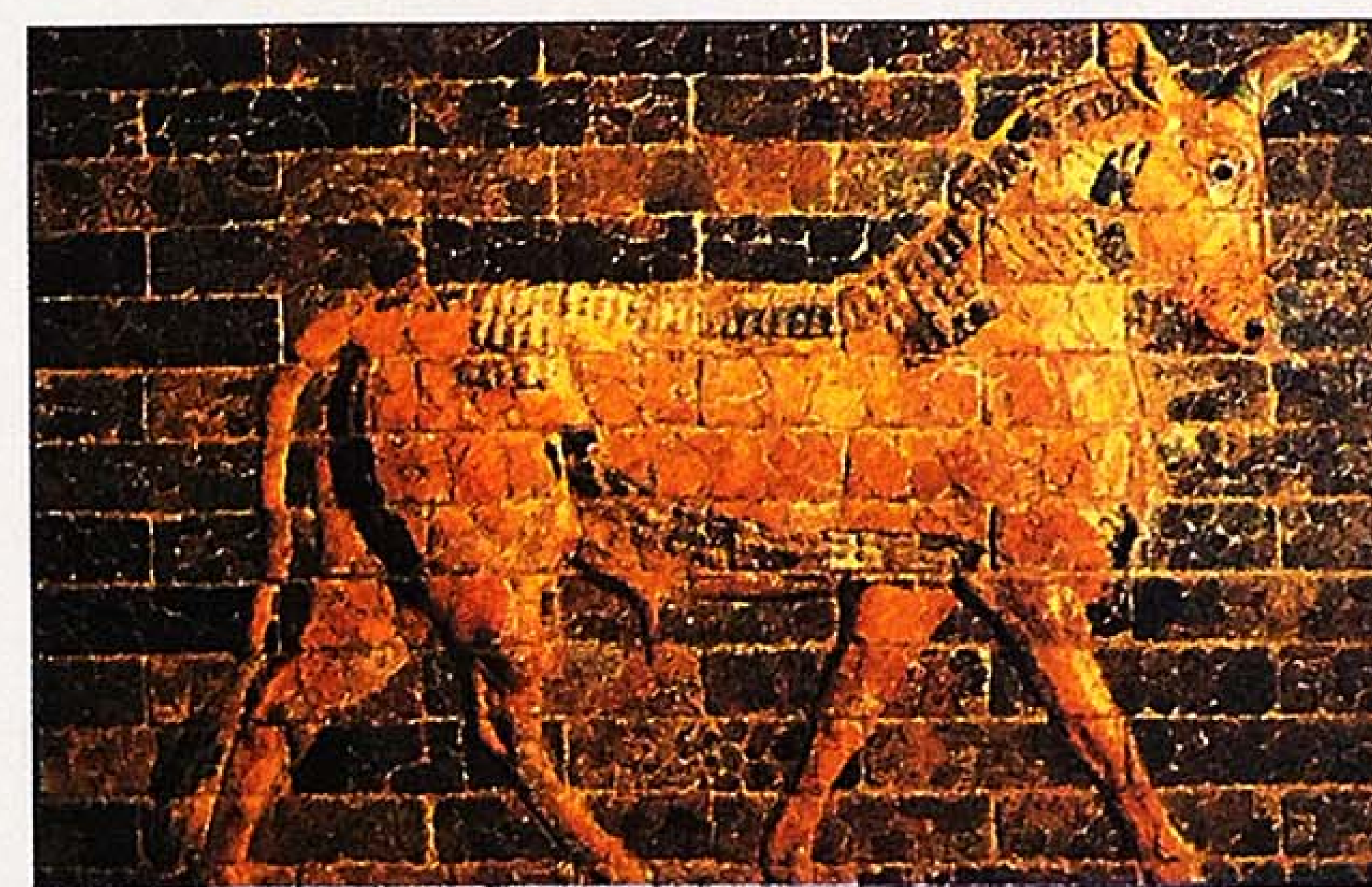
À direita, acima: Os touros-dragões colocados nas bases da Porta de Istar eram de tijolo cozido com argamassa de betume e não vitrificados.

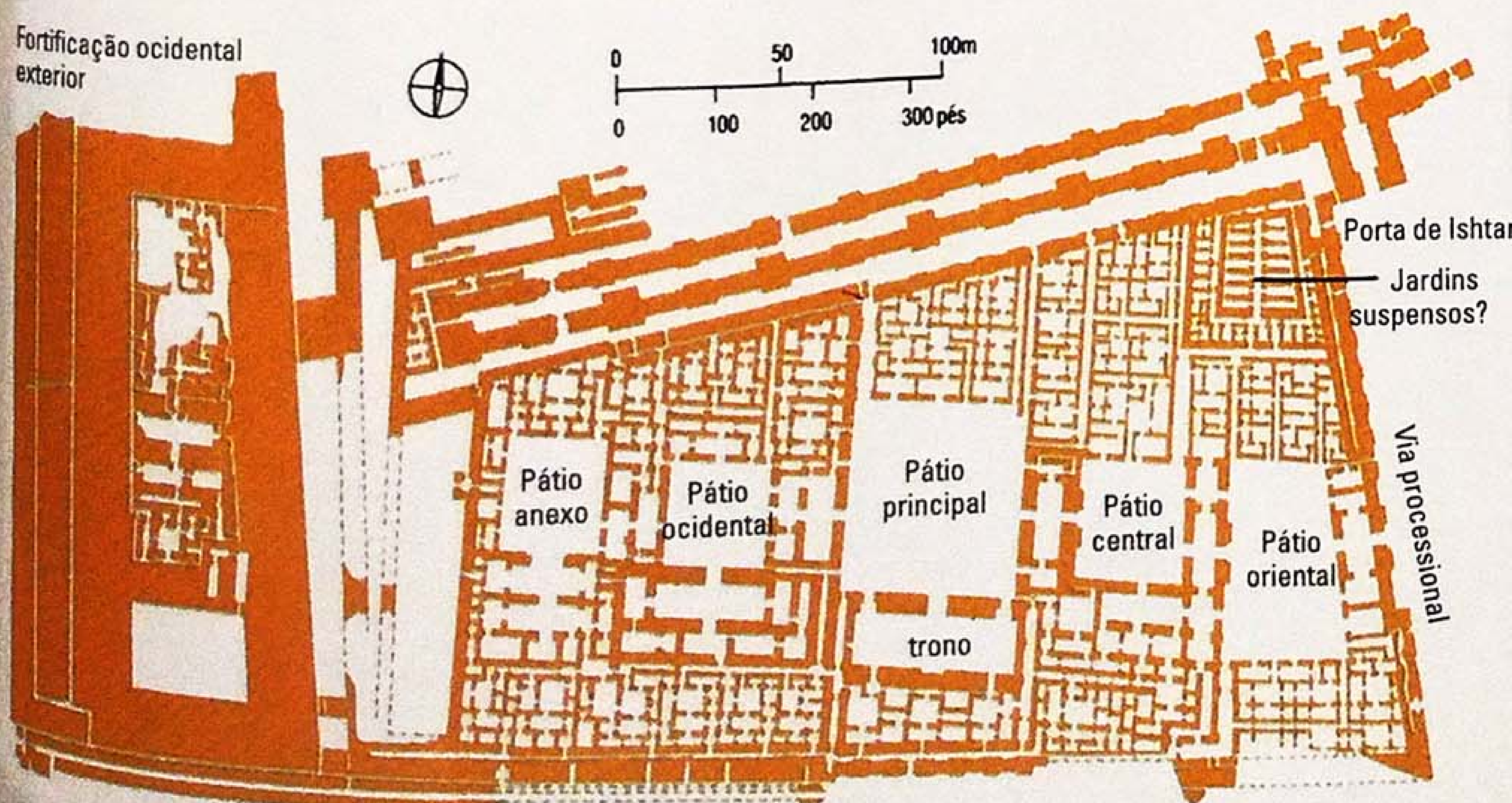
À direita: O Eufrates dividia a cidade em duas partes, unidas por uma ponte sustentada por colunas de pedra em forma de embarcação. As escavações empreendidas por Robert Koldesvev entre 1899 e 1917 revelaram grande parte do que era a região leste da cidade no período babilônico final. No centro, nas margens do rio, ficavam o Templo de Marduk e o zigurate. A "Torre de Babel" (Etemenanki) foi construída com tijolo cozido e atualmente não é mais que um fosso.



Abaixo, à esquerda: A Via Processional, denominada "que o inimigo não possa passar", estendia-se do Templo de Marduk ao Templo de Akitu e passava pela Porta de Istar, uma das oito portas localizadas dentro da cidade. Só foram encontrados os alicerces da porta cerca de 15 m abaixo da superfície, os quais mostram figuras modeladas, não vitrificadas. No nível do chão, havia figuras vitrificadas não em relevo e, sobre estas, outras em relevo. A porta foi reconstruída utilizando os tijolos vitrificados encontrados, mas a sua altura original é desconhecida.







À esquerda: A cidadela do lado sul foi construída em torno de cinco pátios, com salas de recepção de estilo babilônico. Foi uma criação de Nabucodonosor II, que a chamou de "a maravilha da humanidade, o centro da Terra, a residência brilhante, a morada da majestade", e foi utilizada posteriormente pelos reis da Pérsia. Provavelmente foi ali que ocorreu o banquete de Baltasar, a escrita sobre a parede e a morte de Alexandre Magno.

Acima: A porta de Istar era decorada com figuras de touros e de dragões, que apresentavam traços de serpentes, de leões e de águias. O touro era associado ao deus Adad, enquanto o leão era o animal do deus Marduk. O leão da deusa Istar não foi incluído, apesar de alguns leões fazerem parte da decoração da Via Processional. Os tijolos modelados e vitrificados tinham uma marca na sua parte superior para mostrar onde encaixavam no desenho. Altura do touro: 1,30 m aproximadamente.

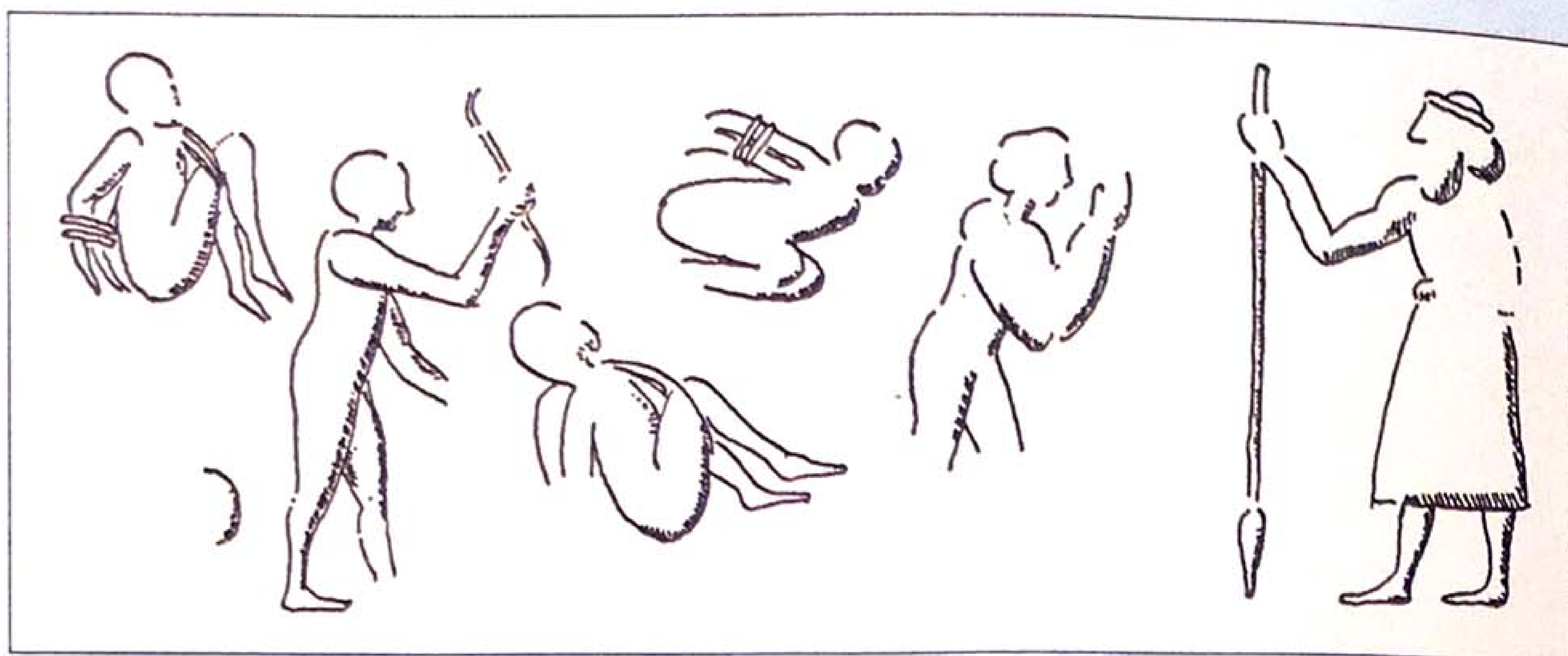
A arte da guerra na Mesopotâmia

A primeira prova evidente da existência da arte da guerra no antigo Oriente Médio provém de finais do 4.º milênio a.C., através das reproduções de selos encontrados em Uruk e Susa, mostrando prisioneiros e cenas de combate. Os restos das fortificações de períodos anteriores encontrados nas escavações, indicam que a arte da guerra era importante, já nos tempos pré-históricos.

As armas mais antigas eram as mesmas que se utilizavam na caça: lanças, garrotes, arcos, setas e fundas. No 3.º milênio, começaram a ser utilizadas armas novas como adagas e os machados de cobre, os elmos e os escudos. Os exércitos sumérios incluíram carros de batalha puxados por asnos selvagens.

Muitos dos progressos na arte da guerra ocorreram no 2.º milênio, quando foi necessário fabricar armamento para mais de 10.000 homens. Ao mesmo tempo, desenvolveu-se o cerco dentro da arte da guerra e, com ele, melhoraram as fortificações. Os soldados usavam armaduras de bronze, e os carros puxados por cavalos eram a arma preferida da elite militar.

No milênio seguinte, o ferro substituiu o bronze no fabrico de muitas armas e a cavalaria tornou-se um complemento das tropas transportadas em carros. A guerra psicológica concluía as sanções religiosas e os presságios, enquanto as ameaças de deportação e tortura desempenharam um papel importante nos êxitos militares dos assírios.



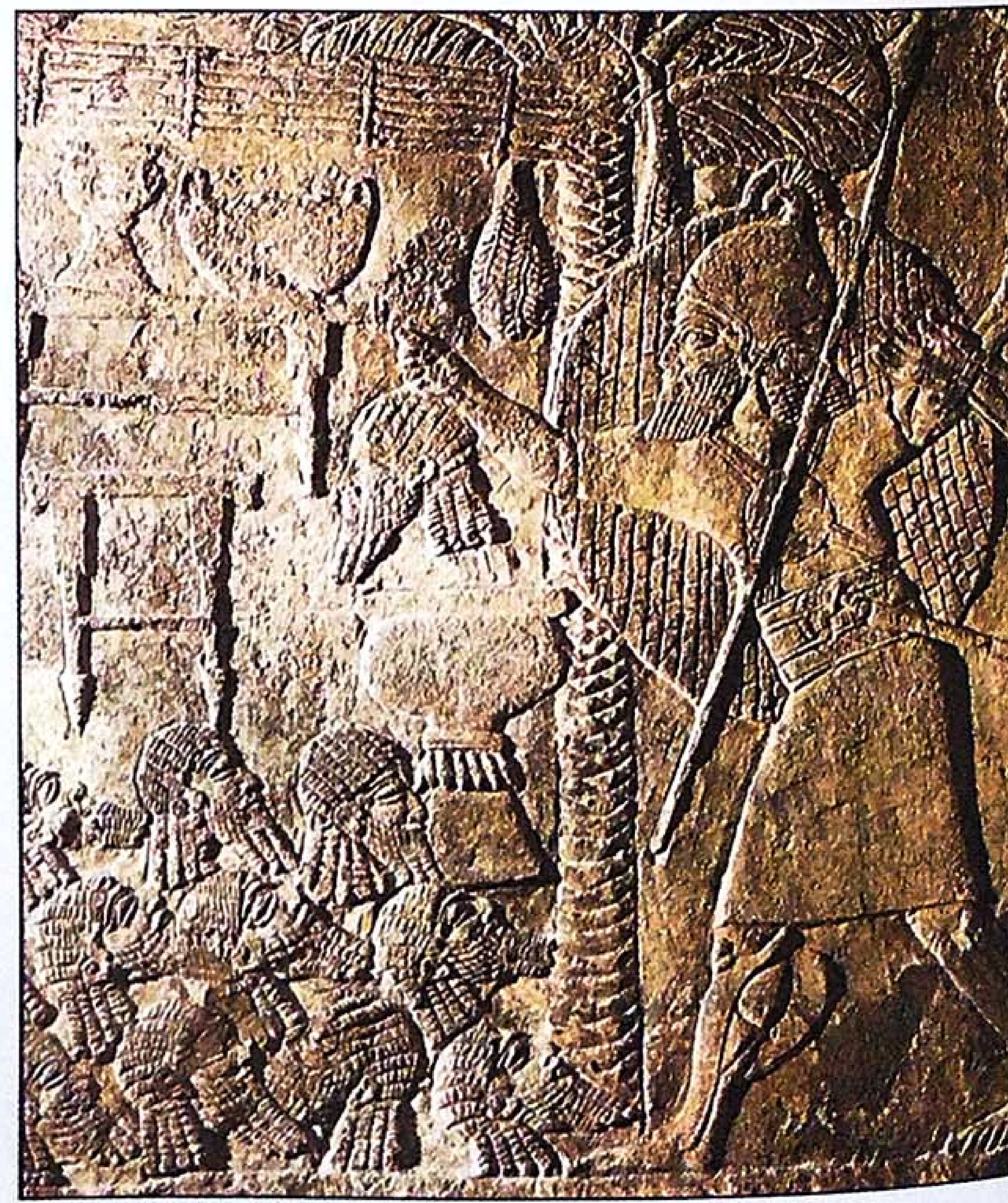


Abaixo: Um pormenor da Estela dos Abutres (por volta de 2450 a.C.), encontrada em Girsu. Os guerreiros de Lagash em massa, dirigidos pelo seu soberano Ennatum I, espezinham os cadáveres dos soldados de Umma. Na figura inferior, Ennatum, segurando uma lança comprida, ataca do seu carro de batalha, enquanto os seus soldados, armados de adagas e de lanças, marcham atrás dele.

Acima, à direita: Nesta reprodução de um selo cilíndrico de Uruk (por volta de 3200 a.C.), o soberano armado de uma lança está de pé diante dos seus prisioneiros atados e nus.

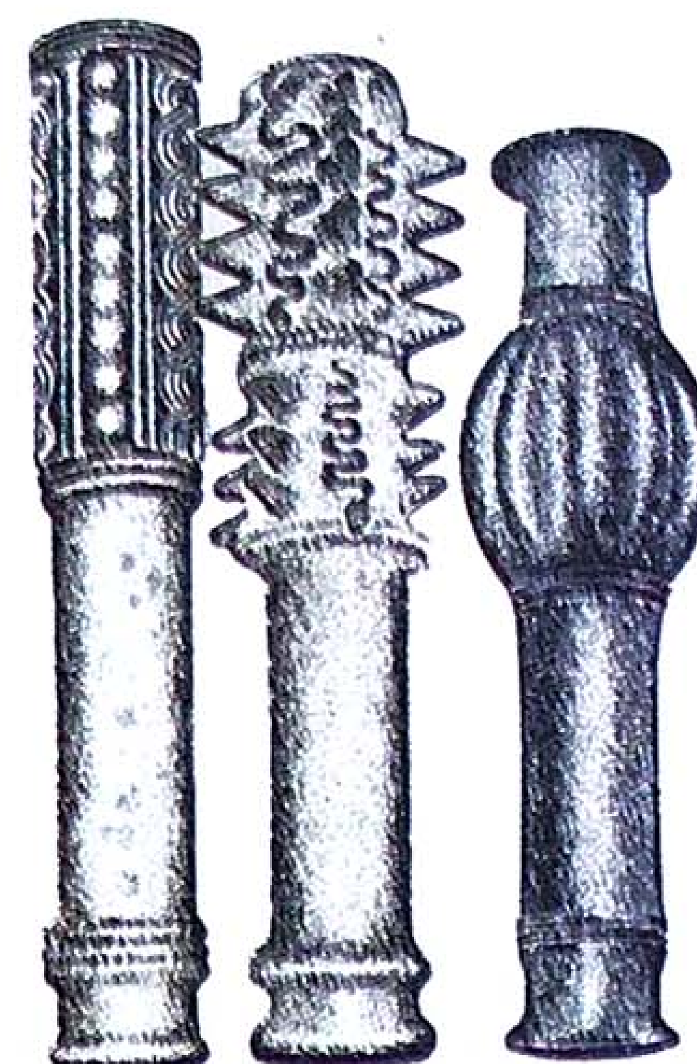
À direita: Um detalhe do estandarte de Ur (por volta de 2500 a.C.) que representa um carro de batalha sumério. O inimigo morto está abaixo do nível dos animais.

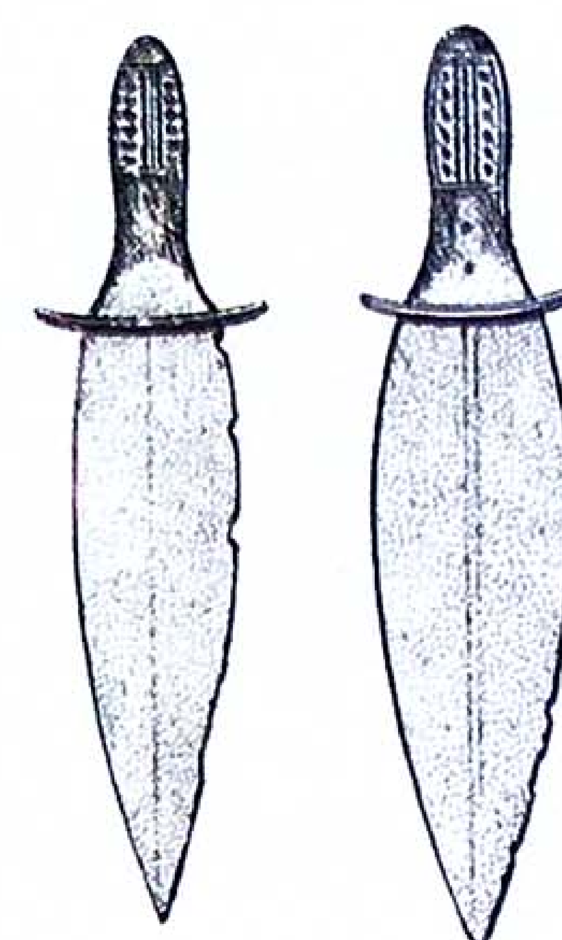


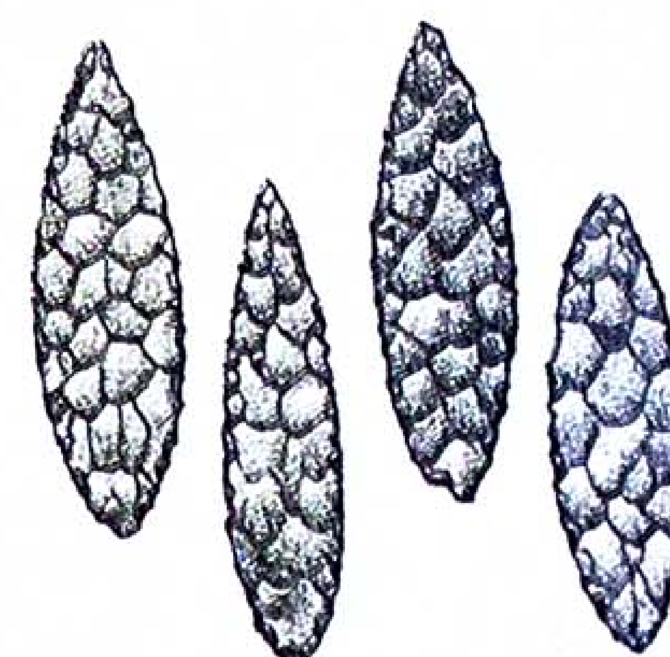


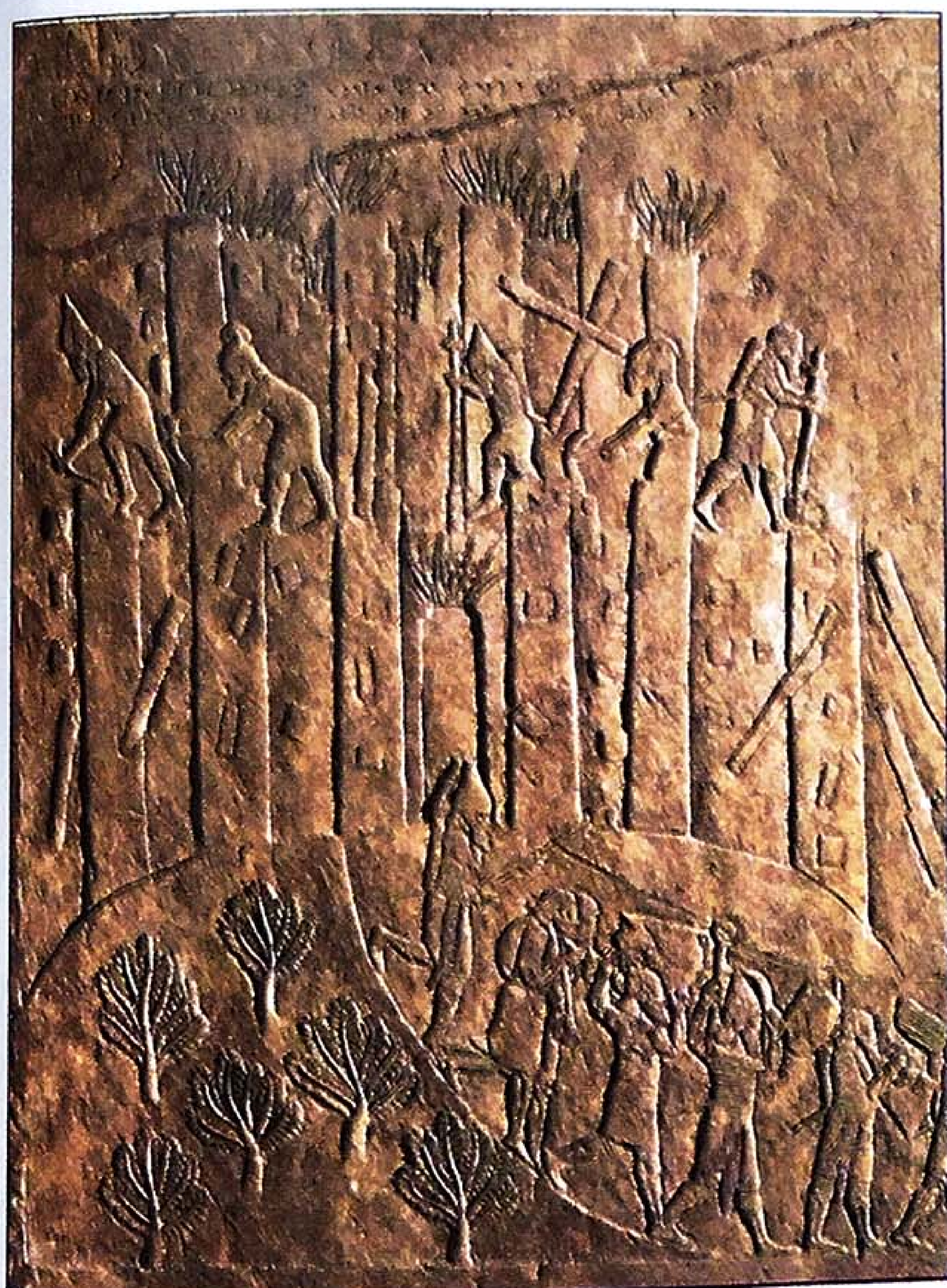


À esquerda: No século IX a.C. os soldados de cavalaria montavam uma parelha, de modo que um controlava ambos os cavalos enquanto o outro usava o seu arco. Naquele tempo ainda não tinha sido inventada a sela de montaria e o estribo. (Relevo do palácio noroeste de Kalhu.)







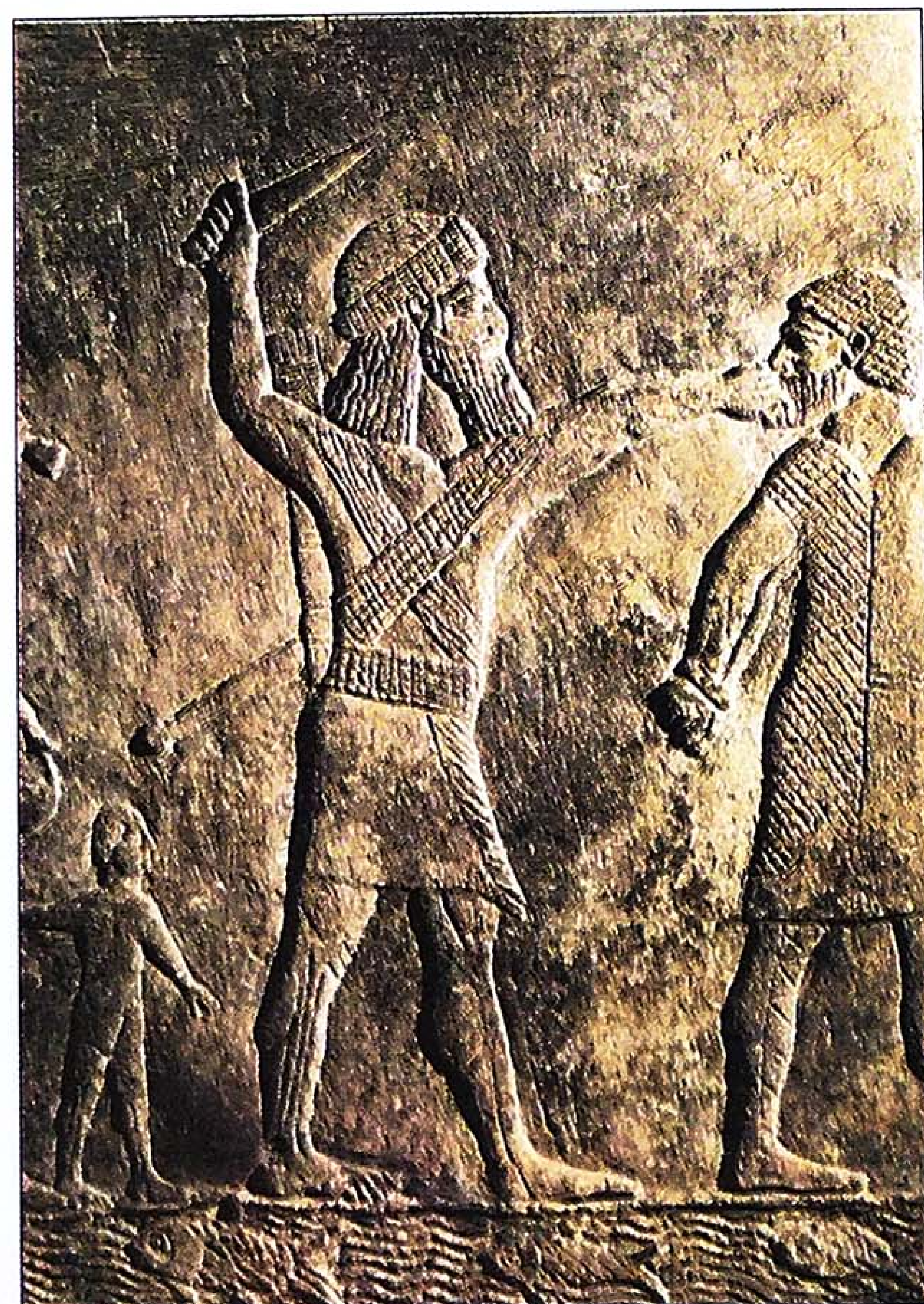


Acima: Depois da captura de Hamanu no Elam (por volta de 647 a.C.), a cidade foi saqueada e os soldados de Assurbanipal a incendiaram, destruindo as fortificações com picaretas e pás. A ameaça da vingança foi uma das armas principais bandidas pelos assírios. (Relevo do palácio setentrional em Nínive.)

À esquerda: Um soldado assírio leva uma cabeça decapitada para juntar ao espólio, após uma batalha na Babilônia. Os anais reais registravam o número de inimigos mortos, mas, mas, ao que parece, os números nem sempre partiam de uma contagem rigorosa das cabeças cortadas. (Retirado do friso do palácio sudoeste de Nínive, datado de 630 a.C.-612 a.C. aproximadamente.)



Acima, à direita: Um machado semicircular fundido em bronze, por volta do ano 2400 a.C. Os machados eram montados em um cabo de madeira e fixados em ranhuras (às vezes rebitados, como neste caso) ou fundidos com um buraco para inserir o cabo. Altura: 14 cm. Largura: 7,3 cm.



À direita: Relevo do palácio sudoeste de Nínive. Um soldado assírio puxa a barba de um refém procedente de Zagros, ameaçando-o com uma adaga. O destino dos prisioneiros variava. Algumas vezes eram sacrificados, outras deportados para trabalhar para o rei ou enviados para regiões longínquas do império.

Figura superior: Pontas de maça, do final do 3.º milênio a.C. A maça, além de arma, era um símbolo de autoridade. Estas eram provavelmente maças cerimoniais. Comprimento da mais longa: 20 cm.

Acima, ao centro: Adagas como estas (por volta de 2050 a.C.) foram encontradas no Cemitério Real de Ur. As folhas e os punhos eram fundidas separadamente e depois unidos com rebites. Comprimento da mais longa: 26,1 cm.

Acima: Cerca de 150 pontas de setas de pedernal, do final do 3.º milênio a.C. foram encontradas em Tell Brak. Embora o cobre e o bronze fossem utilizados na fabricação de outras armas e ferramentas, o pedernal era mais barato.





OS ÚLTIMOS IMPÉRIOS (626 a.C.-330 a.C.)

O ressurgimento da Babilônia

Entre 900 a.C. e 681 a.C., ano em que foi assassinado o rei assírio Senaqueribe, ocuparam o trono da Babilônia 24 reis. Destes, só se conhecem seis que tenham sucedido aos seus pais. Verificaram-se no mínimo 15 (provavelmente até 21) mudanças de dinastia, e entre os governantes se encontravam os chefes tribais assírios e caldeus, bem como nobres e funcionários babilônicos. Este foi um período de instabilidade para a Babilônia, dado que a sua prosperidade, dependendo do funcionamento do sistema de canais, exigia um governo estável e eficaz. A alteração da política de Esarhaddon a favor da Babilônia, seguido dos longos reinados de Shamash-Shum-ukin e de Kandalanu proporcionou o crescimento econômico do reino babilônico. No século seguinte, a Babilônia ultrapassou a Assíria como principal região produtora de grão do Oriente Médio.

Em cerca de 627 a.C., depois da morte de Kandalanu, rei da Babilônia, e de Assurbanipal, rei da Assíria, surgiu um dirigente babilônico de origem incerta que adotou o nome de Nabopolasar. Em 23 de novembro de 626 a.C. ocupou o trono da Babilônia e transformou-se em fundador da dinastia neobabilônica ou caldéia. Segundo a tradição, tratava-se de um caldeu que durante o domínio assírio tinha sido governador de Sealand, mas nas suas inscrições, Nabopolasar declarava ser um homem do povo, "o filho de ninguém".

Durante dez anos, a Babilônia foi cenário de combates entre babilônios e assírios. Neste período de tremendas dificuldades, as cidades eram sitiadas e mudavam de mão continuamente. Em certa ocasião, os cidadãos de Nippur venderam os seus filhos como escravos para evitar a morte por inanição durante um cerco. Até 616 a.C., Nabopolassar dominou a Babilônia e transformou-se em uma ameaça para a Assíria. Os babilônios avançaram até o Eufrates, onde derrotaram o exército assírio apoiado por aliados egípcios, ação que voltaram a repetir nas proximidades de Arrafa.

Em 615, os babilônios fracassaram no seu cerco à cidade de Assur. No ano seguinte, capitaneados por Ciaxares, atacaram a capital assíria, Nínive, e apoderaram-se de Tarbisu, cerca de 4 km ao norte, antes de avançar para Assur e saquear a cidade. Depois da queda de Assur, Nabopolassar fez um tratado de aliança com os medos. Em 612 a.C., medos e babilônios dirigiram-se a Nínive, que caiu depois de um cerco de três meses, durante o qual o rei assírio Sin-sar-iskun morreu. Os conquistadores destruíram a cidade e saquearam os templos, destruíram as esculturas dos reis assírios dentro dos palácios e mutilaram a cabeça de cobre que possivelmente representava o rei acádico Naram-Sin (2254 a.C.-2218 a.C.). No templo de Nabu, em Kalhu, destruíram as cópias de juramento de lealdade a Esarhaddon prestado pelos caudilhos do Leste do Irã e espalharam os fragmentos pelo chão.

Um grupo de assírios refugiou-se em Harran, onde resistiram alguns anos com a ajuda dos egípcios, mas a resistência assíria parece ter acabado em 609 a.C. Não há informações sobre o que aconteceu na Síria depois de 612 a.C. Isto se deve talvez a que os registros administrativos foram redigidos em pergaminhos ou papiros e não em tabuinhas de argila mais duradouras, ou então devido à interrupção absoluta da estrutura administrativa. Até se desconhece se eram os babilônios ou os medos quem então dominava a Assíria.

Nabopolassar descreve plasticamente a sua vitória sobre o odiado inimigo assírio na seguinte inscrição: "Aniquilei a região de Subartu (Assíria), transformei as terras férteis em entulho e ruínas. Os assírios que desde dias remotos governaram sobre todas as gentes e com o seu pesado jugo levaram a dor a todos os povos da Terra, fiz os seus pés recuar da Acádia, o seu jugo venci."

No oeste, os egípcios, antigos aliados dos assírios tentaram tomar conta da situação. No ano de 610 a.C. tinham ido em ajuda dos assírios e, depois de derrotar e assassinar Josias, rei de Judá, em Megido (609 a.C. aprox.) quando tentava fazer-lhes frente, estabeleceram-se em Carchemi. Em 605 a.C., os babilônios conseguiram expulsar os egípcios e aniquilar o seu exército na região de Hama durante uma campanha dirigida pelo primogênito de Nabopolassar, o herdeiro da coroa Nabucodonosor.

O destruidor de Jerusalém

Quando Nabopolassar morreu em 16 de agosto de 605 a.C., Nabucodonosor (Nabu-Kudurri-usur, também chamado Nabucadreazzar) voltou imediatamente à Babilônia, onde foi coroado em 7 de setembro. Para isso, tanto Nabucodonosor quanto o mensageiro que transmitiu a notícia tiveram de fazer a extraordinária média de 50 km diários. Depois da sua coroação Nabucodonosor recomeçou a campanha no oeste, voltando à Babilônia para participar na celebração do ano-novo, que no calendário babilônico se celebra na primavera. Nos anos seguintes, continuou as suas incursões na Síria e na Palestina e em 601 a.C. atacou o Egito, onde encontrou resistência. Descrevendo esta ação, Nabucodonosor escreve: "Em combate aberto bateram-se com violência uns contra os outros e infligiram importantes derrotas entre eles".

Em dezembro de 598 a.C. Nabucodonosor saiu da Babilônia uma vez mais para batalhar no Ocidente. Sitiou Jerusalém, que três anos antes se tinha revoltado, e em 16 de março de 597 a.C. a cidade caiu. O rei Joaquim e muitos dos seus súbditos foram deportados para a Babilônia e Sedecias subiu o trono de Judá. Passados alguns anos, Sedecias revoltou-se também. Os babilônios iniciaram um cerco a Jerusalém que durou mais de um ano. Finalmente, abriu-se uma brecha nas muralhas no verão de 587 a.C. (ou 586 a.C.) e a cidade rendeu-se um mês depois aproximadamente. É possível que grande parte de Jerusalém tenha sido destruída então e muitos judeus tenham sido deportados. Nabucodonosor nomeou governadores, mas houve muitas rebeliões, que ocasionaram represálias posteriores por parte dos babilônios, e em 582 a.C.-581 a.C. houve novas deportações. Provavelmente Judá foi anexado naquele tempo à província de Samaria.

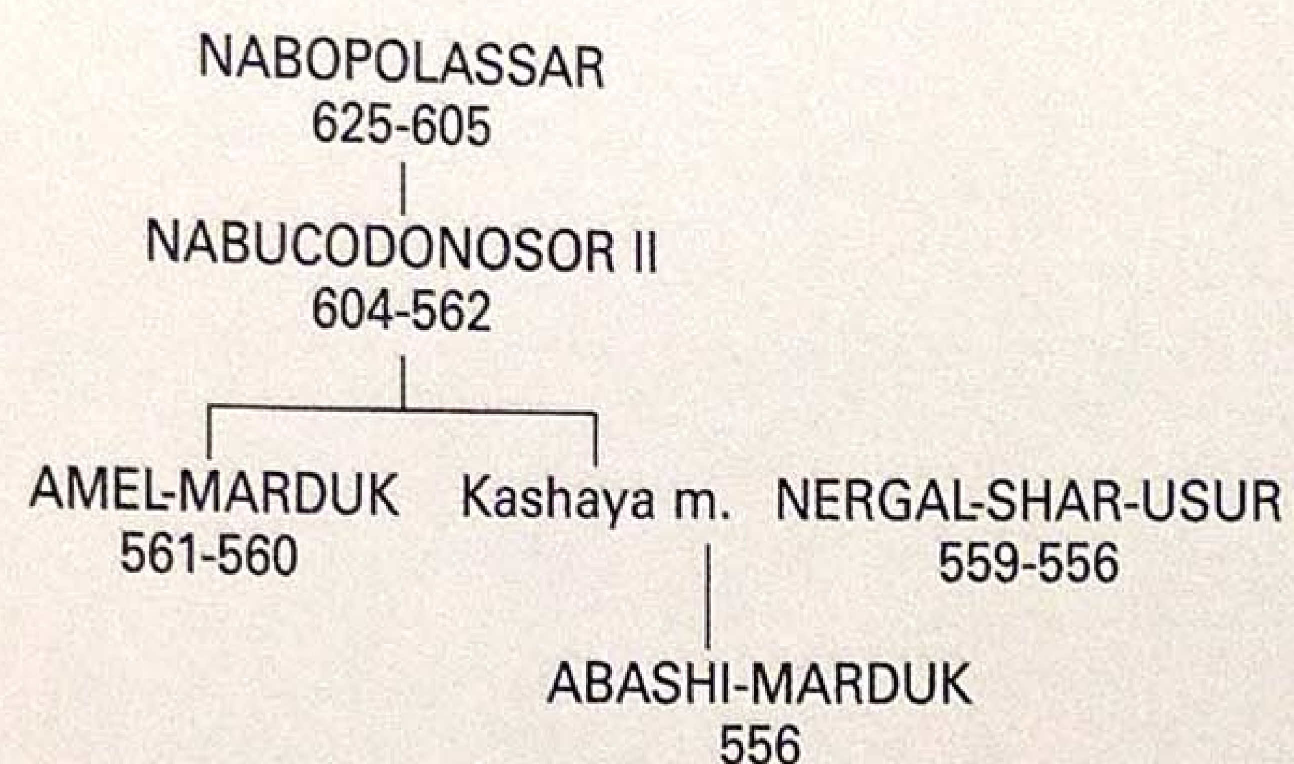
As relações de Nabucodonosor com os judeus foram compiladas na Bíblia, mas os pormenores das suas re-

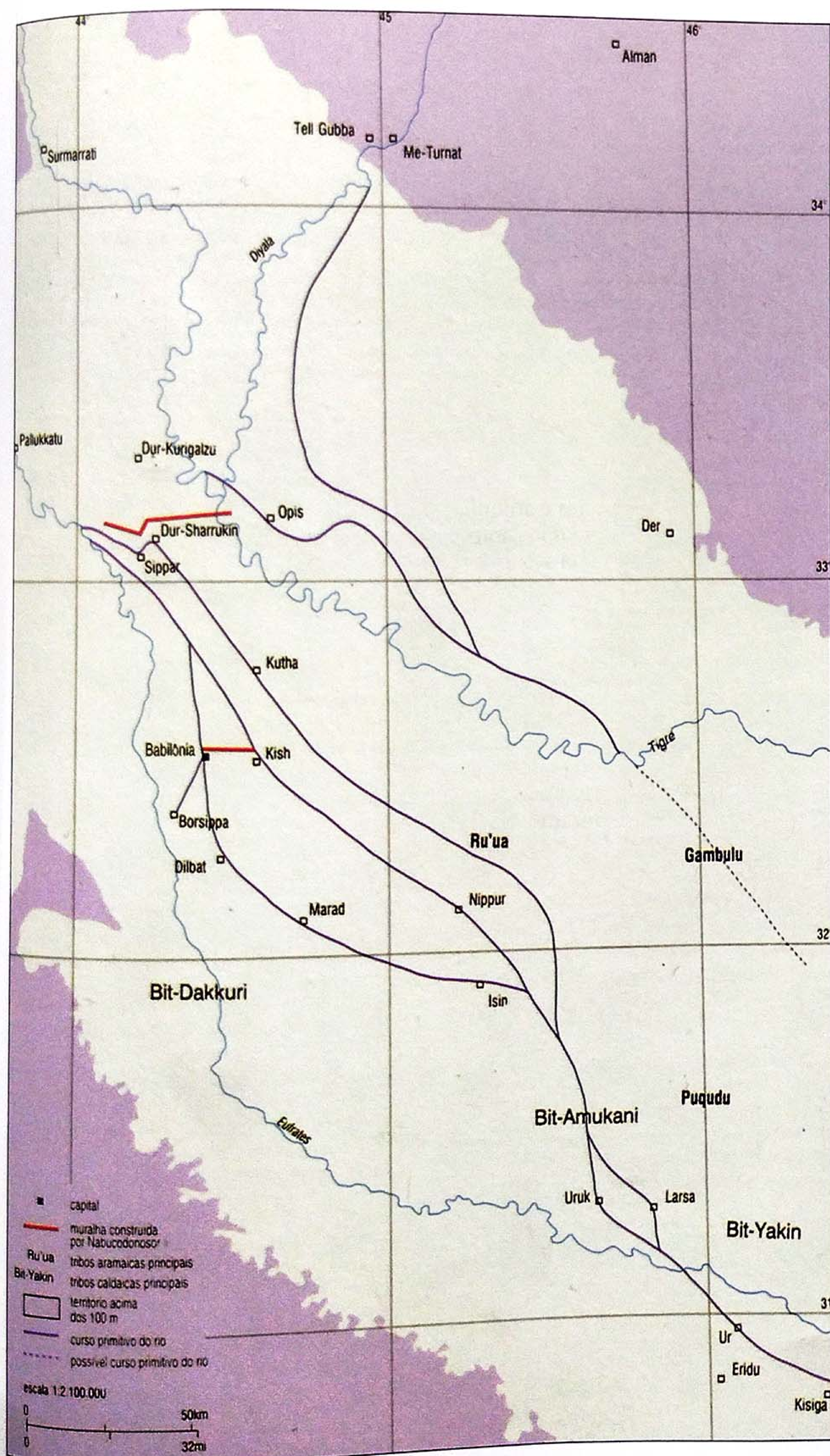
Babilônia
No início do 1.º milênio a.C., a Babilônia era povoada por tribos aramaicas. Depois, incorporaram-se tribos caldéias, que ocuparam grande parte da zona rural. A prosperidade da Babilônia aumentou nos século VII e VI a.C. sob o domínio dos soberanos assírios, neo-babilônios e persas, provavelmente como resultado da construção de canais. Os cursos dos rios não são certos e havia muitas correntes de água que não aparecem no mapa. Os reis neobabilônicos dedicaram grande parte da sua riqueza ao embelezamento da capital, Babilônia, e muitas outras antigas cidades sagradas da Babilônia, como Borsippa e Kutha. Um empreendimento notável de Nabucodonosor I foi a construção de duas muralhas feitas de tijolo cozido e betume que se estendiam entre o Eufrates e o Tigre. Uma ficava logo ao norte de Sippar e a outra se estendia entre a Babilônia e Kish. O seu objetivo era criar lagos artificiais para reforçar as defesas da Babilônia.

Paginas anteriores: Painel de tijolo vitrificado em relevo do palácio de Dario em Susa. Representa um leão alado com chifre e pés de águia.

lações com outros países são menos certos. Elam pode ter sido derrotado em 596 a.C., um ano antes de Nabucodonosor acabar com uma rebelião na Babilônia. Em uma fase posterior do seu reinado houve aparentemente menos necessidade de guerrear, embora possa ter dirigido mais uma campanha contra o Egito. Segundo Heródoto, o rei da Babilônia negociou uma trégua entre Ciaxares, rei da Média, e Alyate da Lídia no ano 585 a.C. Como se considerou o rei babilônico um árbitro apropriado, a Babilônia beneficiou provavelmente de relações pacíficas com Lídia e com a Média.

Nabucodonosor tinha adquirido um império comparável ao da Assíria e, tal como os reis assírios, dedicou grande parte dos recursos do império a restaurar a sua capital. Segundo Robert Koldewey (1855-1925), arqueólogo que escavou na Babilônia antes da Primeira Guerra Mundial, foram usados neste empreendimento mais de 15 milhões de tijolos cozidos, cada um com 33 cm de cada lado e 7 cm de espessura. Nabucodonosor mandou reconstruir Esagila (o Templo de Marduk) e Etemenanki (o zigurate), assim como muitos outros templos menores, tendo aumentado e restaurado profundamente os palácios reais. Os famosos jardins Suspensos construíram-se para que a esposa de Nabucodonosor, filha do rei medo Ciaxares, não tivesse saudades da paisagem montanhosa da sua terra natal. Nabucodonosor reforçou as defesas da Babilônia, rodeando a cidade interior e exterior de muralhas que encerravam uma superfície de mais de 8 km^2. Também construiu duas longas muralhas de tijolo cozido e de argamassa de betume que se estendiam entre o Eufrates e o Tigre, rodeando a cidade de água como linha exterior de defesa. Demonstrou-se recentemente que a posição da muralha setentrional, conhecida depois como a muralha meda, se estendia até o Norte de Sippar.



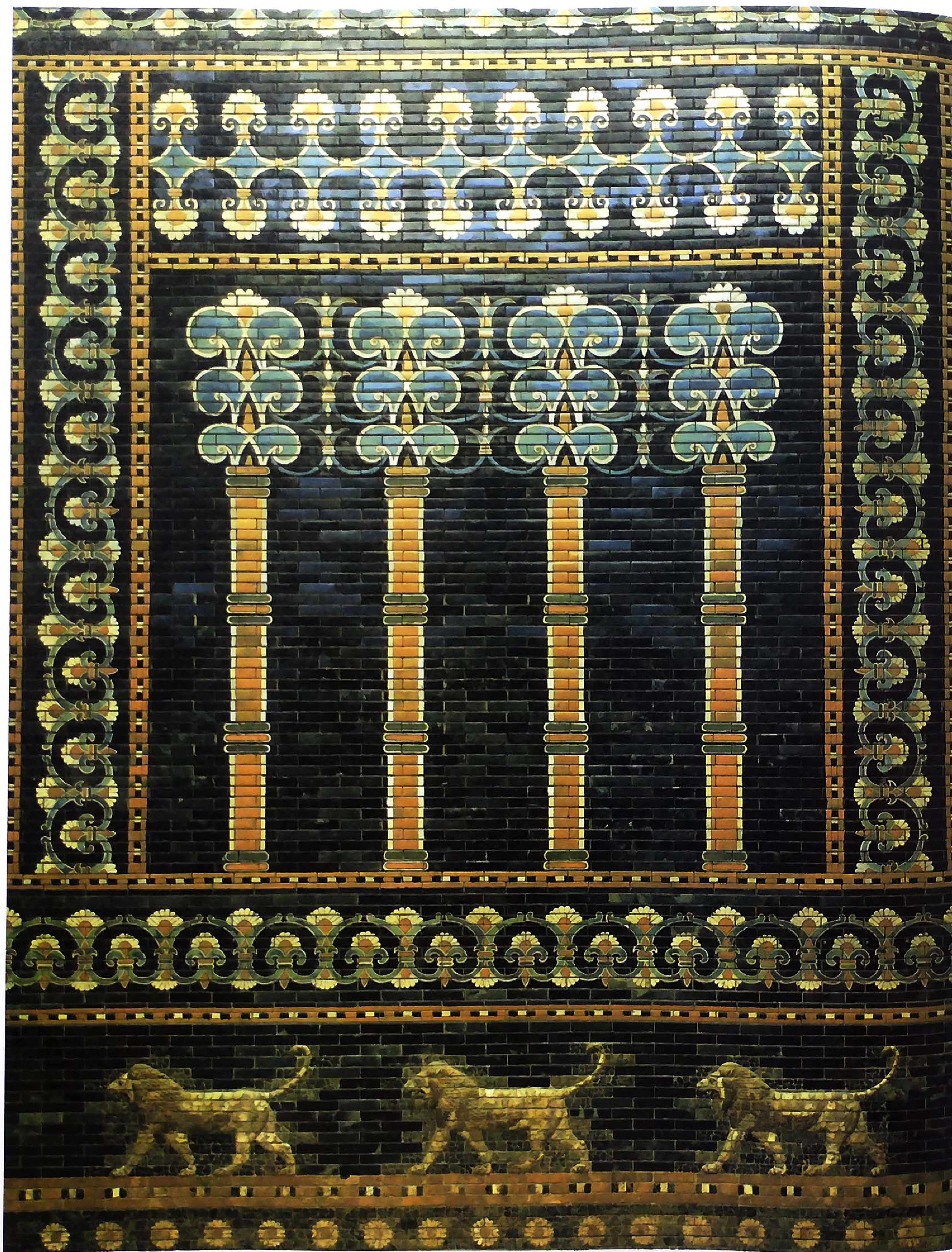


Os sucessores de Nabucodonosor

Depois da morte de Nabucodonosor, em 562 a.C., a sucessão foi um assunto confuso. O seu filho Amel-Marduk (chamado Evil-Merodach na Bíblia) reinou somente dois anos, de 561 a.C. a 560 a.C.; sucedeu-lhe o seu cunhado Nergal-sar-usur (Neriglissar) em 559 a.C., que se tinha casado com uma filha de Nabucodonosor e estivera presente na destruição de Jerusalém. Nergal-sar-usur reinou durante três anos (559 a.C.-556 a.C.) e sucedeu-lhe o seu jovem filho Labasi-Marduk, que foi assassinado em junho de 556 a.C., depois de apenas dois meses no trono. Então os conspiradores escolheram um plebeu chamado Nabonid como rei da Babilônia.

Nabonid (555 a.C.-539 a.C.) foi um dos monarcas mesopotâmicos mais extraordinários (filho de Nabubalatsu-igbi, governador de Harran, e de Adadguppi, sacerdotisa da deusa-lua Sin naquela cidade). Amava muito a sua mãe e quando ela morreu no ano 547 a.C., com a idade de cento e quatro anos, fê-la enterrar com todas as honras reais. O próprio Nabonid provavelmente já tinha sessenta anos quando subiu ao trono depois de vários anos ao serviço de Nabucodonosor.

Homem religioso e grande crente na tradição, nomeou a sua filha En-nigaldi-Nanna (há até pouco tempo o seu nome se lia Bel-salti-Nannar) *entu*, sacerdotisa da deusa Siri em Ur, como tinha feito Sargão de Agade quase 2000 anos antes. Tal como a sua mãe, foi devoto do deus Siri, promovendo a sua cultura e reconstruindo os templos de Siri em Ur e Harran. Foi



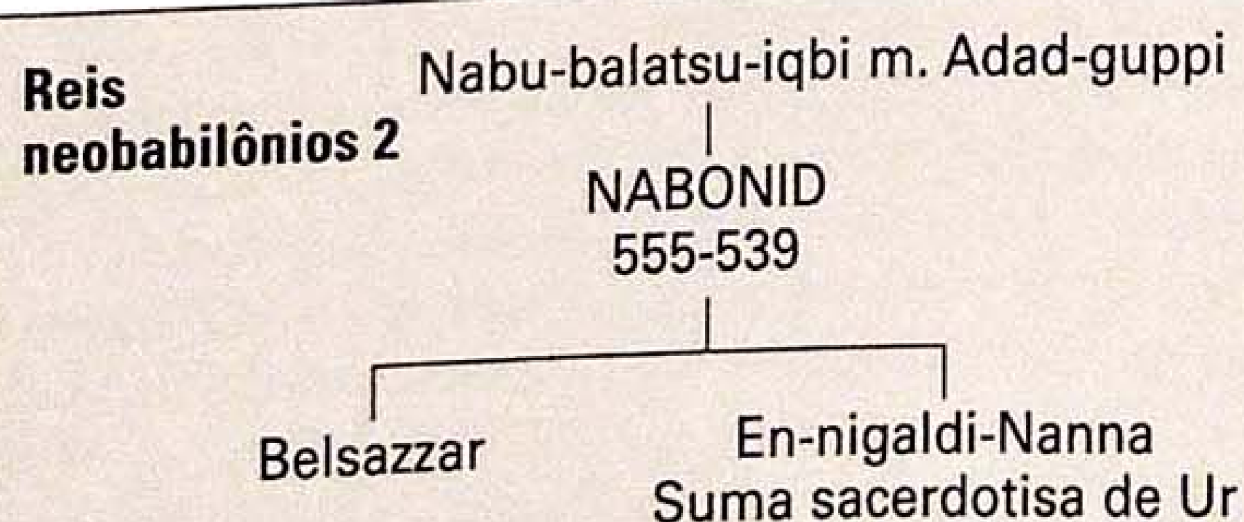
À esquerda: Painel de tijolo vitrificado reconstruído da fachada da sala principal do trono da Cidadela Sul na Babilônia, construído por Nabucodonosor II (604 a.C.-662 a.C.) Altura 12,4 m.

À direita: Estela com relevo de rei babilônico. A inscrição refere-se à volta da abundância após um período de seca. O nome do rei foi perdido, mas provavelmente era Nabonid, pois a figura é semelhante à de Nabonid na sua estela, encontrada em Harran, com os mesmos símbolos esculpidos diante do rei. São a Lua, o Sol e o planeta Vênus, que representam as divindades Siri, Samas e Istar, respectivamente. Altura: 58 cm. Largura: 46 cm.



também antiquário e restaurou os antigos templos sagrados da Suméria e da Acádia, e enquanto estudava as suas fundações encontrou inscrições e outros vestígios de reis anteriores. Nabonid conservou algumas das antiguidades em um "museu" no *giparu*, a residência da *entu* sacerdotisa em Ur. Estas incluíam fragmentos de uma estátua de Shulgi (2094 a.C.-2047 a.C.) um cone de argila de um dos reis de Larsa e um *kudurru* cassita (pedra que comemora uma cessão real de terras).

No início do seu reinado Nabonid teve um sonho em que Marduk ou Siri (citavam-se deuses diferentes nas inscrições que escreveu para a Babilônia e para Harran) lhe disse que reconstruísse o Templo de Siri ou de Harran, que tinha sido abandonado durante 54 anos. Naquele tempo, Harran era controlado pelos medos, mas, segundo Nabonid, três anos depois Marduk fez com que Ciro, rei de Anshan ou Pérsia, derrotasse os medos, de forma que Nabonid pôde levar a cabo o mandato do deus. Provavelmente, por causa da preferência de Nabonid por Siri de Harran, os sacerdotes das cidades sagradas da Babilônia, Borsippa, Nippur, Uruk, Larsa e Ur, de todo o reino da Babilônia, puseram objeções ao reinado de Nabonid e (supostamente, por causa da sua traição) as doenças e a fome fustigaram a Babilônia. Como resposta, o próprio Nabonid abandonou a Babilônia e foi para Taima, no Nordeste da Arábia. Não se conhecem as datas exatas deste exílio imposto a si próprio. Nas suas inscrições Nabonid afirmava ter estado entre os árabes por 10 anos, que, segundo a Crônica Babilônica, incluíam os anos 7.º e 11.º do seu reinado (549 a.C a 545 a.C.).



As razões da estadia de Nabonid em Taima foram objeto de debate. A propaganda persa posterior sugeriu que Nabonid foi um herege que ignorou o culto de Marduk. Na Bíblia, segundo o *Livro de Daniel*, Nabonid (chamado Nabucodonosor, talvez pelo desejo de que o destruidor de Jerusalém fosse destruído) enlouqueceu e comeu erva durante os sete anos do seu exílio. Na Oração de Nabonid, encontrada nos Manuscritos do Mar Morto, descrevia-se como afligido por furúnculos malignos. Os eruditos modernos tentaram explicar as suas ações no terreno militar, político, comercial, religioso ou pessoal. No entanto, parece igualmente provável que Nabonid, como é sugerido na sua própria inscrição e na de Ciro, e como é inscrito na Bíblia, foi a Taima por causa da interpretação de um sonho ou augúrio. Embora Nabonid tivesse deixado o seu filho Belsarusur (o Baltasar da Bíblia) como regente na Babilônia, a ausência do rei não permitiu que a importante festa do ano-novo se celebrasse durante os anos da sua ausência.

Festa do ano-novo na Babilônia

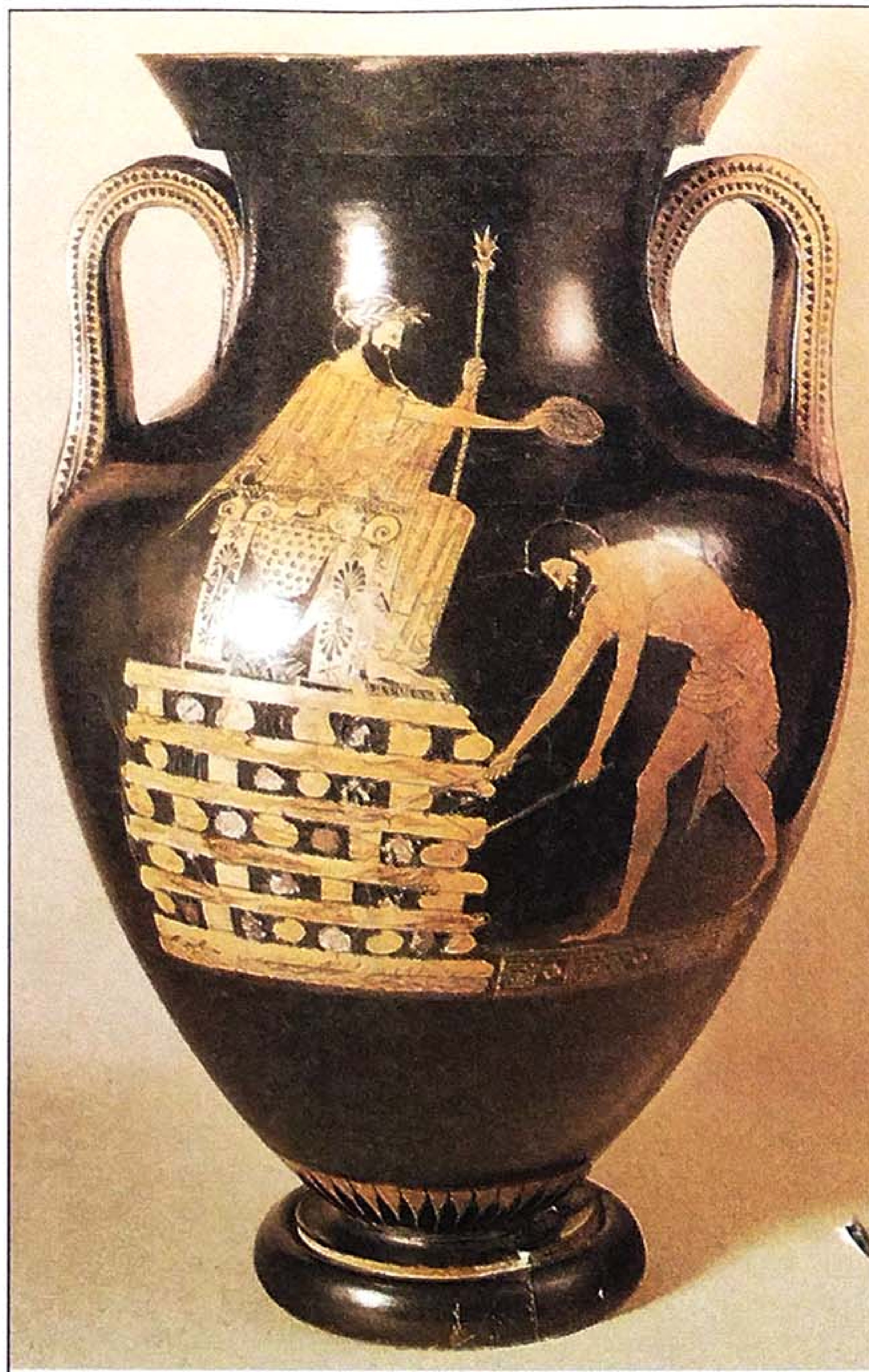
A festa *akitu*, que marcava o início do ano babilônico, durava 11 dias. Os primeiros cinco dias eram utilizados na preparação com preces, conjuros, sacrifícios de animais e a talhar duas pequenas estátuas de madeira decoradas com ouro e pedras preciosas. Na tarde do quarto dia havia um recital do *Poema da Criação* babilônico em frente da estátua do deus Marduk. Esta narra a história da criação dos deuses Lahmu e Lahamu da união de Apsu, espírito das águas doces (masculino), e Tiamat espírito das águas salgadas (feminino). Lahmu e Lahamu, antepassados dos deuses do panteão sumério-babilônio, perturbaram Apsu e Tiamat, que tinham planejado matá-los, mas o deus Ea fez dormir Apsu e matou-o no seu lugar. Tiamat, apoiada por uma prole de monstros, atacou os deuses, que não conseguiram vencê-la até que Marduk interveio e concordou em lutar contra ela com a condição de que lhe dessem a capitania dos deuses. Quando os deuses chegaram a acordo, Marduk, em um combate individual, matou Tiamat e derrotou o seu exército. Dividiu o corpo de Tiamat em dois para formar os céus e a Terra, e criou a humanidade para que fizesse os trabalhos que de outro modo seriam os deuses a fazer. Como agradecimento, os deuses construíram a cidade da Babilônia e o Templo de Marduk. Baseada em um mito primitivo em que Enlil tinha o papel principal, a epopéia servia para justificar a posição preeminente de Marduk (e da Babilônia). Curiosamente, a coroa de Anu e o assento de Enlil cobriam-se durante a recitação para não ofender estes deuses, cujos lugares tinham sido ocupados por Marduk.

No quinto dia o Templo de Marduk era submetido a uma cerimônia de purificação. O deus Nabu (representado pela sua estátua) chegava à Babilônia vindo de Borsippa e o rei entrava em Esagila, o Templo de Marduk. Ali era despojado da sua espada, do seu cetro e de outras insígnias reais. O sacerdote *urigallu* esbofeteava-lhe as faces, puxava-lhes as orelhas fazendo-o se prostrar diante de Marduk e jurar que não tinha pecado nem descuidado o culto de Marduk ou o bem-estar da Babilônia e tinha governado com justiça. Então, o sacerdote tranqüilizava o rei antes de lhe devolver os seus atributos e de o esbofetear mais uma vez. Se o rei chorasse, era considerado como um bom presságio.

Conhecem-se menos pormenores sobre os últimos cinco dias da festa. No sexto dia as duas estatuetas feitas para este efeito eram decapitadas em frente de

Nabu e queimadas, e depois disto os deuses das outras cidades do reino da Babilônia chegavam à cidade da Babilônia. No nono dia o rei entrava no mausoléu de Marduk e "pegava na sua mão". Não se conhece o significado desta frase, mas alguns eruditos pensam que esta era a ocasião de um casamento sagrado entre o rei, que desempenhava o papel de deus, e uma sacerdotisa. Os deuses então iam no carro em procissão ao templo *akitu* no norte da cidade, onde, no décimo dia, recebiam ofertas do rei, tendo Nabonid declarado ter dado mais de 5 talentos (150 kg) de ouro e 100 talentos de prata (3 toneladas). No décimo primeiro dia levavam de novo os deuses a Esagila para um banquete, antes de voltarem para as suas cidades.

Nabonid regressou de Taima à Babilônia em uma data entre 544 a.C. e 540 a.C. Durante os seus anos de exílio o equilíbrio de poder no Oriente Médio tinha mudado radicalmente. No início do seu reinado, a região era dividida em quatro blocos principais – egípcios, lídios, babilônios e medos – como fora desde o desmoronamento da Assíria. Quando regressou, os medos e os lídios tinham sido absorvidos pelo Império Persa. Cinco anos depois, a própria Babilônia iria cair perante os persas e o Egito quinze anos depois.



À esquerda: Jarra com a pintura da *Figura vermelha de Creso*, que data do início do século V. O final de Creso é incerto. Pode ter se suicidado, imolando-se em uma pira funerária, mas Heródoto relata que uma tempestade apagou as chamas e Ciro poupou sua vida. Esta pintura é atribuída ao pintor Mison e foi encontrada em Vulci, na Etrúria. Altura do jarra: 58,5 cm.

Abaixo, imagem superior: Moeda de prata com cabeças de um leão e de um touro. Acredita-se que foram cunhadas por Creso. Mais recentemente foi sugerido que são dos dois primeiros anos do reinado de Dario I (521 a.C.-486 a.C.).

Abaixo, imagem inferior: Dárico de ouro que tinha o nome de Dario I, em cujo reinado estas moedas foram cunhadas pela primeira vez. Estes "arqueiros", como eram conhecidas as moedas, pagos como subornos, tornavam-se muitas vezes mais eficazes que os exércitos persas para manter a paz e a estabilidade do império. Os dáricos continuaram a ser cunhados no tempo de Alexandre e dos seus sucessores. Este exemplar data provavelmente do século IV a.C.

A ascensão e a queda da Lídia

Depois da vitória de Ciaxares sobre os assírios em 614 a.C., os medos invadiram a Anatólia. Urartu deve ter caído sob o domínio dos medos por volta de 590 a.C., dado que Ciaxares estava então lutando contra Alyate, rei da Lídia. Alyate era bisneto de Gyges e Heródoto atribuiu-lhe o fato de ter derrotado as tribos cimérias que tinham estado a saquear o seu país durante grande parte do século anterior. As lutas entre os medos e os lídios continuaram durante cinco anos aproximadamente. Na tarde de 28 de maio de 585 a.C. houve um eclipse total do Sol. Segundo Heródoto, os dois exércitos estavam tão alarmados por causa deste augúrio, que interromperam a luta, o que deu lugar a uma paz negociada entre eles por Syennesis da Cilícia e Labyneto da Babilônia, que atuaram como mediadores. Heródoto referiu-se tanto a Nabonid e a um rei anterior da Babilônia como a Labyneto, mas nesta informação provavelmente quis dizer Nabucodonosor. Alyate deu a sua filha em casamento a Astíages, filho de Ciaxares e estabeleceu a fronteira entre lídios e medos no rio Halys (Hizil Irmak). Diz-se que o montículo funerário de Alyate no cemitério real, ao norte da capital lídia, Sárdis, é o túmulo maior do mundo antigo.

Parte da prosperidade dos lídios foi devida ao ouro encontrado na região, que deu lugar à riqueza proverbial de Creso, filho de Alyate. Atribuiu-se também aos lídios a invenção da moeda. Por todo o Oriente Médio os metais comuns e preciosos, particularmente a prata e o cobre, tinham servido como dinheiro em circulação para facilitar o intercâmbio de bens. Algumas vezes os lingotes e os anéis de metal faziam-se com um peso de lei, tal como as barras de prata encontradas em uma coleção do século VII a.C. de Tepe Nush-i Jan na Média, ou o lingote circular de prata com a inscrição do nome de Bar-rakib, soberano do século VIII de Sam'al no Levante, que pesava quase exatamente uma mina (497 gramas).

As moedas que primeiro se cunharam com um dispositivo para garantir a sua qualidade e peso foram encontradas nas fundações do Templo de Artemísia em Éfeso. Eram feitas de electro (liga natural de ouro e prata), que se obtém nas areias grossas do rio Pactolo na sua passagem por Sárdis. Algumas destas moedas tinham emblemas como uma cabeça de leão. Uma tinha uma inscrição em lídio. Não há acordo sobre a data destas moedas nem sobre a sua invenção: se no século VII a.C. ou por Alyate ou Creso no século VI a.C.

Sob Creso, a Lídia estendeu o seu domínio pelas cidades gregas da costa do Egeu. Quando soube da derrota dos medos por parte dos persas, viu a oportunidade de estender o seu reino até o leste, território previamente dominado pelos medos. Antes de iniciar a marcha, consultou o Oráculo de Delfos, que predisse que se ele atacasse destruiria um grande império. Creso, pensando que o império citado era o Império Persa, não o seu, atravessou o rio Halys para desencadear a batalha. O seu exército confrontou-se com os persas, dirigidos por Ciro em Pteria (Hatusa), mas a batalha terminou em nada. Creso retirou-se para Sárdis, planeando recomeçar a campanha com os seus aliados depois do Inverno, mas Ciro perseguiu-o e tomou Sárdis (talvez no outono de 547 a.C.) depois de um cerco breve.

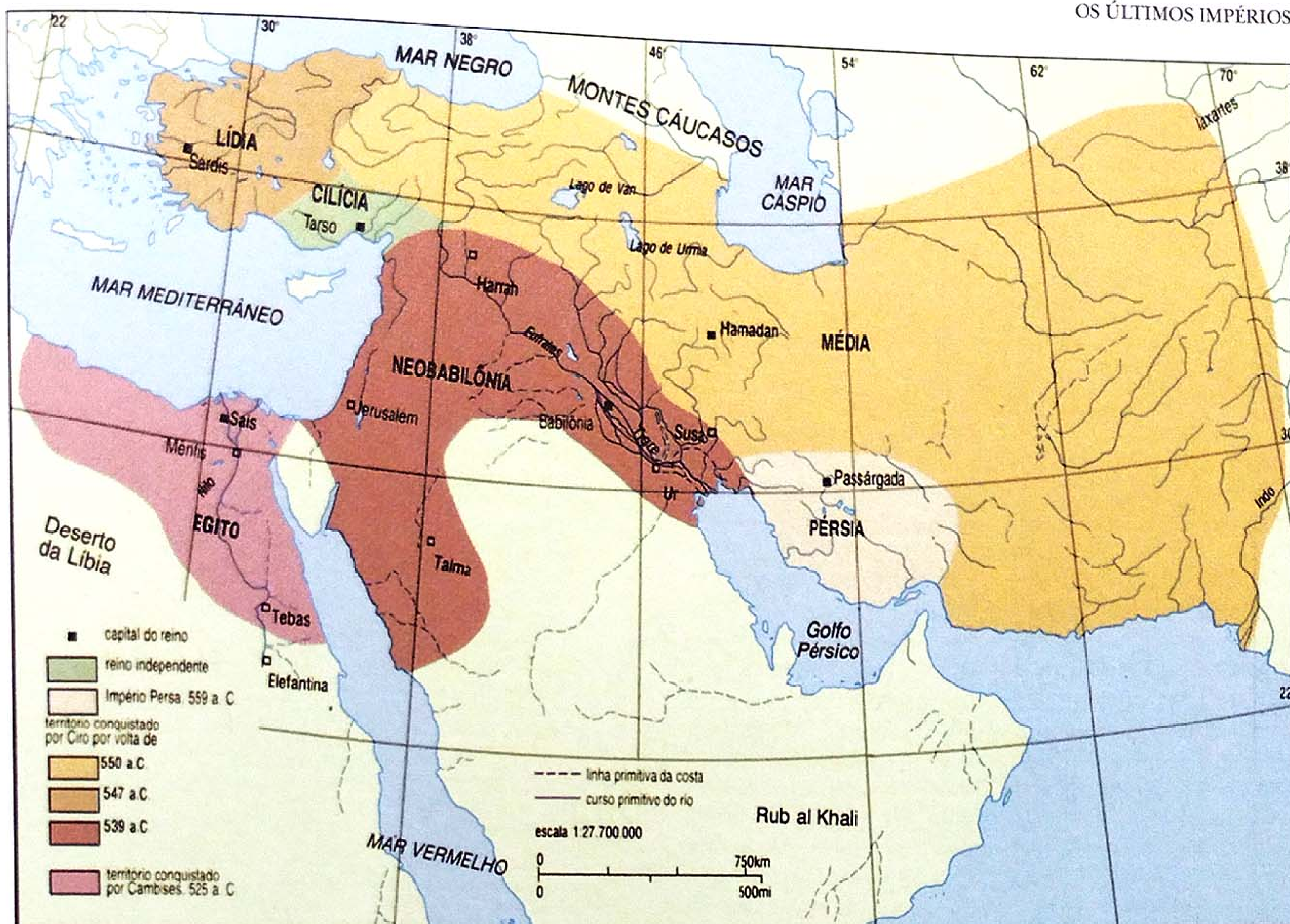




Medos e persas

Nos mundos bíblico e grego, os medos associavam-se estreitamente aos persas, dado que ambas eram tribos indo-iranianas que falavam línguas aparentadas. Na época do Império Assírio, os medos estabeleceram-se nos vales férteis, por onde passava a rota principal para o planalto iraniano. Um grupo de persas era vizinho dos medos no Zagros central, e outro grupo vivia na região do antigo Ansan, na moderna província de Fars. Um rei de Parsuah (Pérsia) que se submeteu a Assurbanipal (de 668 a.C. a 627 a.C.) depois das suas vitórias sobre Elam, tinha o mesmo nome que Ciro (Kuras), o rei posterior da Pérsia e de Ansan.

O saque de Nínive no ano 612 a.C. proporcionou ganhos territoriais para Ciaxares, rei dos medos, as-



As conquistas de Ciro
Quando Ciro se tornou rei dos persas em 559 a.C., aproximadamente, estes eram vassalos dos medos e o mundo antigo era partilhado por medos, babilônios, lídios e egípcios. Alguns anos depois da sua morte todas estas potências tinham sido absorvidas pelo Império Persa e ficaram sob o domínio de reis persas durante os 20 anos seguintes. Ciro morreu lutando na fronteira nordeste do seu império, perto do Rio Iaxartes. Não se sabe se conquistou os territórios orientais, ou se estes faziam parte do reino meda, que os adquiriu através da anexação da Média. O filho de Ciro, Cambises, conquistou o Egito em 525 a.C.

sim como um imenso espólio. No entanto, como o palácio real medo em Hamadã não foi escavado e os arquivos da corte meda ainda estão por encontrar, os indícios de como os medos chegaram a dominar a maior parte do Irã e grande parte da Anatólia só podem encontrar-se nas referências ocasionais em fontes estrangeiras e em informações posteriores. Atribuíram-se aos medos uma fortaleza em Tell Gubba na região de Hamrin e um edifício com salas de colunas em Tille Huyuk junto do Eufrates no Sul da Turquia, mas não se conhecem as suas datas exatas. Pouco depois do tratado de paz com a Lídia, Astyage, filho de Ciaxares, tornou-se rei e reinou durante 35 anos, aproximadamente. O fato de apenas ser mencionado nas fontes oficiais pode dever-se ao fato de estar ocupado com extensas conquistas medas no planalto iraniano.

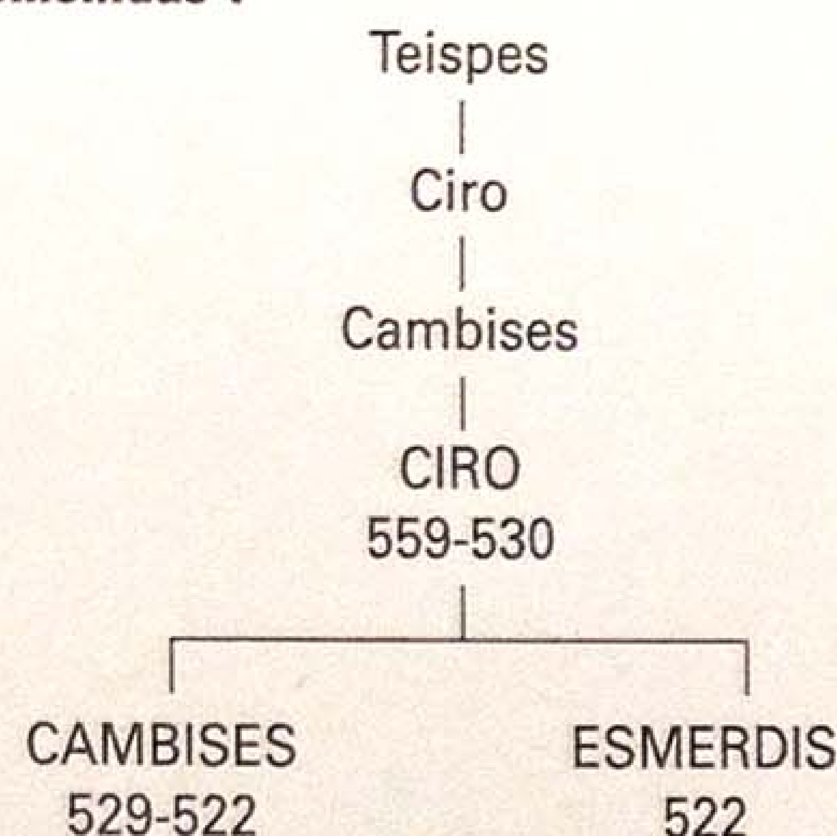
A derrota da Babilônia

No ano de 559 a.C., aproximadamente, Ciro, a quem se conheceu depois como Ciro, *o Grande*, tornou-se o soberano dos persas. Muitas lendas posteriores referem-se ao seu nascimento, mas nas suas inscrições afirrem-se que era filho de Cambises, neto de Ciro e descendente de Teispes, todos antigos reis de Ansan. Encontrou-se em Persépolis a reprodução de um selo, escrita em elamita com o nome Ciro de Ansham, filho de Teispes, que confirma a genealogia de Ciro. Segundo Heródoto, os persas foram vassalos dos medos até que Ciro os persuadiu a revoltar-se. Nabonid afirmou que Ciro derrotou os medos no seu terceiro ano (553 a.C.), mas, segundo a fidedigna Crônica da Babilônia, o rei medo Astyage atacou Ciro no sexto ano de Nabonid (por volta de 550 a.C.) Aparentemente, o exército medo recusou lutar e entregaram Astyage a Ciro, que então marchou até Hamadã, onde esvaziou o tesouro levando o seu conteúdo para Ansan. Ciro herdou assim o reino medo, que se estendia das fronteiras da Lídia ao planalto iraniano.

Nos anos posteriores à derrota de Creso da Lídia no ano de 547 a.C., os generais medos nomeados por Ciro dirigiram as tropas persas na conquista das cidades costeiras e das ilhas de Jônia, Cária e Lídia. No ano de 539 a.C., Ciro avançou contra a Babilônia e, no final de setembro, princípio de outubro, derrotou as forças babilônicas em Ópis. Sippar foi conquistada sem luta a 10 de outubro e dois dias depois a armada persa capitaneada por Ugbaru, o governador de Gutium, a leste do Tigre, entrou em Babilônia sem oposição. As suas tropas rodearam o Templo de Marduk, tendo cuidado para que os serviços religiosos não fossem interrompidos. Nabonid foi feito prisioneiro, mas de acordo com uma versão mais recente, Ciro nomeou-o governador de Carmania, no Sul do Irã. O destino de Baltasar é desconhecido. Ciro entrou na Babilônia em 29 de outubro, e Ugbaru



À direita: Tabuinha de Persépolis escrita em elamita em 503 a.C. Relata a entrega de um boi. Tem as impressões do mesmo selo: um guerreiro montado em um cavalo sobre um cadáver por terra e uma figura de pé. A inscrição diz que o selo pertencia a Ciro, homem de Anshan, filho de Teipes. Foi identificado como o avô de Ciro, *o Grande* (559 a.C.-530 a.C.). Altura 4,2 cm. Largura: 4,7 cm.



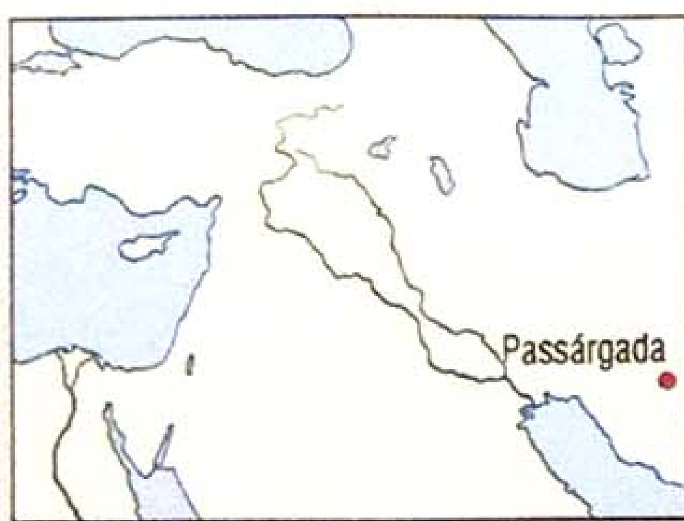
morreu uma semana depois. Nos meses seguintes, os deuses que Nabonid tinha trazido para a Babilônia de outras cidades babilônicas foram devolvidos aos seus respectivos santuários.

Conquistador benevolente

Ciro deixou atrás de si uma reputação de monarca benevolente. Nabonid afirmou, na primeira fase do seu reinado, que Ciro era o servo de Marduk. Nas suas próprias inscrições, Ciro disse que, depois da heresia de Nabonid, Marduk o tinha escolhido para que fosse soberano do mundo e que, quando entrou na Babilônia, "todos os habitantes da Babilônia, assim como todos aqueles que viviam no país da Suméria e da Acádia, príncipes e governantes, o reverenciaram (a Ciro), lhe beijaram os pés, felizes por ter subido ao trono e o receberam alegremente, com caras radiantes, como ao mestre com a ajuda do qual tinham passado da morte para a vida e tinham superado o prejuízo e o desastre, razão por que veneravam o seu nome."

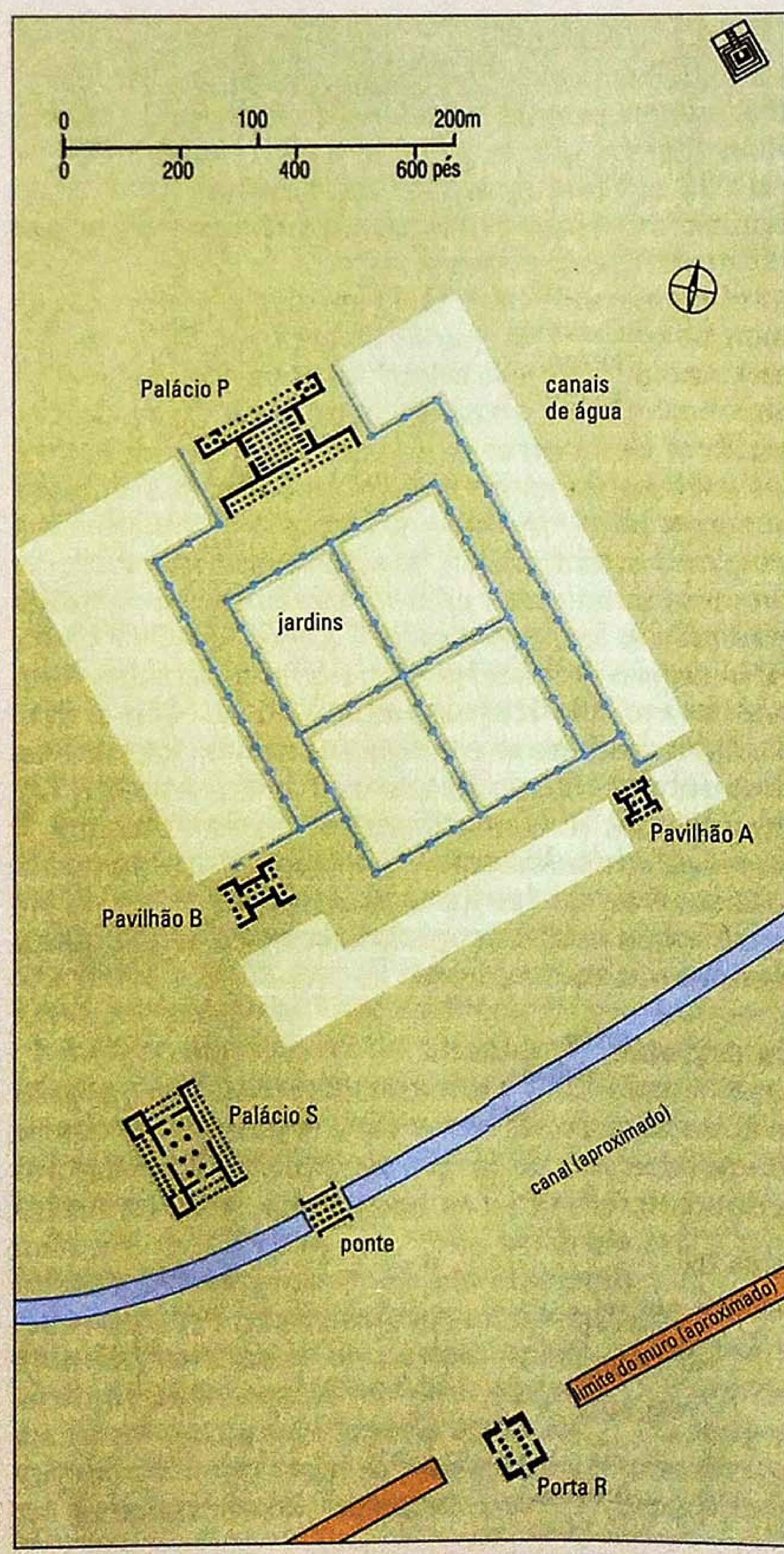
Ciro foi considerado pelos judeus como um salvador, como um enviado de Jeová, por tê-los libertado do cativeiro e permitir-lhes reconstruir o seu templo em Jerusalém. Até entre os gregos Ciro foi exemplo de governante. Às suas conquistas e à sua reputação, no entanto, somou-se a ajuda da propaganda. As histórias sobre a conduta de Astíages, acusado de ter ordenado o assassinato de Ciro quando ainda era criança e de ter obrigado posteriormente Harpago a comer o seu próprio filho, assim como a loucura de Creso ao interpretar mal o Oráculo de Delfos, e ainda a blasfêmia de Nabonid, podem ser falsas, mas certamente contribuíram para a causa de Ciro e dos seus seguidores. De forma análoga, a genealogia que transformou a mãe de Ciro em filha de Astíages e neta de Creso deu legitimidade à sua soberania sobre a Média e a Lídia. Ciro conseguiu encontrar adeptos, até entre as fileiras dos seus adversários, e as suas vitórias foram conseguidas através da diplomacia e da ação militar. Mais ainda: concedeu aos seus súditos liberdade religiosa e não lhes impôs tributos excessivamente duros (possivelmente todos os tesouros acumulados em Hamadã, Sardis e Babilônia foram suficientes para um soberano proveniente de uma tribo das montanhas, que não estava acostumado a dominar o mundo). De fato, a sua capital construída em Passárgada com a ajuda de artesãos lídios, era modesta em comparação com os luxuosos edifícios dos reis assírios e babilônicos. Ciro morreu no verão de 530 a.C., possivelmente enquanto combatia com tribos nômades na Ásia Central e foi enterrado em um túmulo de pedra em Passárgada. O vasto Império Persa

Passárgada



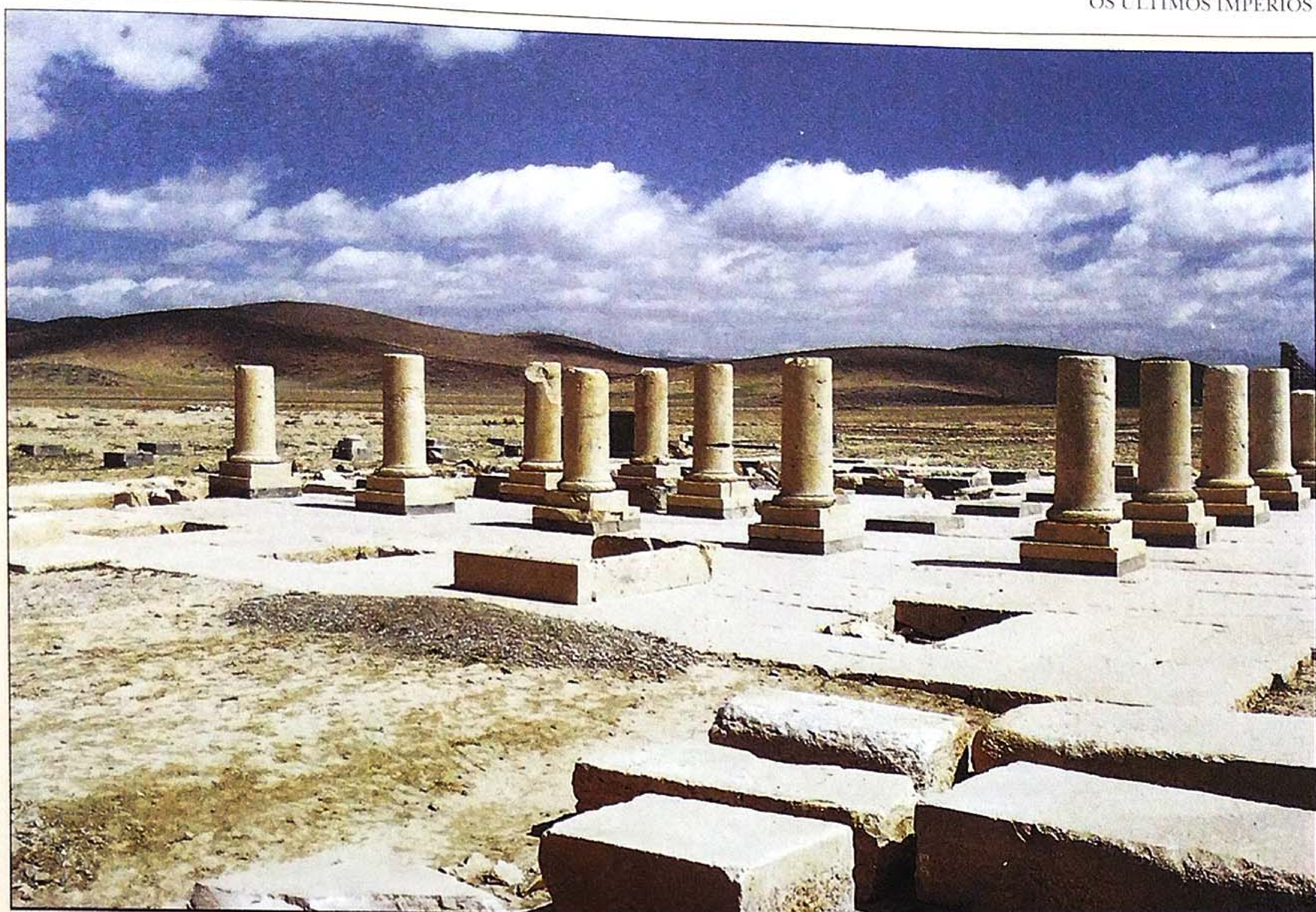
Abaixo: Diferentemente da arquitetura mais antiga do Oriente Médio, os palácios e os pavilhões construídos por Ciro em Passárgada eram estruturas abertas para o exterior. Pórticos com colunas permitiam o acesso aos edifícios de todas as zonas, obtendo deste modo o máximo proveito de localização do seu jardim. Atualmente, só o que resta do jardim são os canais de pedra que levavam a água de um pequeno depósito de pedra para outro. As árvores e a água são ainda o principal elemento dos jardins persas.

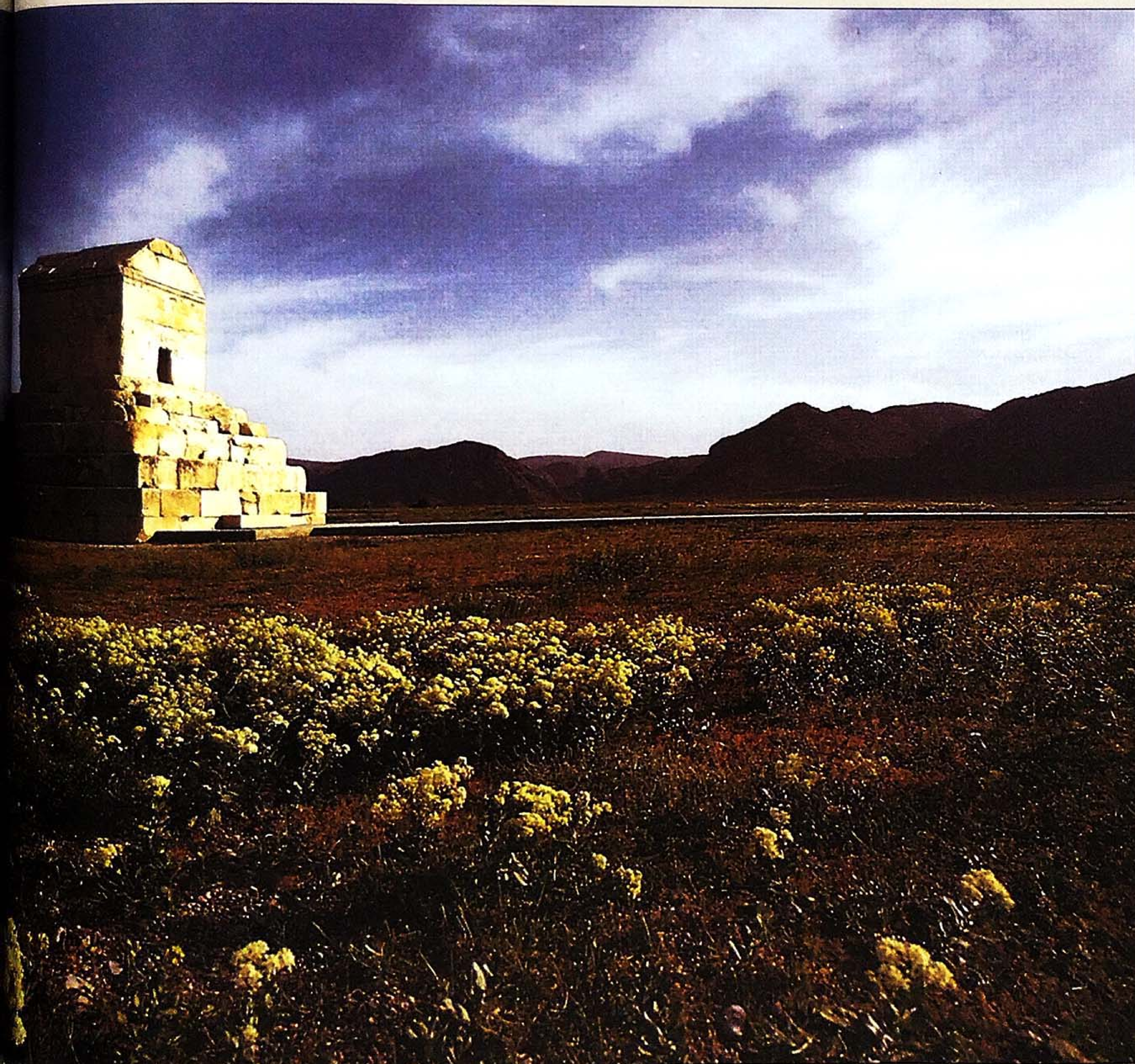
Depois de Ciro, *o Grande* (559 a.C.-530 a.C.), ter conquistado a Média e a Lídia, fundou uma nova cidade em Passárgada, onde, de acordo com uma versão, tinha decorrido a batalha final contra os medos. Como os persas não tinham tradição na construção de monumentos nem na escultura de pedra, Ciro recorreu ao talento dos povos que conquistara. Os pedreiros lídios, em particular, desempenharam um papel importante na construção da cidade. Na planície de Murgab, Ciro construiu uma cidadela fortificada, um recinto com um altar-pira, uma torre com forma de cubo duplo, atualmente chamada Zendan-i Suleiman (a prisão de Salomão), um jardim com palácios e pavilhões, uma casa de entrada e o seu próprio túmulo. Quando Dario usurpou o trono ao clã aquemênidas do ramo de Ciro, construiu os seus palácios em Persépolis, 40 km a sudoeste de Passárgada. Escolheu Susa como capital do seu império mundial e, como resultado disso, Passárgada perdeu importância.





À direita: O palácio P tinha uma sala com colunas. A base das colunas era estriada horizontalmente, enquanto as colunas eram lisas. A parte superior era completada com madeira coberta de gesso. O trabalho da pedra era inspirado no dos gregos orientais e guardava um grande paralelismo com Éfeso. Um pórtico enorme com colunas dominava os jardins. Os salões com colunas de Pasárgada derivavam da arquitetura meda, mas a origem dos pórticos é menos segura: podem ser provenientes do mundo grego ou da tradição nativa iraniana. O plano de Pasárgada foi executado segundo o modelo dos palácios de Persépolis.







À esquerda: O túmulo de Ciro é um edifício simples com um telhado de duas águas, situado sobre uma plataforma com degraus, que antigamente tinha 10 m de altura. Segundo uma versão, sobre o túmulo de Ciro havia uma inscrição que dizia: "Oh, mortal! Eu sou Ciro, filho de Cambises, que estabeleceu a supremacia dos persas e reinou sobre a Ásia. Não me prives deste monumento".

Acima: Figura situada na porta lateral da Porta R. Tinha gravada a inscrição "Eu, Ciro, o aquemênida", em três idiomas. A combinação das asas de estilo assírio com a roupagem elamita e o toucado egípcio é típica da arte aquemênida final, que integrou motivos provenientes de todo o império.

passou de forma pacífica para as mãos do seu filho Cambises.

A conquista do Egito

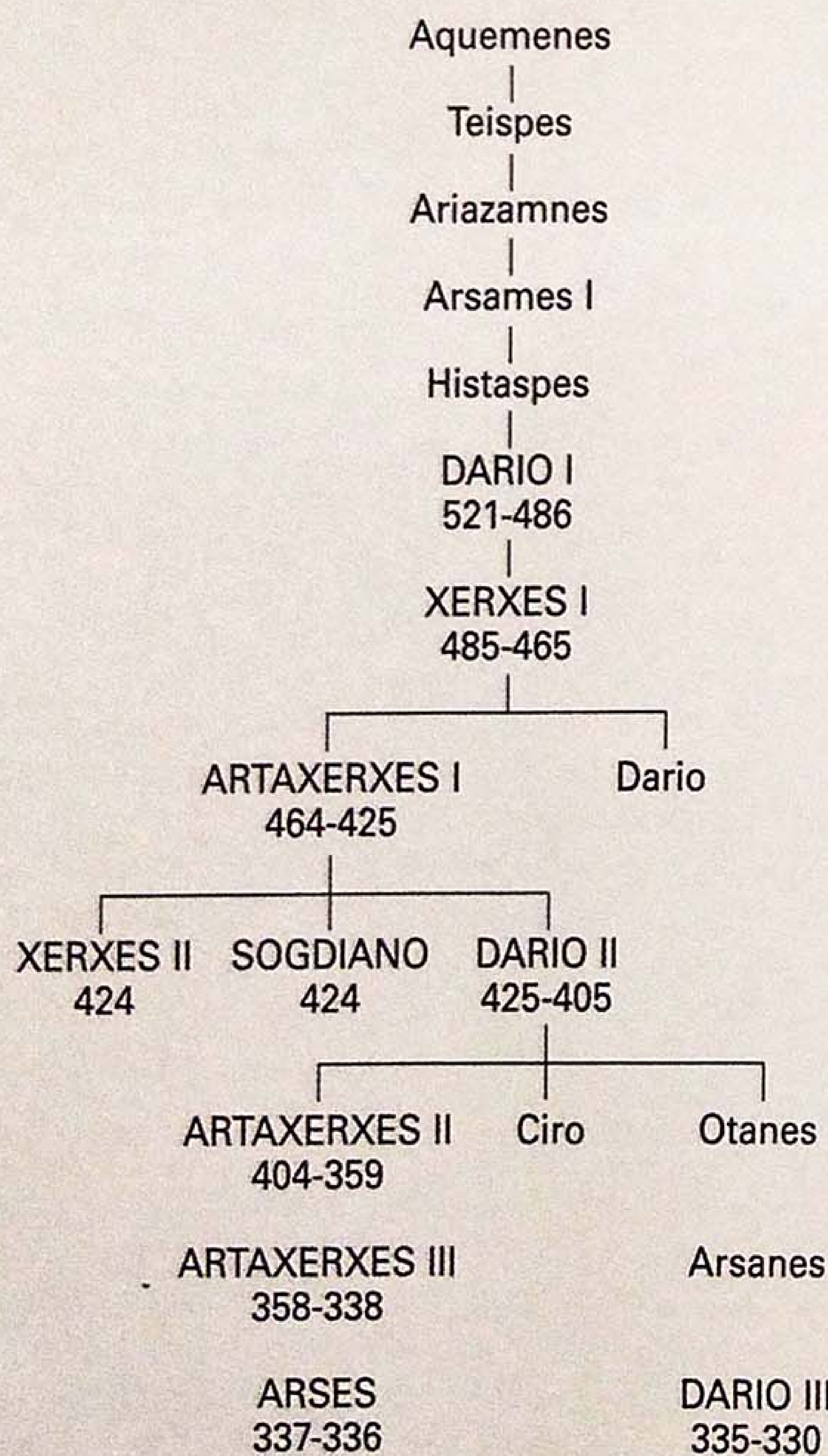
Cambises acompanhou o seu pai na conquista da Babilônia e participou da festa babilônica do ano-novo de 530 a.C. Durante os dez meses seguintes ostentou o título de Rei da Babilônia, mas posteriormente não o utilizou apesar de residir na Babilônia.

Como rei da Pérsia (529 a.C.-522 a.C.), o seu maior êxito foi a conquista do Egito no ano 525 a.C. Quando o faraó Amasis morreu no ano 526 a.C., depois de mais de 40 anos no trono, o seu filho e sucessor foi derrotado na batalha de Pelúsio, depois da traição de um dos seus oficiais, Udjahorresne de Sais. Cambises foi coroado faraó e comportava-se como soberano egípcio nativo, chegando inclusivamente a assumir tarefas religiosas do faraó. No entanto, tinha fama de ser um déspota tirânico e demente, talvez como resultado das calúnias dos sacerdotes egípcios, que se opunham às tentativas de Cambises de reduzir o seu poder e a riqueza dos templos, e das difamações dos seus sucessores, que queriam justificar a usurpação do trono.

A ascensão de Dario

Cambises saiu do Egito no ano 522 a.C., mas morreu antes de chegar à Pérsia. Dario, o seu sucessor (521 a.C.-486 a.C.), apercebeu-se das circunstâncias que rodearam a morte de Cambises e de como ele próprio assumiu o trono, em uma longa inscrição gravada em escrita cuneiforme em persa antigo, babilônio e elamita, na rocha de Bisutum, que dava para o caminho principal entre a Babilônia e Hamadã. A história foi traduzida e enviada para todo o império (encontraram-se cópias na Babilônia e em Elefantina no Sul do Egito), e uma das versões foi incorporada nas *Histórias* de Heródoto.

Segundo Dario, Cambises assassinou secretamente seu próprio irmão Esmerdis (Bardya) antes de ir para o Egito. Um mago (sacerdote meda) chamado Gaumata, fazendo-se passar por Esmerdis, usurpou o trono na sua ausência e foi reconhecido como rei pelo povo da Pérsia, da Média e outras regiões. Cambises, afirma Dario, suicidou-se e ninguém se atreveu a opor-se a Gaumata até que Dario, com os seis conspiradores, o assassinou a 29 de setembro de 522 a.C. Evidentemente, a história de Dario é inventada. É mais provável que Esmerdis se tivesse rebelado enquanto seu irmão estava no Egito, e que Cambises, no seu regresso, tivesse morrido ou tivesse sido assassinado. De fato, não foi um impostor mas o verdadeiro Esmerdis que foi assassinado por Dario e pelos nobres persas.







Acima: A parte superior dos capitéis das colunas encontradas em Susa é formada por cabeças de dois touros colocadas uma ao lado da outra. A viga principal descansava sobre o lombo dos dois animais. Por baixo dos touros há uma voluta dupla (em espiral) colocada, sem ser fixada, sobre colunas jônicas e, por debaixo destas, um elemento floral inspirado nos capitéis das colunas egípcias.

À esquerda: Recipiente de ouro com traços de ouro batido na parte da frente do animal, possivelmente um veado. Embora os recipientes deste tipo (chamados rytons) não estivessem representados nos relevos de Persépolis, aparecem nas floreiras gregas do final do século V a.C. e foram utilizados até depois do fim do período aquemênida. Altura: 20 cm.


Dario, cujo pai, Histaspes, governador de Pártia, e o seu avô ainda viviam quando foi coroado rei, não estava na linha direta de sucessão ao trono. Na inscrição de Bisutum, Dario determinou a sua linhagem até cinco gerações anteriores, incluindo o seu tetravô Teispes e o pai deste, Aquemenes, estabelecendo, assim, que a sua era uma família de reis de há muito tempo. De acordo com Heródoto, os soberanos persas provinham do clã aquemênidas da tribo de Passárgada. As inscrições em nome de Ciro em Passárgada (pensa-se que podem ter sido gravadas por Dario, que se atribuía a invenção da escrita cuneiforme em persa antigo) confirmam que era um aquemênida.

Depois da morte de Esmerdis, eclodiram rebeliões na Pérsia, no Elam, na Média, na Assíria, no Egito, em Pártia, em Margiana, em Satagidia e em Cítia, mas em um ano Dario as esmagou. O relevo que acompanha a inscrição de Bisutum relatava o seu triunfo sobre Gaumata o impostor e sobre os outros nove rebeldes que aspiravam a ser reis. A partir de então, tomou medidas para eliminar toda a oposição ao seu mandato. Dario era casado com a filha de Gobrias, um dos sete conspiradores, mas também se casou com a filha de Otanes, um aquemênida como ele e o mais velho dos conspiradores. Esta filha tinha feito parte do harém de Cambises e do de Esmerdis, os quais foram expropriados por Dario. Também se casou com as mulheres descendentes de Ciro (duas filhas e uma neta), para fortalecer os seus direitos ao trono.

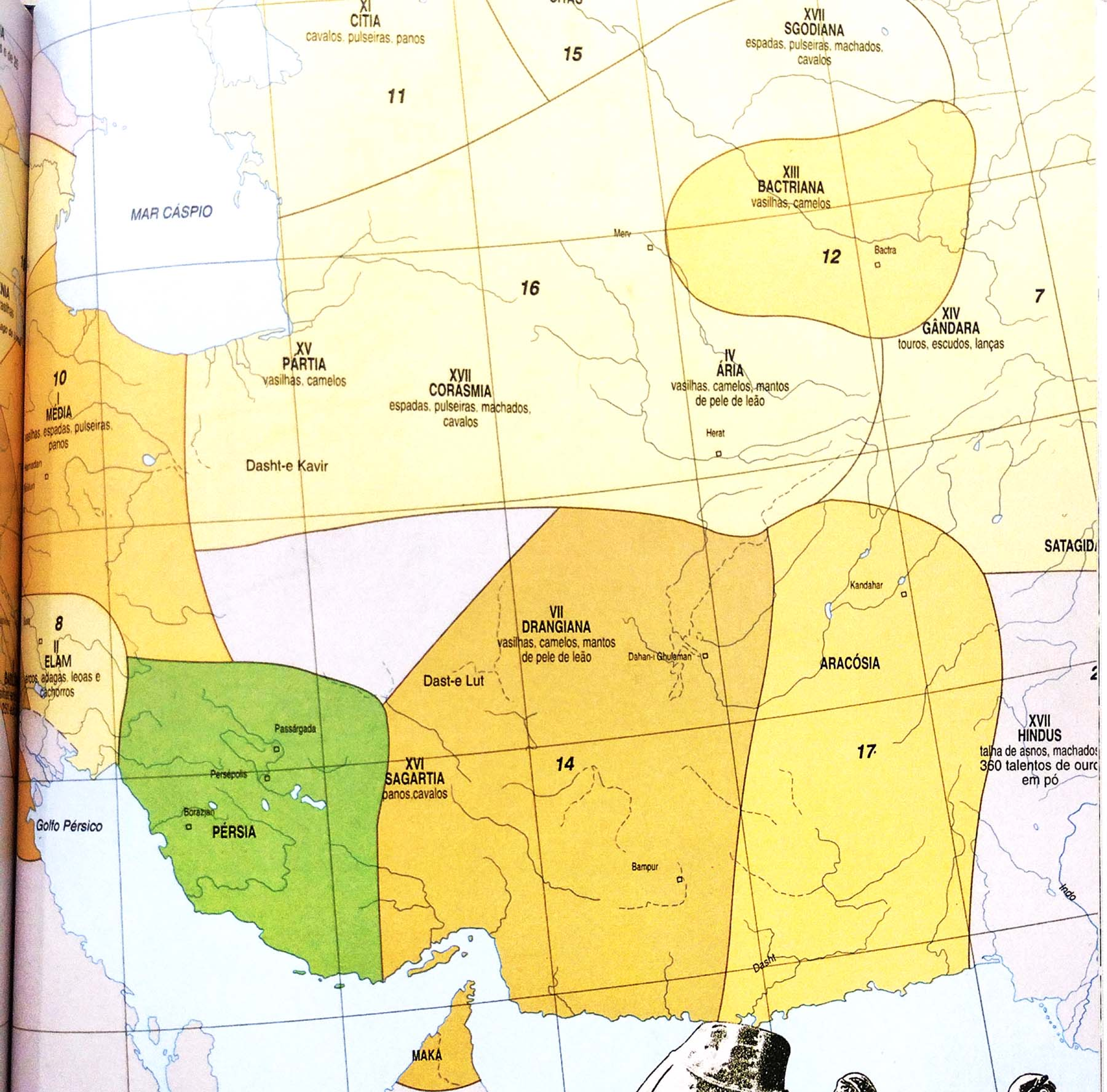
Campanhas européias de Dario

Dario estendeu as conquistas persas à Europa, ocupando regiões da Trácia e combatendo contra os citas através do Danúbio. Também incorporou a província do Indo no seu império. Enquanto Ciro se tinha contentado em tomar conta da estrutura administrativa existente nas regiões conquistadas, Dario reorganizou o império em um sistema de províncias, denominadas satrapias, cada uma das quais era regida por um governador ou sátrapa, que geralmente tinha uma relação próxima com o rei ou era da sua família. Dario estabeleceu um sistema regular de impostos e tributos e possivelmente instituiu reformas econômicas e sociais, particularmente no Egito.

A administração correta do império dependia da existência de boas redes de comunicação. A descrição feita por Heródoto do Caminho Real entre Sardis e



CÓLQUIDA
tributo de 25 jovens e de 25
donzelas
XII
JÔNIA
vasilhas, tecidos
Dascylium
2
VI
I LÍDIA
vasilhas, pulseiras carros
Sardis
3
IX
CAPADÓCIA
cavalos, panos
Kizil Irmak
19
13
Lago de Van
XXI
CÁRIA
escudos, lanças, carros
1
4
CILÍCIA
360 cavalos brancos
III
ARMÊNIA
cavalos, vasilhas
Lago de
Alepo
Chipre
Orontes
VIII
ASSÍRIA
vasilhas, lingotes, peles,
tecidos, carneiros
250 eunucos
5
9
Tigre
MAR MEDITERRÂNEO
Eufrates
Babilônia
XXII
LÍBIA
cabras, carros
Jerusalém
MAR
MORTO
Deserto da Síria
6
Mênfis
Nilo
XX
ARÁBIA
tecidos, camelos
tributo de incenso
An Nafud
X
EGITO
tecidos, touros
núcleo do território persa
reino independente 500 a. C.
ELAM região que paga tributos a Dario 500 a. C.
número da delegação no relevo de Persépolis
que faz referência a uma região
XII identificada com segurança
VII identificação provável
tecido ofertas trazidas pela delegação
tributo pago em talentos de prata de acordo
com a lista de Heródoto
150-349
350-599
600-1000
rapazes outro tributo
limites das satrapias segundo Heródoto
12 número das satrapias de Heródoto
canal construído por Dario, 500 a. C.
linha primitiva da costa
curso primitivo do rio
escala 1:9.200.000
0
300km
0
200mi





O império de Dario e os povos submetidos
Na suas inscrições Dario ostenta os diferentes países e povos que conquistou. Todos estes apareciam ilustrados e descritos em muitos dos seus monumentos, assim como nos relevos de Apadama em Persépolis, nos quais é possível observar delegações de todos os povos submetidos, oferecendo prendas ao rei. As nacionalidades eram escolhidas em função da sua importância como regiões e também pela distinção dos seus habitantes. Heródoto redigiu uma lista das 20 províncias persas que se encontravam sob o domínio de Dario e registrou os tributos pagos por cada uma delas. No entanto, a lista de Heródoto não coincide com a lista dos povos que aparecem nas inscrições persas e identificação e os limites das províncias (satrapias) não são exatos.



Susa

A cidade de Susa foi fundada por volta do ano 4000 a.C. como centro religioso e, pelo menos, desde o 3.º milênio a.C. foi a capital do Elam. O território de Elam incluía as planícies aluviais do Cuzistão no Sudoeste do Irã e em algumas épocas se estendeu até as montanhas a leste da cidade de Ansan e além. Susa foi submetida pelos reis de Agade (por volta de 2250) e pelos soberanos da 3.º Dinastia de Ur (por volta de 2050). No milênio seguinte, os exércitos elamitas invadiram a Mesopotâmia e destruíram as cidades da Babilônia e da Assíria, levando para Susa alguns dos melhores monumentos mesopotâmicos como troféus de guerra.

No 1.º milênio a.C. a intervenção elamita na Babilônia enfureceu os reis assírios. Depois de muitas campanhas, Assurbanipal (668 a.C.-642 a.C. aprox.) conquistou Susa por volta de 647 a.C. Queimou a cidade, destruiu os templos e os bosques sagrados e semeou os campos de sal. Nos finais do século VI a.C., Dario I escolheu Susa como sua capital administrativa. No monte de Apadama construiu um grande palácio que combinava o desenho do pátio babilônico com uma ampla sala colunada com pórticos.

Susa foi conquistada por Alexandre Magno em 331 a.C., e durante essa campanha se deu a cerimônia de casamento entre soldados gregos e mulheres persas, em uma tentativa de fundir as culturas asiática e helênica. Susa continuou a ser uma cidade importante muito depois da queda do Império Persa e o Túmulo de Daniel, a oeste da Acrópole ainda é um importante ligar de peregrinação.





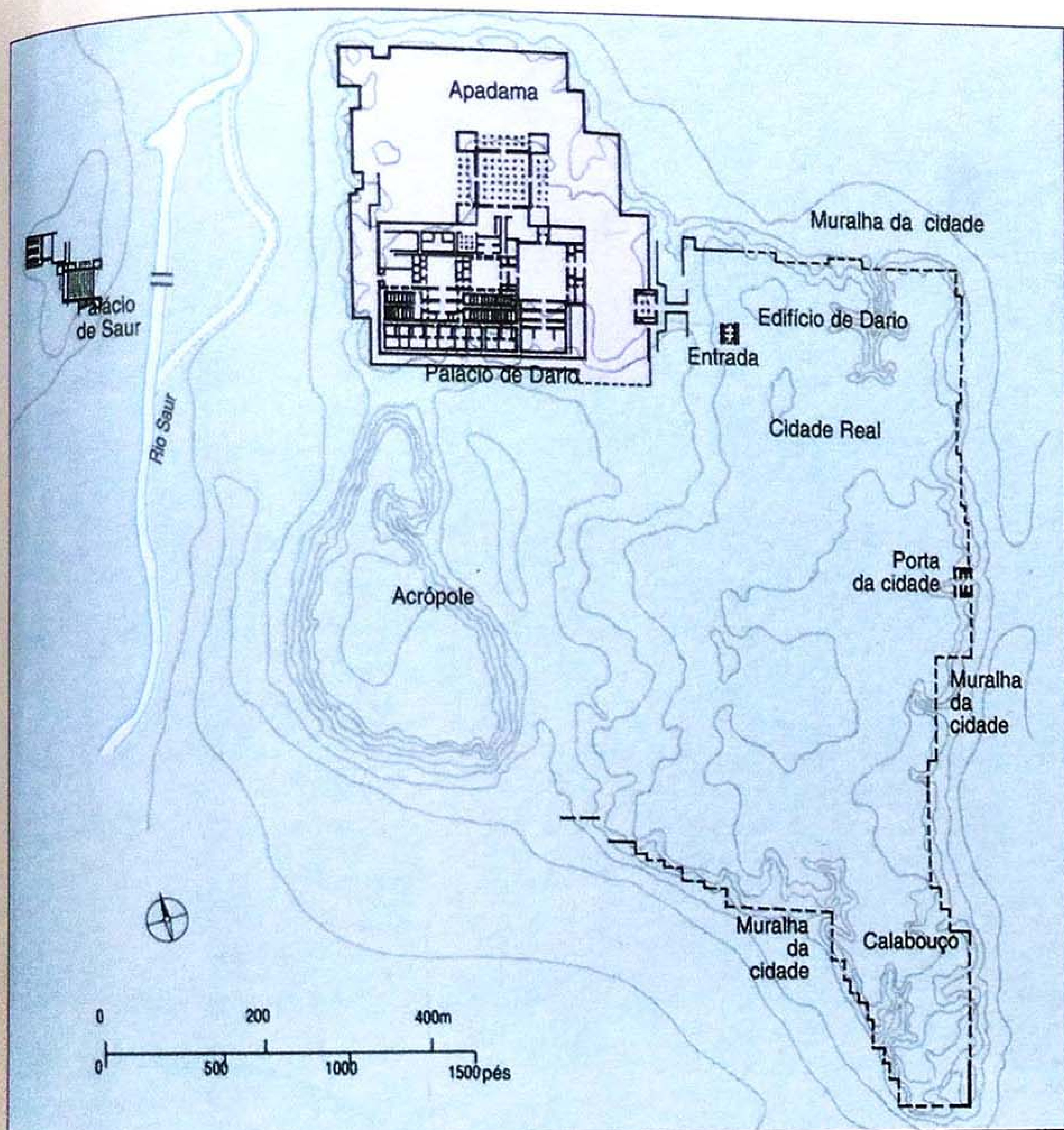


Acima: Estátua acéfala de Dario I encontrada na casa do guarda do palácio de Apadama. Foi esculpida no Egito e levada para Susa, provavelmente em uma embarcação através do canal, concluído por Dario, do Nilo até o Mar Vermelho. A estátua é do estilo da corte aquemênida e apresenta inscrições em quatro idiomas, persa antigo, babilônio, elamita e egípcio, gravadas nas pregas. Altura atual da figura: 1,95 m.

À direita, acima: Parte da fachada, feita de tijolo cozido, pertencente ao Templo de Insusinak, padroeiro de Susa. Foi construída por Kutir-Nahhunte e seu filho Silhak-Insusinak em meados do século XII a.C. Os tijolos reutilizados foram encontrados em um canal do período aquemênida, perto do palácio de Dario. Os painéis de tijolo cozido eram utilizados como ornamento arquitetônico no antigo período babilônico e para a decoração em relevo no tempo dos cassitas. Altura reconstruída: 1,37 m.

Abaixo: Em 1851 W.K. Loftus, um geólogo britânico, explorou Susa e identificou-a com Susan, o palácio citado nos livros de Daniel e de Ester na Bíblia. Desde então, arqueólogos franceses fizeram escavações em Susa, eliminando os níveis mais recentes do monte da Acrópole, que era o centro religioso mais importante da cidade, enriquecendo com os seus achados o Museu do Louvre e posteriormente o de Teerã.

A cidade aquemênida ocupava os três montes principais: o Apadama, a Acrópole e a Cidade Real. O monte dos Artesãos, a leste, foi a localização da cidade depois do período aquemênida.

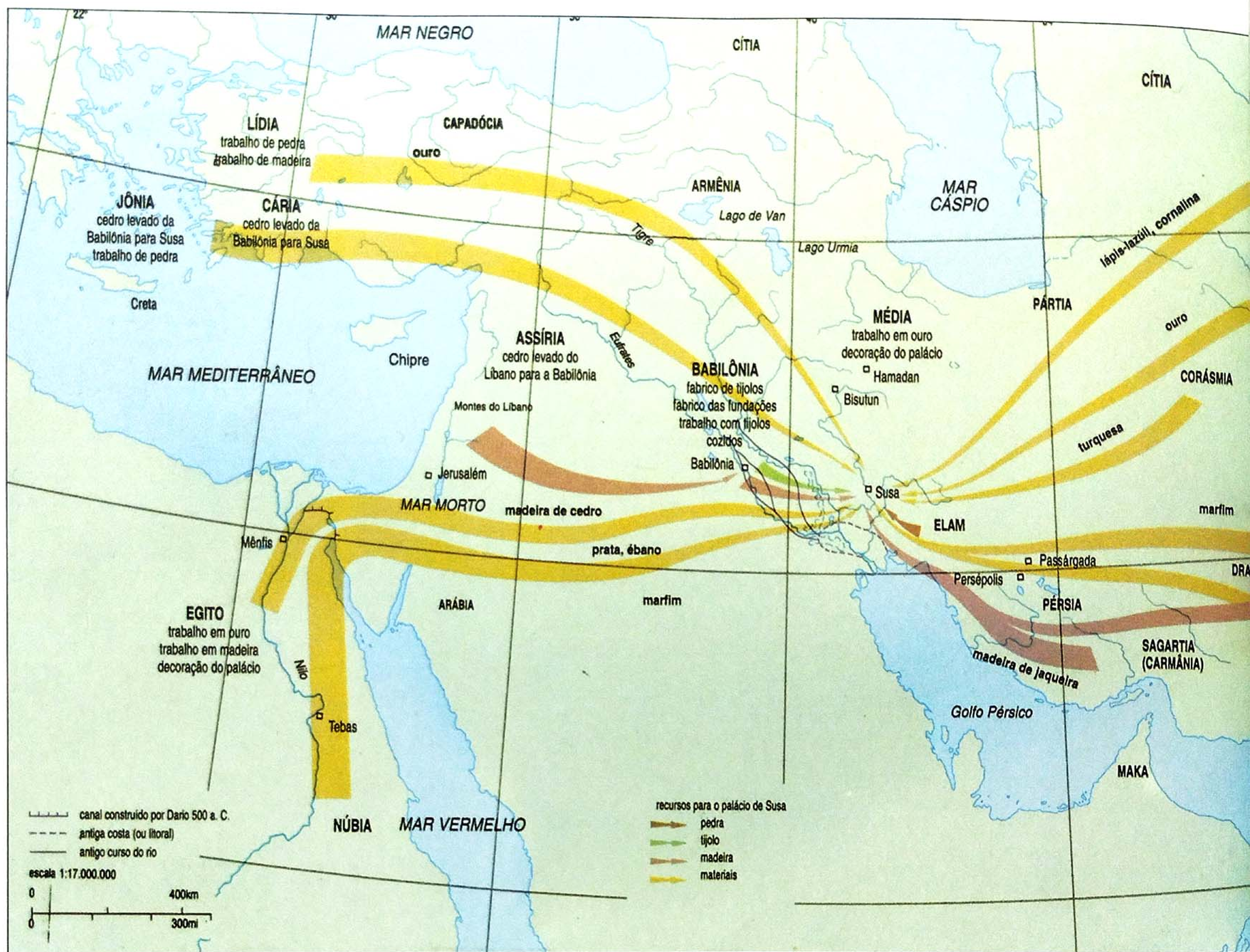




À esquerda (página anterior): Relevos de tijolos vitrificados e detalhe do palácio de Dario. Segundo uma das inscrições das fundações, os tijolos cozidos foram trabalhados pelos babilônios. Os relevos de tijolos vitrificados foram utilizados extensamente na Babilônia, mas também tinham uma longa história em Elam. Estes arqueiros faziam parte, provavelmente, da guarda pessoal do rei persa. Dado que os elamitas e os persas utilizavam trajes semelhantes, em alguns casos foram identificados como elamitas. Altura do arqueiro: 1,46 m.

À direita: Esta figura de ouro de um homem que leva um cabrito faz parte de um par (a outra figura é feita de prata) encontrado no pavimento de um túmulo em ruínas perto do Templo de Insusirrak no monte da Acrópole e pode ter feito parte de uma oferenda votiva. Data do final do 2.º milênio a.C., provavelmente do século XII. Altura: 7,5 cm.





Susa, com paradas importantes regularmente dispostas onde havia animais disponíveis, é quase idêntica ao sistema assírio introduzido dois séculos antes. As tabuinhas encontradas em Persépolis, que datam do tempo de Dario, incluíam autorizações passadas aos viajantes relacionados com os assuntos reais.

No ano 499 a.C. os gregos submetidos ao rei persa, tanto em Chipre como ao longo da costa do Egeu, uniram-se e rebelaram-se, saqueando e queimando a capital sátrapa de Sardis. Chipre, que tinha sido subjugada pelos persas na época da conquista do Egito, foi rapidamente reconquistada com a ajuda dos fenícios, mas a luta no Egeu durou mais tempo. A batalha decisiva teve lugar na ilha de Lade, próximo de Mileto, no outono do ano 494 a.C. Com 600 navios, requisitados aos fenícios, egípcios, cilicianos e cipriotas, a frota persa superou facilmente em número as forças gregas opositoras, compostas por contingentes provenientes de nove cidades e com apenas 353 navios. Seduzidos pelas promessas persas de indulgência para aqueles que se rendessem, alguns dos navios gregos zarparam, permitindo que os persas infligissem uma dura derrota aos que ficaram.

Uma vez que os gregos situados na Ásia se encontravam sob o seu domínio, os persas dirigiram a sua atenção para os gregos do outro lado do Egeu. A Pérsia já controlava a costa da Trácia e a sua posição foi ali fortalecida por uma campanha dirigida por Mardônio, o filho de Gobrias, no ano de 492 a.C. No entanto, depois de desembarcar triunfalmente, os persas foram derrotados pelos atenienses em Maratona e não puderam tomar Atenas pelo mar, dado que os atenienses voltaram rapidamente a defender a sua costa. Depois disto, a invasão foi suspensa.

Programa de construção de Dario

Dario escolheu a antiga cidade elamita de Susa como sua capital, apesar de ter palácios na Babilônia, em Hamadã e na sua pátria persa. Nos primeiros anos do seu reinado reconstruiu Susa e edificou um palácio de 250 m^2. Este palácio combinava uma série de palácios, semelhantes aos da Babilônia, com salas de colunas como as de Passárgada e da Média. Este palácio transformou-se na residência principal dos reis persas. Dario construiu uma nova residência real cerca de 40 km a sudoeste de Passárgada, que em persa antigo era denominada Parsa, mas que agora é conhecida como Persépolis. A grande cidadela, de 450 m de comprimento e 300 m de largura fazia parte de um vasto complexo, encomendado por Dario, que incluía muitos palácios pequenos distribuídos através da planície. A construção de Persépolis não terminou durante a vida de Dario; continuou durante os reinados do seu filho e do seu neto.

A construção do Palácio de Susa
Nas inscrições das fundações do seu palácio em Susa, Dario enumerou as pessoas e os materiais envolvidos na sua construção. A intenção desta lista não era proporcionar um registro exato de como foi construído o palácio, mas mencionar a contribuição feita por todo o império e mostrar os imensos recursos de que dispunha o rei persa. A organização do trabalho consta das tabuinhas de Persépolis, as quais registram contingentes de trabalhadores sob as ordens de supervisores persas, que recebiam provisões do tesouro real. Muitos dos trabalhadores eram escravos, prisioneiros de guerra ou deportados. O desenho arquitetônico e a decoração dos palácios persas representavam uma síntese das tradições artísticas de diferentes regiões do império.

Dario e os seus sucessores foram enterrados em túmulos cavados em rocha cerca de 6 km ao norte do palácio, em Nagsh-i-Rustam. No túmulo de Dario há uma inscrição em que se resumem as suas crenças: tornado rei por Ahura-mazda, criador do mundo; era amigo do bem e inimigo do mal; protegia os débeis dos fortes e também os fortes dos débeis; desejava o bem; era um bom ginete, um bom arqueiro e um bom lanceiro. Dario recomendava também ao leitor os princípios de Ahura-mazda: acreditar nestas inscrições e não se levantar em armas.

Para construir Persépolis e Susa, Dario mandou trazer materiais e trabalhadores de todo o império. Como os persas não tinham tradição na construção de palácios, recolheu motivos e desenhos de diferentes regiões, razão por que as influências do Egito, da Grécia e particularmente da Mesopotâmia são evidentes, tanto nos edifícios como na sua decoração. Também os monumentos encomendados por Dario no Egito mostravam uma mistura de estilos semelhante, incluindo uma estátua de tamanho natural encontrada em Susa, mas que, de acordo com as inscrições, tinha sido esculpida no Egito. Esta estátua foi provavelmente transportada do Egito pelo mar através do canal, terminado por Dario, do Nilo ao mar Vermelho.

Derrotas persas

No ano de 486 a.C. o Egito revoltou-se. Dario morreu antes de a rebelião ter sido sufocada e o príncipe herdeiro Xerxes ocupou o trono. Xerxes não era o filho mais velho de Dario, mas foi o primeiro a nascer depois de Dario se tornar rei. A sua mãe, Atosa, era filha de Ciro, que, antes de se tornar esposa de Dario, tinha sido casada com Cambises e com Esmerdis. Segundo Heródoto, Atosa exerceu grande influência em Dario, pressagiando as intrigas do harém que depois perturbaram a sucessão dos governantes aquemênidas, embora no caso de Xerxes o seu direito ao trono não fosse questionado.

Nos primeiros anos do seu reinado, Xerxes (485 a.C.-465 a.C.) reprimiu as rebeliões na Babilônia e no Egito. Muito do que se conhece de Xerxes provém dos seus inimigos, os gregos, e tem a ver com a sua fracassada invasão da Grécia. Heródoto refere como, depois de anos de preparação, Xerxes conduziu um exército de quase dois milhões de homens através dos Dardanelos passando por pontes formadas por navios. Para evitar o desastre de anos anteriores, quando a frota persa se afundou em frete do monte Atos, Xerxes mandou cavar um canal através do promontório. Os persas marcharam vitoriosamente para o sul, ultrapassando com facilidade a valorosa mas pouco eficiente oposição dos espartanos na passagem por Termópilas. Xerxes conquistou Atenas, mas, enquanto "olhava por debaixo de um dossel dourado", a armada grega derrotou a frota persa na batalha de Salamina. Com a chegada do Inverno, a armada persa abandonou Atenas e retirou-se para os seus quartéis de inverno no Norte da Grécia, enquanto Xerxes voltava para o leste, deixando que o seu experimentado general Mardônio continuasse com a guerra. No ano seguinte, Mardônio marchou outra vez para sul e reconquistou Atenas, mas pouco depois foi assassinado na batalha de Platéias e o seu exército sofreu uma grande derrota. Em agosto de 479, os gregos voltaram a derrotar a armada persa em Micala, em terra firme à frente da ilha de Samos, razão por que os planos de invasão da Grécia foram abandonados.

Estas derrotas infligidas pelos gregos foram um êxito relevante, apesar de se deverem em grande parte aos erros cometidos pelos chefes persas e à sua falta de decisão. A Grécia era, em todo o caso, periférica para os principais interesses da Pérsia, e o resto do império permaneceu intacto e em paz sob o governo do rei persa. Ás batalhas de Salamina, Micala e Platéias marcaram o ponto decisivo nas relações entre os gregos e os persas. A armada persa já não era invencível e a sua frota já não dominava os mares. Durante as décadas seguintes, a Pérsia perdeu os seus territórios na Europa e as cidades gregas no Oeste da Turquia conquistaram a sua independência.

Intrigas palacianas e de harém

Xerxes faleceu no ano 645 a.C. Segundo Ctesias, médico da corte grega que viveu na corte persa cerca de 60 anos depois, Xerxes foi assassinado por três dos seus cortesãos, entre os quais se encontravam o seu *harazapat*, o grande vizir, e o seu camareiro eunuco. Depois de acusar o filho mais velho de Xerxes, Dario, do seu assassinato, os conspiradores convenceram outro dos seus filhos Artaxerxes I, para que matasse Dario e se proclamasse rei. Vinte anos depois, quando Artaxerxes morreu (no ano 425 a.C.), três dos seus filhos ocuparam o trono em rápida sucessão, pois os dois primeiros foram assassinados alguns meses depois do início dos seus respectivos reinados. O terceiro filho, chamado Oco, cuja mãe era uma concubina babilônica, tomou o nome de Dario II, (423 a.C.-405 a.C.) ao subir ao trono. Ao lado da sua esposa, Parisatis, filha de Artaxerxes, e de outra das suas concubinas, eliminou toda a oposição dentro da corte. O seu filho mais velho era Arsaces, mas o seu filho favorito era Ciro, que foi nomeado sátrapa em Sardis. Quando Dario morreu, Arsaces proclamou-se rei, tomando o nome de Artaxerxes II (404 a.C.-359 a.C.). Naquele tempo, o Egito revoltou-se e obteve a independência. No ano 401 a.C., Ciro, à frente de um exército que incluía 10.000 mercenários gregos, marchou através da Turquia seguindo o percurso do Eufrates para desafiar Artaxerxes II, mas a sua causa perdeu-se quando foi assassinado na batalha de Cunaxa, no Norte da Babilônia.

Os mercenários gregos foram abandonados no meio do Império Persa. A história épica da sua marcha para o norte, através da Assíria e da Armênia, até o mar Negro e dali até a Grécia foi escrita por Xenofonte, que foi um dos dirigentes dos 10.000.

Disse-se que Artaxerxes II teve 360 concubinas e foi pai de 115 filhos. O seu filho mais velho conspirou contra ele e foi assassinado depois de ter sido traído por um eunuco. O seu segundo filho foi persuadido por seu irmão Oco de que o seu pai estava desgostoso com ele, razão por que se suicidou ingerindo veneno. Artaxerxes II morreu no ano 359 a.C. e Oco tornou-se rei, tomando o nome de Artaxerxes III (353 a.C.-338 a.C.)

Assassinou, imediatamente, todos os familiares que tinham algum direito sobre o trono. Confrontou-se com sérios levantes no oeste, mas sobreviveu a todos eles, e no ano 343 a.C. pôde até reconquistar o Egito. No entanto, cinco anos depois, Bagoas, chefe dos eunucos e comandante das forças persas no Egito, assassinou Artaxerxes e proclamou rei o seu filho Arses (337 a.C.-336 a.C.) Arses tentou desfazer-se de Bagoas, mas foi assassinado antes de passar dois anos sobre a sua subida ao trono. Então Bagoas nomeou Dario rei, um primo em segundo grau de Arses, pois todos os familiares com maiores direitos sobre o trono tinham sido assassinados. O novo rei, Dario III (335 a.C.-330 a.C.), obrigou Ba-



A Pérsia e os gregos
Durante os reinados de Dario I e de Xerxes I, os persas tentaram conquistar as cidades-Estado gregas independentes. No entanto, apesar da sua esmagadora superioridade, as forças persas de terra fracassaram. Primeiro em Maratona e depois em Salamina e Platéia, os persas foram derrotados por uma confederação grega dirigida pelos atenienses. Em 401 a.C. Ciro, *o Jovem*, sátrapa (governador provincial) e irmão do rei persa Artaxerxes II, revoltou-se. Entre as tropas sob as ordens de Ciro havia um contingente de 10.000 soldados de infantaria gregos. Ciro marchou através da Anatólia e da Cilícia e seguiu o curso do Eufrates até a Babilônia, onde foi derrotado e assassinado na Batalha de Cunaxa. Os mercenários gregos, em vez de se renderem, lutaram durante o seu caminho de regresso à Grécia, marchando diretamente para norte até o Mar Negro. Os pormenores desta marcha foram relatados por Xenofonte, um dos generais gregos.

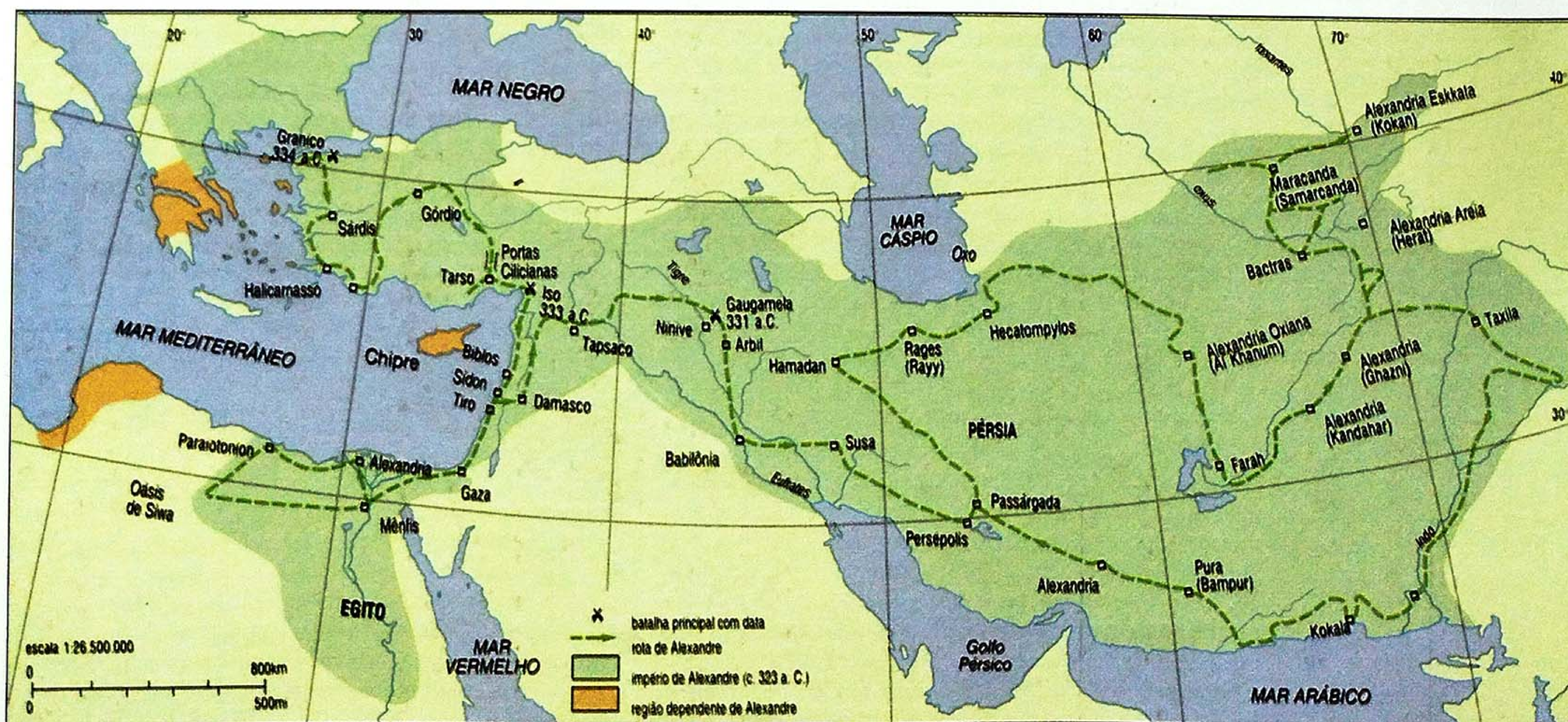
goas a tomar veneno e depois se dedicou ao restabelecimento do império.

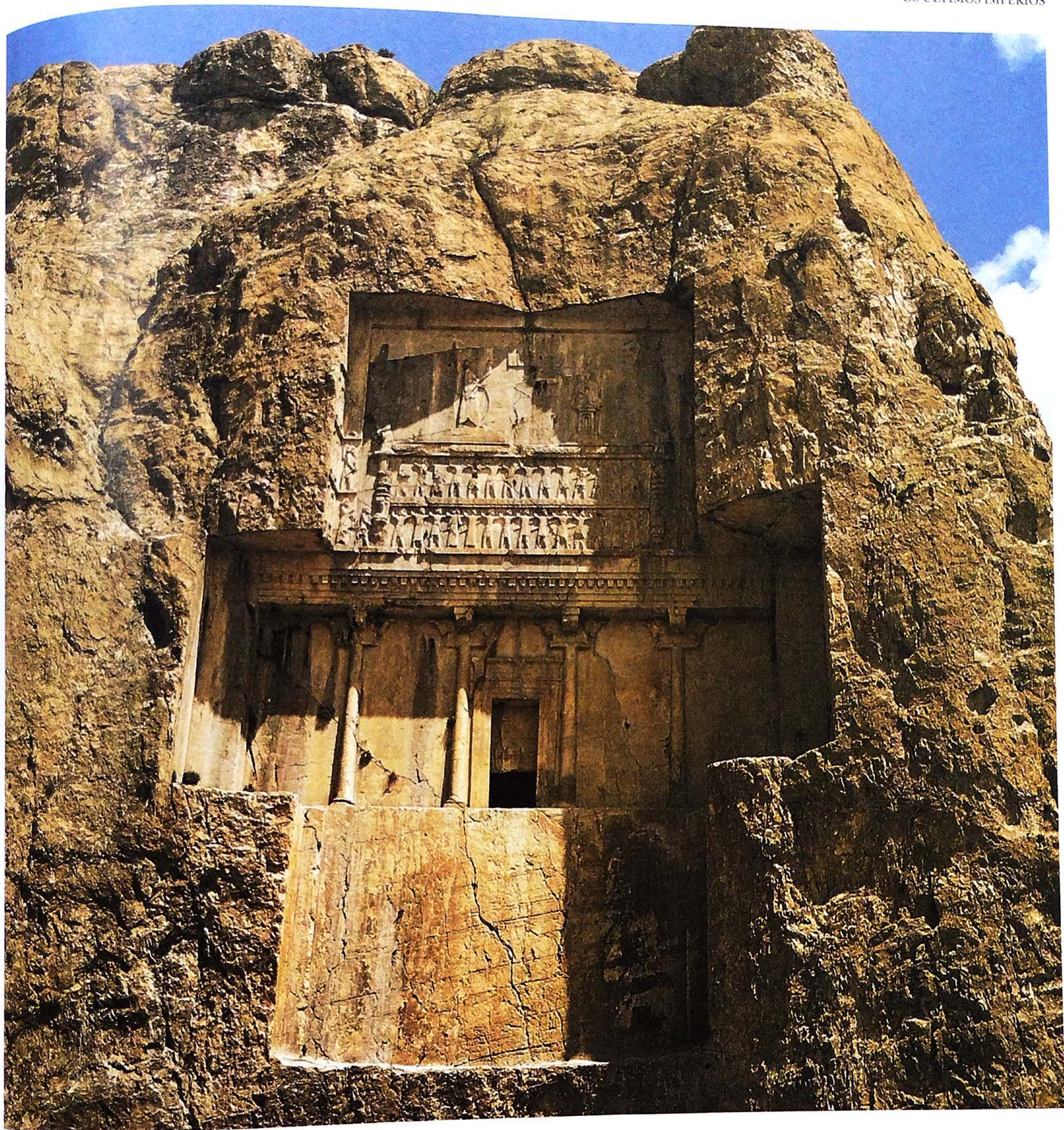
O fim do antigo Oriente Médio

No primeiro ano do seu reinado, Dario invadiu o Egito, que se tinha revoltado de novo depois da morte de Artaxerxes III, mas já era tarde para salvar o Império Persa. Sessenta anos antes, Xenofonte tinha dito que "apesar do império do rei ser forte por cobrir um vasto território com um grande número de súbditos, era débil precisamente pela necessidade de percorrer grandes distâncias e pela ampla distribuição das suas forças, o que o tornava vulnerável a um ataque de surpresa". E assim foi. No ano 334 a.C., Alexandre, de vinte e dois anos, depois de dois anos no trono da Macedônia, conduziu o seu exército contra Dario III. Alexandre não tinha idéia de se apoderar de todo o império de Dario, mas à medida que as vitórias se sucederam, os seus objetivos e ambições aumentavam. Os exércitos de Dario foram derrotados em três grandes batalhas: no Granico, em 334 a.C., em Iso no ano seguinte e, por fim, depois de Alexandre invadir o Egito, em Gaugamela, próximo da antiga Nínive, no ano 331 a.C. Dario fugiu do campo de batalha, permitindo que Alexandre tomasse posse dos palácios e dos tesouros da Babilônia, de Susa, de Persépolis e de Hamadã. O incêndio de Persépolis, acidente ou assunto político, marcou o fim do antigo Oriente Médio. Dario foi assassinado por um dos seus cortesãos e Alexandre estendeu a sua campanha até as províncias mais orientais do Império Persa antes de voltar à Babilônia, onde morreu no ano 323 a.C.

O império de Ciro e de Dario tinha sobrevivido durante 150 anos, até cair, praticamente intacto, nas mãos

As conquistas de Alexandre
Em 343 Artaxerxes III recuperou o Egito, depois de 60 anos de independência. A extensão geográfica do Império Persa não era então muito diferente da que tinha sido nos tempos de Dario I, 50 anos antes. Alexandre e Dario III subiram ao trono no mesmo ano, 336 a.C., depois de seus predecessores terem sido assassinados. Alexandre invadiu a Ásia em 334 a.C. e derrotou Dario II, que morreu em 330 a.C. Alexandre passou os sete anos seguintes combatendo nos limites do império persa, formando um reino que seria dividido entre os seus generais após a sua morte. Ao longo do seu percurso, Alexandre fundou cidades com o seu nome e mudou o nome das cidades existentes em sua própria honra.





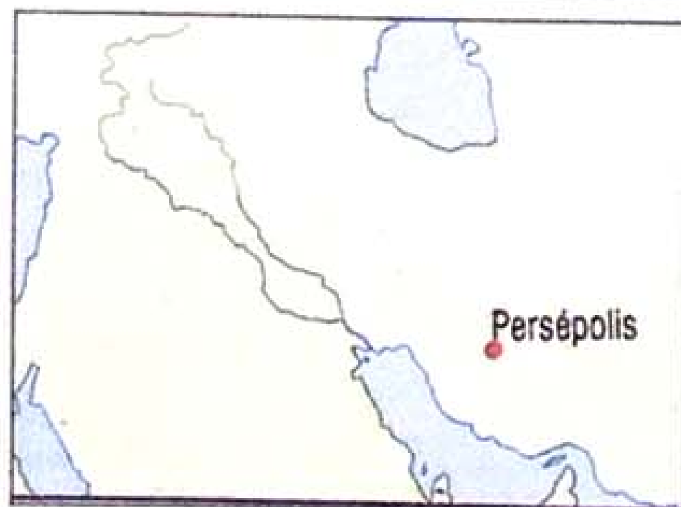
Acima: O túmulo de Xerxes. Quatro reis persas, Dario I, Xerxes, Artaxerxes I e Dario II, foram enterrados em túmulos quase idênticos em Nagah-i Rustam, a seis quilômetros ao norte de Persépolis. O rei aparece orando diante de um altar-pira perante o deus Ahura-mazda. Está de pé sobre um estrado sustentado por 40 súditos do seu império.

Páginas 216-217: Mosaico alexandrino que mostra a Batalha de Gaugamela em 331 a.C. Foi encontrado na Casa de Faun, em Pompéia, e acredita-se que é uma cópia em mosaico, de 100 a.C., de uma pintura do século IV a.C. de Filoxenos de Eretria.

de Alexandre. Mas passados poucos anos da morte de Alexandre, o império dividiu-se. As conquistas de Alexandre terminaram definitivamente com a civilização mesopotâmica e a tradição escriba dos três milênios anteriores. A partir de então, a Europa representaria um papel tão importante na história mundial como o Oriente Médio. Ao longo do milênio seguinte, o Oriente Médio permaneceu dividido entre o Oriente e o Ocidente até tornar a unir-se sob a bandeira do Islã. A sua cultura característica desapareceu sob o domínio de governantes estrangeiros; os deuses mesopotâmicos embora continuassem a ser venerados, foram progressivamente assimilados pelas divindades gregas e iranianas. A escrita cuneiforme manteve-se nos templos da Babilônia até o século I da nossa era, muito depois do papiro e do pergaminho terem substituído totalmente as tabuinhas de argila. Durante o exílio dos judeus na Babilônia e o domínio grego sobre a Ásia, toda a sabedoria do Oriente Médio passou a fazer parte da herança cultural de judeus e de gregos. Através deles sobreviveu e contribuiu para o desenvolvimento da civilização européia.

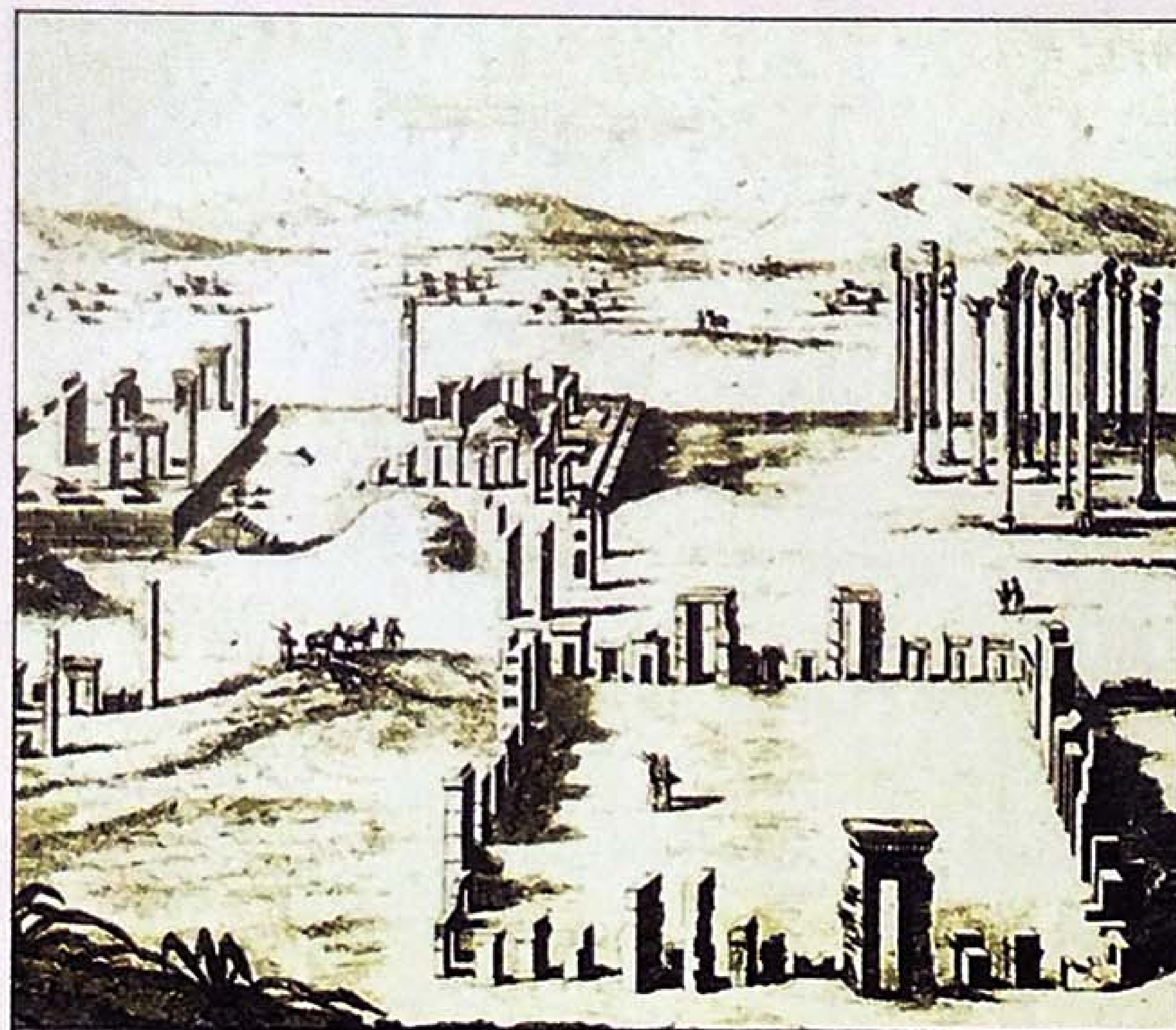




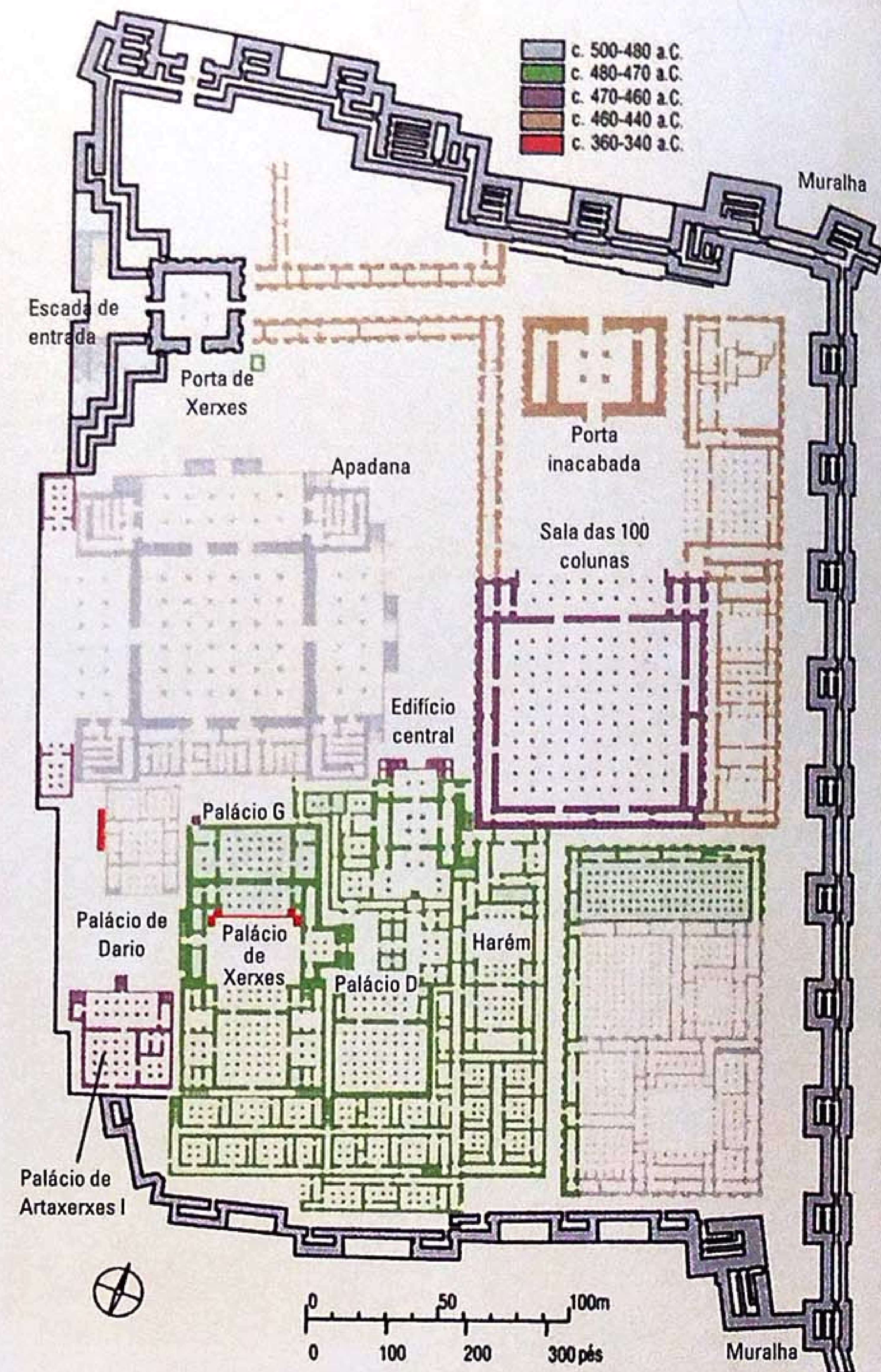


Persépolis

A cidadela de Persépolis é um dos sítios mais bem preservados do antigo Oriente Médio. A sua construção foi iniciada por Dario (521 a.C.-486 a.C.), continuada pelo seu filho Xerxes (485 a.C.-465 a.C.) e acabada pelo seu neto Artaxerxes I (464 a.C.-425 a.C.). Os palácios refletem elementos de diversas tradições: meda, mesopotâmica, grega e egípcia. A cidadela fazia parte de um complexo que incluía a colina fortificada a leste, os edifícios junto à esplanada da cidadela, os túmulos reais na região escarpada de Nagsh-i Rustam, onde Dario e três dos seus sucessores foram enterrados, e uma grande cidade onde vivia a gente comum, que ainda não foi encontrada.



No centro: Persépolis foi um dos primeiros lugares do antigo Oriente Médio a ser reconhecido pelos turistas europeus, apesar de as primeiras crônicas serem um tanto fantásticas. No século XVIII foram publicadas descrições bastante precisas das ruínas visíveis, como este desenho de Carsten Niebuhr.



À direita: A maior parte da cidadela foi escavada pelo Instituto Oriental de Chicago nos anos 30, e esta planta reconstruída baseia-se no seu trabalho e no que foi realizado desde então pelo Serviço Iraniano de Arqueologia. Os planos do palácio D, do palácio G e das muralhas estão na sua maioria restaurados, dado que as estruturas estavam quase completamente deterioradas.





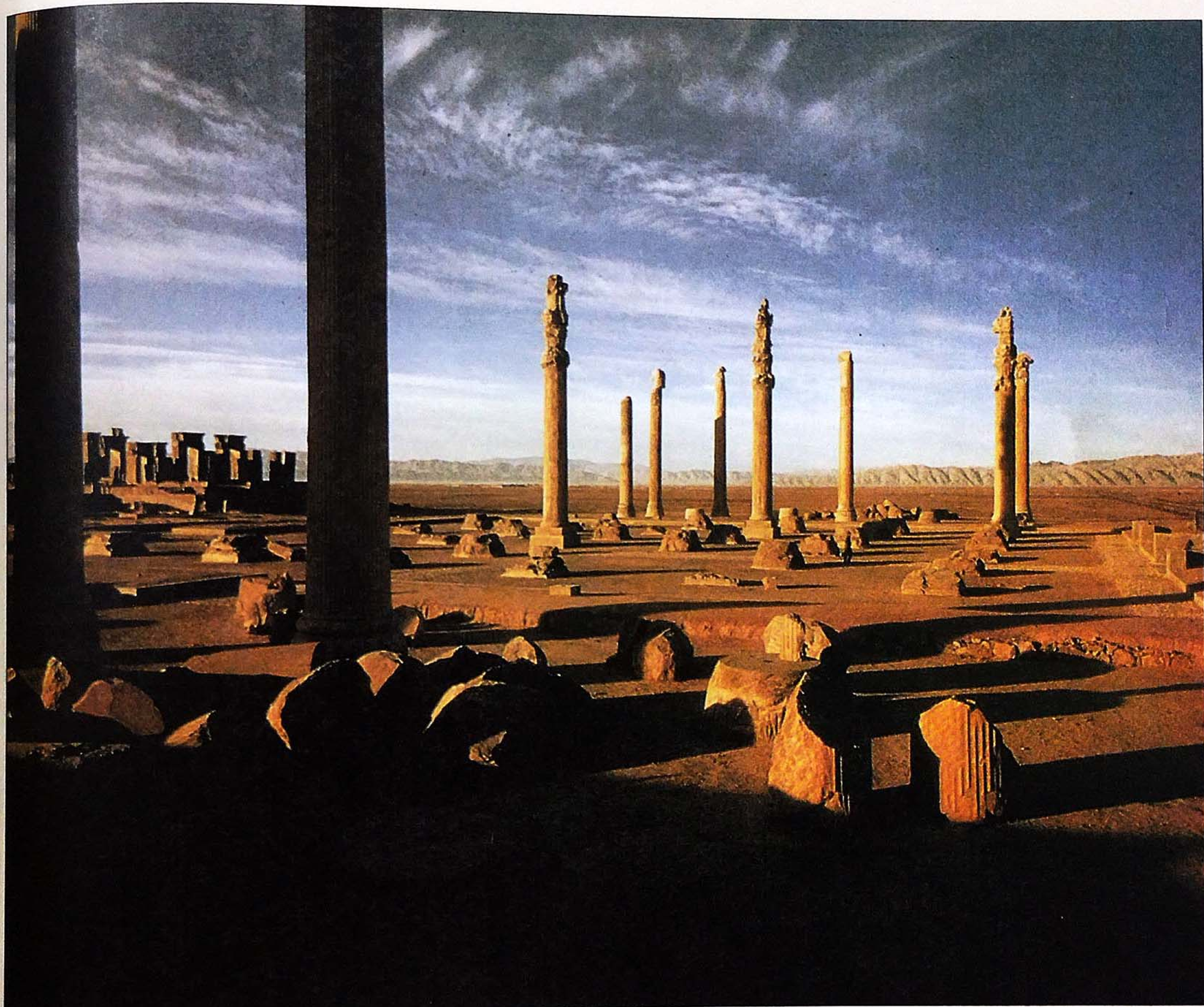
Abaixo: Alguns dos relevos mais interessantes dos que decoram os palácios mostram os súditos do governo persa, com os seus trajes típicos, oferecendo dádivas ao rei. Aqui se pode ver um armênio de chapéu, vestido com túnica e calças próprias dos ginetes persas, levando uma jarra, possivelmente de ouro, com as asas e o bico decorados com grifos alados.



À esquerda: Nesta ocasião, o rei é representado como uma figura dentro de um disco alado, provavelmente Ahura-mazda, o deus mais importante dos persas. O colorido deste desenho, cópia da figura que se encontra sobre a porta da Sala das Cem Colunas, foi executado a partir dos traços de pintura que ainda permanecem na pedra.

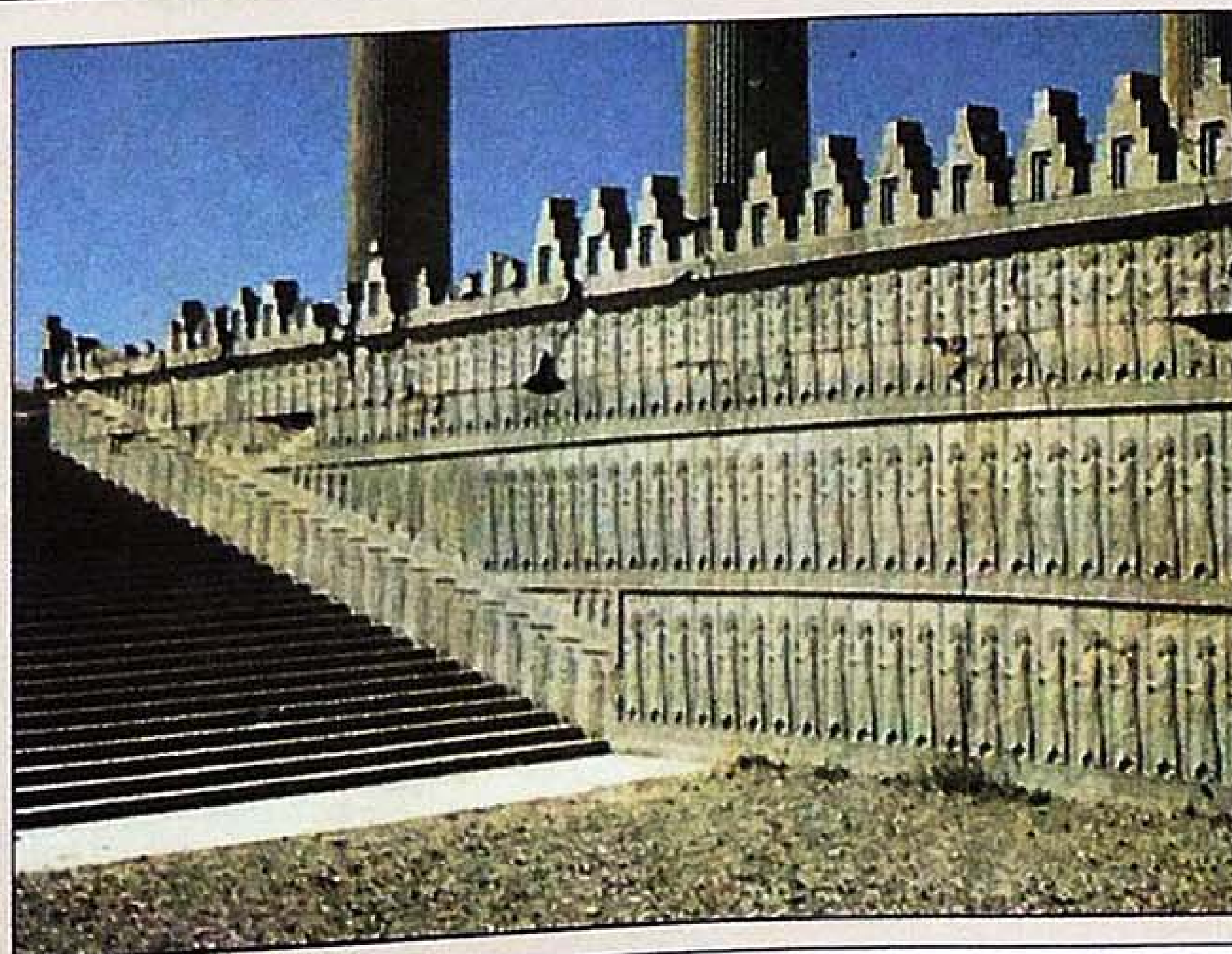
Abaixo: O maior dos edifícios da terraplanagem era a Apadana, provavelmente a sala de recepções principal do rei. Tinha colunas de quase 20 m de altura, coroadas por capitéis complexos com forma de touros e de leões. Do pórtico ocidental, o trono do rei dominava a planície de Marv Dasht.

À direita, abaixo: Este capitel, com dois grifos, foi encontrado a nordeste da Porta de Xerxes. Contudo, ainda não foi possível determinar a que edifício pertenceu originalmente. As salas com colunas, terminada em capitéis com forma de leões, touros e touros de cabeça humana, eram características da arquitetura persa.



À esquerda: O rei era o centro a decoração dos palácios em Persépolis. Esta escultura, nas escadas da esplanada do Apadama, mostra o rei no seu trono recebendo ofertas dos seus súditos. O rei segura nas mãos um báculo e uma flor, e em frente há um turíbulo. A inspiração deste relevo foi provavelmente assíria: uma cena semelhante foi pintada nas paredes do palácio assírio de Til Barsip 200 anos antes.

À direita: Atrás das esculturas do rei havia outros soldados e membros da sua corte. Estes guardas poderiam ter pertencido ao regimento persa de elite dos Dez Mil Imortais.





O tesouro de Oxo

Em maio de 1880, no Afeganistão, três mercadores foram assaltados por ladrões. O seu servidor escapou e alertou o funcionário britânico local, capitão R C. Burton, que foi à sua procura. A meia noite apanhou os ladrões e convenceu-os a devolver mais de metade dos bens dos mercadores. Uma das bolsas continha uma pulseira em ouro magnífico, que depois foi comprada pelo próprio Burton. Os mercadores disseram-lhe que levavam adornos de ouro e de prata, chávenas de ouro, um ídolo de ouro e outro de prata e um grande adorno parecido com uma pulseira, para o tornozelo, e tudo tinha sido encontrado em Takht-i Kuwad, na margem norte do rio Oxo. Finalmente, os mercadores venderam o tesouro em Rawlpindi (atualmente no Nordeste do Paquistão) ao general-de-divisão sir Alexander Cunninghan, o diretor do Archaeological Survey da Índia. Após a morte de Franks em 1897, o tesouro passou a fazer parte das coleções do Museu Britânico.

Julga-se que mais de 150 objetos e 1500 moedas pertencem ao tesouro de Oxo. Embora muitos dos objetos sejam do período aquemênidas, as moedas mais antigas são do princípio do século v, enquanto as mais recentes são de cerca de 200 a.C. É possível que algum dos objetos tenha sido acrescentado ao tesouro pelos comerciantes de Rawalpindi, mas a maior parte deles parece ser proveniente de uma mesma coleção, que poderia ter pertencido ao tesouro do templo.



À esquerda: Figura recortada em ouro do rei persa, que veste uma túnica longa como as que utilizavam os persas e os elamitas na corte.

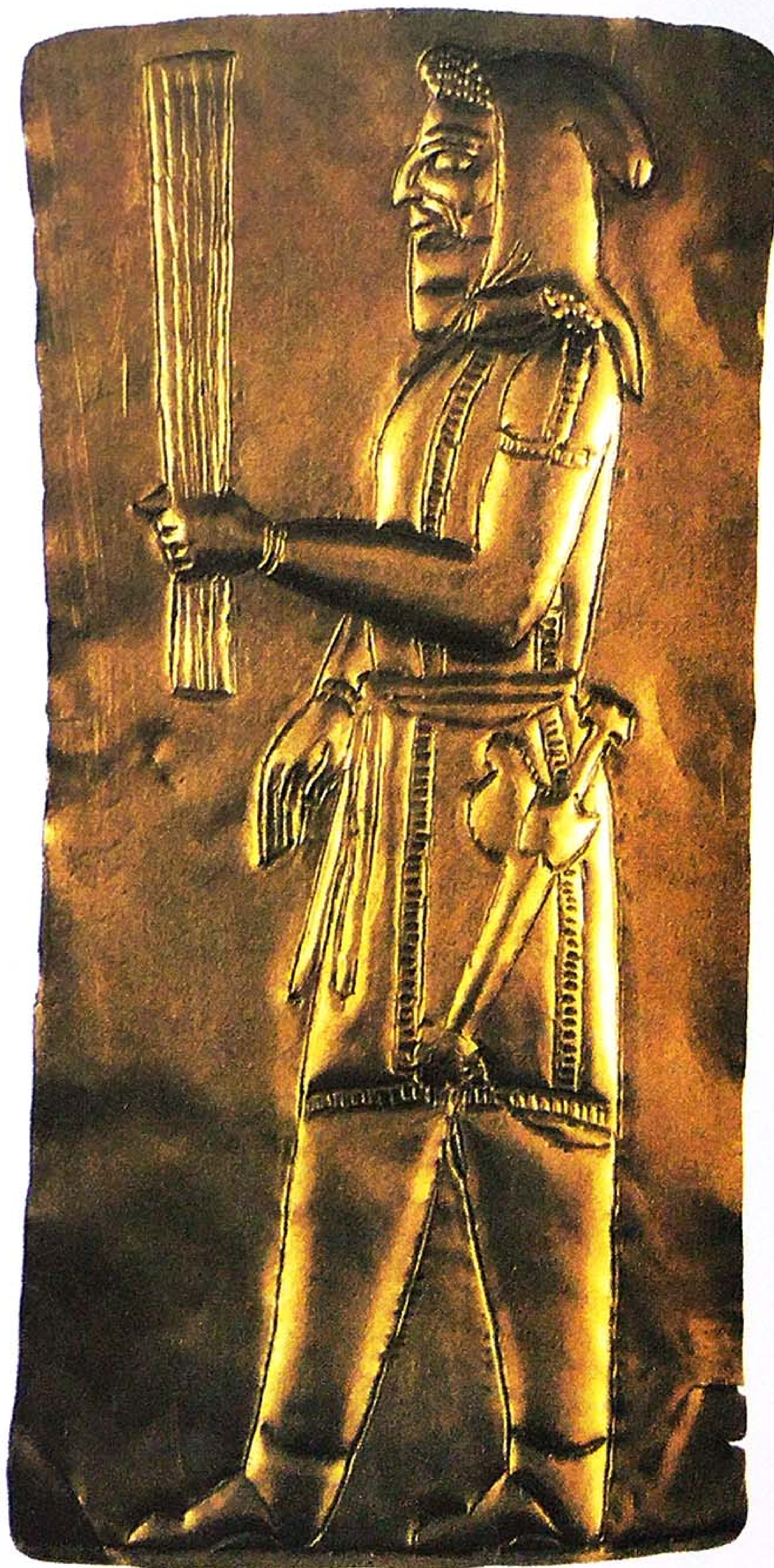
À esquerda, abaixo: Prato de ouro com um grifo em forma de leão alado, com quatro aros nas costas. Os reis persas e os assírios, assim como as estátuas dos deuses, vestiam roupagens que tinham adornos de ouro costurados.

Abaixo: Lâmina de ouro que representa um homem com a túnica e as calças cingidas características dos medos, dos armênios e dos capadócios nos relevos de Persépolis. Esta indumentária era utilizada também pelos persas, particularmente na caça e na guerra. Esta figura foi identificada como sendo a de um sacerdote.



Acima: Uma dúzia de anéis, com selos de ouro, foi associada ao tesouro de Oxo. Alguns, como este, são do estilo da corte aquemênida, enquanto outros são de estilo grego. O motivo pode representar uma rainha ou uma dama da nobreza.







À esquerda: Modelo em ouro de um carro puxado por quatro cavalos. Na frente do carro há uma cabeça como a do deus egípcio Bes. Outro carro de ouro, incompleto, foi adquirido pelo conde Litton, vice-rei da Índia, aproximadamente na mesma época em que foi achado o tesouro de Oxo, do qual poderia ter feito parte. Comprimento: 18,8 cm.

À esquerda, abaixo: Cabeça oca de ouro batido. Este objeto não é de estilo aquemênida. Poderia ser de fabricação local, posterior ao período aquemênida, ou talvez tenha sido acrescentado ao tesouro de Oxo pelos comerciantes de Rawalpindi. Altura: 11,3 cm.

Abaixo: Esta pulseira de ouro fazia par com a que foi comprada pelo capitão Burton e que pertence à coleção do Victoria and Albert Museum, em Londres. Os espaços vazios continham, provavelmente, incrustações de pedras semipreciosas ou de vidro. As pulseiras são típicas do estilo da corte aquemênida e semelhantes aos objetos que faziam parte do tributo oferecido pelos lídios aos persas. Em Susa e em Passárgada foram encontradas pulseiras mais simples nas extremidades. Largura: 11,5 cm.





Babilônia na arte ocidental

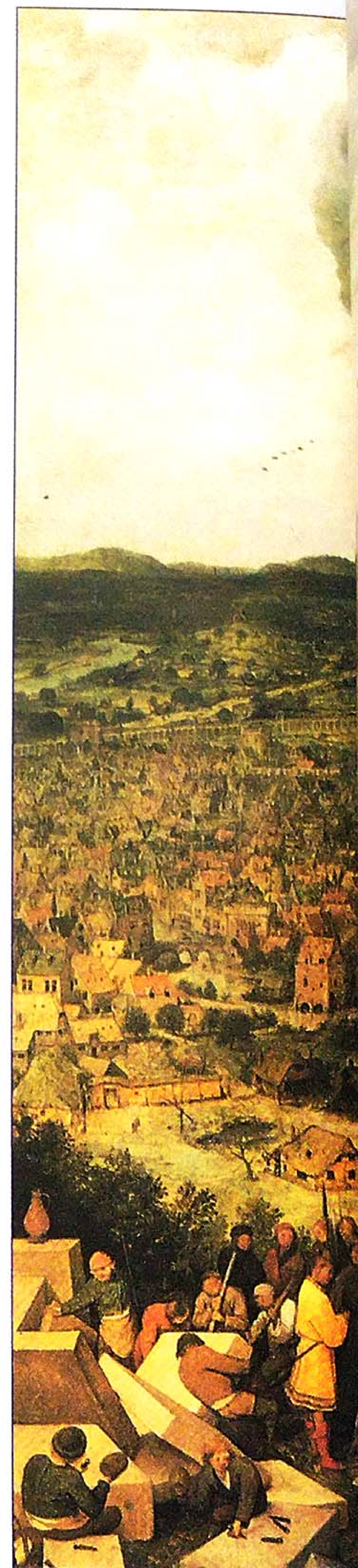
Nos 150 anos que decorreram desde que Botta e Layard acharam os palácios dos reis assírios, a civilização mesopotâmica foi redescoberta e a sua história foi de novo contada, utilizando os dados provenientes dos antigos monumentos e dos textos mesopotâmicos. No entanto, apesar da riqueza da informação proporcionada pelas escavações arqueológicas, tanto a arte quanto a literatura do mundo ocidental se limitaram às imagens estereotipadas do antigo Oriente Médio presentes nos escritos dos judeus e dos gregos. Estas imagens foram extraídas na sua totalidade de episódios conhecidos através da Bíblia e de autores clássicos: a Torre de Babel, o Festim de Baltasar, a morte de Sardanápalo, o incêndio da Babilônia. Contudo, nenhum destes episódios foi corroborado por fontes mesopotâmicas contemporâneas e todos mostram uma atitude hostil à civilização mesopotâmica.

Devido ao exílio dos judeus, o nome de Babilônia foi amaldiçoado na Bíblia. "Babilônia, a glória dos reinos... será como quando Deus destruiu Sodoma e Gomorra", escreveu o profeta Isaías (Isaías 13:19), enquanto o Apocalipse, o livro das revelações do Novo Testamento, denuncia a Babilônia como "mãe das prostitutas e das indecências da Terra" (Apocalipse 17:5). A Babilônia da arte e da literatura ocidental ajustou-se às expectativas e aos preconceitos do seu público. Embora os pintores ocidentais possam sugerir temas mesopotâmicos, aludem freqüentemente a preocupações contemporâneas do artista ou referem-se de forma alegórica a acontecimentos do passado.

O tratamento mais benévolo dado pela arte atual à Mesopotâmia e ao antigo Oriente Médio provém do mundo árabe, onde os governantes modernos apóiam o trabalho dos artistas que tratam temas tradicionais.







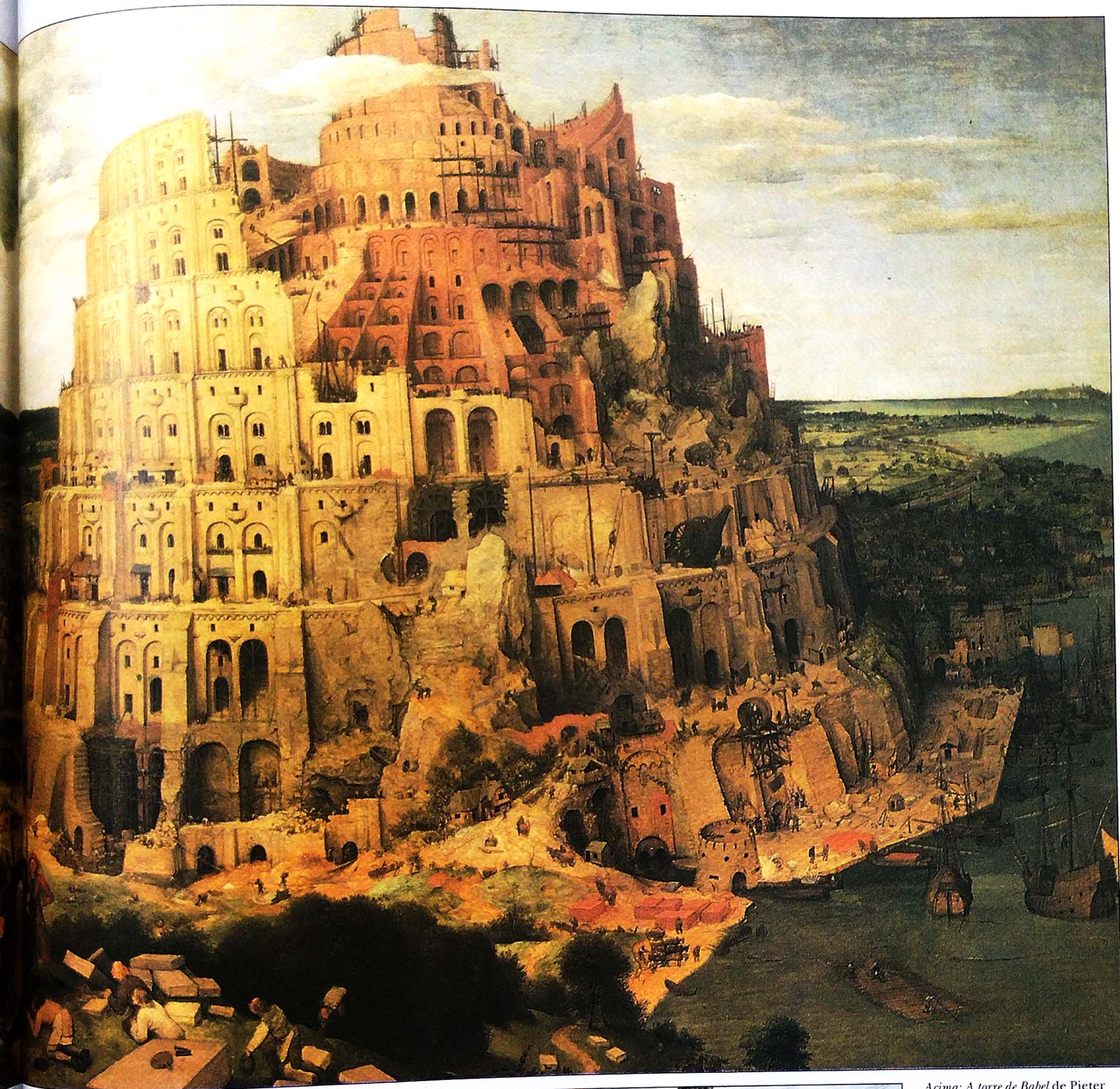


Acima: A chegada do Messias e a destruição da Babilônia, do artista britânico Samuel Colman (1780-1845). Esta pintura alegórica ilustra alguns dos fatos do livro de Isaías. No fundo observa-se o incêndio de Babilônia, mas atrás do zigurate é a silhueta de Londres que se desmorona.

À direita: Uma cena de *Intolerância* (1916), filme épico do cinema mudo dirigido por D. W. Griffith. Coisa pouco freqüente, Ciro foi representado como um déspota tirânico e indigno de confiança. Griffith utilizou os conhecimentos mais atualizados acerca da cultura da Babilônia e da Pérsia: os soldados esculpidos em ambos os lados das escadas vieram diretamente de Persépolis.

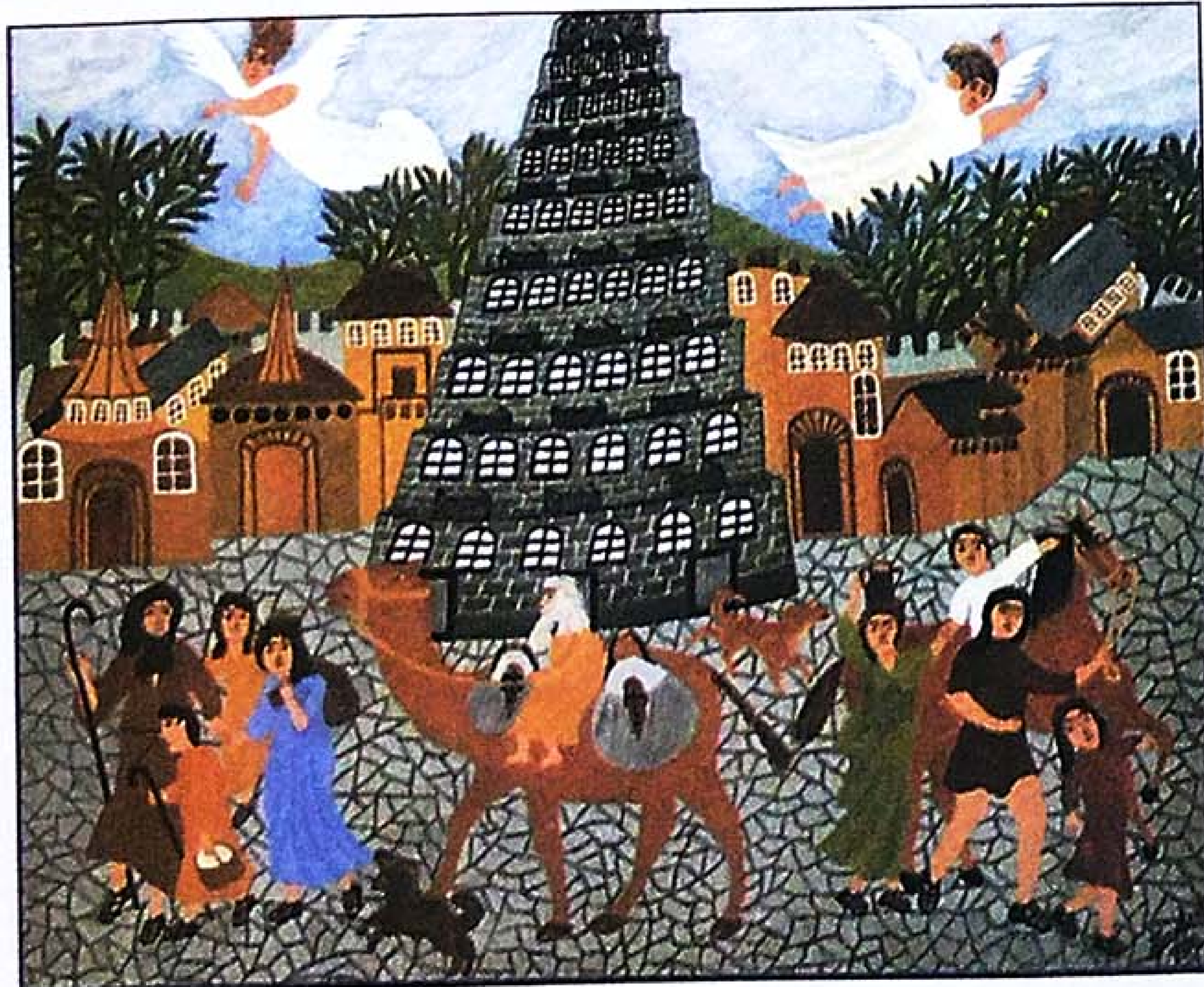
À direita, acima: O festim de Baltasar, de Rembrandt (1606-1669). O incidente da escrita na parede, cuja interpretação a de foi que o reino da Babilônia tinha sido examinado e considerado deficiente, é retratado de forma dramática.

À direita: Xilogravura alemã (século XVI) que representa o incêndio da Babilônia, tema que foi utilizado freqüentemente nas ilustrações da Bíblia. Na visão relatada no Apocalipse, a Babilônia foi destruída em uma hora e aqueles que testemunharam sua destruição, "vendo a fumaça de seu incêndio, gritavam: 'quem era semelhante à grande cidade?'" (Apocalipse 18:18). No entanto, esta alusão refere-se à cidade de Roma. A cidade que aparece aqui foi identificada como sendo Mainz ou Worms. De fato, Babilônia foi posteriormente usada como metáfora para qualquer cidade grande, comercial e corrupta.



Acima: A torre de Babel de Pieter Bruegel, o Velho (c. 1525/30-1569). A magnífica torre deve mais ao Coliseu de Roma que aos zigurates da Mesopotâmia.





À esquerda: A torre de Babel do artista polonês contemporâneo Josef Szubert. Como Bruegel, Szubert não fez concessões ao rigor histórico, embora o enquadramento da cena seja mais próprio do Oriente Médio que da Europa, pois inclui palmeiras e camelos. Neste caso, a história bíblica da torre de Babel foi relegada a segundo plano, pois a torre é um símbolo da tirania da qual fogem José e Maria, que representam os refugiados.

BIBLIOGRAFIA



Há uma documentação extensa sobre o antigo Oriente Médio, mas muitas das ferramentas de investigação, como bibliografias, índices geográficos, enciclopédias e dicionários, estão ainda em processo de preparação e se passarão muitos até que se completem esses projetos. Esta bibliografia inclui uma pequena seleção das obras que podem ter interesse para o leitor não especialista, e muitos dos títulos listados são livros em inglês. Está-se publicando um importante trabalho de investigação em outros meios — jornais universitários, simpósios, conferências ou *festschrifts* — e em outras línguas — alemão, francês, italiano, flamengo, russo, hebráico, e as línguas nativas do Oriente Médio, árabe, turco e persa.

Obras de consulta

Tübinger Atlas des Vorderen Orients com excelentes mapas e outros volumes sobre o antigo Oriente Médio incluídos: *Répertoire Géographiques des Textes Cunéiformes*, vols. 1-8, Tübingen: 1974.

R. S. Ellis. *A Bibliography of Mesopotamian Archaeological Sites.* Wiesbaden: 1972.

Atlas of the Archaeological Sites in Iraq. Bagdá: 1979.

Reallexikon für Assyriologie und Vorderasiatische Archäologie. Berlim e Nova Iorque: 1928.

The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago. Chicago: 1956.

L. Vanden Berghe. *Bibliographie analytique de l'archéologie de l'Iran ancien.* Leiden: 1979 (com suplementos).

M. Avi-Yonah (ed.). *Encyclopaedia of Archaeological Excavations in the Holy Land.* 4 vols. Oxford: 1975-8.

W. Kleiss e H. Hauptmann. *Topographische Karte von Urartu.* Berlim: 1976.

Obras gerais e livros ilustrados

E. Akurgal. *The Birth of Greek Art, the Mediterranean and the Near East.* Londres: 1968.

P. Amiet. *Art of the Ancient Near East.* Nova Iorque: 1980.

J. Baines e J. Málek. *Atlas of Ancient Egypt.* Oxford: 1980.

C. A. Burney. *The Ancient Near East.* Ithaca: 1977.

C. A. Curtis (ed.). *Fifty Years of Mesopotamian Discovery.* Londres: 1982.

H. Frankfort. *The Art and Architecture of the Ancient Orient.* 4.ª edição, Harmondsworth e Baltimore: 1970.

R. Ghirshman. *Persia from the Origins to Alexander the Great.* Londres: 1964.

S. Lloyd. *Art of the Ancient Near East.* Londres: 1961.

A. Moorto. *The Art of Ancient Mesopotamia.* Londres: 1969.

S. Moscati. *The Phoenicians.* Milão: 1988.

H. J. Nissen. *The Early History of the Ancient Near East, 9000-2000 a.C.* Chicago: 1988.

D. e J. Oates. *The Rise of Civilization.* Oxford: 1976.
J. Oates. *Babylon.* Londres e Nova Iorque: 1979.
A. Parrot. *Nineveh and Babylon.* Nova Iorque: 1961.
A. Parrot. *Sumer.* Londres: 1960.

E. Porada. *Ancient Iran: the Art of Pre-Islamic Times.* Londres: 1965.

J. N. Postgate. *The First Empires.* Oxford: 1977.

J. B. Pritchard (ed.). *The Times Atlas of the Bible.* Edição revisada. Londres: 1989.

J. Rogerson. *Atlas of the Bible.* Oxford: 1989.

G. Roux. *Ancient Iraq.* 2.ª edição. Harmondsworth: 1980.

H. W. F. Saggs. *The Greatness that was Babylon.* Londres: 1962.

H. W. F. Saggs. *The Might that was Assyria.* Londres: 1984.

E. Strommenger e M. Hirmer. *The Art of Mesopotamia.* Londres: 1964.

H. Weiss (ed.). *From Ebla to Damascus: Art and Archaeology of Ancient Syria.* Washington: 1985.

Pré-história

W. C. Brice (ed.). *The Environmental History of the Near East since the Last Ice Age.* Londres: 1978.

S. Daris. *The Archaeology of Animals.* Londres: 1987.

D. Frankel. *Archaeologists at Work: Studies on Halaf Pottery.* Londres: 1979.

A. N. Garrard e H. G. Gebel (eds.). *The Prehistory of Jordan: the State of Researcha in 1986.* Oxford: 1988.

J. Mellaart. *Catal Hüyük: a Neolothic Town in Anatolia.* Londres: 1967.

J. Mellaart. *The Neolithic of the Near East.* Londres e Nova Iorque: 1975.

P. R. S. Moorey (ed.). *Origins of Civilization.* Wolfson College. Oxford: 1979.

A. L. Perkins. *The Comparative Archaeology of Early Mesopotamia.* Chicago: 1949.

J. N. Postgate e M. A. Powell (eds.). *Bulletin on Sumerian Agriculture.* Cambridge: 1984.

C. L. Redman. *The Rise of Civilization.* San Francisco: 1978.

P. Singh, *Neolithic Cultures of Western Asia.* Londres: 1975.

P. J. Ucko e G. W. Dimbleby (eds.). *Domestication and Exploitation of Plants and Animals.* Londres: 1969.

P. J. Ucko; R. Trigham e G. W. Dimbleby (eds.). *Man, Settlement and Urbanism.* Londres: 1972.

G. A. Wright. *Obsidian Analysis and Prehistoria Nears Eastern Trade: 7500 to 3500 a.C.* Ann Arbor: 1969.
T. C. Young; P. E. L. Smith e P. Mortensen (eds.). *The Hilly Flanks and Beyond.* Chicago: 1983.

História

J. A. Brinkman. *Prelude to Empire: Babylonian Society and Politics 747-626 a.C.* Philadelphia: 1984.

J. A. Brinkman. *Materials and Studies for Kassite History I.* Chicago: 1976.

J. A. Brinkman. *A Political History of Post-Kassite Babylonia.* Roma: 1968.

Cambridge Ancient History. Cambridge: 1970-1984.

E. Carter e M. Stolper. *Elam: Surveys of Political History and Archaeology*. University of California Publication in Near Eastern Studies 25, Berkeley: 1984.

A. H. Gardiner. *Egypt of the Pharaohs*. Oxford: 1961.

O. R. Gurney. *The Hittites*. Edição revisada. Harmondsworth: 1980.

W. W. Hallo e W. K. Simpson. *The Ancient Near East: A History*. Nova Iorque: 1971.

A. T. Olmstead. *History of the Persian Empire*. Chicago: 1948.

D. Oastes. *Studies in the Ancient History of Northern Iraq*. Londres: 1968.

A. L. Oppenheim. *Ancient Mesopotamia*. Chicago: 1964.

N. K. Sandars. *The Sea Peoples: Warriors of the Ancient Mediterranean*. Edição revisada. Londres: 1985.

Textos traduzidos

J. S. Cooper. *Sumerian and Akkadian Royal Inscriptions*. Vol. I. New Haven, Connnecticut: 1986.

S. Dalley. *Myths from Mesopotamia: Creation, the Flood, Gilgamesh and others*. Oxford: 1989.

A. K. Grayson. *Assyrian and Babylonian Chronicles*. Nova Iorque: 1975.

A. K. Grayson. *Assyrian Royal Inscriptions*. Vols. 1 e 2. Wiesbaden: 1972: 1976.

A. K. Grayson *et. al*. *Royal Inscriptions of Mesopotamia*. Toronto: 1987.

D. D. Luckenbill. *Ancient Records of Assyria and Babylonia*. Chicago: 1926-7.

A. L. Oppenheim. *Letters from Mesopotamia*. Chicago: 1968.

J. B. Pritchard (ed.). *The Ancient Near East: an Anthology of Texts and Pictures*. Princeton University Press, Princeton: 1958.

J. B. Pritchard (ed.). *Ancient Near Easterna Texts Relating to the Old Testament*. Princeton, 3.ª edição: 1969.

S. Parpola (ed.). *State Archives of Assyria*. Helsinki: 1987.

E. Sollberger e J. R. Kupper. *Inscriptions Royales summeriennes et akkadiennes*. Paris: 1971.

Lugares e períodos

R. M. Adams. *Heartland of Cities: Surveys of Ancient Settlement and Land Use on the Central Floodplain of the Euphrates*. Chicago: 1981.

R. M. Adams e Hans J. Nissen. *The Uruk Countryside: the Natural Selling of Urban Societies*. Chicago: 1972.

Y. Aharoni. *The Archaeology of the Land of Israel*. Londres: 1982.

P. Amiet. *L'art d'Agade au Musée du Louvre*. Paris: 1976.

P. Amiet, *Ellam*. Auvers-sur-Oise: 1966.

G. Bibly. *Looking for Dilmun*. Londres: 1970.

K. Bittel. *Hattusha: the Capital of the Hittites*. Oxford: 1970.

C. A. Burney e D. Lang. *Peoples of the Hills, Ancient Ararat and Caucasus*. Londres: 1971.

A. Curtis. *Ugarit (Las Shamra)*. Cambridge: 1985.

J. E. Curtis. *Ancient Persia*. Londres: 1989.

S. Dalley. *Mari and Karana: Two Old Babylonian Cities*. Londres e Nova Iorque: 1984.

D. Frankel. *The Ancient Kingdom of Urartu*. Londres: 1979.

D. B. Harden. *The Phoenicians*. Londres: 1962.

S. W. Helms. *Jawa: Lost city of the Black Desert*. Londres: 1981.

F. Hole (ed.). *The Archaeology of Western Iran*. Washington: 1987.

K. M. Kenyon. *Archaeology in the Holy Land*. 4.ª edição. Londres: 1979.

K. M. Kenyon. *The Bible and Recent Archaeology*. Edição revisada por P. R. S. Moorey. Londres: 1987.

Shaikha Haya Ali Al Khalifa e Michael Rice (eds.). *Bahrain through the Ages: the Archaeology*. Londres: 1986.

S. N. Kramer. *The Sumerians: their history, Culture and Character*. University of Chicago Press: 1963.

M. T. Larsen. *The Old Assyrian City-State and its Colonies*. Copenhague: 1976.

S. Lloyd. *Early Highland Peoples of Anatolia*. Londres: 1967.
S. Lloyd. *The Archaeology of Mesopotamia*. Londres: 1978.
S. Matherson. *Persia: an Archaeological Guide*. Londres: 1972.

P. Martthiae. *Ebla: an Empire Rediscovered*. Londres: 1977.

J. Mellart. *Archaeology of Ancient Turkey*. Londres: 1978.

B. B. Piotrovskii. *The Kingdom of Urartu and its Art*. Londres: 1967.

M. D. Roaf. *Sculptures and Sculptors at Persepolis*. Londres: 1983.

D. B. Stronach. *Pasargadae*. Oxford: 1978.

G. Wilhelm. *The Hurrians*. Warminster: 1989.

C. L. Woolley. *Excavations, at Ur*. Edição revisada por P. R. S. Moorey. Londres: 1982.

J. Yakar. *The Later Prehistory of Anatolia: the Late Chalcolithic and Early Bronze Age*. Oxford: 1985.

T. C. Young e L. Levine (eds.). *Mountains and Lowlands: Essays in the Archaeology of Greater Mesopotamia*. Undena: 1977.

Estudos especiais

R. D. Barnett. *Ancient Ivories in the Middle East*. Jerusalém: 1982.

J. A. Black e A. R. Green. *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia*. Londres: 1990.

D. Collon. *First Impressions: Cylinder Seals in the Ancient Near East*. Londres: 1987.

J. H. Crouwel e M. A. Littauer. *Wheeled Vehicles and Ridden Animals in the Ancient Near East*. Leiden: 1979.

J. E. Curtis (ed.). *Bronze Working Centres of Western Asia c. 1000-539 a.C*. Londres: 1988.

R. W. Ehrich (ed.). *Chronologies of Old World Archeology*. Chicago: 1965.

H. Frankfort e H. A. G. Frankfort (eds.). *The Intellectual adventure of Ancient Man.* Chicago: 1946.

A. M. Gibson e R. D. Biggs (eds.). *Seals and Sealing in the Ancient Near East.* Malibu: 1977.

A. M. Gibson e R. D. Biggs (ed.). *The Organization of Power: Aspects of Bureaucracy in the Ancient Near East.* Chicago: 1987.

C. J. Gadd. *The Stones of Assyria.* Londres: 1936.

G. Herrmann. *Ivories from Room SW37 Fort Shalmaneser, Ivories from Nimrud* (1949-1963). Vol. 4. Londres: 1986.

T. Jacobsen. *The Treasures of Darkness.* New Haven: 1976.

W. G. Lambert. *Babylonian Wisdom Literature.* Oxford: 1960.

M. T. Larsen (ed.). *Power and Propaganda: a Symposium on Ancient Empires.* Copenhague: 1979.

A. H. Layard. *Nineveh and its Remains.* Londres: 1849.

S. Lloyds. *Foundations in the Dust.* Edição corrigida. Londres: 1980.

K. R. Maxwell-Hyslop. *Western Asiatic Jewellery c. 3000-612 a.C.* Londres: 1971.

R. H. Meadow e H. P. Uerpmann (eds.). *Equids in the Ancient World.* Wiesbaden: 1986.

P. R. S. Moorey. *Materials and Manufacture in Ancient Mesopotamia: the Evidence of Archaeology and Art: Metals, Metalwork, Glazed Materials and glass.* Oxford: 1985.

J. D. Muhly. *Copper and Tin: the Distribution of Metal Resources and the Nature of the Metals Trade in the Bronze Age.* New Haven: 1973-6.

O. Neugebauer. *The Exact Sciences in Antiquity.* Princeton: 1952.

O. Neugebauer e A. Sachs. *Mathematical Cuneiform Texts.* New Haven: 1945.

S. A. Pallis. *The Antiquity of Iraq.* Copenhague: 1956.

M. V. Pope. *The Story of Decipherment.* Londres: 1975.

J. E. Reade. *Assyriam Sculpture.* Londres: 1983.

B. Teissier. *Ancient Near Eastern Cylinder Seals from the Marcopoli Collection.* Berkeley: 1984.

G. Waterfield. *Layard of Nineveh.* Londres: 1963.

T. A. Wertime e J. D. Muhly (eds.). *The Coming of the Age of Iron.* Yale University Press: 1980.

Y. Yadin. *The Art of Warfare in Biblical Lands.* Londres: 1963.

GLOSSÁRIO



Os termos técnicos e estrangeiros que aparecem no livro estão, em sua maioria, explicados nos contextos em que estão inseridos. Tais explicações também foram incluídas neste glossário, em alguns casos na sua forma completa e com informação adicional. As entradas e as referências estão em negrito. O glossário também inclui notas explicativas de datação utilizadas pelo autor.

A ortografia das palavras e nomes que pertencem a línguas antigas, embora baseada nas formas escritas, é em parte uma questão de uso. É possível conferir a pronúncia por intermédio da comparação com palavras que sobreviveram em línguas modernas como o persa, o árabe, o aramaico e nomes também escritos em outras escritas como o grego. Como em todas as línguas, a pronúncia varia segundo o dialeto e o período. Em períodos posteriores o m final dos nomes foi abandonado; aqui foi utilizada a forma mais familiar: assim *akitu*, não *akitum*, e *awilum*, não *awilu*.

Acádia. Região norte da planície sul da Mesopotâmia cujo nome se inspira na cidade de Agadé. Ver também **Suméria**.

acádico. Língua semita falada na Mesopotâmia do 3º ao 1º milênio a.C. Os principais dialetos conhecidos eram o assírio e o babilônico.

acrópole. A parte mais alta de uma cidade, a cidadela em que se situavam os palácios e os templos.

adivinhação. Predição do futuro. As formas de adivinhação praticadas no antigo Oriente Médio incluíam o exame dos órgãos internos de animais — especialmente o fígado (hepatoscopia) — os desenhos formados pelo óleo na água (lecanomancia) ou pelo fumo (libanomancia), assim como o comportamento de animais, os nascimentos anormais, os sonhos e os movimentos dos corpos celestes.

Agade. Cidade do Sul da Mesopotâmia, fundada por Sargão (2334 a.C.-2279 a.C.) como sua capital. A sua localização é incerta.

akitu. Festa nacional que decorria no templo de akitu situado fora das muralhas da cidade. A mais famosa era a festa de Ano Novo da Babilônia, mas havia também templos de akitu em Harran, Terqa, Nínive, Arbelas, Assur, Sippar, Dilbat e Uruk.

aluvião. Lodo arrastado pelos rios e depositado como sedimento na planície aluvial.

annakum. Metal que os antigos mercadores assírios levavam de Assur para a Anatólia, quase seguramente estanho.

ano de acessão. Ano em que um governante se tornava rei. Ver também **ano de coroação**.

ano de coroação. Ano real. Em alguns períodos os documentos eram datados a partir do ano da coroação do rei. Antes da época de Alexandre Magno, o primeiro, o ano da coroação começava como o Ano Novo que se seguia à ascensão do rei ao trono. Ver também ano de acessão.

apkallu. Um dos sete sábios da época anterior ao Dilúvio. As estatuetas de argila de *apkallus* eram colocadas sob o piso e os portais dos edifícios para afugentar os maus espíritos.

árvore sagrada. A imagem de uma árvore estilizada em cenas rituais encontra-se na arte assíria média e final, assim como no Levante. Foi provavelmente resultado da influência egípcia do século XV a.C. O significado da imagem não está claro.

ashipu. Sacerdote especializado em exorcismos.

Assíria. Parte do Norte da Mesopotâmia, incluída no atual Iraque.

assiriologia. Estudo da antiga Mesopotâmia, principalmente através das provas cuneiformes.

awilum. A classe dos chamados homens livres no Código de Hamurabi. *Awilum* significa "homem", em acádico. Ver também **mushkenum**, **wardum.**

Babilônia. Sul da Mesopotâmia.

bala. Sistema tributário e de redistribuição utilizado nas cidades do Sul da Mesopotâmia na época da 3ª Dinastia de Ur.

bandeja de debulha. Tipo de prato de cerâmica com interior ondulado típico do período Hassuna.

barbotina. Camada fina de argila líquida fina aplicada na superfície de um recipiente de cerâmica para melhorar o seu aspecto e torná-lo mais poroso.

bel. *Bêlu* acádico, que significa mestre, senhor, governante, dono, e um título do deus Marduque. *Bel biti* era o chefe de uma tribo.

bir reduit. Casa da sucessão, palácio do príncipe da coroa assíria.

brunir. Esfregar a superfície de um recipiente de cerâmica para lhe dar uma superfície lisa e brilhante. Fazia-se isto para tornar o recipiente menos poroso e como técnica decorativa.

bula. Pedaço de argila que suporta as juntas do selo.

cacos. Fragmentos, geralmente de cerâmica.

Calcolítico. Período entre o Neolítico e a Idade do Bronze no qual estavam em uso as ferramentas de pedra e de cobre. A datação do período varia de uma região para outra.

calendário. Os calendários do antigo Oriente Médio variavam de uma cidade para outra e de um período para outro. Em muitas cidades o ano começava na primavera e era dividido em 12 ou 13 meses. Em alguns locais os meses tinham de duração fixa; em outros eram meses lunares que começavam na primeira lua nova. Como há mais de 12 meses lunares em um ano solar, eram incluídos meses adicionais ou intercalados, de forma que cada terceiro ano tinha 13 meses.

casamata. Muralha defensiva com câmaras da largura da muralha. Por vezes estas câmaras eram salas; outras vezes em preenchidas com escombros ou deixadas vazias.

cella. Sala de um templo na qual se venerava a estátua ou o símbolo de um deus.

clorita. Pedra suave cinzenta ou preta utilizada para selos e recipientes, também chamada esteatito (pedra- sabão).

Código de Hamurabi. Ver **Códigos de Direito.**

Códigos de Direito. Textos escritos para os soberanos mesopotâmicos e hititas que registram as sentenças e as penas apropriadas para vários delitos. O mais famoso é o Código de Hamurabi.

cronologia. Sistema de datação. A cronologia relativa baseia-se na aplicação dos princípios da **estratigrafia** e da **tipologia** para determinar a distribuição de uma seqüência de acontecimentos. Para os períodos primitivos, a cronologia absoluta baseia-se em métodos científicos como a **determinação por carbono-14,** e para os períodos finais, na evidência histórica. Para o período 2600 a.C.-1500 a.C. foram propostos três esquemas diferentes, chamados Cronologia Alta, Média e Baixa, baseados em possibilidades diferentes para a datação de observações do planeta Vênus que figuram nas **tabelas de Vênus de Ammisaduqa**. A Cronologia Média, que dá as datas do reinado de Hamurabi como sendo 1792 a.C.-1750 a.C., ainda é a mais amplamente sustentada. As datas segundo a Cronologia Alta são 56 anos antes e, segundo a Cronologia Baixa, 64 anos depois. Para datas posteriores a 1500 a.C. não é provável que a cronologia absoluta varie em mais de dez anos.

cuneiforme. Escrita utilizada na Mesopotâmia e regiões fronteiriças para escrever sobre tábuas de argila. Os sinais eram formados pressionando-se um instrumento de ponta retangular sobre a argila macia para deixar uma impressão em forma de cunha. A palavra deriva de *cuneus*, palavra latina para prego (os pregos primitivos eram cortados em lâminas de metal e não tinham cabeça).

dárico. Moeda de ouro que tinha a imagem de um arqueiro real, cunhada por Dario (521 a.C.-486 a.C.) e soberanos aquemênidas posteriores.

dendrocronologia. Método de datar a madeira que utiliza os desenhos dos anéis de crescimento anual.

depósito de fundação. Coleção de objetos enterrados nos muros ou sob os pisos de um edifício para garantir a boa vontade dos deuses e perpetuar a reputação do construtor.

determinação por carbono-14. Cálculo da data dos materiais por intermédio da proporção sobrevivente do isótopo de carbono 14. Este pode ser calibrado para se obter um valor mais seguro.

Dilmun. Região e ilha situada no Golfo Pérsico, provavelmente identifica-se com o Bahrein, a costa ocidental do golfo e a ilha de Failaka, no Kuwait.

Dilúvio, o. A Bíblia e os mitos sumérios e babilônicos registravam um dilúvio catastrófico enviado pelos deuses para destruir a humanidade. Com a ajuda dos deuses, um homem (chamado Noé, Ziusudra ou Uta-napistim) e a sua família sobreviveram construindo uma arca. As tentativas dos arqueólogos para identificar o Dilúvio com acontecimentos históricos ou através de testemunhos arqueológicos não tiveram êxito

dinastia. Linhagem de soberanos, normalmente de uma só família, embora às vezes este termo seja aplicado aos soberanos de uma só cidade ou de um grupo étnico.

Dinastia aquemênida. A linhagem dos reis persas (por volta de 559 a.C.-330 a.C.) que reinaram no Oriente Médio de Ciro a Dario III.

disco alado. Disco solar com asa, procedente do Egito. Geralmente utilizado no Levante e pelos hititas, na Assíria representava o deus-sol Samas e talvez Assur. Os persas aquemênidas adotaram-no para representar o seu principal deus Ahuramazda.

en. Palavra suméria que significa sumo sacerdote, soberano, senhor, título ostentado pelos soberanos das cidades sumérias primitivas, especialmente Uruk.

ensi. Título sumério aplicado aos governadores de algumas cidades-Estado, significa governador.

entu-sacerdotisa. Forma acádica do termo sumério para suma-sacerdotisa.

epigrafia. Estudo das inscrições antigas.

Epipaleolítico. Continuação das culturas do Paleolítico (antiga Idade da Pedra) depois do final da última Era Glacial. Seguiu-se o período **Neolítico**.

Epopéia Gilgamesh. Poema acadiano escrito em 12 tábuas que descreve os feitos do lendário soberano de Uruk, Gilgamesh, e a sua busca da imortalidade. Inclui a história do **Dilúvio**.

Era Glacial. Período de frio intenso em todo o mundo, que teve como resultado um nível do mar mais baixo. No passado houve muitas eras glaciais, sendo a última iniciou seu ciclo final por volta de 15000 a.C.

escrita hieroglífica. Sistema de escrita em que os sinais das palavras ou sílabas são imagens identificadas na sua maioria. As mais importantes eram a escrita hieroglífica egípcia e a hitita.

escrita linear elamita. Escrita silábica usada em Elam para inscrições de Kutit-Inshusshinak (por volta de 2200 a.C.)

estela. Monumento de pedra normalmente erguido por um soberano. As estelas tinham, muitas vezes, inscrições gravadas e imagens esculpidas.

estilo intercultural. Estilo de decoração de recipientes de pedra (normalmente feitos de **clorita**) descobertos no Irã, na Mesopotâmia e no Golfo Pérsico na segunda metade do 3º milênio a.C.

estratigrafia. Princípio segundo o qual em um sítio arqueológico um depósito que cobre outro por sua vez foi coberto mais tarde.

Festa do Ano Novo. Ver *akitu*.

flutuação. Técnica de recuperação de material vegetal, como sementes carbonizadas, através de imersão da terra de um sítio arqueológico em água e recolhimento do material orgânico que sobe à superfície.

giparu. Termo sumério para a residência da ***entu*-sacerdotisa**, particularmente em Ur, onde muitas vezes também se incluía o templo da deusa Nigal.

glaçis. Declive liso e muitas vezes rebocado na base de uma muralha defensiva, particularmente característico do Bronze Médio no Levante.

Grande Mar. (o Mar Grande de Amurru), Mar Mediterrâneo.

granulado. Técnica de trabalho de metal para unir gotinhas de ouro na decoração de joalheria. Encontraram-se muitos exemplos desta técnica no Cemitério Real de Ur. Continua a ser empregado no Oriente Médio.

gun mada. Imposto anual pago em animais pelo pessoal militar nas regiões a norte e a leste do coração do império da 3ª dinastia de Ur.

hazarapat. Chefe de mil, *chiliarch* para os gregos, o mais alto funcionário da corte aquemênida persa.

Idade do Bronze. Período em que as ferramentas de corte eram feitas de ligas de cobre. A Idade do Bronze freqüentemente é dividida em três períodos: Bronze Inicial (por volta de 4000 a.C.-2000 a.C.), Bronze Médio (por volta de 2000 a.C.-1600 a.C.) e Bronze Final (por volta de 1600 a.C.-1200 a.C.), mas os limites cronológicos e a terminologia variam de região para região.

Idade de Ferro. Período no qual o ferro era utilizado para ferramentas e armas. Começa por volta de 1400 a. C: 1200 a.C. O ferro não foi mais utilizado que o bronze até ao século IX a.C.

incisão. Técnica decorativa na qual se grava um desenho na superfície, particularmente de recipientes de cerâmica ou objetos de metal.

karum. Palavra acádica para cais ou praça do mercado, especialmente os locais comerciais estabelecidos pelos antigos mercadores assírios na Anatólia e outros lugares.

kudurru. Termo acádico que designa um documento que registra uma concessão real de terras. Normalmente era uma estela de pedra lavrada, que continha os pormenores da concessão e imagens dos deuses que a garantiam. Foram chamados de *kudurrus* os marcos, já que alguns eram colocados nos templos e outros possivelmente serviam de fronteira. A palavra também significa filho, como em nomes pessoais tais como Nabo-kudurri-usur (mais familiarmente, Nebuchadnezzar ou Nabucodonosor).

lamassu. Figura de um guardião. Este termo foi utilizado para descrever as figuras colossais de pedra, em parte humanas e em parte de animais, lavradas nas portas dos edifícios assírios e aquemênidas.

Levante. Terras que limitam o Mediterrâneo a leste.

limmu (*limu*). Título de um funcionário da Assíria cujo cargo durava um ano. O nome do funcionário *limam* era utilizado para se referir ao ano em que este ostentava o cargo.

lista real. Texto que registra os nomes dos reis e as durações dos seus reinados. Os mais importantes são a Lista dos Reis Sumérios, que registra as dinastias que reinaram no Sul da Mesopotâmia desde o mítico período anterior ao Dilúvio até ao período Isn-Larsa, e a Lista dos Reis da Assíria, que enumera os soberanos da Assíria desde antes do ano 2000 a.C. até ao último período assírio.

logograma. Sinal que representa uma palavra.

Louça de Khirbert Kerak. Tipo de cerâmica polida preta ou vermelha encontrada no Levante e relacionada com as primeiras louças transcaucasianas.

louça escarlate. Tipo de cerâmica pintada em vermelho e preto, usada no princípio do 3.° milênio a.C. nas planícies orientais da Mesopotâmia.

louça fina. Material artificial feito de pedras de quartzo moídas e unidas por vitrificação.

lugal. Rei em sumério (significa literalmente homem grande). O *lugal* poderia ter sido originariamente um chefe guerreiro.

luvita. Língua da Anatólia falada no 1º e no 2º milênios. Muitas vezes escrevia-se utilizando a escrita hieroglífica hitita.

mago. Sacerdote entre os medas e os persas. Está na origem da palavra "magos" (os três reis).

malikum. Palavra acádica que significa conselheiro, mas em Ebla é o título do soberano.

Mar Inferior. O Golfo Pérsico.

Mar Superior. O Mar Mediterrâneo.

matrimônio sagrado. Cerimônia religiosa celebrada pelos sumérios e pelos babilônicos, que tenta assegurar a fertilidade da terra. O noivo e a noiva eram o soberano e uma sacerdotisa e representavam o deus da cidade e a sua esposa.

Meluhha. No 2º e 3º milênios a.C., o país a leste da Suméria, ao qual se chegava pelo Golfo Pérsico, provavelmente o Vale do Indo. No 1.° milênio a.C. Meluhha refere-se à Núbia, no Sul do Egito.

mina. Peso de aproximadamente 500g. Normalmente havia 60 siclos em uma mina e 60 minas em um talento.

mosaico de cones. Tipo de decoração mural usado nos períodos Uruk e Jemdet Nasr na qual cones de pedra ou de argila eram colados na superfície de uma parede para produzir uma estrutura colorida.

mushkmum. Urna das três classes de pessoas no Código de Hamurabi, provavelmente um servidor do estado. Ver também ***awulum*** e ***wardum***.

Natufiano. Parte do período **Epipaleolítico** no Levante que contemplou o desenvolvimento da exploração dos cereais, por volta de 11000 a.C.-9300 a.C.

Neolítico. Nova Idade da Pedra, período caracterizado pelo uso de utensílios de pedra e a adoção da agricultura como principal meio de subsistência.

Neolítico Acerâmico. A primeira parte do período Neolítico antes da difusão do uso de recipientes de cerâmica (por volta de 8500 a.C.-700 a.C.), que inclui o período Neolítico B Pré-Cerâmico no Levante.

Ninivita 5. Período a partir de 3000 a.C.-2500 a.C. no Norte da Mesopotâmia, caracterizado por cerâmica distintiva gravada, rebaixada e pintada. O nome deriva do sítio de Nínive onde foi encontrada pela primeira vez.

nível (ou nível do edifício). Nas escavações arqueológicas os vestígios são divididos em níveis que contêm os edifícios e objetos que pertencem a uma fase arquitetônica.

nome-ano. Na Mesopotâmia, muitas vezes a referência às datas era feita através de um acontecimento ocorrido no ano anterior. As listas de nomes-anos tornam possível que se determine a cronologia do período. Ver também **ano de acessão** e *limmu*.

núcleo do pólen. Amostra estratificada de terra ou de sedimento que é recolhida para recuperar o pólen da planta e, portanto, para descobrir a evolução da vegetação local no tempo.

obelisco. Forma de estela ou monumento de pedra que se estreita na parte superior.

obsidiana. Cristal vulcânico de origem natural. Utilizou-se amplamente para cortar ferramentas e muitas vezes em recipientes, espelhos e joalheria.

onagro. Tipo de jumento selvagem (*Equus hemionus*) que vivia nas estepes do Oriente Médio.

papiro. Material de escrita feito da medula da planta do papiro. Utilizado primeiramente no Egito, depois substituiu as tábuas de argila no Oriente Médio quando o alfabeto aramaico substituiu a escrita cuneiforme. A palavra papel deriva de papiro.

pictograma. Sinal de escrita cuja imagem sugere o significado.

Poema da Criação. Poema religioso de louvor ao deus Marduque que era recitado na Festa Babilônica do Ano Novo. Descreve a origem do mundo e a ascensão ao poder de Marduque.

Proto-Elamita. A escrita não decifrada e a civilização de Elam no final do 4º milênio e início do 3º milênio a.C.

Proto-Neolítico. Período de transição entre as culturas de caçadores-coletores do **Epipaleolítico** e as culturas agrícolas do **Neolítico A-cerâmico** (c. 9300 a.C.-8500 a.C.) O termo é utilizado de forma diferente por diferentes autores, mas aqui inclui o Neolítico Pré-Cerâmico do Levante.

Projeto de Salvamento da Represa de Hamrim. Ver **Projetos de recuperação**.

projetos de recuperação. Nos últimos 30 anos foi feita uma grande pesquisa arqueológica como parte de projetos de recuperação em zonas ameaçadas pelo desenvolvimento, muitas vezes pela inundação de represas ou planos de desenvolvimento urbano ou agrícola de grande escala. Os principais projetos no Iraque foram os das represas de Dokan, Dei bend-i Rhan e Eski Mossul (ou Saddam); na Síria, as represas de Tagga e Habur Inferior, e na Turquia, as represas de Keban we e Erbaba. Mas quase todos os sítios arqueológicos estão em perigo por causa de uma pressão crescente pela terra disponível.

povos do mar. Invasores do Egito nos séculos XIII a.C. e XII a.C., faziam parte de um movimento mais amplo de povos que incluíam os responsáveis pela destruição geral de estabelecimentos no Egeu, na Anatólia e no Levante.

reis divinos. No Egito concedeu-se ao faraó a categoria divina, mas muitos governadores do Oriente Médio alegavam ser meramente sacerdotes ou agentes dos deuses. Alguns reis primitivos como Gilgamesh foram divinizados depois da sua morte e outros, particularmente no final do 3º milênio a.C. e princípio do 2º milênio a.C., alegavam ser deuses em vida.

relevo. Trabalho ou figura que sobressai numa superfície plana (há alto-relevo, baixo-relevo e médio-relevo).

rhyton. Recipiente para bebidas em forma de cabeça de animal, com um pequeno buraco na base através da qual fluía a água.

riemchen. Tijolo retangular de base quadrada usado no período Uruk.

satrapia. Província do Império Persa, regida por um governador ou sátrapa nomeado pelo rei.

selo de estampa ou de reprodução. Selo gravado que é pressionado sobre a superfície para deixar uma reprodução.

selo cilíndrico. Cilindro gravado com um desenho que era impresso na argila quando o selo cilíndrico era rolado sobre uma tábua de argila.

Semíticas. Grupo de línguas que inclui o acádico, o ebionita, o cananeu, o amrita, o fenício, o aramaico, o hebraico e o árabe, amplamente faladas em todo o Oriente Médio.

sepultura de fosso vertical. Sepultura na qual a câmara de inumação era alcançada através do fosso vertical.

sha reshe. Termo acádico que significa "uno da cabeça", usado para fazer referência a urna classe de pessoas da corte assíria, quase seguramente os eunucos.

siclo. Unidade de peso. Normalmente havia 60 siclos em uma mina, mas eventualmente 50.

sit shamshi. Palavra acádica para o nascer do sol, nome de uma notável escultura do Elam.

sukkulmah. Funcionário do Tribunal Supremo no Sul da Mesopotâmia e título de soberano do Elam no início do 2º milênio a.C.

Suméria. Parte da planície do Sul da Mesopotâmia que se estende a Sul de Nippur. Ver também Acádia.

tabelas de Vênus de Ammisaduga. Registros de observações do planeta Vênus que poderiam estabelecer a data do reinado do rei babilônio Ammisaduga. Ver **cronologia**.

tabuletas. Objeto plano em forma de almofada, no qual eram feitas as inscrições na escrita **cuneiforme**. As tabuletas eram normalmente de argila, mas também feitas de pedra ou de metal. A forma e o tamanho variavam segundo a natureza da inscrição e o período em que era inscrita a tábua.

talento. Unidade de peso equivalente a 60 minas, correspondendo a aproximadamente 30 kg.

tarjeta. Peça oval que contém um nome, usada no Egito para escrever nomes de reis.

tauf. Termo árabe para designar edifícios feitos de barro. Aplica-se barro misturado com palha na parte superior da parede e deixa-se secar antes de acrescentar uma fiada su-

perior. Também conhecido como *pisé* (francês) e *chineh* (persa).

tell. Termo árabe para um montículo formado pelos escombros de um antigo povoamento. Também chamado *tel* (hebraico), *choga* ou *tepe* (persa) e *hüyük* (turco).

templo *susi*. Tipo de templo encontrado em Urartu, talvez edifícios quadrados, de uma só câmara, em forma de torre, achados nas escavações.

templos migdoles. Templos com torres fortificadas típicos do Bronze Médio no Levante.

textos de execração. Maldições escritas em estatuetas de argila ou recipientes de cerâmica que continham os nomes dos inimigos do Egito, que normalmente eram quebrados para atrair a desgraça sobre os inimigos do Egito do Reino do Meio.

tholos. Edifício redondo com telhado cônico ou abobadado, em particular cabana circular do período Halaf.

tigela de bordo biselado. Recipiente cônico de cerâmica de acabamento tosco feito em molde. Este tipo amplamente difundido era característico do último período Uruk.

tijolo plano-convexo. Tijolo retangular seco ao sol ou cozido ao forno, com a superfície inferior plana e a superfície em forma de cúpula. Estes tijolos foram amplamente utilizados no Sul da Mesopotâmia e no período Dinástico inicial.

tipologia. Estudo e classificação dos objetos arqueológicos. Em particular, a colocação de um grupo de objetos em ordem cronológica, supondo que os objetos similares datavam de uma data próxima.

tripartido. Plano arquitetônico comum às casas de Ubaid e aos templos primitivos da Mesopotâmia, com uma sala comprida central, flanqueada por filas de salas menores.

túmulo. Montículo de terra ou de pedras que cobrem um sepultamento.

turtanu. Funcionário principal da corte assíria final, que muitas vezes é traduzido como grande vizir ou marechal de campo.

urigallu. Estandarte. A mesma palavra se refere a um sumo sacerdote, mas esta pode ser lida como *sesgallu*.

vazado a cera perdida. Método de transformação de modelos de cera em objetos de metal mediante a formação de um molde de argila intermediário.

via maris. Em latim, Caminho do Mar, nome romano da rota mais importante do Egito à Síria, que seguia a planície costeira antes de atravessar a planície de Jezrael e o vale do Jordão.

via processional. Rota pela qual se levam as estátuas dos deuses durante as festas, em particular o caminho que ia do Templo de Marduque ao Templo de ***akitu*** na Babilônia.

wardum. Escravo, e, daí, servidor ou funcionário do rei.

zigurate. Forma derivada do termo acádico *ziqqurratu*, montículo alto sobre o qual se situava um templo.

zona pantanosa. Zona de pântanos e lagoas nas cabeceiras do Golfo Pérsico. Em meados do 2º milênio a.C. a dinastia desta zona dominava grande parte do Sul da Mesopotâmia, mas pouco se sabe do seu domínio.

Nota sobre datas

Existem ainda muitos problemas para datar o passado na Mesopotâmia. Nos períodos primitivos as datas baseiam-se na calibragem das determinações por carbono-14. No entanto, a pesquisa recente demonstrou que estas datas não são exatas e estão sujeitas a um erro considerável. Os arqueólogos preferem citar as determinações por carbono-14 com intervalos de tempo, mas neste livro, para evitar confundir o leitor, as datas foram apresentadas segundo o método da escala sugerida pela calibragem.
Para os períodos históricos seguiu-se o sistema tradicional de datação, mesmo quando a pesquisa recente sugere (embora ainda não tenha sido provado) que as datas anteriores podem refletir melhor a realidade. Por conseguinte, para o período 2600 a.C.-1500 a.C., no qual se adotou a chamada Cronologia Média, pode existir um erro de 100 anos. A partir daí, é pouco provável que as datas históricas difiram em mais de dez anos aproximadamente.
No Oriente Médio considerava-se normalmente que o ano começava na primavera, e em geral neste livro seguiu-se este método. Assim, 1792 a.C. significa que o ano começa na primavera de 1792 e termina na primavera de 1791, No entanto, quando os meses são apresentados segundo o calendário juliano, considera-se o ano de janeiro a dezembro. Assim, janeiro de 1792 a.C. era parte do ano 1793 para o antigo calendário do Oriente Médio. Na Mesopotâmia a parte do ano posterior à morte de um soberano anterior e até o Ano Novo seguinte (na primavera) era chamada ano de acessão do novo soberano e o primeiro ano do reinado de um rei era considerado Ano Novo. Utilizou-se convenção dos assiriólogos que datavam os reinados dos reis desde o ano posterior ao ano de acessão. Assim, as datas correspondentes a Assurbanipal são dadas como sendo 669 a.C.-? 627 a.C., inclusive. Embora seu pai tenha morrido em 1º de novembro de 670 a.C., ele subiu ao trono antes do final de dezembro de 670 a.C. Se o rei reinou durante menos de um ano e morreu antes do Ano Novo seguinte, seu ano de acessão é dado como o seu reinado. As datas citadas relativas aos reis, salvo indicação em contrário, referem-se à duração do reinado e não vão do nascimento à morte.

Notas sobre os mapas

Não foi codificada uma série de características que *normalmente* aparecem nos mapas. Estas incluem hidrografia (litoral, rios, rios sazonais e lagos), fronteiras, cores do fundo e o mar, e símbolos gerais de cidade e localização. Há muitos casos em que é dada uma categoria de símbolo em uma localização. Quando é possível, os símbolos são combinados, mas são codificadas as diferentes combinações. Quando os símbolos não podem ser combinados, estão abaixo do nome da localização. Um símbolo distinto – geralmente um quadro preto aberto – significa a localização do sítio. Também foram utilizados diferentes caracteres para representar características hidrográficas, acidentes físicos (montanhas, desertos etc.) e regiões administrativas.

LISTA DE ILUSTRACÕES



Abreviaturas: a = acima; ae = acima, à esquerda; ad = acima, à direita; c = ao centro; cd = ao centro, à direita; ce = ao centro, à esquerda; b = abaixo; be = abaixo, à esquerda; bd = abaixo, à direita.

AAA = Ancient Art and Architecture Harrow, Middlesex; Ash = Museu de Asmole, Oxford; BL. = British Library, Londres; BM = British Museum, Londres; DB = Dick Barnard, Londres; JB = John Brennan, Oxford; JF = John Fuller, Cambridge; HV = Hirmer Verlag, Munique; MIA = Michael Holford, Loughton, Essex; R = Michael Roaf, Oxford; RMN = Service Photographique de la Réunion des Musées Nationaux, Paris; RHPL = Robert Harding Picture Library, Londres; VA = Staatliche Museen, Berlim (Vorderasiatisches Museum).

Mapas por Euromap, Pangbourne; Lovell Johns, Oxford; Alan Mais, Hornchurch and Thames Cartographic Servires, Maidenhead.

Capas: Escavação de Nínive, por A.H. Lavard: Mary Evans Picture Library, Londres.

Página

1-5. Delegações dos estados subjugados visitam Xerxes. Escada de Apaladana, Persépolis: JF

6. Cabeça de pássaro de pedra calcária, altura 10,4 cm (Museu do Iraque, Bagdá): JF.

6. Cerâmica pintada de Susa, diâmetro aprox. 20 cm (Museu de Asmole, cedida pelo Louvre): JF.

6. Estátua de pedra do Templo de Nintu, altura 23 cm (Museu da Universidade, Filadélfia): JF.

7. Veado de bronze coberto e ornamentado com incrustações de prata de um túmulo, altura 52 cm (Museu de Ancara): JF.

7. Máscara de cerâmica fina, altura 11,9 cm (Museu do Iraque, Bagdá): JF.

7. Cabeça de cavalo de Dur-Sharrukin (Louvre): JF.

7. Tenda de campanha assíria do palácio do norte em Nínive (Staatliche Museum, Berlim): JF.

7. Estátua de basalto do sacerdote Sinzirban, altura 93 cm (Louvre): JF

7. Cabeça de eunuco, príncipe ou princesa com coroa mural, altura 6,5 cm (Museu Bastan do Irã, Teerã): JF.

9. Inscrição cuneiforme do palácio do nordeste, Kalhu (British Museum): MH.

12 be. Zona de planificação da escavação, Síria: AAA (foto G. Tortoli).

12 bd. Escavação em Ebla: AAA

13 ac. Limpando com água restos de plantas carbonizadas: Instituto Britânico de Arqueologia e História em Amã.

13 ad. Crivo para restos arqueológicos e de ossos: Instituto Britânico de Arqueologia e História em Amã.

13 e. Escavação em Ebla: AAA

13 bd. Reconstrução em laboratório das figuras de Am Ghazal: Instituto de Arqueologia, Universidade de Londres.

13 cd. Arqueólogos recolhendo restos arqueológicos: Instituto Britânico de Arqueologia e História em Amã.

14 a. Diagrama de dendocronologia: Colin Salmon.

14 c. Gráfico de carbono-14: Colin Saturou.

14 bd. Ilustração da escavação no Médio Oriente: DB.

14 d. Ilustração do equipamento: DB.

15. Figurinha feminina pré-histórica. Chatal Huyuk (Museu de Ancara): MH.

17. Montes Tauros: Soma Halliday e Laura Lushington, Weston Turville, Bucks.

19 d. Vale do Lar, Norte do Irã: RHPL (Foto: Desmond Harney).

19 a. Margem do Eufrates: RPHL (foto: Michael Jenner).

22 ae. Deserto e oásis, Síria: RPHL (foto: Michael Jenner).

22 ad. Serpente, vaso, Arpachiyeh (British Museum): JF.

23 ae. Leopardo, vaso de Chia Pahan, Luristão, Irã (British Museum): Desenho de JF.

24-25. Cena de lavoura: Soma Halliday e Laura Lushington. Weston Turville, Bucks.

25 ad. Lançar ao ar, Irã: Soma Halliday e Lama Lushington, Weston Turville, Bucks.

26 b. Siclo de Nahal Hemar (Museu de Israel): JF.

26 bd. Várias ferramentas de Nahal Hemar (Museu de Israel): JF.

26 ad. Técnicas têxteis: JF.

26 a. Técnicas têxteis: JF.

26 a. Máscara de pedra reconstruída, Nahal Hemar (Museu de Israel): JF.

26 be. Almofariz e pilão, Jericó (Ashmolean Museu): JF.

26 c. Reconstrução de casa enterrada. Qermez Dere. Iraque (inspirado em Trevor Watkins): DB.

27. Diagrama de aclimação de planta: Kevin Maddison.

28 ad. Esqueleto, monte Carmelo: cortesia do Departamento Israelita de Antiguidades e Museus.

29 ae. Tijolo de barro (Museu de Asmole): JF.

29 ce. Fabricação de tijolos: David Stronach, Berkeley.

29 be. Tijolos feitos com molde: Soma Halliday e Laura Lushington, Weston Turville, Bucks.

29 ad. Povoação do Nordeste do Irã: Picturepoint, New Malden, Surrey.

30 ad. Crânio: Dame Katheleen Kenyon, Fundo da Escavação de Jericó (Arquivo Equinox).

30 e. Planta de Jericó: JB.

30 cd. A torre redonda, Jericó, cerca de 8000 a.C.: AAA.

30 bd. Ilustração da torre: DB.

32 ad. Figurinhas, Am Ghazal: Instituto de Arqueologia Universal de Londres.

33. Louça branca (Museu de Asmole): JF.

34 a. Mastim (British Museum): MH.

34 b. Gazela (British Museum): MH.

34-35 a. Operação de aparelhar o cavalo (British Museum): MH.

35 ad. Cabeça de ovelha, terracota: BM.

35 bd. Animais exóticos (British Museum): MH.

35 be. Árabes montando em camelos (British Museum): MH.

35 cd. Estojo de higiene em forma de pato: Ash.

36 b. Jarrão de Ubaid, Arpachiyeh, Iraque: BM (Arquivo Equinox).

36 a. Prato de Ubaid, Ur: BM (Arquivo Equinox).

37 ae. Ilustração de cerâmica: DB.

37 ad. Louça de Hassuna de Tell Hassuna (Museu do Iraque, Bagdá): Arquivo Equinox.

37 be. Vaso de Samarra, 6º milênio a.C.: Arquivo Equinox.

37 ad. Vaso de Half procedente de Arpachiyeh (Museu do Iraque, Bagdá): HV.

38-39. Zonas pantanosas do Iraque: Jamie Simpson, DAS Photos, Cherrywood.

42 ae. Deusa com panteras. Chatal Huyuk (Museu de Ancara): Arlette Mellaart, Londres.

42 ad. Sepulcro, *Chatal Huyuk: Da aldeia ao Império*, Charles Burney, Phaidon Press.

42 cd. Planta de povoamento de *Chatal Huyuk: Da aldeia ao Império*, Charles Burney, Phaidon Press.

42 b. Planta de sítio de Chatal Huyuk: JB.

43 ae. Vista de Chatal Huyuk: James Mellaart, Londres.

43 ad. Selo de estampa de Chatal Huyuk (Museu de Ancara): James Mellaart, Londres.

43 c. Sala do afresco do abutre com tribunas. Chatal Huyuk: DB.

43 b. Leopardos pintados em relevo, Chatal Huyuk: James Mellaart, Londres.

44 b. Vaso antropomórfico, Hacilar (Museu de Asmole): JF.

44 a. Povoamento de aldeia, Curdistão: Hutchinson Library, Londres.

45. Pintura mural de Umm Dabaghiyeh, ilustração inspirada em Diana Kirkbride, 1975.

46 a. Figura feminina de alabastro, Tell es-Sawvan, 6º milênio a.C. (Museu do Iraque, Bagdá): Picturepoint, New Malden, Surrey.

46 b. Recipientes de alabastro, Tell es-Sawvan (Museu do Iraque, Bagdá): David e Joan Oates, Cambridge.

47 ad. Cabeça de terracota, Choga Mami (Museu do Iraque, Bagdá): JF.

47. Tholos: JB.

48-49. Embarcação árabe dos pântanos, Iraque: Zefa, Londres.

49. Casas de cana nos pântanos de Shobaish, Iraque: RPHL (foto: V. Southwell).

50. Templo de Eridu: DB.

52-53. Objetos domésticos, Tell Madhhur (Museu do Iraque, Bagdá): JF.

53. Planta de jazida de Tell Madhhur: JB.

54. Figurinha com cabeça de lagarto: BM.

55. Relevo acádico de presos, cerca de 2300 a.C., de Susa (Louvre): RMN.

58 ad. Situação de Uruk: Zela, Londres (foto: K. Goebel).

58 cd. Máscara feminina de Uruk (Museu do Iraque, Bagdá): RHPL.

58 b. Planta de sítio de Uruk: JB.

59 a. Reconstrução de jarrão de Warka: JF.

59 cd. Jarrão de Warka (Museu do Iraque, Bagdá): Scala, Florença.

59 ae. Estatueta de pedra de um homem com barba, Uruk (Museu do Iraque, Bagdá): Scala, Florença.

60 ae. Reconstrução de mosaico de cones por W. Andrae: de *Relatório Warka* (Arquivo Equinox).

60 ad. Cone JF.

61 d. Afresco de leopardo do altar de Tell Ugair: Professor Seton Lloyd, Oxon.

61. Planta de jazida de Uruk: JB.

64. Jarrão de Susa A (Louvre): Giraudon, Paris.

64-65. Ídolos do olho de Tell Brak: AAA.

68. Cabeça de pedra de Tell Brak (British Museum): Arquivo Equinox.

67 ad. Selo cilíndrico com carneiro de prata: Ash.

67 a. Reprodução do interior (Museu de Asmole): Arquivo Equinox.

68 ce. Esfera de argila oca com símbolos de argila (Louvre): RMN.

68 d. Selo de estampa em forma de V (Yale University); selo de estampa piramidal (Safe University); Reprodução do selo cilíndrico do Uruk final (Louvre): JF.

68 c. Tábua pictográfica (Louvre): RMN.

69 b. Objetos da coleção de Nahal Mishmar (Museu de Israel): David Harris, Jerusalém.

70-71. Ilustração procedente de *Selos Cilíndricos*, de Dominique Collon (Publicações do British Museum): JF.

70 be. Selos (Museu do Iraque, Bagdá): II Quadrante Edizione, Milão.

72 ac. Representações de templos em reproduções de selos cilíndricos: de *Selos Cilíndricos*, de Dominique Collon. (Publicações do British Museum).

72 ad. Altar de Tukulti-Ninurta I, Assur: VA.

72 ce. Pedra votiva de Puzur-Inshunishak (Louvre): RMN.

72 cd. Modelo de cerimônia em bronze ao amanhecer (Louvre): Magnum (foto: Erich Lessing).

72 b. Transporte de símbolos divinos em barco, reprodução de selo: VA.

73 a. Adoradores: Instituto Oriental. Chicago.

73 ce. Cena de sacrifício (Museu de Damasco): Picturepoint.

73 cd. Libação perante o deus-lua, estela, Ur: Explorer/Fiore, Paris.

73 b. Deportação dos deuses: MR.

74 ac. Istar, marfim: Metropolitan Museum, Nova York.

74 ad. Pedra fronteiriça de Nabucodonosor: J.I. BM.

74 ce. Cara do demônio Humbaba (British Museum): JF.

74 be. Espírito protetor, Nimrud, 865 a.C.-860 a.C. (British Museum): MH.

74 ad. Pedra fronteiriça de Nabucodonosor I: BM.

75 ad. Deus de quatro caras: Museu Oriental, Chicago.

75 e. Demônio Pazuzu (Louvre): RMN.

75 cd. Selo cilíndrico (British Museum): MH.

75 bd. Deus matando um ser solar (Museu do Iraque, Bagdá): Scala, Florença.

77 ce. Louça escarlate (Museu do Iraque, Bagdá): HV.

79 ae. Recipiente de pedra, Nippur (Museu do Iraque): Scala, Florença.

79 ad. Vista de Nippur: Joan e David Oates, Cambridge.

79 be. Planta de jazida, Nippur: JB.

79 bd. Figura de fundação (Museu do Iraque): Scala, Florença.

80 bd. Prisma de Weld-Blundell: Ash.

82-83. Selo cilíndrico da rainha Puabi (British Museum): HV.

83 ad. Águia com cabeça de leão de Mari (Museu de Damasco): II Quadrante Edizione, Turim.

83 e. Incrustação de concha de Mari (Louvre): Giraudon.

84 b. Relevo de uma águia com cabeça de leão e dois cervos de Tell-al-Ubaid: BM.

84-85 c. Colar de ouro (Museu Aleppo): AAA (foto G. Tortoli).

85 ad. Planta de jazida de Ebla: JB.

85 c. Tabuletas *in situ* em Ebla (Universidade de Roma, Missão Arqueológica Italiana na Síria, cortesia de Paolo Matthhiae): Arquivo Equinox.

85 cd. Touro com cabeça humana (Museu Aleppo): Claus Hansmann, Munique.

85 be. Tabuletas de Ebla: AAA (foto G. Tortoli).

85 bc. Arquivos de Ebla: DB.

86 a. Placa de Ur-Nanshe (Louvre): Giraudon.

86 d. Estela dos abutres (Louvre): Giraudon.

87 bd. Jarrão de prata com incisões (Louvre): RMN.

88 bd. Par de pedra (Museu do Iraque, Bagdá): Phaidon Press.

88 a. Touro com cabeça humana (Louvre): RMN.

88 be. Estátua de Ebih-il (Louvre): AAA.

89 ad. Cabeça de mulher (Louvre): RMN.

89 e. Estatueta de Ur-Nanshe (Museu de Damasco): HV.

89 c. Homem levando uma caixa: Metropolitan Museum, Nova York.

89 bd. Estatueta de uma mulher: BM.

90-91 a. Estandarte de Ur (British Museum): MH.

90 c. Tabuleiro de jogo (British Museum): AAA

90 be. Lira em forma de cabeça de vaca (British Museum): MH.

90 bd. Recipientes de ouro: BM.

91 ae. Toucado da rainha Puabi: Universidade da Pensilvânia.

91 ad. Carneiro no matagal: BM.

91 be. Adaga de ouro (Museu do Iraque, Bagdá): Scala, Florença.

91 bd. Capacete de ouro em forma de peruca (Museu do Iraque, Bagdá): Scala, Florença.

93. Estandarte de Ur (British Museum): MH.

96 bd. Estela de vitória de Naram-Sin (Louvre): MH.

97 ae. Cabeça de cobre de Nínive (Museu do Iraque, Bagdá): Claus Hansmann, Munique.

98. Gudea (Louvre): Scala, Florença.

99 ad. Vista do zigurate de Ur: AAA (foto Bruce Norman).

99 be. Planta da jazida de Ur: JB.

99 bd. Tigela de pedra de Ur (Museu do Iraque, Bagdá): Scala, Florença.

101 a. Peso em forma de pato (Museu do Iraque, Bagdá): Claus Hansmann. Munique.

101 b. Figura de touro em prata com incrustações de ouro (British Museum): MH.

102-103. Zigurates: DB.

104-105. Zigurate de Ur: Georg Gerster (Agência John Hillelson, Londres).

108 b. Jarrão de Larsa (Louvre): JF.

109 c. Macaco (Museu do Iraque, Bagdá): JF.

109 d. Colar procedente de Kish: Ash.

110 a. Jarrão em forma de leão, Kanesh (Louvre): RMN.

110 b. Figura de fundação de Warad-Sin: BM.

113. Vista de Kanesh: MR.

114. Modelo de carro: Ash.

115. Estatueta de prata: Bruno Babes, Basiléia.

116. Peitoral de ouro (Louvre): RMN.

117 ac. Estátua de Ishtup-ilum (Museu Aleppo): Picturepoint.

117 ad. Planta de sítio de Mari:JB.

117 cd. Deusa com jarrão flutuante (Museu Aleppo): Picturepoint.

117 be. Vista de Mari: RHPL (foto: Michael Jenner).

117 bd. Pintura mural de Mari (Louvre): HV.

118. Cabeça de governante (Louvre): RMN.

119. Estatueta de Lu-Nanna (Louvre): AAA.

120 b. Embarcação de prata (Museu do Iraque, Bagdá): Kodansha, Tóquio.

120-121 a. Embarcação árabe dos pântanos: RHPL, (foto: V. Southwell).

120 ce. Réplica era argila de embarcação (Museu do Iraque, Bagdá): JF.

120-121 b. Reconstrução de trenó (British Museum) Kodansha, Tóquio.

121 a. Placa que mostra um trenó (British Museum): JF.

121 ad. Réplica de carro: Ash.

121 cd. Carro procedente de Persépolis: RHPL.

122 a. Eclipses: Kevin Maddison.

122 b. Quartos de lua: Kevin Maddison.

123 a. Peso de tributos (British Museum): AAA.

123 e. Números cuneiformes: David Smith.

123 c. Mapa do mundo, tabuleta cuneiforme (British Museum): MH.

123 b. Conjunto de pesos em forma de leão (British Museum): JF.

124 ac. Taça de ouro procedente de Marlik Tepe (Museu Bastan do Irã, Teerã): Bruno Babey, Basiléia.

124 ad. Jarra vidrada policromada: Ash.

124 b. Processo de cera perdida: JF.

124-125 b. Transportando uma estátua: BM.

125 ae. Taça de cristal (Museu elo Iraque, Bagdá): Joan e David Oates, Cambridge.

125 ad. Canais de irrigação: Explorer (Boutin).

125 c. Shaduf (British Museum): MH.

125 bc. Carpinteiro (Louvre): RMN

125 bd. Guerra de cerco assíria (British Museum): MH.

126 ad. Reprodução de selo de cena agrícola: Ash.

126 c. Molde de cerâmica para comida, procedente de Mari: JF.

126 ce. Chaleira: Ash.

126 cd. Coador: Ash.

126 bd. Banquete funerário (Museu Aleppo, Síria): AAA (Foto G. Tortoli).

127 a. Preparando a comida em acampamento (British Museum): MH

127 bd. Homem subindo por uma escada, reprodução de selo cilíndrico (Louvre): Enche Lessing/Magnum.

127 cd. Siclo de argila cozida procedente de Eridu (British Museum): JF.

127 be. Maquete de casa (Museu Aleppo): Ingrid Struben.

128 ae. Mulher com fuso (Louvre): Eriche Lessing/Magnum.

128 bd. Jarra de louça fina: Ash.

128 c. Ouriço-cacheiro de brinquedo (Louvre): AAA.

128 be. Mulher nua na cama: Ash.

128 ad. Mulher alimentando uma criança com um recipiente de pele, palácio do sudoeste, Nínive, relevo (British Museum): MH.

131. Pintura mural de soldado assírio procedente do palácio de Shalmaneser, Til Barsip. Século VIII a.C. (Museu Nacional, Aleppo): Claus Hansmann, Munique.

132 a. Estátua de Idrimi (British Museum): MH.

133 a. Vale de Jezrael: Rolf Kneller, Jerusalém.

136 ad. Cabeça de homem, Dur-Kurigalzu (Museu do Iraque, Bagdá).

136 ae. Carta de Amarna (British Museum): MH

137 c. Reprodução de selo de estampa finita: HV/Arquivo Phaidon.

141 a. Zigurate em Dur-Kurigalzu: MR.

142 bd. *Kudurru* de Melishihu (Louvre): RMN.

143 ae. Aplique mural: BM.

143 ad. Vista de Al-Untash-Napirisha: MR.

143 cd. Zigurate em Al-Untash-Napirisha: RHPL.

143 be. Planta de sítio de Al-Untash-Napirisha: JR.

144 c. Grande Templo de Hatusa.

145. Planta de sítio de Hatusa: JB.

145 ac. Canto de uma talha de cerâmica hitita de Hatusa com muro e torre: HV/Arquivo Phaidon.

145 d. Relevo do deus guerreiro: Arquivo Phaidon.

145 bc. Vista de Hatusa: MR.

147 ad. Cabeça, Ugarit (Louvre): JF.

147 c. Estátua de deus, Ugarit (Louvre): MH.

147 cd. Jarra em forma de cara, Ugarit (Louvre): RMN.

147 b. Planta de sítio de Ugarit: JB.

148. Relevo de templo (Institut fur Vorderasiatische Altertumskunde, Universidade Livre, Berlim): Staatliche Museum, Berlim.

149 ae. Planta de sítio de Assua JB.

149 ad. Vista de Assur: MR.

149 cd. Túmulo real, Assur: MR.

151 ac. Exercícios de escrita cuneiforme (British Museum): John Ridgeway.

151 ad. Estilete e cunhas (British Museum): JF.

151 ca. Inscrição hieroglífica hitita procedente de Carchemish: ANA.

151 c. Dicionário de sinônimos procedente de Nínive (British Museum): John Ridgeway.

151 ce. Escribas (British Museum): MH.

151 cd. Escrita alfabética em cerâmica procedente de Lachish (British Museum): MH.

151 bc. Inscrição cuneiforme de relevo em Kalhu (British Museum): MH.

151 be. Carta e sobrescrito (British Museum): John Ridgeway.

151 bc. Tabuleiro de escrita (British Museum): JF.

152 ac. Camafeu com retrato de Henry Rawlinson: Ash.

152 ad. Hormuzd Rassam: BM.

152 c. Woolley y Mallowan: BM.

152 be. Lira de prata, UR: BM.

152 bd. Lira *in situ*, Ur (British Museum): Arquivo Phaidon.

153 ad. Arco em Khorsabad: de M. Pillet, *Un pionnier de l'assyriologie*, 1962.

153 ce. Austen Henry Lavard em traje persa: BM.

153 cd. P.E. Botta (Louvre): RMN.

153 e. Lavard em escultura de rocha: BM.

154 a. Fresco de Chatal Huyuk: Roger Gorringe.

154 c. Reprodução de selo da caça de um leão (British Museum): MR.

154 cd. Cópia de pintura de Til Barsip que mostra a caça de um leão: de A. Parrot, *Nínive e Babilônia*.

154 be. Estela de caça de leão procedente de Warka: Museu do Iraque, Bagdá.

154 bd. Assurbanipal II caçando (British Museum): MH.

155 b. Assurbanipal caçando a cavalo (British Museum): MH.

155 ae. Prato de ouro: Giraudon, Paris.

155 b. Assurbanipal apunhalando um leão (British Museum): MH.

155 b. Assurbanipal caçando a cavalo (British Museum): MH.

156 ad. Par de figuras femininas: BM.

156 c. Recipiente para cosméticos (Museu do Iraque, Bagdá): II Quadrante Edizione, Turim.

156 be. Esfinge de frente (Museu do Iraque, Bagdá): II Quadrante Edizione, Turim.

156 bd. Respaldo de cadeira (Museu do Iraque, Bagdá): Scala, Florença.

157 ad. Leoa devorando um núbio (British Museum): MH.

157 ae. Placa entalhada de leão sentado: BM.

157 be. Dama na janela (British Museum): MH.

157 bc. Presa de elefante trabalhada: representa uma mulher (Museu do Iraque, Bagdá): II Quadrante Edizione, Turim.

161 a. Macaco como tributo (British Museum): MH.

162 ad. Espírito protetor (British Museum): MH.

162 be. Planta de sítio do palácio do noroeste, Kalhu: JB.

162-3 b. Desenho da sala do trono, de A.H. Lavard, *Monumentos de Nínive*, 1, pl. 2 (Ashmolean): Arquivo Equinox.

163 ae. Árvore sagrada e o rei (British Museum): MH.

163 ad. Estátua do rei Assurbanipal II (British Museum): AAA.

163 c. Cortesão com barba no palácio do noroeste, em Kalhu: MR.

163 bc. Touro alado com cabeça humana: BM.

163 bd. Assurbanipal e acompanhantes (British Museum): MH.

165. Jóias de ouro de Kalhu (Museu do Iraque, Bagdá): Barre Iverson/Time Magazine.

165. Shalmaneser e Marduque-zakir-shumi na base do trono, encontrado em Kalhu (Museu do Iraque, Bagdá): David e Joan Oates, Cambridge.

166-167. Portas e cenas de Balawat (British Museum): JF.

168-169. Cena em relevo das Portas de Balawat (British Museum): MH.

170 ad. Disco de bronze, Urartu: Col. Verzameling Ebnöther, Les Arcs.

170 cd. Maquete de fortaleza: BM.

170 be. Centauro de touro alado: BM.

171 ad. Elmo: Prähistorische Staatssammlung, Munique.

171 cd. Caldeiro e trípode: Badisches Landesmuseum, Karlsruhe.

171 e. Figura de bronze: VA.

174. Estela de Shamshi-Adad V: BM.

175. Cena do Obelisco Preto (British Museum): MH.

176 a. Rei Tiglath-pileser III (British Museum): MH.

176 b. Moeda fenícia (Museu Nacional, Líbano): JF.

178. Rei Bar-rakib: Foto Marburg.

180 a. Rei Sargão II: BM.

181 a. Cabeça reconstruída do rei Midas: J. Prag., Museu de Manchester.

181 b. Relevo de Ibriz: RHPL.

183. Mapa de sítio de Tepe Nush-i Jan: JB.

182-183 b. Vista de Tepe Nush-i Jan: MR.

183 cd. Tesouro de prata medo: BM.

183 b. Porta escavada. Tepe Nush-i Jan: MR.

184 ae. Mural: de A. Parrot, *Nínive e Babilônia.*

184 ad. Figura de argila (Louvre): MH.

184. Planta de sítio de Khorsabad: JB.

184 bd. Gênio de quatro asas (Louvre): RMN.

184 be. Prisma de Sargão: BM.

185 bd. Presos empalados (British Museum): MH.

186 ae. Rei assírio (British Museum): MH.

186 d. Planta de sítio de Nínive: JB.

186 b. Relevo do palácio de Nínive, detalhe: BM.

187 ae. Vista das muralhas, Nínive: AAA.

187 ad. Relevo do canal de Faideh: MR.

187 b. Represa em Shallalat: Julian Reade, British Museum.

188. Estela de Esarshaddon: VA.

189 a. Tabuleta de pedra de Esarshaddon: BM.

189 c. Tratado astronômico (British Museum): MH.

190 a. Festim de Assurbanipal (British Museum): MH.

190 bd. Batalha elamita (British Museum): MH.

192 ae. Estátua de rei divinizado (cabeça, Staatliche Museen, Berlim, corpo, Museu de Antiguidades Orientais, Museu Arqueológico, Istambul): VA.

192 ad. Assurbanipal, *o Construtor:* BM.

192 d. Tijolos em relevo procedentes da Porta de Istar, Babilônia: Zefa (foto C. Skrein/M. Epp.)

192 ce. Relevo vidrado de leão: RHPL.

192 bd. Plano da Babilônia: JB.

193 e. Porta de Istar (Staatliche Museen, Berlim): HV.

193 ad. Desenho da Porta de Istar. DB

193 cd. Tijolos vidrados da Porta de Istar (Museu do Iraque, Bagdá): Claus Hansmann, Munique.

193 be. Planta de sítio da Babilônia: JB.

194 a. Reprodução de selo procedente de Uruk (Staaliche Museen, Berlim): JF.

194 c. Carro de batalha em estandarte de Ur (British Museum): MH.

194 e. Estela dos abutres (Louvre): RMN.

194 d. Contando as cabeças (British Museum): MH.

195 a. A cavalaria de Assurbanipal (British Museum): MH.

195 ad. Pontas de maça (Museu de Asmole): JF.

195 c. Machado: Ash.

195 ce. Destruição de Hamanu, relevo de Nínive (British Museum): MH.

195 cd. Adagas (Museu de Asmole): JF.

195 b. Soldado assírio prestes a matar um prisioneiro (British Museum): MH.

195 bd. Pontas de seta (Museu de Asmole): JF.

196-197. Tijolos vitrificados, grifo (Louvre): Erich Lessing/Magnum.

200. Fachada da sala do trono do palácio de Nabucodonosor II (Staatliche Museen, Berlim): Erich Lessing/Magnum.

201. Estela de rei babilônico: BM.

202 ae. Creso na sua pira funerária (Louvre): RMN.

203. Selo de Ciro (Instituto Oriental, Chicago): JF.

204. Planta de jazida de Pasárgada: JB.

205 ad. Palácio P em Pasárgada: RHPL.

204-205 b. Túmulo de Ciro: RHPL.

205 cd. Figura alada: MR.

206. Rhyton de prata (recipiente com forma de corno), (Louvre): Erich Lessing/Magnum.

207. Capitéis de coluna de Susa (Louvre): Erich Lessing/Magnum.

210 ad. Relevo de deuses (Louvre): AAA.

210 ce. Estátua de Darto (Museu Bastan do Irã, Teerã): MR.

210 b. Arqueiros, tijolos vitrificados (Louvre): Erich Lessing/Magnum.

211 ae. Planta de jazida de Susa: JB.

211 d. Estátua elamita de ouro (Louvre): RMN.

211 be. Arqueiro, tijolos vitrificados (British Museum): MH.

215 h. Túmulo de Xerxes: RHPL.

216-217. Mosaico de Alexandre (Museu de Nápoles): Scala, Florença.

218 c. Desenho de Persépolis: MR.

218 be. Relevo de armênio: MR.

218 bd. Rei de Dario: MR.

219 a. Ahuramazda (Reconstrução de G. Tilia): de A.B. Tilia, *Estudos e restaurações em Persépolis e outros lugares de Fars II.*

219 c. Vista de Persépolis: Zefa, Londres.

219 bc. Escada de Apartaria, Persépolis: MR.

219 bd. Capitel com grifo, Persépolis: MR.

220 ac. Figura de rei: BM.

220 ad. Anel: BM.

220 bd. Folha gravada em relevo com figura de medo: BM.

220 be. Arruela de leão alado: BM.

221 a. Réplica de carro: BM.

221 be. Cabeça oca: BM.

221 bd. Pulseiras de ouro: BM.

222-223 ad. Torre de Babel por Brueghel (Kunsthistorisches Museum, Viena): Bridgeman Art Library, Londres.

222 ce. A *vinda do Messias* e *A destruição da Babilônia*, por Samuel Colman (Museu e Galeria de Arte da Cidade de Bristol): Bridgeman Art Library, Londres.

222 cd. *Festim de Baltasar,* por Rembrandt (National Gallery, Londres): Arquivo Phaidon, Oxford.

222 b. Cena de *Intolerância*, de D.W. Griffiths: Coleção Kobal, Londres.

223 be. Incêndio da Babilônia, gravura em madeira do século XVI (Bible Society, Cambridge): Bridgeman Art Library, Londres.

223 bd. *A Torre de Babel,* por Jozef Szubert (Coleção Privada); Bridgeman Art Library, Londres.

Embora Equinox (Oxford) tenha feito todos os esforços ao seu alcance para localizar os proprietários do *copyright* das ilustrações deste livro, não foi possível em todos os casos. Qualquer pessoa que os detenha pode entrar em contato com Equinox (Oxford) Ltd.

ÍNDICE GEOGRÁFICO



Cada vocábulo inclui um termo descritivo se se trata de uma característica física e o nome do país moderno, ex.: Rodes (ilha), (Grécia). Um vocábulo seguido de um asterisco indica uma unidade territorial (ex.: província, reino ou região). Os nomes de lugares modernos, incluídos alguns que não figuram no mapa, são remetidos para o nome antigo pela entrada completa, ex.: Abu Hatab, *vide* Kisurra. Quando se encontra uma referência, pode figurar sob um nome completo que contenha um dos seguintes prefixos: Abu, Takht-i, Tell, Telul ou Tepe. Os prefixos mais comuns são Tell e Tepe.

Abadan (Irã), 30° 20' N 48° 15' L, 13
Abattum (Síria), 35° 45' N 38° 44' L, 116
Abu Dhabi (EAU), 24° 28' N 54° 25' L, 13
Abu Gosh (Israel), 31° 52' N 35° 06' L, 25
Abu Hatab. *vide* Kisorra
Abu Horeyra (Síria), 35° 52' N 38° 23' L, 24, 25, 34, 43
Abu Kharmis (Arábia Saudita), 27° 28' N 49° 19' L, 53
Abu Salabikh (Iraque), 32° 16' N 45° 05'L, 58, 59, 64, 83, 98
Abu Salem (Israel), 30° 27' N 34° 38' L, 24
Abu Sawwan (Jordânia), 32° 15' N 35° 54' L, 25
Abu Shahrain, *vide* Eridu
Acádia*, 80, 83, 97, 102
Acco (Israel), 32° 55' N 35° 04' L, 135,159,177
Acemhuyuk, *vide* Puruskhanda
Achshaph (Israel) 32° 34' N 35° 01' L, 135
Acigol (Turquia), 38° 33' N 34° 31' L, 34
Adab (Tell Bismaya), (Iraque), 31° 57' N 45° 58' L, 58, 59, 79, 83, 102, 105, 109, 120, 142
Adam (Jordânia), 32° 08' N 35° 33' L, 159
Adana (Turquia), 37° 00' N 35° 19' L, 12, 113, 139
Adilcevaz (Turquia), 38° 47' N 42° 42' L, 173
Afrodisias (Turquia), 37° 28' N 28° 31' L, 139
Agadé (Iraque), 32° 46' N 44° 20' L, 97, 120
Ah Kosh (Irã), 32° 33' N 47° 24' L, 25, 34, 43
A-ha (Iraque), 33° 02' N 44° 38' L, 102
Ahhiyawa*, 139
Ahvaz (Irã), 31° 17' N 48° 43' L, 13
Ai (Jordânia), 32° 05' N 35° 02' L, 80
Ai Kharum, *vide* Alexandria Oxiana
Aijalon (Israel), 31° 50' N 35° 03' L, 135, 159
Ain Gev I (Síria), 32° 35' N 35° 42' L, 24
Ain Ghazal (Jordânia), 32° 10' N 35° 53' L, 25
Ain Mallaha (Síria), 33° 07' N 35° 40' L, 24
Ain Qannas (Arábia Saudita), 25° 44' N 49° 30' L, 53
Ajileh, Represa de (baque), 36° 20' N 43° 12' L, 185
Ajman (EAU), 25° 23' N 55° 26' L, 98
Akhetaten (Tell al-Amarna), (Egito), 27° 44' N 30° 55'L, 73, 134
Akshak (Opis, Tell Mukeillat), (Iraque), 33° 48' N 44° 16' L, 83, 116, 142, 199
Akusum (Iraque), 32° 58' N 44° 33' L, 109
Al Amarah (Iraque), 31° 51' N 47° 10' L, 12
Al Hufuf (Arábia Saudita), 25° 20' N 49° 34' L, 13
Al Jawf (Arábia Saudita), 29° 45' N 39° 52' L, 12
Alaca Huyuk (Turquia), 40° 12' N 34° 50' L, 113, 139
al-Ain (EAU), 24° 13' N 55° 51' L, 98
Alalah (Tell Atchana), (Síria), 36° 19' N 36° 29' L, 64, 113, 116, 134, 139
Alashiya*, 134, 134, 139
al-Azizyeh (Iraque), 32° 55' N 44° 46' L, 142
al-Da asa (Catar), 25° 40' N 50° 32' L, 53
al-Dor (EAU), 25° 32' N 55° 28' L, 98
Aleppo (Síria), 36° 14'N 37° 10' L, 12, 113, 116, 120, 134, 139, 140, 160, 164, 179, 208
Alexandria (Egito), 31° 12' N 29° 54' L, 12, 214
Alexandria (Ghazni) (Afeganistão), 33° 33' N 68° 28' L, 214
Alexandria (Irã), 28° 12' N 58° 19' L, 214
Alexandria (Kandahar), (Afeganistão), 31° 36' N 65° 47' L, 13, 209, 214
Alexandria Areia (Herat) (Afeganistão), 34° 20' N 62° 10' L, 13, 209, 214
Alexandria Eskhata (Koland) (Rússia), 40° 33' N 70° 55' L, 214
Alexandria Oxiana (Ai Khanum), (Afeganistão), 37° 13' N 69° 54' L, 214
al-Hajjar (Bahrein), 26° 14' N 50° 32' L, 98
Ali (Bahcain), 26° 10' N 50° 32' L, 98
Alishar, *vide* Ankuwa
al-Khaim (Jordânia), 31° 46' N 35° 18' L, 24, 25
al-Khor (Catar), 25° 50' N 51° 33' L, 53
al-Kowm (Síria), 35° 15' N 38° 51' L, 64
Alkpinar (Turquia), 38° 30' N 27° 26' L, 139
Alman (Irã), 34° 32' N 45° 58' L, 102, 164, 179, 199
al-Markh (Bahrein), 25° 59' N 50° 27' L, 53
Alpes (montanhas), (França, Suíça), 55° 30' N 10° 00' L, 18
Alshe*, 134, 139
Altintepe (Turquia), 39° 38' N 39° 40' L, 173
Alu Ashuruya (Iraque), 36° 22' N 43° 09' L, 185
Al-Untash-Napirisha (Choga Zanbil), (Irã), 21° 53' N 48° 35' L, 105, 138
Alvando, Monte (Irã), 34° 40' N 48° 32' L, 13
al-Wad (Israel), 32° 27' N 34° 59' L, 24
Amã (Jordânia), 31° 57' N 35° 56' L, 12
Amanos, Montes (Turquia), 36° 50' N 36° 12' L, 12, 83, 164
Amasaki (Turquia), 37° 28' N 41° 22' L, 140
Amid (Diyarbakir), (Turquia), 37° 55' N 40° 14' L, 12, 160, 179, 191
Ammiya (Líbano), 34° 28' N 35° 48' L, 135
Amon, 159, 160, 164, 179
Amri (Paquistão), 26° 09' N 68° 02' L, 98
Amrit (Líbano), 34° 58' N 35° 58' L, 177
Amurru*, 13, 135
Ana (Iraque), 34° 28' N 41° 59' L, 116, 120, 140, 164, 179
Anatólia*, 12, 22, 24, 25,113, 139, 214
Ancara (Turquia), 39° 55' N 32° 50' L, 12, 139
Andariq (Iraque), 36° 25' N 41° 28' L, 140
Andariq*, 116
Ankuwa (Alishar), (Turquia), 39° 30' N 35° 33' L, 80, 113, 139
Anshan (Tall-i-Maiyan), (Irã) 30° 11' N 52° 53' L, 65, 73, 79, 102, 134, 138
Anshan*, 97, 102
Anzaf (Turquia), 38° 32' N 43° 33' L, 173
Apaméia (Síria), 35° 29' N 36° 13' L, 43
Apehk (Israel), 32° 06' N 34° 56' L, 159
Apiak (Iraque), 32 °12' N 44° 45' L, 102, 109
Apku (Tell Abu Marya), (Iraque), 36° 26' N 42° 39' L, 105, 140, 179
Apu*, 116
Apu*, 135
Aqaba (Jordânia), 39° 31' N 35° 00' L, 12
Aqar Quf, *vide* Dur-Kurigalzu
Arábia*, 160, 208, 212
Aracósia*, 209, 213
Arad de Beth-Yeroham (Israel), 31° 13' N 35° 02' L, 159
Arad, *vide* Grande Arad
Aram*, 159, 160, 179
Ararat, Monte (Turquia), 39° 44' N 44° 15' L, 12
Arbil (Iraque), 36° 02' N 44° 01' L, 102, 105, 116, 120, 134, 140, 164, 179, 185, 191, 214
Ardata (Líbano), 34° 29' N 35° 58' L, 135
Argishtihinili (Armavir), (Rússia), 40° 04' N 44° 11' L, 173
Arhzib (Israel), 33° 03' N 35° 06' L, 177
Aria*, 209, 213
Arinberd, *vide* Erebuni
Arjoune (Síria), 34° 41' N 36° 42' L, 49
Armanum (Síria), 36° 07' N 37° 02' L, 97
Armavir, *vide* Argishtihinili
Armênia*, 208, 212, 214
Arpad (Tell Rifat), (Síria), 36° 29' N 37° 08' L, 160, 164, 179, 191
Arqite (Líbano), 34° 32' N 36° 03' L, 135
Arrapha (Kirkuk), (Iraque), 35° 28' N 44° 26' L, 12, 102, 113, 116, 120, 134, 140, 179, 191
Arslantepe (Malatia), (Turquia), 38° 22' N 38° 18' L, 49, 64, 80, 140, 160, 164, 179, 191
Aruna (Israel), 32° 29' N 35° 02' L, 159
Arvad (Síria), 34° 52' N 35° 52' L, 135, 160, 177
Arzawa*, 134, 139
Arzuhina (Iraque), 35° 45' N 44° 24' L, 140, 179, 191
Ascod (Israel), 31° 45' N 34° 40' L, 135, 159, 179, 191
Asharne (Síria), 35° 22' N 36° 33' L, 179
Ashikli Huyuk (Turquia), 38° 31' N 33° 57' L, 25, 34
Ashkelon (Israel), 31° 40' N 34° 33' L, 43, 135, 159
Ashkhabad (Rússia), 37° 58' N 58° 24' L, 13
Ashnakkum (Chagar Bazar), (Síria), 36° 54' N 40° 53' F, 34, 43, 49, 53, 80, 116, 120
Ashtaroth (Síria), 32° 48' N 36° 05' L, 135, 159
Asir (montanhas), (Arábia Saudita), 20° 00' N 41° 20' L, 12
Assíria*, 134, 160, 208, 212
Assuão (Assão), (Egito), 24° 05' N 32° 56' L, 12
Assur (Qalat Shergat), (Iraque), 35° 29' N 43° 14' L, 73, 80, ES, 97, 98, 102, 105, 113, 116, 120, 134, 134, 140, 160, 164, 179, 191
Atenas (Grécia), 38° 00' N 23° 44' L, 214
Awan (Irã), 32° 46' N 47° 19' L, 83
Azitawandas (Karatepe), (Turquia), 57° 22' N 86° 16' L, 160
Aznavur (Turquia), 39° 14' N 42° 52' L, 173

Baalath (Israel), 51° 43' N 34° 38' L, 159
Bab al-Dhra (Jordânia), 31° 10' N 35° 32' L, 80
Baba Jan (Irã), 33° 58' N 48° 08' L, 164, 179
Babil (Turquia), 37° 23' N 41° 39' L, 164
Babilônia (Iraque), 32° 33' N 44° 24' L 73, 97, 102, 105, 109, 116, 120, 134, 140, 142, 164, 179, 191, 199, 203, 212, 214
Babilônia*, 134, 164, 179, 208, 212
Bactra (Afeganistão), 36° 46' N 66° 50' L, 209, 214
Bactriana*, 209, 213
Badakhshan*, 213
Badna (Turquia), 36° 58' N 38° 34' L, 113
Bad-tibira (Tell Madain), (Iraque), 31° 46' N 46° 00' L, 59, 83, 109
Bagdá (Iraque), 33° 20' N 44° 26' L, 12
Baghouz (Síria), 34°27' N 40° 56' L, 43
Bakrawa (Iraque), 35° 10' N 45° 41' L, 64
Baku (Rússia), 40° 22' N 49° 53' L, 13
Baladruz (Iraque), 33° 48' N 45° 04' L, 142
Balakot (Paquistão), 25° 42' N 66° 32' L, 98
Balata (Iraque), 36° 31' N 42° 43' L, 185
Balawat, *vide* Imgur-Enlil
Bampur, *vide* Pura
Banahilk (Iraque), 36° 45' N 44° 49' L, 34, 49
Bandar Abbas (Irã), 27° 12' N 56° 15' L, 13
Barbar (Bahrein), 26° 15' N 50° 28' L, 98
Bashbulak (Turquia), 39° 58' N 44° 19' L, 173
Bashime*, 102
Basmuziyan (Iraque), 36° 13' N 44° 47' L, 64
Basra (Iraque), 30° 30' N 47° 50' L,
Bassetki (Iraque), 37° 02' N 42° 36' L, 97
Basta (Jordânia), 30° 14' N 35° 32' L, 25
Bastam (Irã), 38° 55' N 44° 53' L, 173
Bat (Omã), 23° 16' N 56° 20' L, 98
Batroun (Líbano), 34° 16' N 35° 41' L, 135
Bayrakli (Turquia), 38° 31' N 27° 13' L, 113, 139
Beer-sheba (Israel), 31° 15' N 34° 43' L, 159
Beidha (Jordânia), 30° 29' N 35° 26' L, 24, 25, 34
Beirure, *vide* Khalde
Beisamoun (Líbano), 33° 08' N 35° 34' L, 25, 34
Belbasi (Turquia), 36° 35' N 30° 32' L, 24
Beth Horon (Israel), 31° 53' N 35° 07' L, 159
Beth Yerah (Khirbet Kerak), (Israel), 32° 39' N 35° 35' L, 80
Bethel (Jordânia), 31° 56' N 35° 13' L, 159
Beth-Shan (Tell al Husn), (Jordânia), 32° 29' N 35° 32' L, 73, 80, 135, 159
Beth-Shemesh (Israel), 31° 45' N 34° 58' L, 159
Beycesultan (Turquia), 58° 21' N 29° 52' L, 13, 139
Bikni, Monte (Irã), 34° 40' N 48° 32' L, 179
Billum (Iraque), 32° 12' N 45° 19' L, 109
Bingol (Turquia), 38° 54' N 40° 29' L, 34
Biriand (Irã), 32° 55' N 59° 10' L, 13
Birs Nimrud, *vide* Borsippa
Bir-Zamani*, 160
Bisutun (Irã), 34° 59' N 48° 42' L, 209, 212
Bit Yakin*, 179
Bit-Adini*, 160
Bit-Agusi*, 160
Bit-Bahiani*, 160
Bit-Halupe*, 160
Bizâncio (Istambul), (Turquia), 41° 92' N 28° 57' L, 12, 214
Boghazkoy, *vide* Hatusa
Bohcha (Turquia), 38° 39' N 34° 58' L, 160
Bolvadin (Turquia), 38° 43' N 31° 02' L, 113
Boneh Fazili (Irã), 32° 21' N 48° 28' L, 43, 49, 53
Borazjan (Irã), 29° 15' N 51° 14' L, 209
Borim (Israel), 32° 26' N 35° 01' L, 159
Borsippa (Birs Nimrud), (Iraque), 32° 23' N 44° 25' L, 105, 109, 120, 142, 179, 199
Bostankaya (Turquia), 39° 16' N 42° 38' L, 173
Bouqras (Síria), 35° 08' N 40° 26' L, 25, 34, 43
Bozrah (Síria), 32° 39' N 36° 12' L, 135
Bushire (Irã), 28° 59' N 50° 50' L, 13
Byblos (Líbano), 34° 08' N 35° 38' L, 34, 43, 49, 53, 73, 79, 80, 83, 113, 116, 134, 135, 139, 160, 164, 177, 179, 214

Cabul (Afeganistão), 34° 30' N 69° 10' L, 13
Cádis, *vide* Gades
Cafer Huyuk (Turquia), 38° 21' N 38° 41' L, 25
Cagliari (Itália), 39° 13' N 90° 8' L, 177
Cairo (Egito), 30° 03' N 31° 15' L, 12
Calcedônia (Turquia), 37° 27' N 29° 04' L, 214
Can Hasan (Turquia), 37° 27' N 33° 26' L, 25, 34, 43, 49, 53
Canaã*, 116, 135
Capadócia*, 205, 212
Carachi (Paquistão), 24° 51' N 67° 02' L, 13
Carchemish (Síria), 36° 49' N 37° 59' L, 43, 64, 80, 102, 113, 116, 120, 134, 139, 140, 160, 179, 191
Carchemish*, 160
Caria*, 208, 212
Carloforte (Itália), 39° 08' N 8° 17' L, 177
Carmona (Sevilha), (Espanha), 37° 24' N 5° 59' O, 176
Cartago, 36° 54' N 10° 16' L, 177
Cáucaso, Montanhas do (Rússia), 43° 00' N 44° 00' L, 12, 18, 203
Cedro, Monte (Turquia), 36° 50' N 36° 12' L, 97
Cerasus (Turquia), 40° 57' N 38° 16' L, 214
Chagar Bazar, *vide* Ashnakum
Chanhu Daro (Paquistão), 26° 12' N 68° 07' L, 98
Chatal Huyuk (Turquia), 36° 29' N 36° 28' L, 64, 80
Chatal Huyuk (Turquia), 37° 27' N 34° 46' L, 34, 43, 49
Chavushtepe, *vide* Sardurihinili
Chayonu (Turquia), 38° 19' N 39° 36' L, 25, 34
Chiftlik (Turquia), 38° 10' N 34° 29' L, 34
Chipre (ilha), 35° 30' N 32° 30' L, 22, 24, 25, 34, 35, 43, 49, 53, 64, 73, 97, 113, 160, 164, 177, 179, 191, 208, 212, 214
Chnga Pahn (Irã), 32° 10 N 45° 35' L, 138
Choga Bonut (Irã), 32° 06' N 48° 04' L, 25
Choga Mami (Iraque), 33° 53' N 45° 27' L, 43, 49, 53
Choga Maran (Irã), 34° 32' N 46° 45' L, 43
Choga Mish (Irã), 32° 20' N 48° 30' L, 43, 49, 53, 64
Choga Zanbil, *vide* Al-Untash-Napirisha
Cholegert (Turquia), 40° 58' N 44° 20' L, 173
Chorasmia*, 209, 212
Chukurkent (Turquia), 34° 59' N 39° 51' L, 34
Cilícia*, 203, 208, 214
Cilícias, Portas (Turquia), 37° 20' N 34° 42' L, 214
Cítia*, 212
Colchis*, 208
Córcega (ilha) (França), 44° 30' N 8° 00' L, 177
Cortijo de los Toscanos (Espanha), 36° 35' N 4° 37' O, 176
Cossyra (Itália), 36° 40' N 12° 00' L, 177
Cotyora (Turquia), 40° 58' N 37° 58' L, 214
Creta (ilha), (Grécia), 35° 00' N 25° 00' L, 12, 177, 212, 214
Curda (Síria), 36° 39' N 41° 54' L, 140

Dabrum (Iraque), 31° 55' N 43° 59' L, 102
Dahan-i-Ghulaman (Irã), 31° 10' N 61° 42' L, 209
Daman (Arábia Saudita), 26° 25' N 50° 06' L, 13
Damasco (Síria), 33° 50' N 36° 19' L, 12, 79, 159, 160, 164, 179, 191, 214
Damavand, Monte (Irã), 35° 36' N 52° 08' L, 13
Dan (Síria), 33° 28' N 35° 39' L, 135, 159
Danuna*, 134
Dascylium (Turquia), 40° 24' N 28° 45' L, 208, 214
Degirmentepe (Turquia), 38° 28' N 38° 28' L, 53
Deh-i No (Irã), 31° 58' N 48° 39' L, 105, 138
Deir ez Zor (Síria), 35° 20' N 40° 08' L, 12
Der (Tell Aqr), (Iraque), 33° 14' N 45° 58' L, 80, 85, 97, 102, 120, 138, 142, 164, 179, 191, 199
Dezful (Irã), 32° 23' N 48° 31' L, 138
Dezful, Colinas do (Irã), 32° 15' N 48° 40' L, 138
Dibon (Jordânia), 31° 29' N 35° 50' L, 159
Dilbat (Tell Dulaim), (Iraque), 32° 09' N 44° 30' L, 109, 120, 199
Dilmun*, 97
Dinkha Tepe (Irã), 37° 02' N 45° 17' L, 116
Diraz (Bahrein), 26° 14' N 50° 28' L, 98
Diraz Leste (Bahrein), 26° 15' N 50° 29' L, 53
Diyarbakir, *vide* Amid
Dogubayazit (Turquia), 39° 33' N 44° 07' L, 34
Doha (Catar), 25° 15' N 51° 36' L, 13
Dor (Israel), 32° 37' N 34° 35' L, 159, 177
Dor-Kurigalzu (Aqar Quf), (Iraque), 33° 24' N 44° 18' L, 105, 134, 140, 142, 164, 179, 199
Dor-Sharrukin (Khorsabad), (Iraque), 36° 31' N 44° 13' L, 199
Dosariyeh (Arábia Saudita), 27° 14' N 49° 18' L, 53
Dothan (Jordânia), 32° 22' N 35° 15' L, 159
Drangiana*, 209, 212
Drehem, *vide* Puzrish-Dagan
Dubai (EAU), 25° 14' N 55° 17' L, 13
Dunnum (Iraque), 32° 19' N 45° 09' L, 109
Dur-Assur (Iraque), 35° 27' N 45° 22' L, 179
Durhumit (Turquia), 40° 51' N 35° 21' L, 113
Dur-Katlimmu (Sheikh Hamid), (Síria), 35 41' N 40° 47' L, 140, 164
Durum (Iraque), 51° 15' N 45° 46' L, 109
Dushanbe (Rússia), 38° 38' N 68° 51' L, 13

Eahunna (Tell Asmar), (Iraque), 3°3 2' N 44° 58' L, 64, 73, 80, 83, 98, 102, 116, 120
Ebla (Tell Mardikh), (Síria), 35° 52' N 37° 02' L, 73, 80, 83, 97, 116, 120, 134
Edanna (Iraque), 32° 02' N 45° 35' L, 109
Edom*, 159, 179
Éfeso (Turquia), 37° 57' N 27° 21' L, 214
Eflatun Pinar (Turquia), 37° 46' N 51° 47' L, 139
Egil (Turquia), 38° 15' N 40° 04' L, 164
Egito*, 83, 97, 134, 179, 191, 203, 208, 214
Ekallatum (Iraque), 35° 39' N 43° 27' L, 116
Ekron (Israel), 51° 46' N 34° 51' L, 135
Elahut (Turquia), 37° 30' N 39° 29' L, 113
Elão*, 83, 97, 121, 134, 164, 179, 191, 209, 212
Elbruz, Monte (Irã), 36° 00' N 52° 00' L, 13, 22, 79
Elefantina (Egito), 24° 04' N 32° 53' L, 203
Ellipi*, 164, 179
Emar (Meskene), (Síria), 36° 02' N 38° 04' L, 73, 80, 102, 113, 116, 120, 134. 139, 140, 160
Emutbal*, 120
Erbaba Tepe (Turquia), 37° 43' N 31° 46' L, 43
Erebuni (Arinberd), (Rússia), 40° 08' N 44° 52' L, 73, 173
Eregli, *vide* Hubishna
Eresh (Iraque), 32° 16' N 45° 09' L, 102, 109
Eridu (Abu Shabrain), (Iraque), 30° 52' N 46° 03' L, 34, 49, 53, 64, 83, 105, 109, 120, 179, 199
Erzurum (Turquia), 39° 57' N 41° 17' L, 12
Esparta (Grécia), 37° 05' N 22° 6' L, 214
Faideh (Iraque), 36° 46' N 42° 56' L, 185
Failaka (Kuwait), 29° 26' N 48° 20' L, 79, 98
Fara, *vide* Shuruppak
Farah (Afeganistão), 30° 15' N 33° 02' L, 49
Filia (Chipre), 35° 15' N 33° 02' L, 49
Filistéia*, 159
Frígia, 160, 179

Gades (Cádis), (Espanha), 36° 32' N 6° 18' O,
Gambulu*, 179
Gammagara (Iraque), 36° 37' N 43° 30' L, 185
Ganj Dareh (Irã), 34° 27' N 47° 22' L, 25
Garni (Rússia), 40° 04' N 44° 46' L, 173
Gath (Israel), 31° 42' N 34° 50' L, 159
Gath-Padalla (Jordânia), 32° 21' N 35° 04' L, 135, 159
Gavur Kalesi (Turquia), 39° 31' N 32° 01' L, 139
Gaza (Egito), 3° 30' N 34° 28' L, 135, 159, 179, 214
Geoy Tepe (Irã), 37° 16' N 45° 17' L, 80
Gerdi Qalkhird (Iraque), 35° 15' N 45° 42' L, 64
Gezer (Israel), 31° 53' N 34° 57' L, 80, 135, 159
Ghassul (Jordânia), 31° 42' N 35° 46' L, 53
Ghazni, *vide* Alexandria
Ghoraifa (Síria), 33° 46' N 36° 22' L, 25
Ghrubba (Jordânia), 31° 48' N 35° 41' L, 53
Gibeão (Jordânia), 3° 50' N 35° 09' L, 159
Gina (Jordânia), 32° 27' N 35° 22' L, 135
Girmua (Iraque), 36° 40' N 43° 21' L, 185
Girsu (Tello), (Iraque), 31° 37' N 46° 09' L, 53, 64, 79, 83,98, 102, 109, 120, 138, 142
Girtab (Iraque), 32° 31' N 44° 20' L, 109
Godin Tepe (Irã), 34° 31' N 48° 11' L, 49, 53, 64, 73, 80, 83, 102, 121, 164, 179
Golgoi (Chipre), 35° 04' N 33° 39' L, 177
Golludag (Turquia), 37° 59' N 34° 36' L, 160
Gordion (Turquia), 39° 36' N 32° 00' L, 113, 139, 160, 164, 214
Gozo (Malta), 36° 04' N 14° 30' L, 177
Grai Resh (Iraque), 36° 17' N 4°1 56' L, 64
Grande Arad (Arad), (Israel), 31° 14' N 35° 06' L, 80, 159
Gritille (Turquia), 37° 33' N 38° 34' L, 25
Gurgum*, 160, 164, 179
Gutium*, 83, 120
Guzana (Tell Halaf), (Síria), 36° 46' N 40° 00' L, 34, 43, 49, 53, 160, 164, 179, 191
Gwadar (Paquistão), 25° 09' N 62° 21' L, 13
Gymnias (Turquia), 40° 12' N 39° 56' L, 214

Habriuri*, 164, 185
Habuba Kabira (Síria), 36° 16' N 38° 12' L, 64, 73
Hacilar (Turquia), 37° 31' N 30° 12' L, 25, 34
Hadrumetum (Sousse), (Tunes), 35° 50' N 10° 38' L, 177
Hafit (Omã), 23° 57' N 55° 52' L, 98
Hafit (Omã), 23° 57'N 55° 52' L, 98
Haft Tepe (Irã), 32° 02' N 48° 14' L, 138
Haft Tepe, Colinas de (Irã), 3° 50' N 48° 35' L, 138
Haftavab (Irã), 38° 11' N 44° 58' L, 80
Hahhum (Turquia), 38° 29' N 38° 27' L, 97, 113, 116
Hajji Firuz (Irã), 36° 59' N 45° 29' L, 34, 43
Halahhu (Iraque), 36° 24' N 43° 13' L, 140, 185
Halicarnasso (Turquia), 37° 03' N 27° 28' L, 214
Halileh (Irã), 28° 49' N 50° 56' L, 53
Halli Muhammad (Iraque), 3° 25' N 45° 34' L, 49
Hama (Síria), 35° 09' N 36° 44' L, 49, 53, 64, 80, 120, 134, 160, 164, 177, 179, 191
Hama*, 160
Hamadã (Irã), 34° 46' N 48° 35' L, 13, 79, 179, 191, 203, 209, 212, 214
Hamazi (Iraque), 35° 26' N 45° 32' L, 83
Hamman (Iraque), 31° 23' N 45° 43' L, 105
Hamoukar (Síria), 36° 45' N 41° 44' L, 64
Hana*, 160
Hannaton (Israel), 32° 36' N 35° 11' L, 135
Haradum (Iraque), 34° 26' N 41° 36' L, 120
Harappa (Paquistão), 30° 35' N 72° 56' L, 98
Harbe*, 116
Harhar (Irã), 34° 17' N 46° 57' L, 164, 179
Harran (Turquia), 36° 51'N 39° 01' L, 73, 80, 116, 120, 134, 139, 140, 160, 164, 191, 203
Hasanlu (Irã), 37° 00' N 45° 35' L, 43, 73, 80, 83, 102, 164, 179
Hasbabu (Líbano), 34° 02' N 36° 04' L, 135
Hasi (Líbano), 33° 58' N 36° 03' L, 135
Hassek Huyuk (Turquia), 37° 41' N 39° 09' L, 64
Hassuna (Iraque), 36° 90' N 43° 06' L, 34, 43
Hatarikka*, 179
Hatula (Jordânia), 31° 57' N 35° 12' L, 24
Hatusa (Boghazkoy), (Turquia), 40° 02' N 34° 37' L, 73, 113, 134, 139, 160
Hayaz (Turquia), 37° 33'N 38° 32' L, 64
Hayonim (Israel), 32° 59' N 35° 14' L, 24
Hazazu (Síria), 36° 35' N 37° 03' L, 160
Hazor (Israel), 33° 01' N 35° 34' L, 80, 116, 135, 159
Hazoréia (Israel), 32° 39' N 35° 06' L, 34
Hebron (Jordânia), 31° 32' N 35° 06' L, 159
Hecatompylos (Irã), 36° 22' N 54° 58' L, 214
Hejaz (monte), (Arábia Saudita), 25° 00' N 38° 30' L, 12, 22
Heracléia (Turquia), 40° 58' N 31° 46' L, 214
Herat, *vide* Alexandria Areia
Heshbon (Jordânia), 31° 48' N 35° 47' L, 159
Hilakku*, 160
Hili (EAU), 24° 37' N 55° 52' L, 98
Himalaia (monte), (Índia), 35° 00' N 85° 00' L, 18
Hindanu (Iraque), 34° 18' N 4° 00' L, 116, 164, 179, 191
Hippo (Argélia), 36° 55' N 72° 47' L, 177
Hit (Iraque), 33° 38' N 42° 50' L, 116, 134, 140, 164
Homs (Síria), 34° 44' N 36° 43' L, 12
Horoztepe (Turquia), 40° 37' N 36° 04' L, 139
Hubishna (Eregli), (Turquia), 37° 28' N 34° 00' L, 139, 160
Huhnuri*, 102
Hulailan, Planície de (Irã), 33° 45' N 47° 10' L, 64
Hunusa (Iraque), 36° 44' N 43° 25' L, 185
Hurama (Turquia), 38° 17' N 3° 05' L, 113

Ibiza (Espanha), 38° 54' N 1° 35' L, 177
Ibri (Omã), 23° 15' N 56° 35' L, 98
Ibzaykh, *vide* Zabalam
Idalion (Chipre), 35° 02' N 33° 25' L, 177
Idamaraz*, 116
Ikiztepe, *vide* Zalpakonion
Ikonion (Turquia), 37° 51' N 32° 30' L, 214
Ilip (Iraque), 32° 52' N 44° 26' L, 109
Imgur-Enlil (Ballawat), (Iraque), 36° 09' N 43° 30' L, 185
Imleihiyen (Iraque), 34° 12' N 45° 00' L, 142
Inandik (Turquia), 40° 28' N 33° 25' L, 139
Indo*, 209, 213
Inferior*, 140
Irq al-ahmar (Jordânia), 31° 46' N 35° 13' L, 24
Isfahan (Irã), 32° 41' N 51° 41' L, 13
Ishan Bahriyat, *vide* Isin
Ishim-Shulgi (Iraque), 33° 56' N 44° 35' L, 102
Ishuwa*, 134, 139
Isin (Ishan Bahriyat), (Iraque), 31° 56' N 45° 17' L, 102, 109, 120, 142, 199
Iskenderun, *vide* Myriandros
Israel*, 159, 160, 164, 179
Issus (Turquia), 36° 51' N 36° 11' L, 214
Istambul, *vide* Bizâncio
Itanos (Creta), 35° 18' N 26° 17' L, 177
Izmir (Turquia), 38° 25' N 27° 10' L, 12
Izoli (Turquia), 38° 25' N 39° 02' L, 173

Jafa (Israel), 32° 03' N 34° 45' L, 135, 159
Jaffarabad (Irã), 32° 26' N 48° 18' L, 49, 53
Jalalabad (Irã), 29° 57' N 52° 35' L, 98
Jarmo (Iraque), 35° 34' N 44° 55' L, 25, 34, 43
Jebel Aruda (Síria), 36° 19' N 38° 03' L, 64
Jebel Bishri (monte), (Síria), 35° 25' N 39° 52' L, 97
Jebel Sinjar (monte), (Síria), 36° 27' N 41° 32' L, 164
Jedda (Arábia Saudita), 21° 30' N 39° 10' L, 12
Jemdet Nasr (Iraque), 32° 35' N 44° 44' L, 64
Jericó (Tell al-Sultan), (Jordânia), 31° 51' N 35° 27' L, 24, 25, 34, 53, 73, 80, 135, 159
Jerusalém (Israel/Jordânia), 31° 47' N 35° 13' L, 12, 135, 1SF, 160, 179, 203, 208, 212
Jezrael (Israel), 32° 34' N 35° 20' L, 159
Jônia*, 208, 212
Judéia*, 159, 160, 179

Kabri (Israel), 33° 01' N 35° 09' L, 53
Kadesh Barnéia (Egito), 30° 22' N 34° 19' L, 43
Kadmuh*, 140
Kahat (Tell Barri), (Síria), 36° 41' N 4° 07' L, 116, 164
Kalhu (Nimrud), (Iraque), 36° 06' N 43° 19' L, 105, 140, 164, 179, 185, 191
Kalibangan (Paquistão), 28° 27' N 62° 30' L, 98
Kamarian (Iraque), 36° 06' N 44° 50' L, 64
Kamid al-Loz, *vide* Kumidu
Kamir Blur, *vide* Teishebaini
Kandahar, *vide* Alexandria
Kanesh (Kulpete), (Turquia), 38° 42' N 35° 19' L, 73, 80, 113, 139
Karabel (Turquia), 38° 06' N 27° 20' L, 139
Karahan (Turquia), 39° 01' N 43° 41' L, 173
Karahna (Turquia), 39° 31' N 36° 52' L, 113
Karahuyuk (Turquia), 37° 45' N 32° 28' L, 80, 113, 139
Karana (Iraque), 36° 19' N 42° 03' L, 116, 140
Karatepe, *vide* Azitawandas
Karbala (Iraque), 32° 37' N 44° 03' L, 116, 140
Karim Shahir (Iraque), 35° 34' N 45° 02' L, 24
Karkar (Iraque), 31° 47' N 45° 41' L, 109, 120
Kar-Mulissi (Iraque), 36° 09' N 43° 25' L, 185
Karnaim (Síria), 32° 49' N 36° 10' L, 159
kar-Tukulti-Ninurta (Telul al-Agar), (Iraque), 35° 32' N 43° 29' L, 105, 140
Kaska*, 134
Kayalidere (Turquia), 39° 07' N 41° 36' L, 173
Kazallu (Iraque), 32° 37' N 44° 20' L, 102, 109
Kebara (Israel), 32° 34' N 34° 57' L, 24
Keilah (Israel), 3° 39'N 35° 01' L, 135
Kelaianai (Turquia), 38° 05' N 30° 09' L, 214
Kelbergen, Monte (Rússia), 40° 13' N 4° 52' L, 34
Kelishin (Irã), 36° 55' N 44° 51' L, 173
Kelleh Nisar (Iraque), 33° 48' N 46° 02' L, 80, 98
Kemerhisar, *vide* Tuwana
Kenath (Síria), 32° 44' N 36° 18' L, 135
Kenk Bogazi (Turquia), 37° 28' N 37° 48' L, 164
Keramon Agora (Turquia), 38° 38' N 29° 11' L, 214
Kerman (Irã), 30° 18' N 57° 05' L, 13, 79
Kermanshah (Irã), 34° 19' N 47° 04' L, 12, 79
Kesh (Iraque), 32° 18' N 45° 32' L, 120
Kevenli (Turquia), 38° 21' N 43° 34' L, 173
Khafajeh, *vide* Tutub
Khaide (Beirute), (Líbano), 33° 52' N 35° 28' L, 12, 135, 160, 177
Khan Bani Sa'ad (Iraque), 33° 33' N 44° 52' L, 142
Kharabeh Shattani (Iraque), 36° 26' N 43° 05' L, 43
Khirbet Kerak, *vide* Beth Yerah
Khirokitia (Chipre), 34° 47' N 33° 21' L, 34, 43
Khor (Catar), 25° 40' N 5° 33' L, 98
Khorsabad, *vide* Dur-Sharrukin
Khursaniyeh (Arábia Saudita), 27° 10' N 49° 20' L, 53
Kilizu (Qasr Shimmamok), (Iraque), 36° 07' N 43° 38' L, 140, 185, 191
Kindu Kush (montanha), (Afeganistão), 36° 00' N 7° 00' L, 13, 79
Kiriath-jearim (Jordânia), 31° 49' N 35° 07' L, 159
Kirkuk, *vide* Arrapha
Kir-Moab (Jordânia), 31° 11' N 35° 40' L, 159
Kish (Tell Ingharra/Tell Uhaimir), (Iraque), 32° 33' N 44° 39' L, 64, 79, 83, 97, 98, 102, 105, 109, 120, 142, 199
Kisiga (Tell Lahm), (Iraque), 30° 50' N 46° 20' L, 199
Kisiri (Iraque), 36° 27' N 43° 13' L, 185
Kisurra (Abu Hatab), (Iraque), 31° 50' N 45° 26' L, 109
Kition (Larnaca), (Chipre), 34° 55' N 33° 36' L, 177, 179
Kizzuwatna*, 134, 139
Kobaniskoy (Turquia), 38° 39' N 43° 44' L, 173
Kokala (Paquistão), 25° 30' N 65° 32' L, 214
Kokand, *vide* Alexandria Eskhata
Kolossai (Turquia), 37° 38' N 28° 48' L, 214
Kopet Dag (montes), (Irã), 37° 00' N 59° 00' L, 13
Korsote (Síria), 34° 29' N 40° 58' L, 214
Korucupete (Turquia), 38° 32' N 39° 33' L, 80, 139
Korzut Tialesi (Turquia), 38° 57' N 43° 45' L, 173
Koshk (Turquia), 38° 50' N 43° 41' L, 173
Kourion (Chipre), 34° 40' N 32° 51' L, 177
Krasnovodsk (Rússia), 40° 01' N 53° 00' L, 13
Kuh-e Taftan (monte) (Irã), 28° 37' N 61° 08' L, 13
Kul Tepe (Iraque), 36° 05' N 42° 02' L, 43
Kulaba (Iraque), 32° 44' N 44° 58' L, 109
Kulishkinash (Turquia), 37° 07' N 41° 47' L, 140
Kulpete, *vide* Kanesh
Kululu (Turquia), 39° 10' N 35° 58' L, 160
Kumidu (Kamid al-Loz), (Líbano), 33° 38' N 35° 51' L, 135
Kummanni (Turquia), 38° 20' N 40° 10' L, 134, 139
Kumme (Turquia), 37° 34' N 42° 58' L, 179
Kummuh*, 160, 164
Kunulua (Tell Tayinat), (Turquia), 36° 16' N 3°6 33' L, 160, 164, 191
Kurangun (Irã), 30° 15' N 51° 03' L, 138
Kurbail (Iraque), 36° 47' N 42° 54' L, 185
Kurban Huyuk (Turquia), 37° 26' N 38° 22' L, 64, 80
Kurruhanni (Tell al-Fakhar), (Iraque), 35° 11' N 44° 09' L, 134
Kutalla (Tell Sifr), (Iraque), 31° 16' N 45° 58' L, 120
Kutha (Tell Ibrahim), (Iraque), 32° 44' N 44° 40' L, 102, 109, 120, 142, 179, 199
Kuwait (Kuwait), 29° 20' N 48° 00' L, 12
Kythera (Grécia), 36° 10' N 22° 59' L, 177

Labwe (Líbano), 34° 13' N 36° 16' L, 43, 135
Lachish (Tell al-Duweir), (Israel), 31° 34' N 34° 51' L, 80, 135, 159
Lagash (Tell al-Hiba), (Iraque), 31° 26' N 46° 32' L, 79, 80, 83, 97, 98, 102, 120
Lahiru (Iraque), 34° 37' N 44° 51' L, 191
Lampedusa (Itália), 35° 30' N 12° 50' L, 177
Lapethos (Chipre), 35° 20' N 33° 11' L, 177
Laqe*, 160, 164
Larnaca, *vide* Kition
Larsa (Tell Senkereh), (Iraque), 31° 14' N 45° 51' L, 105, 109, 120
Leptis Magna (Líbia), 32° 59' N 14° 15' L, 177
Lesbos (ilha), (Grécia), 39° 30' N 2°6 30' L, 214

Levante*, 139
Líbano, Montanhas do (Síria), 34° 00' N 36° 00' L, 212
Lidar Huyuk (Turquia), 37° 35' N 38° 47' L, 80
Lídia*, 191, 203, 208, 212
Lixus (Marrocos), 35° 12' N 6° 10' O, 176
Liyan (Irã), 28° 58' N 50° 52' L, 134, 138
Logaba (Iraque), 32° 33' N 44° 57' L, 109
Lothal (Índia), 23° 03' N 71° 10' L, 98
Lu'ash*, 160
Lubdu (Iraque), 35° 16' N 44° 38' L, 179
Lukka*, 139

Madaba (Jordânia), 31° 14' N 35° 48' L, 159
Magan*, 97
Mahanaim (Jordânia), 32° 12' N 35° 37' L, 159
Maiorca (ilha), (Espanha), 39° 30' N 13° 00' L
Maka*, 209,212
Malamir (Irã), 31° 57' N 49° 57' L, 138
Malatia*, 169
Malatya, *vide* Arslantepe
Malazgirt (Turquia), 39° 12' N 42° 34' L, 173
Malgiun (Iraque), 32° 18' N 45° 31' L, 120
Malta (Malta), 35° 50' N 14° 30' L, 177
Maltai (Iraque), 36° 50' N 42° 57' L, 185
Mamma (Turquia), 37° 59' N 36° 24' L, 113
Man (Tell Hariri), (Síria), 34° 37' N 40° 46' L, 64, 73, 79, 80, 83, 97, 102, 105, 113, 116, 120
Manana (Bahrein), 26° 12' N 50° 38' L, 13
Mannea*, 164, 179
Maracanda (Samarcanda), (Rússia), 39° 40' N 66° 57' L, 13, 214
Marad (Wanna wa Sadun), (Iraque), 32° 04' N 44° 47' L, 102, 119, 120, 199
Marion (Chipre), 35° 04' N 33° 09' L, 177
Marlik (Irã), 37° 09' N 49° 48' L, 73, 98
Marqasi (Turquia), 37° 43' N 36° 59' L, 160, 164, 179, 191
Mashat Huyuk (Turquia), 40° 21' N 35° 51' L, 139
Mashhad (Irã), 36° 16' N 59° 34' L, 13
Mashkan-shapir (Teil Abu Dhuwari), (Iraque), 32° 21' N 45° 13' L, 109, 120
Matiate (Turquia), 37° 28' N 41° 11' L, 164
Meca (Arábia Saudita), 2° 26' N 39° 49' L, 12
Média*, 164, 179, 191, 203, 209, 212
Meguido (Tell al-Mutesellim), (Israel), 32° 35' N 35° 11' L, 80, 134, 135, 159, 177, 191
Melos (Grécia), 36° 42' N 24° 26' L, 177
Mênfis (Egito), 29° 52' N 31° 12' L, 73, 134, 177, 191, 203, 208, 212, 214
Menhrgarh (Paquistão), 22° 25' N 68° 01' L, 98
Mersin (Turquia), 36° 57' N 34° 37' L, 34, 43, 49, 54, 80
Merv (Rússia), 37° 42' N 61° 54' L, 209
Meskene, *vide* Emar
Me-Turnat (Tell Haddad/Tell al-Sib), (Iraque), 34° 11' N 45° 06' L, 140, 142, 164, 199
Mileto (Turquia), 37° 30' N 27° 18' L, 139, 214
Millete Mergi (Iraque), 36° 58' N 42° 57' L, 179
Mittani*, 134, 139
Mizpah (Tell al-Nasbeh), (Jordânia), 31° 52' N 35° 14' L, 159
Moab*, 159, 179
Mogador (Marrocos), 31° 50' N 9° 58' O, 176
Mohenjo Daro (Paquistão), 27° 17' N 68° 14', 79, 98
Monte Tunni e Monte Muli (Turquia), 37° 49' N 35° 23' L, 164
Mossul (Iraque), 36° 21' N 43° 08' L, 12
Motya (Itália), 37° 53' N 12° 29' L, 177
Mrahashi*, 97, 102
Mukish*, 134
Mundigak (Afeganistão), 31° 50' N 64° 46' L, 98
Munhatta (Israel), 32° 32' N 3° 54' L, 25, 34, 49
Muqdadiyeh (Iraque), 34° 02' N 44° 58' L, 142
Mureybet (Síria), 36° 04' N 38° 11' L, 24, 25, 64
Murum (Iraque), 32° 04' N 44° 41' L, 109
Musasir (Iraque), 36° 48' N 44° 29' L, 173, 179
Muscar (Omã), 23° 37' N 58° 38' L, 13
Musiyan (Irã), 32° 32' N 47° 27' L, 138
Musri, Monte (Iraque), 36° 30' N 43° 21' L, 185
Myriandros (Iskenderum), (Turquia), 36° 37' N 36° 08' L, 12, 214

Nahal Divshon (Israel), 30° 54' N 34° 44' L, 25
Nahal Hemar (Israel), 31° 14' N 35° 17' L, 25
Nahal Mishmar (Israel), 31° 16' N 35° 15' L, 64
Nahal Oren (Israel), 32° 35' N 35° 02' L, 24, 25, 34
Nahr al-Kalb (Líbano), 35° 58' N 35° 37' L, 164, 179, 191
Najafehabad (Irã), 34° 35' N 48° 19' L, 179
Nal, Monte (Iraque), 36° 52' N 42° 55' L, 185
Naqsh-i Rustam (Irã), 30° 05' N 52° 58' L, 138
Nashala (Síria), 34° 08' N 37° 12' L, 116
Nashteban (Irã), 38° 09' N 47° 56' L, 173
Nativ Ha-Gdud (Jordânia), 32° 09' N 35° 22' L, 24
Naucrátis (Egito), 30° 54' N 30° 55' L, 177
Nebi Yunus, *vide* Nínive
Nemrik (Iraque), 36° 46' N 42° 47' L, 25
Nemrut Dag (Turquia), 38° 35' N 42° 11' L, 34
Neobabilônia*, 203
Neritbtum (Tell Ishchali), (Iraque), 33° 43' N 44° 39' L, 98, 116, 120
Neve Noy (Israel), 31° 11' N 34° 38' L, 64
Nicósia (Chipre), 35° 11' N 33° 23' L, 12
Nihriya (Turquia), 38° 31' N 39° 27' L, 113
Nimrud, *vide* Kalhu
Nínive (Tel Kuyunjik/Nebi Yunus), (Iraque), 36° 24' N 43° 18' L 43, 49, 64, 73, 80, 83, 97, 102, 105, 03, 115, 120, 134, 140, 160, 164, 179, 185, 191, 214
Nippur (Iraque), 32° 10' N 45° 11' L, 53, 58, 59, 64, 73, 79, 80, 83, 97, 98, 102, 105, 109, 120, 134, 142, 164, 179, 199
Nipur, Monte (Iraque), 36° 58' N 42° 45' L,
Nisibin (Turquia), 37° 05' N 41° 11' L, 160, 164, 179, 191
Niya*, 134, 135
Nor Bayazet (Rússia), 40° 21' N 44° 50' L, 173
Nora (Itália), 39° 00' N 9° 01' L, 177
Norshuntepe (Turquia), 38° 32' N 39° 32' L, 49, 64, 80, 113
Núbia*, 208, 212
Nuhashe*, 134
Nuzi (Yorghun Tepe), (Iraque), 35° 22' N 44° 18' L, 33, 64, 80, 83, 116, 134, 140

Opis, *vide* Akshak

Pagana (Turquia), 38° 15' N 44° 00' L, 173
Pala*, 139
Palegawra (Iraque), 35° 39' N 45° 07' L, 24
Palermo (Itália), 35° 08' N 13° 23' L, 177
Palestina*, 18, 24, 134
Pallukkatu (Iraque), 33° 26' N 43° 45' L, 199
Palmira, *vide* Tadmor
Palu (Turquia), 38° 46' N 39° 52' L, 173
Paraitonion (Egito), 3° 21' N 27° 15' L, 214
Parsua*, 179
Pártia*, 209, 212
Pasárgada (Takht-i Madar-i Sulaiman), (Irã), 30° 15' N 53° 14' L, 203, 209, 212, 214
Pattala (Paquistão), 25° 42' N 68° 54' L, 214
Pazarchik (Turquia), 37° 28' N 37° 25' L, 164
Pella (Jordânia), 32° 27' N 35° 37' L, 24, 135
Peltai (Turquia), 38° 18' N 29° 43' L, 214
Penuel (Jordânia), 32° 12' N 35° 40' L, 159
Persépolis (Takht-i Jamshid), (Irã), 29° 57' N 53° 12' L, 73, 209, 212, 214
Pérsia*, 18, 203, 209, 212, 214
Pik Kommunizma (monte), (Rússia), 39° 02' N 72° 52' L, 13
Pir Hussein (Turquia), 38° 19' N 40° 39' L, 97
Pisdeli (Irã), 36° 57' N 45° 32' L, 53
Pontine, Monte, (Turquia), 41° 00' N 38° 00' L, 12
Port Calpe (Turquia), 41° 04' N 30° 11' L, 214
Port Said (Egito), 31° 17' N 32° 18' L, 12
Port Sudan (Sudão), 19° 39' N 37° 10' L, 12
Pura (Bampur), (Irã), 27° 13' N 60° 28' L, 65, 79, 209, 214
Puruskhanda (Acemhuyuk), (Turquia), 38° 28' N 33° 41' L, 97, 113, 139
Push (Iraque), 32° 46' N 44° 42' L, 102
Puzrish-Dagan (Drehem), (Iraque), 32° 04' N 45° 03' L, 102
Pylai (Iraque), 33° 28' N 43° 26' L, 214

Qabra (Iraque), 35° 48' N 44° 11' L, 116
Qadesh (Tell Nebi Mend), (Síria), 34° 27' N 36° 34' L, 80, 120, 134
Qalat al-Bahrein (Bahrein), 26° 16' N 50° 31' L, 98
Qalat Shergat, *vide* Assur
Qalatgah (Irã), 37° 09' N 45° 31' L, 173
Qalinj Agha (Iraque), 36° 05' N 43° 47' L, 64
Qarqar (Síria), 35° 44' N 36° 19' L, 164
Qasr Shimmamok, *vide* Kilizu
Qatara (Zamahe, Tell al-Rimah), (Iraque), 36° 08' N 42° 31' L, 105, 116, 120, 134, 140, 164
Qatna (Tell Mishrifeh), (Síria), 34° 46' N 36° 44' L, 80, 113, 116, 120, 134, 135, 139
Qatra (Iraque), 35° 58' N 44° 12' L, 116
Qattuna (Síria), 35° 47' N 40° 45' L, 116, 140
Qermez Dere (Iraque), 36° 01' N 42° 50' L, 24
Qom (Irã), 34° 39' N 50° 57' L, 13
Qrayya (Síria), 35° 00' N 40° 31' L, 64
Que*, 160, 164, 179, 191
Quetta (Paquistão), 30° 15' N 67° 10' L, 13

Raa al-Junayz (Omã), 22° 31' N 59° 39' L, 98
Rabbath-Ammon (Jordânia), 31° 57' N 35° 58' L, 159
Ramoth-Gilead (Jordânia), 32° 31' N 36° 11' L, 159
Rapiqum (Iraque), 33° 00' N 43° 11' L, 116, 120
Raqefet (Israel), 32° 35' N 35° 13' L, 24
Ras Abaruk (Catar), 25° 35' N 50° 33' L, 53
Ras al-Basit (Síria), 35° 52' N 35° 48' L, 177
Ras Shamra, *vide* Ugarit
Rasappa*, 164, 179
Rasht (Irã), 37° 18' N 49° 38' L, 13
Ravy, *vide* Rhagae
Rawa (Iraque), 34° 40' N 41° 57' L, 64
Razama (Iraque), 36° 15' N 41° 35' L, 116
Razdan*, 40° 15' N 44° 35' L, 34
Razliq (Irã), 38° 11' N 47° 50' L, 173
Rhagae (Ravy), (Irã), 35° 35' N 51° 27' L, 214
Riade (Arábia Saudita), 24° 39' N 46° 46' L, 12
Rodes (ilha), (Grécia), 36° 00' N 28° 00' L, 12, 214
Rosh Horesha (Israel), 30° 34' N 34° 47' L, 24
Rosh Zin (Israel), 30° 50' N 34° 54' L, 24
Rusahinili (Toprakkale), (Turquia), 38° 32' N 43° 18' L, 173

Sabá (Iraque), 35° 59' N 41° 42' L, 164
Sabz (Irã), 32° 35' N 47° 27' L, 49
Sagartia (Carmânia), 209, 212
Saggaratum (Síria), 35° 09' N 40° 37' L, 116
Sais (Egito), 30° 58' N 30° 46' L, 191, 203
Sakchagozu (Turquia), 37° 12' N 36° 54' L, 43, 49, 53, 64
Salamis (Chipre), 35° 10' N 33° 55' L, 73, 177, 214
Salman Pak (Iraque), 33° 06' N 44° 37' L, 142
Sam'al (Zincirli), (Turquia), 37° 25' N 3°6 40' L, 160. 179. 191
Samad (Omã), 22° 49' N 58° 00' L, 98
Samarcanda, *vide* Maracanda
Samaria (Jordânia), 32° 17' N 35° 11' L, 159, 160, 179, 191
Samarra (Iraque), 34° 13' N 43° 52' L, 43, 179
Samsat (Turquia), 37° 30' N 38° 32' L, 64, 160, 164, 179, 191
San Antioco (Itália), 39° 10' N 82° 20' L, 177
Sangibutu*, 179
Sar (Bahrein), 26° 13' N 50° 29' L, 98
Sardenha (ilha), (Itália), 40° 00' N 92° 00' L, 177
Sárdis (Turquia), 35° 28' N 28° 02' L, 203, 208, 212, 214
Sardurihinili (Chavushtepe), (Turquia), 35° 17' N 43° 31' L, 173
Sarepta (Líbano), 33° 30' N 35° 22' L, 177
Sar-i Pol-i Zohab (Irã), 34° 28' N 45° 52' L, 97, 142
Sarikamish (Turquia), 40° 19' N 42° 55' L, 34,
Sattagydia*, 209, 213
Savalan, Montanha (Irã), 38° 20' N 48° 00' L, 12
Savalan, Monte (Irã), 39° 05' N 47° 36' L, 34
Seqindel (Irã), 38° 39' N 46° 48' L, 173
Sevilha, *vide* Carmona
Sexi (Espanha), 36° 44' N 4° 16' O, 176
Shadikanni (Tell Ajajeh), (Síria), 36° 25' N 4°9 38' L, 140, 164, 179
Shaduppum (Tell Harmal), (Iraque), 33° 27' N 44° 28' L, 116, 120
Shah Tepe (Irã), 37° 11' N 54° 00' L, 98
Shahdad (Irã), 30° 22' N 57° 25' L, 65, 79
Shahr-i Sokhte (Irã), 30° 26' N 61° 18' L, 65, 79, 98
Shalatuwar (Turquia), 37° 35' N 34° 32' L, 113
Shallalat, Represa de (Iraque), 36° 30' N 43° 13' L, 185
Shamuha (Turquia), 38° 38' N 38° 22' L, 113
Shanidar (Iraque), 37° 05' N 43° 52' L, 24
Sharrakum (Iraque), 32° 10' N 45° 26' L, 109
Sharuhen (Tell al-Ajjul), (Israel), 31° 22' N 34° 27' L, 135, 159
Shechem (Jordânia), 32° 13' N 35° 16' L, 135, 159
Sheikh Hamid, *vide* Dur-Katlimmu
Sherihum*, 97
Shibaniba (Tell Billa), (Iraque), 36° 26' N 43° 19' L, 80, 140, 185, 191
Shikaft-t Gulgul (Irã), 33° 30' N 46° 31' L, 191
Shiloh (Jordânia), 32° 03' N 35° 15' L, 135
Shimashki*, 102, 121
Shimron (Israel), 32° 42' N 35° 14' L, 135
Shinuhtu (Turquia), 38° 19' N 33° 56' L, 160
Shiraz (Irã), 39° 38' N 52° 34' L, 13
Shiru Maliktha (Iraque), 36° 44' N 43° 02' L, 185
Shubat-Enlil (Tell Leilan), (Síria), 37° 03' N 41° 44' L, 64, 80, 105, 113, 116, 120
Shubria*, 164, 179
Shudu (Turquia), 37° 07' N 40° 03' L, 140
Shunem (Israel), 32° 36' N 35° 20' L, 135, 159
Shuqbah (Jordânia), 31° 59' N 35° 03' L, 24
Shuruppak (Fara), (Iraque), 31° 45' N 45° 34' L, 59, 79, 83, 102
Shusharra (Tell Shemshara), (Iraque), 36° 11' N 44° 48' L, 34, 43, 73, 116, 120
Shushtar (Irã), 31° 50' N 48° 57' L, 138
Sicília (Itália), 37° 50' N 14° 30' L, 177
Sídon (Líbano), 33° 32' N 35° 22' L, 135, 159, 160, 164, 177, 179, 214
Silifke (Turquia), 36° 22' N 34° 02' L, 113
Silver, Montanha (Turquia), 37° 00' N 31° 00' L, 97
Simanu*, 102
Simurru (Síria), 34° 36' N 36° 00' L, 135, 177, 179
Sinjar (Iraque), 36° 20' N 41° 51' L, 179
Sinope (Turquia), 42° 02' N 35° 09' L, 214
Sippar (Tell Abu Habba), (Iraque), 33° 03' N 44° 08' L, 79, 80, 83, 97, 102, 105, 109, 113, 116, 120, 134, 140, 142, 164, 179, 199
Síria*, 18
Sittake (Iraque), 33° 09' N 44° 35' L, 214
Siwa, Oásis de (Egito), 29° 12' N 25° 3l' L, 214
Skudra*, 208
Socoh (Jordânia), 32° 19' N 35° 03' L, 159
Sogdia*, 209, 213
Sokh (Rússia), 39° 59' N 71° 09' L, 79
Solunto (Itália), 38° 06' N 13° 32' L, 177
Sotto (Iraque), 36° 17' N 42° 09' L, 43
Sousse, *vide* Hadrumentum
Subartu*, 97, 116, 120
Suberde (Turquia), 37° 25' N 31° 53' L, 25, 34, 43
Succoth (Jordânia), 32° 11' N 35° 9' L, 159
Suez (Egito), 29° 59' N 32° 33' L, 12
Suhu*, 116, 120, 164
Sultanhan (Turquia), 39° 02' N 35° 48' L, 160
Suméria*, 80, 83, 97, 102
Supat (Síria), 34° 42' N 36° 42' L, 179, 191
Superior*, 140
Superior, Terra*, 139
Suphan Dag (Turquia), 38° 55' N 42° 49' L, 34
Surkh Dum (Irã), 33° 34' N 47° 57' L, 164
Surmarrati (Iraque), 34° 11' N 43° 46' L, 199
Susa (Irã) 32° 72' N 48° 20' L, 53, 64, 73, 79, 80, 83, 97, 98, 102, 105, 121, 134, 138, 142, 164, 179, 191, 203, 209, 212, 214
Sutkagen Dor (Paquistão), 25° 45' N 64° 10' L,

Taanach (Jordânia), 3° 32' N 35° 13' L, 135, 159
Tabal*, 160, 179
Tabara al-Akrad (Turquia), 36° 19' N 36° 16' L, 80
Tabate (Síria), 36° 19' N 40° 52' L, 116
Tabbat al-Hamman (Síria), 34° 40' N 35° 59' L, 34, 43
Tabriz (Irã), 38° 05' N 46° 08' L, 12
Tadmor (Palmira), (Síria), 34° 35' N 38° 17' L, 113, 116, 120
Taidu (Síria), 36° 46' N 40° 57' L, 140
Taima (Arábia Saudita), 27° 37' N 38° 30' L, 203
Takht-i Jamshid, *vide* Persépolis
Takht-i Madar-i Sulaiman, *vide* Pasárgada
Tall-i Bakun (Irã), 29° 49' N 52° 56' L, 53
Tall-i Ghazir (Irã), 31° 21' N 49° 30' L, 64
Tall-i Iblis (Irã), 29° 48' N 56° 28' L, 53, 65
Tall-i Malyan, *vide* Anshan
Tall-i Qaleh (Irã), 29° 09' N 53° 31' L, 79
Talmusa (Iraque), 36° 43' N 43° 11' L, 116, 140, 185, 191
Tamar (Jordânia), 30° 55' N 35° 27' L, 159
Tamarkhan (Irã), 34° 15' N 45° 37' L, 25
Tamassos (Chipre), 35° 01' N 33° 16' L, 177
Tânger (Marrocos), 35° 48' N 52° 45' L, 176
Tang-i Var (Irã), 35° 11' N 46° 20' L, 191
Tarbisu (Tell Sherif Khan), (Iraque), 36° 23' N 43° 07' L, 185
Tarso (Turquia), 36° 52' N 34° 52' L, 43, 49, 53, 80, SE, 113, 134, 139, 160, 164, 179, 203, 214
Tarut (Arábia Saudita), 26° 35' N 50° 15' L, 79, 98
Tas, Montanha (Iraque), 36° 50' N 43° 30' L, 185
Tashkent (Rússia), 41° 16' N 69° 13' L, 13
Tashkopru (Turquia), 40° 52' N 43° 15' L, 173
Tashtepe (Irã), 37° 03' N 45° 34' L, 173
Tauro, Montanha (Turquia), 37° 00' N 34° 00' L, 12, 22, 113
Tawiniya (Turquia), 40° 18' N 34° 45' L, 113
Taxila (Paquistão), 33° 44' N 72° 52' L, 214
Tebas (Egito), 25° 42' N 32° 35' L, 191, 203, 212
Teerã (Irã), 35° 40' N 51° 26' L, 13
TehI Madain, *vide* Bad-tibira
Teil Ramadi (Síria), 34° 39' N 40° 47' L, 64
Teishebaini (Kamir Blur), (Rússia), 40° 01' N 44° 27' L, 173
Tel Abu Dhuwari, *vide* Mashkan-shapir
Tel Aviv (Israel), 32° 05' N 34° 46' L, 12
Tel Eli (Israel), 32° 43' N 35° 32' L, 25
Tel Muqayyar, *vide* Ur
Tell Abadeh (Iraque), 34° 36' N 45° 10' L, 53
Tell Abu Dhahir (Iraque), 36° 50' N 42° 26' L, 43, 64

Tell Abu Haba, *vide* Slippar
Tell Abu Marya, *vide* Apku
Tell Agr, *vide* Der
Tell Agrab (Iraque), 33° 34' N 44° 46' L, 79, 83
Tell Ahmar, *vide* Til Barsip
Tell Ajajeh, *vide* Shadikanni
Tell al-Ajjul, *vide* Sharuhen
Tell al-Amarna, *vide* Akhetaten
Tell al-Duweir, *vide* Lachish
Tell al-Fakhar, *vide* Kurruhanni
Tell al-Fakhariyeh, *vide* Washukanni
Tell al-Hadidi (Síria), 36° 19' N 38° 11' L, 139
Tell al-Hawa (Iraque), 36° 43' N 42° 27' L, 64, 80, 105
Tell al-Hayyad (Iraque), 32° 03' N 45° 43' L, 58, 59
Tell al-Hiba, *vide* Lagash
Tell al-Husn, *vide* Beth-Shan
Tell al-Kirbasi (Iraque), 30° 42' N 47° 08' L, 142
Tell al-Mutesellum, *vide* Meguido
Tell al-Nasbeh, *vide* Mizpah
Tell al-Rimah, *vide* Qatara
Tell al-Sawwan (Iraque), 34° 17' N 41° 58' L, 34, 43
Tell al-Sheikh (Turquia), 36° 17' N 36° 21' L, 49
Tell al-Sib, *vide* Me-Turnat
Tell al-Sinn (Síria), 35° 29' N 40° 11' L, 25
Tell al-Sultan, *vide* Jericó
Tell al-Ubaid (Iraque), 30° 58' N 46° 05' L, 34, 53, 83
Tell Amuda, *vide* Urkish
Tell Arpachiyeh (Iraque), 36° 29' N 42° 57' L, 34, 49
Tell Ashara, *vide* Terqa
Tell Asmar, *vide* Eshnunna
Tell Aswad (Síria), 33° 43' N 36° 23' L, 25
Tell Aswad (Síria), 36° 36' N 38° 58' L, 25
Tell Atchana, *vide* Alalah
Tell Awayli (Iraque), 31° 13' N 45° 53' L, 49, 53, 58, 59
Tell Azzo (Iraque), 36° 13' N 42° 47' L, 49, 53, 64
Tell Barri, *vide* Khat
Tell Bi'a, *vide* Tuttul
Tell Billa, *vide* Shibaniba
Tell Bismaya, *vide* Adab
Tell Brak (Síria), 36° 46' N 41° 00' L, 49, 53, 64, 73, 80, 83, 97, 120, 134
Tell Dlehim (Iraque), 32° 00' N 45° 26' L, 58, 59
Tell Dulaim, *vide* Dilbat
Tell Farah Norte, *vide* Tirzah
Tell Farah Sul (Israel), 31° 16' N 34° 31' L, 159
Tell Frayy, *vide* Yaharisha
Tell Gubba (Iraque), 34° 14' N 45° 00' L, 64, 50, 199
Tell Haddad, *vide* Me-Turnat
Tell Halaf, *vide* Guzana
Tell Halawa (Síria), 36° 09' N 38° 11' L, 50
Tell Hammam al-Turkman, *vide* Zalpa
Tell Hariri, *vide* Mari
Tell Harmal, *vide* Shaduppum
Tell Hasan (Iraque), 34° 29' N 44° 47' L, 49
Tell Ibrahim, *vide* Kutha
Tell Ingharra, *vide* Kish
Tell Ishchali, *vide* Neribtum
Tell Jokha (Iraque), 33° 25' N 43° 14' L, 83
Tell Jokha, *vide* Umma
Tell Judeideh (Síria), 36° 21' N 36° 33', 34, 43, 49, 64, 80
Tell Khuera (Síria), 36° 39' N 39° 33' L, 50
Tell Kurdu (Síria), 36° 21' N 36° 31' L, 49
Tell Kuyunjik, *vide* Nínive
Tell Lahm, *vide* Kisiga
Tell Leilan, *vide* Shubat-Enlil
Tell Madhhur (Iraque), 34° 30' N 45° 09' L, 53, 64, 80
Tell Maghzaliyeh (Iraque), 36° 24' N 41° 12' L, 25
Tell Mardikh, *vide* Ebla
Tell Mishrifeh, *vide* Qatna
Tell Mismar (Iraque), 31° 26' N 45° 34' L, 58, 59
Tell Mohammed Arab (Iraque), 36° 43' N 42° 54' L, 64, 80, 140
Tell Muhammad (Iraque), 33° 24' N 44° 22' L, 120
Tell Mujeilat, *vide* Akshak
Tell Nebi Mend, *vide* Qadesh
Tell Ramad (Líbano), 33° 21' N 35° 50' L, 25, 34, 43
Tell Rifat, *vide* Arpad
Tell Rubeidheh (Iraque), 34° 19' N 44° 47' L, 64
Tell Senkerah, *vide* Lara
Tell Shemshara, *vide* Shusharra
Tell Sherif Khan, *vide* Tarbisu
Tell Shmid (Iraque), 31° 44' N 45° 52' L, 59
Tell Sifr, *vide* Kutalla
Tell Sleimeh (Iraque), 27° 20' N 45° 16' L, 98
Tell Sukas (Síria), 35° 17' N 35° 59' L, 43, 177
Tell Taya (Iraque), 36° 11' N 42° 43' L, 98
Tell Tayinat, *vide* Kunulua
Tell Turlu (Turquia), 36° 52' N 37° 51' L, 53
Tell Uhaimir, *vide* Kish
Tell Umm Dabaghiveh (Iraque), 35° 29' N 42° 47' L, 434
Tell Uqair (Iraque), 32° 44' N 44° 43' L, 53,64
Tell Zaidan (Síria), 36° 00' N 39° 19' L, 53, 64
Tello, *vide* Girsu
Telul al-Thalathat (Iraque), 36° 34' N 42° 32' L, 43, 80
Tepe Abdul Hosein (Irã), 34° 08' N 48° 09' L, 25, 34
Tepe Bormi (Irã), 31° 25' N 49° 30' L, 138
Tepe Chaima (Irã), 32° 32' N 48° 29' L, 138
Tepe Deshawar (Irã), 34° 26' N 46° 57' L, 64
Tepe Farukhabad (Irã), 32° 46' N 47° 15' L, 64, 80
Tepe Galeh Bongoon (Irã), 32° 15' N 4° 29' L, 138
Tepe Gawra (Iraque), 36° 31' N 43° 14' L, 49, 53, 64
Tepe Giyan (Irã), 34° 13' N 48° 20' L, 49, 53, 64, 80, 83, 164, 179
Tepe Guran (Irã), 33 °50' N 47° 11' L, 25, 34, 43
Tepe Hissar (Irã), 36° 32' N 54° 35' L, 98
Tepe Langar (Irã), 30° 28' N 55° 30' L, 65
Tepe Nush-i Jan (Irã), 34° 21' N 48° 47' L, 179, 191
Tepe Pomp (Irã), 31° 48' N 48° 39' L, 138
Tepe Qabrestan (Irã), 36° 08' N 49° 47' L, 64
Tepe Sarab (Irã), 34° 25' N 47° 00' L, 34, 43
Tepe Seavan (Irã), 37° 06' N 45° 00' L, 43
Tepe Senjar (Irã), 32° 29' N 48° 15' L, 138
Tepe Siahbid (Irã), 34° 27' N 47° 28' L, 43
Tepe Sialk (Irã), 33° 56' N 51° 37' L, 53, 65, 73
Tepe Yahya (Irã), 28° 35' N 56° 21' L, 53, 65, 73, 79, 98
Teperik (Turquia), 38° 35' N 39° 28' L, 49, 64
Terqa (Tell Ashara), (Síria), 34° 57' N 40° 55' L, 116, 120, 160, 164, 179
Terra Inferior*, 139
Tetul al-Aqar, *vide* Kar-Tukulti-Ninurta
Thaj (Arábia Saudita), 26° 50' N 48° 40' L, 98
Thapsacus (Síria), 35° 56' N 38° 12' L, 214
Tharros (Itália), 39° 53' N 82° 25' L, 177
Thasos (Grécia), 40° 46' N 24° 42' L, 177
Thera (Grécia), 36° 25' N 25° 26' L, 177
Tiblisi (Rússia), 41° 43' N 44° 48' L, 12
Tigre, Túnel do (Turquia), 38° 33' N 40° 54' L, 164
Til Barsip (Tell Ahmar), (Síria), 36° 43' N 38° 09' L, 53, 83, 160, 164, 179, 191
Tilki Tepe (Turquia), 38° 25' N 43° 22' L, 34, 49
Till Garimm*, 160
Timelkiya (Turquia), 38° 35' N 35° 58' L, 113
Tiro (Líbano), 33° 16' N 35° 12' L, 135, 159, 160, 164, 177, 179, 191, 214
Tiro*, 159
Tirzah (Tell Farah Norte), (Jordânia), 32° 17' N 35° 22' L, 159
Topada (Turquia), 38° 27' N 34° 28' L, 160
Toprakkale, *vide* Tusahinili
Topzawa (Iraque), 36° 53' N 44° 39' L, 173
Trabzon, *vide* Trapezus
Trapezus (Trabzon), (Turquia), 41° 00' N 39° 43' L, 12, 214
Tróia (Turquia), 39° 55' N 26° 17' L, 113, 139
Tuhpiya (Turquia), 41° 09' N 35° 32' L, 113
Tukrish*, 120
Tulaspid (Irã), 30° 21' N 51° 30' L, 138
Tunip (Síria), 35° 11' N 36° 45' L, 135
Tushan (Iraque), 35° 43' N 44° 04' L, 140
Tushan (Turquia), 37° 56' N 40° 14' L, 140, 164, 179
Tushpa (Van), (Turquia), 38° 28' N 43° 20' L, 73, 173, 179, 214
Tuttul (Tell Bi'a), (Síria), 35° 58' N 36° 02' L, 80, 97, 116, 120
Tutub (Khafajeh), (Iraque), 33° 38' N 44° 40' L, 64, 79, 80, 83, 97, 98, 116, 120
Tuwana (Kemerishar), (Turquia), 37° 38' N 34° 23' L, 139, 160
Tuwana*, 160
Ugarit (Ras Shamra), (Síria), 35° 31' N 35° 47' L, 25, 34, 43, 49, 64, 73, 79, 80, 113, 116, 134, 135, 139, 140, 160

Ulama (Turquia), 38° 36' N 33° 58' L, 113
Umm al-Aqarib (Iraque), 31° 36' N 45° 58' L, 58, 59
Umm al-Nar (EAU), 24° 57' N 54° 49' L, 79, 98
Umm Qseir (Síria), 36° 25' N 41° 00' L, 64
Umma (Tell Jokha), (Iraque), 31° 38' N 45° 52' L, 58, 59, 83, 97, 98, 120
Unqi*, 160, 179
Ur (Tell Muqayyar), (Iraque), 30° 56' N 46° 08' L, 20, 49, 53, 64, 79, 80, 83, 97, 98, 102, 109, 120, 138, 142, 164, 179, 191, 199, 203
Urartu*, 160, 164, 179
Urkish (Tell amuda), (Síria), 37° 11' N 41° 02' L, 102, 113, 116
Urshum (Turquia), 37° 06' N 37° 28' L, 113, 116
Urua (Iraque), 32° 29' N 47° 20' L, 102
Uruk (Warka), (Iraque), 31° 18' N 45° 40' L, 53, 58, 59, 64, 73, 79, 80, 83, 97, 98, 102, 105, 109, 120, 134, 142, 164, 179, 191, 199
Urum (Iraque), 32° 55' N 44° 40' L, 102
Uru-sagrig (Iraque), 32° 08' N 45° 40' L, 102
Ushu (Líbano), 33° 15' N 35° 13' L, 177
Usnu (Síria), 35° 21' N 35° 58' L, 164
Usu (Líbano), 33° 13' N 35° 18' L, 135
Utica (Tunes), 37° 05' N 10° 03' L, 177

Van, *vide* Tushpa

Wadi Dubai B (Jordânia), 31° 36' N 36° 40' L, 25
Wadi Hasa (Jordânia), 30° 10' N 35° 48' L, 24
Wadi Suq (Omã), 24° 49' N 56° 20' L, 98
Wadi Tbeik (Egito), 28° 52' N 34° 04' L, 25
Wahshushana (Turquia), 38° 11' N 35° 00' L, 113
Wanna wa sadun, *vide* Marad
War Kabud (Irã), 33° 46' N 46° 05' L, 80, 164
Warium*, 116, 120
Warka, *vide* Uruk
Washaniya (Turquia), 38° 28' N 34° 30' L, 113
Washukani (Tell al-Fakhariyeh), (Turquia), 37° 00' N 39° 02' L, 134, 140
Xanthos (Turquia), 36° 23' N 29° 21' L, 214

Yabliya (Iraque), 33° 59' N 42° 19' L, 116
Yadnana*, 179
Yaharisha (Tell Frayy), (Síria), 35° 58' N 38° 38' L, 139, 140
Yalburt (Turquia), 38° 31' N 31° 48' L, 139
Yamhab*, 116
Yanik Tepe (Irã), 37° 57' N 45° 55' L, 34, 43, 53, 80
Yarmuti (Síria), 34° 49' N 36° 00' L, 97
Yaudi*, 160
Yelkhi (Iraque), 34° 20' N 45° 00' L, 142
Yenoam (Israel), 32° 43' N 35° 36' L, 135
Yerevan (Rússia), 40° 10' N 44° 31' L, 12
Yerevan (Rússia), 40° 17' N 43° 44' L, 34
Yezd (Irã), 31° 55' N 54° 22' L, 13
Yifathel (Israel), 32° 43' N 35° 02' L, 25
Yorghun Tepe, *vide* Nuzi
Yurza (Israel), 31° 31' N 34° 28' L, 135

Zabalam (Ibzaykh), (Iraque), 31 44' N 45 52' L, 59, 109, 120
Zabshali*, 102
Zafon (Jordânia), 32° 15' N 35 35' L, 135, 159
Zagros, Montanha (Irã), 32 00' N 50 00' L, 13, 22, 49, 79, 83, 102, 140
Zahara (Irã), 32 31' N 48 19' L, 97
Zahedan (Irã), 29 32' N 60 54' L, 13
Zalmaqum*, 116
Zalpa (Ikiztepe), (Turquia), 41° 39' N 35 55' L, 113
Zalpa (Tell Hammam al-Turkman), (Síria), 36 21' N 39 13' L, 43, 64, 113, 116
Zamahe, *vide* Qatara
Zamua*, 164, 179
Zard Kuh (montanha), (Irã), 32 14' N 50 17' L, 13
Zarzi (Iraque), 32 00' N 45 06' L, 24
Zawi Chemi (Iraque), 36 58' N 44 12' L, 24
Zemaraim (Jordânia), 31 56' N 35 17' L, 159
Zikirtu*, 179
Zincirli, *vide* Sam'al
Zoar (Jordânia), 30° 59' N 35° 27' L, 135
Zubeidi (Iraque), 34 15' N 45 02' L, 142

ÍNDICE



A-Anepada, 86, 87
Aasur-sharrat, 191
Abadeh, Tell, 54, 56
Abdilmilqut, 189
abelhas, 175
Abiak, 100
Abu Hureyra, 29, 33, 35, 44
Abu Salabikh, 82, 84, 96, 110
Abu Simbel, 144
Abydos, 82
Acádia, 81, 82, 83, 83, 90, 96, 100, 108, 112, 124, 140, 148, 176, 198, 201, 204
Acco, 136
Acemhuyuk, 11, 114
aço, 150
Acsaf, 136
Adab, 75, 110, 144, 149, 175, 188, 193
Adab, 88, 100, 121
Adad-guppi, 199
Adad-nirari I, 145, 148, 176
Adad-nirari II, 159, 164, 167
Adad-nirari III, 175
Adad-shuma-iddina, 148
Adamdun, 142
Adana, 176
adivinhação, 75, 76, 118, 137, 167
administração da água, 126, 127, 198, alcantilado, 126; *shaduf* ,127; armazenagem, 126; *vide* também canais
Adônis, 83
Afeganistão, 64, 65, 72, 78, 111, 113, 183, 220
África, 25, 122, 123, 177
Afrodite, 83
Agadé, 74, 87, 97, 105, 110, 148, 210
agricultura 29, 126, 142; desenvolvimento da, 18, 19, 25, 33, 42, 52, 58, 126; origens de, 25; *vide* também gado, caçadores, colhedores, pastoreio nômade agricultura, agricultura de subsistência, 56
agricultura, cultivo de sequeiro, 18, 19, 25, 42, 45, 46, 112; água em, 24
agricultura, cultivo em pântanos, 51, 52, 69, 112
agricultura, cultivos agrícolas, 18, 25; cultivo de cereais, 25, 27, 29; colheitas, *vide* cereais, legumes, vegetais; aclimatação de plantas, 25, 29, 31
agricultura, fazendas leiteiras, 27; leite, 27, 47
agricultura, regadio, 18, 19, 42, 46, 48, 49, 52, 53, 126
Ahab, 165, 198
Ahaz, 176
Ahhiyawa, 139, 146
Ahlamu, 146
ahlamu-aramuos, 149
Ahmose, 132
Ahuni, 165
Ahuramazda, 213, 219
Ain Dara, 161
Ain Gev, 27
Ain Ghazal, 15, 33, 34, 43, 44, 45
Ain Mallaba, 29, 30
Aka, 84
Akalamdug, 92
Akenaton, *vide* Amenófis IV
Aketoten, 135, 136
Aksak, 68, 88, 100
Alaca Huyuk, 103, 103
Alalah, 108, 118, 132, 132, 133, 134, 135, 136, 151
Alasiya, 136, 146
Aleppo, 89, 108, 118, 132, 133, 137, 137, 139, 139, 144, 145
Alexandre Magno, 65, 192, 193, 202, 210, 214, 215
alfabetos, 72, 120, 147, 148, 150, 150, 151, 158, 170
algodão, 185
Ali Kosh, 35
Alisar, 114
Alman, 167
Altintepe, 171
Alvand, Monte, 182
Alyate, 199, 202
Amã, 34
Amanos, Montanhas, 62, 84, 167
Amarna, al-, Tell, 135, 136
Amar-Sin, 101, 103, 112
Amasis, 206
Ambaris, 180
Amel-Marduque, 199
Amenemenhet I, 118
Amenófis II, 134
Amenófis III, 135, 136, 137
Amenófis IV, 135, 136, 137, 141
América, 25
Amid, 158
Ammisaduqa, 123
Ammon/amonitas, 158, 176
amorritas, 96, 99, 103, 108, 110,112,114, 119, 123, 146
amuletos, 49, 150
Amun, 133
Amurru, 124, 136, 136, 144, 146, 159, 160, 189
Amut-pi-El, 110
An, 81,83
Ana, 160, 175
anais reais, 137, 139, 164, 179, 179, 195
anakum, 113
Anatólia, 20, 33, 35, 43, 46, 51, 68, 70, 103, 108, 113, 114, 123, 132, 137, 139, 145, 146, 148, 150, 151, 154, 164, 180, 183, 191, 202, 203, 214
Ancara, 117
animais de carga,
asnos, 117; touros, 123; camelos, 36, 37, 122, 175; burros, 36, 72, 108, 113, 117, 122; cavalos, 36, 117, 122, 123, 135, 139, 140, 159, 165, 182, 195, 221; arreios de cavalo, 170, 173, 174; mulas, 36, 122, 181; bois, 27, 72, 117, 203; búfalo de água, 51, 72
animais domésticos,
gado, 36, 46, 47, 69, 159; gatos, 36, 38; cães, 29, 36, 45, 46, 47, 56, 66, 155; cabras, 19, 30, 33, 36, 36, 47, 49, 66, 156, 211; porquinhos-da-índia, 36; lamas, 36; porcos, 36, 47, 49; coelhos, 36; ovelhas, 19, 20, 27, 33, 36, 37, 47, 49, 70, 71, 159, 161
animais em moedas, 202
animais na arte, 45
touros, 36, 45, 63, 71, 75, 85, 86, 101, 103, 103, 192, 193, 219; vacas, 86, 87; burro, 85; gazela, 36; leopardos, 44, 45, 62, 63; leões, 36, 63, 71, 72, 73, 125, 154, 192, 193, 219; carneiros, 45, 69, 75; veados, 36, 45, 63, 86, 86, 87, lobos, 66
animais no ritual religioso, 30, 44, 45, 46, 73, 75, 118, 119
animais selvagens,
asnos, 23, 33, 36, 45; 46, 47, 159; ursos, 23, 45; javalis, 23, 29, 36, 45, 46; camelos, 23, 36, 37; gado, 23, 29, 33, 36, 46, 154, 155; cobaias, 36; guepardos, 23; cervos, 23, 29, 45, 46, 159; elefantes, 36, 37, 132, 154, 155, 155, 179, 161; raposas, 23, 29, 45; gazelas 23, 29, 45, 86; cabras, 23, 27, 29, 36, 37, 46, 155; guanaco, 36; lebres, 23, 29; ouriços-cacheiros, 23, 130; cavalos, 36; hienas, 23, 29; íbis 24, 159; chacais 23, leopardos, 23, 24, 62; leões, 23, 36, 45, 46, 62, 63, 117, 154, 159, 161; linces, 23; macacos, 37, 11l; coelhos, 36; rinocerontes, 37; roedores, 23, 29; ovelhas, 23, 24, 36, 46; tigres, 23; búfalo de água, 37; doninhas, 45; gatos monteses, 23, 36; lobos, 23, 29, 36, 45
animais, domesticação de 25, 29, 36, 36
Anita, 114
Ankhesenamum, 139
Ankuwa, 114
anos de acessão, 96, 142
Anshan, 68, 78, 100, 103, 108, 110, 139, 142, 149, 201, 203, 210
Anu, 76, 149, 201
templo, Uruk, 60
apkallu (7 sábios), 76
Apsu, 201
Apu, 150, 145
aqueduto, 187
aqueus, 146
árabes, 108, 185
Arábia Saudita, 52, 110, 111
arado, 45, 47, 72, 189
deusa do 83
Aram, 176
arameus, 96, 108, 146, 150, 159, 160, 164, 167, 171, 176, 178, 179, 182, 192, 195,198
Aramu, 172
Ararat, monte, 20, 148
Aratta, 84
Arbil, 116, 139, 140, 1450, 174, 185, 191
Arda-Mulissi, 188
Ardini, 172
Ar-Ennum, 89
Argishti, 171, 172
Arinna, 146
armadura, 147, 171, 173, 194
elmos, 86, 93, 171, 194; escudos, 170, 194
armas, 66, 84, 88, 89, 135, 150, 164, 170, 171, 173, 180, 194, 194-5
carros de guerra puxados por burros, 93, 122, 194; machados, 63, 80, 85, 85, 98, 99, 194, 195; arcos e flechas, 28, 71, 154, 164, 166, 194; adagas, 80, 84, 86, 92, 103, 114, 150, 170, 195; pontas de maça, 66, 71, 195; fundas, 194; *vide* também armadura, carros, ferramentas, guerra
Armênia, 82, 213, 220
Arnuwandas II, 139, 146
Arpachiyeh, Tell, 39, 42, 49, 51
Arpad, 176, 180
arquitetura,
aquemênida, 206-7, babilônica, 192-3; nacional primitiva, 47, 48, 49, 51, 56, 61, 82, 129; palácio, 86, 86, 87, 141, 146, 161, 162, 171, 212; templo, 53, 54, 79, 80, 100, 141, 144; militar de Urartu, 170; *vide* também zigurate, e povoamentos individuais
arquivos, 87, 135
Hattusas, 137, 146; ausência de arquivos de Mitânia, 135; Mari, 89, 108, 119; da corte meda, 191, 203; Ugarit, 147
Arrapha, 149, 198
Arsaces, 213
Arses, 214
Arslantepe, 67 132
Artashumara, 135, 137
Artatama I, 136, 137
Artatama II, 137
Artaxerxes I, 213, 218
Artaxerxes II, 213
Artaxerxes III, 213, 214, 215
arte da gruta paleolítica, 70
arte pré-dinástica do Egito, final, 65
Artemisa, 202
artesãos, prmeiros profissionais, 56
Arunasil (Varuna), 137
Arvad, 149, 160, 176, 177
árvores,
cedro, 23, 84, 99, 167, 176; carvalho, 23; palmeira, 23, 50, 166; pinheiro, 23, 99, 191; tamarisco, 23; terebinto, 23; zimbro, 23
Arza, 189
Arzashkun, 172
Arzawa, 137, 139, 139,1 46
arzawas, 132, 136, 145
Asdod, 158
Askelon, 118, 136, 146
Asmar, Tell, 79, 80
Assíria, 96, 108, 113, 113, 114,114,119, 124, 125, 132, 134, 136, 139, 141, 142, 143, 146, 148, 149, 158-75, 176-97, 198, 199, 202, 207, 210, 213, 222.
Assur, 74, 76, 83, 89, 90, 98, 102, 108, 11', 112, 113, 113, 121, 121, 134, 135, 139, 140, 145, 148, 148, 149, 150, 158, 160, 163, 167, 174, 175, 176, 179, 182, 184, 188, 191, 198
Templo de Assur, 147, 148, 149
Assurbanipal II, 125, 148, 149, 153, 154, 158, 159, 162, 162, 163, 166, 174, 175, 185
palácio de Kalhu, 129
Assurbanipal, 36, 37, 143, 151, 155, 186, 189, 189, 190, 191, 191, 195, 198, 203, 210
Assur-bel-kals, 149
Assur-danin-apla, 174
Assur-nadim-shumi, 185, 188
Assur-sarra-usur, 181
Astarté, 76
vide também astrologia de Istar, 124, 124, 189, 189
Astíages, 203, 204
astronomia, 189
Asurresisi I, 149
Asurubalit I, 137, 139, 141, 148
Atalia, 180
Atal-Sin, 108
Atena, 83
Atenas, 213
Atos, monte, 213
Atosa, 213
augúrios, 112, 118, 124, 137, 181, 189, 191, 194, 201, 202

aves, 25, 29, 34, 66, 110, 129
como alimento, 2; rotas de migração, 25
aves,
abetarda, 25; frango, 36, 134; pato, 25, 37, 125; águias, 30, 193; gansos, 25, 37; avestruzes, 25, 159, 161; abutres, 36, 44, 45, 156
Awayli, Tell (Tell el-Oueili), 51, 52, 53
Ay, 139
Azatiwandas, 158
azeitonas, 89
azeite, 82

Ba'lu, 189
Baal, 89, 146, 147
Babel, torre de, 54, 104, 141, 192, 199, 221, 222, 223
Babilônia, cidade, 75, 83, 87, 108, 108, 110, 111, 112, 114, 119, 120, 121, 123, 137, 152, 158, 167, 176, 180, 182, 188, 189, 189, 190, 192, 192-3, 198, 198, 201, 202, 204, 206, 212, 214, 215, 222
1a. dinastia ,192; 3a. dinastia ,141; Porta de Istar, 192; via processional, 192, 193, 202; cidadela do Sul, 193, 201; Templo de Marduque, 167, 192, 193, 199, 204
Babilônia, reino, 68, 96, 97, 103, 124, 134, 141, 142, 148, 149, 150, 152, 159, 165, 167, 174, 175, 176, 186, 188, 195, 198, 198, 202, 210, 213; língua da, 141
Bad-tibira, 84
Bagdá, 79, 141, 152
Bagdatti, 182
Bagoas, 214
Bahrein, 52, 97, 98, 110, 111; *vide* também Dilmun
Balawat, 166, 171
Baniti, 180
banquetes, 84, 92, 128, 161, 202
Barahshi, 97
Bar-rakib, 176, 178, 202
Bartatua, 189
Basar, 108
Bashime, 103
Bassetki, 98
Basta, 33
Bavian, 153, 185
Beida, 27, 33
Beirute, 136, 144
Beisamoun, 33, 34
bel biti (senhor da casa), 141
Bel-Harran-bel-usur, 175
Bel-ibni, 185
Bel-salti Nannar, 201
Bel-sar-usur, *vide* Belsazzar
Belsazzar, 193, 201, 204, 222
Beltu, 140
Ben Hadad, 158
benjaminitas, 117
Berossus, 84
Bes, 221
Bet-San, 118, 136, 144
betume, 33, 47, 78, 86
Bi'a, Tell, 97
Biainili ,172
Bíblia, a, 83,96, 101, 133, 146, 147, 152, 158, 159, 162, 179, 185, 199, 201, 211, 222; Daniel, Livro de, 201, 211; Ester, Livro de, 211; Apocalipse, Livro do, 222, 222
biblioteca de Assurbanipal, 191
Bikni, monte, 182
Bit Adini,165
bit reduit (casa de sucessão), 188
Bit-Amukani, 69, 178
Bit-Dakkuri ,167
Bit-Yakin, 167, 178, 179, 182
Bogazkoy/Bogazkale, 114, 144
Bóreas, 140
Borsippa, 73, 167, 175, 176, 198, 201
Botta, Paul Émile, 153, 184, 222
Bougras, 33, 34, 44
Brak, Tell, 51, 66, 67, 69, 71, 89, 98, 134, 135, 195
brinquedos, 130
bronze, 72, 113, 120, 129, 144, 150,1 60, 186, 195
Luristão 174; fabrico de, 174; utensílios, 42, 88, 129; Urartu, 170, 170-1; recipientes, 160, 173, 180; armas 194; *vide* também trabalhos em metal
Bruegel, Pedro, o Velho, 223
rio Budakozu, 144
Burias, 140
Burna-Burias 11141
Bur-sagale, 175
Burton F. C., 220, 221
Busire, 149
Buyukkale/Buyukkaya, 144, 144
Byblos, 82, 103, 118, 118, 120, 136, 160, 176, 177

caça 154, 154, 155, 161, 162, 164, 171, 194
caçadores-colhedores,19, 25, 27, 38, 42, 68
Cádis, 177
cães, 29, 36, 45, 46, 47, 49, 56, 66, 74, 155; galgo, 36; mastim, 36
Calah, 162
caldeus, 167, 178, 179, 182, 185, 188, 192, 198, 198
Cambises, 203, 203, 206, 207, 213
Can Hasan II, 44
Can Hasan III, 41
Canaã, 133, 136, 144, 146
canais, 59, 100, 117, 121, 122, 126, 127, 143, 153, 160, 161, 162, 172, 185, 186, 187, 198, 198, 210, 213
cananeus, 150, 176
canas, 27, 28, 49, 90, 122
canoas, 85, 98, 122, 185, 210, 213
galera fenícia, 177
canteiros, lídios, 204
canto, 118
capadócios, 220
Carchemis, 49, 146, 158, 161, 180, 198
Carmânia, 204
"Carneiros agarrados no matagal", 93
carpintaria, 118, 126
carros 117, 117, 123, 135, 139, 159, 161, 165, 166, 167, 171, 181, 186, 194, 221; arreios do carro, 170; fabrico de carros, 179
Cartago, 73, 177, 177
cartas de Amarna, 135, 135, 136, 136, 137, 139, 145, 146, 156
cartas de Mari, as, 114, 118, 132, 136, 154
casa de gelo, 118
casamento em massa entre gregos e persas,
cassitas, 96, 132, 134, 139, 140, 141, 192, 201; cavalaria, 36, 179, 194, 195
Catar, 52, 111
Catara, 108
Cemitério Real de Ur, 84, 84, 86, 92, 92-3, 103
Fosso do Dilúvio 101, 102; Grande Fosso da Monte, 86; Sepultura do Rei, 85, 122; Túmulo da rainha Puabi, 123, 123, 152, 195
cemitérios, 65, 72, 80, 84, 88, 92, 103, 103, 111, 119, 144, 147, 149, 164, 180, 181, 202
Ebla, 128; Marlik, 126; Sadad, 103; Ur, Cemitério Real de, 92- 3, 101-2
centauro, 170
centros de peregrinação, 57, 63
cerâmica, 14, 19, 38, 39, 42, 46, 47, 47, 84, 98, 126; Neolítico Acerâmico, 35; Susiana Arcaico, 45; cilindros para decoração mural, 45; desenvolvimento de estilos, 38, 90 (*vide* também seqüência de cerâmica); Transcaucásico Inicial, 80; louças de Eridu, 53; uso inicial de recipientes de cerâmica, 25; panelas vidradas, 150; louça cinzenta da I Idade do Ferro, 148; Hajji Muhamad, 53, 155; Halaf, 39, 48, 51, 58; Hasanlu, 72; Hassuna, 39, 45; Jemdet Nasr, 67, 68; louça de Khirbet Kerak, 82; fornos, 48; Uruk Final, 67, 68; Susiana Médio, 55; micênica, 146; Nagada II, 68; ninivita 5, 80; palestina, 82; pré-histórica, 24, 47; proto-hassuna, 47; vermelha de Barbar, 111; Samarra, 39, 48; Louça Escarlate, 79, 79, 80; Ubaida, 39, 44, 53, 55, 122; urartiana, 173; Uruk, 56, 58, 67; louça branca, 35, 37, 47
cereais (grãos) 27, 27, 42, 70; carbonizados, 65; como moeda, 29, 84, 89, 111, 121; aclimatados e. silvestres, 27, 29, 29; cevada, 18, 24, 29, 33, 46, 47, 48, 49; cevada silvestre, 27, 33; milho, 18; arroz, 18; trigo, 18, 24, 29, 46, 47, 48, 49; trigo, einkorn, 27, 29, 33, 46, 47, 48, 49; trigo, emmer, 28, 29, 33, 46, 47, 48, 49
cerveja, 70, 79
elaboração, 126
Chagar Bazar, 80, 118
Chatal Huyuk, 30. 34. 43. 44. 44. 45. 46. 47. 48, 58, 71, 74, 154
Chayonu, 33, 35, 42
Childe, Gordon, 56
relatórios arqueológicos, 56
China, 25, 86
Chipre, 136, 145, 146, 147, 147, 176, 177, 182, 212
Choga Mami, 48, 56, 58
Choga Mish, 65
Choga Zanbil, 143, 144
Ciaxares, 198, 199, 202, 203
cidades, estabelecimentos de, 19, 40, 58, 69
religião como motivação, 74
cidades-Estados, 68, 78, 79, 82, 89
gregas, 214
civilização de Harappa, 98, 110, 111, civilização do vale do Indo, 110 clima, 22, 23
intervenção humana, 22, 23; técnicas para identificar o anterior, 23
Cilícia, 19, 135, 137, 158, 165, 167, 180, 191, 202, 214
cilindros, argila, 99
cimérios, 180, 182, 189, 191, 202
Ciro de Anshan, 203, 203
Ciro, o Grande, 201, 203, 203, 204, 206, 210, 210, 212, 213, 215, 222
tumba de Ciro, 205, 206
Ciro, o Jovem, 213, 214
citas, 189
Cítia, 207
cobre, 46, 47, 68, 80, 85, 87, 98, 120, 126, 195, 202
ligas, 35, 71, 72, 91, 113, 126; vazado, primeiro, 44; Montanha de Kimash, 99; mineral, 78; comércio, 35, 110, 111; utensílios, 42, 47, 72, 88, 114, 145, 147, 176
códigos jurídicos, 102, e *vide* Hamurábi
Colman, Samuel, 222
colônias, 63, 66, 67, 72, 176
egípcias, 82; *vide* também colônias comerciais
comércio 33, 34, 35, 38, 40, 47, 51, 53, 59, 63, 66, 79, 82, 84, 89, 108, 114, 119, 123, 144, 119, 144, 150, 158
de tecidos 110, 111, 113; de grãos 111, 145, 147; de metais 34, 63, 110, 111, 113, 145, 147; de pedras preciosas, 63, 66, 70, 111; de pedra, 34, 63, 110; de madeira, 34, 65, 99, 103, 145, 147, 176; de vinho, 145, 147; assírio com a Anatólia, 113, 114; declínio do império comercial do Uruk Final, 78; egípcio 103; marítimo, 98, 103, 146, 147; colônias comerciais, 66, 67, 72, 112, 113, 114, 144, 148; rotas comerciais, 98, 112, 167, 182
Commagene, 176
contrabando, 113
cordilheira de Hejaz, 21
cordilheira de Carmelo, 27, 103, 133, 134, 135
cosméticos, 43, 84, 130
crânios, 28, 32, 33, 34, 45, 181
Creso, 202, 203, 204
"conta de Mari", 85, 86, 89
contas, 28, 84, 85, 86, 89, 98, 111, 150, 183
contas de Harappa, 111
cozinha, 27, 56, 126, 128, 129
Crônicas Babilônicas, 112, 148, 159, 180, 188, 189, 201, 203
cronologia, 123
assíria, 136, 175; egípcia, 123, 136, 175; baixa, média, alta, 123; problemas com a, 96
Ctésias, 213
cultura de Godin III, 148
cultura de Ubaid, 36, 39, 51, 53, 54, 56, 58, 59, 62, 63, 64, 79, 81, 87, 101, 104, 150, 152
cultura gawra, 66
cultura hafit, 68
cultura halaf, 39, 42, 48, 49, 53, 58
cultura ninivita, 5, 78, 88
cultura proto-elamita, 68, 78, 88
cultura transcaucásica inicial, 82, 88, 108
cultura zarzia, 29
Cunaxa, 213, 214
cuneiforme, sistema de escrita, 14, 70, 73, 82, 83, 87, 124, 125, 135, 136, 137, 143, 147, 150-1, 152, 158, 173, 189, 215
cuneiformes, textos, 82, 83, 87, 124, 135, 143, 147, 148, 150-1; 150-1, 152, 152, 172, 174, 191; acádicos, 136, 151; assírios, 148; babilônicos, 148, 152, 206; elamitas, 78, 143, 206; normalização camita de textos, 142; antigo persa, 151, 152, 153, 206, 207; sumérios, 86
Cunningham, A., 220
Dadusha, 116, 121
Dagan, 97, 146
Damasco, 89, 133, 136, 145, 158, 165, 176, 180
dança, 28
Danuna ,176
Dardanelos, 213
Dario I, 152, 154, 198, 202, 204, 206, 207, 209, 210, 210, 211, 212, 214, 215, 216, 218
Dario II, 213, 215
Dario III, 214, 215
Dario, filho de Xerxes, 213
datação por anéis de árvores, 14, 15
datação por grão de pólen, 23
datações por carbono 14, 14, 15, 16, 40, 56, 58
Dayyan-Assur, 174
Degirmentepe, 56
Deh-i No, 142
Deiocos, 182
Demavand, monte, 20
demônios, 76
dendrocronologia, *vide* datação por anéis de árvores
deportações como tática militar, 179, 182, 194, 195, 198, 199, 212
depósitos e inscrição de fundações, 62, 98, 112, 159, 166, 184, 202, 202, 211, 212
Der, 108, 125, 148, 179, 180
Derbend-i Gawr, 99
desertos, 19, 22
árabe, 22, 108; Dasht-i Kavir, 20, 66, 78; Dasht-i Lut, 20, 78; jordaniano, 19, 82; da Judéia 34; da Síria, 19
"deusa do nascimento", 44, 44, 45
deuses, 66, 74, 76, 82, 83
reis com *status* divino, 98, 102; símbolos, 76, 175, 99; deuses, assírios, 148; elamitas, 142-4; hurritas, 150; indoarianos, 140; cassitas, 140; persas, 219; sumério-babilônio, 201; sumério-acádico, 89
deveres religiosos dos reis, 146, 161
Dez Mil Imortais, 219
Dilmun (Bahrein), 84, 97, 98, 110, 111, 113, 182, 188
Dilúvio, o, 82, 84, 101, 191
dinastia amorita da Babilônia, 123, 192
dinastia caldéia, 198, 198
dinastia de Agadé, 90, 96, 100, 103, 108, 112; *vide* também Sargón I, 11
dinheiro, grão como, 29, 84, 121
Diyarbakir, 98, 158
do Khosr, 187
do Ulai, 148, 191
dotes, 136
dragões, 192, 193
Drehem, 102
Dudu, 99
Dugdamme, 191
Dumuzi, 83, 84
Dur-Kurigalzu, 136, 141, 141, 144, 148, 176
Dur-Sarrukin, 105, 148, 153, 180, 182, 184, 184, 185, 186
templo de Nabu, 184
Dur-Untas-Gal, 143
Dur-Untas-Napirisa, 144
Dur-Yakin, 182
Dusbara, 102
Duweir, al-, Tell, 185
Ea, 74, 76, 77, 83, 110, 201
Eanatum, 88
estela de, *vide* Estela dos Abutres
ébano, 160
Ebi-il, 90
Ebla, 14, 82, 87, 89, 97, 98, 103, 128
palácio ocidental, 86, 128

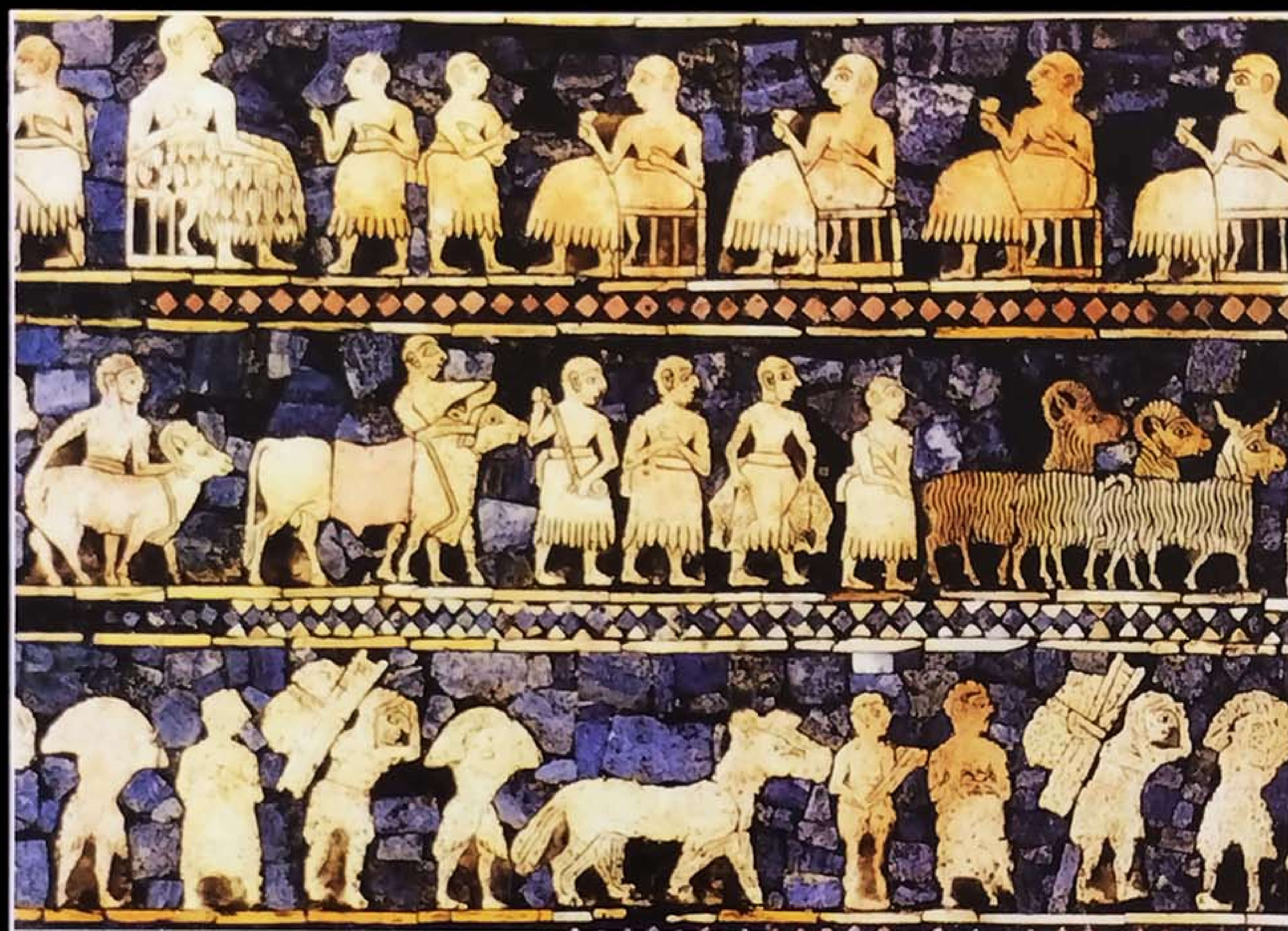
eclipses, 14, 124, 124, 136, 175, 189, 202
Edito de Ammisaduqa, 123
Edom/edomitas, 158, 176
Éfeso, 202, 205
  Templo de Artemisa, 202
Egito, 37, 67, 68, 82, 86, 89, 104, 111, 117, 118, 120, 132, 133,134, 135, 136, 139, 144, 145, 146, 147, 156, 157, 165, 175, 180, 182, 185, 189, 190, 191, 194, 198, 199, 202, 203, 203, 206, 207, 212, 213, 214, 214; Antigo Reino, 103; Novo Reino, 132; 12ª. Dinastia, 118, 119; 17ª. Dinastia, 132; 18ª. Dinastía, 132, 136, 144; 19ª. Dinastía, 144, 20ª. Dinastía, 158; 22ª. Dinastía, 158; 25ª. Dinastia, 189; delta egípcio, 23, 68, 132
ekal masharti (palácio de exposições), 171
Ekallatum, 108, 114, 116
elamitas, 96, 97, 99, 103, 100, 112, 113, 121, 124, 130, 139, 142, 144, 148, 149, 195, 199, 203, 207, 210, 211
  modelo de sucessão, 149
Elão, 68, 70, 78, 88, 97, 99, 100, 112, 113, 121, 124, 130, 139, 142, 144, 148, 149, 195, 199, 203, 207, 210, 211
Elburz, 20, 78
elefantino, 206
Ellipi, 174
Elteke, 185
Emar, 133,
Emirados Árabes Unidos, 52, 111, 122
Emutbal, 112
Enanatum, 1187
Enbi-Istar, 96
En-Gedi, 68
Enheduanna, 97
Enki, 53, 55, 83, 84, 110
Enkidu, 84
Enlil, 76, 81, 83, 89, 108, 148, 201
  templo de Nippur, 81, 97
Enlil-bani, 112,189
Enlil-nadin-sumi, 148
Enmebaragesi, *vide* Mebaragesi
Enmerkar, 84
En-nigaldi-Nanna, 199
Ennirgalanna, 100
Enshakusana, 96
ensi (governador), 82, 102
Entemena, 89
enterros, 25, 30, 32, 33, 34, 44, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 56, 65, 80, 84, 86, 128, 137, 144
  montículos funerários, 98, 111, 180, 202; sacrifícios humanos 92; *vide* também cemitérios, objetos funerários
entu-sacerdotisas, 97, 100, 103, 112, 201
Epih, 149
Epopéia da Criação babilônica, 51, 82, 191, 201
Eresh, 110
Ergani Maden, 35
Eridu, 36, 53, 54, 56, 62, 65, 72, 82, 83, 84, 86, 87, 100, 121, 122
  cemitério, 72; zigurate, 104
Erisum I, 112,114
erosão do vento, 15
Erra-imitti, 112
Erzincan, 171
Esagila, 199, 201, 202
Esaraddon, 72, 162, 188, 189, 190, 191, 198
escravos, 83, 121, 198, 212
  wardum, 121
escribas, 96, 102, 150, 178
  femininos, 118; cassitas, 142; listas de escribas, 70, 89, 124, 137, 140, 151; escolas, 81; tradições, 142, 191, 215
escrita, 19, 42, 58, 68, 69, 70, 70, 71, 78, 80; deusa da, 83; inventada por Emmerkar, 84; números, 65, 70, 124; *vide* também alfabeto, cuneiforme, hieróglifos, tabuinhas
Esdraelon, 133, 133
esferas de argila oca selada, 63, 64, 69, 70
esfinge, 156
Esnunna, 75, 103, 108, 110, 111, 112, 114, 116, 120, 121, 121, 148; palácio, 114; templo quadrado, 79, 79, 80
espiões, 182
espíritos, 76
Espum, 98
esqueletos do Neanderthal, 30
esqueletos, 16, 80, 84, 142, 143, 173, 180
  Neanderthal, 30
estela da caça do leão, 68, 71
Estela da Vitória de Naram-Sin, 99, 100, 148
Estela dos Abutres, Girsu, 88, 88, 99, 194
estelas, 68, 88, 88, 97, 99, 99, 100, 142, 144, 146, 148, 154, 158, 159, 164, 175, 175, 178, 182, 189, 192, 201
estilete, cana, 70, 151
estilo intercultural, 78, 78, 88
Estrada do Rei, 133
Estrada real (Sárdis-Susa), 212
Estreito de Gibraltar, 177
Etemenanki, *vide* Babel, Torre da Europa, 117, 180, 213, 215
xodo, 146
Ezequias, 185
Ezequias, 198
fabricação de perfume, 126
Failaka, 110, 111
Fakhariyeh, al-, Tell, 134, 135
fantasmas, 76
Fara'in, el-, Tell, 68
Fars, 68, 78, 88, 103, 149, 203
Fenícia, 158, 161, 164, 176, 177, 177, 185
  frota fenícia, 167, 177; primeira inscrição fenícia, 177; fenícios, 122, 212
ferramentas, 25, 27, 34, 47, 56, 72, 129, 150, 164; sovelas, 28; berbequim de violino, 72; cinzéis, 65, 80; enxadas, 54; facas, 30, 68; almofariz e pistilo, 28; agulhas, 28; alfinetes, 28; foices, 28, 35, 129; *vide* também armas
ferro, 72, 80, 129, 150
  utensílios, 129; armas, 194
festa babilônica do Ano-Novo, 75, 178, 182, 190, 198, 201, 206
  templo *Aakitu*, 193, 202
Filistéia, 146, 185
  filisteus, 158
fornecimentos de água (civis), 110, 112, 143, 185, 185, 187
Fortaleza de Sargão, 182, 184, 184
Forte Shalmaneser, 157, 162, 171
fortificações, 173, 194, 195; muralhas da cidade, 82, 84, 144, 158, 160, 162, 185, 187, 199; fossos, 198, 199; palácios, 182, 182, 218, 218; armazém, 183; cidades, 82, 144, 148, 149, 172, 184; arquitetura militar urartiana, 170
Fosso pré-histórico de Nínive, 80
Franks, A., 220
Frayne, Douglas, 108
Frígia, B, 180, 181, 181, 191
frígios, 144, 146;
frotas, 212, 213
frutas,
  maçãs, 29; figos, 29; uvas, 89; melões, 29; peras, 29
fundações com planta de favos, 33
Gades, 177
Gambulu, 182
Ganj Dareh, 34, 35, 42, 45
Gaugamela, 214
Gaumata, 207
Gawra, Tepe, 54, 56, 66
  Casa Redonda, 66
Gaza, 136, 176, 180
Gebel el Arak, cabo de faca de, 68
geografia da região, 19
geologia, 19
  em arqueologia, 14
Gesso, 21, 32, 33, 35, 42
Gestinanna, 100
Gezer, 136, 146, 158
Gilgamesh, 62, 76, 84, 98, 184; Epopéia de, 84, 137, 191
giparu (residência da *entu*-sacerdotisa em Ur), 101, 201
Girsu, 82, 83, 88, 88, 91,99, 100, 100, 103, 112, 121, 194
Girtab, 100
Gobryas, 207, 212
Godin Tepe, 66, 82, 88, 182, 183
Golfo Pérsico, 19, 21, 56, 68, 78, 78, 84, 89, 97, 98, 108, 110, 111, 122, 142, 149, 154, 176, 182
Gomorra, 222
Gondwana, 19
Górdio, 180
Gordium, 180, 181
  Túmulo de Midas, 181
Grande Zab, 160
Grécia, 146, 213
gregos, 177, 203, 204, 212, 215, 222
  cidades-Estados gregas, 214; lendas, 175, 180; fontes, 152, 179; *vide* também Heródoto
Griffiths, D. W., 222
Grotofend, Georg, 152
gruta de Shanidar, 30
Gubba, Tell, 80, 203
Gudéia, 74, 91, 99, 100, 100, 110
Guerra de Tróia, 180
guerra, 33, 36, 37, 66, 84, 85, 88, 89, 93, 99, 103, 112, 117, 127, 148, 149, 164, 165, 166, 179, 194, 198, 213; cavalaria, 167; prisioneiros, 83, 99, 103, 130, 133, 135, 142, 145, 148, 159, 161, 164, 167, 179, 181, 185, 185, 194-5, 202, 212; no mar, 212; cerco, 127, 166, 185; *vide* também deportações, escravos, tortura, armas
Gula, 74
Gungunum, 110, 111
Gurdi, 182
Gurgum, 176
Gutio, 96, 204
  gutis, 99, 100
Guzana, 157, 161, 167, 175
Gyges, 191, 202
Habuba Kabira, 66, 166
Hacilar, 33, 43, 46, 47
Hadad-eser, 158, 165
Haft Tepe, 142, 144
Hajji Muhammad, 51, 53,58
Halab, 133
Halaf, Tell, 51, 157
Haldi, 172, 182
  Templo de Musasir, 170; "Portas de Haldi", 172
Halman, 149
Halule, 188
Halys, R., 202
Hama, 82, 129, 180, 198
Hamadã, 78, 174, 182, 184, 203, 206, 212, 215
Hamani, 195
Hamath, 165
Hamurábi, 96, 110, 112, 114, 116, 116, 119, 120, 121, 121, 123, 132, 192; Código de Hamurábi, 99, 120, 121, 121; cartas, 121
Hana, 123
Hanbi, 77
Hanigalbat, 132, 145, 159
Hapiru, 117, 133, 136
Harbe, 140
Haridum, 108
Hariri, Tell, 115, 119
Harpagus, 204
Harran, 198, 199, 201, 201
Hasanlu, 173
Hasanoglan, 117
Hassek Huyuk, 67
Hassum, 108
Hassuna, Tell, 39
Hatsepsut, 133
Hatti, 114, 135, 136, 139, 146
Hattusilis I, 114, 144, 146
Hattusilis III, 150
Hatusa, 113, 114, 137, 139, 144, 161, 180, 202; Grande Templo, 145; Porta do Rei, 145; Cidade Inferior, 145; Cidade Superior, 144
Hayonim, 29
hazarapat (grande vizir), 213
Hazor, 118, 136, 158
hebreus, 117, 136
Hepa, 108, 146
Heródoto, 104, 177, 182, 185, 189, 191, 102, 199, 202, 203, 206, 207, 209, 212, 213
hieróglifos, 120, 137, 146, 150; hitita, 151, 158, 160; luviano, 114; fenício/hitita, 158; pictórico para inscrições, 151
hititas, 103, 114, 132, 134, 135, 137, 137, 139, 139, 140, 144, 145, 146, 147, 151, 161, 178, 189, 192
  reino hitita, 149, 158; império hitita, 160, 180; panteão, 137, 138
horóscopos, 124
Horus, 118
  ossos de animais, 14, 29, 30, 33, 36, 46, 47, 62, 128
  como base para modelos, 44, 45
Humbaba, 76, 84
Humban, 144
Humban-Haltas III, 191
Humban-nicas, 1180
Humban-numena, 142
Humri, 175
Hunusa, 185
Hupsen, 142
hurritas, 96, 108, 114, 132, 133, 136, 141
Huteludus-Insusinak, 149
Hutran, 144
Hyksos, 120, 132
Hystapes, 207
Ibal-pi-El, 110, 116
Ibbi-Sin, 103, 108, 114
Ibbi-zikir, 89
Ibgal de Innama, Lagash, 87
Ibni-Adad, 114
Ibrium, 89
Idade do Bronze, 150, 176
  Bronze Inicial, 78, 82, 103, 117
  Bronze Médio, 87, 11, 120, 134
  Bronze Final, 120, 134, 180
Idade do Ferro, 148, 150
Idade do Gelo, última, 19, 20, 21, 23, 27, 29
Idade Obscura, 158
Idamaraz, 116
ídolos-"olho", 66, 67
Idrimi, 132, 132, 133, 135
Iêmen, 21, 153
ieminitas, 117
Ige-halki, 142
Igigi, 99
Ikunum, 112
Ila-kabkapi, 114
ilhas,
  Caria, 204; Failaka, 98; Jônia, 204; Lade, 212; Lícia, 204; Samos, 213; Tarut, 78
Ilshu-iliya, 114
Ilu-summa, 112
Imdugud, 89
Imgur-Enlil, 116, 171, 174
Imi, 99
Império Assírio, 140, 152, 203
impostos, 58, 61, 113, 114, 121, 181, 189, 206, 212
  bala, 102, 102; *gun mada*, 102, 102
Inanna, 71, 75, 76, 78, 81, 83, 84, 88, 97, 100, 110, 141, 149, 191
  Templo de Nippur, 90; *en*-sacerdote de Uruk, 100
Indar/Indras, 137
Índia, 25, 72, 111, 111, 137, 156
Índias Orientais, 123
indo-europeus, 114
indústria, 110, 121, 150
  regiões industriais, 114
informe arqueológico da Índia, 220
insetos,
  moscas, 36; gafanhotos, 117
Instituto Oriental, Chicago, 218
instrumentos musicais,
  tambores, 71; alaúde, 72; liras, 85, 86, 92, 152
Insusinak, 144, 149, 150
Ipiq-Adad II, 114
Irã, 19, 20, 22, 31, 34, 35, 42, 46, 49, 62, 63, 66, 70, 72, 78, 82, 97, 99, 111, 132, 137, 140, 148, 164, 170, 173, 173, 175, 182, 198, 203, 204, 210
Iraque, 28, 29, 33, 34, 39, 48, 49, 53, 54, 56, 66, 68, 69, 73, 122, 154, 170, 173, 184
Irhuleni, 165
Isaías, 222
Isbi-Erra, 103, 108, 110, 112
Ischali, Tell, 77, 111
Isin, 103, 108, 108, 110, 111, 121, 121, 141, 148, 189; 1ª. Dinastia de, 112; 2ª. Dinastia de, 149; período Isin-Larsa, 108, 108, 111, 121
Islã, 215
Isme-Dagan, 114, 116
Ispuini, 172
Israel, 27, 117, 146, 15N 165, 176, 179, 185
  israelitas, 32, 136, 146, 175
Issus, 214
Istar, 74, 76, 77, 83, 96, 97, 110, 117, 136, 149, 162, 175, 182, 186, 201; Templo de Assur, 148; Templo de Mari, 85, 90, 91, 119; Templo de Nínive, 98, 99
Istup-ilum, 119

Isuwa, 137
Ituriya, 114
Ivriz, 181
Jafa, 136
Japão, 38
jardins, 192, 199, 204
Jarmo, 28, 33, 35
Jarra de Warka, 61,71,75
Jawa, 82
Jebel Aruda, 72
Jebel Bisri, 108
Jebel Faideh, 187
Jebel Hamrin, 112
Jebel Sinjar, 112
Jehová, 204
Templo de Jerusalém, 158
Jehu, 179
Jericó, 30, 31, 32, 32, 33, 34, 45, 48, 58, 82
Jerusalém, 118, 136, 158, 158, 185, 188, 198, 201, 204
Templo de Jeová, 158
Jerwan, 185, 187
Jezebel, 158
joalheria, 28, 30, 35, 45, 47, 48, 49, 56, 65, 66, 72, 73, 84, 86, 92, 92-3, 111, 118, 150, 162, 163, 165, 170, 173, 180, 183, 220
Joaquim, 198
Jonas 182, 186
Jordão, 15, 33, 34
Josias 198
Josué 146, 158
Judá 158, 158, 176, 185, 198, 199
judeus, 158, 158, 188, 204, 215, 222
juros em empréstimos, 121
Kabnak, 142
Kadasman-Enlil I, 141, 142
Kadasman-Turgu, 146
Kadmuh, 159
Kahat, 108
Kaiza, 160
Kalhu, 36, 76, 125, 127, 129, 148, 151, 153, 154, 156, 160, 162, 162, 163, 171, 174, 175, 176, 177, 180, 182, 184, 186, 189, 195, 198
Palácio do noroeste, 36, 76, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 195; Palácio central, 177, Templo de Nabu, 162, 175, 175; Templo de Ninurta, 161, 161, 163; *vide* também Obelisco Negro de Shalmaneser III
Kamose, 132
Kandalanu, 191, 198
Kanes, 108, 112, 113, 113, 114, 114
Karahar, 108
Kara-indas (cidade), 148
Kara-indas (rei cassita), 141
Karatepe, 158
Karmir Blur, 171
Karnak, 146, 158
Kar-Shalmaneser, 165, 175
Kar-Tukulti-Ninurta, 148
karum (subúrbio comercial), 113
Karziabku, 141
Kaskas, 137, 139, 145
Kastilias, IV, 142, 148
Kazallu, 111
Kbeit Qasim, 54
Kelisin, 172
Kerman, 78, 88
Kermanchah, 78
Kes, 100
Khafajeh, Tell, 77, 79, 84, 87, 91, 98
Khorsabad, 153, 180, 184
Khuera, Tell, 14, 89, 90
Kidin-Hutran, 148
Kidmuru, 162
Kikkuli, 137
Kilamuwa, 176
Kili-Tesup, 137
Kilu-Hepa, 136
Kindattu, 103
Kiririsa, 144
Kirta, 135
Kis, 69, 82, 83, 84, 86, 88, 89, 97, 111, 111, 198
Kizil Irmak, 202
Kizzuwatna, 135, 137, 139, 145
Kode, 146
Koldewey, E., 152, 192, 199
Kudur-Mabuk, 112
kudurus, 76, 142, 142, 201
Kuh-i Taftan, 20
Kultepe, 113
Kumidu, 132, 136
Kummuh, 176
Kuras, 203
Kurigalzu I, 141, 143
Kurigalzu II, 139, 141
Kus, 189
Kussara, 114
Kutalla, 121
Kutha, 175, 176, 185, 198
Templo de Nergal, 167
Kutir-Nahhunte, 149, 210
Kuyunjik, Tell, 153, 182, 186, 186-7
Laban, 114; *vide* Líbano
Labarnas, 114, 144
Labasi-Marduqoe, 199
Labbana, 148
Labyneto, 202
Lachis, 136, 158, 185
Lagash, 74, 84, 87, 88, 88, 89, 96, 97, 99, 100, 110, 121, 142, 194
Lahamu, 201
Lahmu, 184, 201
Lamashtu, 76
lápis-lazúli, 66, 67, 71, 73, 78, 84, 85, 86, 88, 9, 92, 103, 111, 139, 157
Larak, 84
Larsa, 68, 83, 100, 108, 110, 110, 111, 112, 112, 120, 121, 121, 201
latão, 180
Layard, Austen Henry, 152, 153, 157, 162, 1 63, 170, 222
legumes, 29, 31
grão-de-bico, 27, 49; lentilhas, 27, 29, 33, 47, 49; ervilhas, 27, 29, 47; ervilhacas, 29, 33, 49
Leilan, Tell, 89, 114
lendas, 84
Levante 27, 30, 33, 35, 42, 43, 82, 103, 118, 123, 132, 133, 134, 136, 137, 137, 144, 146, 151, 151, 156, 158, 159, 176, 185, 202
Líbano, 21, 132
Líbano, monte, 159
lídios, 123, 191, 199, 202, 203, 203, 204, 206
limmu (funcionário), 86, 113
listas de *limmu*, 96, 174, 175, 176; anos de *limmu*, 113, 114; *vide* também cronologia
língua suméria, 96, 141
língua ugarítica, 151
língua,
desenvolvimento da, 25; desenvolvimento da língua escrita, 69; acádica, 89, 151, 191; árabe, 151; aramaica, 151, 178; eblaíta, 89; elamita, 203, grega, 151; hebraica, 151, 189; fenícia, 151; semítica, 96; suméria, 96, 151, 203
linho, 28, 48, 49, 89
Lipit-Istar, 121
Lista de Reis assírios, 112, 114, 136
Lista de Reis,
assírios, 112, 114, 136; babilônicos, 140, 179; sumérios, 81, 82, 83, 84, 88, 96, 98, 99, 119
Lista dos Reis babilônios, 140, 179
Lista dos Reis sumérios, 82, 82, 83, 84, 88, 96, 98, 99, 119
Lixus, 177
Liyan, 142, 143, 149
Loftus W. K., 211
Lothal, 111
louça fina, 72, 126, 127, 150
Lubdu, 145
Luca, 145
Lugalbanda, 84, 98
Lugalkignedudu, 89
Lugalzagesi, 89, 96, 97
Lu-Nanna, 120
Luristão, 153, 174
luvianos, 103, 114, 160, 178
Lygdamis, 191
Lytton, Conde de, 221
Macedônia, 214
Madan ou árabes dos pântanos, 51, 85, 122
Madhur, Tell, 54, 55
madrepérola, 71, 78, 86
Magan, 97, 98, 99, 110
Maghzaliyeh, Tell, 33, 35, 82
magus (sacerdote medo), 207
Mahallata, 160
Mainz, 222
Maittani, 132, 135; *vide* também Mittani
Maiza, 160
Málaga, 192
Malatia, 132, 146, 158. 176
Malgium, 111, 121
Malyan, Tell, 66, 78
maneus, 173
Manistusu, 97, 98, 11
Mannéia, 182
manuscritos do Mar Morto, 201
mapa babilônico do mundo, 125
Mar Cáspio, 19, 20, 22, 126
Mar da Galiléia, 27, 82
Mar de Tétis, 19
Mar Egeu, 146, 212
Mar Inferior, *vide* Golfo Pérsico
Mar Mediterrâneo, 19, 34, 48, 56, 63, 89, 97, 108, 122, 146, 147, 149, 155, 159, 176, 177, 177
Mar Morto, 19, 20, 21, 28, 33, 34, 68, 71
Mar Negro, 19, 213, 214
Mar Superior, *vide* Mediterrâneo
Mar Vermelho, 19, 21, 34, 158, 177, 210, 213
Marad, 100, 111, 148
Maratona, 212
Mardikh, Tell, 14, 87, 87, 89
Mardônio, 212, 213
Marduque, 199
Marduque, 73, 76, 82, 83, 104, 148, 149, 192, 142, 193, 201
Marduque-apla-iddina II, 182, 185
Marduque-apla-iddina, 178, 179
Marduque-balassu-iqdi, 175
Marduque-bel-usate, 167
Marduque-zakir-sumi, 165, 167, 171, 174, 175
marfim, 37, 66, 67, 72, 76, 111, 134, 156, 156, 157, 160, 162, 170, 180
fenício, sírio, 196
Margiara, 207
Marhasi, 97, 103, 142
Mari, 73, 75, 82, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 96, 97, 100, 103, 108, 113, 114, 116, 116, 117, 119, 119, 121, 121, 123, 192
Templo de Istar, 85, 90, 119; Templo de Samas, 74; palácio, 103; Tesouro de Ur, 85
Marísimas (regiões dos pântanos), Dinastia, 101, 123, 140, 142, 198
Marlik, 126
marroquinaria, 126
curtição, 126
Martu, 120
Marutas, 140
maryannu (nobres), 135, 137
Maskan-sapir, 112
matemática, 124, 191
textos de tabelas, 124; textos de problemas, 124
matrimônios diplomáticos, 100, 102, 103, 135, 136, 139, 141, 145, 146, 167, 189, 199, 202, 207, 213
Mebaragesi, 84, 96
Média, 174, 182, 199, 202, 204, 206, 207, 213
medicina, 117, 124, 137, 189, 191
doenças, 46, 124, 189; curandeiros, 124
medos, 98, 137, 148, 173, 174, 182, 183, 186, 186, 191, 198, 201, 202, 203, 203, 220
Meguido, 118, 120, 133, 133, 136, 158, 198
mel, 175
Melanésia, 86
Melisipak I, 148
Melisipak II, 142
Mellaart, James, 44
Meluhha, 97, 98, 99, 110, 189
membros de tribos nômades, 117, 123, 136, 206
Mênfis, 189, 190, 191
Menua, 172, 173
Merneptah, 146
Merodach-baladan, *vide* Marduque-apla-iddina II
Merytaten, 139
Mesalim, 89
Mes-Anepada, 84, 85, 86, 87
conta inscrita, de 85, 86, 89
Meskalamdug, 84, 86, 92
elmo dourado, de 98
Mesopotâmia
descoberta da, 152, 152-3, 222; do N., 20, 21, 63, 66, 70, 103, 116, 132, 137, 150; do S., 23, 42, 51, 63, 65, 72, 88, 110, 111, 112, 132
Meswes, 146
Me-Turnat, 149, 167
Micale, 213
Midas, 180, 181, 181
túmulo, Gordion, 181
Mileto, 212
Milid, *vide* Arslantepe
Minet al-Beidha, 147, 147
Mirizir, 140
Mison, 202
mitos, 28, 77, 84
ugarítiros, 147; hurritas, 173
Mitra (Mithras), 137
Mitrasil, 137
Mittani, 132, 132, 134, 134, 135, 136, 137, 139, 145, 146
Moab, 158, 176
moeda, 202, 202
grão como, 29, 84, 89, 111, 121
moedas, 202, 202, 220
Moisés, 96
mongóis, 137
Montanhas de Asir, 21
Montanhas de Tauro, 19, 20, 21, 23, 113, 113, 114, 158, 167, 182
Montanhas do Cedro, 62, 99
Montanhas do Ponto, 20
Monte Muli, 167
moradas,
domésticas, 47, 48, 49, 56, 61, 129 retangular, 47, 49; de cana, 51, 69; redondas, 28, 30, 49, 51, 82
mosaicos, 33, 74, 85, 86, 86, 87, 92, 150, 180; cones de argila, 61, 62, 63, 66, 67, 68
Mossul, 152, 153, 186
Muhammad, Tell, 140
Mukis, 133
mulheres, 44, 45, 84, 91, 103, 118, 129, 130, 139, 161, 175, 180, 199, 207, 213, 220; prisioneiras, 135; médicas, 118; músicos, 135
Muqayyar, al-, Tell, 101
muralha meda, 199
Mureybet, Tell, 33, 34
múrice, 145, 147, 176
Mursilis I, 87, 114, 132
Mursilis II, 137, 139
Musasir, 170, 172, 182
Templo de Haldi, 170
Museu Britânico, 220
Museu Vitória e Alberto, Londres, 221
Muski, 146, 149, 150, 180, 182
Musri, 37, 175
Muwatallis II 137, 146
Nabônido, 97, 199, 201, 203, 204
museu, 201; "oração", 201
Nabopolassar, 192, 198
Nabu, 74, 149, 184, 198, 201
templo, Borsippa, 167; templo, Kalhu, 162, 175, 175
Nabu-apla-iddina, 167
Nabucodonosor I, 76, 149
Nabucodonosor II, 192, 192, 193, 198, 198, 199, 201, 202
Nabu-kudurri-usur, 198
Nabu-nasir, 176, 178
Nabu-suma-ukin 1167
Nahal Hemar, 29, 34, 35, 45
Nahal Mismar, 68, 71, 72, 126
Nahal Oren, 27, 29
Nahhunte, 144
Nahkalb, 144
Nahrin, 132, 135
Nairi, 149, 172
Najafehabad, 182
Nanna, 75, 83, 97, 101, 110, 112
Templo em Ur, 101, 110
Nanum, 99
Napata, 189
Napirasu, 143
Naqsh-i Rustam, 213, 218
Naram-Sin, 89, 97, 98, 99, 102, 110, 112, 114, 116, 198
"Contos de", 137
Nasattyana/Nasatya, 137
Nawar, 108
Nebi Yunus, Tell, 185, 186
Necho I, 190, 191
Necho II, 177
Nefertíti, 139
Nemrik, 34,45

Nergal, 108
templo de Kusa, 167
Nergal-eres, 175
Nergal-sar-usur, 199
Neribtum, 111
Templo de Istar Kitium 111
Neriglissar, 199
Nesa, 114
nesili (dialeto hitita), 114
Neve Noy, 68
Niebuhr, Carsten, 218
Nimrud, Tell, 152, 153, 156, 160, 162, 162-3
Nina, 82
Ninbanda, 86
Ningal, 100, 101
Ningirsu, 82, 83, 88, 88, 89, 99
templo, Girsu, 99
Ninhursag, 86
Nínive, 36, 37, 39, 66, 80, 98, 108, 112, 121, 121, 124, 126, 130, 139, 140, 150, 151, 152, 153, 155, 160, 162, 174, 175, 182, 184, 185, 186, 186-7, 188, 190, 191, 198, 203
Templo de Istar 98, 99; Porta de Nergal, 187; Palácio do norte, 36, 37, 152, 155, 186, 186, 195; Palácio de Sennarcherib, 127; Palácio do sudoeste, 130, 150, 186, 191, 195
Ninlil, 83
Ninurta, 89, 162
templo, Kalhu, 161, 161, 163
Nippur, 51, 53, 59, 65, 82. 83, 89, 98, 102, 103, 104, 108, 110, 112, 121, 141, 142, 148, 178, 201
escola de escribas, 81; Templo de Enlil, 81, 97; Templo de Inanna, 78, 81, 90; zigurate, 104
Niqmepa, 37, 135
Nisibin, 159
nível do mar, mudança, 20, 23
Niya, 132, 134
Noé, 84
nômades sutus, 112, 117, 136, 146
nomes hurritas, 136, 141
nomes-anos, 102, 110, 112
nozes,
bolotas, amêndoas, pistaches, 29
Núbia, 132, 133, 189, 189
números, 67, 125
anotação da posição (o valor de lugar), 125
Nur-Adad, 112
Nush-i Jan, Tepe, 182, 182, 183-4, 183-4, 202
Nusku, 74, 144
Nuzi, 108, 133, 134, 135, 136, 141, 149
Obelisco de Rassamm Kalhu, 125, *vide* Obelisco Negro de Shalmaneser III
Obelisco negro de Shalmaneser III, Kalhu, 37, 174, 175
objetos funerários, 46, 47, 48, 56, 65, 66, 67, 72, 80, 84, 103, 111, 117; *vide* também joalheria
obsidiana, 20, 34, 35, 47, 48, 51, 78, 85, 126
trabalho em obsidiana, 126
Omã, 21, 68, 97, 98, 98, 110, 111
Omri, 158, 175
Ópis, 148, 204
Oráculo de Delfos, 202
oráculos, 187, 189
Otanes, 207
ouro, 89, 103, 113, 139, 159, 160, 170, 202, 220
conta de ouro, 66; ornamentos, 72, 92; recipientes, 92; folha, 103
paisagem, 20
Palácio Sem Rival, 186
palácios, 86, 143, 143, 149, 160, 162, 173, 173, 212, 213, 214; arquitetura, 86, 86, 87, 141, 146, 161, 162, 171, 212; assírios, 87, 149, 150, 152, 160, 222; vida, 108, 114, 117, 118, 161, 173; persas, 155, 212; *vide* tambem localizações individuais
Palegawra, 29
Palestina ,21, 24, 27, 33, 42, 67, 68, 82, 118, 120, 126, 133, 134, 136, 146, 158, 158, 185, 198
período de Kebaran na, 27
Palil-iris, 175
pântanos do Sol do Iraque, 185
pântanos, 19, 20, 51
papiro, 151, 198, 215
Papsukkal, 110
Paquistão, 220
Parisatis, 213
Parrattarna, 132, 133
Parsua, 173, 174, 203
Pártia, 174, 207
Pasárgada, 204, 204-5, 206, 213, 221, tribo 207
pássaro de Anzu, 89
Pazuzu, 76
pedernal, 14, 28, 34, 78, 195; trabalhos em pedernal, 15, 25, 126
peixes e mariscos, 23, 36, 110
caranguejos, 36; golfinho, 149; mexilhões 29; narval, 149
Peleset, 146
Pella, 136
Pelúsio, 206
Pepi I, 89
pergaminho, 198, 215
período (gerzeano) de Naqada II, 67, 68
período acádico, 77; *vide* período de Agadé
período aquemênida, 207, 210, 220, 221; arte, arquitetura, 206-7
período arcaico de Susiana, 43
período assírio, médio, 119, 135, 149, 154, 159, 162, 172
final, 76, 112, 114, 156, 159
período babilônico,
antigo, 77, 88, 90, 96, 98, 121, 123, 140, 142, 198, 198, 210; final 192; neobabilônico, 77, 189
período cassita, 141, 210
período de Agadé, 111, 112; *vide* período acádico
período de Amuq B, 43
período de Banesh, 78
período de Hebaran, 27
período de Jemdet Nasr, 58, 59, 62, 66, 67, 68, 71, 72, 78, 79, 80
período de Natúfia, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34
período de Sosa I (ou A), 65, 72
período de transição de Choga Mami, 48
período de Uruk, 51, 53, 56, 58, 59, 62, 65, 69, 71, 72, 73, 79,83, 87, 123, 143, 186
Uruk final, 66, 67, 68, 70, 78
período dinástico inicial, 59, 62, 68, 70, 75, 76, 78, 79, 79, 82, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 110, 111, 112, 117, 119, 125, 148
período elamita, médio, 150
período epipaleolídico, 24
período islâmico, 28
período neolítico, 27, 28, 33, 34, 35, 74, 126, 154, 154; período neolítico acerâmico, 15, 34, 34, 44; neolítico cerâmico (ou posterior), 42, 47, 70; neolítico pré-cerâmico, 45
período paleolítico, superior, 18, 43
período protoliterário, final, 78
período samarriano, 52
período selêucida, 71,96
pérolas, 111
Persa, Império, 181, 192, 202, 203, 214, 214, 215
persa, período, 152
persas, 65, 137, 141, 148, 154, 173, 177, 198, 202, 204, 212
Persépolis, 68, 123, 152, 155, 203, 204, 205, 212, 212, 213, 214, 215, 215, 218, 218-9, 220, 221
Apadana, 209, 219; Vestíbulo de, 100; colunas, 219; Porta de Xerxes, 219; Pérsia, 123, 152, 193, 201, 203, 206
pesca, 49
pesos e medidas, 78, 102, 103, 111, 113, 125, 147
peso em forma de pato, 103; pesos de estilo harappan, 98, 125
Petra, 27
Pinikir, 142
pintura, composição da, 41
pinturas, gruta, 25; muralha, 34, 43, 47, 62, 63, 103, 116, 117, 148, 154, 161
Pir Hussein, 98
Pirigedena, canal, 88
Pitkhana, 114
placas murais, 88, 99, 143
Place, Victor, 153, 184
Planície de Marv Dasht, 219
Planície de Morghab, 204
Polônia, 72
Portas de Balawat, 152, 166, 166, 171
"povo do mar", 146, 147
prata, 69, 72, 84, 86, 89, 103, 113, 159, 160, 170, 180, 202
barras 183, 202; Montanha, 167; juros padrão sobre empréstimos de, 121; recipientes, 173
pregos,123
prisma de Weld-Blundell, 82
processo de cera perdida, 69, 71, 72, 91, 98, 99, 126, 170
projeto de recuperação da represa de Hamrin, 48, 54
Proto-Neolítico (ou Neolítico Pré-Cerâmico A), período, 24, 28, 30, 31, 32, 33
Protothyes, 189
Pteria, 144, 202
Puabi, 84, 86, 92, 92, 152
Pulu, *vide* Tiglatb-pileser III
Puruskbanda, 97,114
Puzdsh-Dagan, 102, 103
Puzur-Assur I, 112
Puzur-Assur II, 112, 113
Puzur-Inshushinak, 74, 103
Puzur-Istar, 192
Qadesh, 133, 135, 136, 137, 144, 145, 146
Qakestan, Tepe, 64
Qalat Shergat, 148
Qatna, 108, 110, 114, 118, 120, 136
Qermez Dere, 28, 74
Quartar, 158, 165, 180
Que, 167, 180, 181
Qumenu, 172
Rama, 222
Ramad, Tell, 33, 35
Ramsés II, 136, 137, 145, 146
Ramsés III, 146
Rapiqum, 112, 121
Ras al-Ain, 135
Ras Shamra, 147
Rasappa, 175
Rassam, Hormuzd, 152, 166
Rawalpindi, 220, 221
Rawlinson, Henry Creswicke, 152, 152
Razuk, Tell, 80
recipientes de cerâmica,
tigelas de bordos biselados, 58, 65, 66, 67; frascos, 62; jarras de quatro asas, 65, 67; jarras com bicos inclinados, 65, 67, 69; jarras com asas salientes, 67; moldes (para cozinha), 128; jarra, pintada, 112
região de Habur, 89, 98, 114, 159
reino medo, 203
reinos neo-hititas, 158, 160, 161, 176, 192
reis suplentes, 112, 124, 189
Rekhmire, 132
relevos em rocha, 99, 159, 164, 172, 173, 181
relevos em pedra, 98
religião (como elemento de organização social), 19
Rembrandt, 222
répteis e anfíbios,
rãs, 23; lagartos, 23; serpentes, 23, 24, 29, 36, 78, 84, 193; tartarugas de terra, 23, 29; tartarugas do mar, 36, 110
Resef, 147
Rich, Claudius James, 152
Riemchengebäude, 62
Rimah, al-, Tell, 108, 118, 127
Rim-Sin I, 110, 112, 121
Rim-Sin II, 121
Rimush, 97, 98
rio Balikh, 97
rio Danúbio, 207
rio Dez, 143
rio do Diyala,111, 141,167
rio do Habur, 33, 51, 66, 134, 157, 159
rio Eufrates 20, 21, 27, 29, 33, 49, 51, 53, 59, 62, 63, 66, 67, 82, 89, 96, 97, 103, 108, 110, 112, 114, 119, 121, 123, 125, 132, 134, 137, 140, 145, 148, 149, 158, 159, 160, 160, 164, 165, 172, 173, 175, 176, 185, 188, 198, 198, 199, 203, 213, 214
rio Hamrin, 49, 54, 72
rio Indo, 18, 97, 212
vale do Indo, 111, 125
rio Jordão, 133
rio Karkheh, 143, 176
rio Laxartes, 203
rio Nilo, 42, 132, 210, 213
rio Orontes, 108, 118, 132, 133, 134, 137, 144, 146, 158, 165
rio Oxu, 220
rio Pactolo, 202
rio Tibre, 20, 21, 33, 51, 59, 63, 66, 67, 89, 103, 108, 112, 121, 132, 148, 149, 160, 166, 172, 182, 185, 186, 188, 192, 198, 199, 204
rio Uknu, 176
rituais religiosos, 30, 34, 44, 45, 71, 74, 74, 112, 118, 130, 137, 142; *vide* também ritos funerácios, adivinhação
rocha de Bisutum, 152, 206
rodas, 72, 117, 117, 122
romanos, 177
Rota da Seda, 75
roubo, 117
Rusa, 182
Rusahinili, 170
Rússia, 36, 117
Sab'a, 158, 176
Sabá, Rainha de, 158
Sah, 140
Saka, 137
sal, 33, 35, 47, 145, 147
Salamis, 213
Salatiwara, 114
Salomão, 158, 158, 204
Prisão de Salomão, 204
Sam'al, 176, 178, 189, 202
Samaria, 188
Sammuramat, 175
Samsat, 65
Samsu-iluna, 121, 121, 140
Sanada, 158, 158, 179, 180, 199
Sangar, 135
sânscrito, 137
Saqqaca, 72, 104
Sardanápalo, 222
Sárdis, 202, 206, 212, 213
Sarduri I, 172
Sarduri II, 171, 176
Sargão I (de Agadé), 79, 89, 96, 97, 99, 110, 112
Estela de Sargão, 99; "Contos de Sargão de Agadé", 157
Sargão II 97, 97, 153, 160, 170, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 188, 191
Sar-i Pol-i Zohab, 99, 167
satrapias, 212
Sattagydia, 207
Satuni, 99
Saul, 158, 158
Saushtatar, 135
Savalan, monte, 20
Sawwan, al-, Tell, 46, 50
Selêucia, 192
selos cilíndricos, 36, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 82, 84, 86, 100, 117, 122, 128, 150, 154, 194
selos de estampa, 54, 70, 71, 72, 88, 111, 146, 150
estilo do Golfo Pérsico, 98
selos, selagem, 66, 67, 68, 72, 73, 74, 78, 98; reproduções de selo, 89, 129, 135, 137, 194, 203, 203; selo real assírio, 155; *vide* lambém selos cilíndricos, selos de estampa
Senaqueribe, 125, 126, 153, 180, 182, 185, 185, 186, 186, 187, 188, 192, 192, 198
seqüência de cerâmica, 14, 38, 58, 80
Serabit-al Khadim, 150
Serviço Arqueológico Iraniano, 218
serviço militar, 121
Sete Maravilhas do Mundo, as, 192
Jardins Suspensos da Babilônia, 192, 199; muralhas da Babilônia, 192
Sevan, lago, 172, 173
sha reshe (eunuco oficial assírio), 164, 176
rab sha reshe, 179
sha ziqni (principal funcionário assírio), 164
shagin (governador militar), 102
de Ur, 100
Shahdad, 88, 103
Shahr-i Sokhte, 65, 78, 88
Shaikhan, 99
shaknu (governador militar), 103
Shala, 144
Shalatuwar, 114
Shalimahu, 112

Shallalat, 187
Shalmaneser I, 140, 146, 148
Shalmaneser IV, 37, 162, 164, 165, 66, 167, 171, 172, 173, 174, 175, 180
Shalmaneser V, 179, 180
Shamash, 74, 77, 83, 87, 144, 149, 163, 175, 188, 189, 201
templo de Mari, 74
Shamash-resh-usur, 175, 192
Shamash-shum-ukin, 189, 190, 191, 198
Shamshi-Adad I, 198, 112, 114, 116, 116, 118, 119, 119, 121, 142, 148
Shamshi-Adad V, 149, 174, 175, 176
Estela de, 175
Shanshi-ilu, 175
Shar-kali-shard, 96, 99, 108
Sharrum-kin, *vide* Sargão de Agadé
Shattiwaza, 135, 137
Shattoara, 11146
Shattuara, 1145
Shechem, 136
Shekelesh, 146
Sherihum, 98
Shihu, 140
Shilhak-Inshushinak, 74, 149, 210
Shimaliya, 140
Shimron, 136
Shimut, 144
Shipalc, 140
Shiruktuh, 116
Shiwine, 172
Shoshenq, 1158, 158
Shubat-Enlil, 114, 116, 116
Shu-durul, 99
Shu-ilushu, 110
Shulgi, 81, 100, 101, 102, 102, 103, 112, 12r, 201
Shunashura, 135
Shuqamuna, 140
Shuriash, 140
Shuruppak, 83, 84, 96, 98
Shushan, 211
Shusharra, 108, 113, 116
Shu-Sin, 103, 108, 114
Shutruk-Nahhunte, 148, 149
Shuttarna I, 135
Shuttarna II, 136
Shuttarna III, 137
Sialk, Tepe, 66, 78
Sicília, 177
Sídon, 133, 136, 160, 167, 176, 177, 177, 189
Sikanu, 135
Simurru, 108, 136, 180
Sin, 76, 101, 144, 149, 175, 199, 201, 201
Sin-ah-usur, 184
Sinai, 20, 82, 150, 182
Sin-kashid, 112
Sin-shar-ishkun, 186, 198
Sinuhé, 118
Sippar, 76, 83, 84, 97, 113, 140, 148, 151, '176, 185, 198, 199, 204
Síria, 14, 21, 24, 27, 33, 48, 61, 66, 70, 71, 72, 73, 82, 87, 89, 108, 116, 117, 123, 129, 132, 135, 139, 156, 157, 159, 176, 198
sistema de contagem sexagesimal, 124, 125 sistema decimal, 125
sit shamshi (nascer do Sol), 149
Sleimeh, Tell, 72
Smenkhare, 139
Smerdis, 207, 213
Sodoma, 222
Solio, Tell, 47
Songor A, 48, 56
Subartu, 108, 121, 124, 198
Suberde, 43
Sudão, 86
Sugúnia, 172
Suhu, 160, 175, 192
sukkalmah (grande vizir), 142
Sul, 83
Sultan, al-, Tell, *vide* Jericó
Suméria, 53, 66, 67, 70, 81, 82, 83, 87, 88, 89, 90, 90, 96, 102, 108, 112, 142, 176, 201, 204
Sumu-abum, 112
Sumu-la-El, 112
Suppiloliumas 1135, 137, 139, 139, 145, 1 46
Suppiluliumas 11146
Súria, 140
Susa, 63, 66, 68, 70, 72, 78, 88, 90, 97, 98, 99, 99, 102, 103, 108, 110, 120,125, 129, 139, 142, 142, 143, 144, 148, 149, 150, 148, 173, 191, 198, 203, 210, 210, 211, 213, 214, 221
Acrópole, 210, 211; Palácio de Apadana, 210, 210, 211; Cidade dos Artesãos 211; Cidade Real, 211; Templo de Inshunishak, 149, 150, 210, 211; Túmulo de Daniel, 210
Susiana, 63, 66, 68, 78, 139
Syennesis, 202
Szubert, Josef, 223
Tabal, 180, 182
Tabqa Dam, 66
Tabuinhas de Vênus, 123
tabuinhas,
argilas impressas, 14, 65, 66, 67, 68, 70, 70, 72, 74, 3i, 84, 86, 87, 89, 108, 110, 113, 114, 116, 117, 135, 136, 136, 142, 147, 151, 191, 198, 203, 212, 215; Proto-elamita, 78
tabuinhas, ferro, 150
tabuleiros de jogo, 85, 92
Taharqa, 189, 189, 190
Taima, l76, 201, 202
Takht-i Kuward, 220
Tammuz, 83
Tantamâni I, 190, 191
Tarbisu, 198
Tatu-Hepa, 136
Tebas, 72, 132, 133, 190, 191
Grande Templo de Amun, 133
tecidos, 89, 164
linho, 160; fabricação, 126, 130, 145; fiação, 117; tecelagem, 28, 35, 51, 118, 130; lã, 89
técnicas arqueológicas, 14-16, 14-16; análise de sementes e de ossos, 25; série de cerâmica, 56; *vide* também ossos de animais, datações por carbono 14, datações por anéis de árvores
técnicas de datação, 14, 15, 16
sistemas de datação 123; *vide* também cronologia, 158, 159
Teisheba, 170, 172
Teishebaina, 171
Teispes, 203, 203, 207
Telul al-Thalathat, 54
temperaturas globais, 23
Templo de Salomão, 120
Templo Oval de Khafajeh, 84, 91
templos migdoles, 120
templos, 74, 90, 99, 104, 121, 143, 144, 145, 148, 149, 162, 173
arquitetura, 53, 54, 79, 80, 100, 141, 144; arquivos, 83; cerimônias de fundação, 74; rebanhos, 36; coleções de tesouros, 61, 68, 72, 75, 220; Uruk, 62; *vide* também zigurates e t e m - plos designados
Tepejik, 67
Tepti-Ahar, 142
Tepti-Humban Inshunishak, 191
Termópilas, 213
Terqa, 114, 117, 123
Teshup, 108, 146, 172
Tesouro de Oxu, 220, 220-1
Teumman, 91, 191
"textos de execração", 118
Tiamat, 201
Tiglath-pileser I, 140, 149, 150, 153, 154, 158
Tiglath-pileser III, 160, 162, 176, 177, 178, 179, P79, 180, 181, 191
Tijolo de barro (adobe), 14, 16, 30, 31, 32, 46, 48, 49, 52, 56, 65, 68, 82, 84, 182, 187; deus dos tijolos, 81; outros tijolos: louça fina, 150; *riemchen*, 61, 66, 68
Til Barsip, 154, 165, 175, 219
Tile Huyuk, 203
Til-Tuba, 191
Tiro, 133, 136, 144, 158, 160, 167, 176, 177, 189
Tish-atal, 108
Tishpack, 108
Tjeker, 146
Tonni, monte, 167
Toprakkale, 170
tortura, 194
trabalhos em metal, 19, 68, 72, 88, 92, 103, 103, 118, 126, 144, 145, 147, 150, 170, 170; primeiro vazado do cobre, 46; *vide* também metais individuais
Trácia, 207, 212
transporte, 47, 59, 72, 122-3, 126, 179 por embarcação, 35, 51, 59, 72, 75, 122; por carro, 72, 85, 123; por caravana de burros, 113, 114; por mar, 122; por trenó, 122, 123; postos de estacionamento, 179, 181, 212; *vide* também canais
triângulo assírio, 150
tribo Denyen, 146
tribo Lullubi, 99
tribo Shardan, 146
tributo, 58, 61, 148, 159, 160, 161, 161, 164, 165, 167, 167, 171, 175, 176, 177, 181, 182, 206, 212, 221
Tubeidheh, Tell, 72
Tubub, 77, 79, 91
Tudhaliyas III, 137
Tudhaliyas IV, 146
Tukulti-Ninurta I, 74, 140, 143, 148, 154
Tukulti-Ninurta II, 159, 164
Tulaspid, 149
Túmulo do Senhor das Cabras, Ebla, 86, 128
Turquia, 20, 22, 27, 33, 35, 42, 43, 47, 51, 56, 67, 70, 72, 82, 98, 111, 112, 117, 118, 146, 151, 153, 170, 171, 173, 203, 213
turtanu (vizir principal), 184
Tushpa, 172, 173, 176
Tushratta, 135, 136, 137
Tutancâmon, 137, 139, 150
Tutmósis I, 132, 133
Tutmósis II, 133
Tutmósis III, 133, 133
Tutmósis IV, 135
Tuttul, 97, 121, 121
Tuwana, 181
Tyana, 181
Ubaid, Tell, 84, 86
Templo de Ninhursag, 86
Ubar-tutu, 84
Udjahorresn, 206
Ugarit, 82, 118, 120, 135, 145, 146, 146, '147, 147, 151, 155, 176
Ugbaru, 204
Ullusunu, 182
Ululayu, *vide* Shalmaneser V
Umm Dabaghiyeh, 47, 71
Umma, 68, 88, 88, 89, 97, 100, 103, 121, 194
Ummanaldash, 191
Unqi, 176
Untash-Napirisha, 143, 143, 144, 148
Palácio Funerário 143
Untash-Napirisha, A1-, 104, 143,143,144
Uperi, 182
Uqair, Tell, 62, 65
Ur, 20, 39, 51, 53, 54, 68, 84, 86, 88, 89, 96, 97, 100, 101, 101, 104, 104-5, 110, 111, 113, 121, 121, 141, 152, 201
Estandarte de, 92, 93, 194; 3ª. Dinastia, 96, 100, 101, 101, 104, 108, 108, 110, 112, 114, 142, 192, 210; zigurate, 101; *vide* também Cemitério Real de Ur
Urartu, 125, 148, 149, 170, 172, 173, 176, 179, 180, 182, 202
Urbala, 181
urbanização, 58, 65
urigallu (sacerdote), 201
Urkish, 108
Urmia, lago, 20, 172, 173, 179, 182
Ur-Nammu, 81, 96, 100, 101, 101, 102, 104, 104
Estela de, 75, 103
Ur-Nanshe (o cantor), 91
Ur-Nanshe, 88, 88, 110
Urshum, 108
Uruinimgina, 102
Uruk, 37, 53, 56, 59-63, 65, 66, 68, 69, 72, 73, 83, 84, 88, 97, 100, 104, 111, 112, 121, 121, 141, 149, 154, 191, 194, 202
Templo de Anu, 61, 62; complexo do Templo de Eanna, 61-2; Templo do Olho, 66, 68; Templo da Pedra Calcária, 61; Vestíbulo de Colunas, 61, 62; Templo de mosaicos de cones de pedra, 61, 62; Tabuinhas de Uruk, 70, 71; textos, 78; Jarra de Warka, 61, 71, 75; Templo Branco, 62, 63; zigurate, 60
Ur-Zababa, 97
Ushanahuru, 189
Ushukani, 135
Usmu, 77
Utica, 177
Ut-napishtim, 84
utu, 83
Utuhegal, 100
vale de Jezrael, 133, 133
vale de Timna, 72
vale del Araxes, 82
vale do Beq'a, 133
vale do Jordão, 21, 29, 30, 32, 133
vale do Lar, 20
Van Kale, 172
Van, 170, 172
Van, lago, 20, 149, 172, 173, 176
Varuna, 137
vegetais, 29
Via Maris, 133
vidraria, 126, 127, 150
vidro, 180
Vulci, na Etrúria, 202
Wad, al-, 29
Wadi Arabah, 2l
Wadi Hasa, 34
Wadi Madamagh, 27
Warad-Sin, 112, 112
Warpalawas, 181
Wasashatta, 145
Washukanni, 134, 145
Woolley, Leonard, 84, 85, 86, 92, 92-3, 152
Worms, 222
Xenofonte, 213, 214, 214
Xerxes, 213, 214
Yaba, 180
Yadnana, 182
Yaggid-Lim, 114
Yahdum-Lim, 114
Yahya, Tepe, 66, 78, 78, 88
Yamhad, 108, 110, 114, 118
Yarim, Tepe, 47, 49, 51
Yarim-Lim, 110, 114
Yarmuti, 97
Yasmab-Addu, 114
Yasmah-Adad, 115, 119
Yaua, 175
Yazilikaya, 144, 146
Yenooam, 146
Yifath, 35
Zab Superior, 162
Zababa, 83, 97
Zabalam, 68, 112
Zabaya, 110
Zagros, Montanhas de, 20, 23, 27, 30, 34, 48, 68, 78, 88, 108, 114, 148, 149, 182, 195, 203; culturas de, 30
Zakutu, 188, 190
Zalpa, 114
Zalpuwa, 114
Zanqum, 112
Zawi Chemi, 30
zigurates, 51, 52, 60, 74, 81, 101, 104, 104-5, 141,141, l62
em Eridu, 51, 118, 222; em Ur, 100, 143, 144, 148, 149, 184, 192, 199
Zimri-Lim, 108, 114, 116, 117, 119, 119
Zinjirli, 178, 189
Ziusudra, 84
zodíaco, signos do, 124
zoroástricos, 183

Grandes civilizações do passado




ISBN 84-413-2267-8
9 788441 322677